A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1641 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 1 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Pacificação

Falando com uma commisão do partido socialista que o interrogou sobre os seus propositos em relação á situação politica e economica do paiz, o chefe do actual governo declarou-se maguado por uma forte corrente de opinião publica não interferir, dando-lhe o seu apoio.

O facto — e esta é uma verdade que todos os governos deveriam reconhecer—é que a opinião publica não se entrega já pela simples promessa de actos que lhe agradem, da realisação de principios que professe. E' preciso que esses actos se effectivem e que os principios saiam realmente da esphera da sua abstracção. De contrario, o seu retrahimento, quando não a sua hostilidade, torna-se inevitavel.

O sr. Pimenta de Castro, no seu discurso de que hontem analisámos alguns pontos, declarou que Portugal fôra tratado como um paiz de cafres. Para essas violencias que attribuiu ao passado, natural era que se presumisse que o melhor correctivo seria as garantias dos cidadãos tornadas inviolaveis pela efficaz acção do poder. A norma do governo do sr. Pimenta de Castro é a pacificação dos espiritos. Não basta, porém, prometel-a. E' preciso effectival-a. Pode alguem affirmar que essa resolução se tenha transformado n'um facto concreto, inilludivel e assente?

A verdade é que as paixões referVem, e que a vida humana não conta com uma defesa segura. Ainda hontem, ás 9 horas da noite, em pleno coração de Lisboa, a dois passos do governo civil, pode dizer-se á vista da policia, um deputado republicano foi victima d'um attentado sangrento, dois transeuntes desprevenidos attingidos tambem pelas balas dos agitadores.

Mas então que pacificação é esta, que a todo o custo se procura alcançar, mesmo empregando os meios mais extremos? O paiz quer socego, paz, tranquillidade; ao seu natural sentimento, á sua intuitiva rectidão repugna o espectaculo das matanças. Diz-se-lhe que se empregaram processos só proprios de usar com cafres, e o que elle vê é que a chacina continua, apesar de lhe prometterem todas as garantias da ordem.

Mata-se hoje, com o nome de *formigas brancas* nos labios, sendo presidente do ministerio o sr. Pimenta de Castro e governador civil o sr. Cassiano Neves, como se matava ,bradando o nome de «thalassas!» quando presidente do ministerio o sr. Affonso Costa e governador civil o sr Daniel Rodrigues. E o que a opinião publica quer é que se não mate, é que se não provoque, é que se não abuse. O que a opinião publica quer é que a Republica assuma o seu verdadeiro significado e o seu verdadeiro caracter, que são o da paz social e o da tolerancia politica.

Quando a vida humana não tem garantias, sobretudo n'uma cidade como Lisboa, provida de todos os recursos para que ella seja de facto bem salvaguardada e defendida, as sociedades não podem mostrar-se satisfeitas, e comprehende-se quanto é legitima a sua aspiração de que ás palavras correspondam actos que possam grangear a sua confiança e o seu apoio.

O assassinio politico não tem justificação senão em casos excepcionalissimos. Tornal-o regra normal de luctas partidarias é ultrajar a propria civilisação do nosso tempo, e aos governos cumpre evitar que tal succeda, se querem realmente conquistar o apoio da opinião publica, que em toda a parte, na sua geral expressão, quer a paz, o trabalho e a liberdade.

A industria das materias corantes

A lucta contra o monopolio allemão

Escrevem de Londres:

Como é sabido, as industrias textis inglezas consomem annualmente enormes quantidades de materias corantes; estes diversos productos, cujo valor oscilla entre 60 a 70 milhões, são quasi exclusivamente fabricados na Allemanha.

Ao começo da guerra havia em Inglaterra importantes reservas de materias corantes, sufficientes para satisfazerem ás necessidades da industria textil até este momento, mas esgotando-se rapidamente, se efficazes medidas não fossem tomadas sem demora, grande parte das fabricas de Lancashire ver-se-hão forçadas a suspender a laboração.

O governo inglez resolveu intervir, apresentando ha dias na Camara dos deputados um projecto que consiste em fornecer immediatamente ás fabricas de tecidos as materias corantes de que precisem, e esforçar-se por desenvolver o mais possivel a industria das materias corantes de maneira que, quando a guerra termine, possa esta industria supportar victoriosamente a concorrencia allemã.

Sob o ponto de vista pratico, as medidas propostas são as seguintes: constituir-se-ha uma companhia com o capital de 50 milhões; metade do capital será fornecido pelo Estado e a outra metade pelo publico; os accionistas que se comprometterem a comprar todas as tintas de que precisarem só á Companhia, durante cinco annos, gosarão d'um tratamento de preferencia, e sempre que seja impossivel fazer face a todas as encommendas recebidas, serão os primeiros servidos; para ser accionista não é indispensavel este compromisso.

Os 50 milhões assim subscriptos servirão para montar laboratorios e fabricas. O governo contractou já com uma das principaes fabricas de materias corantes da Inglaterra compral-a para a Companhia, devendo ser transformada e augmentada conforme as necessidades o exigirem.

Como era de esperar, o projecto do governo foi vivamente criticado pelos unionistas, principalmente pelos partidarios da *Tariff Reform*. O sr. Chamberlain disse que, se o governo persistisse na sua politica de livre cambio, o actual projecto estava destinado a um insucesso certo; a subvenção do governo é absolutamente insufficiente para permittir á industria das materias corantes resistir á fortissima organisação da industria allemã.

Se se quizer desenvolver esta industria na Inglaterra é indispensavel amparal-a no começo com uma pauta protectora.

O chefe da Repartição da Industria respondeu não ignorar as multiplas criticas que o projecto levantaria, mas que nas circumstancias actuaes, e tudo bem ponderado era a unica solucção pratica que se poderia encontrar.

O inquerito ás prisões

Os que não teem culpa formada—Os que aguardam destino

O sr. ministro da justiça ordenou um inquerito ácerca das graves accusações formuladas pelo sr. presidente do ministerio no discurso em que agradeceu, ha dias, os cumprimentos da officialidade de terra e mar. Já dissemos o que pensamos sobre essas accusações, o que não obsta a que voltemos ao assumpto porque é d'aquelles cuja magnitude se impõe a todos os espiritos e que cumpre ser esclarecido e liquidado sem perda de tempo.

Em dois grupos se distribuem os individuos que o sr. presidente do ministerio considera victimas da incuria d'aquelles que «converteram as prisões e as casas de correcção em inquisitoriaes masmorras da Republica»: os que se encontram presos ha mezes sem culpa formada ou ha um anno esperam julgamento e os que foram entregues ao governo depois de cumprirem as penas correccionaes de dias ou mezes. O inquerito ha de apurar a quem tocam as responsabilidades e não será difficil concluir, quanto ao primeiro grupo, as que cabem á magistratura e á propria policia.

Ha presos sem culpa formada? Porque os ha? Indubitavelmente porque as investigações e os processos se não organisam dentro dos prasos legaes e se assim succede é porque aquelles a quem incumbe semelhante missão, das mais importantes e melindrosas n'uma sociedade constituida, não cumprem o seu dever. A magistratura está mais uma vez em foco. O seu prestigio, de ha tanto abalado, vae soffrer um novo, profundo golpe? Se o inquerito ordenado pelo sr. ministro da justiça se realisar com escrupulo e rigor, se porventura se apurar serem exactas as accusações feitas pelo chefe do governo, á magistratura ha que pedir contas.

O segundo grupo a respeito do qual se vae inquirir é o dos que aguardam que o governo lhes dê destino. Será pequeno, será grande o seu numero? Seja qual fôr e embora outro resultado se não tire do inquerito um, pelo menos, se ha de apurar, caso elle se faça em termos.

Saber-se-ha quantos vadios, quantos reincidentes, quantos loucos, quantos enfermos apodrecem nas cadeias, por esse paiz fóra. Verificar-se-ha mais uma vez, a urgente necessidade de uma reforma que se não pode circumscrever ao papel, mas que hade passar para o campo das realisações indispensaveis.

Que se façam, pois, os inqueritos e que se chegue a conclusões serias, averiguando-se as causas e a extensão dos males e propondo-se os remedios com firme proposito de os applicar.

«O cigarro do soldado»

A festa na Sociedade Recreativa Camões

A commissão promotora da festa hontem realisada na Sociedade Recreativa Camões, com séde na travessa do Enviado de Inglaterra, 27, festa que decorreu animadissima, só terminando de madrugada, veiu hoje entregar á nossa redacção a quantia de 5$98,5, producto obtido e que se decompõe nas seguintes verbas: entradas 5$05; senhas de baile, $25; objectos rifados, $68,5. Todas as despezas foram custeadas pela commissão.

Aos briosos rapazes promotores da festa e a todos os amadores que contribuiram para o seu brilhantismo, os nossos sinceros agradecimentos.

NO TERREIRO DO PAÇO

Intenções do governo

Precisa-se na Constituição d'um partido conservador?

Mais gente que a do costume. Sobretudo, mais gente desconhecida. Sinto-me embaraçado. Hoje, como cotuma dizer o sr. Alpoim nas suas cartas, esta chronica será pequena. Mas tambem póde acontecer que seja grande. Sabe-se lá alguma vez o que nos dirão estas paredes grossas como as das fortalezas, os pilares inabalaveis que sustentam a veneranda cathedral da administração publica?

Entretenho-me, por instantes, a vêr quem passa. O sr. Achilles Gonçalves, sorridente, janota, rubicundo, correctissimo no seu sobretudo cintado e mirando-se nas polainas alvadias que formam a base do seu pedestal de antigo ministro dirige-se, saltitando, para a Junta do Credito Publico. Um popular tira-lhe o velho chapéu encebado. Um sujeito de monoculo e cara rapada escolta-o, como que a fazer-lhe a guarda d'honra.

Passam mulheres, que sahiram, com os palios ricos, a espanejar-se sob este sol de maravilha. Fixo o olhar, mais detidamente, n'uma d'ellas. Tem quarenta annos, cabellos brancos e é gentilissima. Doira-a a poeira encantada da lenda.

—Que explendidas ruinas!—exclama, captivado, um meu amigo.

—Ruinas a que não falta ainda a mocidade—objecto.

E a politica? Ha sim, a politica! Eu sei que esperas por ella, leitor. N'estes tempos bicudos que vão passando nem tu nem eu pensamos n'outra coisa. E' uma tristeza. E, todavia, é mesmo assim.

—Pois serenou a politica!—diz-me uma pessoa pacata, pesada, a quem não agradam as grandes commoções. Aquelle discurso do chefe do governo...

—Veiu chegar o phosphoro á lenha resequida, não?

—Modos de vêr... Eu creio que o seu effeito immediato foi lançar toda a gente n'uma espectativa anciosa e profunda. O que irá fazer o sr. Pimenta de Castro, o que fará o governo?

E arrastando-se a custo, o meu velho amigo, pessoa pacata e nutrida, lá segue para o ministerio das finanças, a tratar d'uma velha questão de contribuições...

Approximo-me d'um certo grupo de pessoas conhecidas. Todas as côres politicas por ali andam misturadas. E' a fusão platonica do arco-iris politico. Ha referencias aos acontecimentos d'hontem. Todos os condemnam.

—Terrivel precedente!—sentenceia um.

—Mau simptoma!—affirma outro.

—O que sahirá d'aqui?—pergunta apprehensivo um terceiro.

E assim por deante. Sente-se em todos uma forte impressão de magua. O receio adivinha-se em todas as palavras que nos chegam aos ouvidos. Dir-se-hia que não é grande o desejo de se apreciar a tragedia da rua Paiva d'Andrada...

—E o governo, o que faz?—pergunto a alguem que anda no segredo dos deuses.

—Ora essa, o que deve fazer. Ninguem reprova mais o que se passou do que elle. Os assassinos hão de ser descobertos e castigados e a ordem será mantida á custa de tudo...

Assim pensa o governo. E' natural. Aguardemos, n'esse caso, os seus actos.

—E as eleições?—pergunto ao meu pobre amigo que faz reportagem por devoção e que tantas coisas interessantes costuma dizer.

—As eleições? Hão de fazer-se. O governo fará eleger o futuro Congresso. Mais; fará cumprir á risca a «sua» lei eleitoral, dissolvendo, se fôr preciso, as camaras e as juntas de parochia que protestem.

—Repete-se, n'esse caso, a situação azeda do tempo do franquismo...

—Um pouco, um pouco. Bem vê: os homens e principalmente os politicos são tão pouco interessantes que não conseguem deixar de parecer-se uns com os outros.

E um sorriso significativo, meio escarninho e meio compassivo, sublinha estas palavras cheias de pessimismo.

—Apresentará o governo candidatos seus?—accudo, para reatar a interrompida conversa.

—E' conforme. Depende da attitude que os partidos tomarem perante o sr. Pimenta de Castro. O evolucionismo tem estado, até agora, na alta. Quasi todas as auctoridades são suas. Se a situação não mudar, a maioria do Congresso será evolucionista.

—E se mudar.

—Ah!—meu caro amigo, ahi é que está o perigo! Se os evolucionistas se malquistarem com o governo, o Congresso será, na sua maior parte, constituido por independentes, completamente dedicados ao sr. Pimenta de Castro. A lei eleitoral dá para tudo, e que quem alimenta ambições de governo, procure não se deixar esmagar por ella.

—N'esse caso, a gente que mantem o poder firmar-se-ha definitivamente para eleger o chefe do Estado e constituir um grande partido conservador...

—Talvez. Mas não me parece que Portugal possa supportar um partido militar. Por isso, a segunda parte da sua objecção não deve bater certo, muito embora a primeira pouco longe ande da verdade...

—E o candidato?

—Isso não falta. V. sabe bem que ser rei com corôa ou sem ella não é coisa que desagrade a muita gente. E olhe que já se apontam nomes. Conhece-os?

—Não.

—Ahi tem um: o do sr. Julio de Vilhena. Os homens que mandam n'este instante no nosso paiz já lançaram as suas vistas para o antigo chefe do partido regenerador. Acceitará elle?

De duas uma: o meu amigo ou sonha ou está a troçar de mim. A «blague» não póde ir tão longe. E' um perigo exaggeral-a tanto. Não: as coisas hão de passar-se de maneira bem differente. Não pensas tambem assim leitor?

—E os monarchicos authenticos, sem confecção nem mistura?

— Os ortodoxos, os que querem por força um rei? Pouca cotação! Os outros absorvem-nos. E a respeito de elegerem deputados, vá-se com esta: não trarão a S. Bento mais de seis ou sete.

Ha alarido para a rua dos Capellistas. Corro a vêr o que é. Dois policias levam presos dois homens. Um grita:

—Sou evolucionista! Sou partidario do sr. Antonio José d'Almeida!

O outro ameaça-o em surdina. Dão os dois entrada na esquadra e cá fóra a multidão commenta, delirante, o misero episodio da rua.

Pelo Terreiro do Paço, deslisa um esquadrão de cavallaria.

—E' a guarda!—exclama um gavroche esfarrapado.

Não é. Mas como a integridade das costellas é aquillo que o portuguez mais respeita, cada um se safa para seu lado, para a não vêr bruscamente interrompida. Faço como os outros e deixo, por hoje, o palco onde se representam as nossas farças politicas. Por signal que as dos ultimos dias teem sido bem interessantes.

A. M.

HISTORIA ILLUSTRADA DA Grande Guerra

E' hoje que, em folhetins, *A Capital* inicia a publicação d'esta obra. Baseada em dados rigorosamente historicos, repositorio de todos os factos que de longe ou perto se relacionem com a actual conflagração europeia, a sua leitura, estamos certos, despertará o maior interesse.

Nos primeiros capitulos serão expostas, resumidamente, mas d'um modo preciso, as origens da guerra. Devido á disposição que adoptamos na sua paginação, a *Historia Illustrada da Grande Guerra* poderá ser colleccionada, constituindo um bello volume.

THEATRO AVENIDA
CEU AZUL
GRANDE SUCCESSO

Poeira da Arcada

A politica interessa demasiadamente os portuguezes, porque se presta a um exaltamento de animos e paixões que é muito do nosso agrado. Todo o homem tem duas existencias—uma mesquinha, domestica e banal, que acompanha todo o nosso prosaico calor de ganha-pão;—outra rapida, fulminante e desordenada, em que os olhos dos mais tranquillos cidadãos vêem as coisas em vermelho. A primeira repugna-nos como um casaco velho, coçado, decadente e desbotado. A segunda possue os attractivos de um gibão multicor, pomposo e recamado de oiro. Ora a politica, entre nós, tem esta seducção — rouba-nos ao mediocre de todos os dias e horas e cria-nos um deslumbramento na mais extrema penuri .

***

A Turquia approxima-se do seu fim, desfazendo-se como um edificio velho, incapaz de se aguentar sobre os alicerces. Porque morre a Turquia? Não se sabe bem ao certo, visto que se metteu na guerra, como quem corre uma aventura que conduz á perdição. E' um corpo sem alma, uma ambição sem objecto. Os seus exercitos sepultam-se em successivas derrotas, os seus politicos em vallas de odio. Constantinopla, dentro de algumas semanas, estará em poder dos alliados. E quando os turcos, acossados para a Asia, olharem para a sua capital perdida, comprehenderão, talvez, que as nações, para poderem viver, necessitam indispensavelmente apoiar-se em pensamentos generosos e grandes.

***

Nas democracias, a multidão desempenha um papel que bastas vezes se desproporciona com a sua mentalidade. Esta fluctua indecisa e incerta, sempre sujeita a acções e a reacções de correntes exteriores, ora beneficas ora maleficas. D'aqui resulta naturalmente que a sua obra se parece bastante com o trabalho mechanico das vagas e das marés.

O assassinio do sr. Henrique Cardoso e os commentarios da imprensa

O «Mundo», orgão do partido republicano portuguez, conclue assim as considerações que faz a proposito do crime:

Isto não póde continuar assim. Acabe-se, para salvação de todos, com esta situação indigna. As vidas dos cidadãos estão sem defeza, estão sem segurança. Não ha policia, não ha vigilancia. Temos, então, que nos defender tambem a tiro? Isto é realmente o paiz de cafres segundo as palavras do sr. presidente do ministerio? Assim parece. A segurança publica desappareceu. Reina o terror. Reina o crime. Estamos no reinado dos assassinos? Basta! O infame crime de hontem, praticado a dois passos do governo civil, revoltou, naturalmente, toda a cidade de Lisboa e revoltará todo o paiz e causará o espanto da Europa. Abaixo os assassinos! Abaixo o reinado do terror! Viva a cidade de Lisboa! Viva a Republica!

Da «Lucta», orgão do partido unionista:

Tem-se feito no paiz, desde a implantação da Republica uma larga sementeira de odios, chegando a imprensa á degradação de apontar certas individualidades á bocca dos revolveres e á ponta das navalhas, n'uma incitação manifesta ao crime. Nunca isso se fez n'este jornal; nunca preconisámos a morte violenta de ninguem como sendo um acto politico, porque a reputamos sempre um crime.

A lucta apaixonada não póde ir até ao terreno em que se mata, porque n'esse campo batem-se os «apaches» e não os politicos.

Ha palavras que embebedam como o vinho mais alcoolisado, e ha individuos que as bebem, quer seja ouvindo-as em discursos, quer seja lendo-as em jornaes ficando sob o imperio da sua sugestão como se fôssem hipnotisados. Isto impõe a quem fala e a quem escreve para o publico, a obrigação de considerar que entre os seus ouvintes ou entre os seus leitores ha muito cerebro fraco, que abdica dos seus proprios pensamentos e das suas proprias volições para ser o executor do que imagina ser o pensamento e a vontade do seu orador ou do seu jornalista.

Sempre assim o pensámos, e temos a consciencia de que jámais, falando ou escrevendo, provocámos uma sugestão de crime.

Perante o luctuoso successo de hontem, que terá a universal reprovação, talvez que os homens, sem diminuirem o que ha de nobre nas suas paixões, modifiquem os seus processos, em termos que das suas palavras só derivem sugestões para o bem.

A' auctoridade cumpre não despresar nenhum meio de averiguação, quer no sentido de encontrar o auctor do crime, quer no sentido de patentear as suas verdadeiras causas. Depois a justiça que cumpra o seu dever, sob pena de vir a profissão politica a ser, em Portugal, a de menores lucros e de maiores riscos.

Do «Nacional», orgão monarchico, de que sahiu hoje o primeiro numero:

Não conheciamos nem de vista o assassinado de hontem e a sua conducta politica, é preciso que lealmente o digamos, não podia ser-nos simpathica.

Mas as liquidações violentas dos erros ou maleficios politicos, reprovamol-as com toda a energia da nossa alma de seres civilisados.

Mais: julgamos indispensavel que um governo d'auctoridade se lance decididamente á tarefa de, seja como fôr, restabelecer a paz n'esta conturbada sociedade, restituindo-a á ordem.

Basta! Basta d'anarchia, basta de vindictas, basta de causas de perturbação e indisciplina, e tenha alguem força e energia para cortar pela origem este mal que ameaça desgraçar-nos a todos!

A «Republica», orgão do partido evolucionista, relatando o facto, classifica-o de «acontecimento lamentavel».

Um official que se demitte do exercito e de governador de S. Thomé

O sr. Pedro Botto Machado, velho republicano, enviou hoje ao sr. ministro da guerra o seguinte:

Ex.mos Srs. ministros da guerra e das colonias:—Pedro Amaral Botto Machado, tenente d'infantaria, reintegrado no exercito por ter tomado parte na revolta de 31 de janeiro de 1891, ex-senador, actualmente governador da provincia de S. Thomé e Principe, não concordando com a attitude de alguns officiaes do exercito portuguez na actual conjunctura politica e não desejando cooperar na administração publica emquanto subsistir um governo dictatorial, que pelas suas palavras e attitudes, em vez de pacificar os portuguezes, desencadeia novas paixões entre elles e deixa sem defeza cidadãos pacificos, que são cobardemente assassinados a tiro, como aconteceu hontem ao seu excollega da Assembléa Nacional Constituinte sr. Henrique Cardoso, vem pedir a v. ex.ª a demissão de todos os seus cargos.

Saude e fraternidade. Lisboa, 1 de março de 1915. (a) *Pedro Amaral Botto Machado*, tenente d'infantaria e governador da provincia de S. Thomé e Principe.

NA AFRICA ORIENTAL

A espionagem allemã

E' exercida livremente em toda a nossa provincia de Moçambique

Alguem que recentemente percorreu toda a nossa costa d'Africa oriental communica-nos as suas impressões sobre a expedição do tenente-coronel Massano d'Amorim:

—As nossas forças, cêrca de 1:500 homens, estavam ainda em Porto Amelia á data da minha partida para a Europa. Estado sanitario, bom; apenas teem apparecido algumas bronchites e uma ou outra febresita sem importancia de maior. O estado moral é magnifico, e para isso contribue certamente a disciplina e o methodo que hoje existe nas tropas, graças á intelligente direcção do seu commandante. Os soldados exercitam-se diariamente em abrir trincheiras e manobram já no solo africano com inteira confiança. A carreira de tiro deve n'este momento estar concluida, e bem assim muitas dezenas de kilometros de estrada para o interior, com as suas respectivas pontes, por onde transitam perfeitamente os «camions» automoveis que o governo adquiriu em Italia.

—A principio disse-se que os automoveis nada lá iam fazer, insinuámos.

—Assim seria, com effeito, se não se tivesse procedido á construcção de estradas. Como sabe, a Companhia do Nyassa não tinha senão caminhos primitivos por onde seria loucura metter-se um «camion». Agora, porém, o caso é differente, e os automoveis só teem o defeito de ser poucos, visto não passarem de onze. Dão excellente resultado. Uma columna que antigamente levava semanas a percorrer, a custo, determinado trajecto, pode cobril-o hoje com toda a commodidade em trez dias apenas.

—E as forças demorar-se-hão ainda em Porto Amelia?

—Não sei quaes as instrucções que foram dadas ao commando nem o papel que ellas lá foram desempenhar. Hontem, ouvi dizer que já destacámos 600 homens para irem ao Nyassaland ajudar os inglezes a soffocar a revolta. Mas ao certo nada lhe posso affirmar.

E, apoz um instante de reflexão, o nosso interlocutor prosegue:

—O que é lamentavel é ver-se a facilidade com que os allemães percorrem toda a provincia, realisando conciliabulos aqui e além, sem que as auctoridades se lembrem sequer de verificar a identidade dos viajantes. Ainda ha pouco, vindas do territorio allemão, duas pessoas d'aquella nacionalidade visitaram em todos os nossos portos os seus compatriotas e, chegados a Lourenço Marques, voltaram para o norte sem que ninguem ao menos lhes perguntasse pelos papeis que, de resto, não possuiam. A espionagem allemã em Moçambique é feita tanto ás claras que ninguem já a tal respeito possue a menor duvida. E sabe em que vapores se transportam os espiões? Nos paquetes portuguezes, que andam munidos de peças e teem a bordo um official da armada como commandante de bandeira! E' o inimigo dentro de casa...

Como commentario ás impressões do nosso entrevistado, lembraremos apenas que para o nosso desastre de Naulila muito contribuiu a espionagem feita livremente pelos allemães no Sul de Angola e que era dirigida pelo proprio consul germanico do Lubango.

A falta de medidas de precaução em Moçambique parece indicar que de nada nos serviu a licção de Naulila. Oxalá que nos não tenhamos de arrepender por tanta imprevidencia.

Pelo telegrapho

A situação na Belgica e em França

PARIS, 28.—Communicação official. Em Becourt proximo de Albert, foi completamente anniquilado pelo nosso fogo o inimigo que bombardeou Soissons (200 granadas). Em Champagne fizemos progressos notaveis em toda a linha de combate. Ao norte de Perthes repellimos um contra ataque. Conservámos o entrincheiramento conquistado hontem; ampliámos as nossas posições, occupando novas trincheiras; ganhámos terreno em todos os bosques entre Perthes e Beausejour. Os nossos ganhos de hontem a noroeste e ao norte de Beausejour representam dois mil metros de trincheiras. Estes ganhos foram sensivelmente ampliados hoje. N'uma só trincheira o inimigo deixou mais de 200 mortos. Tomámos uma metralhadora. A' hora das ultimas noticias a lucta continuava em boas condições. Em Argonne, na cota 263 a oeste de Bourreuilles, tomámos perto de 300 metros de trincheiras. Em Vaquois um brilhante ataque de infantaria permittiu-nos chegar á orla do planalto sobre o qual se eleva a villa. Nos Vosges foi repellido um vivissimo ataque dos allemães em Chapelotte, a trez kilometros ao norte de Celles—(*Havas*).

O bombardeamento dos Dardanellos

LONDRES, 27—Na manhã de 25 os navios de guerra inglezes e francezes *Queen Elisabeth, Agamemnon, Irresistible, Vengence, Comwollis, Triumph, Albion, Souffren, Gauloes* e *Charlemagne* bombardearam os fortes da entrada dos Dardanellos, reduzindo-os ao silencio completo. Immediatamente começaram as operações de dragagem de minas sob a protecção dos navios de guerra e destroyers. No dia 26 os estreitos estavam varridos de minas até á distancia de 4 milhas da entrada. O *Albion, Majestic* e o *Vengence* dirigiram-se ao limite da area varrida e começaram o ataque sobre o forte Dardanus e sobre as baterias da costa asiatica. O fogo dos turcos era inneffioaz. Depois de ter sido bombardeado do interior dos estreitos, o inimigo retirou dos fortes da entrada, desembarcando então destacamentos de bordo do *Vengence* e do *Irresistible* que completaram a obra de demolição dos fortes. O inimigo encontrado em Kum Kale foi repellido sobre a ponte de Mendere que foi parcialmente destruida. As nossas perdas no dia 26 foram um morto e cinco feridos; em 25 o *Agamemnon* foi attingido por uma granada que matou 3 homens e feriu 7. As operações continuam.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Os novos artistas

As provas dadas pelos alumnos da Escola da Arte de Representar

Se as vocações theatraes correspondessem aos esforços tão patrioticos, tão proficientemente orientados, tão dignos de admiração e de applauso que caracterisam a obra do Julio Dantas desde que assumiu a direcção da Escola da Arte de Representar, se as vocações authenticas não fossem, como por mal da scena portugueza são, em numero restrictissimo, apontando-se a dedo e com alvoroçado jubilo aquellas que de longe em longe surgem, por certo haviamos a registar mais de tres ou quatro nomes de artistas de promettedor futuro entre os que hontem deram as suas provas na interessante recita do Nacional. Despertou ella grande curiosidade e attrahiu um numerosissimo publico em que notámos o ministro da instrucção, muitos homens de lettras, jornalistas, professores e altos funccionarios que sabem como Julio Dantas e os seus dedicados cooperadores teem trabalhado para elevar á maior altura a Escola a seu cargo—e ao eminente litterato, que é uma das primeiras e mais prestigiosas figuras da nossa terra, pelo seu talento, pelas suas producções, pela sua actividade assombrosa, pelos seus serviços nos logares publicos que desempenha, não foram regateados justos applausos, embora a falta de saude lhe não permittisse assistir á festa e recebel-os, como merecia, junto dos jovens actores.

Cumpriu-se o annunciado programma. O espectaculo começou pela *Casa maldita*, episodio tragico de Ladislau Patricio, em que se revelam preciosas qualidades de auctor dramatico. No seu desempenho distinguiram-se Irene Neves e sobretudo Adelino Ripado, n'um papel em extremo violento. Se não falasse de cigarro na bocca, ainda mais teria sobresahido a sua interpretação. E' certo que alguns dos nossos actores mais distinctos falam, por vezes, de cigarro ou charuto nos labios, mas com isso não pouco soffre adicção, ainda quando se trata de artistas experimentados.

Nas scenas do *Salomé*, Luiza Lopes, incarnando a protagonista d'esse acto maravilhoso de Oscar Wilde, confirmou a reputação de ser um bello temperamento artistico. A sua voz é um dos maiores motivos de encanto que se nos deparam n'esta actrizinha a quem a gloria sorri. Voz musical, que ora cicia, ora impreca; voz em que ha todas as modulações, que é um trillo de ave e um rugido selvatico, voz que exprime toda a gamma da paixão carnal em que arde o esbelto corpo libidinoso da princeza da Judéa,—a voz de Luiza Lopes disse de um modo singular as perturbadoras palavras d'esse poema em prosa que é o estranho lavor do grande poeta irlandez. Mas a juvenil artista não só declamou por fórma a impressionar profundamente o seu auditorio, como representou bem, tendo attitudes dignas de uma actriz que de ha muito estivesse familiarisada com a scena. Os bailados, para exhibição das alumnas da classe de dança, agradaram, e bem assim a musica, expressamente composta por Herminio do Nascimento.

As scenas da *Locandeira*, com que fechou o espectaculo, permittiram apreciar a formosura e a graça de Celeste Leitão, no papel de Mirandolina.

Avelino de Almeida

Uma carta do sr. Max á imprensa belga

Tendo a commissão da Associação da Imprensa Belga escripto ao sr. Adolphe Max, o burgomestre de Bruxellas, preso na fortaleza de Glatz, uma carta dando-lhe as boas festas, no principio do anno, recebeu agora em resposta a carta seguinte:

«Forte do Glotz, 15 de janeiro de 1915.—Meus senhores: Tiveram a amabilidade de, pelo anno novo, mandarem a este seu antigo collega os seus votos de boas festas, testemunhando-me a sua simpathia; commoveu-me profundamente a sua lembrança vindo do fundo do coração lhes agradeço. Orgulho-me de ter pertencido á vossa collectividade, e conservo ainda como uma das mais agradaveis da minha vida a lembrança dos meus tempos de jornalista.

A imprensa entre nós é o espelho do temperamento nacional, da alma corajosa, da necessidade de liberdade e de independencia tão fundamente arreigada no povo belga. E' talvez á convivencia com os jornalistas que eu devo este caracter indisciplinado que me collocou em conflicto com as auctoridades allemãs. Diz-se que o jornalismo leva a tudo; é verdade, até aos fortes da Silesia.

Mas, diz-me a consciencia que não cheguei aqui pela estrada da deshonra, e garanto-lhes que ao sahir da prisão continuarei a trilhar o mesmo caminho que a ella me trouxe.—*Ad. Max*».

Teátro de S. Carlos

A'manhã ultimas representações em S. Carlos das duas peças de grande successo: a farça de Eduardo Schwalbach, em 1 acto, 4 quadros e 9 numeros de musica «Os annos do Papá», e a engraçada peça em trez actos «O feijão frade».

Ultima recita d'assignatura

Na proxima quinta-feira, 4, é a 7.ª e ultima recita d'assignatura com a primeira representação da peça de Paul Hervieu, traducção de Mello Barreto «A força do destino» e a peça de Courteline, traducção de Camara Lima, «Commissario bom rapaz».

A festa do maestro Blanch

No proximo domingo realisa-se em S. Carlos a festa artistica do maestro Pedro Blanch, o notavel director da Orchestra Simphonica Portugueza, que está organisando o mais sensacional programma da temporada. Os assignantes teem preferencia aos seus logares até ámanhã, terça-feira.

Um celebre trio francez

Os trez grandes artistas francezes Maurice Dumesnil, Jules Boucheret e André Hekking formaram um trio que victoriosamente tem percorrido toda a Europa e a America. Brevemente teremos occasião de o ouvir. André Hekking é um celebre artista do violoncelo, o mais notavel de todo o mundo.

MUSICA

Homenagem a Antonio Cabreira

Assim se intitula um himno-marcha, de que são auctores os srs. Antonio Pena e João P. Mineiro, dedicado ao sr. Antonio Cabreira. São os srs. Pena e Mineiro auctores já conhecidos por outras composições que teem conquistado pleno agrado e estamos certos de que o mesmo succederá com o actual himno-marcha.

Em Portalegre

Prevenção na noite de sabbado

PORTALEGRE, 28.—Hontem á noite, a guarnição d'esta cidade esteve de rigorosa prevenção. O quartel de infanteria 22 estava cercado de vedetas, que não deixavam passar ninguem pelas ruas proximas e pelo parque Miguel Bombarda. As precauções eram taes que até a encosta da Serra onde fica o quartel se encontrava cheia de vedetas.

«O NACIONAL»

Sahiu hoje este novo jornal da manhã, de que é director o antigo jornalista sr. Annibal Soares. Defende a politica monarchica.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 28.—Foi nomeado ajudante de campo da 1.ª divisão do exercito o sr. Luiz Guilherme Nunes de Carvalho que exercia o mesmo cargo na 5.ª divisão com séde n'esta cidade.

—O sr. Antonio Alves da Cunha foi approvado com 12 valores nos exames para aferidores que aqui se realisaram.

—Para desempenhar o logar de professor technico da Escola Nacional de Agricultura foi requisitado ao ministerio do fomento o engenheiro agronomo ajudante sr. Pedro de Castro Pinto Bravo.

—Foi exonerado de administrador d'este concelho o sr. dr. Humberto Fernandes da Costa Carvalho.

—Vae ser submettido á approvação superior o orçamento da reparação da estrada nacional n.º 63 de Coimbra a Condeixa.

—Os alumnos da faculdade de sciencias que desejem ser admittidos a exame no mez de março teem de o requerer até ao dia 10 na secretaria da Universidade.

—A' porta ferrea foi affixado um edital communicando que o encerramento das inscripções universitarias annuaes nas differentes faculdades começou em 25 do corrente e termina em 10 de março e que as inscripções de abertura do 2.º semestre se fazem no mesmo praso.

—De 2 a 11 de março está em reclamação na repartição de finanças o lançamento adicional á matriz da contribuição industrial de 1914, dos industriaes que só exploram as industrias em parte do anno.

PEQUENAS NOTICIAS

Recebemos e agradecemos o 1.º numero de *Lapis e Penna*, semanario litterario, theatral e sportivo, de que é director artistico o sr. Arthur Leite.

UM DECISÃO DIFFICIL

O monumento do Marquez de Pombal

vae ser apreciado sob o ponto de vista dos orçamentos

Decididamente, o Marquez de Pombal não anda em maré de sorte. O juri nomeado para apreciar a classificação das «maquettes» do monumento, voltou a reunir hoje no palacio das Bellas Artes, para tomar uma resolução definitiva, sobre o assumpto, no sentido de pôr termo ao litigio levantado entre os dois primeiros projectos. Compareceram todos os vogaes que são os srs. José Moreira Rato, Simões d'Almeida, João Piloto, Luciano Freire, D. José de Pessanha, José de Brito, Marques d'Oliveira, Pacheco de Castro, Ascensão Machado, Accacio Lino, Macedo Araujo, Henrique Moreira e Marianno Maia, sob a presidencia do primeiro. O juri esteve reunido das 15 ás 18 horas, versando a discussão principalmente, ao que consta, sobre os cadernos de encargos, respeitantes a cada um dos projectos, pois não falta quem repute o segundo premio como excedendo a verba destinada ao monumento. O certo é que o juri não tomou qualquer resolução terminante sobre a escolha das «maquettes», determinando nomear uma commissão especial, incumbida de estudar as condições orçamentaes dos dois projectos classificados. Essa commissão que amanhã iniciará os seus trabalhos, é composta dos vogaes do juri, srs. Simões d'Almeida e João Piloto, esculptores, José Moreira Rato e Ascensão Machado, architectos e Henrique Moreira, engenheiro. Esta commissão vae estudar os cadernos de encargos, que constam das memorias descriptivas que acompanham as «maquettes» e depois d'isso, apresentará o respectivo parecer na reunião conjuncta do juri.

Este estudo, disse-nos hoje á sahida da reunião um dos artistas que faz parte dessa commissão, levará pelo menos quinze dias. Até lá que nos perdoem todos aquelles que desejam ver este assumpto o mais rapidamente possivel liquidado...

TRIBUNAES

BOA-HORA

Responderam hoje no 1.º districto criminal: Lindorfo Maria da Fonseca, accusado de se entregar á vadiagem, condemnado a ser entregue ao governo; Carolina Augusta, por ter furtado a Joaquim Vaz uma mala contendo roupas no valor de 25 escudos, 6 mezes de prisão; Benigno Moça, por resistir e ferir o guarda 242, 6 mezes de prisão; Joaquim da Silva, o «Bigodes de latão», e Joaquim Pires Lopes, por cortarem e subtrahirem fios de cobre da rede telephonica, no valor de 85 escudos, dois annos de prisão cada um; Antonio Marques, empregado no commercio, Antonio Rodrigues, carroceiro, Gabriel Pereira da Silva, empregado no commercio, e Henrique Baptista da Silva, fabricante de sabão, por burlarem differentes individuos vendendo-lhes barricas que diziam conter potassa e chloreto quando apenas tinham uma pequena porção d'aquelle producto, sendo o resto cal e areia, foram o 1.º, 2.º e 4.º condemnados em 6 mezes de cadeia e o 3.º em 45 dias de prisão.

—Tambem no 1.º districto respondeu o sr. Duarte Moreira Rato, accusado de, ao ser exonerado de administrador do concelho de Oeiras, em agosto findo, ter dirigido um officio ao então governador civil de Lisboa, sr. Antonio Teixeira Judice da Costa, em termos considerados offensivos. Foi absolvido.

Arbitros avindores

Sob a presidencia do sr. Manuel Pereira Dias, juiz-presidente, reuniu este tribunal sendo arbitros os srs. Manuel Francisco Ramos, José Augusto d'Oliveira, Guilherme Caetano Belóto, Francisco Antonio Lopes, José Justino Ferreira, José Dias Sobral e Alfredo Pereira da Rocha (parte da audiencia), vogaes do collegio de patrões, e Joaquim Ferreira Baptista, Luiz Conceição Antunes, José Gregorio d'Almeida, Manuel da Costa Ribeiro, Augusto Mello da Silva e Joaquim Nogueira Lopes, pelo collegio dos operarios. Escrivão o sr. Alfredo João Mostardinha. Foram apreciadas as seguintes causas:

Daniel de Sousa contra a firma Botelho & C.ª; condemnada a firma R. a pagar ao auctor a quantia de 27$32. Lucinda da Camara contra F. Carmo; condemnado o R. á revelia, no pagamento á A. da quantia de 18$00.

Manuel José de Sousa contra a firma A. S. Alves; o tribunal considerou-se incompetente para julgar a causa, por ella não estar ao abrigo do art. 2.º da carta de lei de 14 de agosto de 1889.

MUSICA

Sonatas de Beethoven

Realisa-se na quinta-feira a quarta audição das sonatas de Beethoven compostas para piano e violino. São executadas a 7.ª e 8.ª, duas maravilhas da arte musical.

Roy Collaço e Julio Cardona, fieis interpretes do grande mestre, respeitando as dez sonatas com o maior escrupulo de uma perfeita execução artistica, satisfazem por essa fórma o gosto e sentimento dos mais exigentes artistas e amadores da especialidade.

O baritono sr. D. Francisco de Sousa Coutinho toma parte na audição de quinta-feira, cantando algumas peças de merito do seu selecto reportorio, tão vasto como variado em estilo.

O concerto de domingo no Politeama

Para o proximo concerto organisou David de Sousa o seguinte programma:

1.ª Parte—«Flauta encantada» (abertura), Mozart; «Outomno» (suite de baile), 1.º Bacchanal, 2.º Adagietto, 3.º Allegro, Glazounow; «Dança Norueguesa n.º 4», Grieg.

2.ª Parte—«Ode á Belgica», 1.º Belgica invadida, 2.º As rendeiras de Bruges (intermezzo), 3.º Belgica heroica, T. Saguer.

3.ª Parte — «Murmurios da Floresta (Siegfried), Wagner; «Carnaval Romano» (abertura), Berlioz.

Reuniões de estudantes

Na escola medica de Lisboa reuniu hoje a assembleia geral dos estudantes de medicina, para serem nomeadas as commissões incumbidas de tratar da passagem para o quarto anno sem exame de pharmacologia ou anatomia pathologica e para se conseguir uma epoca de exames de bacteorologia no proximo mez de abril.

Para a primeira commissão foram nomeados os srs. Alves Barata e Isaac Salomão Levy, e para a segunda os srs. Vasco de Lacerda e Theotonio Pimentel.

ULTIMAS NOTICIAS

O crime praticado hontem

O sr. dr. Alexandre Braga narra-nos como os acontecimentos se passaram—As auctoridades policiaes, apesar de sollicitadas, não enviaram força para as proximidades do Directorio

—São confusos, contradictorios, os relatos dos jornaes da manhã sobre o vilissimo crime praticado hontem.

Isso nos dizia ha pouco o sr. dr. Alexandre Braga, profundamente impressionado ainda pela tragedia de sangue aos seus olhos desenrolada. Viu cahir, alvejado por uma bala traiçoeira, um correligionario dedicado, amigo de todas as horas e de todos os lances. E s. ex.ª continuou, dominando a sua emoção para imprimir raciocinio e tranquillidade ás palavras que ia dizer-nos:

—Sahi de casa por volta das 9 horas para assistir á reunião do meu partido. Apeei-me na rua Alexandre Herculano e entrei, alli no carro da praça do Rio de Janeiro. Ia distrahido, a ler um jornal, sentado n'um dos bancos da frente, e só quando sahi, no largo Camões, vi que no mesmo carro tinham seguido Henrique Cardoso e Arthur Costa. Por sua vez, tambem me não tinham visto. Juntámo-nos e atravessámos o largo das Duas Egrejas em direcção á rua Paiva de Andrada, a caminho do Directorio. Lembro-me que trocavamos impressões sobre o artigo publicado na *Republica* pelo sr. dr. Antonio José de Almeida ácerca da situação politica.

«Um pouco mais atraz, alguns passos, vinham os srs. Americo Olavo e Sebastião Heredia. Até meio da rua Paiva de Andrada não percebi que houvesse quaesquer grupos suspeitos, talvez por seguir entretido na palestra. Só quando nos approximavamos da grade que parte da esquina do predio do Directorio é que vi distinctamente varias pessoas agglomeradas junto ao começo da cortina, e outras, dispersas, até ás escadas que levam ao largo do Directorio. A' direita, em frente a uma carvoaria, havia outro grupo. Seguiamos pelo meio da rua, e não cheguei sequer a calcular se os individuos que alli se encontravam eram simplesmente curiosos que fôssem assistir á nossa entrada para a reunião ou se seriam antes elementos hostis dispostos a fazernos qualquer manifestação de desagrado. Ouvimos um grito de *Abaixo a formiga branca*. Não dissemos uma palavra. Mas, quasi immediatamente, partia um tiro da nossa retaguarda, e logo outros se lhe seguiram, disparados pelos individuos que estavam junto ás escadas e em frente da carvoaria.

«Tudo isso durou poucos segundos. Henrique Cardoso cahiu e os assassinos fugiram precipitadamente, uns para baixo, em direcção ao largo, e outros pela calçada que vae dar á rua Antonio Maria Cardoso. Segui para essa calçada e encontrei um policia, quasi escondido contra a parede, como quem espreita o que se passava. Interpellei-o: *Então, mata-se gente, aqui, a dois passos, e o senhor não cumpre o seu dever?* Não me respondeu. Voltei para deante do Directorio e gritei: *Um medico! Mataram o Henrique Cardoso!* As janellas tinham sido abertas pouco antes, depois do alarme produzido pelas detonações. Encaminhei-me para as escadas e encontrei então o deputado sr. Domingos Pereira, que vinha do largo e me disse ter visto uns individuos a correr, bradando: *Mataram agora o Alexandre Braga!* O sr. Americo Olavo, que, como lhe disse, vinha pouco atraz do grupo em que eu marchava, conta que ouviu distinctamente, logo a seguir ao grito de *Abaixo a formiga branca*, um individuo dizer para outro, que estava ao seu lado: *Ahi vae o Alexandre Braga.* Acto continuo, o individuo que recebia esse aviso mettia-se atraz do companheiro, baixava-se e disparava uma pistola, não conseguindo alvejar pessoa alguma.

«Foi esse o tiro que sahiu da nossa retaguarda e ao qual se seguiram os outros, precipitadamente, talvez quinze a vinte. Se me perguntar quantas pessoas se encontravam ali, á esquerda e á direita da rua, dir-lhe-hei que umas dezenas, não podendo precisar um numero approximado.

«Ha uma circumstancia importante para o apuramento de responsabilidades, a qual convem accentuar com clareza. E' esta: Quinze ou vinte minutos antes do crime se praticar, o deputado sr. Urbano Rodrigues telephonou do Directorio para a policia, avisando-a de que nas proximidades do edificio havia grupos de gente suspeita, que o sr. dr. Affonso Costa já tinha sido recebido com um grito de hostilidade e que era necessario que comparecesse alguma força no local. Respondeu da policia o sr. tenente Ochoa, dizendo que já tinha sido requisitada uma força para o quartel da guarda republicana. Póde calcular-se, por isso, que meia hora antes do crime já tinha sido requisitada a comparencia da guarda. Não appareceu, ou antes, appareceu depois.

«Eu já tinha verificado, quando ministro do interior, que o auxilio da guarda republicana era sempre extensivamente demorado quando se tratava de protecção e defeza de republicanos do partido democratico. Requisitado para o *Mundo*, esse auxilio, demorava sempre meia hora; reclamado para a *Lucta*, demorava poucos minutos. Convem agora averiguar esse facto bem ao certo, para que a opinião republicana saiba se a guarda tem por missão defender todos os cidadãos, sem distinção de classes ou de partidos, ou se o Estado lhe paga para a defeza exclusiva de uma facção partidaria.

«E, por ultimo, deixe-me dizer-lhe que é absolutamente falso que nas proximidades do Directorio houvesse grupos «pró e contra», uns acclamando os parlamentares do partido republicano, outros hostilisando-os. Não. Nenhum dos deputados ou senadores que iam para a reunião foi acclamado, porque ali não se encontravam correligionarios nossos. Havia apenas creaturas dispostas a mata.»

Os ferimentos do sr. Henrique Cardoso — Manifestações de sentimento

Embora ainda se não fizesse o exame medico-legal ao cadaver do sr. Henrique Cardoso, sabe-se que a victima do attentado de hontem, á noite, foi attingida pelas costas, do lado esquerdo, tendo a bala sahido junto do pulmão direito. O tiro devia ter sido disparado quando o deputado democratico se encontrava a uns dois ou tres metros da escadaria que liga a rua Paiva Andrada com o largo de S. Carlos, em frente da porta n.º 9, onde está installada uma loja de estofador.

A's 15 horas de hoje o sr. dr. Costa Barros, juiz do 2.º districto criminal, acompanhado pelos srs. drs. Henrique de Vasconcellos, delegado do Procurador da Republica; Costa Junior e Aurelio da Costa Ferreira, medicos; escrivão Vidal e official de diligencias Caetano, procedeu ao exame de corpo de delicto directo ao local dos acontecimentos, tendo sido levantado o respectivo auto, cujas conclusões são por emquanto segredo de justiça.

Junto ao edificio da Morgue, durante o dia, esteve bastante gente, que não conseguiu entrar. Tambem alli estiveram conferenciando com o sr. dr. Azevedo Neves o sr. dr. João Eloy, director da policia de investigação, e o secretario do sr. ministro do Interior.

A casa da viuva, á rua Braamcamp, foi durante a noite de hontem e dia de hoje muita gente, tendo estado alli logo de manhã a esposa do sr. dr. Germano Martins, que se demorou até proximo do meio dia. Parece que por desejos de madame Santos Cardoso, que tenciona fixar residencia em Lisboa e aqui tem jazigo de familia, o cadaver do extincto não irá para o Porto, como se dizia.

Das averiguações da policia nada transpira. Sabemos porém que foram presos para averiguações José Lourenço Flores, sargento reformado e empregado no ministerio das finanças; Arthur Aleixo de Oliveira, sapateiro; Arthur Rodrigues Ferrão, empregado no caminho de ferro do sul, e João Rocha, corticeiro, continuando tambem detido o sr. Roque Fernandes Blanco Freire, preso no largo das Duas Egrejas quando fugia.

Hoje de tarde, tambem na rua dos Retrozeiros foram presos o sr. Soares Neves, que em tempos teve uma relojoaria na rua de S. Paulo, do Porto, e hoje vive dos seus rendimentos, e o sr. Costa Freire, continuo do Centro Evolucionista. Costa Freire estava n'aquella rua commentando os acontecimentos e parece que o fazia com um certo desprimor para a victima, quando Soares Neves lhe deu voz de prisão.

Levados os dois para a esquadra proxima da rua dos Capellistas, vieram mais tarde para o governo civil de onde sahiram em liberdade.

As investigações por parte da policia continuam activamente, esperando-se para esta noite mais prisões.

Moção de protesto

Os parlamentares do Partido Republicano Portuguez, reunidos hontem após o assassinato do seu correligionario Henrique Cardoso, votaram por unanimidade a seguinte moção de protesto:

Os senadores e deputados do Partido Republicano Portuguez, expressando os sentimentos da sua profunda magua pela morte do seu saudoso camarada e illustre deputado Henrique José dos Santos Cardoso, vil e traiçoeiramente assassinado pelos criminosos elementos de perturbação e de desordem que envergonham a cidade de Lisboa e são bem conhecidos das auctoridades, protestam com a mais vehemente indignação contra a cumplicidade dos mantenedores da ordem na cobardissima emboscada, quer por não haverem cumprido o seu dever de policiar devidamente o local em que ella se realisou, apesar de terem sido avisadas com mais do que a sufficiente antecedencia de que tal se tornava indispensavel, quer por não haverem capturado um só dos muitos assassinos que praticaram o infamissimo attentado.

A reunião democratica que estava convocada para ámanhã só se realisa no proximo sabbado.

Expedição ao sul de Angola

O vapor *Africa*, que devia seguir depois de ámanhã, só partirá no proximo dia 5.

O *Insulano* começa ámanhã o embarque de 350 solipedes.

O sr. presidente da Republica recebe ámanhã, pelas 15 horas e meia, o sr. general Pereira d'Eça, alto commissario de Angola, e os officiaes que o acompanham e que vão apresentar-lhe as suas despedidas.

A questão do pão

O povo não póde nem deve pagar mais caro o pão — dizem os padeiros independentes

O decreto estabelecendo os tipos de pão a fabricar e os preços das farinhas hoje sahido no *Diario do Governo* encontra da parte dos proprietarios de padarias independentes viva opposição. Porquê? Porque—dizem elles—não podendo o povo, nem devendo, pagar mais caro o pão, tambem elles não podem pagar mais cara a farinha, pois, a ser assim, terão de fechar os seus estabelecimentos.

Até aqui, havia trez tipos de farinha: a 1.ª, que era paga a 100 réis; a 2.ª a 90; e a 3.ª a 82 réis. Com a primeira fabricava-se o pão chamado de luxo que custava ao consumidor 100 réis, com a segunda o pão de uso commum, a 90 réis, e com a terceira o pão de familia, que se pagava a 80 réis. Pela lei hoje decretada estabelece-se que são conservados os dois ultimos tipos de pão, que não podem augmentar de preço, dando-se ao padeiro latitude para augmentar á sua vontade o de luxo, desapparecendo a farinha de 3.ª e podendo os padeiros adicionar 20 0|0 de farinha de milho.

Dizem os panificadores independentes que não podem arcar com os prejuizos d'ahi resultantes, visto que a farinha lhes sahe muito mais cara e que o proprio pão chamado de luxo—onde poderiam ganhar mais alguma coisa—passará a ter menor consumo.

E nas padarias independentes estão incluidas cooperativas, cujos socios são, em geral, pessoas pouco abastadas e que, portanto, não podem pagar mais caro o pão.

Na commissão de subsistencias estão representantes do funccionalismo superior, da moagem e da alta panificação; mas das padarias independentes não ha nenhum. Por que motivo? Se não foi um proposito, nomeie-se um delegado d'essas padarias para poder ter voto na materia e chegando-se assim a uma solução que satisfaça a todos.

Allega-se que o Estado soffre prejuizos com a importação da farinha, se fôr vendida mais barata. Pois embora assim seja, o povo é que não póde nem deve pagar mais. Ter de pagar todos os generos, como está succedendo, mais caro e ainda por cima augmentarem-lhe as contribuições, não pode ser.

Uma das disposições de que os padeiros independentes se queixam é a que os obriga a comprarem farinha de 1.ª e 2.ª na proporção de 30 para 45 saccas. Se não tiverem consumidores para o pão de luxo, como hão de elles vender a farinha que são obrigados a adquirir?

A representação que entregaram ao sr. ministro do fomento é do theor seguinte:

Ex.mo sr. ministro do fomento.— Os proprietarios de padarias independentes de Lisboa surprehendidos com a pena de morte que se lhes prepara veem antes de v. ex.ª assignar a sentença mostrar a injustiça que resalta da elaboração d'esse documento. No diploma cuja publicação no *Diario do Governo* para breve se annuncia diz-se que o preço do pão de 500 grammas e o de uso commum de 1.000 grammas não serão elevados. Está muito bem; é muito simpathica esta medida, mas como podem os padeiros independentes fabricar este pão por esse preço se o custo da respectiva farinha não está em relação? Vejamos, pela lei de 24 de junho de 1913 que rege actualmente este assumpto: a farinha para o pão de 1000 grammas custa $08,2 por kilogramma, pela lei em questão custa $09,5 tendo em conta os 20 0|0 de farinha de milho que permitte adicionar, resulta $09,2 differença para mais caro.

Agora o pão de 500 grammas pela mesma lei de 24 de junho de 1913, art. 1.º (b) a farinha para este pão era resultante de um lote de 1.ª e 2.ª qualidade, ficando ao preço de $09,2 o kilo. Pela lei em questão art. 3.º (b) a farinha para este pão custa $09,9, differença para mais caro $07,9. Perguntamos a V. Ex.ª quem é que indemnisa o padeiro do prejuizo de $09,2 no pão de 1:000 grammas e de $07,9 no pão de 500 grammas?

Na commissão de subsistencias está quem sabe a fundo que os padeiros independentes não teem margem que lhes permitta perder nem 1 centavo; a exiguidade do lucro não dá para cobrir esse «deficit». A lei tal qual como está é o assassinato da industria independente. Mas não, não pode ser!! Para que se conserve o preço actual d'aquelles typos de pão, é preciso conservar o actual preço da respectiva farinha, de outro modo é impossivel a vida da padaria independente. Se a Companhia Nacional de Moagens pode perder no pão, é porque encontra a compensação na moagem, mas nós, que não somos moageiros, onde vamos buscar essa compensação?

Temos de fechar a porta? Não pode ser! Ha ainda um caso que não é menos grave e que não está previsto na nova lei, é o seguinte: Em vista do elevado preço da farinha de 1.ª, e por consequencia do respectivo preço do pão, sabe-se que vae ser extraordinaria a reducção de consumo d'este pão, produzindo assim um sensivel augmento d'estes dois typos, e por consequencia o maior emprego da farinha de $09,9 e da de $016.

O que vae portanto acontecer? E' que a moagem impõe ao padeiro a compra da farinha de $016 sem o que não lhe venderá a de $09,9 e d'este modo os padeiros que não teem consumo para as farinhas de $016 ficam condemnados á morte por falta de materia prima que precisam.

Pelo que fica exposto estamos certos de que V. Ex.ª suspenderá a publicação no *Diario do Governo* até que sejam attendidas as reclamações que ficam feitas porque d'esta decisão depende a vida ou a morte dos reclamantes, e V. Ex.ª decerto não quererá ter na sua consciencia o remorso de ter assignado a pena ultima ás padarias independentes e de ter posto á margem cerca de 1:000 operarios que representam outras tantas familias, além de ter concorrido de um modo efficaz mas inconsciente para o monopolio disfarçado do fabrico do pão em Lisboa enfeudado á Companhia Nacional de Moagens unica a quem convem o decreto tal como está elaborado, porque perdendo na panificação ganha na farinha e consegue o seu desideratum que é aniquilar para sempre a industria independente que não póde competir na panificação, a subsistirem os inconvenientes que vimos de apontar.

Está na mão de V. Ex.ª O sacrificio que se projecta, pondere V. Ex.ª a gravidade do caso, e não o resolva sem ouvir na commissão de subsistencias um representante d'esta classe.—Saude e fraternidade—*A Commissão*.

O pão augmentará de preço, embora se queira affirmar o contrario

Tambem uma commissão delegada da Associação dos Operarios Manipuladores do Pão, eleita na ultima assembleia magna da classe, procurou hoje o sr. ministro do fomento, para saber o resultado da sua reclamação quanto á percentagem sobre as vendas, que a classe deseja que continue a ser mantida, e quanto aos novos tipos de pão e suas misturas, que a representação pedia que fossem reduzidos ao minimo.

O sr. ministro do fomento mandou informar a commissão de que essa percentagem continuaria a ser dada como até aqui, pelos industriaes, ao que lhe assegurára a commissão de subsistencias. E esta commissão, recebendo pouco depois, por sua vez, os delegados da classe, affirmou-lhes que o pão não augmentaria de preço, mas passaria a ser de qualidade inferior.

Ora sendo assim, diz a commissão, que esteve n'*A Capital*, o pão que até aqui era vendido a 40 réis, passa a custar 45 réis ao balcão, e 50 réis no domicilio, o que representa um augmento de 10 réis em kilo, embora se diga o contrario. Meio kilo de pão por 40 réis, não tornará a vender-se. Continuará, é certo, a vender-se pão a 80 réis o kilo, mas esse pão de 1.000 grammas cada um é lotado com farinha de milho branco.

Como o assumpto é grave e o facto de se dizer que o pão não augmenta de preço não passa, no parecer da commissão, de um optimismo que a realidade dos factos se encarregará de desmentir, a commissão vae convocar a classe para uma reunião magna, onde a questão será devidamente esclarecida.

A Companhia de Panificação não augmenta o preço

O pão dos tipos de 8 e 9 centavos o kilo, o chamado pão de familia, conservará o mesmo preço, diz um director da Companhia de Panificação, sendo, porém, fabricado com as farinhas de 2.ª e 3.ª qualidades actuaes, misturadas, que passam a constituir a farinha de 2.ª qualidade no novo regimen da Panificação. A Companhia continuará a manter esses tipos.

Balanço diario

Um cavalleiro que passa, de flamula ao vento, alguem que se perturba, um grito que parte não se sabe d'onde e nada falta para um farto borborinho, que dá, pelo menos, para uma boa meia hora de cavaco politico. Escolhido o thema, cada qual o borda ao seu sabor, e d'ahi a pouco, aquillo que não foi coisa nenhuma assume para os alvicareiros phantasistas aspectos confusos de tragedia. Andam assim as imaginações da nossa terra. A politica domina-as tanto, que lhes tirou todo o equilibrio. Foi-se a noção das proporções. Tudo morre entre nós, em grande, até certos politicos que não passariam nunca de simples pessoas vulgares se não fosse a mania que os portuguezes teem de os vêr coados por oculos de augmentar...

Uma collocação

O sr. major Craveiro Lopes, cuja transferencia da Figueira da Foz para Castello Branco deu motivo á queda do governo do sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho e originou a constituição do gabinete actual, encontra-se em Lisboa e avistou-se hoje com o sr. minisro da guerra. Ao que se dizia pela Arcada, o sr. Craveiro Lopes vae ser transferido brevemente para um dos regimentos da guarnição da capital, affirmando-se mesmo, nos meios bem informados, que essa transferencia será feita n'uma das proximas «Ordens do Exercito».

A contra-dança

Continuam correndo pela Arcada boatos insistentes de proximas e profundas mudanças na alta burocracia, sobretudo na que depende do ministerio da justiça. O sr. Rodrigo Rodrigues, director da Penitenciaria, esperava hoje a sua suspensão, que seria seguida de uma rigorosa sindicancia aos seus actos. O sr. José de Abreu, secretario do Supremo Tribunal de Justiça, tambem figurava no numero dos funccionarios que o governo não manteria, succedendo, segundo corria, outro tanto com o sr. Germano Martins. Contra o sr. Filippe da Matta, provedor geral da assistencia, boqueja-se que tambem alguma coisa se planeia, parecendo que é desejo do governo affastal-o d'esse elevado cargo. Como se vê, o sr. Antonio Maria da Silva não foi o unico sacrificado. No ministerio da justiça e pela bocca do sr. Guilherme Moreira, desmentem-se, porem, estes boatos no que respeita aos funccionarios que d'essa secretaria dependem.

Dois commandos

Ao que consta, vão ser substituidos os commandantes da Guarda Nacional Republicana e do corpo de policia. Para o logar do sr. Camara Pestana não se aponta, por óra, nenhum official. Para o do sr. general Encarnação Ribeiro indicam-se os srs. coronel Cunha Vianna e general Rodrigues Ribeiro. O primeiro d'esses officiaes já serviu na guarda, no tempo do sr. Malaquias de Lemos. Proclamada a Republica, foi commandante de cavallaria 4, por insistencia do sr. Correia Barreto. O sr. Rodrigues Ribeiro é, se não estamos em erro, chefe d'uma direcção no ministerio da guerra. Affirma-se que não irá commandar a policia nenhum dos officiaes que teem exercido esse cargo.

Ministros e ministerios

Estiveram hoje com o sr. ministro do interior os srs. ministros dos estrangeiros, governadores civis de Portalegre, Guarda e Santarem e o sr. dr. Augusto Monjardino. Com o sr. ministro da guerra esteve tambem o sr. dr. João de Menezes. Com o sr. ministro do fomento tambem esteve uma commissão de habitantes de Cintra, que veiu manifestar-lhe o seu desgosto por ser transferido d'aquella villa o regente florestal Carlos Eugenio d'Oliveira Ferreira de Carvalho.

Viajantes do «Malange»

S. VICENTE, (CABO VERDE), 1—Viagem a Angola do vapor *Malange*. Os serventes, *chauffeurs* e mechanicos de bordo saudam suas familias e pessoas de estima, seguem bem e escrevem de S. Vicente.—(*Havas*).

Com o craneo fracturado

Aggressão brutal

Depois de operado do trepano pelo sr. dr. Azevedo Gomes, auxiliado pelo interno sr. José Reis, deu entrada na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, Sabino Antonio, de 25 annos, trabalhador, natural de S. Domingos de Rana, Cascaes, ali aggredido, por uma questão de trabalho, por Antonio Capariz, que lhe fracturou o craneo com um golpe de podôa.

O estado do ferido é muito grave.

A grande guerra

Os navios alliados bombardeiam acampamentos turcos

PARIS, 1.—Um telegramma recebido de Athenas diz que os couraçados fizeram explodir o paiol de polvora de Neolioori, reduziram ao silencio as baterias de Rengidi e avançaram até ao pharol de Kavophonia, bombardearam Xyros e os acampamentos turcos, e içaram as bandeiras dos alliados nos fortes.—(*Havas*).

O sr. Caillaux

PARIS, 1—Chegaram a esta capital o sr. Caillaux e sua esposa.—(*Corresp.*)

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 1|8	35
Londres, 90 d|v. . .	35 3|8	—
Paris, cheque. . . .	$80,8	$81,3
Allemanha, cheque .	$30	$31,3
Hollanda, cheque . .	$56,5	$57,5
Madrid, cheque . . .	1$38	1$39
New York	1$40	1$41
Rio s|Londres. . . .	125,8	—
Libras.	6$95	7$00
Agio do ouro. . . .	35 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,25	39,10
» » 500$	39,25	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0, 1905, 9$25; 4 1|2, 1912, ouro, 91$50.

Externas: 1.ª serie, 91$50.

Acções: Ultramarino, 3$20 e 3$30; Phosphoros, coupon e nomin., 5a$50; Tabacos, coupon, 68$50; Empreza Agricola Principe, 5$.

Obrigações: Prediaes, 6 0|0, 88$50, 5 1|2, 48$50 e 5 0|0, 77$50; Ultramarino, hipothecarias, 93$; Moagem (nova) 94$.

As atrocidades allemãs

Os trabalhos da commissão de inquerito á violação das regras do direito das gentes

Foram publicados os 11.º e 12.º relatorios d'esta commissão, o primeiro dos quaes se refere aos acontecimentos de Namur e o segundo descreve as atrocidades allemãs de um modo geral e termina desfazendo as accusações que os allemães fazem para justificar as suas selvagerias.

Na impossibilidade de publicar na integra esses dois documentos, pela sua extensão, extractamos o que se nos depara de mais interessante.

As tropas allemãs entraram em Namur em 23 de agosto, não havendo rasão de queixa até ao dia seguinte ás 9 horas da noite, momento em que repentinamente começou em varios pontos a fuzilaria, vendo-se soldados allemães avançando e disparando nas principaes ruas da cidade, e simultaneamente uma immensa columna de chamas e fumo se elevou do bairro central. Os soldados allemães começaram então matando os habitantes, arrombando as portas das habitações, incendiando estas depois de as haverem saqueado.

As testemunhas contam attentados de que foram victimas algumas mulheres. Uma d'ellas contou-nos o caso de uma menina que foi violada por quatro soldados. Um sargento de cavallaria assistiu sem poder intervir em 26 de agosto ás 4 horas da manhã á violação da filha do proprietario do hotel onde estava acantonado, pelos soldados allemães.

Em 21 de agosto os allemães chegaram em massa ao logar de Alloux. Depois de tomarem a ponte de Tamines passaram o Sambre e desfilaram em massa pelas ruas d'esta cidade começando em seguida a serie dos costumados actos de aggressões, saques, incendios, etc.

No dia 22 reuniram-se 450 homens na sua maior parte habitantes de Alloux em frente da egreja a pouca distancia do Sambre. N'um dado momento um destacamento rompe fogo sobre elles e como este processo fosse lento os officiaes fizeram avançar uma metralhadora que deitou por terra os desgraçados que ainda não tinham sido attingidos. Como alguns d'elles estavam apenas feridos foram intimados a levantar-se e quando esperavam ter a vida salva, uma nova descarga lhes desfez essa illusão. Os que ainda respiravam foram liquidados a golpes de baioneta.

A carnificina estendeu-se tambem a Andennes, Hastieres, Hermeton e Surice com egual ferocidade.

SPORT

Nem todos podem correr as provas de longa distancia...

Publicámos ante-hontem a carta d'um pedestrianista, noticiando-nos que existia actualmente, n'um club de Lisboa, um corredor melhor que o infeliz Lazaro e que percorre 30 kilometros em 1 hora e 57 minutos!

A noticia tem um caracter sensacional e por tal facto merece uma reportagem circumstanciada. Entretanto, vamas apresentar a essas novas estrellas do athletismo o seguinte que em tempos escrevemos e que representa um conselho e uma indicação:

«As corridas de Marathona realisam-se, e fazem parte integrante dos concursos internacionaes, organisados por medicos, por higienistas, e technicos nos assumptos de educação phisica, O presidente do comité succo que organisou os ultimos Jogos Olimpicos era o coronel Balck, o celebre director do Instituto Central de Gimnastica de Stockholmo.

Não devem ser prohibidas porque representam um parallelo com as marchas excepcionalmente aceleradas d'um soldado em campanha, mas devem ser rigorosamente interdictas aos novos e aos homens que não tenham preparação athletica sufficiente e que possuam qualquer defeito circulatorio e respiratorio, por menor que elle seja. Em Stockholmo já a selecção para a corrida foi grande. Todos os concorrentes levavam attestados de robustez phisica, garantidos pelos medicos dos paizes de origem, e na vespera da corrida soffreram novo exame e minucioso, feito pelos medicos suecos.

James E. Sullivan, que é uma das maiores auctoridades do mundo sportivo na America, diz: «De maneira alguma se deve permittir a inscripção de athletas de menos de 19 annos d'edade, porque o treino e o proprio esforço da corrida, tanto moral como phisico, estão acima do que se pode exigir antes d'essa edade.»

O treino deve ser progressivo e para um homem, já forte e preparado para corridas, deve começar uns quatro mezes antes da prova. Ainda Sullivan diz sobre o assumpto: «Percorrerá longas distancias, começando por 5 e 6 kilometros, augmentando diariamente, sem forçar, até aos 30. N'um dia fará o percurso marchando, no dia seguinte correndo, no terceiro marchando, etc., alternando d'um dia para o outro. O corredor deve tomar parte, durante este periodo preparatorio, n'algumas corridas, especialmente nas de cross-countries, isto é, de obstaculos atravez dos campos, não para ganhar mas para tomar conta pessoal dos progressos effectuados e da facilidade com que segue os competidores. Este ultimo ponto é importante. Dá ao corredor uma grande confiança e resignação. O successo da equipe americana em Londres, em 1908, deve-se, precisamente, á observação do horario estabelecido muito tempo antes. O primeiro, o terceiro, o quarto, o nono e o decimo quarto a chegar á meta eram americanos!»

* * *

Nota do dia

A escola portugueza de aviação

Fizemos o ligeiro commentario a um programma-circular que nos enviou um Centro de propaganda da aviação, e no qual se indicava a proxima abertura d'uma escola de aeronautica, n'uma vasta planicie alemtejana. Então, como agora, louvámos a iniciativa e a persistencia de trabalho dos que querem fazer alguma coisa a favor d'este importante assumpto. Mas..., dissémos que só acreditariamos na existencia de tal escola quando a vissemos organisada e puzemos em duvida a existencia dos materiaes e recursos necessarios para a escola funccionar.

Como resposta ás nossas considerações parece que se ajusta a noticia que temos sobre a meza, exarada n'um communicado do Centro Nacional de Aviação, da seguinte fórma:

«Reuniu hontem a direcção d'este Centro juntamente com o conselho fiscal que resolveu, entre varios assumptos, crear uma «Caixa de Soccorros» que funccionará junto do Centro, bem como uma ambulancia para primeiros soccorros.

Egualmente foi resolvido enviar para o Aerodromo de Cabeção (Alemtejo) o aeroplano que está sendo construido pelos socios srs. Ernesto Ferreira e Arthur Augusto da Fonseca, seus inventores, logo que esteja concluido. Em seguida começará a receber instrucção pratica o primeiro turno de cinco alumnos do Centro, sob a direcção do instructor pratico provisorio, sr. Mauricio de Roboredo».

Com esta simples nota ficam de pé todas as nossas considerações anteriores.

Então querem fazer uma escola apenas com um apparelho acabado de construir? Querem fazer com o mesmo aeroplano de exibições o serviço da aprendizagem de pilotos?

Temos pena que isto seja tão apoucado para os grandiosos projectos que se fizeram!...

* * *

Algumas anecdotas

Um hercules de circo causou a morte d'um magarefe

No profissionalismo do circo, em trabalho de força com pesos e simultaneamente de lucta, ha um nome celebre, o de Stiernon, que os francezes chamaram o Hercules do Norte.

Esse homem foi o causador da morte d'um empregado no matadouro de Lille, o amador François Biliet, cuja força e coragem eram lendarias na sua terra e cidades circumvisinhas. As proezas de valentia de Biliet tornaram-o o idolo dos magarefes.

Quando Stiernon, artista d'um circo ambulante, visitou Lille, o povo declarou-lhe que devia inutilisar o seu titulo de Hercules do Norte, porque havia Biliet, que era seguramente mais forte e cujos braços faziam dois dos d'elle. Stiernon, que era um orgulhoso da sua reputação, ficou enraivecido. Pensou immediatamente em desafiar o amador. N'isso tinha dupla vantagem, a de mostrar-se luctador invencivel e a de ganhar dinheiro porque o negocio era de attracção.

Combinou-se o match com um mez de antecedencia. Biliet aproveitou o tempo treinando-se com alguns profissionaes. A receita do desafio foi assim distribuida: um terço para o vencedor, um oitavo para o vencido e o restante para o proprietario do circo.

No dia do desafio o circo estava á cunha. Quando os dois adversarios appareceram os applausos foram unanimes e vibrantes.

Eram dois homens imponentes de força e de musculatura, mas Stiernon parecia pequeno ao lado de Biliet, um gigante de 1m,95 de altura e 130 kilos de peso.

Quando o arbitro apitou, Biliet com um empurrão arrojou Stiernon a quatro metros de distancia. Stiernon convenceu-se de que só pela astucia podia vencer e adoptou a tactica de correr e de se não deixar agarrar. Os magarefes excitavam Biliet na perseguição de Stiernon, gritando:

—Anda, François.

Por fim agarraram-se. O amador maltratava o profissional. Biliet dominava por completo e, segurando com força Stiernon, cinturou-o e preparava-se para o atirar a terra. O profissional sentiu a ruina da sua reputação e fez um movimento, que disse depois ser involuntario. Enterrou os polegares debaixo das costellas fluctuantes do magarefe. Este, com a dôr que soffreu, deu um grito e abandonou o adversario. Stiernon respirou melhor. Biliet, porém, redobrou de furia e de energia e, como julgasse propositada a defeza de Stiernon, arrojou-se sobre elle esmagando-o contra o peito e deixando-se cahir em cima com todo o seu peso! O profissional fôra vencido. Biliet, proclamado vencedor, sahiu da arena como atontado.

Um medico foi visitar Biliet e prognosticou uma lesão no figado. Mandaram-o para o hospital onde esteve dois mezes. A sua constituição venceu mais ou menos a enfermidade. Nunca mais foi, porem, o homem que era. Soffreu de crises hepaticas e de ictericia. O alcool, de que abusava, completou a obra iniciada por Stiernon.

Biliet morreu com 40 annos e Stiernon, que fugira de Lille, só lá voltou doze annos mais tarde.

Noticias

Entre nós

Os desafios de hontem

Foram concorridos de enthusiastas e muito interessantes os desafios de primeiros «teams» hontem realisados. Mais uma vez se confirmou a superioridade dos dois grupos do Sport Lisboa e Bemfica e do Sporting Club de Portugal. Este venceu o Cruz Quebrada por 6 «goals» a 0; aquelle o Club Imperio por 6 «goals» contra 1.

O Lisboa Foot-ball Club venceu o Sport Club Imperio por 2 «goals» a 1.

Campeonato de espada

E' na Amadora que se vae realisar, brevemente, um campeonato de esgrima de espada, para a disputa d'uma pequenina e artistica taça. O regulamento indica que as victorias são marcadas a 3 toques. Ha a certeza de que todos os esgrimistas da Sala Carlos Gonçalves tomam parte e que a sua inscripção se faz, sem olhar ás exigencias do regulamento.

O campeonato de box

No Salão da Trindade realisam-se, no proximo dia 5, as finaes do campeonato nacional de sôcco, com combates que devem resultar brilhantes, como aquelles em que tomarem parte Bazilio de Oliveira, Tobias Xavier, Miguel Machado, Placido Monteiro, Silva Ruivo, etc. O combate Bazilio-Tobias é indubitavelmente o combate da noite por tratar-se de dois amadores com pratica de «box», adquirida no estrangeiro; Tobias pesa aproximadamente mais 5 kilogrammas que Bazilio, o que não deixa de dar outro aspecto de interesse, porquanto este ultimo tem contra si a differença de peso e ha de procurar compensar esse inconveniente com a arte e tactica proprias do «box».

A Federação Portugueza de «Box»—organisadora do campeonato — tem tudo previsto para que não occorra irregularidade alguma.

Os bilhetes estão á venda na bilheteira do Salão, no Club Internacional de Foot-ball (rua Garrett), no Atheneu Commercial e no Gimnasio Club Portuguez.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. Mut. dos Empregados no Commercio e Industria

Para discutir as contas da gerencia de 1914 e votar as conclusões do relatorio da direcção e do parecer do conselho fiscal, reune a assembleia geral no dia 16, ás 21 horas. A receita no anno findo foi de 50.358$60 e a despeza de 41.812$54, havendo portanto um saldo de 8.546$06, assim distribuido: fundo de doença, 3.622$81; de inhabilidade, 2.477$49; de desemprego, 2.112$36; de despezas geraes, 332$80. O fundo social em 31 de dezembro findo era de 309.260$79 e o numero de socios existentes de 5:250.

Adellos e annexos dos mercados

Para discussão do relatorio e contas da gerencia de 1914 e eleição de novos corpos gerentes, reune a assembleia geral hoje, ás 21 horas.

Caixa Economica Operaria

Reune ámanhã, ás 20 horas, a assembleia geral, para tratar da installação d'um animatographo no salão e tomar conhecimento das operações realisadas pela commissão administrativa e d'outros assumptos d'interesse para esta cooperativa.

Creança estrangulada ao nascer

Na Morgue, depois de verificado o obito pelo sub-delegado de saude sr. dr. Ferreira Cardoso, deu hoje entrada o cadaver d'uma creança recemnascida do sexo feminino, encontrada n'uma fragata do lixo atracada ao caes da Viscondessa.

Trata-se d'um crime, segundo tudo indica, tendo o pequeno cadaver um lenço enleado em redor do pescoço. A policia judiciaria tomou conta do caso e vae proceder a averiguações.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21 — O feijão frade—Os annos do papá.
·NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA— A's 21— Genio alegre.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21— Pinto calçudo.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21—A princeza dos dollars.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE—**S. Carlos**—Recita da Escola-Officina n.º 1—*As ferias do bispo*—*O morgado de Fafe*—*Intermedio.*

A'MANHA — **Gimnasio**—*Réprise* do *Pinto calçudo.*

QUINTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita de assignatura—1.ª representação de *A força do destino*, de Hervieu, traducção de Mello Barreto.—*Commissario bom rapaz.*

—**Trindade**—100.ª das *Verdades e mentiras.*—Recita do auctor.

—**Gimnasio**—Recita de Maria Mattos e Mendonça de Carvalho—1.ª representação de *Amor de marinheiro*, de «Giesta».—*A sopa no mel.*

—**Apollo**—Reapparição da companhia Ruas—*A aguia negra.*

SEXTA-FEIRA — **Gimnasio**— Recita de Silvestre Alegrim—*O commissario de policia*

* * *

Ao correr da penna

N'um velho diccionario theatral publicado em França em 1824 e que tem por sub-titulo Mil duzentas e trinta e trez verdades sobre a gente theatral, *encontra-se na palavra* cartaz, *as seguintes linhas traçadas com a ironia com é que é escripto todo o livro:*

«Antes da Revolução o cartaz não mencionava o nome dos actores. Menciona-os hoje e a vaidade de certos comediantes acha-se sufficientemente paga com esse processo de publicidade. Os nomes impressos em lettras gordas são uma distincção a que se aspira como ás ovações preparadas pela claque. *Os cartazes dos theatros reaes não admittem essas differenças tipographicas. A antiguidade é que regula as prioridades exactamente como nas esquinas das ruas marca o logar aos proprios cartazes...»*

Já n'estas mesmas columnas tive ensejo de declarar a minha preferencia pelo cartaz sobrio. Entendo que o cartaz annuncio deve simplesmente indicar a hora do espectaculo, o titulo da obra, o nome do auctor, o nome dos artistas por ordem, ou de antiguidade ou alphabetica, e a ordenança da funcção.

Aparte, em cartazes soltos e sem data marcada, cabem perfeitamente os reclamos artisticos e illustrados, que prendam a attenção do publico mais ingenuo. Acho simplesmente tolo o abuso de adjectivos, que vemos escorrer pelas paredes da nossa Lisboa. Como não temos estrangeiros contra os quaes possamos tentar esses contos do vigario e todos nós conhecemos bem as pessoas e coisas da nossa terra, quem pretenderão lograr os emprezarios de um theatro, que tem uma peça má e está ás moscas, clamando que dispõe de um «inexgotavel successo», e que gosa de «successivas enchentes»? Entre nós o cartaz espalhafatoso inchado de palavras varias, é mais uma illusão de quem os faz do que de quem os lê.

Cyrano

* * *

Boatos e informações

Entre nós

Ao que parece, a tragedia de Ladislau Patricio, *Casa Maldita*, será incorporada no repertorio do theatro Nacional.

● Realisa-se na segunda quinzena d'este mez a assembleia geral ordinaria da Associação dos Auctores Dramaticos, para discussão do relatorio e approvação de contas e eleição de corpos gerentes.

● Regressa amanhã a Lisboa a companhia Ruas.

● Ensaia-se no Rua dos Condes a revista em 1 acto *A feira da vida*, original de dois jornalistas redactores da *Nação*.

● Promette ser brilhantissima a recita de homenagem a Eduardo Schwalbach, annunciada para esta semana na Trindade, por occasião de se representar, pela centesima vez, a revista *Verdades e mentiras*, que se mantém em pleno triumpho.

● A empreza do theatro de S. Carlos vae fazer *reprise* da peça de Emilio Augier *A aventura*, traducção de Coelho de Carvalho, do repertorio de Ferreira da Silva, que, ha annos, foi representada no theatro de D. Maria.

Ferreira da Silva e Angela Pinto conservam os seus antigos papeis, sendo de prevêr que se effectue com *A aventureira* a reapparição d'esta actriz no theatro de S. Carlos.

● Tem estado doente o illustre actor Eduardo Brazão, do theatro de S. Carlos.

● A sr.ª D. Branca da Silveira e Silva, auctora do *Amor de marinheiro*, que será representado em 4 do corrente, no theatro do Gimnasio, na festa de Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, e que nos dizem ser um primor litterario, concluiu uma nova peça, em trez actos, tambem em verso, destinada a um dos nossos primeiros theatros. Trata-se de uma obra regional, no genero do theatro de D. João da Camara, mas escripta em alexandrinos.

● O actor Mario Duarte, do theatro do Gimnasio, faz a sua festa artistica com a *reprise* da peça brazileira *A bella madame Vargas*, original de João do Rio.

● Durante o mez de março corrente realisar-se-hão em S. Carlos as festas artisticas de Lucinda Simões, Chaby Pinheiro e Ferreira da Silva.

No estrangeiro

Estão abertos em Paris dezoito theatros e quinze *music-halls* e cafés concertos.

● Calcula-se em dois milhões de francos o decrescimo d'este anno na cobrança de direitos de auctor effectuada pela Associação dos Auctores francezes.

● No Rio de Janeiro ensaia-se na companhia de Antonio Gomes a operetta *O sr. corregedor*, de Tavares de Mello e Bandeira.

Circos & Music-halls

Erradas e precipitadas opiniões...

Milhares de pessoas teem ido ao Coliseu. O vasto circo teve hontem e ante-hontem, collossaes enchentes, d'aquellas a que nem escapam as galerias e o «promenoir!» E o publico tem manifestado, com muitos applausos, o seu agrado. O conjuncto é, na verdade, magnifico. Eram sufficientes os 25 persas e os Fredianis para impôr o programma.

A proposito d'estes artistas vamos dizer o que adeante segue, elucidando alguns senhores que nos escrevem—pedindo a opinião do critico Joé.

Antes da companhia chegar, dissémos n'estas notas de secção theatral—que são de critica e de commentario e não de reclamo—que os Fredianis eram os primeiros acrobatas equestres do mundo. Para tal dizer baseámo-nos nos artigos da «Vie au Grand Air», «Education Physique», «Culture Phisique» e «Lecture pour tous» que affirmam e confirmam esse titulo de melhores e fizems opinião pelo livro que os pedagogos francezes distribuem, como premio nas suas escolas, aos alumnos classificados nas aulas dos liceus. N'esse livro apenas se citam, entre profissionaes, os nomes dos Fredianis!

Agora, depois de os vermos trabalhar, confirmamos o que dissemos, mas como declaração pessoal e de quem viu. Na verdade, os Fredianis são os melhores acrobatas equestres da actualidade.

Ha mais ainda. Na carta recebida diz-se; mas na tal «columna a 3» o terceiro gimnasta vae amarrado pelo cinto! Esta phrase não merece commentario porque se os Fredianis assim fizeram foi porque desejam garantir o espectador de um perigo constante. No estrangeiro sempre se fez assim. O cinto representa o mesmo que a rede nos trabalhos aereos. Mas... os Fredianis para desfazer más interpretações—e porque lhes constou o que se dizia— já hontem realisaram a «columna a 3» livre e vão realisal-a mais alguns dias.

E, completa a resposta? Parece que sim.

Joe

Noticias

Entre nós

No theatro da Rua dos Condes estreia-se hoje á noite a notavel cantora Stelini, que pertencen á companhia Caramba.

—Os gimnastas voadores Manuel Correia e Carlos Martyres estreiam-se ainda esta semana no Coliseu dos Recreios.

—No Salão Foz estreia-se hoje a artista italiana Amelia Grossi.

—O elegante Salão Olympia faz hoje a estreia da 4.ª serie do «Rocambole».

—Inauguram-se hoje as *soirées* da moda no Coliseu e trabalham os phenomenaes 25 persas, A artista Roqueville, não se apresenta porque não chegaram as suas bagagens, devendo estreiar-se nos proximos espectaculos.

No estrangeiro

A esposa do excentrico Trombeta, tão querido do publico portuguez quando chegou a Paris, vinda da Russia, foi operada d'uma apendicite n'uma casa de saude.

—Na dia 3 de abril inaugura-se a temporada do circo Parish de Madrid com numeros de artistas italianos, inglezes, hespanhoes, portuguezes, japonezes e americanos. São duas as *parejas* de palhaços.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 14—O penacho é meu. — A's 20,30 e 22—O sonho do mosquito.

Movimento maritimo

R. J., S. e R. P. «A. de Kersaint» (Hav.)	2
Amsterdam, etc. «Frisia», (Brazil)	2
Bah., R. J., e Santos «Socrates», (Liv.)	2
Liverpool, «Sculptor», (Brazil)	2
Bordeus «Liger», (Brazil)	2
Vigo e Liverpool, «Alcantara», (Brazil)	3
Africa occidental e oriental, «Africa»	3
Archipelago dos Açores, «Funcal»	5
Vigo e Liverpool «Darro» (Brazil)	5
Bordeus, «Guadeloupe» (Brazil)	5
Madeira e Canarias, «Aguia», (Liverp.)	5

Folhetim de "A Capital"

Sabia-se, em S. Petersburgo, que Bismarck, quando interrogado, no outomno de 1876, por Gortschakow sobre se, em caso de guerra entre a Russia e a Austria, a Allemanha ficaria neutra, havia respondido que a Allemanha «faria todos os esforços para evitar a guerra, mas que não poderia abandonar a Austria».

E' esta, sem contestação possivel, uma das origens diplomaticas do actual conflicto.

A Russia, tendo do lado da Europa o caminho impedido pela alliança dos dois imperios do centro, tentou voltar-se para o objectivo tradicional da sua politica europeia: Constantinopla e os Balkans. Mas, d'esse lado, encontrou ainda a opposição da Austria-Hungria, e por consequencia, na sua esteira, a da Allemanha.

Na entrevista de Reichstadt, em julho de 1876, a peninsula dos Balkans foi dividida em duas espheras de influencia: a russa e a austro-hungara, tomando a Russia para si as populações slavas do oriente da peninsula e abandonando, por assim dizer, á Austria os territorios occidentaes. Foi uma consequencia d'essa partilha a guerra russo-turca de 1878, cujas victorias custaram caro á Russia, a qual, no momento em que estava prestes, em San-Stefano, ás portas de Constantinopla, a colher o fructo dos seus esforços, viu a Austria e a Allemanha, unidas com a Inglaterra, erguerem-se contra ella.

O Congresso de Berlim reuniu os representantes das grandes potencias européas, sob a presidencia do principe de Bismarck, o qual teve a orgulhosa satisfação de arrastar a Russia, representada na pessoa do chanceller Gortschakow, perante o tribunal da Europa. E a Russia foi forçada a rasgar pelas suas proprias mãos o tratado de San-Stefano e appôr a sua assignatura no tratado que as potencias rivaes, que haviam feito um accordo previo entre si, lhe impuzeram.

O tratado de Berlim, porém, em vez de regular definitivamente a questão turca, reconstituia uma Turquia opposta á Russia; de novo collocava as populações da Thracia e da Macedonia sob o jugo ottomano, deixando assim um germen de futuros conflictos; ao mesmo tempo que erigia a Bulgaria em principado independente, reprimia o sentimento nacional bulgaro e dava origem a uma causa de dissentimentos entre a potencia libertadora e o povo libertado.

De todas as combinações feitas com uma arte machiavelica em Berlim pelo genio de Bismarck, auxiliado pelo de lord Beaconsfield, a mais grave foi a occupação, pela Austria-Hungria, dos territorios servios da Bosnia e da Herzegovina, com consentimento da Europa. Era crear uma Alsacia-Lorena slava nos Balkans.

Mas, para bem se comprehender o que se tem passado na Europa ha meio seculo, preciso é falar um pouco desenvolvidamente do imperio da Allemanha do Norte, cuja politica não ficou, nem podia ficar exclusivamente prussiana. De facto, a grande preoccupação, anciedade até poderiamos dizer, da Allemanha do Norte é a fidelidade da Allemanha do Sul. Apesar da vontade de ser uma unica, a Allemanha não o é. A these das nacionalidades e o phraseado romantico dos meiados do seculo XIX enganaram-se: cantavam a unidade allemã sem contarem com a realidade, ou seja que existem duas Allemanhas: a do Norte, voltada para os mares septentrionaes, a do Sul, voltada para os mares meridionaes; uma protestante, a outra catholica. E talvez ainda se possa distinguir uma Allemanha unicamente central e continental, muito embaraçada entre as duas outras.

A politica e a propria conquista militar não podem attenuar os conflictos latentes derivados da geographia, da ethnographia e da religião. O novo imperio allemão só podia considerar-se seguro unindo á sua sorte a Allemanha austro-hungara.

Esta unidade bifronte só podia constituir-se desde que attendesse aos dois interesses, ás duas aspirações que continha no seu seio. A Al-

CAPITULO I

Origens diplomaticas do conflicto

Uma das causas directas da actual conflagração proveiu da guerra de 1870. A perda de Metz e da Lorena era uma ferida sangrenta para a França, da qual brotariam futuros males. O proprio chanceller de ferro, cognome dado ao principe de Bismarck, não tinha illusões a tal respeito e, a dar credito ás suas «Recordações» e ao que dizem os seus principaes biographos, foi contra a sua opinião que o desmembramento da França se effectuou. Mas o estado maior prussiano assim o exigia e, apesar da sua perspicacia e da sua vontade avassalladora, Bismarck não teve poder sufficiente para dominar o orgulho prussiano, de que elle proprio era a suprema incarnação.

A ambição victoriosa foi mais potente que a ponderação diplomatica do grande estadista. Essa lucta entre a prudencia inquieta e a loucura ambiciosa podemos seguil-a a par e passo durante os quarenta e quatro annos que vão de 1870 a 1914. E' sempre batida, recua sempre, emquanto o espirito de imprudencia e do erro desvaira o orgulho allemão, até ao momento em que a paixão passa a ter fóros de sistema, até ao momento em que o pangermanismo concitará contra a Allemanha o rancor e o odio do universo, que se sente ameaçado.

O primeiro incidente dá-se em 1875, quando Bismarck, depois de ter ameaçado a França, foi forçado a recuar sob a pressão da Russia e da Inglaterra. A 10 de maio d'esse anno, Gortschakow, chanceller do imperador Alexandre II, deteve o braço de Bismarck, no momento em que elle o erguia para ferir a França. E, tendo-o feito recuar, o ministro russo poude enviar ás chancellarias o famoso telegramma que tornava a Russia arbitro da paz ou da guerra: «Agora, a paz está assegurada».

Bismarck, furioso não só contra a Russia, mas contra a rainha Victoria e a diplomacia ingleza, que accusava de ter procedido com duplicidade, suppõe tomar uma precaução suprema fundando a Triplice Alliança, sem prevêr que, unindo-se á Austria-Hungria e á Italia contra a Russia, impellia esta nação para os braços da França e que forjava assim, com as suas proprias mãos, uma arma terrivel contra o imperio allemão.

Julgou possivel obter da parte da Russia umas certas treguas na politica anti-allemã, deixando-lhe o caminho livre para Constantinopla, firmando os celebres tratados em que simultaneamente enganava S. Petersburgo e Vienna e multiplicando a intriga allemã na côrte do czar. Mas a Russia desconfiava: sabia que a Allemanha não era sincera e que o odio do allemão contra o slavo, a inveja d'um imperio contra o outro, o receio de vêr dilatar-se, no Oriente, o colosso moscovita seriam superiores aos conselhos da prudencia e da previdencia.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1642 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 2 de Março de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A obra da Republica

Como já aqui tivemos occasião de accentuar, o chefe do actual governo, no seu discurso, que tomou o ar d'um áspero libello á acção dos governos republicanos, apenas deu um aspecto de accusações concretas ás suas arguições relativas ao funccionamento da justiça e ao mau estado dos nossos estabelecimentos penaes.

Se o discurso do sr. Pimenta de Castro fosse feito no parlamento ou se dirigisse a quaesquer assembleias de politicos ou legistas não faltaria decerto quem redarguisse a s. ex.ª, mostrando-lhe que essas accusações não tinham na realidade razão de ser.

Já demonstrámos que as accusações relativas ao funccionamento da justiça não attingem os governos e quanto ao segundo ponto é conveniente observar que a Republica não edificou masmorras inquisitoriaes. As prisões que o sr. Pimenta de Castro com taes classificou são as prisões que existiam no tempo da monarchia e, bem ao contrario de as tornar mais horriveis, a Republica não tem feito senão introduzir-lhes modificações e melhoramentos, tanto no seu regimen como nas suas condições materiaes.

A Penitenciaria de Lisboa, onde os reclusos, com os seus capuzes, davam a impressão de espectros enjaulados, já não dá esse espectaculo confrangente nem tem o caracter de tortura que antigamente enchia de pavor ainda as almas menos sensiveis. Ella não é já hoje uma penitenciaria, disposta á realisação de um fim condemnado, qual era o de auxiliar o remorso vingador com o seu barbaro castigo. E' uma cadeia central, com as necessarias condições hygienicas, onde simplesmente se procura regenerar, pelo trabalho, os criminosos da peor especie.

A cadeia do Limoeiro foi tambem melhorada. A aggloméração que ali permittia uma promiscuidade geradora de todos os vicios, e contra a qual tantos protestos houve no tempo da monarchia, está hoje consideravelmente resumida, sendo attendidas as reclamações do sr. capitão França, director d'esse estabelecimento. Para Monsanto foram enviados centenas de presos o que deu em resultado, aproveitando-se uma applicação util esse hypothetico forte de Monsanto, diminuir a perniciosa aggloméração que no Limoeiro se notava.

Egualmente na prisão das mulheres, o Aljube, se fizeram reparações que transformaram esse velho casarão n'uma cadeia hygienica, estabelecendo-se uma separação entre as mulheres perdidas e aquellas que n'esse triste estado de degradação não se encontram, muitas vezes condemnadas a pequenas e insignificantes penas, producto de leves faltas.

O presidio da Trafaria, cujas obras a Republica concluiu, pode, por seu turno, ser considerado uma prisão modelo, destinada aos militares, que certamente avaliarão a differença que existe entre ella e os covis de S. Julião da Barra, onde no tempo da monarchia eram enterrados em vida.

A cadeia da Relação do Porto egualmente soffreu modificações, que a melhoraram, e em vista de todos estes factos como admittir que do estado dos nossos estabelecimentos penaes se possa extrahir um exemplo de que os governos da Republica tratassem a nação como um paiz de cafres?

Mas a Republica fez mais. Instituiu a Tutoria da Infancia, e se não foi possivel ainda, por falta de recursos, tornal-a o que ella deve ser, o facto é que não se podem negar os importantes serviços que ella já está prestando á regeneração dos menores.

Resta o destino a dar aos vadios e reincidentes, postos á disposição do governo. Não é de hoje que lhes não é dado com a rapidez necessaria o devido destino. Mas isso que succedia durante a monarchia, que não é uma falta de exclusiva responsabilidade da Republica, deve-se a circumstancias ainda insuperaveis e as provincias do ultramar os não acceitarem e não ter sido possivel, por falta de recursos, estabelecer as colonias penaes em que devem trabalhar e regenerar-se. O governo actual, que tanto a peito toma a situação d'esses infelizes, certamente já estudou a maneira de arranjar os recursos precisos para que essas colonias se fundem.

Pelo que fica exposto, reconhece-se quanto foram precipitadas e injustas as accusações do sr. Pimenta de Castro á obra dos governos republicanos, a um dos quaes sua ex.ª pertenceu. A Republica não tem tratado a nação como um paiz de cafres. Não a trataram assim os seus governos, nem o sr. presidente da Republica, que a esses governos deu a sua confiança e que para garantir o prestigio e a estabilidade da Republica incumbiu o sr. Pimenta de Castro de organisar o governo a que sua ex.ª hoje preside.

HISTORIA ILLUSTRADA DA Grande Guerra

Como noticiámos, encetou hontem *A Capital*, em folhetins, a publicação d'esta obra, repositorio interessante e rigorosamente historico de tudo quanto, de longe ou de perto, se liga com a grande conflagração européa.

Resumo nitido e preciso do que convem saber para se poder seguir o desenrolar dos acontecimentos que teem ensanguentado a Europa, a **Historia Illustrada da Grande Guerra** deve ter a maior acceitação, tanto mais que a disposição da sua paginação, como os nossos leitores pódem verificar na 3.ª e 4.ª paginas, permitte coleccionar os folhetins e mandal-os encadernar, constituindo assim um bello volume.

Poeira da Arcada

Hontem á noite os boatos corriam pela cidade tragicos, ameaçadores e esquivos, creando uma athmosphera propicia ás evoluções dos morcegos e das corujas. Esperavam-se successos graves, desforços e vinganças exercidas na meia escuridão das ruas por grupos desembocados de vielas tôrvas. As horas foram correndo lentas e banaes, sem um entrecorte ou sobresalto que arripiasse a monotonia lacustre dos cafés.

Por fim, o somno e as virtudes familiares levaram os fortes e os timidos para vale de lençoes. Dormiram sem pesadellos? Ignoramos. Todavia, o dia de hoje rompeu como uma aureola sobre uma cabeça de madona. Emquanto os homens, entre nós, se encaram com mau semblante, como se quizessem tratar-se á maneira de feras, a natureza, seguindo o rithmo sereno das estações, espalha á face do orbe toda a suave seducção da sua luz, repartindo por ricos e pobres um thesouro inexgotavel como a bondade de Deus.

∴

—Quando haverá paz em Portugal?—perguntava hontem um homensinho afflicto a um pachorrento sujeito que o ouvia sem grande attenção. E nós perguntámos:

—Quando é que nós poderemos sahir á rua tranquillamente, sem que o primeiro conhecido nos peça ou communique noticias perturbadoras?—A nossa crise, que é essencialmente tagarella, resulta de uma enorme falta de pensamentos serios e productivos.

∴

Os povos que trabalham e luctam para tornar a civilisação um facto, regulando por ella o exercicio da sua actividade, encontram no trabalho organisado o melhor e maior premio para o seu esforço. Não se desmandam nunca em aspirações, lançando-se na conquista do Impossivel.

Calmos, pacientes, corajosos e pertinazes, acceitam os problemas que a vida lhes propõe e com um salubre optimismo preparam a sua solução. Se um dia nós sahirmos do deboche politico em que nos consumimos, como as borboletas em torno de uma luz, é provavel que então comprehendamos a energia que despendemos loucamente só pelo prazer de nos aturdirmos.

POLITICA E POLITICOS

Que pensa o governo fazer?

Muita coisa, dizem uns; nada, ou quasi nada, accrescentam outros não menos bem informados

N'um recanto da Arcada do ministerio do interior conversam uns poucos de politicos. Approximo-me. Em volta de todos nós deambulam, espiando e escutando, quatro ou cinco tipos suspeitos. A insistencia com que apuram o ouvido irrita-me. Mudo de poiso. As pessoas com quem converso fazem outro tanto. Palestra-se com mais desafogo.

E emquanto outras se approximam e novos conceitos surgem na discussão, vem á baila o assumpto obrigado de todas as palestras n'estes dias incertos que vão correndo. Fala-se da attitude das camaras contra o governo. O que fará o sr. general Pimenta de Castro?

—Sabe-se lá o que fará!...—commenta alguem do lado. Nunca se sabe o que um homem como o sr. presidente do ministerio poderá vir a fazer...

—Ora essa! Sabe-se e demais—Objecta um politico affecto a esta situação ministerial. As camaras municipaes e as juntas de parochia que reagirem contra as leis promulgadas pelo sr. Pimenta de Castro serão processadas judicialmente.

—Com o fundamento...

—De se terem mettido em assumptos que não eram da sua alçada. Com esse e só com esse.

—E é justo?

—Eu lhe digo: rigorosamente justo não será. Em todo o caso, as attribuições das camaras e das juntas veem perfeitamente definidas no Codigo Administrativo. Fóra d'essas não ha senão as que possam impôr-lhes leis especiaes.

—Como o Codigo eleitoral, por exemplo.

—Logo, o decreto do governo sobre eleições ia directamente pedir a intervenção das camaras e das juntas.

Aqui, a pessoa que me está dizendo estas coisas desconcerta-se. O raciocinio era perigoso para ella. Tratou por isso de arranjar um derivativo, de mudar de rumo. Eu, porém, insisto. Preciso de ser esclarecido por quem tem toda a auctoridade para isso.

—Mas a lei é terminante, continuo. E diz ella que no dia 28 de fevereiro os livros dos recenseamentos tinham de ser fechados. Como harmonisar essa disposição legal com o decreto do sr. Pimenta de Castro, em relação ás camaras que reagem?

—Bem facilmente. Abrindo no dia seguinte, por outras mãos, aquillo que fora fechado em obediencia á lei ilegitima, que é a votada pelo Parlamento.

Sublinho a original sahida com uma gargalhada e a discussão n'este confuso ponto de direito termina.

—E' sempre assim — diz ainda o meu interlocutor. Em se tratando de direito administrativo ninguem se entende.

Apparece alegre, trocista, cumprimentador e irrequieto, o sr. Luiz Gama. Está o mesmo homem dos tempos distantes em que a sua voz, n'aquella assembleia de conselheiros que era o Parlamento monarchico, ria impiedosamente de todos e de tudo. Sahem-lhe ao encontro varios amigos, muitas pessoas conhecidas.

E, como quem não se sente bem n'esse meio onde o boato floresce opulentamente, o sr. Luiz Gama desapparece em segundos, como se se tivesse sumido por um misterioso alçapão de magica.

Voltamos á vacca fria. Agora é «uma pessoa bem informada» que fala. Ha tão poucos! Toca a aproveital-a.

—O governo nem dissolve as camaras nem as processa—diz ella.—Vá-se com esta. Recusam-se ellas, porventura, a intervir nos actos eleitoraes, desde que elles se effectuem pela ultima lei? Está bem. O governo não terá nada que objectar.

—Mas isso é phantastico!

—Será, mas póde crer que é assim mesmo. Se no dia marcado para as eleições os recenseamentos não estiverem organisados, as eleições não se farão. Se no dia em que o novo chefe do Estado deve ser eleito não houver Congresso, o sr. dr. Manuel de Arriaga continuará no desempenho do seu mandato.

—Não pode ser. Essa politica de suspensão não convem a nenhum governo...

—Não digo que sim nem que não. Mas affirmo-lhe que entre as soluções que o governo tem apreciado esta não é a que menos adeptos alcançou.

—E o governo continuará em dictadura até que todos os que lhe são agora adversos se submettam.

—Exactamente.

O sr. Pimenta de Castro, visto assim, atravez das pessoas que com elle privam, surge-nos como uma creatura bem extraordinaria. Terá elle realmente pensado na solução indicada?

—Póde lá ser!—observa o meu informador habitual. Isso não está no feitio do chefe do governo. Além do que, o paiz não veria com bons olhos semelhante acto de passivismo. Se o governo cruzasse os braços deante da vaga que principia a erguer-se para o subverter, daria uma tal impressão de fraqueza que não o conservaria muito tempo no poder. O portuguez gosta de quem combate e cuida que a energia é ainda uma das primeiras qualidades dos homens de governo.

Como vês, leitor, as versões sobre a attitude futura do governo não podem ser, por esta Arcada sussurrante, mais diversas e mais desencontradas. Forneço-t'as todas. D'entre ellas, escolhe a que mais te agradar.

Surge a palavra de guerra. E' um velho democrata que fala. Vem contristado, pezaroso, aborrecido, desilludido, afflicto. Pergunto-lhe o que ha de novo.

—Muito e nada—responde-me.—Estamos á beira de sensacionaes acontecimentos. O cortejo ainda não vae na rua...

—Vem tetrico, meu amigo...

—Cá tenho as minhas razões. Premeditam-se violencias tremendas contra as camaras, contra as juntas, contra todos...

—E até contra os parlamentares que no dia 4 forem a S. Bento?

—Contra esses, principalmente. O governo está reunido, a occupar-se d'essa gravissima questão. O que resolverá? O que sahirá d'essa reunião?

—Talvez o gesto affavel e conciliador...

—Tambem se fala n'isso. Mas eu não o creio. As coisas foram já longe de mais. E agora, não vejo bem como possa entrar-se n'um campo de conciliadora transigencia. Isto vae mal! Isto vae mal!

E o velho democrata, que já viu o franquismo cahir por pretender impôr as suas leis e auxiliou essa queda, affasta-se aborrecido e triste como quem descortina no horizonte nuvens de maus presagios a ameaçarem-nos...

Nova surpreza. Fala-se dos democraticos. Lamenta-se a morte de Henrique Cardoso.

—Foi um acto infame, diz um.

—Foi uma selvageria revoltante, affirma outro.

E as ultimas reuniões dos parlamentares do partido a que Henrique Cardoso pertencia são discutidas com calor.

—Tomaram-se resoluções importantes!—clama um adepto d'esse partido.

—Quaes?

—Esta, por exemplo: a de não concorrer ás eleições desde que o governo teime em as realisar pela sua lei eleitoral.

—E' logico.

—E', mas perigoso, sobretudo para a Republica. Entretanto, tem de ser assim. A coherencia não pode ser uma palavra vã.

Dou-me a procurar a confirmação ou a negativa d'esta noticia. Não encontro nem uma nem outra. Será ella realmente exacta? Tudo me leva a crer que sim.

—E o Congresso?—pergunto a um democratico que se dirige para as bandas do Fomento.

—Ha-de reunir. Com democraticos e evolucionistas, se essa reunião fôr em S. Bento. Com democraticos só, se fôr, se tiver de ser em qualquer outro sitio...

E era tão cathegorico o tom em que estas palavras se pronunciavam que não fiquei com a menor duvida de que as dictava uma resolução inabalavel e inalteravel. O sr. Azevedo Gomes, com a sua longa barba hirsuta, sahia, n'este instante, do ministerio do interior. Estive para lhe pedir que invocasse os espiritos seus conhecidos para que nos dissessem, ao certo, o que vae acontecer. Mas quem me diz que ao abalarem d'esta para melhor os espiritos dos portuguezes se despem de todas as manias politicas, para serem imparciaes.

Desisti do intento. Boatos por boatos, antes os que a gente mortal espalha pela Arcada. Sabe-se, ao menos, d'onde veem e póde dar-se-lhes o devido desconto.

A. M.

O comicio de Milão a favor da guerra

Milão, 17 de fevereiro

O comicio do Theatro Lirico em defesa da intervenção da Italia na guerra, organisado por dez associações politicas de todos os partidos á excepção dos clericaes e socialistas, foi um dos mais importantes até agora realisados.

O orgão socialista official *Avanti*, tendo resolvido perturbar a manifestação que previa concorridissima, publicava pela manhã um appello aos seus leitores operarios convidando-os a comparecerem defronte do theatro. Milhares de convites falsos foram distribuidos pelos socialistas mas as manobras dos neutralistas não surtiram o effeito que desejavam.

No meio de immenso enthusiasmo usaram successivamente da palavra o deputado Bissolati, pelos socialistas reformistas, o deputado Trotti Mosti pelos radicaes, o advogado Betramelli, pelos liberaes, e o deputado Cappa pelos republicanos.

Ao terminar a reunião produziu-se um incidente tragico: o deputado Ercole Trotti Mosti, secretario da direcção do partido radical, que chegára a Roma gravemente incommodado, sentiu-se peor depois de ter falado; transportado para o hotel morreu á uma hora da madrugada fulminado por uma angina pectoris.

Era uma das mais eminentes figuras do parlamento italiano.

Migalhas

Os livros

Grandes amigos são os livros. N'aquellas horas pardas em que a vida exterior nos não interessa, quando, pelo contrario, o agitar das paixões e os conflictos dos homens nos dão o vehemente desejo de nos isolarmos, de nos alheiarmos, é ainda nos livros que nos é dado encontrar o consolo, a distracção, a libertação do espirito e a sua higiene. Correm-se as estantes com os olhos, encontram-se amigos velhos e velhas sympathias, tomam-se entre as mãos, folheiam-se e já sabemos em que pagina, em que capitulo está o que nos ha-de dar contentamento e alegria. E atraz d'uma pagina vão as outras; as horas passam, o corpo descança, os nervos distendem-se e, quando fechamos aquelle bom camarada que nos disse tudo quanto de amavel tem sempre ao nosso dispôr, sentimo-nos melhor, mais bem dispostos, mais acima das contingencias banaes.

Certos livros dão-nos confiança na vida. As ideias generosas, os trechos de belleza que conteem, quando ainda estamos sob a impressão directa e immediata da sua suggestão, fazem com que não desanimemos nunca e recordam-nos que, n'este mundo, nada ha de duradouro e verdadeiramente grande senão o que se ampara nos supremos principios, no que o esforço das gerações creou, na obra de seculos de lenta preparação.

Tudo o mais são crises ephemeras, nuvens passageiras, que um vento traz e outro vento dissipa, e aquelles que compõem a sua bibliotheca como quem aperta uma pharmacia de viagem n'ella encontram sempre o remedio para o mal de que soffram ou para o achaque que os salteie.

Grandes e consoladores amigos os livros... Nas horas em que a acção não apetece, elles nos dão a reflexão, esse cadinho onde se depuram as impressões e os sentimentos, onde as ideias se libertam de todas as escumalhas e surgem limpidas e, por isso, fortes e invenciveis.

André Brun

UM QUASI CENTENARIO

O irmão de Latino Coelho

Comprar a nova edição da «Oração da corôa», de Demosthenes, é suavisar as amarguras da sua velhice

Subindo o Chiado e sobraçando a *Oração da Corôa*, de Demosthenes, traduzida e prefaciada por Latino Coelho, acabo de encontrar alguem que eu suppunha, dadas as suas occupações habituaes, não dispôr de tempo para entretenimentos litterarios que fossem de simples recreio de espirito e muito menos para leituras, aliás interessantissimas, como a d'essa obra prima da eloquencia grega posta em admiravel vernaculo por um academico illustre.

O commerciante meu amigo a quem a direcção de uma casa movimentada absorve todo o dia e uma boa parte da noite percebeu a minha surpreza e apressou-se a esclarecer o caso... Andava tratando de collocar no mercado uma parte da nova edição da *Oração da Corôa*, publicada pela Academia das Sciencias, e abandonára, por algumas horas, o seu estabelecimento na mira de promover essa collocação que o proprietario dos volumes se via inhibido de realisar, em virtude dos annos que lhe pesam sobre o curvado busto:—quasi um seculo!

Quinhentos exemplares da *Oração da Corôa*, novamente editada pela Academia, foram entregues a Francisco Xavier Latino Coelho, o irmão do egregio traductor e prefaciador, que poderá arrecadar o producto da sua venda—desde que o publico tão limitado que compra livros dê preferencia a esses exemplares, testemunhando assim a sua sympathia pela memoria do escriptor e a sua piedade pelo unico sobrevivente de uma numerosa familia que com este desapparecerá!...

Familia de celibatarios, a de Latino Coelho, constituida por cinco irmãs e pelos dois irmãos, foi-se extinguindo pouco a pouco, ficando por fim na desolação e na pobreza Francisco Xavier, que teria cahido na mais atroz miseria se lhe não valessem alguns, poucos, dedicados amigos, entre os quaes se conta o commerciante a que me referi. Na sua modestissima residencia da rua da Vinha, onde aguarda serenamente a morte libertadora, Francisco Xavier Latino Coelho vive em companhia de uma velha criada, hoje cega. Dos que o estimaram e a seu irmão ou se foram como este para a eterna viagem ou quasi todos se esqueceram do que teve a desdita de lhe sobreviver tantos annos. Não se conseguiu, sequer, porque o parlamento a isso se oppôz, que a nação lhe assegurasse nos extremos dias o pão e o abrigo—a migalha de pão e o humilde recanto de que era bem digno o possuidor de um nome cujo prestigio essencialmente aproveitou á ideia republicana, que em Latino teve um dos primeiros evangelisadores.

Francisco Xavier, da mesma estatura de José Maria, vestindo elegantemente como elle, seguindo a moda, quasi sempre do egual, era o inseparavel de Latino, ao lado de quem o viamos atravessar, no mesmo passo miudo e lento, as ruas de Lisboa, calçando ambos sapatos de verniz, com o seu laçarote de seda, e que de verão, sombra fiel do prosador insigne, o acompanhava para Cintra na sua villegiatura annual e ali recolheu por uma noite de agosto, o ultimo suspiro do eloquente panegirista de Camões e do Gama...

Desde esse instante, Francisco Xavier se póde dizer que ficou só no mundo. Elle era o confidente e—rezava a lenda—o collaborador do irmão que nunca appellou debalde para a sua memoria considerada prodigiosa. A sua solidão foi-se tornando mais soturna e mais suffocante á medida que decorreram os annos e que o antigo conforto desapparecia, exactamente quando mais apreciado devera ser...

A morte esqueceu-se do ancião veneravel pela edade e pelo infortunio. Não nos esqueçamos nós d'elle, cooperando com os que se esforçam por lhe suavisar a demorada agonia que é o seu viver actual. O sr. José Antunes Vianna Milharadas, proprietario do importante armazem de viveres Rua Vianna, successor, da rua do Loreto,—tal o commerciante a que acima alludi—foi quem se incumbiu de collocar a *Oração da Corôa* nas diversas livrarias e de satisfazer as encommendas que lhe fizerem nas costumadas condições. Quem directamente se lhe dirigir para a aquisição de volumes será de prompto attendido. O preço de cada um—522 paginas—é de 1$20.

A. de A.

A Capital adquiriu hoje no estabelecimento da rua do Loreto um exemplar da *Oração da Corôa* de Demosthenes, «versão do original grego, precedida d'um estudo sobre a civilisação da Grecia por J. M. Latino Coelho». O nosso collega Avelino de Almeida adquiriu outro exemplar.

Pelo telegrapho

A situação na Belgica e em França

PARIS, 1. — Communicação official. — As tempestades de chuva e neve teem prejudicado as operações.

Em Champagne repellimos ao norte de Mesnil um forte contra-ataque infligindo ao inimigo importantes perdas.

Na mesma região realisámos novos progressos proximo de Pont-á-Mousson.

No bosque Le Pretre tomámos um blockhaus; em Sultzeren repellimos na noite de domingo para segunda-feira um fortissimo ataque.

Em ambos estes casos fizemos prisioneiros. Em Harlmanswillerkopf, conservamos, apesar dos contra-ataques allemães, o terreno ganho por nós.

As represalias das tripulações não combatentes

PARIS, 1.—A França e a Inglaterra dirigem aos paizes neutros uma nota declarando que, em presença dos methodos navaes allemães contra commerciantes pacificos e tripulações não combatentes, são obrigadas a represalias a fim de impedir a entrada e a sahida de todas as mercadorias da Allemanha. A França e a Inglaterra executarão estas medidas sem riscos para os navios e vida dos neutros em estricta conformidade com os principios de humanidade; deterão e conduzirão aos seus portos os navios que tragam mercadorias que se presuma destinadas ou provindas de propriedade inimiga. Os navios e a carga não serão confiscados, salvo se estiverem sujeitos a condemnação por outros motivos. O tratamento dos navios que tenham partido antes d'esta data não será modificado.—(*Havas*).

A satisfação do sr. Millerand

PARIS, 2.—Official. O sr. Millerand visitou no dia 28 de fevereiro e 1 de março o terreno comprehendido entre o Oise e o Vesle e encontrou em toda a parte as tropas n'um perfeito estado moral e material e os trabalhos de defesa muito bem executados e judiciosamente situados.—(*Havas*).

Pobres de «A Capital»

Donativo de 5$00

Um anonimo enviou-nos para distribuirmos depois de amanhã pelos pobres nossos protegidos a quantia de 5$00. Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos

A espionagem allemã na Suissa

Lugano, 27 de fevereiro

As auctoridades de Lugano levaram ao conhecimento da auctoridade federal que no Sanatorio d'Agra, proximo de Lugano, estão actualmente varios officiaes allemães, gosando de boa saude, que se suppõe terem estabelecido em Agra um posto de observação e de espionagem em prejuizo da Italia, attentando assim contra a neutralidade suissa e contra as boas relações existentes entre esta nação e a Suissa.

Folhetim d'A CAPITAL 1-3-1915

Romance judicial

—Estou escrevendo um romance—disse a minha amiga Irene.

O professor, que tomára chá commigo n'essa tarde, approximou-se de nós.

—Qual é a these?—perguntou elle.

—These... Nada... Coisas da vida...—balbuciou a minha amiga.

Interrompeu-se, olhou para nós perplexa e, de repente, começou a explicar-nos com volubilidade o enredo do seu romance:

—E' um caso de divorcio no qual se entrelaça a eterna questão da creança. O pae quer a filha, a mãe quer a filha. O juiz dá a posse da creança á mãe durante o processo intentado por esta contra o marido. Mas o pae não a entrega; illudindo a justiça, sequestra-a. O juiz, suggestionado ou enganado por... certos amigos influentes e bem falantes, vae cautelosamente e ao abrigo da lei sanccionando o sequestro. O juiz é um homem do mundo, que sabe viver; é um homem respeitavel. Dizem-lhe que é preciso prolongar o processo e não entregar a creança á mãe porque assim haverá probabilidades de que esta volte, cançada de luctar e exhausta de saudades, ao lar conjugal. O juiz não gosta de contrariar os seus amigos; é um homem de bem. O processo dura um anno, dois annos... Ha dois annos que a pobre mulher, morta de saudades, por mais que se esforce, não consegue ver a filha nem communicar com ella; passam-se longos mezes sem saber sequer onde ella está nem se é viva ou morta. A creança leva uma vida moralmente miseravel, sempre escondida, sem convivio com outras creanças, sem alegria, sem educação, n'um meio acanhado e reaccionario onde, á sombra de uma estreita religião, lhe ensinam a detestar a mãe que a pobresinha adorava, fazendo-lhe acreditar que esta a abandonou e que leva uma existencia deshonesta. O juiz sabe tudo isto; sabe egualmente que a mãe é digna do maior respeito e que o pae não está em condições de educar, nem sequer de guardar ou de vigiar a creança; sabe que n'aquella situação a creança corre perigos gravissimos... Mas o juiz é um homem respeitavel e tem sempre dado aos seus collegas o mais alto exemplo de solidariedade.

E o processo eternisa-se e, ao abrigo dos artigos do codigo intelligentemente applicados, a creança continua sequestrada... porque o juiz é um homem de bem e muito conhecedor da lei...

—Tudo isso é complicado demais para um romance—declarou tranquillamente o professor interrompendo a minha amiga Irene.

Esta voltou-se para elle estupefacta. Calára-se bruscamente e olhava para nós com assombro como quem accorda de um sonho.

Pela janella aberta entrava o perfume das acacias em flôr e a claridade de uma tarde radiosa.

Aquelle dia tépido e luminoso depois da longa e ininterrupta invernia, descera sobre nós como uma benção. Uma ameixoeira precoce cobria-se de flôr no jardim; e, no silencio, ouvia-se vagamente um sussurro quasi imperceptivel, um ruido leve e mysterioso que subia da terra como se os insectos principiassem a ensaiar as azas, as seivas a circular, as raizes a fazer estalar o solo no eterno recomeço da vida triumphante...

Ao longe as colinas riscavam o ceu com as suas curvas dóces e repousantes e avelludavam-se do verde macio do trigo que rompia trazendo a promessa bemdita do pão.

E todas estas coisas me embriagavam como um vinho generoso e forte, fazendo-me esquecer a maldade, fazendo-me acreditar no Bem que sempre me apparece tão unido á Belleza...

Mas a pouco e pouco os olhos da minha amiga Irene tinham-se enchido de lagrimas; e vimos que, para esconder a sua commoção, se levantou e foi debruçar-se á janella.

—O que ella nos contou é inverosimil—disse eu.— Se os juizes fossem assim... tão suggestionaveis, não haveria justiça. Um romance nunca deve ser inverosimil.

E fui buscar á minha livraria o primeiro tomo do *Manual do direito civil suisso* onde procurei a seguinte passagem que li em voz alta:

«... Quando a sua previdencia (da lei) falha, conta-se com a *convicção do juiz, com as regras que elle estabelecerá se tivesse de fazer acto de legislador*. Apesar de a terem criticado, esta é a formula ideal porque deixa ao juiz toda a liberdade para interrogar a sua razão, a sua experiencia e a sua consciencia.

«Applicará então as regras dictadas pela sua concepção da justiça, pelo seu desejo de equidade, pela sua intelligencia e pelo seu conhecimento da vida. Não é a porta do arbitrario que se abre defronte d'elle; pede-se-lhe apenas para declarar a verdade do direito.»

No ar silencioso todo impregnado da claridade do ceu portuguez, estas palavras graves, não sei porquê, soavam como paradoxos.

Apenas eu fechei o livro, o professor murmurou:

—Isso é na Suissa...

—Então a justiça e a consciencia dos juizes não são as mesmas em todos os paizes civilisados—perguntei eu.

Mas o professor teve um grande suspiro:

—Ah! minha pobre amiga!...

E então deu-se um caso extraordinario:

A minha amiga Irene, que entretanto se approximára novamente de nós, gritou quasi, n'um impeto inesperado de paixão:

—Pois não *sentem* que tudo isto é a verdade?! Repetia:

—A verdade!... A verdade!...

E por fim, escondendo a cara nas mãos, desatou a chorar como se lhe tivessem quebrado o coração.

Virginia de Castro e Almeida

MUSICA

Matinée Chopin

No proximo domingo, pelas 15 horas, realisa-se em casa de madame Eugenia Mantelli uma *matinée* homenagem a Chopin, com o seguinte programma:

«Chopin», versos de madame Frondoni Lacombe, recitados por M.elle Bertha Guimarães; «Ció che aman le fanciulle», M.elle Ritta Carvalhaes; «I due morti», M.elle Filippa Torre do Valle; «Berceuse» para piano, M.elle Oriza da Silveira; «Onde torbide», M.elle Bertha Madail; «Primavera», M.elle Maria José Madail; «Valsa n.º 3», para piano, M.elle Amelia Cid; «Lontan degl'occhi», M.elle Leonor Medeiros; «Malinconia», sr. Antonio José Pereira; «Fantasia Impromptu» para piano, M.elle Maria Ripamonti; «Desiderio de Fanciulla», M.elle Luiza Machado; «Il ritorno», M.elle Manuela Sampaio; «Valsa», op. 64 n.º 2, M.elle Manuela Santiago; «Melodia», M.elle Oriza da Silveira; «Il mio tesoro», M.elle Cosette Barreto; «Preludes», op. 45, para piano, M.elle Laura Reis Ferreira; «Le mio gioie», M.elle Magdalena Metello Antunes; «Canzone Lituane», M.elle Amelia Cid; «Baccanale», M.elle Bertha Guimarães.

LIVROS NOVOS

"Dom João II"

Da collecção «Grandes vultos portuguezes», edição da Livraria Ferin, sahiu o 4.º volume, *Dom João II*, de que é auctor o sr. F. A. da Costa Cabral. O Principe Perfeito é estudado na sua epocha e nas particularidades da sua vida, desde o nascimento até á morte, pelo envenenamento. O auctor foi encontrar na Bibliotheca de Evora documentos interessantes que veem lançar luz sobre alguns pontos até hoje obscuros, principalmente ácêrca das conspirações contra a vida d'aquelle que foi um politico sagaz, um diplomata astuto e um audaz guerreiro.

Bella obra a que o sr. Costa Cabral produziu.

Teatro de S. Carlos

Depois d'amanhã, quinta-feira, é a 7.ª recita de assignatura com a primeira representação da peça de Paul Hervieu, traducção de Mello Barreto *A força do destino* e a peça de Courteline, traducção de Camara Lima, *Commissario bom rapaz*.

Um grande acontecimento musical

Na proxima semana virá dar ao theatro de S. Carlos, á noite, um unico concerto o celebre trio musical composto dos extraordinarios solistas de reputação mundial, Maurice Dumesnil, Jules Bouchere e André Hekking. Trata-se de um grande acontecimento musical. André Hekking é o grande artista conhecido no mundo musical pelo rei do violoncello.

A festa do maestro Blanch

No proximo domingo, realisa-se em S. Carlos o mais sensacional concerto de toda a temporada. E' a festa artistica do maestro Pedro Blanch, o notavel director da Orchestra Simphonica Portugueza, que está organisando um extraordinario programma. Os assignantes teem preferencia, até ámanhã, aos seus logares e o resto dos bilhetes já está á venda, o que consignamos aqui para não acontecer o mesmo dos concertos anteriores: os retardatarios não encontrarem já bilhetes nas vesperas do concerto.

A festa hippica de Palhavã

A festa que a Sociedade Hippica Portugueza organisára para dezembro, a favor dos feridos da guerra, e que, após varias transferencias por causa do mau tempo, teve de ser suspensa, está agora marcada para o dia 14, com o mesmo programma, talvez ainda melhorado. Na séde da Sociedade, rua Ivens, 56, recomeçou a marcação de logares. Com o bom tempo que vae correndo, com o interesse especial que pelo seu fim deve despertar a festa e pela excellente organisação que a Sociedade Hippica lhe imprime, é de esperar uma bella tarde de «sport» e de animação.

Recolhendo ao hospital

Fartos de viver — Com o craneo fracturado

Miguel Jacintho, de 57 annos, serralheiro, morador na rua Moraes Soares, M. J., 2.º, tentou suicidar-se, golpeando o pescoço. Operado pelo sr. dr. Azevedo Gomes, recolheu á enfermaria 3 do hospital de S. José.

Na n.º 4 ficou David Pereira Valente, de 28 annos, tanoeiro, que tendo ido de passeio ao Belmonte, na Beira Baixa, quando ali estava experimentando uma pistola automatica, a arma disparou se, ferindo-lhe a mão direita.

O pequenito de 9 annos José Luiz Bernardo, filho do fogueiro da Empreza Nacional de Navegação Luiz Bernardo, por se ter partido a grade de uma janella da sua residencia na rua Direita do Caramujo, cahiu da altura do um 3.º andar. Conduzido ao hospital de S. José, verificou se ter fracturado a clavicula direita, não ficando ali em tratamento por seu pae o querer levar para casa.

PROGRESSOS DO A'TOMOBILISMO

Sportsman e commerciante

O sr. Leite Galvão e dois amigos vão dirigir a «garage» Auto-Brazil e fazem-se representantes de grandes marcas de automoveis

Com dois camaradas do jornalismo, convidados por um amigo, fomos hontem visitar um novo salão de vendas de automoveis, vêr um precioso *Gobron* e analisar como o rasgado espirito de iniciativa d'um homem dotou Lisboa com mais uma «garage» ampla e modelar e que reune tudo quanto exige essa locomoção acelerada.

O salão de vendas é o da Avenida, porto da rua das Pretas, no mesmo local onde estiveram os bilhares do antiquissimo Vigia. E' um salão elegante,

Leite Galvão

decorado com gosto artistico, sufficiente para acommodar seis automoveis, com largas portas envidraçadas, que deixa que o publico veja atravez d'ellas as bellezas mechanicas dos automoveis de hoje e possa admirar as ultimas novidades da *carrosserie*. Foi alli que nos quizeram apresentar um dos actuaes proprietarios da Auto-Brazil, o sr. Leite Galvão, cortezia desnecessaria porque de ha muito o conheciamos, tendo mantido uma amigavel camaradagem, quando elle fazia como turista impenitente e automobilista de convicção as suas viagens pelo paiz e quando, a seu lado, admirámos as singulares e inimitaveis proezas hippicas do seu pequenito, que é o mais novo e mais atrevido dos nossos cavalleiros, aquelle mesmo que motivou, em tempos, um certo incidente no concurso de Coimbra e no concurso de Palhavã.

—Sim senhor, o sr. Leite Galvão é agora um dos proprietarios da Auto-Brazil, disse-nos o amigo commum quando viu desnecessaria a apresentação.

Soubemos depois como tinha sido feita essa transformação d'um homem absolutamente entregue ao *sport* n'um commerciante d'um ramo que, pelo seu desenvolvimento e pelo seu progresso, tambem ao *sport* presta incontestaveis serviços.

—A paixão pelo automobilismo é antiga. E' o meu *sport* favorito, uma quasi necessidade nos meus habitos de vida. Assim não se tornou difficil acceder a pedidos de dois amigos dedicados e, com elles, utilisando um largo capital, lançarmos o negocio da Auto-Brazil.

—Que se forma em conjuncto?...

—D'este salão de vendas e exposição de carros de que somos representantes: d'uma ampla garage na rua Andrade Corvo e d'umas officinas annexas. Temos montados todos os serviços que dizem respeito ao automobilismo, possuindo pessoal habilitadissimo para todos os concertos e reparações, com secção de venda de pertences de vulcanisação, etc.

E' emquanto nos informava, o sr. Leite Galvão mandava aprompţar um magnifico automovel, para n'um requinte de gentileza,—muito natural n'esse *sportsman*—nos levar de visita á garage e ás officinas. Antes, porém, mostrou-nos um *chassis* Gobron, ali em exposição e que é uma maravilha de mechanica e a documentação, clara e evidentissima, de que é justo o titulo que usam os Gobron dos *mais ricos automoveis da França*. Em volta do *chassis*, eu e os camaradas do jornalismo, perdemos tempo, ou melhor falando ganhámos tempo porque conhecemos novos pormenores da construcção dos motores de explosão e verificámos a extrema simplicidade e absoluta segurança d'esse automovel francez. Vimos em «modelo-reduzido» como a explosão do motor era inteiramente aproveitada.

—Devem fixar este conjuncto harmonico do *chassis*. Não conheço melhor. Os *Gobron* foram sempre e hão-de ser sempre excellentes automoveis. Durante muito tempo a unica censura que se lançou sobre os *Gobron* foi de que não fabricavam os carros que lhe pediam! Pudera... As officinas francezas não queriam produzir muito mas produzir bom. O caso é que se acreditaram e que a sua fama corre atravez de todas as fronteiras, desde o anno em que se fundaram, em 1898.

—Quasi do inicio...

—Desde o inicio do automobilismo, sim senhor. Mas n'esses tempos a producção era muito restricta. Agora augmentou em fortes proporções, diante de numerosas instancias da clientella. Mas os *Gobron* ficaram, para sempre, fieis aos principios iniciaes de não inundar os mercados com muitos carros de exportação, mas sim fabricál-os alcançando o maximo na satisfação de exigencias dos seus clientes. A casa *Gobron* não quer o orgulho do espaventoso reclamo da «quantidade», antes prefere o elogio pela «qualidade».

—E a sua mechanica tem particularidades exclusivas?

—Tem um motor com dois pistões em cada cilindro, fazendo-se a explosão entre os dois pistões. Este caracteristico torna o motor *Gobron* o motor classico, industrial. Mantem o equilibrio perfeito nas forças de inercia. Quando uma peça animada d'um movimento alternado desce, uma outra sobe. Este equilibrio traduz-se por uma ausencia absoluta de trepidações. A camara de explosão, quasi perfeita, permitte uma excellente utilisação da explosão. D'aqui vem uma grande economia de combustivel, um melhor rendimento mechanico do motor, e portanto menos aquecimento.»

Emquanto nos dava estas informações technicas, o sr. Leite Galvão, falando com enthusiasmo e com a persuasão sugestiva dos homens que mostram competencia e conhecimento, ia exemplificando com um «modelo-reduzido» que estava n'um pequenino e artistico *etagere*, junto do imponente *Gobrow*, orgulhoso do seu radiador em fórma de cunha, luzidio, berrante, n'um dispositivo artistico...

Sahimos depois. Em minutos, o automovel do *sportsman* e commerciante levou-nos até á rua Andrade Corvo. Entrámos em velocidade dentro da *garage*, cuja acommodação e grandeza nos impressionou agradavelmente. E', com certeza, uma das melhores do paiz, com construcção apropriada, mais comprida e tão larga como aquella onde se construiu depois o Eden Theatro! Pode acommodar centenas de carros e estes podem permanecer, sem receio de se inutilisarem ou correrem o risco de deterioração, nas *carrosseries*. Porque o sr. Leite Galvão não quiz no mesmo *hangar* o trabalho mechanico nem a proximidade das officinas. Estas foram alojadas n'uma ampla loja, perto da «garage», a uns 80 metros talvez...

E assim ficámos inteirados da existencia d'um rasgado commercio automobilista mantido por homens de dinheiro e que sabem o que querem e percebem do que tratam...

O "Adamastor,,

Sahiu hoje para o Porto

Hoje, pelas 18 horas, sahiu a barra com destino ao Porto o cruzador *Adamastor*. Parece que foram motivos d'ordem publica os que levaram o governo a fazer seguir para o norte aquelle vaso de guerra.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Escola 5 de Outubro

Para apreciar o pedido de demissão da direcção e assentar no caminho a seguir, reune ámanhã á noite a assembleia geral d'esta escola, da freguezia dos Martires.

Chauffeurs em Portugal

Reune hoje, ás 20 e meia horas, a assembleia geral, para apresentação do relatorio da commissão de inquerito eleita em 30 de janeiro e eleição de corpos gerentes.

Centro republicano de Belem

Reune ámanhã, ás 21 horas, a assembleia geral, para apresentação do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal e discussão de uma proposta apresentada pela actual direcção.

Manipuladores de phosphoros

Com qualquer numero de socios, por ser a segunda convocação, reune hoje a assembleia geral para apresentação do relatorio e contas da direcção e eleição de corpos gerentes. O fundo social em 31 de dezembro findo era de 1.888$64, sendo a verba mais importante 25 acções da companhia dos Phosphoros e saldo em dinheiro 100$93.

Companhia de seguros Bonança

No escriptorio da companhia, rua Aurea, 100, 1.º, reune no dia 6, ás 14 horas, a assembleia geral para apreciar o relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal e eleger os novos corpos gerentes. Ao saldo de 79.729$89,8 propõe a direcção a seguinte applicação: para dividendo de 7$00 por acção, 54.880$00; fundo de reserva estatuario, 16.000$00; fundo de reserva para sinistros, 4.000$00; fundo de depreciação de valores fluctuantes, esc. 1.000$00; complemento da remuneração á direcção, 1.552$14,2; complemento da remuneração ao conselho fiscal, 135$21,4; imposto de rendimento e saldo para conta nova, 2.362$53,7.

Companhia de seguros Ultramarina

O saldo do anno findo foi de 27.633$47,6, a que foi dada a seguinte applicação: fundo de reserva, 9.000$00; conta nova, esc. 7.561$19; dividendo de 12 0|0, 6.000$00; contribuições, 2.500$00; para a direcção, 2.072$28,6; fundo de garantia, 500$00.

A festa da arvore

No Jardim Zoologico

Entre as escolas que tomam parte no proximo domingo na festa da arvore que se realisa no parque das Larangeiras, comparecerá a cantina escolar da parochia civil do Marquez de Pombal, com 100 alumnos, acompanhados pela banda 5 d'Outubro, composta de 40 executantes.

ULTIMAS NOTICIAS

A morte do deputado sr. Henrique Cardoso

Realisa-se a autopsia na Morgue

O cadaver é trasladado para casa do fallecido

Sobre os acontecimentos de antehontem pouco ha hoje a accrescentar.

A autopsia ao cadaver da victima realisou-se na sala de anatomia pathologica, visto o antigo edificio da morgue se encontrar demolido para dar logar á construcção do novo. Ao exame medico legal, que começou pelas 11 horas da manhã e terminou pouco depois das duas da tarde, assistiram os srs. drs. Azevedo Neves, Asdrubal de Aguiar e Henrique Emigdio Franco, medicos, dr. Henrique de Vasconcellos, delegado, dr. Magalhães Barros, juiz do 2.º juizo, escrivão Vidal e official de diligencias Caetano. Embora o resultado do exame seja segredo da justiça, sabemos no emtanto que os peritos constataram ter o projectil que victimou o deputado sr. Henrique Cardoso entrado pela espadua esquerdo, atravessando a aorta, produzindo hemorragia, de que resultou morte instantanea, e indo alojar-se á superficie da pelle junto do mamillo direito.

Cá fóra, no pequeno jardim que rodeia o edificio da aula de anatomia pathologica, viam-se a urna de mogno que aguardava o corpo, coberta por um panno negro, e junto, em grupo, o sr. dr. Sousa Junior, senador, drs. Pereira Osorio e Costa Rodrigues, cunhados da victima, dr. Vinagre e varios professores da Faculdade de medicina.

Transportada a urna para a sala ao lado e mettido n'ella o cadaver, ali permaneceu, velado pelos srs. dr. Costa Rodrigues e Pereira Osorio, cunhados da victima, e pelo sr. Benedicto Jorge Coelho, até ás 17 horas, em que foi fechada a urna e transportada para um carro funerario que se havia postado junto á porta da Morgue.

O morto foi vestido após a autopsia por seus cunhados e pelo seu amigo dr. Arthur Leitão. Da aula de anatomia pathologica até á porta da Morgue organisaram-se trez turnos a cujas borlas pegaram os srs. dr. Pereira Osorio, dr. Costa Rodrigues, Philemon de Almeida, Alvaro Osorio, dr. Arthur Leitão, Eugenio Calma, tenente Rego, de marinha, Joaquim Caldas Brito, João Florencio, dr. Bessa de Carvalho, Ribas de Avellar, Ramos Pereira, dr. Henrique de Vasconcellos, Manuel do Nascimento Pereira, dr. José de Abreu, Antonio Manuel de Campos, dr. Roma da Veiga, João Marques, Nunes Palma, João Barbosa, Elysio de Castro, dr. Rodrigo Rodrigues, Seixas Junior e dr. João de Deus Ramos.

Estiveram mais o sr. capitão Bruno do Carmo, que representava o sr. governador civil de Lisboa, Joaquim Caldas Brito, cunhado do morto, e Seixas Junior, director d'*A Montanha*, do Porto, e dr. Adelino Furtado.

O funebre cortejo pôz-se em marcha ás 17,15', chegando á rua Braamcamp pelas 18 horas. Ahi encontravam-se todos os vultos principaes do partido democratico, deputados, senadores, ex-governadores civis, etc.

De tarde fôra a casa de madame Cardoso dar os pezames, em nome do sr. presidente da Republica, o sr. Forbes Bessa.

O trajecto estava guardado pela policia, vendo-se guardas de cincoenta em cincoenta metros, pouco mais ou menos.

Os individuos detidos voltaram a ser interrogados, nada transpirando, porém, dos interrogatorios a que foram submettidos.

A prisão do boletineiro Seraphim Pinheiro não se relaciona com o caso da rua Paiva de Andrada. Foi detido a pedido do sr. Rocha Martins, por o haver ameaçado de morte.

O sr. dr. João Eloy esteve tambem na esquadra das Monicas, onde interrogou largamente o preso sr. Roque Fernandes Blanco Freire. A policia deteve mais alguns individuos suspeitos, entre elles o operario do Arsenal da Marinha sr. Manuel Serralheiro e Domingos da Silva, o *Dominguinhos de Santos*. A prisão d'este ultimo foi effectuada pelo agente Carapeto.

O conselho administrativo do Centro Escolar Republicano 27 de Abril convidou os seus associados para uma reunião magna hoje, ás 21 horas, a fim de serem apreciados os acontecimentos.

Em face da reunião do Congresso

Diz-se que o governo mantem a sua resolução—E que fazem os partidos?

Sempre se realisa depois de ámanhã a annunciada reunião do Congresso?

E' isso o que os politicos perguntam uns aos outros, sem que nenhuns d'elles se entenda na resposta. O governo já declarou, em nota officiosa enviada para os jornaes, que tomará as providencias necessarias para impedir a reunião. Mas não é facil prever até onde irão essas providencias se puzermos de parte o recurso puro e simples da força armada junto á porta do Congresso, não permittindo que pessoa alguma entre no edificio. E por esta razão: quem manda no Congresso não é o governo, é o director geral, que apenas pode obedecer aos presidentes das duas camaras. Ambos elles são democraticos: nos deputados o sr. dr. Manuel Monteiro e no Senado o sr. general Correia Barreto. Se entenderem que o Congresso deve funccionar, realmente, depois de ámanhã, limitar-se-hão a communicar ao director geral que tome as medidas indicadas n'esse sentido, o que elle terá de fazer, avisando todos os empregados.

A tal proposito constava hoje que o director geral do Congresso já tinha enviado officios aos presidentes das duas camaras, sollicitando as suas instrucções. No caso, porém, do governo appellar para a força armada, impedindo mesmo o transito no largo das Côrtes, os parlamentares ainda terão o recurso de reunir em qualquer outro ponto, visto que constituem um dos poderes do Estado e que as suas attribuições não podem ser restringidas pelo poder executivo.

Quanto aos evolucionistas, não se sabe ainda o que farão. E' certo, e já o sr. dr. Antonio José de Almeida o accentuou n'um artigo da «Republica», que não concordaram com a resolução do governo, reputando-a como uma «violencia escusada». Mas quer isso dizer que estejam dispostos a pugnar praticamente pela defeza e manutenção dos seus direitos parlamentares? Parece que não, limitando-se todos os deputados e senadores d'esse partido a affirmarem o seu protesto depois de verificarem que o Congresso não pode funccionar. Sendo assim, reunirão apenas os democraticos e alguns independentes, entre os quaes se apontam os nomes dos srs. dr. Bernardino Machado, dr. Magalhães Lima e Thomaz Cabreira.

Reunirão aonde? Segundo ouvimos hoje e reproduzimos a titulo de boato, no edificio da Camara Municipal, protestando contra o assassinato do deputado Henrique Cardoso e votando uma moção de desconfiança ao governo. Se assim fôr, o Congresso esperará que o presidente da Republica se pronuncie sobre a situação.

Mas tudo isto depende de tantas contingencias...

A CARESTIA DA VIDA

O problema das subsistencias

O pão e a carne—O que ha ácerca do carvão

Continúa difficil a solução do problema da carestia das subsistencias.

Os talhos estão sem carne de vacca, o coke desappareceu do mercado não voltando emquanto não houver permissão para ser vendido mais caro, e o pão vae encarecer.

Os proprietarios de talhos desde domingo que não mandam abater rez alguma.

A ultima matança teve logar no domingo, tendo sido abatidas 40 rezes, pouco mais da quarta parte da matança habitual d'aquelles dias, cuja média regula por 150.

Só a Camara tem mandado abater e essa mesma em pequena quantidade; no domingo, abateu 7; hontem, 11 e hoje, 12 rezes, o que nada é para uma população de 600.000 almas.

Os talhos particulares teem vendido carneiro de inferior qualidade e esse mesmo não é abundante; teem vendido alguma vitella bastante cara e carne de porco.

Hoje foi uma commissão entender-se com o sr. ministro do fomento para vêr se consegue a prohibição da exportação e o limite de preço que pedem não exceda a 5$10, peso limpo.

A gravidade da situação fez desapparecer as divergencias existentes, e agora todos os proprietarios de talhos estão com a Abastecedora, ficando assente a resolução de, no caso de não ser prohibida a exportação ou, pelo menos, regulamentada, se não abaterem mais rezes bovinas.

A ser indispensavel fornecer carne aos navios inglezes em cruzeiro no Atlantico, a Abastecedora compromette-se a fazel-o mediante requisição do governo. Esta resolução tem por fundamento evitar que os intermediarios affrontem os preços nos mercados, porque, não tendo talhos, e vendendo carne para fóra, podem pagal-a por todo o preço, visto o cambio dar margem a largos lucros. Uma outra razão allegam ainda os proprietarios dos talhos para pedirem esta medida: é que muitas vezes vão para Gibraltar, não para fornecimento da esquadra ingleza, mas vendidas a particulares, que—dizem—depois as negoceiam.

Quanto ao encarecimento do pão, o que é um facto, pois que pelo preço porque é vendido o de farinha de 1.ª qualidade passa a vender-se o pão fabricado com a mistura de farinhas de 2.ª e de 3.ª, devem ámanhã os proprietarios das padarias independentes reunir-se na Cooperativa Padaria do Povo, a Campo d'Ourique, ás 14 horas para resolver a attitude a adoptar.

A obrigação imposta pela moagem de comprar 30 kilos de farinha de 1.ª qualidade a quem quizer 45 da de 2.ª leva muitos d'elles—affirmam—á ruina. As padarias independentes, na sua maioria estabelecidas em bairros pobres, não teem compradores para o pão de luxo pelo preço porque vae ficar, succedendo o mesmo ás cooperativas, e assim ficam com a farinha de 1.ª classe inaproveitada, o que representa um importante capital paralisado.

Individualmente, os pareceres divergem; ha quem opine porque se continue a laboração, emquanto houver forças para resistir e ha quem queira o encerramento immediato das padarias. Esta ultima opinião, a ser seguida, importaria a miseria para mais de 5000 homens, tantos são os que labutam pela vida nas padarias independentes e cooperativas, não contando com as respectivas familias.

A falta de coke tem causado embaraços aos hoteleiros, e proprietarios de restaurantes e casas de pasto, principalmente a estas, porque os grandes estabelecimentos podem, por terem grandes fogões, substituir o coke por hulha, mas as casas pequenas só teem o recurso das madeiras velhas, porque mesmo a lenha já não se encontra ha dois dias nos carvoeiros, e as madeiras velhas, obtidas ao acaso, de tabiques, de mobilia inutilisada, não constituem um recurso garantido.

Na Companhia do Gaz disseram-nos que talvez ámanhã já fique resolvida a questão, porque deve realisar-se a installação da Junta do Districto e é de prever que ella aproveite a occasião para resolver tão momentoso assumpto. A Companhia do Gaz recorreu para a Junta do parecer do commandante da policia, que entende não dever ser a elevação do preço superior a 9 centavos por sacca de 45 kilos. A Companhia diz que a situação cambial e o aggravamento do preço dos fretes, que sestuplicou, a obriga a elevar o preço do coke trinta e tantos por cento.

Assim a sacca de 45 kilos, que d'antes custava $50, passa agora a custar $68; este augmento, segundo a Companhia diz, não affectará o pequeno consumidor, pois que, sendo como é, o kilo vendido a 2 centavos, apesar do augmento fica ainda para o revendedor o lucro de 25 0|0, differença entre 15 escudos que lhe custa a tonelada e 20 por que a vende.

Se a Junta do districto ámanhã estiver d'accordo com o augmento, ámanhã mesmo recomeçará a venda.

A attitude do governo

Vão ser dissolvidas as camaras municipaes?

O governo esteve hoje, por largo tempo, reunido em conselho no ministerio do interior. Tratou-se, ao que consta, da situação politica e foi apreciada a situação creada ao governo pelas camaras que se recusam a cumprir o decreto que modificou a lei eleitoral. Ao cahir da tarde disse-se que seria publicado hoje no «Diario» um diploma regulando de vez o conflicto e tomando providencias para que a lei eleitoral publicada pelo governo seja rigorosamente cumprida. Dizia-se, por exemplo, que as funcções que actualmente pertencem ás juntas de parochia seriam transferidas para os regedores. Será essa a essencia do decreto que está na forja e que o «Diario», afinal, ainda hoje não publicou?

Balanço diario

O ministerio do interior appareceu hoje guardado por uma vigilantissima sentinella. Era ali, defronte do grande portão que um rotundo porteiro domina com a sua gordura, que os politicos tinham o seu predilecto poiso. Tambem isso se foi. O governo não quer nada com os politicos; e para os não vêr nem á porta, ordenou ás sentinelas do ministerio do interior que não deixassem permanecer ninguem n'esse recanto da Arcada, tal e qual como a policia não permitte que se «ande parado» no Rocio. Instincto de defeza, medidas de ordem indispensaveis? Qual historia! Simples exhibição de militarismos agudos, com que os portuguezes solemnemente embirram. E para quê? O governo lá sabe...

Generos alimenticios

O *Diario do Governo* d'hoje publicou o decreto auctorisando a exportação de ovos, peixe fresco, excepto sardinha; e todo o peixe salgado, prensado, ou por qualquer modo preparado, com excepção do conservado em azeite ou oleo comestivel, sardinha fresca, sem preparo ou só com o sal indispensavel á sua conservação, e queijos. O ovos pagarão sete centavos por kilo; o peixe fresco salgado e prensado, um centavo e os queijos, cinco.

Muzeu d'Evora

O muzeu regional d'Evora foi instituido por um decreto publicado no *Diario* d'hoje. Na Sé d'aquella cidade, crear-se-ha uma secção d'arte sacra, constituida pelo thesouro da egreja com todas as obras de ourivesaria, paramentos e indumentaria que n'ella existam. O muzeu terá um director, um conservador da secção sacra e um guarda.

Contadores judiciaes

Terminaram hoje no ministerio da justiça os concursos para contadores judiciaes. Foram approvados 21 candidatos, ficaram esperados 9 e faltaram 12. Obtiveram as primeiras classificações os srs. Joaquim Cardoso do Livramento e Arthur Leitão.

A moratoria

Pela Associação Commercial do Funchal foi dirigida ao governo uma representação pedindo que não seja prorogado o praso da moratoria estabelecida na lei de 8 de janeiro ultimo, a não ser que se excluam as operações cambiaes realisadas entre as praças de Lisboa e do Funchal.

União da Agricultura, Commercio e Industria

Uma importante reunião do Conselho Consultivo—Entre outros assumptos, trata-se da regulamentação dos cambios

Sob a presidencia do sr. dr. Oliveira Feijão, secretariado pelos srs. Sousa Lara e Otero Salgado, respectivamente vice-presidentes da Associação Commercial de Lisboa e da Associação Industrial Portugueza, realisou-se hontem a sessão ordinaria mensal do Conselho Consultivo da União da Agricultura, Commercio e Industria. Esteve extraordinariamente concorrida por representantes das diversas collectividades.

A regularisação dos cambios era um dos capitaes assumptos dados para a ordem dos trabalhos da sessão. Esta questão interessa vivamente as forças productoras nacionaes e sobre ella se estabeleceu discussão acalorada.

O debate foi iniciado pelo sr. Thomaz Cabreira, que largamente justificou ser necessario para regularisar os cambios o emprego de meios praticos. Além do desequilibrio da balança commercial outro se lhe affigurava mais importante que era o desequilibrio entre a circulação fiduciaria e a reserva metalica do Banco de Portugal e essa differença dava approximadamente a percentagem do cambio, logo, o problema só podia ser resolvido pela entrada do ouro. N'esta ordem de ideias o sr. Thomaz Cabreira concluiu que a unica solução immediata para alcançar um cambio estavel e regular seria o governo obter um emprestimo.

O sr. Caetano Rego salientou que uma das primeiras causas da elevação do cambio era a concorrencia do governo no mercado cambial. Garantias para a realisação d'um emprestimo não faltavam. Não lhe parecia que o governo encontrasse difficuldades para realisar esse emprestimo e tanto assim que a missão commercial que ultimamente fôra á Inglaterra, encontrára ali a melhor disposição para ajudar Portugal na solução da sua crise economica devida á perturbação consequente da guerra europeia. A União devia reclamar do governo que resolva o assumpto com urgencia.

Na mesma ordem de ideias falou o sr. Carlos Ferreira. Outros oradores trataram ainda do assumpto, accentuando o sr. dr. Feijão que o papel da União seria apenas de apresentar ao governo a indicação do modo de pensar das forças productoras.

Apoz o sr. Thomaz Cabreira ter feito novas considerações sobre a sua proposta, foi resolvido aconselhar ao governo a realisação de um emprestimo como meio de alcançar a melhoria dos cambios.

Esse emprestimo, de accordo com a proposta do sr. Cabreira, seria de trez milhões esterlinos, dos quaes dois destinados a reforçar a reserva metalica do Banco de Portugal e o outro reservado ás necessidades do commercio e da industria, seria entregue a uma nova Junta Reguladora de Cambios.

Outros importantes assumptos para a economia nacional se trataram na sessão, entre elles o tratado de commercio com a Inglaterra, a questão das lãs, os descontos dos *warrants* e a collocação de vinhos nacionaes em Lourenço Marques.

Expedições ao sul d'Angola

A recepção de hoje em Belem

O sr. presidente da Republica recebeu hoje os cumprimentos do governador geral de Angola e dos officiaes que compõem o seu quartel general.

A's 15 horas e meia chegou a Belem o primeiro automovel conduzindo o sr. general Pereira d'Eça, o chefe do estado-maior major sr. Ortigão e o capitão sr. Carvalho Dias, seguindo-se outros com os srs. coronel Verissimo de Sousa, tenente coronel Prostes da Fonseca, majores Vieira da Rocha, Reis e Silva, Romeiras de Macedo e Archman, capitães Palermo d'Oliveira, Pires Monteiro, Vieira de Castro, Ruy Ribeiro, Carmona, Vasconcellos Magalhães, Chaves e Freitas Soares, tenentes Costa Dias, Victor, Mora, Costa Junior, Campos Rego, Abreu Campos, Franco, Cardoso Machado e Centeno de Sousa, alferes Napoles, Mourinha d'Almeida, Ortigão, Oliveira, Chaves e Ferrão.

Os officiaes foram introduzidos pelo 1.º official da presidencia sr. Luiz Barreto da Cruz, aguardando-se depois a chegada do sr. ministro das colonias para serem apresentados ao sr. presidente da Republica.

Entretanto, o sr. general Pereira d'Eça conferenciava com o chefe do Estado, demorando essa conferencia bastante tempo.

Finalmente, ás 17 horas, chegou em automovel o sr. ministro das colonias, acompanhado pelo chefe do seu gabinete sr. major Eduardo Marques.

Pouco depois dava entrada na sala Imperio o sr. presidente da Republica, acompanhado pelo secretario geral da presidencia, seguindo-se a apresentação dos officiaes.

O chefe do Estado apertou a mão a todos, clasificou de acertada a escolha do sr. general Pereira d'Eça para o logar que ia exercer e no qual saberá fazer respeitar a Republica. Espera que todos voltem cobertos de gloria, proporcionando dias de alegria a este paiz, já que alguns de tristeza tem tido. O sr. presidente da Republica terminou desejando boa viagem a todos e apertando-lhes novamente a mão.

PEQUENAS NOTICIAS

Na séde da Associação de Instrucção ás Classes Trabalhadoras, rua das Trinas do Mocambo, 65, B, continúa aberta em todos os dias uteis, das 20 ás 21 e meia horas, a matricula para os cursos gratuitos elementar primario e industrial.

NOTAS DIVERSAS

Segue para Badajoz, a occupar o cargo de consul de Portugal n'aquella cidade, o sr. Abel d'Aguiar Otêda.

O cruzador *S. Gabriel* chegou hontem a S. Thomé e deve ter seguido hoje para o Principe.

—Tomam ámanhã posse: do logar de director do hospital de S. José o sr. dr. Monjardino, do da Estephania o sr. dr. Lobo Alves, do de Arroyos o sr. dr. Costa Nery e do do Rego o sr. dr. Nicolau Bettencourt.

Fallecimentos

Falleceu hoje repentinamente o sr. Agostinho José Ermes Domingues, antigo e estimado empregado do Supremo Tribunal de Justiça, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, da rua Alves Correia, 177, 4.º, para o cemiterio dos Prazeres.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9|16	35 1|16
Londres, 90 d|v	35 7|16	—
Paris, cheque	$80,8	$81,2
Allemanha, cheque	$80	$81
Hollanda, cheque	$56,5	$57
Madrid, cheque	1$88	1$89
New York	1$40	1$41,5
Rio s|Londres	12 1|2	—
Libras	6$94	7$00
Agio do ouro	35 °|₀	45 °|₀

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,40	39,15
» » 500$	39,35	39,80
» » 100$	39,35	39,60

Externas: B. Commercial, 145$; Ultramarino, 100$20; Assucar, 40$10; Cazengo, 1$80; Moçambique, 8$55; Moagem (nova), 69$; Phosphoros, nom. e coup., 54$50; Gaz, assent., 51$.

Obrigações: Municipaes ou Districtaes, 5 0|0, coup., 74$; C. N. dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 79$.

R. A.

Espero-te com saudades na quarta-feira.—J.

SPORT

O jogo do «golf» em Portugal

A reportagem politica, a chamada reportagem da Arcada, forneceu á imprensa a seguinte nota:

Foi hontem publicada na folha official uma portaria nomeando uma commissão para preparar e acompanhar os trabalhos de construcção de um pavilhão e das installações necessarias para o estabelecimento do jogo do *golf* na cerca da Casa Pia de Lisboa.

Essa commissão é composta dos srs. Sebastião de Magalhães Lima, presidente do conselho de turismo; José Line Junior, vogal do mesmo conselho; Antonio Aurelio da Costa Ferreira, director da Casa Pia de Lisboa; José de Oliveira Soares, membro do conselho fiscal da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes; Joaquim Ferreira Borges, chefe da repartição technica da direcção da agricultura; Augusto Julio Bandeira Neiva, director das obras publicas do districto de Lisboa, e José de Athayde Ramos e Oliveira, director da repartição do turismo, dos quaes o primeiro servirá de presidente e o ultimo de secretario.

Mas o que é o golf?

O golf *é o jogo nacional escocez, muito jogado em toda a Inglaterra. Quem viajar, por exemplo, na linha do caminho de ferro de Southampton para Londres verá innumeros terrenos de* golf *dos dois lados da linha.*

Na Suissa, junto de cada grande hotel de montanha ou das estações thermaes ha um golf.

E' um sport *aristocratico e é praticado em Inglaterra pelas pessoas mais em evidencia. Todos se recordam de ver com frequencia, nas illustrações inglezas, photographias dos ministros Balfour e Churchill a jogar o* golf.

E' facil descrever este bello sport.

N'um terreno immenso, apresentando toda a sorte de obstaculos naturaes, (sebes, vallas, etc.,) estão dispostas algumas cavidades, nove ou dezoito, geralmente. A sua situação é indicada por bandeiras. Em volta de cada uma d'essas cavidades está o terreno cuidadosamente alisado, formando uma especie de plataforma, que os inglezes denominam— putting-green. *O terreno está assim preparado para facilitar, nas immediações da cavidade, o trabalho, difficil n'esse ponto, do jogador.*

O jogo consiste em fazer avançar uma pequena bola de borracha endurecida, com successivas pancadas dadas com uma especie de colher, de madeira, de fórma especial, tendo um comprido cabo, quasi em angulo recto, em relação á concha.

O jogador parte de um ponto determinado, chamado tee, *lançando a bola na direcção de uma primeira cavidade, situada a uma distancia, variando de cem a duzentos metros. Em seguida avança, procura a bola e repete o golpe, até chegar ao* putting-green, *de onde faz então á primeira cavidade.*

A uns quinze metros da cavidade, encontra-se um novo ponto de partida. O jogador repete o que fez e assim successivamente até ter percorrido as dezoito cavidades. O vencedor é aquelle que consegue fazer o percurso e as cavidades em menor numero de golpes.

Uma partida de golf *com dezoito cavidades representa uma marcha de 4 a 10 kilometros, segundo a extensão dos terrenos e dos zig-zags que fazem os jogadores.*

Os concorrentes de uma partida devem deixar entre si o intervallo de um trajecto e não passar á frente uns dos outros. Só podem tocar na bola com o club. *Chama-se* club *o utensilio de que se serve o jogador para fazer avançar a bola. Os jogadores teem á sua disposição uma collecção de* clubs *de differentes modelos. A bola pode ir, effectivamente, aninhar-se n'um charco, n'uma cova ou na areia. E' evidente que, para fazer avançar a bola, deslocando-a bem, os* clubs *devem ser differentes, segundo o estado do terreno.*

Esta collecção de clubs *é transportada, frequentemente, por um* caddie, *rapaz ou homem retribuido pelo* gentlemen *que pode ter esse luxo.*

* * *

Com que fim é adaptado o golf *em terras portuguezas? Para favorecer o turismo. Mas, se assim é, permittimo-nos a observação de que se começa pelo fim. De que serve a existencia de um* golf-link *n'um paiz onde não ha estradas e existe um criminoso abandono pelas bellezas naturaes? O* golf, *para chamar estrangeiros, é bom; mas insufficiente...*

* * *

Nota do dia

O 40 anniversario do Gimnasio Club

Temos sobre a nossa banca de trabalho uma noticia enviada pela direcção do Gimnasio Club e que communica passar a 18 d'este mez o 40.º anniversario da benemerita colectividade, commemorando-se essa data com um grande banquete de confraternisação na séde do Club e um sarau seguido de baile, em homenagem aos socios fundadores.

Valtamos a fazer a essa noticia um commentario exarado nas columnas d'*A Capital* ha perto de um mez: «E' pequeno, muito pequeno o programma commemorativo de um 40.º anniversario».

Para um club, festejar uma data, com jantar, sarau e baile, achamos sufficiente. Mas para o Gimnasio, que é além d'um club, uma colectividade benemerita na propaganda da educação phisica e um verdadeiro instituto de gimnastica, é pouco.

Pódem as festas apresentar-se brilhantes, como em geral são todas as que o Club organisa mas o seu brilhantismo é só aproveitado *em familia*. Ora nós entendemos que o grande publico é que precisa saber que o Gimnasio existe, que completa 40 annos de trabalho persistente, cumprindo uma nobre missão de propaganda, desajudado dos poderes publicos e mantendo sempre o seu logar de primacial destaque na marcha do athletismo. Fazendo conhecer estes factos, o Gimnasio Club prestava um grande beneficio á causa da educação corporea e justificava, com evidente clareza que tem sido um benemerito obreiro no aperfeiçoamento da raça portugueza.

* * *

Algumas anecdotas

A melhor proeza de Emile Deriaz foi derrubar um dos colossos da Turquia

Lembram-se de Emile Deriaz, o simpathico suisso. Lá vae a narrativa do melhor combate da sua vida.

Ha uns oito annos annunciava-se em Paris, nas Folies Bergère, *um campeonato de lucta. Um grupo de hercules, contractado por um emprezario, luctava todas as noites durante 60 ou 80 minutos que, para esse fim, estavam reservados no programma do espectaculo.*

Em regra, quando se annuncia um campeonato de lucta, o emprezario costuma contractar dois ou trez homens do paiz, cuja força é já conhecida do publico, para estabelecer um termo de comparação e dar a medida exacta do valor dos campeões. O emprezario, seguindo o uso, dirigiu-se á rua des Boulets, onde Emile Deriaz tem o seu gimnasio, com o fim de obter o seu nome, bem conhecido dos parisienses, para luctar com os bons campeões estrangeiros inscriptos.

Chegando ambos a accordo quanto ao dinheiro que Deriaz receberia por noite, o emprezario despedia-se, dizendo: «Sei que vaes fazer bellas luctas; tens optimos adversarios e deves chegar quasi ás finaes».

—Quasi? Porque não hei de chegar mesmo á final?

—Porque tenho oito ou nove homens que tu não conseguirás tombar. Esses homens teem a reputação feita, o publico já os aponta com os melhores e tu não os pódes vencer.

O emprezario fazia injustiça ao valor combativo de Deriaz, cujos impetos de leão ainda não tinha podido apreciar. Deriaz retorquiu:

—Pois tenho a certeza de que hei de vencer alguns d'esses taes campeões, não me importando de destruir os teus planos.

—Sim?—respondeu-lhe furioso o emprezario.—«Pois vaes luctar contra Madrali Ahmed, o terrivel turco, que te ha de abater a prosapia. Eu juro que hei de vêr-te tocar o tapete com as espaduas emquanto o diabo esfrega um ôlho!

Devemos dizer que havia entre os inscriptos Paul Pons, Raoul de Boucher, o gigante servio Antonitch, o allemão Siegfried, Madrali Ahmed, (não confundir com o Madrali que veiu a Lisboa), o austriaco Smeykal Cazeaux, Théfik-Ali e Pengal.

Eram estes os homens designados por todos para chegarem á final e d'elles havia de sahir o vencedor. Era quasi certo que o campeão seria Paul Pons, então invencivel, depois de luctas longas, de matches *nullos interminaveis com Madrali Ahmed e mesmo com Siegfried, que juntamente com o turco tinha creado uma grande reputação em Londres, pelos homens extraordinarios que tinha conseguido tombar.*

Já tinha sido publicado o regulamento que estatuia que todo o homem que fosse tombido duas vezes, durante as primeiras luctas, seria eliminado. E já algumas luctas se tinham dado, quando uma noite o emprezario disse a Deriaz:

—Vaes luctar ámanhã e vaes ser vencido.

—Não me parece—respondeu socegadamente Emile.

—Já estão designados os nove homens para a final, pois são intombaveis pelos restantes, e não és tu que lhes vaes roubar o logar.

—Veremos isso—teimava Deriaz.

—Pois bem, ámanhã combates contra Madrali Ahmed e, depois de ámanhã, contra Siegfried e és um homem ao mar.

No dia seguinte, o programma annunciava, entre outras luctas, Emile Deriaz, suisso, 96 kilos, contra Madrali Ahmed, turco, 125 kilos.

E o publico, que n'essa noite enchia a sala, não suspeitava que ia assistir a uma lucta furiosa, a um espectaculo extraordinario. Durante todo o dia, o suisso estivera de mau humor, sem responder ás palavras de incitamento dos amigos, taciturno e preoccupado, como se ruminasse algum plano que necessitasse de madura e profunda reflexão.

Para vencer tem de derrubar duas vezes

Approximou-se a hora da lucta. Madrali, seguro da sua superioridade, estava absolutamente calmo e nem de leve lhe passava pela ideia que a sua victoria e o seu logar na final estivessem em perigo. Deriaz, embrulhado no seu manto, estremecia de impaciencia, os nervos n'uma tensão espantosa.

Tinham avisado Madrali: —«Acautella-te, que o suisso está furioso, e vaes ter uma lucta a la bourre».

O turco encolheu os hombros n'um gesto de desdem.

Alguns minutos depois, estavam frente a frente: o speaker *apresentou-os ao publico e o arbitro, levando o apito á bocca, deu o signal para o começo da lucta. Os outros luctadores, habitualmente desinteressados, tinham-se approximado do* ring. *Os adversarios olharam-se. Madrali, calmo e tranquillo; Deriaz, parecendo outro, branco como a cal, as mãos crispadas, toda a sua força nervosa concentrada, prompto a descarregar toda a sua energia n'um só golpe. Dado o signal, Emile Deriaz, com um salto de tigre, n'um choque espantoso, abraçou o turco com os seus braços formidaveis e, fazendo uma torsão de rins irresistivel, deitou a terra Madrali com uma* cintura de frente, *assentando-lhe as espaduas no tapete, sem que o seu terrivel adversario, espantado, lhe pudesse resistir.*

Deriaz levantou-se triumphante, mas o arbitro não dera o signal de victoria. «As duas espaduas não tocaram simultaneamente»—annunciou elle, emquanto se dava na sala um tumulto indescriptivel, pois o publico tinha o suisso por vencedor.

Este, que se preparava para sahir do ring, *voltou-se e, quando comprehendeu que ainda não tinha ganho, que lhe seria necessario fazer de novo um esforço sobrehumano, teve um segundo de desanimo e de hesitação. Mas só um segundo, porque, em seguida, bruscamente, como um louco furioso, terrivel de aspecto, arremessou-se sobre o turco, já em guarda, e voltou a esmagal-o com o mesmo golpe, com a mesma rapidez fulminante. Mas, d'esta vez, não o largou. Manteve-o debaixo d'elle, esmagando-o n'um abraço herculeo, de todo o seu peso e, levantando a cabeça para o arbitro, perguntou-lhe:—«E agora, está?» O arbitro teve que apitár; e o turco estava irremediavelmente vencido.*

Esta scena grandiosa não chegara a durar um minuto.

Noticias

Entre nós

Desafios de «foot-ball»

No proximo domingo, o mais importante desafio de *foot-ball* é o que colloca em presença do Sport Lisboa e Bemfica o Lisboa Foot-ball Club.

Festas de patinagem

Para a noite de quinta-feira, ficou marcada uma grande sessão de patinagem no *rink* de cimento armado dos Recreios Desportivos da Amadora. Na *marquise* junto ao *rink* serão dispostas varias «bancadas» de fauteuils para as senhoras dos socios assistirem aos exercicios.

Campeonato de pesos e alteres

E' absolutamente certo que o campeão de força Francisco Padinha se inscreveu no campeonato de pesos e alteres que se annuncia para breve.

Diz-se que o herculeo athleta vae levantar mais de 125 kilos ao *jeté* com dois braços e mais de 105 kilos ao *devolopé* com dois braços.

Campeonato de box

A Federação Portugueza de *box* não descança na organisação do seu campeonato nacional. Trabalha com vontade de tornar espectaculosa a sessão da proxima sexta-feira, no Salão da Trindade, na qual se disputam as *finaes* e em que se effectiva o *match*, tão anciosamente esperado e tão discutido febrilmente entre os srs. Basilio d'Oliveira e Tobias Xavier.

A contas com a policia

Ao 2.º sargento n.º 344 de infantaria 4, addido a infantaria 5, roubaram no loja de bebidas da rua Eugenio dos Santos, 42, a quantia de 275$00. Do facto foi apresentada queixa á policia.

* * *

Pelo processo do «conto do vigario» foi burlado na quantia de 65$00 o sr. Antonio Augusto, morador na rua do Assucar ao Beato, 28, loja.

* * *

João dos Santos Junior, sem domicilio certo, foi hoje preso a requisição do sr. Joaquim de Oliveira, residente na rua Sá de Miranda, 3, que o accusa de lhe ter furtado 75$00.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Inicio»

O numero 2 d'esta revista de arte, litteratura e critica traz artigos de Ruy Chianca, Castello de Moraes e Augusto Seia, bonitos versos e uma carta inedita de Ramalho Ortigão.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — Não ha espectaculo.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — A's 21 — Genio alegre.
TRINDADE — A's 20,30 e 22,30 — Verdades e mentiras — Revista.
GIMNASIO — A's 21 — Pinto calçudo.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21 — A princeza dos dollars.
APOLLO — Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — Gimnasio — *Réprise* do *Pinto calçudo.*

QUINTA-FEIRA — S. Carlos — Recita de assignatura — 1.ª representação de *A força do destino,* de Hervieu, traducção de Mello Barreto. — *Commissario bom rapaz.*

— Trindade — 100.ª das *Verdades e mentiras.* — Recita do auctor.

— Gimnasio — Recita de Maria Mattos e Mendonça de Carvalho — 1.ª representação de *Amor de marinheiro,* de «Giesta». — *A sopa no mel.*

— Apollo — Reapparição da companhia Ruas — *A aguia negra.*

SEXTA-FEIRA — Gimnasio — Recita de Silvestre Alegrim — *O commissario de policia.*

SABBADO — Eden-Theatro — Estreia da companhia d'opera lirica — *Aida.*

* * *

Ao correr da penna

O melodrama está morto em Portugal e, sempre que se trata de theatro popular, não posso deixar de lamentar na intimidade dos meus botões o desapparecimento d'esse genero altamente educativo, inventado para o castigo do crime e para o triumpho da virtude. Era um theatro de emoção e de commoção. Nos «specimens» felizes do melodrama, o riso era habilmente baralhado com as lagrimas. Sahia-se sempre do theatro com uma impressão consoladora. A pobre menina perseguida durante os cinco actos, a viuva infeliz, o desgraçado perseguido pelos erros da justiça, o bastardo simpathico, a florista cega, o guarda-caça dedicado, todos os virtuosos, emfim, recebiam o premio das suas dedicações. O magistrado cynico, o bandido descaroavel, a condessa orgulhosa, o militar traidor, o corcunda carrasco de creanças, todos os simbolos da maldade tinham uma punhalada garantida, a não ser que se contentassem no acto do tribunal, em condemnál-os em presidio por toda a vida e mais seis mezes.

Em vez d'essas succulentas fatias de boa justiça, o que teem dado ao povo? A revista, quasi sempre escripta por audazes corsarios da litteratura lusa, em que ao dueto da Abobora *e do* Nabo *succede a eterna valsa da* Electricidade *e a apotheose ao* Progresso *e á* Liberdade.

O melodrama fazia actores. Tinha difficuldades de representação que seleccionavam os artistas. Para fazer chorar era preciso ter alma. Para se ser a 3.ª cocote basta ter pernas e agitál-as quando se usen.

Havia melodramas bons e havia-os excellentes. Os espiritos superiores começaram a achar ingenuo e gagá aquelle genero theatral. O que nos deram em troca não vale dois caracoes.

Cyrano

* * *

Boatos e informações

Entre nós

● A companhia do Nacional, no seu regresso a Lisboa, começará ensaiando a comedia de Chagas Roquette *A conversão de Belchior.*

● A companhia Ruas ainda se demora alguns dias no Porto em vista do exito do *Sonho dourado.*

● O actor Pato Moniz será substituido na *reprise* da *Aguia Negra* pelo actor Simões Coelho.

● Os alumnos do liceu Pedro Nunes realisam no proximo dia 18 uma recita no Salão da Trindade. Entre varios numeros d'essa festa figura a comedia de André Brun *O creado do Tavares*, desempenhada por estudantes.

● A centesima representação das *Verdades e mentiras*, a famosa revista de Eduardo Schwalbach, realisa-se depois de amanhã, em festa consagrada ao illustre comediographo. A revista, cujos numeros novos teem agradado extraordinariamente, promette continuar a attrahir ao theatro da Trindade quantos apreciam a verdadeira graça.

No estrangeiro

Michel Carré realisou no theatro Michel uma conferencia sobre *As canções patrioticas* destinando-se o producto aos feridos da guerra.

● Na Opera Comica de Paris estreou-se uma peça allegorica *Les soldats de France* em que são cantados todos os himnos francezes, sendo a *Marselheza* interpretada por Martho Chenal.

Circos & Music-halls

Um «luctador» engravado

Lembram-se de Hackenschmidt, o famoso luctador russo? Lembram, certamente, porque o herculeo athleta foi o melhor luctador de greco-romana, o terror de todos os valentões e o homem que passeou o seu orgulho de intombavel pelos circos, arenas e music-halls *europeus e americanos.*

Hackenschmidt, em quatro annos de vida profissional e, principalmente, em exhibições na America contra o celeberrimo Frank Gotch, ganhou uma fortuna enorme que lhe permitte os prazeres d'um viajante e d'um turista endinheirado e prodigo. Um artista da actual e maravilhosa companhia do Coliseu, um dos Fredianis, contou-nos que essa fortuna era superior a 300 contos! Outro artista, o empresario dos phenomenaes acrobatas persas, contou-nos que o leão russo fazia na Côte d'Azur uma vida de principe milionario!

Querem saber o que acontece a esse campeão?

A noticia chega-nos por intermedio do sr. Leonard Parish, o activo agente e emprezario e que ha dias regressou a Madrid com a formação completa d'uma companhia para o seu circo. «Georges Hackenschmidt, o campeão russo, foi apanhado n'uma rua de Berlim, por onde passava como turista e feito prisioneiro. O simpathico luctador, que é um homem rico, está desesperado porque não tem dinheiro comsigo e não tem meio de o levantar do banco de Inglaterra onde o depositou».

* * *

Primeiras representações

RUA DOS CONDES — *A cantora italiana Stellina.*

O merecimento das boas cantoras de opera e operetta é sempre um recurso que alguns artistas possuem para obter successo quando, por capricho artistico, vão até ao tablado d'um «music-hall». Pode falhar-lhes a graciosidade d'uma «chanteuse» e a vibratilidade d'uma coupletista hespanhola ou d'uma «salerosa» bailarina mas sobeja-lhe a vantagem de saber cantar. E o certo é que obteem successo. Assim aconteceu, por exemplo, ás cantoras da companhia Caramba, que foram para o Foz, a Pasquini, e para a Rua dos Condes, Carla Cenami e Stellina. Esta estreiou-se hontem, com agrado geral.

* * *

COLISEU DOS RECREIOS — *Novos exercicios «icarios» dos Fredianis e dos Persas.*

Hontem, na «soirée» da moda do Coliseu e para a qual o emprezario vendeu todos os bilhetes, os artistas persas e os equestres Fredianis, quizeram rivalisar nos applausos. Executaram, para isso, nos seus programmas novos exercicios de «icarios».

Os Fredianis fizeram, livremente, sem auxilio de cinto, a arrojada «columna a 3» e deram saltos de sahida sobre o «tapete», dos hombros da «base» para o chão em «duplo mortal»! Os persas executaram varios saltos arabes e nos «icarios» «rodopiaram» com trez «volantes» ao mesmo tempo e unidos como se fôsse um só homem! A assistencia victoriou-os com applausos vibrantissimos.

Noticias

Entre nós

A cantora Carla Cenami foi «prolongada» no seu contracto no theatro da Rua dos Condes.

—O Salão Foz estreia, na proxima semana, uma coupletista celebre.

—No Porto está obtendo exito a bailarina Bella Emilia, que, na ultima semana, trabalhou em Lisboa.

—Já hontem recomeçou os seus ensaios de «vôos á Leotard» o gimnasta portuguez Carlos Martyres, que, no penultimo domingo, no Gimnasio Club Portuguez, soffreu uma distensão muscular executando uma «pirueta e meia» de trapezio para trapezio.

—Na quinta-feira estreia-se no Coliseu a atiradora de carabina m.elle de Roqueverry.

—O magnifico Salão Olimpia mantém no seu écran a fita «Rocambole».

—A gerencia do Coliseu de Lisboa, passou, desde hontem, a ser feita pelo sr. João Raymundo, muito conhecido nos meios theatraes.

No estrangeiro

O luctador Salvador Chevalier (Iwanoff) foi feito sargento no campo da batalha e decorado com a medalha militar.

RUA DOS CONDES — A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA — A's 20 — Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella) — A's 21 e 22,30 — O sonho do mosquito.

Movimento maritimo

Vigo e Liverpool, «Alcantara», (Brazil)	3
Africa occidental e oriental, «Africa»..	4
Archipelago dos Açores, «Funcal»........	5
Vigo e Liverpool «Darro» (Brazil)........	5
Bordeus, «Guadeloupe» (Brazil)............	5
Madeira e Canarias, «Aguia», (Liverp.)	5

revelou, primeiro em conversas particulares, depois em publicações cada vez mais precisas em 1896, a seguir á visita do czar á França e dos brindes trocados em Châlons, o papel desempenhado pela diplomacia allemã, que não podia ficar n'uma situação airosa, como não ficou, pois se revelava claramente a sua duplicidade para com a Russia.

Bismarck sahira do poder a 27 de março de 1890. A 11 de maio, o granduque Nicolau, generalissimo russo, vencedor de Plevna, chegou a Paris e teve uma conferencia com o então presidente do conselho e ministro da guerra, Freycinet, a quem declarou que, se fôsse ouvida a sua opinião, os dois exercitos em caso de guerra formariam apenas um, o que impediria que alguem se atrevesse a affrontar a França e a Russia unidas. O caracter militar da alliança que estava proxima a concluir-se, ficava nitidamente estabelecido desde aquelle momento.

Almirante von Tirpitz, commandante em chefe da esquadra allemã

Em breve se affirmou publicamente e de um modo brilhante. O addido naval francez em S. Petersburgo foi advertido discretamente de que a visita de uma esquadra á Russia seria acolhida com manifestações que mostrariam claramente a sympathia existente entre os dois governos e os dois paizes. O imperador aproveitaria a occasião para dar a conhecer os sentimentos que nutria pela França.

Em julho de 1891, uma esquadra franceza, sob o commando do almirante Gervais, partia de Cherburgo para o Baltico.

A recepção que teve em Cronstadt não pode ser esquecida. O imperador Alexandre III ouviu, de pé, a *Marselheza* tocada pela banda da marinha russa. O imperio dos czars estendia, por cima da Allemanha, a mão á Republica franceza.

Ao sahir de Cronstadt, a esquadra do almirante Gervais, antes de regressar á França, foi a Portsmouth, para mostrar que a approximação franco-russa de modo algum era hostil á Inglaterra.

No anno seguinte, a visita a Paris dos marinheiros do almirante Avellan foi acolhida com as maiores demonstrações de alegria e extraordinario enthusiasmo, que eram prova evidente dos sentimentos unanimes da nação franceza, cujo governo, composto de homens como Freycinet e Ribot, então ministro dos estrangeiros, sob a alta presidencia de Sadi-Carnot, não ficava inactivo.

Em Paris, o embaixador barão de Mohrenheim, activo e vigilante, secundava os designios do seu governo; o embaixador francez em S. Petersburgo, Laboulaye, soubera conquistar a plena confiança do czar Alexandre.

N'um relatorio do barão de Mohrenheim, dando conta da resposta do governo francez a uma proposta feita por Giers, ministro dos negocios estrangeiros russo, o imperador escreveu a lapis azul, com a sua grande letra: «Ha de ser assim».

E assim foi.

As bases da alliança franco-russa foram assentes a 27 de agosto de 1891. Eram exclusivamente pacificas e defensivas, por consequencia um tanto ou quanto platonicas. Por isso, exigiam uma dupla acção: como, no caso de um conflicto, os dois exer-

lemanha do Norte só podia assegurar-se da fidelidade da Allemanha do Sul encarregando-se dos interesses d'esta. A Austria-Hungria, repellida e como que expulsa dos territorios onde havia reinado, só podia expandir-se para o Danubio. Bismarck explica-o perfeitamente nas suas «Recordações», quando escreve: «E' natural que os habitantes da bacia do Danubio possam ter interesses e pretenções que vão além dos limites actuaes da monarchia austro-hungara. O modo como se constituiu o imperio allemão mostra como a Austria pode agrupar em redor de si interesses entre as populações de raça romaica e as boccas do Cattaro». Estas palavras eram para a Austria um verdadeiro programma d'acção. A resolução da Allemanha de unir a sua sorte á da Austria-Hungria foi tambem uma das origens da guerra actual.

Visto que a nova Allemanha impunha semelhante politica á Austria-Hungria, tinha de apoial-a, porque, a não ser assim, a politica austro-hungara teria talvez mudado e, ainda á franceza, podia ser maior perigo o dominio prussiano na Allemanha.

Para a politica que queria seguir, Bismarck tinha de apoiar-se nos hungaros, cujo odio aos slavos conhecia. Serviu-lhe de instrumento Andrassy, que concluiu o tratado de alliança entre os dois imperios, tratado que foi um pacto pelo qual era assegurada á Austria-Hungria facil expansão nos Balkans, ao passo que se oppunha á expansão slava na peninsula.

Esse pacto, por ser anti-slavo, era forçosamente anti-russo. Bismarck, apesar de toda a sua habilidade, não podia modificar esse estado de cousas e reconhecia que a alliança com a Austria-Hungria era motivo para sérias apprehensões que mais tarde ou mais cedo surgiriam: a questão religiosa, a possibilidade d'um entendimento com a França assentando no catholicismo, a falta de habilidade politica do elemento allemão austro-hungaro. Quer dizer, se uma certa independencia politica se manifestasse em Vienna, inspiraria tal facto, sérios receios.

Ou a Allemanha, abandonando a Austria, via a Austria abandonal-a, ou a Allemanha, separando-se da Russia, via a Russia separar-se della: tal era o dilemma em que a Allemanha se via envolvida. Accrescentaremos ainda que tinha de fazer frente á França e vêr-se-ha quão difficil, se não impossivel, lhe era arcar simultaneamente com trez problemas, qual d'elles o mais difficil solucionar.

Um outro erro da politica bismarckiana foi o de não pensar nos povos balkanicos. A questão do Oriente para Bismarck nada valia e durante o Congresso de Berlim por mais de uma vez elle manifestou claramente essa opinião, entendendo e dizendo sem rodeios que era tempo perdido o que se gastava em discutir a sorte d'esses povos, collocados fóra do circulo de civilisação europeia e que não tinham futuro algum, não devendo, portanto, interessar á Europa senão nas consequencias que podiam ter para as relações das grandes potencias europeias.

Foi d'esse erro que devia originar-se a tempestade destinada a abalar o edificio tão cuidadosamente erguido por Bismarck. Razão tinha o grande estadista ao proferir a phrase prophetica, de que baldadamente tentou desculpar-se: «Aos slavos deve esmagar-se-lhes a cabeça contra uma parede».

A unidade allemã, ameaçada pela grandeza slava, sem ter sabido conciliar o apaziguamento da França, tal a razão diplomatica essencial da actual conflagração. Bastaria essa razão para tudo explicar, se a Allemanha, por um excesso de imprudencia, não tivesse ainda conciliado a hostilidade da Inglaterra. Mas, antes de explanarmos esse ponto, devemos occupar-nos das consequencias da escolha feita pela Allemanha quando, collocada entre a Austria e a Russia, optou pela primeira d'estas nações.

Logo que terminou o Congresso de Berlim, a Russia reconheceu o erro que praticara não intervindo na

guerra de 1870. A Allemanha alliára-se com a Austria: só lhe restava, a ella, voltar-se para a França.

Esta seguira uma politica habil e digna. Vencida, concentrára-se, tratára de cicatrisar as feridas que lhe haviam sido feitas, preparára-se para fazer frente, sendo preciso, a um novo ataque, e esperára a hora da justiça immanente, que chegaria mais cedo ou mais tarde, devido aos erros da sua inimiga.

A habilidade da França consistia em esperar que as potencias, feridas pelo orgulho do colosso allemão, que se tornava insupportavel, se voltassem para ella. Foi a Russia a primeira a fazel-o.

Talvez que o tratado de Berlim não tivesse sido o sufficiente para libertar a politica russa das hesitações do governo imperial, se um facto da maior importancia se não tivesse dado: a conclusão d'uma alliança formal da Allemanha com a Austria-Hungria, alliança que em breve se ia tornar na Triplice, com a juncção da Italia.

Pouco depois de terminar o Congresso de Berlim, o principe de Bismarck fôra a Vienna. A 27 d'outubro de 1881, o rei Humberto, acompanhado pelo seu presidente do conselho e pelo ministro dos estrangeiros, Mancini, dirigia-se tambem á capital da Austria. A opinião publica seguia attentamente essas viagens, mas não lhes conhecia a verdadeira significação.

O principe de Bismarck começára a tecer a teia que, no seu entender, devia reduzir a França á impotencia, isolando-a na Europa. Começou pela Austria-Hungria. O ministro dos negocios estrangeiros d'esta nação, o conde de Beust, de origem saxonia, entendia dever ter as mãos livres com respeito á Allemanha, embora collaborando activa e pacificamente —dizia elle—para o bem e a prosperidade dos dois imperios. Bismarck entendeu-se com o hungaro Andrassy e conseguiu que Francisco José, o vencido de Sadowa, entregasse a sorte do seu imperio nas mãos do ministro que expulsára a Austria da Allemanha. Uma entrevista dos dois soberanos se realisou em Salzbourg, entrevista que, no proprio dizer de Francisco José, se tornou «a mortalha do conde de Beust».

A 7 d'outubro de 1879 foi assignado, em Vienna, o tratado cujo texto foi publicado a 3 de fevereiro de 1888 e que firmava uma alliança defensiva entre a Allemanha e a Austria-Hungria.

Esse tratado, firmado pelo austriaco Andrassy e pelo principe allemão Henrique VII de Reuss, compunha-se de trez artigos. No primeiro estipulava-se que, se um dos dois imperios fôsse atacado pela Russia, o outro se obrigava a auxilial-o com todo o seu poder militar, e que a paz só seria concluida de commum accordo e conjunctamente. No segundo, estatuia-se egualmente que, no caso d'um dos dois imperios ser atacado por qualquer outra potencia, o seu alliado não só não apoiaria o aggressor, mas observaria pelo menos uma neutralidade benevola para com a parte contractante. Se, porém, a potencia atacante fôsse auxiliada pela Russia, quer sob a fórma de cooperação activa, quer por meio de medidas militares que ameaçassem a potencia atacada, vigoraria immediatamente a obrigação imposta pelo artigo primeiro. Finalmente o artigo terceiro mandava conservar secreto o tratado, em razão do «seu caracter pacifico e para evitar falsas interpretações», só podendo ser communicado a outra qualquer potencia com pleno conhecimento das duas partes contractantes e por mutuo accordo. Se os preparativos da Russia se tornassem ameaçadores, a Allemanha e a Austria consideravam como um dever de lealdade informar o imperador Alexandre III de que tomariam como dirigido ás duas nações qualquer ataque dirigido contra uma d'ellas.

O principe de Bismarck contrapunha assim a uma alliança franco-russa, que previa, a alliança austro-allemã, não se importando romper com a Russia e com a politica dos Trez Imperadores, visto que no texto do tratado só a Russia era visada.

Esse tratado, de resto, era unicamente defensivo: um dos imperios

só era obrigado a auxiliar o outro no caso d'este ser atacado pela Russia. No caso do atacante ser qualquer outra potencia, apenas tinha de conservar uma neutralidade benevola. E a ultima clausula—a communicação do tratado á Russia—era nada mais nada menos do que um meio de intimidação que se reservava para occasião opportuna.

Bismarck não considerava ainda sufficiente um tal accordo. Queria dar todas as seguranças possiveis á Austria-Hungria, a qual, em 1866, havia tido a Italia por adversaria. Ora a Italia era ou podia tornar-se um adversario perigoso; era pelo menos um visinho incommodo. Bismarck encarregou-se de arranjar as coisas.

A Italia ficára com odio a Napoleão III por este haver defendido o poder temporal do Papa; além d'isso, fôra grande o seu desapontamento ao vêr estabelecer o protectorado francez na Tunisia. Não gosta da Austria, mas podia sentir um certo receio pela sua unidade, se Bismarck se occupasse da questão do poder temporal. O proprio Bismarck explica o processo que empregou para fazer pressão sobre a Italia.

Em 1882 foi assignado em Vienna o tratado entre a Allemanha, a Austria-Hungria e a Italia, tratado que, completando o de 1879, firmava a Triplice Alliança.

O texto não foi publicado, mas sabe-se que as suas clausulas diferiam sensivelmente do firmado entre a Allemanha e a Austria; tinham um caracter unicamente defensivo, limitando-se a «instituir uma garantia territorial reciproca, obrigando-se cada uma das partes contractantes a contribuir para a defeza do territorio das outras, que fossem alvo de uma aggressão extranha». A França e a Russia, ambas isoladas, viam-se assim encerradas, pela habilidade do principe de Bismarck, n'um formidavel circulo de trez milhões e meio de bayonetas. A diplomacia allemã sentia-se senhora da Europa.

A alliança vigorava por cinco annos, mas, renovada com regularidade em maio de 1882, em março de 1887, junho de 1891, maio de 1898 (por seis annos), maio de 1904 e maio de 1909, tornou-se a base normal da politica das trez potencias que a haviam concluido: só a Italia, achando-se um pouco mais livre, fazia por vezes, na occasião do renovamento, sentir o preço da sua adhesão. A data do ultimo renovamento é a de junho de 1913. A formula, deveras prudente, que a Italia assignára permittiu-lhe conservar-se até agora neutral, sem violar o texto do tratado.

O principe de Bismarck, tendo tomado as suas precauções contra a Russia, imaginou como acto d'uma diplomacia superior o obter toda a segurança do lado da propria Russia. Receiava que ella, ameaçada pela Triplice Alliança, se voltasse para a França. E teve a habilidade de levar a chancellaria moscovita a depositar n'elle toda a confiança. Em setembro de 1884 obteve do governo imperial, a quem o phantasma da França revolucionaria espantava, a assignatura d'um tratado, pelo qual a Allemanha e a Russia se compromettiam reciprocamente a uma neutralidade benevola, no caso d'uma d'ellas ser atacada por outra potencia.

Todas as precauções estavam tomadas. O proprio Bismarck, no debate a tal respeito havido em 1896, declarou que a Austria-Hungria e a Italia não desconheciam a garantia supplementar tomada pela Allemanha do lado da Russia. Mas esta nação, presentindo o perigo de situação tão mal definida, apenas tomára semelhante compromisso por trez annos. Em 1887, recuperava a sua liberdade d'acção.

Em março d'esse anno, foi renovada a Triplice Alliança. Bismarck continuava vigilante. Mas em 1890 um gravissimo acontecimento se deu na Allemanha. O novo imperador Guilherme II, que subira ao throno a 15 de junho de 1888, dispensou os serviços do chanceller.

Bismarck, não podendo refrear a cólera que o invadira e querendo fazer conhecer ao mundo a extensão da ingratidão de que era victima,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1643 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 3 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Hora decisiva

Não é já segredo para ninguem que, em presença do gravissimo conflicto aberto entre o poder executivo e o poder legislativo, duas figuras de maior destaque na Republica Portugueza, ambas estranhas a partidos, entenderam dever intervir no sentido de encontrar uma solução conciliadora que evitasse um golpe fatal na propria estructura do regimen. Esses homens, vultos republicanos da maior grandeza, conhecidos em todo o paiz e fóra d'elle, e cujos nomes são garantias de ordem, de progresso, de lealdade aos principios e de ardente amor patriotico, homens que teem a dignifical-os longos annos de propaganda democratica para a salvação nacional, receberam para esse fim o apoio claro e cathegorico dos grandes partidos da Republica. Os homens a quem alludimos são os srs. drs. Bernardino Machado e Magalhães Lima.

O primeiro foi um dos ministros do Governo Provisorio, d'esse governo ao qual se deve a applicação de tantos principios bellos, generosos e progressivos da Republica. Foi o nosso primeiro ministro dos estrangeiros, que soube conciliar para a Republica nascente as sympathias de todo o mundo. Foi o nosso primeiro embaixador no Brazil, onde fez amar por portuguezes e brazileiros as nossas instituições nacionaes. Foi o penultimo chefe do governo, e durante a sua direcção nos negocios publicos se alguns dos seus actos puderam merecer os reparos da paixão, ninguem jámais o viu infringir, n'um apice, a Constituição da Republica, nem deixar de manifestar sempre o seu espirito de ordem e de tolerancia.

O segundo é tambem uma figura primacial da Republica que ha quarenta annos tem servido, no paiz e fóra d'elle, com um desinteresse, uma ausencia de vaidades e de ambições, um constante culto ao ideal que ella define e symbolisa, nunca se deixando possuir pelas paixões sectarias e tendo sempre o cuidado de se arredar das luctas dos partidos, cuja violencia a sua alma de republicano sempre profundamente lamentou. E' esta a primeira vez que Magalhães Lima intervem, e basta o conhecimento d'essa intervenção, sabendo-se quanto elle não tem querido influir na politica portugueza, para dár a todo o paiz e até ao estrangeiro a convicção de que a hora é de grande, real e angustioso perigo para a Republica e para a Patria.

A solução que estes dois homens publicos procuram effectivar é uma solução que não aggrava o governo, que não diminue a sua força, nem o seu prestigio, ao mesmo tempo que salvaguardaria a Constituição d'um golpe cujas consequencias não pódem nunca ser favoraveis á nossa Patria e á nossa Republica.

Triumpha essa solução que, segundo as nossas informações, se resume apenas em não serem fechadas as portas do parlamento pelo poder executivo, dando-se n'esse parlamento a sancção da legalidade aos actos do governo, sem nenhuma affronta que o possa desprestigiar ou offender? Se assim fôr, o horisonte esclarecer-se-ha, e a paz reinará na sociedade portugueza, aguardando os partidos a sancção das urnas.

Se assim não fôr, o governo entrará definitivamente na dictadura; e—não se illuda ninguem!—as dictaduras já não são possiveis. O espirito publico, educado na escola da liberdade, não as acceita, e se as difficuldades internas serão grandes, as externas não o serão menos, visto que nas nações a que nos encontramos mais estreitamente ligados essa escola da liberdade attingiu as culminancias da perfeição civica.

E essas consequencias não serão só de ordem politica como de ordem financeira e economica. Ainda hontem, n'uma importante assembleia da União da Agricultura, Commercio e Industria, se salientou que a alta de cambios incide gravissimamente na nossa situação economica, e que o problema só podia ser resolvido pela entrada de ouro. Ainda ha pouco, a missão commercial que foi a Inglaterra encontrou ali a melhor disposição para ajudar Portugal na solução da crise economica, perturbação derivada da guerra europeia. Não seria difficil—disse um orador—obter ali um emprestimo. Mas quem poderá assegurar-nos que na Inglaterra, nação que tem o culto escrupuloso das instituições parlamentares, essas disposições subsistam perante o conflicto travado em Portugal entre o poder executivo e o poder legislativo?

Todos estes aspectos da questão implantada são merecedores de que n'elles attentem os verdadeiros republicanos, os verdadeiros patriotas! Todos falam em paz. Que todos a façam, porque se honrarão, e na consciencia satisfeita e nas paginas compensadoras da historia, como no reconhecimento d'uma patria que deve ser por todos amada, zelando-se a sua tranquillidade e o seu futuro, encontrarão o preito devido ás boas, nobres e bellas acções que dignificam os caracteres e aureolam os espiritos.

Poeira da Arcada

A nossa politica de largo em largo produz a sua cabazada de chimeras e esperanças que servem para alimentar a facil credulidade das pessoas que a dura realidade offende com as suas arestas. Agora espalha-se por ahi, como quem atira amendoas n'um baptisado sertanejo, que o futuro Parlamento se recrutará entre as nossas mais provadas competencias e que as urnas recolherão do suffragio unicamente as suas manifestações liberrimas. E como o inverosimil conquista logo o applauso dos que, illudindo-se, julgam escapar á tirannia dos factos, vêem-se pelos centros de cavaco e má-lingua grupos felizes saudando a nova Promissão.

Cremos, todavia, que hão de ser comidos como figos, em manhã de agosto. Mas como a sua funcção social é serem logrados, a licção pouco lhes aproveitará.

***

Os moinhos de vento, em torno de Dixmude, Fromer e Charleroi, teem sido victimas da guerra. Alguns encontram-se em completa ruina e outros apresentam largos vestigios dos horrores que ante elles se hão desenrolado. As suas velas que o vento movia para uma tarefa bemdita pendem inertes, como se houvessem abdicado para sempre da ronda phrenetica em que se compraziam. E nos campos devastados, a sua silhueta infeliz surge para testemunhar que a guerra é tão cega que anniquilla mesmo o que o homem inventara para manter a fé no esforço do seu braço creador.

General Pereira d'Eça

O sr. Bernardino Machado offerece-lhe um banquete

O sr. dr. Bernardino Machado offereceu no Grande Hotel de Italia um banquete ao sr. general Pereira d'Eça, que foi ministro da guerra no gabinete presidido por aquelle estadista, querendo testemunhar por essa fórma a consideração e a estima que consagra ao seu illustre collaborador no governo.

Os outros convivas foram os antigos membros do gabinete Bernardino Machado srs.: drs. Sousa Monteiro, Manuel Monteiro, Achilles Gonçalves e Sobral Cid, coronel Freire de Andrade, coronel Almeida Lima, capitão Santos Lucas, capitão de fragata Augusto Neuparth e capitão Lisboa de Lima, e ainda o general Judice da Costa, ex-governador civil de Lisboa; general Rodrigues Ribeiro, quartel mestre general do exercito; dr. Ferreira da Silva, chefe, que foi, do gabinete da presidencia e lente da Universidade de Coimbra.

Por falta de saude não puderam comparecer os srs.: capitão Thomaz Cabreira, antigo ministro das finanças, general Encarnação Ribeiro, commandante da guarda republicana; coronel Mousinho de Albuquerque, ex-governador civil do Porto, e capitão de mar e guerra Ernesto de Vasconcellos.

"PATHÉ JORNAL"

POLITICA E POLITICOS

Todos os accordos para a solução do conflicto parlamentar se malograram

1.º quadro

Duas horas e meia. Arcada quasi deserta. Tempo nublado e ligeiramente humido. Dia de paz. Nem parece que os espiritos andam agitados pelas mais profundas preoccupações. Dir-se-hia que não estamos em vesperas de acontecimentos cuja importancia não é facil prever.

—O que ha de novo?—inquiro de um amigo que sahe apressado do ministerio do interior.

—Nada.

Esta é a resposta que todos nós temos para o classico «que ha de novo» que mil vezes por dia nos sôa aos ouvidos onde quer que nos encontramos com pessoas conhecidas. Chega por vezes a parecer que a incerteza, apoderando-se de todos nós, nos obriga a pedir a toda a gente um vislumbre de confiança, que nos tranquillise. Não me desconcerto. Aquelle nada só tem o condão de me obrigar a insistir. E insisto, com tenacidade, com persistencia, como quem não está disposto a abandonar em meio uma empreza em que se haja mettido.

Atiro á queima-roupa esta pergunta:

—Sempre reunirá ámanhã o Congresso?

—Meu caro, tenho fundadas duvidas. No meu foro intimo estou archiconvencido que não. E quer que lhe diga porquê?

—Evidentemente...

—Pois bem: não reune por muitas razões, mas a principal virá a ser por o governo não deixar. Já vê que não poderá arranjar-se outra mais imperiosa e importante.

—D'accordo. E as negociações pacificas em que se andava?

—Até este momento, posso dizer-lhe que tudo se mallogrou. Houve resistencias que não foi possivel vencer. O governo, principalmente, não quiz ficar por baixo. D'ahi, ser necessario ir para a frente.

—Intervirá, n'esse caso, a força...

—Ainda o duvida? Pois fique então sabendo que tudo se prepára para isso. Lá em cima, no gabinete do ministro, está a realisar-se uma reunião significativa. Calcule que tomam n'ella parte além do sr. Gomes Teixeira, os commandantes da policia e da guarda republicana, o governador civil e o sr. José Maria de Alpoim, como representante da Procuradoria Geral da Republica.

—Vae-se então para a violencia...

—Exactamente. Trumpho é espadas...

E apertando mais a minha mão entre as suas mãos ossudas, o meu amigo afasta-se convencido de que vão ámanhã passar-se grandes e formidaveis coisas...

2.º quadro

Outro amigo que chega. Este é politico e politico evolucionista. Larga cotação no seu partido. Fala-se da situação.

—Vão os evolucionistas ao Congresso?—pergunto-lhe.

—Não sei, ainda se não resolveu coisa nenhuma. O Antonio José está procurando a solução conveniente...

—Mas a sua opinião?

—Ah! a minha opinião. Nem me lembrava que a tinha. A gente sabe lá, n'estes tempos que vão correndo, se ainda póde ter opinião? Eu, por mim, entendo que não devemos ir a S. Bento. Mais: entendo que os democraticos tambem lá não podem ir.

—Porquê?

—Que diabo: as coisas são o que são. Não permitte o governo que o Congresso reuna? Como é que os deputados e senadores podem inutilisar essa determinação? Evidentemente, hão de acabar por se submetter. Ora, ha ainda energias que se torna necessario poupar. Energias preciosas, para a conservação e salvação da Republica.

Aqui, o meu amigo cala-se apreensivo e receioso. E fala-me, depois, de coisas historicas que toda a gente conhece, que são d'hontem ou de ha meia duzia de dias, que nenhuma pessoa culta tem o direito de ignorar.

E tudo isso para quê? Elle o diz:

—Para que não se prosiga n'uma guerra de morte a um partido politico que tudo aconselha conservar e melhorar. Os democraticos não são tão maus como se diz. E' a fé republicana que os tem levado a praticar certos erros. Isso, porém, corrige-se, emenda-se, para que ámanhã seja optimo e que a final já hoje não é mau de todo.

Ha nos conceitos d'este politico um pouco da philosophia amena do sr. Le Bon. Para elle, é preciso que os homens não esqueçam o que devem uns aos outros. Mais: é preciso que se faça justiça. E' essa a sua campanha. E' n'essa cruzada que anda empenhado. E' por isso que elle não quer que os democraticos vão ámanhã ao parlamento. E' mais prestigioso para elles.

—Converteu-se, meu amigo?—pergunto-lhe ainda, no momento da despedida.

—Basta de «blague». Eu sou como o outro: Mal com os evolucionistas por amor dos democraticos. Mal com os democraticos por amor dos evolucionistas. E d'isto não passo, por mal dos meus peccados...

3.º quadro

O sr. João de Menezes sahe do ministerio do interior, vê-me e dirige-se-me. Quer saber noticias. Não as tenho e procuro-as.

—O que se prepara para amanhã?

—Eu sei lá!—diz-me o antigo republicano. Não penso n'isso, já não pertenço ao parlamento.

—Entretanto, correm coisas, muitas coisas, boatos diversos e desencontrados...

—Ah! sim? Pois olhe que não sabia. Venho lá de cima, do tribunal. Sim, do tribunal administrativo. Não trato de mais nada, nem cuido de outro assumpto...

Alguns momentos de silencio. O sr. João de Menezes retoma a conversa.

—Com que então, diz-se por ahi que deixei a *Lucta* e que deixei a União? Tem graça!

—Mas não deixou?

—Tem mesmo muita graça! Adeus, adeus, que estou com pressa. Tenho uma consulta muito importante a dar...

—Sobre a dictadura?

—Não senhor! Sobre assumptos administrativos.

E emquanto a sentinela gira d'um lado para outro, o sr. João de Menezes sóme-se pelos grupos que a esta hora d'esta tarde triste pejam este recanto da Arcada...

4.º quadro

Fala outro politico. Scenario o mesmo. Personagens muitas e pittorescas algumas. O meu interlocutor tem pretensões a trazer as leis na ponta da lingua. Interpello-o.

—Como julga elle que os empregados do Congresso podem, ámanhã, sahir da difficuldade em que as circumstancias os collocam!

—Mas quaes difficuldades?

—A de não saberem a quem devem obedecer, por exemplo...

—E' bem facil. Quem é que defende a theoria de que o parlamento existe ainda? Os democraticos e os evolucionistas. Não são os presidentes democraticos? Logo mandal-os-hão comparecer...

—E se o governo ordenar o contrario?

—Não póde. E' contra a lei.

—O governo, todavia, tem a opinião de que não ha parlamento, nem presidentes das camaras, nem nada. Tudo isso acabou. Logo, é elle o unico que póde dar ordens aos funccionarios das camaras...

—Se o governo assim o entende, o que se ha de fazer? Tambem lhe seria facil convencionar que Lisboa não existe, e contra o absurdo não ha argumentos nem objecções que valham.

Esperemos pelo fim, para vermos como se descalçará mais esta bota...

5.º quadro

—Tem andado hoje tudo n'uma roda viva, meu caro!—exclama, radiante, o meu oraculo do costume. As conferencias teem-se encadeado umas nas outras com uma rapidez de episodios cinematographicos. O governo prepara-se para qualquer coisa importante...

—O quê?

—Hoje falho. Dou as mão á palmatoria. O meu instincto não me diz nada. Mas lá que anda coisa no ar, anda.

—Talvez por causa da reunião do Congresso...

—Sim, sim, talvez. Mas ha, com certeza, mais alguma coisa...

E o meu oraculo desapparece, deixando-me perplexo. Procuro averiguar o que se planeia. Nada. Os gabinetes ministeriaes são mudos como penedos. Nos ministros nem é bom pensar. Retiro-me, a meditar no que ouvi. O que me espera, o que me acontecerá ámanhã? Não sei. E como não advinho, fecho definitivamente o *écran* e cá fico á espera de novos quadros.

A. M.

O sr. João Chagas

demitte-se, effectivamente, de ministro de Portugal em Paris

E', effectivamente, exacto ter o sr. João Chagas pedido a sua demissão de ministro de Portugal em Paris. No ministerio dos estrangeiros, o facto é plenamente confirmado. Porque tomaria o sr. João Chagas semelhante resolução?

—Questão de principios—diz-nos pessoa que conhece bem o feitio do illustre diplomata, que tanto e tão denodadamente trabalhou pela implantação da Republica. O sr. João Chagas não podia, dado o seu temperamento, resignar-se a vêr no Poder sem reagir ou sem protestar, um governo a fazer dictadura. Isso deve-o ter chocado muito, deve-o ter magoado profundamente. Foi um gesto, e um gesto que só o prejudica a elle.

—Fala-se em velhas animadversões entre o sr. João Chagas e o sr. Pimenta de Castro...

—Deixe-se d'isso. Se o nosso ministro em Paris abandonasse a carreira diplomatica só por o actual chefe do governo ter subido ao poder, teria pedido a sua demissão logo que o ministerio se constituiu. Mas não o fez. Logo, o sr. João Chagas vae-se embora porque não quer apoiar com o seu silencio o regimen de excepção que se está creando em Portugal. Esta é que é a verdade. Esta é que deve ser a verdadeira causa do pedido de demissão do nosso ministro em Paris.

—E o governo deixai-o-ha abandonar o seu cargo?

—E' claro que deixa. Nem João Chagas é homem para dizer que se retira e ficar. O governo deve sabel-o bem. O sr. Pimenta de Castro já lidou com elle de perto. Não pode, pois, alimentar illusões que não viriam a confirmar-se. De resto, eu creio que o governo desejaria bem que o sr. João Chagas não se puzesse de mal com elle, tão certo é não ser um luctador e um combatente da cathegoria do auctor das *Cartas Politicas* inimigo para desprezar por um governo que esfarrapou escandalosamente a Constituição.

O sr. João Chagas já não é, pois, a estas horas, o representante, em Paris, da Republica Portugueza. Logo que se demittiu, entregou a legação ao primeiro secretario. Quem irá substituil-o? A esse respeito a Arcada era, ainda hoje, de uma mudez esfingica...

UM MOMENTO HISTORICO

FIXANDO PRINCIPIOS

As affirmações que o sr. dr. Bernardino Machado se propunha fazer na sua conferencia

O sr. dr. Bernardino Machado foi, ha dias, convidado a fazer uma conferencia sobre a situação actual na séde d'uma das associações populares de Lisboa mais dedicadas ao regimen,—a dos catraeiros. O estado da sua saude não permittiu que a conferencia se realisasse e como o momento urge e seja necessario recordar e fixar principios—aquelles principios sem cuja observancia não seria possivel manter solidamente a Republica—pedimos ao illustre estadista que nos fornecesse os topicos do seu trabalho. O sr. dr. Bernardino Machado resumiu-os d'este modo:

Quando o actual chefe do governo foi rudemente sacudido da gerencia dos negocios da guerra por um decreto de demissão em que se deixava de mencionar o seu zelo ministerial, como se o não houvesse tido, eu revoltei-me por elle, que, dadas as circumstancias do momento, tendo-se produzido a primeira incursão monarchica, podia ser aleivosamente suspeito de traidor á Republica, e aconselhei-o a representar ao Parlamento, protestando contra a insólita desqualificação. Não sei se alguem mais, civil ou militar, se poz então ao seu lado, n'um justo movimento de solidariedade. Sei só que elle não chegou a reclamar. E é este homem, que, fóra do governo, deixa passar sem protesto um desacato do poder que com tanta crueldade o attingia, quem surge agora, dentro do governo e seu chefe, quando se lhe impunha a maxima moderação, a retaliar, a esgrimir atrabiliariamente contra todos os governos republicanos, accusando-os de terem governado o paiz como se fosse um paiz de cafres! De cafres seria effectivamente, se tal tolerasse. Desenganem-se! O povo republicano pode, pelos extremos do seu amor á Republica, engulir até espadas, não engole injurias.

Esquece o chefe do governo que, precisamente para não continuarmos a ser tidos por um paiz de cafres, é que fizemos a Republica? Pois todos aquelles que, *in peto* a desejavam, por muito fortes razões que haja para criticar actos governativos dos que a fizeram, não teem o direito de lançar sobre elles uma condemnação infamante, mesmo porque o primeiro acto governativo e fundamental foi fazel-a e esse deve merecer-lhes sempre o mais respeitoso reconhecimento. Pretendem os espectadores da Revolução servil-a melhor no governo do que os seus autores? Não precisam para isso de saltar da plateia á scena, inquietando toda a gente. Organisem-se e demonstrem a sua idoneidade politica, para que não venham a ser no poder, para deslustre de todos nós, apenas uns curiosos tão atrevidos como desastrados.

O proprio caso do dia, da susceptibilidade militar perante uma transferencia que tomou para a officialidade os visos de abusiva e oppressora intervenção do partidarismo no exercito, não é prova flagrante da profunda mudança que se operou entre nós com a implantação da Republica?

Foi, já mercê d'ella, que este espirito de autonomia corporativa, a dentro até do Estado, se formou. Qual dos nossos briosos officiaes que não conserva ainda presente na sua lembrança dolorida o tempo em que, sob a decadente monarchia, o exercito era humilhadamente tratado de bando pretoriano, serventuario da realeza, que, segundo emphaticamente proclamou D. Carlos, o tinha na mão para governar a seu talante, despoticamente, como um povo de cafres, este nosso bom povo, tão digno de amor e de admiração pelos reconditos thesouros que encerra de inexgotavel valor moral? O que fez com que a rendição das tropas que se bateram com os republicanos na Rotunda as não maculasse foi positivamente ver-se que ellas não cediam sómente ao heroismo electrisante das forças revolucionarias, mas tambem á irresistivel revolta intima da propria consciencia contra a ignominia da nossa servidão. Eis o que sobretudo as venceu e dominou. E a Republica, fiel ao seu escopo, deu-se pressa, logo desde o advento, com o governo provisorio, a dignificar o serviço militar pela decretação da sua obrigatoriedade. Nacionalisou-o, recrutando os soldados não já entre os párias, filhos da miseria, para uma cega obediencia automatica, passiva, mas no seio da grande massa dos cidadãos validos, onde residem e palpitam ardentemente as livres forças defensivas dos sagrados destinos da patria.

O chefe do governo, que occupa ao mesmo tempo o mais alto posto militar, ao dirigir-se pela primeira vez aos officiaes que foram cumprimental-o, em vez dos agradecimentos que lhe cumpria tributar aos poderes publicos do Estado, que ainda ultimamente tantos sacrificios tem feito pelo apercebimento do nosso exercito, só respirou choleras contra elles, arremessando-lhes os mais pungentes doestos. Mas onde estava elle, que o não impressionaram e não sentiu gratamente as homenagens que, outro dia, vieram aqui render á nossa bandeira, prestigiada pela Republica, os commandantes dos cruzadores de guerra inglez e francez, nem a distincção gentilissima com que, logo depois, a illustre missão militar enviada pelo nosso governo á Inglaterra e á França foi lá acolhida por lord Kitchner e pelo sr. Millerand? E affirma que a actual situação politica só herdou difficuldades diplomaticas! Na sua allocução recriminatoria não repara sequer em que envolve no libello que move a todos os governos o supremo magistrado da nação, que lhe confiou o poder. Não fala, nem pensa n'elle, como se essa magistratura não existisse.

A sua arremetida deve provir em grande parte do seu alheamento da vida e da obra republicana, obra que tem decerto manchas, mas que luz já auspiciosamente com o intenso brilho de uma alvorada reconstructiva d'esta gloriosa nação, que a monarchia, pela sua moral jesuitica e pela voracidade famelica dos seus esbanjamentos, tentava mergulhar na degradação e na ruina. Povo de cafres nos imaginava em verdade muita gente no estrangeiro, no occaso do regimen cuja queda representou incontestavelmente o resgate da nossa humbridade perante o mundo. Emancipámos religiosamente a familia, a escola e a sociedade, forrámo-nos tambem a tutellas e pressões financiaes, estatuimos a autonomia local na metropole e nas colonias, espalhámos por todas as corporações e todas as classes o espirito da independencia. Vamos, em summa, trabalhando por entregar o paiz a si proprio, á larga expansibilidade das suas poderosas energias e faculdades nativas. Não podiamos dotal-o de improviso com a felicidade, a riqueza e a cultura, mas tinhamos e temos de o desembaraçar de todas as peias parasitarias que o impediam de alcançal-as, atrophiando-o. Essa a nossa lide, que o paiz apoia e applaude, porque, sejam quaes forem os desacertos commettidos, elle está hoje seguro de que todos se irão reparando pela virtude das instituições republicanas, irmanando cada vez mais indissoluvelmente governantes e governados nas mesmas generosas aspirações progressivas. A toda a parte onde chegou a benefica acção republicanisadora, já ninguem supportaria um regresso sinistro ao passado. O que é necessario é que, sem parar, sem sustar jámais esse movimento impulsionante, consolidando as reformas consummadas, curemos de as rever discretamente de modo a dar-lhes a perfeita plasticidade social que no primeiro facto da sua elaboração fervente não podiam adquirir logo. Para isso se entenderão sem demora, espero-o, todos os republicanos.

Um governo republicano que faz o libello da Republica reproduz paradoxalmente o episodio do franquismo, governo monarchico que fez o libello da monarchia. Mas então havia uma opinião que acompanhava o programma governativo d'administração contra os partidos constituidos—até alguns republicanos se deixaram, a principio, seduzir por elle—e o gabinete vinha governar com essa opinião. Não é o

---

Folhetim d'A CAPITAL 3-3-1915

Moléque André

Impressões do Rio de Janeiro

No dia seguinte ao da minha chegada ao Rio de Janeiro, achava-me debaixo da palmeira do jardim do Theatro Recreio, vendo cahir o calor e ouvindo chalrear um bando de coristas, que procuravam descobrir os seus haveres n'um Hymalaia de malas recem-desembarcadas, quando vi um diabo, preto como um tição, baixinho e bamboleante em cima de duas pernas fininhas e vestidas de branco, o qual, mirando para todos os lados com duas vivissimas bolas de lôto, que lhe serviam de olhos, acabou por se dirigir a mim e tirando o chapeu, pondo a mão no peito e esquadrando os pés como uma bailarina, me disse:

—*Seu* commandante! Eu sou o André.

—Tem graça; tambem eu—respondi-lhe sorrindo e esperando mais detalhes de apresentação.

Moleque André explicou-me então que, depois de ter sido *secretario* de Bastos Tigre, o conspicuo engenheiro, que é tambem o espirituosissimo *D. Chicote*, chronista, comediographo e revisteiro, casado com uma formosissima senhora em communidade de bens e «separação de Carnaval»; de *seu* Foca, que escuso de vos apresentar e de Raul Pederneiras, a um tempo lente de direito, caricaturista, poeta, auctor dramatico, trocadilheiro impenitente e aguarellista admiravel, fôra da casa civil de Jorge Colaço, durante a *tournée* Chaby.

Seu Fóca estava em Santos, no conchego da familia; mas, sabendo da minha chegada ao Rio, dera ordem a moleque André para que se me apresentasse e recebesse as minhas ordens.

***

Desde então, moleque André entrou ao meu serviço e passou a ser a minha sombra, sombra negra, que elle era mesmo escuro como uma noite de trovões e, durante os dois mezes e meio que estive na Capital Federal, foi elle, sem duvida, o melhor guia, que podia encontrar para as minhas excursões no pittoresco, que ainda resta n'uma cidade modernisada de relance, em que cada dia se alarga uma rua e se destróe um vestigio da velha metropole carioca.

Moleque André tinha as relações mais variadas. Entrava, como queria, em varias salas de redacção e, tendo conhecidos em todos os ministerios, ia todas as quintas feiras visitar á Detenção alguns camaradas do *pessoal escovado* do Bairro da Saude. Para as bandas de Mangue e da rua de S. Jorge era tido em alto conceito, pois, dadas as suas convivencias com a bohemia artistica do Rio de Janeiro, intitulava-se homem *di letrasss*—ciciando os *sss*—e compuzéra uma canção, que se adaptava com um pouco de esforço á musica da valsa da *Viuva Alegre*.

Conhecia o Rio de Janeiro como os seus dêdos. Creado entre as pedras da calçada, membro desde a primeira infancia do gremio *Vira-Kiosque* e voz perpetua do côro do *Não póde*, não tinha segredos para elle a grande cidade. Assistira ás suas grandes modificações e, sem negar a sua admiração aos prodigios das avenidas Beira-mar e Atlantica, sabia a fundo das alfurjas do Caes do porto, onde ha marinheiros de todas as nacionalidades e de todas as religiões, feiticeiros negros e tatuadores, onde se fuma opio e se concertam assaltos de *capangas*, onde vive uma miseria, que não surde á luz do sol e constitue o sub-solo terrivel da maravilhosa cidade de luz e de côr, que é a capital brazileira.

Foi elle o meu *cicerone* no dedalo do Rio *que se não vê*. Com elle fui ao Hospicio dos loucos e á Detenção; elle me levou ao velho circo dos cavallinhos, onde ha o palhaço mais extravagante do universo—um negro, que tem o segredo de pela caracterisação parecer branco a cinco passos de distancia—elle me conduziu aos velhos cemiterios e a certo *chopps* da praça dos Arcos, onde ainda se encontram cantadores de violão, que perpetuam a tradição ultra-romantica do Catullo da Paixão Cearense; elle foi meu mestre n'esse calão carioca, imaginoso como nenhum e mostrou-me n'um recanto d'uma rua de prostitutas o ultimo *capoeira*, um mulatão, hoje alquebrado, que, n'outro tempo, fazia debandar uma multidão quando gritava—«Quem tiver barriga, metta para dentro, que eu vou puxar ferro»; encaminhou-me para a Morgue depois de uma noite passada em Coba-cabana e foi elle tambem que me deu algumas luzes sobre a politica brazileira, emmaranhada e complexa, que nunca conseguiu entender bem e sobre a qual elle discreteava horas seguidas, civilista *enragé*, partidario do *seu* Ruy Barbosa, que—dizia elle—«falla melhor que papagaio de Pernambuco».

***

De manhã—isto é, ás trez horas da tarde,—ia accordar-me ao hotel. Abria a porta de vidraça, que dava para a *chacara* e a luz entrava cegante e explendida. Trazia sempre debaixo do braço dez gazetas da manhã e, emquanto eu me estiraçaya, vencido pelo calor terrivel d'aquelle verão, moleque André, no seu fallar pittoresco, fazia-me o resumo dos acontecimentos da vespera e o maldito conhecia toda a gente: o deputado da bancada do Rio Grande, que tão ásperamente increpára o governo, a italiana morfinomaniaca, que se suicidára n'uma das pensões do Catete, o *capanga* que déra dois tiros no guarda de policia... Dava-me palpites para o jogo do *bicho* e lamentava cada dia que eu tivesse resistido á suggestão da *arára* que déra na vespera e da *cobra* que, trez dias antes, enriquecera um turco do bazar da esquina. Fazia-me, em seguida, a chronica dos bastidores, o relatorio das casas de jogo, participando-me que um amigo meu levantára tres *pacotes* no High-Life e um outro perdera no Mosart a fralda da propria camisa.

Como dormia pouquissimo, depois de me ter deixado ao romper da madrugada, já de manhã cedo andára pela Avenida Central e trazia-me recados de conhecidos. Todos os dias me propunha trez jantares e me dava conselhos proveitosos.

Eu vestia-me e sahiamos ambos, elle a trez passos na rectaguarda, adeantando-se ás vezes para me chamar a attenção sobre alguem que passava ou sobre um pormenor da vida carioca. De quando em quando, elle proprio me apresentava a um dos seus conhecimentos. Depois, durante a tarde, nas varias estações que faziamos pelos *terrasses* dos cafés, pelas esquinas das redacções ou pelas portas das livrarias, moleque André mantinha-se nas immediações, palestrando, tomando a sua limonada, intervindo por vezes nas palestras travadas, pois todos o conheciam e elle a todos conhecia.

A' noite, depois do jantar e dos theatros, o meu *secretario*, sem que lhe tivesse marcado um encontro, apparecia sempre e nas vertiginosas carreiras de automovel para o Leme, para a Tijuca, para o Silvestre, para a Egrejinha, elle encolhido junto do *chauffeur*, acocorado como um macaco, tinha sempre um dito para alegrar o rancho, um plano a propôr, uma observação a fazer. Na volta elle é que ajustava as óstras e o vinho branco, que se iam tomar ao Mercado, elle é que fechava as contas e dividia os rateios. Acabara por ser indispensavel sem se tornar enfadonho e tinha, por vezes, sensibilisadoras provas de affecto.

***

Moleque André tinha um amigo e uma paixão. O amigo era photographo do *Jornal do Brazil*. A paixão era uma creoula de dezaseis annos, linda e graciosa, que era menina dos telephones na boa cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. André levava o photographo a *tirar vistas* da que elle chamava a sua *deusa*, das companheiras da *deusa*, dos parentes da *deusa*, que sei eu...

Tinha que succeder o que succedeu. A deusa despresou moleque André para amar o photographo, que era branco.

Nunca vi furor que egualasse o do meu *secretario* na manhã em que, encostado á beira da minha cama, elle me contou a traição. Só quando, ha tempos, vi Zacconi no *Othello*, voltei a encontrar aquelle ranger de dentes, o desordenado agitar das bolas de lôto nas orbitas vermelhas, o mesmo eriçado da carapinha arrepiada. No fim do *racconto*, moléque André saccou das trazeiras das cuécas um pistolão. Tambem nunca tinha visto um pistolão d'aquelle formato. Chegava para matar á coronhada a associação de classe dos photographos brazileiros. Dei-lhe todos os conselhos que se pódem dar a um preto armado d'aquella maneira e, quando moleque André sahiu para vingar a affronta, confesso que não daria cinco mil réis fracos pela pelle do homem que tirava vistas.

A' noite, encontrei moleque André sorridente. Indaguei no seu rosto escuro se a vingança se cumprira. Não decifrei e pedi aclarações. Elle encontrára a *deusa* e ella explicára-lhe *tudo*. Moleque André estava contente. Othello degenerára em Bouboroche.

André Brun

mesmo assim agora. Agora ha realmente desgosto manifesto e justificado pelas luctas accesas entre os republicanos, e o paiz sustentaria de vontade o governo que, para acabar com ellas, désse a mão aos elementos moderados da sociedade portugueza, mas republicanamente, sem vilipendio nem desaire para os dirigentes da Republica, que afinal se reflectem fatalmente em menospreço contra ella.

N'esse sentido conciliador, acceitaria mesmo bem que se congregassem novas forças politicas fóra dos actuaes partidos. Mas o que não consento é que, a titulo de pacificar, o governo torne as luctas ainda mais encarniçadas, terçando apaixonadamente n'ellas, dando força aos republicanos de um partido contra os d'outro, para o abatimento e exterminio de qualquer d'elles, ou, peor ainda, se abalance a accrescental-as, arrojando-se aggressivamente contra todos os partidos para fazer o peor dos governos partidarios, que seria um governo militarista. O tom bellicoso do discurso do presidente do conselho não cala satisfatoriamente no animo patriotico de ninguem. Apregoar propositos de paz em taes termos, chega a ser um cumulo. Mas não é licito! O paiz leu com tristeza a carta do presidente da Republica, que foi um desafôgo convulso d'amargura, mas não desculpa o discurso violento do chefe do governo, que sôa estridentemente a todos os ouvidos como um grito irritante de guerra. Este governo nasceu da divisão e consequentemente do enfraquecimento dos partidos, mas não para viver d'ella, alimentando-a ou aggravando-a, lançando-se na arena como um novo campeão. Fartos de brigas estamos nós, e já lutuosamente.

E pondere o partido que der o seu concurso ao governo para elle ferir os outros partidos, que tambem os progressistas, em rivalidade acerba com os regeneradores, o deram d'entrada ao franquismo para depois, arrependidos e corridos, terem de se juntar aos seus antigos emulos para o combaterem todos. Para que não succeda ámanhã o mesmo, contenham os republicanos as suas desvairadas competições, esforçando-se por valorisar-se só pela alteza da sua propaganda e pela legitima influencia dos seus serviços e meritos, sem intervenções deprimentes do poder, que amesquinham e desvirtuam os seus intuitos. Não batam uns nos outros com mão estranha. Essa era a estrategia dos monarchicos dos ultimos tempos, mas é que elles já não tinham recurso algum efficaz para a opinião. Não se levantem conflictos com o governo, que a nação, anciosa d'apaziguamento, os reprovaria. Elle não fará a monarchia, como João Franco não fez a Republica—quando muito accelerou o esphacêlo monarchico—porque estes phenomenos sociaes teem raizes profundas. A transformação da monarchia em Republica é um facto intrinseco e consubstancial do desenvolvimento irreprimivel da alma nacional. A consciencia civica do povo portuguez, homem e mulher, avançou. Mas, se não faz a monarchia, ainda quando o quizesse, o que não é crivel, se não constitue, pelo menos desde já, um perigo imminente para a vida das instituições republicanas, faz comtudo alguma coisa intoleravel, desfeiteianos, proporcionando á intriga dos monarchicos o *gaudio* d'este *intermezzo* dentro da Republica, como se elles a governassem. Não lhe alente nem afague, pois nenhum republicano taes atrevimentos.

E veja o chefe do governo o papel que está desempenhando, servindo consciente ou inconscientemente os odios monarchicos e até republicanos, com a sua verrina á Republica e aos seus governantes! Eu digo-lhe o mesmo que disse aos partidos: Nada de dissenções e objurgatorias! Quem possua força politica sua offereça-a ao chefe do Estado para elle organisar um governo do consenso republicano que assegure a tranquilidade geral da nação. Engana-se quem presuma que foi a solidariedade militar que outhorgou o poder ao actual ministerio. Os monarchicos é que propalam isso acintosamente. O exercito não dá a ninguem o poder, porque o não tem. Elle não é nenhum poder do Estado, e não ha de deshonrar-se usurpando-o. Nem a nação lh'o relevaria.

Os homens que compõem o governo estão ali, porque os investiu n'elle a prerogativa presidencial, e do uso d'esta prerogativa é o cidadão Manuel d'Arriaga responsavel para com o parlamento, que lhe tomará as devidas contas. Não foi a solidariedade militar que lhes entregou o poder. Foi a solidariedade nacional justamente alarmada, com a agudeza das animadversões partidarias, n'este angustioso transe historico em que só verdadeiros traidores á patria fomentarão a guerra civil, o que auctorisou o presidente da Republica a soffreá-las, constituindo o governo d'isenção politica que as circumstancias lhe ditassem. Aqui está como este ministerio se originou. Se falta á razão juridica original d'apaziguamento que lhe deu o ser, não se sustém.

Que empenho teve o chefe do governo em decretar ditactorialmente uma lei eleitoral, que os partidos, como se viu, lhe approvariam? Para que se dá ares truculentos de Pavia, ameaçando oppôr-se por todos os meios á reunião do Congresso, onde o decreto eleitoral podia ser homologado por um *bill* d'indemnidade, normalisando-se a situação politica? Não devia encaminhar tudo para que o parlamento, tacita ou expressamente, o reconhecesse? E agora, se afinal algum, senão mesmo alguns, dos partidos não fôr á urna? Que fatuidade a sua de querer cenographicamente calçar as botas altas do dictador! E' amor medieval da arte? Ou é só para vexar? Porque, está claro, ninguem lhe admitte a coarctada de que o Congresso já viveu demais e, *de facto*, tem contados os seus dias, contra o espirito e a disposição iniludivel da Constituição, que garante a continuidade do poder legislativo e só considera portanto expirada a legislatura d'um Congresso quando se elegeu outro. Isto não é argumento, é caturreira. Reconsidera ainda, se pode, emquanto é tempo. Estavamos numa situação politica de legalidade disputada. Que era conveniente? Passarmos para outra incontestavelmente legal e não affrontosamente illegal. A logica dos actos de força é tremenda, sobretudo se o exemplo vem de cima. Publica o governo a sua insensata nota officiosa ameaçadora da reunião do Congresso, e logo lia quem intente prohibir a tiro uma reunião partidaria...

Pense-se nas consequencias, n'este momento mais que desastrosas, da dictadura, consequencias politicas, consequencias financeiras, consequencias internacionaes, porque ninguem de conceito se prestará a tratar aventureiramente comnosco, a despeito do parlamento. O reconhecimento da Republica, embora iniciado e assegurado desde o governo provisorio, só foi formal e completo com a Republica constitucional. Querem repôr em questão as novas instituições? Não perturbem e desconcertem a opinião nacional e estrangeira com guinadas governativas de pendor para os nossos inimigos internos e externos, em contraste e conflicto com o que hoje ha de mais estrutural entre nós, a alliança ingleza e o direito republicano.

E que o chefe do governo não volte a celebrar comicios com a armada e o exercito! Não seja militar com os politicos e politico com os militares. A militares um ministro da guerra fala da defeza fraternal de toda a familia portugueza e não da politica litigante das facções. Parece incrivel que ao longo do seu discurso, não se destaque a minima nota do seu desvelo profissional pelas nossas forças de terra e mar, em que se concentram na hora presente as mais anciadas preoccupações do espirito publico. Nem ao menos uma palavra carinhosa para com os camaradas que, além-mar, sem paixões divisorias, na mais effusiva communhão patriotica, cimentam com a sua vida a nossa integridade territorial, promptos a brandir as armas que a nação lhes confiou, no campo da honra onde lhes cumpre nobilitál-a. A esses, e aos bravos como esses, consagremos, atravez de todos os sacrificios, mais entern ecida solidariedade!

Migalhas

A verdade apedrejada

Um bandido ou um imbecil—a não ser que seja ambas as cousas a um tempo, o que succede vulgarmente—apedrejou a estatua de Eça de Queiroz, partindo uma das mãos da figura da Verdade.

O attentado vem na hora propria. Na verdade, aquella Verdade nua e crúa estava ali offendendo os tempos que vão correndo. N'um momento em que a nossa vida nacional toda assente sobre artificios, sobre falsas hipotheses, sobre manejos sombrios e combinações feitas á bocca pequena, que estava ali fazendo aquelle simbolo, limpido e claro, expondo-se com nobreza quando o *mot-d'ordre* geral é a dissimulação e a mentira?

Aquelle corpo de mulher, bello da belleza eterna que em si encerra essa Verdade que elle representava, offendia a meio mundo. Decerto devia parecer imoral a muitos dos que por alli passavam. Era um remoque e uma censura e o desconhecido, que a horas mortas a mutilou ligeiramente por não poder destruil-a por completo, recebera sem duvida, uma procuração misteriosa de meia Lisboa.

Estar ali a Verdade, quando quatro quintas partes das palavras que se dizem agora são apenas o manto pesado com que se busca encobrir a realidade dos sentimentos e das opiniões? Ter de encarar com ella tanta gente que, para servir os seus interesses e as suas paixões, não tem senão o recurso de mentir, de falsear os criterios e os acontecimentos? Não podia ser; bem vêem.

Quem quer que foi que apedrejou a Verdade sabia bem que o seu gesto havia de ter a approvação de muitos.

André Brun

TRIBUNAES

BOA-HORA

Responderam hoje no 1.º districto criminal: Carlos Egreja Pereira, agulheiro dos electricos, que furtou a Anna d'Assumpção Lopes uma cautella da loteria do Natal, premiada com 15 escudos, condemnado em 6 mezes de prisão, sendo o furto entregue á dona; João Carlos de Almeida, cocheiro, por furtar de uma carroça, na praça da Figueira, um capote pertencente a João da Costa Moço, no valor de 12 escudos, 1 anno de prisão; Joaquim Gonçalves ou Luiz Gonçalves, alfaiate, por na praça da Figueira furtar a Antonio José Alves um relogio e corrente de ouro no valor de 50 escudos, condemnado em 2 annos de prisão e 6 mezes de multa a 10 centavos por dia; José de Oliveira Cruz, o *José da Mãe*, por aggredir e resistir ao guarda 1481, 6 mezes de prisão; Dolores Garcia, serviçal, por furtar a Maria do Rosario Ferreira objectos no valor de 12 escudos, trez mezes de prisão; Antonio Miranda Monteiro, por partir uma machina de costura pertencente a Maria da Conceição Monteiro, no valor de quarenta e dois escudos, 108 dias de prisão já soffrida.

Tambem no 2.º districto criminal responderam: Joaquim de Sousa Pimpão, Maria Clementina Pimpão, Maria das Dores Pimpão, Antonio de Sousa Pimpão e João de Sousa Pimpão, que em 25 de novembro aggrediram com pedradas Pedro Pereira da Costa, o *Pedro Estopa*, em Carnaxide, pelo que o primeiro e o segundo foram condemnados em 6 mezes de prisão e 20 dias de multa a 10 centavos por dia, o terceiro em 3 mezes de prisão e 10 dias a 10 centavos e os dois ultimos em 5 mezes de prisão e 15 dias dias a 10 centavos por dia; Elisio Pereira de Barros, alfaiate, por furtar um córte de fazenda no valor de 2 escudos a José Clemente, rua da Escola Politechnica, sabendo-se mais tarde que lhe furtára outros objectos no valor de 21 escudos quando alli trabalhava, 6 mezes de prisão e 45 dias de multa a 10 centavos por dia.

Ao 1.º juizo de investigação, cartorio do escrivão Tavares de Mello, foi hoje enviada Maria Antonia Caeiro, accusada de, estando a servir em casa de José Ferreira Martins, Avenida da Liberdade, 183, 3.º, ali furtar differentes objectos e dinheiro no valor de 600 escudos. Recolheu á cadeia por não ter prestado fiança de trez mil escudos. Ao mesmo juizo e cartorio foi enviado José Antonio de Sousa, serralheiro, que feriu com uma navalha Antonio Augusto Alvaro, causando-lhe um grave ferimento no ventre, dois no braço esquerdo e dois no rosto, o qual ficou no posto da Misericordia. Recolheu á cadeia por não lhe ser admittida fiança.

O proximo concerto do Politheama

O corpo diplomatico assistirá ao concerto de domingo de David de Sousa, levando-o principalmente a essa festa artistica a composição do sr. Theophilo Saguer, discipulo do nosso Conservatorio, que com a sua «Ode á Belgica» quiz prestar homenagem a esse notavel paiz, devastado pela furia germanica.

Para esse concerto manifesta-se um decidido enthusiasmo.

Elevador que se despenha

Trez operarios feridos, ficando um d'elles em estado gravissimo

Na antiga fabrica de moagens João Luiz de Sousa, em Xabregas, hoje pertencente á Nova Companhia de Moagens, edificio composto de andar terreo e trez andares, ha um elevador, regulado por meio de uma corda, que serve para transportar cereaes desde o andar terreo até ao ultimo.

E' prohibido aos operarios o servirem-se d'elle, prohibição de que não fazem caso.

Hoje, para executarem um qualquer serviço, foram chamados ao 2.º andar trez operarios que se encontravam no terceiro. Metteram-se no elevador, mas ou porque não soubessem regular o andamento, ou por qualquer outro motivo, o certo é que o elevador se despenhou a toda a altura, vindo os operarios estatelar-se cá em baixo.

Feito alarme e acudindo o policia 1468, foram os trez operarios mettidos n'um trem e conduzidos ao hospital de S. José, onde ficaram.

São as victimas do desastre: Annibal de Mattos; de 14 annos, morador na villa Flamiano, 4, loja, que apresenta um grande ferimento na perna esquerda e outro na cabeça; João dos Santos, de 18 annos, residente na estrada de Chellas, 40, 1.º, com fractura das costellas e contusões pelo corpo, e Joaquim Gaspar, de 21 annos, morador na rua da Manutenção do Estado, pateo do José da Bateira, com fractura da espinha dorsal.

Os dois primeiros ficaram na enfermaria 4 e o ultimo, cujo estado é gravissimo, na numero 3.

Teatro de S. Carlos

E' ámanhã que se realisa a 7.ª e ultima recita de assignatura em S. Carlos com a primeira representação da celebre peça de Paul Hervieu *A força do destino*, traducção de Mello Barreto, e a peça de Courteline, traducção de Camara Lima, *Commissario bom rapaz*.

A força do destino é uma das ultimas obras de Hervieu, que a escreveu para Diaz de Mendoza e Maria Guerrero e que foi representada em Madrid com grande successo na presença do auctor, que foi acclamadissimo.

A festa do maestro Blanch

No proximo domingo, uma das tardes mais sensacionaes do theatro de S. Carlos, ponto de reunião de toda a sociedade elegante. E' a festa artistica do maestro Pedro Blanch, o notavel director da *Orchestra Simphonica Portugueza*.

N'este concerto toma parte mademoiselle Yvonne Dupuy, uma gentilissima e eximia violinista que toca duas obras de Beethoven e de Schubert com acompanhamento de orchestra e piano. Entre outras obras notaveis no programma figuram pela ultima vez os maiores successos da temporada: o quadro musical *Sadko*, de Rimsky-Korsakow, a *ouverture* da *Leonora*, de Beethoven, o *Sonho d'uma noite de verão*, de Mendelssohn, a *Marcha funebre de Siegfried* e a *Cavalgada das Walkyrias*, de Wagner.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na Belgica e em França

PARIS, 2. — (Communicação official)—Desde o Mar até ao Aisne houve combates de artilharia muitas vezes bastante intensos, no quaes obtivemos vantagem em toda a linha. No sector de Reims, principalmente na granja de Alger, proximo da linha de combate de Pompell, o inimigo esboçou de manhã varios ataques que foram facilmente repellidos. Entre Souin e Beausejour os nossos progressos teem continuado em varios pontos. Chegámos aos bosques entrincheirados do inimigo e progredimos para além da crista cujo cume haviamos attingido n'estes ultimos dias. Repellimos um forte contra-ataque em Argonne. Na região de Vauquois, todos os nossos ganhos de hontem foram mantidos e fizemos uns cem prisioneiros. Proximo de Pont-a-Mousson repellimos um ataque nocturno allemão ao bosque Le Prete.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 2, — Official. — Concluimos as nossas operações em Prasnysz, onde derrotámos pelo menos dois corpos de exercito, que rechaçámos sobre a fronteira. Frustrámos assim o plano dos allemães que, tendo repellido o nosso decimo corpo, tencionavam rechaçar a nossa ala esquerda, victoriosa, da região de M'lava, e depois por um golpe audacioso contra a nossa ala direita na região de Khorgelo, precipitar-nos na direcção do Vistula.

No dia 28 de fevereiro não houve qualquer outro combate. O total dos nossos prisioneiros na região de Gredno eleva-se a 1:300 com 15 metralhadoras e varios canhões.

Nos Carpathos os austriacos atacam em vão em linhas cerradas a linha de Loupkoff Verilne; os nossos contra-ataques dizimam-os.

Na Galicia o inimigo passou á defensiva. Na Bukovina occupámos Sandagowia.—(*Havas*).

PETROGRADO, 3.—(Official)—A offensiva russa continúa entre o Niemen e o Vistula. Na região de Prasnysch o inimigo retirou precipitadamente. Nos Carpathos repellimos um vigoroso ataque austriaco, tendo o inimigo perdas extremamente consideraveis. No Caucaso as tentativas de contra-ataques pelos turcos foram repellidas com importantes perdas para o inimigo.—(*Havas*).

As informações do marechal French

LONDRES, 2.—O marechal sir J. French informa que a actividade inimiga na visinhança de Ypres foi reprimida, tendo os allemães raras vezes abandonado as suas linhas.

Na manhã de 1 do corrente foi feito um ataque precedido de bombardeamento sobre uma parte da linha ingleza, mas foi repellido.

Na esquerda, um destacamento da infantaria ligeira canadiana da princeza Patricia tomou e destruiu uma trincheira allemã.

Proximo de La Bassée os inglezes teem feito constantes progressos e alcançaram completa superioridade. N'esta região tambem a artilharia britannica augmentou a sua superioridade sobre a do inimigo—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Os Estados Unidos e a questão das mercadorias

WASHINGTON, 3.—O governo americano vae enviar uma nota á Grã-Bretanha e á França, perguntando quaes os meios que contam empregar quando puzerem em pratica a intercepção das mercadorias destinadas áAllemanha ou d'alli provenientes.—(*Havas*).

Os turcos e o Egypto

CAIRO, 3.—Não ha indicio algum de novo avanço dos turcos.—(*Havas*).

Subscripção da Cruz Vermelha

Foram recebidas para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola: Professora da escola official do sexo feminino na villa de Mira, por intermedio da empreza do jornal «O Seculo», producto de uma subscripção realisada entre os alumnos e alumnas da mesma escola, 12$24; uma freguesa da casa «A corôa de ouro», $50; camara municipal de Ilhavo, producto de um bando precatorio levado a effeito por uma commissão composta dos srs. Victor da Graça Cesar Ferreira, Mario Sacramento e Mello, José Simões Telles e Antonio Martins, com a cooperação da mesma camara, 117$30—A transportar, 15:532$06.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Dr. Bernardino Machado

Reune a assembleia geral depois de ámanhã, ás 21 horas, para discussão do relatorio e contas de 1914. A assembleia funccionará com qualquer numero de socios presentes, por ser a segunda convocação.

Gremio do Valle do Vouga

A convite da commissão fundadora, devem reunir no domingo, pelas 14 horas, na calçada do Monte, 68, 2.º, os naturaes da região do Vouga, a fim de serem apresentados os trabalhos já feitos e ser nomeada a commissão installadora.

Soc. Mut. Tipographica Lisbonense

Para discussão do relatorio e contas de 1914, reune a assembleia geral ámanhã, ás 20 horas. A receita no anno findo não foi sufficiente para cobrir a despeza, havendo um «deficit» de 137$93. O numero de socios em 31 de dezembro era de 677.

O funeral do sr. Henrique Cardoso

constitue uma imponente manifestação de pesar

Realisou-se hoje a remoção do cadaver do deputado sr. Henrique Cardoso, da sua casa da rua Braamcamp para a estação do Rocio, onde o aguardava um «fourgon» armado em camara ardente.

Foi uma homenagem sentida que o Partido Republicano Portuguez prestou ao seu velho camarada e companheiro de luctas. Impossivel nos é, pela hora adeantada a que terminou a ceremonia, dar uma reportagem minuciosa do que foi essa trasladação. No prestito incorporaram-se, além do sr. Forbes Bessa, que representava o sr. presidente da Republica, os srs. dr. Augusto de Vasconcellos, dr. Bernardino Machado, Thomé de Barros Queiroz e João de Barros, quasi todos os parlamentares do partido democratico, suas auctoridades administrativas, centros, juntas e uma multidão de perto de trez mil pessoas que enchiam de lés-a-lés a parte oriental da Avenida, por onde o feretro veiu até á estação do Rocio.

Das centenas de representações apenas pudemos tomar nota das seguintes:

Commissões politicas do concelho da Chamusca e Grupo Defeza da Republica, representado por Alvaro Mineiro, Commissão Municipal do Partido Republicano do Porto por Raymundo Martins, Commissão republicana parochial de Bemfica por João Coelho da Silva, J. Alves Nunes pela de Santo Estevam, Manuel Pereira Dias pela commissão administrativa do Centro Republicano Democratico, Liga Republicana das Mulheres Portuguezas pela direcção, commissão parochial republicana de Santa Catharina, junta de parochia de Barcarena, Salvador Alves de Carvalho pela commissão politica da freguezia da Magdalena, José Luiz da Ponte Sousa pela parochial do Barreiro, commissão parochial republicana da freguezia dos Anjos, junta de parochia da mesma freguezia.

Centro Escolar Republicano Democratico de Angeja, Centro Democratico de Belem, Junta de parochia de Belem, José Luiz da Costa pelo C. P. Portuguez do Barreiro, Centro Escolar Republicano Alexandre Braga, Commissão parochial republicana de S. Vicente, major Sá Cardoso pela Commissão Politica Democratica de Valença, Commissão parochial republicana da freguezia da Encarnação, dr. Arthur Costa pelo Centro Democratico de Ceia, Conselho Executivo do Gremio Escolar Republicano, Thomaz Cabreira, Leopoldo Freire delegado da secção da Associação do Registo Civil de Paço d'Arcos; Pires de Carvalho pelos estudantes democraticos de Coimbra, Antonio C. Boavista pela junta de parochia da freguezia de S. Sebastião da Pedreira, Centro Escolar Republicano Henrique Nogueira, Carlos Simões pela commissão republicana da Conceição Nova, Ricardo Alfredo Quartin pelo sr. Manuel Tavares Valente, do Porto, José Valente Grijó pela commissão parochial de Santa Izabel, e junta de parochia da Conceição Nova, etc.

No carro que seguia o feretro viam-se muitas corôas e ramos de flores naturaes e artificiaes, quasi todos de violetas e lilazes, sendo as maiores:

Dos cunhados Maria e marido; Grupo Parlamentar Democratico; Commissão Municipal Republicana de S. Nicolau; de seus cunhados Eugenia e Brito; dos seus amigos; Ao querido Henrique, de Antonio; de Guilhermina e Benedicto Coelho; do Directorio do Partido Republicano Portuguez; outra, em fórma de coração, da viuva; dos irmãos Genoveva Machado Coloni e Eugenio Coloni; de Maria Eugenia; outra de Maria Rezende e ainda outra de Antonio de Almeida e Antonio Rezende.

O funebre cortejo sahiu da rua Braamcamp pouco depois das 16,30, sendo o acompanhamento a pé, e chegou á estação pelas 18 horas.

Uma vez alli, o sr. dr. Affonso Costa subindo ao «fourgon» que devia receber a urna disse que não era aquelle o momento de se dizer o ultimo adeus a Henrique Cardoso. Todos os seus collegas parlamentares, cumprido ámanhã o sagrado dever de defender a Constituição e a lei, iriam ao Porto prestar essa homenagem ao querido morto. Mal se diria que um dos maiores paladinos da Republica tombaria ainda por corajosamente a defender. No Porto, em nome do Directorio, falará e dirá o que é preciso fazer para salvar a Constituição, a lei e a Republica, que Henrique Cardoso amou e defendeu como poucos.

Ha n'esse momento uma grande manifestação, com apoiados, palmas e vivas ao dr. Affonso Costa, o qual terminou por declarar que os seus amigos saberiam seguir e defender a obra do morto na defesa da Republica.

O sr. dr. Alexandre Braga falou tambem. «Duas palavras de verdade e de dôr. Este sangue foi o primeiro derramado em defesa da Constituição e da lei. Elle fructificará. Juremos aqui perante o cadaver de Henrique Cardoso defender a sua obra, a Constituição, a lei e a Republica.»

A urna funeraria foi coberta ao passar junto á porta do sr. dr. Affonso Costa pela bandeira da Republica.

O serviço de policia foi feito por cêrca de duzentos guardas sob as ordens dos srs. capitães Bruno do Carmo e Esmeraldo, chefes Barbosa e Figueiredo e por um pelotão da guarda republicana commandado pelo sr. tenente Quaresma.

Não houve incidente algum. Apenas na «gare», ao falar o sr. dr. Affonso Costa, o antigo redactor do *Rebate* Thomaz Vieira foi accommettido d'uma commoção cerebral. Era amigo e condiscipulo do morto.

As investigações policiaes sobre o crime

Continuaram hoje as investigações sobre o assassinio do deputado sr. Henrique Cardoso. Foi preso um commerciante de nome Oliveira, estabelecido nos Poyaes de S. Bento e filiado no partido evolucionista, que mais tarde foi mandado em paz.

Deu entrada na Morgue o cadaver do carpinteiro que se suicidou na esquadra da travessa das Almas. O irmão d'este, Henrique de Moraes, tambem carpinteiro do Arsenal, esteve de tarde prestando declarações no governo civil.

Foi tambem preso de tarde Raul de Brito, mais conhecido pelo *Britinho*, empregado n'uma casa de tavolagem.

BARREIRO, 2.—No Centro Republicano Portuguez e no Centro dr. Estevam de Vasconcellos, a bandeira está a meia haste, em signal de sentimento pelo attentado. A direcção do primeiro d'esses centros resolveu lavrar o seu protesto contra a dictadura.

PEQUENAS NOTICIAS

Na Morgue realisa-se no dia 10 pelo conselho medico-legal o exame das faculdades mentaes de Francisco Neves, preso na Cadeia Central. Hoje, realisou-se ali a autopsia de Izabel Roda, fallecida sem assistencia medica.

A reunião do Congresso

As auctoridades procedem como se tal reunião não existisse

A' hora a que escrevemos, é ainda misterio o que se passará amanhã a proposito da annunciada reunião do Congresso. O sr. Feio Terenas, director geral, avisou todos os empregados como se a reunião se effectuasse. Nem de outro modo podia proceder, como hontem accentuámos, visto que só dos presidentes das duas camaras pode receber ordens, não tendo que acatar quaesquer instrucções emanadas do ministerio do interior. Por outro lado, sabemos que tendo sido requisitada para o quartel general a costumada guarda de honra, ás sessões do Congresso, d'ali foi respondido que não mandavam força porque «não havia reunião do Congresso», dando identica resposta o commando de policia sobre o pedido de guardas para a manutenção da ordem.

Hoje, o sr. dr. Affonso Costa, representando o Directorio, o sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da Camara, o sr. general Correia Barreto, presidente do Senado e dr. Alexandre Braga, representante da maioria parlamentar, foram ao paço de Belem conferenciar com o chefe do Estado sobre a reunião do Congresso. Do que se passou n'essa conferencia nada transpirou, mas suppõe-se que o sr. Manuel de Arriaga dará ainda hoje uma resposta ás pessoas que o procuraram.

Mas vão ámanhã ao Congresso os democraticos e alguns evolucionistas e independentes, como se affirma? Ha bem poucas horas nos garantiram que tudo dependia do caminho que os democraticos entendessem dever seguir e que esse caminho ainda não estava traçado definitivamente. Os evolucionistas teem plena liberdade de acção no assumpto, sendo certo que alguns d'elles defendem a ida ao Congresso e que outros defendem o contrario.

Que sahirá de tudo isso?

A questão das subsistencias

A reunião dos padeiros independentes

Não se resolveu hoje a questão do coke

Realisou-se hoje a annunciada reunião dos proprietarios das padarias independentes e cooperativas, estando representados uns setenta de Lisboa e arredores. Foi resolvido que se enviasse um telegramma ao ministro pedindo para receber uma commissão que immediatamente iria procural-o, e que essa commissão fosse acompanhada por todos os presentes. Não adiaram esta conferencia para amanhã para que não se dissesse, vendo-se tão numeroso grupo, que queriam participar em qualquer movimento politico quando apenas dos interesses da sua classe estão tratando. A commissão pedirá ao ministro para sustar a execução do decreto de 1 do corrente, até a classe formular as suas reclamações.

Foi tambem resolvido telegraphar para a associação dos industriaes de padaria do Porto, apoiando a sua attitude, a qual acompanham.

Os telegrammas foram enviados ás 17,20 seguindo os industriaes, reunidos, pelas 18 horas, para o ministerio do fomento.

Agora, que se discutem, a proposito da elevação do preço do pão, os interesses de padeiros e moageiros, é interessante esta nota colhida de um industrial de padaria ácerca do lucro que a moagem tira com o actual preço do trigo e das farinhas que d'elle extrahe.

«O trigo fica, em Lisboa ou Porto, por 9$25 cada 100 kilos; d'estes tira o moageiro 80 kilos de farinha de 1.ª qualidade que vende a $16, 45 de 2.ª que vende a $09,9, e 25 de semea que vende a $03,7, obtendo assim, pelas farinhas extrahidas dos 100 kilos, 10$18; como, porém, na moagem teem que empregar agua na proporção de 5 0|0, ha a accrescentar mais $50, valor de 5 kilos pela média das trez farinhas obtidas, o que eleva a 10$68 o valor dos productos tirados dos 100 kilos de trigo que ao moageiro custaram 9$25 e lhe deixam, portanto, 1$43 para despezas e lucros.

«A quanto monta a despeza? Não souberam dizer-nos.»

Reuniu hoje a junta districtal para apreciar os recursos da Companhia do Gaz e da Empreza de pesca do bacalhau, ácerca do augmento de preços d'esses generos, não sendo resolvidos, por não estarem em termos legaes.

Resolveu-se officiar á Companhia do Gaz e reunir novamente depois de amanhã.

Visita do ministro d'Italia

ao contra-torpedeiro «Liz»

O sr. dr. Ernesto Koch, ministro de Italia em Portugal, dirigiu-se hoje, a bordo do *Dragão*, e acompanhado do sr. commendador Cofino, para bordo do contra-torpedeiro *Liz*, ultimamente adquirido, sendo ali recebido pelo commandante, 1.º tenente sr. Oliveira Muzzanty, e demais officialidade.

O illustre diplomata visitou todas as dependencias do navio, que achou magnifico, sendo-lhe no fim offerecida na camara dos officiaes uma taça de Champagne, brindando o sr. Oliveira Muzzanty pelas prosperidades dos povos latinos e em especial pelas da Italia, onde fôra recebido com todas as attenções. Respondeu-lhe o sr. dr. Koch, agradecendo e fazendo votos pelas prosperidades do povo e da nação portugueza, que tão fidalgamente sabe acolher os estrangeiros.

Pelos hospitaes

Quedas desastrosas — Explosão de polvora — Doença subita

Na enfermaria C 1 A B do hospital escolar deu entrada Izidro Figueiredo, aprendiz de caldeireiro, que cahiu de um andaime em Banatica, ficando muito contuso pelo corpo. Na C 2 O D do mesmo hospital ficou o menor de 11 annos Carlos Pereira de Oliveira Queiroz, que cahiu na rua de Santo Amaro, á Estrella, fracturando a perna esquerda.

Balanço diario

Aquelle pedacito de rua que fica entre a arcada do Interior e a do Fomento é positivamente, uma ratoeira. Pois é alli que param todos os electricos, que estacionam todos os automoveis, que se cruzam quantos vehiculos, carregados de gente, entram ou saem da rua do Arsenal. Porque não morrem alli umas poucas pessoas em cada dia? Não se sabe. Porque o destino não quer, porque a sorte o não consente. E não seria facil fazer arredar para longe o perigo que ameaça quem se atreve a passar por aquelle *carrefour* movimentadissimo? Era, mas quem devia pensar n'isso ainda não pensou. Eis porque a morte protege com as suas azas aquelle pedaço de calçada que separa as suas arcadas...

Ferro-viarios

Hoje, o conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes foi cumprimentar o sr. ministro do fomento. O sr. Nunes da Ponte, recebendo os representantes da referida Companhia, pediu-lhes insistentemente que fizessem readmittir os ferros-viarios despedidos por virtude das ultimas greves. O conselho de administração da companhia prometteu interessar-se pelo assumpto.

Governador de Moçambique

Parece que se confirma a noticia que a *Capital* deu ha tempos do proximo regresso a Lisboa do sr. Joaquim José Machado, governador geral de Moçambique. Ao que se dizia hoje pela Arcada, o sr. general Machado, cujo governo creou poucos adeptos, já embarcou para a metropole, onde chegará por um dos proximos vapores da Africa Oriental. Tambem se dizia que o successor do sr. general Machado seria o sr. Lisboa de Lima.

Ministros e ministerios

Conferenciou com o sr. ministro do interior o sr. ministro da justiça. O sr. ministro dos estrangeiro, dá amanhã recepção ao corpo diplomatico. O chefe do governo não esteve hoje na sua secretaria

Centro 27 d'Abril

Em assembleia geral hontem realisada, para apreciar os ultimos acontecimentos, foi approvada a seguinte moção:

O Centro Republicano Escolar 27 de Abril (Lisboa Oriental) reunido em assembleia geral extraordinaria, para apreciar uma noticia inserta no jornal *Diario de Noticias* e mais apreciar casos extraordinarios de perseguições a verdadeiros republicanos, homens de bem, implicados no 27 de Abril; perseguições estas feitas pela «formiga branca» com o consentimento do director da policia de investigação criminal; e fazendo o jornal *O Mundo* politica do caso contra o governo já incitando os seus apaniguados a perseguições insidiosas, já atirando com as responsabilidades para cima de quem não é da *grey*, a assembleia do mesmo acima citado centro resolve:

1.º—Ficar desde já em sessão magna permanente até solução do caso dentro do possivel que corresponda ao apuramento do facto e das responsabilidades dentro da verdade e fóra da perseguição do *P. R. P.*

2.º—Renovar a sua confiança ao presidente do ministerio actual.

3.º—Pedir ao governo a substituição de aquelle funccionario (dr. João Eloy) por ser faccioso devido ao seu partidarismo ou pelo menos tendencias democraticas.

4.º—Nomear duas commissões, sendo uma para tratar com o presidente do ministerio do andamento e injustiça que succeder com o caso Henrique Cardoso, e outra para fazer por conta do centro um inquerito especial ao caso succedido na rua Paiva Andrada, apresentando depois as conclusões não só ao governo como em publico.

5.º—Tornar publicas por conferencias, sessões, manifestos e comicios as infamias do *P. R. P.* desde o planeio do assassinato de s. ex.ª o sr. presidente da Republica e chefes politicos até aos crimes ultimamente succedidos.

6.º—Auxiliar material e moralmente os presos victimas, fazendo constar aos nucleos da provincia, jornaes e aggremiações livres, como a Liga dos Direitos do Homem, não só as resoluções tomadas, mas como o desejo do estabelecimento da verdade.

7.º—Reforçar todas as moções anteriormente approvadas contra todos aquelles que n'este momento de perigo imminente para a Nação Portugueza pertendam perturbar a ordem publica já provocando e incitando á desordem, *já aconselhando que não sejam acatadas as leis do actual governo*.

8.º—Collocar-se incondicionalmente ao lado do venerando chefe do Estado, reconhecendo em tão inclito cidadão a personificação da Republica Portugueza, protegendo-o e defendendo-o contra todos os ataques que n'este momento lhe sejam dirigidos.

9.º—e ultimo: protestar vehementemente contra o lamentavel incidente occorrido no domingo 28 de fevereiro e repudiar todas as insinuações que alguns democraticos conhecidos «formigas brancas» tentam promover, envolvendo n'aquelle acontecido os implicados honestos de 27 de abril, sinceros republicanos que teem combatido á *outrance* todos os attentados pessoaes seja contra quem fôr.

Lisboa e sala das sessões do Centro 27 de Abril, em 2 de março de 1915.

Ministro de Portugal em Paris

Ao que constava esta tarde pela Arcada, o governo resolvera insistir com o sr. visconde d'Alte, ministro de Portugal em Washington, no sentido d'esse diplomata ir occupar junto do governo francez o logar que o sr. João Chagas acaba de abandonar. Confiava-se muito pouco, porém, em que o sr. visconde d'Alte consentisse na sua transferencia para Paris.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 3/16	35 1/16
Londres, 90 d/v. .	35 3/8	—
Paris, cheque. . . .	$80,	$81
Allemanha, cheque	$29,5	$31
Hollanda, cheque . .	$56,8	$57,3
Madrid, cheque . . .	1$38	1$38,5
New York	1$40,5	1$42
Rio s/Londres. . . .	12 1/2	—
Libras.	6$96	7$02
Agio do ouro. . . .	35 °/o	45 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,35	39,10
» » 500$	39,35	39,30
» » 100$	39,35	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 21$85; 5 0/0 1909, 80$00.

Externas: 1.ª serie 70$80.

Acções: Banco Ultramarino 1[illegible]$50; Companhia das Aguas 88$00; Tabacos, coup. 68$50.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 89$50; Assucar 40$60.

Expedições ao sul d'Angola

Como já dissémos, o vapor *Insulano* larga amanhã, pelas 12 horas, do cáes de Santos, levando 2 officiaes, 3 sargentos, 70 cabos e soldados e 350 solipedes.

SPORT

O Jogo de pau-esgrima nacional

Sobre os estudos do notavel escriptor portuguez Zacharias d'Aça publicaram os antigos «Sports Illustrados» um magnifico numero sobre jogo de pau, como esgrima nacional. Era ao tempo director do semanario o nosso collega Shamrock e a pagina foi brilhantemente trabalhada pelo jornalista Mario Sant'Anna. Foi d'esse numero que fizemos o extracto da seguinte nota, cuja autoria pertence a Zacarias d'Aça.

«Tem o nosso jogo de pau tres escolas: a do norte—chamada galega,*—porque tambem é a mesma na Galiza,—a da Estremadura ou do Ribatejo, a que chamam* pataioira*—de Pataios, e a de Lisboa.*

As duas primeiras já existiam ha 2 seculos: a de Lisboa data dos primeiros annos do seculo passado, e foi fundada por José Maria da Silveira—por alcunha o Saloio*—o maior jogador conhecido em todo o paiz.*

O jogo galego tem um grande alcance nos golpes de ponta e nos rebates, *porque os dá geralmente só com uma mão.*

O do Ribatejo é muito aparatoso e bonito, mas os jogadores aproximam-se muito um do outro, o que é sempre perigoso, porque, além do mais, corre-se o risco de um desarmamento ou de uma traição com faca.

O jogo de Lisboa, menos ruidoso e brincado, é, talvez, o melhor dos tres, porque é o mais seguro e de maior defeza, sem que isto prejudique o alcance e o vigor do ataque.

Os seus golpes jogados são d'um effeito terrivel, e o emprego frequente das pontas *assemelha-o ao do florete, e serve para cobrir o jogador e conter o adversario á distancia conveniente.*

***

O pau nas mãos d'um jogador forte e dextro é uma arma terrivel no ataque e de grande resistencia na defeza; encarado pelo lado artistico, o seu jogo é d'uma rara elegancia, e muito mais vistoso do que o da espada ou florete.

Pondo em movimento todo o corpo, obrigando o jogador a saltar para a frente e para a retaguarda, a curvar-se, a girar sobre si uma e duas vezes—o que produz um bello effeito—e a procurar o adversario por todos os lados, dando golpes com uma só mão e com as duas, passando a arma da direita para a esquerda, com a qual tambem se atira,—offerece ao espectador uma variedade e belleza de movimentos e de posição como não tem nenhum outro jogo.

Finalmente, considerado pelo lado da higiene e como exercicio util á conservação da saude e ao desenvolvimento phisico, mantem a mesma superioridade, porque o trabalho e acção de todos os orgãos é egual e perfeitamente harmonico, equilibrado e repartido.

***

Nota do dia

Caminhamos para a paz...

Fizemos uma declaração, terminante e firme, ha quasi dois mezes de que, na propaganda do *sport*, iamos seguir uma marcha absolutamente imparcial, sem olharmos a amigos, sem verificarmos das conveniencias dos clubs, alheios á malecidencia dos que nada fazem e dos que sentem a raiva de lhes faltar—na imprensa—o apoio que exigia a sua vaidade.

Temos mantido essa attitude e havemos de mantel-a.

Hoje, porém, vamos referir-nos a um *caso do dia*, que tantos nos gritam aos ouvidos e sobre que muitos desejam obter uma opinião nossa. E' o da *entente* amigavel entre todos que ha tempos se malqueriam, *entente* que vae dar o benefico resultado de fortalecer uma Federação, de unir duas emprezas jornalisticas e de *definir*, em terrenos precisos, os campos do trabalho de Comités, Sociedades e Federações.

Querem uma opinião? Lá vae.

Achamos conveniente e precisa a tal concordia entre todos os elementos do trabalho e que, á causa do *sport*, prestam o seu concurso franco e desinteressado. Agora o que desejamos é que os *regulamentos do pacto de paz* se façam com absoluta sinceridade e sem a menor sombra de agravos antigos. Se assim não suceder, o *sport* fica peor do que antes...

E' possivel, porém, que tudo acabe pelo melhor.

A garantia do *bom trabalho* d'esta *entente* pacificadora está baseada na exclusão dos elementos que a maioria julgava perturbadores. Sabemos, por exemplo, que não se lembraram dos nossos camaradas do jornalismo diario e que tambem foram postos de banda certos elementos primaciaes no athletismo, não aquelles que expõem tabalota dos seus merecimentos mas aquelles que trabalham, sempre e bem, e modestamente occultos no anonimato. De nós nem se fala—e justamente—porque bem sabem que *morremos* para lhes sustentar a vaidade e apenas *vivemos* para a propaganda, como sempre, feita com o maior desinteresse.

Mas, por nós, não vae o perigo. Dispostos estamos a ajudar todos. A questão reside em saberem trabalhar para a causa commum...

***

Algumas anedoctas

O José Maria «Saloio» era um homem ás direitas

E' infindavel a serie de anecdotas que tornaram lendario o famoso jogador de pau José Maria «Saloio». Nos «Excentricos do meu tempo», Luiz Palmeirim conta algumas muito engraçadas. No «Ultimo marquez de Niza», o sr. Eduardo de Noronha descreve com leveza e com graciosidade outras que merecem especial publicidade. Entre estas recortamos a seguinte:

—Quando o conde de Farrobo foi emprezario de S. Carlos, mandou um dia que todos os coristas rapassem as barbas. José Maria, então na força da vida, tinha uma barba magnifica, preta, longa e assetinada. Não a cortou.

Advertiram-no primeiro—depois suspenderam-no por quinze dias—depois por um mez.— José Maria continuou a ir ao theatro como de costume, mas com a sua barba.

O conde mandou-o chamar e, depois de conversar com elle uns minutos, disse-lhe:

—O' José Maria, se os papeis fossem invertidos, e você ficasse no meu logar, depois de dar as ordens o que me fazia?

—Punha-o na rua. E' o que manda a disciplina. Eu fui soldado, sr. conde. Já vejo que estou depedido. A's ordens de vossa senhoria—e José Maria, ditas estas palavras com um modo triste mas digno, ia retirar-se.

—Venha cá, homem. Você fica e não corta as barbas. Agora aqui tem o seu dinheiro—e o fidalgo, que era um homem de espirito e coração bizarro, entregou um embrulho ao corista, apertando-lhe a mão. Eram os honorarios do tempo em que elle estivera suspenso».

A versão de Luiz Palmeirim attribue, n'este ultimo facto, uma attitude muito menos resignada e muito mais cominatoria a José Maria.

«A empreza mandou rapar as barbas aos artistas mas o «Saloio» não quiz obedecer á intimação, indo pontualmente todas as quinzenas receber o seu salario ao escriptorio, mas com as barbas fluctuando ao sopro... da indignação, sem que ninguem ousasse recordar-lhe, o que aliás elle bem se lembrava, de que recebera ordem para as escanhoar».

Noticias

Entre nós

Foot-ball em Cintra

Realisaram-se no passado domingo, no campo de Monte-Santos, dois desafios de foot-ball entre o primeiro grupo e o segundo *team* do New Crusanders Infantil Cintrense contra o primeiro e segundo do Cintra Infantil Foot-ball Club, ficando vencedor o N. C. I. C. em segundos por 3 a 0. Em primeiros empataram por 2 a 2. A *linhas* estavam assim formadas: a do 2.º *team*: José André, Gil Pereira, José Carvalho, José Crino, Antonio Simões, Albano Silva, Alfredo Duarte, Augusto Lourenço, João Oliveira, Antonio Lopes; a do 1.º pelos srs. Loureço Queluz, Armando Soares, Alvaro Gonçalves, Antonio Simões, Gil Pereira, Antonio Felix, Antonio R. Lourenço, João Lourenço, Manuel André, João Oliveira e Guilherme Felix.

Reabertura do Velodromo

Está marcada para a tarde de 14 d'este mez a reabertura do Velodromo do Stadium. E' a mesma festa, já annunciada varias vezes e varias vezes transferida, com um programma que põe 17 motociclistas em linha e cujo producto reverte para a subscripção do «Cigarro do soldado».

Tiro aos pombos

A ultima sessão de tiro aos pombos foi tão concorrida e animada que teve que se interromper a serie de «poules» que se seguiriam á grande «poules» mensal por falta de materia prima, isto é de pombos. Mesmo assim foi das tardes mais brilhantes da presente epoca, concorrendo para isso o leilão das espingardas que foi disputadissimo. A espingarda que maior lanço alcançou foi a do sr. Luiz Oliva Junior que foi o vencedor, apesar de atirar a 29 metros, distancia a que foi «recuado» pelas victorias que tem alcançado na presente epoca e mesmo nas anteriores. Na «poule» do proximo domingo disputar-se-ha a «poule» regulamentar com os premios de 50 e 30 0|0 das entradas e a taxa de inscripção de 2$50.

Para 10 e 11 de abril está annunciada a sessão em que se disputará a «Taça Lisboa», com premios importantissimos, sendo de esperar que a «poule» que no domingo se realisa seja muito concorrida, para os nossos «shooters se treinarem.

LIVROS NOVOS

"A'S ARMAS,,

Um pequenino livro de versos, estreia do sr. Cabral Junior, estudante normalista em Castello Branco, que se affirma um poeta cheio de espontaneidade e uma alma vibrante de patriotismo. Canta o poeta a bandeira e o heroismo dos nossos soldados, com um ardor proprio da mocidade. Basta isso para o absolver de qualquer defeito que porventura se lhe pudesse notar.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Club dos beirões

A fundação do Club dos beirões, destinado a congregar a numerosissima colonia das duas Beiras em Lisboa, não obedece a qualquer intuito politico. Teem sido numerosas as adhesões, continuando a receber-se na Casa Ingleza, rua Augusta, 121.

A festa da arvore

No jardim do Campo d'Ourique, com auctorisação da camara municipal, procederão os alumnos da escola do Centro Democratico de Campo d'Ourique, no proximo domingo, ás 13 horas, á plantação d'uma arvore.

O bombardeamento dos Dardanellos

Como o Vaticano, o governo italiano segue attentamente a acção contra os Dardanellos

Roma, 27 de fevereiro

Os primeiros successos dos alliados na sua acção contra os Dardanellos teem produzido aqui uma grande impressão, e o governo italiano acompanha, como é natural, o decorrer dos acontecimentos com a maior attenção.

A *Tribuna* diz a este respeito que o governo da Italia se conserva em contacto com os governos interessados, isto é, com os da *Triple Entente*. A *Idea Nazionale*, orgão do partido socialista, é de opinião que este momento é decisivo para a Italia; a seu ver, ou a Italia se decide a tomar parte no grande acontecimento mundial que é a liquidação do imperio ottomano, ou terá que renunciar definitivamente á ideia de expansão no Oriente e á politica mediterranea. O dilemma não admitte qualquer solução intermediaria. Accrescenta a *Idea Nazionale* que a acção dos alliados será certamente seguida de um movimento revolucionario em Constantinopla; deve-se consideral-o não só como provavel, mas como imminente.

Seja como fôr, o caso é que todas as attenções des centros politicos estão n'este momento concentradas sobre os graves acontecimentos que actualmente se estão desenvolvendo no Mediterraneo oriental, e que seguramente exercerão uma decisiva influencia na attitude dos differentes povos balkanicos e até da propria Italia.

Mesmo no Vaticano os acontecimentos do Mediterraneo oriental estão sendo alvo de todas as attenções porque a liquidação final do imperio turco affecta de perto os interesses do catholicismo no Oriente; a questão da Palestina e a da posse futura dos Logares Santos preoccupam immenso a Santa Sé.

A imprensa grega já discute a tomada de Constantinopla

Athenas, 27 de fevereiro

A *Patris*, orgão do sr. Venizellos, accentua a importancia capital que terá para o hellenismo a entrada dos alliados em Constantinopla.

«Estamos prestes a assistir ao maior acontecimento da historia contemporanea. A libertação de Constantinopla e a abertura dos estreitos vão abrir um novo campo de acção á raça hellenica, que já mostrou quanto é digna da confiança e da estima da Europa».

O *Embros* considera a destruição dos fortes exteriores dos Dardnaellos como um feliz inicio, e accrescenta:

«E assim rue a Turquia, victimada pela sua propria loucura. Embora de ha muita condemnada como a negação viva do progresso e dos principios moraes, ainda assim poderia o imperio ottomano prolongar mais a sua existencia; quer, porém, oppôr-se ao seu destino pela mais audaciosa das loucuras, e agora a si mesmo pergunta se, ao abandonar a Europa, mesmo na Asia encontrará asilo».

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — A força do destino — Commissario bom rapaz.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21 — Genio alegre.

TRINDADE — A's 20,30 e 22,30 — 100.ª representação de Verdades e mentiras — Revista.

GIMNASIO — A's 21 — Amor de marinheiro — A sopa no mel.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — Ceu azul.

EDEN THEATRO — A's 21 — A princeza dos dollars.

APOLLO — Não ha espectaculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — S. Carlos — Recita de assignatura — 1.ª representação de *A força do destino*, de Hervieu, traducção de Mello Barreto. — *Commissario bom rapaz*.

—Trindade—100.ª das *Verdades e mentiras*.—Recita do auctor.

—Gimnasio—Recita de Maria Mattos e Mendonça de Carvalho—1.ª representação de *Amor de marinheiro*, de «Giesta».—*A sopa no mel*.

SEXTA-FEIRA — Gimnasio — Recita de Silvestre Alegrim — *O commissario de policia*

SABBADO — Eden-Theatro — Estreia da companhia d'opora lirica — *Aida*.

Medalhões

Maria Mattos e Mendonça de Carvalho

Eis ahi dois comediantes dignos e honestos que trabalham e estudam, que completam o seu talento e os seus recursos artisticos com aquelle amor do officio, sem o qual não ha qualidades que se affirmem nem exitos que se justifiquem.

Maria Mattos impoz-se. Não se valeu para isso de meios que não proviessem d'ella propria. O carinho com que é tratada pela critica não o sollicitou nem lh'o angariaram influencias de terceiros. Modestamente e apenas amparada ao seu trabalho, ella foi conquistando a passos largos a consagração que lhe era devida. Hoje é um nome que todos conhecem. Qualquer espectador a reconhece e os que o veem pela primeira vez guardam d'ella uma impressão definitiva. Pelo que me diz respeito, não esquecerei nunca o terceiro acto da Visinha do lado. *Quem teve a felicidade de encontrar aquella interprete deve guardar-lhe para todo o sempre, uma affectuosa gratidão. Dividas d'aquellas não se pagam nunca completamente.*

Mendonça de Carvalho é o digno companheiro d'aquella artista. Fez-se tambem á custa do seu trabalho, estudando, procurando marcar em cada papel o seu esforço e muito ainda ha a esperar do seu desejo de vencer.

A noite de ámanhã, unindo-os nos applausos como elles se uniram na vida, será uma festa a que se associam a minha amizade e a minha admiração.

Cyrano

***

Boatos e informações

Entre nós

Os principaes papeis da *Conversão de Belchior*, comedia de costumes em quatro actos de Chagas Roquette, que subirá á scena no Nacional no proximo mez, serão desempenhados por Joaquim Costa, Ignacio Peixoto e Lucinda do Carmo.

● No mesmo theatro e logo que regresse do Porto a sociedade artistica, entrará em ensaios uma peça de Augusto de Lacerda.

● Entra no sabbado em ensaios no Gimnasio a comedia em trez actos *4028—Lx.*, adaptação liberrima de André Brun.

● A revista *Feira da vida*, original de Severim de Azevedo e Vasconcellos e Sá, musica de Fortéo Rebello, que se ensaia no theatro da Rua dos Condes, será posta em scena com grande luxo de scenario e guarda-roupa.

No estrangeiro

O estado de Sarah Bernardht depois da sua operação tem sido o melhor possivel. A carie da rotula que originou a amputação foi devida a uma queda dada pela illustre tragica, quando representava a *Joanna d'Arc*.

● Reabriu em Paris o Nouveau Cirque. No programma não figura um unico artista francez.

● Nas Folies Bergeres estreou-se a revista *En avant*.

Circos & Music-halls

Os luctadores na guerra

Demos hontem uma noticia sobre o famoso leão russo *George Hackenschmidt, servindo-nos de preciosas informações do agente artistico Leonard Parish. Hoje, vamos fornecer aos nossos leitores novas noticias vindas da mesma origem, que é, seguramente, a melhor informada que ha na Europa.*

O luctador Luiz Lemaire, que é um dos mais energicos athletas da França, que foi um campeão dos medios *e que vimos em Lisboa quando aqui esteve Maurice Deriaz e que com este luctou no Coliseu 2 horas e 45 minutos, está entre os soldados que combatem os allemães, defendendo a terra da Belgica. Como sabe alguma coisa de cozinhados, os seus camaradas pediram-lhe que fizesse de cozinheiro. E lá anda fazendo pet*iscos *nas horas em que não pega n'uma espingarda.*

O luctador Zbysko, o colossal campeão do mundo, está prisioneiro dos russos, porque foi apanhado na Galicia, — terra da sua nacionalidade.

Noticias

Entre nós

No theatro da Rua dos Condes, vão fazer duettos de operettas conhecidas as cantoras Stellina e Carla Cenami.

—Amanhã, no Coliseu dos Recreios, estreia-se uma artista celebre, a atiradora de carabina M.elle de Bordeverry, que executa numeros de excepcional valor. A tiros de carabina, desfechados sobre a tecla de um piano, toca uma peça de musica e despe um vestido de M.elle de Fondeville, atirando sobre os botões d'esse vestido! No genero é um numero extraordinario.

—O Salão Olympia annuncia que é exclusiva do seu *écran* a exhibição da 4.ª serie do «Rocambole».

—O Coliseu dos Recreios bateu hontem um *record* n'um espectaculo de terça feira. Vendeu 2,627 geraes! Nos outros logares a concorrencia era proporcionada áquelle numero. Foi, em cinco espectaculos realisados, a quinta enchente!

—A empreza cinematographica do Coliseu de Lisboa apresenta constantes *films*. Actualmente exhibe o «Martirio de Lucci».

RUA DOS CONDES — A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA — A's 20 — Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella) — A's 21 e 22,30 — O sonho domosquito.

PEQUENAS NOTICIAS

Angelo Victor Ramiro, morador na travessa de Santa Qoiteria, 6, loja, foi preso por ter furtado a Gonçalo Rodrigues, residente na rua dos Poiaes de S. Bento, 62 loja, de quem era hospede, differentes peças de roupa no valor de 80 escudos.

—A banda da guarda republicana executa amanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 e meia horas, o seguinte programma: «Carnaval romano», ouverture», Berlioz; «La jeunesse d'Hercule, poema simphonico. S. Saens; «8.ª simphonia, scherzo, Beethoven; «Paginas dispersas», suite, n.º 1—«Preludio», n.º 2—«Minueto» (estilo antigo), n.º 3—«Intermezo dramatico», n.º 4—«Marcha militar»; F. Fão; «Polonaise», Chopin; «Dejanire», marcha de concerto, S. Saens.

A exposição de arte belga no Havre

Paris, 1 de março

A exposição de obras de arte e de objectos preciosos salvos das cidades belgas da região do Yser inaugurou-se sabbado passado, no museu do Havre, em presença de varios ministros e de numerosas personalidades belgas e estrangeiras, tendo sido proferidos discursos.

A exposição apresenta o mais real interesse artistico. N'ella figuram o triptyco de Bernard Van Orley, salvo da egreja de S. Nicolau de Furnes; as obras de arte de Nieuport, salvas pelas tropas francezas, e entre ellas um velho estandarte da cidade; maravilhosos crucifixos antigos, salvos de differentes egrejas flamengas; a *Adoração dos pastores* de Dereyn, calices, custodias, missaes do convento de Loo, todos os objectos de arte do museu Merghelinck, de Ypres, etc.

Movimento maritimo

Bordeus «Liger», (do Brazil)	4
Africa occid. via S. Thomé, etc., «Af.»	5
Archipelago dos Açores, «Funcal»	5
Vigo e Liverpool «Darro» (Brazil)	5
Bordeus, «Guadeloupe» (Brazil)	5
Madeira e Canarias, «Aguia», (Liverp.)	5
Brazil e R. Prata «Sequana» (Brazil)	8
Brazil e R. Prata «Hollandia» (Amstd.)	8
Lour. Marq. Beira, etc. «Castilian» (Liv.)	8

E' claro que a Inglaterra, com o seu espirito de previdencia e as suas resoluções que respiram energia, ha de sempre procurar combinar as suas forças, por si proprias insufficientes para taes objectivos, com as das potencias oppostas ás rivaes que maior receio lhe incutam.

Até 1901, a Inglaterra, seguindo a sua politica tradicional, suppoz que o maior perigo estava do lado da França e da Russia. Depois d'essa data, viu que o poder crescente da Allemanha a ameaçava muito mais directa e perigosamente no seu commercio, na sua hegemonia maritima e na sua propria segurança.

A primeira consequencia da guerra de 1870 foi, como já frisámos, o fazer crêr á Russia que a derrota da França lhe proporcionava occasião azada para poder estender o seu dominio no Oriente. Gortschakow arrastou o imperador e o imperio á guerra de 1878, tendo por objectivo a libertação dos povos slavos do sul.

A Inglaterra receiou por Constantinopla, ao passo que a Austria-Hungria se inquietava por vêr frustradas as suas ambições balkanicas. D'ahi, uma approximação entre as duas potencias, approximação feita sob a egide da Allemanha. E o Congresso de Berlim, convocado por Bismarck, entravou o passo á Russia.

Iniciava-se assim a era moderna dos dissentimentos anglo-russos.

O Congresso de Berlim trouxera ainda outra consequencia. Para impedir uma approximação franco-russa, que o incidente de 1875 preparára, a Allemanha e a Inglaterra, de accordo, offereceram a Tunisia á França.

Esta nação, mal refeita ainda do desastre que soffrera e sentindo-se esmagada no continente pelo poder militar da Allemanha, procurára expandir-se em mares e paizes longe da Europa. A abertura do canal de Suez, devida á energica iniciativa do grande engenheiro Fernando de Lesseps, dera-lhe uma certa preponderancia no Mediterraneo. Procurava recuperar a influencia que sempre exercera no Egypto, quando a Inglaterra, que durante muito tempo se oppuzera á perfuração do Isthmo, aproveitou a occasião de comprar metade das acções da Sociedade do Canal. A Inglaterra e a França encontravam-se assim uma em frente da outra no Egypto, no momento em que começava a era da expansão colonial.

A Inglaterra, que tinha apprehensões, quanto ás suas communicações mundiaes, pela expansão russa e pela franceza no Mediterraneo, ao passo que suppunha nada ter a temer do poder allemão, entrou com ardor na lucta de influencia contra a Russia e contra a França.

De 1882 a 1902, é o periodo das conquistas fóra da Europa e aquelle em que o imperialismo inglez attinge o seu apogeu. A Triplice Alliança não preoccupa de fórma alguma a politica britannica, que vê na Austria uma alliada contra os slavos e na Italia um ponto de apoio contra a expansão franceza no Mediterraneo e no mar Vermelho.

A alliança franco-russa, firmada em 1891, excita as suspeitas da Gran-Bretanha, que estreita relações com a Allemanha, cujo apoio muitas vezes solicita. E' a Allemanha que a auxilia no Egypto; é com a Allemanha que partilha a Africa oriental, em 1893; facilita, com o seu auxilio, o nascimento do imperio colonial allemão e cede, como um objecto de troca insignificante, a ilha de Heligoland, cuja falta hoje tão cruelmente sente; é d'accordo com a Allemanha que prepára, contra a Russia, a occupação quasi simultanea de Kiao-Tcheu e de Wei-Hai-Wei, além do projecto que dizia respeito á partilha da China. Ao mesmo tempo, impelle a Italia para Massuah e serve-se d'ella como ponto d'apoio para se apoderar do alto Egypto e do Soldão.

A Inglaterra procura ainda no Japão um alliado contra a Russia, preparando assim o desastre de Mukden. E não esteve longe um rompimento com a França a proposito de incidentes occorridos no Sião e na Tunisia, em Madagascar, no Congo e no alto Nilo. Esteve mesmo a ponto de confiar a sorte de Marrocos á

citos tinham de intervir simultaneamente, eram os militares que deviam entender-se a tal respeito; por outro lado, devendo haver um accordo constante dos dois governos nas questões internacionaes, era isso com os diplomatas.

A convenção dos estados maiores, que foi a base precisa da alliança russa, foi negociada, no anno seguinte, em S. Petersburgo, pelo general Boisdeffre, ali enviado na qualidade de chefe do estado maior francez, e ratificada em Paris pelo ministerio Casimir-Perier.

Quanto ao accordo permanente das duas diplomacias, foi regulado por uma serie de medidas que o tornaram publico: em primeiro logar, a declaração do ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Dupuy, Hanotaux, respondendo á interpellação Millerand, a 31 de maio e 10 de junho de 1891, proclamando a alliança a proposito da acção em commum dos dois governos em Kiel; em seguida as viagens dos soberanos russos á França e do presidente Félix Faure á Russia e a troca dos famosos brindes do *Pothuau*, declarando as duas nações «amigas e alliadas». Essa declaração foi feita a 26 de agosto de 1897.

Desde então, um accordo permanente, baseado n'uma absoluta confiança, se estabeleceu entre as duas diplomacias e as duas potencias. E o actual imperador, Nicolau II, subindo ao throno pela morte prematura de seu pae, ficou fiel á vontade por este expressa.

No periodo que decorre de 1890 a 1910, a alliança franco-russa só teve que preoccupar-se com garantir o futuro. E' o periodo da expansão colonial dos povos europeus. A França, que havia já occupado a Tunisia e o Tonkin, trata de assegurar a sua auctoridade estabelecendo-se no Congo, em Madagascar, na Indo-China, em todo o noroeste africano, e começa a pensar em exercer a sua influencia em Marrocos. Assegurando aos seus exercitos a immensa reserva de soldados do continente negro, fortalece a sua situação na Europa.

Essa politica de expansão colonial devia ser realisada emquanto era tempo. Se assim se não fizesse, todos os logares estariam occupados. Era o que ia succeder á Allemanha.

A politica do principe de Bismarck não era a de expansão colonial, mas viu-se, esse estadista, obrigado a mudar de orientação. Foi elle quem, a troco de Zanzibar, que deixava á influencia da Inglaterra, fundou a colonia allemã do Este africano. Os seus successores puderam ainda alcançar o archipelago das ilhas Samóa, a Togolandia, o Camerun e Kiau-Tcheu no golpho de Petchili, mas a Allemanha soffreu uma verdadeira decepção colonial, por culpa dos seus governantes.

Uma das theses defendidas pelo pangermanismo era a de que a Allemanha devia encontrar mercados para os seus productos e terrenos para os seus emigrantes; se não haviam sabido reserval-os, tomassem-nos aos outros. D'ahi, a causa dos incidentes marroquinos que estiveram quasi a perturbar a paz da Europa. Essa ambição revelou-se brutal e cinicamente quando, em vesperas da actual guerra, a Allemanha não occultou á Inglaterra que, no caso de ficar victoriosa, exigiria da França a cessão de todo ou de parte do seu dominio colonial.

Pela sua parte, a França fôra mais previdente. Seguindo a politica iniciada por Jules Ferry, em menos de vinte annos soubera dilatar o seu imperio colonial, que é hoje um dos maiores do mundo.

Mas essa politica tinha um grave inconveniente: expunha a França a uma rivalidade constante com a Inglaterra, dando portanto ensejo a que a diplomacia allemã pudesse aproveitar qualquer incidente que surgisse para envenenar as relações internacionaes da sua rival.

Não soube, porém, aproveitar as occasiões favoraveis. E a diplomacia franceza procedeu sempre com a maior circumspecção em todas as questões coloniaes com a Inglaterra. Mercê d'esse modo de proceder, todos os conflictos anglo-francezes foram solucionados no difficil periodo que abrange de 1885 a 1900. A In-

Maestro Taborda

Amanhã, 4 do corrente, ás 11 horas da manhã, na egreja de S. Domingos, realisa-se uma missa por alma do saudoso MAESTRO TABORDA.

Durante o officio funebre, far-se-ha ouvir uma orchestra da «Associação de Musicos Lisbonenses», dirigida pelo maestro Assis Pacheco.

glaterra, em troca d'outras concessões e principalmente da suzerania do Egypto, deixou que a França se estendesse no norte de Africa, no Congo e em Madagascar. O incidente de Fachoda não teve consequencias e a questão de Marrocos deu causa a uma approximação definitiva entre os dois paizes.

Para a Russia, as consequencias da politica de expansão foram mais graves. O seu campo d'acção era a Asia. Impellida pelos conselhos da Allemanha, tratou de se apoderar dos territorios que se prolongavam da Siberia para o oceano Pacifico. Depois de se ter estabelecido na Mandchuria, na Coréa e em Port-Arthur, despertou as susceptibilidades do Japão.

Ora a força do Japão era desconhecida na Europa e principalmente em S. Petersburgo. A guerra russo-japoneza expoz o imperio do czar ao maior perigo que tem corrido desde a guerra da Criméa. Uma crise interior, em parte fomentada por emissarios estrangeiros, avolumou os perigos da crise externa. Nicolau II viu cahir em roda de si, assassinados a tiros de revolver ou despedaçados por bombas, os seus mais dedicados servidores. A paz foi finalmente assignada, servindo de arbitro os Estados-Unidos, e o ministro dos negocios estrangeiros, ao tempo Iswolski, imprimia á politica russa uma evolução decisiva por uma approximação com a Inglaterra, a que se ia seguir uma approximação com o Japão.

A campanha de expansão colonial chegava ao seu termo. Nos fins de 1908, a Europa voltava para sua casa, se assim nos podemos expressar. A Russia, devido ao auxilio financeiro e diplomatico da França, superára as crises mais difficeis; podia continuar a obra da sua restauração economica, administrativa e militar, mas tinha de fazer frente á obra produzida pela Austria-Hungria e pela Allemanha, que haviam sabido aproveitar as circumstancias.

Emquanto ella combatia no Extremo Oriente, as suas rivaes tinham feito grandes progressos no Oriente. A politica austro-hungara soubera tirar proveito da derrota de Mukden.

O conde d'Ærenthal, embaixador da Austria-Hungria em S. Petersburgo, deixando o seu posto para assumir o cargo de ministro dos negocios estrangeiros do imperio austro-hungaro, tratou immediatamente de annexar a Bosnia e a Herzegovina.

Foi n'esse momento que se revelaram os designios dos dois imperios germanicos, que se haviam combinado para conseguirem, simultaneamente, um fim commum. A Austria aproveita a situação da Russia para estender a sua auctoridade sobre o baixo Danubio e a peninsula dos Balkans. A Allemanha aproveita as complicações que da conquista de Marrocos adveem á politica franceza para estabelecer, em prejuizo da França e até da propria Inglaterra, a sua auctoridade maritima e colonial.

Os dois imperios seguiram, para alcançar esse objectivo, uma marcha parallela, agitando ora a questão dos Balkans, ora a questão marroquina.

Mas o que os une do modo mais evidente é o accordo fundamental com o governo ottomano—por intermedio do qual se espera fomentar revoltas na India, no Caucaso, na Persia e na Argelia—e, por outro lado, a politica do armamento até aos dentes, a partir de 1910, o que prova á evidencia que os governos allemão e austro-hungaro esperam qualquer coisa, ou, antes, se preparam para alguma coisa.

A politica anti-slava, a politica anti-franceza são apenas manifestações d'esse grande plano concebido pelo imperador Guilherme, ou pelos que o cercam e o dominam. O objectivo d'esse plano é assegurar, embora á custa de todos os sacrificios, a hegemonia allemã, dar á Allemanha, como o proclamou um dos seus publicistas, os meios de «respirar». E' o imperialismo ou antes o pangermanismo que se revela claramente e cujos excessos, depois de terem de ha muito aberto os olhos á Russia e á França, os vão finalmente fazer abrir á Inglaterra.

CAPITULO II

A «Entente Cordiale» e a «Triplice Entente»

A politica da Inglaterra com relação á Allemanha depois da guerra de 1870 é completamente differente antes e depois do advento ao throno de Eduardo VII.

No primeiro periodo, de 1870 a 1901, a politica ingleza é favoravel a um entendimento com a Allemanha nos pontos essenciaes dos grandes assumptos internacionaes; no segundo, a Inglaterra evoluciona para uma approximação com a Dupla Alliança. Essa evolução é lenta, mas vem a terminar pelo accordo dos dois estados maiores em 1912 e pelas negociações precipitadas de 1914.

Almirante Jellicoe, commandante da esquadra ingleza do Norte

A principio, ha uma hostilidade visivel contra a França e a Russia; mas, pouco a pouco, e depois da campanha do «Made in Germany», a desconfiança para com a Allemanha augmenta dia a dia. Durante muito tempo, Chamberlain personificou a primeira politica; durante todo o seu reinado, Eduardo VII personificou a segunda. Apesar d'isso, revelava-se uma certa ambiguidade nos designios e nas resoluções da Inglaterra, pois parte da opinião liberal e até mesmo uma facção do gabinete conservavam as suas sympathias á Allemanha.

A incerteza do que faria a Inglaterra no caso d'um conflicto armado durou até ao proprio dia da declaração da actual guerra. Foram os erros diplomaticos da Allemanha que a levaram a tomar a resolução de intervir.

Preciso é, porém, explanar as causas que a isso a levaram.

A politica da Inglaterra tem dois objectivos: conservar o dominio dos mares para salvaguarda do seu vasto imperio, e evitar todo o perigo a que as suas armadas não possam fazer face. Trata-se, em summa, de assegurar á Gran-Bretanha as condições precisas para poder desenvolver pacificamente o seu commercio com todas as partes do mundo e os meios de abastecer o archipelago metropolitano, que não póde viver sem ter livres as communicações maritimas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1644 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 4 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

João Chagas e o seu gesto

O gesto do sr. João Chagas, renunciando ao seu logar de ministro de Portugal em Paris, para «não servir dictaduras nem dictadores» põe de novo em fóco o seu nome, e por isso mesmo se nos afigura de flagrante actualidade rememorar as diversas phases da vida d'este illustre republicano, homem de pensamento e de acção, a quem a Republica, mais do que a nenhum outro, deve o seu glorioso advento, preparado pela propagandae pela revolta.

João Chagas foi, com effeito, durante largos annos, a personificação viva da revolução. Desde que, em seguida ao abalo do *ultimatum*, que agitou tantas almas, o seu espirito audacioso, vivaz, irrequieto, brilhante, se orientou para a Republica, elle nunca mais a viu senão envolta na bandeira da insurreição, entre as espingardas dos seus legionarios e banhada nas harmonias marciaes d'uma *Marselheza* redemptora.

O *ultimatum* data de janeiro de 1890. Seis mezes depois já a *Republica Portugueza* vivia. N'uma simples folha de papel, é certo, mas é sempre n'essa fragil folha de papel que, nos tempos modernos, se edificam os pedestaes do triumpho.

Não tardou muito que d'essa folha de papel brotasse uma legião de combatentes. Precisamente após um anno e alguns dias do *ultimatum*, nas ruas do Porto, desfraldava-se a bandeira da Republica, e a idéa da Liberdade recebia aquella aspera mas retemperante «sancção da derrota», que Victor Hugo, tantas vezes citado por João Chagas na evocação d'esse movimento revolucionario, entendia ser necessaria ás idéas para se afervorarem e garantirem a si proprias o mais solido triumpho.

Nos conselhos de guerra do Leixões, João Chagas, com a sua attitude, imprimiu a esse movimento uma grandeza que, sem elle, talvez perdesse. Um jornalista monarchico dizia então a seu respeito: «Era a attitude d'um spartano». Sparta era a escola das fortes virtudes civicas. Conhecia o sacrificio e conhecia a bravura. Esse trecho de Sparta na insurreição do Porto deu-lhe uma sobria e indestructivel magestade.

Era então um rapaz de vinte e cinco annos. Seguiram-se os tempos do desterro. O seu nome continúa sendo o simbolo da rebellião irreprimivel. As suas aventuras politicas irmanam-o a Rochefort como já o seu espirito se identificara ao do grande pamphletario da *Lanterne*, ainda então nortеado pela generosa indisciplina perante todas as oppressões do poder.

Evade-se da Africa, dando provas d'um sangue frio pasmoso. Conhece, depois da terra do degredo, a terra do exilio, e da França que lhe alimenta com historicas seivas as anciedades revolucionarias, lhe aguça, em espirituaes bigornas, as settas da ironia, e lhe contorna, com artisticos cinzeis, ás faculdades do gosto, expede para Portugal, em cada mala, esses acerados, scintillantes artigos d'*A Portugueza*, em que já vão transparecendo, entre as apostrophes nervosas de Jules Vallés, as ironias, certeiras como estocadas, de Paul-Louis Courier.

Um dia regressa. Não supporta o exilio, não supporta a inacção. A simples denuncia da sua estada em Portugal apavora a monarchia, que consegue deitar-lhe a mão e que o reenvia para a Africa. E' então a fortaleza de S. Miguel, authentico inferno. Ainda ahi João Chagas, submettido ao regimen dos condemnados communs, escreve para a imprensa da metropole, proclama a necessidade da revolução, pugna pela sorte dos miseros condemnados. Todavia, no momento é de temer que essa privilegiada intelligencia se afunde, que esse nobre esforço se extinga. Sobrevem a amnistia. João Chagas volta logo a Portugal. Despedindo-se do tenente Coelho, que ainda jazia nas garras da monarchia, diz-lhe, com serenidade e firmeza, que vem luctar por ambos e que essa lucta assumiu entre elle e a monarchia o caracter de um duello de morte que não findará sem que elle ou ella tombem fulminados no solo.

São as peores horas da batalha ardente. Em Portugal reina aquella apagada e vil tristeza de que falára o poeta. Chegou-se ao scepticismo no ideal, a peor decadencia dos povos. Encolhem-se os hombros. Acceita-se com resignação fatalista a dinastia dos Braganças, na convicção de ser impossivel varrel-a do territorio nacional. João Chaga-se debate-se no vacuo. O seu partido vive uma vida de opportunismo dissolvente. Os principios estão postos de banda, e quando se põem de banda os principios agonisam a honra e o caracter dos povos. Faz-se politica republicana com o compendio de civilidade á vista. Um chefe republicano, de tendencias excessivamente moderadas, Gomes da Silva, chama a isso «a delicadeza dos melhores espiritos». Os peores espiritos, os rebeldes, os insubmissos, os irreconciliaveis, os intransigentes, rasgam, como João Chagas, as unhas nos quartos andares da Baixa.

Todavia, o desanimo não attinge o incansavel luctador. Um dia Lisboa acorda aos berros vibrantes da *Marselheza*. Ha logo um periodo de agitação violenta. Torna a echoar a tribuna dos comicios; o governo sobresalta-se; novamente surgem no horisonte os clarões indecisos da Revolução. E' a epocha em que se inicia a conspiração dirigida por Bazilio Telles, em que João Chagas entra com todo o fervor do seu temperamento combativo. Essa tentativa fracassa, mas o essencial não é vencer—é manter a atmosphera da lucta; é conservar tensas e nervosas as energias revolucionarias.

Sobre o jornalista vigoroso que dia a dia, ganha em dextreza, arranque, brilho e persuasão novos elementos de combate cahe um diluvio de querellas. João Chagas, que passou da *Marselheza* ao *Paiz*, fundado por Alves Correia e cuja direcção assume, conhece de novo a terra do exilio. De Madrid, onde segue anciosamente as peripecias da guerra com a America, envia aos seus leitores portuguezes palavras de inextinguivel fé. Tudo falha—até a logica. A Hespanha continúa monarchica, o que é absurdo. João Chagas regressa a Portugal, e aqui, outra vez sem jornal, outra vez sem armas, mais uma vez atravessou a dolorosa phase de uma existencia em que só o indifferentismo corresponde aos seus anceios continuos de batalha.

Esse marasmo politico condemna á transitoria inacção o agitador, enferruja a penna ao jornalista de combate, mas fornece a Portugal um admiravel homem de lettras. No *Primeiro de Janeiro*, João Chagas revela-se um chronista encantador, originalissimo, possuidor de todos os segredos do estilo e de todos os recursos do espirito. Hardonin, Henry Maret e Cornely, desmerecem ao pé da sua *maneira*, que lembra a subtileza de Anatole France enroupada na fórma de Eça de Queiroz.

Transitoria foi, com effeito, a inacção do agitador. Mal João Franco desperta a opinião publica com o bico da sua bota de granadeiro, iniciando uma d'essas dictaduras politicas que são sempre o mais irritante estimulo das coleras populares, João Chagas está de novo na brecha. O *Mundo* publica o seu *Diario Livre*, onde já lampejam laminas de aço, e no proprio *Primeiro de Janeiro* a sua ironia torna-se mordaz, contendente, feroz. Vae abrir-se uma grande arena, e n'ella está marcado um dos primeiros logares para esse combatente irreductivel, em cujo espirito a revolução redemptora se tornou uma obcessão de todas as horas, de todos os instantes.

A conspiração de 28 de janeiro ganha novos alentos desde que João Chagas lhe imprime toda a sua paixão indebellavel, toda a sua pasmosa actividade. Esse homem, de tão requintadas exigencias de espirito, percorre a Lisboa subterranea por onde se cruzam os fios da formidavel conspiração. Passa as noites em claro. Por vezes, a arder em febre, sob uma chuva gelida e torrencial, encaminha-se para os conciliabulos populares de Alcantara e Alfama. Não escreve já; não diz uma palavra. Como Blanqui, entende que, chegado o momento da acção, a prédica não só é inutil como prejudicial. Mas a monarchia sabe que, tratando-se da revolução, João Chagas não estará longe. A sua prisão antecede a de Antonio José de Almeida, dirigente official do movimento.

No quartel dos Paulistas, João Chagas vê a morte mais proxima do que nunca. A tragedia de 1 de fevereiro abre-lhe as portas da prisão, que poderiam ter sido as do sepulcro. E' só um momento de respirar um hausto de ar livre e puro. Uma semana depois, já João Chagas de novo conspira. As circumstancias são difficeis. Ha um periodo de espectação geral. Mas, rejeitando a tregua que lhe propoz Affonso Costa, a nova monarchia suicida-se. No Congresso de Setubal, João Chagas é nomeado, com Affonso Costa e Candido dos Reis, para fazer a revolução.

Como se desempenhou da sua missão dil-o o dia 5 de outubro.

A doença muitas vezes o privou da collaboração de Affonso Costa. Candido dos Reis, um velho cumplice, seu activissimo collega, morreu. Do triumvirato revolucionario, supremo orientador do movimento, pode dizer-se que foi João Chagas o primeiro. O seu nome queria dizer Revolução. Fez a Revolução. Qual o segredo da sua victoria? Elle proprio o disse: Acreditar no povo.

Realisada a Revolução, o nome de João Chagas quasi desapparece. Relembraram-o, ao ser conhecida a sua nomeação para ministro da Republica Portugueza em Paris, representantes do exercito, da armada e do governo provisorio, que lhe offereceram um banquete. N'esse banquete um dos convivas disse que o nome de João Chagas, quando se fizesse com toda a verdade a narrativa da revolução, havia de ser um nome historico. Se o não fôr, a historia de Portugal ficará, na realidade, tão incompleta, na revolução de 5 de outubro, como o ficaria eliminando o de João Pinto Ribeiro na revolução do 1.º de dezembro.

Relembrada a existencia d'este republicano, leal e integro, o seu gesto de agora, demonstrando que nada perdeu em o seu amor á liberdade e o seu culto pela Republica, não pode causar surpreza. Para surprehender seria que elle o não desenhasse, vendo attingida, na propria estructura da Republica, a sua vida, a sua obra e a sua alma.

Poeira da Arcada

Os hespanhoes tiveram um largo imperio que se estendia por todos os continentes. Em vez de o conservarem, deixaram-no perder, organisando uma politica de erros que veiu a terminar precisamente, quando o mundo, para vêr o sol, não necessitava já olhar para o rei de Hespanha. Hoje elles vivem de recordações, algumas das quaes bastante amargas e confrangentes. Voltam-se para o passado e veem as ruinas da sua grandeza. Desanimam, sentindo-se diminuidos perante si proprios. Uma ou outra vez, porém, revoltam-se contra os factos consumados e cerram os punhos, como se quizessem embaraçar a marcha do Destino. E lançando os olhos, onde lampeja uma louca ambição, para o occidente, elles sentem que uma presa existe digna dos seus apetites. E, como são loquazes, dizem em voz alta o que a modestia lhes manda guardar no seu intimo.

**

Talvez um dia os portuguezes cheguem a comprehender que a politica, nos povos preguiçosos, produz o mesmo effeito que o aguilhão das vespas nos bois vagarosos. Estes, apenas mordidos, apressam o passo, mas fazem-no tão desordenadamente que, quando lhes passa a furia, se acham mais cançados que nunca.

**

João Chagas regressa a Portugal, não querendo receber ordens de um governo que, pela dictadura, quer levar-nos ao Paraiso. No seu animo, algumas tristes desillusões devem ter deixado cahir bastantes flocos de neve. Elle, que luctou pela Republica, vem encontral-a de tal maneira protegida pelas espadas que os seus filhos dilectos mal podem encaral-a. Cremos que a sua presença não será de todo inutil para os que, olhando para a frente, manteem puro o seu fervor nas virtudes da democracia.

Pelo telegrapho

A situação na Belgica e em França

PARIS, 3.—Communicação official.—Do mar ao Aisne houve canhoneio de intensidade variavel. Os allemães recomeçaram o bombardeamento de Reims ao meio dia, servindo-se de granadas incendiarias. Em Champagne na linha ao norte de Souain Mesnil e Beausejour os nossos progressos continúam a accentuar-se; occupámos em toda a linha de ataque isto é, n'uma extensão de seis kilometros, um conjuncto de linhas allemãs representando em profundidade um kilometro. Os nossos progressos de hoje foram particularmente sensiveis a oeste de Perthes onde tomámos trincheiras e ampliámos as nossas posições no bosque. Ganhámos tambem terreno ao norte de Mesnil. Finalmente repellimos na mesma região alguns ataques violentos. Um regimento da guarda soffreu perdas enormes. Desde o ultimo communicado fizemos uns cem prisioneiros e tomámos metralhadoras. Repellimos com facilidade varios ataques allemães no bosque de Consenvoye (norte de Verdun) e bosque Le Pretre noroeste de Pont-á-Mousson).—(*Havas*).

Os navios austriacos bombardeiam Antivari

ROMA, 4.—Communicam de Podgoritza á *Tribuna* que cinco navios de guerra austriacos penetraram no porto de Antivari e bombardearam a cidade, os caes e o porto, incendiaram os depositos de generos alimenticios. O yacht real foi afundado e varios habitantes mortos ou feridos.—(*Havas*).

A Noruega e o seu cobre

Christiania, 1 de março

O decreto que prohibe a exportação de cobre é extensivo ás folhas e ás placas de cobre e de latão qualquer que seja a sua espessura, ás barras laminadas e forjadas assim como aos cobres e bronzes trabalhados. Estas providencias entraram immediatamente em vigor.

UM DIA HISTORICO

Funcciona o Parlamento nos arredores de Lisboa

O governo manda sellar e guardar o palacio das Côrtes, junto do qual protestam contra essa medida o presidente da Camara dos Deputados e o senador sr. Bernardino Machado

A Republica e a Constituição acclamadas pelo povo

A Camara dos Deputados, reunida no palacio da Mitra, em Santo Antonio do Tojal, resolve declarar o ministerio e o chefe do poder executivo fóra da lei e considerar nullos os decretos dictatoriaes

Desde as primeiras horas da manhã que o edificio das Côrtes se encontrava guardado por forças da guarda republicana assim distribuidas: do lado da rua de S. Bento e da Calçada da Estrella, cordões de infantaria; em volta do edificio, sentinellas de infantaria e patrulhas de cavallaria, e ao fundo da rua João das Regras um pelotão de 58 cavallos da mesma guarda, além de toda a policia disponivel. Commandando superiormente as forças da guarda republicana estava o sr. tenente-coronel Paulino de Andrade, que foi governador civil de Evora na situação Duarte Leite e que tinha sob as suas ordens os srs. capitães Souto e Gomes da Silva e tenentes Mattos, Cabrita, Barreto e Rego. Da policia estavam os srs. major Amaral, capitão Esmeraldo e varios chefes.

Pelas 13 horas, já na calçada da Estrella, Poyaes de S. Bento, avenida das Côrtes e rua João das Regras se via muita gente, aguardando anciosa os acontecimentos.

O palacio das Côrtes conserva todas as portas e janellas fechadas, vendo-se apenas n'uma das janellas da extrema esquerda o sr. Feio Terenas, director do Congresso, com a sua cabelleira ao vento, analisando attentamente o largo.

Da avenida veem agora os srs. Fraga Pery de Linde, redactor da acta do Senado, e dr. Affonso Lopes Vieira, redactor de serviço da camara dos deputados. Chegam junto ao cordão da guarda. Ha na multidão que estaciona um momento de curiosidade. Que se irá passar?

Quando pretendem transpôr a guarda, o capitão Souto intima-os a parar e diz-lhes que, por ordem da presidencia, ninguem podia entrar no edificio do Congresso. Então o sr. Fraga replica que elle e o seu collega estão ali por ordem do sr. director geral da secretaria e pedem, portanto, que o sr. capitão Souto tome na devida conta a sua declaração e os seus desejos de cumprir uma ordem recebida.

Mantida a recusa, o sr. Affonso Lopes Vieira retira-se e toma um carro Estrella-Camões, indo o sr. Fraga juntar-se a varios collegas seus que ali se encontram tambem.

O presidente da camara chega ao palacio de S. Bento e lavra o seu protesto

Faltam vinte minutos para as 14. Um automovel chega trazendo junto ao «chauffeur» um dos correios do parlamento: é o sr. presidente da camara dos deputados, diz-se. O automovel pára. Apeia-se, effectivamente, o sr. dr. Manuel Monteiro, acompanhado pelo deputado sr. dr. João de Deus Ramos e pelos srs. Vellez Caroço, ex-governador civil de Portalegre, e Arthur Cohen, ex-governador civil substituto de Lisboa. O sr. dr. Manuel Monteiro atravessa o cordão, dirige-se ao sr. tenente-coronel Paulino de Andrade com quem troca ligeiras palavras, voltando para o largo onde se avista com o sr. capitão Esmeraldo.

—Disse-me o sr. tenente-coronel Andrade que era V. Ex.ª o commandante das forças policiaes que nos impediam a entrada no parlamento.

—Sim, senhor,—responde, verdadeiramente impressionado, o sr. capitão Esmeraldo.

—Como sabe, eu vim aqui, na minha qualidade de presidente da camara dos deputados, para cumprir um dever que o poder legislativo me impõe. Preciso, por isso, que me seja auctorisada a entrada no parlamento.

—Tenho do sr. presidente do ministerio—responde o sr. Esmeraldo—as mais terminantes ordens para não deixar entrar ninguem. Não posso deixar de cumprir essas ordens.

—Bem. V. Ex.ª cumpre as suas ordens e eu acato-as. Isso, porém, não me impede de protestar energicamente contra a intromissão do poder executivo nos dominios do poder legislativo.

E, retirando-se já a caminho do seu automovel, excitado, nervoso, o sr. dr. Manuel Monteiro exclama: Viva a Republica!

Immediatamente toda a enorme multidão que havia rodeado o automovel rompe em manifestação vibrante, enthusiastica, soltando vivas á Republica, ao partido democratico, á Constituição e gritos hostis ao actual governo. Lá do fundo da rua João das Regras, parte, á galope, um dos pelotões de cavallaria da guarda, e, descendo á rua dos Poyaes de S. Bento, vê-se um novo esquadrão da mesma guarda que vem tomar posições. O povo, afastado a custo, continúa nas suas manifestações ordeiras.

Já no automovel, o sr. dr. Manuel Monteiro attende agora o sr. Feio Terenas que lhe diz, á pressa e offegante:

—Desci para dizer a V. Ex.ª que lhe vou enviar immediatamente um officio, participando-lhe tudo quanto se tem dado aqui desde as cinco da manhã...

E o automovel parte, tomando á esquerda a direcção da rua de S. Bento, entre novas palmas e vivas calorosos.

O sr. Bernardino Machado invoca energicamente o cumprimento da lei fundamental da nação

Passados poucos minutos das quatorze, um novo automovel chega. D'um grupo grita-se: «Viva o dr. Bernardino Machado!» e o velho caudilho dos tempos da propaganda apeia-se, visivelmente preoccupado e triste.

Avança até junto da força, e ahi entre sua ex.ª e o sr. capitão Souto estabelece-se o seguinte dialogo:

—V. Ex.ª não póde passar!

—Porquê? Sou senador da Republica e não admitto que me prohibam a entrada no parlamento.

—Tenha V. Ex.ª paciencia, mas eu recebi ordens para não deixar passar ninguem e portanto V. Ex.ª não passa.

—Não obedeço. V. Ex.ª não deve obediencia senão á Constituição, e a Constituição dá-me o direito, mais, impõe-me o dever, de ir hoje ao parlamento.

E o sr. dr. Bernardino Machado avança mais, como a querer romper o cordão da força. Debalde. O sr. capitão Souto, interpondo-se, exclama:

—V. Ex.ª não passa. Não póde passar.

E o sr. dr. Bernardino Machado, teimando ainda:

—Cumpra o seu dever. Cumpra o seu dever. Eu sei muito bem cumprir o meu. Sou legitimo representante da cidade de Lisboa e portanto hei-de ir hoje ao parlamento em nome da Constituição, a que devo obediencia.

N'esta altura avança do largo o sr. tenente-coronel Paulino de Andrade, que se acérca do sr. dr. Bernardino Machado, para lhe repetir as ordens do governo, ao que sua ex.ª responde nervosamente excitado:

—Não. Não. Não acceito a intimação de V. Ex.ª. Cumpram o vosso dever. Eu sei cumprir o meu.

—Mas as portas estão fechadas—diz-lhe o sr. tenente coronel Andrade.

—Embora! Irei até lá para vêr. Cumpre-me ir até lá para vêr. Quero fazer lembrar sempre a Constituição áquelles que d'ella se esqueceram.

—Eu fiz apenas uma observação pessoal—repete o sr. tenente-coronel Andrade.

—Isso são ordens contra a Constituição. São ordens contra a Constituição ás quaes ninguem deve obediencia. Agradeço as attenções de V. Ex.ª, mas acima de tudo a Constituição.

Ha agora um longo compasso de espera. O sr. dr. Bernardino Machado permanece de pé, entre os srs. capitão Souto e tenente Gomes da Silva. Do largo partem vivas. Varios amigos vão abraçar e cumprimentar o ex-presidente do penultimo ministerio. Depois os srs. major Amaral e capitão Esmeraldo conferenciam largamente com o illustre estadista. O sr. dr. Bernardino Machado mantem os seus desejos. Quer ir até ás portas do Congresso. E o sr. capitão Esmeraldo sahe e vae a um telephone pedir essa auctorisação ao governo, que lh'a nega.

Dos lados do Chiado chegam os deputados srs. Pereira Victorino e Luz de Almeida, independentes.

No largo vão-se succedendo as manifestações que a guarda republicana dispersa, afastando os manifestantes para longe. Todas as immediações de S. Bento estão apinhadas de gente. Ha gente pelas janellas, sobre os muros, pelos telhados.

A's quinze horas o sr. dr. Bernardino Machado faz saber aos srs. major Amaral e capitão Esmeraldo que se vae embora, visto ter terminado a hora marcada pelo Regimento para se proceder á segunda chamada.

Approxima-se o automovel. O sr. dr. Bernardino Machado entra acompanhado pelo sr. Ricardo Covões, deputado. Da multidão parte agora um novo grito unisono, vibrante, prolongado.—«Viva a Republica!» E innumeras vozes gritam, em seguida, vivas ao sr. dr. Bernardino Machado, ao sr. dr. Affonso Costa, á Constituição e á Liberdade, acompanhados com gritos de «abaixo a dictadura!» «Abaixo o governo!»

E o auto toma, célere, a mesma direcção do que levou o sr. dr. Manuel Monteiro.

O povo dispersa ordeiramente, victoriando a Patria e a Republica livre de tirannias

A multidão continua ainda nas cercanias do parlamento. De vez em quando, logo que a avalanche recrudesce, os pelotões da guarda republicana operam evoluções, varrendo a gente, desengorgitando os grupos, n'um redopio apressado entre a avenida das Côrtes, a rua de S. Bento e a calçada da Estrella. Este movimento repete-se quasi sem interrupção. Lá de quando em quando ergue-se uma voz e sôa um brado mais forte, mais energico, mais enthusiastico á Republica, á Constituição, á Patria livre de tyrannias. A cada um d'esses brados corresponde um novo movimento de cavallaria que pretende suffocal-o mas que apenas consegue pôl-o a distancia. O dia que se conserva triste, mesmo carrancudo, illumina-se, como que a saudar as ultimas manifestações de protesto contra o encerramento das Côrtes.

Pouco depois das 16 horas a multidão está consideravelmente dizimada. O transito pela calçada da Estrella é já muito mais facil.

Chega depois o sr. dr. Lopes d'Oliveira, professor do lyceu. Clama um vibrante viva á Republica. Rodeiam-no logo varias pessoas que secundam o seu viva.

Semelhante espectaculo, nem a monarchia o deu, diz o sr. Lopes de Oliveira, esboçando um gesto amplo, como a indicar a praça das Côrtes, coalhada de fardas e eriçada de bayonetas.

—Viva a Patria, viva Portugal, viva a França, vivam os alliados, exclama energica, enthusiasticamente o sr. Lopes d'Oliveira, seguindo a calçada da Estrella, acompanhado por um grupo.

E' este, póde dizer-se, o derradeiro incidente digno de nota nas cercanias do parlamento. A pouco e pouco, a multidão escôa-se, diminue, desapparece. Sente-se não estar longe o fim. De facto, ás 16,30, o sr. major Amaral dirige-se ao official commandante da guarda republicana e logo acódem os subalternos que recebem ordens. Percebe-se, nas evoluções que fazem, preparar a retirada das forças. O caso é que immediatamente os pelotões que policiavam a avenida das Côrtes veem a trote formar deante do palacio. A infantaria toma a posição de sentido, satisfeita por deixar a sua tarefa. Tudo se põe em marcha e o publico que estacionava nas proximidades poude, então, seguir ao longo do edificio das Côrtes, pelo passeio fronteiro. De guarda ao parlamento ficam as patrulhas de cavallaria da guarda republicana, que não consentem a permanencia de ninguem no largo, e um piquete do mesmo regimento, armas ensarilhadas, que, desde manhã, vigia a entrada do edificio, collocado deante do gradeamento das portas.

Paira o socego no acampamento e as praças preparam-se para atacar o rancho, que n'esse instante chega. Assim acaba a jornada de hoje, junto do palacio das Côrtes sem incidentes de maior...

A reunião do Parlamento

A Camara dos Deputados funcciona com 68 dos seus membros

N'uma sala do palacio da Mitra, em Santo Antão do Tojal. Estão reunidos os deputados do Congresso da Republica. Trocam-se vivas, saudações. O sr. dr. Manuel Monteiro, feito silencio, assume a presidencia, secretariado pelos srs. drs. Paes de Almeida e Joaquim Portilheiro.

Convida o sr. dr. Caetano Gonçalves, que está presente, a fazer parte da meza. S. ex.ª declina o convite. Procede-se á chamada. Respondem 68 deputados. O sr. *Luiz Derouet* requer que seja dispensada a leitura da acta. O sr. dr. *Affonso Costa*, em negocio urgente, propõe que se lance na acta um voto de sentimento pela morte do deputado Henrique Cardoso, que diz ser a primeira victima da dictadura. Refere-se em termos violentos á acção do actual governo, terminando por mandar para a meza a seguinte moção:

A Camara dos Deputados da Republica Portugueza:

Considerando que o sr. presidente da Republica nomeou, fóra de todas as indicações constitucionaes, o actual ministerio presidido pelo general Joaquim Pereira Pimenta de Castro;

Considerando que este ministerio, desacatando todas as normas reguladoras da competencia e attribuições do poder executivo, fez publicar, com a assignatura do sr. presidente da Republica, como chefe d'esse poder, os decretos n.os 1352 e 1377, de 24 de fevereiro e 2 de março de 1915, em que se conteem alterações a leis vigentes, e se regulam materias da competencia exclusiva e privativa do poder legislativo, como são as respeitantes á organisação dos collegios eleitoraes das duas Camaras, e ao processo da eleição, artigos 8, paragrapho 1.º, 26.º, n.º 1.º da Constituição politica da Republica Portugueza;

Considerando que o mesmo governo, com a solidariedade do sr. presidente da Republica, attentou contra o livre exercicio do poder legislativo, oppondo-se ao regular funccionamento das camaras, mediante o encerramento violento do edificio do Congresso, o seu cêrco e guarda por forças militares, que nem aos proprios presidentes das mesmas camaras permittiram a approximação de aquelle edificio;

Considerando que estes factos constituem os crimes de responsabilidade previstos no artigo 55.º, n.os 2.º e 3.º e paragraphos 1.º e 2.º da Constituição, e nos artigos 3.º e 6.º, n.os 2.º e 3.º, 8.º, n.os 3.º e 4.º e paragrapho unico, 9.º n.º 1.º do paragrapho unico, 14.º e 24.º da lei n.º 266 de 27 de julho de 1914 sobre responsabilidade ministerial, resolve:

1.º—Declarar o ministerio e o chefe do poder executivo fóra da lei;

2.º—Dar por nullos e sem effeito algum os ditos decretos n.os 1352 e 1377 na parte em que alteram as

leis vigentes e regulam materia legislativa;

3.º—Incitar todos os cidadãos portuguezes, e especialmente os funccionarios publicos, a não cumprirem taes decretos nem lhes obedecerem, respeitando e exercendo assim os direitos individuaes consignados nos n.os 20 e 37 do artigo 3.º da Constituição;

4.º—Negar validade a quaesquer outros actos dictatoriaes do governo, e a todos os que d'ora avante pratique o poder executivo, ainda em materia de competencia d'este poder quando funccione constitucionalmente;

5.º—Communicar a todos os interessados estas resoluções para que, *de futuro, não seja exigido á nação* portugueza o cumprimento de quaesquer obrigações internas ou externas, contractuaes, politicas, diplomaticas ou financeiras, que o actual ministerio por si só ou como poder executivo emquanto subsistir de *facto, porventura ouse contrahir* com terceiras pessoas ou governos estrangeiros.

Arredores de Lisboa, palacio da Mitra, em 4 de março de 1915.

Affonso Costa.

O sr. *Alexandre Braga* salienta que o momento é mais proprio para obras do que para palavras, faz considerações energicas sobre a situação actual e propõe que o Congresso reuna em sessão conjuncta para nomear uma commissão de defeza da Republica. Encerram-se então os trabalhos da Camara, depois de ser approvada a moção apresentada pelo sr. dr. Affonso Costa.

O Senado não funcciona por falta de numero

Eram 15 horas e 30 minutos quando o sr. general Correia Barreto assumiu a presidencia, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Arantes Pedroso.

A' chamada respondem apenas 20 senadores. Como o *quorum* seja de 24, o sr. presidente diz que o Senado não póde funccionar, por falta de numero, e avisa os senadores presentes de que o Congresso vae reunir immediatamente em sessão conjuncta para nomear uma commissão de defeza da Republica. Em seguida é encerrada a sessão.

As camaras reunidas em sessão conjuncta

A's 16 e 15 minutos da tarde faz-se a chamada do Congresso. A meio d'ella entra na sala o sr. dr. Bernardino Machado, que é alvo d'uma estrondosa ovação. Grita-se:

—Viva a Republica!

—Viva a Constituição!

—Viva a união de todos os verdadeiros republicanos!

Estrondosas salvas de palmas coroam estes vivas.

Vê-se, pela chamada, que estão presentes 90 congressistas. O sr. Manuel Monteiro, que preside, declara aberta a sessão.

Pede a palavra o sr. Alvaro Pope. Requer a dispensa da acta da sessão antecedente. Approvada a dispensa.

O presidente dá a palavra ao sr. dr. Affonso Costa.

O chefe do Partido Republicano Portuguez deseja que o Congresso aprecie a moção que apresentou na Camara dos Deputados.

A moção é lida na mesa, e novamente grandes manifestações de applauso.

O sr. Bernardino Machado:—Peço a palavra.

Levanta-se, commovidissimo, logo que o presidente lhe concede a palavra, o velho e austero republicano. A voz embarga-se-lhe na garganta. Mas a pouco e pouco readquire uma vibração energica, que se accentua ao condemnar o attentado á Constituição da Republica.

Ouviu lêr a moção do sr. Affonso Costa. Está inteiramente de accordo com o seu espirito. Mas uma coisa pede ao Congresso. E' que não vise n'ella o sr. presidente da Republica. Quer ainda ter a esperança de que elle, velho republicano das grandes campanhas contra a monarchia, venha a reconsiderar, abandonando a attitude que tomou. Ainda vê n'elle a figura da Republica. Pede ao Congresso que o exclua das severas conclusões da moção. E termina o seu rapido discurso propondo que a mesa seja auctorisada a eleger uma commissão que se entenda com todos os parlamentares republicanos para que se estabeleça o mais depressa possivel a normalidade constitucional. «Só assim—exclama com força—é que a Republica será a Republica, acabando esta situação aviltante em que somos escarnecidos por ser republicanos!»

As ultimas palavras do sr. Bernardino Machado são acolhidas com uma enorme ovação, passada a qual o sr. dr. Affonso Costa toma de novo a palavra.

Apoia o espirito da instancia do dr. Bernardino Machado. Mas os factos são os factos. O sr. presidente da Republica sahiu para fóra da lei e não attendeu a nenhum appello, absolutamente nenhum, para a ella regressar. Se tivesse ouvido esses appellos, para o exito dos quaes elle e o seu partido a tudo se sujeitavam contanto que se salvassem os principios essenciaes da Republica, não se estaria assistindo agora ao espectaculo horroroso de vêr escorraçada do Parlamento a representação nacional.

Porém se o sr. presidente da Republica, ao vêr ámanhã o paiz levantar-se para impôr o respeito á Constituição, reconsiderar e restabelecer a Constituição, não duvida que será acolhido com o esquecimento da sua attitude presente, justificado pelos seus antigos e grandes serviços á causa da democracia. «Não queremos cavar um abismo entre o sr. presidente e a Republica!»

Acabam as influencias funestas que o dominam, porventura a coacção que o opprime, e o sr. presidente só encontrará bons republicanos dispostos ao olvido d'um momento horrivel. A moção, porém, tem que se votar porque corresponde á verdade dos factos.

Estrepitosos, enthusiasticos applausos, saudações freneticas á Republica e á Constituição. E o sr. dr. José de Castro faz, por ultimo, uso da palavra, dizendo que as afirmações do sr. dr. Bernardino Machado são muito para ponderar, mas que a situação é inilludivel. Está ou não o sr. presidente da Republica fóra da lei? Ninguem póde negar que o está. A moção constata um facto. Termina lendo uma declaração de voto na qual affirma que, na sua qualidade de senador independente e de velho republicano, protesta contra a dictadura e contra o attentado de hoje, commettido pelo governo que mandou cercar por tropas desde as 6 horas da manhã o edificio do parlamento.

Exgotou-se a inscripção. Vozes impacientes reclamam:

—Votos! Votos!

A moção do sr. Affonso Costa é approvada por unanimidade com as declarações de voto dos srs. Bernárdino Machado e José de Castro.

O sr. dr. Affonso Costa, voltando a falar, propõe que a meza nomeie a commissão encarregada de velar pela Constituição, ficando essa commissão tambem encarregada de procurar todos os parlamentares para uma acção commum em defeza da legalidade republicana.

O sr. dr. Manuel Monteiro nomeia para essa commissão os srs. dr. Bernardino Machado, dr. José de Castro, dr. Magalhães Lima, dr. Caetano Gonçalves e dr. Pereira Victorino.

O sr. dr. Affonso Costa propõe ainda que os presidentes das duas camaras marquem o dia, hora e local das proximas sessões do Congresso de accordo com aquella commissão.

—Está encerrada a sessão, diz o sr. Manuel Monteiro.

E brada:

—Viva a Republica!

O enthusiasmo é então delirante. Na velha sala, em cujo tecto o brazão da Mitra pôz uma mancha vermelha, rebôa uma explosão de acclamações. A scena é d'uma grandeza historica. Os parlamentares e muitos dos seus amigos abraçam-se effusivamente. «E' preciso defender a Republica!» Eis a phrase que se ouve em todos os labios. Fóra, no pateo senhorial onde a herva cresce a espaços, um grande grupo de populares corresponde ás acclamações que estrugem na sala.

Descem a larga escadaria de pedra os membros do Congresso, vindo á frente os srs. Affonso Costa e Bernardino Machado, n'um grupo de que é tirada uma photographia. Os automoveis começam a mover-se.

Começou depois a debandada dos automoveis, n'uma extensa fila, entre nuvens de poeira. Os populares que passavam pela estrada acclamavam os deputados e senadores. Eram 17 horas e 45 minutos quando chegaram a Lisboa, de regresso d'essa jornada historica que *foi* hoje a reunião do Congresso da Republica...

Os deputados que assistiram

Entre os deputados e senadores independentes, que assistiram hoje ás sessões do Congresso, lembra-nos ter visto os srs. dr. Bernardnio Machado, José de Castro, Caetano Gonçalves e Pereira Victorino.

Os deputados que estavam presentes e cujos nomes pudémos apontar são os seguintes:

Affonso Costa, Alberto Souto, Alberto Xavier, Albino Pimenta de Aguiar, Alexandre Braga, Sá Cardoso, Alfredo Ladeira, Alvaro Pope, Alvaro de Castro, Angelo Vaz, Annibal Lucio de Azevedo, Pereira Victorino, França Borges, Ferreira da Fonseca, Marques da Costa, Antonio Maria da Silva, Achilles Gonçalves, Rodrigues Gaspar, Balthazar Teixeira, Caetano Gonçalves, Carlos Olavo, Damião Lourenço, Domingos Pereira, Carneiro Franco, Ferreira do Amaral, Francisco José Pereira, Gastão Rodrigues, Germano Martins, Henrique Vasconcellos, João Nunes da Palma, João de Deus Ramos, João Damas, João Luiz Ricardo, Pereira Bastos, Joaquim Portilheiro, José d'Abreu, José Bessa de Carvalho, Freitas Ribeiro, Barbosa Magalhães, Tierno da Silva, Thomaz da Fonseca, Luiz Derouet, Luiz Filippe da Matta, Manuel Alegre, Manuel Monteiro, Philemon de Almeida, Ricardo Covões, Urbano Rodrigues, Victor Hugo d'Azevedo Coutinho, Victorino Godinho e Victorino Guimarães.

No Largo do Pelourinho

Junta-se muita gente, guardando os membros do Congresso

Por se ter dito que os membros do Congresso iam reunir no sPaços Municipaes, houve durante toda a tarde muita gente defronte do municipio e nas suas immediações. A policia nem por um instante deixou de vigiar attentamente o largo, e tanto a rua do Arsenal como o Terreiro do Paço e a rua do Commercio estiveram até á noite patrulhadas por cavallaria da guarda republicana.

Apesar do publico commentar por vezes com ardor a situação politica, não houve incidentes nem notas desagradaveis. Ao cahir da tarde, os grupos dispersaram, sem que a ordem tivesse sido alterada.

EM SANTA CLARA

O assalto á esquadra do Caminho Novo

Para julgamento dos implicados no assalto da esquadra do Caminho Novo, na noite de 20 para 21 de outubro de 1913, reuniu hoje o 2.º tribunal territorial de guerra, sob a presidencia do coronel de infantaria 2, sr. Boaventura de Noronha, sendo juiz auditor o sr. dr. Antonio de Campos, promotor o tenente-coronel sr. Nascimento Pinto e secretario o alferes sr. Paula Pacheco.

Dos incriminados, que eram em numero de 21, compareceram: Alberto Gomes dos Santos e Cesar das Dôres Beltrão, soldados de cavallaria 4; Delphim das Dôres Almeida, Domingos Fernandes, Evaristo Gonçalves, João Bernardo, José Correia, Justino Manuel Fernandes, Manuel Espirito Santo Gil e Mario Gonçalves Motta, ex-policias; José do Nascimento Santareno, sargento da companhia de saude, e os soldados da mesma companhia Antonio Pedro Nunes e Antonio Ferreira Peralta.

Os soldados de cavallaria eram defendidos pelo sr. dr. Preto Pacheco, os restantes réus pelo defensor officioso, em virtude de ter faltado o sr. dr. José d'Arruella. O primeiro réu a ser interrogado, Alberto Gomes dos Santos, confessa ser monarchico, ter entrado no movimento e ter alliciado o Beltrão, o qual confirmou o alliciamento e tambem ser monarchico.

Os réus Almeida, Fernandes, Gonçalves e Francisco Jorge declaram não terem entrado no movimento e que, se abandonaram os seus postos, foi por o cabo Manuel Antonio lhes ter dito que o povo ia assaltar a esquadra da rua do Caminho Novo. Eguaes declarações fizeram João Bernardo, José Correia, Justino Manuel Fernandes, Espirito Santo Gil e Mario Gonçalves Motta. Os interrogatorios do sargento Santareno e dos soldados Nunes e Peralta nada esclarecem. As perguntas do sr. auditor e promotor de justiça limitam-se á forma como o serviço é feito no hospital da Estrella.

A primeira testemunha de accusação, o cabo de policia João de Oliveira, diz que ás trez horas da madrugada do dia 21 de outubro o chefe Lourenço o mandara ver se o guarda 1599 estava no seu posto no largo das Cortes. Lá o encontrou. Depois de ter feito esse serviço appareceram na esquadra da Boa Vista e assaltaram-na, pondo em liberdade um individuo que ali estava preso. Partiram os apparelhos telephonicos e o 1599 desappareceu. Não conheceu nenhum dos guardas assaltantes. Só se recorda de ver o cabo Manuel Antonio e o chefe Lourenço amarrados.

Seguiram-se os depoimentos das restantes testemunhas de accusação, sendo a audiencia suspensa ás 18 horas, para recomeçar amanhã.

Festa artistica do maestro Blanch

No domingo' 7, com um extraordinario e sensacional programma, realisa-se em S. Carlos a festa artistica do maestro Pedro Blanch, o notavel director da Orchestra Simphonica Portugueza. Toma parte mademoiselle Yvonne Dupuy, uma gentilissima e eximia violinista que executa duas obras de Beethoven e Schubert com acompanhamento de orchestra. No programma figuram todos os grandes successos da temporada.

Uma tarde de grande arte e de rara elegancia pois todas as familias da sociedade deram ponto de reunião no domingo em S. Carlos.

Regulamentação de horas de trabalho

A fim de dar conhecimento dos trabalhos effectuados respeitantes ao horario de trabalho no commercio, realisa-se amanhã, pelas 22 horas, na séde da Associação dos Caixeiros, rua Garrett, 62, 2.º, uma sessão que será o inicio do movimento que esta collectividade resolveu levar a effeito no sentido de ser adoptado o projecto-regulamento approvado pelo Congresso da classe.

Pessoal dos hospitaes

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis Portuguezes faz publico que, no enterro da sua consocia Beatriz Fernandes, fez uso da palavra em nome d'esta collectividade o consocio Abel da Cruz, de cujas palavras assume toda a responsabilidade, nada tendo com os individuos que na mesma occasião fizeram uso da palavra o que não pertencem aos hospitaes.

Projecteis de mil kilos!

Londres, 1 de março

O *Queen-Elisabeth*, cujos grandes canhões teem feito terriveis estragos nos fortes turcos, é um dos seis mais recentes superdreadnoughts da esquadra ingleza. Esses navios apenas consomem petroleo. Alguns d'elles teem 8 canhões de 405, cada um dos quaes lança um projectil de mil kilos, outros teem canhões de 375, que lançam projecteis de 700 kilos. Teem egualmente canhões de 150.

Outra innovação é a protecção contra os ataques aereos e que é constituida por *capuchons* que cobrem as chaminés de ventilação, as pontes e a unica chaminé do motor. Os navios a que nos referimos teem de 27.000 a 28.000 toneladas e a sua velocidade é de 25 nós.

Entre pescadores

O moço d'uma companha espancado barbaramente

No Monte de Caparica habitam muitos pescadores e proprietarios de embarcações da picada entre os quaes Francisco Victorino, *O Chico das Gestrudes* que tem ao seu serviço Alfredo José e Francisco Figueiredo, «camaradas», e Manuel Alves *O Manuel Lagareiro*, moço, os quaes residem em commum n'uma casa de malta.

Hontem de tarde, de regresso da pesca da sardinha, dirigiram-se os trez para terra, tomando os dois primeiros direcção diversa do *Lagareiro*. Este, pela meia noite, regressou a casa, fechando-se por dentro. D'ahi a pouco regressaram os dois outros companheiros, que começaram a bater á porta. O *Lagareiro* fez ouvidos de mercador e não abriu. Os que estavam do lado de fóra metteram hombros á porta, arrombaram-na e munindo-se cada um de seu fueiro, sovaram o companheiro desalmadamente, pondo-se depois em fuga.

Aos gritos do ferido acudiram varios visinhos que o foram encontrar cahido por terra com a cabeça feita n'um bolo jorrando sangue. Conduzido para Cacilhas n'uma carroça, veiu hoje no primeiro vapor para Lisboa, para o hospital de S. José, onde o medico de serviço, sr. dr. Torres Pereira, verificou que elle apresentava seis enormes ferimentos na cabeça e um no braço direito.

Pensado, recolheu a casa por se recusar a ficar hospitalisado. O ferido tem 41 annos, é solteiro e natural de Caparica.

Communicado o caso ás auctoridades, estas puzeram-se em campo, conseguindo já prender o Figueiredo, que na fuga escalara alguns muros de quintas proximas.

«*Historia illustrada da Grande Guerra*»

Na administração de *A Capital* serão satisfeitos immediatamente todos os pedidos dos numeros até hoje publicados com o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O Naturismo», pelo dr. Amilcar de Sousa

Acha-se publicada a segunda edição do interessante estudo *O Naturismo*, pelo dr. Amilcar de Sousa, nosso distincto collaborador. E' o sexto volume da Bibliotheca Vegetariana. O nome do dr. Amilcar de Sousa basta para garantir o valor da obra, que deve interessar a quantos se preoccupam com o problema da saude não só phisica mas tambem moral, pois que os naturistas attribuem ao seu regimen uma grande influencia no bem estar do espirito.

Recebemos tambem os numeros do *Vegetariano* correspondentes aos mezes de janeiro, fevereiro e março. O bello mensario, que tem como director o dr. Amilcar de Sousa, é o orgão da Sociedade Vegetariana de Portugal e encerra artigos muito curiosos e magnificas illustrações.

«A Galera»

Os numeros 5 e 6 d'esta revista de lettras arte e sciencia são consagrados a Antonio Nobre e conteem numerosas poesias e alguns artigos em prosa sobre o grande poeta do *Só*, de quem estampa varios retratos.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Julia Vieira Pitta, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 11 horas, da rua de S. Paulo, 12, 2.º para o cemiterio oriental.

Um projecto de transformação da Social-Democracia

Genebra, 27 de fevereiro

Dizem de Berlim que o deputado socialista ao Reichstag Heine fez recentemente n'uma conferencia em Stuttgart, declarações caracteristicas da evolução que se operou no socialismo allemão e que o *Vorwaerts* resume assim:

«Confiando no imperador e no chanceller, o sr. Heine renuncia momentaneamente a toda a acção independente do partido durante a guerra. A social-democracia, na sua opinião; deve limitar-se a apoiar o governo, de accordo com os outros partidos, que é preciso considerar como alliados! Pensa que, depois da crise actual, o nosso partido se deve transformar n'um aggrupamento operario que proseguirá na realisação das reformas democraticas e sociaes.

«A palavra revolução perdeu a opportunidade; é preciso que os socialistas modifiquem a sua attitude para com o Estado militarista, o qual mudou de caracter, visto que os israelitas e socialistas podem agora tornar-se officiaes, e deve, por conseguinte, obter certas satisfações legitimas da parte da social-democracia».

O *Vorwaerts* faz seguir esta recapitulação de algumas linhas equivocas que revelam o seu cruel embaraço.

«Julgamos, diz elle, que o nosso companheiro Heine expressou, nas suas declarações, as aspirações de uma grande parte dos nossos homens influentes, e estamos longe de ver em taes palavras—que de resto não podem ser completamente commentadas no momento actual—um ataque contra a politica do partido tal como os nossos congressos a tinham fixado. Pelo contrario, a nossa opinião é de que se não pode deixar de chamar a attenção dos nossos adherentes e dos membros dos nossos sindicatos para esta intenção de transformar a social-democracia em partido de reforma social sobre uma base nacional, porque, no fim de contas, é á grande massa que pertence a resolução final».

Migalhas

Um morto

Todos os poetas do grupo do *Fon-fon*, Filippe de Oliveira, Alvaro Moreyra, Adelino Tavares, Leoncio Correia, me diziam, por horas em que eu lhes manifestava a minha admiração pela poesia brazileira e o meu culto devoto por dois grandes artistas ainda vivos, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho:

—Ha um grande, um enorme poeta no Brazil: Mario Pederneiras.

Eu era amigo intimo do irmão, do Raul, cuja amisade é das mais preciosas joias que a bizarra hospitalidade carioca me offertou e, admirando profundamente essa complexa organisação de artista, mais me cresceu o desejo de conhecer o poeta, cujos versos eu lia cada semana nas paginas dos *magazines.*

Promettera-me o Raul levar-me a casa do auctor das *Rondas nocturnas*; mas uma grande desgraça adiou algum tempo esse plano. No dia em que, com Raul Pederneiras, deviamos fazer uma conferencia *a duo* em beneficio da Associação da Imprensa, a aza da Morte passou de subito sobre a casa do meu grande amigo e foi ainda n'um livro de seu irmão, n'essas maravilhosa *Historias do meu casal*, lidas a horas mortas, que elle encontrou um pouco de consolo á sua magoa e eu a alegria de o vêr soffrer um pouco menos.

Nas vesperas do meu regresso á Europa, n'uma tarde ao voltar da Central para a rua da Assembleia, encontrámo-nos com Mario Pederneiras, que sahia do seu jornal predilecto, d'esse *Fon-fon*, em que collaborava toda a mocidade intellectual do Rio de Janeiro.

No seu aspecto—como no de Vicente de Carvalho—nada denunciava o grande artista. Abriu-me os braços e muito do seu coração. Falámos largo tempo e exprimi-lhe o desgosto de que a minha volta a Portugal não me permittisse radicar pelo convivio a amisade que tão generosamente me offerecia

Voltei do Rio e, sempre que pensava nos amigos que lá deixei e que espero ainda rever um dia, lembra-me de Mario Pederneiras e d'aquelles seus versos em que, depois de descrever a Torre da sua phantasia, elle termina:

Nas minhas simples ambições modestas,
Quanta vez, se um sonho se dilue
Ou se passa uma agrura,
Eu considero
No meu intimo simples e sincero
Como é feliz a humilde creatura
De viver tristonho
Que por unico bem de gloria e sonho
Possue
A desventura de uma torre d'estas.

André Brun

UMA DESCOBERTA ARTISTICA

«A expulsão dos vendilhões do Templo»

Um dos mais bellos quadros de «El Greco» foi ha dias encontrado n'uma egreja

Em abril do anno passado celebrou-se em Hespanha o tricentesimo anniversario da morte do pintor Domenicos Theotocopulos, que na Historia da Arte é geralmente conhecido por «El Greco». Por essa occasião organisou-se em Toledo, na casa em que toda a vida morou o grande predecessor e mestre de Velasquez, uma exposição de todas as suas obras conhecidas. A Academia de Bellas Artes de Madrid teve um trabalho insano em reunir todos esses quadros. Ninguem comtudo suspeitava que nas proximidades da Puerta-del-Sol, na velha egreja de S. Gines, existia uma das mais perfeitas obras do artista.

Foi o marquez de Santa Maria de Silvela quem ha poucos dias a foi descobrir n'uma das dependencias do edificio. O quadro mede 1m,11 de largura por 1m,7 de altura e representa a «Expulsão dos vendilhões do Templo». A tumultuaria scena está pintada com uma verdade e impressionismo flagrantes. Esse maravilhoso trabalho constitue uma simphonia polichroma, onde predominam o violeta, o amarello, o verde escuro e cinzento.

Foi transportado com infinitos cuidados para o muzeu do Prado, onde diariamente os amigos da arte vão admiral-o em romaria.

Ao lado do quadro de «El Greco» estão agora expostas outras duas preciosidades artisticas: um retrato do infante D. Carlos, proveniente da collecção arranjada pelo rei Luiz Filippe durante o seu exilio na Inglaterra, e um retrato de Rembrandt pintado por elle proprio em 1636, que existia na collecção Haywood Lansdale. Ambos os quadros pertencem hoje ao collecionador madrileno D. José Maria Muñoz.

Ultimas noticias

A grande guerra

As operações no theatro oriental

LONDRES, 3.—Summario do relatorio russo de 27 de fevereiro a de 2 março:

Em quasi toda a linha o inimigo passou agora á defensiva; os ataques russos teem obtido consideraveis progressos em varias direcções. O combate ao norte de Govdano desenvolveu-se a favor dos russos que tomaram n'esta região mais de 1.300 prisioneiros e 15 metralhadoras pertencentes ao 21.º corpo de exercito allemão, ultimamente transferido da linha de combate occidental. Os allemães continuam bombardeando Ossovetz com a sua artilharia pesada, mas em vista da presente situação este procedimento é inutil. Entre os rios Pissa e Rozga, a noroeste de Lomze, os russos estão desenvolvendo a sua offensiva. No districto de Pranzmyaz os russos effectuaram um brilhante e feliz movimento, tendo posto os allemães em completa debandada na direcção de Janow e Mlava; foram completamente destroçados dois corpos de exercito allemães, soffrendo inumeras perdas, tendo os russos feito mais de 10.000 prisioneiros. Na Polonia central a situação é estacionaria. Nos Carpathos, no dia 28 de fevereiro, os austriacos concentraram grandes forças com artilharia pesada e deram um vigoroso ataque a sueste de Tarnow, mas foram repellidos com numerosas perdas. No domingo travou-se tambem uma violenta batalha ao sul de Przemysl onde foram anniquiladas muitas unidades austriacas até ao ultimo homem. Fizemos mais de 1250 prisioneiros. Na Gallicia oriental os austriacos soffreram uma grande derrota nas estradas que vão a Stanislavo, tendo os russos feito mais de 1.250 prisioneiros. Na Bukovina, os russos reoccuparam Sadogova. A offensiva austriaca soffreu assim um revez definitivo. As forças russas no Caucaso occuparam o porto turco de Khopa que tem consideravel importancia estrategica para o inimigo.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa.*)

PETROGRADO, 4.—Communicado official—As tentativas allemãs para se approximarem de Ossovietz foram repellidas. Continuámos a progredir na região de Grodno; tomámos de assalto a aldeia de Kerjen; fizemos centenas de prisioneiros e continuámos a repellir os austriacos nos Carpathos e os allemães na região de Kozionska-Rojanka onde anniquilámos duas companhias. Na Gallicia oriental derrotámos os austriacos que defendiam o rio Lonitza; passámos o rio e occupámos a aldeia de Krasna, fizemos seis mil prisioneiros, tomámos 4 peças, 7 metralhadoras e importantes comboios.—(*Havas*).

Os resultados do bombardeamento dos Dardanellos

LONDRES, 3.—O almirantado britannico annuncia o seguinte:

As operações dos Dardanellos recomeçaram ás 11 horas da manhã de segunda feira, tendo n'essa occasião o *Triumph*, o *Ocean* e o *Albion* entrado nos estreitos e atacado o forte n.º 8 e as baterias em Whitecliff, sendo o seu fogo correspondido pelos fortes e peças de campanha.

Na noite de segunda feira uma força de caça-minas, protegida por destroyers, varreu o mar até milha e meia de distancia do cabo Kephez, sendo o seu trabalho effectuado debaixo de fogo, mas segundo consta foi excellente.

As perdas soffridas na segunda feira faram apenas de seis feridos. Quatro navios de guerra francezes operaram em frente de Bulair e bombardearam as baterias e as suas communicações. As operações á entrada do estreito deram já em resultado a destruição de 19 peças de entre 6 e 11 pollegadas; 11 peças de menos de 6 pollegadas, 4 peças Nordenfelt e dois projectores. Os depositos dos fortes n.os 6 e 3 foram tambem demolidos. Na terça feira o *Canopus*, *Swiftuse* e *Cornwallis* atacaram o forte n.º 8, rompendo em nutrido fogo sobre os navios britannicos o forte n.º 9 juntamente com as baterias de campanha e os morteiros. O forte n.º 9 ficou avariado e cessou de fazer fogo ás 4 e 50 da tarde e, apesar de todos os trez navios terem sido attingidos, a unica perda que houve da nossa parte foi um homem ligeiramente ferido. O tempo tomou os reconhecimentos dos hidroplanos impossiveis, mas as operações de dragagem de minas continuam.

O cruzador russo *Alkold* juntou-se á esquadra alliada em frente dos Dardanellos.—(*Informação official recebida na legação britannica em Lisboa.*)

A favor dos feridos da guerra

O programma da festa do dia 14, em Palhavã, organisada pela Sociedade Hippida Portugueza a favor dos feridos da guerra contem trez provas: uma civil-militar com um duro percurso de que fazem parte os mais arriscados obstaculos do Grande Concurso Internacional; uma de parelhas para amazonas e cavalleiros e uma para cadetes da Escola de Guerra, esta inteiramente nova.

Os cadetes saltarão em pelotão e nãoindividualmente, devendo, pois, ser uma prova brilhantissima, tanto mais que são 80 os inscriptos e se estão preparando com cuidado sob a direcção de um distincto official de cavallaria.

Na séde da Sociedade Hippica, rua Ivens, 56, marcam-se logares.

Expedição ao sul d'Angola

Largou hoje do Tejo, pelas 12 horas, o vapor «Insulano» que conduz a bordo 340 solipedes, 70 cabos e soldados, 3 sargentos, o capitão veterinario de artilharia 3 sr. Aniceto Rodrigues da Costa e o tenente de cavallaria sr. Roberto Maria Alcaide.

No caes de Santos compareceram pessoas de familia dos expedicionarios e muitas outras, levantando-se na occasião da partida vivas á Republica.

O «Africa», que conduz o governador geral de Angola, sr. general Pereira d'Eça, e os officiaes do quartel general, deve largar ámanhã, do caes da Fundição, pelas 12 horas.

A bordo irá despedir-se, em nome do governo, o sr. ministro das colonias.

O «Cabo Verde» tambem deve largar ámanhã, se terminar o embarque a horas.

A questão do pão

Pedindo esclarecimentos ao ultimo decreto

Uma commissão de padeiros do Barreiro, acompanhada pelo presidente e vice-presidente da Camara Municipal, procurou hoje o ministro do fomento a fim de pedir esclarecimentos sobre o decreto de 1 do corrente sobre a questão do pão.

Para o mesmo fim esteve alli tambem uma commissão de Villa Franca com o respectivo administrador do concelho.

NO PORTO

O funeral do deputado sr. Henrique Cardoso

O governo dissolverá o cortejo se elle fôr uma manifestação politica

PORTO, 4.—O cadaver do deputado sr. Henrique Cardoso chegou de manhã á estação de S. Bento, onde, apesar da hora matinal, o aguardava grande numero de pessoas. Organisaram-se turnos para o velarem até amanhã, dia em que se realisa o funeral, para o qual estão convidadas todas as aggremiações do partido democratico.

No rapido de hoje são esperados todos os senadores e deputados d'esse partido. O cortejo funebre sae da estação de S. Bento pelas 14 horas e deve ser imponentissimo. Propalou-se hoje que a auctoridade, a pretexto de garantir a ordem, não consentiria que a manifestação se fizesse. Não é verdadeiro esse boato. A auctoridade consente que ella se realise, mas ordeiramente. Se sahir do campo da homenagem de sentimento para uma manifestação politica, dissolverá o cortejo.

Em frente da estação tem estado muito povo. Milhares de pessoas andam de gravata preta. O posto de policia da praça da Liberdade foi reforçado e as tropas estão de prevenção.

As investigações em Lisboa

Fôram hoje mandados pôr em liberdade, por nada se haver provado contra elles, os presos srs. Flores, Roque, Ferrão, Arthur Aleixo de Oliveira, Manuel Ferreira Patrocinio e o *Dominguinhos de Alfama*. Pelas averiguações da policia judiciaria parece ter-se provado haverem sido disparados tiros das janellas do Directorio.

De manhã foi preso o sr. José Augusto dos Santos, o *Santos maluco*, com hospedaria na rua Nova de S. Domingos, sob a accusação de ter sido o auctor do assassinio do tenente de marinha Alberto Soares, no vestibulo do hotel Francfort, na rua de Santa Justa.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 3.—A direcção da Associação Commercial, composta pelos srs. dr. Cerqueira da Rocha, João Monsanto, Fernando Marques Pinto, Nestorio Dias, João Simões, Antonio Luiz Soares e João da Silva Caiano, procurou o ex-director da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, sr. Vasconcellos e Sá, que por estes dias deve retirar para essa cidade, a fim de lhe apresentar as suas despedidas e lhe agradecer os valorosos serviços prestados a esta região durante a sua estada na Figueira. O distincto engenheiro agradeceu a manifestação que lhe era feita e prometteu continuar ao lado da Associação Commercial á qual prestaria todos os serviços que estiverem ao seu alcance. A sua sahida do serviço causou pezar a todo o pessoal, que n'elle via, além de um superior inteligente e honesto, um grande amigo conciliador.

—Em Coimbra já se vae falando nas festas á Rainha Santa, que costumavam ser em julho; pois n'esta cidade ainda nada se disse dos tradicionaes festejos do S. João, apesar de serem um mez antes. Que pensarão a camara e a Associação Commercial sobre o assumpto?

—Para o fim do corrente mez vamos ter dois espectaculos no theatro Parque-Cine pela companhia do theatro Nacional, de Lisboa. As peças escolhidas são «O morcego» e a «Marcha nupcial». Já está aberta a assignatura. No mesmo theatro será exhibida no proximo domingo a fita da série d'ouro-«Rainha Margot».

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro do interior esteve esta tarde em casa do sr. presidente do ministerio, com quem conferenciou demoradamente.

—A' audiencia ao corpo diplomatico no ministerio dos negocios estrangeiros compareceram os srs. ministros de Hespanha e Belgica.

—Com o sr. ministro do interior conferenciaram os srs. Augusto de Vasconcellos e Jacintho Nunes.

—O sr. João Gonçalves solicitou ao ministro do fomento uma conferencia em que os delegados das camaras do paiz tratem da questão vinicola. A conferencia ficou marcada para sabbado.

—O *Diario do Governo* de hoje publica o decreto prorogando por 90 dias, a contar de 8 d'abril, o praso para liquidação de todas as operações cambiaes a praso, realisadas nas praças de Lisboa e Porto até ao dia 3 de agosto passado, sendo tambem ampliado por 90 dias o praso em que é prohibida a exigencia de reforço ou liquidação dos emprestimos em moeda corrente no paiz, sobre papeis de credito, ou a do pagamento de juro a uma taxa superior á que os mesmos emprestimos estavam pagando em 10 de agosto.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 9 do hospital de S. José deu entrada Manuel Correia, cozinheiro nas Casas de Trabalho, alli attingido por um caldeiro com agua a ferver que o deixou muito queimado nas pernas e braços. E na enfermaria CIAB do hospital escolar ficou José Extremadouro, que cahiu pela escada da sua residencia, ficando muito contuso pelo corpo.

—Thomas Pereira, hospedado no hotel Sobral, da rua dos Douradores, 159, 2.º, queixou-se de que na rua dos Fanqueiros havia sido burlado por dois individuos desconhecidos, que lhe extorquiram a quantia de 170 escudos.

—O carroceiro José Ferreira ficou esta tarde entalado entre a carroça que guiava e um carro electrico na rua Nova da Palma, ficando com fractura completa da perna direita. Recolheu á enfermaria 5 do hospital de S. José.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 1/16
Londres, 90 d/v.	35 7/16	
Paris, cheque	$80,8	$81,2
Allemanha, cheque	$30	$31
Hollanda, cheque	$56,5	$57
Madrid, cheque	1$38	1$39
New York	1$40	1$41,5
Rio s/Londres	12 11/16	
Libras	6$96	7$00
Agio do ouro	35 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,40	—
» » 500$	39,40	—
» » 100$	—	—

Obrigações de Estado: 3 0/0 1905, 9$25; 4 0/0 1888, 21$85; 4 1/2 88-89, assentamento 58$70.

Externas: 1.ª serie, 70$80; 3.ª 72$80 e cautellas da 3.ª serie, 2$90.

Acções: Assucar, 40$40; Tabacos, coup., 68$50; Sociedade Agricultura Colonial, 88$.

Obrigações: Prediaes 6 0/0 89$50; Ambacas, 38$; Norte e Leste 2.º grau, 41$.

SPORT

Nota do dia

A'manhã realisa-se o primeiro campeonato nacional de socco

A'manhã, ás 9,30 da noite, realisam-se no Salão da Trindade os combates de socco entre amadores, que constituem as «finaes» do primeiro campeonato organisado pela Federação Portugueza de Box.

São cinco combates. Mac-Nicoll arbitrará, facto que dá garantias de imparcialidade e decisões firmes.

Em cinco cathegorias cabem os combates de ámanhã, que são os seguintes:

Levissimos—Eduardo Borges da Cruz (47,5 kilos), do Atheneu Commercial de Lisboa, contra Germano Garcez (48,800 kilos), do Club Internacional de Foot-ball.

Meios-leves—Miguel Machado (55,200 kilos), do Atheneu Commercial, contra Olimpio Torres (57 kilos) do Club Internacional de Foot-ball.

Leves—Placido Monteiro (61,100 kilos) do Atheneu Commercial de Lisboa, contra Agostinho Paula (57,500 kilos) tambem do Atheneu.

Meios-médios — Herculano Rodrigues (62,500 kilos) do Atheneu Commercial de Lisboa, contra José da Silva Ruivo (62 kilos) do Club Internacional de Foot-ball.

Médios—Tobias Xavier (71,700 kilos) do Club Internacional de Foot-ball, contra Basilio de Oliveira (66,800 kilos) do Atheneu Commercial de Lisboa.

Faz parte ainda do programma um combate, fóra do campeonato, entre Antonio Cardoso, do Club Internacional de Foot-ball, e Oscar Antonio da Silva, do Atheneu Commercial de Lisboa.

Noticias

Entre nós

Na Sala d'Armas Magalhães

Continúa bastante frequentada esta sala cujo movimento em fevereiro findo foi: Funccionou em 18 dias, dando uma média de 63 lições diarias. Recebeu as visitas da Sociedade de Esgrima de Espada. Fez disputar uma «poule» á espada com ponta de suspensão sistema Sazle e em que tomaram parte os discipulos da sala srs. Albano J. Prazeres, Albino Caldas, Mario Mora, Carlos Barbosa, Fernando Kohn, D. Francisco de Vilhena e Augusto Teixeira que se classificaram pela ordem acima.

—Para breve, prepara a Sala d'Armas nova recepção a esgrimistas estranhos, que é de esperar seja bastante concorrida e decorra com a animação das anteriores.

NA VESPERA D'UMA ESTREIA

O fatalismo no theatro

«A força do destino», de Paul Hervieu, e a reapparição do sentimento da fatalidade

O nosso destino, o triumpho ou o mallogro dos nossos passos na terra, é obra nossa ou é o resultado da vontade de um ser invisivel, que nos espia e nos governa? Existe ou não uma fatalidade que se diverte illudindo as nossas previsões e rindo-se das nossas esperanças? E se essa potencia misteriosa é effectiva, como os gregos imaginavam, estamos, ou não, indefezos em face dos seus designios?

Tal é o problema em torno do qual gira a acção da peça de Paul Hervieu *Le destin est maître*, que o publico de Lisboa vae admirar hoje no theatro de S. Carlos, na adaptação portugueza de Mello Barreto, subordinada ao titulo de *A força do Destino*.

Paul Hervieu, segundo uma caricatura de Fresno

Ao cabo de muitos seculos, o sentimento da fatalidade reapparece no theatro—o que prova que esse sentimento, mixto de angustia e de receio, não emigrou da consciencia humana, apezar dos progressos scientificos do homem para explicar o segredo das cousas. Esta submissão ao Destino substituirá sempre. Umas vezes, o homem imaginará que o seu destino é devido á intervenção divina; outras, que é obra dos seus antepassados, os quaes, ao transmittirem-lhe o seu sangue, lhe legaram uma disposição invencivel para o bem ou para o mal. Não faltará ainda quem supponha que o exito ou o desastre da nossa vida dependem de uma combinação de circumstancias fortuitas, preparadas, involuntariamente, pelas pessoas que vamos encontrando no mundo. Estas diversas interpretações do Destino, como força motriz dos nossos actos, não são novas. Paul Hervieu não poderá orgulhar-se de ter *creado* qualquer coisa n'esse sentido. Os gregos esgotaram o assumpto. Antes de Eschylo attribuir á fatalidade, engendrada pelos deuses, os bens e os males da Terra, Homero, o ingenuo, dava a entender que o nosso destino procede da vontade do ceu. «*Autolycus, o nobre pae da mãe de Ullyses, era o mais falso dos homens—e essa disposição do seu espirito fôra um dom que lhe fizera um deus*»—diz Homero na *Odysseia*. Segundo o grande poeta, Zeus, o pae do mundo, era o principio de todo o bem e de todo o mal. As veleidades d'aquelle deus eram, todavia, de tal natureza, que, para inquietar os homens, enviou á Terra uma sua filha, personificação da imprudencia e do erro. Aos olhos de Homero, a Humanidade é irresponsavel, porque os seus vicios e as suas virtudes provêem directamente da divindade.

No theatro, a voz da fatalidade ouve-se, pela primeira vez, atravez das obras de Eschylo. Para o auctor de *Os persas* o nosso destino forja-se no ceu. Eschylo, todavia, desculpa a cegueira dos deuses, attribuindo ao mal que elles fazem uma intenção justiceira. As dôres e os tormentos de Œdipo não procederam de um capricho da divindade. A desobediencia do Laius, pae do Œdipo, ao conselho de Apollo, atrahe a ira do ceu sobre o filho. Para salvar o povo thebano era indispensavel que Laius permanecesse casto. Desobedecendo á exhortação do deus, Laius attrahe um castigo sobre seu filho Œdipo.

Em Sophocles o preceito do fatalismo é menos inflexivel. Sem se revoltar contra a auctoridade dos deuses, que as condemna, as figuras de Sophocles invocam o protesto da sua consciencia. O *Œdipo em bolona* não é o *Œdipo* de Eschylo. Accusado, insultado, vexado, o infeliz proclama a sua irresponsabilidade, porque nunca foi sua intenção causar o mal que causou, cedendo a misteriosa pressão do fatalismo. Por ultimo, Euripides, o mais humano dos dramaturgos gregos, recusa, com horror, a cumplicidade dos deuses nas crueldades da Terra. Para Eschylo, o destino do homem era um elemento externo, que se forjava nos dominios inaccessiveis dos deuses. Para Sophocles, o destino não é irreparavel, porque, embora nos precipite no mal, pode a consciencia, com um movimento de sinceridade, redimir-nos d'essa funesta escravidão. Euripides vae mais longe. No seu entender, o homem é, moralmente, responsavel pelos actos que pratica. A fatalidade reside em nós proprios: na nossa consciencia, nas nossas paixões. O assassinio de Clytemnestra, que parece a Eschylo uma sancção do ceu, é para Euripides um crime repugnante.

Paul Hervieu interpreta o fatalismo um pouco á maneira de Euripides. Se Gastão Béreuil, na *Força do destino*, fosse um homem honesto e probo não se desencadearia a tragedia no seu lar. Apesar d'isso bem poderia elle levar uma vida depravada, expôndo-se a espial-a na deshonra e na prisão, sancções que o homem costuma preferir, quasi sempre, á morte; mas o acaso, isto é, o Destino collocou o marido de Juliana de Chazay junto de um homem, seu cunhado, que pertence á cathegoria dos que, entre a deshonra e a morte, optam pela morte.

Supponhamos que o commandante de Chazay, ao inteirar-se da ruina de Gastão e ao vel-o em risco de ser preso, em vez de o exhortar a que se matasse, lhe dizia: *Sim; expia o teu delicto, visto que o praticaste. Não ha castigos eternos. Um dia sahirás da prisão. Entretanto, eu me encarrego da tua mulher e de teus filhos. Viverão commigo modestamente, longe de Paris, para que o contacto com pessoas conhecidas não lhes recorde a sua ignominia.*

Mas, n'este caso, haveria tragedia? Não. Porque o curioso é que André Béreuil nunca pensou em eliminar-se da existencia, attitude desculpavel porque é humana. Quando os seres se degradam e cahem, a lenta aclimatação na deshonra força-os, sem que se saiba porquê, a agarrar-se desesperadamente, á vida. Por desdem da virtude? Por uma remota esperança da rehabilitação? Ignora-se. O que se sabe é que, ordinario, a creatura humana, ao desmoralisar-se, perde, até, a dignidade para morrer. Perseguida pelo desprezo collectivo, repudiada pela sociedade, colloca-se acima do bem e do mal. De resto, convem não esquecer que Gastão Bérenic está apaixonado e que a paixão nos prende, barbaramente, á existencia. O ter offendido a mulher, o ter, quasi, esquecido os filhos, o que prova senão que ama a sua amante mais do que a esposa? Aquelle homem é, pois, victima da fatalidade,—uma fatalidade phisiologica, presa á sua espinhal-medula ou dissolvida no seu sangue.

***

Estas notas interessantes, que reproduzimos a proposito da representação de *A força do destino* no theatro de S. Carlos, são extrahidas do longo e admiravel estudo que Manuel Bueno consagrou á obra de Paul Hervieu quando ella, em março de 1914, foi exhibida em Madrid, na presença do seu eminente auctor, com Maria Guerrero no papel de *Juliana Béreuil*, que vae ser creado em Lisboa por Italia Fausta; Fernando Diaz de Mendoza no de *Jorge de Chazay*, que desempenhará Augusto Rosa, e Thuillier no da *Méssenis*, que terá por interprete Ferreira da Silva.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Officiaes de barbeiro lisbonenses

Para discussão do relatorio e eleição da direcção e da commissão de melhoramentos, reune hoje, ás 21 horas e meia, a assembleia geral.

Grupo Fraternal

Realisa-se no proximo domingo o jantar que costuma dar de dois em dois mezes, sendo a reunião ás 14 horas na tabacaria Mendonça, na rua Fernandes da Fonseca.

Creados de mesa

Reune amanhã, ás 21 horas e meia, a assembleia geral, na séde, travessa dos Inglezinhos, 3, 1.º, Esq., para discussão do relatorio e contas da direcção e eleição da mesa da assembleia geral.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3171....... 20:000$
2581...... 2:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
5015	600$	1388	100$
1324	200$	1519	100$
3741	200$	2179	100$
3814	200$	2843	100$
276	100$	4673	100$
1338	100$	5304	100$

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21—A força do destino—Commissario bom rapaz.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA— A's 21— A Garota.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO — A's 21—O burro do sr. alcaide.

APOLLO—Não ha espectaculo.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE— S. Carlos — Recita de assignatura — 1.ª representação de *A força do destino*, de Hervieu, traducção de Mello Barreto. — *Commissario bom rapaz.*

—Trindade—100.ª das *Verdades e mentiras.*—Recita do auctor.

—Gimnasio—Recita de Maria Mattos e Mendonça de Carvalho—1.ª representação de *Amor de marinheiro*, de «Giesta».—*A sopa no mel.*

AMANHÃ — Gimnasio— Recita de Silvestre Alegrim — *O commissario de policia*

SABBADO—Eden-Theatro—Estreia da companhia d'opera lirica—*Aida.*

DOMINGO — S. Carlos—Festa do maestro Pedro Blanch—Concerto.

—Politeama — Concerto David de Sousa.

Medalhões

Silvestre Alegrim

Em meados de 1908 escrevia nas Novidades n'um perfil de Alegrim:—... E quando um dia, que longe venha, Valle I, o Rei do Riso deixar vago o seu throno do Gimnasio, o principe herdeiro Silvestre Alegrim subirá a esse throno...»

Cumpriu-se a prophecia, pelo menos em parte, Alegrim já vestiu as calças exageradas do Pinto Calçudo. *Vel-o-hemos ámanhã dentro da sobrecasaca esticada de* Pygmaleão Sereno.

Actor de dentro da molla dos ossos, desde os tempos em que era pensionista do Bijou Infantil, sob a direcção do velho actor Chaves, Alegrim passou pelo Conservatorio. A mim mesmo pergunto o que foi lá fazer esse diabo que com tanta graça dizia nas suas provas o Dorminhoco *de D. João da Camara. Do ensino theorico nada aproveitou pois de tudo se esqueceu e nunca mais abriu um livro em que se estude, Da pratica que porventura lá teve pouco se lhe nota, pois é um artista nato e appareceu em publico no mesmo grau de sciencia do officio em que se encontra hoje e em que ha de morrer um dia.*

Tem publico, tem amigos, creio que não tem inimigos, a critica estima-o e anda sempre contente, esfregando as mãos, falando em falsete e deitando os pés para fóra.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

O actor Telmo Larcher desempenhará o papel primitivamente destinado ao actor Cardoso na comedia *4028-L.X* que entra ámanhã em ensaios no Gimnasio.

● O *Fado e maxixe* será representado em sessões devendo subir á scena nos primeiros dias da segunda quinzena d'este mez.

● No theatro do Ginmasio representar-se-ha ainda esta epocha uma peça n'um acto em que entra toda a companhia.

● Regressaram do Porto os concertistas Geraldos.

No estrangeiro

Reabriu o Odeon com uma empreza interina. Vae representar a peça de George Sand *La closerie des genets.*

● Na Renaissance exhibe se na peça *Detective Dog* um cão policia de procedencia belga.

Circos & Music-halls

Uma aposta curiosa

O caso passou-se ante-hontem no Coliseu dos Recreios, á hora da tarde quando ensaiam os artistas da grande companhia equestre, agora em plena «chance», porque attrahe milhares de pessoas todas as noites. Os ensaios eram presenceados por um grupo de «sportsmen» e pelos frequentadores de um picadeiro de Lisboa.

—Não pode ser e não acreditamos...

—Pois meu amigo—respondia o famoso equestre Willi Frediani—garanto-lhe que executarei esse salto, o do «duplo mortal», para os hombros n'um cavallo a galope. Deixe-me treinar primeiro. E' questão de dias!...

—Apostamos—disse do lado um conceituado professor de equitação, ali presente.—E muito satisfeitos ficaremos perdendo a aposta.

—Está combinado...

Noticias

Entre nós

Os *clowns* Moris e Vincent estão trabalhando no circo de Variedades do Porto.

—Vae inaugurar-se, ainda na primavera d'este anno, o theatro-circo de Braga. Contém mil logares. Pode armar em pista e tem um palco amplo.

—O cinema da Amadora dá espectaculo no proximo domingo. O salão-theatro só recomeça os seus espectaculos no mez d'abril.

—No espectaculo de hoje á noite no Coliseu dos Recreios estreia-se uma artista que tem muita fama no profissionalismo do circo. E' a atiradora de carabina mademoiselle de Bordeverry. Trabalham tambem os phenomenaes persas, com novos exercicios de *icarios.*

—No Coliseu de Lisboa, que explora cinematographo, inauguram-se hoje as *soirées* elegantes.

—No theatro da Rua dos Condes, as cantoras de operetta e opera Carla Canami e Stellina cantam um duetto da *Filha da sr.ª Angot.*

—No salão da Sociedade Promotora de Instrucção Popular, em Alcantara, effectua-se hoje uma festa cinematographica, com um programma que inclue a fita «Iris».

—Vae haver mais um motivo de uma nova enchente colossal, no Coliseu dos Recreios. E' que já se annuncia para breve a estreia dos voadores portuguezes Carlos Martyres e Manuel Correia.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

Festa da arvore

No Jardim Zoologico

Como já dissemos, o festival de domingo no Jardim Zoologico promette revestir grande brilho. Entre as numerosas escolas e instituições que visitarão o parque das Laranjeiras conta-se a Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1, que levará incorporado o grupo de estafetas devidamente equipados.

termediaria. Foram resolvidas, d'um modo amigavel, as questões relativas ás fronteiras das Indias, ao Afghanistan, á Persia, ao Thibet e ao golpho Persico.

Do lado da Russia, essa politica era habilmente guiada pleo ministro Isvolski. Em fevereiro de 1908, as declarações de sir Edward Grey na Camara dos Communs eram terminantes: se a Camara não approvasse uma «entente» razoavel e leal entre os dois paizes, demittia-se de ministro. Com uma tal declaração, sir Grey afastava para bem longe toda a politica anti-slava, anti-moscovita que a Inglaterra seguia havia quasi um seculo.

A 10 de junho de 1908, a entrevista de Reval entre o rei Eduardo VII e o imperador Nicolau II teve importancia analoga á da visita do rei Eduardo a Paris. A approximação era definitiva: a «Triplice Entente» estava firmada.

Desde essa epoca, as trez politicas, franceza, ingleza e russa, estavam intimamente ligadas. A efficacia da sua acção ia ter grande pezo na resolução das questões internacionaes.

Seria faltar á verdade dizer-se que a politica européa das trez potencias era propositadamente anti-allemã. Os gabinetes de Londres e S. Petersburgo aproveitavam todas as occasiões para dissipar os receios da Allemanha. Com a maior lealdade, os soberanos affirmavam as suas relações amigaveis com as côrtes germanicas, e, o que mais importante era ainda, os governos nunca se recusaram a entendimentos que pudessem conciliar os interesses particulares de cada uma das potencias da «Triplice Entente» com os da Allemanha.

As visitas trocadas por Nicolau II, Eduardo VII e Jorge V com os imperadores Guilherme e Francisco José foram frequentes e, muitas vezes, seguidas de accordos de grande importancia. Assim, por exemplo, em novembro de 1910, uma entrevista de Nicolau II com o imperador Guilherme em Potsdam teve como resultado uma convenção russo-allemã, asisgnada pouco depois, pela qual o governo russo declarava não se oppôr á construcção do caminho de ferro de Bagdad. Na França e na Inglaterra attribuiu-se á idéa d'uma amizade russo-allemã, um tanto intima de mais, as medidas tomadas pela Russia a seguir a esse accordo e que faziam retirar da fronteira allemã umas tantas unidades militares.

A Inglaterra por sua parte não deixava de ter as maiores attenções para a Allemanha. As viagens de lord Haldane a Berlim causaram por vezes uma certa inquietação em Paris. Em vesperas de ser declarada a guerra, nos fins de julho de 1914, Jagow podia declarar ao embaixador britannico que a Inglaterra rompia com a Allemanha no proprio momento em que esta julgava chegada a hora d'uma approximação definitiva entre as duas potencias.

A condescendencia da França ia tão longe que, no caso de Marrocos, consentia n'uma combinação que comportava por assim dizer uma especie de condominio economico sobre Marrocos e o Congo. Depois do caso de Agadir, curvou-se perante as exigencias da Allemanha e consentiu em ceder uma parte importantissima d'essa bella colonia.

A explanação d'estes factos era indispensavel para se definir o verdadeiro caracter da «Triplice Entente».

Não era um sistema premeditado de aggressões, menos ainda, como se affirmou, a ameaça de um cêrco á Allemanha. As grandes potencias européas queriam ficar livres e independentes, não permittindo que fôsse rôto o equilibrio europeu.

Em presença do desenvolvimento crescente das forças militares e economicas da Allemanha precaviam-se e, conservando reciprocamente plena liberdade d'acção, uniam as suas forças a fim de deixarem desenvolver-se em segurança e paz os grandes negocios mundiaes.

Allemanha, devido ao receio de ahi vêr implantar a influencia da França.

Sobreveiu, porém, a guerra do Transvaal. A Allemanha dilatára-se, maritima e colonialmente, desenvolvera-se, industrial e commercialmente. O imperador Guilherme proferiu a celebre phrase: «O nosso imperio está no mar» e a Inglaterra e o proprio Chamberlain começaram a reflectir.

Em outubro de 1899, a politica imperialista de Chamberlain e de Cecil Rhodes originou a guerra do Transvaal. Segundo parece, a Allemanha quiz aproveitar a occasião para obrigar a Inglaterra a sahir do seu «splendid isolement» para entrar na Triplice Alliança.

Em novembro, Guilherme II, acompanhado pelo chanceller conde de Bülow, chegava a Londres. No dia 27, o chanceller dirigiu-se a casa de Chamberlain, sem ter feito annunciar essa visita. Não quizera sahir de Londres, dizia, sem ir saudar o illustre estadista. Na conversa entre os dois homens de Estado, o conde de Bülow lançou a ideia, visto lord Salisbury ser de opinião que a Inglaterra não podia entrar na Triplice Alliança, de ao menos se estabelecer uma «Entente». Chamberlain não disse que não e poucos dias depois, n'um discurso que proferiu em Leicester, preconisava uma «Entente» cordeal entre os dois paizes, mas a verdade é que a ideia foi acolhida com frieza tanto na Inglaterra como na Allemanha.

A attitude do imperador Guilherme para com a Inglaterra no periodo critico da guerra do Transvaal foi o mais ambigua possivel. Quando se déra o «raid» Jameson, o imperador, como se sabe, dirigira ao presidente Krüger um telegramma de simpathia que teve, em toda a Africa do Sul, extraordinaria retumbancia. Krüger, depois de receber esse telegramma, acalentou a esperança de que a Allemanha não consentiria que a Inglaterra se apoderasse das republicas boers. O general Viljoen, a quem o presidente Krüger fez taes declarações, accrescenta que este lhe disséra que, no caso dos boers não poderem defender a sua independencia, sabia que o imperador Guilherme interviria, com a França e a Russia, para os salvar, logo que a Inglaterra soffresse a primeira derrota.

Que havia promessas mais ou menos explicitas, confirma-o o facto de, no decurso da lucta, a diplomacia allemã ter feito á França propostas que não foram acceites.

As explicações, confusas e que por quererem provar de mais nada provavam, dadas pelo imperador Guilherme na celebre entrevista publicada pelo «Daily Telegraph», tiveram nas relações entre a Allemanha e a Inglaterra desastrosa influencia. E a explicação que se quiz dar de que a proposta de intervenção fôra de iniciativa pessoal do imperador e não da do governo allemão ainda mais contribuiu para a frieza de relações entre os dois paizes.

Ao subir ao throno, Eduardo VII concebera o projecto d'uma approximação com a França. Muito antes, ainda principe de Galles, havia dado provas de quanto esse projecto lhe era caro. Póde dizer-se que foram as suas idéas em germen que desabrocharam quando se tornou rei, e foram ellas que levaram a Inglaterra á actual conflagração.

Taes idéas não podiam, porém, ter effeito na orientação da politica britannica se o rei não estivesse de accordo com o povo. O governo inglez, principalmente no que respeita á politica internacional, apoia-se na opinião publica. Se esta lhe nega o seu apoio, o ministerio tem de mudar de orientação ou de se demittir.

Mas o povo inglez começava a ter sentimentos menos favoraveis para com a Allemanha.

A attitude ambigua d'essa potencia durante a guerra do Transvaal contribuiu para tal evolução, mas as causas eram mais profundas. Pouco a pouco, a Allemanha manifestava uma poderosa força de expansão e mais dia menos dia tinha de se encontrar na esphera de influencia da Inglaterra. Assim se ma-

nifestava um dos principaes elementos do conflicto que devia um dia dividir a Europa: o elemento economico.

Referimo-nos já á campanha do «Made in Germany». Vamos dizer em breves linhas o que foi essa campanha, que teve uma influencia decisiva no esfriamento das relações anglo-allemãs.

Em 1897, appareceu uma brochura

Almirante De Lapeyrère, commandante em chefe da esquadra do Mediterraneo

de Edwin Williams em que se descrevia o progresso da exportação allemã em todos os mercados do mundo, até mesmo no metropolitano inglez, ao passo que a producção e o commercio inglezes diminuiam.

Stanley, n'um discurso que proferiu no Lambeth Conservative Club, dizia: «Na Australia, recuámos 20 0/0 ao passo que os allemães avançaram mais de 400 0/0. Na Nova Zelandia, as nossas perdas andam por 25 0/0; os allemães subiram 1.000 0/0. Na colonia do Cabo, o nosso commercio progrediu, é facto, 25 0/0 nos ultimos dez annos, mas o commercio allemão decuplicou. No proprio Canadá, baixámos 11 0/0, emquanto os allemães subiram 300 0/0».

O perigo era um pouco exagerado, porque a Inglaterra ia recuperar em breve o dominio commercial, mas era innegavel um immenso progredimento allemão, que se não sabia onde pararia. E a Allemanha preparava-se, e bem, para a conquista economica do mundo.

Ao mesmo tempo a Inglaterra seguia attentamente o desenvolvimento da marinha allemã. Em Hamburgo e Brême fundavam-se poderosas companhias de navegação, subvencionadas pelo Estado. Todos os mares eram sulcados por navios allemães de grande tonelagem, que em poucos annos constituiam uma respeitavel frota.

Essa expansão simultaneamente commercial, colonial e maritima trazia ainda uma consequencia mais de receiar. A Allemanha, forçada a defender o seu commercio e as suas longinquas colonias, lançava-se resolutamente no caminho das grandes construcções navaes. De 1899 a 1907, a Allemanha augmentava o seu orçamento de marinha em 73 0/0, ao passo que a Inglaterra apenas augmentava o seu em 23 0/0. Depois de 1908, a Allemanha encetava a construcção dos grandes couraçados, dos *dreadnoughts*, considerados como as unicas unidades de combate. O orçamento da marinha allemã para 1908 era de 400 milhões de marcos, sete dos quaes para a construcção de submarinos. Em 1914, esse orçamento duplicára.

Taes progressos imprevistos e os que era facil de prever alarmaram a opinião publica ingleza, reflectindo-se no parlamento esse sobresalto. A Inglaterra tomára sempre como norma ter uma marinha superior, ou pelo menos tão forte como as de duas potencias rivaes reunidas, fossem essas potencias quaes fossem. Poderia, em unidades navaes e em homens, continuar a manter essa supremacia?

Taes receios, a que em breve se juntaram os despertados com a construcção dos primeiros Zepelins, levaram a Inglaterra á convicção

de que, sem alliados no continente, não podia considerar-se ao abrigo d'uma invasão.

Todos os factos que acabamos de enumerar concorreram para levar a opinião publica ingleza a auxiliar os designios e a politica do rei Eduardo VII.

Essa politica, continuada com o actual soberano, Jorge V, teve sempre tendencias bem accentuadas, tanto da parte do governo inglez, como da do francez, para evitar a guerra. Vamos recordar as suas principaes phases.

Eduardo VII visitava, no dia 1 de maio de 1902, em Paris, o presidente Loubet e no discurso que proferiu na Camara de Commercio Britannica dizia: «A amizade dos dois paizes é objecto das minhas constantes preoccupações».

Em 1903 era assignada uma convenção de arbitragem e a 8 de abril de 1904 uma outra que regulava diplomaticamente a questão de Marrocos e conjunctamente as do Egypto, da Terra-Nova e das Novas Hebridas.

A «Entente Cordiale» accentua-se a partir d'essa data. Tinha perigos, porque, em caso de guerra, qualquer dos dois paizes não tinha a certeza do concurso effectivo do outro, visto não se tratar d'uma alliança. Mas, pouco a pouco, pela continuação das relações amigaveis, pela communidade de vistas, pela adhesão d'outras potencias, especialmente da Russia, esse resultado ia obter-se. A «Entente» era um instrumento de paz; teria muito maior valor se se transformasse em alliança no caso de guerra.

A «Entente Cordiale», inaugurada por Delcassé, sob a presidencia de Loubet, foi continuada pelo ministro dos estrangeiros Pichon, sob a presidencia de Fallières, de 1906 a 1912.

As tendencias germanophilas de parte da opinião liberal em Inglaterra e até d'alguns membros do gabinete faziam por vezes duvidar da sua efficacia. No emtanto, de commum accordo os governos dos dois paizes iam resolvendo as questões mais difficeis da politica internacional e a Ingleterra dava o seu apoio á França na difficil questão de Marrocos, em que a Allemanha, intervindo brutalmente, revelava claramente a ambição de conquista mundial que dominava tanto o povo como o governo germanicos.

Uma das consequencias da «Entente Cordiale» foi a approximação anglo-russa. A Inglaterra era amiga—começava ás vezes a dizer-se que alliada—da França. Não podia, portanto, continuar n'um estado de conflicto latente com a Russia. A guerra russo-japoneza diminuira, aos olhos dos coloniaes inglezes, o perigo da expansão russa na Asia. Póde mesmo dizer-se que esse perigo fôra substituido por outro, visto que a Allemanha adquirira até certo ponto, na China, pela tomada de Kiao-Tcheu, a influencia que a Russia perdera ao ser desapossada de Porto Arthur.

Continuava de pé a questão de Constantinopla e do Oriente mediterraneo, em que a Inglaterra estava ligada, de longa data, á politica austro-hungara contra a expansão slava. Mas, ainda ahi, a Russia, absorvida pelas suas difficuldades internas e pelo trabalho da sua reconstituição, parecia não dever inspirar receios, ao passo que os progressos da Allemanha na Asia e na direcção do golpho Persico, onde a levava o vasto projecto do caminho de ferro de Bagdad, não podiam deixar de inquietar a Inglaterra pela segurança do canal de Suez e das suas colonias na India.

Em maio de 1906, o ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Asquith, sir Edward Grey, fazia, na Camara dos Communs, declarações favoraveis a um entendimento anglo-russo, dizendo que havia entre os dois paizes uma accentuada tendencia para resolver de modo amigavel as questões que os interessavam.

A troca de visitas navaes contribuiu, d'um e outro lado, para accentuar esa tendencia. A diplomacia franceza, dirigida em Londres pelo embaixador Cambon, servia de in-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1645 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 5 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A REPUBLICA

Muitas teem sido as tentativas que os monarchicos teem realisado com o intuito de derrubar a Republica, e todas aquellas em que teem claramente affixado o seu proposito constantemente teem fracassado.

Começaram por pôr em pratica o plano d'um movimento revolucionario. A esse plano se deve a emigração de caracterisados realistas que, com Paiva Conceiro á frente, foram para o estrangeiro preparar a invasão da terra portugueza, armando-se com armas da fabrica real de Toledo para chacinarem os seus compatriotas. Mas a primeira incursão realista fracassou miserandamente e a segunda, mais demoradamente organisada, experimentou egual sorte.

Pensaram então em fomentar um movimento interno, e o paiz assistiu á *tentativa* de outubro de 1913 e á rebellião de Mafra, no anno findo. Tambem o emprego d'este processo não lhes deu o resultado que esperavam.

Em vista de todos os seus actos de violencia redundarem em fracassos cada vez mais mesquinhos e ridiculos, os monarchicos reconheceram que, levantando a bandeira da realeza, não faziam senão condemnar a inevitavel revez as suas pretensões.

Mas os monarchicos tinham ainda outros processos, mais demorados, que lentamente empregavam, e, afinal de contas, esses processos sempre lhes davam um resultado sensivel. Eram os de exacerbar, de irritar as luctas partidarias entre os proprios republicanos, que infelizmente não reagiam contra o impeto das suas paixões.

A sua tactica modificou-se então, e, reconhecida a vantagem em alimentar essas dissenções, os monarnarchicos pensaram que o melhor resultado a tirar d'ellas era localisar o ataque a um partido republicano. E', com effeito, o que estamos presenciando. O partido republicano portuguez é aquelle que é alvejado com maior furia pelos monarchicos, aos quaes se juntam ainda muitos republicanos que, não prescrutando a essencia d'esse ataque, só pensam em luctar contra aquillo a que chamam os excessos d'esse partido, e que se lhes affigura serem prejudicialissimos para a Republica.

Não contestamos que esses excessos existissem. Temos a necessaria auctoridade para falar, porque nunca deixámos de apontar a todos os partidos o mau caminho que trilhavam, deixando-se dominar por paixões sectarias ou de simples caracter individual.

Vemos mesmo que já hoje os republicanos dos diversos partidos se penitenciam das suas aggressões virulentas. Mas o que é preciso é que os republicanos attentem bem na situação que atravessamos e não façam o jogo dos monarchicos, embora sem o proposito de o fazer.

Localisado o ataque ao partido republicano portuguez, é necessario que os que contra elle investem, n'uma lucta de exterminio, ou antevêem com satisfação o seu anniquilamento, reparem, ponderem, que, cahido esse partido, podem encontrar na sua frente a Republica, quando já não seja possivel suster o impeto da investida, e que, mercê do impulso irresistivel que ganharam, não a possam defender, e pelo contrario a derrubem.

Os monarchicos exultam vendo que se faz uma guerra de morte ao partido mais fortemente organisado da Republica, e que, para fazer essa guerra, não se hesita até em saltar por cima da Constituição, em violar os principios essenciaes da Republica. E' isso que é grave, porque já n'este momento podemos dizer que, se o partido republicano portuguez tem sido crivado de golpes, o mais grave de todos elles atravessou, para lhe chegar, o peito da Republica.

E' urgente que o povo republicano desperte, e, guarda vigilante das suas liberdades conquistadas á custa de tantos sacrificios e de tantos heroismos, não deixe que a Republica succumba aos sinistros propositos d'uns e aos golpes desvairados d'outros.

Adeantando dinheiro

Cêrca de 270 mil contos

Recebel-os-hão a Belgica, a Servia, o Montenegro e a Grecia emprestados pela França

PARIS, 4.—O sr. Ribot apresentou diversos projectos, um elevando o limite da emissão de *bons* do thesouro de 3:500 milhões a 4:500 milhões. O segundo projecto é relativo aos adeantamentos totaes de 1:350 milhões destinados á Belgica, Servia, Montenegro e Grecia.—(*Havas.*)

Junta Geral do Districto de Lisboa

A sua commissão executiva manifesta-se contra a dictadura

Na reunião da commissão executiva da Junta Geral do Districto de Lisboa, hoje realisada, foi approvada por unanimidade a seguinte moção:

«A commissão executiva da Junta Geral do Districto de Lisboa reunida em sessão ordinaria, ponderando as circumstancias politicas actuaes e considerando o quanto apresentam de perniciosas para a administração do paiz, resolve:

1.º—Manifestar os seus intimos desejos de que a Constituição seja rigorosamente respeitada por todos, muito principalmente por quem tem obrigação de a executar e fazer executar.

2.º — Affirmar o seu intransigente respeito pelas leis do paiz, e só acatar as que forem promulgadas segundo os preceitos constitucionaes.

3.º — Manifestar o seu indignado protesto pelo barbaro assassinio do dedicado republicano e illustre deputado da nação Henrique Cardoso e o mais profundo pezar pelo seu fallecimento».

O esforço militar da Italia

Veneza, 1 de março

Foi elevado a cincoenta o numero dos hidroplanos militares da estação de Veneza: os novos apparelhos são de um modelo recentissimo e podem navegar vinte e oito horas sem necessidade de reabastecer-se.

Cada hidroplano pode transportar 85 kilos de explosivos e cinco bombas de pequenas dimensões.

Roma, 1 de março

Com o maximo segredo procede-se actualmente ás experiencias de um novo canhão pesado de grande força; foram experimentadas algumas baterias que deram bons resultados.

No fim da sessão da Camara dos deputados apresentou o sr. Salandra um projecto respeitante ás medidas a tomar para a defeza economica e militar do Estado. O projecto comprehende medidas contra a espionagem e sancções penaes contra os crimes de contrabando; prevê tambem a limitação da liberdade de imprensa no sentido da disciplina e prohibição de publicar noticias acerca dos movimentos militares.

«PATHÉ JORNAL»

A conciliação?

A atmosphera politica amaciou-se, transformando-se a agitação em acalmia

1.º quadro

Um recanto da Arcada. Raros ociosos olhando o portão do ministerio do interior. Juntam-se dois ou trez politicos. Falam alto, gesticulam muito. O seu enthusiasmo atrahe-me. De que se trata?

—Pois foi uma reunião imponente, a d'hontem—diz um. O governo em face do que se passou, deve reconhecer que se caminha para uma situação irreductivel...
derrotado!—commenta outro.

—Porquê?

—E' que não se governa assim, contra a grande maioria da opinião. O tempo dos gestos sacudidos passou. Hoje, só ha uma coisa que determina os povos, que os apaixona, que os commove ou que os indigna—a lei. E o governo está fóra da lei.

O dialogo continua por minutos, n'este tom quente, que sabe a insubmissão. Depois, cada um se entretem a falar d'outras coisas e ficam todos convencidos de que a vida do governo é uma luz que principiou a extinguir-se e que virá, dentro em pouco, a apagar-se de todo...

2.º quadro

Palco engalanado e florido. Dia de festa. Personagens que riem. Entra uma mulher roçagando por um sensual tapete de velludo a tunica alva d'alvo linho. Canta. E' a aria da reconciliação. A gente ouve-a e sensibilisa-se. Alguem commenta a «preghiera» genial e harmoniosissima.

—E' isso, é isso! Esta musica deslumbra-me! Podemos lá ficar assim, por toda a vida, a aggredir-nos sem piedade uns aos outros? E' tempo de mudar de rumo. Com este sol d'oiro não póde haver odios n'este paiz.

—Para lá se caminha, para lá se caminha!

—Ha então deligencias iniciadas para que os dirigentes da politica portugueza se reunam n'um campo neutro onde se realise o accordo entre as suas opiniões?

—E' o que se affirma!...

—E com probabilidades de exito?

—Todos crêem que sim.

—Menos eu!— accode um velho sceptico que até agora tem guardado o silencio prudente dos prophetas. Foi-se muito longe, muito longe mesmo. E recuar, n'estas coisas, é bem mais difficil que avançar.

Será. Entretanto, d'um extremo ao outro da Arcada não se fala n'outra coisa. Empregam-se denodados esforços para que a guerra accesa ao governo amorteça e se transforme, desde que o mesmo governo ceda, na mais benevola das espectativas. Esta é a mais grata noticia que a Arcada, no dia d'hoje, me dá. Com ella me regosijo.

3.º quadro

D'um lado o governo, do outro os evolucionistas. Ao centro, de cotovellos fincados n'uma velha secretaria, um homem de longas barbas brancas perora assim:

—Estamos entre a espada e a parede. Ou não reagimos, e o Poder será nosso, ou nos insurgimos contra o governo e n'esse caso vae-se pela agua abaixo a maioria parlamentar que se ergue ao longe de braços estendidos para nós, ou fazemos côro com os que combatem a dictadura e d'esse modo ninguem sabe o que acontecerá. Esta é a situação.

Desconcerta-me profundamente esta fala prophetica. Procuro esclarecel-a, aclaral-a, trocal-a em meudos. Consigo-o.

—E' que se diz por ahi—explica o meu oraculo providencial—que o Pimenta de Castro impõe, como condição essencial para continuar no Poder, a benevola espectativa dos evolucionistas.

—E com que fim?

—Nunca é facil penetrar nos designios dos deuses, sobretudo quando elles teimam em se conservar calados. Contente-se, pois, com a noticia. Olhe que não é nada má...

4.º quadro

Ainda a reunião d'hontem. O «écran» torna-se sombrio. E' um quadro historico este. Recorda-o um amador de coisas antigas, que de vez em quando, para alimentar a sua mania de colleccionador, vae ao passado acordar certas figuras que o tempo não fará nunca esquecer.

—Sabe aonde pára a chave do parlamento?—diz-me o meu amigo antiquario.

—Sei lá. Talvez no ministerio da guerra!

—Como os acontecimentos se repetem, atravez da historia, meu caro! O que perdem é quasi sempre a grandeza. Olhe para o que se passou hontem em S. Bento e para o que, ha tantas dezenas d'annos occorreu na capital da livre Inglaterra...

—Não me recordo...

—Pois é pena. Vou avivar-lhe a memoria. Tinham rolado no cadafalso cabeças regias. Cromwell tomára conta do Poder. O parlamento quiz reunir e o homem que evocára a si todos os poderes não o deixou. No dia em que os parlamentares do Reino Unido se dispunham a tomar conta dos seus logares no palacio onde se reuniam encontraram-no com escriptos. O dictador alugava-o.

—Cá encontraram-no hontem fechado...

—Exactamente. Veja como os dois factos se parecem na sua essencia, apesar de não se egualarem na sua grandeza.

Vejo e medito. O caso não é para menos.

5.º quadro

Mais palavras conciliadoras. E' um monarchico sem mistura que as profére. Oiço-as quasi com devoção. E o meu interlocutor diz:

—N'esta altura, já não sou monarchico, sou portuguez. O que está a passar-se é muito grave. Póde o governo dizer á vontade que não faz caso do parlamento. A verdade é que elle existe. Contra isso não ha argumentos nem razões que valham...

E a pessoa que diz estas coisas e que em tempos foi tambem deputado, interrompe-se por instantes e continua:

—Póde lá ser! O parlamento existe, porque se ámanhã fosse preciso eleger o chefe do Estado eram estes deputados e estes senadores que o elegiam. Como se admitte sendo assim, que reuna para uma coisa e não reuna para outra?

—E os monarchicos, o que fazem?

—Nada. Mas affirmo-lhe que este conflicto entre os dois poderes ha de acabar em bem. E' o proprio exercito que o quer e que o exige. Sei de diligencias que já se fizeram n'esse sentido. Esperemos, que não temos muito que esperar.

E afastando-se, na sua voz accentuadamente nazalada, o monarchico que assim aprecia a situação diz ainda:

—E' muito grave! Muito grave, este conflicto tremendo. Que se juntem todos e que façam as pazes. De contrario...

E no vago gesto com que se despede, o meu amigo deixa cahir sobre mim ondas esmagadoras de desalento...

6.º quadro

Miscelanea. Barafunda final, coisas e loisas, figuras as mais diversas. A' esquina da rua do Oiro, os srs. conde d'Agueda e conde da Ponte, Barros Lima e Mario Duarte conversam, riem, cumprimentam um e outro, remoçando-se, contentes, n'esta enervante atmosphera politica.

Ha em scena muitos deputados democraticos e alguns evolucionistas. Confraternisa-se. Estabelece-se a paz entre gentes que tantas vezes teem andado em guerra...

Faz-se «blague» e ha phrases ironicas que escaldam. Contam-se episodios picantes e veem á dança certas nomeações de administradores de concelho. Pouco depois do sr. conde d'Agueda partir chega o sr. Manuel Alegre. Por pouco não se encontram os dois rivaes politicos. O sr. Pimenta de Castro passa, no seu automovel, para o ministerio da guerra. Parece que vem de Belem. Cahe a tarde, o «film» continúa. Não ha luz. O «cinema» fechou.

A. M.

Migalhas

Praxedes encravado

Quando vi o Praxedes passar no carro não me sustive que não saltasse ao estribo, desejoso de ouvil-o sobre a situação politica.

—Meu amigo! Então que me diz?

—A quê?

—A tudo isto. A' separação da Mitra e do Estado...

—Ah! meu caro! Estou absolutamente indignado. Como sabe, eu não sou homem de meios. Em compensação sou pessoa de principios e desde que a Constituição...

N'esta altura suspendeu Praxedes a sua exposição e, a meia voz, perguntou-me:

—Conhece este cavalheiro que vae aqui ao pé, com pera e esporins? Elle tem cara de militar e deitou-me um olho...

—Não conheço, não ..

—Pelo seguro mudemos de coveras. Não acha que está hoje um dia muito bonito?

Chegámos á paragem e ali, tranquillamente installados, convidei Praxedes a continuar.

—Como ia dizendo, meu amigo, eu entendo que n'isto da lei... Vamos andando, sim... Viu aquelle sujeito, que estava a botar a orelha para a conversa?...

—Qual historia! Imaginação sua...

—Aquelle, meu caro, conheço eu. Foi brigadas em caçadores 8.

—Deixe-se d'isso, vamos adeante...

Ao fundo da Arcada, amarrado a uma argola, estava um cavallinho branco da mais pacifica apparencia.

Perto do solipede, sustive o nosso amigo e perguntei-lhe:

—Dizia então?

—Qual dizia nem meio dizia. O meu presado correligionario não reparou? E' de lanceiros...

—Mas quem?

—O cavallo... Não estou para me comprometter. Depois falaremos.

André Brun

O terror na Hungria

Bucarest, 1 de março

Dizem de Budapest que, ha algumas semanas, a Hungria está sujeita a um regimen de terror; a censura militar exerce-se com tal severidade que todas as correspondencias particulares são abertas, e que qualquer phrase por mais ligeiramente ambigua que seja leva o seu auctor á cadeia ou ao pagamento de multa.

Tornou-se tão intoleravel a situação que a Sociedade Litteraria Hungara Concordia enviou uma deputação ao ministro da justiça a pedir-lhe auctorisação para publicar e pôr á venda obras de auctores antigos supprimidas, como as outras, pela policia.

Poeira da Arcada

Os parlamentares que hontem se reuniram no Palacio da Mitra, para lembrar aos portuguezes que o governo, sahindo fóra da Constituição, creou uma situação difficil para os animos livres, mostraram que não estão resolvidos a deixar-se despojar de um mandato que o povo lhes conferiu, por um acto que resume quasi toda a vida de uma democracia. Parecendo que não, o seu gesto será cheio de consequencias, porque marca o inicio de uma reacção que, dentro de pouco tempo, se exercerá em campo mais vasto. O governo actual inventando para seu uso um direito á existencia que collide com as garantias constitucionaes do regimen, passou a viver tão desafogadamente que, para respirar á vontade, se ha de vêr obrigado a abrir janellas... para o Inferno.

***

Alguns figurões que conhecem o paiz, por terem feito o giro das arcadas, julgam que a provincia não tem importancia pelo que respeita aos nossos destinos politicos. Limita-se a eleger deputados que de ordinario conhecem tão bem os seus eleitores como os troca-tintas as convicções que dizem servir e amar. Trata-se de um dos muitos enganos que em Portugal são tão frequentes quantos os charcos nos terrenos alagadiços. A provincia integra-se no paiz como um elemento inseparavel da sua consciencia. As proximas eleições servirão certamente para mostrar que, desde o Algarve ao Minho, um pensamento póde inspirar a mesma decisão.

***

A Allemanha começa a sentir-se apertada n'um circulo de ferro, sentindo dia a dia, hora a hora, que entre a catastrophe final e a sua situação presente se estende já um tragico panorama de angustia. Não falta quem desesperadamente appelle para meios extremos. E quaes são elles? A revolta contra os fautores da guerra actual. Guilherme II, que tem lampejos de vidente, de vez em quando estremece, só de lembrar-se da responsabilidade em que incorreu.

O monumento de Eça de Queiroz

A Verdade mutilada

O esculptor Costa Motta dirige a reparação

A mutilação que acaba de soffrer a admiravel figura decorativa do monumento de Eça não é, felizmente, um mal irreparavel. Dentro de curto praso, as pessoas, hoje sobresaltadas, que ali forem nem sequer encontrarão vestigios do destroço. Não ha, portanto, rasões para alarme, nem, em boa logica, o caso póde ser considerado como manifestação de vandalismo ou de phobia artistica.

Os monumentos como esse que perpetua a memoria do grande escriptor da *Reliquia* e das *Cidades e serras*, construidos de fragilidades, não vivem bem dentro das cidades. E'-lhes mais propicia a atmosphera tranquilla e sonhadora dos recintoz fechados. A estatua do Eça estaria melhor no Jardim da Estrella, para onde, aliás, se pensou já em a remover. O que lhe aconteceu foi uma fatalidade e não se justifica o labeu de vandalismo que se tem pretendido lançar sobre a cidade de Lisboa, por esse acontecimento.

E' para evitar desastres, como esse que mutilou a soberba figura da Verdade, que se aconselha a collocar estas estatuas em jardins. Ali ficam ellas a coberto de imprudencias, que, sem intuitos de destruição, as podem deteriorar frequentemente.

Os dois dedos amputados, não se sabe como, foram encontrados sobre a relva na manhã de segunda-feira ultima e remettidos á repartição municipal, dirigida pelo architecto sr. José Alexandre Soares. Immediatamente este funccionario deu conhecimento do facto ao presidente do municipio, assentando-se desde logo que a reparação podia ser feita sem necessidade de chamar a Lisboa o illustre estatuario sr. Teixeira Lopes. Mas, para que se não tocasse em tão bello monumento, sem a intervenção d'um artista de cathegoria, pensou-se logo em convidar o sr. Costa Motta a dirigir os trabalhos de reparação.

O sr. José Alexandre Soares teve hoje a amabilidade de nos mostrar no seu gabinete de trabalho as preciosas extremidades da estatua. Os dois dedos, indicador e medio da mão direita, parecem cortados a cutello, conservando na sua rigida immobilidade aquelle pedaço de vida ideal que anima os destroços das grandes immortaes producções da estatuaria. O tempo encarregou-se de completar a obra do artista, accentuando essa impressão de vida sobre a materia inerte, dando a essas graciosas extremidade a côr, o tom que o marmore trabalhado de fresco não possue. Esses dedos, que o jardineiro recolheu com devoção, estão hoje cobertos com uma *patine* azulada, vendo-se n'elles o effeito das chuvas corrosivas do calcareo, que lhe dão aspecto da porosidade da pelle.

O dedo indicador ficou intacto, depois da separação; o medio apresenta a unha quebrada e da qual não foi opssivel recolher os fragmentos.

Congresso extraordinario do partido democratico

Quaes vão ser as suas deliberações?

Está convocado para o dia 14 do corrente um congresso extraordinario do partido democratico. N'essa magna reunião será largamente apreciada a gravidade da actual situação politica, a fim de que a grande massa do partido possa pronunciar-se sobre a attitude adoptada pelos seus representantes no Parlamento em face das medidas dictatoriaes d'este governo.

Pode o Congresso applaudir sem reservas essa attitude mas entender que o governo deve ser affastado das cadeiras do poder por meio da decisão das urnas. Se assim fosse, feitos os indispensaveis protestos contra a dictadura, o partido concorreria ás eleições, trabalhando ardorosamente na propaganda eleitoral para trazer ao Parlamento um numero elevado de representantes.

Apparecerá essa corrente no congresso partidario? Talvez, mas é quasi certo que ella será impugnada com todo o valor por aquelles que entendem que a lucta eleitoral só seria possivel com um governo que desse garantias de imparcialidade. Com auctoridades filiadas ou affectas aos outros partidos, com um governo que se collocou fóra da Constituição, a lucta junto das urnas equivaleria á sancção do arbitrio e das medidas perseguidoras praticadas até hoje.

Será essa, ao que parece, a corrente predominante no congresso partidario que vae reunir em Lisboa. E depois? O poder legislativo continuará a funccionar, como, onde e quando lhe fôr possivel.

Isto nos disseram hoje—e aqui o archivamos para conhecimento dos leitores.

Folhetim d'A CAPITAL 5-3-1915

LENDAS DA NOSSA TERRA

Os thesouros de Fatima

I

No declinar da lucta sanguinolenta, enraivecida, restava apenas aos mouros aquella ignorada villa do Herminio e os risonhos campos de em torno, desde o valle do Zezere até ao alcantilado pincaro de Alfatema, tão negro no fundo azul do ceu, tão torturado, tão perdido nas alturas, que desde seculos as aguias iam esconder n'elle os seus ninhos.

Mas andavam proximo os christãos: todas as manhãs do alto do miradouro se viam cavalleiros passar ao longe, no valle, com os seus lorigões de malha faiscantes, as suas signas erguidas—e o emir tinha já escondido parte dos seus thesouros e mandado para logar seguro, com os eunuchos e os macios coxins de seda, as mais lindas das suas mulheres.

E assim aconteceu que n'aquella calmosa tarde de junho em que as cigarras cantavam tão alto, quando os christãos se decidiram ao ataque, logo as ameias se coroaram de albornós brancos, logo as adagas relampejaram na incandescencia da luz e as fréchas cortaram o ar sibilando. Mas eram muitos os nazarenos: do alto das muralhas todos os viam apparecer no meio das hortas e dos pomares, sumirem-se por vezes atraz das fragas, avançarem a cada momento coleando, no faiscar das côtas de malha, com os escudos erguidos; e agora, a distancia já de tiro, os mouros alvejavam-nos por entre imprecações ferozes.

Comtudo os assaltantes avançavam continuamente entre nuvens de pó; pareciam innumeraveis, irresistiveis como uma onda que fôsse galgar as muralhas—e estavam agora tão perto que já se lhes distinguiam as divisas heraldicas, variegadas, dos escudos, o delirio dos olhos na ancia do saque, já os mais audazes chegavam ao pé das torres. De repente, um grande grito de desespero vibrou no ar, prolongou-se na incandescencia da luz dominando os clamores e o tinir das armas:—os christãos tinham arrombado uma das portas e entravam de roldão, corriam pelas ruelas soffregamente, brandindo as espadas, querendo cevar-se nos estupros, rugindo maldições.

E todos os que tinham ficado na explanada viram então o velho emir descer da torre, partir tristemente pelas veredas da serra levando comsigo a filha e atravessado n'um fiel cavallo do Yemen o cofre com todo o oiro, todas as pedrarias que lhe restavam.

Ia anoitecendo.

Havia trez longas horas que o velho emir caminhava pelas escabrosas veredas da serra, com os olhos requeimados de desespero, sem uma lagrima.

Mas Fatima, a formosa virgem de vinte annos, mal podia já arrastar-se: o vestido de musselina rasgava-se-lhe nos silvados; os pés, acostumados aos preciosos tapetes da Syria, sangravam-lhe ao longo do caminho; e os seus olhos muito negros, perturbados por sonhos ingenuos, á flôr do rosto angustiado, pareciam sangrar tambem.

De quando em quando o emir dominava o seu desespero para lhe falar, tentava animal-a; depois voltara-se para traz olhando o valle—lá em baixo, na villa conquistada, as labaredas dos incendios alastravam ainda, o saque devia ainda prolongar-se. E logo o velho recaía no seu desespero, agitava um momento a barba prateada: os ultimos reflexos do crepusculo recortavam vagamente as penedias, fechavam a poucos passos do seu albornó branco um scenario triste.

De repente um morcego esvoaçou, roçou a aresta de uma fraga, quasi tocou a face de Fatima, e a donzella deixou-se cahir á beira do caminho, semi-morta de fadiga e de terror.

Então o emir invocou Allah, quiz levantar a filha nos braços, transportal-a no fiel cavallo do Yemen onde levava o cofre com todo o oiro e todas as pedrarias que lhe restavam. Mas sentiu uma allucinação: parecia-lhe que as labaredas ateadas na villa se alastravam a todo o horizonte, avançavam para elle n'uma aceleração vertiginosa de meteoro, e logo o envolviam crepitando, emoldurando-lhe as barbas, e logo estranhamente se transformavam n'uma auréola, n'uma claridade de muito serena e benefica de aurora.

Depois essa claridade caminhava adeante d'elle, espalhava-se por toda a vereda em magia e esplendor de iris—e já Fatima se erguia n'um deslumbramento, já as pedras do caminho eram diamantes e rubis e esmeraldas finas.

Lá adeante avistava-se um palacio resplandecente, todo em columnatas de alabastro onde se incrustavam estrellas, todo em côres e harmonias, côres mais puras do que as da alvorada, harmonias mais suaves do que os cantos das huris. E o emir corria enfeitiçado, tão agilmente como se tivesse vinte annos; Fatima sentia-se tão docemente transportada como annos antes quando entrara em Bagdad n'um palanquim de seda. Mas o palacio agora deslocava-se, parecia maior e mais bello, com as suas columnatas maravilhosas e as suas fontes jorrando essencias e pedrarias—e na noite toda de enlevos elle approximava-se mais, vinha, entre fragrancias de jasmins e risos mimosos de fadas, receber a gentil donzella.

... E' isto pelo menos o que diz a lenda...

II

E a lenda continua assim:

Annos depois, n'uma madrugada de S. João, passava no Curuto de Alfatema a mais linda e pobre moleirinha de todo o valle do Zezere.

A noite era de luar e de perfumes estonteadores, a moleira vinha cançada; e, como lhe ficasse ainda muito longe a azenha, sentou-se um momento á beira do caminho.

Mas — influenciada talvez pelo luar, talvez pelas duas leguas que tinha percorrido no trilho pedregoso da serrania—a moleirinha sentiu logo um quebranto muito doce, e, quando os olhos se lhe fechavam, ouviu um muito suave, muito lindo cantar. Então lembraram-lhe velhas historias de fadas e de encantos passadas n'aquelle alto da serra; historias de moiras encantadas e feitiços e maravilhas taes que de noite poucos por ali se arriscavam—e ia afastar-se toda tremula quando viu á beira do caminho um grande estendal de figos seccos.

N'esse momento a lua, rompendo as nuvens, era de um tão nitido fulgor que se via ao longe toda a profundidade do valle, todo o dorso escarpado da serrania, e os figos pareciam tão grandes e tão bellos que a moleirinha os atirava soffregamente para a sua cesta de vime. Mas depois, ao descer para a azenha, parecia-lhe que os figos eram todos facetas, lindos ao luar, parecia-lhe que a cesta se tornava a cada passo mais pesada, de um peso tão assombroso, tão singular que o vime rangia e ameaçava desconjuntar-se.

Era estirado o caminho; mas já o rio, todo em prata fundida, corria a poucos passos, já o açude espumava junto da azenha: e, pouco depois, ao clarão vacilante da candeia, a moleirinha de olhos garços ria, cantava, chorava conjunctamente. A cesta estava ainda a abarrotar, mas, durante a corrida pela serra, os figos tinham-se transformado em rubis, em amethistas, em esmeraldas, em peças de oiro reluzentes.

Loucamente a moleira beijava-as, tomava-lhes o peso, admirava-lhes o maravilhoso fulgor, ora sangrento, ora todo azul, todo em gemmas, ora tão diaphano como o da propria lua... E ia já chamar o velho pae que dormia ao fundo n'um grabato, ia deslumbral-o com toda aquella riqueza quando se lembrou que lá em cimo, no Curuto, todo o grande estendal de figos seccos se compunha de joias tão soberbas como aquellas, e tão numerosas como os grãos de trigo que nos ultimos dez annos tinham cahido debaixo da grande mó...

Então sentiu a soffreguidão de todo o oiro, de todos os rubis, de todas as esmeraldas que tinha visto pouco antes; e na avidez capitosa, desconhecida para ella, de ser ainda mais rica, tão rica como um rei, foi buscar o maior dos seus cestos de vime e correu em direcção á serra.

Ia romper a manhã, a doce manhã de S. João, e ouviam-se pelos valles os gorgeios das cotovias.

Loucamente a moleirinha corria com o seu grande cesto de vime, via já proximo o pincaro de Alfatema e o grande estendal de esmeraldas, as safiras famosas, as moedas de oiro reluzentes. Lembravam-lhe agora todas as velhas historias da serra: os canticos que por vezes irrompiam das fragas, os palacios encantados, todos em columnatas e estrellas, com leões de oiro fino e fontes de essencias e pedrarias em que as velhas falavam a tremer.

Talvez ella pudesse vêl-os, talvez alguma boa fada de olhos de oiro a quizesse bemfadar... E seriam então d'ella todas aquellas encostas até ao rio, todos aquelles casaes além do Zezere, todos os maravilhosos pomares do Mondego, todos os verdes outeiros das duas Beiras, e senhores e principes cortejal-a-hiam, bater-se-hiam rijamente por ella nas justas e torneios.

Mas subito a moleirinha soltou um grito de desvario, tão penetrante, tão alto que echoou ao longe no reconcavo das penedias: o grande estendal das joias tinha desapparecido por encanto—e uma voz longinqua, a voz de Fatima, ouvia-se agora cantar, a principio n'um rithmo tão delicioso como os cantos das huris, depois ameaçadora, frementa, enraivecida:

«Era teu tudo o que viste;
Agora tornaste em vão!
Não passes mais n'este sitio
Na manhã de S. João.»

O sol ia já alto; azas rebeldes de abutres coroavam as cristas da serra, a moleirinha tremia e a voz de Fatima pairava ainda acima dos rochedos, talvez nas nuvens côr de ambar.

«Não te perdeu a pobreza
Póde matar-te a ambição.»

Então a gentil moleira de olhos garços persignou-se no auge do terror; durante um momento julgou que ia cahir, que ia enlouquecer; depois correu n'uma anciedade pela escabrosa vereda, receando que lhe desapparecessem tambem as joias que tinha deixado na azenha.

CHAGAS FRANCO

A GUERRA e as SUBSISTENCIAS

A fome no Slesvig

Copenhague, 28 de fevereiro.—A municipalidade de Flensborg, cidade situada na costa oriental do Slesvig septentrional e que conta 60.000 halitantes, convocou grande numero das seus municipes para com elles trocar impressões acerca da situação economica da cidade, que se apresenta gravissima.

Recentemente trez membros d'esta municipalidade, concertados com varios representantes d'outras cidades allemãs, conferenciaram com o governo, tendo este auctorisado as municipalidades a informarem os seus administrados de quo por toda a parte é grande a falta de generos alimenticios. Não só se carece de trigo, mas de carne e de forragens.

O burgomestre de Flensborg pronunciou um longo discurso, confessando que a cidade, como muitas outras, se encontra desprovida de mantimentos por erro do governo, que se enganou em consequencia de falsas informações sobre o resultado das colheitas. E tinha-se tambem contado com uma guerra de curta duração.

Ao terminar, o burgomestre fez um appello aos habitantes da cidade para que fossem da mais estricta economia no consumo de viveres.

Note-se que a região de Flensborg é por completo dinamarqueza.

A gréve dos consumidores de carne de porco

Roma, 28 de fevereiro.—A *boycottage* organisada pelas mulheres de Vienna, que resolveram não comer carne de porco durante quinze dias, estendeu-se a Budapesth, a Praga, a Troppau e a Graz Wiener. Neustadt, perto de Vienna, assistiu tambem ao inicio de uma *boycottage* do lombo de porco, do toucinho, etc.

Essa carne, que estava a 2 sh. 8 den. o kilo (2 francos e 30 centimos), baixou 60 centimos, recusando-se, porém, as mulheres ainda a compral-a. Nos restaurantes de Vienna a carne de porco não figura nas listas porque quasi todos os clientes se recusam a comel-a.

Carne e batatas

Amsterdam, 28 de fevereiro.—Os jornaes de Berlim lastimam a falta de batatas n'aquella cidade e nos seus suburbios. Os vendedores de legumes compraram tudo o que appareceu no mercado, pelo que as auctoridades municipaes não podem fazer acquisição de novos *stocks* de batatas a não ser por um preço exagerado. Em Charlottenburgo, por exemplo, não ha batatas. Ha trez dias, os preços da carne e da manteiga subiram 20 0|0.

A situação na capital da Allemanha torna-se dia a dia mais grave.

As conservas de carne

Berne, 28 de fevereiro. — A Sociedade central de compra de carne de porco e a delegação das cidades allemãs fizeram um accordo para preparar conservas de carne na razão do valor de 15 marcos por habitante. Combinou-se que o milhão gasto com a carne do porco cuja matança foi resolvida tivesse esse destino.

A questão do pão

Amsterdam, 28 de fevereiro.—O pão nas casernas allemães não será d'ora avante distribuido por homem, mas por camaratas, a fim de se evitar o desperdicio.

O *Worwaerts* confirma a prohibição da venda do pão nas cantinas dos prisioneiros da guerra.

Em Mulhouse só ficam os combatentes

Belfort, 28 de fevereiro. — Uma pessoa chegada de Mulhouse, vinda pela Suissa, diz que os allemães fazem sahir d'essa cidade todas as boccas inuteis.

A festa do maestro Blanch

No proximo domingo, uma das tardes mais sensacionaes do theatro de S. Carlos, ponto de reunião de toda a sociedade elegante. E' a festa artistica do maestro Pedro Blanch, o notavel director da «Orchestra Simphonica Portugueza».

N'este concerto toma parte mademoiselle Yvonne Dupuy, uma gentilissima e eximia violinista que toca duas obras de Beethoven e de Schubert com acompanhamento de orchestra e pianno. Entre outras obras notaveis no programma figuram, pela ultima vez, os maiores successos da temporada; o quadro musical *Sadko*, de Rimsky-Korsakow, a *ouverture* da *Leonora*, de Beethoven, o *Sonho d'uma noite de verão*, de Mendelssohn, a *Marcha funebre de Siegfried* e a *Cavalgada das Walkyrias*, de Wagner.

Centro dr. Estevam de Vasconcellos

A direcção d'este centro republicano, do Barreiro, recebeu a seguinte carta:

Ex.mos srs. Julio Durand, João da Luz e João Costa.—Dou conhecimento a v. ex.as que, em virtude da conferencia que tivemos, sigo incondicionalmente a orientação politica do Centro Republicano Dr. Estevam de Vasconcellos (Barreiro). por achar que do mesmo centro politico sahe a politica que mais interessa ao concelho do Barreiro e ao paiz.

Juntamente com os cumprimentos, saudo v. ex.as—Creiam-me am.º e obrig.—*José Pedro Gomes.*

O concerto de domingo no Politeama

Homenagem sensacional á Belgica com a assistencia do respectivo ministro e mais membros do corpo diplomatico

Tem importancia o concerto de domingo no Politeama. Não é só uma tarde de arte apreciavel, com excellente musica dos mestres consagrados e optimos artistas.

Será tambem uma festa patriotica, em que mais uma vez a alma portugueza se associará a uma manifestação sincera e carinhosa a esse paiz epico, que no mundo vinculou, com lettras de fogo, a sua nacionalidade heroica.

A' Belgica, essa pobre Belgica, espezinhada e destruida pela vaidade estupida da brutalidade germanica, um modesto alumno do Conservatorio, Theophilo Saguer, arrebatado por um sentimento de repulsão contra o paiz dos barbaros, dedicou uma óde, á qual deu toda a intensidade da sua alma do joven combatente.

Não passará despercebido, cremos, esse concerto, e na interpretação do protesto, David de Sousa, um temperamento de revolucionario, saberá imprimir toda a energia da sua alma vibrante e communicativa.

O sr. ministro da Belgica e muitos membros do corpo diplomatico assistirão ao concerto do Politeama.

Liebknecht e o czar da Russia

A campanha contra o homem que não quiz a Allemanha esmagada

A campanha contra o deputado socialista Karl Liebknecht, que na Allemanha se recusou a votar os novos creditos de guerra, adquire ali tanta maior intensidade quanto é certo representar esse homem publico uma corrente de opinião que ameaça generalisar-se cada vez mais. Agora, a imprensa contraria procura demonstrar o illogismo das suas opiniões antigas a par das opiniões recentes, A titulo de curiosidade, transcrevemos da *Volksstime* o seguinte:

Em 1910, na occasião em que o dr. Karl Liebknecht assistiu em Magdeburgo ao congresso do partido, encontravam-se a banhos na Allemanha o czar e a familia imperial da Russia. Liebknecht dizia então, indignadamente:

—Exprimamos os nossos votos a todo o povo germanico para que a sua indignação augmente de forma tal que esse homem cheio de maldições seja expulso e escorraçado da nossa terra, a ponto de nunca mais ter vontade de voltar a pisar territorio allemão.

A *Volkstime* commenta:

O povo allemão está precisamente occupado n'este momento em escorraçar o czar da Russia do nosso territorio, a ponto de nunca mais ter vontade de voltar a pisal-o. Infelizmente, o povo allemão não conta para isso com o apoio de... Karl Liebknecht!

Os factos se encarregam comtudo de dar razão ao deputado socialista, que não duvidou affrontar a colera dos seus compatriotas chamando a sua attenção para as desgraças que a politica militarista acarreta sobre o seu paiz.

A contas com a policia

Joaquim Alves, empregado de C. G. Cresuell, com escriptorio no 2.º andar do predio n.º 8 do Caes do Sodré, queixou-se á policia de que os gatunos lhe subtrahiram do referido escriptorio 92 garrafas com vinho no valor de 96 escudos e a quantia de 15$41,5 em dinheiro.

* * *

Tambem se queixou José Joaquim Antas de Barros, hospedado no Pension Hotel, da calçada da Gloria, 3, de que lhe subtrahiram do referido hotel e do seu quarto de dormir uma bolsa de prata contendo dois escudos, uma libra em ouro, um franco, uma corrente de ouro no valor de 40 escudos e mais 20 escudos em dinheiro.

* * *

Foi preso Daniel Januario, morador na villa Bastos, 3, cave, direito, por ter subtrahido a Jayme Filippe um cordão, duas medalhas, um annel, duas argolas, tudo de ouro, e uma bolsa de prata com 8$50, tudo no valor de 87$30.

A guerra aerea

PARIS, 1 de março.—(Official)—Ha uma dezena de dias que em diversos pontos da linha se teem travado acções com feliz resultado para as nossas tropas; os aviões e aerostatos teem tomado parte activa n'estas acções, mostrando mais uma vez a sua notavel efficacia na guerra. Os nossos aviadores teem desempenhado brilhantemente as differentes missões de que teem sido encarregados; a enumeração das suas arrojadas surprezas sem a noticia minuciosa das acções em que aviões e aerostatos teem entrado apenas teria o valor d'uma lista de nomes.

Para dar um exemplo dos methodos e dos resultados basta citar a demarcação dos pontos em que estavam vinte e uma baterias inimigas, feita no dia 17 de fevereiro por um só aviador; e a descoberta, no dia 18, de uma bateria pesada, immediatamente seguida de um fogo tão efficaz que determinou a explosão das caixas de munições.

Citaremos tambem os bombardeamentos effectuados em 19, 24 e 25 de fevereiro para impedir a circulação inimiga em uma via ferrea, e o vôo nocturno que permittiu a um dos nossos aviadores bombardear os aquartelamentos de Metz. E como estes muitos outros episodios se deram egualmente dignos de menção.

Deve notar-se que no decurso d'este periodo, a aviação inimiga desenvolveu ponquissima actividade; logo que se vêem perseguidos, os aviões allemães regressam ás suas linhas.

Parece que as perdas soffridas pela aviação allemã nos mezes anteriores a levaram a tornar-se prudente.

Quanto aos zeppelins a sua acção é nulla; em consequencia do recente sinistro que inutilisou os dirigiveis *L-3* e *L-4*, a Allemanha perdeu todos os dirigiveis do tipo marinha que tinha antes da guerra. O *L-1* desappareceu com a tempestade de 9 de setembro e o *L-2* ardeu em 17 de outubro.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal, por falta de jurados, foi hoje adiado para 18 de abril o julgamento, que se devia realisar, de José Paulo da Silva, o *José da Avó*, Pedro Ramos, o *Pedro Maluco*, Francisco Maria de Sousa, soldado 106 da 2.ª companhia do 4.º batalhão de infantaria 17, actualmente no forte de Elvas, e Deolinda da Conceição, a *Petiza dos Caracoes*, accusados de constituidos em quadrilha, terem commettido varios roubos.

Exportação de trigo russo

Copenhague, 26 de fevereiro

A violação do estreito dos Dardanellos deu a liberdade aos navios russos do Mar Negro carregados de trigo, mas uma outra via se abre á sahida do trigo russo; é a de Karangui, na fronteira da Noruega e da Finlandia, a umas 25 milhas a montante do Tornea, no golpho de Battonia.

O preço do trigo na Russia é baixissimo, o que contrabalançaria o custo elevado do transporte. Os governos dinamarquez e sueco fizeram já importantes compras. Foram encetadas negociações diplomaticas para que seja permittida a exportação de trigo por esta via.

SUL D'ANGOLA

A partida do "Africa,,

Seguem n'elle o sr. general Pereira d'Eça e demais officiaes do quartel general

Largou hoje do Tejo, pelas 12 horas, o paquete *Africa*, a bordo do qual seguiram o sr. general Pereira d'Eça, governador geral de Angola, e 35 officiaes do quartel general, 27 sargentos e 66 cabos e soldados.

No caes da Fundição, compareceram algumas centenas de pessoas, a fim de se despedirem dos expedicionarios, tendo estado alli em nome do governo a apresentar as despedidas o sr. ministro das colonias, que se fazia acompanhar do chefe do seu gabinete, sr. major Eduardo Marques, e secretario, sr. Tamagnini de Sousa Barbosa. Em nome do sr. presidente da Republica esteve a bordo o sr. dr. Forbes Bessa, secretario geral da presidencia.

Entre o grande numero de pessoas que foram despedir-se, viam-se os srs. dr. Bernardino Machado, Freire d'Andrade, Sobral Cid, Lisboa de Lima, Tasso de Figueiredo, coroneis Lobo, Moura Mendes, Manuel Maria Coelho, Garcia Rosado, Hermano d'Oliveira e tenentes coroneis Gonzaga, Aden, Freitas, generaes Martins de Carvalho, Rodrigues da Silva, Rodrigues Blanco e Rodrigues Ribeiro.

Os officiaes do Arsenal do Exercito compareceram todos bem como uma grande parte dos da guarnição e elementos da classe civil.

O *Cabo Verde* seguiu hoje tambem, conduzindo mantimentos.

As primeiras legiões americanas

New-York, 1 de março

Foi noticiada a formação das primeiras reservas conhecidas sob o nome de legião americana. Este corpo compõe-se de homens que já serviram no exercito, na armada e na milicia.

O general Wood e o coronel Roosevelt apoiam a formação d'estas reservas, declarando que não ser partidarios do militarismo mas que desejam ver o paiz preparado para qualquer eventualidade.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na Belgica e em França

PARIS, 4. — Communicação official.—Na Belgica, na região da duna, a nossa artilharia executa tiros particularmente efficazes e a nossa infantaria occupou uma nova trincheira na frente das nossas linhas. Em Champagne continuámos a progredir, consolidámos e ampliámos as nossas posições, nomeadamente ao norte de Perthes e a noroeste de Mesnil, e fizemos uns cem prisioneiros. Na crista, a nordeste d'esta villa, houve novos contra-ataques allemães os quaes foram repellidos. Os prisioneiros confirmam a gravidade das perdas soffridas por dois regimentos da guarda que tomaram parte no combate de hontem. Em Argonne e Four de Paris foi repellido um ataque allemão, succedendo o mesmo em Vauquois, proximo de Verdun e no forte de Vaux. Foi abatido nas nossas linhas um avião allemão, sendo presos os dois tripulantes.—(*Havas*).

O bombardeamento dos Dardanellos

LONDRES, 4. — O almirantado britannico annuncia que o ataque ás fortalezas dos Dardanellos continuou hontem, mas o almirante não communicou ainda os resultados obtidos dentro dos estreitos.

Do lado de fóra, o navio inglez *Dublin* demoliu um posto de observação na peninsula de Gallipoli, e o *Saphire* bombardeou peças e tropas em varios pontos do golpho de Adramyti. Foram destruidas seis peças de campanha modernas proximo do forte B, fazendo um numero total de peças destruidas que se eleva a 40.

Os navios de guerra francezes bombardearam os fortes de Bulair e destruiram a ponte de Kavak. (*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Os estabelecimentos de bebidas em França

PARIS, 4.—A camara dos deputados approvou por 472 votos contra 95 a generalidade da lei que limita os estabelecimentos de bebidas.—(*Havas*).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação se iniciou no dia 1 do corrente.

Cruz Vermelha

Para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas —Officiaes, sargentos e equiparados, cabos e soldados do regimento de infantaria 12, producto recolhido de uma lista de subscripção, 81$80; Alfredo da Graça, agente consular de Italia e consul de Panamá na Beira, saldo da compra de um distinctivo da Cruz Vermelha, $50.—A transportar, 15:625$96.

O recenseamento eleitoral

O decreto do governo não auctorisa a inscripção que se está fazendo

Informam-nos de que os funccionarios encarregados dos trabalhos do recenseamento continuam a inscrever eleitores, com o fundamento de que o governo prorogou essa inscripção até 10 do corrente. Assim, teem sido acceitos todos os requerimentos apresentados n'esse sentido, provendo-se que o mesmo continue a succeder até ao dia 10.

A verdade, porém, é que essa inscripção deve ser considerada nulla, porque a não auctorisa o proprio decreto dictatorial que o governo publicou. O que esse decreto diz sobre recenseamento é o seguinte:

Art. 3.º No recenseamento eleitoral que se está elaborando, e pelo qual serão feitas as eleições, serão inscriptos os officiaes do exercito e da armada e os sargentos e equiparados, que tenham a edade fixada no artigo 1.º da citada lei.

Art. 4.º Os funccionarios que tenham a seu cargo a direcção ou commando de qualquer estabelecimento, repartição ou corpo, e os presidentes dos corpos e corporações administrativas deverão remetter aos respectivos funccionarios recenseadores, até ao dia 10 do mez de março proximo, um mappa com os nomes de todos os funccionarios ou empregados sob a sua direcção ou commando, em que declarem a sua edade, residencia e se sabem lêr e escrever portuguez.

Art. 5.º Os funccionarios ou empregados constantes d'essas relações serão inscriptos no recenseamento, independentemente de requerimento e de documentos por que provem a sua edade e que sabem lêr e escrever.

Essas disposições não permittem a inscripção geral de eleitores até ao dia 10 de março, como se está praticando, mas apenas a dos officiaes do exercito, e funccionarios publicos, mediante os mappas que teem de ser apresentados pelos dirigentes dos respectivos estabelecimentos, repartições do Estado e corporações administrativas. Não podem ser de outro modo interpretados aquelles artigos. O governo, dentro da doutrina do seu decreto, tem de considerar nulla a inscripção que se está fazendo.

Balanço diario

O assucar continúa na ordem do dia. Diz-se, d'um lado, que o temos em abundancia. Affirma-se, do outro, que mal ha o necessario para alguns dias de consumo. O proprio governo, para fornecer as suas expedições militares, teve de o comprar á sua custa no estrangeiro. Hontem chegou ao Tejo um vapor, procedente de Rotterdam, com 2:000 toneladas. Ficou, posto no Tejo, a trinta e dois centavos o kilo. Um horror! Tem a crise remedio? Dizem os technicos que sim e que o governo o conhece. Então porque não o adopta? Elle lá o sabe.

Oleo de linhaça

Depois do oleo de baleia o de linhaça. A Inglaterra pediu ao governo portuguez, em tempos, que não permittisse a exportação do primeiro. Agora é a Belgica que sollicita do ministerio dos estrangeiros que não permitta que sigam ao seu destino quinhentas toneladas d'oleo de linhaça que se encontram a bordo d'um navio allemão, retido em S. Vicente de Cabo Verde. A nota da legação belga em Lisboa já anda, para informar, a percorrer a via-sacra dos ministerios.

C. de Ferro de Quelimane

Sabe-se por noticias particulares de Lourenço Marques que o governador geral de Moçambique, em vista das repetidas reclamações a que tem dado origem o decreto do ministro Almeida Ribeiro que creou novos impostos para a construcção do caminho de ferro de Quelimane, sollicitou do governo auctorisação para suspender a cobrança dos referidos impostos, para que a questão possa ser devidamente estudada e resolvida.

Ainda o assucar

A commissão de subsistencias propoz ao governo que, em virtude de não poderem ser abolidos os direitos sobre os assucares exoticos, se permitta a entrada dos assucares coloniaes em rama, os quaes chegariam para abastecer o mercado portuguez. Quanto a preços, entende a mesma commissão que não lhe compete a ella fixal-os, mas á policia.

Exoneração e transferencias

Foi exonerado do commando de infantaria 16 o coronel sr. Pinto Magalhães, que fez entrega do regimento ao sr. major May, sendo mandado apresentar no quartel general.

Do mesmo regimento foram transferidos os 1.os sargentos Guerra e Esteves e o 1.º cabo Rosado, que foram mandados addir a outros regimentos da guarnição.

Conselho de ministros

Reuniu hoje, no ministerio do interior o conselho de ministros. A reunião, que, principiou antes das duas horas, foi até cêrca das cinco. Depois da reunião, o sr. presidente do ministerio foi a Belem, regressando ao ministerio da guerra por volta das seis horas. Por sua vez, o sr. ministro das finanças avistou-se tambem, depois do conselho, com o sr. Inocencio Camacho, governador do Banco de Portugal, com quem conferenciou por largo tempo.

Ministros e ministerios

O sr. Augusto de Vasconcellos conferenciou hoje longamente com o chefe do governo; com o sr. ministro do interior, estiveram os srs. governador civil de Lisboa, dr. João Eloy e Machado Santos. O sr. Daeschner, ministro da França, esteve no ministerio dos estrangeiros.

Morto n'uns fornos de cal

Suspeitas de crime — Uma prisão

N'uns fornos de cal existentes na rua Maria Pia, foi hoje encontrado, ás primeiras horas da manhã, por Joaquim Costa, morador na «villa» Benito, 10, o cadaver do menor de 12 annos José Marques, mais conhecido pelo «José das Castanhas», filho de João Marques, o «Fressura», e de Maria da Assumpção, moradora na mesma rua, 138, 2.º. O pequeno empregava-se na venda de carqueja e havia sahido hontem de manhã, mandando, á tarde, á mãe, o resto da carqueja que lhe sobrára e sete vintens, producto da porção que conseguiu vender. Depois, a mãe só o tornou a vêr ás 10 horas da noite n'uma taberna do sitio.

Por desconfianças de ter havido crime foi preso o guarda dos fornos, um individuo de nome Abel Rodrigues, conhecido pelo «Abel Ranhoso».

Ha uma semana, o «Ranhoso» deu uma forte cacetada no pequeno agora morto, promettendo fazer-lhe peor quando o encontrasse a geito. E como hoje ao ser encontrado o morto elle dissesse ao Joaquim da Costa e a mais dois individuos do sitio:—«Não o mexam no rapaz, deixem lá arder quem arde que arde por minha conta», foi preso e veiu para o governo civil, sendo o cadaver enviado para a Morgue.

Os fornos pertencem aos srs. Oliveira e Nunes, moradores na rua Particular aos Prazeres, 24, 1.º

EM SANTA CLARA

O assalto á esquadra do Caminho Novo

Proseguiu hoje o julgamento dos implicados no assalto á esquadra do Caminho Novo e guarda do palacio das Côrtes na noite de 20 para 21 de outubro de 1913, figurando no numero dos reus, como dissemos, alguns militares, entre os quaes o sargento Fonseca, que favoreceu a fuga do tenente Carvalho, quando este se encontrava sob prisão na enfermaria do hospital da Estrella.

Aberta a audiencia e lidos os depoimentos das testemunhas de accusação que faltaram, foram ouvidas as de defesa, Alvaro Augusto Thomé, Fernando Dias da Silva, Manuel de Almeida, o guarda 1:250, Albino Pires, João Augusto da Silva e Avelino Pinto, que se limitaram a abonar o bom comportamento anterior dos reus.

Seguiram-se os debates, respondendo ao promotor os srs. dr. Preto Pacheco e o defensor officioso, major sr. Camara, que pedem a absolvição dos réus, por ser um acto de justiça.

A sentença deve ser lida depois das 20 horas.

O movimento de 27 de abril

No 1.º tribunal militar começa ámanhã o julgamento de 24 praças da armada accusadas de estarem implicadas no movimento de 27 de abril. Preside-o coronel sr. Antonio Garcia Guerreiro, sendo juiz auditor o sr. dr. Costa Gonçalves, promotor o capitão sr. Xavier Adrião e secretario o tenente sr, Olympio de Mello.

Os accusados são: Pantaleão dos Santos, 2.º artilheiro n.º 6992; Arthur José, 2.º marinheiro n.º 4471; Francisco de Sousa Cabaça, 1.º marinheiro timoneiro n.º 4144; Agapito dos Santos, 1.º grumete n.º 7722; José Augusto, 1.º grumete n.º 5117; Joaquim de Brito, 1.º grumete n.º 8110; Manuel Maria, 1.º marinheiro n.º 3158; Manuel João, 1.º grumete n.º 7711; Gervasio Rodrigues Contente, 1.º grumete n.º 7970; Salvador Pinto de Oliveira, 1.º marinheiro timoneiro, n.º 6188; Salvador, 1.º marinheiro n.º 1777; Alexandre Brandão dos Santos, 2.º artilheiro n.º 7133; Delphino Gamito, 1.º artilheiro n.º 2577; Ludgero Augusto, 1.º artilheiro n.º 1250; Jayme Rodrigues Jardim, 2.º marinheiro timoneiro n.º 5253; Manuel Rodrigues, 2.º artilheiro n.º 6161; Izidro Augusto da Silva, 1.º marinheiro n.º 6257; Luiz Valentim, 2.º marinheiro n.º 7065; Alfredo Henrique Pinto, 1.º grumete n.º 6969; Raphael dos Santos Borralho, 1.º artilheiro n.º 3974; Manuel da Fonseca, 1.º artilheiro n.º 3730; Antonio Jacintho, cabo fogueiro, e Carlos dos Santos, chegador n.º 6267.

Oito dos reus são defendidos pelo major sr. Gouveia, defensor officioso, tendo os restantes por patrono o sr. dr. Alvaro Machado. As testemunhas são em grande numero, devendo o julgamento durar alguns dias.

As finanças publicas

A direcção do Banco de Portugal recusa-se a augmentar a circulação fiduciaria.—Os recursos de que o governo póde lançar mão

A direcção do Banco de Portugal recusou-se, segundo consta, em accordar com o governo um novo augmento da circulação fiduciaria. Porquê? Porque ella já está em 97.000 contos, e só poderia ser accrescida com grave perigo da economia nacional e dos proprios interesses dos accionistas do Banco.

Mas o governo precisa de dinheiro, diz-se, e tem de arranjal-o por qualquer fórma. O meio mais facil, e por isso mesmo o mais empregado pelos governos quando se veem em embaraços, consiste no recurso ao Banco de Portugal. Mas a verdade é que ainda ha pouco se elevou consideravelmente a circulação fiduciaria, dizendo-se que para auxiliar o commercio e a industria nacionaes na grave crise provocada pela guerra europeia, e os milhares de contos resultantes d'esse augmento foram quasi integralmente absorvidos pelo Estado, que precisou fazer face aos encargos extraordinarios da nossa situação em Angola. O commercio e a industria ficaram sem o auxilio financeiro que reclamavam.

A direcção do Banco, por sua parte, não esquece os interesses dos seus accionistas. O augmento da circulação feito ha mezes tinha de ser emprestado ao commercio a 5 e meio, mas recebendo o Estado cinco e ficando só meio por cento para o Banco. Succede ainda que na liquidação annual, depois dos accionistas receberem 7 por cento, o Estado recebe metade dos lucros. Por isto já o leitor comprehende que o Banco não tem interesse algum em augmentar a circulação, pondo mesmo de parte o argumento de que não o póde fazer para evitar que se crie uma situação semelhante á de 1846, em que o valor das notas desceu 50 por cento.

Mas não tem o governo outros meios de arranjar o dinheiro de que carece? Vejamos. Está-lhe interdito o caminho de fazer uma nova emissão de inscripções, porque para isso seria necessaria uma auctorisação parlamentar. A venda de bilhetes de thesouro, em percellas, não remediaria as suas difficuldades, em primeiro logar porque o resultado d'esse expediente seria demorado, e, depois porque o pé de meia nacional não daria os milhares de contos de que o governo necessita, tanto mais que o juro d'esses bilhetes, tendo sido de 6 por cento, foi reduzido pelo sr. dr. Affonso Costa a 5 e meio e pelo gabinete do sr. dr. Bernardino Machado a cinco, o que não deve tentar o comprador, principalmente n'uma situação anormal como é esta que atravessamos.

Resta um ultimo recurso: o do emprestimo. Ainda ha dias elle foi preconisado n'uma reunião da União da Agricultura, Commercio e Industria. Teria a dupla vantagem de satisfazer as necessidades do thesouro e de provocar um rapido melhoramento das cambiaes, o que se reflectiria em notaveis facilidades para o commercio e no immediato barateamento da vida. Consta que já nos tinha sido dada a garantia de que um emprestimo portuguez seria bem acolhido no mercado de Londres, e identica impressão trouxe de Inglaterra a missão commercial que ali foi. Poderá o governo actual lançar mão d'esse recurso?

E' isso que convém saber.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cruz Vermelha

Reune no dia 8, ás 21 horas, a commissão central, para apreciar a proposta de alteração de um artigo da organisação geral.

O PORTO DE LUTO

O funeral do deputado Henrique Cardoso

Precauções policiaes e regimentos de prevenção

PORTO, 5.—Chegaram no rapido das 14 horas os srs. Affonso Costa e Alexandre Braga em companhia de muitos outros parlamentares, para tomarem parte no cortejo funebre do fallecido deputado de Villa Nova de Gaya, Henrique Cardoso.

Junto da estação de S. Bento ha milhares de pessoas trajando rigoroso luto, estando tambem muitas associações e gremios, com as suas bandeiras envoltas em crépes.

Nas ruas por onde o cortejo tem de passar a policia foi dobrada. Tanto a policia como os regimentos estão de prevenção.

Foi imponentissima a manifestação funebre

PORTO, 5.—Nunca, em circumstancias identicas, se viu n'esta cidade um cortejo tão imponente como o que esta tarde se organisou junto da estação de S. Bento em homenagem á memoria do deputado Henrique Cardoso.

A enorme multidão, composta de muitos milhares de pessoas trajando luto, subiu a rua 31 de Janeiro, atravessou a praça da Batalha, seguindo pelas ruas Alexandre Herculano e Duque de Loulé na direcção do cemiterio do Repouso. A immensa quantidade de povo que acompanhava o feretro tornou impossivel a passagem por Entre Paredes.

N'esta imponentissima manifestação de saudade tomaram parte 37 associações, cujos estandartes seguiam a urna funeraria, que era precedida por trez carros a duas parelhas litteralmente cobertos de corôas e de flôres.

Em frente do governo civil estacionava uma força de 70 praças de infantaria da guarda republicana, e á esquina da rua do Sol via-se uma outra de cavallaria da mesma guarda, composta de 30 praças.

Proseguem as investigações ácerca do assassinato

Ao 2.º juizo de investigação, cartorio do escrivão Vidal, foram hoje enviados Roque Fernandes Blanco Freire, Arthur Manuel Gonçalves, Joaquim Marques e Alfredo das Neves, implicados nos acontecimentos occorridos em 28 de fevereiro na rua Paiva de Andrada e em que foi morto o deputado Henrique Cardoso.

Os presos foram interrogados no gabinete do sr. dr. Magalhães de Barros sendo as suas declarações reduzidas a auto pelo escrivão Vidal. Interrogados declararam serem completamente alheios ao succedido. Recolheram á cadeia pelo crime de homicidio pelo que não lhes foi admittida fiança.

O restabelecimento da normalidade constitucional

Hoje, ás 18 horas, reuniu em casa do sr. dr. Bernardino Machado a commissão nomeada hontem no Congresso e que é constituida por s. ex.ª e pelos srs. drs. José de Castro, Magalhães Lima, Caetano Gonçalves e Pereira Victorino. Resolveu iniciar amanhã as suas diligencias junto dos outros parlamentares para o restabelecimento da normalidade constitucional.

O coke sóbe de preço

A Junta Districtal que hoje reuniu para apreciar a reclamação interposta pelas Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade da resolução do sr. commandante da policia, que não concordava com o augmento pedido, deu parecer favoravel ás Companhias, pelo que o carvão de coke passa a custar, posto em casa do consumidor, 15$00 a tonelada.

PEQUENAS NOTICIAS

No hospital Escolar deram entrada: na enfermaria C 2 O D, Luiza Ferreira, de 70 annos, que cahiu na sua residencia, fracturando a perna esquerda; na enfermaria C 2 A B, José Joaquim Vinagre, aprendiz de sapateiro, que em 11 de fevereiro foi victima d'um desastre na officina em que trabalhava na rua de S. Thiago.

—Foi enviado do hospital de S. José para a Morgue o cadaver de Luiz da Benta, que ha dias foi aggredido na Moita. Tambem deu entrada na Morgue o cadaver de Alexandre Ferreira, que se suicidou por enforcamento.

Festas associativas

Depois d'ámanhã, organisado pela direcção, ha baile na Sociedade Instrucção Guilherme Cossoul.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 4.—A policia prendeu o gatuno Tulio Lopes Correia, na occasião em que tentava assaltar o mercado D. Pedro V.

—Tomou posse do logar de administrador do concelho o sr. dr. Affonso José Lucas.

—Por alvará do juiz de direito, foi nomeado solicitador para esta comarca o sr. Antonio Luiz Marques Perdigão.

—A pedido do administrador do concelho de Soure, foram destacados para aquella villa os guardas civicos n.os 112 e 113.

—Foram nomeados professores technicos da Escola Nacional de Agricultura os engenheiros agronomos srs. Adriano Francisco da Costa e Sousa e José de Sousa Menezes e Vasconcellos.

—Continuam as prevenções tanto nas unidades militares como na policia civica e guarda republicana, apesar de a cidade se achar em perfeito socego.

—Tomou posse do logar de professor ordinario da Faculdade de Direito o sr. dr. Manuel Paulo Moreira, professor extraordinario da mesma Faculdade.

MAÇÃO, 4.—E' tambem no proximo domingo que se realisa n'esta villa a festa escolar que um grupo de senhoras, auxiliadas por outras pessoas, costuma promover annualmente, de commum accordo com o professorado local, envidando todos, n'este sentido, o melhor dos seus esforços, com o firme proposito de poderem dar ao simpathico festival infantil o maior luzimento possivel.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3|16	35 1|16
Londres, 90 d|v.	35 7|16	—
Paris, cheque	$80,8	$81,2
Allemanha, cheque	$30	$31
Hollanda, cheque	$56,5	$57
Madrid, cheque	1$38	1$39
New York	1$40	1$41,5
Rio s|Londres	12 7|8	—
Libras	6$96	7$00
Agio do ouro	35 º|º	45 º|º

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,40	39,16
» » 500$	—	39,30
» » 100$	39,40	—

Certificados de 50$, 40, 20 0|0.

Obrigações d'Estado: 4 0|0 1888, 21$83.

Externas: 1.ª serie, 70$80.

Acções: Lisboa & Açores, 11$; Ultramarino, 10$; Assucar, 46$40; Moagem (nova), 68$70.

Obrigações: Aguas, coup., 80$; Prediaes, 6 0|0, 89$50; Municipaes ou districtaes, 5 0|0, 71$50; Ultramarino, coup., ouro, 88$; Gaz, 72; Ambacas, 88$50; Moagem (nova), 94$; Caminho de Ferro de Benguella, 77$50.

SPORT

Palavras antigas que parecem de hoje

Tem a educação phisica, entre as suas mais simpathicas vantagens, a de formar o caracter, imprimindo vontades energicas em corpos sãos. O exercicio modifica o moral mas a educação phisica ainda é imperfeita entre nós e ainda não attingiu o grau de perfeição que se torna urgente alcançar.

Destruidos certos attrictos e agora, que tanto se fala de paz e de concordia todos devem trabalhar para um são contagio. Devem-se agrupar com a consciencia da sua util acção. A causa da regeneração phisica é das que exige o esforço de todos os bem intencionados e dos sinceros. E deve-se evitar que á sua simpathica influencia se acolham os inuteis que vem procurar nome, *satisfazer uma vaidade ou ostentar ridiculos sentimentos. Deve-se eliminar das direcções de collectividades de acção e propaganda os que se aproveitam da força para satisfazer odios pessoaes. Deve-se mostrar pelo ridiculo, traduzido na satira pungente, no lapis do caricaturista e na critica directa e documentada, o que são certos individuos, que capricham em desfazer obras de meritoria propaganda, oppondo difficuldades á sua marcha de trabalho. Tem de destruir-se a ideia de que se faz* sport *porque é moda. Tem de se fazer* sport *porque é uma necessidade. Os inuteis tem de desapparecer. Os maus diante dos beneficios d'uma boa educação phisica, generalisada e comprehendida, hão de ser, n'um futuro breve, moeda que não corre e sem acceitação...*

Mas para começo será bom que os que pregam a boa doutrina não deem os maus exemplos. Que não se lhes applique o adagio «Faz o que eu digo e não o que faço». Essa incongruencia diminue-lhes a auctoridade.

* * *

Nota do dia

Uma reclamação que é antiga

Ex.mo sr. redactor.—Escrevo á *Capital* para lhe lembrar um assumpto. E' por todos os motivos necessario e justo que a situação da numerosa classe dos professores de gimnastica dos liceus do paiz seja resolvida quanto antes e que *démarches* n'este sentido sejam feitas junto d'aquelles que, sem odios, mas com imparcialidade, conhecem os relevantes serviços que a educação phisica vem prestando em todas as capitaes dos districtos á instrucção.

Preciso é que, com lealdade, n'uma camaradagem propria, sem theorias erroneas, se eleve esta classe á altura que bem merece.

Todos os professores de gimnastica teem mais de 1 e 2 annos de serviços e possuem boas informações; é de justiça que sejam considerados effectivos, sendo-lhes os honorarios divididos e pagos em duodecimos. Isto que fica exposto, sr. redactor, não sobrecarrega nem traz encargos ao Estado e não é favor, mas respeito devido pelos direitos adquiridos e pelos trabalhos prestados.

Todos, desde já, devem ser passados á effectividade sem a particularidade de prejudicar ninguem.

Para tão justa causa adheriram muitos professores pedindo que n'esse sentido lhes seja definida a sua situação.

Agradecendo a publicação, subscreve-se—*Um professor.*

* * *

Algumas anedoctas

Bonelli, aquelle celebre luctador que vimos em Lisboa e que era um dos homens mais fortes do mundo, foi prevenido de que havia 100 francos a ganhar no Circo de Inverno, fazendo o simples trabalho de levantar um sacco com 100 kilos.

N'essa mesma noite Bonelli foi até lá acompanhado de 6 camaradas. Placidamente esperaram a occasião da apresentação do athleta inglez Apollo que de entrada levantou o seu alter. Ao ser annunciado pelo speaker *que um premio de 100 francos seria dado a quem executasse o exercicio que Apollo ia fazer, os 6 homens, com Bonelli á frente. entraram na pista.*

—Nós vimos concorrer ao premio—disse este com simplicidade.

—Muito bem—disse-lhe Apollo—mas um só chega.

—Está bem—disse Bonelli—sou eu que vou ensaiar, mas quero que o dinheiro do premio seja dado a um espectador antes do exercicio ser executado.

Accederam aos seus desejos e os 100 francos passaram para as mãos de um espectador da primeira fila.

—Agora—disse Bonelli, dirigindo-se a Apollo—vaes mostrar-me o teu truc.

Sempre fleugmatico, o inglez executou-o. Agarrou o sacco com os dois braços, metteu-se-lhe debaixo, fazendo escorregar para sobre as costas o sacco. Assim carregado, levantou-se com muita difficuldade, dando em seguida alguns passos, lançando-o immediatamente á terra.

—E' só isso?—diz Bonelli.—Posso tirar a blusa?

Sem esperar resposta tirou a blusa e a camisa. Depois com o soberbo torso nu e emquanto a multidão, admirada, o ovacionou, avançou para o sacco, dizendo com ar de desprezo:

—Não é necessario deitar-me debaixo para o levantar.

E baixando-se levanta o sacco com as mãos e com a maior facilidade lançou-o para as costas.

—Onde é preciso que eu o leve?—pergunta a Apollo, que de olhos espantados viu o seu famoso exercicio ser executado com tanta facilidade.

A multidão que enchia a sala ovacionou o forte Bonelli.

No dia seguinte os cartazes já não annunciavam o premio de 100 francos e alguns dias mais tarde Apollo desapparecia tambem, deixando em França as suas illusões perdidas.

* * *

Noticias

Entre nós

Tejo Foot-ball Club

O capitão geral d'este club pede a comparencia dos seguintes jogadores no campo do Club, em Palhavã A, no proximo domingo: A's 12,30 para jogarem em desafio official contra o S. F. P.: Gregorio, Rufino d'Araujo, José Mamede, A. Coelho, H. Costa, João Nunes, Joaquim Esteves, F. Manso, Joaquim Figueiredo, Augusto Mendonça e José Pereira. Supplentes, Carlos Nogueira, Miguel Morgado e J. Rocha. A's 10,45, todos os jogadores do 2.º «team». para desafio. A's 14,30, para desafio: 3.º «team», Tristão da Silva, Olympio, Antonio Gomes, Abel Ferreira, Salvador Thomaz, L. Tiburcio, Domingos Cruz, J. Rocha, E. Gomes, L. Santos e Julio Costa. A's 16,30, todos os jogadores do «team» infantil para jogarem em desafio.

Velo Sport Grupo

Reune a sua assembleia geral no domingo, ás 20 h., com a seguinte ordem da noite: Nomeação do vice-presidente; eleições para capitão do 1.º «team» infantil e apresentação de contas.

Festas na Amadora

No proximo domingo, realisam-se, na Amadora, duas bellas sessões de patinagem no seu *rink* de cimento armado e de madeira. No sabbado, 13, effectua-se uma festa de *mi-carême* nos salões dos Recreios Desportivos, com um baile e um sarau.

Fernando d'Alcantara

Chegou ante-hontem a Lisboa e seguiu hoje para os Açores e d'ali vae para a America o engenheiro Fernando d'Alcantara. Vae tratar da acquisição de *camions* automoveis de serviço militar.

Desafios officiaes de «foot-ball»

A Associação de Foot-ball marcou para domingo proximo os desafios seguintes: 1.ª cathegoria: S. C. P. contra C. I. F., no Lumiar, ás 15 horas, juiz Cosme Damião. S. C. I. contra G. S. C. Q., no Lumiar, ás 13 horas, juiz Mario Monteiro. 2.ª cathegoria: S. C. I. contra S. L. B., em Palhavã, ás 13 horas, juiz Pedro Pagani. 3.ª cathegoria (2.ª serie), S. F. P. contra S. L. B., em Sete Rios, juiz Theodoro Quistorp, ás 13 horas. 4.ª cathegoria (1.ª serie), T. F. C. contra S. F. P., em Palhavã, ás 13 horas, juiz A. Breia. (2.ª serie), G. D. O. contra G. S. C. Q., em Bemfica, ás 15 horas, juiz Salles Baptista. Campeonato escolar, 3.ª cathegoria, E. I. M. P., contra C. P. L., nas Laranjeiras, ás 15 horas, juiz Carlos Penaguião.

XVII Congresso Ciclista

Como noticiamos. é no proximo dia 8 que se realisa o XVII Congresso Ciclista, promovido pela União Velocipedica Portugueza, no qual se farão representar os seguintes Clubs: Sport Club Viannense, Gimnasio Club Figueirense, Sport Lisboa e Bemfica, Grupo Sportivo Atheneu Commercial de Lisboa, Lusitano Club Ciclista, Foot-Ball Club do Porto, Sporting Club de Portugal, Grupo Sport Cruz Quebrada, Sport Club Progresso, Racing Club do Porto, Victoria Foot-Ball Club, União Foot-Ball Club, Grupo Sporting Nacional, Sport Club Sadino, Apollo Foot-Ball Club e Stadium de Lisboa.

A reunião tem logar na séde do U. V. P. e n'ella podem tomar parte além dos representantes d'estas collectividades os socios da mesma Federação.

O campeonato de «box»

No Salão da Trindade effectuam-se hoje as finaes do campeonato de *box* amador. Entre os combates que figuram no programma ha um que põe em luta Basilio de Oliveira e Tobias Xavier para disputa do titulo de campeão de Portugal de todas as cathegorias. A disputa das finaes começa ás 21,30 horas, sendo a ordem o seguinte:

Levissimos: Germano Garcez, kg. 48.800 (C. I. F.). E. Borges da Cruz, kg. 47.500 (A. C. L.). Meios leves: Miguel Machado, kg. 55.200 (A. C. L.). Olimpio Torres kg. 57 (C. I. F.). Leves: Placido Monteiro kg. 61.100 (A. C. L.), Agostinho Paula, kg. 59.500 (A. C. L.). Meios medios: J. da Silva Ruivo kg. 62.500 (C. I. F.). Herculano Rodrigues kg. 62.500 (A. C. L.). Todos esses combates são em 6 «rounds» de 2 minutos com luvas de 6 onças. Combate extra-campeonato: Antonio Cardoso (C. I. F.). Oscar A. da Silva (A. C. L.). 6 «rounds» de 2 minutos, luvas de 8 onças. Grande combate para a disputa do titulo de campeão de Portugal, Medios: Tobias de Xavier kg. 71.700 (C. I. F.). Bazilio de Oliveira kg. 68.800 (A. C. L.). Com 12 «rounds» de 2 minutos com luvas de 6 onças.

Festas associativas

No Club Recreativo Luzitano ha depois d'ámanhã recita promovida pela direcção com a representação de grande espectaculo «Silvio, o cigano», estando o desempenho confiado ao grupo dramatico do club. Nos intervallos far-se-ha ouvir a orchestra, seguindo-se baile.

Na séde da Sociedade João Rodrigues Cordeiro, rua da Fé, 43, 1.º, ha depois d'ámanhã baile. No mez de abril realisa-se no theatro da Trindade a festa annual.

Exposições escolares

No asilo de D. Maria Pia abre depois d'ámanhã a exposição dos trabalhos effectuados nas officinas d'aquelle estabelecimento de ensino e destinados á venda, constando de artigos de mobiliario, vestuario e calçado. A exposição conservar-se-ha aberta todos os dias, das 13 ás 17 horas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A Tutoria»

Após uma interrupção de mezes, reappareceu esta revista mensal, trazendo collaboração dos srs. Alexandre Barbas, drs. Aurelio da Costa Ferreira, Pedro de Castro e Moraes Manchego, e illustrada com o retrato do sr. dr. Barbosa de Magalhães.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21—A força do destino—Commissario bom rapaz.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA— A's 21— A Garota.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21—Não ha espectaculo.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Gimnasio** — Recita de Silvestre Alegrim — *O commissario de policia*

DOMINGO — **S. Carlos**—Festa do maestro Pedro Blanch—Concerto.
—**Politeama** — Concerto David de Sousa.

Primeiras representações

S. CARLOS—**A força do destino**, dois actos de Paul Hervieu, traducção de Mello Barreto—**O commissario bom rapaz**, um acto de Courteline, traducção de Camara Lima.

Paul Hervieu, considerado um dos primeiros dramaturgos francezes, membro illustre da Academia, escreveu expressamente Le destin est maître *para Maria Guerrero, accedendo assim aos desejos que ella lhe manifestára por occasião da estada do escriptor em Madrid, onde foi assistir á representação d'uma das suas peças interpretada pela grande artista e por seu marido. Incumbiu-se da traducção, que a critica classificou de admiravel, Jacintho Benavente, mestre do theatro hespanhol contemporaneo, e o drama foi posto em scena por fórma a confirmar a alta cultura artistica, o profundo amor profissional e o requintado gosto da Guerrero e de Fernando Diaz de Mendoza, que lhe deram um desempenho tão notavel que a propria imprensa franceza o reputou, por parte da creadora, com uma imparcialidade digna de registo, superior ao da Brandès, quando* Le destin est maître *se representou em Paris, decorridas algumas semanas.*

O ultimo trabalho de Paul Hervieu, talhado nos moldes de precedentes lavores seus, altestando os indiscutiveis meritos do homem de theatro, do prosador insigne e do psichologo, mereceu da critica madrilena e da parisiense uma larga analise e não iremos agora recordar como foi encarado por ellas o problema a cuja volta se desenrola a intensa acção dramatica da Força do destino. *Ainda hontem, na sumula que publicámos do estudo que Manuel Bueno lhe consagrou em março do anno passado, teve o leitor ensejo de verificar como Hervieu considera e interpreta o fatalismo, thema a que os gregos dedicaram no seu theatro immortal uma particular predilecção. Interessa ainda agora o problema? Consegue o dramaturgo impôr-se á attenção do seu auditorio, impressional-o e commovel-o com a tragedia dos Béreuil em que a fatalidade, pelo braço d'um homem de pundonor, priva Gastão violentamente da vida para lhe poupar o nome dos filhos á deshonra, embora este, recusando-se a redimir com o proprio sangue os seus crimes, preferisse viver no opprobrio? Sem duvida que sim e ainda hontem em S. Carlos o podemos observar.*

A arte de Paul Hervieu está a toda a altura do assumpto eleito. Se tem porventura detractores, não se justificariam facilmente, caso fossem a isso forçados. Mas correspondeu em absoluto a interpretação que A força do destino *hontem obteve no palco de S. Carlos á grandeza e á intensidade dramatica da obra? Seria exaggero, que aos proprios interpretes repugnaria, affirmar abertamente que sim. Não se póde classificar de mau, sem restricções, o desempenho d'uma peça em que entram artistas da envergadura de Augusto Rosa e de Ferreira da Silva, ambos os quaes e sobretudo o primeiro ainda hontem patentearam quanto valem. Mas parece-nos que Italia Fausta, a cujos superiores qualidades artisticas a imprensa tem feito por vezes elogiosas referencias, não logrou identificar-se com a amargurada figura de Juliana Béreuil. Se a sua desagradavel pronuncia em que a influencia de lingua estrangeira é ainda tão manifesta, a prejudica, a falta de vibração emotiva, falta a que outros chamarão sobriedade de processos, egualmente amesquinha o seu trabalho. Pinto Costa foi correcto no papel de criado; Raphael Marques progride de dia para dia, sendo o seu trabalho digno de nota; Luz Velloso e Robles Monteiro esforçaram-se por que se mantivesse a harmonia do conjuncto.*

A força do destino, *que Mello Barreto trasladou para portuguez primorosamente, pertence ao numero das peças que não devem deixar de se ver.*

Fechou o espectaculo o engraçadissimo Commissario bom rapaz, *de J. Courteline, cuja traducção, firmada pelo humorista notavel que é Camara Lima, se póde dizer magistral, e cujo desempenho não póde ser melhor, distinguindo-se n'elle Chaby Pinheiro e Carlos de Oliveira.*

A. de A.

* * *

GIMNASIO—**Amor de marinheiro**, um acto em verso de D. Branca Silveira da Silva.

A festa dos simpathicos artistas Maria Mattos e Mendonça de Carvalho revelou-nos uma nova poetisa. Amor de marinheiro *é um problema de psichologia, ingenuo talvez, porventura sentimental em demasia e um tanto ou quanto* demodé, *mas que serve de pretexto a algumas duzias de excellentes alexandrinos, metricamente perfeitos, de um rithmo que muitos dos nossos conhecidos poetas invejarão decerto.*

O dialogo é, por vezes, longo, o que não impediu que o publico o seguisse, até ao fim, com carinhoso interesse, applaudindo calorosamente os protagonistas, em especial Maria Mattos e Mario Duarte, e a auctora, que d'um camarote assistiu á premiére.

A completar o espectaculo tivemos uma reprise *da* Sopa no mel, *a engraçadissima traducção de Mello Barreto. Mendonça de Carvalho, Maria Mattos, Mario Duarte, Alda de Aguiar e João Lopes colheram fartos applausos. A festa foi positivamente encantadora.*

Hermano Neves.

Ao correr da penna

Como esquecem depressa os mortos! Ha dias estava relendo uma serie de apreciações de artistas portuguezes ácerca de Antonio Pedro e de entre todos a unica que me commoveu, a que era digna não só do artista que a inspirava como do artista que a assignava, era a de Alfredo de Carvalho.

Não ha muitos annos que o tumulo se fechou sobre elle e já ninguem fala ou escreve d'esse actor, que foi, sem duvida alguma, uma figura marcante no nosso theatro de opereta. Falando de Antonio Pedro, Alfredo de Carvalho relembra o tempo em que trabalhava nas barracas de feira e a digna modestia com que se refere a essas horas difficeis da sua vida ressuscita a figura d'esse homem de bem, de quem fui amigo e cujos ultimos annos foram um largo tormento.

Alfredo de Carvalho, que se fizéra pelo seu trabalho e que, dos tablados do Dallot, chegára a ser o primeiro compère de revista, nunca até hoje excedido na improvisação feliz e sempre comedida, não repudiava as suas origens e, sendo um espirito de uma certa cultura e um artista do pincel muito apreciavel, não manifestou nunca, nem para os que com elle conviviam nem para os seus camaradas, a minima vaidade dos seus successos. Preciosissimo collaborador de Sousa Bastos que, se vora ost fama, lhe deixava o cuidado de improvisar os seus papeis nas revistas em que o tinha por interprete, elle conservou, até ao fim da sua existencia e dentro de uma linha de correctissima educação. a mesma simpathica bonhomia, a mesma despreoccupada singeleza.

Pobre Alfredo! Quiz hoje matar saudades, falando d'elle, que cada dia se me apresenta ao espirito no pequeno quadro a oleo que me offereceu em lembrança do nosso convivio e da nossa amisade.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Entrou hoje em ensaios no S. Carlos, para recita de Angela Pinto, *A aventureira*, de Augier.

● A companhia Ruas regressa a Lisboa na proxima segunda feira, pelo rapido da tarde.

● Na *reprise* do *Relogio magico*, que se effectuará na Trindade quando se exgote o successo das *Verdades e mentiras*, desempenharão os principaes papeis Medina de Sousa, Auzenda de Oliveira e Antonio Gomes.

● Diz-se que o illustre cantor Francisco de Andrade, actualmente em Lisboa. após uma longa permanencia na Allemanha, pensa em reatar entre nós as tradicções do theatro lirico, tomando conta do theatro de S. Carlos, cujo concurso já se encontra aberto.

● No proximo dia 9 faz a sua festa artistica no Politheama o actor Alexandro de Azevedo, com a primeira do *Diabrete*, que parece destinada a um grande exito theatral. O espectaculo será completado com alguns numeros da *Canção Portugueza*, que foi entre nós uma das mais bellas iniciativas do eminente artista.

● Na festa artistica de Mario Duarte, que se realisa no proximo dia 27 no theatro do Gimnasio, além da *Bella madame Vargas*, de João do Rio, onde aquelle actor tem uma das suas melhores creações, representar-se-ha, pela primeira vez, um acto original de Antonio Ponce de Leão, *A onda*.

Circos & Music-halls

Morreu o japonez Raku?

Recebemos hoje, de Madrid, uma carta de Leonard Parish, o agente que está em permanente communicação com todos os meios artisticos e, que, como tal, possue as melhores fontes de informação, dando-nos a triste noticia de que tinha morrido no Japão o notavel e simpathico luctador Raku, de verdadeiro nome Sada Uyeinishi e que, em Portugal, tinha radicado o seu titulo de campeão de ju-jutsu.

Esta noticia vem contristar grande numero de sportsmen *portuguezes que, em sete mezes de convivio, se haviam acamaradado com o invencivel* ju-jutsman, *apreciado as suas primorosas qualidades de caracter e se haviam convencido de que não existia pessoa capaz de lhe resistir.*

Raku foi o luctador que maior interesse despertou em todo o paiz, tornando-se o idolo das populações athleticas do Porto, Coimbra e Lisboa.

Venceu todos os nossos homens fortes, ensinou a alguns dos nossos amadores o que era o ju-jutsú e dominou todos os campeões estrangeiros que ousara combatel-o.

O maravilhoso combatente que havia derrubado Zbysco em 57 segundos, Hackenschmid, Deriaz, Romanoff, Lassartesse, etc., apreciava as primorosas qualidades combativas dos portuguezes, citando frequentes vezes, como exemplo de bons luctadores, a Grillo, Filippe da Costa, etc.

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—A atiradora de carabina mademoiselle de Bordeverry.

Os numeros de tiro ao alvo ja estão muito vistos, mas o de hontem, apresentado no Coliseu dos Recreios, por mademoiselle de Bordeverry, agradou e fez-se applaudir, até por aquelles que estão exigentissimos pelo facto de terem visto, no circo, tudo quanto ha de melhor no estrangeiro. As causas d'este exito artistico, que vae honrar o programma de espectaculos da actual companhia do Coliseu, devem-se: á gentil apresentação da artista á *mise-en-scene* do numero, á originalidade de certos exercicios, á precisão d'alguns tiros e á rapidez de execução porque a atiradora chega a inutilisar 9 *lenticulas* brancas, em tiros successivos e em menos de 4 segundos! Todos os tiros são executados a curta distancia do alvo mas uns quatro, de muito effeito, são feitos estando o alvo dentro do palco, a 6 metros do proscenio e a atiradora a 28 metros, por baixo da tribuna presidencial!

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— O sonho do mosquito.

Junta Geral do Districto

Reune a sua commissão executiva

Estava convocada para hoje a reunião da Junta Geral do Districto, mas, por não ter comparecido numero sufficiente de vogaes, apenas se effectuou a da sua commissão executiva, sob a presidencia do sr. Cesar Justino de Lima Alves.

Tomou conhecimento d'uma representação das irmandades de Lisboa pedindo a brevidade na approvação dos seus orçamentos, seguindo-se no seu exame a orientação anteriormente seguida pelo secretario do governo civil. Resolveu aguardar a resposta d'uma consulta feita em janeiro ultimo ao ministerio da justiça sobre a interpretação de alguns artigos da lei da Separação e instar pela resposta d'essa consulta.

Em seguida approvou uma moção de caracter politico a que n'outro logar nos referimos, depois do que a sessão foi encerrado.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata «Sequana» (Brazil)... 8
Brazil e R. Prata «Hollandia» (Amstd.) 8
Lonr. Marq. Beira, etc. «Castilian» (Liv.) 8

Weltpolitik: «A Allemanha deve conquistar o seu logar ao sol».

Assim, o partido agrario aconselhára a guerra, acceitára-a, preparára-a, primeiro em nome dos seus interesses, em seguida em razão das necessidades de expansão que considerava como sendo as da nação.

Trouxe a essa campanha a arrogancia altiva e immoderada que caracterisa a classe dos officiaes e dos velhos generaes. Terreno algum, pois, era mais favoravel á semente pangermanista.

Vejamos agora em que condições a Allemanha industrial, a Allemanha do Oeste, a Allemanha das cidades, abordava e resolvia o mesmo problema. Para isso temos de dar uma estatistica, que é curiosa e demonstra claramente o esforço produzido nos ultimos annos.

Comecemos pela agricultura. O seu rendimento elevou-se de 50 a 80 por cento. Em 1912 os cereaes rendiam 2.800 milhões de marcos, o gado 4.000 milhões, o leite 2.750 milhões. As debulhadoras a vapor, que em 1882 eram 76.000, subiam em 1912 a 489.000; as ceifeiras, de 19.000 passavam a 301.000.

A producção do assucar, que em 1894 fôra de 250.000 toneladas, subia em 1912 a 2.750:000 toneladas.

Quanto á população das cidades em cincoenta annos: Leipzig passa de 110.000 a 625.000 habitantes; Essen, de 40.000 a 320.000; Mannheim, de 40.000 a 220.000; Chemnitz, de 30.000 a 270.000; Berlim, de 700.000 a 3.000:000; Hamburgo, de 500.000 a 1.200:000.

Na industria, a producção do ferro tornou-se dupla no espaço de dez annos, attingindo em 1914 mais de 18 milhões de toneladas.

Quanto ao total de transacções commerciaes elevava-se, em 1912, a perto de 25.000 milhões de francos, sendo metade, approximadamente, d'essa quantia de generos exportados.

A rêde de caminhos de ferro, em 25 annos, passou de 40.000 a 70.000 kilometros.

Em 1900, as colonias allemãs importavam generos no valor de 36 milhões de francos, sendo a sua exportação no valor de 14 milhões. Em 1911, o valor da importação subia a 130 milhões e o da exportação a 81.

Quanto á frota commercial, em 1913, a Hambourg-Amerique contava 1.307:000 toneladas, o Lloyd de Brême 821.000. O trafico do porto de Hamburgo em 1913 cifrava-se por um valor de 8.375.000 francos.

Os numeros que acabamos de citar impressionam. Mas a medalha tem um reverso: duas terças partes dos allemães não pagam imposto de rendimento, porque o seu vencimento annual não chega a 900 marcos.

No fundo, é por causa d'esses 40 milhões d'allemães sem recursos que a Allemanha foi levada á guerra, pois os mercados de ha dois annos a esta parte tendem a fechar-se e é preciso fazer viver essa gente.

Outro reverso, mais imprevisto, mas não menos real: o desenvolvimento do industrialismo teve, sobre os costumes allemães, um effeito de depravação incontestavel.

O numero de nascimentos illegitimos augmenta mais rapidamente em Berlim do que em Paris; os divorcios são em maior numero, a natalidade diminue.

Nos bairros operarios, aos domingos, os prégadores não teem ouvintes. Em 1914 mais de 8.000 pessoas sahiram da egreja lutherana, para não pagarem o imposto chamado de egreja, que é elevado. A prostituição quadruplicou.

Um relatorio d'um antigo chefe de policia accusava, ha dez annos, o numero de sessenta mil homosexuaes inscriptos nos registos da policia em Berlim. E n'esse numero figuravam altas personagens.

A immoralidade, o amor desenfreado do prazer teem como consequencia o enfraquecimento da raça. Eis porque, ao passo que a Prussia Oriental fornece 68 por cento de recrutas validos e incorporados, o contingente de Berlim apenas se eleva a 32 por cento, isto é, menos de metade.

Em Saxe, onde a industria tudo absorveu, a raça definhou e os doentes são em grande numero.

CAPITULO III

A expansão economica da Allemanha e o pangermanismo

A attitude tomada pela França, pela Russia e pela Inglaterra para com a Allemanha e a Austria-Hungria, no anno findo, proveiu de factos historicos occorridos depois da guerra de 1870, mas foi tambem devida ao augmento temivel do poder allemão desde que se constituiu o actual imperio.

Ha uma politica diplomatica, mas ha tambem uma politica ethnographica, economica, financeira. A Allemanha desenvolveu-se de tal modo que pouco a pouco as nações suas visinhas se sentiam mal. E o seu methodo aggressivo, os seus processos de concorrencia muitas vezes violentos e desleaes, o seu sistema de tarifas aduaneiras tornavam ainda mais desagradaveis as relações entre ella e essas nações.

A Allemanha encarava a guerra como um processo commercial eventual, fomentando assim um estado de conflicto economico, cujas consequencias a não apavoravam, fôssem ellas quaes fôssem. Tratava-se, custasse o que custasse, de alcançar o bem estar, o conforto, reclamado como um direito, por uma raça materialista e prolifera. «Logar á Allemanha, a Allemanha acima de tudo!» tal era a divisa de toda a nação, desde o infimo operario até ao escol dos intellectuaes. Não se comprehenderia o verdadeiro caracter da conflagração actual se se não attendesse a este ponto de vista.

A Allemanha, já o dissémos não é uma unidade ethnographica: o povo allemão é um dos que mais diversos elementos conta. Celtas, teutões, scandinavos, slavos, fundem-se n'esse grande cadinho.

A divisão em Allemanha do Norte

Lord Fisher, primeiro lord do almirantado britannico

e Allemanha do Sul é por assim dizer classica, mas a que a divide em Allemanha de Leste e Allemanha de Oeste não é menos importante, ao examinarmos a actual constituição do imperio. O professor Wagner disse: «A verdadeira fronteira da Allemanha não é o Rheno; é o Elba».

Colonia e Berlim são os dois polos d'essa dupla Allemanha.

A rivalidade latente d'essas duas forças, reunidas pela unidade de lingua e por um trabalho politico secular, é uma das causas da guerra actual. Aspirações diversas, necessidades contrarias as separam, embora a vontade as approxime. Uma especie de incompatibilidade instinctiva subsiste apesar de tudo, manifestando-se na concorrencia dos partidos politicos, causando por fim estorvos ao mechanismo, infinitamente complexo e delicado, do imperio.

O prussiano, louro e pesado, é frio, perseverante, applicado, methodico, servil mesmo. Os seus habitos de espionagem e delação, contrahidos sob um regimen de terror de alguns seculos, manifestam-se, quando isso é possivel, por uma ironia insolente. A longa pobreza tornou-o parcimonioso e soffredor, qualidades que desapparecem perante a recente riqueza. O rigorismo protestante deu logar a um atheismo profundo, que ainda mais contribue para desenvolver as suas tendencias para a hipocrisia.

O rhemano é muitas vezes moreno e de estatura mais elegante; é alegre e cheio de engenho; bebe o vinho das suas encostas, gosta do prazer e humanisa-se quando o sol brilha. O bavaro guarda a fé dos seus antepassados com uma feição grosseiramente jovial. O hanoveriano, simultaneamente methodico e sentimental, seria bondoso se não receiasse perder a linha, expressemo-nos assim, que separa as classes e as raças d'um extremo a outro do imperio.

Esses allemães do oeste e do sul não se sentem bem na Prussia, mas acceitaram o jugo pela idéa da unidade. Quando qualquer erro demasiado grosseiro lhes fere o sentimento esthetico, o instincto protesta, mas o espirito de disciplina vence essa revolta.

Os rhenanos são de sangue celta e herdaram a civilisação romana. Todos os nomes que, na Thuringia e nas margens do Rheno, terminam em «briga», «magus», «durum» e «acum», provam que ali viveram tribus gaulezas. Os romanos, apoiando-se na Gallia, mas aproveitando os serviços dos germanos, originaram o cruzamento das duas raças.

Os gaulezes transmittiram aos germanos a civilisação romana. O nome de germano não é uma prova da existencia d'uma unidade ethnica, visto ser uma palavra gauleza que significa «visinhos».

Os povos do alto Rheno foram sempre inimigos dos povos do baixo Rheno, os batavios, os frisões, os francos, que eram, ao que parece, normandos, «homens do norte», isto é, scandinavos, e que falavam a mesma lingua dos dinamarquezes e dos anglos conquistadores da Inglaterra. Os vestigios d'essas duradouras hostilidades encontram-se na tradição: a lenda de Siegfried diz que só Dietrich de Berne poude vencer os heroes indomaveis do Niederland.

Em redor do mar do Norte trez raças rivaes viveram sempre em lucta: os celtas, cujos descendentes ainda hoje vivem na Belgica, os homens do Norte que são representados pelos francezes do norte, inglezes, normandos e scandinavos, e finalmente os allemães, inimigos tradicionaes das duas primeiras raças.

Essas differenças ethnographicas essenciaes ainda hoje se notam. E' preciso distinguir os meio celtas dos verdadeiros «alemães». Nem todos os que falam allemão são allemães.

Origens tão differentes explicam a diversidade de costumes, tradições, usos e leis. A leste o que domina é o regimen da propriedade, simultaneamente feudal e patriarchal. Grandes familias, os Dohna Schobitten, os Hohenlohe Oeringen, os Hatzfeld, os Donnesmark, possuem, na Prussia Oriental ou na Silesia, verdadeiros reinos. No principio do reinado de Guilherme II governavam ainda, sob esse regimen, verdadeiras tribus de vassallos. Comprehende-se a influencia que exercem na marcha dos negocios publicos, visto populações consideraveis d'elles dependerem.

As explorações agricolas estão dotadas de todos os aperfeiçoamentos modernos. Pelos methodos quasi scientificos da agricultura intensiva, o rendimento das terras cresce in-

cessantemente, o mesmo succedendo com o do gado. O valor da terra augmentou, a especulação desenfreada mais cara a tornou ainda.

O camponez sentiu-se mal n'uma terra que não podia cultivar por sua conta, pois não ganhava para pagar a renda. De 1885 a 1892, as provincias visinhas da Polonia ficaram quasi que despovoadas. Foi um exodo para a America do Norte e para a America do Sul. E esses emigrantes perderam o amor á mãe patria, tomavam nomes inglezes, tornavam-se republicanos e yankees, considerando os seus compatriotas como seres inferiores.

Pouco depois, esse exodo tomava outra fórma: a immigração para as cidades. A industria recebia um impulso formidavel. O camponez transformava-se em operario ou em serviçal. Berlim, que em 1870 contava 800.000 habitantes, é hoje um agglomerado de trez milhões e meio de almas, ao passo que a população agricola é apenas de dezeseis milhões e meio n'um total de sessenta e seis milhões e meio de habitantes.

No principio do seu reinado, Guilherme II mostrou certas tendencias socialistas, approximando-se comtudo do mundo industrial. Mas a aristocracia interveiu. Os Eulenbourg conspiraram, disseram ao monarcha: «O campo fornece as melhores tropas. Sem nós, o exercito e a monarchia estão perdidos».

O imperador reflectiu e o resultado das suas reflexões foi a demissão do chanceller Caprivi. Os grandes senhores organisaram a Liga dos agricultores, que se tornou uma das engrenagens economicas e politicas mais poderosas do imperio. Nas eleições, fez sahir das urnas uma maioria ultra-proteccionista.

Um dos seus membros, o conde de Pasadowski, secretario de Estado do interior, elaborou as famosas tarifas aduaneiras que iam acarretar para a Allemanha o odio da maior parte das grandes potencias, além de outras medidas de protecção.

Essa série de medidas habilmente combinadas deu á agricultura allemã um periodo de prosperidade ficticia, que pouca duração teve.

Os grandes senhores e os grandes agricultores enriqueciam, levavam vida alegre. Mas os camponezes e os operarios agricolas, explorados, mal remunerados e mal alimentados, continuavam a abandonar o campo aos bandos, para se dirigirem para as cidades, onde iam engrossar as fileiras do partido socialista.

A Allemanha viu-se obrigada a chamar estrangeiros para cultivar as terras abandonadas: primeiro foram os polacos austriacos, depois os ruthenios e finalmente os russos. Estes foram tratados como párias. A Russia queixou-se e resolveu não conceder passaportes aos seus trabalhadores ruraes senão sabendo para o que iam e sob certas garantias.

Ao mesmo tempo, abria os olhos sobre a concorrencia allemã e denunciava o tratado de commercio de 1904.

Era um golpe duplo no partido agrario allemão. Isto passava-se em abril de 1914. A politica aggressiva dos grandes senhores produzia os seus fructos. A Russia, que pensava em se defender, tornou-se odiosa. Não mais trabalhadores ruraes, o mercado russo fechado: era a dupla miseria na Prussia. O odio ao slavo augmentou.

De resto, os espiritos estavam preparados e o partido agrario havia muito que fizera causa commum com o pangermanismo, inscrevendo a guerra no seu programma economico.

Os conservadores prussianos haviam comprehendido que, para venderem o seu trigo, a sua aveia, a sua cevada e o seu assucar, era preciso abrir novos mercados á industria allemã. A conquista do mundo era uma idéa fixa do imperador. Houve, pois, uma formula em que a grande industria e a grande propriedade se encontraram d'accordo.

Os agrarios que, ao principiar a campanha das construcções navaes, haviam proferido a celebre phrase: «Die grüssliche flotte», que se poderia traduzir: «Arrazam-nos com a sua armada», deram as mãos á

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1646 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 6 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Accusações gratuitas

N'uma entrevista, que um jornal da noite publicou hontem, ventila-se mais uma vez a grave questão dos presos que o sr. presidente do ministerio affirmou serem victimas dos maus governos da Republica, em consequencia de estarem encarcerados sem culpa formada, ou de estarem á espera de julgamento ha muito tempo, ou ainda de contarem perto de quatro annos de prisão, sem terem sido entregues ao governo, que d'elles devia tomar conta.

Essa entrevista é com o sr. ministro da justiça, e por ella se reconhece que este membro do governo não perfilha as accusações do presidente do ministerioo, revelando, pelo contrario, a inanidade das suas affirmações, visto demonstrar que as culpas d'esses factos ou são da simples responsabilidade da magistratura ou se filiam na circumstancia de não ter havido dinheiro para proceder ao estabelecimento das colonias penaes.

Repetem-se, mesmo pela bocca do ministro da justiça, as observações que já aqui tivemos occasião de expender logo que o discurso do sr. Pimenta de Castro foi proferido. A culpa de todos os factos irregulares em que o chefe do actual gabinete falou não é de nenhum dos governos que se teem succedido, desde a implantação da Republica. Essa culpa é, unica e exclusivamente, da magistratura, excepto na parte que diz respeito aos vadios postos á disposição do governo. Mas, n'este ponto, cumpre observar que os governos teem uma justificação bem triste, mas que que se lhes não deve regatear. As colonias penaes não existem, e não existem porque não tem havido dinheiro para o seu estabelecimento.

Tudo isto já a *Capital* accentuou, mas não se nos affigura que haja duvida sobre a necessidade absoluta de acabar com situações vexatorias para o Estado e iniquas para os presos. E n'esse sentido não duvidamos tambem de que o governo actual envidará todos os esforços para que esse mal se remedeie, tratando em especial da rapida creação das colonias penaes.

Mas se o não poder fazer, se esbarrar ou com demoras a que não está na sua mão obviar, ou com despezas que não está habilitado a fazer, e d'ahi resulte que a situação continue sendo a mesma, então teremos o direito de increpar o governo por ter feita uma politica de questões que da politica não dependem. Já mesmo temos o direito de estranhar que o sr. presidente do ministerio tivesse apregoado aos quatro ventos, com exemplos decisivos, que os governos da Republica teem tratado a nação como um paiz de cafres, factos que se reconhece não serem da responsabilidade dos governos, como o sr. ministro da justiça mais ou menos implicitamente declara.

O discurso do actual chefe do governo foi considerado, pelo menos por uma parte da classe a que se dirigia, como uma affirmação de vida nova.

Accusações gratuitas em politica são tudo quanto ha de mais vida velha. Pertencem ao numero dos lamentaveis processos que deram á politica portugueza, de ha muitos annos a esta parte, um caracter irritante, produzindo no espirito a pessima impressão da sua tendenciosa injustiça. Póde ser que haja verdades que as circumstancias obriguem a calar, em determinadas situações, mas o que nunca é admissivel é que se façam affirmações inexactas só com o intuito de prejudicar adversarios e sem se reparar que se attinge o regimen cuja defesa cabe ás convicções politicas e á honra pessoal dos que o representam.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Poeira da Arcada

A liberdade é frequentemente invocada por individuos que não teem nenhuma das condições moraes para inspirarem n'ella o seu procedimento. Chamam-n'a em seu auxilio, para se darem uma attitude nobre. Tem-se visto palifes da peor marca dizerem que por ella dão a sua vida. Creem assim proteger-se contra as suspeitas dos que leem a traição nos olhos mais esquivos.

***

Na occasião em que o pão, o assucar, o coke, o carvão, o azeite e a carne sobem de preço, tornando a vida dos pobres angustiosa, os sujeitos que, nas suas arengas, tanto falam do direito dos proletarios a participarem mais efficazmente nos bens do mundo enrouquecem, perdem a voz e desapparecem, como se um espectro os perseguisse. E' que não acham vento favoravel para serem escutados. Um auditorio para elles torna-se um campo de explorações em que as metaphoras fazem crescer hervas ruins. Graças a estas conseguem ter o seu rebanho de ovelhas ranhosas.

***

Os tipos femininos que a litteratura e a arte até hoje crearam exaltam a mulher na sua fragillidade e na sua delicada maneira de suspender, com a simples presença, um mau desejo que se annuncia, como indice de brutalidade. Tudo o que o seu coração encerra de terno e de mais revelador dos misterios da sensibilidade tem sido celebrado até encontrar uma tão perfeita expressão que bem indica que a mente do homem se compraz principalmente em purificar-se pela suave disciplina que impõe um rosto de suaves contornos e de feições nobres. O culto da mulher significa, portanto, que, emquanto o pensamento lhe põe uma aureola sobre a fronte, o espirito descobre novos mundos, para n'elles lançar a poeira de ouro de que se formam lindas miragens, bandos de seductoras maravilhas.

Pobres d'"A Capital,,

Distribuição de donativos

Cumprindo os desejos do caritativo anonimo que nos enviou a quantia de 5$00 para distribuirmos pelos pobres nossos protegidos, assim o fizemos ante-hontem, sendo contemplados, á razão de 250 réis cada um, os seguintes:

Emilia d'Oliveira, pateo de S. Vicente, C, loja; Laura Sodrel, Arco do Carvalhão, 115, loja; Ermelinda Rodrigues, «villa» Saraiva (á Penha); Maria Augusta Noronha, rua Possidonio da Silva, 142, 3.º; Lucinda de Jesus Franco, calçada de S. João da Praça, 107, loja; Maria Izabel Soares, rua do Duque, 19, 1.º; Libania Augusta, Casa de Caridade, á Sé; Silveria de Jesus, rua d'Arroyos, 160, loja; Maria do Carmo Costa, rua dos Anjos, 2-A, rez do chão; Augusta de Noronha, rua Possidonio da Silva, 142, 3.º; Palmyra da Silva Fernandes, rua do Diario de Noticias, 61, 3.º; Maria de Jesus da Gloria, rua Gomes Freire, 116, 2.º; Elisa da Conceição, rua Bernardim Ribeiro, 58, ultimo andar; Amelia de Jesus, largo do Carmo, 9, 4.º; Umbelina Martins, Casal Ventoso, 8; Anna de Jesus, Casal Ventoso, 11-C; Jesuina da Conceição, Alto do Pina; Julia Rodrigues, rua do Alecrim, 46, vão de escada; Julia da Conceição, rua dos Mouros, 29, 4.º, e José Maria, rua José Estevão, 140, pateo.

Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

«PATHÉ JORNAL»

Boatos, boatos, boatos!

Dissolverá o governo as camaras que reagem contra a dictadura?

1.º quadro

Scenario de desolação. Luz viva. E' preciso diaphragmar. Deslisam, desconfiados, espionando tudo com o olhar, personagens desconhecidos na grande comedia politica. Tento deter-me á porta do Ministerio do Interior. A sentinella intima-me a que me affaste.

—Mas porquê?

—São *ordes*. Não pode estar ahi!

Passeiam e conversam alheios a tudo dois sujeitos exoticos, que teem qualquer coisa de *compéres* de revista. A um d'elles cae-lhe quasi até aos pés um longo frak sinistro. Esperam um certo deputado compassivo que faz dos ministerios o seu principal campo eleitoral. Os trez juntam-se, chalram, cochicham e abalam. Que seja em boa hora.

Entram burocratas de cathegoria. Muitos papeis debaixo do braço. Pastas abarrotadas de papel sellado. Quantas coisas graves se escoam por aquella portaria, deixando a minha curiosidade quasi a extinguir-se, á mingua de noticias sensacionaes?

Interpela-me um amigo. Devo saber muitas coisas interessantes. Nego, n'um triste menear de cabeça.

—Sei lá nada!—replico-lhe mal humorado.

—Ora essa! Então para que é v. jornalista?

—Para os ouvir aos senhores. Já não é pouco nem pequeno castigo...

—Pois andam boatos graves pelo ar...

—Quaes?

—Misterio, segredo de Estado. Entretanto, é o Ministerio dos Estrangeiros que atrae hoje todas as attenções.

—Complicações diplomaticas?

—Exactamente. Oh! os visinhos meu caro. Lá diz o rifão que, em geral, são sempre os peiores...

O meu amigo parte e eu fico. Que diabo quereriam dizer as meias palavras com que me annunciou novas trapalhadas a ensombrar a politica portugueza? Sabel-o, leitor? Nem eu...

2.º quadro

O mesmo scenario com outros actores. Mais gente. A tarde avança e os curiosos chegam. Um politico e eu discutimos a situação. Ha maltrapilhos em volta. Ha gente que espreita todos os nossos gestos e procura ouvir todas os nossas palavras...

—Não se está aqui bem!—diz o meu companheiro...

—Formiga?

—E da preta...

Rio-me. Aquillo é mania, com certeza. O meu amigo soffre de allucinações. Um dos suspeitos toca-me discretamente n'um braço.

—Tenho fome...

Confranjo-me. A's escondidas entrego ao desgraçado umas moedas de cobre. O meu amigo viu-o partir e respira. Podia, afinal, falar alto e claro. O perigo da *formiga* desapparecera.

3.º quadro

Assumpto principal—a politica. E as eleições? Sempre são em 6 de junho? Fal-as este governo? São estas as perguntas que andam de bocca em bocca.

—Não faz! — affirma um democratico.

—Ha de fazel-as! — contesta um evolucionista.

E os dois embrenham-se n'um discussão accesa que ameaça, por vezes, transformar-se em desordem. Para estes dois cidadãos a conciliação está ainda n'um bom murro applicado a tempo e por mão de mestre.

—Não as faz — diz o primeiro — porque nós não queremos!

—Fal-as porque o queremos nós! No fundo dois dictadores, um e outro. Mas a ordem estabelece-se. E o irascivel democratico diz para o não menos irascivel evolucionista:

—Quem tem de fazer as eleições são vocês, quer queiram quer não. Está escripto.

—E depois?

—Nós não lhes levantariamos difficuldades, muito embora não alcançassemos a maioria. E' a solução unica, a que se aconselha cá no partido, a que tem de ser adoptada. Este governo é que não póde presidir ao acto eleitoral.

E cae sobre nós uma verdadeira catadupa de argumentos, de razões, de raciocinios complicadissimos que nos deixam a todos convencidos.

...—Sim, tambem me parece. Os evolucionistas é que devem presidir ás proximas eleições...

4.º quadro

Na mesma arcada, quasi com as mesmas personagens. Recordam-se episodios da Constituinte. Um deputado alto, janota e loiro, evoca certo incidente, occorrido quando se discutia a Constituição. Tratava-se das disposições a adoptar para tornar impossiveis todas as dictaduras.

—Era uma proposta que estava na mesa sobre o assumpto, apresentada por um collega meu—diz esse deputado. Olhe que foi curioso, muito curioso...

—Sim?

—Vae ver. N'essa proposta, dizia-se que, sempre que qualquer governo sahisse fóra da lei, ficavam todos os contribuintes dispensados de pagar ao Estado, emquanto a anormalidade constitucional durasse, as suas contribuições.

—Era remedio radical...

—Era, mas não pegou. Pareceu forte de mais. Do governo não faltou quem o combatesse e a camara nem sequer admittiu a proposta.

Lá fóra, porém, nos Passos Perdidos, alguem felicitou calorosamente o auctor da proposta, exaltando-lh'a, reputando-a decisiva.

—Se ella tivesse passado, nunca, com os regimens republicanos, as dictaduras seriam possiveis n'este paiz.

—E esse alguem era?

—O sr. dr. Manuel d'Arriaga, hoje presidente da Republica e então simples deputado como eu...

5.º quadro

A scena varia de instante a instante. Surgem no *écran* trechos de paisagem de quasi todos os districtos de Portugal. Fala-se das camaras municipaes e das commissões administrativas que se insurgem contra a dictadura.

—O que faz o governo contra ella? —pergunta um.

—Nada. Deixa-os protestar á vontade. Chama a isso lirismo...

—Não as dissolve?

—Qual historia. Seria uma violencia e o governo, como v. sabe, não gosta de violencias.

—Até parece que deixou funccionar o Parlamento...

—Ainda é capaz de deixar. O diabo é terem-se perdido as chaves. Quando reapparecerem...

Outra versão. O governo dissolverá todas as corporações que se insurgirem contra a sua obra legislativa. Só espera o ensejo azado para o fazer. Ensejo e pretexto legal. Mais nada.

—E olhe que n'este capitulo ha já casos curiosissimos. O da camara de Gaya, por exemplo, que resolveu fazer as eleições amanhã, pela lei antiga, mas sem apresentação de candidaturas. Sem querer, aproveitou a lei do sr. Pimenta de Castro, que dispensa a previa apresentação de candidaturas.

—Quiz ficar de bem com todos...

—E' claro. E isso o que tem?

—Nada...

6.º quadro

Menos espectaculoso que os outros. Dois ou trez amigos que aguardam o sr. dr. Antonio José d'Almeida. Elle ahi vem, andando com difficuldade, com a barba e os cabellos quasi todos brancos, cumprimentando com a mão para a direita e para esquerda, n'aquelle seu gesto, tão seu familiar. Vae para o Ministerio do Interior.

—Coisa de eleições?...—inquirio de um velho amigo que o segue desvanecido...

—Creio que não. Ainda é cedo. Simples assumptos de expediente politico...

—Cuidei. Ou não fôssem os evolucionistas as es...ras principaes do sr. Pimenta de Castro.

—Lá isso são. Meu caro, emquanto ha tempo é que se molha a vela.

Effectivamente, ao fundo, lá para o meio do rio, passa enfunada uma vela clara de latino. Dirige-se para a barra, como as velhas caravellas, mas não a doira já aquella aureola de gloria que fulgurava nas gaveas das naus antigas. Tambem, para quê?

º quadro

Athmosphera limpida. A paz e a concordia adejam por sobre as desvairadas cabeças que se deixaram perturbar pela paixão politica. O meu oraculo irrompe no palco, como uma furia. Foquemol-o.

—A grande novidade, a grande novidade! Oiçam, oiçam!

—Boa, má?

—Uma coisa e outra!

E o oraculo fala. Ha observações diplomaticas, de potencias amigas, sobre a situação politica. Os partidos vão informar-se d'ella e d'ahi resultará, fatalmente, a sua immediata reconciliação.

—E o governo?

—Cahirá, para dar logar a um outro presidido pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida.

—Quando?

—Antes de dez ou quinze dias...

N'esta altura o meu oraculo desapparece e o *film* pára. Interrompe-se com a area da reconciliação. Que todos a oiçam bem, tanto ella, de hontem para cá, creou fórmas mais nitidas e, promette, afinal, como a musica de Orpheu, reduzir os mais renitentes...

A. M.

"Coração de mulher,,

Acha-se publicado em volume o romance de Sousa Costa

Foi expressamente para sahir em folhetins nas columnas d'*A Capital* que Sousa Costa escreveu o *Coração de mulher*. Não podia nem devia esse romance portuguez, que tamanho e tão justo agrado obteve entre os nossos leitores, correr os riscos que caracterisam a vida d'uma folha periodica, a mais ephemera de todas. Impunha-se a sua publicação em volume que as livrarias Aillaud & Bertrand acabam de pôr á venda, sendo a edição magnifica e á altura dos creditos da importantissima casa editora.

Sousa Costa accrescentou á galeria dos seus trabalhos, sempre festejados pela critica, mais um titulo á admiração do publico ledor. O exito alcançado pelo *Coração de mulher* quando veiu a lume n'*A Capital* vae decerto repetir-se. E bem o merece o trabalho excellente do illustre romancista, que é entre os novos escriptores um dos de maior talento, comprovado já em brilhantissimas paginas.

DE PÉ NO ESTRIBO

Falando com Olavo Bilac

O grande poeta brazileiro partiu hoje para Hespanha e França

Olavo Bilac, o consagrado poeta em quem a lingua portugueza encontrou um dos seus mais notaveis cultores, o impeccavel sonetista cujos poemas, de subtil inspiração e fórma inegualavel, bastariam para dignificar uma litteratura, acaba de passar alguns dias em Lisboa de viagem para esse Paris encantado que todos os invernos o attrahe. Veiu um pouco mais tarde este anno. A guerra, o echo longinquo dos canhões, a fumaceira dos incendios não conseguiram, porém, demovel-o da sua habitual digressão pela Europa.

Ali o encontrámos, pois, a uma mesa do Martinho, quasi á hora do comboio que n'este momento o conduz a Hespanha.

—De abalada?

—Quasi com o pé no estribo—diz-nos o sr. Henrique de Hollanda, que se encarrega de apresentar ao poeta o inevitavel jornalista da ultima hora.

E prosegue:

—Trata-se, então, de uma «interview»...

Ah! não. Para despedida, uma «interview» seria o cumulo da impertinencia. Palestra-se um pouco sobre todas as coisas, entre um café e um cigarro, passando da arte para a politica, da politica para a litteratura, da litteratura para a guerra, ao acaso de uma impressão ou de um commentario.

De litteratura, naturalmente. O movimento litterario do Brazil não está, infelizmente para nós, no rol das coisas familiares. Por isso mesmo nos interessa escutar de Olavo Bilac uma opinião sobre as modernas correntes que dominam, na outra margem do Atlantico, as novas gerações litterarias. Fala-se da Renascença Portugueza, e a proposito inquirimos se no Brazil egualmente se nota qualquer tendencia para romper com os moldes classicos, de um jacto, com a irreverencia e a indisciplina que caracterisa sempre as revoluções—artisticas ou politicas.

Olavo Bilac sorri.

—Sim, temos essas correntes, no Brazil como em Portugal, como na França, como em toda a parte. São extravagancias periodicas, que não constituem mais do que incidentes na historia de uma litteratura. Os proselytos procuram fixar uma fórma nova, mas os productos do seu engenho não passam de excrecencias... A fórma litteraria é perpetua e immutavel.

Detem-se um instante, a verificar as horas. Oh! temos ainda alguns minutos... E prosegue:

—Ha sempre, como norma absoluta de toda a producção litteraria que tem direito a prender-nos a attenção, o bom gosto e o sentimento. Ora o sentimento e o gosto são os mesmos em todos os tempos. As noções de esthetica que presidiram á obra de Horacio e de Virgilio são fundamentalmente as mesmas que presidiram á obra de Garrett. Entenda-se: não quero dizer com isto que se escreva hoje como escreveu Antonio Vieira, mas deve-se escrever segundo as mesmas regras, porque o gosto é o mesmo embora a linguagem se tenha modificado. A linguagem aperfeiçôa-se, torna-se mais flexivel, mais malleavel, mas a fórma litteraria fica immutavel, porque é um monumento em que seria sacrilego tocar.

—E os orientadores das correntes novas, das fórmas exoticas e berrantes?...

—Os que teem realmente talento, passada a natural irreverencia da mocidade, voltam sempre á fórma classica. Podia citar-lhe muitos casos: ahi tem, por exemplo, Julio Dantas... De resto, as correntes a que se refere não são de agora: são de todos os tempos e de todas as litteraturas. Pois não vemos como o gongorismo invadiu a Hespanha e se tornou moda e desappareceu, como todas as modas?

O tempo passa... O tempo passa... Com o grupo de amigos que rodeiam o poeta, encaminhamo-nos para a estação. Mas a palestra prosegue, e, agora, fala-se da guerra. Para quem vão, n'este conflicto tremendo, as sympathias do Brazil? Olavo Bilac declara-nos peremptoriamente que a opinião publica é favoravel aos alliados, e commenta:

—E' preciso accentuar que o governo tem mantido uma absoluta e rigorosa neutralidade, o que tem custado ao Brazil rios de dinheiro. Só para manter essa neutralidade tem despendido até agora mais de oito mil contos. Ha, isoladamente, manifestações germanophilas, porque entre a população existe muita gente de origem allemã, ou porque o oiro allemão é essencialmente corruptor... Mas é para os alliados que vão todas as sympathias do grande publico.

—E sobre os boatos de revolução, de conspirações, de golpes de Estado?

—Tudo isso são coisas que chegam sempre exageradas á Europa. Não teem a menor importancia. O caso Nilo Pessanha é uma simples questão juridica que se encontra já resolvida. Os rebeldes do Paraná... Mas isso são fanaticos que periodicamente apparecem n'um ou n'outro Estado do Brazil.

—Fala-se, porém, de conspirações...

—Não sei. E' possivel que haja conspirações no Rio, como ha um pouco em toda a parte.

—Entre nós, por exemplo, já estamos habituados... Quasi nos admiramos quando se não fala d'ellas.

—Pois ahi está! Tenho seguido attentamente os successos em Portugal e a cada passo estou constatando a semelhança com os nossos proprios successos. Os senhores teem agora, segundo leio nos jornaes, uma dictadura militar, como tivemos no Brazil, em 1891. E' um curioso e notavel caso de hereditariedade. Ao contrario do que geralmente succede, é o pae que está sahindo ao filho...

São horas de nos despedirmos. O eminente poeta vae tomar o comboio de Hespanha, de onde seguirá para Paris. Vel-o hemos de novo, em breve?

—Sim, á volta... D'aqui por uns dois mezes, demorar-me-hei oito dias em Lisboa antes de embarcar para o Brazil.

E, com a promessa de conversarmos então um pouco longamente, estreitámos-lhe a mão, no «shachands» da despedida.

Hermano Neves.

No edificio de S. Bento

já hoje foi permittida a entrada aos seus funccionarios

No edificio do Parlamento já hoje puderam entrar todos os seus empregados, quer superiores, quer do pessoal menor. A entrada fazia-se por uma das portas ferreas, que se conserva meio-aberta. Não funcciona ainda a estação telegrapho-postal que fica á entrada dos claustros da escadaria do Senado, nem no edificio podia entrar quem, pelo porteiro, não fosse reconhecido como empregado. A força policiadora continúa sendo de infantaria da guarda republicana, vendo-se tambem no largo alguns policias sob as ordens d'um cabo.

Folhetim d'A CAPITAL 6-3-1915

CHRONICA MUSICAL

A musica e os seus elementos

Inicio hoje uma serie de folhetins, em que procurarei vulgarisar as noções fundamentaes da musica, fórmas e generos musicaes, bem como dar uma ideia, embora muito sucinta, da sua evolução.

Claro está que não entrarão n'estas chronicas as noções technicas, visto ellas se dirigirem exclusivamente aos leigos; e d'isso resulta, evidentemente, que me limitarei a expôr factos, emitindo apenas excepcionalmente uma opinião pessoal.

Nada teem, pois, que aprender aqui os sabios nem os iniciados; só áquelles que, sentindo um nobre desejo de saber, mesmo pouco que seja, não podem estudar tratados especiaes, esta serie de foletins se destina.

***

Vejamos em primeiro logar o que seja musica.

Todos conhecem a definição de João-Jacques Rousseau, a mais espalhada, aquella que durante largo tempo teve consagração official: «Musica é a arte de combinar os sons de uma maneira agradavel ao ouvido».

Nada ha mais erroneo que esta definição. Corresponde a definir a pintura como a arte de representar, pelo desenho e pela côr, scenas agradaveis á vista, o que é, manifestamente, falso.

Além das combinações dos sons agradaveis ao ouvido variarem no tempo, sendo hoje desagradavel o que na idade média o não era, ha paginas escriptas na intenção deliberada de despertar sensações penosas, que não deixam, por isso, de ser musica.

Dizia Berlioz a Adam, que fazia musica com o fim exclusivo de agradar ao ouvido:

—Então o sr. suppõe que a musica se ouve por prazer?

Apezar do exaggero da phrase, ha n'ella uma grande verdade. Embora a musica possa distrahir agradavelmente o ouvido, não é esse o seu fim ideal, mas sim o despertar emoções de toda a ordem; ella é, portanto, o mais poderoso meio de expressão; é, finalmente, como a define Combariew, a arte de pensar com sons.

D'aqui se conclue que, para que uma combinação de sons seja musica, no alto e verdadeiro sentido do termo, é necessario que tenha «pensamento».

Isto, porém, não quer dizer que toda a combinação de sons em que haja ideia seja uma obra de arte. E' este um dos pontos mais importantes de esthetica, a que entre nós menos se attende.

Assim como prosa é a combinação de palavras, segundo as regras grammaticaes de uma lingua, de modo a traduzir pensamentos, e nem por isso toda a obra em prosa, mesmo impeccavel na fórma, é uma obra de arte; do mesmo modo o não é qualquer obra musical, embora obedecendo ás regras. Para que qualquer d'ellas o seja, carece de uma qualidade sempre necessaria e sufficiente: Belleza.

Pelo contrario, uma composição bella, em que as regras da sintaxe musical tensam sido despresadas, é, apesar d'isso, uma obra de arte.

E' que as regras são apenas o processo material de factura, resultado de experiencias e tentativas, e por isso mesmo variaveis em cada momento; emquanto a Belleza é uma só, eterna e indestructivel, sempre a mesma aravez do tempo, apesar dos apparentes desvios que a sua noção tem tido.

E não se confunda o bello com o agradavel: um grande incendio, uma batalha são coisas desagradaveis, mas bellas.

Mas retomemos o fio.

Além do pensamento, ha na musica dois elementos primordiaes: o som e o rithmo.

Som é a vibração das molleculas dos corpos perceptiveis ao nosso ouvido, mas só se consideram musicaes os sons a partir de um certo numero de vibrações por segundo; conforme esse numero de vibrações é maior ou menor, assim o som é mais agudo ou mais grave. A differença de vibrações em relação umas ás outras é o que se chama intervallo. Pertence á acustica o estudo dos sons em geral e á theoria musical a dos sons musicaes; basta, para o nosso caso, que se saiba que as diversas disposições dos sons constituem as «escalas», e o sisthema combinado das escalas é o que se chama «tonalidade»; as grandes evoluções musicaes provieram das mudanças soffridas, no tempo e no espaço, pela tonalidade.

O rithmo é, na definição de Lussy, a disposição dos sons de modo tal que, de distancia a distancia, regular ou irregular, um som dê ao ouvido a sensação d'um repouso ou de uma paragem. Assim como as palavras se ligam entre si para formar phrases por meio do rithmo, assim tambem os sons; e é essa união do som e do rithmo que dá o accento, de onde provém ás phrases um sentido preciso e expressivo: na musica, mais que em qualquer outra linguagem, o accento é variavel e delicado.

O numero de combinações dos sons e dos rithmos é infinito, e são essas combinações que constituem a musica, atravez de todos os tempos.

Além d'estes elementos primordiaes, ha na musica dois outros, que se lhes seguem em importancia: a «harmonia» e o «timbre».

Em breve o homem se fatigou de ouvir um só som de cada vez, e d'ahi nasceu a ideia de os sobrepôr, o que constitue a harmonia, que é, portanto, a arte de combinar os sons de maneira a fazer ouvir varios simultaneamente. A esta sobreposição de sons chama-se «accorde»; e a harmonia do accorde pode dar ao ouvido uma sensação de repouso, e então diz-se «consonante», ou, pelo contrario, deixal-o suspenso e inquieto, de modo que o ouvido exija imperiosamente o repouso, e n'este caso diz-se «dissonante».

Mas ao homem não lhe bastava cantar; quiz variar a qualidade do som, o timbre, que corresponde ao colorido na pintura; e para isso inventou vozes ficticias, construindo os «instrumentos de musica». O numero dos instrumentos de musica é enorme, mas todos se reduzem a trez tipos: de corda, de sôpro e de percussão.

Os de corda são de trez especies: aquelles em que as cordas vibram por meio de um arco, como o violino; aquelles em que as cordas vibram sob a pressão dos dedos, como a guitarra; e aquelles cujas cordas são postas em vibração por meio de martellos, como o piano.

Dos de sôpro ha egualmente trez especies: aquelles em que o ar vibra quebrando-se contra as paredes do instrumento, como a flauta; aquelles em que uma ou duas palhetas são postas em vibração pelos labios, fazendo assim resoar o ar contido no corpo do instrumento, como o oboé ou o clarinete; e os de emboccadura, em que o ar, impellido com força por uma especie de bocal, ressoa, precipitando-se atravez de uma estreita abertura em um ou varios tubos. Como estes tubos são quasi sempre de metal, os instrumentos de embocadura, como a trompa, teem a designação generica de instrumentos de metal.

Finalmente, intrumentos de percussão são os que resoam quando se lhes bate, quer com a mão, como a pandeireta, quer com baquetas, como o tambor; quer com martellos, como os sinos; quer batendo-se uns nos outros, como os pratos.

Foi por meio d'estes artificios que o homem obteve diversos timbres, o que lhe permittiu enriquecer extraordinariamente a linguagem musical; mas, por mais complexas que sejam as combinações obtidas, ellas são sempre reductiveis aos dois elementos primordiaes, som e rithmo. Os sons, sobrepondo-se, é que dão a harmonia, e, variando na qualidade, o timbre; e assim apparecem os quatro elementos principaes que, sob o dominio e a coordenação do pensamento, constituem a mais bella e elevada das fórmas da arte.

Mas—nunca é demais repetil-o—nem todas as obras musicaes são obras de arte; quando não são bellas, embora sejam perfeitas na factura material, não passam de lamentaveis banalidades; e os seus auctores nunca podem usurpar o glorioso nome de artistas, mas simplesmente o de artifices mais ou menos sabedores do seu officio, que não da Arte que absolutamente desconhecem.

E' que não basta saber todos os segredos de uma arte para se ser artista; para isso é preciso possuir a scentelha, o «quid» divino, que distingue os Artistas dos simples mortaes.

Humberto de Avellar

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

O PÃO SÓBE DE PREÇO

Na falta de farinhas, dizem os padeiros independentes—A Companhia garante o fornecimento

Continúa a questão do pão preoccupando o publico, os proprietarios das padarias independentes e as cooperativas. Os industriaes independentes e as cooperativas não occultam o seu descontentamento por não vêrem attendido o pedido que fizeram para que fosse provisoriamente sustado o decreto de 1 do corrente, o qual—dizem—os colloca n'uma situação insustentavel.

Entendem que só depois de no mercado haver as farinhas do novo tipo podiam ser obrigados a fabricar o pão, em harmonia com o determinado n'aquelle diploma; para a pão de 2.ª, de 9 centavos, não ha farinha, e para o pão de uso commum, mistura de trigo e milho, a 8 centavos, não ha farinha de milho o que os obriga, para servirem a sua clientela, a recorrerem á antiga farinha de 2.ª qualidade, que hoje custa $09,9 o kilo, e teem que vender a $08 panificada. E, d'esta mesma, já pouca ha, tendo desapparecido por completo a de 3.ª qualidade.

O que succede em Lisboa succede aos arredores, em Moscavide, no Barreiro, em Aldegallega, etc.

Dizem os industriaes de padaria que o governo, mandando pôr o decreto em execução sem que no mercado haja as farinhas necessarias, lhes impõe obrigações que só podem cumprir quando a moagem lh'o consinta.

Como o pão de luxo em vista do alto preço já hoje foi pouco procurado pelos seus clientes, algumas casas vão reduzir o fabrico e por isso o pessoal. A Padaria Ingleza, não por falta de clientela, mas na previsão de não ter farinha sufficiente, já reduziu a producção e despediu alguns dos seus empregados.

Outra medida que muito desagradou a estes industriaes foi a de terem de pagar 6 centavos sobre a farinha já comprada. Como medida de precaução, logo no inicio da guerra começaram adquirindo grandes reservas de farinha. Muitos, por falta de capitaes proprios, recorreram ao credito, e agora veem-se obrigados a pagar juros pelos capitaes emprestados, a pagarem 6 centavos por kilo, de imposto, sem no emtanto tirarem d'essa farinha qualquer lucro, pois que o comprador do pão de luxo rareou.

Disse-nos um industrial que o governo pretendendo com este imposto sobre a padaria fazer face aos prejuizos que soffre com a compra de trigo é injusto, porque com o actual regimen da lei dos cereaes só trez entidades teem aproveitado: a lavoura, o Estado e a moagem, e os que até agora teem colhido as vantagens que lhe soffram tambem os prejuizos, mas nunca o consumidor.

Já em março do anno passado se clamava que não havia trigo, e o ministerio Affonso Costa, então no poder, auctorisou a entrada de trigo exotico, com o direito de $017 em kilo: a moagem moveu-se para que os direitos fôssem menores, obtendo a promessa de que na entrada seguinte esses direitos seriam reduzidos, para a compensar do excesso d'aquelles. Quando se auctorisou a segunda entrada, 30 milhões, como as circumstancias não permitissem diminuição dos direitos, em logar de $01,7 pagaram os moageiros $01,8 em kilo, e assim entraram nos cofres do Estado mais 300 contos, mas pagos apenas pela moagem, que aproveita com a lei dos cereaes, e não pelo consumidor que com ella só tem sido prejudicado.

Na Companhia Nacional disseram-nos que embora o primeiro carregamento de trigo exotico só seja esperado entre 11 e 15 do corrente, e por isso não haja grande abundancia de farinhas, as suas trezentas padarias estão habilitadas a fornecer ao publico todos os tipos de pão em harmonia com o decreto.

Tambem alli nos accentuaram a necessidade de prevenir o publico de que deve mandar comprar o pão aos estabelecimentos, para evitar que os moços de padeiro o explorem, vendendo a $05 o pão que devem vender a $04,5, e sem contrapeso, dizendo que já não se vende pesado. Um episodio d'estes se deu hoje em casa d'um dos proprios directores da Companhia. Imagine-se a cara do padeiro ao saber em casa de quem tentava a exploração.

A familia negra

Com este titulo annuncia-se para muito breve a estreia no Salão Olympia de um film em 5 actos (2.500 metros), que pela originalidade do assumpto, perfeição de photographia e extraordinaria correcção do desempenho das principaes personagens, vae com certeza obter n'aquelle elegante cinema um successo ainda superior ao dos mais notaveis trabalhos de cinematographia até hoje exhibidos em Lisboa.

Devido á extrema amabilidade da empreza tivemos occasião de assistir a uma passagem de experiencia e confessamos que de facto de ha muito não assistiamos com interesse sempre crescente ao desenrolar de uma successão de scenas tão emocionantes e imprevistas.

Theatro de S. Carlos

Continúa a ser o grande successo do dia o bello espectaculo que se está dando em S. Carlos: a empolgante peça de Hervieu *A força do destino* e a engraçadissima peça de Courteline *Commissario (bom rapaz)*, que amanhã se representam juntamente com a celebre *Ceia dos cardeaes*. Esplendido espectaculo.

Junta Geral do Districto

Protesto contra a dictadura e saudação ao Congresso

Foi-nos fornecida a seguinte nota:

Não tendo reunido a Junta Geral do Districto de Lisboa, convocada para hoje, por falta de numero legal, os procuradores abaixo assignados declaram que approvariam a moção que o seu collega Nunes Loureiro tencionava apresentar se aquella se tivesse realisado, e que é do teor seguinte:

A Junta Geral do Districto de Lisboa:

Considerando que a Constituição Politica da Republica Portugueza foi gravemente offendida com a publicação dos decretos numeros 1352 e 1377, de 24 de Fevereiro e 2 de Março de 1915;

Considerando que o poder executivo, impedido violentamente o livre exercicio do poder legislativo, commetteu um novo e gravissimo attentado contra a Constituição, resolve:

1.º Protestar vehementemente contra todos os actos dictatoriaes, seja qual fôr o governo que os pratique;

2.º Saudar o Congresso da Republica pela sua reunião de 4 do mez corrente, e apoiar as resoluções do poder legislativo.

Lisboa, e sala das sessões da Junta Geral do Districto, 5 de Março de 1915.

(aa) Manuel Ramos Fernandes Cabete, José Mendes Nunes Loureiro, João dos Santos Pimenta, Narciso A. Leal, Agostinho Manuel de Sousa, Antonio Baptista Ribeiro, Cesar de Lima Alves, Albano Duarte, José Jorge de Carvalho, Agostinho Ignacio da Conceição Estrella, Henrique Antonio Vidal Claro, Thomaz José d'Aquino, Sebastião Costa Santos, Gervasio Justiniano da Costa, Manuel Ventura d'Araujo, Bernardino dos Santos Carneiro, Agostinho Fortes.

UM SEGURO UNICO

Contra o incendio contra o roubo

e a innovação creada pela Companhia de Seguros «A Mundial»

A Companhia de Seguros «A Mundial», installada no palacio Valmor, ao largo das Duas Egrejas, acaba de organisar um serviço de sua especialidade, verdadeira innovação, que corresponde a uma absoluta necessidade publica.

A' semelhança do que succede n'outros paizes, essa importante companhia que se instituiu com o apparecimento da lei dos accidentes de trabalho, sendo até a primeira legalmente auctorisada a effectuar seguros d'esse genero, resolveu crear o seguro contra o roubo domiciliario. E', pois, o primeiro emprehendimento d'esta natureza que se tenta em Portugal, apesar de ha muito se fazer sentir a sua necessidade. O lado mais curioso e interessante, porém, que se revela n'esta iniciativa da *A Mundial*, é que o seguro não é igualado, como todos os outros. A importante e prospera companhia não se limitou apenas a crear um novo seguro, a estabelecer, portanto, um novo meio de receita, aliás justificavel pela garantia que offerece cobrindo todos os prejuizos que os larapios audaciosos possam fazer na casa dos seus segurados, por sumptuosa ou modesta que seja. A companhia *A Mundial* não se limitou a imitar o que se faz no estrangeiro, incluiu o seguro contra o assalto ao domicilio na apolice que o garante dos prejuizos do incendio, sem alterar a taxa do premio, que é o de todas as companhias.

—Esta resolução, aliás ainda pouco conhecida—dizia-nos hoje um dos directores de *A Mundial*—começa a surtir os seus effeitos. Varias pessoas da capital e da provincia apressam-se a pedir esclarecimentos e informações. A companhia foi auctorisada pelo conselho de seguros a realisar o seguro contra o roubo. Effectuando já os de incendios não teve mais do que emittir uma apolice em que os dois seguros se garantem. Estas apolices começam a ser distribuidas, com uma frequencia que corresponde á divulgação da nossa iniciativa, que, estamos certos, será coroada do mais completo exito.

«Demais—conclue o nosso interlocutor—approxima-se a epocha do exodo da cidade e a fechadura mais solida que podemos deixar em nossa casa é o seguro. Quando voltarmos da villegiatura, tantas vezes aproveitada pelos amigos do alheio, se nos levarem o recheio da casa a companhia nos pagará os prejuizos. Já vê que merece bem a pena prevenir...».

MUSICA

Sonatas de Beethowen

Na audição Beethoweneana, que se realisa no dia 11; pelas 21 e meia horas no salão do Gremio Litterario, serão executadas a «9.ª sonata», dedicada a Kreutzer, e a 10.ª, cujo ultimo tempo se baseia em uma canção popular. E' a ultima audição da serie tão brilhantemente iniciada pelos distinctos professores Rey Colaço e Julio Cardona.

O concerto de amanhã no Politeama

Audição sensacional

A composição que amanhã se ouvirá no Politeama, original do dr. Theophilo Saguer, intitulada *Ode á Belgica*, inspirada em uma poesia do sr. dr. João de Barros, tem um argumento palpitante.

A primeira parte traduz a invasão da Belgica pelos teutonicos. Tem, pois, a tonalidade guerreira fortemente accentuada pelos metaes, esmagando a Belgica cheia de encantos e poesia, perante os lamentos da multidão perseguida e bramindo de indignação.

A segunda, *Rendeiras de Bruges*, é um quadro impressionista, como uma saudade vivida, da formosa Bigica quando na sua perdida tranquilidade, as mulheres entre sorrisos e canticos de amor, dedilhavam rendas caprichosas e perfumadas.

O terceiro andamento é a esperança que renasce, cheia de enthusiasmo pela victoria que todos almejam. Ha canticos de gloria, transparecendo atravez elles, rithmos dos himnos das nações alliadas, vibrando conjuntamente a *Portugueza*; como um pedaço da alma nacional.

Eis simplesmente a significação do trabalho do sr. Saguer, que terá um interprete condigno para os effeitos que visou. David de Sousa não o deixará ficar mal...

Segundo ouvimos, além do sr. ministro da Belgica e outros membros do corpo diplomatico, assistirá ao concerto o sr. presidente da Republica.

Doença suspeita

Resume-se aos dois casos já apontados, considerando-se o mal completamente debellado

Os jornaes da manhã noticiaram o internamento, no hospital do Rego, de varias pessoas residentes n'um predio da rua da Industria, a Alcantara.

Estivemos hoje ali. A rua da Industria, bastante estreita e de população pobre, é a que fica entre a dos Luziadas e calçada da Tapada, vindo desembocar na Leão Oliveira. Raras vezes, ao que parece, passa por ali a vassoura municipal, tal é a immundicie em que se encontra.

O predio onde se manifestou a doença tem o n.º 26 e compõe-se de rez-do-chão, 1.º, 2.º andares e aguas furtadas, tendo-se dado os dois casos suspeitos nas locatarias do 2.º andar, Mathilde Siva e Emilia Moreira, que falleceram.

Os restantes moradores do predio foram levados para o hospital do Rego, apenas a titulo de observação, tendo o predio sido convenientemente desinfectado. A guardal-o encontram-se dois guardas da policia da esquadra do Calvario, não tendo occorrido qualquer outro caso, d'onde se infere ter a doença suspeita sido promptamente atacada e debellada.

O que é necessario é que a camara mande varrer e regar mais a meudo as ruas do bairro, da Créche, Santo Amaro e mesmo algumas de Alcantara, que d'isso bem precisam.

O caso da rua Paiva d'Andrada

Depoimentos e acareação—Presos postos em liberdade

Na Boa Hora continuaram hoje as investigações sobre a morte do deputado sr. Henrique Cardoso, tendo sido ouvidos pelo juiz sr. dr. Magalhães de Barros os srs. Francisco Pires Gonçalves, carvoeiro; Joaquim Portuguez de Lima, commerciante; Ricardo Alfredo Quartin, commerciante; Sebastião Heredia, proprietario; José Marques Dias, electricista; Duarte Agostinho de Oliveira, guarda 1029; Antonio Carvalhal Telles, general de divisão; dr. Alvaro de Castro e dr. Americo Olavo, deputados, e David Gomes Matheus, guarda 473.

Entre os presos Roque e Gonçalves houve uma acareação devido a terem cahido em contradições. Dois peritos armeiros fizeram exame na pistola apprehendida ao preso Roque, sendo enviadas 7 cargas intactas pertencentes a este preso e dois involucros para balas, calibre das pistolas automaticas grandes.

A policia pôz em liberdade o corticeiro João Rocha, o «Dominguinhos de Alfama», e o beleteiro Seraphim Pinheiro, tendo hoje ouvido mais algumas testemunhas.

Maestro Blanch

A sua festa amanhã em S. Carlos

Amanhã, domingo, em *matinée*, realisa-se no S. Carlos um concerto extraordinario da Orchestra Simphonica Portugueza, em festa artistica do do seu illustre director, o notavel maestro Pedro Blanch. O programma é, sem duvida, dos mais sensacionaes de toda a temporada:

1.ª parte—I. «Em dia de romaria», «scenas da aldeia» (1.ª audição), Antonio Eduardo Ferreira; a) «Chegada dos romeiros»; b) «Oração da tarde»; c) «Serenata». — II. «Sadko», quadro musical, Rimsky-Korsakow.

2.ª parte—III. «Sonho de uma noite de verão», scherzo, Mendelsohn. IV. (a «Romanza em fá», Beethoven; b) «L'abeille», Schubert, para violino com acompanhamento de orchestra e piano por mademoiselle Yvonne Dupuy.—V. «Leonore», «ouverture n.º 3», Beethoven.

3.ª parte—VI. «Crepusculo dos deuses», «Marcha funebre á morte de Siegfried», Wagner.—VII. «Cavalgada das Walkyrias», Wagner.

Para a execução da 3.ª parte a orchestra é augmentada conforme as exigencias da partitura.

ULTIMAS NOTICIAS

Um manifesto ao Paiz

O protesto dos parlamentares contra o desmando governativo

Um comicio annunciado para domingo, 14 do corrente

Em casa do sr. dr. Magalhães Lima reuniu hoje a commissão nomeada na ultima reunião do Parlamento para velar pela observancia da Constituição e tratar da defeza da legalidade republicana.

A commissão resolveu dirigir ao paiz o manifesto seguinte:

O Congresso da Republica, impedido arbitrariamente de se reunir no dia 4 de março na sua séde de S. Bento, celebrou, como de direito, a sessão extraordinaria d'esse dia no palacio da Mitra, de Santo Antão do Tojal, arcs de Lisboa, onde foi approvada por unanimidade, embora com a expressa espectativa de que todas as responsabilidades da actual dictadura venham a recahir exclusivamente sobre o governo, resalvando-se assim a honra do chefe do Estado, que o proprio parlamento elegeu para ser o fiel depositario supremo da sua vontade, a seguinte moção:

«A Camara dos Deputados da Republica Portugueza:

Considerando que o sr. presidente da Republica nomeou, fóra de todas as indicações constitucionaes, o actual ministerio presidido pelo general Joaquim Pereira Pimenta de Castro;

Considerando que este ministerio, desacatando todas as normas reguladoras da competencia e attribuições do poder executivo, fez publicar, com a assignatura do sr. presidente da Republica, como chefe d'esse poder, os decretos n.ºs 1352 e 1377, de 24 de fevereiro e 2 de março de 1915, em que se conteem alterações a leis vigentes, e se regulam materias da competencia exclusiva e privativa do poder legislativo, como são as respeitantes á organisação dos collegios eleitoraes das duas Camaras, e ao processo da eleição, artigos 8, paragrapho 1.º, 26.º, n.º 1.º da Constituição politica da Republica Portugueza;

Considerando que o mesmo governo, com a solidariedade do sr. presidente da Republica, attentou contra o livre exercicio do poder legislativo, oppondo-se ao regular funcionamento das camaras, mediante o encerramento violento do edificio do Congresso, o seu cêrco e guarda por forças militares, que nem aos proprios presidentes das mesmas camaras permittiram a approximação d'aquelle edificio;

Considerando que estes factos constituem os crimes de responsabilidade previstos no artigo 55.º, n.ºs 2.º e 3.º e paragraphos 1.º e 2.º da Constituição, e nos artigos 3.º e 6.º, n.ºs 2.º e 3.º, 8.º, n.ºs 3.º e 4.º e paragrapho unico, 9.º n.º 1.º do paragrapho unico, 14.º e 24.º da lei n.º 266 de 27 de julho de 1914 sobre responsabilidade ministerial, resolve:

1.º—Declarar o ministerio e o chefe do poder executivo fóra da lei;

2.º—Dar por nullos e sem effeito algum os ditos decretos n.ºs 1352 e 1377 na parte em que alteram as leis vigentes e regulam materia legislativa;

3.º—Incitar todos os cidadãos portuguezes, e especialmente os funccionarios publicos, a não cumprirem taes decretos nem lhes obedecerem, respeitando e exercendo assim os direitos individuaes consignados nos n.ºs 20 e 37 do artigo 3.º da Constituição;

4.º—Negar validade a quaesquer outros actos dictatoriaes do governo e a todos os que d'ora avante pratique o poder executivo, ainda em materia de competencia d'este poder quando funccione constitucionalmente;

5.º—Communicar a todos os interessados estas resoluções para que, de futuro, não seja exigido á nação portugueza o cumprimento de quaesquer obrigações internas ou externas, contractuaes, politicas, diplomaticas ou financeiras, que o actual ministerio por si só ou como poder executivo emquanto subsistir de facto porventura ouse contrahir com terceiras pessoas ou governos estrangeiros.

Arredores de Lisboa, palacio da Mitra, em 4 de março de 1915.—*Affonso Costa*».

Inteiramente alheios ás divisões e contendas partidarias e acceitando n'essa conformidade a fraternisadora missão, que pelo Congresso na mesma sessão nos foi confiantemente incumbida, de reunir em volta do seu pundonoroso protesto o consenso geral dos parlamentares e da familia republicana, vimos, antes de mais nada, proclamar ao paiz e ao estrangeiro que atravez de todos os vãos attentados com que se intente menoscabar e poluir a altivez dos nossos brios de povo livre, imperterrito defensor das suas nobilissimas prerogativas, o poder legislativo mantem-se entre nós indpectivelmente sob a Republica, como cumpre ao seu prestigio, sem que a ninguem já hoje seja possivel, de fóra ou de dentro das instituições abalal-os profundamente, humilhando-nos e abatendo-nos por culpa das nossas lastimaveis dissidencias intestinas. Se o arbitrio do poder executivo conseguisse suspender um dia só que fôsse o parlamento, havia de imaginar-se que corriamos o risco d'elle o abolir para sempre. Não lhe toleramos o assomo usurpador.

Não é nosso intuito provocar o minimo conflicto subversivo; pelo contrario, pretendemos restabelecer pelo inviolavel respeito da lei o apaziguamento da sociedade portugueza agora ainda mais ameaçado pelo desmando governativo. Tão pouco somos partidarios, repetimos, senão da Republica. Não reivindicamos, pois, senão os seus principios e direitos constitucionaes, que devem ficar sempre intangiveis, acima dos lemas divisorios dos agrupamentos republicanos.

A commissão resolveu ainda convocar para de amanhã a oito dias um comicio em que espera que se congregue, com o mesmo fervor d'outros tempos, a grande familia republicana, esquecida de dissenções partidarias e apenas desejosa de que o prestigio das instituições não seja empanado pelos abusos do poder. O local será opportunamente indicado e no comicio devem tomar parte alguns dos mais eloquentes vultos da Republica.

Escrevem-nos de Elvas o sr. José Nunes Tierno da Silva, dizendo não ter assistido á reunião parlamentar effectuada no palacio da Mitra, como por equivoco se noticiou.

Finanças publicas

O Banco de Portugal, a circulação fiduciaria e o Estado

Parece que levantou reparos a noticia que publicámos hontem sobre a situação das finanças publicas, especialmente na parte referente ás relações do Estado com o Banco de Portugal. Diz-se que, tendo sido o limite da circulação fiduciaria elevado a 120:000 contos pelo decreto de 26 de agosto do anno passado, ainda o governo pode pedir ao Banco 23:000 contos, porque só estão lançados 97:000 contos. Os que assim falam esquecem inteiramente o que se passou na ultima assembleia geral do Banco. Já dissemos que o Banco de Portugal só recebe meio por cento do dinheiro que emprestar além de 72:000 contos, que era o limite anterior, e até 120:000, que é o limite actual. D'esse meio por cento ainda o Estado recebe metade, na divisão final de lucros, e d'ahi resulta que o Banco fica apenas com um quarto por cento para se compensar das despezas da emissão, dos prejuizos das notas falsas, das lettras que não são pagas, etc. Não queremos agora discutir se o Banco, pela sua situação privilegiada, deve ou não deve limitar-se áquelle lucro, visto que as suas operações lhe dão margem sufficiente para um bom rendimento do capital empregado. Mas a verdade é que os accionistas entendem que não deve fazer-se a elevação da circulação fiduciaria, e isso impede o governo de lançar mão d'esse recurso.

Na ultima assembleia geral o caso foi largamente debatido pelo sr. Driesel Schröeter, e, em resposta, os directores srs. Matheus dos Santos e Ruy Ulrich disseram «que o estar auctorisado o augmento da circulação fiduciaria até 120.000 contos não queria dizer que se chegasse a esse limite e que se devia ter em attenção que o decreto de 26 de agosto de 1914 representava uma situação provisoria». O sr. Schroeter, retomando de novo a palavra, disse «que quanto á inconveniente ampliação da circulação fiduciaria a 120 mil contos, elle muito receava que ella viesse a ser utilisada pelos governos na sua totalidade e que quanto a o decreto ser destinado a uma situação provisoria bem se sabia que o provisorio no nosso paiz era em geral tudo quanto havia mais de definitivo». Ahi estão as razões por que o governo não póde facilmente soccorrer-se do Banco de Portugal para as necessidades do thesouro, e por isso mesmo se diz que elle procura, ao abrigo da auctorisação de 8 de agosto, contrahir um emprestimo sem a sancção parlamentar. Ha quem desminta essa noticia, dizendo que o governo póde lançar mão de outros recursos que podemos classificar de normaes. Esperemos.

Ferreira Manso

A sua trasladação

Realisa-se amanhã, ás 10 horas e meia, no cemiterio do Alto de S. João, a trasladação dos restos mortaes de Joaquim Ferreira Manso. Para essa cerimonia, revestida da maior simplicidade, a secção Paz, do Gremio Luzitano, convida todos os seus socios.

Dissemos cerimonia revestida da maior simplicidade, o que não quer dizer que não seja profundamente commovente, porque a lembrança de Ferreira Manso está ainda bem vivida na memoria de todos os que trabalharam pelo advento da Republica. Sempre na brecha, Ferreira Manso era um luctador energico, incançavel, sem um momento de desanimo. Não teve a suprema satisfação de vêr implantado o regimen pelo qual tanto combateu, pelo qual se sacrificou, porque a morte o arrebatou antes do 5 d'outubro, mergulhando-lhe primeiro o espirito nas trevas sombrias da loucura. Mas nem por isso a memoria do verdadeiro republicano e homem de bem que foi Ferreira Manso desapparecerá tão cedo.

A grande guerra

A situação na Belgica e em França

PARIS, 5.—Communicação official: Na Belgica, na região das dunas, fortificámos solidamente uma trincheira avançada tomada hontem pelas nossas tropas.

Os allemães tentaram avançar as suas trincheiras em contacto com as nossas por 12 vezes, mas foram dispersados pelo nosso fogo. Ao norte de Arras os nossos contra ataques na região de Notre Dame de Lorette foram coroados de pleno successo.

Na noite de quinta feira aprisionámos uma companhia de metralhadoras. No dia de sexta feira, respondendo a um ataque inimigo, rechaçámos os assaltantes para além do seu ponto de partida e retomámos os elementos avançados que estiveram em seu poder durante dois dias e fizemos numerosos prisioneiros. Reims foi bombardeada todo o dia. Em Champagne, na região de Perthes, progressos notaveis na tarde de quinta feira. Uma companhia da guarda que penetrou na nossa linha ficou em nosso poder apezar dos esforços tentados para se libertar. Na sexta feira ganhámos terreno em toda a linha, tamámos uma trincheira a noroeste de Perthes e occupámos ao norte da villa um saliente onde fizemos prisioneiros; conquistámos 600 metros de trincheiras sobre 200 de fundo além da collina que está ao nordeste de Mesnil e progredimos nos bosques visinhos e assenhoreámo-nos por fim de varias trincheiras nos barrancos a noroeste de Beausejour. Segundo declarações dos prisioneiros as perdas do inimigo são extremamente elevadas. O moral das nossas tropas é excellente. Em Argonne fizemos importantes progressos em Vauquois na parte occidental da aldeia, a unica que os allemães occupam ainda. No bosque Le Pretre (noroeste de Pont à Mousson) foi facilmente repellido um ataque allemão. Na região de Budonviller e na região de Celles os nossos ataques levaram-nos a contacto immediato com os arames inimigos e repellimos um contra ataque. Na Alsacia tomámos trincheiras e um destacamento tomou duas metralhadoras. — (*Havas*)

A solidez financeira da Inglaterra

LONDRES, 5.—N'uma declaração recentemente feita por Lloyd George consignando que 72 bancos inglezes inclusivé o Banco de Inglaterra possuiam 83 milhões esterlinos em moedas de auro imperiaes, é conveniente frizar que não estavam englobadas n'essa somma as reservas do Banco de Inglaterra, ouro em barra e moedas em ouro estrangeiras. Desde então o Banco de Inglaterra tem-se provido de importantes sommas em ouro nacional e estrangeiro ao mesmo tempo que os outros bancos augmentavam tambem as suas reservas em ouro. A situação actual da reserva em ouro britannico é a seguinte: a addiccionar ás reservas do Banco de Inglaterra 60 milhões esterlinos; as dos outros bancos 50 milhões. A somma em ouro de reserva para reembolso do papel moeda eleva-se a 27 e meio milhões; a do ouro em circulação a 50 milhões. Estes numeros são particularmente interessantes se se attender a que não comprehendem as muito consideraveis importancias em ouro que se mantem em reserva para fazer face aos compromissos da Inglaterra no estrangeiro, visto que a guerra não teve nenhum effeito sobre estas transacções.—(*Reuter*).

O bombardeamento dos Dardanellos

ATHENAS, 5.—Continúa o bombardeamento dos fortes europeus do Dardanellos, especialmente do Medjidié e do Nagara. Em resposta ao fogo das metralhadoras turcas o navio de guerra inglez *Zephyr* bombardeou os acampamentos turcos em Hajahoum proximo de Dihili e em frente de Metelin. Uma bateria installada na altura de Penkenin fez fogo sobre a esquadra alliada.—(*Havas*).

Dois submarinos allemães no fundo

LONDRES, 5. — O almirantado britannico annuncia que o paquete *Thordiz* arrombou, e segundo todas as probabilidades afundou em 28 de fevereiro ultimo, um submarino allemão que havia lançado um torpedo contra elle.

Hontem á tarde o submarino allemão *U-8* foi mettido no fundo no Canal da Mancha em frente de Dover, pelos destroyers inglezes. Os officiaes e a tripulação foram feitos prisioneiros.—(*Havas*).

Cruz Vermelha

Para a subscripção patriotica a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas:

Grupo theatral beneficente de Elvas, producto liquido de um espectaculo realisado pelo mesmo Grupo no theatro Elvense, em 6 de fevereiro findo, 33$00—A transportar, 15:658$96.

Vapor "S. Miguel,,

Chegou hoje á Madeira este vapor, pertencente á Empreza Insulana de Navegação. Hoje mesmo sahiu d'ali com direcção a Lisboa, onde é esperado depois d'ámanhã á tarde. O *S. Miguel* traz 71 cabeças de gado para o mercado.

Balanço diario

Quando surgiu a eventualidade d'uma guerra sangrenta em Africa, do Hospital Colonial officiou-se para o ministerio respectivo ponderando que aquelle facto havia, fatalmente, de trazer ao referido hospital uma grande quantidade de doentes, que nas circumstancias em que o referido estabelecimento se encontrava não podia receber. O officio foi apresentado em conselho de ministros e discutido. Entretanto, o governo não tomou, por ora, providencias de nenhuma especie, encontrando-se ainda o Hospital Colonial com a sua antiga capacidade de cincoenta camas o que pouco é, como facilmente se reconhece.

Governador de Moçambique

E' positivo que o sr. general Joaquim José Machado deixará de governar Moçambique. Hoje, ao que se affirmava pela Arcada, foi-lhe expedido um telegramma, ordenando-lhe que regressasse a Lisboa e deixasse o cargo que desempenhava. Para substituir o sr. general Machado continúa a indigitar-se o sr. Lisboa de Lima, falando-se tambem, com certa insistencia, no sr. Garcia Rosado, que, como é sabido, já governou a referida colonia.

Uma conferencia

Hoje, no ministerio das finanças e no gabinete do respectivo ministro, realisou-se uma demorada conferencia entre o sr. Herculano Galhardo e os srs. Innocencio Camacho, governador do Banco de Portugal, e Silva Bruschy, secretario geral do ministerio. O sr. ministro da justiça tambem se avistou com o seu collega das finanças.

Assignatura presidencial

Realisou-se, ás trez horas, no palacio de Belem, a assignatura presidencial. Entre outros, foram assignados decretos nomeando commandantes da canhoneira *Zaire* e do vapor *Vulcano*, respectivamente, os srs. primeiros tenentes Luiz Rebelo e Vieira de Mattos.

Eleições nas colonias

Foi hoje assignado pelo sr. Presidente da Republica um decreto determinando que os governadores das provincias ultramarinas mandem proceder ás eleições de deputados e senadores logo que recebam o decreto de 24 de fevereiro ultimo.

Uma representação

A Federação e as Associações de Classe da Construcção Civil entregaram hoje ao sr. ministro do fomento uma representação pedindo que seja posto em execução o decreto sobre a regulamentação das horas de trabalho nas industrias, approvado em 9 de janeiro ultimo.

Conferencias ministeriaes

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros das colonias e do interior.

A morte do tenente Alberto Soares

Segundo declarou á imprensa o sr. dr. João Eloy, trez testemunhas ouvidas hoje sobre o caso da morte do tenente Alberto Soares declararam saber serem os srs. José Augusto dos Santos e Garibaldi Alves Freire os auctores do attentado. Uma d'essas testemunhas reconheceu a pistola do primeiro preso e outra disse ter-lhe ouvido o seguinte: «Esta pistola já matou o tenente Soares e ainda ha-de matar outro.»

Dos srs. Matheus Barros, José Figueirôa Rego e Porfirio d'Oliveira recebemos a seguinte carta:

Sr. director do jornal «A Capital» — Achando-se preso e incommunicavel o nosso querido amigo e honrado commerciante sr. Garibaldi Alves Freire, que uma torpe denuncia dá como incriminado no attentado de que foi victima o tenente de marinha Alberto Soares, vimos pedir a v. que no seu mui digno jornal suspenda quaesquer juizos sobre a supposta intervenção do nosso amigo no referido crime, até que a justiça se pronuncie, pois para nós e para todos os homens de bem que o conhecem continua elle a ser um cidadão honrado e digno de toda a consideração, incapaz de commetter o crime de que o accusam.

Agradecendo a publicação d'esta carta, creia-nos de v., etc.—*Matheus Barros, José Figueirôa Rego e Porfirio d'Oliveira.*

EM SANTA CLARA

Movimento de 27 de abril

Por falta de um réu, é adiado o julgamento para o dia 10

Devia hoje começar no 1.º tribunal territorial de guerra o julgamento de 23 marinheiros implicados no movimento de 27 de abril. Antes da hora marcada, 13, já nos corredores do tribunal se viam muitos civis e grande numero de marinheiros, sargentos e officiaes de marinha.

Uma força de infantaria 16, sob o commando de um alferes, faz o policiamento do tribunal, vendo-se sentinellas por todos os lados. Os minutos passam e os accusados vão dando entrada na sala da secretaria onde apresentam as suas guias. Alguns d'elles trazem ao peito medalhas de bom comportamento e as das campanhas em Africa, entre ellas a do Cuamato. A's 14 horas, faltam ainda tres reus. Pouco depois comparecem dois. A's 14 horas e meia, o coronel sr. Antonio Garcia Guerreiro mandou entrar os réus e declarou aberta a audiencia. Occupam os seus logares os srs. Costa Gonçalves, juiz auditor, capitão Xavier Adrião, promotor, e major Coutinho, defensor officioso, faltando o sr. dr. Alvaro Machado, defensor de alguns dos accusados. O tenente sr. Olympio de Mello faz a chamada das testemunhas, verificando-se faltarem algumas de accusação e de defesa, na maioria praças do exercito e da armada que se encontram na provincia. Por um officio que é lido vê-se que se encontra preso na cadeia de Olhão o 1.º marinheiro n.º 6.257 Izidro Augusto da Silva. O capitão sr. Adrião pede a palavra para um requerimento. Diz que a lei ordena que no caso de algum réu se encontrar ausente em parte incerta seja julgado á revelia, mas, no caso de se saber onde está, o julgamento seja adiado até que as auctoridades respectivas o mandem comparecer. Isto, porém, deve ser feito no mais curto espaço de tempo. Requer portanto que o julgamento seja adiado e se intimem todos os que teem de intervir no julgamento a comparecerem na data que seja marcada. O defensor declara não se oppôr e o requerimento é deferido.

O sr. presidente levanta os trabalhos, marcando o novo julgamento para o dia 10 do corrente ás 15 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

—Na Morgue deu entrada um cadaver encontrado na praia de Cascaes. Reconheceu-se ser o do proprietario sr. José Maria Monteiro, morador no Dafundo, que se suicidou, atirando-se ao Tejo.

—A policia da judiciaria averiguou que a morte do menor José Marques foi casual, não tendo havido crime, devendo por isso o guarda dos fornos da cal Abel Rodrigues ser amanhã posto em liberdade.

SPORT

Nas vesperas da concordia

O que vamos dizer são simples conselhos.

O vasto movimento de regeneração phisica affirma-se por um levantamento moral, modificando e melhorando o caracter dos individuos, dando-lhes vigor para discernir com criterio, e coragem para vencer as contingentes e difficeis étapes da vida. A cultura corporea é tida actualmente como uma necessidade social.

São os homens fortes que formam as nacionalidades guerreiras e poderosas. Onde a educação do corpo corre parallelamente com a educação intellectual, ha um equilibrio perfeito. A raça anglo-saxonia domina o mundo e maravilha pela sua audacia colonisadora e expansão mundial porque tem a higiene corporea como a melhor garantia de existencia.

A imprensa tem sido um auxiliar precioso n'essa cruzada intelligente e promettedora d'um futuro radioso. E' formada por uma legião de convictos que trabalha com a consciencia de prestar um eminente serviço aos seus paizes, á humanidade e á arte, que é o traço de união de todos os homens civilisados. Ora é essa imprensa que tem de sanear evitando defeitos de origem, que podem transformar-se em prejuizos inevitaveis mais tarde. A cultura esthetica tem de ser methodisada e o homem orientado de maneira e tornar-se consciente, quebrando, com a razão e a bondade, as arestas d'um temperamento impulsivo e irreflectido.

O athleta deve ser um homem forte e nunca um bruto.

O sportsman *deve* fazer-se *sem preoccupações interesseiras e sem ostentação de ridiculas vaidades.*

O enthusiasmo pelo amateurismo *nunca deve ser um passo para o profissionalismo, e á ancia justificada do* record *deve marcar-se um limite.*

O sport *e a gimnastica são necessidades que, mal orientadas, produzem anomalias e monstruosidades. A urgencia, portanto, está na elaboração de bases solidas, para fundar o grande trabalho de regeneração phisica. Fazer bem desde o começo é ter garantido o resultado. Em terra movediça nunca se construiram altos edificios.*

Os defeitos são muitos, mas evitaveis. Estamos no começo da renascença *phisica, n'uma epocha em que se fala de paz e de concordia. Trata-se de evitar faltas e evital-as por processos radicaes.*

∴

Nota do dia

O 40.º anniversario d'um club

D'um antiquissimo socio do Gimnasio Club Portuguez recebemos a carta que a seguir publicamos e que encerra um alvitre louvavel:

«Amigo «Shamrok»—Tenho lido e apreciado devéras a tua louvavel boa vontade em que o 40.º anniversario do Gimnasio Club Portuguez seja passado com uma consagração digna do que elle representa de esforço e de utilidade dentro da sociedade portugueza. Realmente é já um anniversario que se impõe pela sua longevidade, pois quando uma associação vive entre nós—tão falhos de persistencia—uma existencia de 40 annos é porque ella grangeou a simpathia de todos pela sua dignidade.

Não seria, pois, justo e bonito, que no dia 18 do corrente todas as associações sportivas, os collegios e quaesquer outros organismos que cultivam a gimnastica e seus derivados enviassem deputações á séde do glorioso club para o cumprimentar, e as de fóra de Lisboa enviassem saudações?

Não seria isto facil e não teria significação collectiva?

A direcção do Club poderia annunciar uma hora para essa recepção, rodeando-se dos socios fundadores que ainda existirem, e assim estes veriam o jubileu da sua benemerita obra.

Aqui te deixo o alvitre, para que, caso o aches sensato, o publiques n'«A Capital».—*C. F.*»

∴

Algumas anedoctas

O jogo de sôcco exclue a brutalidade dos que combatem

Os jornaes de ha quatro annos noticiaram a morte do pugilista americano Sid Russel. Era um bello hercules, muito querido pelas suas qualidades de homem e coragem de «sportsman».

Na noite de 31 de dezembro para 1 de janeiro d'esse anno, Kubiak e Sid Russel defrontaram-se n'um match *de 20* rounds, *quando, no meio de uma phase mais interessante do combate, se ouviram dar as doze badaladas que annunciavam a entrada do anno novo. Os dois adversarios encarniçados fizeram uma tregua de curtos segundos e Sid Russel, dirigindo-se ao seu competidor, disse-lhe:*

—«Best wiches». *(Boas festas!)*

Kubiak respondeu-lhe:

Happy New-Year, Sid! *(Um anno novo feliz, Sid!) E o combate continuou cada vez mais feroz e encarniçado.*

Cinco mezes depois, o cortez Sid Russel fallecia, sendo sepultado em Paris, longe dos entes queridos, que não puderam assistir-lhe aos ultimos momentos.

«Um anno novo feliz, Sid!»—A vida tem d'estas ironias!

Noticias

Entre nós

Basilio de Oliveira novamente campeão do «box» em Portugal

A Federação Portugueza de Box organisou hontem o seu primeiro campeonato nacional de *box*, no Salão da Trindade, deante de uma numerosa assistencia, notoriamente selecta, e na qual se encontravam as primeiras pessoas do athletismo portuguez. Como espectaculo, estava primorosamente organisado e d'isso podem ter orgulho os dirigentes da Federação, dos quaes citaremos, sem melindres para ninguem, os srs. Francisco Guedes e Shirley. Como *sport*, teve uma grande vantagem de propaganda. Como manifestação de progresso de um ramo de athletismo evidenciou grandes avanços. Evidentemente, não appareceram no *ring* aquellas celebridades do *box*, que o reclamo profissional explora com adjectivação pomposa, mas appareceram pugilistas com qualidades combativas e rapazes corajosos e decididos.

O primeiro passo está dado, e com certo brilho e com boas promessas de triumpho. Preciso se torna que a Federação continue desbravando caminho.

Os resultados foram os seggintes:

Levissimos:—Germano Garcez vence aos *pontos* E. Borges da Cruz em 6 *rounds*.

Meios leves:—Miguel Machado vence aos *pontos* Olimpio Torres em 6 *rounds*.

Leves:—Placido Monteiro vence aos *pontos* Agostinho Paula.

Médios:—Basilio de Oliveira vence aos *pontos* Tobias Xavier, em 12 *rounds*. Basilio de Oliveira foi proclamado campeão de Portugal, de todas as cathegorias.

Extra-campeonato:—com luvas de 8 onças: Antonio Cardoso vence Oscar da Silva em 6 *rounds*.

Patinagem na Amadora

Para amanhã estão marcadas duas bellas sessões de patinagem nos Recreios Desportivos da Amadora, aproveitando-se o *ring* coberto com chão de madeira e o *ring* em cimento armado.

Convocações de «foot-ball»

O capitão do 3.º *team* do Sporting Club de Portugal pede a comparencia ámanhã, ás 16 1/2, no campo do Lumiar dos seguintes jogadores: M. Botas, A. Pombeiro, J. Bruno, E. Serrenho, F. Quistorp, José Gomes, L. Dantas, Casanova, J. Gonçalves, Torres Pereira, N. N.

—O capitão do 4.º *team* do Lisboa Foot-ball Club pede a comparencia ámanhã, no campo de Sete Rios, pelas 13 1/2 horas para jogarem contra o Sport Lisboa e Bemfica dos srs. Manuel dos Santos, João Epiphanio, Alvaro dos Santos, Ruy Andrade, Antonio Pinto, Armindo de Azevedo, Antonio dos Santos, Francisco Gonçalves dos Santos, Angelo Pinto, Jacintho Correia, Fernando Sá e Pedro dos Santos.

A festa da arvore

No Jardim Zoologico

Entre outras instituições que ámanhã assistem, no parque das Laranjeiras, á festa da arvore, contam-se as seguintes: Instituto Profissional dos Pupillos do Exercito de Terra e Mar, Cantina Escolar da Parochia Civil Marquez de Pombal, grupo de estafetas da Sociedade n.º 1 de Instrucção Militar Preparatoria, Associação Protectora das Creanças e escola do Centro Republicano de Alcantara.

A Cantina Escolar será acompanhada pela banda 5 de Outubro.

Haverá concerto por duas bandas regimentaes, tocando das 13 ás 15 a de infantaria 2 e das 15 ás 17 a de infantaria 5. Para commodidade do publico funccionarão quatro bilheteiras, duas em cada torreão.

COIMBRA, 5.—Na povoação de Celas, realisa-se depois de ámanhã a festa da arvore, que promette ser brilhantissima, tendo a commissão, composta da professora e professor e dos srs. José de Moura Vieira da Silva, José Vieira Narciso, João de Mello, Antonio Pedro, Avelino dos Santos, Adelino d'Abreu, Adjucto de Moura e Antonio Augusto Indio, trabalhado afanosamente.

Formar-se-ha um luzido cortejo composto de campinos, Escola Nocturna Movel de Santo Antonio dos Olivaes, escola preparatoria (gimnastica), carro allegorico conduzindo creanças de ambos os sexos, escola official do sexo feminino com o seu estandarte, philarmonica de Taveiro, carro da arvore, escola official do sexo masculino com o seu estandarte, carro allegorico e alumnos do collegio Moderno com o seu estandarte.

A arvore será plantada no adro de Santo Antonio, havendo no regresso do cortejo sessão solemne na escola do sexo masculino de Celas, finda a qual será offerecido um lanche aos alumnos.

Festas associativas

No Lisboa-Club ha ámanhã, ás 21 e meia horas, baile. No Grupo Dramatico Lisbonense, promovida pela direcção, ha festa dedicada á tuna «Os conscientes», subindo á scena a comedia «Agua molle em pedra dura...», seguindo-se baile.

No boudoir

Da Belleza

Fui encontrar a minha amiga Iole Salviati muito atarefada a arranjar a pequenina casa—uma caixita d'amendoas—que alugou n'um dos mais bonitos arredores de Lisboa.

A minha amiga Iole é veneziana e chegou ha pouco mais d'um mez a Portugal. E' tambem muito interessante, muito linda, a minha amiga! Tem os cabellos—não louros venezianos—mas sim negros, profundamente negros, tempestuosamente negros.

E estes cabellos de largas ondas—naturaes ou não—põem em destaque a brancura leite-perola de um rosto perfeitamente, classicamente, oval, onde dois grandes olhos negros, com cambiantes esverdeados, tudo illuminam, tudo aclaram.

Aquelles olhos são—como diz o poeta Gomes Leal—«mais fundos que as raizes». Fixam-nos, penetram-nos até ao fundo da nossa alma; mas não nos perturbam desagradavelmente.

Esse olhar de Iole é como que um largo sonho de luar; e o seu sorriso...

Mas, certamente, as minhas leitoras estão julgando demasiado longo este retrato; parece-lhes que se eternisa e não sabem a que proposito e com que fim lhes falo d'esta amiga que lhes é desconhecida.

Ora, minhas senhoras, é que... Iole é possuidora de mil segredos de toucador; Iole tem visitado as mais elegantes Academias de Belleza!...

Veem agora os motivos por que lhes falo d'ella?... Sim, minhas amigas, eu fui hontem interromper a linda veneziana nos seus affazeres para a *entrevistar* e para lhe pedir uma serie de artigos sobre Belleza, sobre esthetica de Belleza, artigos que ella me prometteu e que serão publicados n'esta secção. Iole Salviati não sabe o portuguez, mas esta vossa amiga se encarregará da traducção.

M. Amelia de Conti Caldas Xavier

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Operarios do municipio

Em segunda convocação reune a assembleia geral, na séde, travessa dos Inglezinhos, 3, 1.º, no dia 9, ás 20 horas.

Estudantes de medicina

Os estudantes do curso moderno reunem depois d'ámanhã, ás 12 horas, a fim de apreciarem as resoluções tomadas pelo ultimo conselho escolar. Como o assumpto é importante, a commissão pede a comparencia de todos os interessados.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21—A força do destino—Commissario bom rapaz.—Ceia dos cardeaes.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA— A's 21— A Garota.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21—Não ha espectaculo.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 14 e ás 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

A'MANHA — S. Carlos —Festa do maestro Pedro Blanch—Concerto.
—Politeama — Concerto David de Sousa.

A festa de Silvestre Alegrim

Reappareceu hontem no Gimnasio, em festa de Silvestre Alegrim, O commissario de policia, *de Gervasio Lobato, que foi uma das creações celebres de Valle e que ha um quarto de seculo constituiu um dos grandes acontecimentos theatraes de Lisboa. Resuscitando a jocosissima comedia-farça, Alegrim incarnou o protagonista, se não de modo a egualar o creador inimitavel de Pigmaleão Sereno, por fórma a merecer os applausos enthusiasticos do publico, que não deixou vago um unico logar do theatro e que riu constantemente com as* trouvailles *e a graça, embora por vezes ingenua, da peça famosa de Gervasio.*

Os outros artistas que entram na comedia compartilharam, com justiça, das ovações feitas a Silvestre Alegrim, convindo citar Maria Mattos, Virginia Farrusca, Telmo Larcher, Antonio Cardoso, Mario Duarte, Bertha de Albuquerque, Bemvinda de Abreu, etc. Um nome porém se alteia entre todos: o de Maria Mattos. Ninguem no theatro portuguez a excede actualmente no desempenho de certos papeis e um d'elles é, sem duvida, o que com extraordinario talento representou hontem. A mulher grotesca e feroz do conselheiro Faustino, a dama barbuda e malcreada que já viu morrer dois maridos e que belisca e sova o terceiro, que treme na presença d'ella, deparou em Maria Mattos uma admiravel interprete.

O seu trabalho justificaria a resurreição do Commissario de policia, *se ella não estivesse plenamente justificada pelo de Silvestre Alegrim e ainda pelo proprio valor da hilariante comedia.*

A. de A.

Noticias

Entre nós

A peça de Emilio Augier *A aventureira*, que entrou em ensaios no theatro de S. Carlos, como noticiámos, foi distribuida ás actrizes Angela Pinto e Luz Velloso e aos actores Ferreira da Silva, Carlos de Oliveira, Theodoro Santos e Thomaz Vieira.

Angela Pinto, Ferreira da Silva e Luz Velloso conservam os papeis que desempenharam quando *A aventureira* foi representada no theatro D. Maria.

● Ouvimos que ficou transferida para a proxima epoca a representação da nova peça, original de Vasco de Mendonça Alves, *A noite de Santo Antonio*, pela companhia do theatro da Republica, actualmente em S. Carlos.

● Quando Maria Guerrero e Fernando Diaz de Mendoza representaram em Madrid a peça de Paul Hervieu *A força do destino*, actualmente em scena no theatro de S. Carlos, o papel de Joaquim Béreuil, creado em Lisboa pelo actor Robles Monteiro, foi desempenhado em *travesti* por uma actriz gentilissima, Maria de Guevara.

Por occasião de ser representada em Paris a sua peça, Paul Hervieu foi agraciado pelo rei de Hespanha com a Gran-cruz de Affonso XII.

● Está sendo organisada uma companhia para explorar, durante os mezes de verão, em um theatro de Lisboa, o genero do «Palais-Royal», de Paris.

● Da companhia organisada por Carlos de Oliveira para a sua *tournée* do corrente anno, nos mezes de verão, fazem parte, além dos artistas cujos nomes já publicámos, a actriz Maria Augusta e o actor Calazans.

No estrangeiro

Monsieur Brotonneaux que Novelli representou em Italia, com este titulo, vae ser representado pela companhia Renini, traduzido em veneziano com o titulo *El sultan del Rialto*.

● No theatro Mauzoni, Irma Grammatica está representando a *Segunda mulher de Tangueray*.

● No Price de Madrid subiu á scena a peça de Hennequin *As alegrias do lar*, que foi, entre nós, uma das corôas de Joaquim d'Almeida.

● No theatro Novedades estreiou-se um revista intitulada *El genio de Velasquez*.

Circos & Music-halls

Conversando á hora do treino..

Quando são sociaveis os artistas de circo e o reclamo os envolve n'uma certa «aureola de celebridade», costumam ser frequentadas de curiosos as sessões de treino dos acrobatas e dos gimnastas. Emquanto napista, com o auxilio da «longue» e dos cintos, se ensaiam os saltos mais perigosos, conversa-se, dão-se noticias e sabe-se da vida de alguns artistas conhecidos que, atravez do mundo, seguem a sua vida profissional.

Nós somos um dos habituaes curiosos e não descançamos na bisbilhotice de saber noticias. Hontem apanhámos uma «mão cheia».

—Os Fredianis vão executar um «duplo mortal de sahida» de cima do cavallo para os hombros do base.

Maurice Deriaz sendo suisso não foi mobilisado e segue a sua carreira athletica. Vae trabalhar em Madrid, Zaragoça e Barcelona, levantando pesos e lançando desafios de lucta».

—Os 25 persas vão fazer «redemoinhos» de jogos icarios e passagens rapidas de tres «volantes» reunidos n'um só.

—Madame Trombeta foi feliz na sua operação de apendicite e os medicos calculam que recomeça a trabalhar em mez e meio.

—Constant le Marin vae luctar com Cageaux n'um espectaculo de beneficencia em Paris.

Noticias

Entre nós

O Salão Foz contractou dois artistas que faziam parte de *troupes* artisticas de fama que já vieram a Lisboa. Actualmente trabalham juntos formando um duetto muito homogeneo. Adoptaram o nome profissional de Berignardis.

—Os simpaticos «voadores» portuguezes Manuel Correia e Carlos Martyres já estão promptos para executar o seu numero de *vôos á Leotard*. Carlos Martyres recomeçou hoje os treinos da «pirueta e meia». Devem estrear-se na segunda-feira.

—Hoje, no theatro da Rua dos Condes, estreiam-se os duettistas comicos Los Sobernil.

— Hoje, no Coliseu de Lisboa, inauguram-se os espectaculos populares de cinematographia e nos quaes os operarios beneficiam da reducção de 50 0/0 nos preços dos logares.

No estrangeiro

O luctador Vance está de boa saude e combatendo, na Alsacia, contra os allemães.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.
COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico.—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

PEQUENAS NOTICIAS

Para cumprimento do legado Raphael da Silva, é distribuido ámanhã, ás 14 horas, um jantar ás protegidas da Associação Protectora das Creanças.

—A banda da guarda republicana executa ámanhã, na Avenida da Liberdade das 13 ás 14 1/2 horas, o seguinte programma:—«Marche Gauloise», Rogister; «Si jetais roi» ouverture, Adam; «Esperança», solo de cornetim, Faço; «Revoltosa» zarzuela, Chapi; «Eva», selecção, Lehar «T'en souviens—tu?», suite de valsas, Turine; «Entre Xumberas», marcha, Penel.

os espiões olham, escutam, tudo se sabe, tudo se regista, se inscreve no livro de notas do mordomo ou do gerente, que é official allemão e, acima de tudo, executor fiel das ordens que recebeu.

Estabelecimentos suspeitos se fundam nas proximidades das pontes, nas encruzilhadas das estradas, nas visinhanças das grandes cidades, apenas separados por uma parede ou por uma viella das officinas onde se prepara o material de defeza nacional. Casas allemãs fornecem as locomotivas ás companhias de caminhos de ferro francezes ou russos, farinhas á intendencia, oxygenio aos dirigiveis, algodão ás manufacturas de polvora, motores aos automoveis militares; terão por succursaes emprezas de construcção mechanica e até telegraphia sem fios. Pela alta finança, attingem-se os meios parlamentares e governamentaes.

Em Paris e nas grandes cidades apparecem, pouco a pouco, um grande numero de negociantes de antiguidades, de casas de modas, de bazares de baixos preços; os armazens e os balcões enchem-se de empregados de barba ruiva que, por detraz dos seus oculos, vigiam e espreitam. Estudam o gosto do publico, copiam as listas dos clientes, surprehendem os segredos do fabrico ou do commercio, adaptam-se aos usos da terra para ahi alcançarem sympathias, quer ahi se installem com a «invasão pacifica», quer se preparem para voltarem com a invasão militar.

N'uma pequena cidade do Aisne, um allemão conseguiu fazer-se eleger para vereador, esteve quasi a ser *maire*. Desappareceu no dia da mobilisação. Voltou semanas depois á testa d'um esquadrão e disse: «Não me quizeram para *maire*, mas vão ter-me como burgomestre».

A guerra de invasão é preparada com as maiores minucias. As plataformas de cimento onde ha de installar-se a grossa artilharia são construidas, diz-se, com enorme dispendio em redor de certas fortalezas belgas; munições são amontoadas nos subterraneos das officinas: telephones e antemnas de telegraphia sem fios correm por debaixo da terra ou erguem-se nos ares.

A expansão industrial allemã é, na plena accepção do termo, uma primeira conquista surrateira, preparando a outra.

Apesar de tudo isso, os resultados alcançados não estão em proporção com os sacrificios feitos. Os mercados, em vez de se abrirem, tendem a fechar-se; depois da politica colonial, a politica de expansão economica é peiada pelas medidas de precaução que as potencias concorrentes começam a tomar.

A Allemanha via, com crescente inquietação, prolongar-se uma crise economica e financeira que podia originar catastrophes immediatas. Mez e meio antes da declaração de guerra, o financeiro Ballin, amigo do imperador, seu intimo confidente, escrevia no jornal mais officioso de Berlim:

«Caminhamos para uma crise temivel; as nossas colonias são insufficientes para garantir o consumo dos nossos productos. Temos urgente necessidade de novos mercados. Ora, em vez de se alargar deante de nós, o mundo commercial retrahe-se e fecha-se. Isso é consequencia da politica financeira seguida pela Inglaterra e pela França. Dispondo de capitaes mais importantes que os nossos, as duas nações só os emprestam com bons juros e estipulando contractos vantajosos para a sua industria. Resulta d'ahi que a nossa é posta de lado. Esta situação não póde prolongar-se sem graves perigos para a Allemanha».

Tão solemne advertencia vinha confirmar os sentimentos do partido agrario e os do industrialismo: a Allemanha soffria e dependia da sua vontade pôr termo a esse soffrimento.

A 10 de julho de 1913, um diplomata escrevia:

«Este estado de espirito é tanto mais inquietador quanto o governo imperial seria no momento actual apoiado pela opinião publica em qualquer empreza em que interferis-

Um outro simptoma d'esse prodigioso enfraquecimento é-nos fornecido pela multiplicação de asilos para epilepticos e de manicomios. A Allemanha bate o «record» n'esse ponto.

Finalmente, o militarismo é tambem uma das causas d'esse enfraquecimento. Os maus tratos no exercito allemão e as fórmas particularmente odiosas de que os revestem devido á ingenuidade dos recrutas camponezes e á perversão de certos officiaes inferiores, que se comprazem em os atormentar, levantou vivos clamores na imprensa allemã.

A Allemanha soffre, porque o seu appetite é insaciavel. D'esse appetite provem tambem essa prodigiosa necessidade de expansão que vae fazer com que a Allemanha concite a hostilidade de todo o universo.

Expansão maritima e colonial: d'ahi a lucta com a França, a Inglaterra e o Japão. Expansão commercial e procura de mercados: d'ahi a rivalidade immediata com o commercio mundial. Eis, em summa, as duas formulas da Weltpolitik que deviam levar fatalmente á campanha dos armamentos.

A 18 de janeiro de 1896, por occasião do vigesimo quinto anniversario do imperio allemão, n'um banquete solemne, Guilherme II disse:

«Do reino allemão nasceu um reino do mundo. Em toda a parte, nas regiões mais afastadas do globo, habitam alguns dos nossos compatriotas. Os productos allemães, a sciencia allemã, a industria allemã expandem-se para além dos oceanos. E' por milhares de milhões que se cifram os valores que a Allemanha transporta por mar. Teem o dever de me ajudarem a ligar esse grande imperio allemão ao da Europa».

Foi esse o programma traçado.

E realisou-se, mas trouxe a consequencia, imprevista para a Allemanha, de irritar contra ella as forças vivas das outras potencias.

Para «conquistar o seu logar ao sol», como na tribuna de Reichstag proclamára o principe de Bülow, a Allemanha procurára primeiro lançar a Europa, em seu seguimento, sobre a immensa preza que era o imperio chinez. O conde de Bülow dissera, no Reichstag, a 8 de fevereiro de 1898: «O envio da nossa esquadra a Kiao-Tcheu não foi imprevisto; ao contrario, foi o resultado de fundas reflexões, do exame de todas as circumstancias, a expressão d'uma politica calma e segura do seu objectivo».

De facto, o sonho fôra infinamente mais vasto que a realisação. A campanha chineza que, apoiando-se n'um accordo com a Inglaterra, previra a partilha da China, terminou pelo mais ridiculo fiasco, no dia em que o pomposo marechal de Waldersee foi salvo a grande custo pelos marinheiros francezes d'um incendio que rebentou n'uma casa incombustivel de fabrico allemão.

Todavia, a Allemanha teve uma compensação, a colonia de Kiao-Tcheu, que lhe ia acarretar a hostilidade do Japão.

Além da China, que tinham julgado moribunda, havia um outro doente cuja herança era de ha muito cobiçada: a Turquia. A Allemanha e a Austria-Hungria lançaram as vistas para essa outra preza, que parecia prestes a deixar-se devorar.

As ambições austriacas vinham desde o Congresso de Berlim. A annexação da Bosnia-Herzegovina foi uma das causas da actual guerra.

Quanto á Allemanha, pretendeu apoderar-se do imperio turco, pondo gente sua nos quadros militares, administrativos e economicos. Surgem então a famosa campanha do caminho de ferro de Bagdad e as campanhas annexas da instrucção dos exercitos turcos, dos fornecimentos militares e dos adeantamentos financeiros em Constantinopla.

A empreza de Bagdad foi um exito diplomatico, pois conseguiu vencer a opposição ingleza, russa e franceza, e a diplomacia das trez potencias, illaqueada pela diplomacia e finança allemãs, acabou por consentir na expansão germanica na Mesopotamia.

A convenção de Potsdam foi uma victoria alcançada pela perseveran-

Pietro Bottino

Chanceller do Consulado de Italia

R. I. P.

Iginia Bottino, Emilio Bottino, Maria Bottino Stadlen e seus filhos, Carolina Bottino Lobato de Abreu e seu marido Carlos Lobato de Abreu e seus filhos, Oscar Bottino e sua mulher, Georgina Rocha Bottino, Humberto Bottino e sua mulher Ophelia Bottino e seus filhos, Julieta Lobato de Abreu Abecassis e seu marido Jorge Abecassis, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações, que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito querido e chorado marido, pae, sogro e avô, e que o seu funeral terá logar ámanhã, 7 do corrente, pelas 11 horas da manhã, sahindo da sua residencia na rua da Junqueira, 59, para o cemiterio occidental.

Companhia de Seguros Universal

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital— Escudos:—1.200$00

Não se tendo realisado a sessão de assembleia geral convocada para hontem por falta de numero legal dos srs. accionistas, por ordem do ex.mo Presidente da mesa da mesma assembleia, convido os srs. accionistas a reunirem em sessão ordinaria no dia 22 de março corrente, pelas 20 1/2 horas, no escriptorio da Companhia, na rua Augusta, n.º 193, 1.º andar, a fim de se dar execução ao disposto nos n.os 1, 2 e 3 do artigo 34.º dos estatutos.

A assembleia delibera com qualquer numero de accionistas presentes e qualquer representação de capital.

Lisboa, 5 de março de 1915.

O 1.º secretario

(a) Eugenio de Sousa

Semana Santa e feira em Sevilha

Por motivo d'estas festas a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, de accordo com os caminhos de ferro de Madrid a Zaragoza e a Alicante, vae realisar como de costume, um serviço especial de bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, estabelecendo tambem comboios especiaes directos de ida e volta para Sevilha, tanto por occasião da Semana Santa que tem logar de 28 d'este mez até 4 de abril, como por occasião da feira que se effectua nos dias 17 a 22 de abril.

ça teutonica sobre a longanimidade e paciencia russas.

Os resultados, porém, eram mediocres. Só se falava o francez em toda a linha; um suisso, Huguenin, um hollandez, Waldor, dirigiam-no á franceza: as «luvas» e outras transacções illicitas eram impossiveis. As esperanças a principio concebidas transformavam-se em decepções e o realista Kiderlen-Waechter perguntava já se não seria melhor renunciar ao sonho de dominio integral que fôra concebido pela megalomania imperial. A cada passo surgiam as hostilidades amontoadas por essa longa campanha contra trez grandes potencias, e sob todas as fórmas: grandes sacrificios para tão mesquinho resultado.

A terceira campanha foi a marroquina; caracterisa a Weltpolitik no seu methodo de em tudo se intrometter e no seu impotente systema de aggressão. Mas como é uma das causas immediatas da crise actual, vamos explanal-a.

Nos annos que precederam a guerra, a Weltpolitik, depois de ter perturbado o universo durante um largo periodo, não conseguia o seu objectivo. Por meio da politica colonial, a industria allemã não encontrára mercados proporcionados ás suas necessidades. Apesar dos seus progressos incontestaveis, o commercio não se sentia seguro do dia seguinte. Os grandes mercados europeus, advertidos, tendiam a fechar-se; a situação financeira geral era das mais mediocres e estava subordinada á boa vontade suspeita das nações concorrentes.

A opinião publica allemã irritava-se. Nas universidades, os professores faziam prelecções, dizendo que queriam a nossa provincia d'Angola, o unico ponto da Africa equatorial que achavam próspero e apropriado para a sua colonisação, mas que a Inglaterra os não deixava apoderar-se das colonias portuguezas. Por todos os lados—diziam o principe de Bülow e o chanceller Bethmann-Hollweg—«a inveja, a malevolencia, o ciume se nos atravessam no caminho, não nos deixam tomar vôo, invocando direitos anteriores, para difficultarem as nossas emprezas. Comtudo, preciso nos é viver.»

E mais claras são ainda as seguintes phrases:

«Temos a força. Porque não nos havemos de servir d'ella para arrancar o que nos recusam? Para que servem os exorbitantes sacrificios que nos pedem incessantemente para o exercito, para a armada, se recuamos sempre no momento decisivo?»

Sob o ponto de vista economico, o plano era o seguinte: impôr á Russia a renovação do tratado de commercio, de que essa nação se queixava; obter da França, por astucia, por intimidação, ou, sendo preciso, pela força, a revogação da clausula contida no artigo 2.º do tratado de Francfort, estipulando em favor das duas potencias o tratamento de nação mais favorecida. Ou a França entrava no Zollverein allemão, ou dava ao imperio a liberdade de concluir tratados de commercio sem de ahi tirar proveito. Tal era a alternativa preconisada pelos estadistas allemães. E não se podendo obter o que se pretendia pacificamente, admittia-se a idéa de o reclamar por meio da guerra.

O Zollverein é, como se sabe, a união aduaneira allemã.

Os espiritos mais ponderados pezavam as probabilidades da lucta, dizendo que as forças militares da França eram consideraveis, mas não tanto como as da Allemanha. Contava-se ainda com a desorganisação social e com a falta d'um chefe antecipadamente designado. Concedia-se até que a lucta fôsse difficil, mas accrescentava-se que o sentimento nacional, embora o mais admiravel, não podia substituir o que faltava no exercito, nem compensar a differença de vinte milhões de habitantes. Assim falava Daniel Frymann. Conclusão a tirar: a guerra póde ser fructuosa, arrisquemo-nos á guerra.

De resto, a necessidade não tem lei. Taes as idéas que, acalentadas

e exalçadas pelo enthusiasmo guerreiro, deram origem á Liga Pangermanista. Fundada pelo dr. Hasse em 1891, tomou o maior impulso a partir de 1895. O programma era o seguinte: «Affirmar a consciencia do povo allemão para seguir, no interior e no exterior, o avanço de todas as tribus allemãs».

Na vespera da guerra, a direcção d'essa Liga era composta das seguintes pessoas: o presidente Class, advogado em Mayença, os generaes von Liebert e Keim, o commandante von Stoessel, o pastor Klingemann e o armador Itzenplitz. Um *comité* em que figuravam antigos officiaes, professores e editores era encarregado de conservar o fogo sagrado entre os numerosos adherentes.

General Radoumir Putnik, chefe do estado maior do exercito servio

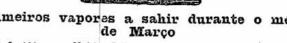
A Liga estava em intimas relações com o kronprinz, ou mesmo, ao que se affirma, sob a sua directa influencia. Prégava não só a politica dos armamentos, mas a obra de penetração da raça allemã no universo por todos os meios e principalmente por uma *organisação* methodica, que preparava a guerra a coberto da paz.

O systema, n'esse ponto ainda, é perfeitamente reflectido e combinado.

Uma brochura celebre que appareceu na occasião da fundação da Liga, intitulada *Um imperio allemão universal*, dizia: «O fim que se deve alcançar é o desenvolvimento do poder allemão com todas as suas consequencias. *Dar-se-ha provas de habilidade*; os esforços serão contidos em justos limites; agir-se-ha, progressivamente, até ao momento *em que as baterias possam ser desmascaradas sem perigo.* Então, a Europa encontrar-se-ha em presença d'uma situação preparada até aos minimos detalhes, contra a qual será impotente!»

Seria assim o triumpho da *organisação.*

A guerra é com effeito preparada methodicamente, occultamente. Para isso os processos são duplos: monopolisação da industria e do commercio em proveito de firmas allemãs; introducção de pessoal allemão com ordem de preparar a guerra por meio de certas disposições materiaes e estabelecer a espionagem.

As principaes industrias visadas foram o commercio de farinhas, o carvão e os instrumentos de guerra, os aeroplanos, a telegraphia sem fios, os algodões-polvora, a metallurgia, a industria de productos chimicos sob todas as fórmas, os automoveis; no Leste da França, a occupação de herdades e de propriedades contiguas a pontos estrategicos escolhidos antecipadamente; em toda a parte, em todo o territorio da França, e principalmente no Meio-Dia, a acquisição de grandes hoteis e outros logares de reuniões publicas, que se tornam centros de espionagem.

No meio da multidão que vae e vem, onde se fala em voz alta, onde os minimos pormenores, ás vezes mesmo os mais confidenciaes, correm de bocca em bocca, onde as mundanas e os estroinas abundam,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1647 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 7 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

No regimen da dictadura

Abandonou o gabinete Pimenta de Castro o seu ministro das finanças, o sr. Herculano Galhardo. A nota officiosa que os jornaes publicam, referindo os motivos da sahida do sr. Herculano Galhardo, é bastante significativa tanto sob o ponto de vista politico como sob o ponto de vista financeiro.

O sr. Herculano Galhardo demonstra a sua repugnancia pelo estabelecimento da dictadura que, só forçado por considerações patrioticas, sanccionara. Que esse meio não podia dar resultados beneficos para a Republica e para o paiz prova-o a sua sahida do governo. Havia apenas sete dias que a dictadura se iniciára, e já elle tinha de reconhecer quanto fôra inefficaz a sua acquiescencia, sacrificando a quaesquer considerações a intangibilidade da Constituição e a pureza dos principios republicanos. A situação politica não melhorou, porque não podia melhorar, e a situação financeira chegou a um estado que o sr. Herculano Galhardo só julgava remediavel mercê de medidas que não podiam dispensar a collaboração do parlamento com o governo.

Fomos nós os primeiros a assignalar a gravidade d'essa situação. Pontualmente desmentidos, como é de uso, eis que o proprio ministro das finanças vem implicitamente demonstrar com a sua sahida, cujas razões foram explicadas, quanto a questão financeira é realmente, n'este instante, complexa e delicada.

Não é com dictaduras que estas situações se resolvem. Não é pensando, apenas, no apoio das espadas, que se orienta, se governa e se administra um paiz. Nem mesmo as questões politicas com tal processo se solucionam, e muito menos as financeiras, economicas e sociaes, e todas ellas existem em Portugal, sendo forçoso attendel-as, estudal-as e resolvel-as.

O sr. Herculano Galhardo era um dos ministros que representavam no governo actual garantias republicanas e capacidade ministerial. Por isso mesmo não admira que a sua sahida impressione a opinião publica que, por mais que pretenda subtrahir-se a vagos terrores, sente que de hora a hora mais se embrenha no desconhecido.

Centro militar

Os officiaes do effectivo são obrigados a aggremiar-se — Os estatutos prohibem a politica

Os organisadores do Centro militar teem envolvido a sua iniciativa n'uma quasi absoluta reserva. Pode dizer-se mesmo absoluta reserva, uma vez que o termo absoluto, entre nós, tem muito de relativo. O que é facto é que os organisadores do Centro militar não satisfazem a curiosidade jornalistica e os que, da classe militar, mais benevolos são para as arremettidas de *reporters* pouco adeantam sobre a organisação d'esse Centro e as informações a tal respeito teem de ser sorzidas das meias palavras, apanhadas aqui e além nos grupos de officiaes.

O Centro destina-se, principalmente, a facultar *aos socios os meios de estudo* e distracção e ainda as facilidades materiaes que é facil adquirir para os grandes aggregados. Ao Centro devem pertencer todos os officiaes do effectivo. A politica está banida do seu seio, por disposição expressa dos estatutos. O chefe do Estado é o unico socio honorario d'essa aggremiação. A outra cathegia de socios denomina-se «socios de merito» e estes serão eleitos por proposta submettida á apreciação de varias secções. O Centro militar aggregará a si os estabelecimentos militares já existentes como a cooperativa, a solidariedade, etc. Terá annexo um hotel para hospedar os celibatarios e os militares que venham á capital. Estabelecerá uma casa de saude onde possam ser recolhidos os officiaes e pessoas de familia, principalmente quando necessitem de operações cirurgicas. O centro promoverá conferencias pelos socios sobre assumptos da especialidade ou litterarios. Na sua séde installará campos de jogo ao ar livre e os de vasa, permittidos por lei. Organisará uma bibliotheca e uma sala de leitura onde os socios encontrem as principaes publicações militares do estrangeiro.

O centro procurará conseguir que se reduzam os transportes nas linhas ferreas e outras facilidades junto dos proprietarios de estabelecimentos commerciaes, theatraes, etc.

Os estatutos, que foram moldados pelos da classe militar em França e Italia, acabam de ser approvados, em trez sessões a que presidiu o sr. coronel Maria Coelho; essas reuniões effectuaram-se na Cooperativa Militar.

O centro terá a sua sede em Lisboa e creará filiaes em todos os pontos do paiz, onde houver guarnições importantes. Esses nucleos serão mantidos pelo centro de Lisboa.

A inscripção de socios será obrigatoria e a quota metade do vencimento diario do socio.

Uma commissão irá submetter os estatutos ao sr. ministro da guerra.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetem *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Poeira da Arcada

O sr. Herculano Galhardo deixou a pasta das finanças, reconhecendo o perigo de promulgar as medidas que a situação reclama, sem as submetter á sancção do Congresso. O sr. ministro dos estrangeiros occupou interinamente o seu logar. Entre as questões fazendarias e as de politica internacional, encontra o sr. Rodrigues Monteiro um espaço bastante largo para levantar um duplo pedestal á sua competencia de estadista. Se o não fizer, é que não quer attribuir-se maior gloria que a que lhe garante a sua espada.

***

Com o augmento do preço de pão, o povo já hontem assaltou algumas padarias. Não applaudimos o processo, mas reconhecemos que lhe assiste muita razão, para desculpar as suas imprudencias. Tivemos tempo mais que bastante para cuidar do abastecimento dos nossos mercados. Porque o não fizemos? Confiámos ao acaso a solução de difficuldades que exigiam um aturado estudo. Ora as difficuldades d'esta especie, entre nós, são postas de molho, como se faz á sóla. Nunca se resolvem. No momento opportuno, não faltou quem pedisse providencias urgentes para evitar que as provisões de cereaes se exgotassem, antes do praso previsto. Ninguem prestou attenção. Agora ahi temos a ira popular a fazer das suas...

***

A tomada de Constantinopla ha de ter uma enorme repercussão em todo o mundo. E' provavel que os austro-allemães imaginem um grande golpe, para contrabalançar tamanha impressão. Todavia de pouco lhes valerá. A guerra vae sahir do periodo scenographico, para entrar na sua phase definitiva. As nações preparam-se para os ultimos lances. Em breve, se liquidará um conflicto do qual sahirá o espirito da nova civilisação.

O sr. Venizelos demitte-se por discordancia com o rei

ATHENAS, 6.—Na camara dos deputados, o presidente do conselho, sr. Venizelos, declarou que, não sendo a politica do governo approvada pelo rei, o gabinete pediu a demissão.—(*Havas*).

A LIQUIDAÇÃO DA TURQUIA

Os ultimos dias de Stambul

Forçada a passagem dos Dardanellos pelas esquadras alliadas, o poder turco desapparece da Europa

Proximo do local em que as aguas do Hellesponto se confundem com as do mar Egeu, no littoral da Asia Menor e sobre uma collina do alto da qual se avista ao longe a ilha de Tenedos e mais para o norte, nos dias claros, se distingue o contorno azulado da ilha de Imbros, repousam desde muitos seculos as ruinas de Troia. Perde-se na noite dos tempos a lendaria aventura dos gregos. Troia viu desapparecer o seu antigo esplendor antes que a memoria dos homens tivesse podido fixar as linhas severas e grandiosas da sua architectura estranha. Meia duzia de pedras conservadas pela piedade das gerações é tudo quanto resta para assistir, passados mais de trez mil annos, a uma nova epopeia em tudo digna da que Homero immortalisou.

Lá abaixo, á entrada dos Dardanellos, ha dias que os navios de guerra inglezes e francezes bombardeiam sistematicamente os fortes do Hellesponto. Já vae muito longe o tempo em que podia surtir effeito a traça ingenua do cavallo de madeira, de collossaes dimensões, obrigando no ventre uma legião de guerreiros. Hoje, a victoria vae sendo conquistada á custa de uma chuva persistente de ferro e fogo; a astucia foi substituida pela violencia; dir-se-hia que os deuses, dominando os elementos, tomaram no combate o logar dos homens.

Já os primeiros reductos não constituem mais que um monte de ruinas fumegantes. Avançando cautellosamente, evitando ou inutilisando as multiplas linhas de defeza que atravez do canal os turcos tinham lançado com as suas minas fluctuantes, as esquadras alliadas conseguiram em poucos dias vencer quasi meia distancia do estreito que liga o Mar de Marmara ao mar Egeu. Kale-Sultanie, o Tchanak-Kalessi dos turcos, foi bombardeada ao mesmo tempo que no golfo de Saros, approximando-se do isthmo guarnecido por trez fortes, Playari supportava egualmente o fogo dos canhões alliados. As guarnições turcas fogem atravez do Tekir-Dagh e a infantaria de desembarque das esquadras franco-britannicas installou-se já solidamente nas posições abandonadas. O Cheroneso deixou de fazer parte do imperio do sultão.

Dentro de poucos dias, quando a silhueta formidavel dos *dreadnoughts* fizer a sua apparição no Mar de Marmara, Stambul póde considerar-se virtualmente perdida e com ella anniquillado o poder ottomano na Europa.

E' preciso não esquecer que a Russia, menos em virtude de convenções internacionaes que dos numerosos fortes turcos do Bosphoro e dos Dardanellos, não podia lançar utilmente na lucta do Mediterraneo e do Adriatico a sua esquadra do Mar Negro, que comporta algumas unidades de combate muito valiosas. A segunda consequencia da tactica anglo-franceza consiste pois em libertar esses navios, que poderão unir os seus esforços aos dos paizes alliados n'uma acção efficaz contra os portos austriacos.

Quiz a Turquia, ao cabo de longas hesitações, lançar-se na aventura da guerra ao lado da Allemanha e da Austria-Hungria. Enuer-Pachá, o germanophilo, não attendeu os carinhosos conselhos do seu amigo Pierre Loti, que lhe prophetisou n'uma carta celebre as peores desgraças para o seu paiz, desde que elle não soubesse resistir á seducção das sollicitações germanicas. As ruinas de Troia assistiram já ao começo da catastrophe ottomana. A Sublime Porta entrou na phase da agonia. Dentro de poucos dias começará o estertor. Cumpre-se implacavelmente a palavra do propheta...

E qual será o destino que o futuro reserva a Constantinopla, depois de ter desapparecido o crescente do alto dos seus minaretes? Eis aqui um dos mais interessantes problemas da politica mundial. E' natural, porém, que a solução consista em se internacionalisar a administração da cidade e territorios limitrophes, creando-se d'essa forma um novo estado politico que se não tem precedente algum que o justifique tambem não possue inconveniente de maior que se lhe possa oppôr.

Constantinopla, a cidade cosmopolita; a Turquia, nação asiatica e o esforço austro-allemão consideravelmente diminuido—eis as proximas surpresas que nos reserva a epopeia dos Dardanellos, ao pé da qual a conquista de Troia não passa de um simples brinquedo de creanças...

NO ASILO MARIA PIA

A exposição de trabalhos d'alumnos

abriu hoje, sendo muito visitada e distinguindo-se os de sapataria

E' manifesta a influencia que a Republica tem exercido sobre os antigos processos educativos da população infantil asilar. O aspecto tristonho das creanças amarellecidas pela falta de ar e sol, esmagadas por uma disciplina monacal que lhes vedava o rir, o cantar e até o falar, vê-se hoje substituido por um ar de alegre franqueza accentuado por largo riso que lhes rasga as faces sadias, respirando saude e bem estar

Foi o que ainda ha poucas horas tivemos occasião de verificar no Asilo Maria Pia, onde hoje se effectuou uma exposição de artigos de sapataria, alfaiataria e marcenaria, manufacturados por internados.

A exposição está installada n'uma vastissima sala construida sobre as ruinas da antiga enfermaria dos velhos invalidos que occuparam o asilo, a qual fôra destruida por um incendio ha cerca de trez annos.

Em cabides, em armarios envidraçados, pelo meio da sala, junto das paredes, vêem-se casacos, sobretudos, colletes, calças, fatos á maruja para creanças, calçado fino e grosseiro, desde o sapato aprimorado de senhora, de finissimos cabedaes, até ao sapato de atanado branco, mobiliario de cosinha, de quarto de cama, de escriptorio, de casa de jantar em estilos varios, inglez, Henrique II, pequenos armarios de parede, columnas e supportes para vasos e estatuetas, biombos, uma infinidade de coisas, emfim. O calçado, principalmente, é de perfeição inexcedivel, e a preços extraordinariamente reduzidos; os casacos são de talhe elegante, e alguns artigos de marcenaria são dignos de reparo pela barateza dos preços. Entre os objectos expostos figura uma papeleira liliputiana que ha tempos o sr. presidente da Republica mostrara desejos de adquirir, quando ainda não estava concluida; foi-lhe offerecida, e a dedicatoria vê-se gravada em uma placa de prata que a ornamenta.

Os fatos e calçado dos internados são fabricados por elles, nas officinas do asilo, onde, além das de alfaiataria, sapataria, carpintaria e marcenaria, ha tambem uma barbearia; os que se dedicam a outros officios frequentam a Escola Industrial Affonso Domingues, que fica ao lado do asilo.

A população regular normal é de 366 creanças, havendo agora umas quarenta vagas; no asilo ha acomodações, mobiliario e roupa para mais 200 internados, mas a receita não permitte que a lotação de 366 seja excedida. E para admirar é que com a receita que tem, approximadamente 60 contos, se possa obter tanto como a solicita direcção do dr. Peres Ponces tem conseguido realisar, mantendo aquella enorme quantidade de creanças, a quem proporciona o ensino do curso dos liceus e ensino industrial, e tendo o vastissimo edificio n'um estado de conservação que se pode dizer modelar.

Os internados teem quatro refeições diarias; a primeira ás 7 horas, composta de café ou chocolate com leite e pão com manteiga; outra ás 12, com sopa, um prato de carne ou peixe e legumes; outra ás 17, constituida por um prato de carne ou peixe; e outra ás 20,30, que consta d'um prato de sopa.

Os internados deitam-se ás 21 e levantam-se ás 6 horas.

Do producto dos objectos vendidos, que é receita do asilo, uma percentagem é tirada para os seus manufactores.

A installação do asilo não pode ser mais higienica; vastissimas camaratas, abundantemente illuminadas por larguissimas janellas, balneario com banhos de chuva e de immersão, dois grandes refeitorios, uma enorme cosinha, bellas aulas bem mobiladas, vastas officinas, duas grandes enfermarias, com admiravel pavilhão de isolamento para doenças contagiosas, tudo isto intercallado de innumeros pateos por onde o sol entra desafrontadamente, fazem do Asilo Maria Pia um estabelecimento digno de admiração.

Foi grande a quantidade de visitantes que percorreram o edificio e visitaram a exposição, tendo lá estado, em nome do sr. ministro do interior, o seu secretario e o seu chefe de gabinete, e em nome do commandante da guarda republicana um capitão, seu ajudante; tambem ali esteve o director da Tutoria da Infancia, não tendo ido o director da Assistencia por estar adoentado.

A exposição, que é realmente digna de vêr-se, continúa aberta ao publico todos os dias, das 13 ás 17 horas.

Migalhas

O correctivo

Rasão temos para exportar como o melhor e mais legitimo producto d'esta terra este maravilhoso clima.

E' elle o correctivo para todas as nossas crises pessoaes e sociaes. Este sol e esta luz, esta caricia da athmosphera são, quando surgem triumphantes e dominadores, um factor que intervem em todos os productos e quocientes da nossa vida nacional.

O clima é argumento para os que teem razão, é sophisma para os que a não teem, é consolo para aquelles a quem devora a sede de justiça, é alimento para os que se consomem na fome de Direito. E' contentamento para os tristes, jubilo para os melancholicos, ventura supplementar para os felizes. Com elle não ha maldade que chegue até ao crime e virtude que se não afervore até á santidade. Elle é amparo dos desagalhados e roupa dos andrajosos, pelliça dos friolentos e tanga dos encalmados. E' muleta dos gottosos e *badine* dos janotas. E' uma flôr no cabello das raparigas pobres e joia no collo das mulheres ricas. E' inspiração e é musa. Dá alma aos que trabalham e desculpa aos preguiçosos.

E', em resumo, o panno de fundo luminoso d'este scenario, cujos bastidores são de caverna. E' a base estavel da minha fortuna e os rendimentos que me dá não teem desconto possivel. Quando o goso tenha esta consolação admiravel: é que ninguem *m'o* pode tirar nem furtar-me toda a alegria que elle me traz, toda a pacificação dos nervos e luz de espirito, que elle derrama sobre este vosso creado.

André Brun

Morto por um electrico

Pelas 17 horas e meia, na rua Vinte e Quatro de Julho, o carro electrico n.º 304 atropellou um menor que apparenta ter 10 annos e andrajosamente vestido.

Conduzido ao hospital de S. José, verificou-se ali estar morto, pelo que o cadaver foi removido para a Morgue. E' desconhecida, por emquanto, a identidade da victima.

O guarda-freio, 335, José Henrique Moreira, foi preso.

A SITUAÇÃO POLITICA

Em torno do Congresso

Porque considera o sr. dr. Caetano Gonçalves legal a reunião realisada no palacio da Mitra

Entre os deputados que tomaram parte na reunião parlamentar do palacio da Mitra figura o dr. Caetano Gonçalves, membro da commissão ali nomeada e a que ainda hontem *A Capital* se referiu. A sua opinião sobre esse facto deve particularmente interessar, dada a sua dupla qualidade de parlamentar e magistrado, a quem pela Constituição cabe o direito de apreciar a validade das leis e dos diplomas do poder executivo. Interrogámol-o por isso e damos a seguir as suas respostas.

—Como geralmente se supponha que o Congresso, que devia reunir em 4 de março no palacio de S. Bento, não tinha legitimidade bastante para deliberar em nome da nação, por faltar-lhe a maioria absoluta ou o *quorum* legal, convíria que v. ex.ª nos dissesse se a ausencia dos parlamentares adversos ao partido democratico podia, na verdade, influir na validade das deliberações que ali fossem tomadas.

—De modo nenhum, tratando-se da Camara dos deputados, onde o *quorum*, ainda quando calculado sobre a totalidade da representação parlamentar, é garantido por esse partido. Como sabe, retirados pela eleição para o Senado 71 dos 235 membros da Assembleia Nacional, ficaram os restantes 164 constituindo a primeira Camara dos deputados. Pelo que dispõe o art. 13.º da Constituição essa Camara seria competente para deliberar com 83 deputados, ou seja a *metade e mais um* de 164. E é positivo que n'este momento se encontram na posse do seu mandato, pelo menos. 128 parlamentares, assim distribuidos: 92 democraticos, 26 evolucionistas e 10 independentes. Comprehende, pois, que só com democraticos podia a Camara funcionar, visto que a Constituição não distingue nem reconhece partidos. No Senado, os democraticos não garantem, é certo, pela sua diminuta representação, o *quorum*, que é de 37; mas essa Camara podia legalmente funcionar e deliberar se aos 26 senadores democraticos se reunissem os 8 evolucionistas ainda em exercicio e os 12 independentes, o que prefaz o total de 46.

—Parece, porém, que qualquer das Camaras mais d'uma vez funcionou com numero notavelmente inferior...

—E' verdade: desde 29 de maio de 1913, em que n'uma sessão conjuncta o Congresso deliberou baixar o *quorum*, tornando-o, além d'isso, variavel, pela eliminação diaria, não só dos mortos e destituidos, como ainda dos ausentes com licença. Mas contra essa deliberação, a que não dei o meu voto, protestei eu no dia seguinte, na minha camara, em declaração que foi tambem subscripta pelos meus collegas José Barbosa e Mattos Cid.

—Todavia, o contar-se com os mortos e os destituidos seria, além de absurdo, caricato...

—Dever-se-hia, por isso, aguardar que as vagas fossem declaradas pela commissão de faltas e infracções regimentaes; e, ficando reduzido o numero dos deputados a menos de 135, teria de se refazer a camara com o numero primitivo pela eleição supplementar, que se fez em novembro immediato e que agora é desnecessaria porque vamos para as eleições geraes.

—E se se verificar que as leis foram votadas sem a maioria absoluta tal como v. ex.ª a endende?

—Essa discussão, como a do uso ou abuso de auctorisações parlamentares, só a poderei fazer nos tribunaes, suscitada como dispõe o artigo 63.º da mesma Constituição. De outro modo, eu não poderia mais, depois d'aquelle dia de 1913, funccionar como deputado nas sessões em que se deliberasse com menos de 83 votos.

—Sendo assim, para v. ex.ª o *quorum* do Congresso em sessão conjuncta seria de 120 e no Tojal, ao que consta, elle não passou de 90 congressistas.

—E' exacto. Mas, como em anteriores sessões do Congresso, eu ahi submetti-me, como parlamentar, á deliberação da maioria, resalvando, todavia, o meu voto consignado por escripto na acta da sessão dos deputados, de 11 de janeiro ultimo.

—E convence-se de que os parlamentares democraticos foram sempre, como agora, os paladinos da Contituição?

—Não tenho que inquirir d'isso. Se houve quem mudasse, não fui, por certo, eu.

—Mas v. ex.ª era contado no numero dos deputados evolucionistas...

—Sou, de longa data, amigo pessoal do dr. Antonio José d'Almeida; e, por o ser, acompanhei-o na extincta União Nacional Republicana e depois no partido evolucionista. O convencimento de que a excessiva divisão das forças politicas na Republica traria o enfraquecimento do regimen lançou-me nos trabalhos da reconstituição do primitivo *bloco* conservador, pela fusão de evolucionistas e unionistas. Não a consegui; e é forçoso dar razão ao dr. Brito Camacho quando á crise dos partidos attribue a grave situação politica actual. Essa crise é o prolongamento da que perdeu a monarchia, onde a serie dos ministerios succedendo-se perante as arruaças fez dizer a José Luciano: «o governo parlamentar em Portugal está findo». Mas não me convenço de que o remedio para ella seja o combate truculento do governo a um partido. Tambem é de José Luciano esta phrase: «nenhum governo hoje tem força para exterminar os adversarios». Sem duvida, os partidos precisam organisar-se como elementos de ordem; e, de todos elles, é porventura o democratico o que mais carece de acreditar-se na opinião publica que não concorre ás urnas...

—Não desconhece comtudo que a dictadura actual tem a apoial-a dois dos partidos do regimen...

—Sim, eu sei. Mas a dictadura é como uma espada de dois gumes, que pode um dia vir a ferir os proprios que d'ella se servem. Basta, para isso, reparar em que a expressão deprimente com que republicanos já se referiram ao chamado «Congresso da mitra e gaita» é habilmente aproveitada pela imprensa reaccionaria, que a torna extensiva a todo o Congresso da Republica desde que elle reuniu, com o governo provisorio, em 19 de junho de 1911!

—Julga então v. ex.ª possivel restabelecer o prestigio do actual Congresso?

—A unica difficuldade que lhe encontro é levar ao espirito do governo a confiança na maioria parlamentar. Essa maioria desacreditou-se pelo abuso da força numerica, a que são, em regra, atreitas as maiorias nas assembleias politicas. Mas a solução, se fôsse possivel obtel-a n'um honrado e leal accordo entre todos, estaria na sancção parlamentar dada aos decretos eleitoraes do governo, mantendo-se este no poder, para garantir a ordem publica, até ás proximas eleições.

Até aqui as respostas do sr. dr. Caetano Gonçalves. Ellas teem tanto maior importancia quanto é certo que o illustre parlamentar, como se conclue do que fica exposto, discordou, por vezes, da maioria da camara a que pertence, isto é dos democraticos, no que respeita á questão do *quorum*.

Folhetim d'A CAPITAL 7-3-1915

Os velhos

Tem resplandecido ultimamente em Lisboa um sol que não parece mesmo o da proxima e temperada primavera, mas o do remoto e abrazador verão. O sol é violento e implacavel quando se expande no impeto selvagem da sua vitalidade e desfere os clarões da sua rubra epopeia. Por isso as almas brandas—os poetas para quem a epopeia tem só a desculpa d'um assombroso caso de genio, as mulheres que só respiram livremente entre o perfume fresco dos lilazes, os velhos a quem a brisa dos suaves crepusculos refrigera cinzas ainda quentes das paixões mortas, todos esses que necessitam do divino desfallecimento em que a natureza se desentranha em bondade e paz — perturbam-se com as magnificencias imperiaes do sol como com a terrivel magestade dos deuses. Elle é «um rei barbaro, de olhar vermelho, que vê desfilar as legiões dos astros» e que não tem tempo, immerso na sua gloriosa contemplação, para attender ás florinhas que cresta nem á humanidade que abrasa. E como elle, na sua indifferença, nos não olha, tambem nós, no nosso terror, o não fitamos, apesar de lhe admirarmos a grandeza. Quando Jehovah, nos velhos templos biblicos, apparecia aos hebreus, a primeira coisa que faziam os seus adoradores era cahir, com a face de encontro ao chão, para o não verem.

***

Abençoados os crepusculos, abençoadas as horas em que o sol se deita! E' então que ás portas dos casaes e nos eirados em flôr os trabalhadores descançam, e uma viola geme as suaves maguas do coração, assim como, nas cidades, é essa a hora em que os jardins se povoam da sua população tranquilla. Nas alamedas correm creanças descuidosas entre os canteiros floridos; nos lagos reflectem-se as primeiras claridades do luar, e os risos que morrem nos ares não conseguem perturbar o fundo recolhimento que se expraia na atmosphera. Vozes crystalinas evocam o murmurio musical das fontes. Homens, mulheres, creanças perpassam entre os derradeiros clarões doirados em que o horisonte flammeja. Baixinho e a medo trocam-se ás vezes as primeiras confissões do amor a que sorriam as aves que espreitam os namorados do alto das ramagens.

Mas a impressão que mais se grava no meu espirito, quando me é dado assistir a este quadro quotidiano de expansão e refrigerio, sempre m'a dão os velhos, calados nos seus bancos, como estatuas que vissem desfilar, na sua presença, uma população transitoria e indifferente.

***

Ah! Sim! Elles são os senhores d'esses jardins; são os seus bustos familiares que os dominam e lhes dão caracter. São elles só que, na sua apparente immobilidade, lhes absorvem toda a vida para com ella animarem, ainda alguns dias, os seus exhaustos corações. Teem os seus bancos, as suas arvores, as suas flôres, o seu recanto sombrio ou o seu poiso claro. Contaram os passos que os separam da casa a esse throno da sua augusta agonia; teem já uma maneira uniforme de se sentarem; adquiriram a difficil sciencia de estarem commodamente nos seus bancos; os jardineiros conhecem-os, por pouco que os não reguem como fazem ás flôres nascentes e ás decrepitas arvores. E os passarinhos que habitam nos ultimos andares do arvoredo já correm e pousam junto d'elles, como visinhos que vivem na melhor harmonia e que se sentem amados e predilectos.

Os velhos estão ali horas. Não se levantam, não se mexem, não se movem a pretexto algum. De vez em quando tiram o seu lenço encarnado, assoam-se, são esses o unico gesto e o unico som que os prendem á vida. Se passa uma musica, se estruge um grito, a população fluctuante ergue-se, corre, vae vêr, cheia de alvoroço e curiosidade, e dos que partiram nem sempre é grande a parte que regressa ao quietismo das alamedas serenas, dos mansos lagos e das folhagens tremulas. São os intrusos; vão-se como veem— e os velhos ficam, sempre immoveis, sempre beatificos, sempre absortos, como conhecedores, no goso da calma tranquillidade e da fresca brisa das tardes. Dão-se bem com os crepusculos esses seres crepusculares—que teem nas faces brancas a pallidez da lua e nos olhos cançados a saudade do poente.

***

Baudelaire cantou as «petites vieilles», que iam, dobradinhas e exangues, para os jardins publicos, a fim de ouvir as musicas, ricas de sons vibrantes, com que as bandas marciaes, nas tardes de oiro, «versent quelque heroisme au coeur des citadins». Essas velhinhas não as conheço na nossa Lisboa, e, ou o verso harmonioso do estranho poeta correspondeu a mais uma das suas artificiaes phantasias, ou a França é, na realidade, um fanatico paiz de guerra que até nas tonalidades do céu vê côres de bandeira e nas notas mais puras apercebe clangores de trombeta.

Não: aqui os velhos não pensam em matar, cantando; pensam em morrer, calados. Não são incognitos desesperos que se sentam n'esses bancos toscos, sombreiados de ramagens pacificas, almejando milagres de resurreição. São existencias placidas, que placidamente querem findar entre aragens que as consolam e flôres que as perfumam.

Vem dos velhos que os frequentam e decoram a serenidade dos nossos jardins. São almas simples que atravessaram a vida sem triumphos que representassem o soffrimento dos outros. Fugiram sempre, como agora, do violento sol sob o qual se agitam, reluzentes de suor e esforço, ambições, invejas, premeditações latentes de crimes e de infamias. Foram obscuros. A sua existencia passou-se á margem do conflicto satanico que representa a tragedia da humanidade. Deixal-os! Ganharam com isso, no crepusculo da vida, a confiança das aves e a amisade das flôres—que sendo obscuras e humildes, como as suas almas, são, todavia, ainda e sempre, as coisas mais preciosas d'este mundo tumultuario e insatisfeito.

Outros crepusculos da vida se coroam de raios em que se diria flammejarem as aureolas da gloria ou do poderio. Quantos cabellos brancos se avermelham com reflexos de sangue! Os dominadores, os conquistadores, os despotas, os grandes reis ou os grandes chefes julgarão porventura que assim se tornam mais veneraveis—como se o crime que toda a oppressão contem podesse ser virtude, magestade e encanto. Estar a dois passos do tumulo, e não estremecer, é força, é sabedoria? Não! E' fraqueza e insania. Para cada alma que se suppoz robusta abre-se o desconhecido da eternidade; para cada um que se julgou grande abrem-se as paginas da historia.

Veneravel, sim, o crepusculo dos velhinhos obscuros que com o perfume d'uma flôr e o trilo d'uma ave se contentam!

MAYER GARÇÃO

UM «BLUFF»

O bloqueio da Inglaterra

por submarinos allemães

Quando no dia 4 do mez passado a allemanha notificou ás potencias neutraes que, a partir de 18 de fevereiro, o mar que banha a Inglaterra, a Escossia, a Irlanda e o norte da França passava a ser considerado como zona de guerra, o governo allemão confessou *ipso facto* que a situação do imperio, a continuar nas mãos da Grã-Bretanha a soberania maritima, era positivamente desesperada.

Recrudesceu em terras do kaiser o odio contra os inglezes. O plano, o famoso plano allemão de esmagar, fulminar, anniquilar os seus inimigos em poucos mezes soffria mais um rude e implacavel golpe: a Inglaterra oppunha-se a que ás tropas germanicas que operam no theatro oriental e occidental da guerra fosse enviado do estrangeiro qualquer especie de auxilio ou de recurso. A Allemanha vendo bem o tremendo alcance de tal resolução perdeu a linha, como familiarmente se costuma dizer. E apellou para o terror: os seus misteriosos submarinos envolveriam a Grã-Bretanha n'uma cadeia de ferro, evitando que do estrangeiro fosse enviado á população ingleza qualquer especie de recurso ou de auxilio. A Inglaterra pretendia vencer a Allemanha pela fome. Pois bem. A Allemanha saberia sujeitar pela fome a orgulhosa Inglaterra.

Logo, para semear o terror, notificação foi feita pelo governo de Berlim á navegação neutral que se não aventurasse nas aguas da zona perigosa, visto que, dado o abuso que o governo inglez consentia e aconselhava até de se disfarçarem os seus navios mercantes com pavilhões neutraes, seria facil um engano, e os barcos de commercio dos paizes amigos poderiam ser assim anniquilados pelos torpedos allemães.

Já n'estas columnas publicámos a energica nota com que os Estados Unidos da America do Norte responderam ao aviso. O submarino allemão tinha quando muito o direito, garantido pelas convenções internacionaes, de verificar nos navios de commercio encontrados no alto mar se transportavam ou não contrabando de guerra. E com a mais decidida energia, a nota *yankee* tornava absolutamente responsavel o governo allemão pela perda de qualquer vapor americano, sequer pela morte de qualquer cidadão dos Estados Unidos ainda que se encontrasse a bordo d'um paquete belligerante.

Replicou o governo de Berlim que as circumstancias actuaes não permittiam aos seus submarinos proceder ás taes indagações prévias. A maior parte dos paquetes inglezes erram actualmente os mares armada de canhões ligeiros. O submarino não póde approximar-se do navio para inquirir da sua nacionalidade ou da natureza da carga sem se arriscar a ser mettido no fundo por uma granada ou por uma simples bomba de mão.

O dito estava dito. Os navios inglezes seriam implacavelmente mettidos no fundo. E como muitos navios inglezes — na evidente intenção de indispor a Allemanha com os neutraes, commenta ingenuamente a *Vossische Zeitung*—se disfarçam e arvoram outros pavilhões, é impossivel excluir-se a hipothese de que um navio não belligerante seja mettido no fundo por engano. Um exemplo? A Allemanha apresentava um exemplo: ahi estava a Companhia Ingleza de Navegação *Harwichline* que tinha mandado pintar os seus vapores, de alto a baixo, tal qual como os navios hollandezes da carreira de Batavia.

De resto, a America que se acautelle, ponderavam ainda os allemães. E' natural que, ainda na intenção de crear ao imperio novas antipathias, dois ou trez submarinos inglezes mettam no fundo alguns navios neutraes, para que depois seja attribuida a aggressão á marinha germanica.

Os Estados Unidos não se commoveram. Na Allemanha mudou-se de tom, e a imprensa teutonica escreve já a respeito da America do Norte coisas bem desagradaveis. Dentro em pouco vêl-a-hemos insultar o povo *yankee*, «que tem fornecido incessantemente armas e munições aos exercitos alliados». D'ahi a uma nova guerra não dista um passo.

O governo germanico aggrava, pois, a situação do seu paiz em vez de a melhorar. A sua ameaça dos submarinos conseguiu quando muito nos primeiros momentos preoccupar alguns espiritos timoratos. Já lá vão quasi 15 dias depois do fatal dia 18, e a Inglaterra continúa normalmente a receber e a expedir navios de commercio. E quanto aos navios de commercio allemães nem um só se atreveu ainda a sahir dos portos de refugio. O pavilhão mercante da Allemanha continúa ausente em todos mares do globo.

Todos os dias, no imperio do kaiser, a situação peora. Já o pão não chega e a cerveja encareceu, a batata encareceu, a manteiga, os ovos, a carne — tudo encareceu. Vão escasseando os alimentos. No proximo outomno, dizem jornaes de além Rheno, a durar ainda a guerra, a Allemanha não terá que comer.

Por outro lado, os simptomas de descontentamento começam a notar-se aqui e além, por todo o territorio onde ha bem pouco ainda se não ouviam senão canções de enthusiasmo guerreiro contra a Inglaterra, contra a França e contra a Russia. Principiou por um movimento de indifferença, de lassidão, de neurasthenia. Agora já se podem constatar vagas tendencias de revolta.

E a disciplina? A famosa disciplina, rigida e severa, ter-se-ha mantido no exercito? A seguinte proclamação do commandante militar de Berlim esclarece perfeitamente a questão:

Como bastantes avisos e prevenções feitas pelas auctoridades e pela imprensa não tenham conseguido obter o necessario exito, determino por este meio, ao abrigo do § 9 da lei sobre o estado de sitio de 4 de junho do 1851, para valer na cidade de Berlim e em toda a provincia de Brandenburgo, o seguinte:

Nas casas de pasto e tabernas é prohibido fornecer aos militares de qualquer graduação, que se apresentem uniformisados, aguardente, licor, rhum, arrak, cognac ou qualquer bebida derivada d'estes, quer sejam reclamadas por esses militares quer por outra qualquer pessoa que lh'a deseje offerecer.

Entra em vigor no dia 19 de fevereiro.

A não observancia d'esta disposição implica prisão até um anno, ou o encerramento immediato do estabelecimento.

O commandante militar de Berlim

Von Kessel, coronel

***

Vê-se que a ameaça do bloqueio da Inglaterra por submarinos foi o ultimo *bluff* dos allemães.

COMMERCIO EXTERNO

A exportação de certos generos

é necessaria, porque abundam, e util porque representa a entrada de ouro

Foi ha dias publicado pelo ministerio das finanças um decreto auctorisando a exportação de certos generos e productos, que se exportaram sempre, e que, por abundarem no nosso paiz, tudo aconselha collocar no estrangeiro. Parece, todavia, que essa medida governativa não foi bem interpretada e que na sua execução alguns reparos teem surgido. São esses reparos que o sr. Herculano Galhardo, ministro das finanças e auctor do referido decreto, vae esclarecer.

—O decreto de 3 de agosto—diz o titular da referida pasta—prohibe a exportação de generos alimenticios, gados e combustiveis, com o fim de assegurar o abastecimento dos mercados do paiz e obstar ao aggravamento excessivo dos preços. Ora, a verdade é haver generos de que se exportavam importantes quantidades que não eram precisas para o consumo interno, representando esse facto uma entrada de ouro imprescindivel á regularisação da nossa balança economica.

«A prohibição da sahida d'esses generos influe desfavoravelmente no aggravamento do cambio e levaria á perda de mercados tradiccionaes, sem vantagens para o paiz. Assim, reconheci que se impunham medidas modificando o estado de coisas creado pela lei de 3 de agosto, sem, comtudo, perder de vista a necessidade de garantir o consumo interno em razoaveis condições de preço. Os ovos, por exemplo, de que sempre se fez grande exportação, podem continuar a sahir como outr'ora. Mas como é preciso impedir que a exportação d'este e de outros productos não se faça com exaggeros, entendeu o governo que era conveniente crear sobretaxas, que sirvam de correctivo á ganancia dos exportadores.

«Eis porque os ovos, o peixe fresco, salgado ou prensado, que sahirem de Portugal, pagarão de futuro um imposto supplementar, o qual vae, afinal, incidir mais sobre as differenças cambiaes do que sobre o preço das mercadorias. Com o meu decreto, creio que esta questão ficou satisfatoriamente resolvida, com tanto cuidado procurei attender os interesses de todos, pondo, é claro, em primeiro plano os do consumidor que, n'estes tempos de tão amargurada crise, não são os menos respeitaveis.

E' esta a justificação que, do seu decreto, auctorisando a sahida de varios productos e mercadorias, dá o sr. ministro das finanças. Ella é tão intuitiva que não deixará de destruir os reparos que ao seu decreto se teem feito.

NATURISMO

O acido urico

Quem viver de alimentos derivados «do sangue e do fogo» carrega o organismo de substancias estranhas e de acido urico principalmente.

O acido urico é produzido por todas as carnes e por todos os vegetaes cosinhados, em especial chá, café, chocolate, etc. E' interessante referir que, nas intrucções que acompanham um remedio afamado que se diz dissolvente do acido urico, vem esclarecido o problema que o grande medico inglez dr. Haig pôz a claro—prohibindo a quem o toma comer os alimentos ricos em purinas que são todos quantos o homem utilisa depois de passarem pelas mãos da cosinheira. Chá, café, cacau, carnes, peixes, feijão etc. eis os formadores do acido urico por excellencia. Quem os evitar, depois de fazer uma transição bem conduzida, livra-se da doença pois que o acido urico é a causa primordial das alterações celulares que geram as enfermidades do homem.

Guerra ao acido urico!—eis o grito dos higienistas que mais devia echoar aos ouvidos dos leitores amigos da saude. Se se tiver uma alimentação antitoxica e sem purinas, de fructos, nozes, raizes e folhas de plantas, o organismo vive em condições de pureza. E, apoz a libertação e renovamento protoplasmico, adquire uma vida nova, excelsa e pura.

O elixir de longa vida é simples: não comer alimentos que façam acido urico. Infelizmente, a alimentação do genero humano é cada vez mais geradora de acido urico e falta de saes nutritivos. Por tal motivo, a doença cada vez mais avassala a humanidade. Em nome da sciencia, venho clamar d'esta tribuna contra toda a dieta erronea. Poucos me ouvirão, mas isso não é motivo para que fique calado, escondendo para uso proprio e egoista uma verdade que é necessario divulgar. Liberte-se o organismo dos toxicos do sangue haverá ideias lucidas e clareza de espirito. Só assim...

Porto, (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Festa artistica de Angela Pinto

Depois d'amanhã, terça-feira, termina o praso de preferencia dos assignantes das «premières» de S. Carlos aos seus logares para a festa artistica de Angela Pinto que se realisa na sexta-feira, 19, com a 1.ª representação da celebre peça em 4 actos, de Augier, traducção do dr. Coelho de Carvalho, *A aventureira*, em que a distincta actriz faz o papel de protogonista. E' a todos os respeitos uma recita, que está despertando o maior enthusiasmo e que será uma noite de grande festa.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na Belgica e em França

PARIS, 6.—Communicação official de hoje ás 23 horas—Belgica—Na região das dunas a nossa artilharia executou bem e com muita efficacia tiros sobre as baterias pesadas de Westend. Ao norte de Arras, na região de Notre Dame de Lorette, os nossos contra-ataques continuaram a progredir. Os allemães, que tinham empenhado grandes effectivos, soffreram um revez serio. Na Champagne, no barranco a noroeste de Beauséjour, foi repelido um contra-ataque allemão. A chuva que cahiu durante todo o dia atrazou as operações. Na Alsacia os progressos realisados por nós nos Vosges, em Hartmannuillerkopf elevam-se a 300 metros de trincheiras allemãs. Na noite de 5 repelimos um contra-ataque em frente de Uffholz e fizémos ir pelos ares um deposito de munições. Em Cernay, na noite de 5 para 6, varremos os postos avançados inimigos que tentavam estabelecer-se em Sillakerkopf (contra-forte a leste de Hohneck).—(*Havas*).

Forças francezas no norte de Africa

PARIS, 6.—Uma communicação official do ministerio da guerra diz que, em virtude da situação dos Dardanellos e com o fim de fazer face a toda e qualquer eventualidade, o governo resolveu concentrar ao norte de Africa uma força expedicionaria. As tropas deverão estar promptas a embarcar á primeira voz para se dirigirem para o ponto onde a sua presença vier a ser exigida pelas circumstancias.—(*Havas*).

Os fortes de Smyrna bombardeados

ATHENAS, 6. — O bombardeamento dos fortes de Smyrna começou já. Os navios de guerra inglezes canhoneiam vivamente as baterias turças situadas no monte Dijo Adelfi. Ignoram-se os prejuizos causados pelo bombardeamento.—(*Havas.*)

O bombardeamento dos Dardanellos

PARIS, 6. — Uma communicação do ministerio da marinha diz que nos Dardanellos, no dia 5 do corrente, trez couraçados, collocados no golfo de Saros, bombardearam com tiros indirectos por cima da peninsula de Gallipoli os fortes turcos e o posto de Killidbahr que defendem a costa e a margem europeia do estreito n'uma passagem apertada entre esta ponta e a de Channak. O tiro era rectificado por 4 couraçados collocados nos Dardanellos. Os resultados do bombardeamento foram muito satisfatorios. O paiol d'um dos fortes foi pelos ares. Não foi attingido nenhum dos navios. N'outra parte, durante o mesmo dia 5, trez navios da esquadra alliada bombardearam a grande distancia o forte de Jassikale, no meio do golfo de Smyrna. O forte ficou gravemente avariado e não respondeu ao ataque.—(*Havas*).

A festa da arvore

E' celebrada com grande brilhantismo

Decorreu com grande enthusiasmo e brilho a festa da arvore hoje celebrada pelas escolas de Lisboa e arredores. Entre outras merecem especial menção a da escola municipal n.º 1 e a do Jardim Zoologico.

N'aquella escola, com uma numerosissima assistencia, iniciou-se a festa pelo himno nacional a duas vozes pelo orpheon das escolas 1, 27 e 28. Aberta a sessão solemne, a que presidiu o regente da escola 1, sr. Eugenio Castro Rodrigues, falaram esse professor e os srs. José Luiz Junior e Carlos Magalhães Ferraz, que fizeram a apologia do culto da arvore, em seguida ao que se procedeu á plantação de arvores no terreno annexo ao gimnasio, assistindo as 1:020 creanças das escolas 1, 27, 28 79 e Recreatorios Post-Escolares.

O orpheon entoou o himno da arvore, seguindo-se recitações de poesias pelas alumnas, merecendo especial menção a menina Maria das Neves Evangelista, que cantou «Boneca» e «Canções da Minh'alma», fechando a festa com exercicios de gimnastica pelos alumnos da escola 1 e pela «Portugueza» entoada pelas creanças.

Todas as dependencias da escola se encontravam vistosamente ornamentadas com flores e bandeiras.

No Jardim Zoologico, a festa realisada por iniciativa da sua direcção, com a collaboração de algumas escolas e estabelecimentos de ensino, revestiu o maior brilhantismo.

Logo de manhã começaram a chegar ao Jardim as seguintes escolas acompanhadas dos respectivos professores: Gremio Republicano de Alcantara, Escola 31 de Janeiro, escolas centraes n.os 13 e 26, Associação Protectora das Creanças, Escola Dr. Affonso Costa, Cantina Escolar da Parochia Civil Marquez de Pombal, acompanhada da banda 5 de Outubro, Instituto de Pupillos do Exercito e o grupo de estafetas da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1, que executou varios exercicios.

Foram plantadas seis arvores pelas escola central 13, Centro Dr. Affonso Costa, Gremio Republicano de Alcantara e Instituto de Pupillos do Exercito, entoando as creanças o himno da arvore e outros.

Durante a tarde tocaram no coreto as bandas de infantaria 2 e 5 e a banda 5 de Outubro.

As entradas no Jardim foram approximadamente em numero de 4:500.

O festival hippico em Palhavã

Em Palhavã vae realisar-se uma das mais brilhantes festas de hippismo. O fim da festa—angariar soccorros para os feridos—era só de per si sufficiente para chamar concorrencia, mas a Sociedade Hippica Portugueza, que promove e organisa o festival, caprichou em apresentar um programma bom e compol-o com as trez magnificas provas a que já nos referimos. Espera-se que as bandas da guarda republicana e de marinheiros tomem parte na festa, como já estava assente antes da ultima transferencia.

A inscripção de concorrentes é larga e inclue os nomes dos nossos cavalleiros mais conhecidos e premiados. Na séde da sociedade, rua Ivens, 56, continúa a marcação de logares.

A situação politica

Protestando contra a dictadura —Saudações ao Congresso

A junta de parochia civil de Alcantara, na sua sessão de hoje, approvou por unanimidade a seguinte moção, apresentada pelo vogal sr. Almeida Santos:

«Considerando que o procedimento do governo Pimenta de Castro é a negação pura e completa da Constituição Politica da Republica Portugueza;

Considerando que só é devida obediencia e acatamento ás leis votadas pelo mais alto poder do Estado—o poder legislativo—e ás disposições da Constituição, e, finalmente,

Considerando que o povo d'Alcantara, representado por esta corporação, de tradições tão liberaes como patrioticas, e independente das suas affirmações anteriormente feitas, não póde nem deve ficar silencioso perante a actual situação nacional que só nos vexa e deprime perante o mundo como paiz civilisado e Republica moderna, resolve:

1.º — Só acatar leis votadas pelo Congresso da Republica, como já anteriormente o resolvera.

2.º—Saudar todos os deputados e senadores que tomaram parte na historica sessão do passado dia 4 que assim demonstraram ser verdadeiros e desinteressados republicanos e descendentes dos portuguezes d'outr'ora.

3.º—Protestar vehementemente contra a arbitrariedade governativa em não permittir que os representantes da nação se reunissem no edificio do Congresso.

4.º—Enviar immediatamente copia d'esta moção ao sr. presidente da Republica para que s. ex.ª tenha conhecimento do que pensa o povo republicano e por consequencia o que pensa e quer o paiz.

VILLA NOVA DE FOZCOA, 4. — A commissão executiva da camara municipal resolveu protestar contra todos os decretos dictatoriaes, fazendo votos por que se respeite a Constituição.

Por não concordar com a attitude do governo, pediu a exoneração de administrador do concelho o sr. Leopoldo de Sousa Ferreira, que teve despedida muito affectuosa e concorrida e que deixa aqui muitas simpathias pela rectidão e imparcialidade com que exerceu o seu logar.

Os republicanos reuniram para protestar contra o assassinio do deputado sr. Henrique Cardoso e prestar-lhe a sua homenagem.

TONDELLA, 6.—Tomou posse do logar de administrador do concelho o sr. dr. Jorge Valle, muito considerado e estimado aqui, tendo assistido ao acto grande numero de pessoas e proferindo-se discursos.

FARO, 6.—A commissão executiva da camara municipal de Faro, na sua sessão de hoje, approvou a seguinte moção apresentada pelo seu presidente, sr. João Pedro de Sousa:

«A commissão executiva da camara municipal de Faro, reunida em sessão ordinaria, apoia a attitude patriotica do Congresso da Republica, protesta indignadamente contra as usurpações e violencias que lhe são feitas e resolve repellir todas as resoluções inconstitucionaes que tenham sido e continuem a ser publicadas pelo governo. Approva a attitude do seu presidente, que, interpretando o sentir da commissão executiva, não tem até hoje reconhecido os actos dictatoriaes do actual ministerio, e resolve ainda promover urgentemente a convocação de toda a camara e juntas de parochia, a fim de, em uma sessão plenaria, esses corpos administrativos se pronunciarem sobre o mesmo assumpto».

Fogo a bordo

Os passageiros e a tripulação do «La Touraine» salvam-se

PARIS, 6.—A Companhia Transatlantica recebeu do Lloyd um telegramma participando-lhe que ás 6,30 da manhã se declarára um incendio a bordo do transatlantico *La Touraine*, a 800 milhas do Havre. Em volta do navio acham-se varios vapores, notando-se principalmente o *Rotterdam*, *Arabic Swanmore e Cornishman*.—(*Havas*).

NOVA YORK, 6.—Os centros maritimos annunciam que todos os passageiros e a tripulação do paquete *La Touraine* estão salvos.—(*Havas*).

No Alto do Pina

assaltam-se padarias

Na estrada de Chellas

rouba-se carvão de coke

Hoje de manhã, sahiram do governo civil sete guardas do piquete sob as ordens do arvorado 801, que foram de automovel juntar-se aos seus collegas da esquadra do Alto do Pina, visto que na rua Barão de Sabrosa se haviam postado grupos de populares em attitude hostil. Effectivamente, pouco depois das 9 horas, esses grupos assaltaram as duas padarias existentes n'aquella rua quebrando vidros e levando o pão que encontraram, bem como outros objectos. Como recebessem hostilmente a policia, foi requisitada força da guarda republicana que se não fez esperar, pondo os assaltantes em fuga, não sem primeiro distribuir algumas espadeiradas.

Horas depois algumas mulheres andaram pelo sitio vendendo pão do kilo a meio tostão cada.

As immediações da esquadra e ruas proximas foram até bastante tarde rigorosamente policiadas, na previsão de novos assaltos.

Pouco depois das dez horas, do 1.º posto da 21.ª esquadra pediam a toda a pressa auxilio, partindo para ali, no mesmo automovel os guardas 1.623 e 1442 do governo civil e mais 3 guardas do Arieiro com o respectivo commandante.

Ha uma semana que vinte e duas carroças andam transportando de varias fragatas que estão á descarga no Caes de Xabregas, para a fabrica de polvora em Chellas, grande porção de carvão mineral.

Hontem, porém, algumas d'estas carroças foram assaltadas, e hoje, uns cem individuos, espalhando-se em grupos de 4 e 5 desde o Asilo D. Maria Pia até á ponte do Lavado, ao longo da comprida e torcicolada estrada de Chellas, trataram de assaltar as carroças, aggredindo os carroceiros, tirando os taipaes da retaguarda e roubando pedras de carvão que iam mettendo em saccos, para vender a varios receptadores do sitio. Claro que, logo que a policia chegou, elles se puzeram em fuga, tendo sido impossivel prendel-os. Calcula-se em cinco tonelladas o carvão desapparecido.

Os guardas, sob as ordens dos cabos Ribeiro e Oliveira, passaram depois varias buscas, uma d'ellas a casa de um ferro-velho de nome Felismino Ferreira Prim, onde foi encontrada uma porção de carvão, havendo sérias suspeitas de ainda lá haver mais. Por esse motivo, foi preso um rapaz de nome Aguinaldo de Oliveira, caixeiro do ferro-velho, que declarou ter comprado *uns doze kilos* a uns petizes que lh'o foram vender, a dez réis o kilo.

O estabelecimento do Prim fica na Horta das Cannas, ao beco dos Toucinheiros.

Pela tarde, a ordem estava completamente restabelecida, continuando as buscas.

***

A' hora de fecharmos o nosso jornal somos informados de que a policia encontrou quatro toneladas nos depositos de ferro-velho do Prim e onze saccas na mercearia de Manuel Fernandes, na estrada de Chellas, 5, 7 e 9, desconfiando que o carvão restante se encontra em casa de um tal José Inglez com estabelecimento na estrada da antiga circumvallação.

NOTAS DIVERSAS

Chegou a S. Thomé e partiu para Frectown a canhoneira «Beira».

Os cultivadores de ananazes da ilha de S. Miguel pediram ao ministerio do fomento, por intermedio do governador civil, para serem isentos do augmento de 10 0|0 nos embarques concedido á Empreza Insulana de Navegação, em virtude da crise que estão atravessando.

MUSICA

Concerto da Orchestra Simphonica Portugueza

Festa artistica de Blanch. Pela quarta vez tiveram os amigos e admiradores do grande regente ensejo de o applaudir e de lhe manifestar quanto o estimam e admiram. Ha tres annos que se realisou a primeira festa artistica no theatro da Republica: lembramo-nos como se fôsse hontem, esse final da primeira campanha simphonica, ainda tão vacilante e incerta; executou a orchestra, n'esse dia, pela primeira vez, a 5.ª *Simphonia*. Que caminho percorrido! Que distancia enorme a que vae d'essa execução ás de hoje! E' que Blanch é o regente, o director da orchestra, o conductor de homens com todas as qualidades para o ser: e por isso, e porque tambem é um artista, no grande e bom sentido do termo, a sua ancia de perfeição não o deixa descansar, de cada vez mais cuidados os trechos, de cada vez mais rigorosas as interpretações. E foi assim que elle construiu esse complexo e delicado instrumento que é uma orchestra, construcção toda feita de trabalhosa paciencia, por assim dizer peça por peça, pois raros eram os elementos seguros com que ao principio podia contar. Mas venceu, e é isso o que importa: venceu mesmo com grandeza, e o seu passado é penhor bastante para que tenhamos a certeza de que não dormirá á sombra dos louros colhidos, antes continuará ascendendo no caminho da perfeição, cujo fim nunca, infelizmente, se attinge.

Quiz Blanch, por gentil delicadeza abrir o seu concerto por uma obra nacional, da auctoria d'um dos executantes da sua orchestra; e assim foi que o concerto começou por uma *suite*, *Em Dia de Romaria*, de Antonio Eduardo Ferreira.

Este problema da execução das composições dos novos é na realidade grave e difficil; as suas obras devem executar-se, mas são em regra descabidas aos programmas de concertos simphonicos em que figuram as melhores composições, ainda que tendo algum talento, elle somme-se, apaga-se, ao confronto directo e terrivel dos trechos dos Mestres. Afigura-se-nos que o melhor, mesmo para os proprios interessados, seria organisar concertos exclusivos das suas peças, o que, além de não causar decepções ao publico, tornaria facil a este o descobrir o merito relativo de cada um dos outros. Assim no caso de hoje, a *suite* de Antonio Eduardo Ferreira, que se filia no genero descritivo, não seria esmagada pelo confronto immediato d'essa bella pagina do mesmo genero, *Sadko*, de Rimzki-Korsakoff, que a seguir se executou.

No *Dia da Romaria* não ha fundo, nem solidez de construcção harmonica que possam resistir a taes comparações, nem mesmo sem comparações; ha em todo o caso uma certa inspiração na *Oração da Tarde* e na *Serenata*, que, n'esta ultima, não seria difficil aproveitar melhor.

Na segunda parte, executou a orchestra o *Scherzo* do *Sonho d'uma Noite de Verão*, com grande leveza e perfeição, e a abertura n.º 3 da *Leonor* de Beethoven; do já vasto reportorio da orchestra, em que ha muitas execuções estimaveis, e algumas boas, sem favor, nenhuma excede esta; de cada vez a batuta de Blanch mais a aperfeiçoa e eleva, de modo a arrebatar mesmo aquelles que, por obrigatoria prevenção, não teem o enthusiasmo facil.

Ainda n'esta parte teve o publico uma revelação. M.elle Yvonne Dupuy, primeiro violino chefe-de-fila da orchestra, apresentou-se como solista; e em boa hora o fez, pois não deve occultar-se quem assim possue tão solidas e bellas qualidades; perfeição technica, pureza ideal de som, correcção e sobriedade de estilo, tuda a discipula de Blanch tem, de maneira a maravilhar na linda *Romanza* em fá de Beethoven; *A Abelha* de Schubert, que a seguir tocou, foi bisada no meio de enthusiasticos applausos.

Na terceira parte, as duas grandes paginas simphonicas do *Anel*, *Morte de Siegfried* e *Cavalgada das Walkirias* tiveram a explendida execução dos anteriores concertos.

Tal foi a festa de Pedro Blanch, o grande e benemerito regente, a quem *aqui mais uma* vez applaudimos; applausos que não só traduzem a admiração que temos pelo artista, mas a gratidão que devemos ao fundador dos concertos simphonicos em Lisboa.

H. de A.

Expedições ao sul de Angola

O paquete «Venezia», conduzindo solipedes, chegou a Loanda, seguindo d'alli para o Lobito, depois de n'elle ter embarcado a 11.ª companhia de infantaria 20.

Não havia novidade a bordo.

PEQUENAS NOTICIAS

Por se lhe terem aggravado os ferimentos, recolheu á enfermaria n.º 11 do hospital de S. José Branca Duarte Rosa, que em 19 de janeiro findo foi aggredida com seis facadas por seu marido, Pedro Rosa.

—Na ultima semana foram multados 22 commerciantes armazenistas e 16 lojistas, subindo a importancia das multas a 600 escudos, por terem augmentado os preços dos generos, desrespeitando assim a tabella da policia.

União dos Empregados no Commercio

A assembleia geral hoje reunida approvou o projecto de regulamentação de horas de trabalho no commercio elaborado por uma commissão, projecto que vae ser entregue á commissão eleita pela camara municipal para tal fim.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas

A questão das subsistencias

Diminuiu muito em todas as padarias o consumo do pão de luxo, que subiu de preço, augmentando o de qualidade inferior e o de semeas, que conserva o antigo preço.

Está sanada a questão dos empregados do Matadouro. A'manhã continúa a matança. O governador civil espera tambem harmonisar os donos dos talhos para que vendam a carne a preço egual.

A festa da arvore

Todas as escolas da cidade celebraram com grande brilhantismo a festa da Arvore.

Para Paris

Seguiu hontem para Paris a fim de fazer acquisição das ultimas novidades em chapeus modelos, o socio gerente da firma Viegas & C.ª, proprietarios da Arcada de Lisboa, da rua do Carmo, 85.

SPORT

O maior elemento para o triumpho na vida é a força corporea

O tipo mais elevado do selvagem era perfeito na fórma, desembaraçado nos movimentos, com vista penetrante e braço forte. Sentia nas veias borbulhar a vida, a alegria do mero vigor contrahia-lhe os musculos, o instincto da simples saude enobrecia-lhe os movimentos. Se levar a educação phisica a um grau extenso é possivel que o seu irmão civilisado attinja o mesmo apuro no requinte intellectual.

Demonstra-se á evidencia que o desenvolvimento das faculdades do homem que são devidamente chamadas as mais nobres não acarreta só vantagens. O progresso é tão rapido e os habitos da vida quotidiana são tão oppressivos, que ha tendencia para não reparar no facto de que o homem não pode viver só do pão intellectual; os pequenitos são ensinados a ler, mal podem soletrar, e a escrever logo que podem segurar nas mão uma pena. Na escola são forçados e creados como plantas de estufa e, quando já teem edade bastante para tomarem o seu logar na carreira da vida, apodera-se logo d'elles a febre da concorrencia e o prurido das emprezas incessantes.

Vae-se, comtudo, tornando obvio que um grande elemento de triumpho na vida é a força corporea e que aquelle que possue todos os predicados mentaes e o mais fino apuro intellectual pode achar que ainda lhe falta a unica coisa necessaria. A saude e a rubostez, habilitam a trabalhar com vigor e desembaraço, a atravessar incolume periodos de desusada labuta, a affrontar os males da fadiga, a conservar a clareza e acume do entendimento quando os mais estão extenuados, enfadados e incertos, e a avançar ainda para a frente quando os outros cahiram na lucta.

Bem fará quem ainda conservar no meio da sua vida da cidade algumas das qualidades dos homens do campo. Reconhecerá que a força muscular e bons pulmões não são destituidos de valor, ainda quando já não dependa da destreza do caçador para sua diaria sustentação. Os attributos do caçador e do maritimo são taes que não podem deixar de prestar serviço, até na existencia mais obscura, no deserto de uma grande cidade.

Hoje reconhece-se mais ou menos claramente que não ha pericia, saber, grandeza intellectual que exerçam toda a sua influencia sem um certo grau de capacidade phisica no individuo.

(*do livro* Educação Phisica)

***

Nota do dia

O 40.º anniversario de um club

Recebemos hontem a carta de C. F., um dos mais dedicados amigos do Gimnasio Club Portuguez, dando-nos um alvitre sobre a maneira de commemorar o 40.º anniversario. E' uma bella ideia e julgamos dizel-o com absoluta certeza, porque já hoje recebemos cartas de applauso e de incitamento.

Vingará a ideia?

***

Algumas anecdotas

Como ficou enganado o publico e como um emprezario soffreu o «bluff»

Os jornaes francezes annunciavam que o celebre Jack Johnson, campeão do mundo, tinha chegado a Bruxellas e ia fazer uma exhibição de box no circo do americano Bostock.

Os jornaes belgas e, principalmente, os da capital. reservavam o logar de honra á sensacional noticia, dando a biographia do negro.

Na noite annunciada, o circo encheu-se completamente, custando os logares mais baratos 2 francos e os mais caros 50. A entrada do campeão fez-se no meio de uma ovação enthusiastica Era um bello negro, musculoso, athletico, com a cabeça rapada á navalha. Entrou no ring, *com o torso nu as pernas cobertas com uma malha azul. Vinha rodeado pelo arbitro, pelo commissario de policia e alguns guardas. O burgomestre receiando uma carnificina semelhante á do* match *com Jeffries, prohibira todo o combate a serio, e permittia apenas uma exhibição e demonstração de golpes. O publico, ao saber que não teria sangue, que não veria costellas partidas, olhos arrancados, dentes esmigalhados, sentiu-se ludibriado e rompeu em grita ensurdecedora, reclamando o seu dinheiro. O tumulto foi serenando, comtudo, e o celebre campeão do mundo começou a medir-se com umh serie de adversarios, baixos, altos, magros, gordos, para todos os gostos, emfim. Entre elles estava o campeão da Belgica. O negro foi mascando a sua gomma arabica e o cinematographo trabalhando, pois os belgas não queriam sentir-se inferiores aos americanos.*

A's 11 horas acabou a demonstração, no meio de applausos sem fim, sendo Johnson escoltado até ao camarim por todos os boxeurs belgas. Philarmonicas da cidade acompanharam o negro, que foi levado em triumpho até ao hotel. Emfim, uma apotheose, que era a consagração definitiva do campeão pela Europa.

Antes da apparição de Johnson, algumas vozes se elevaram, duvidando da authenticidade do negro.

Mas offereciam-se 5:000 francos ao homem que conseguisse resistir-lhe e, sobretudo o emprezario era um americano, que não se deixaria enganar facilmente.

Ora, desde que fôra publicada a noticia da chegada de Johnson a Bruxellas, toda a gente que não é absolutamente ignorante n'essas questões começou de estranhar que o negro viesse á Belgica para se exhibir só uma noite, quando tinha contractos vantajosissimos na America. Além d'isto, o contracto de Bruxellas rezava que Johnson teria uma percentagem na receita e nada mais. Os honorarios do negro, na America, eram de tal forma elevados que só por uma complacencia e por uma simpathia verdadeiramente inexplicaveis pela Belgica é que se admittia que o celebre pugilista fizesse uma longa viagem para se exhibir um só dia, ganhando 5, quando, sem sahir do seu paiz, podia ganhar 500!

A explicação veiu breve e... dolorosa para muitos. O negro de Bruxellas não passava de um incomparavel farcista. Logo no dia seguinte á demonstração, o emprezario Bostock fazia uma queixa perante o commissariado de policia, accusando o negro de fraude, pois não era aquelle por quem se tinha apresentado. Chamado á presença do commissario, o pseudo-campeão do mundo teve de confessar que não passava de «Jim Batling Johnson, futuro campeão do mundo», que tal era o que estava impresso nos seus cartões de visita. E só então começaram a comparar Johnson n.º 1 com Johnson n.º 2. O primeiro, o authentico, é um negro amarello, isto é, com uma côr de pelle semelhante á dos mulatos; os lisboetas já o viram ha dias. O outro, o mistificador, é negro retinto, como se diz dos touros, nas resenhas. O commissario teve de deixar o homem em liberdade, pois elle affirmava ter-se annunciado sempre com o verdadeiro nome de Jim Johnson, não tendo culpa de que os reclames o dêssem como o contendor de Jeffries, quando elle, coitado, com uma modestia que commovia até ás lagrimas, se limitava a denominar-se «futuro campeão do mundo».

Os «sportsmen» de Bruxellas ficaram de orelha cahida, ao lembrarem-se de tanto foguete, tanto viva, tanta philarmonica, tanto enthusiasmo... para redundar tudo em fiasco tão lamentavel.

A innocencia d'um conego

O conego Azeredo era um santo velho, excellente sacerdote, muito zeloso e cumpridor dos seus deveres, e cheio de escrupulos. Vivia no campo, onde era capellão d'uma familia abastada, e habitava uma pequena casa, ao fim da quinta, com sua irmã Eugenia, mais velha do que elle um bom par de annos, e tão ingenua creatura como o seu reverendo irmão.

O conego tinha a palavra facil e gostava de a exercitar. Por isso, ao primeiro Evangelho da missa dominical impingia aos fieis uma pratica devota, que elle tinha por ser para as almas de effeito muito salutar, e que era geralmente escutada distrahidamente e com frequencia despertava sorrisos ou bocejos.

Uma vez escolhia para thema os deveres do casamento e, dando o melhor e mais ingenuo sentido á phrase, exclamava: «A mulher foi creada para deleite do homem». E depois entrava de explicar o dito com a mesma innocencia com que o pronunciára. Mas o auditorio, que tinha toda a malicia que faltava ao bom velho, tomava a phrase á sua conta e affligia-o depois com ella.

Um dia recebeu o conego a noticia de que lhe morrera uma irmã casada, que tinha na terra. Mandou vir a sobrinha que ficára orphã e procurou arranjar-lhe emprego na capital. Não o conseguindo promptamente, lembrou-se de comprar o *Diario de Noticias* para vêr se nos annuncios deparava com commodo que pudesse servir á rapariga. Esta e a tia, sentadas em baixas cadeiras de palhinha, dobavam umas meadas de lã, emquanto o padre, com os oculos suspensos na ponta do nariz, lia os annuncios solemnemente, tomando a espaços a tradicional pitada e passando pelo nariz o vistoso lenço vermelho de seda da China.

—Ora até que emfim!—exclamou elle com satisfação.— Cá vem uma coisa que parece estar mesmo ao pintar para a pequena.

E leu:

«Cavalheiro da maxima respeitabilidade precisa senhora de vinte a vinte e cinco annos para governar a sua casa. Dão-se bons interesses, mas não se desejam visitas».

—Sim — commentou a mana — visto que o annuncio diz que é pessoa digna, não ha duvida... Isso deve servir-lhe.

E os bons velhos e a sobrinha passaram o resto do dia bemdizendo a Providencia que lhe tinha deparado tão bom emprego. Na manhã seguinte, a rapariga metteu-se no comboio. vindo até á estação acompanhada pelos tios, e dirigiu-se á morada indicada. As propostas que ali lhe fizeram tiveram como resultado o ella erguer-se da cadeira em que estava sentada, deitar a correr pela escada abaixo e só parar na estação para retomar o primeiro comboio. Ninguem tivera para ella o menor gesto de offensa, mas as palavras que ouvira trouxeram-na rubra de pejo e debulhada em lagrimas, aos bancos da estação.

Quando chegou a casa, os tios acabavam de jantar. Vendo a sobrinha n'aquelle estado, perguntaram afflictivamente a causa que a desolava.

Ella contou.

Então o conego soltou exclamações de espanto e, emquanto a mana se benzia indignada, elle erguia os braços ao ceu. A sobrinha continuava a carpir-se.

—A que chega a podridão do mundo, meu Deus! Intitular-se *respeitavel* um homem assim!

N'isto, bateram á porta. Era um filho da familia de que elle era capellão. Vinha passar as ferias á quinta e a mãe mandara-o cumprimentar o conego. Este aproveitou a occasião de lhe dizer que Lisboa estava peor do que as biblicas cidades de Sodoma e Gomorrha e que não se admirava que sobre os portuguezes baixasse o castigo de Deus.

O estudante, que era garoto, aconselhou:

—O padre é que deve ir a Lisboa arranjar casa a sua sobrinha. N'uma semana, quando muito, deve conseguir o que deseja.

—Eu lhe digo, as comidas do hotel não se me dão bem com o estomago...

—Mas vá para a casa onde eu estou hospedado. E' de um padre e passa-se lá muito bem.

O conego acceitou o alvitre mas, duas horas depois de entrar na casa que o estudante lhe indicára, fugia espavorido como tinha fugido a sobrinha.

O seu hospedeiro comia carne á sexta feira, tinha uma governante bonita e não conhecia escrupulos de especie alguma.

O bom padre foi para casa fazer penitencia do que vira e do que ouvira, e resolveu conservar a sobrinha junto de si para lhe guardar a pureza de coração.

Mais tarde, concluido o curso, o estudante casou com ella. Mas quando falou em começar por Lisboa a sua viagem de nupcias, encontrou no conego uma opposição tenaz.

—Aquillo é a escola da perdição: se a minha sobrinha lá volta nunca mais a quero ver.

Os noivos marcaram o seu itinerario pelo Porto e, quando voltaram para casa, não falaram em Lisboa que pelo conego, depois que lá fôra, nunca mais foi chamada assim. Era Gomorrha!

Felizmente, ainda no seculo XX se encontram almas innocentes sem ser por estupidez.

Maria O'Neill.

Protecção á infancia

Vestindo creanças pobres

A commissão organisada pelo jornal «A Humanidade» para vestir creanças pobres realisa no dia 21 um espectaculo no antigo theatro Taborda, com um attrahente programma. Os bilhetes encontram-se á venda na redacção d'esse jornal, rua da Infancia á Graça, 52.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—Não ha espectaculo.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA— A's 21— A Garota.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — Não ha espectaculo.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.—Recita da moda.

Agenda da semana

AMANHA — **Avenida** — Estreia do novo quadro *Aqui d'el-rei* na revista *Ceu azul.*

TERÇA-FEIRA — **Politeama** —Recita do actor Azevedo—*O diabrete*, de Romain Coolus.

QUINTA FEIRA—**Apollo**—Reapparição da companhia Ruas—*A aguia negra* em sessões.

***

Ao correr da penna

São historicas as dissensões entre Nietsche e Wagner. No entanto o mais terrivel inimigo do maestro allemão foi Rossini. Até ao ultimo momento da sua vida o grande artista italiano não deixou de crivar de ironias a obra do auctor da tetralogia. Eram duas escolas em presença e Rossini accrescentava ainda ás suas convicções artisticas uma profunda antipathia pessoal por Wagner.

Um bello dia, uns amigos vão encontral-o esgrimindo com o piano e fazendo um charivari infernal. Sobre a estante uma partitura aberta e Rossini dando mostras de querer decifral-a.

—Que é isso? — pergunta uma das visitas.

—E' um trecho de Wagner. Já o toquei de traz para deante. Não o entendi e, supondo que me tinha enganado, estava tentando tocal-o de deante para traz.

D'outra vez, Rossini annunciou o projecto de mudar de casa e de ir residir para um arredor de Paris n'uma vivenda muito perto d'uma estação de caminho de ferro. A alguem que lhe apontava o inconveniente para o seu trabalho d'essa má visinhança, Rossini respondeu sorrindo:

—Ah! meu amigo! Quem assistiu á primeira representação do Tanhauser *tem o ouvido couraçado contra os peores assobios.*

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Entrou em ensaios no S. Carlos a peça de Molnar *O Diabo*, traducção de Gualdino Gomes. Esta peça foi representada entre nós por Zacconi.

● O actor Augusto Machado faz parte da *tournée* que Chaby Pinheiro organisou para a provincia.

● Vae entrar em ensaios no Gimnasio a farça em 1 acto, de Ernesto Rodrigues e João Bastos, *Casa com escriptos*, representada no theatro Republica.

● Os ensaios de apuro do *Fado e maxixe* começam na proxima terça-feira no theatro Apollo.

Circos & Music-halls

Indecisões e nervosismo da vespera...

Encontrámos, ha pouco, o gimnasta Manuel Correia. Vinha do Coliseu, do seu ultimo ensaio.

No seu *facies* havia qualquer coisa que denotava uma lucta intima, uma agitação especial, que passa despercebida á grande massa mas que se denuncia aos amigos de todos os dias.

—E' verdade, ando nervoso. Não sei como aquillo sahirá ámanhã, mais a mais, em recita da moda, com o seu publico, tão exigente e tão avaro de applausos...

—Mas o numero não está certo?

—Está e temos a certeza de que não falha o que possue *passagens* novas e de muito effeito. O Martyres está quasi curado e já *remonta* bem em todos os saltos de trapezio para trapezio. Hoje, por exemplo, deu um bello *mortal* para os dois «triangulos» e um outro *mortal* para um triangulo apenas! Mas...

—Mas, o que?

—Apesar do numero ser regular, de ter bons exercicios, de ter sido bem combinado por um bello artista, que é o nosso Awata,... sim, apezar de tudo, causa-nos um certo receio porque é uma estreia...

—Não é...,

—Effectivamente não é em trabalho de *voos*, mas é para a vida profissional, que tem muitas responsabilidades...

Estas indecisões e este nervosismo todos o sentiram em circumstancias identicas. E só não soffreu identicamente o que nunca soube o que era pundenor e brio pessoal...

Noticias

Entre nós

E' para o Salão Foz que veem trabalhar os duetistas Borignardis, que estavam em Londres. O dueto é composto por um artista italiano muito conhecido dos lisboetas e por uma cantora que ha annos se afastou de Portugal e é portugueza.

—Para o espectaculo de ámanhã no Coliseu dos Recreios já hoje estavam vendidos quasi todos os camarotes de 1.ª ordem e fauteuils! No programma, figuram ainda os 25 Persas e os Fredianis e dá-se a novidade dos *voadores* portuguezes Manuel Correia e Carlos Martyres.

—O Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora recomeça os seus espectaculos cinematographicos no principio do proximo mez.

—O theatro Politeama deve começar a sua exploração de «variedades» ainda este mez.

—No Cinema-Theatro da Amadora effectua-se, na noite de sabbado, 13, um sarau seguido de baile.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— O sonho domosquito.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia do papel do Prado

Para discussão das contas e parecer do conselho fiscal e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral no dia 15, ás 20 e meia horas, no escriptorio, rua dos Fanqueiros, 272. A direcção propõe que ao saldo da conta de ganhos e perdas, na importancia de 20.115$67,5, se dê a seguinte applicação: para dividendo de 5 0[0, livre de imposto de rendimento, 18.000$00, e para conta nova 2.115$67,5.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Um retrato do condestavel D. Nuno Alvares Pereira»

O distincto e erudito investigador sr. A. de Gusmão Navarro acaba de trazer a lume, em separata do *Tombo historico genealogico de Portugal*, o estudo interessante que publicou na mencionada revista sobre «Um retrato do condestavel D. Nuno Alvares Pereira». O opusculo reproduz em photogravura o dito retrato bem como a fachada da egreja das Carmelitas, em Moura, onde elle se encontra.

PEQUENAS NOTICIAS

O *Boletim Commercial* relativo a janeiro findo traz, entre outras materias, os relatorios dos nossos consules em Buenos Ayres, Sicilia, Bangkok, Japão, Boston, Tenerife, Marselha, Bahia, Newport e Canadá.

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata «Sequana» (Brazil)...	8
Brazil e R. Prata «Hollandia» (Amstd.)	8
Lour. Marq. Beira, etc. «Castilian» (Liv.)	8
Marselha, etc. «Ile Reunion» (N. York)	9
Africa occident., via Madeira «Loanda»	10
P., B., R. J. e Sant. «Maasland» (Am.)...	10
R. J. e R. Prata «Demerara» (Liverp.)..	11
Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.)..	11
Liverpool «Atalmalpa» (Pará)...............	11
Amsterdam, etc. «Tubantia» (Brazil)....	1[illegible]

suas enormes manifestações é mais ridiculo que assustador: são mais os movimentos amorphos d'um monstro acephalo do que o impulso d'um organismo energico e consciente.

Ouçamos a descripção que um escriptor faz d'uma d'essas manifestações:

«No parque de Triptow, de cima de quinze carros forrados de vermelho, cincoenta oradores falaram. A perder de vista estende-se uma multidão compacta: duzentas mil pessôas, dizem os jornaes socialistas, noventa mil, confessa a policia.

«Ouvem-se toques de clarins. Faz-se immediatamente profundo silencio. Os pontifices leem uma formula com a uncção que convém a uma nova religião. Cem mil braços se erguem para o ceu; cem mil mãos formam por sobre a multidão escura como que uma orla branca banhada de sol. Que faz essa boa gente? Jura conquistar as liberdades politicas, mesmo com risco de vida.

«O momento é solemne. No castello, ha uma certa emoção. Seria possivel a revolução? O pateo do palacio regorgita de tropas; metralhadoras estão assestadas; as pontes estão obstruidas. Será 1789 ou 1830?

«De subito, a enorme multidão movimenta-se e dispersa-se, soltando gritos de terror. Bastou uma centena de policias cahindo sobre ella a murro, a pontapé, á sabrada, para a pôr em debandada, sem encontrar sequer velleidade de resistencia.»

No momento decisivo, o velho servilismo nacional reapparece ainda e supera até a violencia das paixões e a energia individual. Essa gente pode ser valorosa, mas os soldados só se batem pelo rei e quando teem quem os commande.

O receio do socialismo como corpo politico não é, pois, uma das causas immediatas da guerra. Mas o perigo da cessação do trabalho, a apprehensão da miseria extrema cahindo sobre um povo habituado ao bem estar e resumindo todo o seu esforço n'uma questão de subsistencias, obsediava constantemente o espirito dos dirigentes allemães.

O verdadeiro poder de acção do socialismo é uma especie de «chantage», agitando o espectro da fome. D'ahi, os seus successos perante os eleitores, d'ahi esse poder eleitoral que, sem o tornar senhor do paiz, invadia as bancadas do Reichstag e se vangloriava de arrancar o poder ao partido agrario e aristocrata. Ainda n'isso, apenas havia uma questão de estomago, uma rivalidade de bem estar, concorrencia de ventres. Os Gracchos allemães ameaçavam a aristocracia territorial. Os 111 deputados socialistas appareciam como a vanguarda da conquista proletaria.

Os aristocratas tremiam pelos seus interesses, pela sua fortuna, pelas suas heranças. A corôa, collocada entre os que possuiam e os que cobiçavam, via-se forçada a pronunciar-se. E' incontestavel que o embaraço da escolha, a perspectiva de uma nova dissolução com eleições mais violentamente socialistas, devem ter contribuido para levar o governo imperial á unica solução das grandes crises internas: a guerra.

As difficuldades inherentes á constituição do imperio, as impossibilidades de existir não são apenas de ordem politica, economica ou social; dependem tambem da historia, da geographia, da religião. A nacionalidade allemã está unificada, os seus componentes não o estão. Entre as causas da guerra actual talvez haja um ultimo esforço do regionalismo antigo tentando vir á superficie. A Allemanha é uma nação que, tomando por norma o passado, encontrará a sua fórma definitiva, não na centralisação, mas na confederação.

Uma lucta surda occulta sob as fórmas concretas do protocollo official, subsiste entre as antigas corporações politicas e o novo mechanismo imperial, que não soube adaptar-se. Na historia da França esse debate durou seculos e pôz muitas vezes em perigo a existencia da nação e a realeza. Não é, pois, para admirar que o mesmo se dê na Al-

se vigorosamente, mesmo correndo os riscos d'um conflicto. O estado de guerra, a que todos os acontecimentos do Oriente habituam os espiritos ha dois annos, surge, não já como uma probabilidade longinqua, mas como uma solução ás difficuldades politicas e economicas que tendem a aggravar-se dia a dia».

Havia dez annos que as despezas militares augmentavam com uma obstinação premeditada. Em plena crise economica, quando toda a Allemanha se lamentava, ás classes ricas exigia-se, d'uma só vez, uma contribuição militar de mil e quinhentos milhões de marcos. Todos comprehenderam e estremeceram; nem um unico murmurio se ergueu, porém. A guerra está proxima, dizia-se e, como uma desculpa, accrescentava-se: «Isto não póde durar. A guerra, visto que assim é preciso, mas acabe-se com isto!»

Não era o proprio governo allemão que indicava a unica solução possivel?

CAPITULO IV

A Allemanha politica

A causa principal da guerra declarada no anno findo é a existencia, no centro da Europa, d'uma enorme machina industrial e militar, cuja força augmenta incessantemente e que não tem freio, no seu organismo, capaz de a dominar.

No momento de fundar a Confederação da Allemanha do Norte e mais tarde, quando fazia proclamar em Versailles o imperio, Bismarck que, para conseguir os seus fins, concedera ao povo allemão o suffragio universal, avaliava a difficuldade do problema. A Prussia teria força bastante para conter o particularismo allemão e o novo imperador auctoridade para assegurar a segurança externa e dirigir a politica interna?

Para manter ao mesmo tempo o principio e a execução do suffragio universal, para assegurar a fiscalisação da imprensa e das Camaras —necessaria para afastar o absolutismo—o imperio só podia evitar o perigo das revoluções apoiando-se nas classes dirigentes e ricas. Bismarck explica com a maior clareza o seu pensamento: «Sem duvida, a sabedoria superior das classes intellectuaes tem por base material a preoccupação de conservar a sua propriedade. Apesar d'isso, para a segurança e desenvolvimento do Estado, a preponderancia dos que representam a propriedade é mais util... Todo o grande corpo politico a que faltar a influencia prudente e conservadora dos que possuem, quer essa propriedade seja do dominio material ou intellectual, chegar-se-ha sempre a uma rapidez de procedimento analogo ao da primeira revolução franceza tão destruidora para o Estado».

Para dirigir e moderar esse trio— o poder real e imperial, o suffragio universal e a *élite* dos grandes possuidores de terras—precisava-se de mão firme. Bismarck não hesita: essa mão deve ser a d'um ministro escolhido pela corôa e apoiado tanto contra o voto das maiorias como contra as influencias da côrte e da camarilha.

N'uma palavra, Bismarck constituia o imperio para Bismarck. Se o grande ministro desapparecesse, o imperio encontrava-se de novo em presença do temivel problema.

E foi com effeito o que succedeu. A politica do imperador Guilherme é uma serie de tergiversações para salvar os direitos da corôa e os destinos do imperio, entre as duas correntes que cubiçam o poder para o pôrem ao serviço dos seus interesses ou das suas paixões: o suffragio universal com tendencias cada vez mais accentuadas para o socialismo; o partido dos senhores de terras com o programma agrario, aristocratico, cegamente egoista, no interior e no exterior.

Na constituição da Allemanha moderna ha uma tendencia para a dissociação que podia chegar á deslocação completa, se se não désse a circumstancia de poder voltar-se ao principio. O imperio, nascido da guerra, em caso de crise só na guerra se podia retemperar.

O suffragio universal tem um orgão de acção, ou antes de fiscalisação: o Reichstag. Esta assembleia não tem o direito de intervir nos negocios internos dos outros parlamentos, mas possue um certo direito de critica que provoca muitas vezes protestos dos governos confederados.

Os poderes do Reichstag são limitadissimos: não póde derrubar um ministerio, não póde votar uma lei sem consentimento do Bundesrath, só póde fazer pressão sobre o poder executivo recusando-se a votar os creditos, o que tem o inconveniente de fazer parar toda a machina governamental. O Reichstag, em summa, não é uma assembleia politica na verdadeira accepção da palavra, pelo que se occupa mais das questões que póde abordar e que interessam os eleitores: as questões economicas. Os partidos, a sua influencia, os seus debates, tudo se reduz a rivalidades ou a discussões de interesses. Um unico partido, o do centro, ou seja o catholico, conserva um certo programma de idéas.

O suffragio universal nas grandes cidades é quasi por completo socialista. Em numero, o exercito socialista é o mais imponente. Nas ultimas eleições, a social-democracia elegia 111 deputados, representando quatro milhões de eleitores. Mas, alargando-se e fundando-se no organismo parlamentar, o seu programma, a sua evolução, a sua linha de conducta materialisaram-se e só tem em vista os interesses da classe que representa.

Parallelamente, poderosas organisações syndicaes se organisam, vindo assim servir de moderador. O socialismo não aconselha a lucta violenta e limita-se a organisar gréves sempre pacificas e resistencias sempre legaes. Tem em caixa 80 milhões de marcos, deposita-os no Deutsche Bank e gere-os como poderia fazer um capitalista.

E' um socialismo pacato. Tudo, na Allemanha moderna, tem por objectivo o dinheiro. E' um paiz onde a these revolucionaria tem por Biblia um livro que se chama o *capital*. E não é só com dinheiro que se fazem revoluções.

Esse partido, que é um estado no Estado, que tem um exercito de funccionarios consideravel, cujos successos eleitoraes são brilhantes, é apenas uma machina que se move no vacuo e cujas engrenagens não trituram. A organisação matou a acção. No Reichstag, os seus deputados apenas causam impressão pelo numero, pelo tempo que fazem perder, pelo vacuo desesperador da

Almirante Grigorowitch, ministro da marinha da Russia

sua tactica parlamentar. Nada creou, a não ser esse imposto de guerra que é um verdadeiro confisco e que a historia indicará como a causa fundamental das grandes ruinas allemãs.

Tomando só em consideração a bolsa, não soube, no momento em que os destinos da nação se decidiam, fazer outra coisa a não ser fazel-a tilintar.

Na rua, o espectaculo que dão as

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1648 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 8 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A questão das subsistencias

A carestia dos generos não é devida á negligencia ou má vontade dos governos, mas resultante da situação mundial

Um estudioso que ha annos vem compilando a acção dos nossos ultimos governos sobre a economia nacional, para que um dia se possam apurar responsabilidades, confiou-nos hoje algumas conclusões dos seus trabalhos. A sua competencia, por causa da maneira aturada com que tem acompanhado o assumpto, e o seu caracter independente, de homem afastado das luctas politicas, dão indiscutivel valor ás suas palavras.

—Ouço dizer por ahi que se os generos alimenticios estão caros é por o governo chefiado pelo dr. Bernardino Machado não ter dado as necessarias providencias. Discordo. Os generos encareceram em toda a parte; o preço do assucar, por exemplo, em toda a parte se elevou a mais do dobro, comparado com o que tinha antes da guerra. Para nos convencermos do que affirmo basta vêr as cotações de Greenoch, o mercado regulador do assucar em todo o mundo, cotações sobre que se fazem todos os contractos n'este artigo.

«No paiz, no tempo do ministerio Bernardino Machado, o augmento foi de dois a trez centavos. Os generos cujos preços teem subido são os que se vae buscar ao estrangeiro e é preciso pagar em ouro; os aggravamentos dos cambios corresponde o encarecimento da mercadoria. Por isso, bastante trabalhou o dr. Bernardino Machado para evitar a especulação de cambios, conseguindo que este se mantivesse a 38, o que corresponde a 6$31,5 por libra; d'então para cá já chegou a 34, dando á libra o valor de 7$50,8, e os artigos comprados no estrangeiro soffrem sempre o augmento de preço correspondente á differença de cambio. A aggravar as consequencias da situação cambial temos ainda os fretes, cuja importancia dobrou. São estas as unicas causas da situação actual, e não a imprevidencia dos governos.

«Foi a paixão politica que atirou esta opinião para o publico, mas é preciso que este se não deixe illudir porque a questão da alimentação não depende exclusivamente do paiz, mas da situação mundial.

«A unica fórma de resolvel-a seria produzir no paiz tudo de que carecemos, todo o trigo, todo o arroz, todo o assucar que consumimos e pescar nas aguas da Terra Nova todo o bacalhau de que necessitamos; mas as providencias para se chegar a este resultado não podiam ter sido tomadas pelos governos que estiveram no poder depois da guerra; não era em meses apenas que ellas podiam surtir os seus effeitos, aos governos de ha 20 ou 30 annos é que incumbia tel-as tomado. Mas então todos preparavam os seus filhos não para a industria, não para o commercio, não para a navegação, não para a agricultura mas simplesmente para a politica, que é o grande mal do paiz, como de sobejo o provam as consequencias colhidas.

«A prova mais concludente de que todos os assumptos d'alimentação publica teem sido até agora resolvidos de maneira satisfatoria está no facto de, tendo sido creada por decreto de 10 de agosto de 1914 uma junta districtal para julgar as reclamações contra as decisões das auctoridades administrativas sobre a fixação do preço dos generos alimenticios, só agora se ter sentido a necessidade de installar esta junta.

«Até aqui todos os fornecedores de generos alimenticios teem concordado com as tabellas da policia e auctoridades administrativas.

«Estão na ordem do dia as questões do trigo, do assucar e das carnes. Vejamos a primeira. As indicações que havia nas estações officiaes ácerca da situação do trigo deviam ser sufficientes para o consumo de todo o paiz até ao mez de maio; pois apesar d'isso fez-se em outubro um arrolamento, verificando-se então que essas indicações não eram verdadeiras. Que culpa se pode assacar aos governos pela má fé d'alguns agricultores e açambarcadores que fizeram declarações erradas? Além de que não é segredo para ninguem que passadas as necessidades dos paizes em guerra, depois da colheita passada os preços deviam baixar, como com effeito—ao que parece—para o trigo já baixou.

«No capitulo existencias de trigo nacional, ainda espero assistir a muitas surprezas, mas tenho seguras informações de que nas regiões officiaes havia os elementos necessarios não só para não augmentar o preço do pão, mas até para o baixar, creando novos tipos, cujas amostras foram entregues pela Manutenção Militar no ministerio do fomento, em que além do trigo entravam centeio e milho, e podiam ser vendidos a 7 e 6,5 centavos o kilo.

«Creia o meu amigo: o motivo da questão do pão estar no pé actual não é a falta de providencias nem de boa vontade de todos os governos; é a agitação politica, que não permitte serenos n'estes trabalhos, tão necessarios para a vida do paiz...

«Quanto á questão do assucar e das carnes fica para outra vez; o assumpto é muito complexo para expôr-lh'o assim, todo d'um folego.

A condemnação do pastor Gérold

Basilêa, 4 de março

E' já sabido que o pastor Gérold, de Strasburgo, foi condemnado a seis meses de prisão por ter distribuido algum dinheiro pelos prisioneiros francezes feridos mais necessitados. Parece que este acto de caridade não é o unico nem o principal crime de que o accusa a auctoridade allemã; ao que se diz, o padre Gérold teve a audacia de reprovar do alto da tribuna sagrada o açambarcamento que o poder imperial fez de Deus, dizendo: «Deus não é especialmente allemão». Além d'isso, no sermão que prégou no ultimo dia do anno, deplorou que a população do seu paiz se veja acabrunhada sob o rigor de leis que, de dia para dia, mais pesadas vão sendo, em logar de ser protegida por leis equitativas, concluindo por fazer votos pelo triumpho da justiça.

Parece que o governo está convencido de que o triumpho da justiça não será o seu, pois que se melindrou com as aspirações do prégador e convidou o directorio de que dependem os padres protestantes da Alsacia a suspendel-o das suas funcções. Como o directorio se recusasse, o conselho de guerra encarregou-se de castigar o padre Gérold, um homem de 78 annos, alvo da estima e sympathia de todos, e cujo unico crime é ter tido a audacia de combater o despotismo. A sua defesa no tribunal foi brilhante e a sua condemnação é uma victoria moral sobre os seus adversarios.

O contrabando allemão por Barcelona

Roma, 5 de março

O quartel general do contrabando de guerra allemão é em Barcelona; as mercadorias recebidas da America do Sul são depositadas e, em seguida, embarcadas para Amsterdam, via Genova. Um carregamento que sae de um porto neutro para outro porto neutro não pode ser apprehendido.

Os emissarios allemães que estão em Genova encarregam-se de reexportar immediatamente os carregamentos chegados de Barcelona para Amsterdam, pela Suissa, unica porta aberta a este trafico, e de communicar ao governo allemão a saida da remessa.

Os vagons carregados atravessam a Suissa, passam a fronteira allemã e, transposta esta, são logo descarregados. O ficticio, destinatario que está em Hollanda nunca se queixa pela falta da entrega de remessas; ao contrario, telegrapha accusando a recepção das mercadorias que nunca chegaram a sahir da Allemanha.

Grande quantidade de mercadorias de contrabando teem assim entrado no territorio allemão.

A revolução no Mexico

VASHINGTON, 8.—A decisão do corpo diplomatico de abandonar o Mexico depende da attitude dos Estados Unidos; ficará se os Estados Unidos melhorarem a situação.—(*Havas*).

FINANÇAS PUBLICAS

O emprestimo de 20:000 contos

Uma parte da reserva metalica do Banco de Portugal está no Banco Allemão, que não a entrega

Conversando ácerca da situação financeira com alguem que possue especial auctoridade na materia, obtivemos os seguintes esclarecimentos e commentarios, que nos parecem da mais flagrante opportunidade e interesse:

—A exoneração do ministro sr. Herculano Galhardo veiu dar uma enorme gravidade ás apprehensões sobre a nossa situação financeira, que o seu jornal, primeiro que nenhum outro, trouxe a publico.

«Ha muito tempo já que o Banco de Portugal se oppunha a um alargamento da circulação fiduciaria, e creio bem que se não tivesse sido invocada uma razão suprema de defeza nacional nunca a circulação attingiria a verba exagerada de 97.000 contos. Quando era ministro das finanças o sr. Santos Lucas, o Banco de Portugal deu mesmo a entender que desistiria do privilegio da emissão se fôsse esse o unico meio efficaz de resistir a um projecto que consistia em recolher os bilhetes de thesouro á custa d'um largo augmento da circulação fiduciaria. N'essa operação financeira, felizmente evitada porque podia trazer a desvalorisação da nota, estavam então interessadas varias casas bancarias de Lisboa e Porto, e não me admiraria que fossem essas mesmas entidades as que offerecem tão pouco ao governo 20.000 contos... de papel.

«N'esta questão financeira, em que o governo se debate, ha 4 pontos distinctos a considerar: a difficuldade e perigo d'um novo augmento da circulação fiduciaria, a pouca efficacia d'uma maior emissão de bilhetes do thesouro, embora parcellando-os, como tem feito a França, a quasi inutilidade d'um emprestimo interno e a impossibilidade de se collocar um emprestimo no estrangeiro.

«O Banco de Portugal não quer augmentar a circulação de papel. Todos os bancos emissores, em periodos como o que atravessa a Europa, procuram augmentar as suas reservas d'ouro, e nenhum d'elles offerece tão poucas garantias ás notas que emitte como o nosso. Para os 75.000 contos que andavam em circulação antes da guerra tinha o Banco como garantia uma reserva metalica que não excedia 8.000 contos. Hoje, para os 97.000 contos que andam ahi em papel, o Banco tem uma garantia ainda menor, pois que, tendo sido, antes da guerra, collocada uma parte da sua reserva metallica no Banco Allemão, esse ouro não se encontra hoje, por motivos que são conhecidos, á disposição do Banco de Portugal, visto que o Banco Allemão não o entrega.

«A emissão de bilhetes de thesouro não dará resultado apreciavel sem se lhe elevar o juro pelo menos a 6 por cento, e isso representa um pesado encargo para o Estado. E é preciso não esquecer que o bilhete de thesouro é um titulo de divida a muito pequeno praso.

«Homens de dinheiro offerecem 20.000 contos ao governo? São 20.000 contos em papel, do Banco de Portugal. Evidentemente, lançando-se no mercado muito mais papel do que exigem as necessidades do commercio, deve haver muito immobilisado nas casas bancarias. Os banqueiros teem empenho em emprestal-o ao Estado, porque deixam de ter esse capital sem rendimento e porque terão um lucro tanto maior quanto menor fôr o accordo entre os politicos. Mas esse emprestimo, podendo habilitar o Estado a fazer as suas despezas do fim do mez, não resolverá de modo algum o problema economico, que dominará em pouco tempo todos os outros. As nossas industrias vivem do carvão e da materia prima estrangeira, e a libra está a 6$90. Se a situação continuar assim, apparecerá uma crise assustadora. Meio de a evitar? Levantar ouro no estrangeiro, mas nenhum governo o conseguirá sem se mostrar habilitado com uma auctorisação do parlamento. E' d'isso que depende o barateamento da vida e a continuação de todo o trabalho industrial».

Poeira da Arcada

Na União Christã da Mocidade, o sr. Moreton fez uma larga conferencia sobre a obra da Sociedade Biblica de Londres. Entre outras coisas interessantissimas, disse que, em Portugal, se distribuem annualmente 20.000 exemplares da Escriptura.

Não temos razões para duvidar d'este numero, mas achamos que a sementeira da palavra divina não dá grandes resultados. Se a boa leitura fructificasse, n'este momento as virtudes christãs deviam florescer, entre portuguezes, como as papoulas no meio dos trigos. Que vemos nós, porém? Um povo a quem atiram Biblias aos braçados, mas que se fica um tanto incerto a respeito das vantagens da alimentação espiritual. Com as batatas carissimas, não apetece realmente converter-se alguem ao protestantismo, porque esta religião preoccupa-se muito com a alma e pouco com a digestão.

**

Um jornal da provincia, referindo-se á demissão de João Chagas, aproveita o caso para o insultar. Claro está, o insulto proporciona-se á grammatica e ao senso da gazeta. Isto significa que não attinge o illustre diplomata. Mas tambem não recahe sobre o insultador, porque este nem a si proprio faz mal. Quando a grosseria se torna desmedida, não garante a immortalidade a ninguem.

**

O dr. Achilles Gonçalves, que a morte surprehendeu n'uma altura da vida em que o seu bello talento se annunciava rico de promessas, era um dos homens para quem a amisade equivalia a uma dedicação absoluta. O seu convivio prendia pela nobre sinceridade do seu caracter e pela graça communicativa, vivaz e ironica dos seus ditos, das suas anecdotas e dos seus improvisos brilhantes. Na roda dos seus amigos, elle deixa imperecíveis recordações de um espirito que na intimidade dos longos cavacos se variava em aspectos e facetas, inspirando-se sempre n'uma amavel philosophia, irisada de malicia e de uma ternura em que o seu coração leal entremostrava a pureza dos seus affectos.

VIDA ARTISTICA

A ESTATUA DE Eça de Queiroz

não foi removida nem será, porque a remoção desagradaria ao auctor

O desastre soffrido pela Verdade, que embella o pedestal do monumento de Eça de Queiroz—pois nos repugna admittir que sobre essa admiravel figura decorativa se tivesse exercido um acto de vandalismo—esse acontecimento, emfim, veiu dar actualidade á ideia de se remover do largo do Quintella o monumento de Teixeira Lopes.

Não é, já aqui o dissemos, a primeira vez que, para evitar consequencias desastrosas, se pensou em levar aquelle precioso monumento para o jardim da Estrella. A camara municipal em tempos, por iniciativa do architecto sr. Ventura Terra, resolveu em sessão preparatoria dar a esse admiravel pedaço de marmore, trabalhado pelo mais notavel estatuario contemporaneo da nossa terra, um logar mais proprio, onde menos exposto ficasse ás imprudencias da multidão. Essa ideia era fervorosamente compartilhada por numerosos admiradores do auctor do monumento, entre os quaes um membro do governo, depois diplomata e sempre conhecido pelas suas tendencias artisticas.

Porque se não fez, então, a remoção da estatua? Simplesmente porque o artista que n'essa altura pertencia á vereação municipal, da qual dependia o destino do monumento, antes de apresentar a sua proposta em sessão, consultou o estatuario e este, affirmando não se oppôr terminantemente á mudança da estatua, porque ella deixára de lhe pertencer para entrar na posse da cidade de Lisboa, declarára que, no entanto, a transferencia lhe desagradaria sobremaneira, tendo o local sido escolhido por amigos a quem muito presava e que ali a desejaram ver sempre.

Sendo este o desejo de Teixeira Lopes, nunca mais se pensou em tirar do largo do Barão Quintella a formosissima consagração do grande novelista da *Reliquia* e essa consideração obstará uma vez ainda a que se mexa no monumento.

O conselho dos monumentos nacionaes, na sua proxima reunião, occupar-se-ha da mutilação soffrida pela estatua, devendo officiar ao governador civil para que mande policiar o local, de fórma a que desastres semelhantes se possam evitar.

Migalhas

As fadistinhas

De quando em quando, ao encontrar-me frente a frente com uma menina da moda, dá-me vontade de perguntar:

—Isso é commigo?...

A mão esquerda sobre a anca, o braço direito cahido com a mão em angulo recto, como quem tem receio de tocar n'uma coisa pintada de fresco, o corpo todo descansado sobre a perna direita e o pé esquerdo a apparecer esticado e apoiado na ponta... E, como se isso não bastasse, ainda o cabello é todo puxado para a cara: franja na testa, melenas retorcidas no rosto, caracoes no pescoço... O andar é todo bamboleado como o d'aquellas *manequins*, que nas fitas cinematographicas nos apresentam as ultimas novidades das casas parisienses. Já viram attitudes mais fadistas?

Ha tres dias vinha descendo a rua que eu subia uma filha de familia comboiada por um *superdreadnought* de quatro chaminés. Pois confesso que me encostei á parede e, emquanto a pequena não passou, estive convencido que o pesinho sorrateiro me ia passar uma *rasteira* e que a mão cahida me ia assentar uma *solha* nos queixos.

Desculpem v. ex.as estes termos technicos; mas outros não encontro mais apropriados para colorir a minha impressão. Depois de passado o perigo, fiquei scismando no trabalho que tem o sexo fragil para se adaptar a esse falso *chic* contra o qual o caricaturista Sem levantou ha meses uma campanha em França. Pobres pequenas! Adivinha-se que passam horas em casa estudando ao espelho aquellas *póses* e afinal, por muito geito que tenham, ainda ficam muito longe d'uma *Mi-cas des Caracoes* fazia muito antes dos figurinos terem decretado o passo indolente e as *tanguettes*.

André Brun

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Uma estatistica sobre a legião estrangeira franceza

Paris, 5 de março

30:000 estrangeiros, aproximadamente, se teem alistado desde o começo da guerra, sendo 4:913 italianos, 3:393 russos, 1:467 suissos, 1:462 belgas, 1:369 austro-hungaros, 1:027 allemães, 969 hespanhoes, 572 turcos, 541 luxemburguezes, 379 inglezes, 300 gregos e 11:854 d'outras nacionalidades, cuja maioria é da Alsacia Lorena.

Parece que no mez ultimo o alistamento augmentou consideravelmente.

"PATHÉ JORNAL"

Está-se em plena crise?

Ministros que sahem e ministros que entram — O que se diz e o que... não se diz

1.º quadro

Arcada do Interior, ás duas da tarde. Ausencia de politicos. Gente da provincia, espreitando influentes que tardam. Pessoas aborrecidas por terem de esperar, nervosas e semi-desilludidas. Maus tempos para quem pede, tanto se isola, tanto se occulta quem dá...

Conheço um pretendente. Veiu de longe. E' administrador de concelho chronico. Já governou Valença, já esteve em Loulé. Conhece todas as provincias e não tardará que tenha o retrato em todos os municipios de Portugal. E' questão de Deus Nosso Senhor lhe dar vida e saude...

—Pois vae isto mau, meu caro. Mesmo muito mau!

E a pobre auctoridade desthronada triste, magoada, soffredora, prepara-se para desabafar commigo toda a sua tragedia.

—E' uma gente impossivel, esta, diz o homem. Nunca me custou tanto a alcançar o meu já quasi vitalicio diploma de administrador de concelho!

—Falta de consideração pelos seus meritos, amigo!

—E pelas minhas convicções politicas!

—O quê, pois já é republicano?

—Qual historia! Sou cada vez mais monarchico!

—N'esse caso, já devia ter sido reinomeado ha muito tempo...

O sr. conde de Agueda desliza, sereno e placido, na sua corpolencia desmarcada, para as bandas do Ministerio da Justiça.

—Ahi está um que se integroudigo para o pobre administrador sem concelho...

—Exacto. Até parece que já leva debaixo do braço a sua pasta de contador de custas e sellos.

E some-se, o meu amigo, de mal com tudo isto. E tem razão. O que não tem, por ora, é o seu diploma precioso...

2.º quadro

Recinto grave e soturno. Pesadas decorações. Signaes de pranto nos circumstantes. Uma especie de Sexta feira de Paixão, com muitas sanefas negras e muitos cirios amarellos a arder.

Chega o ministro demissionario. Ha amigos que o aguardam. Pouco falta para que as lagrimas irrompam. Trocam-se saudações de despedida. E d'ahi a pouco, em direcção á rua do Oiro, correcto no seu frak preto, o sr. Herculano Galhardo passa, mais ligeiro que de costume. E' que já não tem a esmagal-o o peso estupendo de ser ministro...

Pouco depois, o seu gabinete surge tambem. O sr. Gustavo Sequeira, o capitão Santos e o sr. Almeida Lima conversam baixo. Na linha dos electricos, o grupo pára. Trocam-se os ultimos apertos de mão e cada um vae para seu lado.

—Como foi isso?!—pergunto intrigado a um dos secretarios do sr. Galhardo.

—Foi porque tinha de ser. A crise declarára-se ha que tempos. Faltava o ensejo. Desde que elle appareceu as situações definiram-se e aqui nos tem como d'antes, sempre ao seu dispôr.

E emquanto esta amavel pessoa se some n'um electrico do Rio de Janeiro, fico eu a pensar no leviano destino das coisas politicas, em constante dependencia da deusa—surpresa. Pobres d'ellas, coitadas!

3.º quadro

Uma grande urna, ao centro d'uma grande sala, com muita e anciosa gente em redor. Assumpto principal —eleições. Ha conciliabulos por detraz dos bastidores. De vez em quando, um actor mais expedito vem á bocca de scena e tranquilisa o publico. Sentem-se, por vezes, rumores insistentes de pateada...

—Não pode ser! Seria peor do que d'antes!—exclama um espectador indignado.

—Mas o que seria peor?

—Tudo.

N'este *tudo* vae todo um heroico poema de desillusão. Os conciliabulos succedem-se, as combinações politicas não se interrompem...

—Isto mudou!—clama um actor enthusiasmado. Agora mandamos nós! Deputados ha-de elegel-os quem tiver votos!

O quadro termina. O publico não fica satisfeito e repontа. Queria mais, queria tudo. Queria, por exemplo, saber se o pacto entre o governo e os evolucionistas continúa a ser estreito e solemne.

—Absoluto!—brada, para a multidão que debanda um exaltado que não sabe conter-se. Os democraticos serão esmagados, ficarão reduzidos ás suas verdadeiras proporções.

—Porquê?—perguntam muitas vozes em côro.

—Ora essa, porque o governo assim o quer...

D'onde se conclue que os governos voltaram a ser em Portugal os grandes e invenciveis eleitores...

4.º quadro

Mais crise. Deligencias para a resolver, convites que certos homens teem recebido para sobraçarem certas pastas, mil rumores, emfim, para a reconstituição do ministerio.

Irrompe pela Arcada o meu habitual e impagavel informador. Vem radiante, esplendoroso. Julgo-o de posse dos mais interessantes segredos.

—Então, quem succede ao sr. João Chagas em Paris?—pergunta-me com ares de quem está de posse de todos os misterios...

—O sr. Garcia Rosado...

—Ora adeus. Não diga barbaridades. Frio, frio...

—Um general dos mais illustres!

—Gelado, meu amigo, gelado.

—O sr. Freire d'Andrade.

—Nem sequer se pensou n'elle. O sr. Alpoim é que atirou o balão ao ar...

—Mas fale, então! Não nos môa a paciencia...

E o meu inegualavel informador, triumphante, dominador, glorioso, como um general depois de uma victoria decisiva, falou assim:

—Para Paris vae o dr. Alves da Veiga, que ficará gerindo os negocios das duas legações—a da França e a da Belgica. E' o que está assente e firme. Tudo o mais não merece sombra de credito.

Procurei indagar da veracidade da noticia que tão inesperadamente me chegava. Effectivamente tudo leva a crêr que o sr. Aves da Veiga vá para Paris occupar o cargo que o sr. João Chagas abandonou.

5.º quadro

O ministro interino das finanças toma posse. Assistem pessoas de cathegoria, quasi todas da casa. O sr. Rodrigues Monteiro vem mais triste do que é costume. As arcas do thesouro, quasi exhaustas, devem tel-o apavorado. Como cuidará de enchel-as?

—Teve lá tempo para pensar n'isso!—diz-me um trocista a quem a politica interessa apenas pelo grotesco que encerra. Isto é sol de pouca dura...

—Engana-se redondamente—objecta alguem. O sr. Rodrigues Monteiro encontrou o que desejava—campo proprio para mostrar o que vale.

—Ah, sim?!

—Não o duvide. E não será elle, com certeza, quem voltará a gerir a pasta dos estrangeiros. Veiu para as finanças para ficar.

—E quem vae para os estrangeiros?

—Por ora, misterio. Pergunte-o ao sr. Pimenta de Castro. Mas é possivel que nem elle proprio saiba dizel-o, tantos são os pretendentes e tantos são os nomes que elle tem para escolher.

—Mas falla-se...

—Em toda a gente e em ninguem.

Folhetim d'A CAPITAL 8-3-1915

O grande vagabundo

Uma noite d'estas, sentindo-me em pessima disposição...

O que eu chamo *pessima disposição* é aquelle miseravel estado de alma que não reage contra a desventura, nos encerra no carcere estreito das preoccupações pessoaes, nos afflige com uma estranha myopia e nos priva da visão do resto do mundo.

E' esta a unica prisão que me aterra porque só ella me priva da minha liberdade de espirito, bem supremo que é meu, muito meu, e que nenhuma força humana, por muito poderosa, arbitraria ou cruel que seja, me pode arrancar.

A miseria e a desgraça só attingem aquelles que succumbem sob o peso das proprias dores atravez das quaes encaram o universo como um valle de lagrimas; aquelles que não teem a força precisa para erguerem acima da cabeça a pesada louza dos proprios soffrimentos e de olharem com serenidade para longe, contentes por verem, apesar de tudo, brilhar o sol sobre a terra.

A esses, a má sorte que os persegue não os vence, não os anniquila; do fundo do seu abysmo, levantam os olhos e conseguem sorrir... porque veem brilhar as estrellas.

Ninguem é prisioneiro senão de si mesmo, ninguem é vencido senão pela sua propria melancholia, ninguem é pobre senão de força de vontade.

Luctar é synonimo de viver; defender uma causa justa e morrer por ella é uma das raras felicidades verdadeiras que existem; não generalisar o soffrimento pessoal e atravez de agonias comprehender a bondade e a belleza da vida é a unica liberdade e a maior força.

Encontrando-me pois uma noite d'estas em pessima disposição, tirei da minha livraria um livro ao acaso e li vinte paginas.

Não foi preciso mais para que as paredes da minha prisão se desmoronassem; o ar livre e puro entrou-me ás golfadas no peito e os olhos da minha alma, encantados, espraiaram-se por vastidões immensas.

Em frente da minha razão serena retomei o meu logar, o meu logar pequenino de ser humano e, sobretudo, de mulher, de ser humano que attrahe indulgencia e piedade, mas tambem um grande repouso desceu sobre o meu coração á medida que me senti desapparecer e fundir-me no conjuncto das coisas maravilhosas e necessarias de que sou apenas uma parte imperceptivel.

Essas vinte paginas são uma das mais soberbas obras de arte da litteratura moderna.

O que dizem ellas? Pouco, muito pouco...

Descrevem o compartimento subterraneo de uma padaria em Kazan, nas margens do Volga:

«... Pouca luz, pouco espaço, mas muita humidade, muita sujidade, muita poeira de farinha. No forno ardiam longos tóros de lenha e a chamma, reflectida na parede cinzenta, agitava-se e tremia como se falasse baixinho. O cheiro do fermento impregnava a athmosphera. A claridade do dia e a do fogo, misturadas, produziam uma illuminação indecisa, fatigante para a vista...»

N'este scenario encontram-se dois homens miseraveis, dois pobres moços de padaria que, tendo tendido o pão, esperam que o forno acabe de aquecer. Entretanto um d'elles lê em voz alta e o outro escuta.

De vez em quando a leitura é interrompida pelos commentarios do homem que escuta com toda a sua alma candida e violenta de vagabundo contrahida n'uma attenção apaixonada.

O livro fala de gente da sua classe, de injustiças e de soffrimentos muito seus conhecidos. O outro lê bem, com expressão; as figuras evocadas agitam-se, vivem, palpitam de verdade perante a imaginação ardente do homem que escuta maravilhado.

O homem que lê (e que é o auctor das vinte paginas assombrosas onde consta esta scena) é um vagabundo tambem.

Experimentou varios officios e a nenhum se prendeu, constantemente levado de terra em terra pela sua séde inextinguivel de liberdade, pelo seu desdem pela miseria, pelo seu desejo insaciavel do desconhecido. Foi jardineiro, ajudante de cosinha, creado de bordo, moço de padeiro, vendedor ambulante, carregador...

Torturado por um *desejo feroz* de se instruir lê constantemente, acaba por encontrar um advogado que se interessa por elle e lhe fornece alguns conhecimentos geraes; a tanto dos officios experimentados, o vadio accrescenta agora o de homem de lettras.

Escreve a seu modo e conta a vida e sobretudo a alma dos seus companheiros, dos destroços humanos que encontra no seu caminho errante atravez d'essa vastissima e mysteriosa Russia tão desconhecida e tão cheia de prodigios, d'essa cuba immensa onde fermentam, informes ainda e desunidas, as forças novas, vigorosas e triumphantes que hão de vir um dia renovar o sangue exhausto da velha Europa.

E Maximo Gorki, o vagabundo, escreve... escreve conforme pensa. O seu genio espantoso não conhece regras nem generos consagrados, não obedece a escolas, não se amolda a estylos; dá a sua visão sincera das coisas com a espontaneidade de uma alma ingovernada e trasbordante de sensações intensas, com o instincto seguro e vibrante do artista que estremece e palpita em frente da belleza, da verdade e da força, com a dolorosa acuidade de sentir de um coração compassivo que se revolta e quer munido no mundo a alma profunda dos seus semelhantes tão injustamente desprezados...

Escreve sem aspiração de gloria, de immortalidade ou de lucros; escreve por uma necessidade ardente do seu espirito que precisa de expandir-se; escreve sem methodo, sem ordem, á mercê das impressões que passam tumultuosas e variaveis.

A meio de uma publicação abandona tudo, desapparece, retomado pelo seu amor de ar livre e de independencia, despreoccupado, feliz por fugir, por mergulhar de novo na escuridão do esquecimento, affrontado pela celebridade, sequioso de vida errante, de espaços infinitos, de solidão e de miseria...

E' uma alma estranha e perturbante. A sua obra arrasta-nos para longe de nós mesmos; é uma janella aberta por onde sahimos, voando, de todas as prisões.

Virginia de Castro e Almeida.

Ha crise de abundancia, amigo. Não será, por isso, facil de resolver.

6.º quadro

Mais episodios da crise e... mais crises. Eoi no couselho de ministros de sabbado de manhã que a discordancia entre o sr. Herculano Galhardo e o sr. presidente do ministerio estalou mais insanavelmente. O sr. Galhardo pronunciou palavras que o sr. Pimenta de Castro reprovou.

—E a crise foi posta desde logo—accrescenta a pessoa que me elucida.

—Por quem?

—Pelo chefe do governo. Entretanto, sahiu-se com a impressão de que tudo acabaria em bem. Não foi, por isso, pequeno o espanto de muita gente, quando á noite appareceu o decreto demittindo o sr. Herculano Galhardo...

—E ficar-se-ha por ahi?

—E' bem provavel que não. O sr. Goulart de Medeiros não será tambem ministro por muito tempo. E' que o sr. Pimenta de Castro quer, por força, depurar o seu governo de elementos partidarios. E o sr. Medeiros não é dos que mais incondicionalmente estão appoiando a obra do governo...

Será assim? Se houver por ahi alguma pitonisa palreira que queira pôr estas coisas em pratos limpos, os povos beijar-lhe-hiam as mãos de agradecidos.

7.º quadro

Semblantes carregados e apprehensivos denunciadores de tormenta proxima. De vez em quando, um homem trigueiro, vestido de negro, ergue a sua alta e forte estatura e em gestos rapidos, denunciando o desespero que lhe vae na alma, clama:

—E' um horror, isto! Não nos largam, não nos respeitam, não querem saber da gente para nada!

Anda coisa grave no ar. O que é?

—V. já poz o dedo na ferida antehontem—elucida alguem.—Coisas lá de fóra. Notas diplomaticas, o diabo! A Inglaterra parece que não está contente...

—E o que quer?

—Isto, principalmente: que os politicos tenham juizo e que o governo lhe diga claramente o que pensa das resoluções sobre o conflicto internacional tomadas pelo Parlamento que elle quiz exauctorar...

—E como pensa o governo sahir da difficuldade?

—Eu sei lá!

—Nem eu!

Anoitece. Ha aves agoirentas, grasnando no espaço. O *film* exhibe os ultimos personagens desolados. Ha pronuncios de tempestade. Chegará ella a estalar?.

A. M.

Cruzador «S. Gabriel»

No ministerio da marinha foi hoje recebido um radiogramma de bordo do cruzador *S. Gabriel*, communicando seguir viagem sem novidade a bordo.

O proximo concerto no Politeama

Está destinado a novo exito o proximo concerto David de Sousa, que organisou este magnifico programma:

1.ª parte—*Leonor*, abertura, Beethoven; *Poema simphonico*, Glazounow.

2.ª parte — *Simphonia phantastica*, 1 — Largo (Sonho paixão), 2—Allegro non troppo (um baile), 3—Adagio (scena campestre), 4—Allegro non troppo (Marcha do Supplicio), 5—Larghetto (Sonho de uma noite de Sabbat), Berlioz.

3.ª parte—*Reverie*, João Passos; *A' lareira*, Schumann; *Rienzi* (abertura), Wagner.

Morte misteriosa

Suicidio ou victima da embrfaguez?

Na rua do Soccorro, 8, 1.º, reside de ha muito o moço do mercado da Praça da Figueira Paulo Mendes, o qual vivia ha já bastante tempo maritalmente com Anna de Jesus Brandão, de 32 annos, natural de Midões.

Hontem, o Paulo Mendes sahiu de casa pelas 14 horas e regressou pelas 20 e meia. Abrindo a porta com uma chave que trazia, não viu a companheira, o que não estranhou, porque ella tinha o vicio da embriaguez e se deixava adormecer em qualquer canto. Accendeu luz e dirigiu-se para a cosinha. Ali, junto da chaminé, que mede uns 70 centimetros de altura, viu a Anna de Jesus em pé, presa pelo pescoço a um lenço e este enrolado a um prego que na chaminé havia. Chamou-a, mas ella não respondeu. Apalpou-a e encontrou-a fria. Estava morta.

Correu á esquadra proxima, a contar o que se passava. Destacado um policia, ali ficou de guarda, até hoje comparecer o sub-delegado de saude, que mandou remover o corpo para a Morgue, a fim de ser autopsiado, para se averiguar a causa da morte, que se apresenta um tanto ou quanto misteriosa.

A morte do tenente Alberto Soares

Os indigitados auctores recolhem ao Limoeiro

Ao 2.º juizo de investigação criminal, cartorio do escrivão Pereira, foram hoje enviados os srs. José Augusto dos Santos; o *Santos Maluco*, industrial estabelecido na travessa de S. Domingos, 31, Garibaldi Alves Freire, commerciante, e João de Alegria Pereira enfermeiro particular e ex-sargento da armada, accusados de no dia 9 de julho de 1912, no primeiro patamar das escadas do hotel Francfort na rua de Santa Justa, haverem aggredido a tiros de pistola de que lhe resultou a morte o tenente da marinha Manuel Antonio Soares.

Como se sabe o primeiro preso e Antonio Marques dos Santos ou Antonio Moraes dos Santos haviam sido em 1912 enviados a juizo accusados de terem dado fuga ao assassino, cuja identidade era desconhecida, tendo-se affiançado em 1.000 escudos.

Os indigitados auctores do crime declararam nada ter a accrescentar ao que [illegible] na policia e recolheram ao Limoeiro, por não lhes ser admittida fiança.

Dr. Achilles Gonçalves

O seu fallecimento

Falleceu hontem o dr. Achilles Gonçalves, deputado, vogal da Junta do Credito Publico, antigo ministro. Ascendeu a essas situações de destaque pelos merecimentos proprios, sem atropellar ninguem, imprimindo a todos os actos da sua vida a correcção mais fidalga, uma lealdade que era verdadeiramente o apanagio do seu caracter. Politico, elle servia com dedicação o seu partido, mas sem facciosismos, sem molestar os adversarios, que eram os primeiros a prestar justiça ás suas faculdades de trabalho, aos dotes invulgares da sua intelligencia. No convivio intimo, o dr. Achilles Gonçalves pertencia ao numero dos que sabem captivar naturalmente, lançando raizes de affecto nos corações dos outros, prendendo-os pela despretenciosa affabilidade do seu trato.

N'este periodo agitado que teem sido os quatro annos da vida politica da Republica, elle passou pela Constituinte e pela Camara dos Deputados sem crear um inimigo. Interessando-o muito pouco os dabates de caracter exclusivamente politico, toda a sua attenção se consagrava ao estudo dos problemas economicos e financeiros. Nas suas palavras transparecia sempre a limpidez do seu raciocinio, expondo ideias com sobria correcção, desenvolvendo-as com uma clareza a que se alliava uma requintada elegancia de fórma.

Ministro do fomento no gabinete da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado, foi ephemera a sua passagem pelas cadeiras do poder, o por isso mesmo elle não affirmou então completamente de quanto era capaz a sua robusta intelligencia, servida por uma cultura larga e por aquelle bom senso inteiramente pratico que era a principal caracteristica do seu espirito. Republicano firme, por sentimento e por educação, tinha uma grande confiança nos destinos da nossa terra, e era consolador, em horas de palestra intima, ouvil-o falar dos immensos recursos inexplorados que deviam servir de base ao lançamento d'uma patria maior, mais prospera e mais feliz...

Sinceramente acompanhamos a familia enluctada na dôr immensa que a feriu.

O funeral realisa-se ámanhã, pelas 13 horas da rua José Estevão para o cemiterio do Alto de S. João, tendo já sido publicados os convites da familia, do sr. dr. Affonso Costa, como membro do Directorio, e do sr. dr. Manuel Monteiro, na sua qualidade de presidente da Camara dos Deputados.

Recordando...

A noticia da morte do dr. Achilles Gonçalves, inesperada e brutal, atordoou-me.

Ainda agora, quando commovidamente pego na penna para fixar n'estas linhas a expressão da minha saudade, eu sinto uma singular perturbação que me angustia e sacode. E ao pensar n'esse rapaz cheio de vida e intelligencia, que tombou, de subito, ao iniciar uma bella carreira onde tantos e tão excellentes serviços viria por certo a prestar ao seu paiz, acodem-me ao espirito, tumultuariamente, todos esses episodios de uma mocidade vivida e sã, de uma mocidade que elle soube cultivar no devido tempo como poucos souberam, até que um dia, guardada no fundo da sua mala de estudante a capa e a batina, serenamente se dispoz a construir outra existencia em que appareceu transfigurado e forte, decidido a luctar por uma patria que era preciso redimir.

Mas, emquanto outros, os companheiros quotidianos do combate politico, lamentam a falta do seu esforço, tão precioso para o partido em que militava, na activa phase que estão atravessando as coisas publicas, eu deploro a morte do antigo camarada

... do bom tempo d'outr'ora,
Do tempo que passou e que não volta mais!

E lembro-me, através do indeciso nevoeiro em que quinze annos de existencia se diluem, d'aquelle suave e amavel Achilles que conheci nos bancos do Liceu, musico e poeta, sem outra preoccupação que não fosse a chave de ouro de um soneto ou a harmonia de um accorde. Porque o homem de Estado foi precedido na vida pelo artista, e a perfeita noção do justo não conseguiu destruir, no seu espirito delicadissimo, uma admiravel noção do bello.

Como eu evoco, n'esta hora de luto, a sua figura de adolescente, recitando, discutindo, correndo os dedos sobre o teclado de um piano, sempre com uma serenidade que o distinguia dos mais e tanto se nos impunha, a todos nós os que com elle de perto conviviam, e que cultivavam a sua amisade com o cuidado de um jardineiro tratando de uma tulipa rara!

Frequentava então S. Carlos. No seu *fauteuil*, alheado a tudo o mais, absorvia, assimilava, deixava-se penetrar pela musica; e depois, era uma corrida até S. Pedro de Alcantara, onde morava; apenas o tempo de lançar sobre uma cadeira a capa negra de estudante e de sentar-se ao piano, e ahi começava a reproduzir de memoria, os trechos que mais profunda impressão tinham deixado no seu espirito.

Em Coimbra, mais tarde, o mesmo espirito de artista e de poeta, em que a sentimentalidade tomava por vezes uma feição estranha de ironismo. Já lá vão quinze annos! Com que singular saudade me lembro agora d'essas tardes suaves e nostalgicas em que desciamos a couraça dos Apostolos para fazer o *tour du Bois* na Estrada da Beira, e elle me falava do seu livro, o livro dos sonetos que havia de sahir, que havia de sahir, mas que não sahiu nunca, como nunca sahiu o poema que tinha architectado e que devia de garantir-lhe o ingresso na immortalidade... Todas essas coisas ingenuas que a vida despedaça, mas que um dia se lembram com intima ternura. E os ephemeros jornaes satiricos e illustrados com irreverentes caricaturas, de que o prélo do Manuel das Barbas raramente tirava mais que o numero-programma? A sua fina e despreoccupada ironia fixou em todas essas paginas alguns aspectos de uma Coimbra que desappareceu, que elle proprio, mais tarde, desconhecia quando voltou decidido a conquistar a formatura e a despedir-se do tempo doirado da sua mocidade.

Todas estas reminiscencias me acodem á memoria, n'esta triste vespera do seu enterro. Poucas vezes nos viamos, agora. Uma tarde fui encontra-lo ministro, e qualquer exigencia da minha tarefa de jornalista levou-me á porta do seu gabinete, que se me abriu sem difficuldade, como ha quinze annos a porta da sua *republica* na rua do Loureiro. Fallámos, recordámos. Como eu tive n'essa tarde a noção de quanto é ardua a vida do homem publico, quando dignamente o pretenda ser! Os problemas a estudar, as complexas questões a resolver, o cuidado infinito com que é preciso destrinçar um juizo seguro entre uma inextricavel serie de pareceres, opiniões, modos de ver, interpretações contraditorias... Era esse o seu trabalho, quotidianamente, em serões interminaveis. Ali, no seu gabinete, assignava papeis, recebia commissões, dava despacho a coisas de expediente e commentava, ao poisar a penna, referindo-se á perda de tempo a que o obrigava muitas vezes a burocratica rotina das secretarias de Estado:

—Aqui, as mais das vezes, é a parte esteril da minha vida de ministro.

Pobre e saudoso amigo, que uma *grippe* brutal apunhalou pelas costas em plena vida de trabalho!

Hermano Neves

MUSICA

14.º concerto da orchestra David de Sousa

Encheu-se hontem a linda sala do Politheama porque tocou a orchestra David de Sousa e tambem porque se annunciou para a segunda parte uma ode á Belgica composta pelo portuguez Theophilo Saguer sobre uma poesia do sr. dr. João de Barros.

No grande camaroto de bocca estava o sr. Le Ghay, ministro da Belgica, com a familia e o pessoal da legação.

Principiou o concerto com a linda abertura da «Flauta Magica», de Mozart. E' deliciosa de ouvir e foi muito bem executada.

Devo notar-se que ha cada vez mais certeza no jogo d'arco, tanto das 1.as como das 2.as rabecas, o é caso para felicitar não só o maestro como os executantes. Poucas coisas agradam tanto á vista n'uma orchestra como notar que os arcos vão todos para baixo e para cima ao mesmo tempo. E tambem agrada ao ouvido porque o som não é egual nos dois movimentos, sobretudo em conjuncto.

Bem haja o maestro em ter feito tocar uma obra de Mozart. E' indispensavel uma simphonia classica em todo o programma bem composto. Ha quem vá a um concerto só por causa d'uma simphonia por mais tocada que seja!

E a proposito: não tivemos ainda este anno Haydn o não o dispensamos.

Magistralmente tocada a suite de Glazounow, tão difficil, tão bonita e que David de Sousa tão bem fez comprehender á sua boa orchestra.

Com a dança Norueguesa n.º 4, de Grieg, tocada com alegria e sentimento, terminou a primeira parte do concerto.

Vem depois a Ode do sr. Saguer que é, além do compositor, um dos mais distinctos instrumentistas da orchestra.

Para quem escreve estas linhas a obra do nosso compositor foi inteira novidade. Tinha ouvido dizer muito bem, mas com franqueza não esperava tanta riqueza de instrumentação e tanta sciencia. Que o sr. Saguer me perdôe a confissão. E' um novo que se estreou brilhantemente.

«Bravo e para a frente» foram as palavras do sr. João Arroyo quando abraçou o notavel compositor no fim do triumpho.

O primeiro tempo, como trata principalmente de representar correrias de invasores teutões e as taes multidões perseguidas, admira-se, mas não agrada tanto como os seguintes.

Muito bonito e muito bem trabalhado o *intermezzo* chamado as *Rendeiras de Bruges*. E' delicadissimo e sobremaneira interessante o que o quartetto de corda nos faz ouvir.

Muito bonito o solo de flauta que foi tocado primorosamente pelo sr. Saguer, irmão do auctor. E' d'um effeito inesperado a intervenção da harpa em *glissando*.

Vem por fim o himno entoado á Gloria pelo Povo Heroico.

Orchestração bella e grandiosa que impressiona a valer. Os himnos das nações alliadas veem vindo uns após os outros, intercallados na melodia principal. Devo dizer que só não gostei tanto da maneira como se desenha o «God save the King» que é tão bello com a harmonia por assim dizer official. Por fim ouve-se a *Brabançonne* ricamente instrumentada, pondo-se n'esse momento de pé toda a gente. Foi um momento de profunda commoção e era bello o aspecto da sala.

Terminada a execução da ode o publico fez uma estrondosa e justa ovação ao seu auctor, ao maestro e ao solista de flauta. Deram-se tambem repetidos vivas á Belgica, acclamando-se a heroica nação na pessoa do seu representante em Portugal.

Para a ultima parte estava annunciado, além do «Carnaval romano» de Berlioz, que foi tocado com mestria e tanto agradou, «Os murmurios da floresta» do Giezfried. Esta peça foi supprimida talvez por ser d'um auctor allemão e substituida por um minuete de Beethower. Ora este colôsso da musica se não me engano nasceu na Allemanha e de paes allemães, tal qual como Ricardo Wagner.

Esse minueto, que é um encanto, pertence á primeira phase de Beethowen e foi encontrado escripto para piano n'uns papeis que deixou o grande homem. David de Sousa instrumentou-o muito bem para quarteto de corda e a sua orchestra executou-o deliciosamente.

Curiosissimo o trecho do russo Anatole Liadow intitulado «Caixa de musica», mas entenda-se que a imitação que o auctor pretende fazer e fez com exito é a d'uma das caixas de musica antigas ou *organilhos* applicados a relogios.

A execução por um pequeno numero d'instrumentos de sopro e marimbas foi perfeita e teve honras de bis.

D. A.

TRIBUNAES

Boa Hora

Em audiencia presidida pelo juiz sr. dr. Alves Ferreira foram hoje condemnados: a ser entregues ao governo, para darem entrada nas casas correccionaes de trabalho, Alberto Lopes ou Alberto dos Santos Lopes ou Alberto Lopes Francisco ou Alberto Moraes, o *Alberto da Maria do Ceu*, pintor, com 19 prisões e 4 condemnações; Antonio dos Santos, o *Gadanhas*, barbeiro, cinco prisões em Lisboa e 12 no Porto e uma condemnação; Victorino Ferreira ou Theodomiro Ferreira ou Theodomiro Ferreira Elvas de Vasconcellos ou José Ferreira, o *Africa*, carpinteiro, com 14 prisões. Eram accusados de vadiagem.

Tambem no 1.º districto foram condemnados: Joaquim da Silva ou Alberto da Silva ou Alberto Aureliano Sampaio, e Joaquim Ferreira, o primeiro accusado de fabrico e passagem de moeda falsa, moedas de um escudo, e o segundo por passagem da mesma moeda, respectivamente em 298 dias de prisão soffrida e 303 dias e ambos entregues ao governo, nos termos do decreto de 30 de novembro de 1914.

Em 6 mezes de prisão foram condemnados: Fernando Peres, vidraceiro, com 7 prisões e uma condemnação, accusado de nas noutes de 23, 27 e 28 de dezembro ultimo, por meio de arrombamento, furtar de uma montra na rua 1.º de Dezembro, pertencente a Miguel Bernau, diversos objectos de ouro americano no valor de 25 escudos, e Silvestre Miguel, estivador, com oito prisões e uma condemnação, que resistiu e injuriou o guarda 917 na rua do Jardim do Tabaco.

De arbitros avindôres

Sob a presidencia do sr. Manuel Pereira Dias, sendo arbitros os srs. Manuel Francisco Ramos, por parte dos patrões, e Manuel da Costa Ribeiro, por parte dos operarios e empregados, e escrivão o sr. Alfredo João Mostardinha, apreciou este tribunal as seguintes causas:

Antonio Dias Abrantes contra Antonio Maria Pinto Cardoso Salgado, na qualidade de director da Cooperativa Militar, conciliaram-se pela quantia de 4$40.—Francisco Alves Saraiva contra Eduardo Alves da Cruz, idem pela quantia de 9$00.—Manuel Pedro Baptista contra José Alves Dias Guimarães, idem pela quantia de 13$60.—José Gomes da Cunha contra Manuel Alves Vieira, idem pela quantia de 8$00.—Eugenio Lopes dos Santos contra João Pereira Rosa (na qualidade de gerente da Nutricia de Lisboa Limitada), ficou para julgamento—Antonio Maria Guerra contra José Canuto, ficou para vistoria.—Alfredo Amadeu d'Almeida, por seu filho menor contra Vicente Rodrigues, desistiu o auctor da queixa.—Adelino Pinto de Almeida contra João Henriques Gonçalves, adiada por não ter sido encontrado o réu na morada indicada na queixa.—Francisco Luiz da Fonseca contra Francisco d'Almeida Grandella, adiada por não ter sido citado o reu, que se encontra doente.—José da Costa contra Antonio Francisco Costa e Manuel Vieira Junior adiada por não terem sido citadas as partes, por não residirem nas moradas indicadas na queixa.

Electricos e automoveis

Trez atropellamentos — Um prejuizo de 300 escudos

A's nove e um quarto da manhã um electrico da carreira do Intendente atropellou a menor de dois annos Alzira da Cruz, filha de Francisco da Cruz e de Maria do Nascimento, moradores na rua da Gloria, 6, 3.º. A creancita, que ficou com escoriações no braço esquerdo, foi pensada no hospital de S. José recolhendo a casa. O guarda-freio foi preso.

Pelas 12 horas, um automovel guiado pelo seu proprietario, o engenheiro sr. André de Lima Mayer, atropellou, no largo do Poço Novo, dois rapazitos, um dos quaes, Carlos Rodrigues Silvestre, morador na rua de S. João dos Bemcasados, 76, 1.º, ficou com grandes ferimentos na cabeça, pelo que ficou internado no posto da Misericordia. Interveiu a guarda republicana, sendo o dono do automovel preso e enviado para juizo.

Ao «camion» que conduz os presos da Boa Hora para a Cadeia Central, ao dar a volta da rua Nova do Almada para o Chiado, rebentou o esticador da corrente, pelo que o vehiculo, sem governo, começou a recuar n'uma carreira vertiginosa, ameaçando causar enormes desgraças. O «chauffeur», José Joaquim Nicolau, com a maior habilidade fel-o voltar, não podendo, porém, impedir que elle fôsse de encontro á montra da casa de enxovaes, meias e bordados, pertencente á firma Eduardo Martins & C.ª, partindo o vidro, no valor de 300 escudos. O «camion» foi rebocado para a «garage».

Theatro de S. Carlos

Amanhã, terça feira, termina o praso de preferencia dos assignantes das *premiers* para a festa artistica de Angela Pinto que se realisa na sexta feira, 19, com a primeira representação da extraordinaria peça em 4 actos, de Angier, traducção do dr. Coelho de Carvalho, *A aventureira*, uma das obras primas do theatro francez em que Angela Pinto faz a protagonista.

Depois de amanhã realisa-se um espectaculo excepcional: a peça de grande successo *A força do Destino*, a espirituosa farça *Commissario bom rapaz* e a engraçada farça de Schwalbach *Os annos da papá*, com varios numeros de musica.

No domingo realisa-se a festa artistica dos professores da «Orchestra Simphonica Portugueza», com um programma extraordinario.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A situação em França e na Belgica

PARIS, 7.—Communicação official de hoje ás 23 horas.

Ao norte de Arras, em Notre Dame de Lorette, os allemães tentaram um contra-ataque, que não poude desembocar. Posteriormente esboçaram outros trez que falharam egualmente. Na Champagne, a este de Perthes, fixámo-nos n'um bosque fortemente entrincheirado e fizemos alguns prisioneiros. Ao norte da mesma povoação repellimos um contra-ataque. Ganhámos terreno na crista a nordeste de Mesnil e tomámos de assalto uma nova trincheira. Ao norte de Beauséjour, no bosque de Consenvoye (norte de Verdun), repellimos um contra-ataque. Nos Vosges progredimos nos flancos de Reichekerkopf e fizemos prisioneiros. Em Hartmannswilliamkopf repellimos cinco contra-ataques.—(*Havas*)

PARIS, 8.—Communicado official das 15 horas:

Na Champagne nada importante a accrescentar á communicação de hontem á noite.

Os progressos annunciados foram ampliados no final do dia; além d'isso, tomámos de assalto trincheiras a noroeste de Louvain.

As trincheiras por nós conquistadas entre Perthes e Beausejour representam uns 400 a 500 metros.

Fizemos prisioneiros, entre os quaes ha varios officiaes.

Na região dos altos do Mosa a nossa artilharia pesada, declaram os prisioneiros, avariou sériamente o canhão de 42 centimetos posto recentemente em bateria pelo inimigo, tendo ficado mortos quatro serventes e sete feridos.

Na Lorena progredimos ligeiramente.

Nos Vosges, em Reichckerkops, os allemães contra-atacaram violentamente e no fim da tarde de hontem puderam por um instaete fixar-se na crista, mas depois d'um furioso *corps-à-corps* os caçadores repelliram-nos e ficaram definitivamente senhores da situação.

As perdas soffridas pelo inimigo são extremamente elevadas.

Na Alta Alsacia, sul da estação de Burmehaupte, foi tentado um ataque contra as nossas posições avançadas, mas foi dispersado pelo fogo da nossa infantaria.—(*Havas*.)

As operações no theatro oriental

LONDRES, 6.—Summario do relatorio russo da 3 a 5 do corrente:

Entre o Niemem e o Vistula os allemães estão completamente na defensiva excepto na região de Oowiec, onde vigorosos contra ataques feitos pelos russos teem diminuido a intensidade do bombardeamento. Na região de Grodno os russos estão fazendo firmes progressos e desalojaram o inimigo da villa de Kerjen na margem esquerda do Omulew. Foram encontradas aos soldados allemães ordens para confiscar todos os generos alimenticios. Nos Carpathos os austriacos continuam os seus ataques furiosos, mas teem sido repellidos com enormes perdas em toda a parte.

Ao sul de Zaliczyn no rio Dunajec os russos tomaram uma posição fortificada. Os ataques allemães proximo Kosziowa e Rozanka foram repellidos.

Na Galicia oriental os austriacos tiveram um importantissimo revez em Krasna a oeste de Stanislaw, e as suas guardas da retaguarda foram impotentes para se manterem nas suas posições no rio Lukwa que foi passado a salvo pelos russos. As tropas russas reentraram no dia 4 em Stanislaw. Durante as operações em volta d'esta cidade, entre 21 de fevereiro e 3 de março, os russos prenderam 153 officiaes, 18.522 homens, 5 peças de artilharia, 62 metralhadoras e uma grande quantidade de provisões e 519 cavallos.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Subscripção da Cruz Vermelha

Foram recebidas as seguintes quantias: Raul José Baptista, importancia da venda de uma alliança recolhida no bando precatorio realisado pelos alumnos das escolas secundarias de Lisboa, $60; Daniel Bernardo de Brito (Sernache de Bomjardim) por intermedio da Sociedade Propaganda de Portugal, 5$00; Camara Municipal da Certã, 50$00.—A transportar, 15.714$56.

As sonatas de Beethoven

Uma conferencia de Mello Barreto

Na proxima quinta-feira realisa-se nas salas do Gremio Litterario o ultimo concerto das sonatas de Beethoven, arrojado emprehendimento dos insignes artistas que são Rey Colaço e Julio Cardona, que assim levam a cabo a execução integral d'essas maravilhosas paginas em que o genio do compositor fulgura em toda a sua plenitude.

Por occasião do concerto de quinta-feira, cujo programma menciona a *Sonata a Kreutzer* e a *Sonata n.º 10 (opera 96)*, o illustre jornalista que é Mello Barreto, critico musical muito considerado, realisará uma conferencia sobre as sonatas.

Quem leu, durante annos, as criticas das *Novidades*, cheias de erudição, de acuidade e de brilho, e nomeadamente o magnifico e extenso estudo sobre a *Tetralogia* de Wagner e os artigos sobre musica religiosa, a proposito de Perosi, decerto aguarda com vivo interesse o novo trabalho de Mello Barreto cuja ultima conferencia sobre assumptos musicaes se effectuou no Conservatorio, quando a *Schola cantorum* ali executou a *Missa de Requiem* de Mozart, que serviu de thema ao nosso distincto collega. Essa conferencia, que corre em opusculo, mereceu da imprensa os mais justos louvores.

NO MERCADO GERAL DE GADOS

E' morto a tiro um marchante

que primeiro fôra aggredido á cacetada

São presos quatro dos aggressores

Pelas 15 horas e um quarto, no Mercado Geral do Gados, ao Campo Grande, foi morto a tiros de pistola, depois de violentamente aggredido á paulada, o sr. Porphirio José do Rego, proprietario do talho grande da rua da Escola Polithecnica e de mais vinte e um talhos.

O caso passou-se pouco mais ou menos da seguinte fórma:

A essa hora, o sr. Porphirio encontrava-se no Mercado com tenção de fazer abater vinte cabeças de gado para o Matadouro. No mesmo mercado havia comparecido uma commissão composta de cinco cortadores, delegada da respectiva associação de classe, para impedir que tal se fizesse. Levantou-se discussão e como o sr. Porphirio permanecesse na sua resolução, um grupo de dez individuos, entre os quaes se encontravam os da commissão, cahiu sobre elle á bordoada.

O aggredido, que se encontrava junto ao tapume do fundo do Mercado, fugiu para dentro do pavilhão da Bolsa, que fica á esquerda de quem entra.

Apenas, porém, tinha ahi penetrado, ouviram-se varios tiros e o alvejado ia cahir de bruços a alguns passos da porta, jorrando sangue. Quando d'elle se acercaram, estava morto. Acudiu o guarda fiscal 246 da 9.ª companhia, José Esteves Vaz, que, com o auxilio de dois outros guardas conseguiu prender quatro dos aggressores. São elles: Guilherme Cannas Pereira, morador na rua da Mouraria, 78, 1.º; Antonio Esteves Claro, da rua Raphael Andrade, *villa* Carvalho, porta 2, rez-do-chão; Arthur Baptista Vieira Bastos, rua de Arroyos, 143, 3.º, e Arthur Bento de Sousa, travessa da Cruz de Sant'Anna, 25, rez-do-chão, todos cortadores.

Os restantes fugiram. Junto do mercado agglomerou-se muito povo commentando o occorrido.

Pelas 16 horas o cadaver foi mettido n'um automovel e conduzido para a Morgue, acompanhado pelo seu cnhado João Paes, mais conhecido pelo «João Marujo», ficando os presos incommunicaveis na esquadra do Campo Grande, de onde devem ainda hoje ser remettidos para o governo civil.

No sitio onde cahiu o morto vê-se uma grande poça de sangue. Foi apprehendida uma das pistolas que serviu para a perpetração do crime, tendo a outra desapparecido, sendo dois os que dispararam tiros.

Para investigações, seguiu para o Campo Grande o agente Bernardino com os guardas 634 e 1:465.

O caso filia-se na questão das carnes em que tomou parte importante a «Abastecedora», associação a que o morto não quiz pertencer.

Balanço diario

O governo tem de olhar attentamente para a questão do assucar, para que não aconteça o que aconteceu com o trigo. Por ora, ainda ha assucar em Africa e na Inglaterra que chegue para abastecer o nosso mercado, por preços que, em face da crise actual, não podem considerar-se exagerados. D'aqui a pouco, porém, é que não se sabe o que acontecerá. Porque não toma o governo desde já providencias tendentes a fazer face a um mal maior do que aquelle de que já estamos soffrendo? Não se sabe. E no entanto, alvitres aproveitaveis não faltam. Oxalá que o governo adopte os que lhe parecerem mais proficuos.

Uma demissão

O sr. Augusto José Vieira, como secretario do directorio do partido democratico, foi quem apresentou queixa nos tribunaes contra o governo e contra o chefe do Estado, por ataques á Constituição. O sr. Augusto José Vieira era, porém, administrador por parte do governo da Companhia de Mossamedes. Por se tratar d'um logar de confiança, o sr. Augusto José Vieira foi hoje demittido. O cargo rende, em média, 42 escudos mensaes. Aviso aos pretendentes.

Governadores coloniaes

Para substituir o sr. general Joaquim José Machado no cargo de governador geral de Moçambique indigita-se, em primeiro logar, o sr. coronel Garcia Rosado, que já governou essa provincia ultramarina. Se o sr. Garcia Rosado não acceitar, ficam em campo os srs. Lisboa de Lima e major Baptista Coelho, sendo provavel que venha a ser o primeiro o nomeado. O sr. Baptista Coelho foi chefe do estado maior da provincia quando o sr. Freire de Andrade a administrou. Para S. Thomé, indigita-se o sr. major Pimenta de Castro, sobrinho do sr. presidente do ministerio.

Registo parochial

Os parochos das freguezias de Lisboa e atraz d'elles virão os outros, com certeza enviaram uma representação ao sr. ministro da justiça na qual pedem que lhes sejam entregues de novo os livros do registo parochial, que se encontram presentemente em poder dos conservadores do registo civil. E' uma velha questão, esta, travada entre os parochos e o poder civil. Vamos a vêr como o sr. dr. Guilherme Moreira a resolve.

Novo ministro das finanças

A posse do novo ministro das finanças foi dada hoje ao sr. coronel Rodrigues Monteiro, ministro dos negocios estrangeiros, pelo ministro demissionario, sr. Herculano Galhardo, o qual encarregou o sr. Silva Bruschy de apresentar as suas despedidas aos demais funccionarios do ministerio. O sr. Herculano Galhardo foi em seguida despedir-se de todos os seus ex-collegas do governo.

Ministros e ministerios

No rapido do Porto, regressaram hoje a Lisboa os srs. ministros do fomento e da justiça, que eram aguardados na «gare» pelo pessoal dos seus gabinetes. Estiveram com o sr. ministro do interior os srs. governador civil d'Aveiro e Machado Santos. Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros da justiça e do interior e commandante da primeira divisão militar.

Crise ministerial?

Sobre boatos de crise ministerial, a que n'outro logar fazemos referencia, devemos accrescentar que o sr. dr. Guilherme Moreira, ministro da justiça, manifestou o desejo de abandonar o governo, segundo affirmavam hoje varios politicos que se julgam bem informados. Ao que parece, a sua sahida teria como resultado o pedido de demissão collectiva do gabinete, competindo então ao sr. presidente da Republica resolver a anormalidade da actual situação. A tal proposito, dizia-se que s. ex.ª o poderia fazer de accordo com os elementos hoje dominantes e sem ferir as susceptibilidades e reclamações dos varios partidos da Republica.

Dr. Theophilo Braga

O sr. dr. Theophilo Braga, como antigo presidente do governo provisorio, communicou á commissão parlamentar nomeada na ultima reunião do Congresso que dava todo o apoio moral ás suas deliberações.

COIMBRA, 7.—A junta de parochia de Santo Antonio dos Olivaes na sua sessão de hoje deliberou não acatar quaesquer decretos do governo, visto este estar em dictadura, contra a expressa determinação da Constituição.

Fausto de Figueiredo

Com um ataque de grippe, encontra-se, ha dias, doente na sua casa do Estoril o nosso presado amigo sr. Fausto de Figueiredo. Fazemos votos pelo seu rapido restabelecimento

A QUESTÃO DO PÃO

Padarias assaltadas

Ao Tejo chega um carregamento de trigo

Na rua de S. Paulo foram hoje assaltadas duas padarias, o mesmo succedendo a uma da rua Direita de Marvilla, que é deposito da Nova Companhia Nacional de Moagens. Intervindo a policia e a guarda republicana, os assaltantes foram dispersados.

Tambem por identico motivo o Campo Grande esteve hoje de tarde em estado de sitio. Foi quando, pelas dezesete horas, os operarios que trabalham nas obras do Manicomio Miguel Bombarda sahiram, tentando assaltar o deposito de farinhas de Coutinho & Martins, junto á avenida do Parque, bem como algumas padarias que lhe ficam proximas.

Accudiu a policia e a guarda republicana, houve espadeiradas, cabeças partidas, correrias, gritos e por fim tudo serenou, ficando a policia de guarda ás casas ameaçadas de assalto.

Ao Tejo chegou hoje o vapor «Noeninoe» com um carregamento de 4.380.000 kilogrammas de trigo exotico procedente da Argentina. Esse trigo vae ser distribuido pelas fabricas de moagem matriculadas e pela Manutenção Militar.

Por estes dias deve chegr um outro vapor com cerca de 5.000.000 de kilogrammas, esperando-se que até ao fim do mez cheguem 50.000.000 de kilogrammas da Argentina e Estados-Unidos, o que assegurará o consumo até fins de maio proximo.

Alguns administradores dos concelhos dos arredores de Lisboa e commissões de padeiros estiveram hoje no ministerio do fomento, tratando da questão do pão. Foram tomadas providencias para que dentro de dois ou trez dias a moagem possa fornecer a farinha mixta, de fórma a normalisar a situação.

Visconde de Meirelles

Ao começo da tarde surprehende-nos a noticia de ter fallecido na sua casa do Dáfundo o sr. visconde de Meirelles.

Natural dos Açores, o sr. visconde de Meirelles, que actualmente devia contar pouco mais de 60 annos de edade, exerceu durante 12 annos o cargo de consul geral de Portugal em Bombaim, foi governador dos territorios da Companhia de Moçambique, onde a sua excellente orientação e o seu tacto administrativo largamente se evidenciaram. A cidade da Beira nasceu pode dizer-se, sob os seus auspicios.

Mais tarde foi nomeado consul de Portugal em Danzig e depois em Bremen, exercendo tambem durante alguns annos o cargo de addido commercial junto da legação portugueza de Berlim.

A sua ultima missão diplomatica consistiu em representar o nosso paiz nas republicas sul-americanas (menos o Brazil) tendo residido durante algum tempo em Buenos Ayres na qualidade do nosso ministro plenipotenciario.

Ha trez annos, a doença obrigou-o a uma prolongada permanencia na ilha da Madeira, onde obteve alguns allivios.

O sr. visconde de Meirelles possuia um espirito extremamente culto; o seu trato delicadissimo conquistava-lhe as simpathias de quantos d'elle se approximavam. Muito viajado e lido, assombroso de erudição, original nos conceitos, caracter de ouro e coração sensibilissimo, era bem uma figura notavel a do illustre titular.

Escrevia com rara elegancia de fórma e justeza de observação. Durante muitos annos o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicou chronicas suas, sob pseudonimo, que são modelos de boa litteratura portugueza. Dirigiu tambem o *Jornal das Colonias* de que foi proprietario.

Recordando rapidamente estas impressões, inclinamo-nos ante a sua morte, pedindo á enlutada familia e em especial a sua esposa e filhos que acceitem a expressão dorida do nosso pezame.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

A restituição do palacio da Bolsa

Espalhou-se o boato de que o governo ordenára á camara municipal que fizesse entrega á Associação Commercial do palacio da Bolsa, boato que mais se avolumou por nos «placards» dos jornaes se annunciar para ámanhã uma sessão extraordinaria do senado, a fim de tratar de assumpto urgente.

Na Associação Commercial nada se sabe por emquanto nem ella tratou com o governo a esse respeito, dizendo o seu presidente que, se tal se fizer não é mais que uma restituição aos seus legitimos donos.

SPORT

Os soldados e marinheiros inglezes fizeram-se valentes com o «sport»

F. Teves, o grande higienista e excellente litterato, entregou-se ao estudo do valor phisico das raças e escreveu o seguinte:

«A importancia da simples saude phisica e da força, considerada em certos pontos de vista, não pode ser exaggerada. O papel que ambas desempenharam na historia da raça ingleza tem sido magnifico. As glorias dos emprehendimentos britannicos, a valentia e denodo do marinheiro bem como a invencivel coragem do soldado não tiveram pequena parte em formar a grandeza da nação britannica. O gosto que teem os inglezes pelo sport, o deleite que experimentam nos exercicios viris e fóra de casa, o desprezo pelo que é effeminado e fraco são demonstrações de saude vigorosa e de robusto desenvolvimento».

Não ha necessidade de attenuar o facto de que a situação da Grã-Bretanha entre as nações europeias é devida, em não pequena escala, a qualidades que foram a gloria dos povos selvagens. O explorador pode ter conhecimentos profundos e preternatural juizo, que de bem pouco lhe servirão, se elle não fôr dotado de saude e força simples, rudes. O orgulho principal do primitivo navegador consistia na sua impassivel coragem e no seu forte poder de resistencia. O maior capitão não passaria de um panal de palha se não tivesse ás suas ordens homens que não temiam nenhuma fadiga e não sabiam o que era medo.

Póde não ser uma affirmação agradavel, mas nem por isso é menos verdadeiro que o poderio do povo inglez depende em não pequeno grau d'essas qualidades muito humildes que fazem «um bom animal».

∴

Nota do dia

Approxima-se a epocha e pouco se fez ainda

Vae approximando-se a primavera e, com ella, o tempo proprio para os exercicios de athletismo ao ar livre e para os chamados «jogos olimpicos». Mas, que nos conste, ainda os clubs não iniciaram os preparativos para entrar n'essa epocha! Apparece apenas a dolorosa certeza que alguns clubs esperam que termine a temporada de *foot-ball* para envidarem depois os seus jogadores nos torneios que se annunciarem! Quer isto dizer que n'estes *sports* ha a mesma gente de sempre, a mesma falta de orientação nos treinos e a mesma miseria! Não se progride e não se marcha. E de quem é a culpa? Evidentemente dos que dirigem as collectividades — não, como constante o maliciosamente o diziam, por culpa da imprensa. Esta só noticia e auxilia e, como tal, não tem presumpção de organisadora...

∴

Algumas anecdotas

Na Turquia quando os homens luctam, as mulheres choram

Tinha chegado de Paris o emprezario. Era preciso escolher o seu melhor luctador para levar para França. Foi por isso que se annunciou o combate, até decisão, entre o phenomenal Yousouf e o valente e herculeo Ibrahim Mahmout. Foi a lucta mais celebre d'aquelle anno.

Yousouf, mais pesado, mais massiço, incarnava a força irresistivel e um poder sem limites, augmentados por um orgulho desmedido e uma confiança absoluta em si mesmo. Mahmout, sem se atemorisar com o olhar terrivel e a phisionomia dura e maldosa de Yousouf, estava sereno, musculado como só raramente o é um oriental, tão alto como o adversario, mas muito mais agil do que elle.

Ao signal do apito lançaram-se um ao outro e, com a sua força enorme, com o conhecimento profundo dos pontos mais dolorosos da prisões que ambos tinham, começaram a martirisar-se mutuamente, sem uma queixa, sem um signal de fraqueza, em quanto os seus corpos iam ficando marcados pelos vergões que as suas mãos d'aço, muito proporcionadamente, faziam.

Yousouf luctou pela primeira vez com um homem digno d'elle, e, ao encontrar ante si uma resistencia inesperada, o seu furor tornou-se indescriptivel.

As duas prisões mais dolorosas, a que nem mesmo o gigante Nourlah resistira mais de cinco minutos, não faziam mais que encher de suor o seu adversario, mas não lhe diminuiam o vigor do ataque e a firmeza dos golpes.

Ao constatar a serenidade do seu contendor, Yousouf tornou-se louco furioso. Os seus golpes succediam-se com a rapidez do relampago! tentou esmagar-lhe as costellas, tentou torcer-lhe um braço até fracturar-lh'o e, por mais de uma vez, experimentou estrangulal-o.

Ibrahim Mahmout, de joelhos no tapete, o rosto impassivel, resistia a estes terriveis ataques, mostrando, depois de uma hora de lucta, a mesma coragem dos primeiros minutos.

Não podendo vencel-o, Yousouf recorreu aos grandes meios.

Como eram permittidos todos os golpes, fez ao seu adversario uma tor... atroz, que não podemos descrever, e, com a outra mão, arrancou-lhe litteralmente as narinas. Ibrahim, com a cara a escorrer sangue e com um soffrimento capaz de fazer desmaiar um touro, continuava a resistir! Mas o juiz e o publico não se contiveram. Tom Cannon, o arbitro, antes de todos, precipitou-se sobre os dois homens enlaçados e tentou arrancar Yousouf da prisão que estava fazendo a Ibrahim. Não o conseguindo, deu com uma bengala furiosamente nas costas do turco, cuja epiderme se ia enchendo de laivos vermelhos.

Yousouf não largou a presa, mas, voltando-se para o seu novo adversario, lançou-lhe um olhar tão terrivel que Tom Cannon recuou.

Então, no auge da excitação, o publico invadiu o ring e tentou linchar Youssouf, que deixou, finalmente, o adversario. N'este momento, um commissario de policia, acompanhado por seis policias, entrou no ring e conseguiu restabelecer, até certo ponto, a ordem. Os turcos vestiram-se com alguma custo e organisadores, policias e luctadores dirigiram-se ao commissariado, seguidos por uma multidão furiosa, que gritava:

—A' morte, á morte!

Chegados todos perante o official de policia, e depois de lhe terem contado as peripecias da lucta, este perguntou a Ibrahim:

—Quer queixar-se do seu adversario?

E o turco, com um orgulho indomavel, respondeu:

—E' de modo nenhum. Nós luctámos, simplesmente!

Depois, voltando-se para o official, que estava espantado, acrescentou:

—«Na Turquia, quando os homens luctam, as mulheres choram.»

Noticias

Entre nós

Domingo reabre o Velodromo

O mau tempo prejudicou a festa de reabertura do Velodromo do Stadium, que foi, por trez vezes, transferida. Annuncia-se, novamente, para o proximo domingo, com um programma soberbo e cheio de interesse sportivo. O producto reverte para a subscripção do «Cigarro do soldado».

O publico ganhou com a transferencia porque nas corridas de motocicletes entram todos os corredores nacionaes.

O Sporting em Hespanha

Embarca no proximo sabbado para Vigo o primeiro grupo de «foot-ball» do Sporting Club de Portugal. Joga no domingo, 14, sexta feira, 19 e domingo, 21, contra o «Fortuna» de Vigo. E' possivel que os footballistas portuguezes vão até á Corunha.

Uma festa na Amadora

Para o proximo sabbado está annunciada uma bella festa no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora. Effectua-se um sarau, seguido de baile, que promette ser muito animado e concorrido.

Pesos e alteres

Ainda esta semana deve ficar definitivamente elaborado o programma do campeonato nacional de pesos e alteres, cuja organisação será auxiliada pelo benemerito Gimnasio Club Portuguez. O campeonato será disputado com seis exercicios classicos, com trabalhos com os dois braços e n'um braço. Pensa-se convidar para arbitro um antigo athleta e campeão, actualmente terminando o curso de medicina na cidade do Porto.

União Velocipedica

E' hoje á noite que reune na sua séde o XVII Congresso da União Velocipedica Portugueza, devendo comparecer todos os delegados dos clubs lisbonenses e da provincia e todos os socios inscriptos.

Um sarau no Coliseu

Está sendo preparado por uma commissão militar um grande sarau no Coliseu dos Recreios, revertendo o producto para as familias dos soldados mortos em Africa. No programma incluem-se numeros sportivos e athleticos, organisados com elementos das escolas militares.

Estudantes da faculdade de medicina

Como haviamos noticiado, realisou-se hoje, pelas 12 horas, a reunião dos estudantes da faculdade de medicina, do curso moderno, a fim de apreciarem a situação em que os colloca o parecer do conselho escolar desfavoravel á pretenção de poderem passar para o 4.° anno sem a cadeira de anatomia pathologica, ou a de pharmacologia. Tal parecer, a ser mantido, fará com que quasi todos os alumnos não possam passar de anno.

Deliberou-se que uma commissão fosse entender-se com o ministro da instrucção, a fim do caso ser levado a conselho de ministros.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. Mut. dos Carteiros e Boletineiros de Lisboa

Do relatorio da gerencia do anno findo vê-se que a receita foi de 925$97,1 e a despesa de 694$72,9, havendo, portanto, um saldo de 231$24,2. O numero de socios existentes em 31 de dezembro findo era de 314. A assembleia geral reune ámanhã, ás 20 horas, em segunda convocação, funccionando com qualquer numero.

Companhia Portugueza de Phosphoros

Para discussão e votação do relatorio do conselho de administração e parecer do conselho fiscal, reune a assembleia geral no dia 13, ás 14 horas, no edificio do Banco Lisboa & Açores. Os lucros no anno findo foram de 466$31$16, a que o conselho de administração propõe a seguinte applicação: para reserva especial 25:000$00; dividendo de 9 0/0, 405:0.3$00; percentagem ao conselho de administração, 17:035$30; ao conselho fiscal, 3:407$06; caixa de soccorros do pessoal operario, 1:000$00; conta nova, 15:558$80.

NATURISMO

O jejum

Perdoem-me os leitores falar-lhes no jejum. Os portuguezes, geralmente, gastam tudo quanto ganham a comer. E por isso sei bem que acham incomprehensivel e até irrisoria a Quaresma que a religião dominante preceitua. Nem padres nem fieis cumprem o jejum. Só eu que não tenho religião alguma é que desde ha 5 annos vivo como os grandes santos, Francisco d'Assis, Santo Antão, etc.

A elles dominava-os a paixão de adquirirem o ceu. A mim só me move demonstrar que o *homem é frugivoro* por natureza. E, mesmo no seculo XX, qualquer pessoa póde com vantagens organicas enormes usar a dieta ancestral, pois é a unica ajustada ao homem (Cuvier).

Quando alguem duvidar ou hipocritamente sorrir, póde vir, o tempo que quizer, para junto de mim: ser a minha sombra e nunca me deixar, para se capacitar. N'esta casa onde agora estou aceitam-se doentes e pessoas para serem curadas sem medicamentos nem operações. E é facil verificar o que affirmo: ser a dieta crua o melhor processo de nutrição, com vantagens enormes, phisicas, moraes e mentaes. Bastam alguns dias de adaptação e exemplo para as pessoas aprenderem a ter saude.

O jejum pelo frigivorismo é magnifico. Não intoxica mas nutre e reforma o protoplasma celular, pois não se comprehendem celulas do animal algum (o homem é um animal...) regeneradas por carne assada, peixe cosido, alcool ou café ou chá e até mesmo vegetaes cosinhados, estes só recommendados como transição necessaria.

Jejuar é um grande processo de cura, mas ao pé do quem saiba e tenha pratica é magnifica therapeutica... a melhor de todas,

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Sousa

Movimento maritimo

Brazil e R. Prata «Sequana» (Brazil)	8
Brazil e R. Prata «Hollandia» (Amstd.)	8
Lour. Marq. Beira,etc. «Castillian»(Liv.)	9
Marselha, etc. «Ile Reunion» (N. York)	9
Africa occident., via Madeira «Loanda»	10
F., B., R. J. e Sant. «Maasland» (Am.)	10
R. J. e R. Prata «Demerara» (Liverp.)	11
Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.)	11
Liverpool «Atalmalpa» (Pará)	11
Amsterdam, etc. «Tubantia» (Brazil)	11

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—Não ha espectaculo.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA—A's 21—Um diabrete.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO — Não ha espectaculo.

APOLLO—Não ha espectaculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Politeama** —Recita do actor Azevedo—*O diabrete*, de Romain Coolus.

Avenida—Estreia do novo quadro *Aqui d'el rei* na revista *Ceu azul.*

QUINTA FEIRA—Apollo—Reapparição da companhia Ruas—*A aguia negra* em sessões.

Trindade—Primeira representação do quadro novo: *De S. Bento á Mitra...* pela *Pimenteira* da revista *Verdades e mentiras.*

SEXTA-FEIRA — **Eden Theatro**—Estreia da companhia italiana de opera lirica.

Medalhões

Alexandre de Azevedo

Realisa-se ámanhã, no Politheama, a festa artistica de Alexandre de Azevedo, com a primeira da Petite peste. Por um duplo motivo me regosija esse facto: tenho ensejo de juntar a minha homenagem ás homenagens que na sua festa lhe vão ser tributadas, e é mais uma occasião de assistir a um novo trabalho do artista que tão bem tem sabido marcar o seu logar na scena portugueza.

Porque o esforço de Alexandre de Azevedo, esse esforço honesto, persistente, methodico, que se traduz n'um estudo meticuloso da sua arte, esse esforço que os parvenus desdenham ou consideram pelo menos inutil, attendendo ao pretendido fogo sagrado de que se julgam inspirados, nunca é demais destacal-o para que de exemplo sirva. Ha tanto artista em Portugal artistas de talento, a quem apenas falta,—diz-se,—o meio adequado para conseguir da arte o que em paizes de mais amplo horisonte ella poderia garantir-lhes. Nem só é natural talento, porém, é o segredo do triumpho. Alexandre de Azevedo, possuindo esse talento tem além d'isso uma vontade. Disciplinou as suas qualidades intuitivas; pretende é muito bem; que o trabalho artistico é tanto mais perfeito quanto maior o cuidado com que o prep'reu. Para elle, a improvisação é, em regra, expediente indigno de um artista probo. O papel que se encarrega torna-se objecto de methodica e persistente analise. A psichologia da sua personagem não é a tintura superficial e pallida de que frequentemente se abusa, só porque isso vale penalizar melhor. Tem qualquer coisa de mais profundo, de mais serio—garanto que se sente vontade de affirmar de mais scientifico.

E' esse principalmente, a meu ver, o traço caracteristico da sua figura de actor. Foi esse sempre sem duvida o segredo do seu triumpho. Por isso mesmo, na occasião da sua festa, eu me limito a recordal-o n'estas rapidas linhas, em que envio a Alexandre de Azevedo o tradicional abraço de sympathia e de applauso.

Hermano Neves

Ao correr da penna

O velho Commissario de policia, depois de vinte e cinco annos decorridos sobre a sua primeira respresentação, ainda esgota a lotação do Gimnasio, que lhe foi berço.

Que a peça é graciosa e bem construida não ha duvida; mas a razão d'aquelle exito periodicamente constante é outra e bem simples: ser a comedia de Gervasio uma obra legitimamente portugueza no desempenho das figuras, nas peripecias do entrecho, nas facecias do dialogo.

O publico sente-se bem. Conhece as figuras. Compara-as com pessoas das suas relações e tanta propriedade encontra nos ditos, que os applica depois em casa nas palestras familiares. Não dará a nossa vida social para entrechos de obras dramaticas de grande folego. Na burguezia ainda se encontra inspiração para comedias jocosos e com o seu tanto de satira. Se abundassem os comediographos como sobram os revisteiros, poderiamos ter um theatro interessante. Não são os bons modelos que faltam e de assumptos tambem não ha mingua.

Cyrano

∴

Boatos e informações

Entre nós

Na peça de Manuel Penteado *Lei San*, que Henrique Alves representa no seu beneficio, o papel creado por Lucilia Simões será interpretado por Luz Velloso e o de Chaby foi distribuido a Raphael Marques.

● As actrizes Bemvinda de Abreu e Julieta de Vasconcellos farão beneficio no Gimnasio com a primeira representação de uma peça n'um acto.

● Chegou hoje no rapido da tarde a companhia do theatro Apollo. Reapparece com a *Aguia Negra*, seguindo-se as peças *Fado e Maxixe* e *Rosa tiranna.*

● Acaba de sahir o primeiro numero do *Album theatral*, illustração quinzenal, que encerra um magnifico retrato de Augusto Rosa acompanhado por um caloroso artigo de Avelino de Sousa. Os proximos numeros serão successivamente consagrados a Palmira Bastos e Affonso Taveira. O preço da publicação, sem duvida interessante, é de 6 centavos.

No estrangeiro

Max Dearly vae reapparecer em Paris com a comedia *Mon bebé*, representada entre nós com o titulo *Chuva de filhos.*

● Nelly Carmen será a principal interprete de uma peça dramatica *La priere dans la nuit* escripta por Paul Gavault nos campos de batalha.

● Na Caité Lyrique fez-se reprise do *Grão Mogol.*

Circos & Music-halls

O que elles podiam fazer!...

A guerra prejudicou bastante as casas cinematographicas. Rareiam as estreias dos films grandes e de actualidades. Estão trabalhando exclusivamente as fabricas do norte de Italia, Barcelona e da America, mas n'essas falha o assumpto original e quando produzem um film mal o podem collocar em outros paizes porque é pesado o encargo das differenças cambiaes.

Sendo assim, porque não trabalham os poucos operadores que temos em Portugal? Falta-lhes o assumpto? Não, porque se não ha comparsaria e numerosa figuração para fazer uma pelicula grande, ha assumptos que, se «passassem» pelo «écran», attrahiam espectadores. A ultima quinzena foi prodiga de assumptos que interessavam no animatographo. Não os quizeram procurar? Então não se queixem...

Noticias

Entre nós

E' hoje que, na recita da moda do Coliseu dos Recreios, se estreiam os gimnastas portuguezes Manuel Correia e Carlos Martyres em exercicios de trapezios, com «vôos á Leotard». O seu numero compõe-se de saltos em conjuncto e isolados. O trabalho tem muito merecimento porque a distancia dos «vôos» é grande e porque a collocação dos «poisos» não domina a altura dos trapezios. O que elles fazem tem, na verdade, grande merecimento para os technicos.

São os primeiros gimnastas portuguezes que se fazem profissionaes em trabalho de «vôos».

—O theatro circo de Braga ainda abre este anno com uma grande companhia de variedades.

—E', como se segue, o elenco da Companhia Juvenil Portugueza que no proximo mez de maio vae em «tournée» ao Porto:

Maria Thereza, Dinah Stichini, Dinorah Machado, Georgina Machado, Constança Cruz, Ilda de Carvalho, Alice Cruz, Carlos Barros, Raul Silva, Armindo Coelho Francisco Cruz, Francisco Carvalho, Mario Silva, Alvaro Gaspar.

—O reportorio compõe-se da phantasia-revista de André Brun «O sonho do mosquito» (que será a peça de estreia), «Soldado de chocolate», operetta allemã em 3 actos; «O penacho é meu», revista em 2 actos; «Trapinhos e trapadas», revista em 2 actos; «Zaz, traz, paz», revista em 2 actos; «Casta Joanna», operetta em 3 actos; «Piadas e beliscões», revista em 2 actos.

—A empreza que explora o cinematographo no Coliseu de Lisboa adquiriu o exclusivo d'uma serie de «films» da guerra europeia, cuja exhibição se annuncia para breve.

—O «film» «Os leões da condessa» vae exhibir-se no animatographo do Rocio.

—O Salão das Festas da Amadora recomeça os seus espectaculos cinematographicos no fim do mez actual.

—A recita de hoje no theatro da Rua dos Condes é dedicada á colonia hespanhola. Despede-se a completista Tótó.

—A'manhã, no Theatro Salão dos Anjos, effectua-se a primeira representação da revista em 2 actos e 8 quadros «Só para homens», original de Ali-Babá e João d'Oliveira, com musica de Fernando Athos. O réclamo que acompanha a gente...

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, matinées diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Império, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella) — A's 21 e 22,30 — O sonho domoscquito.

e catholico». A concepção d'um Deus allemão, d'um Deus nacional, conciliando no céu as divergencias da terra, nascia assim no seu espirito mistico.

Apesar de tudo, os antagonismos subsistem; um protestantismo cada vez mais convencional, um catholicismo limitado e em demasia politico não bastavam a satisfazer as aspirações d'um grande povo. Certas fraquezas da politica imperial e germanica provêem d'ahi. A consciencia religiosa da Allemanha é obrigada a entregar-se a um debate continuo e a uma perpetua transacção para se achar d'accordo comsigo mesma.

No Reichstag e no paiz, o partido catholico divide-se em esquerda e direita, unidas pelo mesmo ideal, mas uma das quaes, a silesiana, é conservadora, ao passo que a outra, a westphaliana e a bavara, é retintamente democratica.

Nos ultimos tempos, esta tendencia é a que domina. Mas o partido catholico, como os outros partidos, deixa-se arrastar para a consideração quasi exclusiva dos interesses materiaes.

Não ha, pois, quer nas instituições, quer nos partidos, coisa alguma que possa contrabalançar a pressão governamental e militar do imperio. Como as considerações economicas se sobrepunham a tudo, o antagonismo das classes e dos interesses erguia-se em frente do poder como um dilema sem solução. A politica agraria dos Hohenlohe, dos Bülow, dos Bethmann-Hollweg dominava, fazia pressão com uma violencia inegualavel sobre o governo, no momento em que este encetava as temiveis negociações d'um tratado de commercio com a Russia.

O partido agrario e as suas doutrinas eram, porém, batidos com extraordinario vigor por todos os partidos contrarios agrupados no Reichstag. O governo era forçado a escolher e a escolha era temivel. Adivinhava-se a hora em que a questão viria por a proprio imperio, a questão militar, se ia erguer deante da opinião como a ultima palavra do dilema. Continuar com os armamentos, era pronunciar-se pelo partido agrario; parar com elles, era tender para a Allemanha industrial e commercial, aquella que pedia uma approximação com a Inglaterra, que reclamava que se acabasse com as construcções navaes e se seguisse uma politica mais moderada.

Todos os elementos de dissociação se iam agrupar, consciente ou inconscientemente, em redor d'este programma. No proprio Reichstag se agitavam esses elementos.

A essa assembléa, que acabava de votar quasi sem hesitação um imposto de mil e duzentos milhões de francos na previsão d'uma guerra proxima, achavam-na cançada, accusavam-na de querer enfraquecer o exercito modernisando-o e reprimindo os abusos do privilegio e do espirito de casta. Accrescentava-se que apoz esse esforço de 1913 o parlamento desejava descançar. Ao passo que os pangermanistas, proseguindo na execução do seu programma, reclamavam a militarisação completa do paiz, com a applicação integral do serviço obrigatorio e universal, um longo murmurio de descontentamento se erguia, despertando as oposições latentes. A Baviera intervinha para sustentar essa resistencia contra projectos desmedidos. O barão de Hertling dizia audaciosamente: «As forças dos povos teem limites e é preciso contar com isso».

O partido militar, cada vez mais irritado, não desistia do seu objectivo. As probabilidades eram favoraveis, o momento azado: a paiz estava preparado, prompto para a lucta. Se o imperio queria salvar-se, salvando o exercito, salvando a unidade allemã, contra todos os perigos que a ameaçavam, apenas havia uma solução: a guerra.

Um alarme justificado, ainda augmentado pelo escandalo de processos que revelavam a desmoralisação das espheras dirigentes — processos Hammerstein, Tausch, Moltke, Eulenbourg, Krupp, Siemens e Schuckert no Japão, revelações sobre as concussões d'um antigo commandante d'um corpo d'exercito, revelações d'um antigo chefe da policia sanitaria, catastrophes financeiras ou

A cathedral de Reims após o bombardeamento

A porta lateral esquerda da entrada principal

lemanha e que ponha em risco os destinos da nação.

Em primeiro logar as côrtes da Allemanha defendem a sua independencia, a sua influencia, os seus interesses contra a usurpação do poder central. Ha tambem as luctas occultas e surdas a dentro dos castellos e palacios reaes, onde principes e princezas se despedaçam sorrindo, e de que transpiram alguns echos, como por exemplo as palavras do principe Luiz da Baviera em resposta a um industrial allemão de Petrogrado, que falára no imperador allemão e nos seus vassallos.

«Não somos vassallos, disse Luiz da Baviera, somos eguaes e alliados do imperaor allemão, «primus inter pares», e é de accordo com elle que trabalharemos pelo bem e pela grandeza da Allemanha».

Quano o rei de Saxe, escolhido para arbitro, deciiu que a corôa do principao de Lippe pertencia ao conde e Lippe-Bitterfeld e não ao seu etentor, o principe de Schaumbourg-Lippe, cunhao do imperador, Guilherme II julgou poder vingar-se a seu modo e, a uma carta muito respeitosa o conde regente, respondeu

Quando o rei de Saxe, escolhido para arbitro, decidiu que a corôa do principado de Lippe pertencia ao conde de Lippe-Bitterfeld e não ao seu detentor, o principe de Schaumbourg-Lippe, cunhado do imperador, Guilherme II julgou poder vingar-se a seu modo e a uma carta muito respeitosa do conde regente, respondeu n'uma missiva arrogante: «Prohibo-lhe que fale n'esse tom». O conde de Lippe, sem replicar, publicou a carta que havia dirigido ao irascivel monarcha. Era um modelo da maior cortezia. Em toda a Allemanha principesca ergueu-se um murmurio violento contra o imperador. A nação approvou.

Nas vesperas da guerra, o granducado de Bade e o reino de Saxe debatiam-se contra o egoismo da Prussia que, n'uma questão de caminhos de ferro, procurava estrangulal-os.

O gran-duque de Hesse não perdia occasião de zombar do seu imperial primo. Se o imperador pronunciava contra a horda dos «sem patria» um d'esses discursos fulgurantes destinados a anniquilar a Social-Democracia, o gran-duque convidava no mez seguinte os socialistas do seu gran-ducado para o seu palacio e conversava amigavelmente com elles, offerecendo-lhes charutos.

Passaremos em claro muitos outros factos. Os Reuss e os Saxe-Meiningem, por exemplo, nunca punham os pés em Berlim, por questões de familia ou pessoaes.

Um incidente occorrido com os gran-ducados de Mecklemburgo-Schwerin e Mecklemburgo-Strélitz caracterisa bem os limites do poder central. Os dois gran-ducados são regidos por uma constituição que se assemelha á da França antes de 1789. Uma dieta composta de representantes da nobreza, deputados das cidades e representantes da corôa regula todas as questões de politica financeira seguindo methodos patriarchaes, não deixa o povo intervir nos negocios publicos e conspira contra os soberanos. Tal estado de coisas escandalisava toda a Allemanha. Todos os annos se ouvia, no Reichstag, o tradicional discurso ácêrca de Mecklemburgo e das suas instituições medievaes. Os gran-duques entenderam-se com o imperador e com o chanceller para se pôr fim a uma situação que os importunava tanto pelo menos quanto vexava os seus vassallos.

Perante a resistencia dos representantes da nobreza, o imperador, os dois gran-duques e a nação allemã tiveram de dar-se por vencidos. Os gran-ducados não mudaram de constituição e, apesar do desejo que os animava, nem o governo imperial, nem o Reichstag ousaram intervir n'um caso de politica interna com que nada tinham.

Juntemos a essas rivalidades entre dymnastias, que se dissimulam a maior parte das vezes sob as apparencias da mais requintada cortezia, a antipathia profunda e a aversão instinctiva que separam a Allemanha do Sul da Allemanha do Norte, ou, para falar com maior exactidão, a Allemanha celto-germanica da Allemanha germano-slava. Os

bavaros detestam os prussianos; os prussianos despresam os bavaros. Munich tem horror a Berlim e o mais leve incidente é o sufficiente para arrojar uma contra outra, pelo menos em palavras, essas irmãs inimigas.

Na Allemanha ha o regionalismo sufficiente para se oppôrem á invasão da auctoridade administrativa ou politica prussiana ou imperial. Catholicos, feudaes, os proprios socialistas, são fielmente dedicados ás suas procedencias, quer sejam da Baviera, de Bade ou da Saxonia. Não teem sentimento algum de lealdade ou de simpathia pelo prussiano dominador: ha antes um sentimento de odio e de desconfiança pelo allemão oriental.

Não se póde, evidentemente, prevêr que reacções ou que mudanças resultarão d'uma derrota. Os governos locaes teem poderosos meios de acção sobre a imprensa e a opinião publica. O imperador nem sempre foi meigo para com esses «vassallos», que nem sempre foram indulgentes para com elle. Ainda sob esse ponto de vista o imperio precisa da victoria. A guerra foi o seu instrumento, a guerra é o seu supremo recurso. Se a guerra lhe não fôr favoravel, é natural que o imperio se desagregue.

A diversidade de religiões não attinge sériamente a unidade allemã. Comtudo, a presença do grupo catholico no Reichstag não deixa de complicar d'um modo muito especial o funccionamento das instituições. Conveniente é, portanto, considerar sob esse ponto de vista uma divergencia que interessa a alma da nação.

Nietsche definiu o protestantismo allemão como sendo uma hemiplegia do christianismo e da razão. Luthero foi um mistico; denunciou a união sobre a qual S. Thomaz fundára a auctoridade da egreja, pondo o raciocinio ao serviço da crença.

O caracter subjectivo e mistico da religião protestante, o desenvolvimento do individualismo do pensamento, deram um fundo golpe no dogma christão. Apesar dos esforços do pietismo protestante, a disciplina intellectual e moral desappareceu.

Kant tentou restaural-a pela sua concepção geral da vida, fundada na «totalidade» da natureza humana e dando por base á religião a obrigação moral. Creou-se assim, pouco a pouco, no mundo protestante um racionalismo christão, uma religião da «élite» que se interessa pouco pelo dogma, muito pela moral, mas que, por causa mesmo do seu caracter, se não póde tornar uma religião popular.

Ao passo que o protestantismo chegava, logicamente, a tal doutrina, o povo, abandonado a si proprio, cahia n'um atheismo pratico que não podia ser dominado por alguns vagos ritos. A religião não estreitava os laços sociaes, a egreja não era companheira, servidora ou collaboradora do Estado.

O catholicismo ultramontano tinha, porém, uma multidão de adherentes assaz grande para que o poder tivesse de contar com elle, ou talvez, sendo preciso, n'elle se apoiar. Nas eleições de março de 1871, fundava-se o partido catholico para defender os interesses catholicos. E esse partido contava no seu seio aristocratas bavaros, territoriaes prussianos, magnates polacos, ao lado dos nacionaes e liberaes do valle do Rheno.

O partido catholico, exactamente por reunir no seu seio as aspirações de populações muito diversas, exactamente por conservar o culto da auctoridade, exactamente por obedecer a um certo ideal, poude approximar-se, sem grandes contradicções, da politica imperial. Pouco a pouco, adaptou-se a esse novo papel. Tornou-se o grupo mais influente do Reichstag. Seguindo um meio termo entre as tendencias conservadoras e democraticas que n'elle estavam em contacto, conservou-se n'uma attitude progressiva, com uns laivos de democratismo.

Habituaram-se a governar com elle. Guilherme II multiplicou as concessões ao papado e á egreja, «apresentando-se como representante do germanismo christão, como soberano simultaneamente protestante

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1649 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 9 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Poder pessoal

Na Grecia acaba de dar-se um facto, cujas consequencias não são faceis de prever e que, mais uma vez, põe em fóco o regimen do poder pessoal.

Desde o inicio da campanha europeia que a opinião publica na Grecia se manifestou a favor da causa dos alliados. Esses sentimentos da opinião publica ainda mais se aferroraram desde que a Turquia, a tradicional inimiga da Grecia, interveiu na lucta, tomando as armas em favor da Allemanha.

O governo hellenico, inspirando-se, como lhe cumpria, nas expressões da opinião publica, não occultou o seu pensamento de tornar uma realidade esse desejo nacional. Mas não contava com as sympathias ou ligações do rei, que é casado com uma irmã de Guilherme II, e o resultado foi assistir-se ao facto sensacional da sua demissão, justificada em pleno parlamento pela divergencia de pontos de vista entre elle e o monarcha.

Era presidente do governo demissionario o sr. Venizellos. Grande patriota e homem d'um talento raro, o sr. Venizellos foi o estadista que mais se salientou na campanha balkanica. Póde dizer-se que elle foi o restaurador do prestigio da Grecia, o iniciador da sua revivescencia nacional. Da Grecia abatida, fraca, e mutilada, que sangrava com os golpes que a Turquia lhe infligira, fez uma nova Grecia, forte, retemperada pela lucta e pelo sacrificio, e que fez pagar ao orgulho ottomano as humilhações experimentadas e os golpes soffridos.

Intervindo no conflicto europeu, ao lado das nações alliadas, a Grecia continuaria a obra da sua desforra. O resultado da campanha balkanica não foi, mercê d'um concurso de circumstancias, tão completo para os inimigos da Turquia como ao principio se visionava. Era agora a occasião de completar essa desforra, e, ao mesmo tempo, de valorisar a Grecia no conceito internacional, de que depende a grandeza de todas as nações e o brilho de todos os povos.

Um paiz não vive só dentro das suas fronteiras, entregue á luctas politicas que geralmente são falhas de ideal, representando apenas as ambições e as vaidades dos homens. Cada vez mais necessitam as nações d'uma boa atmosphera internacional, tomando resolutamente logar no campo em que se pugne pelos principios de civilisação que o norteiem.

Na resurreição da Grecia tiveram grande parte o exercito e a marinha que trabalharam com extraordinaria dedicação para serem, na realidade, uma garantia da independencia e da liberdade da sua terra. Fortaleceram-se para se bater contra os inimigos da patria, e na hora presente, continuando esso esforço interrompido, iriam de novo terçar armas, empenhados n'uma causa que é de todos os povos livres, pensando sempre no engrandecimento e no prestigio do seu paiz.

Contra estas aspirações, que o governo reflectia, ergue-se o poder pessoal do chefe do Estado, e a Europa assiste, confrangida, ao espectaculo de tão nobre impulso quebrado pelas ligações de familia d'esse chefe de Estado, que lhe inspiram uma attitude por todos os titulos lamentavel.

Mas a Grecia é um povo livre, e nos povos livres o poder pessoal não póde manter-se, seja qual fôr o regimen politico que n'elles vigore. Acima dos caprichos, das fraquezas, ou dos interesses de quem quer que seja, estão os interesses das nacionalidades, está a honra e o futuro dos povos!

Migalhas

Praxedes furioso

Vossencias já viram um bicho de conta atacado de epilepsia? Pois o seu aspecto deve ser egual ao que Praxedes apresentava esta manhã, quando o encontrei gesticulando o monologando sósinho nas escadinhas do Fala-Só.

—Que é isso, veneravel amigo? indaguei com sollicitude.

—Meu caro amigo. Estou em vias de me tornar uma féra. E ninguem me póde negar razão, com seiscentos diabos. Brinquem com tudo o que quizerem; mas respeitem a barriga do cidadão. Ataquem a liberdade do pensamento, violem a Constituição, mas muito olho com o intestino de cada um. O que não consentirei sem protesto vehemente é que, á sombra das difficuldades provenientes da crise europeia, haja quem pretenda especular com o meu apparelho digestivo. Alto lá com essa brincadeira. Encarece o pão e descobrem-se depositos clandestinos de farinha. Escasseia a carne e apura-se que ha marchantes que esfomeiam a cidade para bem dos seus mais torpes interesses. E o governo, que é um governo de força e tem muita honra n'isso, não dá uma satisfação á opinião publica prgando na cadeia com os miseraveis que se valem das tristes circumstancias para explorar a miseria publica. Tudo encarecou de tal fórma que hoje um chefe de familia não sabe como ha-de prover á mastigação familiar.

«Tenham cautella com isso. Tenho sangue de barata nas veias; mas olhem que a cólera d'esse insecto é tão notavel que até se diz «escamado como uma barata».

E Praxedes rebolou por alli fóra, agitando o guarda-sol. Por mais que me digam, as cousas boas não estão. Calculem: até o Praxedes está zangado!

André Brun

A acção dos alliados

Esfomear a Allemanha e conquistar Constantinopla

Nova York, 6 de março

O sr. Augagneur, ministro da marinha de França, fez as seguintes declarações a um correspondente da agencia *United Presse* em Paris:

«Pela nossa parte nenhum navio chegará á Allemanha e julgo que temos o direito de proceder assim.

Desde a abertura das hostilidades temos observado todas as regras da guerra; a Allemanha não as seguindo collocou-se ao nivel dos selvagens. Reduzil-a-hemos pela fome. O almirante von Tirpitz disse que a Allemanha esfomearia a Inglaterra; é uma ameaça pueril, porque a Allemanha não é capaz de realisal-a. Dizem ter construido com o maior segredo tres grandes submarinos, mas estou convencido de que não é verdade; com a approximação de uma frota de tres unidades, sei quantos submarinos possue ao certo, e nem nós nem a Inglaterra nos atemorisamos com esse numero.

Pode a Allemanha uma vez por outra metter no fundo um dos nossos navios, é indiscutivel; mas no final o que aproveita com isso? Não terá a menor influencia no resultado definitivo da guerra».

Interrogado acêrca do valor dos zeppelins e do mal que podem causar á nossa esquadra respondeu:

«Não vale a pena occuparmo-nos d'elles porque essas naves aereas por si proprias se destroem, não é para isso necessario o nosso esforço; mas se se aventurassem a expôr-se aos nossos tiros facilmente seriam destruidos».

Perguntado sobre se previa alguma interrupção no avanço sobre Constantinopla, o sr. Augagneur respondeu:

«Não descançaremos emquanto não fôr tomada a cidade. Estamos convencidos de que será preciso empregar um grande esforço para passarmos os Dardanellos; passal-os-hemos. Não posso dizer-lhe quanto tempo necessitaremos para isso porque depende de muitas coisas. O mais difficil é passar os Dardanellos; conseguido isto, o resto é uma questão de tempo, e facil de realisar».

Usem a Agua do Monchão da Povoa

no tratamento das doenças de pelle.

O credito dos belligerantes

Paris, 6 de março

O sr. Edmundo Théry, director do *Economista Europeu*, tendo lido no *Matin* que os allemães appõem a cota de seu emprestimo de 93,60, fixada em 98,50 francos, á de 96,50 das obrigações francezas de 5 0|0, e tirando d'essa leitura a errada conclusão de que o credito allemão é superior ao francez, diz, primeiro, que os processos dos governantes allemães tornaram o emprestimo obrigatorio, e logo a seguir:

Para se conhecer o valor dos creditos de dois paizes basta consultar os neutraes, os suissos, por exemplo, considerando apenas a differença de cambios. A 2 de março cada 100 marcos allemães valiam 111 francos em moeda suissa, ao passo que 100 francos francezes valiam 101 francos suissos.

Ora isto o que prova é que nos mercados neutraes o credito allemão é 14 0|0 inferior ao credito francez.

"PATHÉ JORNAL,,

Os partidos por dentro

Formam-se novas aggremiações politicas? —Robustecem-se as existentes?

1.º quadro

Palco abandonado e deserto. Abre-se cautelosamente uma porta. Uma cabeça espreita. O abandono attrae o curioso que esperava vir cahir n'uma authentica e agitada assembléa politica. Tudo se dilue em Portugal, tudo se perde, tudo se sóme n'esta indifferença gelada de que as coisas publicas se revestem para se definharem tranquillamente, sem que se dê por isso...

—E' um signal dos tempos!—diz-me o meu velho gnomo, marreco e torto, que pela Arcada costúma espalhar o veneno corrosivo do seu modular septicismo.

Olho, entristecido, para o palco deserto e debando tambem. Aquillo cheira-me a enterro pelintra, de infima classe, com uma velha carreta a transportar um fretro desconjuntado, coberto com um velho panno salpicado de nodoas de cera...

Rua do Oiro, ás duas. Muita gente que vae e vem. Grupos que param pelas esquinas a conversar demoradamente. A' esquina do Banco de Portugal juntam-se o sr. Julio de Vilhena e o sr. Schroeter. Caem sobre elles olhares cheios de curiosidade. Andam no ar balelas de tumultos, lá para baixo, para as bandas do Corpo Santo. O sr. Julio de Vilhena sóbe a rua, alheio ás duas filas de transeuntes que se desenrolam d'um lado e d'outro.

O sr. Schroeter encaminha-se, por sua vez, para a rua dos Capellistas. E' a alta finança que o attrahe. Nos labios grossos brinca-lhe um sarcastico sorriso de descrença. Ah! que se o sr. Rodrigues Monteiro visse esse sorriso do sr. Schroeter... E' bem provavel que largasse a fugir doidamente d'aquelle logar de supplicio que deve ser, n'esta altura, o ministerio das finanças.

2.º quadro

Episodios da crise. Ministros que fazem as malas para partir, outros que as preparam para chegar. Em volta de todos elles, o boato adeja, ligeiro e subtil. O sr. Goulart de Medeiros continua com um pé dentro e com outro fóra. Porquê?

—Questão de temperamento, meu caro—diz-me alguem que conhece perfeitamente o titular da pasta da instrucção. O sr. Goulart não se adapta.

—Mas se elle sahe, é a separação do governo e dos unionistas...

—Veja o caso como entender. Mas a verdade é não serem demasiado gratas as recordações que o sr. Pimenta de Castro tem dos partidos. Cada um d'elles, por detraz da cortina, lhe difficulta a vida o mais que póde...

—Sobretudo quando as conveniencias assim o exigem.

—Exacto. E, como ministros partidarios são para o ministerio actual correctivos fortes de mais, é de crêr que nem um só se encontre dentro em pouco ao lado do sr. Pimenta de Castro...

—Ha então, no governo, uma accentuada marcha para a direita?

—Se a direita fôr republicana, talvez. Se não fôr, o governo não evolucionará nem para um lado nem para o outro.

3.º quadro

Personagem principal—o sr. Guilherme Moreira. Peça de grande espectaculo, com grande comparsaria. Está-se, por ora, no ensaio geral. O sr. ministro da justiça é quem procura arrumar as figuras. Os comparsas resistem, discutem a marcação. Um inferno.

—Não tem grande dedo para regente!—commenta, em áparte, uma personagem secundaria. Cada um continua a representar para seu lado.

—E o tal partido conservador?

—Ora, não seja ingenuo nem se deixe embalar com cantigas. Não é um partido o que o Moreira pretende constituir. Elle bem sabe que os partidos não se organisam como qualquer associação de classe. E' preciso crear interesses para que os homens se reunam em torno d'uma bandeira politica...

—Não ha, então, um novo partido, um grande partido conservador...

—Não. Ha apenas grandes e tenazes diligencias para ingressarem na vida politica elementos que d'elle se encontram arredados. Nas proximas eleições esses elementos devem já ir ás urnas...

—Para elegerem deputados monarchicos?

—Qual historia! Para trazerem ao parlamento deputados independentes, que formariam na direita e votariam com o partido que constituisse essa mesma direita.

—De maneira que a integração far-se-ha no Palacio da Representação Nacional, em favor dos evolucionistas.

—E' o plano. Tudo o mais, incluindo a supposta organisação do partido conservador, é musica celestial. Posso garantir-lh'o...

Fico informado e fico de atalaia. Veremos se este quadro do *film* se confirma...

4.º quadro

—Mas o sr. Guilherme Moreira sahe ou não sahe?—pergunto a alguem que assoma no limiar do portão do ministerio da justiça e que, em geral, não anda mal informado.

—E' conforme...

—Por questões politicas?

—Não pense n'isso.

—Então?...

—Coisas que veem de traz, que não teem solução facil e que não podem ficar eternamente no esquecimento.

—Trapalhadas internacionaes?

—Quasi, quasi. Ha compromissos tomados que não se cumpriram ainda, actos de clemencia annunciados que não se tornaram por ora em realidade. E o Guilherme Moreira resiste, como resistiram outros. Põe os pés á parede e não cede. Pelo menos não tem cedido. Logo...

—O quê?

—Se os outros não transigirem nem amortecerem as suas exigencias, tudo indica que o ministro da justiça siga o caminho do ministro das finanças.

Ha tambem quem affirme o contrario de tudo isto. O sr. Guilherme Moreira não sahe porque arrastaria na sua queda todo o ministerio. E não sahe ainda porque não tem motivo para isso. Ha para todos os paladares. Mas os optimistas devem, d'esta feita, acertar...

E termina aqui o *film*. A Arcada foi hoje pobresinha. O que se ha de fazer?

A. M.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Pelo telegrapho

O bombardeamento dos Dardanellos pelos alliados

LONDRES, 8.—O almirantado britanico annuncia o seguinte: As operações contra os Dardanellos progridem favorecidas pelo bom tempo. No dia 6 o *Queen Elizabeth* o *Agamemnon* e o *Ocean* começaram a atacar os fortes com fogo indirecto atravez da peninsula de Gallipoli a uma distancia de 21.000 jardas. Entretanto, dentro dos estreitos quatro navios inglezes e francezes faziam fogo sobre o Suandere e as baterias do Monte Dardanus, que tinham sido atacadas nos dias anteriores. A maior parte dos navios foi attingida por granadas mas não tiveram estragos importantes nem houve mortes.

No dia 7 quatro couraçados francezes entraram nos estreitos para proteger o bombardeamento directo das defezas dos estreitos pelo *Agamemnon* e pelo *Lord Nelson*.

Os navios francezes atacaram as baterias do Dardanus e varias peças occultas, reduzindo aquellas ao silencio.

O *Agamemnon* e o *Lord Nelson* avançaram o atacaram os fortes dos canaes. Os fortes Rumili Medjedies, Tabia e Hamidich Tabia responderam ao fogo mas ambos foram reduzidos ao silencio depois de um efficaz bombardeamento, dando-se ali explosões.

O *Gaulois*, o *Agamemnon* e *Lord Nelson* foram cada um d'elles attingidos trez vezes, mas os estragos não são de importancia, ficando apenas ligeiramente feridos trez homens a bordo do *Lord Nelson*.

Durante estas operações o *Dublin* continuou a vigiar o isthmo de Bulair.—(*Havas*).

PARIS, 8.—Communicado do ministerio da marinha. Quatro couraçados francezes, o *Suffren* o *Gaulois* o *Charlemagne* e o *Bouvet*, e dois couraçados inglezes, o *Agamemnon* e o *Lord Nelson*, entraram no dia 7 do corrente no estreito dos Dardanellos. Emquanto os couraçados inglezes bombardeavam a grande distancia o forte que separa o canal de Kilidfhar, os couraçados francezes protegiam-nos canhoneando as baterias de Dardanus e Suandere e as peças occultas sendo todas reduzidas ao silencio. Os fortes Rumili Medjedies e Tabia do lado da Europa e Hamidich e Tabia do lado da Asia responderam ao fogo dos couraçados inglezes mas foram tambem destruidos.—(*Havas*).

A situação na Belgica e em França

PARIS, 8.—Communicação official. Em Champagne as tempestades de neve prejudicaram por diversas vezes durante o dia as operações. Esta manhã o inimigo tentou retomar o bosque tomado hontem por nós a oeste de Perthes mas foi repellido. A nossa contra offensiva permittiu-nos ganhar terreno na direcção de norte e de leste, tendo feito numerosos prisioneiros. Este avanço continuou e accentuou-se. A' tarde na região de Perthes ganhámos mais de 500 metros de trincheiras. Entre Mesnil e Beausejour perdemos alguns metros de trincheiras conquistadas hontem e ganhámos uns cem metros sobre o Erquep a nordeste de Mesnil. Na região de Saint Mihiel, bosque Brulé, floresta de Apremont, puzemos pé nas trincheiras inimigas, e alli encontrámos muito material. No bosque de Pretre a noroeste de Pont-à-Mousson os allemães tentaram fazer um ataque que se não poude effectuar. Os nossos progressos continuaram ao norte de Badonviller. Na Alsacia, no Reichackerkopf repellimos, um contra ataque.—(*Havas*).

O sr. Millerand visita os exercitos

PARIS, 8.—O sr. Millerand, ministro da guerra, visitou nos dias 7 e 8 a parte da linha de combate entre Arras e Oise, verificando em toda a parte que o estado sanitario das tropas é excellente e que as condições moraes e materiaes são das mais satisfactorias.—(*Havas*).

A crise ministerial grega

ATHENAS, 8.—Tendo o sr. Zaimis declinado a missão de formar gabinete, o rei chamou o sr. Gounaris deputado por Patras.—(*Havas*).

ATHENAS, 9.—O sr. Gounaris acceitou o encargo de formar gabinete.—(*Havas*).

O pão em Italia

ROMA, 9.—Foi publicado um decreto tornando obrigatoria na Italia, a partir de 22 do corrente, a fabricação de um unico typo de pão com farinha de trigo na proporção de 80 0|0.—(*Havas*).

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de fevereiro findo foi de 5:802.380$77 na totalidade, sendo 3:259.612$51 de entradas e 2:542.768$26 do sahidas, de que resulta um saldo positivo de 716.844$25, que, adicionado ao do mez anterior, prefaz o de escudos 16:758.245$69.

EM TORNO DA SITUAÇÃO

Economia e finanças

As difficuldades do thesouro só podem resultar da anormalidade da vida politica

A questão financeira continúa a fazer o giro das palestras, cada qual bordando os mais extravagantes commentarios sobre a situação em que o governo se encontra perante esse momentoso problema. Ha quem affirme que o governo dispõe de dinheiro em barda para satisfazer todas as necessidades do thesouro, como ha quem insista em que elle se vê a braços com irremediaveis difficuldades. Certamente, a verdade estará no meio termo d'essas duas opiniões radicalissimas...

Do que não resta duvida é de que as difficuldades só podem resultar da anormalidade da situação politica, visto que qualquer governo levanta immediatamente o dinheiro que as necessidades do thesouro reclamarem desde que possa apresentar-se munido da indispensavel autorisação do parlamento. Os banqueiros, homens de negocio, não vão entregar o seu capital a uma entidade que possa ser accusada de não possuir a capacidade juridica bastante para honrar os seus compromissos. E n'essa situação se encontra o actual governo, principalmente depois de ter sido approvada a ultima moção do Congresso.

Dizemos que a origem das difficuldades do thesouro só pode consistir na anormalidade politica em que vivemos porque a situação economica do paiz, sob varios dos seus aspectos, não é susceptivel de causar preoccupações. Muito longe d'isso. Verifica-se, por exemplo, que desde 1 de janeiro a 6 de março do anno corrente, a importação foi de 5.387 contos, isto é, menos 2.438 contos do que em egual periodo do anno transacto; a exportação foi de 2.107 contos, mais 186 do que em 1914; a reexportação colonial foi de 3.833 contos, mais 1.172 contos do que n'aquelle mesmo periodo; a reexportação de artigos estrangeiros foi de 946 contos, havendo ahi uma differença, para menos, de 3 contos. Quer dizer: desde 1 de janeiro a 6 de março de 1915 houve na nossa balança commercial um saldo de cerca de 1.500 contos, ouro, porque é essa a differença que resulta, para mais, na exportação, do confronto com os artigos importados.

Ha ainda outros symptomas que demonstram a elasticidade de resistencia das forças economicas do paiz, como sejam os dividendos que varias companhias e bancos distribuiram agora aos seus accionistas. Ha dividendos de 7, 9 e 10 por cento, chegando a Companhia de Seguros Fidelidade a distribuir 50 escudos por acção.

A Companhia Bonança, que tem um fundo de reserva de 333 contos, distribuiu o dividendo de 10 escudos por acção. A Companhia dos Phosphoros, com um fundo de reserva de 975 contos, distribuiu 9 por cento de dividendo. O Banco Ultramarino, com um fundo de reserva de 3:060 contos, distribuiu 7 por cento. O Banco Lisboa & Açores, que tem 3:193 contos depositados em cofre, e 1:347 contos em fundos nominaes e estrangeiros, distribuiu 7 por cento. O Banco Commercial, que tem um fundo de reserva de 571 contos, distribuiu 8 por cento. O Banco de Portugal, que tinha no fim do anno depositos á ordem na importancia de 5:613 contos, distribuiu o dividendo de 10 por cento.

Que é preciso fazer? Aproveitar as condições excepcionaes do momento para baratear a vida e garantir o trabalho industrial, pois que a collocação dos productos está garantida lá fóra. Muitas das nossas fabricas trabalham n'este momento para as nações alliadas. O barateamento da vida só se opera com uma drenagem de ouro sufficiente para a favoravel modificação dos cambios, ao mesmo tempo estabelecendo-se boas condições de mercado para a importação do carvão e das materias primas necessarias á laboração dos estabelecimentos fabris. Essa drenagem de ouro póde ser trazida por qualquer governo que se apresente com a indispensavel autorisação parlamentar para levantar um emprestimo podendo até fazel-o dentro do paiz se obrigar os «tomadores» a entregarem em ouro uma parte do capital.

A prova de que algum ouro existe dentro do paiz está no facto do governo ter conseguido levantar 4:000 contos em poucos dias para o pagamento dos cereaes importados. Mas se não existe o bastante para que, entrando em circulação, diminua o aggravamento do agio, ha o recurso de o levantar nas praças estrangeiras, principalmente no mercado de Londres.

Allemães na Guiné

A agencia do Banco Ultramarino em Cacheu confiada a uma casa allemã

A agencia do Banco Ultramarino em Cacheu continua confiada á casa allemã Rudolf Titzk & C.ia. Por que motivo, não se sabe, quando ali ha bastantes casas portuguezas a quem se podia incumbir tal encargo. Em Bissau, por exemplo, essa agencia está a cargo da casa do sr. Antonio Silva Gouveia. Uma das consequencias de assim se proceder foi, por exemplo, no dia 15 do mez passado ter sido apresentado um saque, á vista, na administração da circumscripção, por artigos que ainda não haviam sido recebidos. E essa apresentação foi feita de um modo algo atrevido, para lhe não darmos outro nome, aproveitando-se ainda a circumstancia de estar ausente, por doença, o administrador.

Para o caso chamamos a attenção da direcção do Banco Ultramarino.

Dr. Achilles Gonçalves

O seu funeral

O funeral do mallogrado parlamentar sr. dr. Achilles Gonçalves, hoje realisado, foi uma sentida manifestação de pezar. No prestito funebre numerosissimo, viam-se, além de representantes de diversos centros e aggremiações, todos os deputados e senadores do Partido Republicano Portuguez, que seguiam de cabeça descoberta após o feretro, transportado n'um carro puxado a duas parelhas.

No cemiterio organisaram-se dois turnos, constituidos pelos srs.:

Roque de Arriaga, drs. Alvaro Machado, Affonso de Mello, Bernardino Machado, Manuel Monteiro, Levy Marques da Costa e Cassiano Neves; Liuna Bastos, drs. Antonio Macieira, Almeida Lima e Santos Lucas, coronel Freire de Andrade, drs. Alvaro de Castro, Augusto Soares e José de Vasconcellos; drs. Alexandre Braga e Sobral Cid, capitães-tenentes Freitas Ribeiro e Victor Hugo de Azevedo Coutinho, drs. Barbosa de Magalhães, Almeida Ribeiro, Sousa Junior, Ferreira Junior, Germano Martins e Estevão de Vasconcellos; Victorino Guimarães, Alvaro Poppe, Rodrigues Gaspar, dr. Daniel Rodrigues, Joaquim Henriques e dr. Rodrigo Rodrigues, drs. Fernandes Costa, Oliveira Soares, Affonso de Lemos e Granado, Avelino Telles, conde de Redondo, Silva Ramos e Carrisso França.

Daniel da Silva, Jacintho Freitas, Dias da Costa, Antonio Maria da Silva, drs. Ricardo Paes Gomes, Emygdio Mendes, França e Adelino Furtado; Custodio José Vieira, Jáca de Vasconcellos, Serrão de Faria, Cesar d'Oliveira, Bodro Potto Machado, José Maria Nunes Ribeiro, Antonio Paulo e Pinto, drs. Bossa da Veiga, Aureliano Mira Fernandes, Helder Ribeiro, Arthur Leitão, Alberto Moura Pinto, dr. Carlos Olavo, dr. Vasco Borges e Moura Pinto; drs. Affonso Serra, Ramada Curto, Theodoro Aranha, Antonio Joice, Frederico Cone, Borges de Castro, Augusto de Vasconcellos e Ferreira Costa, Luiz Derouet, Correia de Mello, Lucio dos Santos, dr. João de Barros, Cordeiro de Sousa, José Bossa, dr. Joaquim Manso e Fidelino Costa.

O sr. Roque d'Arriaga representava o sr. presidente da Republica, fazendo-se representar o sr. dr. Go-

---

Folhetim d'A CAPITAL 9-3-1915

O padre Avelino

A D. Marianna Seixas morava, n'esse tempo, ali para as bandas da Praça da Alegria. A's quintas-feiras, infallivelmente, tinha logar a partida de voltarete, um habito que já vinha do tempo em que o general Seixas reunia em sua casa algumas pessoas de intimidade. Morto o general—de uma pneumonia aggravada com intervenção de trez medicos, em conferencia—a D. Marianna Seixas entrou na posse dos crepes da viuvez cumulativamente com a pensão do Monte-pio official.

Dizia-se que ella não soffrera grande abalo com a falta do marido. A verdade é que a D. Marianna nunca fôra capaz de perceber por que razão o general alcançára a medalha de comportamento exemplar; elle que fôra sempre um exemplar de mau comportamento, femeeiro incorrigivel e nada cumpridor dos deveres que assumira ao entrelaçar a sua existencia na da incomprehendida esposa.

Desilludida da vida presente, D. Marianna voltára as suas attenções para a vida futura e entregára-se de alma e coração ás suas devoções, não faltando aos ausperceres, novenas e outras praticas; o pouco tempo que lhe sobrava aproveitava-o ella dizendo mal do proximo e occupando-se das vidas alheias.

A familia de D. Marianna era resumidissima: ella e o Nico, um gatarrão, maior de quatorze annos, muito manso, philosopho, tendo um profundo desprezo por toda e qualquer gata e isto desde que, creança ainda, tivera de reconhecer que o amor platonico não é cousa que encha barriga.

A's quintas-feiras D. Marianna franqueava a sua hospitaleira casa aos raros intimos. A sala da casa, á clara luz de dois bicos d'incandescencia, deixava vêr o papel que a forrava, um papel em fundo carmezim, com rosas amarellas, ás chapadas. Por mobiliario: o grande sophá, resguardado por uma capa de panno branco, fixada com atilhos de nastro, as duas poltronas simetricamente collocadas aos lados do sophá e a duzia completa de cadeiras estofadas, todas vestindo os seus guarda-pó com os competentes fitilhos. O sobrado era esteirado, á antiga, e, nas duas etageres, da parede fronteira ás janellas, viam-se quatro caixinhas de prata conduzindo sob prisão duas rodomas de vidro apanhadas em flagrante delicto de protegerem duas jarras d'onde brotavam dois ramos d'uma flora phantastica de rosas e lirios em authentica escama de corvina. Nas paredes, dois retratos a crayon, a saber: o do pae de D. Marianna que fôra—dizia ella—um grande mathematico e que, para cumulo, morrera victima de calculos no figado; ao lado d'esse retrato via-se a vera ephige do general, fardado, ostentando a tal medalha do comportamento exemplar e deixando transparecer atravez da farta bigodeira um certo sorriso que muito havia feito scismar D. Marianna; sorriso que o féri Thomaz bonacheirão, esse mesmo sorriso com que elle, ao regressar a casa, noite alta, explicava que tinha estado a fazer serão no ministerio.

A's dez horas precisas dava entrada na sala a Gertrudes, a velha creada de D. Marianna, que annunciava que o chá estava na meza. Passava-se então á casa de jantar e ali, em presença d'umas torradas deliciosas, generalisava-se a conversa sobre os acontecimentos da semana; conversa serena, sem discussões, onde a miudo havia referencias ao desrespeito pela religião e á decadencia dos bons costumes. Na sala contigua o retrato do general deixava transparecer, atravez da bigodeira, aquelle sorriso enigmatico, um sorriso que fazia pensar também n'aquella medalha de comportamento exemplar...

Pois foi em casa da D. Marianna Seixas que eu vim a conhecer o padre Avelino. O padre Avelino era—digo «era» porque o desgraçado houve por bem restituir a alma ao Creador—o principal ornamento d'aquellas reuniões. Todos o escutavam com a maxima attenção e todos tinham por elle as maiores deferencias.

O bom do padre não era de exquisitices. Fumava, jogava, contava historias brejeiras e accumulava essas prendas com o alto cargo de director espiritual—(uma especie de guarda-freio da consciencia)—da D. Marianna.

Dotado de uma infinita clemencia para com os peccados vulgares, as falas mansas do bom do padre eram como que o sabão Macaco purificador das almas encardidas, mas onde elle manifestava uma intransigencia inabalavel era no capitulo: abstinencia de carne ás sextas-feiras e n'outros dias preceituados. E é que o calendario do padre Avelino parecia ter seis sextas-feiras em cada semana! Hoje era dia de peixe por isto, ámanhã por aquillo; havia sempre uma razão de força, uma razão determinante da tal abstinencia e era coisa sabida que os clientes do padre Avelino todos arrotavam postas de pescada e todos estavam na espinha.

Todas as manhãs, na egreja dos Martyres, onde o padre Avelino estabelecera confissionario, fazia elle uma propaganda tal que sob o récipé «penitencias» arranjava, diariamente, freguezia para mais de seis canastras de cachuchos!

Nunca fui capaz de perceber por que motivo o padre Avelino era tão intransigente em questões de abstinencia! Elle, tão bondoso, tão indulgente! Um padre que fumava, que jogava, que contava historias brejeiras!

Pobre padre Avelino! Falleceu antes-hontem, victima de uma indigestão. Os jornaes publicaram-lhe o retrato, com elogiosas e merecidas referencias. Foi tambem publicado o testamento, que contém como principal legado:

«A' minha governante, Dyonisia da Purificação, deixo: cento e cincoenta acções da Companhia de Pescarias».

Estava finalmente explicado o misterio! O padre Avelino era o maior accionista da companhia!

V. Chagas Roquette

nos Teixeira, ministro do interior, pelo sr. dr. Alvaro Machado e o sr. dr. Guilherme Moreira, ministro da justiça, pelo sr. sr. Affonso de Mello.

Junto da sepultura falaram os srs. drs. Affonso Costa, em nome do Directorio, dr. Sobral Cid, em nome dos collegas do extincto no gabinete Bernardino Machado, Manuel Monteiro, como presidente da Camara dos Deputados, Alexandre Braga, em nome da maioria parlamentar e Estevam de Vasconcellos, pelos senadores do partido republicano Portuguez.

Sobre o feretro foram depostas sete coroas e numerosos ramos de flores naturaes, tendo o funeral sido dirigido pelos srs. dr. Almeida Serra e Urbano Rodrigues.

Nos Estoris

Um pavilhão de festas no pinhal do Vianna

A proxima estação balnear nos Estoris vae ser assignalada por um importantissimo melhoramento que os frequentadores d'aquelles privilegiados sitios terão no maior apreço. Um dos pontos mais bellos e concorridos durante aquella epocha, tanto por quem escolhe para logar de villegiatura os Estoris e Cascaes, como por quem, não podendo sair de Lisboa, ali se dirige uma tarde por outra, é sem duvida o magnifico pinhal da quinta do Vianna, a que faltava, todavia, alguma coisa para que o seu encanto fosse absoluto.

A benemerita empresa que se dispoz transformar o Estoril, detendo-o com os attractivos a que já fizemos referencia, resolveu mandar construir, no centro do pinhal, de modo a poder funccionar no proximo verão, um elegante e vasto pavilhão no genero dos existentes no bosque de Bolonha em Paris, para concertos por uma esplendida orchestra de tziganos e para outras deliciosas festas que constituem os mais agradaveis passatempos da sociedade mundana.

EFFEITOS DA GUERRA

O preço dos medicamentos

O medonho conflicto que presentemente convulsiona o velho mundo leva os seus deploraveis effeitos ainda áquelles paizes que se não encontram de armas na mão. São tantos e tão evidentes os prejuizos causados por esta guerra na economia geral, que basta comparar as actuaes tabellas de preços de todos os generos de primeira necessidade com as tabellas anteriores. Encarecem extraordinariamente as subsistencias, o pão rareia, o assucar só pelos ricos pode ser adquirido, todos os alimentos, emfim, sobem de preço aterradoramente. Mas, que dirão os enfermos sem posses para comprar os medicamentos, sendo a maior parte das especialidades pharmaceuticas importadas do estrangeiro e cabendo ao imposto germanico o quasi exclusivo do nosso mercado?

O iodo e a agua oxigenada, vindos da Allemanha, tinham em Portugal um larguissimo consumo. Esses productos vão augmentando de preço e tornando-se tão raros que, em breve, quasi constarão tanto como uma intervenção cirurgica. Mas, não haverá maneira de substituir esses indispensaveis medicamentos? Ha. E, só por isso, a guerra nos presta um serviço, o de nos obrigar a ter no devido apreço as nossas coisas. A riqueza natural do nosso solo supre com vantagem todas as aguas que os combalidos do estomago reclamam do estrangeiro, como alli não existe uma só que possua as virtudes therapeuticas da Agua do Mouchão da Povoa, segundo a propria declaração do bacteriologista allemão que as visitou e estudou o anno passado.

A clinica dos hospitaes civis tenta mais amplamente a applicação d'esta agua, que não tem rival nas curas das doenças de pelle e que substitue admiravelmente a agua oxigenada, obtendo-se com ella curas que essa outra vinda da Allemanha nunca realisa.

Emfim, que o mal da guerra produza entre nós, ao menos, o beneficio de apreciar os nossos recursos, como está succedendo com as aguas medicinaes do Mouchão da Povoa, que, n'esta conjunctura, está prestando relevantes serviços aos enfermos que precisam do tratamento especial, e que teriam de deixar aggravar o mal se ella não existisse.

Revolucionarios civis

Um grupo de revolucionarios civis pede a comparencia de todos os seus camaradas hoje, pelas vinte e uma horas, na calçada do Sant'Anna, 144, 1.º, a fim de se tratar da prisão e expulsão do paiz do revolucionario Roque Fernandes Blanco Freire.

Theatro de S. Carlos

Amanhã representa-se no S. Carlos a linda peça do Paul Hervieu, «A força do Destino» e a engraçada peça do Courteline, «Commissario bom rapaz» e a celebre farça de Schwalbach, «Os annos do papá», com varios numeros de musica. Um extraordinario espectaculo.

Começa amanhã a venda avulso dos bilhetes para a festa artistica de Angela Pinto, que se realisa na sexta feira, 12, com a primeira representação da celebre peça em 4 actos, de Augier, traducção do dr. Coelho de Carvalho, «A aventureira», em que é a distincta actriz faz o papel de protagonista. E' todos os respeitos uma recita que está despertando o maior enthusiasmo e que será uma noite de grande festa.

No proximo domingo realisa-se em S. Carlos um dos mais sensacionaes concertos de toda a temporada. E' a festa artistica dos professores que compõem a Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

O problema do pão

Como elle é encarado no Porto

Porto, 7 de março

—A carestia da vida cada vez mais aggravada, dizia-nos um industrial de padarias, mas será bom accentuar que o facto já vem de longe e que não acontece sómente em Portugal.

—Se até o augmento do preço do trigo serve para attribuir responsabilidades ao governo a que presidiu o sr. dr. Bernardino Machado...

—E' lamentavel. Porque as causas da elevação do preço do trigo são antes devidas a perturbações economicas geraes. Veja v., por exemplo, o que um grande economista francez escreveu ainda ha dias, no *Temps* de 22 de fevereiro: «que a alta dos trigos provém quasi exclusivamente de pedidos mais consideraveis do que de costume, feitos pela França e pela Inglaterra, ao mesmo tempo que certos paizes de exportação como a Russia e a Romania não deixam sahir nenhum»? Além d'isto, ha a contar com a elevação do preço dos fretes e ainda com as irregularidades e difficuldades das colheitas—por falta de braços.

—Mas o que é certo, quanto a nós, é que o decreto do governo parece que veiu aggravar a situação...

—Incontestavelmente, é um diploma violento; mas, no fundo, o que se vê é que, se o governo se fez monopolista, foi para evitar o grande mal da especulação com as farinhas que, de um momento para outro, podiam desapparecer do mercado.

—O que é que no decreto mais aggrava os industriaes de padaria?

—Parece que é a fixação do preço do pão de familia que os industriaes não acham remunerador. E, por isso, reclamam o direito de estabelecerem um preço mais elevado, como compensação da sua industria e do custo do fabrico. Queixam-se ainda da tributação do trigo armazenado...

—O assumpto...

—E' grave, porque em tudo se poderá desculpar elevação de preços, menos no pão. E' certo que, segundo a nota officiosa do sr. governador civil, o pão das classes pobres não subirá de preço... mas poderá o governo garantir esta promessa?

—E' assim clara a promessa da nota officiosa?

—Veja.

E lemos:

«Procurou o ministerio do fomento remediar a situação, resolvendo adquirir o trigo necessario para 4 ou 5 mezes, ou sejam 100 milhões de kilos. A primeira remessa será de 50 milhões e custa approximadamente 5:000 contos. Não quiz o governo vender este trigo pelo preço por que lhe fica, o que se traduziria n'um aggravamento do preço do pão destinado ás classes pobres; para manter, porém, o preço d'este pão, teve de baratear o preço do trigo, do que lhe resultou um prejuizo de cerca de 1:700 contos. Viu-se então o governo obrigado a adquirir os trigos e farinhas detidos em diversas fabricas e estabelecimentos de padaria para o vender pelo preço por que vende o trigo exotico, obtendo assim uma receita que reduziu o seu prejuizo a 1:200 contos.

O intuito do governo consistiu essencialmente em garantir a existencia do pão para todas as classes: sobre as mais abastadas incidirá a elevação de preço proveniente do importação; *quando ás classes pobres fica-lhes assegurado o pão nas condições dos preços anteriores*».

—O pão das classes pobres é o milho...

—Pois é de recear que tambem encareça, especialmente se se não tomarem tempo medidas energicas contra os açambarcadores d'esse cereal... que já andam em campo, como o refere o ultimo numero do *Commercio de Penafiel*.

«Consta que pelas freguezias do concelho andam diversos individuos batendo ás portas dos lavradores pedindo-lhes insistentemente a venda do milho a fim, dizem os mesmos, de estabelecer um importante deposito d'esse cereal no Porto, no intuito de se precaver contra as inclemencias da guerra europeia. Parece, no emtanto, tratar-se de um audacioso expediente de açambarcadores a que urge pôr cobro immediatamente».

—Já vê—terminou—que não se tomando medidas energicas com os açambarcadores até o pão de milho em breve subirá de preço.

Companhia de Seguros O Futuro

Nas notas do tabellião Noronha Galvão assignaram-se hontem as escripturas da constituição da nova companhia de seguros *O Futuro*, com séde em Lisboa e agencias nas principaes cidades do paiz, tendo fixado a sua séde na travessa da Espera, 8, esquina da rua do Mundo. O capital da nova companhia seguradora é de um milhão de escudos, em acções de 50 escudos, e todos os accionistas são seguradas. A direcção da companhia *O Futuro*, que desde já organisou um serviço de seguros contra incendio e maritimos, e que em seguida estabelecerá o seguro contra accidentes de trabalho, é constituida pelos srs. Antonio Basto, Adriano Telles, Eduardo Rosa Junior, effectivos; José Caló, Eduardo Antonio Rosa e Antonio Marques da Silva, supplentes.

OS MELHORES «CAMIONS»

Fernando Alcantara vae busca-los á America

Os primeiros cinco devem prestar serviço nos Açores—A sua utilidade vem das modificações intelligentes da sua mechanica

Disseram-nos quando entramos na redacção que o Fernando Alcantara, aquelle activo e intelligente engenheiro, hoje um enthusiasta do automobilismo, nos havia procurado. Acrescentavam que não tinha feito «boa cara» quando lhe disseram que não haviamos chegado e que não sabiam onde estavamos.

Tal communicação exigia um trabalho immediato para desfazer a desagradavel coincidencia. Tratámos de procurar o antigo e bello amigo, que é um dos mais enthusiastas propagandistas do *sport* em Portugal e d'aquelles que tratando do commercio de automoveis sabe o que faz e o que diz.

Um abraço effusivo e um convite para jantar na sua companhia, lembrando coisas de hoje e coisas de todos os tempos, fizeram, magicamente, esquecer o desgosto de ir á redacção e não nos encontrar e o desprazer de passar por Lisboa e de não nos falar.

—Cheguei hontem e vou ámanhã para os Açores de passagem para a America. Embarco ás 10 da manhã...

—Que rapidez!...

—E' verdade, trata-se de um negocio importante, o de adquirir cinco *camions* automoveis para o serviço da União das Fabricas Assucareiras e de Alcool, dos Açores. Vou buscar esses carros, tendo a certeza de que vou adquirir os melhores que, actualmente, existem na industria automobilista. São uma maravilha de mechanismo e os mais vantajosos que existem. Teem modificações que technicos intelligentes lhe introduziram, além de um bello e excellente material.

—De que marca?...

—Permittam que a não divulgue. E' americana. Tem como caracteristicos primaciaes o de possuir quatro rodas motrizes que são tambem quatro rodas directrizes. Sobe rampas sem a menor difficuldade. O seu consumo é pequenissimo. E' espantosa a resistencia do seu material. Póde arrastar 9 a 10 toneladas de carga, fazendo a tracção de dois carros atrellados.

—Parece exagero!...

—Não é. A verdade verifica-se deante dos factos comprovados. De resto, a experiencia está feita na guerra europeia. A casa Banhard utilisa agora nas estradas francezas um tipo egual, que tem prestado magnificos serviços e de que os chefes de serviços administrativos dizem maravilhas. E' aquelle *camion* que leva atraz de si o prodigioso canhão *120 longo*. Na America tem a fama consolidada. A casa fabricadora é que fornece exclusivamente o exercito americano, agora em febril reconstituição.

E Fernando d'Alcantara, com a sua especial verbosidade, persuasiva e de uma tocante sugestão, accrescentou:

—Mas os incredulos só teem uma coisa a fazer: é experimentar praticamente o valor dos *camions* que indiquei ás fabricas assucareiras dos Açores. Abram concurso e tenho a certeza de que n'um d'esses *camions* executarei todas as provas do mais rude e difficil programma. Os carros americanos vencem todos os obstaculos e todos os terrenos. Eu bem vi o que faziam os carros identicos quando trabalhei nas ambulancias da guerra actual! Sei, portanto, por experiencia, o que affirmo. E deve notar-se que os *camions* americanos ainda são mais perfeitos que os do tipo francez. Mas, quem conhece a mechanica de automovel facilmente comprehenderá que um automovel com estes caracteristicos é melhor que todos aquelles que por ahi andam...

—Ora...

—Basta de ingenuidades que mal vão a quem trabalha n'estes assumptos. O caso é simples. Baseia-se na seguinte pergunta: — E' ou não verdade que os automoveis que possuem quatro rodas motrizes e directrizes são melhores que os que teem, apenas, as rodas de traz motrizes? Evidentemente que sim e todos o sabem. Quando em França appareceu o primeiro *camion* com as rodas da frente motrizes, todos o consideraram uma transição, o exito não podia ser mais completo. Esse *camion* dominou por completo todos os outros. Agora com estes carros americanos não ha rodas que puxam e outras que apenas supportam o peso. Ha quatro rodas que puxam, que dirigem e que travam, porque a todas ellas corresponde um travão.

N'esta altura, interrompemos o enthusiastico descriptivo, dizendo-lhe que muitos dos *camions* que havia na Europa estavam prestando bom serviço e tinham apenas direcção no rodado dianteiro e força motriz nas rodas de traz. O intelligente engenheiro acudiu logo, mal deixando que completassemos o raciocinio:

—Parece infantil a observação, porque a superioridade manifesta-se com extrema clareza. Quando as rodas de traz são as motrizes, empurram as da frente, D'aqui resulta uma difficuldade de penetração nos terrenos, o que não succede com as quatro rodas que, sendo motrizes, vencem tudo, a terra lavrada, os lagos, os caminhos lamacentos, tudo emfim...

Em tempos que são recentes, os *camions* americanos fizeram uma curiosa prova que os technicos militares exigiram e da qual sahiram com extremo brilhantismo. Treparam por uma escada com 49 0|0 de inclinação!

Convencemo-nos. E quem não terminaria por acreditar se o facto era mantido por um technico distinctissimo, que conhece o automobilismo e que, pelos seus excepcionaes conhecimentos, tem dado successivas provas do muita competencia? Quizemos, porém, certos detalhes. Tivemos a informação, immediata, precisa e minuciosa em extremo.

—Além das suas caracteristicas de mechanica tem grandes vantagens no funccionamento. Ha ausencia completa da sua difficuldade de manobra. Os *camions* voltam-se em todos os terrenos.

—E gastam as borrachas?

—Não. N'estes carros americanos ha uma economia de 50 0|0 nas *jantes*.

A seguir explicou-nos as razões d'esta affirmativa. «E' que a distribuição do esforço se faz pelas quatro rodas em vez de duas».

A inesperada visita d'um amigo commum quebrou a conversa, que, apesar de interessante, era muito exclusiva e muito restricta. Apenas um assumpto! Isto apoz uma ausencia de mezes, lá por terras de França, pelo norte de Portugal e por Hespanha!

O estudioso e intelligente engenheiro bem podia contar-nos muita coisa que havia visto e descrever-nos muita scena a que havia assistido. Mas qual? Quem tem o *fanatismo* de um assumpto ou o *encanto* por um determinado ramo de actividade humana, cedo ou tarde, descobre a predilecção. E o facto repetiu-se. Cinco minutos mais tarde já nos dizia:

—Vou trazer um d'esses *camions*. Vou fazer experiencias com elle e muito gostaria que o ministerio da guerra as seguisse. Sim, que eu não vou lá para mostrar *camions* em catalogos; quero mostral-os na pratica.

—E quando volta?

—Em mez e meio estou de regresso...

A questão da carne

O contrabando de gado para a Hespanha

A questão da carne, muito longe de resolver-se, parece que tende a aggravar-se, causando ainda maiores difficuldades do que aquellas que a população de Lisboa já vem experimentando. E' isso, pelo menos, o que se deduz d'uma informação que nos foi prestada hoje e segundo a qual não haverá ámanhã carne nos talhos de Lisboa, por não haver gado para matar.

Como complemento d'essa informação soubemos tambem que embarcaram hoje para Gibraltar 120 bois e mais de 300 carneiros, e que no domingo, na feira da Rosa, em Beja, foram compradas e seguiram para Hespanha, como contrabando pela raia secca, 3.000 cabeças de gado lanigero e mais de 100 vaccum. Comprehendemos que se faça o embarque de gado para Gibraltar, destinado a abastecer as tripulações dos navios de guerra inglezes, visto que se trata d'uma reciprocidade de serviços entre o nosso paiz e a nação alliada. E' devido á protecção e á vigilancia dos navios inglezes que temos mantido livremente a nossa navegação, desde o começo da guerra; é a nação alliada que nos fornece carvão para as nossas industrias; são ainda os seus navios que protegem as costas dos nossos dominios ultramarinos. Em troca d'esses beneficios, é natural que alguns serviços tenhamos tambem de prestar, embora o façamos, por vezes, com sacrificio grande. Mas já se não comprehende a sahida de gado para a Hespanha, sendo deveras para estranhar que as auctoridades não consigam impedir esse contrabando que é determinado pela ancia de grandes lucros, visto que o dinheiro hespanhol, ao cambio actual, tem um premio de cerca de 45 por cento em relação á moeda portugueza.

Hoje ainda todos os talhos de Lisboa foram abastecidos com meia rez.

O caso da rua Paiva d'Andrada

Por estarem presos ha mais de 8 dias, sem culpa formada, foram hoje postos em liberdade os srs. Roque Fernandes Blanco Freire, Alfredo das Neves e Joaquim Marques.

Hoje foram ouvidas mais vinte testemunhas.

A transferencia d'uma professora

origina reclamações dos alumnos

Uma commissão de alumnos da 3.ª classe da escola municipal n.º 1 veiu á nossa redacção expôr o seguinte:

Regia a turma da manhã a professora sr. D. Alice Augusta Leitão, que envidava todos os esforços para levar os seus alumnos este anno a exame, o que era certo devido á sua competencia e zelo. Por qualquer motivo essa professora foi transferida para a escola n.º 7, vindo substituil-a uma outra d'esta, a qual declarou já aos alumnos que não os apromptaria.

Tendo isso protestado os rapazes, pedindo para que volte a ensinal-os a sua antiga professora.

ULTIMA HORA

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 9.—Um communicado do grande estado maior diz que a energica offensiva russa na margem esquerda do Niemen e na região de Grodno repelliu os allemães para além de Sopotskine Lypsk. Na região de Olava os ataques russos foram coroados de successo, sendo feitos 500 prisioneiros e tomadas trez metralhadoras. Na noite de 6 a sudoeste de Lutovisk os russos destruiram os elementos austriacos que haviam passado o rio.—(*Havas*).

Prisioneiros nas mãos dos russos

KIEFF, 8.—Oito mil prisioneiros que chegaram aqui procedentes da Galicia e Buckovina contam que estiveram quatro dias sem comer. A' chegada dos reabastecimentos lançaram-se sobre os viveres, e esquecendo-se de resistir foram todos aprisionados.—(*Havas*).

PETROGRADO, 8.—Desde o começo da guerra com a Turquia os russos prenderam 4 pachás, 387 officiaes e 17:675 soldados.—(*Havas*).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, Rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Balanço diario

A Arcada vae perdendo, em cada dia que passa, a sua animação. D'antes, ainda os militares a pejavam, entretendo-se em grupos nos vãos das arcarias, indo e vindo do ministerio da guerra, enchendo a galeria alta com o tinir ruidoso das espadas. Agora, nem isso. A Arcada está quasi sempre deserta, falha de conselheiros e de politicos, que outr'ora por alli faziam, com uma pertinacia inquebrantavel, a sua intriguinha partidaria. E' pena que seja assim? Evidentemente. Succede com a Arcada o que succede com um theatro que o publico não frequenta. Venha, pois, uma crise sensacional. Será ella a grande peça a chamar curiosos ao theatro politico da nossa terra...

Regresso de officiaes

O vapor «Moçambique», proveniente da costa oriental d'Africa, deve chegar a Lisboa no dia 16 d'este mez. Ao que consta, a bordo d'esse paquete regressam á metropole cerca de quinze officiaes dos que tomaram parte na acção de Naulila, tão desastrosa para as armas portuguezas. Accrescenta-se ainda que entre os officiaes que regressam vem um major e trez ou quatro capitães.

Para Africa

O vapor «Loanda» larga ámanhã para Africa. Conduzirá 6 sargentos e 30 cabos e soldados para Angola. Tambem seguirão no mesmo barco os srs. tenente-coronel Caldas, major Affonso Palla, tenente do quadro da India Herculano de Moura, tenente Motta de infantaria 18 e tenente da administração militar Motta Cerveira. O «Loanda» largará ás 12 horas, effectuando-se o embarque ás 11.

Uma representação

Pelos srs. drs. João Gonçalves e Corvinel Moreira delegados das camaras municipaes ha dias reunidas, foi hoje entregue ao sr. ministro do fomento a representação que n'essa reunião se approvou e que já foi publicada, na qual se pede a varrantagem de aguardente.

Vinhos do Porto

As camaras municipaes de Alijó, Sabrosa, Armamar, Santa Martha de Penaguião, Mesão Frio, Pesqueira, Tabuaço, Moncorvo, Villa Real e Regoa telegrapharam ao governo insistindo para que sejam exclusivamente considerados vinhos do Porto os produzidos na região duriense.

Ministro do interior

Estiveram hoje no ministerio do interior, em conferencia com o respectivo ministro, os srs. ministro da justiça, major general da armada, governadores civis de Vianna do Castello e de Santarem, e dr. Augusto Monjardino.

Conselho de ministros

Reuniu esta tarde, no ministerio do interior, o conselho de ministros. Occupou-se de varios assumptos de administração e da situação politica.

As eleições no Chile

SANTIAGO DE CHILE, 8.—Informações recebidas de todo o paiz mostram que as eleições senatoriaes e legislativas decorreram em completo socego. Crê-se que as eleições não alterarão de modo nenhum as forças respectivas dos partidos do parlamento actual, e cujos poderes terminam em 31 de maio.—(*Havas*).

Governadores das colonias

O de Moçambique declara que não se demitte—O de Angola vem a caminho

LONDRES, 9.—Telegrapham de Lourenço Marques á *Agencia Reuter* que o general Joaquim Machado continúa ali e declarou que de fórma alguma tenciona demittir-se de governador de Moçambique.—(*Havas*).

Embarcou em Loanda, no paquete «Moçambique», com destino a Lisboa, o governador de Angola, ficando o governo entregue ao secretario geral.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Latino Coelho

Reune ámanhã a assembleia geral, para discussão do relatorio e contas e eleição dos corpos gerentes. Por ser a segunda convocação, funcciona com qualquer numero de socios presentes.

PEQUENAS NOTICIAS

—O juiz sr. dr. Magalhães de Barros ouviu hoje sobre o caso da morte do tenente de marinha Alberto Soares os srs. José Guilherme Vasconcellos, Teixeira de Azevedo, Manuel Maria Nogueira, Pedro de Araujo Beça, Seraphim Matheus Neves, Francisco Alves Quiterio, Sebastião Vieira e Silva, José Maximo Correia e Perfeito Rodrigues.

A CARESTIA DO PÃO

Na praça Duque da Terceira

Tiros, pedradas, correrias e prisões

Fóra de Lisboa—Pedindo esclarecimentos—Tumultos no Fundão

Hoje, ás doze horas, os operarios do Arsenal que costumam estacionar na praça Duque da Terceira, durante a hora do jantar, dirigiram-se á rua das Flores, onde no numero 8 existe uma padaria da Companhia Panificadora, no intuito de a assaltarem, ao que se dizia. O caixeiro Antonio Gonçalves da Rocha preveniu a policia, que compareceu e não consentiu desmandos, fazendo com que os operarios voltassem para o largo. Uma vez ahi, por provocações da policia, segundo uns, por provocações dos operarios, segundo outros, o caso complicou-se, havendo correrias, protestos, pedradas e tiros. Os operarios refugiaram-se nas dependencias da Exploração do Porto de Lisboa e a policia entrincheirou-se na esquina do Grande Hotel Central. Nas paredes ha evidentes signaes do tiroteio, que, sendo de parte a parte demorado e violento, não attingiu comtudo ninguem. Das pedradas ficaram ligeiramente feridos alguns guardas, havendo tambem operarios feridos por pranchadas. Luiz Lopes, empregado do Mercado Agricola, que ia, como de costume, á Camara Municipal levar o boletim da receita do mercado, passava na occasião ao fundo da rua do Alecrim, junto ao Restaurant Royal, no mais acceso da peleja. Foi aggredido pela policia, ficando bastante ferido na mão e pulso esquerdos.

No largo e junto aos restaurantes Royal e Londres e á porta do Hotel Central juntou-se muito povo, que commentava a seu modo o occorrido. Compareceram a auxiliar a policia patrulhas de cavallaria da guarda republicana. A's treze horas tinha-se voltado já á normalidade com a entrada dos operarios para o Arsenal.

A's 17 horas, porém, os tumultos repetiram-se.

A commissão de melhoramentos do Arsenal da Marinha, tendo conhecimento das occorrencias do meio-dia e constando-lhe que tinha havido violencias por parte da policia, resolveu em nome dos operarios e d'accordo com o director das construcções navaes, sr. Albuquerque, que todos os operarios sahissem ás 17 horas na maxima ordem, sem satisfazer represalias, comprometendo-se por sua parte o sr. Albuquerque a mandar proceder a um rigoroso inquerito para se averiguar as responsabilidades da policia.

A commissão era composta dos srs. José Maria Chamusca, Eduardo da Silva Henriques e João Ferreira, sendo mandada affixar em todas as officinas a sumula d'estas resoluções.

Effectivamente, ás 17 horas, os operarios começaram sahindo, dirigindo-se ordeiramente a suas casas.

No largo estava uma força de policia commandada pelo chefe Rosa e um pelotão de cavallaria da guarda republicana sob as ordens do sargento Arnaldo de Almeida que se havia postado junto ao jardim do Caes do Sodré. Havia, porém, junto á estatua, ás portas dos cafés e á entrada da rua dos Remolares e travessas dos Arcos Pequenos magotes de gente commentando os acontecimentos.

N'um dado momento, do grupo que se encontrava junto do café Londres, partiu uma assuada ao chefe Rosa. A guarda republicana avança e vem postar-se a meio da rua oriental que margina a estatua. Mal ahi havia chegado, de cima do telhado em obras do Hotel Central cahiu sobre os soldados um chuveiro de pedras, que os deixou perplexos.

E de todos os grupos partem agora chufas e ameaças, invectivas e pedras. Ha punhos cerrados, bengalas no ar, e as pedras zunem por entre a soldadesca e a policia. Esta, vendo-se impotente, tira os revolvers e dispara varios tiros para o ar. Estabelece-se a confusão. Ha correrias, prenchadas, gente que cae e gente que grita, um inferno. Da rua do Alecrim vem a toda a pressa o automovel do governo civil com 7 guardas e o chefe Gomes, e da rua do Arsenal apparece a galope um esquadrão da guarda republicana, sob as ordens de um alferes.

As duas forças da guarda e a policia, de espadas e terçados desembainhados fazem agora varias evoluções varrendo o largo. Apparecem tambem o capitão Esmeraldo e o chefe Oliveira. De vez em quando, de emboscada, do recanto d'uma porta ou da volta de uma esquina, vem uma pedra que attinge um soldado ou um policia. Ha novas correrias e effectua-se uma prisão. E' um homem baixo, fato castanho e boina e que é conhecido pelo *Saloio da Ribeira*. Mettem-no no automovel e este parte. Effectuam-se mais prisões. Para o governo civil vem uma 12 individuos, dos quaes 6, porém, operario do Arsenal. A estação do Caes do Sodré, rua do Arsenal, varandas e janellas dos predios proximos do largo regorgitam de curiosos.

Um maritimo, Francisco de Santa Rita, ensarilha-se no meio dos cavallos. Apanha alguns socos e fica uns segundos estendido ao longo do passeio. Depois levanta-se e recomeça a protestar até que os policias o affastam de vez.

Pelas 19 horas ainda ha grupos nas immediações do largo, continuando as evoluções da força.

A policia do posto dos Olivaes prendeu hoje de manhã, na estrada de Moscavide, o carroceiro Vicente de Carvalho e o seu creado Alexandre, que iam a Sacavem buscar sucata e aos quaes se juntaram José Algarvio e Antonio Rodrigues, *O ceguêta*, que tambem foram presos, por terem tirado meia duzia de pães ao moço de padeiro Antonio, da padaria Marianno do mesmo logar. Os quatro vinham bastante embriagados, recusando-se a pagar o pão que haviam tirado e dando-o a varias mulheres que ali perto andavam mondando.

Os presos vieram para o governo civil, acompanhados por dois guardas.

Ao Limoeiro recolheram, accusados de terem excitado o povo a assaltar as padarias, os srs. Antonio Gonçalves, Joaquim Teixeira Leal, aos quaes foi arbitrada a fiança de 500$00; Alberto Nogueira e Rogerio Fernandes, por terem assaltado uma padaria de onde furtaram pão no valor de 180$00, sendo-lhes arbitrada fiança de 1000$.

Uma commissão de proprietarios de padarias de Villa Franca, acompanhados pelo administrador do concelho e pelo presidente da camara, esteve hoje no ministerio do fomento pedindo esclarecimentos sobre o novo regulamento do pão. Foi-lhes dito que nas localidades onde o pão de luxo não tenha consumo, para fabricar o pão de 80 e 90 réis podem accrescentar a cada sacca de farinha de trigo de 1.ª e 2.ª qualidade uma de farinha de milho, o que é permittido fazer fóra de Lisboa e Porto.

Ainda alli estiveram outras commissões, a quem foi respondido o mesmo, tendo tambem conferenciado com o sr. ministro do fomento a tal respeito o governador civil de Santarem.

Do administrador do concelho de Fundão foi recebido um telegramma informando que, devido á carestia da vida e ainda á falta de farinhas, houve alli grandes tumultos, tocando os sinos a rebate e estando o commercio fechado.

Uma commissão de operarios do Arsenal da Marinha pede-nos a publicação do seguinte protesto:

Sr. redactor.—Os operarios do Arsenal da Marinha veem protestar pela fórma indigna como foram hoje, ao meio dia, tratados pela policia.

Jámais se viu procedimento semelhante ao do chefe da esquadra da Boa Vista, a quem se devem attribuir as responsabilidades do que succedeu, como podem provar todas as pessoas que, indignadas, assistiram a semelhante selvageria.

Temos a declarar que nos não movem influencias politicas ou partidarias, nem temos por norma desrespeitar os nossos superiores, seja em que caso fôr, o que poderão provar as auctoridades do Arsenal a quem estamos subordinados. Portanto, sr. redactor, que fique bem patente que não é intenção nossa crear difficuldades a quem quer que seja, mas apenas pedir que do futuro haja mais moderação por parte da policia, visto que, se não fossem a prudencia e sangue-frio dos operarios, talvez tivessemos n'este momento a lamentar um conflicto de bem mais funestas consequencias.

No momento critico que o paiz atravessa são necessarias a maxima ordem e moderação, e que jámais sejam os agentes da ordem os primeiros a perturbal-a.—*José Maria Chamusca, Marinho de Carvalho, Albertino Gomes, Eduardo dos Santos, João L. Chaves, João d'Araujo* e *Eduardo Pratas*.

Fallecimentos

João Pires

Finou-se hoje o sr. João Pires, commissario da praça de Lisboa, director do Banco Economia Portugueza, antigo republicano, que soubera grangear pelos primores do seu caracter a estima e consideração de quantos com elle tiveram relações. Por determinação expressa o funeral que se effectua ámanhã pelas 14 horas, da Praça das Flores, 35, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres, é feito por intermedio da associação a A Voz do Operario.

O finado, que exercera o cargo de secretario da Universidade Livre, e lhe dedicava ainda todo o esforço, deixa viuva e um filho, o sr. Antonio Maria Pires, professor e guarda-livros da Junta do Credito Agricola.

A' familia enlutada os nossos pezames.

No Politeama

A primeira audição da «Simphonia Phantastica» de Berlioz, que preenche toda a segunda parte do programma de David de Sousa, vem dar um excepcional relevo a essa festa de arte.

Berlioz é um auctor com um privilegiado colorido musical, e todas as suas obras tiveram um facil triumpho, tão ricas são de sentimento e de technica orchestral.

A sua «Simphonia Phantastica», que contém cinco numeros, deve ser ouvida com proveito no proximo sabbado no Politeama.

SPORT

A gimnastica de Ling

Muita coisa se diz dos methodos de gimnastica. Todos falam de Ling e todos contam pormenores do processo pedagogico que immortalisou o Instituto Central de Stockolmo. Mas o que é verdade é que poucos sabem como estão distribuidos os cursos n'esse modelar estabelecimento de ensino. Nós vamos dizel-o para ellucidação de muitos.

O curso do Instituto dura tres annos. No primeiro anno formam-se alumnos instructores, no segundo mestres de gimnastica pedagogica, no terceiro gimnastas medicos. As mulheres podem seguir os tres cursos em dois annos porque são dispensadas da esgrima e gimnastica militar.

Os cursos começam a 1 de setembro e acabam a 15 de maio de cada anno. São interrompidos no Natal durante 15 dias. A' sahida do Instituto os que seguirem o primeiro curso tornam-se instructores nas escolas primarias e secundarias. Os que fizerem gimnastica medica teem o titulo de gimnastas medicos e podem administrar therapeutica pelo movimento aos doentes mas sob fiscalisação d'um medico. Os que seguiram os tres cursos chamam-se professores de gimnastica e podem ensinar em qualquer escola do Estado.

Os cursos são theoricos e praticos.

O primeiro curso tem em theoria: *anatomia, gimnastica pedagogica, gimnastica militar e esgrima, phisiologia e* em pratica *exercicios de gimnastica pedagogica, militar, manejo d'armas e exercicios pedagogicos.*

O segundo curso tem em theoria: *anatomia, phisiologia, higiene, mechanica dos movimentos, gimnastica pedagogica, gimnastica militar (esgrima), principios fundamentaes para dirigir o ensino, gimnastica medica especialmente dedicada ás creanças doentes e* em pratica *exercicios de gimnastica pedagogica e militar, esgrima, exercicios para saber ministrar ensino nas escolas, exercicios de gimnastica medica.*

O terceiro curso tem em theoria: *gimnastica pedagogica para as mulheres, estudantes de medicina e medicos que não seguiram os primeiros cursos; anatomia com trabalho sobre o cadaver; phisiologia, higiene, gimnastica medica, regras fundamentaes da sua pratica e estudo das principaes doenças que podem ser tratadas pela gimnastica* e em pratica *gimnastica pedagogica, applicações da gimnastica medica, curso pedagogico.*

Os estudantes de medicina fazem gimnastica nas escolas se não seguirem os dois primeiros cursos.

Acceitam-se alumnos estrangeiros A lição começa ás 7 horas da manhã para os cursos pedagogicos e termina ás quatro horas. Cada alumno tem em média cinco a seis horas de trabalho por dia, tanto theorico como pratico. Não ha internos, como, de resto, succede em todos os collegios suecos.

O estado subsidia o Instituto com a somma annual de 40:000 corôas.

***

Nota do dia

O proximo domingo no Velodromo

Os srs. Francisco Calejo e Francisco Vieira não descançam na organisação da festa de reabertura do Velodromo do Stadium. Está marcada para o proximo domingo. Multiplicam a sua actividade, procuram a maior reducção de despezas, angariam premios para os corredores, tudo com o fim simpathico de augmentar a receita, porque o producto se destina á subscripção para o «Cigarro do soldado».

Na sua tarefa de organisadores da festa teem sido efficazmente auxiliados pelo sr. José Holtreman Roquete (Alvalade), o *sportsman* convicto e arrojado, que dotou Lisboa com um Stadium. O sr. Alvalade deu ordem para adiantar as obras do seu imponente recinto athletico e quem fôr, no domingo, assistir á reabertura do Velodromo ha-de verificar o avanço extraordinario nas obras. Já está completada a estrada que leva até ao recinto; a *recta* de chegada dos ciclistas está empedrada de maneira a desafiar a chuva; já ha vidraças nas janellas do corredor dos camarotes; já estão arranjadas as divisorias das bancadas de pedra.

O programma de reabertura é magnifico. E' talvez o melhor programma que em ciclismo e motociclismo se tem organisado em Lisboa. Em provas de velocipedia devem apparecer os nossos melhores *sprinters*; nas provas de motociclismo devem apparecer mais de 19 corredores!

***

Algumas anecdotas

Como Charles Batta se vingou das maldades do athleta Gazoin

Lembram-se do athleta Batta? E' aquelle athleta que um dia veiu a Portugal e que tendo ficado sem pesos em Badajoz por causa do colera, trabalhou no circo com os alteres de Filippe Taylor e outros que o Gymnasio Club lhe cedeu. Foi com elle que se passou o seguinte:

... A occasião apresentou-se. Trabalhava Batta em Reims, no circo Lenka. Uma tarde, Batta foi dar uma volta pela feira, em companhia d'um camarada. Passeavam indifferentes a todo esse movimento, quando uma barraca lhes chamou a attenção.

Batta estremeceu. A' porta, annunciando os trabalhos, um athleta lançava o convite ao publico. Esse homem que Batta promptamente reconheceu era o feroz Gazoin, o seu verdugo de outros tempos quando, aos 15 annos, fazia parte da sua troupe, levava pancada e era mal pago. Esse Gazoin tinha-o, um dia, posto na rua, sem dinheiro, sem um bocado de pão.

Por momentos sentiu Batta o impulso de se dirigir áquelle homem e applicar-lhe um severo correctivo pelo seu procedimento cruel. Mas prompto recuperou Batta o sangue frio. A vingança seria outra, mais retumbante e mais humilhante.

E, emquanto Batta espreitava a occasião, Gazoin gritava:

—«Senhores, está aqui a melhor troupe de luctadores do mundo. Fournier, o terrivel leonez; Rousselle, o hercules do norte; Lagneau, Hapines, Cerleaux, Michot e eu, campeão do mundo de força, que offereço 100 francos a quem executar os meus exercicios.»

Sobre as cabeças dos assistentes agitou-se a mão do amigo de Batta.

—Eu, eu!

—Quer luctar, o senhor?

—Não, luctar, não. E' a si que me dirijo. Offereceu 100 francos a quem execute os seus exercicios. Deposite essa quantia.

—Então, é o senhor que quer executar o meu trabalho?—pergunta Gazoin com ar de desprezo.

—O senhor prometteu 100 francos a quem levantar os seus pezos. Deposite-os, que eu apresentarei a pessoa que os quer ganhar.

Gazoin hesitou ainda um pouco, mas prompto se decidiu. Quem diabo podia levantar o seu famoso alter de 75 kilos, já pelo peso, já pela grossura excessiva da barra, feita especialmente para a sua mão extraordinaria!

A multidão agitou-se. Para Gazoin, não acceitar o repto seria a ruina certa.

—Pois bem! Eis os 100 francos, que serão d'esse homem, que não se quer mostrar, se elle conseguir executar os meus exercicios.

—Não, não. Os 100 francos hão de ser depositados na mão de um espectador.

Gazoin teve de ceder, e a nota passou para as mãos d'um militar que a isso se prestou.

A multidão precipitou-se para a barraca. Batta escondia quanto lhe era possivel a cara. Mas para quê? Gazoin não poderia conhecel-o. O espesso bigode e a imponencia physica de modo algum evocavam aquelle pobre Charles Estienne, dos outros tempos.

O espectaculo decorreu no meio de indifferença geral, até que chegou a vez de Gazoin.

—Onde está o amador que me desafiou?

—Aqui.

E Batta appareceu. Despira unicamente o casaco, e os seus magnificos antebraços mostravam-se, soberbos e formidaveis, livres das mangas da camisa, que elle dobrára. Gazoin teve a impressão de que lhe não era desconhecida aquella physionomia, mas em vão procurou recordar-se.

—Bem, o senhor desafiou-me, disse Gazoin. Ahi tem o meu alter.

E empurrou-lhe com o pé o famoso peso.

—Perdão, retorquiu Batta. O premio é para quem fizer os seus exercicios. Execute-os, pois, primeiro.

Gazoin teve de acceder, e depois de ter egualado bem o peso e tel-o experimentado algumas vezes, fez difficilmente o épaulement e em seguida ergueu-o ao dévissé uma vez, lançando-o logo em terra.

Batta, sem nenhuma preparação, pegou no alter, fez um rapido épaulement e depois, sem pôr o peso em terra, fez uns poucos de devissés, sem apparentar esforço algum.

—E' então por isto que o senhor dá 100 francos? Isto é uma brincadeira. Eu conheci um garoto de dezeseis annos que fazia isto mesmo. E, agora, trabalha ainda melhor. Vou mostrar-lh'o.

E, juntando ao alter um peso de 20 kilos, ergueu-o novamente.

—E o senhor conhece-o, Gazoin, a esse garoto de que lhe falei. Olhe bem para mim; não reconhece o pequeno Estienne que o senhor explorou e depois atirou para a rua, como a um cão? Não me reconhece?

Gazoin empallidecera. Reconheceu Estienne e tremeu.

—Offereces então 100 francos;—continuou Batta, dirigindo-se ao militar e apossando-se do dinheiro. Pois bem, se tens mais, prepara-te para o fazeres girar, porque, em toda a parte que eu te encontrar, hei de provocar-te e humilhar-te, como fiz agora.

O publico applaudia Batta, e Gazoin sentia-se perdido, arruinado. Supplicou então, humilhou-se, e aos seus rogos juntavam-se os da mulher, implorando de Batta que os não levasse á miseria.

Batta commoveu-se. De resto, a lição tinha sido já dura.

—«Pois bem! Vou-me embora e prometto não os inquietar mais. Mas você merecia uma lição e teve-a. Estou satisfeito». E abandonou a barraca, que se esvasiou, como por encanto. Gazoin teve de fazer as malas e ir procurar fortuna n'outra parte. A Reims nunca mais voltou.

Batta tinha vingado Charles Estienne.

Noticias

Entre nós

O 40.º anniversario do Gimnasio Club

Hoje á noite reunem, na séde do Gimnasio Club Portuguez, os socios fundadores da benemerita collectividade. Foram convocados pela actual direcção, que deseja ouvil-os sobre o que ha a fazer e sobre o programma commemorativo do 40.º anniversario do Gimnasio.

O «brassard» de esgrima

E' possivel que no fim d'este mez ou principios de abril se realise um novo «match» para o «brassard» de esgrima da sala d'armas Carlos Gonçalves porque deve ser lançado, por estes dias, um novo repto ao seu detentor actual, sr. Mario de Noronha.

Um gimnasio na Amadora

Os incançaveis e benemeritos amigos da Amadora, srs. Antonio Correia e José dos Santos Mattos, vão estabelecer um pequeno mas lindo gimnasio, junto do «rink» de patinagem dos Recreios Desportivos. As obras principiam logo que estejam livres da organisação de festas mais proximas, que são o sarau e baile marcados para a noite de sabbado proximo e um torneio esgrimistico para disputa d'uma «taça».

O Sporting em Vigo

A «linha» que o Sporting Club leva para Vigo é a do seu primeiro grupo. Vae capitaneada pelo sr. Francisco Stromp. O embarque faz-se na manhã do proximo sabbado.

Um sarau gimnastico

A realisar-se o sarau annunciado para o fim d'este mez no Coliseu dos Recreios e cuja organisação está a cargo d'um grupo de officiaes do exercito, alguns instrucção dos quaes não é estranha a dos por alumnos do Collegio Militar, á instrucção dos quaes não é extranha a competencia do professor, tenente Moreira Salles.

União Velocipedica Portugueza

Vae realisar-se o XVII congresso da União Velocipedica Portugueza. Vae, portanto, eleger-se a nova directoria para o anno de 1915-1916. O facto tem, d'esta vez, mais significação que nos trez ultimos annos, porque a velocipedia recomeça uma nova phase de actividade com os espectaculos projectados no Velodromo do Stadium. Quem fôr dirigir a União deve ser um technico e um organisador, porque da sua cooperação com o Velodromo depende o resurgimento da velocipedia.

E quem vae eleger os novos directores? São os socios da União e os delegados dos seguintes grupos filiados: Sport Club Vianense, Gimnasio Club Figueirense, Sport Lisboa e Bemfica, Grupo Sportivo do Atheneu Commercial de Lisboa, Lusitano Club Ciclista, Foot-Ball Club do Porto, Sporting Club de Portugal, Grupo Sport Cruz Quebrada, Sport Club Progresso, Racing Club do Porto, Victoria Foot-Ball Club, União Foot-Ball Club, Grupo Sporting Nacional, Sport Club Sadino, Apolo Foot-Ball Club, Stadium de Lisboa.

As batatas em Colonia

Guilherme Lawin, escrevendo de Colonia ao *A B C*, allude nos seguintes termos ao caso da falta de batata:

Havia quasi decorrido um mez sem que fosse visto esse modesto tuberculo quando no dia 15 se annunciou em grandes cartazes vermelhos que, a partir do dia seguinte, os municipios se encarregavam de vender por preços moderados as tão appetecidas batatas.

Ocioso será dizer que logo na vespera á noite as mulheres formavam uma bicha enorme em frente dos palacios municipaes.

O cartaz annunciador omittira uma advertencia importante: a de que para se ser comprador era preciso demonstrar que se era bom pagador das contribuições geraes do Estado, qualidade que se demonstraria apresentando o ultimo recibo de contribuição.

A immensa maioria das mulheres levava o seu competente cesto, mas não o documento exigido. A mulher é pouco reflexiva e, embora não desconheça a severidade com que a auctoridade do seu paiz faz cumprir as suas ordens, julgou-se no direito de protestar para com os seus gritos conseguir alguma coisa.

Não succedeu, porém, assim. As ordens mantiveram-se rigorosas, no primeiro dia. Mas a auctoridade comprehendeu que o ser devedor ao Estado não implicava o castigo immediato de não comer, além de que podia haver exactos cumpridores dos seus deveres civicos que tivessem extraviado os recibos da contribuição, e attenuou a disposição, considerando que bastava para acreditar a personalidade do comprador um documento official qualquer, ou a assignatura de garantia d'um industrial estabelecido. Esta transacção obviou a muitas difficuldades e a lucta pela batata tornou-se mais serena e methodica.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—A força do destino—Commissario bom rapaz—Os annos do papá.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — A's 21—Um diabrete.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — Não ha espectaculo.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — Politeama — Recita do actor Azevedo—*O diabrete*, do Romain Coolus.

Avenida—Estreia do novo quadro *Aqui d'el-rei* na revista *Ceu azul.*

QUINTA FEIRA—Apollo—Reapparição da companhia Ruas—*A aguia negra* em sessões.

Trindade—Primeira representação do quadro novo: *De S. Bento á Mitra... pela Pimenteira* da revista *Verdades e mentiras.*

SEXTA-FEIRA — Eden Theatro—Estreia da companhia italiana de opera lirica.

Ao correr da penna

Um jornal francez conta, a proposito de Feraudy, uma anecdota deliciosa. Como se sabe Feraudy é um poeta de grande talento e muitos das suas composições foram musicadas. Entre ellas a celebre Amourouse *para a qual se escreveu a celebre valsa lenta, que tem sido tocada e cantado em todos os continentes.*

Uma certa manhã, dois musicos ambulantes tinham-se installado n'uma esquina d'um dos boulevards exteriores e, apoz uns preludios de viola, o cantor começou:

Je suis lâche avec toi.
Je m'en veux...

N'esse momento um sujeito elegante foi rompendo a roda de curiosos e terminado o primeiro couplet dirigiu-se ao homem da guitarra e disse-lhe:

—O acompanhamento não é esse e o amigo que canta tambem não vae lá muito certo. Com licença...

E, pegando na viola, o recemchegado cantou toda a Amoureuse entre os applausos da multidão. No fim e emquanto um dos socios ia vendendo a canção impressa, o outro declarou:

—Para que o respeitavel publico possa aprender a musica, o illustre amador vae repetir.

O illustre amador não se fez rogado e no estribilho o auditorio retomou em côro:

Mais pourquoi m'as tu prise et comment
Suis je ainsi lâchement amoureuse?

Terminada a segunda audição, o cantor affastou-se sorrindo. Era o proprio Feraudy, societario da Comedia Franceza.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Está-se trabalhando activamente no desentulho do theatro Republica.

● A companhia do Nacional estreiou no Porto uma comedia em um acto de Carvalho Barbosa.

● O quadro novo da revista *Verdades e mentiras* deve subir á scena ainda esta semana.

● Os titulos dos quadros do *Fado e Maxixe* reduzido para sessões são os seguintes: 1.º acto—1.º *A consulta da Avenida*, 2.º *O Fado no Rio*; 3.º *Os Estados do Brazil... Unidos*; 4.º *O futuro do Brazil;* (Apotheose). 2.º acto—5.º *Quem canta...*; 6.º *No meio do charco*; 7.º *O carnaval carioca*; 8.º *Viva a Folia* (Apotheose).

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—A estreia dos gimnastas *voadores* Carlos Martyres e Manuel Correia.

Desde hontem á noite que os antigos gimnastas do Gimnasio Club srs. Manuel Correia e Carlos Martyres são profissionaes de circo. Estrearam-se com um numero de «trapezios volantes», genero Leotard, que o seu mestre Walter Awata lhes combinou e que ensaiaram durante alguns mezes. Obtiveram muitos applausos, tendo recebido uma consagração enthusiastica d'um numeroso publico que enchia o vasto amphitheatro.

Poucos artistas teem tido um identico inicio profissional. E, para tal facto, não contribuiu a circumstancia de serem portuguezes porque outros compatriotas nossos teem apparecido na pista do Coliseu e não tiveram a animal-os, nem a festejal-os, as ovações como aquellas que hontem foram feitas aos dois gimnastas.

O facto justifica-se:

Carlos Martyres e Manuel Correia eram dos mais conhecidos amadores do Gimnasio Club, dos que constituiam a «reserva» permanente em saraus na séde e no circo; eram dos seus mais prestimosos consocios, com grande esphera de conhecimentos; eram homens de «sport» bastante conhecidos na capital. Foram, como amadores, saltadores, argolistas, barristas e até «jockeys»! Consequentemente, a sua apresentação constituiu um acontecimento na nossa vida lisboeta, principalmente no meio sportivo. E as palmas de hontem foram tributadas por esses amigos e companheiros do athletismo. A ellas se juntaram as palmas de todos os espectadores porque o seu numero tem merecimento gimnastico.

Houve deficiencias? Ligeirissimas e que só um grande excesso de critica nos leva a apontar. Resumem-se a ter falhado por duas vezes o salto para os *triangulos*, porque Carlos Martires tocou-lhe com os dedos mas não poude segural-os. Ora esse salto é dos que o habilissimo gimnasta tem mais seguro. Hontem não o executou porque *sahiu* tarde do *poiso* ao formar o *vôo*. N'essa indecisão entraram em linha de conta: a commoção da estreia, a circumstancia de trabalhar com uma atmosphera cheia de fumo na altura dos trapezios, com uma luz differente á que está habituado.

Houve quem visse n'esta falha a pouca preparação do gimnasta! Quem tal affirmou prova desconhecimento do assumpto. Vá ao Coliseu nas noites de hoje e nas noites seguintes e ha de verificar que o saltos dos *triangulos* é mais facil e esta mais certo, para Carlos Martires, que a bella *pirueta e meia* que executou hontem. Só este *vôo* era sufficiente para valorisar o trabalho, se este não tivesse tambem a compol-o uma serie de bons saltos a dois; engrupado com pirueta; curvas; prancha; mortal simples; e mortal torcido. E todos estes foram bem executados, com muita energia da parte de Correia, com mais serenidade e talvez correcção da parte de Martires. Em resumo, os dois novos profissionaes teem um trabalho que honra a tradicção artistica do Gimnasio Club e que abrilhanta o programma d'uma companhia ainda que esta possua acrobatas persas e os Fredianis.

Noticias

Entre nós

Os duelistas Beriguardis estreiam-se brevemente, no Salão Foz.

—Hoje apresentam-se outra vez, no Coliseu dos Recreios, os gimnastas Carlos Martyres e Manuel Correia.

—O Salão Olimpia exhibe actualmente um «film» de extraordinario interesse no seu «écran». E' a «Familia Negra».

—No Coliseu de Lisboa, ainda esta semana se exhibirão os «films» da guerra europeia.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

Em infantaria 22

PORTALEGRE, 8.—No quartel de infantaria 22 deu-se hontem um incidente que podia ter graves consequencias e que vamos referir em breves palavras, dispensando-nos de lhe fazer quaesquer commentarios.

Depois do recolher, tendo já procedido á chamada da sua companhia, como uns soldados tivessem escarrado na caserna, o primeiro sargento Pires aproveitou o ensejo para em breves palavras, lhes fazer sentir a inconveniencia do acto. Quando estava falando, appareceu de subito o sr. alferes Fino que lhe deu voz de prisão e bradou para um cabo que fosse chamar os officiaes e lhes recommendasse que viessem armados porque o sargento estava incitando as praças a insurgirem-se contra elles.

Conduzido o sargento Pires ao quarto dos officiaes, alli o alferes Fino renovou as suas accusações contra as quaes o sargento protestou com vehemencia, expondo, ao mesmo tempo, os motivos por que dirigira a palavra aos soldados. Estes, chamados á presença dos officiaes, confirmaram as palavras do sargento Pires e manifestaram desgosto pela sua prisão, considerada apenas uma vingança. A luz fez-se de tal modo no espirito dos camaradas do sr. Fino que este acabou por pedir desculpa da attitude que tomara, declarando que tinha havido da sua parte um equivoco.

Movimento maritimo

Africa occident., via Madeira «Loanda» 10
P., B., R. J. e Sant. «Maasland» (Am.)... 10
R. J. e R. Prata «Demerara» (Liverp.)... 11
Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.)... 11
Liverpool «Atalmalpa» (Pará)... 11
Amsterdam, etc. «Tubantia» (Brazil)... 11

Servem-na, mas ella serve-os. Honram-na, mas ella honra-os. Nas cerimonias publicas, tendo na cabeça o barrete quadrado ou o gorro de velludo, envergando a toga vermelha guarnecida de arminho, ou a comprida capa preta, de canhões de seda, barba branca ou loura, olhar altivo, gesto incisivo, voz cheia e rou-

General Vonkovitch, um dos commandantes das forças montenegrinas

ca, tal é o retrato do pedagogo em todo o seu esplendor. Quando não houver refugio no mundo para o orgulho allemão, encontral-o-ha na alma do Herr Professor.

Está convencido de que a pedagogia é por si mesma uma força e que a humanidade deve ser guiada como uma classe de estudantes. Todas as epochas de decadencia para os povos teem sido precedidas d'um apogeu universitario e escolar: a alma livre dos homens acaba por quebrar as peias do pedantismo que se prolonga em demasia.

Aos intellectuaes caberá a maior responsabilidade nos acontecimentos que se estão desenrolando, porque alteraram algumas das virtudes nativas do povo allemão. Por isso, é logico que no famoso «appello ás nações civilisadas» tenham levado ao extremo a doutrina hostil á humanidade, que foi incontestavelmente uma das origens moraes e intellectuaes do conflicto.

Devemos lembrar-nos sempre do estribilho: «*Não é verdade*»... «*Não é verdade* que a Allemanha tenha provocado a guerra... *Não é verdade* que tenhamos violado criminosamente a neutralidade da Belgica (o chanceller Beihmann-Hollweg, que é um intellectual, tinha-a proclamado sem hesitações no Reichstag)... *Não é verdade* que os nossos soldados tenham attentado contra a vida ou a propriedade d'um unico cidadão belga, sem a isso terem sido forçados pela cruel necessidade de legitima defeza, etc... *Não é verdade* que as nossas tropas tenham destruido brutalmente Louvain... *Não é verdade* que façamos a guerra com desprezo do direito das gentes, etc.» Finalmente, para rematarem essas negativas, a seguinte conclusão que expõe a propria doutrina na sua assombrosa temeridade: «*Não é verdade* que o que se chama o nosso militarismo seja dirigido contra a nossa cultura, como pretendem os nossos hypocritas inimigos. Sem o nosso militarismo, a nossa civilisação estaria de ha muito anniquilada. Foi para a proteger que esse militarismo nasceu no nosso paiz».

Como se vê, a apologia do militarismo é o alvo supremo do ensino universitario Esta «consciencia moral do mundo» affirma-se n'um appello ás armas. O ensino allemão apenas tem uma divisa, a de Hobbes: *Homo homini lupus.*

O professor Lamprecht, um dos historiadores mais afamados da Allemanha, deu a expressão mais completa do sophisma que desvaira toda a nação quando escreveu as seguintes phrases, memoraveis pelo que teem de orgulhosamente ...

d'amor nas elevadas familias—tudo impellia o imperador a retroceder ás origens bellicosas da raça e do imperio. Seu proprio filho, o kronprinz, traduzindo o sentimento dos que se consideravam como os unicos defensores da unidade allemã, da realeza prussiana, da dymnastia, exclamava n'um tom em que havia uma exprobação: «Ha porventura alegria superior á de carregar o inimigo á frente dos seus hussards?»

Assim, as causas da dissociação, inherentes á propria constituição do imperio, levavam a uma solução bellicosa. E os elementos d'auctoridade e de disciplina trabalhavam no mesmo sentido.

A feição caracteristica do povo allemão resultante das suas origens ethnicas, d'uma tradição ininterrupta durante dois mil annos, d'uma educação escolar fortemente organisada, é o sentimento e o amor do agrupamento disciplinado.

Os allemães vão atraz dos chefes em tribus, em clans, em bandos. A unidade não é o individuo, é o grupo. O allemão gosta de obedecer; todos marcham em passo militar, os soldados atraz do cabo, o regimento atraz do coronel, o exercito atraz do imperador. Respeito pela auctoridade, pela disciplina, forças admiraveis para um povo. Para sermos exactos, devemos dizer que esse gosto pela disciplina prefere formações restrictas. No espirito de agrupamento tal como existe na Allemanha ha um regionalismo latente.

Mesmo no seio do partido socialista, que devia representar a força mais temivel de desorganisação, se encontra essa dupla necessidade de obedecer a alguem e de seguir um grupo particular.

Os socialistas da Baviera, de Bade ou do Wurtemberg não querem de fórma alguma confundir-se com os da Prussia. Acceitam as excommunhões d'estes ou as suas admoestações, sorriem-se e continuam a fazer o que entendem. Os que seguem Bebel divergem dos que teem por chefe Bernstein ou Wollmar. Entre os revisionistas, tambem se dão essas divisões. Aquelle que segue Heine, em dado momento afastar-se-ha de Frank ou de Indekum.

Um particularismo organisado é a melhor definição que se possa dar da sociedade allemã. Comprehende-se o que uma vontade dominadora póde fazer d'esse admiravel machinismo. A sequencia psichologica de tão original disposição é um admiravel espirito de methodo: agrupamento, disciplina, methodo, tudo se encadeia. O allemão é robusto e pouco alegre; submette de boa vontade o seu vigor phisico e moral ao trabalho em commum, em conformidade com o fim alvejado; dominado por uma preparação reflectida, coordena e combina a economia da sua existencia com a do grupo, para obter um resultado de que só reclama a sua parte legitima; pouca vaidade, grande perseverança, certo gosto pelo anonimato, tudo o dispõe a ser apenas um numero n'um total, uma roda n'um machinismo, um soldado n'um exercito.

Segue durante muito tempo a mesma idéa, mesmo que ella não seja sua; a sua marcha é progressiva e lenta, mas segura; occultará durante annos, no fundo d'alma, um projecto que só deve alcançar exito á força de paciencia tenaz; o empregado de manga d'alpaca espreitará durante mezes e mezes a hora propicia para surprehender o segredo d'uma invenção, d'um fabrico ou d'um commercio, alegrando-se antecipadamente com o resultado final e a receita que d'ahi lhe advirá.

Observador minucioso, o allemão é perito em todos os ramos da actividade humana que exigem cuidado, applicação, pratica meticulosa e tranquilla. Verdadeiro especialista, a agricultura, a creação de gado, a chimica, encontram-no de pé ao romper do dia, deitando-se tarde, curvado sobre a terra, a secretaria ou os cadinhos, sempre fiel a si mesmo e fiel principalmente á ordem dada e recebida com alegria.

Militarisado desde a infancia, passa sem surpreza e sem abalo da familia para o regimento. O seu modo de ser afasta-o de toda a phantasia, de todo o brio pessoal, de todo o desperdicio de forças ou de palavras;

sente-se viver quando trabalha para o poder em commum. A vontade desenvolve então n'elle a ambição e o orgulho de servir. Admiravel instrumento na mão dos seus chefes, emquanto tem confiança n'elles e o dirigem bem.

Com as preoccupações materiaes creadas pelas suas grandes necessidades e que o espirito do seculo exagerou n'elle, o allemão moderno consagrou-se por completo ao que os economistas allemães chamaram o «espirito de empreza». No fundo, é o appetite do ganho illimitado tendo como ponto de partida um certo risco de capital e de trabalho: é a «especulação».

Para explicar esse impulso, esse gosto pelo acaso, preciso é tomar-se em consideração a pobreza do solo, o rigor do clima, as difficuldades da existencia. Para alcançar o eden das terras felizes, dos dias cheios de sol, de demorados repousos, nunca acha a espectativa demasiado longa, comtanto que o consiga. A vida, se necessario fôr, arrisca-a com a maior facilidade.

Assim se desenvolveu na raça, pelas grandes perturbações, pelas poderosas transformações e pelas prodigiosas mudanças dos tempos modernos, um pronunciado gosto pela acção, um culto pela força, a que se chamou uma «vontade de potencia» e que, se não encontrar limite no exterior, não o encontrará com certeza em si mesma. A Allemanha não admitte obstaculos: quer viver.

Os allemães recebem desde creanças esta concepção da vida nacional. Desde que nasce, a creança é educada sob a auctoridade das ordens recebidas ou antes no respeito do que é prohibido. E não se imagina a quantidade de coisas que são prohibidas na Allemanha.

Quando chegam á edade propria, todos são obrigados a sacrificar a vontade particular á vontade geral. Depois da familia, onde o pae reina como senhor absoluto, onde a irmã, mesmo mais velha, obedece ao irmão, mesmo mais novo, a escola apodera-se da creança e verga-a. O machinismo escolar, emquanto não chega o machinismo militar, torna-se o meio mais poderoso de educação nacional. A escola é já uma caserna.

O poder do sistema escolar allemão e a auctoridade que exerce na formação da alma nacional é por de mais conhecido, para que seja necessario insistir n'elle: conhecem-se os resultados, quer na paz, quer na guerra. Já em 1870 se dizia que a Prussia devia as suas victorias aos seus professores. Isso é verdade até certo ponto. Todavia, ha tambem um certo perigo em confiar exclusivamente a formação d'um grande povo a uma classe de homens que, por officio, propende para o pedantismo, para o formalismo, para o mandarinato.

Em 1914, os abusos do sistema faziam-se sentir: mestres e alumnos, cheios de vaidade, haviam perdido até certo ponto a noção do que valiam realmente, perdendo o criterio da verdade.

Um pequeno livro publicado em Breslau e que é vendido a setenta pfennigs contem um resumo do que se ensina nas escolas profissionaes. Dão-no, nas provincias rhenanas, aos alumnos das «Simultan-schulen», isto é, as escolas primarias que admittem alumnos de religiões differentes. Traz noções de historia, geographia, historia natural, phisica, mineralogia e chimica, lingua allemã e geometria. E' o tipo classico do «manual».

O primeiro capitulo é consagrado á «Nossa casa imperial» e as paginas mais importantes ao «Nosso adorado Imperador». Guilherme II é um heroe, só tem virtudes magnanimas, prevê tudo, a sua competencia é inegualavel; ama o seu povo e principalmente os trabalhadores. Por consequencia, é preciso amal-o e orar por elle. O resto da historia universal occupa apenas algumas paginas.

Com respeito á guerra de 1870, esse livro diz: «Os francezes não perdoavam aos prussianos o estes terem alcançado tantas victorias. Queriam humilhar o rei Guilherme e, com elle, todos os allemães; os da margem esquerda do Rheno deviam

tornar-se francezes. Foi por esse motivo que o imperador Napoleão III declarou guerra ao rei Guilherme».

Escripta assim, a historia produz o effeito desejado. O ultimo capitulo é consagrado ás «palavras» dos Hohenzollern. O grande eleitor diz: «Deus é a minha força»; Frederico I: «A cada um o que lhe pertence»; Guilherme I: «Deus está comnosco».

Deus torna-se assim esse «Deus allemão», pertencente aos Hohenzollern e que decretou que o povo allemão é um povo eleito, a quem o mundo devia pertencer. Toda a critica e toda a imparcialidade desapparecem. O methodo escolar allemão, como todos os methodos em demasia absolutos e exclusivos, cahe no absurdo.

Na sua escola—diz o escriptor G. Bourdon—o mestre allemão apparece verdadeiramente como um «iniciador total». Mestre da intelligencia, é ao mesmo tempo mestre da moral e da religião. Com o calculo e a grammatica, a historia e a geographia, a poesia e a litteratura, ensina o canto, o desenho, por vezes, em certas escolas, um officio manual: modelagem, encadernação, marcenaria, serralharia. Dá a instrucção religiosa, inculca o respeito dos poderes publicos. Educação intellectual, educação moral, educação religiosa, cultura phisica: o seu ensino abrange tudo o que, da creança, póde fazer um homem e um patriota.

Seria uma injustiça não reconhecer os resultados beneficos d'este poderoso desenvolvimento escolar, que amolda o caracter, que o prepára para o agrupamento organisado, que é uma feição caracteristica do caracter nacional. Na Allemanha não se conta um analphabeto em mil habitantes.

Da escola primaria a creança passa para a escola profissional. Não ha um allemão que não receba um certo ensino technico.

Todos os annos das grandes escolas sahem mais de trez mil engenheiros, que, contribuindo para a febre do trabalho interno e da expansão no exterior, são para o exercito, em tempo de guerra, excellentes collaboradores. A plethora que resulta das carreiras pejadas, dos salarios restrictos, tem sem duvida inconvenientes, mas os proprios organismos não são mais resistentes. Uma vez mais o individuo é sacrificado ao grupo.

A Allemanha é altiva das suas escolas profissionaes, é ainda mais altiva das suas universidades. E' ahi, com effeito, que se conserva e sobreexcita o genio da raça. A intelligencia allemã, com as suas qualidades e os seus defeitos, com o seu vigor logico, a sua poderosa faculdade de applicação, a sua paciencia, o seu orgulho, conclue ali a sua educação: ali vivem os intellectuaes. São o orgulho do imperio e serão talvez a sua perda.

Desde o principio da guerra actual, o manifesto dos intellectuaes allemães estabeleceu perante o mundo a fraqueza philosophica d'esses philosophos, a mediocridade critica de esses sabios, a pobreza intellectual d'essa «intelligencia».

Alguem disse com razão: «A Allemanha tem os seus templos laicos: as suas Universidades». Foram as universidades, com effeito, foram os professores que prepararam a grandeza da Prussia e da Allemanha moderna. O professor tem o sentimento profundo da superioridade da raça e não escreve uma linha, não pronuncia uma palavra que não tenda a essa glorificação, não sirva a essa propaganda.

A crença na «Allemanha acima de tudo», espalhada por tantas vozes auctorisadas, torna-se uma fé, uma religião. Maeterlinck definiu com exactidão esse sentimento, quando escreveu: «A Allemanha considera-se como a consciencia moral do mundo».

Mas outro observador, não menos sagaz, diz por seu turno: «Os universitarios que deteem a intelligencia e sabem ser uns oraculos, julgam-se obrigados a um patriotismo particular, d'uma fórma talvez bem limitada». A patria é pertença sua; contemplam-na, atravez dos seus oculos com aros de ouro, como o palladium sagrado da sua gloria, da sua prebenda, da sua «especialidade».

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1650 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quarta-feira, 10 de Março de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

A questão das subsistencias

Não se póde, de animo leve, lançar uma condemnação severa sobre os acontecimentos, por todos os titulos lamentaveis, que ultimamente se teem desenrolado não só em Lisboa, como em varios pontos do paiz, em virtude da carestia da vida. Se as chamadas classes remediadas já luctam com difficuldades para arcar com o preço das subsistencias, facil se torna avaliar a situação angustiosa das classes pobres. Mas se esta consideração attenua muitos dos excessos commettidos, não é menos certo que se torna preciso não desvairar a opinião, nem procurar illudir, allegando responsabilidades alheias, a urgencia imperiosa de remediar essa situação, que d'um momento para o outro póde tornar-se desesperada.

Em notas officiosas, o governo ou os seus delegados não annunciam providencias tomadas para acudir, sem perda d'uma hora, ao mal estar d'uma população inteira. O que se vê é que a preoccupação exclusiva consiste em lançar sobre os anteriores governos da Republica a culpa d'um estado de cousas que durante o seu tempo se não manifestou e que não temos o direito de affirmar que se chegasse a manifestar, visto que os governos se julgam pelos seus actos.

A carestia dos generos alimenticios não se dá só em Portugal. Derivada da guerra, todos os paizes a teem sentido. Entre nós, ainda menos do que em outras partes. Logo que a lucta se desencadeou, o governo de então tomou providencias para que a vida normal do paiz se alterasse o menos possivel. E que essas providencias foram acertadas provou-o o facto de ter desapparecido a intranquilidade dos primeiros dias, cohibindo-se a especulação que já começava a revelar-se em certos generos.

E' preciso pois que o povo se acautele, quando, em vez de se acudir á sua miseria e de se remediarem as suas privações, só se pensar n'uma especulação politica, apontando governos republicanos como responsaveis d'uma situação que elles não crearam, que procuraram minorar e que talvez não chegasse a esta acuidade se se pensasse mais em solucionar os problemas de ordem economica que affligem o povo do que em violentamente se procurar attingir um determinado *desideratum* politico.

Essa campanha, que os monarchicos de todas as côres fazem sua, chega ao ponto de complicar a actual questão das subsistencias com a attitude levantada por Portugal perante o conflicto europeu, attitude que não podia ser outra, qualquer que fôsse o regimen vigente no nosso paiz, visto que se tratava primeiro, dos deveres da nossa secular alliança com a Inglaterra e, posteriormente, de defender o territorio das nossas colonias contra a brutal invasão allemã.

Fermentam n'essa campanha todas as más paixões e n'ella se incluem interesses e ambições incompativeis com a dignidade nacional e com a existencia e o prestigio da Republica. Dir-se-hia, ao ouvir as suas expressões, que é a Republica a origem de todos os nossos males, que é a Inglaterra a causa de todas as nossas difficuldades. Dir-se-hia que foram os governos da Republica que desencadeiaram a guerra europeia. Dir-se-hia que nós temos razões de queixa da nossa velha e leal alliada, quando na realidade ella não tem feito senão demonstrar-nos por todas as fórmas a sua amisade, a sua sympathia, a sua solidariedade e os seus bons officios.

Tudo isto é exploração politica, e da mais condemnavel, porque se destina a especular com a miseria do povo e a saciar odios mesquinhos e rancorosos.

O que ha a fazer é bem diverso. O que ha a fazer é encarar a situação tal qual ella é e procurar dar-lhe um remedio urgente e necessario. Não é assacando responsabilidades aos que não governam que se fará a obra instante de governo, que consiste em não deixar que se aggravem as condições das classes pobres, que teem um imprescriptivel direito á vida.

O povo não póde pagar o pão mais caro. O povo não tem meios para occorrer á alta de preço dos generos indispensaveis á vida. Que se conclue d'isto? Que o povo não póde, não deve, nem ha de morrer á fome. Aquelles que assumiram o governo em circumstancias tão graves para a alimentação popular não ignoravam, não podiam ignorar a imminencia d'esta situação. Se a ignoravam, dão tristo prova da sua capacidade governativa. Se a não remedeiam, não estão á altura da sua missão.

O tragico problema que se levanta na sociedade portugueza não se soluciona com recriminações, nem violencias. Resolver-se-ha sómente com medidas que authentiquem verdadeiras qualidades de governantes.

Toma o governo essas medidas? Todos lhe devem prestar o seu auxilio nos esforços patrioticos que ellas revelam. Se as não tomar, não pode nem sequer pensar em illudir as suas responsabilidades, que serão tremendas.

Regimen penal

O que a Republica tem feito para o melhorar

Algumas vezes temos alludido aos melhoramentos que a Republica introduziu no novo regimen penal e ás iniciativas tomadas pelos governos e pelo parlamento no sentido de se completarem as modificações já realisadas. Citaremos hoje alguns factos que demonstram as nossas affirmativas.

A lei de 20 de julho de 1912 creou a colonia penal agricola, dotando-a com 30:350 escudos. Já está escolhido o terreno e os planos das primeiras installações foram feitos pelo architecto Rosendo Carvalheira.

A lei de 26 de junho de 1913 creou o Deposito penal maritimo da Figueira da Foz. Já está installado e prompto para receber de começo 30 vadios com destino aos navios de pesca.

A dependencia de Monsanto serviu para descongestionar a cadeia do Limoeiro, que, sendo calculada para receber 600 presos, tinha em média 1.050, chegando a attingir 1.268. A cadeia de Monsanto comporta actualmente 350, podendo esse numero elevar-se a 650 quando se concluirem as obras.

Introduziram-se modificações para melhorar o systema nas Penitenciarias de Lisboa e de Coimbra. Acabou-se com o isolamento, passando o trabalho a fazer-se em commum, e pode dizer-se, sem exagero, que os detidos nas penitenciarias estão alojados em melhores condições que os soldados nas casernas. O presidente das Sociedades positivistas de Londres, H. Swing, affirmou em 1913 que os presos do Limoeiro e da Penitenciaria tinham melhor tratamento que os presos em estabelecimentos similares da Inglaterra.

Completaram-se os planos para a construcção d'uma cadeia modelo nos terrenos das Salesias. Esta cadeia poderá abrigar 2.650 presos em optimas condições higienicas. Foram aproveitados os relatorios de 1895 e de 1906 para a construcção d'uma cadeia no Porto, fóra da cidade. Ao mesmo tempo procurou-se melhorar os serviços de policia pela organisação da policia scientifica e aperfeiçoamento dos serviços medico-legaes, de que depende em grande parte o apuramento rapido de responsabilidades e a descoberta dos crimino-

Migalhas

A guerra dos esfarrapados

No tempo da guerra de rendas, que inspirou a Georges d'Esparbès tão admiraveis paginas, o coronel do regimento dos dragões de Créqui, na hora do combate, erguia-se sobre os estribos e exclamava:

—Senhores mestres do esquadrão. Queiram passar á revista as fitas dos rabichos e mandar endireitar os chapeus, que vamos ter a honra de carregar!...

A guerra de 1915 não é uma guerra de elegancias. O exercito allemão, que era sem duvida o mais bem fardado e que sacou dos depositos, ao rebentar a campanha, milhões de equipamentos novos, perdeu depois d'estes seis meses de operações de inverno aquelle aspecto engommado e brunido que o destinguia.

Nas trincheiras francezas, os *poilus*, que vão agora conhecer os dias de victoria irresistivel, não se recommendam pelo asseio exterior. As longas semanas passadas nas escavações e sob um temporal constante crearam um novo figurino militar á margem da ordenança.

São ainda os inglezes que manteem, atravez de tudo, a tradição da *fashion* guerreira. O caki esverdeado, lavavel e pratico, dá ao Tommy, sempre irreprehensivelmente barbeado e penteado, a linha elegante de quem está tratando de cousas menos absorventes do que este formidavel embate de dois principios.

Mas que importam estes detalhes minimos de «toilette». Foi com exercitos de esfarrapados que Napoleão conquistou a Europa e se a Historia lembra Murat, carregando á frente dos seus esquadrões vestido como para um baile, não esquecerão nem entanto aquelles *grognards* que Raffet immortalisou, mettidos até á cintura na agua de um pantano, emquanto um velho sargento lhes diz, n'uma legenda immortal:

—E' prohibido fumar para não dar signal ao inimigo; mas, quem quizer pode sentar-se, porque temos que passar aqui a noite.

André Brun

PATHÉ JORNAL

E' certa a crise

O sr. ministro da justiça deve abandonar o gabinete

1.º quadro

Alleluia! Alleluia! A Arcada voltou a ser a mesma d'outr'ora, fertil em noticias de sensação, abundante em boatos politicos que são os que mais apaixonam o portuguezinho audaz que se prosa. A Arcada, para consolo dos jornalistas, rehabilita-se, renasce, volta a adquirir aquelle bulicio d'outros tempos, que lhe dava aquelle caracter tão seu, tão tipico, que n'outra parte não era possivel encontrar.

—Grandes novidades hoje amigo!

E' esta a exclamação cheia de exuberancia e de alegria com que o meu oraculo me recebe. E a palestra principia.

—A crise continúa, não?

—E generalisa-se...

—Vae então desmoronar-se todo o ministerio?

—Mais devagar, meu caro, mais devagar. Nem tanto ao mar nem tanto á terra! Tudo tem os seus limites.

E o meu oraculo finge consultar a memoria, recordar episodios distantes, pôr em dia cousas que tem ouvido por toda essa cidade e que a Arcada, n'este instante, lhe exige perfeitamente ordenadas e comprehensiveis. Junta-se mais gente. Ha curiosos, figuras classicas do alviçareiros que se approximam. Todos os ouvidos se dispoem a escutar a palavra inspirada d'esse profeta que tão frequentemente conversa com os deuses.

2.º quadro

Duas horas. Rende-se solemnemente a guarda do ministerio do interior. Tenho a impressão de que os Paços do governo da Republica se encontram sob a vigilancia apertada da tropa. A sentinella brada ás armas, a força recolhe e a palestra prosegue. E' o momento proprio. Oiçamos o oraculo.

—Pois é como lhes digo. A crise ministerial está apenas em principio. O melhor é o que está para vir. O governo vae soffrer uma profunda remodelação.

Coisas sabidas, amigo. Escusa de nos aguçar o apetite... Novo intervallo. Outro compasso de espera. Principia a haver impaciencia. Enervo-me. Não aturo mais os ares misteriosos de que o meu amigo se revestiu. Faço menção de me retirar. O expediente dá resultado. D'ahi a pouco, na arcada do ministerio da justiça, o misterio desvenda-se. O meu oraculo, emfim, fala:

—Pois é verdade, é como lhe digo. O ministro da instrucção sae e o ministerio desapparece: será annexado ao do interior. O Pimenta de Castro tem noção de que essa secretaria de estado não precisa de ser independente. D'ahi não somear substituto ao sr. Goulart de Medeiros.

—Mas isso representa um ataque ás leis vigentes!...

—Não ha nada d'isso. O ministerio da instrucção desapparece temporariamente, porque não se nomeará um novo ministro. O sr. Gomes Teixeira gerirá as duas pastas, que vivem paredes meias; mais nada.

—Bizarrias, meu caro amigo, bizarrias! E que mais sabe?

A alguns metros de distancia passa um velho conselheiro posado e anafado. O meu oraculo corre ao seu encontro. E eu fico só, n'uma penumbra. O *film* interrompe-se. E emquanto a minha curiosidade tem de resignar-se a soffrer a tortura de esperar, procuro distrahi-la alargando o olhar encantado para o Tejo que fulgura. O cenario é, positivamente, uma estupenda maravilha.

3.º quadro

Reata-se o interrompido diologo. O meu oraculo vem agora mais palreiro, mais lucido, mais tranquillo, sobretudo. Registo o facto, fuzilam mola duzia de ironias, a *blague* surge tambem, e principio, emfim, a saber o que quero saber.

—E sae mais alguem?—pergunto.

—Se sae! O da justiça. E' ponto assento. Ha quem diga o contrario? Deixe-os dizer! O Guilherme Moreira segue na esteira do Galhardo!

—E porquê?

—Não sei. Ninguem o diz. Sae porque quer sahir, porque o governo acha util e necessario que elle abandone o poder. E' tudo o que posso dizer-lhe.

—E', n'esse caso empurrado pelos collegas?

—E' o que ahi-lhe! O que posso affirmar-lhe é que sae, d'accordo com todos elles. Se isso o não satisfaz...

—Mas não se percebe. D'accordo para quê?

Resignadamente, pachorrentamente, o meu amigo esboça um grande gesto de cansaço, e extingue-se n'um mais inexplicavel silencio. Disse elle tudo quanto sabia? Talvez. Fico, porem, com a impressão do contrario.

Tratar-se-ha do tal partido conservador? O sr. Guilherme Moreira abandonará o poder para, com mais tempo, tratar de o constituir? Não faltava logo quem, pela Arcada tentasse explicar por esse modo o affastamento do ministerio do actual ministro da justiça.

4.º quadro

Scenario de linhas pouco definidas. Luz vaga e incerta. Personagens que se esfumam de encontro ao panno, do fundo. Arcada do ministerio dos estrangeiros. Sae um politico de coturno mais alto que o vulgar. Abordo-o.

—Quem succede ao sr. Rodrigues Monteiro?

—Porquê, não volta?

—Creio que não. Fica nas finanças por muitos motivos e muito principalmente por ter trabalhos organisados sobre assumptos que correm por essa pasta.

—N'esse caso, talvez o Hipacio de Brion. Como sabe já hontem se falou n'elle.

—Havia, porem, quem duvidasse.

—Pois sem razão, segundo rezam as minhas informações. O Brion está cotadissimo para ministro dos estrangeiros e aceita com certeza. E olhe que lhe sobram qualidades para o cargo...

—Ah, sim?! Quaes?

—Tem boa presença, não é positivamente um exaltado e é uma pessoa correctissima. Quanto ao resto, as questões graves que correm pelo nosso *Foreign-Office* serão resolvidas pelo presidente do ministerio...

—E' o politico cotadissimo n'esta situação ministerial, depois d'isto, afasta-se saltitando como um collegial ás soltas, em pleno ar livre...

5.º quadro

Conciliabulo solemne. O governo está reunido no ministerio da guerra. Cá por fóra correm boatos desencontrados a proposito d'essa reunião. O que se passará?

—Coisas sem importancia—informa um.

—Assumptos de mero expediente—elucida outro.

—Será a crise?

—Nem pensar n'isso. O conselho de ministros nunca se occupa de politica. N'esse capitulo, o sr. general Pimenta de Castro tem, desde o primeiro momento, carta branca e d'ella usa como lhe apraz. Os collegas limitam-se a approvar sem discutir.

O conselho acabou e os boatos continuam. Mas ninguem sabe ao certo do que se tratou, como ninguem sabe quem será, ao certo, o futuro ministro dos estrangeiros. Deixo a Arcada. Mas, á sahida, um velho conhecido, que tem a mania das prophecias politicas, murmura-me ao ouvidos, como quem cicia um importantissimo segredo, que o governo vae cahir.

—Quando?

—E' o que falta saber. Mas lá que cae, cae!

... M.

Pelo telegrapho

A situação na Belgica e em França

PARIS, 9.—Communicação official.—A leste de Steenstraete repellimos um ataque. Ao norte de Arras, em Notre Dame de Lorette, houve combate durante o dia sem que as posições dos adversarios se modificassem. Em Champagne houve encarniçadissimos combates que nos foram favoraveis. Entre Souain e Perthes no bosque onde penetrámos ha 3 dias, repellimos dois contra-ataques e realisámos novos progressos. Tambem progredimos no bosque a leste do precedente. Nas visinhanças immediatas de Perthes ao norte da mesma villa, o inimigo atacou e foi repellido. Na collina a nordeste de Mesnil o nosso ganho de hontem que era de 450 metros foi augmentado com duzentos metros. Tomámos um entrincheiramento allemão, aprehendemos um canhão revólver e tres metralhadoras e fizemos prisioneiros. O entrincheiramento era extremamente forte e comportava abrigos blindados, canhões revolver e camaras subterraneas profundissimas. Finalmente, retomámos alguns metros de trincheiras ao norte de Mesnil as quaes haviamos conquistado no domingo e perdido na segunda feira. Em Argonne entre Four de Paris e Bolante pronunciámos um ataque que nos fez senhores da primeira linha dos allemães, n'uma extensão de 200 metros.—(*Havas*.)

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 10.—Official. Deram-se combates extremamente violentos entre o Niemen e o Vistula no dia 8 do corrente. A cavallaria russa apresou parte de uma columna de reabastecimento. Foi repellido um ataque allemão na estrada de Meljo e Lomja. Os allemães tomaram a offensiva na margem esquerda do Vistula. Na região de Pilitza fizemos prisioneiros e tomámos metralhadoras. Nos Carpathos os austriacos proseguem na offensiva.

Na região de Baligrad soffreram perdas consideraveis. Proximo da villa de Stadenne o inimigo conseguiu tomar as trincheiras avançadas occupadas por dois batalhões. Nas regiões de Oujok e Kounkatch contra atacámos com successo e desalojámos o inimigo de todas as trincheiras que nos haviam tomado. A leste de Lause fizemos prisioneira a parte que restava da columna que envolvia o nosso flanco.—(*Havas*).

Uma catastrophe em Antuerpia

LONDRES, 9.—Telegrapham de Amsterdam aos jornaes londrinos que a explosão de hontem no arsenal pirotechnico de Antuerpia fez 14 mortos e feriu 70 pessoas na sua maior parte allemães.—(*Havas*).

Poeira da Arcada

O sr. general Dantas Baracho separou-se da monarchia porque esta não satisfazia as suas aspirações democraticas e separou-se da Republica pelas mesmas razões. Encontra-se, portanto, o illustre militar com convicções firmes, mas com pouca devoção para as empregar. Bella attitude para estudar os homens e fumar bons charutos com tranquillidade. As luctas politicas ordinariamente môem os homens, deixando-os na triste situação de quem perde um patrimonio de illusões e apanha ainda por cima a sua dóse confortavel de injustiças. Não é este o caso do sr. general Baracho. Livrou-se a tempo da briga das cubiças e das manhas, interesseiras e recolheu ao silencio do seu lar com uma experiencia que lhe facilita hoje alguns raciocinios claros

Homem feliz...

**

Parece que se trabalha activamente na organisação de um partido conservador, que, pela sua acção ponderada e calma, chame ao culto do regimen uns tantos individuos que até agora se teem mantido distanciados d'elle. E' provavel que a tentativa se inspire no melhor patriotismo, visto que as mais puras intenções ás vezes conduzem directamente ao inferno. Se possivel fôsse dar vida a um sonho tão incoercivel, que resultaria? Certamente o apparecimento de mais um elemento de confusão no torvelinho da nossa vida politica. Nós não necessitamos de partidos novos, mas sim de ideas fortes e proveitosas para extermimar ainda alguns dos existentes.

**

—Qual o motivo por que encarecem os generos de consumo? Esta pergunta formulam-na varias creaturas que desejam vivamente lançar algumas pedradas a um alvo certo. Todavia o apuramento das responsabilidades torna-se difficil, tão ardente é, entre nós, a arte de bem fazer... asneiras, pondo-lhe em torno algumas palavras repassadas de sentimentos honestos. O povo, não achando os auctores dos males que o opprimem, para mostrar que tem a intelligencia do momento, exerce a sua cólera desordenadamente, enchendo os largos e ruas com as rumorosas paisagens das suas revoltas, em que a miseria dá as côres mais carregadas.

VIDA ARTISTICA

O mestre Simões

deixa o ensino de esculptura na Escola de Bellas Artes

Está vaga a cadeira de estatuaria da Escola de Bellas Artes de Lisboa pela reforma que acaba de ser concedida ao respectivo professor, sr. José Simões d'Almeida, o mestre Simões, como, desde muito, vinha sendo tratado por antigos discipulos e quantos hoje vivem na intimidade das coisas d'arte.

O illustre esculptor, que n'este momento começa a disfructar o merecido repouso, exerceu o ensino n'aquelle estabelecimento durante trinta e quatro annos. Pelo seu *atelier*, que foi sempre a sua aula, passaram seis gerações de estatuarios e o valor de muitos dos seus discipulos não é, por certo, a producção menos notavel do illustre artista. Com Simões d'Almeida estudaram Costa Motta, tio, e depois Costa Motta Sobrinho, José Simões d'Almeida Sobrinho, Francisco dos Santos, Anjos Teixeira para não recordar senão aquelles, que hoje, pelos seus meritos, se encontram em condições de lhe poderem disputar a successão, pois, segundo consta, são estes os que concorrem ao provimento da vaga aberta no corpo docente da escola.

O sr. José Simões d'Almeida ingressou na escola de Lisboa, após a estada como pensionista em França e na Italia, na qualidade de professor de desenho. Durante muito tempo o illustre artista regeu a cadeira inicial da escola, que deixou para substituir Victor Bastos na cadeira de estatuaria. Foi Simões d'Almeida quem levantou a um alto grau o ensino do desenho na escola, como fervoroso adepto, que sempre foi, das maneiras classicas.

A sua producção é numerosissima, constando principalmente de estatuas, uma das quaes, *A Puberdade*, figura na galeria do Museu d'Arte Contemporanea. Do mesmo artista são ainda a bella figura decorativa *A Liberdade* que adorna o pedestal do monumento dos Restauradores, o tumulo de Julio Cesar Machado, etc.

O conselho da Escola de Bellas Artes vae reunir para estabelecer as bases do concurso para o provimento da vaga aberta pela reforma do illustre artista.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

PÃO DO ESPIRITO

Sermões e sermôas

Uma cabala de sachristia posta a descoberto...

Nem só de pão vive o homem! Assim rezam as sagradas escripturas e assim o proclama o sr. Carlos Zepherino Pinto Coelho, advogado muito temente a Deus, columna da Egreja entre nós e que tomou a peito, n'esta santa quadra do anno, lembrar aos bispos os deveres que lhes impõe o ministerio pastoral. Emquanto outros luctam até á violencia para que o pão do corpo não encareça, não peore de qualidade e não venha a faltar, o sr. Carlos Zepherino preoccupa-se com o pão do espirito, que é a palavra do Evangelho annunciada do alto dos pulpitos, e deseja que elle abunde mas sem misturas que lhe diminuam o valor nutritivo... São os bispos, no dizer do sr. Pinto Coelho, os primeiros responsaveis de haver maus prégadores e, consequentemente, da esterilidade da prégação. Mas hoje o sermão está sendo um divertimento e não um incentivo de aperfeiçoamento moral. De certos sermões que só merecem reprovação está-se fazendo—acrescenta o piedoso catholico—uma propaganda em que o sexo feminino, mais por inadvertencia do que por má intenção, tem a responsabilidade maior... Os prégadores são mandatarios dos bispos: se não prégam conforme é mister, urge que se lhes retire o mandato!

Mas a que proposito se ascenderia o zelo do sr. Carlos Zepherino Pinto Coelho em favor da oratoria sagrada tão decahida em Portugal e quem serão os prégadores que n'este momento estão longe de lhe satisfazer a orthodoxia?

Quem nos elucida é um velho frequentador de lausperennes que tem ouvido alguns milhares de sermões e que actualmente não perde as conferencias das Chagas e dos Martires pelo padre Fernandes de Castro. Está ao corrente da intriga que lavra nas sacristias e em alguns centros de palestra devota e, mal lhe tocámos no assumpto, o seu rosto apergaminhado coloriu-se de subito e a sua voz, tremula de indignação, esclareceu:

—Sei tudo! Leio a *Nação* desde que me conheço e admirei muito o velho Pinto Coelho, que usava umas suissas como estas minhas. Não admiro nada o seus descendentes que ali se propõem ser as sentinellas vigilantes de Israel, á falta de quem melhor o seja. O sr. Carlos Zeferino, atacando prégadores sem os designar, apenas quer attingir um, mas não tem o desassombro para o fazer de frente e sem rodeios. Trata-se d'uma intriga de clerigos, que vale bem por uma intriga de saias. Houve padres, que para ahi sermoneiam sem exito, que se estomagaram quando viram aquelle collega que prega a quaresma nos Martires e nas Chagas ter ouvintes o... sermões a não poder mais...

O homem fala bem, tem o dom da palavra, é capaz de trez discursos no mesmo dia sem se repetir, diz coisas que desagradam, por certo, aos adversarios da Egreja, mas diz outras, cheias de bom senso, que não agradam a uma determinada classe de devotos e a alguns sacerdotes que temeram, sobretudo, o concorrente...

—Mas os sermões ainda são bem pagos?—interrompemos.

—Qual historia! Isso foi tempo. Viver pela prédica deve ser hoje empresa arriscada e para muitissimo poucos, principalmente no centro e no sul do paiz. Creio que o prégador quaresmal dos Martires e das Chagas pertence ao numero, já muito restricto, dos padres que quasi limitam a sua actividade á vida do pulpito e como adquiriu fama, aliás merecida, e parece não ser creatura para se sujeitar á soberania dos Pintos Coelhos, tratam de guerreal-o com sanha feroz...

—Mas como?

—Pelo modo que viu. Não só na imprensa, mas tambem do pulpito abaixo. E é provavel, quasi jural-o, que já se tenham queixado d'elle ao proprio patriarcha. Mas o padre Fernandes de Castro, que assim se chama, prégou o anno passado na Sé e nenhum reparo suscitou a sua doutrina, como ainda nenhum erro lhe apontaram nas conferencias ultimamente effectuadas. Todo o mal está em que elle discursa melhor do que os outros. Faz sombra. E já lhe jogam piadas do alto dos pulpitos. No domingo, o sr. Ayres Pacheco largou-lhe o remoque, orando na egreja da Estrella. Disse o reverendo conego que os auditorios em vez de procurarem na palavra do prégador a palavra de Deus, procuram a palavra do homem, procuram phrases penteadas á moda, coloridos e phantasias, coisa que inflamme a imaginação, e não procuram o que abale a consciencia e leve a alma á pratica do bem ou instrua evangelicamente. Posso assegurar que foi injusto o sr. Ayres Pacheco que antes queria ver na egreja das Mercês, onde é parocho, a prégar a quaresma, do que na Estrella a criticar os collegas em sermão encommendado.

—Falta de caridade...

—... E de logica tambem. A conspiração contra o prégador das Chagas e dos Martires póde triumphar, mas asseguro-lhe que lhe de ser difficil invocar provas concludentes para o emmudecerem. Entre os seus numerosissimos ouvintes não escasseiam os que seriam capazes de lhe apontar um erro doutrinario se elle o commettesse. O delicto maximo de que o vejo accusado consiste em não esfarrapar a grammatica e em ser o que não são os fazedores de sermões, isto é: eloquente! Mas isso póde considerar-se motivo para o combaterem e perseguil-o? E porque se ha de perseguir este homem, que sabe falar, quando nunca se poz uma rolha na bocca dos que se fartam de vomitar disparates do todo o calibre? Creia que tudo isto é inveja e despeito. Mais nada...

Calou-se o nosso informador. Inveja e despeito—disse elle. Lucta de interesses—diremos nós. São os que se sentem lesados com a concorrencia que mais influem no animo do sr. Carlos Zeferino para que elle pugne pela pureza da prégação...

E isto acontece quando se pagam sermões a dois escudos. Que faria se subissem de preço como o pão e a carne!

A AVENTURA DE UM OFFICIAL PORTUGUEZ

Na sumptuosa Argentina

A grande republica atravessa n'este momento uma enorme crise economica

A ultima vez que nos vimos—já sobre essa tarde rolaram muitos annos!—foi na situação de vencidos que uma contrariedade commum acabava de attingir: o Arzilla da Fonseca reprovára-nos implacavelmente a ambos no acto de Geometria Descriptiva. N'esse mesmo dia fiz as malas e desappareci de Coimbra, amaldiçoando os lentes, a capa e batina, as velhas praxes poeirentas e o inevitavel latinorio das solemnidades universitarias. O destino atirou depois comigo para essa douta e philosophica Allemanha, emquanto meu camarada de escola conquistava os galões de official de cavallaria. Nunca mais nos encontrámos.

... Sonhão quando, ao passar pelo Martinho esta manhã, tenho a agradabilissima surpreza de o vêr. Sentamo-nos, á palestra. Tambem elle viajára, tambem elle rompera com a rotina que pesa sobre esta terra de educação e habitos quasi fradescos, onde tudo marcha lentamente, como uma antiga traquitana carregada de ferros velhos e sem azeite nas molas. Conta-me em duas palavras a sua aventura: audacioso por temperamento, confiando no proprio esforço com aquella inquebrantavel fé que Napoleão possuia na sua estrella, o moço official pediu ha poucos annos licença illimitada, embarcou n'um paquete com destino ao Rio da Prata e saltou em Buenos-Ayres com a mente cheia de projectos e uma libra no fundo do bolso. Buenos-Ayres é a vertigem. Atravez das suas avenidas monumentaes, talhadas em angulo recto, ao longo das fachadas principescas d'essa cosmopolis do sonho onde tudo é exterioridade e opulencia, escoa-se uma heterogenea multidão de ambiciosos, que veem de todos os cantos do planeta attrahidos pela fascinação do ouro como as borboletas em torno de uma luz. Todos querem vencer, todos querem chegar primeiro; é a lucta feroz pela existencia no auge da intensidade.

Entretanto, o meu antigo condiscipulo de Coimbra consegue abrir caminho e marcha por elle com segurança. Ao cabo de algum tempo, o seu triumpho é seguro, é formidavel. Graças ás suas excellentes qualidades profissionaes, o governo encarrega-o de organisar e instruir a cavallaria da Guardia; da excellente materia prima do *gauchos* herculeos consegue fazer admiraveis soldados; só lhe resta naturalisar-se para encontrar no exercito argentino uma situação de esplendido futuro. Mas a lembrança commovida da Patria não lhe consente que troque por outra a farda de official portuguez. Não. A Patria póde reclamal-o, de um instante para o outro, e ha de encontral-o, se acaso for necessario que derrame por ella o seu sangue de patriota.

Começa então a percorrer o paiz, desde a *pampa* interminavel e monotona onde pascem as manadas im-

mensas até aos contrafortes da cordilheira, que novas colonias veem constantemente povoar. Vae a Rosario, a Cordoba, a Mendoza, a Tucuman, negoceia em bois, negoceia em terras, negoceia em colheitas, e installa-se commodamente na vida—essa vida fabulosamente dispendiosa da America do Sul onde a tirannia social impõe o luxo e o luxo se paga a peso de oiro.

—Dá-se, na sociedade de Buenos-Ayres, um phenomeno á primeira vista paradoxal, diz-me elle no meio da sua narrativa colorida e cheia de contrastes. Quando uma familia se dispõe a fazer economias, parte para a Europa e passa algum tempo em Paris. A vida, lá, é brutalmente cara, e o argentino, ingenuamente *rastaquouère*, sentir-se-hia vexado em diminuir na sua terra os orçamentos da despeza. E o que se diz da economia privada póde com egual propriedade affirmar-se da economia publica. A administração do paiz, como em todas as republicas sul-americanas, é prodiga. Na Argentina talvez um pouco mais, porque não ha phantasia que não se realise, custe o que custar, n'essa ancia magnifica de progresso que nos assombra ali. Os serviços publicos em Buenos Ayres custam muitos milhões, mas os seus habitantes teem o orgulho de poder affirmar que nada ha na Europa de comparavel a essa lindissima cidade. Construiram-se ha pouco duas immensas avenidas em diagonal, para as quaes se não hesitou fazer a expropriação de terrenos centraes a seis mil pesos a vara—mais de trez contos da nossa moeda por metro quadrado! Por este simples exemplo, tomado ao acaso, podes fazer ideia...

Assim progride a famosa Argentina, para a qual as antigas nações da Europa estão na mesma relação que os fidalgos de linhagem para os plutocratas sem pergaminhos. A Argentina deslumbra-nos com *sus grandezas*, na phrase feliz de Blasco Ibañez, que lá foi tambem deixar-se prender na sedução das suas maravilhas e ali fundou uma colonia agricola que dizem modelar. Para valorisar as suas riquezas immensas, precisa, naturalmente, de milhões de braços, de milhões de cerebros. Por isso os emigrantes affluem, constantemente, e esse paiz que de braços abertos os recebe. Ha semanas em que desembarcam dez e quinze mil estrangeiros, e as colonias fundam-se todos os dias em todos os cantos do territorio. Como o paiz tem uma grande extensão em latitude, encontram-se n'elle todos os climas, desde o tropical ao frio, o que simplifica extremamente o problema da acclimação. O russo da Siberia está certo de encontrar um ambiente semelhante áquelle onde nasceu, como o italiano da Sicilia, como o allemão da Silezia, como o francez da Normandia.

—E n'este momento a immigração continúa a fazer-se intensamente?

—Não. A Argentina atravessa actualmente uma grande crise, que ha de terminar por certo com a conclusão da paz na Europa. A guerra perturbou todos os mercados, mas especialmente os dos paizes novos, que vivem, como a Argentina, da exportação intensiva dos seus productos. Ora essa exportação já se não faz com a mesma facilidade. Por um lado, faltam os mercados allemães, por outro, o preço dos fretes triplicou, como triplicaram os seguros maritimos. Os paizes que, como a Inglaterra, tinham empregado o seu ouro na Argentina trataram de o recolher e as consequencias calculam-se facilmente. Se não fosse o regimen das moratorias, quasi todo o commercio estaria fallido n'este momento. Vive-se do credito, do *pagaré*, do papel, e a unica esperança, a prolongar-se a guerra, consiste nas proximas colheitas, que se afiguram excellentes.

E, soprando no espaço uma baforada de cigarro, concluiu, philosophicamente:

—Saudades da patria, saudades da familia... Aproveitei a estagnação dos negocios e vim por ahi fóra. Em passando o mau tempo, quando as coisas retomarem o seu aspecto normal e depois d'este forçado periodo de repouso, voltarei então á vida intensa e vertiginosa do Novo Mundo...

Hermano Neves.

O proximo concerto no Politeama

A composição de Berlioz, que será ouvida pela primeira vez no proximo domingo, está assim dividida: 1—Largo (Sonho da paixão); 2—Allegro non troppo (um baile); 3—Adagio (scena campestre); 4—Allegro non troppo (marcha do supplicio); 5—Larghetto (sonho de uma noite do Sabatt).

Gentilmente fomos convidados para assistir a um dos ensaios d'esta bella partitura de Berlioz, e em tempo opportuno daremos as nossas impressões.

Theatro de S. Carlos

A'manhã representa-se pela ultima vez, n'esta epocha, a peça de grande successo *Primerose*.

—Está constituindo o grande acontecimento theatral d'esta temporada a festa da notavel actriz Angela Pinto, que se realisa na sexta feira, 19, com a 1.ª representação da celebre peça, de Augier, em 4 actos, *A aventureira*, traducção do sr. dr. Coelho de Carvalho.

O proximo concerto Blanch

E, sem duvida o mais sensacional de toda a temporada o programma do concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Blanch, que se realisa em S. Carlos no proximo domingo. E' a festa dos professores que compõem a orchestra, e toma parte o notavel pianista José Queirol, que executa pela 1.ª vez o famoso *Concerto em mi bemol*, de Liszt, com acompanhamento de orchestra. A orchestra executa pela 1.ª e unica vez o celebre poema symphonico, de Saint-Saens, *Phaeton* e a brilhantissima ouverture do *Guilherme Tell* e pela unica vez a famosa *Septimino* de Beethoven, por todos os professores dos respectivos naipes e outras obras de mais notaveis compositores classicos e modernos.

Um novo esforço militar da Belgica

Por intermedio do seu governo responsavel, convidou o rei dos belgas a nação a produzir um novo esforço para apressar o momento da libertação do territorio nacional, chamando ás fileiras não só a classe de milicias de 1915, mas tambem, por antecipação, a de 1916 e reunindo as forças dispersas que o regimen da lei das milicias de 1909 conservava inutilisadas.

Para se comprehender todo o alcance d'este decreto que o *Monitor Belga* agora publicou é conveniente relembrar de que elementos se compõe o exercito da Belgica.

Antes da lei de Broqueville, de 21 de abril de 1913, que instituiu o serviço geral, as leis da milicia fundiam-se com a do voluntariado sobre diversos principios e por fim sobre o sistema de chamar ás fileiras um filho de cada familia, deixavam grande quantidade de homens validos fóra do serviço militar.

Não esqueceu ainda o rasgo patriotico de muitos voluntarios que, logo ao principio das hostilidades, correram a alistar-se, reparando em grande parte as consequencias das imperfeições das antigas leis.

O melhor da população, numerosos rapazes de 16 a 17 annos apenas, homens de 30 annos e mais que não estavam sujeitos ao serviço militar, espontaneamente pegaram em armas, e—é de justiça prestar-lhes aqui esta homenagem—portaram-se como velhos soldados conquistando a admiração dos chefes, mesmo dos que mais adversos se mostravam á ideia do voluntariado.

Não devemos, tambem, esquecer que todos os belgas com menos de 40 annos, não indigentes, que não fizeram serviço militar no activo, são obrigados a servir na guarda civica, assim como não devemos esquecer que em tempo de guerra a guarda civica desempenha o serviço d'um exercito territorial, e que nos primeiros tempos da campanha foi a guarda civica, em todo o reino, chamada ao serviço militar activo.

Ainda antes do seu exodo, o governo belga, então em Antuerpia, chamou ás fileiras, nas provincias não occupadas, a classe de 1914; pouco depois, a 13 d'outubro, quando os guardas civicos, ainda não licenceados, que tinham feito toda a campanha portando-se valentemente, o foram em Bruxellas, receberam ao mesmo tempo instantes convites para se alistarem como voluntarios no exercito; finalmente, a 26 d'outubro, o governo dirigiu a todos os belgas de 18 a 30 annos residentes no estrangeiro um caloroso apello para que fossem apresentar-se ao serviço militar.

Em virtude do conjuncto de todas estas medidas, poude o governo belga constituir um novo exercito, formando nos centros d'instrucção que o governo francez auctorisou fossem estabelecidos no seu territorio.

Considerada a maneira ordenada e a rapidez da mobilisação do exercito belga, e considerada a sua miraculosa retirada d'Antuerpia para o Yser, ter-se-ha que olhar, como um titulo de gloria para a organisação militar belga a constituição n'este momento de tão importantes reforços nas difficeis condições em que teve de realisar-se.

Não é cousa facil de levar-se a cabo improvisar de um momento para o outro quarteis ou acantonamentos, uniformes, equipamentos e armamentos para um tão elevado numero de recrutas, e isto longe da patria e dos recursos com que lhe era licito contar, impondo um encargo suplementar ás industrias d'um paiz que por certo lhes teria absorvido toda a actividade, mesmo sem este augmento de clientella, Isto tanto mais que a mão d'obra não abunda, extraordinariamente rarificada pelas consequencias da guerra.

E, comtudo, o difficil problema foi resolvido: a instrucção dos recrutas de 1914 e dos voluntarios que responderam á chamada do governo está concluida, e pode-se já pensar em realisar um novo esforço.

Por isso se procede agora á chamada dos mancebos pertencentes ás classes de 1915 e 1916, e dos celibatarios das classes anteriores até á de 1910, inclusivé, que á data do decreto ou a partir d'ella se encontrem no territorio do paiz não occupado pelo inimigo, ou no territorio francez e britannico. Esta chamada tem por fim reunir sob as armas todos os mancebos de 18 a 25 annos não retidos pelos allemães que ainda não estão nas fileiras, e que possam facilmente apresentar-se nos campos d'instrucção.

São extinctas as isenções da lei de 1909 que, instituindo o serviço pessoal e consagrando o principio de que todas as familias devem participar egualmente na defeza nacional, limitava a obrigação do serviço militar a um filho de cada familia.

Na situação pungente em que se encontra a patria belga não pode subsistir esta limitação; todas as familias belgas devem dispôr-se para um sacrificio completo e absoluto.

A pesar das difficuldades da hora actual, o governo belga tem a certeza de poder instruir, equipar e armar este novo contingente dentro de pouco tempo.

E assim torna a Belgica levado ao ultimo extremo em defeza da santa causa dos alliados o maximo esforço que lhe era dado produzir.

A Liga Republicana das Mulheres Portuguezas

continuará na sua obra de propaganda e protesto contra os regimens d'arbitrio—diz a sr.ª D. Anna de Castro Osorio

No dia 28 de fevereiro findo, quando se estava celebrando a festa do 6.º anniversario da Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, nas salas do Atheneu Commercial, chegou ali a noticia do assassinio do deputado sr. dr. Henrique Cardoso. A sessão foi immediatamente interrompida em signal de luto e de protesto, mas a Liga resolveu que fosse publicado em separata do seu orgão na imprensa *A Madrugada* o discurso que a illustre escriptora sr.ª D. Anna de Castro Osorio não teve occasião de ler.

Notavel sob todos os pontos de vista, d'esse discurso, em que se rememorava a fundação da Liga, o quanto ella trabalhou para ajudar á implantação da Republica e o desdem com que tem sido tratada, recortamos os seguintes periodos, que definem os principios e a attitude d'essa corporação:

«E' preciso que as mulheres portuguezas se compenetrem do seu dever e comprehendam que teem tanto ou mais do que os homens a responsabilidade no futuro da patria.

«E mais necessario se torna ainda mostrar aos liberaes que não ha liberdade que resista a persistente acção do elemento feminino, cerceando-se na sombra pela deformação do espirito da creança e bem evidenciada mais tarde nos actos dos homens.

Depois de se referir á geração proxima a sahir das escolas e em que o snobismo incutiu o desrespeito pela mulher consciente e livre, diz a illustre escriptora.

«Mas nós não desanimamos nunca, tendo a certeza que ao nosso lado estão sempre os espiritos mais cultos, as consciencias mais rectas, os caracteres mais nobres; tendo a garantir a nossa propaganda a certeza de que scientificamente nenhum homem póde negar-nos a egualdade de direitos intellectuaes e moraes.

«Falta-nos vencer muitos seculos de rotina e de preconceito, longa é a caminhada que o espirito humano tem seguido até chegar á verdadeira comprehensão da justiça.

Falando da confusão social causada pela actual guerra, aponta a sr.ª D. Anna de Castro Osorio como exemplo o que se deu em Inglaterra, onde as mulheres que teem reclamado o voto reclamam hoje o direito de defender no campo da batalha a terra da Patria e a causa da Justiça.

A Liga Republicana das Mulheres Portuguezas—diz a distincta escriptora—tem hoje, mais do que nunca, o dever de continuar a obra de propaganda, que está bem longe de estar feita. A Republica nada tem com os homens, nem com as suas intrigas e com a sua politica de ambição, de odios e partidarismos.

Termina a sr.ª D. Anna de Castro Osorio por lavrar um solemne protesto contra a dictadura, dizendo:

«Representando a opinião das mulheres liberaes e conscientes e os protestos mais de uma vez feitos, tanto em publico, como hontem protestámos, como protestaremos sempre, succeda o que succeder, contra o regimen de arbitrio de illegalidade offensiva ou inoffensiva, comezinha ou largamente tirannica.

«Protestamos por nós e protestamos em nome do Povo, onde a Liga Republicana das Mulheres Portuguezas conta com muita honra grande numero de socias, em nome do Povo onde encontrou sempre o apoio, a sympathia e a comprehensão dos mais generosos ideaes.

MUSICA

Sonatas de Beethoven

Os professores Rey Colaço e Julio Cardona encerram amanhã a serie de audições beethovenianas, executando, no salão do Gremio Litterario, pelas 21,30 horas, as celebres sonatas 9.ª e 10.ª

Prestam a sua collaboração a esta festa de arte M.me Guitton de Vignement, cantando «Le roi des aulnes», de Beethoven, e o illustre jornalista sr. Mello Barreto, dizendo algumas palavras sobre o genial compositor.

O ultimo beijo

Bordeus, 6 de março

A scena passa-se no hospital do Val Fleury, em Meudon. Cabirol, um rapaz de Coutras, está no seu leito de dôr, devorado pela febre, rodeado pelo pae, pela mãe e pelos enfermeiros, na triste espectativa do fatal desenlace.

De repente o moribundo soergue-se e diz ao Pae, visto que poucos momentos de vida lhe restam, antes de morrer queria beijar a nossa bandeira.

O pae vae buscar uma bandeira franceza que a creança, vinte e dois annos apenas, colloca, sobre o peito, e emquanto com os braços cruzados a aperta contra o coração, colla os labios empallidecidos no emblema sagrado. E foi assim que morreu: o ultimo beijo fôra para a sua bandeira.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na Belgica e na França

PARIS, 10.—Communicação official de hoje, ás 15 horas.

Ao norte de Arras, na região de Notre Dame de Lorette, a noite decorreu em socego, não tendo havido mudança de situação.

Confirma-se a importancia dos nossos progressos de hontem.

Na Champagne um contra-ataque allemão, que foi violentissimo, teve logar esta noite, á cota 196, mas foi vigorosamente repellido. Além d'isso ganhámos um pouco de terreno ao longo da estrada de Perthe a Tahures.

No cume a nordeste do Mesnil, a nossa infantaria, depois de ter tomado de assalto o entrincheiramento allemão, assignalado na ultima communicação, attingiu, para além d'este entrincheiramento, o cume marcado pelo caminho da terra que vae de Perthes ás casas de Champagne. Na Argonne, em Fontaine-Madame, demolimos blockaus e levámos as nossas trincheiras 80 metros por deante.

Entre Four de Paris e Bolante, o inimigo contra-atacando ás 16 horas, tomou de assalto as trincheiras que conquistámos de manhã. Um novo ataque permittiu-nos retomal-as, mas o inimigo atacou pela segunda vez. A' ultima hora continuava o combate.—(*Havas*).

O bombardeamento dos Dardanellos

PARIS, 9.—Communicado do ministerio da marinha: Hontem o *Queen Elizabeth* apoiado por quatro couraçados entrou nos Dardanellos e bombardeou com a grossa artilharia de 381 mm o forte Rumeli-Medjidieh-Tabia situado ao sul da ponta Kilidbahr.

O mau tempo prejudicou as operações.—(*Havas*).

O novo ministerio hellenico

ATHENAS, 9.—Está constituido o ministerio sob a presidencia do sr. Gounaris, que accumulará a pasta da guerra. O sr. Lographos, ex-presidente do governo autonomo do Epyro tomou conta da pasta dos negocios estrangeiros.—(*Havas*).

A festa hippica em Palhavã

O festival a favor dos feridos da guerra, que estava marcado para o proximo domingo, foi adiado para 21 do corrente, por difficuldades de organização que surgiram. No dia 21 contará com completos e seguros elementos de brilhantismo a grande festa, para a qual se continuam a marcar logares na séde da Sociedade Hippica Portugueza, rua Ivens, 56.

Balanço diario

A Escola Colonial está integrada no ministerio da instrucção, mas quem paga as despezas com esse estabelecimento de ensino é o ministerio das colonias. D'ahi, resultarem varios incidentes curiosos, que seria interessante narrar, mas que por tão numerosos seremos tem de calar-se por ora. Basta dizer que não ha difficuldades que não tenham surgido nem contratempos que não apparecam a contrariar a vida financeira da referida Escola, podendo tudo isso remediar-se desde que só um ministerio superintendesse no assumpto. Consiguir-se-ha isso algum dia?

Governador de Moçambique

Espalha-se agora que o sr. general Joaquim José Machado, governador geral de Moçambique, não abandonará aquelle cargo. No ministerio das colonias não se dá, porém, o menor credito a esse boato, dizendo-se que o sr. general Machado não continuará á frente da colonia que tem governado.

Assucar

E' uma questão que não promette resolver-se com excessiva facilidade. Entretanto, a falta de assucar leva-nos para uma situação parecida com a que nos creou a falta de trigo. O sr. ministro das colonias entendeu-se hoje, sobre o assumpto, com o sr. ministro do fomento, que certamente se entenderá tambem com o representante da Casa Hinton e o sr. Guilherme de Arriaga.

Presidente do ministerio

O sr. general Pimenta de Castro esteve esta manhã no Paço de Belem, em conferencia com o chefe de Estado. Depois, avistou-se no seu gabinete com todos os ministros. Mais tarde conferenciou tambem com o sr. ministro da Hespanha, vindo por fim a presidir a um conselho de ministros que se reuniu ao fim da tarde no ministerio do interior.

Lei da separação

Ao que consta, o governo está estudando algumas alterações que pensa introduzir na lei da Separação. Assim o deliberou o governo em virtude de compromissos contrahidos para com uma commissão de senhoras da alta roda que ha dias procurou o sr. ministro da justiça com o fim de lhe solicitar certas modificações á referida lei.

Governador civil de Braga

O sr. *Miguel d'Abreu*, governador civil de Braga chegou esta tarde a Lisboa e teve logo uma demorada conferencia com o sr. ministro do interior, sobre assumptos do seu districto. O sr. Miguel d'Abreu regressa depois d'amanhã a Braga.

Assistencia publica

Vae ser demittido de provedor geral da Assistencia Publica o sr. Luiz Filippe da Matta. Para o substituir, diz-se que será escolhido o sr. dr. Francisco Stromp.

Emigrados portuguezes

No rapido de Madrid regressou hoje a Lisboa o sr. Ayres d'Ornellas, antigo ministro do gabinete presidido pelo sr. João Franco. Vivia nos ultimos tempos em S. Jean de Luz com outros emigrados portuguezes que vão, á mesma epoca, entrando no paiz.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Empregados de hoteis e restaurantes

Reune amanhã, ás 21 e meia horas, extraordinariamente a assembleia geral, para nomeação de cargos vagos nos corpos gerentes e apresentação do projecto dos cartões de identidade.

Novidades theatraes

A opera no Eden

A companhia italiana estreia-se no sabbado com «A Carmen»

E' esperada amanhã no rapido de Madrid a companhia de opera italiana que vem fazer uma temporada no theatro Eden, devendo estreiar-se no proximo sabbado, com a *Carmen*, de Bizet.

A companhia é dirigida pelo emprezario Liduino Bonardi e organisada por elementos tirados dos *elencos* do Real de Madrid, Liceu de Barcelona e theatros liricos de Italia, constituindo um conjuncto de primeira ordem, como raras vezes teve S. Carlos, o nosso primeiro theatro da especialidade.

A opera de apresentação terá como protagonista o «mezzo soprano» Rina Agozzino, que, n'esse papel, obteve no theatro de Madrid um notavel successo. Os maestros são D. José Tolosa, que durante muitos annos dirigiu o S. João do Porto, Antonio Rivi e Giuseppe Pintilla. Fazem parte do *elenco* do Eden tres quartetos completos, além d'outros artistas já contractados e em negociações que devem estreiar-se no decurso da temporada.

O corpo coral, de baile e o guarda roupa são os do theatro Real de Madrid e o scenario do Liceu de Barcelona.

EM SANTA CLARA

O 27 de abril

Julgamento de 23 marinheiros

Começou hoje o julgamento dos marinheiros accusados de implicados nos acontecimentos de 27 d'abril de 1912, julgamento que, como noticiámos, ficára adiado do dia 4, por faltar um dos reus, preso em Olhão.

Aberta a audiencia pelo coronel sr. Antonio Garcia Guerreiro, vendo-se na bancada de defeza o sr. dr. Borges d'Alpoim, verifica-se que faltam uma testemunha de accusação e trez de defesa. Pelo libelo os reus são accusados de terem tentado mudar a fórma de governo, estando assim incursos no n.º 1 da lei de 30 de abril de 1912.

O capitão sr. Xavier Adrião, promotor de justiça, requer a leitura de varios documentos que se encontram juntos ao processo. São documentos de origem geral da armada, de officiaes de bordo dos vasos de guerra, e uma extensa carta do 2.º marinheiro n.º 6:161, Manuel Rodrigues, dirigida ao commandante do seu navio e na qual protesta a sua innocencia.

Segnidamente faz-se a identificação dos réus que são: Pantaleão dos Santos, Anthero José, Francisco de Sousa Calaça, Agapito dos Santos, José Augusto, Joaquim de Brito, Manuel Maria, Manuel José, Gervasio Rodrigues Contente, Salvador Pinto de Oliveira, Salvador, Alexandre Brandão dos Santos, Delphim Granito, Ludgero Augusto, Jayme Rodrigues Jardim, Manuel Rodrigues, Izidro Augusto da Silva, Luiz Valentim, Alfredo Henrique Pinto, Raphael dos Santos Borralho, Manuel da Fonseca, Antonio Jacintho e Carlos dos Santos. Os defensores apresentam as suas contestações.

Todos os réus negaram a accusação que lhes é feita, após o que a audiencia foi interrompida, para recomeçar amanhã, ás 13 horas, pelo depoimento das testemunhas d'accusação.

Conferencias preparatorias do proximo comicio

A commissão parlamentar eleita pelo Congresso da Republica resolveu, de harmonia com a sua missão, promover conferencias preparatorias do proximo comicio, nas quaes se faça a propaganda da ordem e legal da cooperação de toda a familia republicana para o proximo restabelecimento da normalidade constitucional.

Essas conferencias realisar-se-hão nas sédes das associações populares, devendo começar no proximo domingo.

NOTAS DIVERSAS

O paquete *Venezia* chegou hoje a Pernambuco, sem novidade a bordo.

Padaria devorada por um incendio

Pelas 17 horas e meia foram chamados os soccorros publicos para Moscavide. Manifestára-se incendio na padaria do sr. João Martins d'Araujo, que começou n'uma meda de pinho, communicando-se ao edificio, que ficou por completo destruido.

A padaria era das independentes.

O indulto de Leandro Gonzalez

Consta que até o fim do mez será publicado o decreto indultando Leandro Gonzalez. Só depois d'essa publicação, o sr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal junto do governo hespanhol, regressará a Madrid.

Como se sabe, Leandro Gonzalez foi condemnado como incendiario ainda no tempo da monarchia. Sob o antigo regimen começaram logo as instancias hespanholas no sentido de se conceder o indulto, instancias a que os governos da monarchia não acquiesceram e que até agora não tinham sido attendidas.

Boato sem fundamento

Dizia-se hoje que o sr. dr. Affonso Costa fôra procurado no Directorio por uma commissão de officiaes que lhe iam pedir a retratação d'umas palavras que s. ex.ª proferiu no Porto. Procurando averiguar se essa noticia tinha algum fundamento, soubemos que o sr. dr. Affonso Costa fôra procurado hoje, realmente, por alguns officiaes, que desejavam apenas testemunhar-lhe a sua sympathia e a sua solidariedade.

A carestia do pão

Investigações e precauções da policia—Presos enviados a juizo

Por suspeitas de ser um dos dirigentes dos tumultos da rua Maria Pia, foi preso hoje de manhã o barraqueiro da feira d'Agosto sr. José Maria Ribas. Para o governo civil vieram mais quatro presos da freguezia de D. Fradique, como tendo tomado parte no assalto a diversas padarias d'aquella area. Pouco depois, dois d'elles eram postos em liberdade.

Ao meio dia, na praça Duque da Terceira, ao contrario do que se esperava o que fôra propalado, não houve tumulto algum. Apenas uma hora depois, já quando os operarios do Arsenal tinham retomado o trabalho, se produziram alguns incidentes pessoaes entre indigitados auctores de 27 de abril e elementos affectos ao partido democratico, tendo sido violentamente espancado por João Rocha um individuo conhecido pelo *Miguelsinho*, que teve que se refugiar no posto da guarda fiscal do Caes do Sodré, ficando sem a bengala.

De manhã o serviço de policia nos bairros do Beato, Campo Grande, Alcantara, Prazeres, Campo de Ourique, Xabregas e Poço do Bispo, nas immediações das padarias foi rigorosamente feito por patrulhas de infantaria e cavallaria da guarda republicana.

Offereceram-se á policia para testemunharem que os tumultos da praça Duque da Terceira foram originados e dirigidos por conhecidos elementos agitadores os srs. Antonio Moura, rua da Mouraria, 63; Miguel dos Santos, rua de S. João Nepomuceno, 1; Moysés Vinhós, rua da Paschoa, 14, e Carlos Henriques Teixeira, Campo Santa Clara, 68.

Em liberdade foram postos o exporteiro da Brazileira Laurenzano e Joaquim de Mattos, o *Pintor*, tendo sido interrogados Carlos Antão Marques e Joaquim Julio Bispo, accusados de implicados nos tumultos da rua Maria Pia.

Para juizo, foram enviados: Germano Dias, o *Salta montes*, e Joaquim Dias, que assaltaram uma padaria na rua Duque de Lafões, 55, tendo o ultimo partido uma perna ao saltar por uma janella, o Antonio Jorge, Abilio Rodrigues Ferreira, Basilio Duarte, Manuel Pereira, Joaquim Saraiva e Joaquim Emilio, accusados de em Alcantara terem apedrejado a policia e assaltado padarias. Recolheram todos ao Limoeiro, por não prestarem a fiança que lhes foi arbitrada, indo Joaquim Dias, sob prisão, para o hospital de S. José.

A'manhã é posta á venda a farinha mixta.

PORTALEGRE, 9.—As padarias d'esta cidade não fabricarão amanhã pão, visto o preço das farinhas não dar margem e que elle possa ser vendido pelo preço da tabella. Os moageiros por sua parte allegam não poder vender as farinhas mais baratas, por o governo os ter tributado com novos direitos que dizem não poder satisfazer.

O caso do Mercado Geral de Gados

O juiz do 2.º districto de investigação criminal, sr. dr. Magalhães de Barros, acompanhado dos peritos, srs. drs. José Serrão de Moura Freitas e Antonio José da Costa Junior, escrivão Pereira e official Caetano Soares, foi hoje proceder ao exame do local onde foi assassinado o marchante sr. Porphyrio José do Rego.

A autopsia da victima realisa-se no dia 15.

TRIBUNAES

BOA-HORA

Ficou adiado para 17 d'abril o julgamento, que hoje se devia realisar no 1.º districto criminal, de Daniel Rodrigues, que em junho findo, na fabrica de chitas em Cabo Ruivo, assassinou á punhal o mestre d'essa fabrica, William MacDonald.

No mesmo districto, pelo crime de gatunice n'uma fabrica, foram julgados João da Silva, José dos Santos Rodrigues e João Duque d'Almeida, sendo os dois ultimos absolvidos e o primeiro condemnado a um anno de prisão e ser depois entregue ao governo.

PEQUENAS NOTICIAS

Por estar preso ha mais de 8 dias sem culpa formada foi hoje posto em liberdade o sr. Arthur Manuel Gonçalves, preso por occasião dos acontecimentos da rua Paiva d'Andrada.

—Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, deram entrada: Manuel Brazio, electricista, morador em Cacilhas, que ficou muito queimado nos braços e n'outras partes do corpo devido á ignição d'um quadro electrico n'uma casa da rua da Prata, e Manuel Pastor, que cahiu d'uma janella na alameda das Linhas de Torres, ao Lumiar, ficando muito contuso pelo corpo. Tambem na enfermaria 13 ficou Maria Clara, de 13 annos, internada nas Casas de Trabalho, que tentou suicidar-se por envenenamento.

—Na Morgue realisou-se hoje a autopsia de Luiz da Benta, victima da aggressão na Moita. A causa da morte foi fractura do craneo.

—Manuel Damasio Serra, residente na rua Paschoal de Mello, 62, cave, queixou-se á policia de que na rua da Junqueira havia sido burlado pelo processo do *conto do vigario*, por trez individuos desconhecidos que lhe extorquiram a quantia de 50$40, uma corrente e duas medalhas d'ouro, um relogio e uma bolsa de prata, tudo no valor de 130$60.

A EPOPEIA DOS DARDANELLOS

A conquista de Constantinopla

Effectuar-se-ha dentro em pouco, e as consequencias d'esse facto serão enormes

Um dos mais emocionantes capitulos da guerra que está devastando a Europa desenrola-se, n'este instante, nos Dardanellos. As aguas lendarias do Egeu e do Helesponto, que a coragem e o heroismo por tantas vezes teem tornado celebre, voltaram a assistir a uma das maiores epopeias que a guerra poderá dar-nos. Outra coisa não é o ataque audaz e pertinaz aos Dardanellos, que as esquadras alliadas estão, ha duas ou tres semanas, realisando. Mas conseguirão os marinheiros inglezes e francezes romper caminho até á velha capital do oscillante imperio turco?

—Vejamos—commenta um official da nossa armada, que segue com apaixonado interesse as difficilimas operações navaes do oriente europeu. Se a empreza não tivesse viabilidade, a Inglaterra e a França não a teriam tentado, certamente. A destruição dos fortes que guarnecem os estreitos ha de poder ser levada a cabo. Mais: ha de conseguir-se dentro de pouco, porque o tempo urge, não é havendo de sobra para o perder.

—Em todo o caso, os Dardanellos eram considerados inexpugnaveis.

—Eram, mas um caso mudou de figura. Os Dardanellos consideravam-se inacessiveis sobretudo por as suas margens serem altas e escarpadas e constituirem, só por si, admiraveis reductos. Desde que estivessem bem artilhadas e guarnecidas, os seus fogos cruzados impediriam toda a tentativa que contra os estreitos se esboçasse.

—Mas não o estavam?

—Parece que não. A Turquia metteu-se n'uma estranha aventura sem ter os necessarios elementos de lucta e de resistencia. Ainda que os fortes dos Dardanellos tivessem artilharia, desde que não tivessem bons artilheiros e munições abundantes, de que serviriam? Além d'isso, os fortes e as baterias que com os seus fogos cruzados tinham de vedar a passagem a navios inimigos teem sido e estão sendo atacados á distancia que vae além de vinte e cinco kilometros, do golfo de Laros, por cima da peninsula de Galipoli. Canhões que a tal distancia alcancem não os tem a Turquia. De maneira que toda a resistencia se torna, pelo menos, pouquissimo efficaz.

—E as minas?

—Oh! As minas! Outro perigo que se inutilisa mais que facil mente. O ataque aos Dardanellos está a fazer-se com um methodo incomparavel. Primeiro que os grandes couraçados avancem, faz-se a varejação dos estreitos, limpando-os de minas por meio de barcos proprios. E isso faz-se sem grande custo. Os inglezes, no mar do Norte, trazem constantemente essas flotilhas e sabem fazel-o rapidamente. A mina, por meio d'um dispositivo especial, é trazida á superficie, onde a faz explodir uma granada com que a alvejam. E' isto o que se tem feito nos Dardanellos. Tem sido assim que os navios alliados conseguido chegar já até quasi á entrada do mar de Marmara. No dia em que as esquadras alliadas ali penetrarem, Constantinopla estará perdida. Ali não haverá minas nem artilharia turca que valham. A propria esquadra ottomana, reforçada com o *Goeben* e o *Breslau*, não lograrla tambem resistir ao primeiro embate do inimigo.

—E' então poderosa a esquadra que investe com os Dardanellos?

—Sem duvida. O *Queen Elisabeth* é o barco mais poderoso dos que operam em aguas turcas. Desloca 27.500 toneladas, da 25 milhas, tem uma só chaminé e é movido a petroleo. E' o mais moderno super-dreadnought inglez. Está armado com oito peças de 381 millimetros e com doze de 152, dezaseis de 76 e quatro de 47. Os seus primeiros arremessam a mais de vinte e cinco kilometros projectis de 850 kilos. O *Lord Nelson* e o *Agamemnon* deslocam 16.500 toneladas, teem cada um quatro peças de 305 e dez de 240. O *Ocean* desloca 12.950 toneladas e tem tambem quatro peças de 305.

—E os vasos de guerra francezes?

—Parece que nos Dardanellos se estão o *Suffren*, *Gaulois*, o *Bouvet* e *Charlemagne*. Estes quatro são couraçados quasi eguaes, armados com peças de 305, de 254 e de 200. Como vê, os alliados estão utilisando, para alcançarem Constantinopla, verdadeiras fortalezas com artilharia potente que fórma poderosa que toda a resistencia será escusada. Nem o *Goeben*, apezar das suas 21.000 toneladas, tem canhões que rivalisem, sequer, com os dos navios francezes. Os dias de Constantinopla estão contados.

—E qual será o alcance da queda da capital ottomana?

—Extraordinario. Estrategicamente, libertaria a esquadra russa do Mar Negro, pelo lado economico, permittirá que a Russia abasteça com os seus trigos aos alliados. Politicamente, esmagará um inimigo incommodo como o turco e fará pensar duas vezes as nações balkanicas adversas aos alliados.

E, terminando as suas reflexões, o official que nos disse estas coisas conclue assim:

—Aquillo que está a passar-se nos Dardanellos é uma verdadeira epopeia e ficará sendo entre as grandes epopeias da grande guerra, uma das maiores.

NO ESTADO DE S. PAULO

Portuguez assassinado e roubado

No dia 7 de fevereiro, umas pretas encontraram de manhã o cadaver de Joaquim Teixeira, portuguez, de 56 annos, conhecido pela alcunha de «Cambista» e que n'aquella cidade se entregava ao commercio do mel. Tinha uma corda a atar-lhe as mãos e as pernas, e um lenço amarrado atraz da nuca servia-lhe de mordaça; apresentava uns fortes contusões e manchas arroxadas.

Postas em campo as auctoridades averiguaram que a victima fôra atrahida a uma cilada por uma preta de nome Benedicta Godoy, que de combinação com um hespanhol do nome Fritz ou Jayme Freitas, cozinheiro, e levára a um ponto affastado da cidade, onde o seu cumplice o mais quatro companheiros o assaltaram, e depois de o deitando-lhe as mãos ao pescoço, estrangularam para depois o roubarem.

A preta recebeu 1$300 réis pelo seu trabalho.

SPORT

A alimentação pela carne e o trabalho muscular

A Sociedade Vegetariana de França publicou um interessante trabalho do doutor Trourg Fisher, professor de economia politica na Universidade de Yale, obra em que é largamente tratada a influencia da alimentação pela carne sobre a resistencia á fadiga.

D'este documentadissimo trabalho, que se baseia em muitos exemplos tomados entre os athletas das duas universidades americanas de Harward e Yale, conclue-se que a grande absorpção de carnes, ricas em materias azotadas, é prejudicial á resistencia á fadiga.

Fisher realisou a seguinte experiencia: sujeitou quarenta e nove individuos aos mesmos ensaios de resistencia á fadiga. Estes quarenta e nove individuos tinham sido divididos em trez grupos; no primeiro incluiram-se os individuos que se dedicavam aos sports *athleticos, habituados a um regimen azotado, rico em carne; no segundo, individuos egualmente habituados aos* sports *athleticos, mas cuja alimentação era pobre d'albumina e onde não entrava carne; o terceiro constituido pelos sedentarios e acostumados a regimen pobre em albumina e onde não entrava carne.*

As provas a que se submetteram estes individuos foram as mais simples: a primeira consistia em estender os braços horisontalmente, tanto tempo quanto possivel, a segunda em executar flexões com os joelhos, a terceira em levantar um dos membros inferiores, estando o individuo deitado de costas.

Os resultados foram concludentes. Na primeira experiencia os que se abstinham de carne tiveram resultados surprehendentes; o melhor resultado obtido por aquelles que comiam carne não chegou a ser metade da media obtida pelos outros; em quinze carnivoros, dois sómente puderam ter os braços estendidos um quarto d'hora, emquanto que dos trinta e dois que se abstinham de carne, vinte e dois conseguiram exceder esse tempo e um d'elles chegou a estar vinte minutos na posição imposta!

Para a flexão dos joelhos, trez comedores de carne,—permitta-se o termo—conseguiram fazer 325 genuflexões, em nove concorrentes, emquanto que em vinte e um abstinentes, dezesete excederam este numero. Em nove comedores de carne um só conseguiu dobrar os joelhos mil vezes, emquanto que muitos abstinentes excederam duas mil genuflexões. O record *foi attingido por um não carnivoro com 2.400 genuflexões!*

Na terceira experiencia, o abstinente mais classificado conseguiu levantar a perna mil vezes emquanto o melhor dos carnivoros o conseguiu 1.302 vezes.

⁂

D'estas experiencia conclue o professor Caspari que os abstinentes de carne, geralmente, desejam tanto mostrar a superioridade do seu regimen e propagar os seus principios, que n'estes concursos fazem um esforço muito maior do que os seus rivaes, comedores de carne.

Uma outra prova da superioridade dos abstinentes de carne está na resistencia muscular e consiste no facto d'elles revelarem uma menor sensibilidade á dôr na experiencia de estender os braços.

Nos comedores de carne a dôr deltoidéia faz-se sentir muito tarde. Na prova da genuflexão, um athleta de Yale, depois de ter feito 1.800 genuflexões, conseguiu fazer uma corrida em pista.

Resumindo, conclue-se d'estas experiencias que, comparando entre si os trez grupos, os carnivoros mostraram uma resistencia menor que os abstinentes, mesmo quando estes tenham uma vida sedentaria. A fortiori, os comedores de carne, que tenham uma vida sedentaria, devem ser muito menos resistentes do que os abstinentes.

⁂

Nota do dia

Será como nos contaram?

Em conversa soubemos hontem d'um caso extraordinario. Trata-se d'um rapaz dos liceus que está doente e de cama ha vinte dias porque o obrigaram a um exercicio athletico para o qual não tinha a sufficiente resistencia phisica.

Explicaram-nos como se havia passado o caso. N'um curso de gimnastica liceal, depois de se fazerem os exercicios de gimnastica de conjuncto, resolveu-se realisar uma corrida de «estafetas» em 300 metros. Um dos alumnos, de 16 annos de edade, que é fraco e que reconhece a sua insufficiencia phisica, lembrou a um professor que não podia correr. A resposta seguiu-se, immediata e terminante: de que se não corresse lhe marcavam falta. O rapaz correu. D'ahi resultou um esforço maior e d'esse esforço a doença de agora.

Será assim? Haverá exaggero no descriptivo que nos foi feito n'um ligeiro tom de reclamação? Talvez, mas o caso faz recordar o que sempre temos dito e que é o seguinte: «Ha muita gente que manda executar exercicios gimnasticos e até que os executa com correcção, mas que não tem a necessaria competencia para dizer se todos os podem executar, devem executar e em que circumstancias».

O facto de agora não seria possivel se a inspecção medica tivesse interferencia mais directa na distribuição dos trabalhos escolares.

Algumas anecdotas

Sportsman e clubista aos 9 annos

N'um match *de* foot-ball *realisado em Blackburn, distinguia-se entre os espectadores que mais ruidosamente se manifestavam um pequenito de nove annos.*

O seu enthusiasmo era extraordinario, espectaculoso e bulhento e attingia o paroxysmo quando um dos backs *conseguia uma boa defeza,* despachando *bem a bóla n'um momento critico.*

—Ah, valente! Chega-lhe! Atira-lhe um encontrão! Salta-lhe em cima! Ferra com elles todos de cangalhas!

Taes eram os conselhos que o pequeno gritava, com toda a força dos seus pulmões, ao back *direito, um fortissimo rapagão. E de tal fórma se salientou na sua berraria, que um espectador perguntou-lhe se conhecia o jogador.*

—Ai! não! Pois se elle é meu pae, respondeu orgulhosamente o garoto.

E como lhe objectassem que o pae corria o risco de ficar fortemente ferido, jogando com tanta violencia, o «boy» respondeu:

—E eu ralado! O que é preciso é que o meu club ganhe!

⁂

Noticias

Entre nós

A reabertura do Velodromo

Tudo se prepara para que a festa do proximo domingo no Velodromo do Stadium se revista de uma imponencia desusada e fique marcando uma data memoravel na historia da velocipedia portugueza porque:

1.º—A festa tem um fundo beneficente e patriotico. O seu producto reverte a favor da nossa subscripção para o «Cigarro do Soldado».

2.º—E' a festa de reabertura do Velodromo do Stadium, que já apresenta aspecto differente do que apresentava ha dois mezes, com o corredor dos camarotes arranjado, com as janellas d'esse corredor completas, com as bancadas em bella disposição para os espectadores e já com a rua que dá acesso á pista empredada.

3.º—E' a primeira festa em que os ciclistas vão experimentar a nova recta de chegada, cuja dureza é mantida por uma camada de 50 centimetros de cascalho apropriada para resistir ás mais fortes chuvas e que cilindrada, areiada e *batida* constitue uma pista modelar para as mais vertiginosas «embalagens» dos ciclistas.

4.º—E' a primeira festa em que entram mais de 17 motociclistas n'uma corrida, disputando os mesmos premios.

5.º—E' a primeira festa em que se apresenta uma motocicleta de 12 H. P., capaz de realisar velocidades superiores a 100 kilometros á hora.

A inscripção para as corridas termina, definitivamente, ámanhã, ás 10 horas da noite, na séde da União Velocipedica.

Unnião Velocipedica Portugueza

Não reuniu, como estava annunciado, por falta de numero, a primeira sessão do congresso da União Velocipedica Portugueza, effectuando-se a segunda sessão na proxima segunda feira, 15 do corrente, com qualquer numero de socios. N'essa reunião, que deve ser immenso concorrida, deverão tomar parte, além dos seus associados, os mais importantes Clubs de Lisboa e da provincia.

Na Amadora

Ha grande animação pelo sarau seguido de baile que se realisa no proximo sabbado, no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora. Os directores dos Recreios organisaram a festa em homenagem aos socios e suas familias e entregaram a direcção do programa ao sr. Eduardo Moreira.

Tiro aos pombos

N'uma das nossas ultimas noticias dissémos que a proxima sessão de tiro aos pombos se realisaria no sabado 13, em virtude de no dia 14 se realisar a grande festa hippica, promovida pela Sociedade Hippica Portugueza em beneficio da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, mas em virtude da transferencia d'esta festa para o dia 21 do corrente realisa-se a proxima sessão no domingo, como habitualmente.

No domingo 21 não haverá sessão de tiro aos pombos, visto que a maioria dos atiradores lisbonenses vae tomar parte no grande torneio que se realisa no Porto. Portanto, a sessão de domingo será fartamente concorrida para os nossos «shooters» se treinarem convenientemente.

Em 10 e 11 de abril proximo realisar-se-ha a grande «poule» da Taça Lisboa á qual devem concorrer todos os atiradores portuguezes que serão especialmente convidados.

Festas Associativas

No Club Estephania realisa-se no dia 13 o segundo concerto da presente serie com um bello programma com solos de canto e de instrumentos de corda, estando a execução confiada a distinctas amadoras e amadores. Toma tambem parte a applaudida orchestra do Club, sob a direcção do sr. Henrique de Alarcão.

Findo o concerto haverá baile.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Primeroso.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21 — Um diabrete.

TRINDADE — A's 20,30 e 22,30 — Verdades e mentiras — Revista.

GIMNASIO — A's 21 — Commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — Ceu azul.

EDEN THEATRO — Não ha espectaculo.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Aguia Negra.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

AMANHÃ— Apollo — Reapparição da companhia Ruas — *A aguia negra* em sessões.

Trindade—Primeira representação do quadro novo: *De S. Bento á Mitra... pela Pimenteira* da revista *Verdades e mentiras.*

SABBADO—Eden Theatro—Estreia da companhia italiana de opera lirica.

Primeiras representações

POLITHEAMA — **Um diabrete,** trez actos de Romain Coolus, traducção de L. A. Palmeirim.

Festa de Alexandre de Azevedo. Theatro cheio. Os admiradores e os amigos do illustre artista quizeram demonstrar-lhe, concorrendo em tão avultado numero á sua festa, quão justamente o apreciam, e testemunharam-lhe esse apreço em prolongadas ovações que attingiram o maior enthusiasmo na ultima parte do espectaculo, quando elle e Aura Abranches cantaram algumas canções portuguezas. Alexandre de Azevedo iniciou, de um modo admiravel, a serie de canções com a Moleirinha *de Guerra Junqueiro, musicada por Thomaz Borba. E' preciso ser um actor de grande merito para imprimir tamanha expressão aos deliciosos versos que serviram de thema a uma das mais felizes composições do talentoso professor do Conservatorio. E o sentimento e a arte com que Azevedo cantou a* Moleirinha *não foram menos notaveis nas outras canções que lhe ouvimos, entre as quaes mencionaremos especialmente as do dr. Antonio Vianna, musico distinctissimo, que desejariamos applaudir em obra de maior folego para o que lhe não falta decerto inspiração original e fecunda. Aura Abranches, graciosissima como sempre, dispondo d'um fiosinho de voz que se ouve com extremo agrado, mereceu egualmente os applausos que lhe dispensaram.*

Os trez actos de Coolus não encerram papel em que o festejado possa patentear todos os seus recursos e se o desempenho que deu ao galã central que lhe coube na peça foi, como era de esperar, á altura do seu nome, o certo é que elle, escolhendo tal comedia, sem duvida muito interessante, não teve a preoccupação de juntar um novo triumpho aos que já tem alcançado em interpretações de responsabilidade muito maior.

A capital figura de Um diabrete, *que em francez se chama* Petite peste, *pertence ao numero d'aquellas que em Aura Abranches encontram a creadora ideal. Uma rapariga de dezesete annos, linda, azougada, espirituosa, que ama um homem que podia ser seu pae e que lh'o não diz, mas que vem a ser sua mulher, fingindo, ao mesmo tempo, amar certo rapaz só para impedir que este, por quem a sua melhor amiga se apaixona, illuda o companheiro d'ella pelo qual o diabrete nutre uma amizade de filha, — eis a Julieta que Aura Abranches incarnou por fórma a deixar encantados quantos já a haviam antes applaudido em figuras que são parentas proximas da* Petite peste. *Que os exigentes, nunca satisfeitos, insistam em dizer que Aura se repete! O que nenhum d'elles póde com justiça negar é que o seu trabalho de hontem confirma plenamente o que se disse ácerca das excepcionaes faculdades reveladas pela gentilissima actriz ao reapparecer entre nós na* Garota; *o que ninguem se atreverá a dizer é que ella não estuda e não procura corresponder á sympathia do publico que soube conquistar desde o primeiro instante em que resurgiu n'um palco lisboeta. Na* Petite peste *Aura Abranches pormenorisou muitas scenas como só uma consumada artista conseguiria fazel-o; disse e ouviu com uma naturalidade inexcedivel em quasi todos os dialogos; os seus frouxos de riso, as suas crises de lagrimas, impressionaram porque parecem excluir todo o artificio e serem tão espontaneos aquelles como verdadeiras e sentidas estas.*

Os outros interpretes, entre os quaes cumpre mencionar Adelina Abranches e Ferreira de Sousa, cooperaram no desempenho da comedia de Coolus por maneira a não merecer grandes reparos.

A. de A.

⁂

AVENIDA—**Aqui d'El-rei,** o novo quadro da revista *Ceu azul.*

A introducção do novo quadro na revista Ceu azul *foi como que uma injecção Séquard Brown n'um corpo talvez já cançado; deu-lhe vida nova, vivacidade, tornando-a ainda mais alegre e movimentada do que já era, de modo a manter a grande concorrencia de publico, que lhe não tem faltado. Berthe Baron, com a graça tão especial do seu dizer, valorisou os papeis que lhe foram distribuidos, salientando-se o seu incontestavel merito no numero* A caixa de musica.

O numero dos Fados antigos, *fazendo reviver figuras já desapparecidas mas não esquecidas, foi um dos que mais agradaram ao publico, que o applaudiu largamente.*

Tem o novo quadro scenas de satira politica, ligeira, fina e espirituosa, como as dos Papeis velhos *e* Freirinha de Santo Antão, *e deliciosa musica a emmoldural-o todo.*

Além de Berthe Baron, tambem Pilar Monteiro, Izaura Ferreira, Nascimento Fernandes, João Silva e Mathias d'Almeida tiveram occasião de vêr nos applausos do publico como este sabe reconhecer o esforço dos que trabalham.

Ao correr da penna

—Tudo encarece desde o pão que se come até á luz que nos allumia, dizia-me hontem um emprezario e, ao passo que os negociantes se valem do cambio e os fornecedores da mingua de mantimentos, só nós, desgraçados empreiteiros de divertimentos, temos que manter os nossos preços antigos. A minha casa custa-me o dobro que me custava, o material electrico está por preços fabulosos, encareceu a scenographia e o guarda-roupa, os artistas reclamam augmento de ordenados, tenho que passar por todas essas exigencias e, no emtanto, sei muito bem que seria uma tolice augmentar os meus preços, porque o publico me voltaria as costas e deixaria o meu theatro deserto...

E assim é. Já antes d'esta crise tremenda que atravessamos fizemos notar que, sendo hoje as despezas d'um theatro triplas do que eram ha vinte annos, os preços manteem-se os mesmos.

Por isso que admiração que as difficuldades com que luctam as empresas sejam tão grandes e tão crueis as vicissitudes que quasi todas ellas atravessam, hoje que ao gradual encarecimento de tudo quanto ao theatro é indispensavel, tem correspondido um tambem gradual retrahimento do publico. Façamos votos para que melhore rapidamente a situação, quando não é natural que na voragem desappareçam alguns velhos luctadores, dignos de melhor sorte.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Ao que consta, a proxima epocha no Republica será quasi toda composta de originaes portuguezes.

● Representar-se-ha este verão no theatro Eden uma revista de grande espectaculo em que tomarão parte, segundo se diz, os actores Henrique Alves e Joaquim Costa.

● O guarda-roupa da *reprise* do *Fado e Maxixe* é completamente novo e dos *ateliers* Castello Branco.

● No theatro Avenida funccionará na epocha calmosa uma sociedade artistica explorando uma revista.

Circos & Music-halls

A vida d'um "clown„ é dura...

Nos trabalhos de circo ha um metier ingrato e difficilimo. E o do palhaço. Raros são os que triumpham, e aquelles que o conseguem tem de procurar novidades constantes, novos trucs e novas "gargalhadas". Os publicos são muito exigentes e já não suportam o clown de cara pintada, usando da farinha, abusando da bofetada fingida e do "choro apelermado„. O palhaço de hoje tem de ser um bom comediante. Isto mesmo nos disse hontem o espirituoso clown Rico que, com seu tio Alex, trabalha, actualmente e com pleno exito, no Coliseu dos Recreios.

—A nossa vida tem serias exigencias. Actualmente não basta ter graça...

—Parecia sufficiente...

—Não é. O clown tem de ser um bom actor e um bom excentrico. Tem de ser saltador, patinador, mimico, burlesco. Precisa de ter talento inventivo para inventar os maiores disparates. Se for cantor tem vantagens e não sendo musico nunca agradará. Veja. Eu e o Alex utilisamos a musica para manter certos intermedios comicos. O mesmo fazem os meus excellentes camaradas Fratelinis; o mesmo fizeram aqui, em Lisboa, o Walter com Antonet e os dois Platier.

—Mas um bom intermedio faz a reputação d'um artista...

—Não diga isso. Nos grandes centros talvez. Trabalhei annos seguidos no Cirque Medrano, de Paris onde é enorme a população fluctuante, e ainda ahi tinha de variar. Mas, em Lisboa, as coisas são differentes. O publico exige porque tem visto os melhores palhaços. E' por isso que nos excedemos em fazer o melhor que sabemos. Verdade seja que tambem não ha publico melhor nem mais gentil para os que procuram agradar. Eu, pelo menos, estou contentissimo...„

Grimeiras representações

SALÃO FOZ—As bailarinas Dorita e Silverde.

Não resta duvida que o Salão Foz tem tido relativa felicidade no contrato dos artistas de «variedades», porque alguns obteem bolos exitos. As bailarinas Dorita e Silverde, que hontem se estreiaram teem desenvoltura, graça e merecimento. E emquanto á sua apresentação diremos que é cuidado o seu «mise-en-scene» e apresentam luxuosos trajes.

Noticias

Entre nós

O Theatro da Rua dos Condes prolongou o contrato das cantoras Carla Cenani e Stelina.

—No Coliseu de Lisboa exhibe-se hoje o *film* «Os lobos do mar».

—No Coliseu dos Recreios fazem hoje a sua terceira apresentação os gimnastas portuguezes Carlos Martyres e Manuel Correia em voos á Leotard. No programma figuram os 25 persas, os Frediani, mademoiselle Roberverry e 18 palhaços.

—Os grandes *films* de atracção actualmente nos animatographos são: no Chiado Terrasse «A selva em chamas»; no Salão Central «O engraxador da 5.ª avenida»; no Salão da Trindade «Rocambole» e no elegante Olympia «Familia Negra».

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— O sonho domosquito.

Fallecimentos

TAVIRA, 9.—Falleceu a sogra do capitão ajudante de infantaria 4 sr. Silva Corvo. A' familia enlutada os nossos pezames.

PEQUENAS NOTICIAS

Ao que nos communica o sr. Vasco de Lacerda e Malta, membro da commissão dos estudantes de medicina que trata de conseguir lhes seja permittida a matricula no 4.º anno sem uma ou duas cadeiras do 3.º, na reunião de ante-hontem não se resolveu ir ter com o ministro da instrucção, mas sim instar junto dos professores a fim de que a pretenção dos estudantes seja resolvida satisfatoriamente no todo ou em parte.

Movimento maritimo

R. J. e R. Prata «Demerara» (Liverp.).. 11
Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.)... 11
Liverpool «Atalmalpa» (Pará)............ 11
Amsterdam, etc. «Tubantia» (Brazil).... 11

natureza humana, esta doutrina persuade-se de que, se o homem é feito do bem e do mal, o bem deve acabar por vencer. O mal reina por pouco tempo.

Ha no homem, embora seja momentaneamente o mais forte, um appello constante do amor, que se oppõe a essa força e a limita.

O forte em si mesmo encontra obstaculos: tem necessidade d'amar, sabe tambem que chegará a hora em que deixará de ser o mais forte, presente que a sua força se exhauriria no vacuo se d'ella abusasse, que ella não tem por objectivo destruir, mas crear.

O appetite particular—quer se trate do individuo, quer se trate da sociedade—não encontra o seu fim em si mesmo.

Se a lei do amor não interviesse, para que serviria viver? Sem sacrificio não ha justiça e, sem justiça, não ha sociedade.

Em que base assenta a justiça? No axioma, derivado da natureza e do bom senso, de que todo o individuo que recebeu a vida tem direito a uma parte d'ella e que se a sua vida, isto é, a sua liberdade, não é respeitada, está no direito de a defender.

O estado de guerra seria constante entre os homens se não houvesse um accordo universal a tal respeito. A justiça é um equilibrio entre todas as vidas existentes. Não se concebe que uma unica vida se substitua a todas. E' ir contra as leis da natureza. O que mata com espada, com espada deve morrer.

Diz-se que Guilherme II, sistematisando o pensamento da Allemanha, proferiu a seguinte phrase: «A humanidade, para mim, acaba nos Vosges». A consequencia que d'ahi deriva é que tudo o que existe para cá dos Vosges forma a humanidade contra a Allemanha.

O exclusivismo allemão, filho do orgulho allemão, é, como todos os exclusivismos, soberanamente cego e estupido. A ostentação do especialismo pratico e do mechanismo scientista dos allemães não devem impôr-se-nos. O pensamento allemão está em plena regressão barbara, e—já que citamos as palavras do imperador Guilherme—quando, em 1900, elle disse aos seus soldados que partiam para a China, «que nada deixassem atraz de si e que procedessem como hunos», demonstrou claramente essa regressão. A barbarie póde ser sabia, mas é sempre a barbarie.

A guerra actual quil-a e declarou-a a Alemanha: era logico e fatal que essa nação, em conformidade com o erro essencial da sua cultura, a declarasse. Ms era tambem necessario e não menos fatal que a humanidade, visto que soffria esta guerra, appellasse para todas as nacionalidades livres e que se resolva a só depôr as armas quando tiver anniquilado o poder militar da Allemanha.

Esta nação, segundo o seu principio organico, é antinomica com a paz do mundo. Para ella só haveria paz, estando todas as regiões do globo reduzidas á escravidão.

A Allemanha, por uma aberração unica no mundo, talvez desde a origem dos tempos, vangloria-se de só acreditar na força e na victoria: é preciso, pois, que a humanidade lhe inculque, pela força, o respeito do direito e erga sobre ella o gladio da justiça, para ficar assente que é a justiça, finalmente, que obtem a victoria.

Um documento confidencial, escripto em julho de 1913, exactamente um anno antes da guerra, põe frente a frente as forças que, na Allemanha, luctavam ainda, na alma da nação, ora pela paz, ora pela guerra. Explica tambem as razões pelas quaes os partidarios da guerra venceram. Esse documento completa de tal fórma e com um sentimento tão firme da realidade a exposição que acabamos de fazer, que na impossibilidade de o darmos por completo vamos dar pelo menos a sua conclusão:

«A opinião publica allemã está dividida quanto á questão da eventualidade d'uma guerra possivel e proxima em duas correntes.

«Ha no paiz forças de paz, mas desorganisadas e sem chefes populares.

...ico: «O Imperio não é já hoje um corpo politico encerrado em limites territoriaes, é uma potencia viva actuando no universo. Está em toda a parte onde os interesses economicos allemães estendem as suas ambições: é *tentacular.*

«*O culto da força* é uma caracteristica da epocha da livre empreza. Elle continua-a, porque se tornou *capitalista.* O que faz a força do exercito e da armada é o *machinismo guerreiro creado pelo capitalismo.*

«A expansão nacional não fez mal á unidade. Os allemães, espalhados em todo o mundo, continuaram a identificar-se com a nação. Esta, como nos tempos longinquos, isto é, na epocha das invasões germanicas, está unida por um *laço pessoal em vez d'um laço territorial*».

Por outras palavras: o capitalismo conserva o machinismo militar, que se devê apoderar de todas as partes do mundo onde se estendem os *tentaculos* allemães. Eis a doutrina: a humanidade não tem já coração, nem alma; o seu ideal é o ouro, o carvão, o ferro.

Se profundarmos as coisas, a guerra actual e os seus excessos proveem d'ahi. O militarismo universitario, tendo por sequencia e por consequencia o expansionismo materialista, eis as causas essenciaes da guerra de 1914. A Allemanha não soube preserverar-se d'esta ebriedade dos fortes e eis o motivo porque estrebucha ao chegar ao ponto culminante da sua historia. Se tivesse sido mais generosa, teria sido invencivel.

Como se vê, a Kultura allemã, o intellectualismo allemão conduzem á mais assombrosa philosophia das sociedades: o militarismo.

Mesmo quando a guerra não rebenta, fazem-na, preparando-a; é necessario fazel-a sempre. Uma potencia que não chegou ainda ao seu completo desenvolvimento, tem o direito de o procurar, propositadamente, até em detrimento de outros.

Se lhe faltam terras ou riquezas, só o facto de existir auctorisa-a a apoderar-se d'ellas onde as encontrar.

O principal theorico allemão da guerra moderna, Bernhardi, apoia todo o seu sistema n'essa base. Como é a ultima palavra da cultura allemã, em vesperas da guerra actual, vamos cital-o, para que não fique duvida alguma nos espiritos, porque é a doutrina franca e confessada da aggressão allemã. O resto é apenas um simulacro.

Diz Bernhardi:

«E' impossivel que a agricultura e a industria allemãs possam proporcionar, por fim, a um numero de homens que augmenta em taes proporções, um trabalho remunerador. Temos «pois» necessidade de augmentar o nosso imperio colonial... Semelhante acquisição territorial não nos é possivel, com as partilhas politicas de hoje, «senão em detrimento dos outros Estados» ou associando-nos a elles (referindo-se, evidentemente, á Hollanda) e estas soluções só são praticaveis se conseguirmos primeiramente affirmar melhor o nosso poder na Europa central... Somos nós, cujo desenvolvimento economico, nacional e politico é peiado e sujeito a prejuizos, somos nós que vemos ameaçada a nossa situação mundial, adquirida á custa do mais nobre sangue... Reconhecemos em nós um factor tão poderoso quão necessario do desenvolvimento de toda a humanidade. Essa certeza «constitue para nós o dever» de estender o mais longe possivel a acção da nossa influencia intellectual e moral e de aplanar em toda a parte o caminho tanto ao trabalho allemão, como ao idealismo allemão.

«Mas não podemos cumprir esses supremos deveres, «impostos pelo nosso grau de civilisação,» senão quando o nosso trabalho pela civilisação fôr sustentado por um poder politico crescente — poder que deve encontrar a sua expansão na extensão das nossas possessões coloniaes, no alargamento do nosso commercio, na influencia mais consideravel das idéas allemãs «sobre todas as regiões da terra» e, primeiro do que tudo, no completo fortale-

cimento do nosso poder na Europa».

Taes palavras querem dizer que a Allemanha, para usufruir um maior bem estar, considera como seu direito e seu dever o fazer guerra ao mundo, até ao momento em que tiver dominado «todas as regiões da terra». Toda a existencia visinha da sua é rival e, por consequencia, hostil.

A tal doutrina da guerra oppõem-se, como é natural, as doutrinas da paz, que são antagonicas e odiosas. Bernhardi não hesita em o declarar e insiste:

«Para um Estado ambicioso e que não obteve ainda o logar de que é digno, que tem imperiosamente necessidade de alargar o seu dominio colonial e que não póde obtel-o senão á custa d'outros sacrificios, as doutrinas pacifistas, os tribunaes de arbitragem, etc., etc., representam «a priori» um perigo, porque são proprios para impedir um deslocamento das potencias. Em face da propaganda pacifista que se expande d'um modo invasor, é necessario conservar os olhos firmemente fitos n'este facto que a contradiz: é que tribunal algum d'arbitragem, n'este mundo, será capaz... «de mudar, em nosso favor, pela diplomacia, a partilha da terra, tal como hoje está feita».

Eis o motivo porque o militarismo é a lei suprema da Allemanha. E eis a phrase que resume tudo:

«Na nossa situação, que «exige absolutamente um augmento de poder» para podermos vencer inimigos superiores em numero, o instincto de conservação ordena-nos que augmentemos os nossos armamentos por todos os meios possiveis, a fim de podermos lançar na balança decisiva toda a força dos nossos 60 milhões de homens».

D'esta doutrina brutal resulta uma applicação mais brutal ainda, como sucede sempre quando das palavras se passa aos actos. E' expressa pela prescripção do regulamento allemão que dá por objectivo ao combate, não, como manda o regulamento francez, quebrar, pela força, a vontade do inimigo, mas sim «destruir o inimigo».

No sistema francez, o objectivo é psichologico e momentaneo; no sistema allemão, é material e definitivo. O que prescreve, é o anniquilamento completo do adversario. Se as invasões dos barbaros tivessem tido um regulamento militar, não teriam adoptado outro. A força é o ideal do imperio allemão; trata-se de chegar á destruição de tudo o que junto d'elle vive e que, por esse simples facto, lhe resiste.

O modo como a guerra tem sido feita na Belgica, na Lorena, no norte da França, é a consequencia natural de taes theorias.

Foram, como claramente ficou estabelecido, as concepções philosophicas que levaram a Allemanha á aggressão inevitavel, fatal, escolhendo antecipadamente a hora e a opportunidade.

Mas ha mais ainda. O dr. Lasson no seu livro «A cultura ideal e a guerra» diz, referindo-se ás relações internacionaes:

«De Estado para Estado não ha lei. Um Estado não pode commetter um crime. Não é uma questão de direito, é uma questão de interesse o observar os tratados. O fraco é, apesar de todos os tratados, presa do mais forte, logo que este pode ou quer. Este estado de coisas pode mesmo ser classificado de moral, pois que é racional. Entre os Estados encarados como seres intelligentes, os litigios só podem ser resolvidos pela força material».

Quanto á guerra: «A guerra de conquista é tão legitima como a de defeza. E' um absurdo a indignação contra uma guerra de conquista. O unico ponto interessante é o objecto d'essa conquista».

Pelo que respeita aos neutros, diz o dr. Lasson:

«O direito á independencia não é innato a um povo; deve ser adquirido á custa de trabalho. O valor moral d'uma forma de cultura está na sua força. A cultura existe para se manifestar «sob a forma de força»...

«Pedir o desenvolvimento pacifico das diversas formas de cultura (por exemplo o desenvolvimento nacional) é pedir o impossivel, inverter a ordem natural, pôr um falso idolo no logar da verdadeira moralidade. Esse estado paradisiaco é apenas uma phrase na bocca dos simples ou uma mentira hipocrita e consciente».

Quanto ao valor dos tratados:

«A intervenção nos negocios de outrem é um direito apenas limitado pela força d'esse outrem. Se o exito está assegurado, não só ella se justifica, como póde ser um dever do Estado para comsigo proprio».

Finalmente, para resumir, a seguinte conclusão:

«Se se offerecer occasião, que aquelle que tem força e está preparado resolva a questão pelas armas; é para as grandes questões historicas a unica solução racional e duradoura».

Vê-se que as declarações do chanceller Bethmann-Hollweg feitas no Reichstag, declarações de tal modo surprehendentes que o mundo não chegou a comprehendel-as bem, não tinham o caracter, que se lhes quiz attribuir, de considerações inopportunas ou irreflectidas, mas eram a expressão d'uma doutrina do que pensava todo um povo que acceitava conscientemente a «alegria da guerra».

Quando o chanceller dizia que os tratados eram apenas «pedaços de papel» e que, nas relações internacionaes, «a necessidade faz a lei», mostrava-se não só um verdadeiro intellectual em completo accordo com o intellectualismo allemão, um apostolo da verdadeira cultura allemã, isto é, do militarismo e do culto da força, mas um estadista consciente do que fazia, adherindo á unica maneira allemã de tratar as questões internacionaes. O chanceller só se encontra diminuido aos olhos dos seus concidadãos por uma especie de timidez no modo de explanar verdades tão evidentes. E' essa a censura que lhe faz um publicista allemão de grande notoriedade, Maximiliano Harden.

Ao chanceller faltou cinismo, mas não vontade. Cabe-lhe por isso absoluta responsabilidade.

O que acabamos de expôr ácêrca das doutrinas allemãs causadoras da guerra actual ficaria incompleto se não fizessemos uma explanação dos principios contrarios, dos principios em nome dos quaes as potencias alliadas fazem guerra á Allemanha.

Felizmente, no mundo ha doutrina das relações individuaes e internacionaes differente da do direito da força.

Indicando esse ponto de vista, assignalaremos tambem as lacunas

Capitão Muller, commandante do «Emden»

d'essa doutrina erronea e violenta, em nome da qual uma sociedade decreta, ella propria, ser superior á humanidade.

A doutrina opposta á allemã contem-se nas palavras proferidas por Christo: «Paz na terra aos homens de boa vontade».

Os seus principios dizem que todos os homens são eguaes e que as nações apenas estão ligadas por seu proprio consentimento. A disciplina é voluntaria. A politica e os costumes regulam-se pela maxima: não faças a outrem o que não queres que te façam a ti.

Por um conhecimento profundo da

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1651 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 11 de Março de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

NO EXERCITO

Fala-se muito na attitude dos sargentos em face do convite que alguns dos seus camaradas lhes dirigiram para fazer uma manifestação ao governo a pretexto da concessão do voto nas proximas eleições.

Uma grande parte dos sargentos tem vindo declarar que não entrará n'essa manifestação, justificando a sua attitude com razões que não só mostram uma verdadeira noção da disciplina como são um exemplo de correcção e dignidade.

Entre elles destaca-se a corporação dos sargentos da armada, que invoca o regulamento disciplinar para justificar a sua recusa a tal proposito, e, sem que nas suas palavras haja qualquer sombra de desprimor para o governo, o certo é que ellas, vindo d'uma corporação que tanto tem manifestado sempre os seus sentimentos republicanos, reflectem, ao mesmo tempo, pelo menos implicitamente, o pensamento de que manifestações que contra a disciplina militar se produzam não podem ser consideradas uteis nem beneficas para a Republica.

A attitude dos sargentos é ainda tanto mais significativa quanto o convite a que nos referimos lhes chega com um curso official, sem duvida estranhavel, mas que nem por isso deixa de representar uma pressão. E então a hombridade do gesto dos que o repellem avulta-se, engrandece, assumindo as proporções d'um protesto que a ninguem é dado illudir.

Por isso mesmo a situação é critica e melindrosa. A maioria dos sargentos não attende o convite que lhes foi feito? E' o proprio governo que fica em cheque. Acceita-o? N'esse caso, a minoria fica naturalmente apontada e exposta a perseguições que só podem ter os mais deploraveis effeitos.

Pensaram n'isso os promotores d'essa manifestação? Pensaram n'isso os sargentos que a applaudem e favorecem? E', d'um dia para o outro, a quebra de laços affectuosos e de camaradagem que representam o melhor vinculo dos exercitos. E', d'um dia para o outro, a accrescentar a dissenções que já são notorias uma incompatibilidade irritante entre os officiaes inferiores do exercito que, pelo seu numero e a sua influencia, representam n'esse mesmo exercito uma das maiores forças.

E que quer dizer esta especie de sistema de consultas ás tropas? Estamos porventura em presença d'um plebiscito militar, como o que Luiz Napoleão mandou fazer em França vinte e quatro horas depois do seu golpe de Estado? O exercito não é toda a nação, nem nós necessitamos dum regimen plebiscitario. E por que razão, depois de consultar os sargentos, se não consultariam os cabos e os soldados? Ninguem que tenha a noção das responsabilidades que impõe a manutenção da ordem e o funccionamento normal do regimen póde deixar de se sentir perturbado ante o pendor para que determinadas circumstancias podem arrastar as instituições e os homens.

O programma do actual governo é a concordia. Tanto reputou intoleravel a continuação da discordia politica que não hesitou em lançar mão de meios gravissimos para realisar essa aspiração tão proclamada. Se fez a concordia entre os partidos, se a fez na sociedade civil, se os seus processos teem dado o resultado que planeou, respondam os factos. Não nos parece, infelizmente, que essa resposta seja affirmativa.

Mas se em vez de concordia se estabelece a discordia no exercito, se se cria um irritante estado de antagonismo entre os seus elementos, não haverá remedio senão confessar que não podem ser mais contraproducentes os processos que se teem posto em pratica para chegar a essa concordia.

Poeira da Arcada

Que os alliados chegam a Constantinopla, dando um golpe de morte na Turquia europeia, parece não haver duvidas, mesmo para os turcos, que são difficeis de convencer. Uma vez abertos os estreitos, poderemos nós comprar trigo á Russia, reabastecendo os nossos mercados, em condições supportaveis? Esperemos, até vêr o que dá essa esperança que surge sobre a nossa incuria como um regalo da Providencia que assiste aos desleixados.

O mais certo, porém, é a Russia guardar para si as suas enormes reservas de cereaes, preferindo o certo pelo incerto. E nós do Mar Negro não importaremos nada, nem mesmo tempestades, porque estas não nos faltam.

***

O actual chefe da repartição do ensino primario abriu-se com um jornalista e disse-lhe que não existe em Portugal uma estatistica sobre o ramo de instrucção que elle dirige. Trata-se, ao que parece, de uma das taes lacunas que muito importa preencher.—Nós não temos uma grande crença nos quadros e tabellas d'aquella antipathica sciencia que, por series ponderadas de algarismos, pretende explicar a essencia das coisas e a alma das multidões. Por isso, não sentimos uma verdadeira pena com o caso. Se possivel fôr um dia tornar o primeiro ensino uma obra que sirva para reavivar no nosso povo as suas bellas qualidades lusitanas, então nós consultaremos uma estatistica, mas sómente com a vaga curiosidade de quem quer conhecer um aspecto da vida nacional, olhando para uma deformação do mesmo.

***

Emquanto, entre nós, se não preparar uma geração que seja capaz de encarar a nossa crise nas suas realidades e nos seus problemas essenciaes, andaremos n'um perfeito jogo de cabra-cega. A maior parte dos assumptos que os jornaes agitam ha uma porção de annos, tentando interessar n'elles os estudiosos, continuam enramados em rhethorica. Não temos mentes constructivas, capacidades organicas. Tudo se desfaz em risos ou em lamurias, conforme as alternativas da sorte ou do azar.

"Historia Universal" de Oncken

A obra de Guilherme Oncken é das mais perfeitas, se não a mais perfeita que até hoje se tem escripto. Repositorio completo de todos os factos occorridos desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias, é não só um livro para o sabio que se encerra no seu gabinete e vê perpassar perante elle as grandes epocas de esplendor e de decadencia das nações, como ainda para aquelle que, não querendo ter um estudo profundo, quer comtudo adquirir noções da mais rigorosa imparcialidade.

A *Historia Universal*, de Oncken, de que já sahiram 48 tomos, formando 8 volumes, traduzida esmeradamente por um grupo de professores e homens de lettras sob a direcção do professor da Universidade de Lisboa sr. Oliveira Ramos, é edição da casa Aillaud, Alves & C.ª, antiga casa Bertrand, que abriu uma assignatura em condições especiaes e muito favoraveis.

PELA POLITICA

A attitude democratica

Que resolverá o Congresso extraordinario do partido ácerca do acto eleitoral marcado para 6 de junho? O deputado sr. dr. Ferreira da Fonseca diz-nos a sua opinião sobre o assumpto

O Partido Republicano Portuguez inicia no domingo as reuniões do seu congresso extraordinario, convocado especialmente para se occupar da situação politica, e como se trata do partido que possue a mais solida organisação dentro da Republica não é exaggerado affirmar que as suas deliberações serão da mais alta importancia no delicado momento que atravessamos. Pronuncia-se o congresso pela abstenção eleitoral ou pela ida ida ás urnas, mesmo com o actual governo e com os decretos elaborados em dictadura? O sr. dr. Ferreira da Fonseca, deputado que gosa no seu partido d'uma situação de destaque, responde-nos a essa pergunta com estas considerações:

—Affigura-se-me que o partido republicano resolverá no proximo dia 14 acatar a resolução tomada pelo Congresso da Republica opondo á execução dos decretos já publicados, e dos outros que porventura venham a publicar-se, a resistencia legal que a Constituição lhe garante, não os cumprindo e promovendo por todos os processos legaes e ordeiros, o seu não cumprimento por parte de todas as pessoas que directa ou indirectamente estejam ligadas á sua execução. Esta deveria ser a attitude unanime de todos os amigos das instituições, porque, é preciso reconhecel-o, esta questão não é partidaria, mas sim republicana. Não se trata d'um aggravo ao partido republicano portuguez: trata-se de um attentado contra a essencia da propria Republica, de um precedente cuja admissão implica, não só a abrogação atual da instituição, mas a sua completa desvirtuação futura, pela imminencia de repetir-se, mais tarde, uma situação que uma vez se consentiu sem um protesto efficaz. E se o Partido Republicano Portuguez é particularmente affectado, isso deriva especialmente da circumstancia d'elle representar a maioria do Congresso Nacional e a maioria do paiz; isto, porem, não justifica a attitude dos outros partidos da Republica que, se não se absorvessem a calcular o que eleitoralmente pódem ganhar com a situação, deveriam collocar-se abertamente contra a dictadura e julgar inconstitucionaes os decretos publicados, desobedecendo-lhes tambem.

A intervenção do poder judicial na apreciação dos decretos

—Mas o poder que aprecia e averigua da inconstitucionalidade dos diplomas emanados do Congresso, do poder executivo ou de quaesquer auctoridades não é o judicial?

—Perante um diploma obrigatorio qualquer cidadão tem o direito de averiguar da sua conformidade com a lei e a Constituição, por virtude das garantias individuaes consignadas em os n.os 1, 2 e 37 do seu art. 3.º e que dizem que ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei, que só obriga a que fôr promulgada nos termos da Constituição e que a todos é licito resistir a quaesquer ordens que infrinjam as garantias individuaes. Se um cidadão se convence de que um determinado diploma é inconstitucional desobedece-lhe; levado perante os tribunaes pela entidade desobedecida ou seus representantes, o poder judicial, nos termos do art. 63 da Constituição Politica, averigua se o diploma é ou não constitucional, condemnando o reu no primeiro caso e absolvendo-o no segundo. O contrario d'isto nem estabeleceria a efficacia das garantias individuaes nem se compadeceria com a indole essencialmente passiva do poder judicial que só se pronuncia depois de provocado.

—Como organisará então o partido a sua resistencia?

—O partido appellará para o poder judicial sempre que esse recurso se torne possivel e resistirá em todas as outras circumstancias, procurando evitar que os decretos se cumpram. Como, não posso dizer-lhe, porque isso são questões de tactica politica que não podem divulgar-se sem risco de a inutilisar. O que lhe asseguro é que com os elementos de varias ordens de que para esta resistencia legal, dispõe o Partido Republicano Portuguez estou o mais possivel convencido de que a dictadura e os decretos dictatoriaes serão inefficazes, lettra morta inteiramente inutil, como inutil seria a ingerencia das auctoridades no resultado da eleição.

—Julga que o poder judicial em quaesquer reclamações de processos julgará inconstitucionaes esses decretos sobre eleições?

—Confio absolutamente n'isso. O poder judicial é independente de direito e tambem de facto. Foi sempre muito zeloso no cumprimento dos seus deveres, muito cioso das suas prerogativas e muito interessado na manutenção da sua força, do seu prestigio e da sua auctoridade moral. E' constituido por pessoas que, além de affastadas das contendas politicas, passam a vida no cumprimento, no exercicio e na applicação do direito e da lei. Para julgar validos os decretos eleitoraes seria preciso esquecer o § unico do artigo 8.º da Constituição, alargar arbitrariamente até proporções inadmissiveis a auctorisação parlamentar de 8 de agosto e, finalmente, por isso que o Congresso da Republica se pronunciou em 4 de março sobre essa auctorisação e esses decretos, julgar ilegitimo o Congresso que elaborou leis em plena execução e talvez já applicadas pelo proprio poder judicial; mas isto, sobre não estar nas suas attribuições, importaria a admissão da possibilidade da não existencia, em qualquer momento, de um poder legislativo, o que é contrario ao espirito da Constituição e á lettra de algumas das suas disposições.

«No espirito de nenhum magistrado pode haver duvidas sobre a inconstitucionalidade dos decretos em questão, e qualquer decisão em contrario, sobre ser uma monstruosidade juridica que afrontaria os brios profissionaes da magistratura judicial, seria a demonstração de que ella não era independente de facto e se vergava deploravelmente pelo receio de qualquer força, que, demais a mais, é ficticia no caso sujeito. Eu não posso suppor isso do poder judicial, em cuja independencia plenamente acredito, estando convencido de que elle, cultor e applicador inexoravel do direito, o não rasgará nem consentirá que se rasgue.

O partido Republicano Portuguez deve ir ás urnas

—Mas entende que o Partido Republicano Portuguez deve ir ás eleições em qualquer caso?

—Julgo que deve concorrer ás urnas; a data de 6 de junho, marcada no decreto de 24 de fevereiro, é a unica coisa que não reputamos inconstitucional, porque a designação do dia das eleições é attribuição do poder executivo; isto sem discutir—e agora é inutil fazel-o, se o *direito proprio* a que se refere o art. 10.º da Constituição está ou não em tempo de exercer-se. Como quer que seja, nós acceitamos pela razão apontada o dia 6 para a realisação das eleições. E n'esse dia ou ellas se realisam pelas leis em vigor—3 de julho de 1913, 11 e 20 de janeiro de 1915—e nós concorremos a ellas por serem como devem ser, ou o poder judicial julgou validos e constitucionaes os decretos relativos ao assumpto e nós podemos concorrer egualmente, respeitando assim as decisões d'aquelle poder.

«E' isto o que eu defenderei no Congresso do dia 14, por entender que assim continuaremos a manter pela Constituição um inviolavel respeito. Eu sei que com decretos feitos expressamente para preparar e facilitar a absorpção pelos monarchicos, e contra um governo cuja unica politica conhecida é o ataque sistematico ao Partido Republicano Portuguez e que não terá escrupulos em procurar por todos os meios inutilisal-o nas urnas, para oque já se incita, chamando-lhe o grande eleitor e responsabilisando-o pela composição do futuro Parlamento, a nossa ida ás eleições é um verdadeiro sacrificio. Mas é um sacrificio que se justifica, porque nem a deserção está nas tradições do partido, nem este, como o mais forte agrupamento politico, póde cruzar os braços n'esta questão, não evitando á Republica os prejuizos que poderiam resultar da sua abstenção eleitoral.

«Todavia, por me parecer que, seja qual fôr a decisão do poder judicial, nenhuma impões ao partido uma attitude determinada, que só pode fixar-se cabalmente perante as circumstancias politicas do momento em que se realisar o acto eleitoral e que podem ser differentes das actuaes, aconselhando um procedimento diverso do que agora se indicaria, acho que o Congresso deveria reservar a sua opinião não tomando sobre a nossa ida ás eleições uma deliberação concreta.

«Resistir por todos os processos ao nosso alcance, que são muitos, preparar a lucta eleitoral e os trabalhos para a ida ás eleições, que, por não ser provavel que este governo as dirija, devem assegurar o triumpho do partido nas urnas, concordo plenamente. Mas vincular o partido a uma attitude que as circumstancias proximas de 6 de junho podem contra-indicar parece-me impolitico e até perigoso.

«Devo accrescentar que estou convencido de que esta doutrina é a que já conta maior numero de adeptos, e de que será a sanccionada no proximo Congresso partidario que, pelos seus actos e pelas suas resoluções, se affirmará como uma assembleia eminentemente republicana, apenas inspirada no respeito da Constituição e nos superiores interesses nacionaes.»

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

A QUESTÃO DO TRIGO

Fala o sr. Almeida Lima

«Se o gabinete Bernardino Machado se tivesse mantido no poder, a crise do pão não se teria dado ou seria reduzida a um insignificante minimo»

Ultimamente tem sido debatida em certa imprensa a questão da responsabilidade da carestia dos generos alimenticios de primeira necessidade, e especialmente o pão.

E' claro que, em primeiro logar, não se percebe a razão de ser de tal campanha, a não ser a do eterno objectivo politico ou pessoal. Esse sistema, acolhido por vezes sem reacção do publico, tem sido uma das maiores pragas do nosso paiz, e, portanto, a esse sistema é que deve ser attribuida uma parte dos males que nos affligem, que por fim se veem traduzir na economia nacional.

E tanto assim é que contra o gabinete Bernardino Machado se moveram campanhas facciosas d'onde resultou ficarem incompletas as medidas fixadas para obviar á crise do pão sem encargos anormaes para o thesouro.

Quem quizer, pois, profundar essa questão das responsabilidades já tem um primeiro grupo a quem as imputar.

Dizem alguns que o gabinete Bernardino Machado deveria ter, antecipando o periodo marcado pela lei, decretado a livre importação do trigo exotico; quer dizer, aconselham os governos a praticar illegalidades, com o fim de evitarem prejuizos mais ou menos contingentes, e que só são bem conhecidos á posteriori. Parece-me que ninguem se atreverá a sustentar a sério uma tal doutrina.

A importação de trigo só poderia ser logica e legalmente determinada quando fôsse conhecido o resultado da nossa colheita.

Dada a importancia e a urgencia do assumpto, o ministerio do fomento mandou pela direcção geral da agricultura proceder a um inquerito, do qual se concluiu que a reserva de trigo existente era tal que por fórma alguma auctorisava a antecipação do periodo de importação legal.

Dizem que o resultado d'esse inquerito é falso, por ter havido pouca boa fé da parte dos declarantes, (o que a meu vêr não é exacto). Mas tem d'isso culpa o governo? Portanto, os «curiosos» de responsabilidades encontram, porventura, ahi um segundo grupo a quem as imputar.

Do que, porém, não póde, «bona fide», resultar duvida é de que, se o gabinete Bernardino Machado se tivesse mantido no poder, elle teria cumprido a lei, e, portanto, o decreto de importação seria publicado em dezembro e a crise do pão não se teria dado ou seria reduzida a um insignificante minimo, como póde averiguar quem deseje conscientemente formar uma opinião, para o que bastará consultar as repartições da direcção geral da agricultura, onde, com a eloquencia inilludivel dos numeros, se lhe demonstrará o que vimos de affirmar.

Se os governos corriam a obrigação de em outubro ter a certeza do que deveria passar-se em fevereiro ou março, porque é que a mesma previsão não foi aproveitada pelos proprios importadores, contando desde logo com a necessidade instante da futura importação?

Querem tambem os «amadores» de responsabilidades lançal-as sobre essas entidades?

E, a esse respeito, devo lembrar que o gabinete Bernardino Machado propositadamnete facilitou aos importadores esse bello negocio, decretando para a Madeira a livre importação do trigo, sem «limite de quantidade», com o direito simplesmente estatistico, na esperança de se constituir n'aquella ilha um celeiro da metropole.

Porque se não fez essa transferencia para a metropole? Naturalmente porque não havia a tal certeza, que só se adquiriu depois dos factos consummados, nem sequer bases sufficientes de calculo que habilitassem a adquirir a somma sufficiente de probabilidades que animam a arriscar grossos capitaes.

Portanto, os riscos a que não quiz submetter-se o commercio, no uso do seu direito, deveria correl-os illegalmente o governo arriscando capitaes do Estado?

Por ultimo, quem queira attribuir responsabilidades a mais alguem vá investigar os responsaveis da guerra actual. Não lhe falta bibliographia sobre tão momentoso assumpto.

Alguem imaginava que, dadas as circumstancias da guerra, com as suas, para nós, inevitaveis consequencias, augmento dos preços dos generos alimenticios nos centros productores, elevação do preço dos transportes, aggravamento dos cambios se poderiam manter os preços normaes d'aquelles generos?

Para que qualquer queixa a respeito da acção dos nossos governos tenha algum fundamento de justiça, é necessario antes de tudo averiguar se nas outras nações não tem augmentado o preço dos generos de primeira necessidade, e só depois d'esse estudo comparado é que se poderiam tirar conclusões.

Algum dos accusadores, tendo a consciencia das responsabilidades que toma ao procurar acarretar odios contra determinadas individualidades, procedeu a um tal inquerito? Parece que não, visto que o essencial é accusar, em vista do effeito que por essa fórma se pretende obter.

Entre os accusadores, muito lamentamos vêr auctoridades officiaes, sobre quem oxalá não venham nunca a recahir identicos ataques de tão flagrante injustiça.

Almeida Lima
antigo ministro do fomento

O irmão de Latino

Uma proposta simpathica — A venda da «Oração da Corôa»

Em sessão de hontem da camara municipal o vereador sr. Lourenço Loureiro apresentou uma proposta no sentido de se conceder a pensão mensal de nove escudos ao sr. Francisco Xavier Latino Coelho, o nonagenario irmão do eminente estilista que foi uma das mais prestigiosas figuras do partido republicano. Como se sabe e ainda ha poucos dias recordámos n'estas columnas, o irmão de Latino encontra-se n'uma angustiosa situação, vivendo, em companhia d'uma velha criada quasi cega, mercê do subsidio de seis escudos da Assistencia e do que lhe podem dar alguns rarissimos amigos compadecidos do seu grande infortunio. Oxalá que a proposta, justificada eloquentemente pelo sr. Lourenço Loureiro, seja approvada a tempo de ir minorar as tristes circumstancias em que agonisa o veneravel ancião.

A proposito da *Oração da Corôa*, de Demosthenes, traduzida do original grego e prefaciada por Latino Coelho, admiravel trabalho de cuja nova edição a Academia das Sciencias reservou um certo numero de exemplares para o herdeiro do insigne academico, devemos dizer que no armazem de viveres Rua Vianna, successor, da rua do Loreto, esquina da praça de Camões, onde esses exemplares se encontram á disposição do publico, se teem vendido algumas dezenas de volumes cujo producto irá levar um pouco de conforto á modestissima residencia da rua da Vinha.

Quem comprar a *Oração da Corôa* não só enriquece a sua estante com uma obra de extraordinario valor—e bastaria o estudo sobre a civilisação grega para fazer a re-

---

Folhetim d'A CAPITAL 11-3-1915

Ameno resedá

Impressões do Rio de Janeiro

Eu estava no Rio, tinha para me conduzir guias habeis e seguros e entre elles moléque André. Indaguei dos *cordões*. O meu «secretario» foi inexhaurivel de detalhes. Havia na capital brazileira dezenas de *cordões* de varias cathegorias, desde os *cordões* pobres de negros retintos do bairro da Saude e da rua de S. Jorge, até aos *cordões* de mulatos do Catete e do largo do Machado. São qualquer cousa como as nossas antigas *danças* do entrudo, com a differença que os *cordões* não mendigam nem recolhem offertas em dinheiro e, mais ou menos, todos elles estão subordinados pelas sympathias aos grandes clubs carnavalescos do Rio. Ha os *cordões* feudatarios dos Democraticos, Fenianos, Tenentes do Diabo, Paladinos da Cidade Nova e, na sexta-feira gôrda, depois de irem cumprimentar o seu *club* predilecto, é praxe que os estanadartes sejam depositados na redacção do jornal mais affecto ao grupo. O *Jornal do Brazil*, a *Gazeta*, a *Imprensa*, o *Correio da Manhã*, o *Paiz* guardam durante trez dias as bandeiras bordadas, ao passo que o *cordão* anda correndo, d'um extremo ao outro, a cidade do Rio, cantando e dançando sem descançar. Por vezes encontram-se *cordões* rivaes. Das provocações choreographicas passa-se ás vias de facto e, ao passo que as mulatas e creoulas debandam, os homens brigam encarniçadamente. De certa vez que um negro foi morto á facada n'uma d'essas rixas, as ruas da capital carioca viram um cortejo singular de milhares de mascarados cantando e dançando atraz do esquife do seu camarada morto.

***

Moléque André contou-me que durante todo o anno poupava dinheiro para comprar a sua *phantasia* de entrudo. Dentro d'um *cordão* todos os trajes obedecem ao mesmo typo e, n'esse Carnaval, aquelle onde o André tinha praça assente e era figura grada devia sahir á *infernal*: os homens vestidos de Satans cornudos, as mulheres de diavolinas, todos em vermelho e preto, carregados de estrellas douradas. A lettra dos varios cantares era improvisada por essa musa popular, que busca a sua inspiração nos factos e na politica, na lenda, nas tradicções e no dito que corre a rua, musa que se exprime, ora no calão mais pittoresco, ora na mais singela e classica linguagem. A musica era ou a da canção em moda ou coordenada *adrède* por um maestro desconhecido. N'esses rithmos singulares havia de tudo: fados de Portugal, valsas de operetta austriaca, trechos de opera, que degeneravam em rabos de *maxixe*, canções dos *chopps* do largo dos Arcos e melopeias das alfurjas do Caes do Porto.

Os titulos eram curiosos. Alguns me apontou o meu guia; outros encontrei-os ao lêr no regresso á Europa, a *Alma encantadora das ruas*, de João do Rio. Havia-os exhuberantes de palavras: o *Gremio Carnavalesco Destemido do Inferno*, os *Filhos do Relampago do Mundo Novo*, os *Pescadores do Sol da Montanha*, os *Enthusiastas do Prazer da Pedra Encantada*; havia-os inesperados e patuscos como o *Não bote mais que eu cômo*; havia-os poeticos: os *Amantes da Beija-flôr*, os *Negros da Rosa Branca* e, entre tantos que iam buscar ás flôres o seu titulo eram dos primeiros *A flôr do Abacate* e o *Ameno Resedá*. Moléque André fazia parte dos *Pescadores do Sol da Montanha*; mas tinha amigos e entrada franca no *Ameno Resedá* e foi ahi que elle prometteu levar-me. Era um *cordão* rico. Tinha a sua séde para as bandas do Catete e socios protectores entre a creadagem do palacio do presidente Hermes, que contribuia elle proprio cada anno para o cofre com uma boa espórtula.

***

A' tarde, á hora da limonada na Gavé, intimei os camaradas presentes a acompanhar-me n'essa expedição nocturna aos dominios do Rei Mômo carioca. Acceitaram o convite Luiz Peixoto, esse bohemio encantador e distincto, que illustra com o seu lapis preguiçoso as columnas do *Jornal do Brazil* e da *Gazeta da Semana*, que improvisa com uma ponta de carvão as mais felizes *charges*, que é poeta tambem nas horas vagas e n'essa epocha preparava com Carlos Bettencourt, outro camarada das minhas noites, uma burleta o *Forrobodó*, que fez depois um ruidoso exito nos theatros brazileiros. Ficou tambem de ir o *meu irmão* Cordeiro, enteado de Arthur Azevedo, jornalista sempre evadido da redacção, cujas proezas de nadador lhe tinham valido a alcunha de *Jamanta*.

A's nove da noite tomámos um *bond* na Avenida.

Era uma d'aquellas deliciosas noites de verão do Brazil e o electrico, deslisando vertiginosamente pela Beira-mar, illuminada como para uma festa, levou-nos n'um relance até cerca d'esse *High-Life*, restaurant-casino onde cada noite, n'essa epocha, se jogavem pequenas fortunas e appareciam lindas mulheres carregadas de joias, debruçadas sobre o panno verde do *baccarat*, abysmo de fascinações, de venturas e de desenganos.

***

Era ali perto o *Ameno Resedá*. Ao voltar d'uma rua moléque André indicou-nos um *sobrado* illuminado de onde vinham cantos indecisos, ensaiados a meia voz ao som d'um *chôro* de flauta, oboé e trombone. O meu «secretario» preparára a nossa entrada e, no alto da escadaria, esperavam-nos os corpos gerentes; dois ou trez negros engravatados e limpos, bem penteados e de cabello crespo luzente de pomada, um mulato escuro de frack, *cavaignac* e unha do dedo minimo crescida.

Moléque André fez rapidamente as apresentações e o *Ameno Resedá* mostrou-se commovido pela prova de attenção que a imprensa luso-brazileira lhe prestava. Com um gesto e uma mesura convidaram-nos a entrar na sala de ensaio. O *chôro* suspendera o seu rithmo e um grande silencio se fizéra em todo o corpo coral. Cerca d'um piano estavam quatro cadeiras em fila e, com o ar circumspecto d'um jury de concurso todos quatro nos sentámos.

Deante de nós em trez fileiras, alinhavam-se umas quarenta mulatinhas de doze a dezoito annos, flôres em botão do sangue mesclado, todas ellas de blusas claras, cada qual com sua fita no cabello farto. Advinhava-se que se tinham paramentado para nós e oitenta olhos sympathicamente curiosos, quatro dezenas de sorrisos, que descobriam dentes admiraveis entre labios carnudos, davam-nos as boas vindas. Aos lados do grupo feminino, divididos em duas alas: a dos tenores á direita, a dos baixos á esquerda, juntavam-se os homens, todos elles mulatos ou negros, mocetões robustos de calça branca ou clara, jaquetão curto, gravata de laço berrante. Ao meio da sala o director do *chôro* e professor do orfeon.

***

O maestro bateu com a batuta sobre o canto do piano. Os trez musicos aprestaram-se, algumas guelas pigarrearam e, depois d'uma breve introducção, rompeu, n'um côro a quatro vozes, uma canção marcha. Primeiro elevou-se, n'uma afinação perfeita, o cantar das mulheres. No forte entraram os homens e o rithmo era marcado por umas pequenas castanholas de cabo, ornadas de fitas, que cada rapariga tinha entre mãos. Era uma musica singular e curiosa. Não me recordo os versos, cheios d'uma poesia pueril e de inesperadas rimas, mas o que elles podiam ter de ridiculo apagava-se na harmonia perfeita do canto, perturbador de mocidade e alegria. A certa altura do trecho adeantaram-se duas figuras. Ella era uma linda creoula de dezoito annos, esculptural de formas, pequenos seios erguidos e provocadores dentro da blusa leve e decotada. Os olhos eram lindos, os dentes perfeitos e, ao canto da bocca, um pequeno signal muito negro sobre a pelle de sienne clara. Uma mão sobre a anca, outra empunhando um leque. Elle, um latagão escuro como Othello, vestia uma roupa de brim e tambem trazia um leque. Assistimos então áquella *dança de velho* de que moleque André me esboçára uns passos n'uma madrugada em que regressavamos da Tijuca. Era uma pantomima completa, uma aria de seducção d'um Pierrot negro a uma Colombina mulata.

Primeiro, com meneios de leque e attitudes varias, elle chamava-lhe a attenção sobre o seu trage, como querendo fascinal-a pela sumptuosidade do vestuario. Então as sobrancelhas da creoula alçavam-se cheias de enfado, a bocca franzia-se desdenhosa, pontuada pelo signalsinho muito negro. Elle, depois de manifestar o seu desgosto, accumulava os argumentos, desdobrava um imaginario manto, com o leque indicava os imaginarios calções bordados e os dourados escarpins. Ella mirava com uns olhos curiosos, debruçava-se, punha uma mão sobre os olhos para observar melhor e, por fim, erguendo o corpo, pondo a mão atraz da cabeça, que se reclinava para traz, confessava-se indifferente. Durante todas estas phrases da pantomima, os pés não estavam quietos. Ao rithmo da canção, do côro e das castanholas, moviam-se n'um pisar meudinho, arrastando os calcanhares e fazendo requebrar as ancas n'um movimento peneirado. Da severidade dos gestos e das expressões phisionomicas, d'esse desnalgar lento e lascivo, que fazia tremer os seios provocantes da moça, resultava uma impressão mixta de voluptuosidade e de interesse. Tudo aquillo era extravagantemente curioso e perturbador.

Vencido o primeiro pretendente, segundo se apresentou. Este tentou seduzir a Colombina pelas galas do capacete. Explicava-me moleque André que o negro dançarino tencionava apresentar-se com um capacete diabolico, onde dois passarinhos articulados deviam abrir as azas e executar varias evoluções. A esta exhibição confessava-se rendida a creoula e começava então um duello de amor silencioso, em que as mãos certamente se espalmavam sobre o peito do rapaz, em que o leque occultava pudicamente a bocca sorridente da moça, que baixava os olhos, isto emquanto os quadris continuavam o seu diabolico meneio cheio de lascivia. Retirava-se a Colombina e o Pierrot desconsolado vinha provocar o triumphante Arlequim do capacete dos passarinhos. Eram então as mais terriveis visagens do odio e do rancor, toda a violencia selvagem do sangue negro expandindo-se em gestos que acompanhavam no ar o rithmo já monotono da musica. Os leques fechados e brandidos eram agora punhaes e o Arlequim desdenhoso era mais uma vez o vencedor n'aquella esgrima selvagem, reduzida ao compasso de uma toada quasi infantil. Segunda moça vinha agora consolar o negro despresado e o duetto tornava-se em quartetto. A batuta do maestro avisou que ia terminar o côro e voltando ao seu logar os quatro artistas da pantomima, de subito se callou a musica, deixaram de vibrar as castanholas e terminou o côro. Confesso que raras vezes tenho visto cousas que tanto me interessassem.

André Brun

ULTIMAS NOTICIAS

"PATHÉ JORNAL"

A contradança ministerial

O sr. ministro das colonias vae para os estrangeiros e o sr. Teixeira Guimarães vae para as colonias

1.º quadro

Arcada do ministerio do interior. E' aqui que se representam, em geral, as grandes peças da intriga politica. Poucos comparsas. Um advogado da provincia, baixo, atarracado, denegrido e rotundo, com um chapeu cinzento ás trez pancadas a abrigar-lhe a cabeça enorme de animal forte e sadio, espera um deputado seu amigo. Eil-o que chega. Grandes abraços, affectuosas saudações, apertos de mão demorados, de pessoas que não se veem ha muito...

—Estou ás suas ordens!—diz o legislador em villegiatura.

E a politiquice começa. Fala-se de tudo e de todos. Das opiniões politicas da provincia e até dos seus sentimentos religiosos. O povo, afinal, gosta do Senhor dos Passos.

—Nós, os republicanos, é que não estamos muito satisfeitos. Se v. soubesse! Parece que já não ha Republica em Portugal. Os monarchicos, meu amigo, são elles agora quem tudo manda...

E apontam-se casos caracteristicos e significativos. Um escandalo—no entender d'este meu velho amigo.

—A Republica, em Leiria, já não existe!

A desolação com que o pobre bacharel se lamenta, santo Deus! Parece que o regimen está a desabar sobre elle e que sôbre a sua carta d'homem interprete das leis cahem, de roldão, todas as illusões que uma carta d'essa natureza vivifica...

—E' um horror, sentimo-nos vexados, nós, os republicanos!

—Mas reajam...

—Para quê? São elles quem manda, são os monarchicos quem está de cima. Esta é a hora d'elles...

O meu amigo e o seu amigo deputado despedem-se e abalam. Pobre homem, como deve estar arrependido de não ter continuado fiel á monarchia! Se assim fôsse, outro gallo lhe cantaria, decerto.

2.º quadro

Assumpto: A crise. Personagens: pouco mais que as do costume. Falta de interesse. Um pouco de incerteza a impedir que se raciocine claro e seguro. Correm boatos insistentes de que a crise está resolvida. Será assim? E como?

—De maneira bem imprevista—diz-me o oraculo do costume.

—Phantasias, amigo. Phantasias! V. é fertil n'essas coisas!

—Meu caro, a phantasia só desagrada áquelles que a não teem...

Curvo-me reverentemente deante de tão conceituosa fala. O conselheiro Accacio não seria nem mais perspicaz nem mais profundo. Reatámos o colloquio.

—Venha então de lá essa imprevista solução da crise!—exclamo.

—V. deu certo. O Rodrigues Monteiro fica realmente nas finanças. Mas no resto é que errou o alvo!

—Muita pena. Errei, porém, muito por sua conta.

—Vamos ao que importa. Não ha tempo a perder. Os novos ministros são...

—Quem? Diga depressa.

—O sr. Theophilo Trindade, dos estrangeiros, e o sr. Teixeira Guimarães, das colonias.

—Fez-se então o que estava planeado ha uns poucos de dias. O sr. Trindade sempre teve de abandonar a pasta colonial.

—E' como lhe canto...

Mais meia duzia de palavras ditas á pressa, trez ou quatro commentarios alegres á politica e ás suas gentes e cada um parte para seu lado. A tarde não me começa mal...

3.º quadro

Por uma larga e alta galeria mergulhada na semi-obscuridade nevoenta do anoitecer, caminha, meditabunda, uma creatura que dir-se-hia dominada pelas mais graves preoccupações. Sou eu, leitor. Medito em tudo isto e penso na facilidade, digna de ser exaltada, com que em Portugal os ministros transitam d'uma pasta para outra, parecendo que estão habilitados para todas, ou que não percebem patavina de nenhuma.

—N'esse caso, commentá alguem a quem faço depositario d'estas reflexões, só temos que felicitar-nos. Estamos, sem duvida, n'um paiz cheio de competencias!

Encontro um secretario de ministro. Peço-lhe a confirmação da noticia sobre a crise. E' verdadeira?

—E'. Os decretos foram assignados hontem de tarde pelo chefe de Estado e remetteram-se logo para a Imprensa Nacional. O que admira é a noticia não se ter sabido mais cedo.

—E quem é o sr. Teixeira Guimarães?

—E' almirante e foi durante trez annos major general da armada. Foi tambem o primeiro director geral das colonias que a Republica teve. E' intelligente e sabedor. Mas nas colonias, não sei se já esteve alguma vez.

—Nem é preciso.

4.º quadro

O sr. ministro da justiça é a personagem central e principal. O sr. Guilherme Moreira sahe, fica? Sabe-se lá com segurança! Hontem todos diziam que sim, que o sr. Guilherme Moreira faria as malas e abalaria para Coimbra.

Fartára-o esta terra de parasitas—como o sr. ministro da justiça dizia quando, do alto da sua cathedra, se referia a esta Lisboa onde tão inesperadamente veiu cahir.

E a pessoa que produz este commentario accrescenta que d'hontem para cá as coisas mudaram completamente. Por que motivo? Necessidade de se adoptarem certas medidas pela pasta da justiça que só o sr. Guilherme Moreira póde decretar. Mais nada.

—Projectam-se então grandes coisas?

—Grandes e pequenas, meu caro. Mesmo em geral, não são as grandes coisas que mais preoccupam os ministros.

—Lei da separação em fóco, não?

—Talvez. O Moreira está-lhe com vontade e creia que não abandona o poder sem dar que falar de si.

A mania das coisas sensacionaes que tortura certa gente chega, por vezes, a irritar. Porque não se resignam ellas a ser como os simples mortaes que, sem se darem ares, andam muitas vezes mais perto dos deuses do que aquelles que nunca descem a pesada capa d'asperges da importancia?

—Com que então o sr. ministro da justiça não sahe por ora?

—E' como diz.

—Sciente.

5.º quadro

Sala grave de tribunal. Dia de audiencia. Os vogaes conspicuos da instituição veneranda meditam. Estão todos de negro. O presidente, já grisalho, neurastenico e inconstante, perora.

—Pois é uma pena, senhores, vêl-o ir embora. Tão bom rapaz, tão distincto, tão afavel, vestindo tão bem. Não haveria maneira de evitar a catastrophe?

Agitam-se becas negras, côr de carvão, já coçadas nas largas mangas fransidas nos punhos. E procuram-se remedios para o desastre.

—E quem o mandou desafiar as iras de Jupiter tonante? Revoltou-se, será sacrificado. E' elle quem está de baixo!

—Mas quem defende a boa doutrina é elle. Admiremo-nos com as turbas!

Abre-se uma porta com cautella. E' o sr. dr. Manuel Monteiro que entra. Vem pallido, nervoso, com aspecto de quem soffre profundamente.

—Amigos, estou em vesperas de vos deixar. O governo vae demittir-me. E' o que se diz por ahi!

E, pegando n'um grande maço de papeis, o sr. Manuel Monteiro abraça os collegas desolados e parte a caminho d'outros destinos...

A. M.

putação d'um sabio e d'um estilista—mas pratica um acto de beneficencia digno do maior apreço. A desventurada velhice de Francisco Xavier, que foi sempre um homem de bem e o companheiro dilecto do mestre da lingua que se chamou Latino Coelho, de todo o ponto merece a nossa simpathia e o nosso auxilio.

ARTE

Mozart no Conservatorio

Realisa-se no dia 13 a sessão consagrada ao grande classico

As Escolas de Musica e da Arte de Representar realisam no proximo dia 13, ás 14 horas, no salão nobre do Conservatorio, a primeira audição conjuncta do presente anno. E' consagrada a um dos classicos da musica do seculo XVIII: Mozart. Executar-se-hão apenas obras do grande creador do concerto, evocando as alumnas da Escola da Arte de Representar, em trajos Luiz XV, o celebre minuete da opera *D. João*, que será dançado segundo a marcação da illustre professora D. Encarnação Fernandes. A sr.ª D. Lydia Cutileiro (professor Augusto Machado) cantará a aria *Un'aura amorosa*, da opera *Cosi fan tutti*; os srs. Alberto Fernandes, Marcial Rodrigues, Herminio Nascimento, Armando Gomes e Julio Almada executarão o *Quintetto n.º 3* (em si bemol); D. Lydia Benard Guedes e D. Alda Felismina Gomes tocarão, em violino e piano, a *Sonata n.º 4*; os srs. Accacio Ramos de Faria, Armando Gomes, Marcial Rodrigues e Julio Almada interpretarão o celebre *Quartetto n.º 14*, para dois violinos, violeta e violoncello. As artistas alumnas da Escola da Arte de Representar que dançam o minueto do *D. João*, do Mozart, são as sr.as D. Luiza Lopes, D. Celeste Leitão, D. Iréne Neves e D. Isaura Silva, as duas primeiras em *travesti*. A indumentaria, rigoroso seculo XVIII, é do professor da Escola, sr. Manuel Castello Branco. As entradas são por convites dos directores das Escolas de Musica e da Arte de Representar.

Fallecimentos

D. Virginia Amelia de Sousa Barral

Falleceu, após longo soffrimento, esta bondosa senhora, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, da rua Anthero do Quental, 58, para o cemiterio oriental.

A' familia enlutada e em especial ao nosso collega de trabalho Alvaro Lima, sobrinho da extincta, os nossos sinceros pesames.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cantina escolar de S. Miguel

Para apresentação do relatorio de contas e eleição dos novos corpos gerentes, reune amanhã, ás 20 e meia horas, a assembleia geral.

EM TORNO DA SEPARAÇÃO

A morte das cultuaes

Os catholicos romanos da Graça voltam á posse da egreja

Quinze horas. Junto da egreja da Graça pequenos grupos aguardam o momento da entrega do templo á irmandade fabriqueira. O sol queima. As arvores, pouco desenvolvidas, quasi não dão sombra. Duas beatas, em cujos rostos transparece celestial regosijo, lançam olhares anciosos para as portadas da egreja que dentro em breve se vão abrir. A's janellas dos predios circumjacentes assomam, cheias de curiosidade, caras bonitas. Chegam alguns automoveis com irmãos do Senhor dos Passos. Outros devotos da da mesma imagem veem a pé. Surgem policias, sob o commando de um chefe...

A concorrencia vae gradualmente augmentando. Ha fidalgos de fresca e antiga data: o conde de Sampaio, o conde de Avilez, o conde de Villalva... O sr. commendador Carlos Teixeira Nunes está radiante. Surge o sr. Eduardo Perestrello. Não falta o sr. Facco Valentim, que tem enfarpelado gerações de ecclesiasticos. Jornalistas, photographos, sacristães, moços catholicos, membros das irmandades, dois ou trez sacerdotes rodeiam o sr. dr. Justino de Campos, administrador do primeiro bairro, que vem dar posse. O prior da Graça, que alcançou o seu logar n'um concurso ao qual concorreram vinte e um presbiteros, recorda o facto e diz que ha perto de dois annos que não punha alli o pé. Foi em 16 de junho de 1913 que a Oriental se installou na egreja, cuja interdicção se declarava a 26 do mesmo mez.

Não se encontra presente nenhum membro da cultual.

—Não teem coragem—diz uma voz.

—Arromba-se a porta—exclama um individuo mais apressado.

—A porta não—observa o prior—porque daria muito trabalho e ficaria deteriorada.

Trata-se de uma porta lateral que põe em communicação com o braço do transepto em que fica a capella dos Passos. O sr. Joaquim Nogueira, do corpo auxiliar de salvados, um rapaz delgado e lesto, sobe por uma escada de mão e parte á martelada, um dos losangos de vidro azul da janella que fica á direita da porta. N'um apice, eis aberta a janella e o sr. Nogueira arma um salto para o interior do edificio. O padre Luiz de Sousa, bombeiro voluntario, trepa por sua vez pela escada e ambos, ao cabo de uns cinco minutos, conseguem abrir de par em par a porta pelo lado de dentro. Não houve palmas, embora um suspiro de satisfação se soltasse de muitos labios.

O administrador dá ordem para que apenas entrem os irmãos. O sr. Aleixo, sacristão da Graça, rotundo como um conego de outras eras, a commoção transparecendo-lhe na bella faceira ecclesiastica escrupulosamente escanhoada, tira do bolso o inventario e dispõe-se a verificar se falta alguma coisa.

Abre-se uma porta interior e alguem exclama:

—Nunca encontrámos a nossa egreja tão fechada!

—Pois se ella estava sempre aberta!, replica uma dama de lunetas.

Nos degraus que conduzem ao altar-mór, o sr. Justino de Campos diz para o general Gonçalo Durão, juiz da irmandade do Santissimo:

—Podem v. ex.as verificar se falta alguma coisa...

—Ha de ser difficil, pondera serenamente o general.

—Não me parece, visto que ha um inventario...

Nó entretanto, um menino do côro empoleira-se no altar da Senhora das Dôres, ao mesmo passo que o sr. Aleixo lhe vae enumerando as joias da imagem:

—Na mão direita, um annel; na mão esquerda, outro annel; no peito, um broche; ao pescoço, um fio de oiro..

O menino do côro verifica que todas as joias se encontram sobre a imagem vestida de roxo e em que o rapazinho toca com mais semcerimonia do que um caixeiro de loja de alfaiateria n'um manequim de porta.

No vasto templo conversa-se alto, em grupos. Ha quem passeie como por sua casa. Descobre-se que no altar-mór não ha um palmo de cera.

—Sumiram-se duzentos kilos, diz, pezaroso, um irmão.

Sobre o altar assistem immoveis, indifferentes áquella invasão de pessoas que não occultam a curiosidade e o jubilo de que estão possuidas, Santo Ambrosio, de pluvial, mitra e baculo; Santo André, amarrado á sua cruz; Santa Marinha, empunhando a palma do martirio...

—Mas onde estão os resplendores?—pergunta-se, n'um tom afflictivo.

E o administrador do 1.º bairro tranquilisa:

—Não se afflijam. As pratas foram guardadas em tempo.

Não faltam resplendores a todas as imagens. Porventura não são de prata os que ficaram? E o orgão? Faltar-lhes-hão canudos? Quem sabe? O melhor era experimentar.

—Porque se não chama o Sampaio dos pianos, que móra aqui porto?—alvitra um devoto, a quem parece appetecer um pouco de musica.

Mas o sr. José Barcia promptifica-se do melhor grado a fazer a experiencia. Instantes depois, na ampla nave, reboam magestosamente os accordes de um himno sacro. Os que por ali andam com a familiaridade que dá a convivencia da côrte celestial, desfructada desde a infancia, concentram-se por momentos. Brilham lagrimas em alguns olhos...

As caixas das esmolas estão vazias. Os lampadarios apagados. O prior dirige-se á capella do Santissimo. N'um ciborio grande, de oiro ou prata dourada, abundam particulas muito brancas e uma hostia das que se costumam expôr á adoração dos fieis.

—Queimam-se!—observa um sacerdote que assiste á verificação.

O prior nota a falta d'uma pixide pequena. As ambulas dos santos oleos tambem não apparecem. Na sacristia abrem-se os gavetões dos magnificos arcazes. Diz-se que falta um calice. O administrador do primeiro bairro lembra que os cultualistas de S. Vicente se serviam de objectos da Graça. Talvez estejam nas mãos d'elles os que faltam e accrescenta:

—Mas tudo constará do auto...

O camarim do Senhor do Passos está fechado. Ninguem ainda se lembrou do Senhor. Encontra-se na casa forte da irmandade. Mas ha quem deseje visitar o camarim. Verifica-se que o grande vidro fosco, com emblemas da religião, através do qual se coava a luz sobre a imagem miraculosa, foi partido. Não se sabe como...

O sr. Aleixo prosegue, de inventario na mão, correndo a egreja. Não ha tempo de concluir. Fica o auto pera amanhã. Fala-se em fechaduras novas. Não vá succeder que os cultualistas se mettam ali de noite... Uma beata açodada, unctuosa, fazendo boquinha, pergunta ao prior, que é um homem desembaraçado e sem biocos:

—Já teremos amanhã a nossa rica missa? E a procissão? Podel-a-hemos fazer já este anno?

O prior elucida. Amanhã ainda não. A egreja está profanada e suja. E' preciso limpal-a e consagral-a de novo. Tudo se ha de fazer conforme o ritual. Tenham paciencia. Questão de poucos dias mais, muito poucos...

E um fidalgo para o sr. Nogueira, do corpo auxiliar de salvados:

—Oh Joaquim! Amanhã em S. Vicente, ein? A's trez horas. Talvez a escada e o martello sejam precisos...

E assim acabou, por uma linda tarde de primavera, a cultual da Graça, como amanhã acabará a de S. Vicente. Não virão ellas a resuscitar?

Avelino de Almeida

A questão do pão

Industriaes que reclamam—Presos enviados a juizo

A fim de tratarem da carestia da vida e deficiencia de farinha de trigo, reuniram hoje na séde da Federação Operaria, pelas 15 horas, os industriaes de padarias dos concelhos de Cintra, Leiria Marinha Grande, Barreiro, Cascaes, Loures, Setubal, Benavente, Alcochete, Aldegallega, Alvito, Santarem, Moita, Alpiarça, Certã, Sernache do Bomjardim, Mafra, Alcobaça, Cezimbra, Montemór-o-Novo, Torres Novas, Castello de Vide, Alemquer, Celorico da Beira e Evora.

Depois de largamente debatido o assumpto, os industriaes dirigiram-se ao ministerio das finanças, onde entregaram uma representação contra o imposto lançado sobre as farinhas existentes nas padarias em 5 do corrente mez.

Depois foram ao ministerio do fomento reclamar contra o facto de serem obrigados a fabricar pão com 80 0/0 de farinha de primeira qualidade, allegando que o preço d'essa farinha não permitte o seu emprego nos concelhos ruraes.

Como consequencia dos assaltos ás padarias effectuados nos ultimos dias foram hoje enviados para juizo os seguintes presos:

José dos Santos, o «Principe», morador na rua Thomaz Ribeiro, 5, 1.º, por ter tomado parte no da padaria da rua de S. Vicente á Guia, 14; Vicente de Carvalho, Alexandre Francisco da Silva, da rua do Valle Formoso de Baixo, 56, 1.º, e José Antonio ou Antonio Rodrigues, da mesma rua, pateo da Matinha, por assaltarem os vendedores ambulantes em Moscavide; Joaquim Rezende, o «Brazileiro» ou o «Russo», tambem conhecido pelo «Olho de vidro», por no Campo Grande incitar varios grupos a assaltar as padarias do sitio; Futuro d'Abreu, pintor, da rua dos Sapadores, 18, 4.º; Jayme Caduna, calceteiro, da rua de Santa Cruz ao Castello, 1, loja; Fausto Ferreira da Costa, polidor, da rua do Recolhimento, ao Castello, 68, 2.º; Ventura Resina, serralheiro, do Becco do Forno, 18, 1.º, ao Castello; Alberto Ferreira o «Marinheiro», maritimo, da rua de Santa Cruz ao Castello, 68, 4.º; Henrique da Saude, brochante, da rua do Espirito Santo, 15, 1.º, e João dos Santos, o «Faz Tudo», vendedor ambulante, da rua de Santa Cruz, 76, loja, que foram presos por terem assaltado as padarias da rua do Recolhimento ao Castello, 84 e rua do Chão da Feira, 9, que além de furtarem pão quebraram os vidros da porta e vitrine. Todos confessaram o crime de assalto e incitamento.

Tentando suicidar-se

ao vêr levar a esposa para o hospital

Como Maria da Conceição, casada com Felimiano Rodrigues, guarda de uma fabrica de adubos de Alcantara e moradores com os seus quatro filhos menores na rua do Livramento, 21, 1.º, fôsse atacada de doença suspeita, o subdelegado de saude do bairro deu ordem para que a mesma fosse removida immediatamente para o hospital de S. José.

Chamado para o effeito o civico 1478, este fez-se acompanhar d'um trem, e dispunha-se a cumprir as ordens do medico, quando o Felimiano, sabedor do caso, apparece em casa afflictissimo, chorando e lastimando a sua pouca sorte.

Varios visinhos que haviam comparecido tentaram em balde confortal-o. Vendo que as ordens do medico tinham que ser rigorosamente cumpridas, despediu-se da mulher, abraçando-a e beijando-a, bem como aos filhos, convulsamente e verdadeiramente allucinado abriu a gaveta da mesa de cabeceira, tirou de lá um revolver que apontou á cabeça, sendo salvo a tempo pelo policia que o desarmou, entregando-o aos cuidados dos amigos e levando a doente para o hospital, onde ficou internada.

Camisaria Pitta & C.ª

Seguiu hontem para Paris e Londres o sr. Domingos Gonçalves, socio da firma Pitta & C.ª

Mortos e feridos

n'um descarrilamento

MADRID, 11.—No descarrilamento d'um comboio perto de Pontevedra morreram 17 passageiros e ficaram 18 feridos. Entre os mortos figura o director d'uma companhia de zarzuela, Angolotti, o tenor Torregrosa, a esposa d'este e mais outros artistas. Os feridos foram trasladados para Orense, Vigo e Pontevedra.—(*Corresp.*)

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 10.—Communicação official de hoje ás 23 horas.

Na Belgica, bombardeamento de Nieuport-cidade, com canhões de 42. Entre o Lys e o canal de La Bassée o exercito inglez, apoiado pela nossa artilharia pesada, alcançou um successo importante: tomou de assalto a aldeia de Neuve Chapelle, a leste da estrada de Estaires a La Bassée, progrediu a nordeste d'esta aldeia na direcção de Antuerpia e a sudoeste na direcção do bosque de Biez, fez um milhar de prisioneiros, entre os quaes alguns officiaes, e tomou algumas metralhadoras. As perdas allemãs foram muito elevadas. Na Champagne o inimigo contra-atacou violentamente por diversas vezes na noite de 9 para 10 e e no dia 10, mas não ganhou uma pollegada de terreno. Consolidámos e alargámos as nossas posições nos cumes de que apoderámos, infligindo aos assaltantes perdas muito importantes. Nos altos do Mosa a nossa artilharia demoliu completamente um certo numero de trincheiras inimigas. No resto da linha nada a assignalar.—(*Havas*).

O novo governo balkanico e a neutralidade

ATHENAS, 10.—Os ministros prestaram juramento. A declaração ministerial communicada á imprensa diz que a Grecia, depois de guerras victoriosas e imperiosas, tinha necessidade de paz. A neutralidade impunha-se-lhe, mas tem de cumprir as obrigações da alliança e de proseguir na satisfação dos seus interesses, sem todavia arriscar ou compromettar a integridade territorial.—(*Havas*).

A Inglaterra e o fabrico de munições

LONDRES, 11.—O sr. Lloyd George desenvolve na Camara dos Communs o projecto que confere ao Estado a fiscalisação sobre todas as fabricas que possuem apparelhos que permittem a fabricação de material e munições de guerra.

Os proprietarios das fabricas receberão indemnisações.—(*Havas*).

Mais um submarino no fundo

LONDRES, 11.—O almirantado annuncia que foi o submarino «U 12» e não o «U 20» que foi mettido no fundo pelo «Ariel». De 28 homens da tripulação salvaram-se 8 que se renderam.—(*Havas*).

Os voluntarios italianos desobrigados

PARIS, 10.—Tendo o governo italiano chamado algumas classes de reservistas, o ministro da guerra francez decidiu desobrigar dos seus compromissos os voluntarios italianos que servem na legião estrangeira se assim desejarem.—(*Havas*).

Navio inglez no Tejo

Entrou hoje no Tejo a canhoneira-torpedeira ingleza *Harrier*, que vem abastecer-se de carvão. Foi a seu bordo um official do *Douro*, sendo os cumprimentos immediatamente retribuidos.

A *Harrier* deve ainda hoje ou ámanhã de manhã cedo levantar ferro.

Roubo nas encommendas postaes

Audaciosos gatunos roubam relogios no valor de 400 a 500 escudos

Hoje, de manhã, das quatro e meia para as cinco horas, o servente Costa, das encommendas postaes, ao passar pela arcada do Terreiro do Paço, lado oriental, ficou estupefacto ao ver-lhe cahir aos pés um individuo que descia a toda a pressa da varanda do andar nobre, deixando-se escorregar pelo cano de ferro da communicação do gaz que sóbe pela 6.ª columna antes da porta larga d'essa repartição, que o Costa ia abrir.

Era noite ainda, e o Costa, atarantado, em vez de deitar a mão ao madrugador visitante da arcada do Terreiro do Paço, deixa-o fugir para ir em busca do seu collega o praticante da mesma repartição sr. Affialo, que juntamente com o Costa, e não sabendo do que se tratava, resolveu chamar a policia, que breve compareceu, subindo todos ao primeiro andar onde se encontra a repartição das encommendas postaes. Feita uma busca rigorosa, verificou-se que um gatuno, bastante audacioso por signal, mas percebendo muito pouco do seu officio, arrombara a gaveta da ferramenta do mechanico Frederico Augusto Garizo e com um formão fôra depois arrombar duas gavetas onde estavam, n'uma, uma porção de dinheiro em cobre, e n'outra, caixas com relogios, dos quaes só quatro appareceram abertas.

Pela maneira como foram feitos os arrombamentos, vê-se que o gatuno tem pouca pratica. Ou por falta de tempo ou por qualquer outro motivo desconhecido o gatuno deixou ainda n'uma das caixas 42 relogios e bastante dinheiro em cobre espalhado sobre a mesa, não tendo mexido n'outras gavetas onde havia objectos de valor.

Sabe-se que os gatunos eram dois, visto haver um homem do Barreiro que viu um individuo lançar da sacada para a rua a um outro um sacco.

Como entraram os gatunos ou o gatuno na repartição das encommendas postaes? Tudo leva a crer que um d'elles tivesse passado lá a noite, visto que a repartição e suas dependencias são enormes casarões onde se vêem rimas de gigas que servem para o transporte de encommendas e n'uma das quaes o larapio se poderia ter escondido. Fosse como fosse, o que é certo é que o até agora desconhecido gatuno, estava lá dentro e de lá sahiu pelas 4,30' da manhã. Procedendo a averiguações encontram-se os agentes Tavares e Cunha ajudados por varios guardas da judiciaria. Os gatunos levaram cerca de duzentos relogios de aço, calculando-se o valor do roubo em 400 a 500 escudos.

A's portas do Congresso

apparecem hoje os membros da sua commissão administrativa

Mas o cabo da guarda não os deixa entrar

Esta tarde, por volta das 16 horas, appareceram junto ao edificio do Congresso os srs. general Correia Barreto, presidente do Senado, Daniel Rodrigues, senador, dr. Manuel Monteiro, presidente da Camara, dr. Balthasar Teixeira, 1.º secretario, e Augusto José Vieira, deputado. Pretendiam entrar. O cabo da guarda, sr. Amaro dos Santos, perfilou-se á distancia que os regulamentos marcam para a continencia aos generaes, empallideceu um pouco pelo inesperado da visita e respondeu que as ordens só permittiam a entrada aos funccionarios do Congresso. Tinham-lhe sido transmittidas pelo cabo anterior, no acto da rendição da guarda. Para tirar o seu espirito de duvidas, porém, ia telephonar para o quartel do Carmo, a ver se lhe seriam communicadas novas instrucções. Assim fez. Minutos depois, voltava dizendo que as ordens eram as mesmas. Não podiam entrar os deputados e senadores; mas que o desculpassem, porque apenas cumpria o seu dever. E assim era, de facto. Os cinco membros do Congresso retiraram-se e d'ahi a pouco comparecia no largo das Côrtes uma força de infantaria da guarda republicana, sob o commando do sr. alferes Cabeçadas, e outra de cavallaria da mesma guarda, commandada por um cabo. Como a sua presença não fosse necessaria, regressaram ao quartel meia hora depois.

O que nos diz o sr. dr. Manuel Monteiro

A noticia do episodio correu immediatamente pela cidade, avultada por cada pessoa que a transmittia ao primeiro conhecido. A's 18 horas disseram-nos que mais de 50 deputados e senadores tinham pretendido entrar á viva força no edificio do Congresso, oppondo energica resistencia ás ordens da guarda; que já tinham sido presos bastantes e que havia quatro ou cinco feridos...

O que se passou foi o que acima fica relatado. O que os membros do Congresso iam lá fazer diz-nos o sr. Manuel Monteiro, presidente da Camara, por estas palavras:

—Ha alguns dias que a commissão administrativa do Congresso tinha resolvido effectuar uma reunião para tratar de assumptos urgentes, entre os quaes o da melhoria de vencimentos ao pessoal menor do Congresso, de harmonia com uma proposta votada na anterior sessão legislativa. Tinha-se reconhecido que os vencimentos de todos os funccionarios deviam ser augmentados, mas, como a verba de que se dispunha não chegava para tanto, resolveu-se beneficiar immediatamente o pessoal menor, que é o que se encontra em peores condições e que todos os annos costumava beneficiar d'uma gratificação votada pelo parlamento. Essa resolução foi tomada por virtude d'uma proposta apresentada na Camara pelo sr. dr. Balthazar Teixeira e approvada com um additamento do sr. dr. Affonso Costa.

«Já sabe que não pudemos reunir no Congresso. O governo não consente sequer que ali tenham entrada os membros da commissão administrativa, para se occuparem de assumptos urgentes e relacionados com a vida economica do Congresso. Reuniremos n'outra parte, como é nosso dever.

Balanço diario

Era de esperar e para espantar é que não tenha acontecido ha mais tempo. Hoje de tarde, n'aquelle perigosissimo pedaço de rua que fica entre as Arcadas do Interior e do Fomento, foi atropellado um homem que só por milagre escapou de ficar feito em pedaços. A ratoeira que os electricos ali armam ao transeunte pacifico começou, pois, a funccionar. Mas poderá ella continuar armada? Não pode. Como arredal-a? Fazendo com que os electricos tenham paragem obrigatoria a uma dezena de metros, d'um lado e d'outro, d'aquelle ponto perigosissimo. Querem a Companhia dos Electricos e a policia prestar esse grande serviço ao publico? Toda a gente o estimaria...

Governador de S. Thomé

O governo vê-se a ferros para preencher varios logares publicos que teem vagado nos ultimos tempos. Para cada emprego que apparece, os pretendentes são em chusma. Com os governos das provincias ultramarinas dá-se outro tanto. Assim para S. Thomé, não faltam concorrentes, parecendo, entretanto, que todos serão levados de vencida pelo sr. Carlos Pereira, 2.º tenente da marinha, que já governou a Guiné. Um dos competidores do sr. Carlos Pereira é o sr. Paula Cid, official superior da armada.

A crise

Effectivamente, appareceram hoje no *Diario do Governo* os decretos nomeando ministro dos negocios estrangeiros o sr. Teophilo da Trindade, que é tambem demittido de ministro das colonias; o sr. Rodrigues Monteiro, ministro das finanças, e o sr. Teixeira Guimarães ministro das colonias. O sr. Rodrigues Monteiro é tambem demittido de ministro dos estrangeiros.

O assucar

Os srs. ministros das colonias e das finanças avistaram-se hoje com o sr. ministro do fomento, com quem estiveram tratando da questão do assucar. A' conferencia assistiram representantes da casa Ormeig e da Companhia Mercantil.

Ministros e ministerios

O conselho de ministros, como de costume, reuniu esta tarde no ministerio do interior. Segundo a nota officiosa, occupou-se apenas de assumptos da administração publica. O sr. dr. Antonio José de Almeida conferenciou com o sr. ministro do fomento.

Classes trabalhadoras

A Associação Commercial chama para ellas a attenção do governo

A direcção da Associação Commercial, reunida hoje, deliberou chamar a attenção do governo para a situação das classes trabalhadoras que, por não terem onde empregar a sua actividade, se vêem a braços com a miseria. Resolveu-se pedir providencias ao governo e promover, entre o commercio da capital, o angariamento de recursos que habilitem a Associação a distribuir soccorros ás pessoas mais necessitadas. Para essa cruzada humanitaria, a Associação contribue, do seu cofre, com um conto de réis. Ficou nomeada uma commissão para se occupar d'este assumpto, e já ha donativos importantes, como o de 5 toneladas de melaço de assucar, offerecidas pela Companhia do Dombe Grande.

Situação politica

O sr. dr. Bernardino Machado realisa no domingo, ás 15 horas, uma conferencia sobre a situação actual na Associação dos Catraeiros, e outra sobre o mesmo assumpto, ás 21 horas, na segunda-feira, no Centro de que é patrono, em Alcantara.

Esta noite reune o Directorio do Partido Republicano Portuguez para se occupar principalmente do proximo Congresso extraordinario do partido.

EM SANTA CLARA

O 27 de abril

A sentença será proferida ámanhã

A audiencia de hoje começa pelo depoimento do 2.º tenente da armada sr. Arthur José da Conceição Santos, que estava de serviço de retem a bordo do *S. Gabriel* na noite de 26 para 27 de abril. Nada tendo visto d'anormal, foi deitar-se, acordando sobresaltado aos som dos tiros. Subindo para o convez, encontrou ali já parte da guarnição, em alvoroço. Comparecendo o official tambem de serviço tenente sr. Teixeira Diniz, mandaram deitar as praças. Nenhuma d'ellas desobedeceu. O contra-mestre appareceu d'ahi a pouco, dizendo que tinha sido fechado no beliche e o sr. Teixeira Diniz declarou aos dois que n'uma das peças se via ainda uma carga.

O 2.º tenente da armada sr. Antonio Maria, em serviço no cruzador *Vasco da Gama*, na noite dos acontecimentos, nada sabe do que se passou a bordo, ignorando que tenham sido feito signaes. Sabe apenas que o marinheiro Manuel Rodrigues tem ideias avançadas, mas sempre foi uma praça respeitadora e disciplinada.

O cabo da armada Joaquim Antonio Leandro que estava dormindo e accordou ao som dos tiros viu, ao chegar ao convez o barco ás escuras e dois vultos á porta do beliche do mestre Trigueiros. Ouviu dizer n'essa occasião: *carrega a peça e fogo por estibordo*. Não reconheceu os vultos nem sabe quem deu aquellas ordens. O Pantaleão avisou-o de que os paisanos queriam assaltar o *Vasco da Gama*, sabendo tambem n'essa occasião que se tratava de um movimento *sindicalista*. Levanta-se um ligeiro incidente entre o sr. dr. Borges de Alpoim e o promotor da justiça, fazendo-se varios requerimentos de parte a parte, sendo o do sr. dr. Borges Alpoim indeferido.

O 1.º cabo da armada Antonio Maria dos Santos Queimado, signaleiro a bordo do *Berrio*, diz ter visto signaes do *S. Gabriel* para o *Almirante Reis* e que d'este fizeram signaes de *avante*. O Calaça dissera-lhe que estivesse attento aos signaes porque se esperava n'essa noite um movimento. Não fez caso, por n'essa occasião fervilharem os boatos.

Antonio dos Santos Ferreira, 2.º sargento contramestre da armada e ao tempo cabo no *Vasco da Gama*, sabe apenas que o signaleiro que esteve a bordo era mal visto pelas suas ideias avançadas mas respeitador e disciplinador. Cabo dispenseiro David Francisco, que estava em casa de licença só refere o que ouviu dizer.

Eugenio Mendes Catraio não comparece. Antonio José Valle, alfaiate, estava no largo do Camões na noite do movimento quando ouviu 3 tiros de peça e a correr um marinheiro. Desconfiando do caso elle e outros prenderam-no por suspeita. O marinheiro era Antonio Jacintho. Tambem viram que o o marinheiro andava um tanto embriagado e que falava com um individuo que fazia signaes para os outros navios. N'esta altura o sr. dr. Borges de Alpoim requer para que seja ouvida uma testemunha que está presente e cujo nome está errado. Esse nome, porém, é egual a um official. Verifica-se que no processo existem faltas. O sr. promotor de justiça dispensa os seus depoimentos sendo em seguida a audiencia suspensa por 20 minutos.

Reaberta a audiencia foram lidos os depoimentos das testemunhas de accusação que faltaram. Os advogados de defesa prescindiram de todas as testemunhas, iniciando-se logo os debates.

A sentença só será proferida ámanhã.

A questão das subsistencias

A Associação Commercial aprecia-a e diz que os governos não são culpados do seu aggravamento

Esta tarde reuniu a direcção da Associação Commercial, occupando-se da carestia dos generos alimenticios. O presidente referiu-se á nota do governador civil do Porto, sobre a questão das subsistencias. Disse que não era exacta. A commissão a que pertencera colaborára dedicadamente com o governo, tanto pelo que respeita ao commercio de exportação como ao de importação. Todos os ministros do fomento, por sua vez, cuidaram do assumpto com a maxima dedicação, succedendo outro tanto com os funccionarios que tiveram de intervir na questão dos generos alimenticios.

Por sua vez, o vice-presidente confirmou as palavras do presidente e accentuou que da parte da Associação Commercial houve sempre a melhor boa vontade para que as questões referentes á alimentação publica e á economia nacional fossem resolvidas o melhor possivel.

O extraordinario concerto Blanch de domingo

E' sem duvida dos mais notaveis concertos de toda a temporada o que se realisa no proximo domingo em S. Carlos. E' a festa dos professores da Orchestra Simphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch e na qual toma parte o eximio pianista João Queriol, que executa pela primeira vez em Lisboa o extraordinario «Concerto em mi bemol», de Liszt, com acompanhamento de orchestra, o qual tem cinco admiraveis andamentos e que só os grandes pianistas executam. Pela unica vez n'esta epocha a orchestra executa o celebre «Septimino», de Beethoven, que foi o maior sucesso da ultima temporada, e que é tocado por todos os professores dos respectivos naipes da orchestra. Pela primeira e unica vez executam-se a «ouverture» «Egmont», de Beethoven, o admiravel poema simphonico «Phaeton», de Saint-Saens, e a famosa e brilhantissima «ouverture» do «Guilherme Tell», que pela magnifica orchestra Blanch deve produzir um extraordinario effeito e colossal sucesso.

O concerto de domingo no Politheama

Tudo indica que o proximo concerto de David de Sousa terá uma concorrencia excepcional.

Não só á «Simphonia Phantastica», de Berlioz, pela primeira vez executada em Lisboa, levará publico ao Politheama. Beethoven, Glazounow, Schumann, Wagner e João Passos teem no programma bellas composições, que a bella orchestra de David de Sousa interpretará com a sua tradicional perfeição.

SPORT

A guerra não destroe a sua fama de valentes

Todos dizem por ahi: os turcos são «tambores n'uma festa». *Ora é preciso não levar muito longe a imaginação e não se pensar que os turcos são cobardes ou fracos. Nada d'isso. Individualmente são dos homens mais fortes do mundo. Como luctadores nunca tiveram melhor.*

Assim como Bordeus tem dado os luctadores mais artisticos, os homens que, pela sua fina arte, enthusiasmam como nenhuns outros, a Turquia tem sido a patria dos luctadores formidaveis, dos athletas que vencem pela força bruta e pela impetuosidade feroz. A Turquia tem dado ao ring *os homens mais temidos, alguns d'elles invenciveis, como Youssouf, de quem temos falado algumas vezes nas nossas anecdotas. Turcos foram e são Mahmout Kara-Ahmed, Kara Osman, Madrali, Nourlah. Ora d'esse paiz teem vindo taes campeões porque a lucta é ali cultivada em larga escala.*

O povo turco foi sempre um amante dos exercicios guerreiros. Não ha nenhum europeu que tenha visitado Stambul que não conheça, na margem septentrional da «Corne d'Or», *o* «Ok-meidan» *(terreno de tiro ao arco) com as suas numerosas columnas da victoria, onde, não ha mais de 8 annos, os* «Beys» *e* «Effendis» *da cidade de Osman ainda iam medir-se com arco e flechas. Mas hoje—epocha das armas modernas—o arco e as flechas, assim como o* «busdugan» *que pendia da sella dos cavalleiros das steppes turcomanas, servem apenas para adorno de panoplias, e só resta, com todo o ardor da alma oriental, o amor pela lucta corpo a corpo.*

Depois da morte do sultão Abdul-Assiz, que foi grande enthusiasta da lucta, prohibiu-se a profissão de luctador. E a lucta tornou-se um espectaculo raro, a que apenas se assistia nos dias de festa. Quando o principe imperial da Allemanha, o hoje celeberrimo kronprinz, fez a sua vigem ao Oriente, ha 5 annos, foram apresentados luctadores turcos, a instigações do archeologo dr. Wiegand, no theatro antigo de Milet.

A vestimenta dos luctadores turcos consiste n'um solido calção de coiro, o «kisvelte», *muitas vezes bordado de branco, e muito justo na cinta e nos joelhos. O corpo e a cabeça são untados com oleo, e o cabello é rapado á navalha. A musica dos estranhos e estridentes instrumentos turcos conserva o publico n'uma excitação extraordinaria.*

De todas as formas de luctar, é a turca a que mais se approxima da lucta dos gregos e dos romanos. Cada combate é precedido de um curto ceremonial, uma especie de introducção, chamado «peckrew». *Os dois adversarios collocam-se lado a lado, o busto curvado para deante, e a cabeça inclinada e, durante alguns instantes, tomam uma altitude grave, como estando em oração. Em seguida, ou um velho luctador ou o decano da aldeia ou logar onde a lucta se realisa colloca-se por detraz dos dois homens, apoia as duas mãos nos hombros d'elles e diz uma oração pedindo a Allah e a Hamsa—o orago da lucta—que dê coragem e prudencia aos dois contendores.*

E o combate começa.

***

Nota do dia

A grande festa de domingo no «Stadium»

Nunca se effectuou em Portugal uma festa de motociclismo tão importante como a que está annunciada para o proximo domingo!

Nunca se se viu em Portugal uma motocicleta tão forte como aquella que Manuel dos Santos Neves vae pilotar no proximo domingo!

Nunca se viu em Lisboa uma festa de beneficencia organisada com tantos attractivos como a do proximo domingo, na reabertura do Velodromo!

Nunca se viu em toda a peninsula um espectaculo que reunisse, na mesma corrida e disputando os mesmos premios, 18 motociclistas!

Nunca se viu na mesma corrida tanta machina de força superior a 6 H. P. com as quaes se podem attingir velocidades superiores a 100 kilometros á hora!

Perante estas affirmações, garantimos o exito da festa, que se effectuará ás 3 e meia da tarde, já com o Stadium modificado na sua parte material. O producto reverte a favor da subscripção para o «Cigarro do soldado».

A inscripção para as corridas fecha definitivamente hoje, á noite, ás 10 horas, na séde da União Velocipedica Portugueza.

Os organisadores, que teem sido incançaveis, obtiveram valiosos premios para os corredores, offerecidos por *sportsmen*, casas de bicicletas e motocicletas. Os preços de entrada são resumidissimos e foram estabelecidos de maneira que a grande massa do publico possa assistir a um espectaculo brilhante e imponente, no mais vasto e mais bello recinto de *sport* que tem Portugal.

Alguma anecdotas

Mais brutos e mais ferozes que as feras...

Na America combateram-se, ha tres annos os dois jogadores de socco Jim Barry e Sandy Fergusson. Damos as notas do combate em estilo telegraphico tal como as enviou ao seu jornal um correspondente e que teem um excellente sabor anecdotico.

Primeiro round: *Fergy estende a mão direita a Jimmy e, d'um socco balançado á esquerda, atira-o sobre as cordas. Ha gritos, protestos do publico, tiros de revólver e o sherifi no ring. Barry responde com tres violentos murros. O simpathico antagonista nem a cara contrae. O espectaculo decorre normal.*

Segundo round: *Tudo corre com regularidade.*

Terceiro round: *Fergusson dá uma patada nos pés de Barry, esmagando-lhe um dedo. Barry dá-lhe um socco na arcada supraciliar direita que abre a pelle e fecha-lhe o olho direito para o resto do combate.*

Quarto round: *Fergusson procura dar soccos na linha-baixa.*

Quinto round: *Os dois combatentes dão bofetadas. O publico está exaltado.*

Sexto round: *Fergusson morde Barry duas vezes na orelha direita. A agitação entre os espectadores é enorme.*

Setimo round: *Acalmam um pouco.*

Oitavo round: *Fergy sangra muito.*

Nono round: *Barry está desesperado e ataca Fergusson com violencia.*

Decimo round: *Fergusson quer fazer brutalidades, mas o time salva o adversario.*

Decimo primeiro round: *Fergy está horroroso á vista. A cara está lavada em sangue. Tem tres dentes a menos. Atira Jim Barry contra as cordas e quer, segurando-o por baixo dos braços, atiral-o para cima do publico. Durante este intervallo, Barry arruina-lhe o outro olho.*

Decimo segundo round: *Fergy está cançado.*

Decimo terceiro round: *Fergusson mal póde atacar Jim Barry, porque não ve. Tem os olhos fechados.*

Decimo quarto round: *Os segundos de Fergusson atiram a esponja para o* ring. *O publico sahe, commentando a batalha e dizendo que os pugilistas eram peores do que feras.*

—E devemos dizer—conta o reporter *do* New Orleans Bee, *que este Jim Barry é um bom rapaz, bem educado e de temperamento tranquillo!*

Noticias

Entre nós

O campeonato de pesos

São seis os exercicios classicos de pesos e alteres que vão servir de base no proximo campeonato nacional, organisado pelo benemerito Gimnasio Club Portuguez, com a cooperação da imprensa diaria lisbonense. E' possivel que sejam os seguintes: «developé», «arraché» e «jeté» com 2 braços, «arraché» direito e esquerdo e «developé», n'um braço.

O torneio realisar-se-ha em fins do mez d'abril, havendo o proposito de convidar pera a arbitragem os srs. Manuel Egreja e Cesar de Mello.

Festas na Amadora

O sarau que se effectua na noite do proximo sabado, no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, tem um bello programma, que foi organisado pelo sr. Eduardo Moreira. E' ainda este senhor que dirigirá o baile que se segue ao sarau.

Para o proximo mez, a Amadora projecta a realisação d'um excellente torneio de esgrima de espada, no qual será disputada uma artistica «Taça» para a sala d'armas do vencedor e uma medalha d'ouro para o campeão.

Foot-ball Club

Reune hoje, pelas 21 horas, na séde d'este Culb, em segunda convocação, a assembleia geral, para eleição de cargos vagos.

Tiro aos pombos no Porto

O Club de Tiro do Porto, que é o antigo Elite Sport Club, realisa no seu Stand do Calvario o oitavo campeonato de Tiro aos Pombos nos dias 20 e 21 d'este mez. O programma é o seguinte: Dia 20, ás 10 horas precisas, tiro de ensaio, em 1 pombo, com handicap; inscripção 1$00. 1.º premio, 40 0|0 das inscripções; 2.º premio, 25 0|0; 3.º premio, 15 0|0. Tiro em 7 pombos, a 27 metros, inscripção 5$00; disputa da Taça Elite; 1.º premio, 40 0|0 das inscripções e detenção da Taça, 2.º premio 25 0|0, 3.º premio 15 0|0.

Os antigos detentores d'esta Taça são os srs. Henrique Marinho, 1906; Antonio Brandão de Mello, 1907-1909; Visconde de Reguengo, 1908; Aurelio Martins, 1911-1912; Adelino Correia, 1913; dr. Antunes Guimarães, 1914.

Dia 21, ás 10 horas precisas: campeonato, em 20 pombos, 5 a 25 metros, 5 a 27 metros, 5 a 26 metros, 5 a 28 metros. A inscripção é de 10$00. Os premios são: 1.º, 100$00, detenção da Taça Campeonato e medalha de ouro; 2.º, 60$00 e medalha de prata; 3.º, 50$00 e medalha de prata; 4.º, 40$00 e medalha de prata; 5.º, 30$00 e medalha de prata. Serão conferidos outros premios artisticos offerecidos por sociedades congeneres, socios do Club e particulares.

São detentores da Taça Campeonato os srs. Baptista de Sá, 1908; dr. Elisio de Castro, 1909; dr. Frederico da Costa Pinto, 1910; Pedro Brandão de Mello, 1911-1912; Cyril Wrigt, 1913; dr. Antunes Guimarães, 1914.

Será adoptado o regulamento d'este Club. Os desempates serão de 25 a 30 metros. As eliminações com direito a nova chamada serão de 2 pombos errados no tiro da Taça Elite e 5 no Campeonato. Havera licitação nas espingardas, com 80 0|0 para o arrematante. Os atiradores, ao inscreverem-se, o que pode ser desde já, indicarão, por escripto, além do seu nome, o auctor e calibre das suas armas e respectivas polvoras.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

2483....... 12:000$
6781...... 1:000$

1379	500$	4280	100$
1652	200$	4327	100$
1758	200$	4595	100$
3309	200$	4749	100$
7391	200$	5020	100$
775	100$	5576	100$
839	100$	5849	100$
851	100$	5901	100$
1525	100$	6270	100$
1534	100$	6456	100$
2068	100$	6795	100$
2138	100$	7387	100$
3036	100$	7492	100$
3082	100$	7598	100$
4030	100$		

Almanak-annuario de Trancoso

O nosso collega da «Folha de Trancoso» sr. Henrique Faria Bravo lembrou-se—e muito bem em nosso entender—de editar um almanach que, além das indicações geraes que costumam trazer as publicações do tal genero, tratasse exclusivamente da terra onde sahia. E o «Almanach-annuario de Trancoso» apresenta uma monographia muito desenvolvida da villa, trazendo tambem bastas illustrações. E' uma tentativa digna de registo e de louvor.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — Não ha espectaculo.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21 — Um diabrete.

TRINDADE — A's 20,30 e 22,30 — Verdades e mentiras — Revista.

GIMNASIO — A's 21 — Commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45 — Ceu azul.

EDEN THEATRO — Não ha espectaculo.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Aguia Negra.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia equestre.

Agenda da semana

SABBADO — Eden Theatro — Estreia da companhia italiana de opera lirica.

Ao correr da penna

Ao que parece, está no espirito da sociedade artistica do Gimnasio realisar uma homenagem á memoria de Gervasio Lobato, em vista do grande exito obtido pela reprise *do* Commissario de policia.

E' de toda a justiça que assim se faça. Gervasio, além de marcar na nossa litteratura dramatica uma epoca, foi, durante toda a sua vida um grande luctador, d'uma producção fecunda, e até ao seu ultimo momento esteve sempre, sem descançar, na primeira fila de combate. Teve os seus detractores e é curioso reler o que certos critiquelhos do seu tempo, atordoados pela sua fecundidade e pelo seu exito, escreviam a seu proposito. Não faltaram a Gervasio as compensações e as que lhe proveem do remonte das suas peças e do successo que ellas obteem, por serem posthumas, não satisfazem menos os que estimam a sua memoria e desejam vêl-a sempre bafejada pelas homenagens a que tem direito.

Se a sociedade artistica do Gimnasio póde cumprir o seu proposito, a elle nos associaremos com enthusiasmo, pois com ella se honrarão, a par da memoria do Mestre, os comediantes que a promoverem.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Na *reprise* do *Fado e maxixe* os cançonetistas Geraldos cantarão os ultimos successos populares brasileiros. A peça deve subir á scena na semana proxima.

● Mergulhão concluiu o scenario da comedia em 3 actos *4028—Lx.*, que subirá á scena no Gimnasio, quando se exgote o exito do *Commissario de policia.*

● Os principaes papeis do *Fado*, de Bento Mantua, que se representa no S. Carlos na festa de Henrique Alves, são desempenhados por este artista e Emilia de Oliveira.

● A companhia do Avenida deve ir ao Porto representar as revistas *Ceu azul* e *A B C.*

No estrangeiro

Reabriu em Paris o Grand Guignol.

● No Odéon vae fazer-se *reprise* da *Vida bohemia*, de Barrieu e Murger.

● O desenhador Roubille compoz e desenhou uma revista em sombras chinezas intitulada *O crepusculo teutão.*

Circos & Music-halls

Novos artistas portuguezes

Vimos hoje um novo trabalho de dois portuguezes, que ambicionam seguir a vida profissional. E' um trabalho chamado pelos circos «exercicios olimpicos» *ou forças combinadas», que já em Lisboa se tem visto com differentes combinações, todas baseadas em pinos n'um braço e com dois, em equilibrios de cabeça e elevações, em pino, d'um volante.*

Agradou-nos a serie de exercicios, não porque representassem novidade mas porque foram correctamente executados e todos «em força». Falta-lhes a apresentação mais cuidada e a linha elegante do gimnasta, que apenas se consegue com a muita pratica do profissionalismo. Mas... não resta duvida que é mais um numero portuguez e de valor.

Noticias

Entre nós

No Coliseu dos Recreios effectua-se hoje um brilhante espectaculo com numeros escolhidos a capricho entre os muitos que possue a brilhante companhia do Cirque Royal de Bruxellas.

—No elegante Olimpia continúa em pleno successo o *film* Familia Negra.

—O Coliseu de Lisboa exibe, na proxima segunda feira, o primeiro *film* de assumptos da guerra europeia.

—Por causa do sarau e baile que se effectua no proximo sabbado no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, apenas ha espectaculo cinematographico no domingo no Cinema da localidade.

—No espectaculo de hontem, no Coliseu dos Recreios, os gimnastas portuguezes Carlos Martyres e Manuel Correia effectuaram um brilhante numero de *vôos*, conseguindo com extrema facilidade o «mortal» para os dois triangulos e só para um triangulo! Hoje promettem effectuar os mesmos.

—Fala-se muito nos meios theatraes do novo genero que será explorado n'um dos nossos melhores theatros, a *kinema-operetta*, á qual fará, forçosamente grande successo, pois que é pura novidade para o publico lisboeta, sempre avido de sensações novas e de espectaculos artisticos e aprazíveis.

RUA DOS CONDES — A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA — A's 20 — Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS — Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella) — A's 21 e 22,30 — O sonho domosquito.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Coop. de Consumo Pedronense

Reuniu hoje, continuando ámanhã, a assembleia geral na sua séde, rua do Bom Successo, 80, para discussão do relatorio e contas e do regulamento da caixa de auxilio.

União dos Sindicatos Operarios

Reune ámanhã, ás 20 horas, a assembleia de delegados para ultimação de trabalhos sobre o comicio a realisar no proximo domingo.

Hoje, ás 21 horas, reune a commissão administrativa.

Sindicato Ferro-viario

Para assumptos de administração e apreciação d'uma circular da União Nacional Operaria, reune ámanhã, ás 20 horas, a assembleia geral.

Commissão Parochial d'Ajuda

Para resolver sobre um assumpto urgente, reunem ámanhã, ás 21 horas, os vogaes effectivos e substitutos.

Emp. Men. do Commercio e Industria

Para eleição dos corpos gerentes e apresentação do relatorio e contas da direcção, reune a assembleia geral hoje, ás 21 horas.

Companhia de Seguros Commercio e Industria

O saldo da gerencia do anno findo foi na importancia de 10.495$73, a que foi dada a seguinte applicação: para fundo de reserva, 2.583$62,5; para fundo de reserva prejuizos eventuaes, 524$78,5; depreciação de moveis e utensilios, 219$76; dividendo de 10 %, 5.000$00; para as disposições dos artigos 21.º e 32.º, 559$77; saldo para conta nova, 1.607$79.

Caixeiros de Lisboa

Reune a assembleia geral no domingo, ás 13 horas, para apreciar o pedido de demissão da direcção e resolver sobre elle, eleger a nova direcção no caso de ser acceite o pedido da actual e nomear a commissão de propaganda.

A provincia n'A CAPITAL

PRAGAL (ALMADA), 10.—Devido a não terem chegado a tempo as arvores, a festa que estava annunciada para o dia 7 ficou transferida para o proximo domingo, 14, bem como a sessão solemne para a qual estão convidados distinctos oradores de Lisboa, entre elles o capitão tenente sr. Leotte do Rego e o sr. João Machado Toledo.

Realisa-se no fim da sessão um luzido cortejo que percorrerá diversas ruas d'esta linda localidade, em direcção ao largo dos Moinhos, onde se realisará a plantação, no fim da qual será offerecido um esmerado lanche a todas as creanças que tomarem parte na festa assim como será offerecido um copo d'agua aos oradores e representantes da imprensa de Lisboa, por uma commissão de gentis meninas d'esta terra, sob a presidencia da sr.ª D. Ermelinda do Rosario. Abrilhanta a festa a philarmonica da Sociedade Piedense.

Companhia de Seguros "O Futuro,,

Para todos os effeitos legaes se publica que por escriptura de 8 de março do corrente anno, outhorgada perante o notario signatario, José Peres de Noronha Galvão, se constituiu uma sociedade anonima de responsabilidade limitada com a denominação de **Companhia de Seguros «O Futuro»** que tem a sua séde n'esta cidade de Lisboa, e cujos estatutos são os seguintes:

CAPITULO I

Constituição, denominação, séde, objecto e duração

Artigo 1.º—Em harmonia com o decreto de 21 de outubro de 1907 e mais legislação applicavel, é constituida uma sociedade commercial anonima de responsabilidade limitada, que se regulará pelas disposições legaes nos termos dos presentes estatutos.

Art. 2.º—A sociedade adopta para todos os seus actos e contractos a denominação de *Companhia de Seguros «O Futuro»*, sociedade anonima de responsabilidade limitada, tem a sua séde em Lisboa e poderá ter delegações e agencias onde convier aos seus interesses.

Art. 3.º—Constituem objecto exclusivo da Companhia:

1.º—Effectuar seguros contra o risco de incendio, de transportes terrestes e maritimos, postaes, agricolas, gréves ou tumultos occasionados por gréve, riscos de guerra, ou de quaesquer outros que possam affectar a propriedade material;

2.º—Effectuar seguros sobre a vida humana em todas as suas manifestações, inclusivé o de accidentes de trabalho, creado pela lei de 24 de julho de 1913;

3.º—Dar ou tomar reseguros e celebrar contractos sobre as suas operações com outras companhias nacionaes ou estrangeiras.

§ unico.—A Companhia começará por explorar os seguros indicados no numero primeiro d'este artigo e os reseguros que lhe digam respeito, ficando as demais operações para quando a Direcção o julgar conveniente, cumpridas que sejam as formalidades legaes.

Art. 4.º—A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os effeitos, o seu começo se contará desde hoje.

CAPITULO II

Capital e accionistas

Art. 5.º—O capital social é de MIL CONTOS, dividido em vinte mil acções de 50 escudos cada uma, achando-se inteiramente subscripto em dinheiro.

§ 1.º—D'este capital está em cobrança a importancia de 50 contos, correspondente á primeira prestação de 5 0|0, devendo no prazo de seis mezes, posterior á constituição da Companhia, effectuar-se o pagamento de nova prestação de egual percentagem.

§ 2.º—Os restantes 90 0|0 só poderão ser exigidos quando a Assembleia geral o reconhecer indispensavel ás operações sociaes, em prestações nunca superiores a 10 0|0 e com intervallos nunca inferiores a 60 dias, precedente aviso de 30 dias, pelo menos.

Art. 6.º Quando algum dos accionistas deixar de pagar qualquer prestação nos termos do artigo anterior, ser-lhe-hão anuladas as suas acções e substituidas por outras novas que serão vendidas por corrector official da Bolsa, sendo o producto, liquido de despezas, posto em deposito para ser entregue a quem pertencer.

Art. 7.º—As acções em que é dividido o capital são nominativas, podendo transmittir-se por endosso ou por qualquer outra fórma auctorisada por lei.

§ unico.—Haverá titulos de uma, cinco e dez acções, á vontade do accionista.

Art. 8.º—Quando a transmissão se operar por successão e houver mais de um successor, serão todos solidariamente responsaveis pelas obrigações de que fala o artigo 5.º e seus paragraphos até ao averbamento das respectivas acções.

Art. 9.º—O averbamento das acções transmittidas por successão poderá ser feito independentemente de habilitação judicial, quando pelos documentos apresentados para prova da transmissão, resultar manifesto o direito do requerente.

§ 1.º—Este averbamento será requerido á Direcção da Companhia, devendo o mesmo requerimento ser acompanhado dos documentos que justifiquem o direito do interessado.

§ 2.º—A direcção não poderá fazer o averbamento requerido nos termos d'este artigo sem que sejam publicados annuncios em dois numeros do *Diario do Governo*, de um diario da capital e de um jornal da terra da ultima residencia do fallecido, se o houver, notificando a pretenção requerida e convidando quaesquer interessados a deduzir a opposição que tiverem por conveniente, dentro do praso de 15 dias posteriores ao ultimo annuncio.

Art. 10.º—Nenhum accionista poderá possuir mais de 200 acções.

Art. 11.º—A Assembleia Geral, sob proposta da Direcção, poderá facultar a liberação integral e voluntaria de certo numero de acções.

CAPITULO III

Administração e fiscalisação

Art. 12.º—A administração de todos os negocios da Companhia incumbe a uma direcção e a sua fiscalisação a um Conselho Fiscal.

Art. 13.º—A Direcção compõe-se de trez membros effectivos e trez supplentes, eleitos triennalmente pela Assembleia Geral.

Art. 14.º—A Direcção administra e representa a Companhia nos termos da legislação commercial, de seguros e d'estes estatutos.

Art. 15.º—Os directores, na sua primeira reunião, distribuirão entre si os serviços da administração como entenderem.

Art. 16.º—Todos os documentos serão assignados por dois directores.

Art. 17.º—As reuniões da Direcção terão logar ordinariamente uma vez por mez e extraordinariamente sempre que qualquer dos directores o entenda necessario.

Art. 18.º—Cada director caucionará a effectividade do seu logar com 200 acções devidamente averbadas, com a clausula de caução e declaração de que esta poderá ser cancellada pela Direcção futura, passados seis mezes d'esta tomar posse.

Art. 19.º—Em todos os trimestres a Direcção apresentará ao Conselho Fiscal um balancete referente ás operações da Companhia no trimestre anterior.

Art. 20.º—Cada Director receberá como vencimento 100$00 mensaes.

§ 1.º—Além da remuneração estipulada n'este artigo terá mais a percentagem de 11 0|0 dos lucros liquidos accusados pelos balanços annuaes.

§ 2.º—A percentagem de 11 0|0 a que se refere o § anterior só será devida quando os accionistas recebam um dividendo de 6 0|0, pelo menos.

Art. 21.º—O Conselho Fiscal será composto de trez vogaes, tambem eleitos triennalmente pela Assembleia Geral.

§ unico.—O vogal impedido será substi-

de todos os homens, esse soberano cujos feitos só se podem comparar ás devastações d'um Attila, n'uma epocha em que a brandura dos costumes e a nobreza dos sentimentos pacificos pareciam ser uma conquista indiscutivel da civilisação?

Vamos fixar o imperador, tal como apparecia ao observador imparcial, antes de se ter revelado o seu tragico caracter.

O imperador, quando a pé, tem pequena estatura, aspecto pouco gracioso, quasi que vulgar. Se fôsse um simples burguez, vel-o-hiam tal como elle é na realidade.

Uma transformação completa se opera quando um cavallo desfila á frente das suas tropas: mais alto, devido ao capacete de prata encimado pela aguia d'ouro, empunhando o bastão de marechal, palavra sonóra, gesto nobre e grave, parece o prototypo do commando, o typo do heroe, se não legendario, pelo menos romantico.

A Allemanha e a Europa deixaram-se illudir por essa magnifica apparencia, o homem vaidoso e espectaculoso que o monarcha é illudiu-se a si proprio. O superhomem estragou e alterou o homem. Embriagado pela lisonja, perdeu por completo a noção do seu valor real.

Não lhe faltando, nem intelligencia, nem applicação, deixou-se dominar pelo cuidado de apparentar e o receio de ser desconhecido; ambicionando ter os primeiros papeis, mas faltando-lhe para isso um fundo sólido. Capaz mais de velleidades do que de vontades, não tinha nem a largueza de vistas, nem a energia necessarias para dominar o seu proprio poder e menos ainda o d'uma nação que, em pleno desenvolvimento e expansão, tinha necessidade de encontrar no seu chefe um sabio, um moderador.

O homem que decidiu d'um dos maiores acontecimentos da historia está longe de ser um ignorante. Tem noções de tudo e principalmente do papel dos principes. Uns admiram, outros criticam a sua competencia universal e o gosto da ostentação; a sua memoria é prodigiosa, a sua actividade não tem limites, o seu poder d'assimilação notavel. Os que com elle convivem dizem que elle lê pouco, apenas alguns jornaes e relatorios; mas comprehende depressa, interessa-se por tudo.

Quando em conversa, o seu desejo de agradar augmenta a impressão de vivacidade, de rapidez nas respostas e o de universalidade de conhecimentos que quer dar e que dá. Se não fôra uma certa vulgaridade de gracejos, tons de voz por vezes descabidos, gestos excessivos, as mãos batendo nas côxas, uma affectação de bonhomia, que se vê não ser sincera, conseguiria o fim que se propõe: não tanto conquistar e convencer como surprehender e assombrar.

Os sentimentos do imperador no que respeita ás suas relações com a França deram logar a apreciações diversas: talvez que tivesse acariciado a esperança de conseguir cimentar a amizade entre os dois povos.

Algumas conversas de Guilherme II com francezes sobre os quaes tentou exercer uma fascinação, que elle julgava irresistivel, darão clara idéa das suas pretenções.

Em julho de 1907, um antigo ministro francez estava na Allemanha. O imperador manifestou o desejo de com elle conversar e o francez foi convidado para bordo do *Hohenzollern*. Jantar a sós e em traje de passeio, como o imperador manifestára o desejo. Depois de jantar, *bierabend* —noite consagrada a tomar cerveja —n'uma cervejaria de Kiel. E ahi, deante dos bebedores mudos de surpreza e de respeito, a conversação travou-se.

No *Hohenzollern*, o imperador havia já abordado a questão das relações entre os dois paizes: voltou ao assumpto. «Sinto-me feliz em conversar com francezes». O interlocutor agradeceu-lhe a attenção e o interesse que tomava pelos pormenores da vida publica franceza: «Sim, disse o imperador, gostaria de falar a esse povo; quer-me parecer que nos comprehenderiamos. Mas ha sempre mal entendidos».

O francez pediu auctorisação para

«Consideram que a guerra seria uma desgraça social para a Allemanha, que o orgulho de casta, o dominio prussiano e os fabricantes de canhões e de placas de couraçados tirariam d'ella o maior proveito, que a guerra aproveitaria principalmente á Inglaterra.

«Decompõem-se essas forças do seguinte modo:

«A massa profunda dos operarios, dos artifices e dos camponezes, que são pacificos por instincto;

«A nobreza que não tem interesses na carreira militar e que tem ne-

Sir Edward Grey, ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra

gocios industriaes—como os grandes senhores da Silesia e algumas outras personagens influentes na côrte—e assaz illustrada para prevêr as consequencias politicas e sociaes desastrosas d'uma guerra, mesmo victoriosa;

«Um grande numero de industriaes, commerciantes e financeiros de mediana importancia, aos quaes a guerra, mesmo victoriosa, traria a bancarrota, porque as suas emprezas vivem do credito e teem capitaes estrangeiros principalmente como commanditarios;

«Os polacos, os alsacianos-lorenos, os habitantes do Schleswig-Holstein conquistados, mas não assimilados, e em surda hostilidade contra a politica prussiana, ou sejam cerca de sete milhões de allemães annexados.

«Finalmente, os governos e as classes dirigentes dos grandes Estados do Sul, Saxe, Baviera, Wurtemberg e o gran-ducado de Bade, estão hesitantes entre este duplo sentimento: uma guerra infeliz comprometteria a Confederação, da qual lhes advieram grandes vantagens economicas; uma guerra victoriosa só aproveitaria á Prussia e á prussianização, contra a qual a custo defendem a sua independencia politica e a sua autonomia administrativa.

«Estes elementos preferem, por raciocinio ou por instincto, a paz á guerra; mas não são mais do que forças politicas de contrapezo, cujo credito na opinião publica é limitado, ou forças sociaes silenciosas, passivas e sem defeza contra o contagio d'um impulso bellicoso.

«Um exemplo elucidará melhor: os 110 deputados socialistas são partidarios da paz; comtudo não poderão obstar á guerra, porque esta não depende do voto do Reichstag e, em presença d'essa eventualidade, a maioria dos seus eleitores faz côro na cólera e no enthusiasmo com o resto do paiz.

«E' preciso notar finalmente que estes partidarios da paz creem na guerra, porque não veem solução á situação actual. Em determinados contractos, especialmente nos feitos com editores, consignou-se a clausula de rescisão em caso de guerra. Esperam comtudo que a vontade do imperador, por um lado, e as difficuldades da França em Marrocos, por outro, sejam durante algum tempo garantias de paz. Seja como fôr, o seu pessimismo deixa o campo livre aos partidarios da guerra.

«Os partidarios da guerra dividem-se em muitas cathegorias; cada um fala segundo as conveniencias da sua casta, da sua classe, da sua formação intellectual e moral, dos seus interesses, dos seus rancôres, das razões especiaes que criam

tuido pelo accionista que o presidente da Assembleia Geral designar.

Art. 22.º—Compete ao Conselho Fiscal:

1.º—Examinar, sempre que o julgar conveniente, a escripturação da Companhia;

2.º—Participar ao presidente da Assembleia Geral a necessidade da reunião extraordinaria da mesma.

3.º—Fiscalisar a administração da sociedade;

4.º—Dar parecer sobre o balanço, inventario, contas e relatorios, apresentados pela Direcção;

5.º—Desempenhar as demais attribuições que lhe são conferidos por lei e por estes estatutos.

Art. 23.º—O Conselho Fiscal reune-se ordinariamente uma vez por mez e extraordinariamente sempre que a Direcção o julgue conveniente e para isso o convoque.

Art. 24.º—Cada vogal do Conselho Fiscal caucionará a effectividade do seu cargo com 50 acções devidamente averbadas, com a clausula de caução e declaração de que esta só poderá ser cancellada pela Direcção que estiver em exercicio seis mezes depois da sua exoneração.

Art. 25.º—Cada membro do Conselho Fiscal receberá 5$00 por cada reunião do Conselho a que assistir.

§ unico.—Além d'esta remuneração terá mais o Conselho Fiscal a percentagem de 1 0|0 dos lucros liquidos annuaes quando os accionistas recebam um dividendo de 5 0|0, pelo menos, para ser dividida pelos membros do mesmo Conselho em partes eguaes:

Art. 26.º—As contribuições lançadas aos directores, membros do Conselho Fiscal e empregados serão a cargo da Companhia.

CAPITULO IV

Assembleia Geral

Art. 27.º—A Assembleia Geral é composta dos accionistas possuidores de 5 ou mais acções, averbadas, com a antecedencia de 60 dias, pelo menos.

§ unico.—Os accionistas possuidores de menos de 5 acções poderão agrupar-se de fórma a completarem o numero exigido e fazerem-se representar na Assembleia Geral por um dos agrupados ou por quem legalmente os representar.

Art. 28.º—Os accionistas que compõem a Assembleia Geral teem um voto por cada cinco acções, não podendo nenhum accionista ter mais de 10 votos, seja qual fôr o numero das acções que possua ou represente.

Art. 29.º—Os accionistas que tiverem voto podem fazer-se representar por procuração a um membro da Assembleia Geral, não sendo permittido a este substabelecer o mandato.

§ 1.º—As procurações deverão dar entrada na Companhia 10 dias antes da reunião da Assembleia Geral.

§ 2.º—Não é permittido a nenhum accionista dividir acções por procuradores diversos.

Art. 30.º—As mulheres casadas, sociedades, pessoas moraes, incapazes e heranças indivisas, serão representadas por aquelles a quem a representação legalmente pertencer.

§ unico.—A mulher viuva, divorciada, ou judicialmente separada do marido, póde fazer-se representar nos termos do artigo anterior por seu filho maior, embora não accionista.

Art. 31.º—As Assembleias Geraes são ordinarias e extraordinarias.

§ unico.—A Assembleia ordinaria reune-se uma vez em cada anno, nos primeiros quatro mezes depois de findo o exercicio anterior e deverá:

1.º—Discutir, approvar ou modificar o balanço e o relatorio do Conselho Fiscal.

2.º—Eleger os directores e os vogaes do Conselho Fiscal, que houverem terminado o seu mandato.

3.º—Tratar e resolver sobre qualquer outro assumpto para que tenha sido convocada.

Art. 32.º As assembleias geraes extraordinarias serão convocadas quando a Direcção ou o Conselho Fiscal o julguem conveniente e ainda quando seja requerido por accionistas que representem a vigesima parte do capital social e declarem no requerimento o motivo da reunião.

Art. 33.º—A' Assembleia Geral extraordinaria compete especialmente:

1.º—Modificar os estatutos.

2.º—Deliberar sobre a fusão ou acquisição da carteira de outra Companhia de Seguros ou Sociedade.

3.º—Resolver sober a dissolução e liquidação da Companhia.

4.º—Tratar e deliborar sobre qualquer outro assumpto para que tenha sido convocada.

Art. 34.º—As reuniões da Assembleia Geral serão dirigidas por uma Mesa que se compõe de seis membros, eleitos bienalmente de entre os accionistas, a saber: Presidente, Vice-presidente, dois Secretarios e dois Vice-Secretarios.

§ 1.º—Na falta ou impedimento do Presidente e Vice-Presidente, servirá o maior accionista, ou quando este não queira ou não possa acceitar esse cargo o immediato em acções e assim sucessivamente, preferindo o mais edoso em egualdade de circumstancias.

§ 2.º—Na falta ou impedimento dos Secretarios ou Vice-Secretarios, convidará o Presidente dois accionistas que julgue idoneos para esses cargos.

Art. 35.º—A Assembleia Geral será convocada e dirigida pelo Presidente ou por quem suas vezes fizer.

§ unico.—A convocação será annunciada com 5 dias de antecedencia, pelo menos, no «Diario do Governo» e em outros dois diarios, um em Lisboa e outro no Porto.

Art. 36.º—A Assembleia Geral só se constitue com a presença de 20 accionistas, pelo menos.

§ unico.—Se meia hora depois da indicada nos annuncios não se acharem presentes accionistas bastantes para o funccionamento da Assembleia Geral, o Presidente convocará outra que se effectuará dentro de 15 a 20 dias, e que funccionará com o numero de accionistas que comparecerem, salvo o caso do § unico do art. 184.º do cod. com.

Art. 37.º—As decisões da Assembleia Geral serão tomadas pela maioria absoluta dos votos presentes e representados, salvo o disposto no art. 131.º e seu § primeiro do cod. com. e no artigo seguinte d'estes estatutos.

Art. 38.—As deliberações sobre os assumptos mencionados nos numeros 1.º, 2.º e 3.º do art. 33.º d'estes estatutos só poderão ser tomadas pela maioria absoluta de votos que representem, pelo menos, metade do capital social, mas sem prejuizo do estipulado no § unico do art. 3.º d'estes estatutos e § primeiro do art. 131.º do cod. com.

Art. 39.º—A' Mesa da Assembleia Geral compete, além das attribuições que por lei lhe são conferidas, conhecer da idoneidade dos membros da Assembleia Geral, devendo consultar esta sempre que haja contestação a respeito da legitimidade de qualquer d'elles.

Art. 40.º—As eleições para os cargos da Mesa, Direcção e Conselho Fiscal serão sempre por escrutinio secreto.

Art. 41.º—No caso de empate, verificado nas eleições a que se refere o artigo anterior, terá preferencia o eleito que tiver maior numero de acções, preferindo o mais edoso em egualdade de circumstancias.

Art. 42.º—E' permittida a reeleição para os cargos administrativos, fiscaes e da Mesa.

CAPITULO V

Anno Social, Reservas e Applicação de Lucros

Art. 43.º—O anno social será o anno civil, devendo por isso ser fechado com data de 31 de Dezembro o balanço geral ás operações da Companhia.

Art. 44.º—A Companhia terá, pelo menos, os seguintes fundos de reserva:

1.º—Fundo de Reserva Geral.

2.º—Fundo de Reserva de Seguros Vencidos.

3.º—Fundo de Reserva Mathematicas.

4.º—Fundo de Reserva de Garantia.

5.º—Fundo de Reserva Supplementar.

§ 1.º—O Fundo de Reserva Geral é constituido com 5 % dos lucros liquidos annuaes até attingir o limite fixado no art. 18.º do decreto com força de lei de 21 de Outubro de 1907.

§ 2.º—O Fundo de Reserva de Seguros Vencidos, Fundo de Reserva Mathematicas e Fundo de Reserva Garantia, serão constituidos nos termos e para os effeitos dos artigos 19.º a 23.º do citado decreto de 21 de Outubro de 1907, e 3, 4 e 5 do decreto de 28 de Dezembro do mesmo anno.

§ 3.º—O Fundo de Reserva Supplementar será constituido nos termos do n.º 5 do artigo seguinte.

Art. 45.º—Os lucros liquidos annuaes, deduzidas todas as despezas e encargos, terão a seguinte applicação:

1.º—Para remuneração á Direcção e Conselho Fiscal a percentagem de 12 % nos termos dos §§ dos artigos 20.º e 25.º d'estes estatutos.

2.º—Para Fundo de Reserva Geral a percentagem de 5 %.

3.º—Para Fundo de Reservas de Seguros Vencidos, Fundo de Reserva Mathematicas e Fundo de Reserva de Garantia o que fôr necessario nos termos dos citados artigos 19.º a 23.º do decreto de 21 de Outubro de 1907, 3, 4 e 5 do decreto de 28 de Dezembro do mesmo anno.

4.º—Para dividendo aos accionistas a percentagem que a Assembleia Geral determinar.

5.º—O restante, se o houver, para Fundo de Reserva Supplementar.

CAPITULO VI

Dissolução e Liquidação

Art. 46.º—A Companhia dissolve-se por accordo, nos termos do art. 38.º d'estes estatutos, e nos mais casos legaes.

Art. 47.º—A liquidação será feita por liquidatarios nomeados pela Assembleia Geral e nos termos que a mesma Assembleia determinar.

Art. 48.º—Não poderá, porém, haver rateio pelos accionistas senão depois de extinctos ou annullados todos os seguros e reseguros tomados.

CAPITULO VII

Disposições Transitorias

Art. 49.º—São desde já nomeados para o primeiro trienio como Directores effectivos os accionistas srs. Antonio Basto, Adriano Telles e Eduardo Rosa Junior e como Directores substitutos os srs. José Martins Calé, Eduardo Antonio Rosa, Antonio Marques da Silva.

Art. 50.º—A Direcção convocará a Assembleia Geral dentro do praso de 4 mezes, a contar da data da constituição da Companhia para a eleição do Conselho Fiscal.

Art. 51.º—Contar-se-ha como primeiro exercicio o tempo que decorre desde a constituição da Companhia até 31 de Dezembro de 1916.

Lisboa, 10 de março de 1915.

O notario

José Peres de Noronha Galvão

Virginia Amelia de Sousa Barral

Falleceu

R. I. P.

João Luiz de Sousa, João Pedro de Sousa e sua familia, Julia de Sousa Costa Duarte e sua familia, Eugenio de Sousa e sua familia, Antonio Pedro de Sousa Malheiros, Maria Victoria Villaça de Sousa, José Villaça de Sousa, Luzia Villaça de Sousa, Augusto Villaça de Sousa, Alvaro de Sousa Lima e sua familia, Arthur de Sousa Lima e sua familia e José de Sousa Costa e sua familia participam o fallecimento de sua muito querida filha, irmã e tia e que o seu funeral se realisa ámanhã, 12 do corrente, pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da sua casa na rua Anthero do Quental, 58, para o cemiterio oriental.

um estado d'espirito geral e augmentam a força e a rapidez da corrente bellicosa.

«Uns querem a guerra porque ella é *inevitavel*, dadas as circumstancias actuaes. E, para a Allemanha, vale mais cedo do que tarde.

«Outros consideram-na como necessaria por razões economicas, derivadas do excesso de população, do excesso de producção, da necessidade de mercados novos, ou por motivos sociaes: só a diversão no exterior póde impedir ou retardar a subida ao poder das massas democraticas e socialistas.

«Outros, não tendo garantias sufficientes ácerca do futuro do imperio e julgando que o ganhar tempo é favoravel á França, entendem que se devem precipitar os acontecimentos. Não é raro encontrar, em conversas ou em brochuras patrioticas, o sentimento obscuro, mas profundo, de que uma Allemanha livre e uma França resuscitada são dois factos historicos incompativeis.

«Outros são bellicosos por «bismarckismo», se assim se póde dizer. Sentem-se humilhados por terem de discutir com francezes, falarem de discutir com francezes, falar em direito, razão, em negociações ou conferencias onde não teem com facilidade razão, quando teem a força mais decisiva. Tiram, d'um passado recente, um orgulho incessantemente alimentado por recordações vividas, pela tradicção oral e pelos livros, e ferido pelos acontecimentos dos ultimos annos. O despeito irritado caracterisa o espirito d'associação dos «Wehrvereine»—União de defeza—e outros agrupamentos da Joven Allemanha.

«Outros querem a guerra por odio mystico á França revolucionaria.

«Outros, finalmente, por rancor. São estes que procuram todos os pretextos. Na realidade, estes sentimentos concretisam-se assim: a nobreza, representada no Reichstag pelo partido conservador, quer evitar, a todo o custo, o imposto sobre as heranças, inevitavel se a paz se prolongar. O Reichstag, na sua ultima sessão, votou-o em principio: é um ataque grave aos interesses e aos privilegios da nobreza territorial.

«Por outro lado, esta nobreza é uma aristocracia militar e é interessante comparar o annuario do exercito como da nobreza. Só a guerra póde fazer continuar o seu prestigio e servir os seus interesses de familia. Na discussão da lei militar, um orador do partido fez valer, em favor do voto, a necessidade do avançamento dos officiaes.

«Finalmente, esta classe social, que fórma uma hierarchia de que o rei da Prussia é o chefe supremo, verifica com terror a democratisação da Allemanha e a força crescente do partido socialista e imagina que os seus dias estão contados. Não só os seus interesses materiaes estão ameaçados por um formidavel movimento hostil ao proteccionismo agrario, como a sua representação politica diminue em cada legislatura. No Reichstag de 1870 havia 162 membros—n'um total de 397—pertencentes á nobreza; no de 1898, 83; no Reichstag de 1912, 57. D'este numero, apenas 27 pertenciam á direita, 14 ao centro, 7 á esquerda, um ás bancadas socialistas.

«A grande burguezia, representada pelo partido nacional liberal, partido dos satisfeitos, não tem as mesmas razões que a nobreza para querer a guerra. E', comtudo, bellicosa, salvo uma ou outra excepção. Tem as suas razões d'ordem social.

«A grande burguezia não se afflige menos que a nobreza pela democratisação da Allemanha. Em 1871, tinha 125 representantes no Reichstag, 155 em 1874, 99 em 1887, 45 em 1912. Não esquece que teve um grande papel parlamentar depois da guerra, servindo os projectos de Bismarck contra a nobreza.

«Hoje, mal collocada entre os instinctos conservadores e as idéas liberaes, pede para a guerra soluções que os seus representantes, incapazes e lamentaveis, não encontram. Além d'isso, os industriaes doutrinarios pretendem que as difficuldades havidas com os seus operarios tiveram origem em França, fóco revolucionario das idéas de emanci-

pação. Se não fôsse a França, a industria estaria tranquilla.

«Finalmente, fabricantes de canhões e de placas d'aço, grandes negociantes que pedem maiores mercados, banqueiros que especulam sobre a edade do ouro e a proxima indemnisação de guerra, pensam que a guerra seria um bom negocio.

«Entre os «bismarckianos», devem contar-se os funccionarios de todas as carreiras, representados no Reichstag pelos conservadores livres ou partido do imperio, partido dos reformados, cujas idéas fogosas teem livre expansão na *Post*. Fazem escola nos agrupamentos de mancebos cujo espirito foi preparado pela escola ou pela universidade.

«A universidade, exceptuando alguns espiritos distinctos, desenvolve uma ideologia guerreira. Os economistas demonstram, servindo-se das estatisticas, a necessidade da Allemanha ter um imperio colonial e commercial que corresponda á producção industrial do imperio. Ha sociologos fanaticos que vão mais longe. A paz armada, dizem elles, é um fardo esmagador para as nações, impede a melhoria de sorte das populações e favorece a expansão socialista. A França, obstinando-se em querer a desforra, oppõe-se ao desarmamento. E' preciso, d'uma vez para sempre, reduzil-a á impotencia durante um seculo, sendo essa a melhor e a mais rapida maneira de resolver a questão social.

«Historiadores, philosophos, publicistas, politicos e outros apologistas da «Deutsche Kultur» querem impôr ao mundo um modo de sentir e de pensar que seja especificadamente allemão. Querem conquistar a supremacia intellectual que, na opinião dos espiritos lucidos, pertence á França. E' n'esta origem que se alimenta a phraseologia dos pangermanistas, assim como os sentimentos e os contingentes das associações patrioticas da mocidade. Convem notar que o descontentamento causado pelo tratado de 4 de novembro augmentou consideravelmente o numero dos membros das sociedades coloniaes.

«Ha, emfim, partidarios da guerra por rancor, por resentimento. São os mais perigosos. São recrutados principalmente entre os diplomatas. Os diplomatas allemães teem uma pessima reputação na opinião publica. Mas os mais encarniçados são os que, desde 1905, intervieram nas negociações entre a França e a Allemanha; accumulam e addiccionam aggravos contra nós, e, um dia, ajustarão as contas na imprensa bellicosa.

«Tem-se a impressão de que é principalmente em Marorcos que os procurarão, embora um incidente seja sempre possivel em todos os pontos do globo onde a França e a Allemanha estão em contacto.

«Precisam d'uma desforra, porque se queixam de ter sido embahidos. Durante a discussão da lei militar, um d'esses bellicosos diplomatas declarava: «A Allemanha só poderá conversar a sério com a França quando tiver todos os seus homens validos em armas».

O que acabamos de reproduzir é do *Livro Amarello*.

Ameaçado incessantemente pelas diversas forças rivaes que n'elle se degladiam, o imperio allemão desaggregar-se-hia se sobre elle não pezasse continuamente a vigilancia do senhor, o imperador. A funcção imperial é a engrenagem superior. O imperio vale o que o imperador vale.

Assim o quizera Bismarck, o qual, além d'isso, entendia que o senhor tinha o dever de escolher um bom ministro, em quem delegasse trabalho e responsabilidade.

Guilherme II foi de opinião diversa. Entendeu que bastava elle só. Assumiu todas as responsabilidades. Por elle, a Allemanha, não guiada, mas excitada no sentido das suas qualidades e dos seus defeitos, não conheceu travão.

Quem é, pois, esse homem, esse soberano que desencadeou sobre o mundo a peor das calamidades que a historia menciona e que, declarando tal guerra e dando apoio ao modo como os seus generaes e os seus soldados a teem feito, se mostrou o mais barbaro e o mais sanguinario

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1652 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 12 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

SOBRANCERIA TEUTONICA

Os allemães na Guiné

Praticam toda a sorte de tropelias, esquecendo-se da sua situação de hospedes n'um paiz estrangeiro, e provocam varios incidentes que irritam a população da provincia

Chegam-nos da Guiné algumas notas interessantes pelas quaes podemos avaliar a falta de tacto com que teem procedido os allemães que ali se encontram, os quaes, em vez da delicada reserva que compete á sua situação de hospedes de um paiz estrangeiro, aproveitam todas as opportunidades para exhibir uma attitude sobranceira e aggressiva.

Assim, por exemplo, logo que chegou a Cacheu a noticia dos acontecimentos do Sul de Angola, os allemães celebraram a victoria das suas armas com festas ruidosas e impertinentes, libações de cerveja, tiros e vivas, etc. A população, cujos sentimentos anti-germanicos são evidentes, teve no emtanto a necessaria prudencia para não se importar com a provocação.

N'esse mesmo dia chegaram a Cacheu duas lanchas de vela conduzindo quatorze francezes que se dirigiam a Dakar, a fim de embarcarem no paquete que os conduzisse á Europa, onde tinham deveres militares a cumprir. Quando se dispunham a ir a terra, appareceram os allemães em attitude aggressiva, declarando não consentirem no seu desembarque, a pretexto de que as pontes de atracação lhes pertenciam.

E' infelizmente certo que o governo portuguez não possue ponte alguma em Cacheu, e que as duas que existem pertencem, a primeira, aos commerciantes allemães e a segunda a uma firma franco-hollandeza, cujos empregados são egualmente de nacionalidade teutonica.

Foram sobretudo estes que mais ostensivamente se dispunham a impedir o desembarque dos francezes, esquecendo que não passavam de simples empregados de uma casa cujos proprietarios lhes não perdoariam a ousadia.

Na occasião em que occorria este facto, alguns habitantes de Cacheu protestaram com justa indignação, chegando quasi a esboçar-se uma scena de pugilato. O incidente tomaria maiores proporções se não interviesse logo o administrador de Cacheu, que ordenou que o desembarque se fizesse. O agente da casa allemã estava tambem presente, e só se calou sob a ameaça de prisão.

Dias depois, quando uma nova lancha de francezes chegou com o mesmo destino, os allemães içaram provocadoramente a sua bandeira, esquecendo mais uma vez o seu dever de estrangeiros. A auctoridade, porém, a fim de evitar conflictos que podiam ser muito serios, teve o bom senso de mandar arriar o pavilhão germanico.

Em Bissau, os nossos hospedes teutonicos não se distinguem por uma attitude melhor. Ao contrario, na vespera do ultimo anniversario da proclamação da Republica, alguns individuos da colonia allemã aggrediram um cabo do exercito colonial, dizendo que os nossos soldados para nada prestavam e perseguindo-o até ao mar, de onde o retiraram para o mandarem preso. Tendo averiguado o que se passára, um cabo europeu foi procurar os aggressores, e sovou-os regularmente, castigando assim a affronta commettida na pessoa do cabo indigena.

Um outro simptoma da absoluta falta de tacto é o facto de serem de quando em quando enviados a diversos commerciantes portuguezes exemplares de um periodico que em Hamburgo se imprime na nossa lingua, e onde, assignados por J. Nunes, apparecem artigos ameaçando Portugal se acaso intervier na guerra europeia a favor dos alliados.

Que a população está indignada com estes e outros incidentes demonstra-o de sobejo o terem-se offerecido varias pessoas residentes na Guiné para fazerem parte das expedições coloniaes. Alguns d'esses offerecimentos foram até feitos por carta ao sr. Lisboa de Lima, no tempo em que este funccionario era ministro das colonias.

Poeira da Arcada

A Republica tem chamado á gerencia dos altos interesses do paiz uma numerosa turba de competencias difficeis de cingir a um dado ramo de actividade comesinha. Os que se acham apertados no desempenho das suas funcções domesticas, burocraticas ou mercantis lá no silencio difficil das suas ambições entendem que para maiores destinos nasceram. E consagram-se ao governo e á administração. Satisfazem assim as suas prosapias, entrando pela historia dentro, alguns de sapatos ferrados, outros ainda repetindo de côr as ultimas paginas de qualquer brochura sobre politica, finanças ou economia. Gente nova, fresquinha, ingenua e perigosa. O paiz parece-se bastante, graças ao pittoresco das suas especies politicas, com as republicas que os bichos de Lafontaine organisavam, para sacudir o que elles reputavam tirannias perigosas.

***

O sr. Rodrigues Monteiro passou-se para as finanças e o sr. Trindade para os estrangeiros... Isto indica que o gabinete se encontra abastecido de capacidades para largo tempo. Os ministros pódem succeder-se ou trocar-se uns pelos outros, na regencia das suas pastas, sem que as suas pessoas se alterem. E' por esta razão que tudo muda em Portugal, menos a governação.

***

Os povos que o proseguimento do conflicto europeu vae forçando a baixar o muro detraz do qual mantinham a sua neutralidade, n'este momento, mostram-se atacados de monomanias da duvida. Entre a paz e a guerra, exercitam um jogo pendular de reflexões. A Grecia e a Italia ora avançam ora recuam. Prolongar-se-ha por bastante tempo este estado de inquietação? Talvez umas semanas ou um mez.

Entre abril e maio, a grande tragedia das raças, que procuram destruir-se, para melhor se ageitarem, depois, no goso pacifico do Direito, lançará na scena os seus ultimos actores e comparsas. E então não haverá razões que detenham as sentenças do Destino.

Oitocentos e noventa e cinco novos milhões

para os alliados da França

Paris, 8 de março

O ministro das finanças enviou para a mesa da camara dos deputados um projecto de lei com respeito aos adeantamentos feitos ou a fazer pela França aos paizes alliados ou amigos. Esse projecto é para elevar a 1.350 milhões o total d'esses adeantamentos.

Durante as conferencias que se realisaram em Paris entre os ministros das finanças da França, da Inglaterra e da Russia, assentou-se em que os adeantamentos feitos ou a fazer aos paizes alliados ou amigos seriam em porções eguaes aos encargos das trez potencias.

O total dos adeantamentos já feitos eleva-se a 455 milhões e meio, a saber: Belgica, 250 milhões; Servia, 185; Grecia, 20, Montenegro, meio milhão. Taes adeantamentos sobem já a alguns mezes e os decretos que os concederam foram ratificados pelo Parlamento.

O total dos adeantamentos a fazer eleva-se, por consequencia, a 895 milhões. D'esta importancia, novos adeantamentos devem ser feitos á Belgica e á Servia. Por outro lado, a Russia, tendo momentaneamente peiado o seu commercio d'exportação, tem difficuldades em pagar as encommendas por ella feitas na França e na Inglaterra e regularisa o pagamento dos juros dos seus emprestimos.

Os governos francez e inglez accordaram em fazer-lhe os adeantamentos de fundos necessarios. Convencionou-se que o preço dos trigos e dos outros productos comprados ou a comprar na Russia por conta do governo francez e servindo de intermediario o governo imperial seria levado em conta no total dos adeantamentos do governo francez. E', pois, apenas á Belgica, á Servia e á Russia que é destinada a importancia de 895 milhões de novos adeantamentos previstos pelo projecto de lei submettido á Camara.

EM VESPERAS D'UMA DECISÃO

O monumento do marquez de Pombal

A commissão eleita para estudar os orçamentos conclue os seus trabalhos

Na Sociedade de Bellas Artes, reuniram hoje os vogaes da commissão nomeada no jury de classificação das «maquettes» do monumento ao marquez de Pombal, para estudar o problema da construcção de qualquer d'ellas, sob o ponto de vista dos orçamentos. Essa commissão ficou composta, como referimos, de cinco vogaes, dois estatuarios, dois architectos e um engenheiro, vogaes do jury. A reunião de hoje foi destinada á apresentação dos trabalhos e conclusões a que individualmente chegue cada um dos vogaes da commissão, que, fóra o seu estudo, consultou fornecedores de materiaes, fundidores e outras entidades chamadas a prestar o seu concurso á edificação do monumento. Trocadas impressões sobre os resultados dos trabalhos, a decisão d'esta commissão deve ser communicada ao jury na proxima quinta-feira.

Segundo consta, as exigencias orçamentaes do projecto que o primeiro jury classificou em segundo logar impedem a sua construcção, sendo esse o parecer da commissão technica incumbida de rever e estudar os cadernos de encargos que acompanham as memorias descriptivas dos dois projectos em litigio.

Os hespanhoes em Marrocos

MADRID, 12.—Falando ácerca de Marrocos, o presidente do conselho declarou que a situação melhorou muitissimo, de modo a permittir que se reduzam os contingentes armados que a Hespanha ali mantem. Os mouros parecem convencidos de que é inutil continuarem a hostilisar os hespanhoes, dada a sua superioridade.—*(Corresp.)*

Morte d'um ex-archiduque

AMSTERDAM, 12.—Annuncia-se a morte do ex-archiduque Fernando Carlos.—*(Havas)*.

FIGURAS DE CÊRA

A caça ao emprego

O que se diz pela Arcada a proposito de varios logares e de varias gentes

O publico espera ancioso. Impaciencia, mal estar, desejos ardentes de que a exhibição comece. O interesse é extraordinario. Dir-se-hia que vão sahir d'este pequenino espectaculo em familia coisas espantosas e profundas. A primeira figura surge. Vem desgrenhada e livida. Roupagens em desalinho. Grande tunica branca orlada de azul e salpicada de estrellas d'oiro. Espanto nos assistentes. Surpreza, vago receio, todo um mundo emaranhado de complicados sentimentos.

—E se nos fossemos embora?—diz um sujeito de monoculo para outro, espadaudo e barbudo, que lhe fica ao lado. Talvez não fosse mau...

—Eu fico.

A funcção principia. A estatua anima-se. Compõe as roupas, deixa ver um pedaço do tornozelo bem modelado, e, tomando attitudes classicas e abrindo os braços como a estatua do Eça, principia por dar lições e conselhos...

—Isto vae mal amigos! Vocês não se entendem, e para os politicos que combatem um regimen não ha peor mal que o de não se entenderem. Dizem-se por ahi coisas phantasticas.

Um espectador de forte bigodeira intervem.

—A culpa é dos ambiciosos!—brada. A ambição foi sempre um escalracho, damninho, a corroer todas as almas em que poisa.

—Mate-se o escalracho, mate-se o escalracho!—bradam os espectadores em côro. Isto tem de ir por deante.

As imprecações amortecem. A figura de cera, agora com um doce calorido a ensanguentar-lhe levemente as faces palidas, retoma a palavra. O silencio adquire a consistencia conveniente. O ar corta-se á faca.

—Prudencia amigos, prudencia! As nossas hostes andam desvairadas, perdidas, transviadas. Abrem os olhos e não veem. Apuram o ouvido e nada ouvem. As suas paixões dementam-nas. E nãos o passa d'isto. Que tristesa, que infinita tristeza!

A deusa limpa uma lagrima reboldo á fimbria macia da tunica alvissima. E, depois de engulir um grande soluço que lhe embargava a voz mesmo ao meio da garganta, continúa:

—Diz por ahi toda a gente que os monarchicos não se veem com bons olhos, que se odeiam, que não conseguem estabelecer entre elles a harmonia para se organisarem com solidez. Porque é isto, amigos, porque é isto?

—Pergunte-o a quem governa!—exclama um espectador indignado. Ninguem resiste ao empregosinho commodo e rendoso, venha d'onde vier. E este governo está disposto a mostrar-se prodigo comnosco, que ha quasi cinco annos não sabiamos o que era festim orçamental. Não é assim, meu caro Mario de Aguiar?

—E' e não é. Eu cá vou curador dos serviçaes para S. Thomé. Mas nem por isso deixo de ser monarchico e dos mais fieis.

A figura desapparece inesperadamente, diluida na sombra que invade todo o recinto. E' o que lhe vale para não ser feita em bocados, mesmo ali, á bengaladas.

***

Volta a illuminar-se a galeria onde se exibem estas magnificas figuras allegoricas. Outro publico mais exaltado, mais ardente, mais roido ainda de ameaças e de paixões. A figura d'agora é mais vigorosa, mais esbelta, mais altiva que a de ha pouco. Subjuga-lhe os cabellos o simbolico barrete phrigio. O colo agita-se-lhe em palpitações violentas.

A plateia irrompe em imprecações. Trava-se dialogo, fala-se para o palco, interrompe-se a cada instante a representação. Um sujeito alto, de lunetas, vestido de claro, sacudindo a cabelleira ao vento é quem mais se distingue n'aquelle ataque á misera e amargurada estatua que ali veiu para dizer coisas solemnes.

—Não quero ouvir-te!—clama o desvairado. O emprego ha-de ser para mim. Qual de vós o mereceu mais? Quem, como eu, padeceu pela Republica e por ella com mais ardor se sacrificou?

—São quatro contos e pico! Não os mereces!

—E tu

E' o logar de Henrique Cardoso que se disputa. Quem irá substitui-lo na contadoria da quarta vara civel da Boa-Hora—uma authentica, uma inexgotavel mina d'oiro? Ha entre a turba que reclama esse emprego gente da mais diversa.

—São cerca de 200 os disputantes!—opina a estatua, livida de espanto. Parece incrivel que ainda haja, em Portugal, tanta gente por empregar!

—Bem sei, bem sei!—replica outro exaltado de cabeça perdida. Mas não cedo! O logar ha de ser para mim.

Estabelece-se a confusão. Ninguem se entende. As duas centenas de cavalheiros que querem, por força, ir installar-se na Boa Hora, crivam-se de invectivas, de improperios, de accusações. Todos pretendem ser nomeados, exaltando os seus meritos, atirando para os pratos da balança com os seus estupendos serviços á Republica.

A figura sae. Vou-lhe ao encontro. Supplico lhe respeitosamente que me attenda. Conversamos.

—Não calcula, meu caro, como o governo se vê embaraçado para preencher a vaga que a morte de Henrique Cardoso abriu! E' que a maior parte dos que a disputam são pessoas de cathegoria, de influencia dentro dos partidos. Elle é o Celorico Gil e Lello Portella, o Alfredo Pimenta, o Vasco de Vasconcellos, o Joaquim Madureira e até o juiz Vicente Ferreira! Toda uma galeria, emfim, de bachareis que torna a escolha mais que difficil.

—Mas, aqui que ninguem nos ouve, diga-me: quem será o nomeado?

—O Joaquim Madureira. Vá-se com esta. E' um velho amigo do Pimenta de Castro, e o unionismo interessa-se por elle quanto pode. *Braz Burity* será o successor de Henrique Cardoso. E merece-o. E' intelligente e culto e é um republicano de sempre, coisas que não se dão com muitos dos outros..

Despeço-me. Emquanto me affasto penso na desolação que esta noticia deve causar a cerca de duzentos dos mais illustres dos meus concidadãos. Que pena não haver uma contadoria como esta para cada um d'elles. Então, sim, é que o sr. ministro da justiça formava um immenso e colossal partido.

***

Terceira figura scetica, ironica, vestida de negro. Pouco publico. Tres ou quatro curiosos apenas, que vieram vel-a para matar o tempo e a olham com mais que mediocre interesse. Ella vinga-se d'esse indiferença, chalrando despreoccupada, a principio das coisas politicas, apreciando-as com acrimonia depois e acabando a breve trecho por arremessar sobre ellas torrentes assombrosas de sarcasmos.

—O emprego publico—diz ella—nunca em Portugal se lhe moveu tão encarniçada caça. Os famintos são aos cardumes, dilaceram-se uns aos outros, rangem os dentes afiados pelos odio politico, e preparam-se para tudo. Perdeu-se a noção das conveniencias, atiram-se altos funccionarios para a fogueira das paixões politicas e fica-se á espera que as chammas os devorem para se lhes ir occupar os logares. Nunca se viu isto, nunca se viu isto!

—Ha então novas demissões, novas perseguições na forja?

—Ha. A do dr. Alexandre Braga, por exemplo. O grande orador não será por muito tempo juiz do contencioso aduaneiro...

—Mas vão pôl-o fóra porquê?

—Por abandono do logar. E' o que se diz. São precisos logares, meu caro, muitos logares. Necessitam-se empregos, inumerosos empregos. E ahi tem porque o sr. Alexandre Braga vae ser demittido como o serão, decerto, muitos outros...

A pequenina galeria das minhas figuras de cera escurece. As exhibições terminam. Que coisas estranhas, no seu simbolismo prophotico, sabem dizer ás vezes as pobres coisas inanimadas, quando um fluido desconhecido lhes dá vida.

A. M.

A CASA DOS POBRES

Bairro da Misericordia

As novas habitações são construidas nos terrenos do antigo palacio e quinta do conde de Soure, comprehendendo 37 casas gratuitas e 140 de renda economica e occupando uma area de 2,000 metros

O architecto Tertuliano Marques, a quem, ao começo da tarde, encontrámos, descendo apressadamente o Chiado, sobraçando a sua indispensavel carteira de projectos, convidou-nos a acompanhal-o, se queriamos vêr o admiravel e pittoresco local onde a Misericordia está construindo um bairro de casas economicas e se pretendiamos colher algumas informações a tal respeito, dignas de serem conhecidas pelos leitores de *A Capital*.

Não hesitamos um momento e, chegando á Baixa, saltámos para o primeiro carro que se dirigia para a avenida Almirante Reis. No caminho, o joven artista traça o plano d'esse novo bairro da cidade, que elle delineou por incumbencia do sr. Pereira de Miranda, provedor da Misericordia. Tertuliano Marques abraçou com enthusiasmo a iniciativa que lhe dava ensejo de realisar um projecto, simples como convinha aos fins da construcção, mas, ao mesmo tempo, arejado, amplo, com linha que é a eterna preoccupação dos architectos.

Apeamo-nos, em Arroyos, em frente do bairro Braz Simões.

—O bairro da Misericordia, diz-nos o artista, assenta sobre os terrenos do antigo palacio e quinta do conde de Soure. A frente deita para a estrada da Penha de França, havendo quem prefira, para ir lá, tomar o carro da Graça. Eu, porem, não troco este caminho, que me permitte, atravessando o bairro Braz Simões, uma ascensão que me offerece um dos mais lindos aspectos d'esta cidade.

E assim era, de facto. A' medida que trepavamos a encosta que leva á Penha de França, a cidade desenrolava-se n'um panorama soberbo, em amphitheatro, sobre o qual o sol chispava, imprimindo á casaria scintillações de ouro novo, desde a foz do Tejo ao dorso illuminado da serra de Cintra, que formam como que a barreira natural da cidade, cortada aqui pelo esbatido perfil do zimborio da Estrella e além pelo admiravel contorno do palacio da Pena. Na vertente opposta, o sempre lindo panorama do Tejo, a serpentear em volta da cidade, n'uma extensão enorme, descortinando-se lá ao fundo o Mouchão da Povoa, batido de sol, como pedaço desprendido do immenso trecho verde amarello das campinas ribatejanas, que, lá ao extremo, se liga ao azul purissimo do ceu.

Contemplado o panorama, que difficilmente se despega da retina, tomamos conta da agitação que nos rodeia. Do velho edificio do palacio do conde Soure, onde durante tanto tempo, formigou uma população miserrima e irrequieta, já nada existe. Todo elle foi apeado. Uma avalanche de trabalhadores, sob a direcção do constructor civil sr. Sebastião Bragança, emprega-se na faina de remover entulhos, de demolir os antigos alicerces do velho solar e outros occupam-se em cavar, nos terrenos da quinta, as ruas do futuro bairro.

Para o lado do bairro Braz Simões, dominando a cidade, constroe-se uma poderosa muralha, sobre a qual assentará a parte posterior do bairro em construcção. Essa muralha, que tem na parte mais alta 19 metros, importa em 16 contos, despeza importante que é bem compensada pelo terreno que conquista para o nosso bairro Tem 6 metros e meio de base, constituindo um dos mais importantes trabalhos do genero que existe em Lisboa e no paiz.

A frente do bairro da Misericordia mede cerca de duzentos metros, devendo ser servido por duas ruas de dez metros, além das interiores. A primeira, em escadaria, destina-se aos peões; a segunda, em rampa, a carruagens, viaturas, para os casos de incendio.

A' direita, deitando para o bairro Braz Simões, ficam as construcções gratuitas, as casas que a Misericordia cede aos seus protegidos, satisfazendo o legado de D. Carolina Paiva d'Andrade. Ali vão ser edificadas 37 casas, cada uma com duas habitações e um pequeno pateo. A esse grupo de casas junta-se um lavadouro e uma cosinha destinada a preparar uma refeição que será distribuida diariamente aos inquilinos gratuitos do bairro. A area das casas gratuitas e annexos é de cerca de 2.000 metros.

A ala esquerda do bairro é occupada pelas construcções economicas, em numero de 140, algumas das quaes contendo rez-do-chão e primeiro andar. Todas estas casas são excellentemente construidas, magnificamente arejadas e, apesar de modestas, offerecendo um aspecto d'arte.

Ao centro do bairro, assumindo especial importancia nas suas proporções e delineamento artistico, destacar-se-ha o edificio da escola primaria para ambos os sexos, podendo receber uma população infantil de 60 alumnos.

As obras do bairro da Misericordia, que estão orçadas em 170 contos, proseguem com toda a actividade, para que dentro do anno corrente possam estar concluidas.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

A fortuna publica na Allemanha

Como se convencem os allemães a subscrever para o novo emprestimo de guerra

A Allemanha lançou um novo emprestimo para fazer face ás despezas de guerra. A fim de tranquilisar os subscriptores, a imprensa teutonica declara que a riqueza publica é praticamente inexgotavel e trata de dar a maior vulgarisação possivel aos estudos economicos de Carl Helfferich sobre a situação financeira do povo allemão no periodo que decorre desde 1880 a 1913. Transcrevemos, a titulo de curiosidade, algumas passagens d'esse livro:

Os rendimentos do povo allemão sobem hoje a 43 billiões de marcos por anno, ao

---

Folhetim d'A CAPITAL 12-3-1915

Uma historia vulgar

I

Clotilde tinha parado no meio da alameda, com os hombros erguidos, a graciosa face de virgem loira voltada para o noivo.

Na tarde de abril, toda em caricias e reflexos, volitavam azas, confundiam-se murmurios e bulicios dormentes, subia de quando em quando um gorgeio mais enlevado da primavera—e para além dos perfis gigantes, contemplativos, dos velhos freixos saciados de luz, o perfume das rosas alastrava, tornava-se tão vivo e tão insistente como se quizesse penetrar todo o vasto e claro céu.

Um momento Clotilde contemplou os grandes massiços floridos que se prolongavam até ao tanque: havia n'elles variedades quasi infinitas de rosas—umas muito pallidas e lindas fazendo vergar as hastes sob os seus reflexos de opalas, outras rastejantes, alastrando em tons vivos por entre a agua das regas, outras erguidas em fartas latadas, modestas, risonhas, pequeninas, ou tão grandes, de um vermelho tão intenso, tão humido, como se nas pétalas lhes borbulhasse o sangue das antigas driades.

E Clotilde demorava-se a contemplal-as toda em emoção, sem uma palavra, desejosa talvez de que todo aquelle aroma, aquella frescura e aquelle encanto das rosas penetrasse na sua carne de virgem, se fixasse no seu sorriso, irradiasse no seu olhar. Depois, na altivez de se sentir mais bella, encarou o noivo, aquelle noivo que lhe voltava ao fim de annos de ausencia e de melancholia e, como elle a enlaçasse pela cintura, ella sorriu-lhe em todo o esplendor da luz, e desprendendo-se brandamente, com a voz muito quebrada, muito doce:

—Querias ir até ao mirante, não é verdade, Jorge?

II

Tinham chegado defronte do portão onde os milheiraes começavam, pareciam latejar entre as aguas sussurrantes da rega: e na tarde agora mais fresca, de uma frescura penetrante, deliciosa, Jorge ia lembrando as boas manhãs de ferias em que outr'ora corriam os dois por toda a quinta—ao principio n'uma despreoccupação de parentes proximos, depois, a pouco e pouco, n'um interesse mais commovido, quasi amoroso.

Mas, passados minutos, na outra extremidade da alameda Clotilde parou tambem, e apontando o velho cedro muito recortado, glorioso na luz:

— Era ali que estava o baloiço. Lembras-te, Jorge?

Elle sorriu, lembrou o primeiro beijo que lhe furtára ao canto do muro, n'uma tarde de agosto em que as rôlas gemiam ao longe nos pinhaes; depois, docemente, no modo tão equilibrado, tão lento que trouxera do estrangeiro, perguntou-lhe:

—Ainda vens para aqui lêr o Musset?

Era no vasto hemiciclo revestido de azulejos onde se abria o portão que dava para a eira, e Jorge admirava agora, a um e outro lado das pilastras de marmore erguidas até ao friso onde um busto de Demeter poisava, os soberbos azulejos do seculo XVIII reconstituindo creações mimosas da Grecia antiga.

Acima das duas bancadas baixas, de cantarias lisas e espelhentas que orlavam o portão, dois medalhões resaltavam da parede branca, erguiam-se nas peanhas todas sepia e azul onde Neptuno acalmava tempestades — e eram, no emoldurado das palmas verdes e das flôres exoticas, de uma belleza incomparavel.

Jorge olhava-as alternativamente, demoradamente, como se procurasse saber qual dos dois era mais bello; e ficava suspenso, esquecido de tudo, sem uma palavra.

Nunca lhe tinham parecido tão inspirados, tão luminosos os dois medalhões antigos, e durante um largo minuto não poude desprender os olhos do que lhe ficava mais proximo—aquelle que á direita da porta simbolisava a «Poesia», com uma mulher coroada de louros, talvez uma das Charitas ou uma das Musas, tangendo a lira de sete cordas, uma outra mulher ao lado toda seducção e surpreza, a chlamyde a esvoaçar, os longos cabellos soltos, e ao fundo os cavalos de Apollo arremessando-se para os céus. Mas o outro parecia-lhe agora melhor, mais arrojado e mais perfeito, com a personificação da «Dansa»—talvez n'uma sacerdotiza de Eleusis, talvez n'uma bacchante em todo o esplendor dos antigos mitos—destacando-se do fundo tenso das nuvens e dos arvoredos, com os braços arqueados na luz, o grande colar de mirtos e de rosas cahido até ao seio, e os olhos loucos provocando as tocadoras de flauta.

Era o recanto do jardim que um antepassado cummulára de bellezas: junto do mirante, entre as duas columnatas jonias, erguia-se a estatua de Pan que Clotilde em pequenina coroava de flôres; e mais além, ao longo do muro, a cinta de loureiros e de baunilhas interrompia-se por vezes deixando vêr outros azulejos intactos, muito bellos, com pugilistas, e nimphas, e centauros, e sátiros surgindo na espessura dos bosques, e uma cabeça de Orpheu, já rolando nas aguas do Hebro, levando ainda as raparigas da Thracia com as suas divinas, immortaes melodias.

Mas já Clotilde ia subindo para o mirante; e, pouco depois, ao lado da noiva, na embriaguez do seu sorriso tão espiritual e tão claro, Jorge olhou os campos até ao rio onde os álamos se perfilavam, até ás colinas nos confins do horisonte, violaceas, quasi negras, cingindo as manchas variegadas dos olivaes, dos vinhedos, das hortas, dos pomares.

Junto do rio, a quinhentos metros, a casita do barqueiro, muito branca, isolada entre os choupos, demorava-lhe os olhos, retinha-o n'um enternecimento; e foi com os olhos fitos, a voz quasi velada, que perguntou á noiva:

—E a Rosa? Ainda móra acolá?

Mas Clotilde não lhe respondeu, tornou-se de repente muito séria, talvez esquecida, talvez alheada n'algum grave cuidado—e elle recordou então, n'aquelle fim da tarde tão pacificador, tão indulgente, os grandes olhos negros de Rosa e o seu busto perfeito, tão palpitante de morena que, emergindo do lenço escarlate, todo em franjas, era, annos antes, o supremo encanto dos arredores.

Fôra n'uma tarde julho, quando a calma cahia, que elle a levára, entre beijos e protestos, para lá da azenha; que a abraçara entre as medas do trigo loiro, muito macio—e nunca mais pudera esquecer a languidez do seu corpo, todo n'um tremor de vergontea, nem os beijos da sua bocca perfumada. Depois, durante mezes, por noites mimosas de luar, por manhãs frescas de verão, aquelle amor empolgára-o, fôra toda a fragilidade, todo o triumpho das suas horas melhores; e agora mesmo, depois de ter amado tanto, o pensar que outros a tinham por certo possuido, a tinham aviltado talvez, era para elle um tormento.

A sua vida de rapaz, tão irreprimida, tão tumultuaria, ia findar; todos os sonhos, toda a louca dissipação da sua mocidade, ia fechar-se n'aquelle amor de Clotilde tão de enlevo, de uma gloria tão perenne; e comtudo não poude deixar de insistir, de perguntar ainda:

— Não a tens visto, não sabes d'ella?

Então Clotilde fitou-o com os grandes olhos virginaes; e, lentamente, na taciturnidade a que cada palavra a impelia, começou dizendo a triste sorte de Rosa:—primeiro o pae expulsára-a, moera-a de pancadas ao sabel-a gravida, obrigára-a a mendigar pelos caminhos, a dormir quasi nua pelos portaes. Mas um dia a justiça viera e levára-a porque a triste, n'um acesso de raiva ou de loucura, tinha abandonado o filho atraz de uma sebe. E ao fim de muitos mezes, depois de a terem soltado, a pobre Rosa voltára tão pallida que a todos fizera dó, e tão perdida, tão perdida que por vezes á noitinha assaltava as casas da aldeia ou corria pelas estradas atraz dos carrejões, com grandes gestos impudicos. Comtudo, no meio da sua miseria, era ainda linda, tinha ainda os mesmos olhos negros e ternos, a mesma cintura estreita, toda vergada em meneios—e uma tarde uma mulher desconhecida apparecera na aldeia, levára-a para Lisboa.

— Coitada! Se soubesses a pena que tenho d'ella!...

Encostado ao parapeito do mirante Jorge ouvira tudo sem uma palavra; e agora, na recrudescencia sombria do seu remorso, recordava os alcouces das vielas tenebrosas, o horror das noites decorrendo entre blasphemias e punhadas, a miseria derradeira do hospital.

O sol cahia no horisonte todo em gemmas e rubis e incandescencias de apotheose; os contornos dos grandes freixos eram mais delicados, mais esbatidos na agonia da tarde; junto do rio a casita do barqueiro, isolada entre os choupos, parecia agora toda fulgida, toda de oiro; e Jorge tornava-se tão pallido que a noiva lhe perguntou de repente:

—O que tens tu?

Elle procurou sorrir-lhe, e, enlaçando-a pela cintura, com esse modo tão equilibrado, tão lento, que tinha trazido do estrangeiro:

—Nada! Não tenho nada. Olha como são lindos os azulejos...

III

Na tamisação da luz suavissima, de uma ternura incomparavel, os marmores das estatuas e os grandes medalhões antigos pareciam mais bellos, evocavam melhor, n'aquelle recanto perdido do jardim, um trecho da Grecia immortal.

A hora era propicia, toda de enlevos, de evocações felizes e, quando os dois noivos desceram do mirante, as chlamydes pareciam esvoaçar mais alto á brisa, a «Dança» parecia mais temeraria, mais arremessada em todo o esplendor dos antigos mitos.

Os ultimos gorgeios perdiam-se no crepusculo; os velhos freixos contemplativos eram todos em extase, com os cimos ainda em plena luz; e, lentamente, ante o sorriso delicioso da noiva, a commoção de Jorge ia-se dissipando emquanto o perfume das rosas alastrava mais, se tornava a cada momento mais vivo e mais insistente como se quizesse embriagar todo o profundo céu.

CHAGAS FRANCO

passo que em 1895 oscillavam entre 23 e 25 billiões.

D'esses 48 billiões empregam-se em despezas publicas cêrca de 7 billiões, quer dizer, uma sexta parte. Em despezas privadas gastam-se 27 a 28 biliões, ao passo que 8 billiões, que pela crescente valorisação automatica da fortuna publica sobem a 10 billiões, devem considerar-se como o augmento annual da fortuna allemã, que ha quinze annos não excedia 5 billiões.

Essa fortuna publica da Allemanha eleva-se hoje a 300 biliões de marcos. Ahi por 1890 não ia além de 200 billiões.

Que significam estas cifras em face do novo emprestimo de guerra? Até hoje votaram-se 10 billiões — a somma de que a fortuna publica augmenta todos os annos, ou, por outras palavras, o excesso d'essa fortuna. O emprestimo tem como consequencia a fecundação da industria, o augmento dos salarios, a melhoria das familias necessitadas, a possibilidade de futuros progressos. As reservas de ouro da *Reichsbank* eram em 30 de junho de 1914 de 1306,2 milhões de marcos; em 31 de julho do mesmo anno, de 1253,2 milhões, e actualmente cifram-se em 2255 milhões.

Como conclusão logica, os patrioticos economistas entendem que todos devem subscrever para o novo emprestimo de guerra. O peor é que a carestia da vida, a escassez do pão, o augmento nos preços da carne, da batata, da manteiga, etc. não dispõem muito bem o publico a tal respeito.

Bem se importa o povo allemão que lhe digam e provem que é riquissimo, se essa riqueza nem ao menos lhe serve para conjurar a fome que o ameaça!

Theatro de S. Carlos

Hoje não ha espectaculo em S. Carlos para se activarem os ensaios da peça em 4 actos «A aventureira» que sobe á scena na proxima semana na festa artistica de Angela Pinto.

A'manhã representam-se a peça do grande successo «A força do destino» e as celebres peças de Julio Dantas «Ceia dos Cardeaes» e «Rosas de todo o anno».

MUSICA

Sonatas de Beethoven

Terminou hontem a série de audições em que Rey Colaço, o infatigavel propagandista da boa musica, nos fez ouvir, com o concurso de Julio Cardona, as doz sonatas para piano e violino.

Foram cinco serões deliciosos, em que, além das duas sonatas que entravam em cada programma, outros trechos do «raro genio, do grande artista, do homem bom» se executaram. De memoria citamos *Bagatelas*, preciosamente executadas por M.elle Costa.

A ultima audição teve a realçal-a uma palestra do sr. Mello Barreto, o distincto critico musical, que em justas e calorosas palavras enalteceu a iniciativa de Rey Colaço, fazendo depois uma breve mas erudita analise das sonatas de Beethoven nas suas tres phases de producção.

Terminou o sr. Mello Barreto por fazer votos por que a esta serie se siga outra para a execução integral dos *trios*. A este voto nos associamos, certos de que Rey Colaço não desanimará na sua fadigosa cruzada de Arte.

Além das duas maravilhosas sonatas a Kreutzer e ao archiduque Rodolpho, completou o programma *O Rei dos Alamos*, cantado por M.me Guithon de Vignemont. Era grande o interesse que despertava esta audição do recem-descoberto trecho beethoveniano, principalmente por a mesma balada ter inspirado as duas bellas composições de Schubert e Loewe.

E' curiosa a semelhança psicologica que existe entre os tres trechos; o de Beethoven não é descriptivo, mas, por isso mesmo, é ainda mais dramatico, e foi interpretado com nobreza. Se bem que M.me Guithon não estivesse em boa disposição, o que a impediu de cantar o *Canto religioso*, ainda assim revelou bellas qualidades, que esperamos ver bem patentes n'uma proxima audição.

H. de A.

Amanhã, na Amadora

Amanhã, realisa-se uma festa interessantissima na Amadora. No amplo e bello salão dos Recreios Desportivos effectua-se um sarau seguido de baile, organisado em homenagem aos socios e suas familias. O programma é o seguinte:

1.ª parte: «Ouverture», pela banda; Versos, pelo sr. José Moreira; Cançoneta, pelo sr. Seraphino Fernandes; Monologo, pelo sr. Humberto Franco; Cançoneta, pelo sr. Alfredo Gaspar; «Fado Ideal», cantado por mademoiselle E. V.; «Tango argentino» e «Passos de aviador», danças executadas pelo sr. Arthur Rodrigues e mademoiselle N. N.

2.ª parte: «Ouverture», pela banda; Fados cantados á guitarra pelo sr. Antonio Lado; Monologo, pelo sr. Delphim Henriques; «Canção norte-americana», pelo sr. Ricardo Sistelo; Concerto de guitarra, pelo sr. Eduardo Moreira; Valsa do «Chateaux Margaux», pela actriz Lina Sant'Anna; «Corridinho», «Mazurka russa» e «Furlana», danças pelo sr. Arthur Rodrigues e mademoiselle N. N.

Empregados de escriptorio

A direcção d'esta collectividade recebeu da Associação Portuense de Empregados de Escriptorio um officio communicando-lhe ter sido approvado por acclamação um voto de louvor á sua congénere de Lisboa pela fórma criteriosa como tem sabido sustentar e defender as mais justas reivindicações da classe.

Igualmente recebeu da Direcção da mesma collectividade um officio communicando-lhe que foi eleito, tambem por acclamação, seu socio honorario o seu delegado junto da sua congénere de Lisboa e vice-presidente da direcção d'esta, sr. Pedro Lavado Barata.

No dia 25 realisa-se a assembleia geral para apresentação do relatorio e contas de gerencia e parecer do conselho fiscal, que brevemente serão distribuidos, e eleição de corpos gerentes.

O proximo concerto Pedro Blanch

E' sem duvida o mais sensacional de toda a temporada o programma do concerto da *Orchestra Simphonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Blanch, que se realisa em S. Carlos no proximo domingo. E' a festa dos professores que compõem a organisação da orchestra e toma parte o notavel pianista João Queriol, que executa pela primeira vez o famoso *Concerto em mi bemol* de Liszt, com acompanhamento de orchestra. A orchestra executa pela primeira e unica vez o celebre poema simphonico, de Saint-Saens, *Phaeton* e a brilhantissima ouverture do *Guilherme Tell* e pela unica vez o famoso *Septimino* de Beethoven, por todos os professores dos respectivos naipes, e outras obras dos mais notaveis compositores classicos e modernos.

MARAVILHAS DO AUTOMOBILISMO

Está em Lisboa um automovel americano

E' o carro automovel mais rapido e que melhor sobe rampas entre todos que até hoje vieram para Portugal

Eram 8 da manhã e em nossa casa appareceu o convite para esperarmos o amigo Leite Galvão, o distinctissimo *sportsman*, hoje enthusiasmado com o seu importante negocio de automoveis no qual desenvolve a mais intelligente actividade.

Do que se trataria? Certamente de algum caso excepcional, para tão matutina prevenção. Assim era. O sr. Galvão procurava-nos para, na sua companhia, ir ver um automovel americano, chegado ha quatro dias e que teve, em poucas horas de exposição no Salão da Avenida, 84 a 90, centenas de admiradores, dezenas de pretendentes e um comprador immediato.

Era um carro que tinha chegado, tinha sido visto e immediatamente tinha vencido um mercado exigente!

Fomos vel-o. E', na verdade, um bello exemplar, de mechanica automobilista. Imponente na estructura do seu motor, dando absoluta confiança na resistencia do seu material, com bellas modificações de commodidade para o turista, elegante na *carrosserie*, com detalhes novos de conforto, *chassis* alto, eixos robustissimos, a *direcção* de fórma que não incommoda o automobilista, facilidade de «pôr em marcha», silencioso apesar da grande força do seu motor—tudo se via e comprehendia n'um exame superficial, que comnosco faziam outros enthusiastas do automobilismo, alguns dos quaes lamentavam a sua compra immediata porque tambem queriam compral-o!

A um d'elles ouvimos dizer:

—Vi-o nas suas experiencias e, com franqueza o automovel não podia fazer mais nem melhor. Trepava as rampas mais ingrimes e *embalava* em tão curto espaço, em 150 metros, que não considerámos exagerado o que estes srs. dizem fazendo o elogio das suas qualidades...

—Não é exagero e o senhor não viu ainda tudo, acudiu um rapaz sympathico e forte. Fui eu que guiei este bello *Stutz*, nas experiencias de antehontem. Fiz com elle as maiores diabruras, as que se podem fazer quando nos pedem o maximo na averiguação da resistencia do material. O sr. Galvão queria ver se o aço «dava de si» e se a construcção do automovel era a que os americanos annunciam. Fiz as experiencias e os resultados foram maravilhosos. Qualquer outro carro partia e nunca mais podia servir. Este está ahi como vê...»

Não podia exigir-se mais! O *Stutz*, em Portugal, tinha radicado a formula que corre na America, que alli se impoz e que é a seguinte: *Estes automoveis adquiriram fama e consideração desde o primeiro dia que se construiram*. O successo foi excepcional! O proprio sr. Leite Galvão, que é um automobilista insigne, um technico de valor e muito intelligente, accrescentava que tambem, até hoje, ainda não havia guiado um carro, que tantas impressões de agrado lhe produzisse. Em termos de convincente enthusiasmo, exclamava:

—... E' o carro automovel mais rapido que tenho visto. Em Portugal não existe, com certeza, um automovel que trepe, como este *Stutz*. Quando o seu actual proprietario, sr. João José Soares Mendes, quiz experimental-o, subi em *prise directa*, com vertiginosa velocidade, a rampa que termina a rua Barata Salgueiro. Aquelle senhor, porém, não se deu immediatamente, por convencido, alegando que a subida se fizera d'aquelle modo porque o carro vinha *embalado*. Voltei com o *Stutz* á rua Barata Salgueiro e sem acelerar, em marcha moderadissima, subimos a rampa da mesma forma! Não havia possibilidade de novas duvidas. Em todo o caso, fizemos outra experiencia. Dirigi o *Stutz* para a ladeira; a meio d'ella, abandonei o acelerador, depois avancei o carro e a nova *reprise* fez-se sem difficuldade, obedecendo o automovel ao commando como o mais obediente servidor do que d'elle se exigia!

—E *lança-se* com rapidez?

—«Extraordinaria! Em 200 metros está absolutamente *lançado*. E depois não ha quem o agarre. O *Stutz* vem confirmar uma verdade conhecida de muitos e que é a de: que os yankees quando querem construir bom, fazem'o como ninguem. Bem sei que...

—... Dizem mal dos carros americanos!

—«Sim, dizem mal mas não o experimentam. Quem fala é o inexperiente ou aquelle que vê na barateza do automovel americano uma grave concorrencia para a fabricação europeia. Mas não deve ser assim. Eu, por exemplo, sou representante dos *Gobron*, tidos como os mais ricos automoveis da França, mas considero-me incapaz de desvirtuar uma verdade e dizer mal do que é bom. Ainda bem que o *Stutz* vae desfazer a lenda, provando que não ha melhor, mais solido, mais rapido e com tanto requinte de conforto e elegancia para o automobilista! E de hoje em diante quem quizer despreciar o carro americano terá diante de si o phantasma contradictor dos *Stutz*.

—De que o sr. é representante...

«Effectivamente do que serei representante porque estou sem automoveis na presente occasião. Vendi este em horas. Vendia mais uns tres se os tivesse!...»

Quando o sr. Leite Galvão fez esta affirmativa algumas pessoas presentes confirmaram-na dizendo que aguardavam o tempo que fôsse necessario para que a *Auto-Brazil* lhes entregasse os *Stutz* encommendados.

Não quizemos sahir da ampla e bella *garage* da rua Andrade Corvo sem os ultimos esclarecimentos.

—E são caros?

—Não. *Carroçados* e promptos a marchar são mais baratos que um *chassis* Gobron.

—E quantos tipos ha dos *Stutz*?

—A fabrica constroe tres. Este é o catalogado de 38 H. P. mas, porque temos a absoluta certeza de que aos *Stutz* está reservado um grande futuro, entrámos em negociações com a fabrica para crear um tipo portuguez, tendo a *carrosserie* e o radiador a fórma que mais agrada ao nosso feitio e preferencia artistica. Ha correntes da moda e certas bizarrias a que temos de attender...

A situação politica

A direcção do Centro Republicano Dr. Bernardino Machado convidou a commissão parlamentar eleita pelo Congresso da Republica a fazer uma serie de conferencias nas salas do mesmo Centro sobre a actual situação politica. A primeira será realisada pelo sr. dr. Bernardino Machado, patrono do Centro.

Estudantes de medicina

Procurou-nos o sr. Isaac Levy, alumno da Universidade de Lisboa, em nome de uma commissão composta pelos seus collegas Gomes da Silva, Vasco Lacerda, Malta e Fernando Lacerda, para nos dizer que na reunião que ha dias realisaram não ficou resolvido dirigirem-se ao ministro da instrucção, como erradamente constou, mas sim ao conselho escolar.

Trata-se, como dissémos, da pretenção que alguns alumnos manifestaram de passar para o 4.º anno sem a cadeira de anatomia pathologica ou pharmacologia, pretenção a que foi desfavoravel o parecer do conselho escolar.

O concerto de domingo no Politeama

O argumento da Simphonia de Berlioz

A «Simphonia Phantastica», de Berlioz, que será pela primeira vez ouvida no domingo, no Politeama, tem um desenvolvido argumento. Muito reduzidamente é este:

Um jovem musico de imaginação ardente e grande sensibilidade, n'um accesso de desespero amoroso embriaga-se com opio. Reduzido a um somno pesado, este traz-lhe um sonho de phantasticas visões, durante o qual os seus sentimentos são traduzidos por pensamentos e imagens musicaes.

No primeiro numero (sonho e paixões) recorda-se o artista do estado doentio da sua alma, envolvida em turbilhões de melancolias, que esmagam a alegria que experimentava antes de conhecer a sua amada. Seguidamente, o amor vulcanico, que ella lhe inspira redu-lo a uma agonia dilacerante, crivada de ciumes, transparecendo entre excessos de ternura...

Encontra a mulher querida n'um baile (2.º numero) arrastada pelo tumultuar d'uma festa cheia de fausto e estonteante de prazeres.

N'uma linda tarde de verão, (scenas campestres) traz-lhe uma calma desconhecida o ligeiro ruido do arvoredo docemente abalado pelo vento, e os encantos poeticos da paysagem dão ás suas ideias uma côr mais ridente.

Porém, ella apparece-lhe de novo, enchendo-lhe o espirito de presentimentos dolorosos, e esmaga-lhe mais uma vez o coração o receio de ser trahido.

Desvairado (Marcha do supplicio) assassina a sua amante. Condemnado á morte é conduzido ao supplicio.

O cortejo fatal avança aos compassos da marcha sombria e funebre, outras vezes, brilhante e solemne.

Monstruosa multidão de espectros estão reunidos para os funeraes, em alaridos de alegria.

N'essa orgia diabolica, a sua amada está envolvida. Perdera todo o cunho de nobreza e timidez...

A contas com a policia

Ao sr. Antonio Nasciso, do Bombarral, chegado ha dois dias a Lisboa, subtrahiram os gatunos, por meio do «Conto do vigario», o relogio, cordão, medalha de ouro e a carteira com uma importante quantia em dinheiro.

O Narciso havia ido hontem a Belem e na volta ao apear-se no Caes do Sodré foi abordado por dois individuos com os quaes travou conhecimento, indo todos trez sentar-se n'um banco do jardim que fica proximo.

Uma vez ahi os gatunos narcotisaram o Narciso chegando-lhe um lenço ao nariz, praticando em seguida o roubo.

Quando accordou e deu pela falta dos objectos apontados, o pobre forasteiro só teve como remedio vir apresentar a respectiva queixa á policia.

* *

Um tal José Leite, residente na rua do Bomjardim, no Porto, conseguiu seduzir Alice da Silva, da rua da Bella Fontinha, da mesma cidade que, depois de roubar ao pae varios objectos, veiu para Lisboa com o Leite e mais Margarida dos Anjos, da mesma rua. Ao chegarem aqui o Leite abandonou-a na praça da Alegria, levando-lhe os objectos que a Alice furtára ao pae no valor de 300 escudos.

As duas pequenas, vendo-se abandonadas, vieram a noite passada pedir poisada ao governo civil onde o pae da Alice as veiu hoje encontrar.

A policia procura o José Leite.

* *

Como assaltantes das padarias da rua do Sol ao Rato, 61 e rua de S. Bento, 524, foram detidos Antonio Pinto da Silva, o «Janota», da rua do Arco de S. Mamede, 28, loja; Alfredo Ribeiro Teixeira, o «Chucha»; da rua da Paschoa, 49, rez-do-chão; e Raul Lopes dos Santos, villa Visconde da St. Ambrosio, porta 2. Foi tambem capturado Arthur José Maria Bello, o «Grão», da calçada da Ajuda, 152, pateo do Pincel, por ter assaltado a padaria da rua da Correnteza, em Belem. E por insultos á força publica, ter atirado pedras e disparado tiros na praça Duque da Terceira foi para juizo o peixeiro Antonio Ribeiro, do largo de S. Paulo, 7, 4.º

* *

Julia de Oliveira, da rua 4 de Infantaria, 71-A, queixou-se á policia de que na occasião em que subia o elevador de Santa Justa, deu por falta da quantia de 85 escudos, não sabendo se os perdeu ou se lh'os roubaram.

ULTIMAS NOTICIAS

O VIL METAL...

Quem tem libras para vender?

Emissarios hespanhoes compram-nas agora por mais trinta centavos que o cambio do dia

Qual seria o valor do ouro existente até ha pouco em Portugal? Impossivel fazer um calculo approximado. O que se sabe, como absolutamente certo, é que já hoje existe muito menos do que ha quinze dias...

Emissarios de casas bancarias estrangeiras, principalmente hespanholas, teem farejado a rigor os mercados de Lisboa e Porto, comprando com bom premio todo o ouro que encontram: libras, outras moedas estrangeiras que são trazidas pela população fluctuante e até o precioso metal fundido, em barras, que tinha sido importado para uso das officinas de ourivesaria. Esse negocio é feito com grande vantagem para os vendedores, porque os emissarios que por ahi teem andado pagam em media mais 30 centavos por cada libra do que o cambio do dia fixado nas tabellas officiaes. Se a libra oscilla entre 6$80 e 7$00, elles pagam-na por um preço que vae de 7$10 e 7$30. E' claro que estabelecem a mesma proporção de augmento para as outras moedas e para ouro em barra.

Seria curioso determinar a importancia d'esse verdadeiro negocio da China, saber, em summa, as centenas de milhares de contos que havia em ouro dentro do paiz. Mas, como dissémos, ninguem, mesmo das pessoas mais enfronhadas em negocios financeiros, se atreve a fazer esse calculo. E a razão é simples:

Para effeitos officiaes, dentro do paiz existe o ouro que está no Banco de Portugal como garantia da circulação fiduciaria. São 8.000 contos. O outro circula pelas casas bancarias é tem estado guardado no pé de meia dos particulares. Impossivel trazel-o ao manifesto... Antes da crise de 1892, calculava-se em 50.000 contos o ouro que andava em circulação. A prova de que esse calculo não andava longe da verdade teve-se pouco depois, com a exportação de cerca de dez milhões de libras, 45.000 contos ao par, que se fez no nosso paiz logo a seguir áquella crise.

D'então para cá, mais ouro tem sahido e outro tem entrado, mas sem que isso tenha influido grande coisa na situação estabelecida depois de 1892. Tambem n'essa epocha se fizeram fortunas com a caça á libra, sendo as provincias assaltadas por habilidosos homens de negocios que descobriram a mina a explorar.

E porque andam os emissarios hespanhoes tão açodados á procura do ouro? Ha uma explicação para o caso. A Hespanha vae modificar o seu systema monetario, estabelecendo o padrão ouro, a exemplo do que succede hoje em quasi todos os paizes. E' natural que pense, por esse motivo, fazer uma emissão de moedas em ouro, preparando-se as casas bancarias para as inevitaveis transacções a que tal medida dará logar. Por outro lado, diz-se tambem que o governo hespanhol, (e um jornal de Madrid, o *Economista*, já se fez echo d'esse boato), deseja contrahir um emprestimo de mil milhões de pesetas a fim de extinguir o *deficit* e construir uma nova rede de caminhos de ferro. Se assim fôr, concluir-se-ha que os banqueiros hespanhoes se habilitam a fazer o seu negocio com o Estado.

E a sahida do ouro, n'uma escala tão larga em relação ás pequenas quantidades que deviam existir no paiz, não terá no nosso mercado um reflexo prejudicial? Segundo alguns entendidos que consultámos hoje, a influencia d'esse facto será nulla ou quasi nulla, visto que os estrangeiros, comprando o metal ouro, entregam cheques em dinheiro estrangeiro que teem o mesmo valor.

Em resumo: por cada libra, mais trinta centavos que o cambio do dia. Um negocio de mão cheia—para quem as tiver...

A morte das cultuaes

E' dada pósse da egreja de S. Vicente á irmandade do Santissimo

Pelas 15 horas de hoje, como estava annunciado, foi dada em S. Vicente de Fóra pósse da egreja á Irmandade do Santissimo. Como na Graça, compareceram conhecidos catholicos e os membros da Irmandade do Santissimo D. Thomaz de Vilhena, juiz; Conde de Avilez, escrivão; D. Luiz Vaz de Almada, Conde de Sampaio e Joaquim Teixeira Beltrão, vogaes; vendo-se ainda os srs. Antonio Pereira da Cunha, o prior Francisco Esteves, o coadjutor padre Firmo, membros das irmandades da Nossa Senhora das Dôres, dos Filhos de Maria, do Apostolado da Oração e da Senhora dos Afflictos, além do mulherio do sitio, gente pobre e gente das vias-sacras e aqui e além grupos de curiosos. O sr. Joaquim Nogueira, do Corpo Auxiliar de Salvados, arrombou as grossas portas de pau ferro que deitam para o claustro do Pantheon, e toda aquella gente se precipitou, apressada e curiosa para o vasto transepto da antiquissima egreja dos congregantes de Santo Agostinho.

Da cultual não appareceu ninguem. O proprio guarda José Soares Ferreira, mais conhecido pelo *José de S. Vicente*, e que a ella pertencia disséra na vespera: —que a chave não dava elle. Que fizessem como na Graça.

Grupos de beatas ficaram examinando agora attentamente os altares e n'um grupo o padre Esteves ellucida:

—Os quadros da Via Sacra desappareceram e com elles toda a cera que deixamos nos altares!

E do lado, uma senhora, em cujo peito sobresae a cruz doirada que os peregrinos de 1910 levaram a Lourdes, accrescenta:

—E a corôa de Nossa Senhora?! Tambem levaram a corôa de Nossa Senhora!

—E mais a reliquia de S. Vicente, volta a dizer o padre Esteves!

Esta reliquia constava de um braço de tamanho natural com mão de prata e um osso do santo em deposito de vidro aberto no pulso.

—Essa reliquia, elucida um homemsinho, tipo de operario, foi roubada. Quem m'o disse foi o José Soares, o guarda. Elle é que substituiu a mão de prata por uma de pau...

—O hereje! commenta indignada uma mulhersinha, já entrada em annos, e que ouvia com a maxima attenção as explicações do operario.

—E tinha valor a corôa da Nossa Senhora e mais a reliquia?—pergunta-se.

—Tinha—diz o sr. padre Esteves. Basta dizer que aquella Senhora é antiquissima. Do tempo de D. Affonso Henriques! Chama-se até a Senhora da Conceição da Enfermaria e, diz-se, acompanhou D. Affonso nas suas luctas contra os mouros...

E, quando o prior se preparava para continuar as suas explicações, surge do centro da egreja um homem embriagado, que gesticula e discursa. Ha indignações, protestos e um policia, delicadamente, põe o homem fóra da egreja.

—Que mais falta?

—Sabe-se lá!—responde um membro da Irmandade. O inventario só agora appareceu, portanto só amanhã se pode verificar o que falta.

—E o auto de posse?

—Será tambem assignado amanhã, ficando as portas devidamente selladas.

Para evitar agglomerações a policia faz sahir toda a gente que não seja das irmandades ou da imprensa.

Uma mulhersinha do povo, indignada, protesta:

—Ora essa? Mas então para que é que me mandaram estar aqui ás 3 horas?

Dos claustros operarios trazem uma comprida escada que encostam ao orgão do altar mór e por onde sobem o Joaquim do corpo de salvados, o sr. conde de Avillez e o sr. Barcia que experimenta o teclado e verifica que o orgão está como o deixaram.

E como mais nada houvesse todos se preparam para abandonar o templo, emquanto n'um grupo, á beira do altar-mór, um sacristão explica a varias pessoas que ha dois mezes os estudantes arrombaram as portas do orgão e foram tambem arrombar as da casa da prata, indo collocar sobre a cimalha real uma umbella rica que lá encontraram. Eram 17 horas, e a debandada começou.

* *

A reconciliação da egreja da Graça far-se-ha na proxima quinta-feira, com a presença do sr. patriarcha. No dia seguinte é exposta á veneração dos fieis a imagem do Senhor dos Passos.

Balanço diario

Boatos de novas chacinas burocraticas. Rumores insistentes de demissões, de perseguições em barda. Serão verdadeiros? Ninguem sabe dizel-o. Os ministros calam-se, os seus secretarios calam-se. Todos se calam. O sr. Manuel Monteiro será tambem sacrificado? Por ora não. Só depois de ouvido o Supremo Conselho da Magistratura. Entretanto, terá uma suspensãosinha, para se ir habituando. Assim se rumoreja pela Arcada. E será verdade tudo o que se diz?

Companhia de Mossamedes

A vaga deixada pelo sr. Augusto José Vieira no conselho de administração da Companhia de Mossamedes tem uma multidão de pretendentes. O nomeado será, porém, ao que se diz pelo ministerio das colonias, o sr. Americo d'Oliveira.

Novo juiz auditor

Para a vaga deixada pelo sr. dr. Pinto de Mesquita no cargo de juiz auditor do tribunal especial que tem de julgar os individuos implicados nos ultimos acontecimentos politicos, foi nomeado, e já tomou posse, o sr. dr. Joaquim Augusto Alves Ferreira, ultimamente nomeado juiz do 1.º districto criminal.

Vadios

A'manhã, pelas 15 horas, reune no ministerio da justiça a commissão de reforma penal e prisional, para examinar os processos dos vadios que, estando presos, pediram a concessão de serem postos em liberdade sob fiança.

Novo ministro das colonias

O sr. Teixeira Guimarães, novo ministro das colonias, tomou hoje posse da sua pasta, a qual lhe foi conferida pelo ministro anterior, sr. Theophilo Trindade. Entre o ministro que sahia e o que entrava realisou-se uma demorada conferencia, depois de que os empregados superiores do ministerio foram cumprimentar o sr. Teixeira Guimarães. Por sua vez, o sr. Theophilo Trindade tambem tomou posse da pasta dos negocios estrangeiros, a qual lhe foi conferida pelo sr. Rodrigues Monteiro, que lhe apresentou tambem os directores geraes. O sr. Augusto de Vasconcellos conferenciou a seguir com o sr. Theophilo Trindade.

Ministros e ministerios

Conferenciaram hoje com o sr. ministro da justiça os srs. drs. Antonio José d'Almeida e José Maria d'Alpoim e o sr. governador civil de Braga. Com o sr. Guilherme Moreira estiveram o sr. ministro do interior e governador civil do Porto. Com o sr. presidente do ministerio avistaram-se, por sua vez, os srs. ministro da justiça, dr. Augusto de Vasconcellos e governador civil do Porto. O sr. Canto e Castro não acceitou o logar de chefe do gabinete do sr. ministro das colonias.

As moratorias

O sr. ministro da justiça recebe ámanhã, pelas 16 horas, a direcção da Associação Commercial que vae tratar de varios assumptos e pedir a prorogação das moratorias e occupar-se da situação das sociedades anonimas em Portugal.

Navios de guerra

Entrou hoje a barra o cruzador «Adamastor» que se encontrava no Norte. Tambem chegou ao Tejo o torpedeiro n.º 3 que anda na vigilancia da costa. A canhoneira torpedeira ingleza «Harrich», que veiu ao Tejo tomar carvão, sahiu ás 9,5.

NOTAS DIVERSAS

No 2.º districto criminal foi hoje apresentada uma queixa pelo sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da camara dos deputados, contra o sr. presidente da Republica, commandantes da guarda republicana e da policia, ministerio e outras entidades.

A queixa que foi distribuida ao cartorio do escrivão Gervasio Silva, encontra-se no mais profundo segredo da justiça.

EM SANTA CLARA

Ainda o movimento de outubro

Realisam-se na semana proxima mais dois julgamentos, entre os quaes o da «Messejana»

Tendo tomado posse do cargo de auditor do tribunal especial o sr. dr. Alves Ferreira, volta o referido tribunal a reunir-se no dia 18 do corrente, pelas 13 horas, sob a presidencia do general sr. Oliveira Garção, a fim de julgar Manuel de Sousa Brito, de 29 annos, chegador, filho de Manuel de Brito Clara Junior e de Maria de Sousa, natural de S. João de Alportel. E' accusado de, na fronteira, auxiliar a fuga de presos politicos, vindo a ser preso quando se encontrava em Thomar. Não tem testemunhas de defesa e as de accusação são dois policias.

No dia 19, á mesma hora, reune-se outra vez o tribunal para julgar os individuos que estão implicados no caso da «Messejana». Os reus são:

Thiago Affonso Romano, de 28 annos, de Aljustrel, guarda-livros; José Antonio Monteiro, guarda-portão, de 41 annos, de Cabo Verde; Antonio Joaquim Pires, trabalhador, de 57 annos, de Vinhaes; José Jacintho Almeida, empregado publico, de 31 annos, de Goes; Luiz Martins, estudante, de 17 annos, de Lisboa; Antonio Salgueiro, proprietario, de 37 annos, de Torres Novas; Fernando dos Reis, empregado no commercio, de 18 annos, de Lisboa; Sebastião dos Anjos Elvas Mascarenhas, empregado no commercio, de 20 annos, de Lisboa; Eugenio Augusto da Silva, cipographo, de 20 annos, de Lisboa; Anselmo Augusto de Sousa Martins, marinheiro, de 28 annos, de Lisboa; Diogo José da Silva, aspirante da marinha mercante, de 22 annos, de Lisboa; Luiz Jacques Cesar da Matta, empregado publico, de 43 annos, de Cabo Verde; José Cordeiro Guerra, empregado no commercio, de 24 annos, de Alcochete; Victor da Conceição, policia, de 34 annos, de Reguengos; e Florindo Agudo da Conceição, carteiro, de 28 annos, do Sardoal.

As testemunhas são em grande numero.

São absolvidos os reus do 27 de abril

A's 14 e 40 minutos o sr. coronel Garcia Guerreiro declara aberta a audiencia. Uma força de infantaria faz o policiamento da sala. O sr. tenente Olympio de Mello procede á leitura dos quesitos, findo o que o juri recolheu para deliberar. Eram 15 horas. Duas horas depois o sr. dr. Costa Gonçalves voltou á sala com a sentença já lavrada. O juri deu o crime como não provado, pelo que foram todos absolvidos e mandados em paz com ordem de se apresentarem na majoria.

Ficou preso o marinheiro Izidro por estar detido á ordem da comarca de Olhão. A' sahida os marinheiros photographaram-se em grupo, sendo muito cumprimentados.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Antonio Nunes Ferreira, cujo funeral se realisa ámanhã, pelas 15 horas, da rua Garrett, 17, para o cemiterio oriental.

Tambem falleceu o sr. Augusto Romão Serodio, socio da firma Silva & Serodio. O funeral realisa-se ámanhã, pelas 10 horas, da rua das Amoreiras, 138, para o cemiterio occidental.

D. Virginia de Sousa Barral

Realisou-se esta tarde, sendo muito concorrido, o funeral da sr.ª D. Virginia de Sousa Barral, virtuosa tia do nosso presado amigo e collega sr. Alvaro Lima. O feretro ficou depositado em jazigo de familia no cemiterio oriental. No prestito funebre, que constituiu uma sentida homenagem á memoria da illustre extincta, encorporaram-se numerosas pessoas das relações da familia enlutada, tendo-se feito representar a *Capital* pelo sr. Humberto de Brito.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 12.—(Communicação official de hoje, ás 15 horas).—Na Belgica duas divisões do exercito belga progrediram em differentes pontos, quatrocentos a quinhentos metros, principalmente na direcção de Schoorbakke (sudueste de Nieuport).

No resto da linha nada ha a accrescentar á communicação de hontem á noite.—(*Havas*).

No theatro oriental das operações

PETROGRADO, 12.—(Official).—Entre o Niemen e o Vistula continuou-se combatendo no dia 10. Na margem esquerda do Vistula não houve alteração. Nos Carpathos, os ataques foram repellidos. Nos contra-ataques que fizemos anniquilámos os elementos austriacos que se achavam proximos. Na Galicia oriental repellimos os allemães.—(*Havas*).

O "Prinz Eitel" auctorisado a navegar

WASHINGTON, 12.—A junta de neutralidade auctorisou o *Prinz Eitel* a fazer as reparações necessarias para se fazer de novo ao mar.—(*Havas*).

A festa hippica de Palhavã

Está tudo preparado para que o festival do dia 21 resulte brilhantissimo sob todos os pontos de vista. Ha uma larga inscripção de concorrentes, entre os quaes os nossos mais conhecidos campeões. Quanto aos trabalhos do recinto, estão quasi concluidos, dando a fórma como os percursos estão traçados uma impressão nitida dos seus grandes riscos e difficuldades. O festival deve ser abrilhantado por duas bandas regimentaes.

Na Sociedade Hippica, rua Ivens, 56, continúa a marcação de logares.

Tenente Alberto Soares

No gabinete do sr. dr. Magalhães de Barros, foram hoje ouvidas, com a assistencia do sr. dr. Macieira, as testemunhas de contradicta apresentadas pelo presumido aggressor do tenente da armada Alberto Soares, Garibaldi Alves Freire, depondo entre outros o sr. dr. Bernardino Machado.

O advogado da parte estava representado pelo sr. dr. Augusto Viegas Calçada.

O indulto de Leandro Gonzalez

Continua a affirmar-se que será concedido com brevidade

Causou funda impressão a noticia que publicámos ante-hontem sobre o indulto de Leandro Gonzalez. Quasi todos os outros jornaes lhe fizeram referencia, directa ou indirecta, e deu-se até o caso de apparecer um velado desmentido que no dia immediato era posto de parte, tambem veladamente.

O Seculo, por exemplo, reproduzia hontem a nossa informação por estas palavras, publicadas na sua primeira pagina:

A Capital, de hontem, dizia constar-lhe que brevemente seria publicado um decreto indultando Leandro Gonzalez, e que só depois d'essa publicação, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal no paiz visinho, regressaria a Madrid. Ha, porém, quem tambem affirme que aquelle diplomata não voltará para aquella legação.

Depois, nas ultimas noticias, accrescentava com o ar de rectificação:

Um jornal da tarde informava hontem ter-lhe constado que até ao fim do corrente mez seria publicado o decreto indultando Leandro Gonzalez, accrescentando que só depois d'essa publicação o sr. Augusto de Vasconcellos, nosso ministro em Hespanha, regressaria a Madrid.

Madrugada de hoje, depois de esforçadamente termos procurado averiguar da veracidade da noticia, fomos auctorisados a desmentil-a na parte que se refere ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos. O nosso ministro em Hespanha veiu a Portugal activar a solução de importantes assumptos pendentes entre os dois paizes, demorando-se entre nós o tempo necessario para os resolver. Nenhum d'elles, porém, se prende com o tão discutido indulto do incendiario da Magdalena.

Hoje, o mesmo jornal dizia sobre o mesmo assumpto:

A informação que hontem démos relativa ao nosso ministro em Madrid nem foi redigida por s. ex.ª, nem é da sua responsabilidade. Foi uma informação telephonica da ultima hora.

Fazemos estas transcripções para demonstrar que a nossa informação não foi desmentida. Aproveitando a opportunidade, insistiremos em que continua a constar que o indulto do Leandro vae ser concedido com brevidade. Tambem se diz que o actual governo fará publicar um *dossier* relativo ás negociações feitas para a concessão d'aquelle indulto, com o intuito de provar que se viu em face d'uma situação creada por compromissos anteriores. Só diremos que esperamos e desejamos que essa publicação se faça, para que o espirito publico não seja illudido por artificios ou affirmações menos verdadeiras.

Hespanhoes assassinados

WASHINGTON, 12.—O sr. Riane y Gayangos, embaixador de Hespanha, informou o ministerio dos negocios estrangeiros de que haviam sido assassinados no Mexico quatro hespanhoes.—(*Havas*)

Incendio n'um deposito de vinhos

Ardem quatro cascos de aguardente

Subindo a rua do Loureiro, que desemboca ao sul da rua do Assucar, e chegando ás cancellas da passagem de nivel de Marvilla, fica a rua José Patrocinio. N'um pateo d'essa rua, conhecido pelo Vinho Barato, havia dois velhos barracões, servindo um de deposito de vinhos, e estando no outro installada uma taberna.

Foi no deposito de vinhos que hoje, pelas 16 horas e meia, se manifestou um incendio, devido a ter-se inflamado uma porção de aguardente que estava entornada, communicando-se o fogo a quatro cascos com o mesmo liquido.

Por cima do deposito habitava o dono da taberna, o sr. Constantino Pinto, com uma sua filha, que ficaram absolutamente sem nada; os seus haveres estavam seguros em 400 escudos. Do barracão só as paredes ficaram de pé.

Meia hora depois de se manifestar o incendio estava este dominado, tendo-se salvado o barracão onde está a taberna e os cascos de vinho que estavam no deposito.

O deposito pertencia ao sr. José Maria Caetano Macieira, negociante de vinhos, morador no Campo Grande 173. Como constasse que o incendio era d'importancia compareceu muito material que a breve trecho retirou por desnecessario.

Tribunal militar

Na proxima segunda-feira, 15 do corrente, pelas 15 horas, reune o 1.º tribunal territorial de guerra para julgar o tenente da administração militar sr. Joaquim Carlos Rodrigues de Mello, accusado de infedelidade no serviço militar quando estava no conselho administrativo do regimento de infantaria n.º 2. No processo figuram muitas testemunhas sendo o accusado defendido pelo sr. dr. Herlander Ribeiro.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/4	35 1/8
Londres, 90 d/v.	35 1/2	—
Paris, cheque	$80	$80,9
Allemanha, cheque	$30	$31
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	1$39,5	1$40,5
New-York	1$40,5	1$41,5
Rio s/Londres	13 1/4	—
Libras	7$10	7$15
Agio do ouro	52 °/o	57 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,40	39,40
» » 500$	39,40	—
» » 100$	39,40	39,70

Obrigações do Estado: 4 0/0 1890, coup. 50$80.

Externas: 70$70 e 70$10 e 3.ª 73$90.

Acções: Lisboa e Açores 112$; Ultramarino 103$60; Moagem (nova) 69$.

Obrigações: Aguas, coup. 80$50; Prediaes 4 0/0 71$; C. N. dos C. de Ferro. 1.ª serie, 78$, Norte e Leste, 1.º gru, 73$10; Panificação 48$50; C. de Ferro de Benguella 78$20.

SPORT

A grande festa de domingo

O sport tem servido para auxiliar as grandes obras de beneficencia e de assistencia publica. E' tambem o sport que melhores e mais espectaculosos elementos fornece ás grandes festas de caridade. E ainda bem que assim succede porque o sport terá a valorisal-o, além das suas qualidades educativas e formadoras do caracter, esse aspecto de obreiro do bem.

E' tambem o sport que serve para organisar o programma do espectaculo do proximo domingo, para o «Cigarro do soldado». Na pista do Velodromo do Stadium, que faz a sua reabertura, vão comparecer os nossos primeiros ciclistas e mais arrojados motociclistas.

Na corrida de bicicletas, a victoria de Carlos Fernandes ha de tornar-se difficil, porque, differentemente ao que succedeu nas ultimas corridas de 1914, terá quatro competidores serios, entre elles Ramiro Madeira, que faz a sua estreia como senior.

Na corrida de motocicletas, a victoria torna-se indecisa porque são muitos os concorrentes e todos elles utilisam machinas mais ou menos da mesma força motriz.

Nota do dia

Foi como nos contaram? Não,— dizem os professores de gimnastica

Ante-hontem, na nossa «Nota do dia», publicámos, com ligeiros commentarios, uma noticia que nos deram em forma de reclamação. Trata-se de um alumno de gimnastica d'um liceu libonense, que está doente e que, segundo o informador, sofria porque lhe mandaram correr uma prova de «estafetas,» sendo elle fraco. Reputamos bem grave o caso e tão gravo realmente elle era que a *Nota* motivou cartas de professores de gimnastica e a visita ante-hontem d'um professor, que está ensinando n'um liceu lisbonense. Este senhor expoz-nos as razões comprovativas de que era infundada a informação recebida.

Hontem procurámos a pessoa que informára *A Capital*, que manteve parte da noticia, exceptuando quando dizia que o professor obrigára o alumno á corrida.—«Não. Foi um outro alumno que indicou ao doente que se não corresse, lhe marcavam falta». Accrescentou tambem que o alumno é apparentemente forte, mas fraco.

O nosso dever de noticiarista, procurando esclarecer o caso, impoz-nos que procurassemos novas informações complementares. Estas collocam tudo nas devidas proporções, reduzindo-as a um incidente que nada tem de grave e que não representa a minima culpabilidade para o professor. Essas ultimas informações forneceu-as um bom amigo. Resumem-se no seguinte:

—*A Capital* calculava que havia exagero na informação. Assim é. Tratase d'um rapaz que soffre d'um rasgamento na bainha tendinosa d'um musculo da coxa, coisa que qualquer póde soffrer sem a tal corrida de 300 metros. Esta tambem não foi corrida de *estafetas* mas de *bandeiras* para varios alumnos o que dava para cada rapaz uns 60 metros.

«O alumno não é fraco, porque tem bella apparencia athletica e pertence a um *team* do *foot-ball*.

«Tambem não é verdade que o professor désse qualquer ordem a esse alumno, que é na sua turma um dos mais applicados e pelo qual mantem boa consideração. O proprio alumno está admirado de que se tivessem servido doseu nome para atacar os professores de gimnastica, que são nos liceus mais uns bons amigos dos rapazes que mestres duros e inquisitoriaes!»

Algumas anecdotas

O que aconteceu a um actor parecido com um «boxeur»

O famoso pugilista americano Jim Jeffries, que foi o idolo dos yankees, tinha um amigo, o actor Hayes, tão parecido com elle que, por vezes, até os mais intimos os confundiam. E essa parecença excepcional serviu para provocar uma serie de casos anedoticos qual d'elles mais interessante.

Lá vae um ao acaso.

Logo depois do primeiro combate de Jeffris contra Tom Sharkey, em S. Francisco, Hayes, passando em certa rua da cidade, viu-se de repente, sem nada comprehender do que acontecia, rodeado de homens, mulheres e creanças, que se apertavam em volta d'elle para conseguirem apertar-lhe a mão. N'essa occasião, Jeffries andava bem longe da cidade.

Hayes, para se livrar de maior incommodo, começou a distribuir apertos de mão para todos os lados, mas o povo não se contentava e pedia unanimemente a Hayes que falasse e fizesse um discurso.

Em vão o atribulado actor allegou falta de dotes oratorios. Alguns dos mais influentes manifestantes apossaram-se d'elle, e, n'um abrir e fechar de olhos, levaram-no para uma janella de um hotel proximo.

Hayes começou então:

—"Mas, caros concidadãos...„ E a voz soava clara, bem limbrada, completamente diversa da de Jeffries, rouca e apagada.

Estavam entre a multidão numerosos amigos de Jeffries, que deram logo pela substituição, e que, vendo em Hayes um impostor, começaram a gritar que não era Jeffries, mas sim um actor que se tinha preparado para vir assim roubar a gloria do grande boxeur.

Hayes ia certamente passar por coisas desagradaveis. Quiz explicar o que se passava, mas não conseguiu fazer-se ouvir, no meio dos gritos e dos assobios da multidão, que acabou por invadir o hotel e arrastar Hayes sendo necessarios vinte policias para livrarem o amigo de Jeffries de uma aggressão violenta.

Ao commissario de policia que o interrogou, o celebre actor disse:

—Se quisesse em scena fazer de Jeffries talvez o não conseguisse como agora. Represento tão bem cá na rua que o povo julga que sou o original...

Noticias

Entre nós

Desafios officiaes de foot-ball

Para o proximo domingo marcou a Associação de Foot-ball de Lisboa os seguintes desafios officiaes: 1.ª cathegoria: L. F. C. contra L. S. B., nas Laranjeiras, ás 13 horas, juiz Borja Santos; G. S. C. Q. contra C. I. F., nas Laranjeiras, ás 15 horas, juiz Mario Monteiro. 3.ª cathegoria (1.ª serie): T. F. C. contra S. C. P., no Lumiar, ás 13 horas, juiz Horacio Ferreira. 4.ª cathegoria (1.ª serie): T. F. C. contra L. F. C., em Palhavã (A), ás 14 horas, juiz Luciano Simões; (2.ª serie): S. L. B. contra S. C. P., em Sete Rios, ás 14 horas, juiz Arthur Santos. Campeonato escolar, 3.ª cathegoria: E. I. M. P. contra A. M. P., em Palhavã (A), ás 15 horas, juiz A. Franco Araujo.

Em direcção a Vigo

No comboio das 21,35 horas partem hoje em direcção a Vigo os «players» que constituem o «team» e reservas do Sport Club de Portugal, que vão áquella cidade hespanhola jogar trez «matches» de «football», o primeiro no proximo domingo com o Fortuna, o segundo na quinta feira com o Sport Club de Vigo e o ultimo no domingo com o «team» mixto.

Os jogadores que partem são:

Morice, Amadeu Cruz, Jorge Vieira, Ventura, A. Stromp. Sebastião Campos, N. N., A. R. Rodrigues, João Bentes, C. Fernando, G. Morice, Arthur J. Pereira, Armour, Theodoro Duarte e F. Stromp.

Por parte da direcção acompanham o «team» os srs. João Vieira e M. Pestachini, indo tambem mais alguns socios do Sparting, desejosos de assistirem aos «matches»

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A força do destino—Rosas de todo o anno— Ceia dos cardeaes.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21—Um diabrete.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30— Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45— Ceu azul.

EDEN THEATRO — Opera: Carmen.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30— A Aguia Negra.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

SABBADO—**Eden Theatro**—Estreia da companhia italiana de opera lirica.

Primeiras representações

TRINDADE—**De S. Bento á Mitra... pela Pimenteira**, quadro novo das *Verdades e mentiras*, de Eduardo Schwalbach.

Os amadores de charges *politicas devem ter ficado satisfeitos com o novo quadro que Eduardo Schwalbach introduziu na sua já famosa revista. O sr. Pimenta de Castro e a sua dictadura, a Constituição violada, o que se passou em S. Bento, a reunião parlamentar do palacio da Mitra, a attitude dos partidos evolucionista e unionista, as thalassinhas cujas simpathias se dividem por D. Manuel e D. Miguel, a chamada formiga branca — tudo isso forneceu thema ao illustre comediographo para uma serie de numeros em muitos dos quaes abunda a graça e em que não faltam vivos e apimentados commentarios. O quadro tem um fecho magistral: d'um alçapão surge, de surpreza, envolto n'uma capa negra, o dictador João Franco. Em scena encontra-se simplesmente* O Pacificação *que é nem mais nem menos do que o actual chefe do governo. O dictador bate-lhe uma palmada no hombro e diz-lhe com a sua caracteristica pronuncia:* Foi axim que eu comexei!

O desempenho póde classificar-se de excellente e Eduardo Schwalbach recebeu calorosos applausos.

Ao correr da penna

Chaby realisa este verão uma tournée *a que bem caberia o titulo de* tournée dos burguezes. *Com effeito, o excellente comediante vae desempenhar pelas provincias quatro figuras de burguezes: o sr. Poirier, prototipo da burguezia franceza dos meados do seculo passado, o sr. Brotonneau, o burguez parisiense do nosso tempo, o sr. Freitas, burguez alfacinha e o escrivão* das calças *da auctoridade, prototipo do burguez de vaudeville.*

Voltando ainda ás considerações que aqui temos feito por mais de uma vez, pena é que os auctores portuguezes tendo interpretes que seriam excellentes n'esse genero, e d'entre elles não é senão justiça destacar Chaby, não se tentem mais a meudo com a comedia burgueza. A burguezia é ainda, dentro da nossa sociedade, a classe que mantém um certo equilibrio de caracteristicas. A nossa alta roda, que se espaneja por ahi nos varios carnets-mondains, *não pode dar senão* charges, *caricaturas. O povo pode inspirar quadros de costumes. A burguezia, essa, presta-se a comedia de observação com seu fio de sentimento. N'ella ainda se podem encontrar conflictos, por assim dizer, classicos e genericos.*

Essa phase de transição que atravessamos e que tem posto em relevo todos os generos de burguezes parvenus *seria, salvo erro, um fertil manancial de assumptos curiosos.*

Feliz ideia foi a de Chaby de reunir essas quatro figuras curiosas e o exito que ellas hão de obter confirmarão decerto o que tantas vezes temos exposto e está, de resto, no espirito de tantos escriptores de theatro.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A comedia em trez actos *4028-Lx.*, adaptação liberrima de André Brun, sóbe á scena no Gimnasio na proxima sexta feira, 19. Por estes dias será afixado um cartaz artistico do desenhador Colomb.

● O *Fado e maxixe* deve ser representado no theatro Apollo na quarta feira, 17, e será posto em scena com grande apparato de scenario e guarda-roupa.

● O actor Telmo Larcher faz a sua festa no Gimnasio com a quinta representação do *4028-Lx.*

● A actriz Emilia de Oliveira faz parte da *tournée* Carlos d'Oliveira.

● Na proxima segunda feira realisa-se em S. Carlos a festa artistica do actor Henrique Alves, com um programma magnifico. Henrique Alves é, sem duvida, o melhor galã comico que actualmente pisa a scena portugueza, e, dada a carinhosa simpathia que o publico lhe dispensa, é de prever uma enchente para esse dia no theatro de S. Carlos.

Circos & Music-halls

Noticias

Entre nós

E' possivel que os artistas que pertenciam á *troupe* Asti-Anciloti se apresentem brevemente n'uma corrida de bicicletas.

—No Coliseu dos Recreios realisa-se hoje á noite o segundo espectaculo para os accionistas dos Recreios Lisbonenses. Entram todos os artistas da primorosa companhia do Cirque Royal de Bruxellas, com os 25 Persas, os Frediani, m.elle de Bordeverry, 18 palhaços e os insignes gimnastas portuguezes Carlos Martyres e Manuel Correia.

—O theatro da Rua dos Condes continúa exhibindo a notavel cantora Carla Cenami.

—No Coliseu de Lisboa apresenta-se na segunda-feira o primeiro *film* da guerra europeia.

—O elegante Salão Olimpia continúa em pleno exito com a pelicula «Familia negra».

—O Coliseu dos Recreios está preparando a sua *matinée* de domingo com todo o interesse. Quer bater um *record*, que é o de exgotar os bilhetes, tal como succedeu nas duas primeiras *matinées*.

—O cinema da Amadora dá espectaculo no proximo domingo.

—E' na proxima semana que se estreiam em Lisboa os famosos duetistas Beriguardis.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— O sonho do mosquito.

O almirante Essen

A *Novoie Vremia* publica pormenores curiosos ácerca do almirante Essen, actual commandante da esquadra russa no Baltico.

Essen é o que se chama um lobo do mar, que passou toda a vida navegando; ao passo que tantos officiaes de marinha fazem a sua carreira nos portos ou no continente, Essen andou sempre sobre o mar, em viagens que por vezes passaram de dois e trez annos, de maneira que pouco tempo tem passado na patria com os seus. A esta circumstancia deve a grande experiencia que adquiriu.

Foi durante a guerra japoneza, que tantos defeitos da nossa marinha pôz em evidencia, que o almirante Essen revelou a sua capacidade; commandava então apenas um cruzador, mas praticou façanhas taes e tantas que é impossivel a qualquer repetil-as, por não lh'o permittir o destino.

Com o seu cruzador «Nowik», de pequena tonelagem mas de grande velocidade, atacou sósinho uma esquadra japoneza. Deus ajudou-o, porque os japonezes, não concedendo a possibilidade de se ser a tal ponto temerario, imaginaram que o «Nowik» era seguido por outras unidades de combate e puzeram-se em retirada.

A provincia n'A CAPITAL

MAÇAO, 8.—No logar do Castello, d'esta freguezia, cêrca das 3 horas da manhã de quinta feira ultima, foi lançada uma bomba, que dizem ser de dinamite, pela gateira da porta, para o interior da casa do sr. Francisco Aleixo, proprietario e negociante do mesmo logar. O petardo, rebentando com grande estrando, produziu enorme susto e bastantes estragos materiaes, não occasionando, felizmente, desgraças pessoaes, apesar de em quartos contiguos a um corredor onde se deu a explosão se encontrarem dormindo o sr. Aleixo, sua mulher e filhos. O caso foi participado em juizo, tendo-se já procedido ao exame directo.

—De visita a sua familia estiveram aqui os srs. João Antonio da Silva, Antonio José da Silva e sua filha a menina Maria da Conceição Silva, que já regressaram á sua casa em Lisboa.

—Realisou-se hontem aqui, com brilhantismo, a festa escolar e da arvore, a que se associaram muitas outras pessoas, além da commissão de senhoras e cavalheiros que, com as professoras sr.as D. Josepha Chamiço, D. Rachel Diniz Serralha e D. Perpetua Salgueiro, a costumam promover annualmente. Presidiu o juiz d'esta comarca sr. dr. Augusto de Mesquita, secretariado pela sr.ª D. Balbina Rodrigues e o presidente da camara d'este concelho, sr. Bello Pereira, usando da palavra aquelle magistrado e o sr. Callado Rodrigues, advogado. O acto effectuou-se na sala das sessões da camara e n'ella tomaram parte 87 creanças do sexo masculino e 55 do feminino, cantando, sob a habil direcção do sr. Francisco Serrano, alguns trechos de musica apropriada e recitando varias poesias, depois do que foram plantadas duas arvores junto á escola do sexo feminino e servido ás creanças um abundante lanche, ao ar livre, que se compunha de pasteis de carne, pão e queijo e vinho, entoando as creancas o himno nacional.

COIMBRA, 8.—A festa da arvore realisada em Santo Antonio dos Olivaes decorreu com o maior brilhantismo, sendo merecedora de todos os elogios a commissão promotora, que não se poupou a trabalhos para tal conseguir.

—O senado municipal deliberou elevar o preço do gaz pela seguinte fórma: gaz para illuminação, que custava 0$06, para 0$08; gaz para cozinha, 0$05,8 para 0$07,8; gaz para motores, de 0$05,4 para 0$07,4.

—Para protestar contra o augmento do preço dos generos de primeira necessidade deve realisar-se no dia 14 n'esta cidade um comicio operario para o qual já se acham inscriptos alguns oradores.

—A Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra pensa em organisar em junho ou julho uma excursão á Serra da Estrella ou a Braga e Vianna do Castello, tendo os excursionistas um abatimento de 50 0|0 nos seus transportes.

—Foi transferido da 2.ª para a 1.ª esquadra o chefe da policia civil sr. Eduardo Simões, passando a fazer serviço na 2.ª o chefe sr. José da Silva Louro. Foi nomeado escrivão do commissariado de policia o guarda civico Vasco da Gama, por ter sido exonerado d'aquelle cargo o cabo Francisco da Costa.

—A direcção das obras publicas d'este districto foi auctorisada a gastar 1:000 escudos na reparação da estrada n.º 63, que ficou muito damnificada pelas ultimas cheias.

PORTALEGRE, 9—O capitão sr. Jorge Frederico Vellez Caroço, que ámanhã segua para Angola, por voluntariamente para tal se ter offerecido, partiu hontem para ahi, tendo uma despedida das mais enthusiasticas e concorridas a que temos assistido. Todas as commissões parochiaes e a municipal do partido republicano portuguez, além de innumeros correligionarios e amigos pessoaes compareceram na estação, sendo erguidos, á partida do comboio, enthusiasticos vivas á Republica, á Patria, ao exercito e ao brioso official, que correspondeu com vivas á Republica. E' bem conhecida a perseguição de que o sr. Vellez Caroço foi ultimamente alvo, para que precisemos relembral-a. Ao distincto e valente official os nossos desejos de boa viagem e de que regresse coberto de gloria.

—Tomou hoje posse o novo administrador do concelho, tenente de cavallaria 3 sr. Ramos.

TAVIRA, 9.—Realisou-se ante-hontem a festa da arvore com um luzido cortejo em que se incorporaram os bombeiros voluntarios e a philarmonica Limpinhos.

—Foi nomeado administrador do concelho e já tomou posse o sr. Hermenegildo Pereira.

—Os campos estão lindos. As amendoeiras fracas, devido ás ultimas chuvas.

Movimento maritimo

Liverpool, «Aidan» (Brazil)........	13
Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.)..	15
Brazil e R. da Prata «Araguaya» (L.)..	16
Pará e Manaus, «Antony» (Liverpool)	16
Vigo e Liverpool, «Avon» (Brazil).......	17
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	18
R. Jan. e R. Prata, «Demerara» (Liv.).	18

A FOME NA ALLEMANHA

Amsterdam, 6 de março

Communicam de Colonia para o *Vorwaerts* que na ultima segunda-feira rebentaram nos mercados d'aquella cidade violentos motins durante a venda das batatas; no tumulto mulheres e creanças cahiram, sendo pisadas pelos amotinados e pelos que fugiram.

Apesar do preço elevado d'aquelle artigo, ainda assim as reservas não chegaram para satisfazer os pedidos.

Propõe o jornal socialista allemão que se mande ao ministro da agricultura photographias das scenas occorridas no tumulto.

***

Pelas difficuldades com que os habitantes da fronteira prussiana luctam para virem a territorio hollandez comprar viveres se faz ideia da falta que d'elles ha em varias localidades da Prussia. Mulheres e creanças sujeitam-se a andar duas horas em caminho de ferro para obterem farinha, arroz, favas, ervilhas, etc. Até veem comprar pão porque o pão de guerra allemão é caro e nem todos o podem comer.

***

Segundo o inquerito feito no districto de Stade, Hanwer, proximo de Hamburgo, 30 % das declarações feitas sobre a existencia de cereaes foram reconhecidas falsas. Estes cereaes vão ser apprehendidos, sem indemnisação.

***

Um vereador de Neu Sttetin faz propaganda contra os cães:

«E' preciso matal-os, para que os alimentos que consomem fiquem para os porcos. Os cães não são animaes necessarios».

***

A *Gazeta da Allemanha do Norte*, orgão governamental, publica informações relativas á falta de aveia na Allemanha e propõe sete modelos differentes de rações para os cavallos,

***

Vae ser vendida no mercado de gado de Friedrichofelde, proximo de Berlim, uma remessa de potros belgas de primeira qualidade. Só teem direito a licitar os agricultores allemães que por declaração official provem sel-o.

***

Foi promulgado um decreto do governo allemão concedendo licenças temporarias aos soldados das regiões centraes para trabalharem na lavoura.

***

As auctoridades do grã-ducado de Baden decidiram requisitar todos os vinhedos improductivos; as cepas serão queimadas e os terrenos applicados á cultura de cereaes e legumes.

O custo d'uma guerra

Jámais guerra alguma custou ao imperio britannico tanto como a guerra actual diz um jornal inglez, A maior despeza supportada pela Grã-Bretanha durante um anno de guerra foi até agora de 71 milhões de libras sterlinas.

O primeiro anno da presente guerra custará á Grã-Bretanha cerca de 11 billiões e 250 milhões de francos, segundo os calculos estabelecidos por Lloyd George.

As guerras sustentadas contra os exercitos da Revolução e o Primeiro Imperio custaram á Inglaterra cerca de 20 billiões e 775 milhões de francos, por um periodo de vinte annos e dando uma media de pouco mais d'um billião por anno.

A guerra da Criméa custou ao imperio britannico 1.687.500.000 francos, despezas feitas durante trez annos e a do Transwaal 5 billiões e 275 milhões, em quatro annos consecutivos.

so, para a «politica mundial». Pronunciou as grandes palavras «a manopla de ferro, a polvora secca, a espada afiada»; tentou concluir, pelo sonho da hegemonia, a obra da unidade.

No paiz do methodo, o que mais lhe falta é o methodo. O imperador é mais arrastado pelas correntes do que as dirige. Falta-lhe o golpe de vista, a intelligencia clara e pratica, o cuidado de aprofundar, a continuidade; n'uma palavra, o bom senso.

«Apesar de todas as suas qualidades estragou ainda mais do que produziu, emprehendeu mais do que realisou. A sua intelligencia é prompta, mas voluvel. Tem mais vaidade que orgulho, mais violencia que energia. Um «valoroso poltrão», disse seu tio Eduardo VII n'um dia de mau humor; o juizo é talvez severo; poderiamos contentar-nos com o diagnostico psychologico d'um grande medico, o professor Bergmann: «Concedo que ella tenha todas as qualidades, excepto as que são necessarias a um soberano».

Assim se expressa o escriptor Ch. Bonnefon.

Depois de ter feito todos os esforços pela paz durante vinte e cinco annos, por que motivo se lançou o imperador na guerra?

Sem duvida porque tinha em si esse impulso, mas, com receio das consequencias, não se atrevia a declaral-a. Ha tambem um elemento que deve ter contribuido poderosamente para isso, elemento denunciado pelo principe de Bülow quando se defendia das imprudencias do soberano: a camarilha.

O imperador não soube escolher os seus servidores intimos; como a todos os principes, as camarilhas secretas foram-lhe funestas. Elle proprio confessava que a sua côrte, assim como o paiz, era minada «pelas potencias das trevas».

A camarilha procurava conservar o seu valimento no actual reinado e, na previsão do futuro reinado, por uma violenta adhesão ás idéas bellicosas. Procedendo assim, tinha-se a certeza de conquistar a ruidosa popularidade dos professores, das *Vereine*, dos militares reformados, dos jornalistas.

Os Tchirsky, os Conrad von Nœtsendorf, os Radolin e principalmente o jovial principe de Fustenberg, os que o rodeavam, os que o acompanhavam nas caçadas ou nas longas noites de conversa que se tinham seguido ás sessões de musica dos Eulenbourg, todos, por interesse, por ambição, por espirito de casta, o impelliam para as resoluções supremas.

Elle, que tanto havia amado a popularidade, sentia que a popularidade lhe fugia e ia para seu filho, menos intelligente e menos instruido, mas mais viril, mais soldado. Esse abandono de tudo que tinha amado e sonhado minava-o. Não era então um grande homem? Afastavam-no já para o passado, o seu bigode não era já da moda.

Restavam-lhe apenas alguns annos se não queria sossobrar no anonymato dos soberanos sem gloria. A guerra era a unica solução para que o *theatro*, que tanto lhe havia sido censurado, se tornasse a acção, para que Talma, envelhecido, acabasse em Napoleão.

O «militarismo», que se tornára a palavra de ordem suprema do seu povo, não devia realisar-se n'elle e por elle? Accrescentaria esse papel a tantos outros. Como o outro imperador, o romano, resolveu-se, se tinha de morrer, a morrer n'uma immensa tragedia.

Havia um anno pelo menos que o sonho pacifico fôra posto de parte. Uma carta de Jules Cambon, datada de 22 de novembro de 1913 e relatando uma conversação, hoje historica, com o rei dos belgas, não deixa duvidas a tal respeito: «Tenho de fonte absolutamente segura o relato d'uma conversação que o imperador teve com o rei dos belgas, em presença do chefe do estado maior general, de Moltke, ha uns quinze dias, conversação que, ao que parece, impressionou vivamente o rei Alberto. Não me surprehende de modo algum essa impressão, que corresponde á que eu tenho de algum tempo a esta parte: a hosti-

falar com franqueza. Foi-lhe concedida. «Não podemos chegar a comprehender a politica que a Allemanha segue comnosco. Tudo o que emana do imperador é benevolo, tudo o que vem do governo é hostil. Porquê?» Seguiu-se uma exposição completa da obra da diplomacia allemã em Marrocos. «Com certeza que ninguem, em França, ao tentarmos realisar as nossas legitimas reivindicações em Marrocos, visinho da Argelia, teve a intenção de atacar a Allemanha; ninguem, ao obtermos o reconhecimento dos nossos direitos pelas outras potencias, teve idéa de prejudicar a Allemanha, de a isolar, de a metter n'um circulo de ferro...»

O imperador redarguiu immediatatamente: «Quanto a isso sei o que devo pensar; coisa alguma me fará mudar de opinião. O fundo e a forma foram lamentaveis. Sei que é «meu querido tio» quem tudo dirige. Sei tudo o que se faz em Londres. Os senhores apenas dão ouvidos a John Bull».—«Mas, responde o francez, vossa magestade ha de dignar-se admittir que o procedimento dos dois paizes é muito differente no caso de Marrocos que é, para nós, importantissimo».

Sobre novos pormenores reveladores da má vontade da diplomacia allemã, o imperador, um pouco nervoso e impaciente, atalhou: «Tudo isso são ninharias, arranjarei isso. Mas não é do que se trata e, por meu turno, falar-lhe-hei muito claramente. Entre os dois paizes o que é preciso é uma «Alliança». Então, os dois paizes, apoiando-se um no outro, serão senhores do mundo.

«Cuidado: a hora é critica. Annunciei e previ o «perigo amarello»: apodaram-me de inconsiderado. Pois bem! os navios japonezes estão agora aqui, nas aguas europeias, e juro-lhes que não fui eu que os trouxe. Ha dois perigos: o da Asia e o da America. Se continuarmos a despedaçar-nos na Europa, seremos surprehendidos. Ha apenas uma solução: a Alliança».

O interlocutor do imperador estava um tanto impressionado. A conversação mudou d'assumpto. No dia seguinte encontrou de novo o imperador n'um almoço a bordo d'um «yacht» que tomava parte nas regatas de Kiel. Continuou a conversação nos seguintes termos: «Visto vossa majestade me ter permittido falar com franqueza, auctorisa-me a perguntar-lhe como fez o sonho de concluir uma alliança com um paiz desmembrado?» O olhar do imperador tornou-se duro como aço e, fitando o ministro francez, disse-lhe: «E o senhor fez o sonho de que eu poderia mudar o que está feito?» E, olhando para outro lado, continuou a meia voz: «Vejo que nos não comprehendemos».

O principe Alexandre, herdeiro da Servia, regente do reino

A conversação foi interrompida, depois recomeçou sobre assumptos insignificantes, tendo o imperador um sorriso nos labios e mostrando-se cheio de bom humor e de attenção. Não pareceu offendido com o que se havia dito, mas não renunciou á idéa de voltar a convencer o seu interlocutor.

O caso de Marrocos, que era, então, objecto de todas as preoccupa-

Augusto Romão Serodio

Falleceu

Luiza da Conceição Xavier Serodio, Thomazia Maria Xavier, Antonio Romão Serodio, sua mulher, filha e genro (ausentes), Anna Leonor Serodio, seus filhos e nora (ausentes), Justina Rosa Serodio, (ausente), Marianna das Dores Serodio, suas filhas e genro (ausentes), Firmina da Conceição Xavier, Maria das Neves Costa Santos, seu filho e nora Manuel da Costa, seus filhos, nora e genro, Antonio da Costa e sua mulher, Maria Joaquina Costa, seus filhos e sobrinhos, Antonio Romão Vieira, sua mulher e filhos, participam aos seus parentes e ás pessoas das suas relações o fallecimento de seu muito querido marido, genro, irmão, cunhado, tio, sobrinho e primo, Augusto Romão Serodio e que o seu funeral se realisa ámanhã 13 do corrente, pelas 16 horas, sahindo o prestito da sua residencia, rua das Amoreiras, 138, 2.º para o cemiterio Occidental.

Esperam lhes honrem este acto com a sua presença.

Augusto Romão Serodio

Falleceu

Antonio Pedro da Silva, socio da firma Silva & Serodio, participa aos seus amigos e ás pessoas das suas relações o fallecimento do seu bom amigo e socio, Augusto Romão Serodio e que o seu funeral se realisa amanhã, 13 do corrente, pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da sua residencia, rua das Amoreiras, 138, 2.º para o cemiterio Occidental.

Espera lhe honrem este acto com a sua presença.

Antonio Nunes Ferreira

Confortado com os Sacramentos da Egreja

Falleceu

R. I. P.

Palmira Adelaide Nunes Ferreira Tovas e seu marido, Leopoldo Wagner sua mulher, filhos e genro, Augusto Neuparth sua mulher e filho, Julio Neuparth sua mulher filhos e genro, Adelaide Neuparth Vieira seu marido filhos e genro, Hermano Wagner sua mulher e filhos, Avelino José Teixeira Bastos participam a todos os seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento do seu saudoso tio e amigo Antonio Nunes Ferreira cujo funeral se realisa ámanhã 13 do corrente pelas 3 horas da tarde sahindo o prestito funebre da sua residencia, rua Garrett n.º 17, 2.º, Esquerdo, para o cemiterio Oriental.

ções, foi de novo abordado. O ministro francez fez vêr ao imperador o interesse que haveria em procurar, desde logo, uma melhoria de relações n'esse ponto, pelo reconhecimento franco e simples da situação politica preponderante da França em Marrocos, estando a França disposta a garantir a situação economica da Allemanha. No fim de muito boas palavras, de muito boas promessas, Guilherme II nada cedeu das suas pretenções... A Allemanha só vê o ponto de vista allemão e o imperador mostrou-se n'aquellas circumstancias digno chefe do seu povo.

A unica coisa que se poude obter d'elle foi uma declaração dilatoria: «O tratado de Algeciras apenas é valido por cinco annos; já passaram dois, esperemos mais trez e depois veremos». Depois de bellas palavras e protestos, a conversa, desejada pelo imperador, nada produzia.

O ministro francez apenas d'ella trouxe o echo d'uma vaga ameaça: «Reflictam bem. Preparam-se modificações importantes nas combinações das potencias na Europa...» Era uma allusão ás eternas tentativas de approximação com a Russia, com as quaes tão frequentemente contou a diplomacia allemã e que sempre a enganaram.

Dois annos depois, em 1909, um politico pertencente á alta aristocracia franceza — um duque — tomou parte em algumas reuniões sportivas, ás quaes assistia o imperador. O politico observou que o imperador falava o francez com a maior correcção, assim como fez outras observações interessantes.

Guilherme II fala com a maior aspereza aos seus generaes e officiaes de serviço. As ordens são breves, brutaes mesmo. Alguem contou que, ao visitar o castello de Hof-Koenigsburg, na Alsacia, elle reparou que o seu sequito se approximava para escutar as explicações do architecto. Furioso, ergueu a mão e voltando-se para os seus generaes bradou: «A dez metros!»

O contrario succede com os inferiores, os simples soldados, pois, ao dirigir-se-lhes, a voz do imperador é affavel, chegando até a gracejar com elles.

Durante a corrida do «Meteoro», dois homens cahiram ao mar. O imperador mandou immediatamente parar, e quando foram salvos recebeu-os elle proprio, passou-lhes as mãos pelos fatos encharcados, dizendo-lhes: «Vão tratar de seccar o fato, rapazes, e não se importem com a manobra».

O conde Eulenbourg disse ao politico francez que assistia á scena: «Quando um general cahe do cavallo, o imperador nem sequer se volta!»

O chanceller principe de Bülow disse-lhe tambem, n'um dos beliches do «Hohenzollern»: «O imperador não gosta dos funccionarios; só está á vontade entre fidalgos e officiaes. Custa-me muitas vezes a resolver sua magestade a conferenciar até com diplomatas». O proprio imperador disse ao duque francez, com o evidente desejo de agradar: «Quando Noailles estava em Berlim, eu chegava muitas vezes ás oito horas ao palacio da embaixada. Subia ao seu quarto sem me fazer annunciar; a essa hora elle estava sempre deitado. Sentava-me na borda da cama e conversavamos durante horas e horas como camaradas. Era encantador. Mas é essa uma especie de confiança que só se estabelece entre «senhores», entre pessoas da mesma sociedade».

Referindo-se ao rei Eduardo, o imperador disse: «E' inacreditavel o prestigio que meu tio exerce sobre alguns estadistas francezes e a deferencia em que esses estadistas se collocam para com elle, sem verem o effeito que isso póde produzir. Não creio que haja muitos francezes que tendo conversado commigo tenham de mim má recordação; ha poucas pessoas com quem as relações sejam mais agradaveis do que com os senhores. Declaro-lhe isto com toda a sinceridade, porque assim o penso».

Outra conversa. Referindo-se ao que d'elle se dizia em Paris, Guilherme II declara: «Dizem os francezes que sou theatral; ahi está uma cen-

sura bem democratica. Entendo que o renunciar á decoração representativa equivale, para um soberano e mesmo para qualquer poder, a uma abdicação moral. Sei bem que, na França, ha uma facção politica que deseja essa abdicação de todo o poder e comprehendo que desagrado a essa gente. Mas os senhores teem um passado recente muito decorativo. São coisas que não desapparecem n'um dia». O imperador insiste n'esse ponto, quer justificar-se: «Se supprimirem o «theatro», diminuirão tudo: a religião, o culto, a justiça, toda a engrenagem da auctoridade só vive de «theatro». Vestem-se os juizes, vestem-se os padres, para que causem impressão».

Finalmente, chega elle proprio á questão que, sem duvida, é a sua eterna preoccupação: «Não me perguntou ainda, monsenhor, (o imperador trata sempre os duques francezes por «monsenhor»), como eu considerava a questão do paiz do Imperio (a Alsacia e a Lorena), porque é a grande preoccupação que leio nos labios de todos os francezes que de mim se approximam. Pois bem, sim, isso existe! Que quer que eu faça? Tinha onze annos quando foi a guerra. Encontrei a situação feita, e feita com o sangue dos nossos soldados e innumeraveis sacrificios. Desejava vêr um francez no meu logar, um dia só que fôsse!

«Muitas vezes tenho pensado n'essa questão que me preoccupa mais do que suppõe, mas não lhe encontrei solução. Ha de convir em que sou responsavel para com a nação da herança que recebi, que não posso agir sem ter em conta todos os meus deveres para com todos».

D'outra vez, diz elle:

«Pensei em fazer da Alsacia um ducado. Consultei até, a tal respeito, homens competentes e algumas auctoridades dos paizes annexados. Sabe o que me responderam?... «Um ducado com um duque prussiano? Nunca. Mesmo com um principe allemão, mais vale o *statu quo*». O que devia eu fazer? Uma pessoa importante do paiz que eu faria duque? Tambem não. Disseram-me que um homem elevado a essa hierarchia em breve concitaria o odio de todas as familias. Essa solução é impopular. Eu *nunca teria annexado*; teria pedido uma indemnisação dupla. Hoje, seriamos amigos; o que eu quero é um aperto de mão e não que cumprimentem tirando-me o chapeu».

Durante um grande jantar, a bordo do *Hohenzollern*: «Quem tentaria hoje, rasoavelmente, fazer uma collisão da Europa contra nós, sem cahir no ridiculo? Para que tal idéa, n'este momento tão utopica, se tornasse possivel, seria preciso que a Allemanha tivesse concitado o odio de todos os povos. E, pergunto-lhe, *faz ella alguma coisa para isso?*... Fiz tudo quanto pude para me entender com o seu governo, mas é impossivel. Nada se consegue. Dentro em dez annos, será tarde de mais. A Allemanha terá oitenta milhões de habitantes e as situações terão mudado. Alliados, teriamos sido senhores do mundo...»

Se considerarmos o papel de Guilherme II na historia do seu paiz, vê-se que é simultaneamente muito poderoso, muito efficaz, mas imprudente e perigoso até ao ponto de se tornar nefasto. Não exerce um dominio elevado e vigoroso, nem sobre os seus ministros, nem sobre os que o rodeiam, nem sobre o seu povo. Foi o homem da *politica de zig-zag* e o bem que deixou fazer foi alterado pelo mal que fez.

Continuou a obra dos Roon, dos Moltke, dos Hoeseler, mas não soube descobrir homens semelhantes a esses ou não soube rodear-se d'elles.

Ora a qualidade mais preciosa do soberano é saber escolher os homens e saber dar-lhes força. Se o imperador Guilherme tentou fazer tudo por si mesmo, enganou-se e é esse talvez o mais grave erro que commetteu.

Levou ao extremo a preparação e a força offensiva do exercito. Creou a armada, por completo, de 1898 a 1914. Luctou com exito contra a repugnancia do seu povo a tal respeito, triumphou da sua resistencia. Depois, levou-o, n'um fogoso impul-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1653 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 13 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O indulto do Leandro

Não basta lançar as responsabilidades sobre os outros para se eximir ás proprias. O que se deu com a questão do pão é o que se dá tambem com a questão do indulto a Leandro Gonzalez.

Na questão do pão, emquanto o povo se queixava do augmento do seu preço e reclamava a solução d'um caso que não podia ser de maior urgencia, no que primeiro se pensou foi em atirar para cima do gabinete Bernardino Machado a culpa de tal situação. As declarações claras e precisas do sr. Almeida Lima, ministro do fomento n'esse gabinete, provaram quanto era injusta e precipitada essa accusação. O sr. Almeida Lima não fez a importação do trigo porque, tendo mandado proceder a um inquerito sobre a existencia de trigo no paiz, chegou á conclusão de que o havia em tal abundancia que não se tornava necessaria a importação de que se trata. E ainda assim decretou para a Madeira a livre importação de trigo, de fórma que essa ilha se pudesse tornar um celleiro da metropole, o que, de resto, os importadores não aproveitaram.

Agora, com a questão do Leandro, novamente se trata de alijar totalmente responsabilidades. Para isso affirma-se que já existia um compromisso para o indulto do celebre criminoso, indulto que deveria ser dado no dia 5 de outubro findo. Não sabemos se esse compromisso existia. O que sabemos é que o indulto não foi dado pelo gabinete presidido pelo sr. dr. Bernardino Machado, que n'essa occasião estava no poder, e que vae ser dado pelo governo presidido pelo sr. general Pimenta de Castro, que actualmente o occupa.

Podia existir esse compromisso. Não se effectivou. E não se effectivou, porquê? Que motivos existiriam para isso? Não podemos, como é obvio, conhecel-os, mas é-nos licito conjecturar que a razão suprema seria a da reluctancia da opinião publica a acceitar esse indulto. Eram e são conhecidos os sentimentos d'essa opinião relativamente ao reu de um dos crimes mais horriveis que teem apavorado o nosso povo. E que esses sentimentos ainda estavam e estão bem vivos prova-o a opinião de um jornal que se attribue a expressão das opiniões mais conservadoras, dentro da Republica. Esse jornal é a *Lucta*, orgão do partido unionista, o qual, na vespera do anniversario da proclamação da Republica, que se dizia ter sido escolhido para esse indulto, escrevia na sua primeira pagina:

O Leandro

«E' certo que o Leandro, ao contrario do que se disse, não será indultado agora, por motivo do anniversario da Republica. Ainda bem. Uma tal medida de generosidade, longe de exaltar quem a praticasse, cahiria como uma nodoa sobre a propria Republica. O crime d'esse homem foi d'uma hediondez quasi inverosimil, d'uma perversidade que facilmente induziria na suspeita d'um grave desarranjo mental, se o seu trabalho continuado, mesmo depois do crime não interrompido. de negociante que enriquece progressivamente, a não arredasse por absurda.

Sempre esperámos que tal indulto se não désse, e porque elle realmente se não dá, só temos que regosijar-nos por vermos assim dignificada a Republica».

Esta era, realmente, a expressão do sentimento publico. Era-o ha cinco mezes; nada nos auctorisa a suppôr que em tão pequeno lapso de tempo deixasse de o ser. Bastaria esse sentimento para o governo suspender qualquer proposito de indulto, e, com effeito, o gabinete Bernardino Machado não o deu, como o não deu o gabinete Azevedo Coutinho.

Vae-o dar agora o gabinete presidido pelo sr. general Pimenta de Castro. Porquê? Em que é que elle está mais obrigado do que os outros governos a concedel-o? Porventura surgiu algum facto novo que leva o actual governo a tomar uma resolução com a qual evidentemente não simpathisa, e tanto assim que pretende lançar inteiramente a responsabilidade do acto que elle só pratica para os governos transactos?

A estas interrogações é que a consciencia publica não encontra resposta.

Os successos das tropas britannicas

LONDRES, 12.—Sir J. French communicou hoje, a respeito da acção coroada de successo na linha britannica ao norte de La Bassé, que a cooperação da artilharia e infantaria foi muito boa, resultando d'ahi as nossas perdas serem pequenas em proporção com os ganhos obtidos. Os successos foram alcançados pelo 4.º corpo e corpo indio que avançando n'uma frente de 4.000 metros foi estabelecer-se a 1.200 metros para além dos postos avançados inimigos, tomando todo o labirintho de trincheiras allemãs. Durante o dia 10 foram feitos prisioneiros 750 allemães. Durante todo o dia de 11 o inimigo fez repetidos esforços para rehaver a sua perda de terreno, mas todos esses esforços foram repellidos, com grandes perdas para o inimigo, pelos inglezes, que estão fazendo novos e firmes progressos. Durante a noite houve novos contra-ataques que foram facilmente repellidos, soffrendo o inimigo serias perdas e tendo sido feitos prisioneiros mais 60 allemães. N'um ataque nocturno o terceiro corpo britannico tomou a aldeia de Epinette, custando-lhe apenas ligeiras perdas.—*(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa).*

Uma falsidade desmentida

Recordando factos que os monarchicos esqueceram

A noticia que um jornal do Porto publicou sobre uma supposta conferencia dos srs. drs. Bernardino Machado e Affonso Costa com o sr. ministro da Inglaterra já foi hoje cathegoricamente desmentida. Tudo aquillo é absolutamente falso. Mas não era preciso que o desmentido viesse a lume para que resaltasse bem nitida a falsidade contida nas insidiosas linhas que o *Dia* d'hontem transcreveu e commentou jubilosamente. Nem aquelles dois homens publicos eram capazes de fazer «um appello á Inglaterra para que intervenha com o seu *veto* na politica interna de Portugal», nem o sr. ministro da Inglaterra junto da Republica Portugueza receberia ordens ou *inspiração* do embaixador do mesmo paiz junto da côrte hespanhola. Essa aleivosia, que não merece, de facto, as honras d'um desmentido, é divulgada com o fim de marcar uma posição subalterna no corpo diplomatico da Inglaterra ao illustre representante em Portugal da nação nossa alliada.

Quanto a desejos de intervenção estrangeira, parece que o *Dia* já esqueceu o appello que nas suas columnas fez ao ministro da Allemanha para que interviesse no caso da publicação d'uma chronica, sahida tambem n'um jornal do Porto, com referencias a princezas aparentadas com o imperador Guilherme II. Tambem esqueceu, ao que parece, o reclamo nas suas columnas feito á campanha da duqueza de Bedford, uma estrangeira que pretendia interferir em assumptos da vida politica do nosso paiz. Não o esquecemos nós. E se se trata do confronto entre attitudes de republicanos e de monarchicos temos o direito de recordar que ha uma carta d'um ministro dos estrangeiros da monarchia «dando conta a D. Manuel da marcha das negociações para a intervenção armada d'uma certa potencia em Portugal, no caso de rebentar uma revolução em Lisboa». Essa carta foi vista pelo sr. Machado Santos, segundo a revelação que elle *proprio fez nas columnas do* seu jornal. E' bom recordar tudo isto, n'um paiz como o nosso, onde as coisas se esquecem tão facilmente...

A RENOVAÇÃO

Os novos diplomatas

Trata-se de os escolher entre os homens de maior cultura e competencia

As provas dos primeiros concursos para consules e secretarios de legação, realisados depois da proclamação da Republica, terminaram ha dois ou trez dias, no ministerio dos estrangeiros. E' um facto notavel o que esses concursos representam. A sua influencia no prestigio do regimen será tal que se tornaria bem pouco politico não o pôr em relevo. Os diplomatas portuguezes vão, emfim, deixar de se moldar pelo figurino sédiço de outr'ora. Passarão a ser homens modernos, cultos, dignos da profissão que abraçam, conscios dos seus grandes deveres para com a Patria, que os chama ao seu serviço, e para com a Republica que n'elles confia a sua representação no estrangeiro. Mas foram, realmente, os concursos de agora brilhantes?

—Absolutamente, affirma alguem que os seguiu de perto. Mais ainda: nunca, em Portugal, se realisaram, para o mesmo fim, outros semelhantes. Os programmas eram vastissimos, organisados com um criterio apropriado; e os conhecimentos exigidos foram de tal ordem que quem não tivesse noções geraes sobre as materias exigidas nem em dois annos se prepararia devidamente. O juri que apreciará as provas é excellente, e, como o culto da competencia será a sua grande preoccupação, a sua sentença não pode deixar de ser imparcial e justa.

—E quanto aos concorrentes?

—Em geral, apresentaram-se muitissimo bem. Nem outra coisa era de esperar, tal a qualidade e a cathegoria dos pretendentes á carreira diplomatica. Havia escriptores, professores, militares, estudiosos de grande merito. creaturas, emfim, cheias de modernismo e de civilisação. Alguns dos novos diplomatas—póde affirmar-se sem receio de erro—são das melhores figuras d'esta geração. E' bom que se registe isto, que se diga isto, para que se saiba que na Republica as coisas boas esmagam, em geral, as coisas más.

—Conhece os que foram ao concurso?

—Se conheço! E de quantos sou amigo! Victor de Faria, por exemplo, que foi alumno distinctissimo da Universidade de Berlim e que é, sem duvida, um brilhantissimo espirito, a illustrar a nossa terra. Conhece as linguas estrangeiras e foi discipulo de Wundt e Roethe. E' um *dandy*, com o espirito cheio de curiosidades. O dr. Nuno Simões, escriptor de merecimento incontestavel; o dr. João Biandri, tipo acabado do aristocrata moderno—cultivadissimo e capaz de saber e aprender tudo; o dr. Lebre Lima, poeta e estudioso como poucos, o dr. Felix de Carvalho, um escriptor de qualidades promissoras como raros as possuem.

—E Veiga Simões?

—Oh! esse não me esquecia. Foi dos que com mais galhardia singraram atravez d'aquelle medonho concurso. O artista delicado de tantas obras litterarias, em que por vezes se surprehende como que um leve sabor ás maravilhas immortaes de Jean Lorrain, será, decerto, um dos melhores diplomatas da Republica. A sua passagem pela legação de Londres já o familiarisou com a carreira que vae abraçar. As suas provas foram das melhores. Deve ser dos primeiros nomeados.

—Que mais?

—Ha o dr. Amadeu da Silva, professor do liceu de Vizeu, que marcou indelevelmente o seu logar; o tenente-coronel sr. Feliciano Pinto, que se houve com uma competencia inexcedivel em todas as provas; o dr. Ferraz d'Andrade que, depois de se formar em Coimbra, andou pela Belgica a estudar sciencias sociaes, e tantos outros cujos nomes não me occorrem e que revelaram, durante os concursos, uma preparação a que não se andava habituado.

—E quando acabaram as provas?

—Realisaram-se nos dias 6 e 8. A mesa do reacção foi presidida pelo sr. Gonçalves Teixeira. A outra, que ha de julgar as provas, compôr-se-ha dos directores geraes do ministerio e de dois professores de direito. E' a primeira vez que isto se faz. Os pontos foram cinco e as provas não estão, sequer, assignadas. Já vê com que imparcialidade o juri pode resolver.

E para concluir, n'um grande rasgo de enthusiasmo e de contentamento, a pessoa que assim fala dos ultimos concursos para diplomatas diz ainda:

—E' provavel que nunca, em actos d'esta natureza, se revelassem tão bellas competencias, como é mais provavel ainda que raras vezes as provas prestadas tenham revestido um tão elevado cunho intellectual. Eis o que deve consolar todos—os que assim se preparam para a vida, animados pelo mais ardente desejo de fazerem alguma coisa de util pelo seu paiz, e os que os vêem partir e tomar conta dos seus logares, tão seguros podem ficar de que os seus interesses serão entregues em boas mãos. Os concursos d'agora não foram *rendez-vous* de janotas. Foi um torneio de competencias. E isso deve alegrar profundamente todos os que amam a Republica, tão certos podem ficar de que os diplomatas do regimen principiam, emfim, a ser recrutados, em Portugal, entre os homens mais cultos, mais estudiosos, mais patriotas e mais competentes.»

Morreu então para nós o antigo diplomata—marroquino? Rezemos-lhe pela alma, tão levesinha que não lhe deve ter custado muito a chegar ao céu, onde as almas como a sua vão habitar para sempre...

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Migalhas

Uma bella ideia

Segundo informam telegrammas de Londres, alguns dos exilados portuguezes de maior fortuna residentes agora em Inglaterra fundaram em Brigton uma casa de saude para convalescença de officiaes inglezes feridos em combate. Esse gesto é attribuido a um impulso de gratidão para com a Inglaterra pelo acolhimento dispensado a D. Manuel de Bragança. Parece intenção dos fundadores do referido estabelecimento contribuirem com pensões annuaes de 100 a 2:000 libras para a manutenção da sua obra.

Apoiando enthusiasticamente a ideia dos monarchicos portuguezes, resta-me apenas lamentar que os jornaes de Portugal não cheguem a Londres. Se assim fosse, decerto esses nossos compatriotas seriam informados de que tambem os nossos soldados combatem os allemães e que em terras luzitanas já ha viuvas e orphãos urgentemente necessitados do amparo.

Se tal soubessem, estou convencido que os exilados, em vez de auxiliarem com os seus soccorros um exercito que está provido superabundantemente de todas as commodidades, fariam reverter a sua iniciativa em beneficio das nossas tropas, bem mais pobres, bem mais necessitadas de amparos materiaes.

Ao passo que por lá offerecem duas mil libras annuaes para ambulancias de officiaes, as nossas subscripções arrastam-se, e as verbas obtidas são quasi ridiculas, quando ha tanto infortunio modesto a consolar e que enxugar tantas lagrimas humildes.

Na verdade é uma lastima que as nossas noticias não consigam attingir aquellas paragens e falar ao coração d'aquelles patriotas.

André Brun

A revolução no Mexico

Wilson considera grave a situação—Mortos e feridos—250 padres encarcerados

WASHINGTON, 13. — Telegrammas officiaes annunciam ter rebentado desordens no Mexico; estão feridas umas cem pessoas; foi saqueada uma casa ingleza e morto o subdito americano Mac-Manes. O governo americano pediu a punição dos assassinos. O presidente Wilson considera a situação grave.—*(Havas).*

LOS ANGELES, 13. — Cêrca de 2:000 mexicanos apoderaram-se, por assalto, do palacio nacional, a fim de libertar 250 padres encarcerados, seguindo-se tumultos em que o chefe de policia, Gustavo, foi ferido com uma facada, mortos dois amotinados e feridos numerosos outros.—*(Havas).*

MADRID, 13.—O representante do Mexico em Madrid deu satisfações ácerca do incidente Caro, declarando que, logo que se firme a paz, a Hespanha será indemnisada. A expulsão de Caro foi motivada pela excitação de paixões.—*(Corresp.)*

Poeira da Arcada

As classes pobres atravessam uma crise amarga que muito deve preoccupar o governo e todos os que teem obrigação de velar pela tranquillidade publica. A miseria, megera de torvo aspecto e de inspirações sombrias, anda fazendo predicas irresistiveis nos lares sem pão. Não ha eloquencia que mais agite um auditorio. A sua simples presença provoca exasperos que chegam aos maiores desvarios. E quando ella atira para a rua os seus bandos de fanaticos, as noções mais solidas da gravidade e do respeito publico soffrem golpes bem rudes. Cautella, pois!

***

Uma excellente publicação hespanhola, que trata de desaggravar a patria de Cervantes de uma politica que lhe tem feito perder os seus valores originaes, abriu um inquerito para saber em que sentido marchará o mundo, depois de terminada a grande guerra. Reuniu já algumas opiniões auctorisadas. Estas, porém, não se manifestam concórdes, porque os entrevistados julgam as cousas segundo a logica das suas paixões. Todavia, vê-se claramente que todos desejam uma maior affirmação do principio da auctoridade, supporte da disciplina social. Como o momento é de alarme, entendem salvaguardar-se, protegendo-se por uma sólida hierarchia de classes. O medo torce-lhes a razão. O receio de perturbações que os embaracem no jogo dos seus habitos colloca-lhes os seus desejos egoistas onde deviam mostrar crenças e aspirações desinteressadas. E d'esta sorte appellam para a auctoridade, como se esta fosse uma especie de ratoeira para os sonhos incautos dos que luctam por uma melhor humanidade.

***

Muito importa distinguir entre religião e politica de religião. A primeira corresponde a uma necessidade invencivel de transmutar a fragil argilla humana em perfeição e bondade. A segunda uma invenção pratica de sujeitos que, para arranjarem a sua vida, especulam com Christo como os uzurarios com o seu oiro.

FIGURAS DE CERA

Pretendentes, álerta!

O administrador da Imprensa Nacional, sr. Luiz Derouet, vae ser demittido

A chuva é, sobretudo, uma insupportavel arrelia. Tudo perturba, tudo contraria, tudo oxida, impedindo que as coisas sigam serenamente o seu caminho, não deixando que os pobres jornalistas palmilhem essas ruas á procura da noticia sensacional que o publico lhes exige. Outro tiranno, o publico! Mas que remedio senão attendel-o, transigir, sorvir-lhe o que elle pede e trazel-o ao corrente de tudo o que por esta cidade vae acontecendo?

Cá estou, pois, apesar do mau tempo, com a minha barraca de figuras de cera. Ponhamos uma d'ellas em fóco. Illuminemol-a. Demos-lhe vida e fala. E' alta e maliciosa, velhaca como as sibillas, amavel como as pithonisas que não teem grande confiança nas suas prophecias...

— O que ha de novo? — pergunto-lhe.

—Chuva, meu caro, chuva. E faz um frio de rachar. Esta tunica de gaze gela-me. Se o verão não viesse tão perto, pedia-lhe um bom vestido de inverno...

—E a politica?

—Oh! a politica! Quem anda agora mais escamado são os monarchicos. Dizem do governo bichos e lagartos.

—Porquê?

—Porque o governo ainda não restaurou a monarchia!

—Que elles não querem!

—Exactamente. Mas, como nem só dos principios se vive, vão fazendo a má lingua que podem para que lhes tapem a bocca com optimas postas orçamentaes. E não perdem de todo o tempo...

***

Outra figura desvairada, indignada, cheia de revolta e fremente de indignação. Chégo a arrepender-me de a ter exhibido com tão poucas precauções. Mette medo esta furia ás soltas n'este palco mesquinho, que não tem nada de jaula...

—Aquiete-se! — brada-lhe uma voz angustiada que surge a medo da platéa á cunha.

—Impossivel. Se soubessem, se soubessem! Regressou-se aos tempos primitivos em que a inquisição funccionava de dia e de noite, ferindo sem dó nem piedade...

—Acalme-se!—insistem muitas vozes em côro. O caso não deve ser para tanto.

Foi peor. A estatua fragil traduz agora em gestos violentos o seu desespero indiscriptivel. Ranger-lhe-hiam os dentes, se tivesse dentes...

—Mas, fale! Cahiu o governo, porventura?

—Isso cae elle! Quem cae são os que não formam no seu cortejo, os que teem a sorte de pertencer aos partidos que o não applaudem, que o não acolitam, que não lhe favorecem a politica.

—Ha então mais demissões em projecto?

—Ha. A do administrador da Imprensa Nacional. O Derouet não gosará do seu cargo por muitos dias. Pode ter a certeza d'isso.

Esta figura da minha pequenina galeria é, d'entre todas, a que mais de perto convive com os deuses. As suas palavras devem, pois, ser exactas. Veremos se a predicção se realisa e se o sr. Luiz Derouet vae deixar, realmente, o cargo para que foi nomeado logo que se proclamou a Republica. Eu, por mim, estou convencido que sim.

***

—E porque se retira o sr. Derouet da Imprensa Nacional?

E' ainda a mesma figura, agora a sós commigo, no pequenino e tepido gabinete onde as tenho arrumadas a todas, que responde a esta pergunta. E fal-o placidamente, com inalteravel tranquillidade, como se os seus nervos, apoz uma vivissima excitação, tivessem voltado, de todo, ao seu logar.

—E' o governo que não tem confiança n'elle, como a não tinha no sr. Filippo da Matta. Accusam-no por ahi de tudo, de inconfidencias, de falta de assiduidade no desempenho do seu cargo, de todo um immenso rozario de faltas que nenhum funccionario intelligente praticaria, quanto mais o sr. Derouet.

—Mas é uma espantosa violencia.

—Sem duvida. Mas está á beira de ser levada por deante. As simpathias do governo pelo administrador da Imprensa são taes que o *Diario do Governo* não sahe nunca para a rua sem ir á censura do ministro do interior.

—E' espantoso!

—E'. Entretanto é mesmo assim.

Tinha rasão a minha exaltada estatuasinha de cera velha em se indignar. Eu tambem me indigno, tão extraordinaria é esta furia com que certes funccionarios da Republica, que só teem dado provas de competencia, estão sendo atirados para a fogueira que certos odios esverdeados em volta do governo atearam. As minhas figuras, encolhidas sob os seus mantos de velludo vermelho, recusam-se, por hoje, a sahir de novo da sua immobilidade sonhadora. Deixo-as em paz. Que estranhas prophecias nos virão d'ellas quando um sopro de vida tornar a animal-as?

A. M.

O sr. dr. Lelio Portela diz-me que não disputa o logar do sr. Henrique Cardoso. E' um concorrente a menos. Parabens aos restantes.—*A. M.*

UMA EGREJA E UM INDULTO

O governo portuguez

vae dar a liberdade a Leandro e permittir a construcção, em Lisboa, d'um templo hespanhol

Parece fóra de duvida o indulto de Leandro Gonzalez e a construcção de uma egreja hespanhola em Lisboa. As nossas informações o asseguram e registamol-as a titulo de curiosidade, com as naturaes reservas que impõem o nosso desconhecimento do «dossier» que o governo vae publicar, quanto ao caso do incendiario, e provavelmente ácerca da questão da egreja.

Porque se indulta Leandro e porque se permitte que a colonia hespanhola organise o eu culto?

—Porque n'esse sentido se tomaram compromissos solemnes — affirma alguem que, pela sua especial situação no mundo official se encontra perfeitamente ao facto de tudo quanto a proposito das duas questões se tem dado.

E', comtudo, vaga a informação e tudo aconselha pol-a a claro, traduzil-a em meudos, dizer com a amplitude possivel o que teem sido as negociações entaboladas para que os dois factos tenham, a breve trecho, a sua completa realisação. E' o que faz uma outra personagem que o acaso pôz providencialmente junto de quem escreve estas linhas.

—Os dois grandes problemas para a Hespanha e para o governo hespanhol teem sido, nos ultimos tempos, o indulto sensacional de Leandro e a organisação do culto catholico em Lisboa. E' bom que se saiba isto, que se diga isto, para que não se julgue que se trata de assumptos de minima importancia, que podiam ser tratados de animo leve. Sobre os governos portuguezes teem sido feitas pressões de toda a ordem para que as reclamações do paiz visinho fossem attendidas com a possivel benevolencia. Em Hespanha, desde o rei até ao ultimo cidadão hespanhol, todos teem posta na liberdade do incendiario da Madalena e na questão da egreja toda a sua ardente paixão. E' o que lhe affirmo. E affirmo-lh'o porque é asim.

—Mas com que pretexto se pede o perdão do Leandro?

—Com varios. Mas, sobretudo, com o da pena que lhe foi applicada ser violenta em extremo e ainda com o de terem sido indultados criminosos condemnados por crimes tão graves como o que a Leandro se attribue. E isto aduz-se com tal insistencia, tem-se feito valer tão energicamente que chegou um momento em que não houve remedio senão prometter. E' a effectivação d'essa promessa que se nos exige agora... Mais nada. E' tudo quanto sei.

Folhetim d'A CAPITAL 13-3-1915

CHRONICA MUSICAL

A musica na Antiguidade Oriental

Teria o homem feito e executado musica desde o seu apparecimento? Ou só crearia essa fórma de arte a certa altura da sua evolução?

Problema grave, a que o simples raciocinio não pode dar solução.

A musica, no seu sentido mais lato, existia na natureza antes do homem; antes d'elle, já havia especies canoras; e, sendo assim natural seria que tivesse cantado, antes ainda de ter falado. A palavra, representando uma ideia precisa, só apparece depois de uma larga existencia da especie, depois de adquirida a consciencia plena de si mesma e do mundo exterior. A musica, não tendo essa precisão, traduzindo apenas sentimentos vagos e muito geraes, poderia bem ser-lhe anterior. Isso seria mais uma explicação do facto de em todas as litteraturas a poesia preceder a prosa.

Mas, por outro lado, nós vemos que as especies mais proximas do homem não cantam, o que destroe os primeiros argumentos a favor da prioridade da musica como fórma de expressão. Contentemo-nos, pois, com a pouco lisongeira hipothese de que nossos remotissimos avós apenas dispunham, como meio de expressão, do grunhido e do guincho e vejamos quando é que, com certeza historica, a musica nos apparece.

Os mais antigos monumentos que nos dão noticia da existencia da musica como fórma de arte são chinezes e hindus. Como todas as manifestações da intelligencia humana, é d'ahi, da Asia mãe, que esta proveiu.

Não nos demoremos, porém, em tão remotas eras, e vejamos o seu estado de adeantamento em epocha mais proxima.

Os monumentos egipcios dão-nos conta d'uma intensa vida musical, já desenvolvidissima no seculo XIII antes de Christo. Por elles se vê que ela desempenhava um importante papel na vida social; empregavam-na nas festas religiosas, na guerra e nos banquetes; realisavam-se concertos em casas particulares.

Possuiam instrumentos de todos os tipos, harpas de quatro até vinte e duas cordas, liras de seis a doze cordas, tambura e eud, intrumentos do genero da guitarra. De sôpro, tinham uma grande variedade de flautas, simples e duplas, e trombetas rectas, de madeira e de cobre. (As trombetas rectas empregadas por Verdi no segundo acto da *Aida* são uma tentativa de reconstituição da trombeta egipcia.) Como em toda a antiguidade, os instrumentos de percussão eram numerosos e de grande importancia; a sua especial funcção de marcar o rithmo é indispensavel na infancia da musica; por isso elles tinham tambores e tamboris de todos os tamanhos, pratos, crotalos, que eram uma especie de castanholas, e sistros, o instrumento nacional por excellencia, formado de varetas de ferro com aneis de bronze, o que lhe augmentava a sonoridade; o canto era quasi sempre acompanhado rithmicamente pelas palmas dos circuntantes.

Mas como era a musica que se executava com estes instrumentos?

Diz Marius Fontane:

«A multiplicidade das notas, que é ainda a caracteristica da musica actualmente preferida nas margens do Nilo, exclue a possibilidade dos effeitos poderosos e dá com exactidão, prolongando-se-lhe o effeito, a impressão dos murmurios harmonicos naturaes que os egipcios gosavam. Essas harmonias, muito nitidamente perceptiveis, são obra do sol e das aguas. De manhã, logo que os primeiros raios aquecem a terra do Egypto, toda impregnada do abundante orvalho da noite, a humidade evapora-se rapidamente, as miriades de pedrinhas. os grandes blocos, os altos rochedos, vibram por todos os lados, e é no grande silencio de uma aurora branca, como que um cantico. Nos vales profundos, esta harmonia torna-se poderosissima; aperta o coração. Durante o dia, é o lamento interminavel das palmeiras, a brisa que sopra do norte; á noite, é o concerto dos animaes, intenso, cheio de notas agudas, mas que é envolvido pelo ruido lento e grave do rio batendo nas margens.»

Seria, pois, a musica egipcia directamente inspirada na natureza? O Nilo, o dispensador dos beneficios, seria tambem o inspirador da musica?

E' bem provavel que sim, mas nada se pode affirmar, visto que até nós não chegou uma unica nota.

Como os egipcios, possuiam os assirios e babylonicos instrumentos, approximadamente os mesmos, o que faz suppôr uma mesma origem, mas de construcção menos elegante; diverso, tinham o asor, instrumento de cordas que ainda hoje vemos usar aos tziganos com o nome de timpanos. Mas assim como nada nos chegou da musica escripta da velha civilisação do vale do Nilo, nada egualmente conhecemos, além dos instrumentos representados nos baixos relevos, da musica dos povos que habitaram a bacia do Tigre e do Eufrates.

Quanto aos hebreus, da leitura da Biblia se deduz a enorme importancia da musica entre elles; pelos textos conseguiu-se elaborar uma lista de instrumentos, semelhantes aos dos egipcios, um dos quaes, o schofar, que é uma trombeta, ainda hoje se emprega nas sinagogas.

O emprego da musica era principalmente cultual, como não podia deixar de ser n'um povo *eminentemente religioso*; David, melomano exaltado, foi quem deu á musica o maior impulso, creando um corpo de quatro mil cantores e musicos para o *serviço divino, ensinado* por duzentos e oitenta e oito professores.

Nenhuma musica escripta chegou até nós; mas é de crer que, sendo os judeus o mais tradicionalista dos povos, e tendo conseguido atravessar dispersos tantos seculos sem perder os costumes, a lingua e a religião, a musica que ainda hoje se canta nas sinagogas seja, se não precisamente a mesma, pelo menos uma approximação mais ou menos completa dos cantos da Judeia.

D'este rapido exame atravez da antiguidade oriental conclue-se que a musica desempenhou, entre todos os povos, uma alta funcção, sendo indispensavel em todas as manifestações collectivas da vida social, quer politicas, quer religiosas.

E' que ella foi, em todos os tempos, a mais elevada das fórmas de expressão, a que mais depressa fazia ascender a alma até junto dos deuses, a que mais seguramente fazia bater todos os corações em unisono, a que mais enthusiasticamente fazia vibrar os nervos das multidões.

Humberto de Avellar

—Diz-e ainda que o processo relativo ao caso vae ser publicado no «Diario do Governo».

—Vae. E n'elle figuram officios, notas diplomaticas, cartas e documentos diversos, que porão a questão a claro e a elucidarão completamente perante o publico. Simplesmente essa publicação, por motivos fortuitos, não se fará por emquanto. Será adiada por alguns dias. E quanto ao Leandro, é tudo quanto sei.

—E quanto á egreja hespanhola?

—Tambem não estou de todo em branco. E' outra promessa formal, que não ha remedio senão acatar. A propria Inglaterra, servindo-se de toda a amisade que nos consagra e lhe consagrâmos, reconhecendo todos os serviços que lhe temos prestado e falando-nos como duas pessoas amigas podem falar entre si, já por mais de uma vez nos tem solicitado que annuamos aos desejos da Hespanha. De maneira que não ha remedio. Os hespanhoes vão ter em Lisboa o seu templo privativo...

—E' então negocio resolvido.

—Quasi, quasi. Em principio, a concessão está feita. Resta achar a formula de a transformar n'uma realidade sem offender demasiado os sentimentos liberaes do povo de Lisboa. Os estatutos estão, effectivamente, organisados já e em poder das auctoridades competentes. São pouco prolixos e não abundam em disposições complicadas.

—O que se diz n'elles?

—Ah! meu caro amigo! V. é exigente em extremo! Mas posso satisfazer-lhe, em parte, a curiosidade. Os estatutos são assignados por uma delegação da colonia hespanhola com residencia em Lisboa. N'elles se diz que a mesma colonia fica auctorisada a organisar n'esta cidade, em egreja ou capella já construida ou a construir, o culto catholico, privativo dos hespanhoes. Mais: regula-se tambem a constituição d'uma sociedade de beneficencia, ensino e assistencia, que possa crear e manter escolas, cantinas e hospitaes, subjeitando-se tudo ás leis da Republica e muito principalmente á lei da Separação. Mais ainda: no officio que acompanha os estatutos, os interessados dizem que se sujeitarão ás alterações que julgarem justas, aconselhadas pelas estações competentes. Ha, porém, n'isto tudo, uma difficuldade enorme...

—Qual é?

—A dos hespanhoes que querem aggremiar-se em collectividade de beneficencia, religião e ensino pretenderem ministrar o ensino religioso. Como sabe, a Constituição oppõe-se a que esse ensino se faça no territorio da Republica.

—E para obter Leandro Gonzalez inteiramente livre e a instituição do culto catholico hespanhol em Lisboa o que offereceu o governo do paiz visinho?

—Diz-se que muita coisa. Que se compromette, por exemplo, a limpar o seu territorio de conspiradores portuguezes, acabando-se de vez com toda a casta de *intentonas* que de lá nos vinham; que tomou o compromisso de negociar rapidamente o tratado de commercio comnosco e que não se mostrou desfavoravel a attender as nossas reclamações sobre a pesca no Algarve. E' isto o que por ahi corre. Eu, pela minha parte, sem nenhuma sombra de exagero, só posso affirmar-lhe que para a Hespanha, n'este instante, nem a guerra, nem a sua tremenda crise interna nem coisa nenhuma teem mais importancia do que os assumptos de que lhe venho falando. Vá-se com esta e creia que vae de posse da verdade. O que lamento é não saber mais coisas para lh'as dizer...

Veem de pessoa auctorisadissima as informações que ahi ficam. Por ellas se vê em que situação se encontram presentemente as negociações em que os dois governos da Peninsula andam empenhados a proposito de Leandro Gonzalez e da egreja hespanhola. O publico que faça sobre ellas o juizo que entender...

Uma edição portugueza DAS "Hamburger Nachrichten,,

Já por mais de uma vez nos tem sido enviada uma publicação editada em Hamburgo em lingua portugueza e destinada, ao que parece, a fazer propaganda contra os alliados tanto em Portugal como no Brazil. A Inglaterra, especialmente, é a cada passo calumniada por esse jornal.

Seria superfluo manifestar a nossa estranheza pelo facto, absolutamente illogico, de se deixar circular no nosso paiz uma publicação de propaganda *ad odium* contra a Grã-Bretanha, cuja alliança comnosco ainda ha mezes foi celebrada no Parlamento portuguez.

Mas não podemos deixar de recordar que precisamente as *Hamburger Nachrichten*, cuja edição portugueza por ahi corre impressa, são de toda a imprensa allemã o jornal que mais nos tem insultado e calumniado.

As *Hamburger Nachrichten*, antigo orgão da politica bismarkiana, desde muitos annos não perdem occasião de ser profundamente desagradaveis para Portugal. Já no tempo da monarchia essa folha nos distinguia com o seu desprezo, chamando-nos «paiz vassalo da Grã-Bretanha, terra de bancarrotas, patria de caloteiros» e outras coisas feias. Por occasião da ultima visita do rei D. Carlos a Londres, os artigos publicados n'esse gazeta attingiram contra nós o cumulo da violencia. O sr. visconde do Pindella, então nosso ministro em Berlim, mandou cuidadosamente traduzir esses artigos e remetteu-os ao ministerio dos estrangeiros. Devem existir no archivo d'essa secretaria do Estado. E' conveniente lembrarem-se coisas que parece já terem desapparecido da memoria dos homens, n'esta abençoada terra onde tudo se esquece de boa vontade...

SUBSISTENCIAS

A questão da carne

O que se pensa no Porto a tal respeito

Porto, 8 de março

—Não. As carnes não subirão de preço, disse-nos ha pouco o sr. Luiz Martins. E' necessario, no entanto, favorecer de algum modo os proprietarios dos talhos.

E explicou:

—O sr. ministro do fomento sabe muito bem que os donos dos talhos vivem mal, n'uma situação difficil, pelo menos de ha 15 annos a esta parte... Quando elle foi presidente da camara do Porto tive a honra de lhe apresentar varias reclamações da classe, indicando algumas soluções que me pareciam e *parecem ainda* melhorar a situação.

—As reclamações...

—E' que não podiamos vender a carne pelo preço por que *então* se vendia e isto por dois motivos: porque o preço do gado de *ceba*, do gado gordo, augmentára muito—visto não apparecer no mercado, e o «gado de trabalho», que não dá tão boa carne, ainda tinha encarecido mais.

E quer saber os motivos? E' que desappareceu a industria do gado d'engorda, e desappareceu porque, de volta das grandes cidades, em 30 kilometros de circumferencia, os lavradores só querem vaccas leiteiras. Dizem elles que vendendo o leite para consumo e para as industrias de lacticinios, que tanto se teem desenvolvido, auferem uma receita que lhes serve para mandar buscar á «loja»—o bacalhau, o arroz e o azeite. Emquanto que engordando uma junta de bois, depois de muito trabalho, do *pousio* da córte, a «junta» sem trabalhar, quando a vendem, não lhes dá lucro compensador... Em parte elles teem razão, porque nós não lhes podemos comprar a mais de 4$80 os 15 kilos.

—E quaes as soluções?

—Fomentar na lavoura a creação e engorda de gado. Não é difficil. Basta que o lavrador veja que pode lucrar, ou, pelo menos, resarcir-se do seu trabalho... Ora, para isto, bastaria que as camaras municipaes e o governo estabelecessem exposições districtaes e concelhias, offerecendo premios de valor á melhor junta de bois gordos, á melhor junta de touros, ao melhor exemplar de padreação, etc.

Mas, e ainda: é necessario limitar o numero de talhos.

—Mas *isso* vae contra a liberdade da industria...

—Assim me dizia o sr. dr. Nunes da Ponte ha 5 annos. E' necessario, porém, notar que esta medida podia ser tomada, por exemplo, só por um periodo de 5 annos, como experiencia.

Um talho precisa de vender carne bastante de cujo lucro possa tirar as despezas de industria e sustento. E esse lucro não pode ser de menos de dois escudos por dia. Não sendo assim, o commercio definha, arruina-se... Pois, não conhece, não sabe toda a gente que ha n'esta cidade *moço* de talho que vivem muito melhor desde que são *empregados*, do que quando eram patrões?

Vamos a ver, terminou: eu tenho toda a esperança de que a questão será em breve solucionada sem aggravamento de preços para o publico e sem gravame para os industriaes e para a classe.

O concerto Blanch de ámanhã

Incontestavelmente é o mais sensacional de todos d'esta temporada o esplendido concerto que ámanhã se realisa em S. Carlos em festa artistica dos professores que compõem a Orchestra Simphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Blanch, pelo programma organisado. Este concerto ficará memoravel no nosso meio artistico. Eis o programma:

Primeira parte—I «Septimino», Beetowen, *a)* Adagio, Alegro com brio; *b)* Andante, Thema com variacões; *c)* Scherzo; *d)* Finale por todos os professores dos respectivos naipes da orchestra.

Segunda parte—II «Egmont», ouverture, Beethowen; III Concerto em mi bemol, Liszt, para piano com acompanhamento de orchestra, por João Queriol.

Terceira parte—IV «Phaeton», poema simphonico (primeira audição), Saint-Saens; V «Guilherme Tell», ouverture Rossini.

O esforço militar das colonias inglezas

Australianos e neozelandezes

Londres, 9 de março

O «Times» publica o seguinte:

«A guerra veiu surprehender a Australia e a Nova Zelandia em um periodo de transicção militar; estavam no periodo transitorio do exercito constituido pelo voluntariado para o exercito formado por meio do serviço militar obrigatorio. Durante este periodo, os soldados adultos, que deviam fazer parte dos novos contingentes, e que já tinham recebido a instrucção militar, foram substituidos por soldados da antiga milicia.

Na Australia, onde o serviço na milicia começa aos 18 annos, nenhum recruta comprehendido no novo sistema, posto em vigor a 1 de janeiro de 1911, podia entrar na milicia antes de 1 de julho de 1912. Quando a Inglaterra declarou guerra á Allemanha só duas classes estavam nas fileiras: a 1912-13 e a 1913-14, tendo a ultima d'ellas n'aquelle mesmo momento terminado a sua instrucção.

Para as auctoridades militares da Australia e da Nova Zelandia o problema consistia em formar um corpo expedicionario, o mais forte possivel, aproveitando a organisação existente.

Não poude o governo applicar na Nova Zelandia o moderno sistema tão rigorosamente como o queriam as auctoridades militares australianas; mas quando finalmente foi adoptado, o governo neozelandez reteve nas fileiras um numero relativamente grande de praças da antiga milicia, collocando-as no novo exercito territorial. Poude assim formar um corpo expedicionario composto de praças militarmente educadas. No estado maior tambem havia um relativamente elevado numero de officiaes do exercito imperial.

Officiaes e soldados

D'entre os officiaes que actualmente se encontram no Egypto, a maior parte já exerceu commandos na milicia; os restantes são officiaes imperiaes addidos ás forças coloniaes e um grupo d'officiaes novos, sahidos do Real Collegio Militar de Duntroon, Australia.

Nos contingentes figuram homens de todas as classes, pastores e proprietarios, operarios e negociantes; nas tropas montadas figura um grande numero de «bushmen», o mesmo que os «cowboys» americanos. Entre os neozelandezes o elemento rural é numerosissimo.

Muitos soldados são inglezes e irlandezes mas tambem os ha, embora poucos, de origem germanica, filhos e netos de colonos allemães, o que não impede que os seus chefes e companheiros tenham n'elles toda a confiança.

Os vencimentos são elevados, variando desde seis francos e vinte e cinco, para os neozelandezes, até sete francos e cincoenta, para os australianos; d'estes vencimentos, por emquanto, só recebem dois francos e cincoenta por dia, devendo receber o resto, junto, quando entrarem em campanha.

A edade d'estes soldados é de 20 annos para os neozelandezes e de 19 para os australianos; a estatura minima é de cinco pés e quatro pollegadas, mas a media de muitos batalhões sóbe a cinco pés e sete pollegadas.

A estas vantagens physicas reunem os soldados uma intelligencia notavel e energia a toda a prova.

O treino

Emquanto não chega o momento de entrarem em fogo, entreteem-se cultivando os sports, principalmente o box e a lucta. O Khedsirst Sporting Club está organisando corridas em que os soldados tomarão parte disputando os *records*, e estão-se preparando *ghymkanas* em que se admirará a dextreza dos cavalleiros.

Não ha tropa melhor equipada do que esta; o serviço medico é superior, e dentro em pouco será reforçado; os cavallos são excellentes e competentissimos os veterinarios.

Um exercito assim não póde ser vencido; ha de ser vencedor».

O concerto de ámanhã no Politeama

Além da primeira audição de Berlioz, que terá logar ámanhã no Politeama, e a que desenvolvidamente hontem nos referimos, executar-se-ha tambem pela primeira vez um original de Schuman «A' Lareira».

Hoje realisou-se o ensaio de apuro da «Simphonia Fantastica» e podemos assegurar aos nossos leitores, que a segunda parte do concerto, que ella prehenche, é deveras magistral.

Cheia de dificuldades, a orchestra magnifica de David de Sousa dá-lhe uma interpretação grandiosa, de arrebatar.

Para esta bella festa d'arte musical estão muitissimos logares vendidos á nossa sociedade elegante.

ULTIMAS NOTICIAS

UM NOVO DECRETO

Os serviços do Congresso

na dependencia do ministerio do interior

O que nos diz o sr. Balthazar Teixeira, primeiro secretario da mesa da Camara dos Deputados

Disseram os jornaes da manhã que vae ser publicado um decreto fazendo passar para a dependencia do ministerio do interior os serviços do Congresso. O sr. dr. Balthazar Teixeira, 1.º secretario da meza da Camara dos Deputados, a quem interrogámos sobre o assumpto, commenta d'este modo a delibeaação do governo:

—E' mais um ataque á Constituição da Republica, que determina, no § unico do seu artigo 13.º, que «a cada uma das camaras compete verificar e reconhecer os poderes dos seus membros, eleger a sua meza, organisar o seu regimento interno, regular a sua policia e nomear os seus empregados». Ora, no regimento do Congresso está espressa a autonomia dos seus serviços.

«Isso não representou, de resto, qualquer innovação trazida pela Republica. Aquella autonomia já se verificava no tempo da monarchia e é uma consequenica imprescindivel do modo independente por que devem correr todos os assumptos relativos ao funccionamento do poder legislativo. Logo nos primeiros dias da Assembleia Constituinte, antes mesmo de se votar o artigo 13.º da Constituição, nomeou-se uma commissão administrativa encarregada, com plena autonomia, de todos os serviços que diziam respeito áquella assembleia.

«A abusiva deliberação do governo destina-se principalmente a evitar que seja posta em pratica a reorganisação dos serviços do Congresso, derivada do artigo 26 da lei orçamental do ministerio das finanças de 30 de junho de 1914, e que augmentava os vencimentos do pessoal menor. Desejavamos fazer a equiparação de todos os funccionarios empregados do Congresso aos dos ministerios das finanças e das colonias, mas, como não houvesse verba para tanto, essa equiparação era feita só em relação ao pessoal menor e aos aspirantes de tachigraphia, augmentando-se tambem um pouco os ordenados dos restantes funccionarios. Mas agora, só os primeiros eram melhorados no seu vencimento. Os serventes, por exemplo, que ganhavam 240 escudos, passavam a ter 300; os aspirantes de tachigraphia, que venciam 300, eram augmentados para 400.

«Essa melhoria de situação, que andavamos empenhados em effectivar por a acharmos de toda a justiça, parece que provocou certas más vontades. Mas devo dizer-lhe, de passagem, que a situação dos funccionarios superiores do Congresso não reclama uma urgente melhoria. O director geral ganha por anno 1:440 escudos e tem casa, agua e luz. Os redactores vencem mais de 900 escudos e só trabalham, como sabe, emquanto o Congresso funcciona. Isso não quer dizer que a commissão administrativa repudiasse a ideia de melhorar os seus vencimentos, visto que se partia do principio da equiparação de todos elles aos dos funccionarios dependentes dos ministerios das finanças e das colonias, mas sim que principiaria por beneficiar os empregados que se encontravam em peores condições.

«E já agora, que falamos de coisas do Congresso, deixe-me dizer-lhe que nenhum fundamento tem a noticia de que a commissão administrativa, a que pertenço, pretendia entrar antehontem no edificio do Congresso para avrar no «livro respectivo» a acta da reunião parlamentar do dia 4. Só por ignorancia se podia dizer tal coisa. O livro das actas do Congresso serve apenas para se registarem as deliberações das mezas e da commissão administrativa. As actas das sessões são escriptas em papel avulso pelo redactor respectivo, assignadas pela meza e archivadas depois. Para a redacção da acta do dia 4 já enviei todos os elementos necessarios ao director geral do Congresso, que, por sua vez, os deve communicar ao redactor da Camara.

«Por ultimo, direi ainda que não tem o menor fundamento a affirmação, tambem publicada, de que o sr. general Correia Barreto fizesse qualquer observação ao cabo da guarda. Limitámo-nos a dizer-lhe que cumpria o seu dever, obedecendo ás ordens que tinha recebido. Sahindo do Congresso, reunimos n'outra parte, tomando as deliberações que entendemos convenientes sobre assumptos administrativos. Continuaremos fazendo o mesmo, sem obedecer ao novo decreto anti-constitucional do governo e entendendo que ao proprio director geral do Congresso cumpre tomar a mesma attitude».

O decreto que nos levou a procurar o sr. dr. Balthazar Teixeira veiu publicado realmente no «Diario do Governo» de hoje. E' do seguinte theor:

Tornando-se necessario providenciar ácerca dos serviços da Secretaria do Congresso da Republica, vista a impossibilidade d'este funccionar na actual conjunctura e de as entidades parlamentares a quem competia a superintendencia n'esses serviços poderem exercer as suas funcções,

Tendo ouvido o Conselho de Ministros, e;

Usando da faculdade que me é conferida pela lei n.º 275 de 8 de Agosto de 1914;

Hei por bem decretar:

Artigo 1.º Os serviços da Secretaria do Congresso da Republica ficam, emquanto se não normalisar o funccionamento das camaras legislativas, subordinados directamente ao Ministro do Interior, competindo a este Ministro as attribuições, relativas aos mesmos serviços, das entidades parlamentares.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro do interior assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos Paços do Governo da Republica e publicado em 13 de março de 1915.—*Manuel de Arriaga, Pedro Gomes Teixeira.*

Velodromo do Stadium

A festa de reabertura ficou transferida para o proximo domingo 21

A chuva de hoje prejudicou, novamente, as corridas de reabertura do Velodromo do Stadium annunciadas para amanhã. Foram transferidas para o proximo domingo 21, com o mesmo programma e ainda com o attractivo da corrida de senhoras, em que entram as simpathicas artistas Henriete Lefebre e irmãs Asti-Anciloti. Estas senhoras estiveram hontem e hoje treinando no Velodromo e demonstraram que hão-de disputar uma bella prova de velocidade, porque são rapidas, energicas e não teem medo das viragens da pista.

A transferencia justifica-se plenamente dizendo-se que a pista, com a chuva de hoje, não estava em condições de permittir corridas com motocicletes de 12 H. P.

NOTAS DIVERSAS

Sahiu hoje de Serra Leôa o *Insulano* que conduz a bordo uma expedição.

—O rendimento do caminho de ferro de Benguella em fevereiro ultimo foi de 47 contos.

CONSERVATORIO DE LISBOA

Sessão Mozart

As Escolas de Musica e da Arte de Representar, continuando o uso iniciado o anno passado, realisaram hoje uma sessão consagrada a Mozart.

A ideia é excellente, como aqui já dissemos, e a organisação do programma artistica e accertada.

Mas, se as Escolas, como é de suppôr, apresentaram os seus melhores alumnos, triste é reconhecer que não podemos ter esperança de que algum grande artista saia d'esta geração.

Da classe de musica de camara, regida pelo professor Alexandre Bettencourt, que é um dos mais distinctos mestres do Conservatorio, apresentaram-se varios alumnos que executaram a «4.ª sonata» para piano e violino, o «Quartetto n.º 14» e o «Quintetto n.º 3». D'essas execuções resaltou claramente a correcção do ensino, mas nada mais: aquillo que faz advinhar o artista, aquillo com que se nasce e não se aprende, isso não nos parece que algum dos oito allumnos possua. Oxalá que nos enganemos e que, de facto, algum d'elles ainda se revele.

A sr.ª D. Lidia Cutileiro cantou a area «Un'aura amorosa» da opera «Cosi fan tutte».

A sua voz, se bem que não seja poderosa nem rica, é rigorosamente afinada, muito pura e obediente, o que fez com que o seu numero fôsse o mais interessante da sessão.

Finalmente, quatro alumnos da Escola da Arte de Representar dançaram o minuete do «D. João», reconstituição rigorosa e a que não faltou a graça elegante da epocha. Foi este o numero que mais agradou á numerosa assistencia, que o fez repetir.

H. de A.

Balanço diario

Tem-se feito, ultimamente, grande ruido a proposito da entrega do palacio da Bolsa, do Porto, á Associação Commercial d'essa cidade. Houve até quem dissesse que o sr. governador civil d'aquelle districto se avistára hontem com o sr. ministro do fomento sobre o assumpto. Ora, segundo parece, nem a Bolsa voltou ainda á Associação Commercial nem o governador civil tratou com o sr. ministro do fomento de tal assumpto.

Novo caminho de ferro

O caminho de ferro da estação de Vianna do Castello á doca é de urgente construcção. Por tal motivo, o sr. governador civil d'aquelle districto instou com o governo para que tal obra se faça quanto antes, visto d'ella advirem para o commercio de Vianna os maiores beneficios.

Policia do Porto

O ministerio das finanças resolveu já ceder uma parcella de terreno onde devem construir-se as novas installações da policia judiciaria do Porto.

Conselho de ministros e assignatura

Esta tarde reuniu no ministerio do interio o conselho de ministros, occupando-se de assumptos de administração. Depois do conselho effectuou-se, em Belem, a assignatura presidencial.

Subsistencias

O sr. governador civil do Porto esteve conferenciando hoje com o ministro do fomento sobre a questão dos assucares. O sr. Pereira Osorio partiu hoje para o Porto. O sr. administrador de Alemquer tambem pediu que as farinhas para o seu conselho fossem pagas pela commissão de subsistencias.

Seminario de Braga

O governador civil de Braga entregou hoje ao sr. presidente do ministerio um requerimento para serem sustadas as obras de adaptação a um hospital do antigo seminario de Santo Antonio d'aquella cidade. O sr. Miguel d'Abreu seguiu para o seu districto, para assistir amanhã á recepção do arcebispo primaz.

Soccorros aos necessitados

Reuniu hoje a commissão de assistencia da Associação Commercial, tomando resoluções importantes. Vae ser pedida ao governador civil a cedencia de uma casa para armazenar os donativos em viveres e roupas que já estão affluindo á Associação Commercial. Os donativos em dinheiro serão destinados á acquisição de generos e a distribuição será feita unicamente aos verdadeiros necessitados.

Soldado morto

No ministerio das colonias foi recebido um telegramma dizendo que o soldado do esquadrão de dragões, morto em Naulila, é o n.º 1547 Manuel Cardoso Simões.

A situação politica

Os socialistas pedem a modificação da lei eleitoral

O chefe do governo recebeu hoje pelas 15 horas a commissão composta dos srs. Manuel José da Silva e João Dias da Silva, dr. Costa Junior, Costa Rito e Marino Nogueira, representando os socialistas do norte e sul do paiz. Estes commissionados do partido socialista expuzeram ao sr. Pimenta de Castro as difficuldades de propaganda em que se encontravam, pela divisão dos circulos, determinadamente no que diz respeito ás cidades de Lisboa e Porto, cuja população, para o acto eleitoral, é esmagada pela votação dos suburbios.

A commissão pedia que a divisão fosse alterada, constituindo as cidades circulos autonomos e independentes. O sr. general Pimenta de Castro prometteu apresentar a questão em conselho de ministros. Em seguida, os delegados do partido socialista foram apresentados pelo chefe do governo ao sr. presidente da Republica, perante o qual formularam o mesmo pedido.

Conferencias contra a dictadura

E' ámanhã, pelas 15 horas, que na séde da Associação de Classe dos Catraeiros do porto de Lisboa, rua do Caes de Santarem, 10, 2.º, effectua a primeira conferencia publica sobre a actual situação politica, o illustre senador sr. dr. Bernardino Machado.

Esta conferencia é a primeira da serie que a commissão parlamentar realisa como preparatorias do proximo comicio.

A segunda conferencia realisa-se na segunda-feira, na séde do Centro dr. Bernardino Machado, sendo conferente o seu illustre patrono.

—O Gremio da Mocidade Republicana Radical vae esperar hoje a delegação da mocidade republicana do Porto, que chega no rapido da noite a Lisboa, ás 12,55. A delegação é presidida pelo director d'*A Voz da Mocidade* sr. Americo Cardoso.

—Varios sargentos de artilharia da costa e da bateria de posição, segundo informam da Trafaria, não se associam á manifestação que se projecta fazer ao sr. Pimenta de Castro.

O arcebispo primaz

O sr. Vieira de Mattos, antigo bispo da Guarda e que Roma collocou em Braga como arcebispo primaz, faz ámanhã a sua entrada solemne n'aquella cidade. O sr. major Lopes Gonçalves vae cumprimental-o em nome da commissão executiva municipal. Preparam-se grandes festejos para receber o arcebispo que entra por Maximinos.

Na egreja da Graça

Préga na festa de reabertura que se realisa quinta-feira proxima na egreja da Graça o notavel orador sr. Fernandes de Castro.

O funeral d'um suicida

Realisa-se ámanhã, sahindo o prestito da morgue, o funeral do sr. Francisco Henrique de Moraes, que se suicidou na esquadra da travessa das Almas. O Centro Republicano Escolar 27 de Abril e os antigos presos do castello de Angra do Heroismo e do forte da Graça em Elvas convidam o povo e o operariado em especial a encorporarem-se no cortejo funebre.

Fallecimentos

Falleceu e sepulta-se ámanhã a menina Alice Coelho Rosa, filha do sr. Antonio Simões Rosa e da sr.ª D. Maria da Piedade Simões Rosa. O prestito funebre sahe, pelas 11 e meia, da rua da Alfandega, 160, para o cemiterio dos Prazeres.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 12.—Communicação official. A leste de Lombaertzyde tomámos um fortim allemão a uma centena de metros em frente da nossa linha de trincheiras. A trez kilometros a leste de Armentieres as tropas inglezas occuparam a aldeia de Epinette. No sector de Neuve Chapelle os progressos do exercito britannico proseguiram depois de ter repellido dois fortes contra-ataques; o exercito britannico apoderou-se de uma parte das linhas allemãs, situada entre a aldeia Pietre e o moinho do mesmo nome, fazendo cerca de 400 prisioneiros entre os quaes cinco officiaes. Em Champagne, na tarde de quinta feira, tomámos em frente da collina, a nordeste de Mesnil, algumas trincheiras inimigas, tendo feito varios prisioneiros, entre elles alguns officiaes. Na sexta feira progredimos ligeiramente na mesma região. Mais para oeste e parallelamente á estrada de Tahure, occupámos varias trincheiras allemãs. Nas collinas do Meuse, retomámos, esta manhã, um elemento de trincheira onde os allemães haviam conseguido penetrar hontem de tarde. Em Reichackerkopf repellimos um ataque nocturno e avançámos 200 metros. Na inspecção a uma trincheira da 1.ª linha a 80 metros do inimigo, o general Maunoury, commandante de um dos nossos exercitos, e o general Villaret, commandante de um dos corpos d'esse exercito, foram feridos por balas quando examinavam as linhas allemãs através de uma ameia. Os medicos não puderam ainda pronunciar-se sobre a gravidade dos ferimentos.—(*Havas*).

PARIS, 13.—Communicação official. Na foz do Yser o exercito belga consolidou e ampliou os resultados obtidos por elle na quinta feira. As tropas britannicas continuam a progredir, tendo atravessado a ribeira de Layes que corre parallela á estrada de Neuve Chapelle a Fleurbaix, entre esta estrada e Aubers.

N'esta região tomaram varias trincheiras inimigas e chegaram ao anoitecer á estrada denominada Rue de l'Enfer e que se dirige de noroeste para sueste, para os lados de Aubers, servindo os arredores de esta localidade. A sudoeste de Pietre tomaram varios grupos de casas organisadas defensivamente. O numero total dos prisioneiros n'este dia anda por mil.

Os allemães perderam varias metralhadoras, na esquerda e na direita do exercito inglez. As tropas francezas apoiaram a acção d'este por meio de vivissimo fogo de artilharia, metralhadoras e infantaria.

Em Champagne os nossos progressos continuaram. Ao anoitecer, nos declives que ficam a nordeste de Mesnil, fizemos 150 prisioneiros, entre os quaes seis officiaes.

Nos Voges o inimigo depois de um violento bombardeamento a Reichackerkopf tentou um ataque que foi totalmente impedido pelo nosso fogo.—(*Havas*).

O "Guadaloupe,, é afundado

BREST, 13.—Foi mettido no fundo o paquete *Guadaloupe*, salvando-se os passageiros e a tripulação.—(*Havas*).

PERNAMBUCO, 13.—Foi o *Kronprinz Wilhelm* que metteu no fundo o *Guadaloupe*. Os passageiros e a tripulação serão repatriados pelo *Garona*.—(*Havas*).

O *Guadaloupe* pertencia á «Compagnie de Navigation Sud-Atlantique» de que são agentes em Lisboa os srs. Orey, Antunes & C.ª A agencia recebeu um telegramma noticiando o facto, expedido pelo sr. Vasco d'Orey, filho do sr. Ruy d'Orey, e que vinha a bordo com sua esposa.

O *Guadaloupe* deve ter partido dos portos do Brazil no dia 17 de fevereiro a fim de estar em Lisboa no dia 5 d'este mez de onde partiria a 8 com destino a Bordeus. De volta ao Tejo sahiria no dia 16 com destino ao Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.

A' agencia teem ido muitas pessoas a fim de colherem informações, que são as que acima referimos.

A attitude dos musulmanos de Singapura

LONDRES, 11.—Uma deputação composta dos mais influentes musulmanos de Singapura apresentou ao governador de *Straits Settlements* para ser transmittida a Sua Magestade o rei Jorge a seguinte resolução approvada em 6 de março n'um grande comicio de mais de 3000 musulmanos: «Nós, os musulmanos de Singapura, temos sido do primeiro ao ultimo, constantes na obediencia e lealdade ao throno».—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

No theatro oriental

PETROGRADO, 13. (Official)—No Caucaso progredimos no dia 12 na região do litoral, tendo repellido os turcos na direcção de sudoeste. Nada mais houve de importante.—(*Havas*)

Um cruzador inglez mettido a pique

LONDRES, 14.—O almirantado annuncia a perda do cruzador auxiliar *Bayant* que fazia serviço de patrulha. Crê-se que fosse torpedeado por um submarino. Foram salvos por um vapor quatro officiaes e 22 marinheiros, tendo perecido o resto da tripulação.—(*Havas*).

Os hespanhoes em Marrocos

MADRID, 13.—Nas immediações de Ceuta varios mouros aggrediram soldados hespanhoes, tres dos quaes ficaram mortos e dois feridos. Os bandoleiros foram immediatamente castigados, tendo numerosas baixas.—(*Corresp.*)

A provincia n'A CAPITAL

CONDEIXA-A-NOVA, 8.—A festa da arvore decorreu com o maior brilho, organisando-se pelas 12 horas um luzido cortejo e sendo plantadas no largo Rodrigo da Fonseca Magalhães trez arvores pelos alumnos da escola do sexo masculino. A' sessão solemne presidiu o delegado do procurador da Republica, sr. dr. Tavares, discursando o presidente, os srs. drs. Antonio Lopes e Mesquita e o professor sr. Alberto Martins. Algumas meninas recitaram poesias, sendo no fim offerecido um lanche ás creanças, a expensas dos srs. Casimiro Gonçalves Marques e José Mathias.

COIMBRA, 11.—A associação de classe dos donos de padarias resolveu estabelecer a seguinte tabella dos preços de pão:

Pão fino ou de luxo a 1, 2 e 4 centavos; pão de 2.ª qualidade de 4 a 5 centavos.

A cooperativa de pão «A Conimbricense» não augmentou o preço do pão.

—A junta da parochia de Santa Clara resolveu exarar na acta da sua ultima sessão um voto de sentimento e de protesto contra o crime de que foi victima o deputado sr. Henrique Cardoso.

—A policia prendeu o gatuno Manuel d'Almeida «O Mantas», como supposto auctor do roubo de 1:200$00 feito ao sr. José Dias da Cunha, de S. Pedro d'Alva. Submettido a interrogatorio, confessou o crime.

—O rendimento da linha da Louzã desde janeiro até 21 do mez findo foi de 3:666$00, menos 495$00 do que em egual periodo do anno anterior.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 1|4	35 1|8
Londres, 90 d|v. . .	35 1|2	—
Paris, cheque. . . .	$80,5	$80,9
Allemanha, cheque .	$30	$31
Hollanda, cheque . .	$56	$57
Madrid, cheque . . .	1$39,5	1$40,5
New York	1$40,5	1$41,5
Rio s|Londres. . . .	13 1|4	—
Libras.	7$10	7$15
Agio do ouro.	52 °|₀	57 °|₀

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,30	—
» » 500$	39,50	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0, 1905, 9$15; 4 0|0, 1888, 21$90; 4 1|2, 88-89, coupon, 58$.

Externas: 1.ª serie, 70$70.

Acções: Ultramarino, assent., 104$.

Obrigações: Ultramarino, coupon, ouro, 88$; Norte e Leste, 2.º grau, 73$10.

Prisioneiros allemães

O que elles confessam...

Cerca de trez corpos de exercito nos campos de concentração dos alliados

A *Frankfurter Zeitung* refere n'um numero recente que até 29 de janeiro, segundo dados officiaes, os francezes tinham aprisionado nos campos de batalha 49:350 militares allemães, a Inglaterra, 7:247, e a Russia, 2:030.

Reproduzindo a noticia, a *Vossische Zeitung*, sem duvida por achar escandalosa a mentira, rectifica o numero de prisioneiros actualmente na mão dos russos, e declara que esse numero deve andar por 20:000.

Confessam, pois, os allemães ter perdido, como prisioneiros de guerra até 29 de janeiro, perto de 80:000 officiaes e soldados.

De janeiro para cá, nos campos da Flandres, teem sido aprisionados mais de 20:000 allemães, o que eleva o numero total de prisioneiros, na hipothese mais favoravel á Allemanha, a 100:000.

Quanto aos mortos e feridos, das respectivas listas já foram publicadas a 160.ª, e a Austria vae na 140.ª E' impossivel fazer d'esta classe de perdas sequer um calculo approximado, visto as listas apparecerem em geral incompletas nos jornaes.

SPORT

Cautela com as historietas dos valentões

Discutindo-se a proximidade d'um campeonato de força organisado pelo Gimnasio Club Portuguez, ouvem-se contar historias «mirabolantes» de hercules excepcionaes, mais fortes que os nossos actuaes campeões e que não vão ao campeonato porque «não estão para isso!»

E' preciso muita cautella com essas mentiras.

Estamos convencidos de que possuimos homens muito fortes mas tambem estamos convencidos de que, em exercicios de força, levantando pesos, não temos mais dois em todo o paiz que egualem Manuel da Silveira e Francisco Padinha.

O povo, que tem sempre a imaginação desordenada e fecunda d'uma creança, colhe phantasias, ouve lerias e depois, inconscientemente, ainda as exagera. Nos trabalhos athleticos, então, a extravagancia tornou-se funambulesca. Todos se julgam capazes de levantar 30 kilos! Ora, para os que andam no assumpto, tornou-se conhecida a verdade de que em cem homens normaes, escolhidos ao acaso, é difficil encontrar um que estenda correctamente 20 kilos! E os hercules que levantem á força 80 kilos, arranquem 60 com um braço, lancem 100 com os dois, não são tantos que não se contem e indiquem em listas especiaes dos que fogem á normalidade da força humana.

No campo profissional succede a mesma coisa.

Foi a introducção dos medioceres, reduzidos a expedientes e trucs grosseiros, que veiu, no campo do athletismo profissional, obrigar os mais bellos hercules a miseraveis estratagemas, sem os quaes nunca obteriam contracto. O emprezario tem necessidade, para attrahir os espectadores, de que os seus contractados executem coisas que nunca se fizeram... e que nunca se farão.

A força humana, mesmo a mais extraordinaria e prodigiosa, tem limites. E é preciso que a ingenuidade do povo seja realmente grande para que a razão enfraqueça diante do maravilhoso.

* * *

Nota do dia

Ainda o velho Luiz Monteiro

E' no proximo dia 18 que se commemora o 40.º anniversario do Gimnasio Club. E', portanto, um caso de opportunidade lembrar, mais uma vez, o nome de Luiz Monteiro, que foi o fundador d'aquelle benemerito Club e o apostolo da gimnastica em Portugal. Lamentamos que se olvide tão depressa aquelle que tanto trabalhou. Foi um educador, foi um convicto e foi um grande portuguez. Trabalhou durante meio seculo pela causa da educação phisica e caboucou-lhe os alicerces.

A sua commemoração impõe-se. Hoje mesmo, lemos nos jornaes estrangeiros que a França, temendo que a posteridade esqueça o nome de Emile Raymond, lhe ia erigir um monumento. Foi o apostolo da aviação, tendo consagrado a sua vida á organisação da quinta arma, com a propaganda da qual dispendeu mais intelligencia e actividade que na sua profissão de medico.

Semelhantemente, Luiz Monteiro foi o apostolo da gimnastica e a esta consagrou actividade, intelligencia e resistencia phisica. Foi o educador de uma serie de gerações portuguezas e aquelle que primeiro estabeleceu as bases da gimnastica obrigatoria nos collegios e escolas. N'estas condições, não deve nem pode ser esquecido.

* * *

Algumas anecdotas

O primeiro combate do brutal Yousouf

Temos falado do luctador Yousouf mas ainda não contámos como, porque veiu e como veiu luctar para França. Foi para um hercules francez se vingar dos seus compatriotas e companheiros do «ring».

Em 1894, entre os homens em evidencia no mundo da lucta, contava-se o bordelez Sabés, a estrella do «ring», n'essa occasião. Ninguem lhe podia resistir e a sua reputação em França era egual áquella que gosaria, dez annos mais tarde, Hackenschmidt em Inglaterra. Entre os luctadores que Sabés tinha esmagado havia o lyonez Doublier, que a edade começava a enfraquecer e que pelo seu caracter vingativo não se resignou com a derrota. Foi ter com Lacaisse, antigo luctador que passára a emprezario de lucta nas Folies-Bergère.

Doublier communicou-lhe os seus projectos, e tal foi o elogio aos luctadores turcos que Lacaisse lhe entregou a somma necessaria para trazer, não um, mas trez dos melhores homens do sultão.

Algumas semanas mais tarde os espectadores das Folies-Bergère notaram, no «promenoir», um grupo estranho composto de Doublier e de trez colossos, que a pequena estatura do primeiro fazia parecer ainda mais formidaveis, com as suas espaduas larguissimas e os seus pescoços de touro. Eram Kara-Osman, com 1.m,82 de altura e 100 kilos de peso; Yousouf com 1.m88 de altura e 52 centimetros de pescoço, e Nourlah, com 2 metros e pesando 160 kilos!

Doublier fôra feliz na escolha. Eram realmente trez homens terriveis. No dia seguinte ao da sua chegada publicaram um desafio a todos os luctadores do mundo. Alguns athletas francezes acceitaram o repto, sendo o primeiro Sabés, o campeão incontestado da lucta bordeleza.

—Ninguem poderá resistir á furia do seu ataque, diziam os partidarios de Sabés.

Tiraram-se á sorte os adversarios que luctariam na primeira noite e, coisa curiosa, foram tirados simultaneamente os nomes de Yousouf e Sabés.

Quando esta lucta se annunciou, a sala do espectaculo encheu-se completamente.

O apito do arbitro, dando o signal do combate, fez calar todas as conversações. Yousouf avançou, pesado, estendendo os braços. Sabés, repentinamente, cahiu sobre o seu rival para o cinturar pela frente.

—Em menos d'um minuto estás no chão—gritou Sabés.

Mas as coisas passaram-se differentemente.

O turco segurou-o pela nuca, deitou-o a terra, voltou-o sem esforço apparente, esmagou-o, assentando-lhe as espaduas.

—Yousouf, vencedor em 4 segundos!—proclamou o "speacker".

Foi um espanto sem limites entre os athletas francezes! Os luctadores olhavam-se de bocca aberta!

Alguns minutos depois, Kara-Osman e Nourlah venciam os seus adversarios com a mesma facilidade e Doublier sentia-se bem vingado.

* * *

Noticias

Entre nós

Um primeiro passeio

A fim de iniciar a sua epoca sportiva, effectuou o Luzitano Club Ciclista o primeiro passeio d'este anno á Trafaria que decorreu extraordinariamente animado.

Ha a maior alegria entre os socios pelo passeio com «pic-nic» que se effectua no proximo dia 18 ao Dáfundo, sendo a ida pela Amadora e Queluz, e o «pic-nic» na explendida quinta Wanzeler. A Commissão de Sport está no firme proposito de cumprir rigorosamente o seu programma sportivo do corrente anno.

Patinagem na Amadora

Realisa-sem ámanhã, á tarde e á noite, nos «rinks» dos Recreios Desportivos da Amadora, bellas sessões de patinagem.

Tiro aos pombos

Prepara-se uma bela tarde do tiro para amanhã no magnifico «Stand» de Palhavã, da Sociedade Hippica Portugueza. Os atiradores lisbonenses terão ensejo de se treinarem convenientemente para o grande torneio que o Club de Tiro do Porto realisa n'aquella cidade em 20 e 21 do corrente e ao qual vão concorrer os nossos principaes atiradores.

Disputa-se mais uma vez a «poule» regulamentar cuja entrada é de 2$50, com dois premios constituidos por 60 0|0 das entradas para o 1.º classificado e 30 0|0 para o 2.º

No proximo domingo, 21, não haverá sessão de tiro, em virtude de n'esse dia se realisar a grande Festa Hippica promovida pela Sociedade Hippica Portugueza em beneficio da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha.

Convocações de foot-ball

O Grupo Foot-ball Cruz Negra pede, para amanhã, a comparencia dos seguintes jogadores: Matheus Fernando, R. Bastos, Mario Ferreira, F. Nogueira, B. Dantas, Augusto F. Beirão, Luiz R. Alves, D. Monteiro, B. Castro, L. L., A. Santos Antonio Marthiz, J. Farinha, O. Braamcamp. ás 10 horas na rua Isabel Leal, F. R., para jogarem contra o Lavradio, e os srs. A. S. Martins, Manuel da Silva, M. A. Ferreira, Stattmiler, C. J. Trinta, J. Monteiro, Valerio, Saturnino, Ponce, Gamboa, Abel Queiroz, Aderito, J. Cunha, F. E. Abranches, L. J. Rego, Alfredo Pereira, A. B. Carvalho, A. Santos, ás 12 horas, para jogarem contra o Alto Pina Foot-ball Club.

—O capitão geral do Tejo Foot-ball Club pede a comparencia dos seguintes jogadores no campo do Club em Palhavã A, para jogarem em desafio official contra o Sporting Club Portugal. A's 11,30: Tristão da Silva, Antonio Gomes, Olimpio Craveiro, Abel Ferreira, Salvador Thomaz, Raul Baptista, Domingos Cruz, Miguel Morgado, Eduardo Gomes, Luiz Santos e Julio Costa (cap.). A's 13 horas, no mesmo campo, para desafio official contra o Lisboa F. C.: Gregorio José, João Nunes, José Mamede, Armando Coelho, H. Costa, N. N., Joaquim Esteves, F. Manso, Joaquim Figueiredo, Augusto Mendonça e José Pereira. Supplentes: Alfredo Alfaia, Henrique G. Raymundo e José Rocha.

—O capitão do 3.º *team* do Sporting Club de Portugal pede a comparencia amanhã, dia 14, no campo de Palhavã A, ás 11,30, dos seguintes jogadores: M. Botas, J. Bruno, A. Pombeiro, E. Serrenho, T. Quintorp, J. Gomes, Lino Dantas, Vasconcellos, J. Gonçalves, Torres Pereira, A. Barros, N. N., Mayer.

—O capitão do 4.º *team* do Lisboa Foot-ball Club pede a comparencia, amanhã, no campo de Palhavã (Imperio), pelas 13 horas, para jogarem contra o Tejo Foot-ball Club em desafio official dos seguintes srs.: Manuel dos Santos; João Epiphanio, Alvaro dos Santos, Ruy Andrade, Armindo de Azevedo, Pedro dos Santos, Jacintho Correia, Angelo Pinto, Francisco Gonçalves dos Santos, A. Santos, Antonio Pinto, Joaquim de Aguiar e Fernando Sá.

No estrangeiro

Sheppard abandona o athletismo

O correspondente na America do semanario francez *Sporting* annuncia que um dos mais famosos athletas do mundo, Melvin W. Sheppard, decidiu retirar-se da vida do *sport* porque soffreu um grave desastre no Madison Square Garden, que lhe inutilisou um braço e um joelho.

Durante a sua carreira athletica Sheppard ganhou mais de 1.000 provas, comprehendendo alguns campeonatos. Ganhou mais de 600 medalhas!

Athletas sim, jornalistas, não!

Um telegramma de New York para os jornaes inglezes annunciou que foi prohibido aos athletas da Universidade de Harward que escrevessem artigos em jornaes por causa da attitude de muitos d'estes, atacando e censurando aquella Universidade.

PEQUENAS NOTICIAS

Antonio da Costa, residente na calçada da Bica Grande, 7, r|c., empregado na padaria da rua da Conceição da Gloria, 67, onde ha dias foi preso, e tendo ali deixado a guardar uma mala conteudo varias peças de roupa, dinhero e diversos objectos de ouro, quando, posto em liberdade ali regressou, deu por falta da quantia de 450 escudos, um cordão com medalha, 6 anneis e ainda outra medalha, tudo no valor de 5.6 escudos e dez centavos.

No boudoir

Entrevista com Iole Salviati

Iole Salviati quando eu lhe disse o motivo que n'esse dia me levava ali teve um gestosinho amuado, tremeram-lhe mesmo um pouco os labios, houve assim, n'ella, uns signaesitos de irritação.

Sem parecer notar aquellas nuvens, sentei-me n'uma *chaise-longue* e mergulhei-me com a maior attenção que me foi possivel apparentar no exame d'umas lindas rendas de Malta que guarneciam as saias, as camisitas, os corpetes que para ali estavam sobre todas as cadeiras, á espera de serem occultas nas gavetas perfumadas de sandalo—o perfume predilecto de Iole.

—Lindas estas rendas! —exclamei—E estas tunicas de dormir... que seda flexivel... que originalidade no córte!

Iole, que n'esse momento escovava um casaco de velludo, atirou-o nervosamente para um cabide e voltando-se para mim, fitando-me com os seus olhos muito abertos e muito enigmaticos...

—Minha querida—disse—a tua Lisboa é linda, linda, mesmo uma das sete maravilhas, se quizeres; mas para ser vista de aeroplano... Digo-te mais, eu estaria aqui deliciosamente se... poisasse bem alto... longe, muito longe d'estas terriveis mas mal calçadas ruas que nos estragam as botas e os pés... longe das cascas de fructas, dos papeis sujos, das tripas de peixe, de toda essa immundicie com que tropeçamos a todo o passo...

Sem me desconcertar interrompi-a:

—Olhe que Napoles... olhe que...

—Não blasphemes!... Ao menos, ali, ha côr local, ha arte, ha vida!... Aqui o que tenho visto é a caricatura... a caricatura franceza... Olha, ainda ha momentos passou aqui, por baixo d'esta janella, uma mamã acompanhada do bébé ao collo da ama... A ama, rapariga farta de carnes, trigueira, luzidia, cheirando a campo e a estabulo, envolta n'uma capa azul clara, de touca de rendas guarnecida em volta por fitas largas de seda azul celeste... Ah! que ridicula coisa, que feia coisa! E que bem ficava aquella moça com um fato de camponeza de Portugal!

—Iole, minha querida, conheço bem os defeitos da minha terra... Mas esses defeitos deve-os ella muito á grande influencia dos estranhos que para aqui veem explorar a mania do estrangeirismo... Aqui ha annos, ha vinte annos, uma mulher portugueza mostrava-se tal qual a natureza a fizera... um pouco peor, talvez. D'esse tempo para cá aprendeu a toucar-se... e a «se maquiller». Mas, em geral, não combina a toilette e a «maquillage» com o seu tipo. E porque? Porque uma madame *tal*, modista franceza, e uma madame *aquella*, higienista de belleza, lhe disse que *isto* e *aquillo* é o chic parisiense...

—E tu queres que venha agora uma italiana dizer-lhes o contrario?...

—Sim, Iole, quero, peço-te que ponhas a tua intelligencia, o teu espirito, a tua sinceridade e os teus conhecimentos a auxiliar esta campanha tão bella como util: mostrar á mulher portugueza que pode ser formosa e gentil sem parodiar o genero estrangeiro.

Iole sorria. E os seus olhos olhavam sem ver, mergulhados n'um bello sonho de Arte e de Belleza.

M. Amelia Caldas Xavier

Correio: Azalia Branca. Pode mandar buscar á rua Particular, á Graça, 19, 3.º

Lidia: Para branquear o rosto use o *Leite Xacumtala.*

M. A. C. X.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — Matinée — Festa artistica da Orchestra Simphonica Portugueza dirigida pelo maestro Blanch—A' noite—O Bibliothecario—A Ceia dos cardeaes.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21—Um diabrete.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—O commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO — Opera: Carmen.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—A Aguia Negra.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **Eden Theatro** — Estreia da companhia italiana de opera lirica.

Ao correr da penna

Joaquim Carvalho, o mestre de carpinteiros do theatro do Gimnasio, acaba de concluir, com destino ao museu da Escola de Arte de representar, uma maquette do que poderiamos chamar o palco ideal. Esse trabalho, que muito honra as aptidões profissionaes de quem o executou, reproduz, n'uma escala muito reduzida, o interior d'um tablado scenico com todos os aperfeiçoamentos susceptiveis de facilitar qualquer especie de montagem, ainda a mais complicada.

Teem-se construido theatros novos em Portugal e, no entanto, não ha uma só das salas existentes que satisfaça as exigencias da scenographia moderna. O palco do Politeama, construido por alguem que sabe do seu officio, e ainda aquelle que mais se approxima das condições ideaes. No entanto ainda não é perfeito por não terem chegado a accordo, ao que se diz, o constructor e o architecto.

Todos os outros são uma lastima ou quasi. Apesar d'isso vemos, por vezes, montagens que nos assombram, pois tocam as raias do impossivel realisado. Os scenographos e os mestres fazem prodigios para conseguir arrecadar no espaço de que dispõem as quantidades formidaveis de scenario e accessorios e para durante a representação se utilisarem d'elles.

O trabalho do mestre Carvalho é sobre todos os pontos de vista util e curioso. Os profanos encontrarão ali materia de distração e ensinamento. Os techninos lamentarão ao vel-o que todos os palcos de Portugal assim não sejam. Que de cousas interessantes se poderiam fazer se assim fosse.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Em vista da recita de Angela Pinto a *premiere* da comedia *4023 Lx*, foi transferida para sabbado, 20.

● No proximo mez realisam-se no S. Carlos as recitas de Lucinda Simões e Chaby Pinheiro.

● Na *reprise* do *Fado e Maxixe*, os Geraldos cantarão o grande successo popular brazileiro *A cabocla de Cachambá.*

● Além das *tournées* annunciadas, consta que sahirá mais outra, sob a direcção de Raphael Marques.

● Recebemos os cumprimentos do maestro D. José Tolosa e dos artistas liricos Giovanni Lazzarini, Antonio Marchi e Josefina d'Oriente que fazem parte da companhia do Eden theatro.

No estrangeiro

Sarah Bernardht acha-se quasi completamente restabelecida.

● Na Comedia Franceza vae fazer-se *reprise* da peça de Sardou *Patrie.*

● Na Porte de S. Martin, depois da *Flamblée*, subirão á scena *Les Oberlée*, de René Basin.

Circos & Music-halls

18 palhaços n'uma pista!

Como vão longe os tempos do Whytoine, do Price e dos principios do Coliseu de Lisboa! Então, quando as companhias equestres trabalhavam, não havia numero de cavallo, de jockey ou de écuyère á panneaux que não tivesse a amenisál-o a diabrura de um palhaço ou a excentricidade d'um "faz-tudo".

Libanio da Silva, o espirituoso gazetilheiro e industrial de artes graphicas, que foi um enthusiasta dos circos d'esse tempo, disse-nos ha dias: —«Meu amigo, então eram muitos os palhaços e todos tinham graça! Agora arranjam uma pareja, *mettem-a n'um programma e dão-se por satisfeitos.»*

Assim tem succedido, na verdade, e durante epochas successivas. E é por esse motivo que traçamos este ligeiro commentario, vendo annunciado para a matinée *de ámanhã, no Coliseu, 18 palhaços! Se assim é, devemos confessar que mudaram os tempos. E ainda bem, porque andamos presos á convicção de que o circo, com os seus gimnastas e os seus* clowns, *é bem superior ao music-hall com as "chanteuses" e dançarinas...*

Noticias

Entre nós

No theatro da Rua dos Condes continúa exhibindo-se, com exito, a artista Angelita Maldonado, com danças biblicas e bailados orientaes. Continuam exhibindo-se no mesmo theatro as cantoras Carla Cenami e Stellina.

—Terminam na proxima semana os seus contractos no Coliseu os artistas da companhia Frediani e Villani, que figuram até lá em todos os espectaculos da noite e *matinées.*

—No Salão Foz estreiam-se, na segunda feira, os duettistas «a grande voz» Los Ranzinis, estando definitivamente marcada para o dia 23 a estreia dos duettistas Berignardis.

—A's 5 horas da tarde de hoje restavam no Coliseu, para o espectaculo da moda de segunda feira, 3 camarotes de 1.ª ordem e 42 fauteuils!

—O sr. João Raymundo, que está dirigindo o Coliseu de Lisboa, em explorações cinematographicas, estabeleceu espectaculos populares com 50 0|0 de reducção nos bilhetes.

—No espectaculo de amanhã á noite no Coliseu entram todos os artistas da actual companhia.

—A pellicula «A Explosão» exhibe-se amanhã no Cinema da Amadora.

—O elegante Salão Olympia continúa attrahindo publico com o bello *film* «Familia Negra».

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

Festas associativas

No Club Estephania realisa-se esta noite um brilhante concerto em que tomam parte distinctos amadores e uma numerosissima orchestra.

Eáectuam-se ámanhã recitas e bailes no Gremio Lafonense, na Sociedade Guilherme Cossoul e na Academia 1.º de setembro de 1867.

O "28 da rua Ivens"

Passa hoje o anniversario da inauguração do atelier photographico do sr. Julio Novaes, mais conhecido pelo «28 da rua Ivens», e um dos estabelecimentos do genero que maiores simpathias desfructa entre o publico. Felicitamos o sr. Julio Novaes, fazendo votos pela continuação das suas prosperidades.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 12.—E' no proximo domingo que na séde da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios se realisa uma reunião preparatoria para se levar a effeito uma delegação da Cruz Vermelha, n'esta cidade. Os convites para essa reunião teem a assignatura dos srs: Cerqueira da Rocha, medico e deputado; dr. Alberto Bastos, medico e administrador do concelho; Fernando Marques Pinto, secretario da Associação Commercial; José Pinto Idaes, Albino Nunes da Cunha, commandante dos Bombeiros Voluntarios e Antonio da Silva Cabral, enfermeiro. Attendendo ao fim altruista da obra que se pretende realisar é certo que a concorrencia ha de ser grande.

—Mais uma vez chamamos a attenção dos zeladores municipaes para a cansoada vadia que abunda por todas essas ruas da cidade.

—Tambem por aqui se nota grandes descontentamento devido á á carestia dos generos de primeira necessidade, principalmente pela falta de assucár e farinhas.

—Ultimamente teem sido apanhadas algumas lampreias junto á barra, as quaes são vendidas por preços pouco convidativos.

—Ainda este mez sahirão alguns navios da flotilha figueirense que vão para o banco na Terra Nova para a pesca do bacalhad.

Movimento maritimo

Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.).	15
Brazil e R. da Prata «Araguaya» (L.)..	16
Pará e Manaus, «Antony» (Liverpool)	16
Vigo e Liverpool, «Avon» (Brazil).......	17
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné)	18
R. Jan. e R. Prata, «Demerara» (Liv.).	18

reforçadas pelas victorias dos slavos nos Balkans, e isto póde fazer nascer um *antagonismo russo-allemão*, visto que houve já polemicas de imprensa austro-russas e que a *fidelidade da nossa alliança vae além dos recursos da diplomacia*».

Servilismo para com a politica austro-hungara, ameaça directa á Russia, despreso e receio do elemento slavo nos Balkans, de tudo ahi ha. Para obter os meios de preparar a guerra, o chanceller descrevia, antecipadamente, as razões «allemãs» da guerra que a Allemanha devia declarar.

Entre o vaidoso sem firmeza que é o imperador e o servidor, sem malicia, que é o chanceller, o partido militar estava á vontade para fazer o seu jogo.

Ninguem perguntava a sério se a Allemanha não teria um interesse supremo em evitar a guerra a todo o custo. O augmento da sua população, do seu commercio, da sua prosperidade asseguravam-lhe o futuro; bastava-lhe esperar. Ninguem queria vêr tal ou se atrevia a dizel-o,

Para completar este estudo sobre a Allemanha politica falta-nos dizer algumas palavras ácêrca do kronprinz. Homem de sport e amigo de divertimentos, altivo, violento, teve uma mocidade cheia de difficuldades, tanto mais que invejava o valimento que tinha seu irmão Eitel-Frederico, que se envolveu, um dia, em historias suspeitas.

Ao mais velho recusavam até dinheiro. Era acompanhado, durante todo o dia, por um official ás ordens que elle considerava como um espião e que, de meia em meia hora, consultava o relogio e lhe recordava os seus deveres, n'um tom breve e respeitoso. Houve um momento em que pensou em renunciar ao throno, em deixar o exercito, em fazer um escandalo. Mas não levou por deante esse projecto. Sentia-se um homem entre os effeminados cujo halito envenenava a atmosphera da côrte.

Falou alto quando as denuncias da *Zukunft* puzeram a ferida a descoberto e foi elle quem deitou fogo ao rastilho, dirigindo-se friamente a seu pae. Este curvou a cabeça: desde esse dia foi subjugado; o filho que falára tornou-se senhor do pae, que se calára. O principe tornou-se o homem das resoluções energicas, dos ditos colericos, dos escandalos em pleno Reichstag, das ameaças retumbantes, n'uma palavra o chefe do partido da guerra. Tudo lhe era permittido.

lidade contra nós accentúa-se e o imperador deixou de ser partidario da paz... Naturalmente, acredita na superioridade esmagadora do exercito allemão e no seu successo certo...

«No decurso d'essa conversação, o imperador mostrou-se irritavel e preoccupado. A' medida que os annos pezam sobre Guilherme II, as tradicções de familia, os sentimentos retrogrados da côrte e principalmente a impaciencia do militarismo exercem maior imperio sobre o seu espirito. Talvez que sinta um certo ciume pela popularidade adquirida por seu filho, que lisonjeia as paixões dos pangermanistas e entende que a situação do imperio no mundo não corresponde ao seu poder.

«Talvez que tambem a replica da França ao ultimo augmento do exercito allemão tenha uma certa influencia n'esse estado de espirito, porque, diga-se o que se disser, sente-se que se não póde ir mais longe...

«Se fôsse permittido tirar conclusões, direi que é bom attentar no facto do imperador se familiarisar com uma ordem de idéas que lhe repugnava outr'ora e que, para nos servirmos d'uma locução que elle gosta de empregar, devemos conservar a nossa polvora secca».

O imperador é senhor do imperio, mas não é o unico a dirigir a politica imperial. Bismarck tinha reservado cuidadosamente o logar de orgão de transmissão que, em seu entender, devia ser o principal orgão d'acção: o chanceller.

Guilherme II rompeu com o principe de Bismarck a proposito d'esse delicado limite dos poderes e das attribuições entre o chefe e o primeiro dos subordinados. Não poude, porém, prescindir d'um homem de confiança, conhecedor da politica allemã.

O chanceller allemão não é o presidente do conselho de ministros no regimen parlamentar, mas não é tambem um simples instrumento ás ordens do imperador. Seja qual fôr a actividade do soberano, não póde abranger tudo; em especial, não póde entrar em relações seguidas com as assembléas politicas e com as administrações.

N'uma palavra, o monarcha dirige a politica, não a *faz*.

O chanceller tem, pois, uma altissima parte de responsabilidade na gestão dos negocios: confórme os gerir bem ou mal, pódem levar o imperador e o imperio ou ao exito, ou aos revezes.

Bismarck foi o primeiro chanceller do imperador Guilherme. Sabe-se como o joven imperador pôz de lado o fundador e o maior homem do imperio.

O conde de Caprivi, que o substituiu, era um soldado, escravo das ordens recebidas. Pôz o seu espirito habil e paciente ao serviço da politica pessoal do soberano, mas a sua lealdade não soube defendel-o das intrigas da côrte e foi ainda o imperador que, sob a influencia da *coterie* dos Eulenbourg, o arredou, em 1894.

O principe de Chodowig de Hohenlohe, oriundo de familia real, bavaro, catholico, foi chanceller de 1894 a 1900, depois de ter sido, durante dez annos, embaixador em Paris e, durante os cinco annos seguintes, statthalter da Alsacia-Lorena. Espirito flexivel, diplomata experimentado, tendo affinidades, pela sua origem, com os conservadores do norte e ao mesmo tempo com os liberaes da Allemanha do sul, tomára o partido de obedecer: mas a sua docilidade voluntaria vingava-se ao escrever, todas as noites, as notas ironicas das suas *Recordações*, nas quaes ninguem, nem o proprio imperador, é poupado. Confessava que a sua principal funcção, emquanto foi chanceller, era correr aos quatro pontos cardeaes da Allemanha a reparar as imprudencias e as intemperanças de linguagem do seu senhor.

O principe de Hohenlohe teve como successor o conde Bernard de Bülow, filho d'um dos principaes collaboradores de Bismarck. Por ter tido um papel preponderante nos acontecimentos que antecederam a guerra, vamos recordar os princi-

MENINA

Alice Coelho Rosa

FALLECEU

Antonio Simões Rosa e Maria da Piedade Coelho Rosa, Maria Antonia Henriques Rosa, sua filha e genro (ausentes) Rosa Maria Coelho, Joaquim Nunes Coelho, sua mulher e filhos, Prudencio Nunes Coelho, Maria d'Assumpção Coelho Fernandes, seu marido e filhos, Florencia Coelho Martins e seu marido (ausentes) e filhos, Carlos Nunes Coelho, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações, que falleceu sua querida e estremecida filhinha, neta, sobrinha e prima, e que o seu funeral terá logar ámanhã pelas 11 1/2 horas sahindo o prestito funebre da sua residencia, na rua da Alfandega, 160, 3.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Não fazem convites especiaes, agradecendo reconhecidos a todas as pessoas que honrarem este acto com a sua presença.

paes factos do seu caracter e da sua actividade politica.

Nasceu em maio de 1849, perto de Hamburgo, de familia mecklemburgueza, descendente de dinamarquezes. E' mais um scandinavo do que um prussiano.. Estudou na Allemanha do sul e viveu durante muitos annos no estrangeiro. Foi secretario d'embaixada em Paris, depois ministro na Bulgaria e embaixador em Roma, onde casou com a condessa Doubroff, princeza de Camporeale.

O conde de Bülow poude julgar-se, apoz alguns annos de ministerio, o homem mais influente do reino. Por vontade do imperador, uma cordeal intimidade se estabeleceu entre elles. Guilherme II via o seu ministro todos os dias, apenas pelo prazer de com elle tagarelar; tratava-o por tu, animava-o, presenteava-o. Julgava-se seguro d'um servidor tão flexivel, sem adivinhar talvez, sob apparencias encantadoras, o espirito perspicaz que o avaliava e o genio maldoso que o proprio excesso das suas attenções ás vezes irritava.

O conde de Bülow, mais tarde elevado a principe, é um espirito distincto, mas é mais um diplomata do que um estadista. Discipulo de Bismarck, não tem a largueza de vista nem a auctoridade do mestre.

A sua principal qualidade. talvez, foi a que n'elle se revelou, quando, de ministro dos negocios estrangeiros, subiu a chanceller: a eloquencia. Não ha hoje na Allemanha quem o exceda como orador parlamentar. O modo, porém, como dirigiu a politica desagradou ao seu senhor e d'ahi a sua queda ruidosa.

No exterior, foi, depois do imperador Guilherme, o creador da «politica mundial»; teve com Chamberlain um debate que contribuiu em muito para irritar os espiritos tanto na Allemanha como na Inglaterra; encontrou no seu caminho a politica de Eduardo VII e não soube parar os golpes; nas suas relações com a França conheceu, a principio, um successo, que foi bem caramente pago, para dar um cheque n'um ministro francez, depois um cheque, ainda mais grave, fazendo levantar todas as nações contra a Allemanha na conferencia d'Algeciras. Com relação á Russia, as suas responsabilidades são ainda maiores: foi elle que sustentou a Austria-Hungria contra a Russia por occasião da annexação da Bosnia-Herzegovina e que, em 1908, n'uma situação quasi semelhante á de 1914, quando se tratava de saber se se deixaria esmagar a Servia pela Austria, deu á Russia o «conselho amigavel» de que devia fazer recuar esta, mas que isso não podia repetir-se.

Na politica interna, o ministerio do conde de Bülow, alternando n'um jogo mais habil do que efficaz junto dos differentes partidos conservadores, combateu vigorosamente o socialismo, mas sem conseguir dominal-o. Viu desenvolverem-se os escandalos na administração, no exercito, na sociedade, na côrte. Sob o governo d'esse diplomata indulgente, habil e superficial, a velha Allemanha enriquecia e desmoralisava-se. O imperador, sempre adulado e enganado por esse descuidoso eloquente, abandonava-se á ilusão d'essa prosperidade gangrenada, quando foi despertado pelo escandalo dos Eulenbourg e pela entrevista do *Daily Telegraph*. E, para cumulo, o chanceller, que o havia deixado approximar-se do abysmo coberto de flôres, pareceu impellil-o para elle, quando rebentavam os dois escandalos.

Maximiliano Harden denunciára na *Zukunft* os factos que contaminavam a Allemanha como «uma nova Sodowa». Apesar de n'esses artigos ser visado directamente o imperador, foi necessario que o kronprinz os levasse ao conhecimento de seu pae pois o chanceller não tomou medidas algumas. Tambem quanto á entrevista do *Daily Telegraph*, o principe de Bülow acabou por dizer no Reichstag que «sua magestade devia d'ahi em deante observar nas suas conversas particulares uma reserva que é indispensavel para a politica e para a auctoridade da corôa. A não ser assim, nem eu, nem nenhum dos meus successores poderá

arcar com o pezo da responsabilidade governamental».

O successor que o astuto diplomata tinha designado, no momento em que sentiu imminentemente a sua queda, era um homem de limitados recursos e de ambições restrictas, mas um servidor curvado perante a auctoridade suprema, fiel executor das ordens recebidas, n'uma palavra, um funccionario, o sr. de Bethmann-Holweg. Era o homem de que necessitava o monarcha, que não queria em redor de si nem o genio, nem a experiencia, nem a independencia, nem sequer espirito.

Tendo feito brilhantes estudos, jurisconsulto distincto, antigo secretario d'Estado do interior, o novo chanceller vinha precedido da reputação de honradez e lealdade; nunca se occupára de negocios estrangeiros, mas não duvidava de que se aprendessem com applicação e boa vontade, visto que tudo se aprende. E' provavel que esse homem, que tem a responsabilidade formal da mais atroz das guerras, se julgue, de boa fé, um pacifista.

Tomou como ministro dos negocios estrangeiros Kiderlen-Wæchter, um realista brutal e mal educado. Foi com elle que tentou a dupla approximação com a Inglaterra e com a Russia, mas não soube concluir nem uma nem outra. Kiderlen-Wæchter morreu e Schœn substituiu-o. E' um mediocre, doente imaginario, detestando as cidades e sonhando com a embaixada de Paris, mas para viver na Côte d'Azur. Depois seguiram-se Tchirsky, Jagow, outros muitos, que apenas tinham um programma: lêr nos olhos do senhor o que elle desejava e satisfazer esses desejos.

Não tendo um plano assente de politica estrangeira, o chanceller acatou sempre o dogma em que Guilherme II se obstinava, mesmo contra a razão—a fidelidade inabalavel á alliança austriaca.

O discurso que Bethmann-Holweg pronunciou para justificar o projecto de lei militar de 1913—uma das causas da guerra actual—foi o mais violentamente anti-slavo que tem sahido da bocca d'um estadista allemão. Póde dizer-se que, n'esse dia, declarou guerra á Russia. E' a seguinte a passagem mais saliente de esse discurso.

«O resultado de semelhante guerra não póde ser duvidoso. Se alguma vez se produzir uma conflagração européa que ponha frente a frente os slavos e os germanos, se-

O general Martinovitch

ria para nós desvantajoso que o logar occupado outr'ora pela Turquia da Europa no equilibrio das forças fosse agora tomado por Estados slavos. Não digo isto porque considére como absolutamente necessario que se produza um choque entre os slavos e os germanos. O governo russo, o nosso grande visinho slavo, está comnosco em relações amigaveis; entretanto, as correntes panslavistas, de que Bismarck já se queixava, teem sido poderosamente

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1654 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 14 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A situação politica

Os attentados do poder executivo contra o poder legislativo

Como os aprecia o dr. Pereira Victorino

As especiaes circumstancias parlamentares do sr. dr. Pereira Victorino, que se encontra fóra dos partidos, e que nem sequer pertence ao grupo dos deputados independentes, levaram-nos a interrogal-o ácerca da anormalidade da presente situação politica.

De bom grado nos respondeu:

—Primeiro que tudo devo dizer a v. que, depois do acto de força praticado em 4 de março contra o Poder Legislativo, absolutamente nada me interessa a discussão com que alguns politicos se entreteem, referindo á dictadura actual outros actos dictatoriaes praticados por anteriores governos da Republica e pretendendo talvez, d'este modo, confundir a verdadeira situação em que, desde aquella data, o governo collocou o paiz.

E não se diga que assim é para livrar-me de difficuldades; pois que, tendo-me conservado sempre fóra de todos os partidos, inclusivé o grupo dos independentes, nem sequer me compete a defeza de quaesquer d'essas accusações. O que causa o meu desinteresse por essas discussões é a consideração do monstruoso attentado do poder executivo contra o Poder Legislativo, attentado cujas consequencias são d'uma gravidade sem egual.

Dos decretos publicados com desrespeito das disposições constitucionaes, lembram-me, por exemplo, os de suspenção de garantias promulgados quer pelo governo do sr. dr. Augusto de Vasconcellos quer pelo governo da presidencia do sr. dr. Duarte Leite. D'ambas as vezes funcciona o Parlamento; mas porque uns breves dias decorriam sem sessão, ambos aquelles governos usaram d'essa suspenção de garantias, usurpando funcções que n'esses termos lhe não competiam. E d'ahi que succedeu? Lembro-me bem do modo franco por que o sr. dr. Duarte Leite confessou ao Parlamento, logo na primeira sessão, o excesso de poder de que se vira forçado a usar, justificando-se com a circumstancia d'uma urgencia inadiavel: e o Parlamento, sancionando os seus actos, ergueu com sua ex.ª o respeito pela Constituição.

Não são bagatellas os decretos que suspendem as garantias dos cidadãos. E comtudo a maior gravidade do que hoje se passa está em que então, ainda quando os governos não dessem ao Congresso aquellas explicações nem as sessões d'este estivessem marcadas para breve, podia o mesmo Congresso, nos termos do art. 12.º da Constituição, reunir-se extraordinariamente para julgar dos abusos do Poder; e hoje o Poder, pelo emprego da força, pretende exercer-se sem peias, sem fiscalisação. E' um regimen despotico, que não pode merecer a confiança de nenhum espirito liberal.

—São então os principios liberaes que v. ex.ª considera maltratados?

—Perdão. Até aqui as minhas considerações teem derivado dos principios democraticos, estabelecidos nos artigos 5.º e 6.º da Constituição:

Art. 5.º—A Soberania reside essencialmente em a Nação.

Art. 6.º—São orgãos da Soberania Nacional o Poder Legislativo, o Poder Executivo e o Poder Judicial, independentes e harmonicos entre si.

Mas o 4 de março deve, sobretudo n'esta hora, inspirar a repulsa de todo o espirito patriotico. A nota officiosa por que ha dias se esclareceu a sahida do sr. ministro das finanças que foi membro do actual governo dizia entre outras coisas:

«...na sua opinião e no momento actual, em que estão pendentes gravissimas questões, os altos interesses da patria exigiam a constituição d'um ministerio de concentração nacional, apoiado sem restricções por todos os partidos, ou a collaboração do actual governo com o Congresso...»

....

... a technica da sua pasta exigia-lhe deliberações importantissimas, que, não podendo caber de boa fé na auctorisação parlamentar de 8 de agosto, perderiam a opportunidade desde que não fossem submettidas sem demora á approvação do Congresso.»

Taes palavras tornaram por demais inquietadora esta gravissima situação. E, quando sob os influxos da guerra se nos apresenta inadiavel a resolução de melindrosissimos problemas financeiros e internacionaes, o que nos anima e ampara, em meio do nosso sobresalto patriotico, é a attitude desassombrada do Parlamento, é a nossa affirmação de que integra havemos de restabelecer a Constituição do paiz—base tomada pelas potencias para reconhecimento da Republica Portugueza.

Por isso, sob o ponto de vista patriotico, eu considero sentidamente quanto de monstruoso teve o attentado politico praticado pelo governo n'aquelle dia 4 de março:

—Mas diz-se que o governo foi forçado a isso pela situação creada pelas luctas partidarias.

—Quer dizer: porque os partidos tão duramente se aggrediam, vá o governo de estabelecer ainda maior desordem; vá de negar a Soberania do Poder Legislativo, consignada nos artigos 5.º e 6.º da Constituição; vá de negar-lhe a sua continuidade de acção, reconhecida ainda ultimamente n'ambas as casas do Parlamento, quando na sessão de 2 de dezembro reconduziram as mesas e as commissões permanentes pela interpretação dada ao n.º 25 do artigo 26.º da Constituição, tudo isto reforçado com o principio constitucional da não dissolução. N'uma palavra: para normalisar a situação, vá de coroar a desavença politica com uma dictadura animada unicamente no proposito de aggredir.

—Mas talvez que o governo receasse as votações do Congresso.

—E pareceu-lhe então mais simples trancar as portas do Parlamento?! Não; o governo o que quiz foi arrogantemente mostrar o seu desejo de maltratar. Assim, convida primeiro a uma conferencia o sr. dr. Afonso Costa e, depois que este lhe offerece a cooperação da maioria parlamentar, publica o decreto eleitoral.

Após a violencia do 4 de março, o seu desejo de ferir, de humilhar, revela-se ainda mais uma vez no procedimento havido para com a commissão administrativa do Congresso: e regosija-se e satisfaz-se no impertinente decreto datado de hontem.

E como poderia ser de outro modo, se tudo isto está no tom do programma do governo? A ninguem passou despercebida a linguagem desordenada d'essa proclamação de 27 de fevereiro que, pelas suas expressões aggressivas, pelas suas affirmações erradas, nunca pudéra ser a de um estadista, para demais com as responsabilidades do governo, e antes só caberia na bocca de um truculento demagogo. Creio—accrescentou, sorrindo, o nosso entrevistado—ter sido até por isso que alguem n'essa reunião gritou:—*abaixo a demagogia!* Poucas coisas tenho lido tão desvalorisantes para o seu auctor!!

—Pode ser que o governo usasse d'essa linguagem por pretender apoiar-se na força.

—Apoiar-se o governo na força?! Mas só imaginal-o seria um aggravo immerecido, cruel, para o Exercito Portuguez, onde tantos officiaes e sargentos estão soffrendo transferencias e outras perseguições. Eu sei que no dia 27 de fevereiro se acoitou essa esperança no animo mal lito de alguns especuladores, esperança logo desvanecida com os primeiros sintomas de desaggregação no movimento militar d'esse dia.

—Sintomas de desaggregação?

—Direi até de rebelião. Pois quereria por ventura esses simptomas ainda mais evidentes do que o foram nos vivas á Republica enthusiasticamente soltados n'essa manifestação, quando o sr. general Garção, que em nome dos manifestantes falara, tanto cuidado tivera em nem sequer se referir ás instituições?

—Quer então v. ex.ª dizer que o apoio da força só seria dado pelos elementos monarchicos?

—Não, senhor. O que eu quero dizer é que essa manifestação foi um acto menos pensado e talvez em parte devido ao estado irrequieto em que as rixas politicas teem lançado a nossa sociedade.

—Entende então v. ex.ª que essa manifestação foi irreflectida?

—Não digo tanto. Mas tenho de reconhecer a pouca ponderação que a ella presidiu, pois d'outro modo seria desgostoso para a propria classe militar que, depois da attitude em face da conflagração europeia tomada para com a Inglaterra, os camaradas d'aquelles que no Cuangar e Naulilla cahiram mortos ou feridos *pelas tropas allemãs aqui se solidarisassem* em torno d'um general-dictador que nem sequer evitou o crime politico de com as saudações festivas d'um anniversario desrespeitar a memoria dos que em defeza da nossa bandeira deram o sangue e a vida, desrespeitar ainda as lagrimas e o luto das familias d'esses nossos militares. Ora eu não desejo que ácerca dos actos praticados pelos officiaes ou soldados do Exercito Portuguez se possam tirar desprimorosas conclusões.

«Quanto a officiaes monarchicos, eu só admitto que o sejam por qualquer sentimento affectivo que, embora delicado e nobre, elles saberão sempre sacrificar aos seus compromissos d'honra e ao sentimento da Patria. Nos ultimos annos da monarchia — se a memoria me não falha — houve um ministro que no Parlamento declarou a Patria Portugueza sem instituições militares. Os emprestimos tinham-se gasto em bambochatas. E esta Republica—que, para ser magnanima, nem lhe faltam os doestos dos que mais deviam servil-a!—já na vida agitada dos seus primeiros quatro annos deu incremento ás nossas fabricas de guerra e, extincto o «deficit», começava d'ajuntar a verba destinada á defeza nacional. Não; nem aos officiaes affectivamente monarchicos me é dado attribuir um proposito reservado n'essa manifestação de 27 de fevereiro. Para isso seria preciso negar-lhes, com flagrante injustiça, até a sua devoção profissional.

N'esta hora de conflagração europeia, hora dolorosa em que já se verteu o sangue dos nossos militares, não póde haver peito de official ou de soldado onde não echoem as ancias dos nossos corações de portuguezes. Só o actual governo é que, pelos seus erros e pelo seu espirito de hostilidade, não corresponde a esta generosa aspiração nacional.

Observou-me ha pouco v. que o governo pretenderia apoiar-se na força. E não ha duvida de que é um governo de força. De força, para aferrolhar as salas do Congresso, para crear vagas e fazer perseguições; mas que, precisamente por ter esta força, se vê, á face dos problemas vitaes da Nação, paralisado na situação d'impotencia que a si proprio creou.

Migalhas

Dois indultos

Insiste a Hespanha pelo indulto de Leandro Gonsalez e o governo vae concedel-o. Leio n'um jornal que a Hespanha inteira, desde o rei até ao ultimo filho do povo, se interessa pelo incendiario da Magdalena. Deve ser exaggero; mas, que assim fôsse, não devemos esquecer que ha pouco tempo ainda todo o mundo intellectual se interessou pelo indulto de um homem que não tinha lançado fogo a um predio cheio de moradores e cujo crime era unicamente ter combatido dentro do circulo dos seus ideaes, pelo bem da Humanidade e da Justiça. Chamava-se esse criminoso Ferrer, e a Hespanha, que hoje reclama o perdão de Leandro, attendeu com meia duzia de balas o brado unanime que de todos os pontos mais oppostos dos mais distantes continentes sollicitava a vida de um idealista.

A' violencia da Hespanha, que enodoou mais uma vez com esse attentado a sua historia politica, correspondeu um protesto indignado. O nome de Ferrer brilha em todos os paizes. A Belgica, que está sendo o assombro de nós todos, ergueu ao fusilado uma estatua, que os allemães acabam de derrubar, talvez por gratidão ás sympathias que a Hespanha tem manifestado pelos fusiladores de creanças, de padres e de velhos.

As chancellarias não intervieram no protesto de então. Hojé é por intermedio dos seus representantes que o reino visinho impõe a liberdade d'esse homem, cujo crime horroroso ainda está na memoria de nós todos.

Dizem que os hespanhoes estão convencidos de que Leandro foi victima de um erro judiciario. ~~Pois que se faça~~ a prova d'esse erro. Não faltam ao accusado nem os meios nem as protecções, e todos nós, se ámanhã a sua innocencia fôsse proclamada, seriamos os primeiros a reclamar compensações para essa victima. Mas essa prova não se fará, pois que se ella pudesse ser feita, ha muito que se teria trabalhado n'esse sentido e sem que nenhuma opposição se levantasse.

Assim, o indulto de Leandro ficará como uma imposição singular que não honra quem a faz e muito menos quem a ella se sujeita.

André Brun

Um general professor de latim

Paris, 11 de março

Em muitas aulas dos collegios e liceus francezes faltam professores, que estão batendo-se nas trincheiras; para substituil-os teem-se apresentado expontaneamente magistrados, engenheiros e jornalistas, offerecendo os seus serviços.

Os alumnos do quarto anno do liceu de Chaumont teem por professor o general Vonderscherr, natural de Schlestadt, na Alsacia. Tendo frequentado a escola de Saint Cyr, fez a campanha de 70; commandou a escola de tiro de Chalons, e presidiu ás experiencia de que sahiu a espingarda Lebel. Actualmente a edade impede-lhe o serviço militar a que consagrou a vida inteira, mas lembrando-se dos seus tempos, de quando frequentava o liceu de Strasburgo, ao ouvir a pergunta do reitor do liceu de Chaumont: «General, quer ensinar latim a trez rapazes que terão muito prazer em serem seus discipulos?—respondeu sem hesitar: «Com prazer pagarei á Universidade a minha divida».

NA AFRICA PORTUGUEZA

As nossas perdas

Mortos, feridos, prisioneiros e desapparecidos nas recentes luctas do sul d'Angola

Teem-se publicado por differentes vezes listas incompletas e mesmo incorrectas das nossas baixas em Africa por occasião dos ultimos acontecimentos. Ainda hontem tivemos occasião de rectificar a noticiada morte de um soldado do esquadrão de Dragões. Parece-nos, pois, interessante dar uma lista exacta dos mortos, feridos, prisioneiros e desapparecidos no combate de Naulila, extrahida da relação enviada ao quartel general das forças em operações no sul d'Angola, bem como a nota das baixas occorridas em outros recontros, segundo os telegrammas enviados do mesmo quartel general.

Das baixas occorridas nos outros pontos, e que constam dos telegrammas pode ser que a lista contenha algumas inexactidões, porque sendo feitas rapidamente e sob a impressão do momento, é possivel e natural que algumas correcções haja a introduzir-lhes, as quaes só poderão ser conhecidas quando chegarem os respectivos relatorios.

Segue a lista correcta:

Mortos no combate de Naulila
Praças europeias

1.º esquadrão de dragões: 155—1.º cabo Raul Gonçalves; 22, 2.º cabo Bernardino Jesus Exposto; 2.º cabo, 24, Germano Vieira de Lima. Soldados: 32, Manuel Almeida; 42, Alfredo Prazeres Pilão; 48, Joaquim Silveira; 49, Manuel Marques Junior; 68. Alfredo Augusto; 78, Manuel Luiz Vicente; 85, Joaquim Henriques; 117, Gabriel dos Santos; 120, José Maria Gonçalves; 138, Adelino Correia; 1547, Manuel Cardoso Simões; 157. Francisco Mathias Fragoso; 162. Manuel Sancilho; 1054, Manuel Carvalho; 1064, Sebastião Daniel; 1057, Adelino Santos Malheiros.

Baterias de metralhadoras: 43, 2.º sargento Alberto Sena Mendes. Soldado 93 Mario Rodrigues da Costa.

Infantaria 14: 9.ª companhia: 330, 1.º cabo José Luiz Botelho; 119, 2.º cabo, José Nunes de Carvalho; 295, 2.º cabo, José de Proença Justo; 324, 2.º cabo, Leonardo Caetano Oliveira e Silva, 380, 2.º cabo, José Abrantes. Soldados: 100, José Pereira Felicio; 280 Casimiro Augusto; 294, Luiz Joaquim Arrepio; 308, Damião Pereira; 314, José Rosario; 316, Joaquim Luiz, 327, Abel Alves; 329 Caetano Moreira; 332, José Oliveira; 333, José Vieira Souza; 341 José Ferreira Santos; 356, Antonio Pinto Ferreira; 357, Ernesto Cunha; 404, Luiz Fernandes; 193, corneteiro, José Nunes Carvalho 12.ª companhia: 230, 2.º cabo, Manuel Puga e soldados: 153, José Viegas; 199 Lucio Almeida Vieira; 236 Antonio Almeida; 25, Affonso Ferreira Rocha; 272, José Augusto Almeida; 302, Joaquim Agostinho; 306, Jeronimo Carlos; 335 Francisco Mattos; 346, José Lopes Fonseca; 347 Manuel Moreira; 359, Antonio Nascimento Ferreire; 379 João Francisco Sousa.

Officiaes

Infantaria 14, 9.ª companhia— Capitão Arthur Homem Ribeiro.

Praças e officiaes feridos

Estado maior de infantaria—Capitão Albano de Mello Pinto Velloso.

1.º Grupo de metralhadoras—2.ª companhia, tenente José Tristão de Bettencourt.

Infantaria 14—Alferes Amadeu Gomes de Figueiredo.

Artilharia de montanha—2.ª bateria, 213, 2.º sargento Jayme Garcia de Lemos.

1.º esquadrão de dragões—Soldados: 771 José Godinho Ferreira; 72, Firmino Faustino; 114, José d'Assumpção; 35, José Ferreira.

Bateria de metralhadoras—91, Joaquim Maria; 98, Armindo Augusto.

Infantaria 14—9.ª companhia: 198, Julio de Figueiredo; 207, José Vieira; 275, Joaquim Augusto; 315, Manuel Marques. 10.ª companhia: 304, Seraphim da Silva. 12.ª companhia: 2.ºs sargentos, 168, Manuel Alexandrino; 331, José de Albuquerque; 384, João Alfredo Henriques; 1.º cabo 275, Abel da Silva Ribeiro; 2.º cabo 218, Antonio de Lima Mendes; soldados, 123, José Marques de Araujo; 125, Antonio Marques Henriques; 147, Joaquim Rodrigues; 150, Antonio Baptista dos Santos; 160, Jeremias Lopes Correia; 165, José do Amaral; 87, Antonio Ignacio; 183, Carlos dos Santos; 241, Eduardo Marques; 261, Francisco Chaves; 263, Roberto Augusto; 324, Marcolino de Lima Lopes; 351, Abel Ferreira da Silva; 353, Antonio Vieira; 357, José da Cunha; 5, Herculano Duarte Ferreira; 188, Francisco Vicente.

Prisioneiros e desapparecidos—Praças europeias

Prisioneiros. *Infanteria 14*: 2.º sargento Balthazar Carlos dos Santos. *2.ª bateria d'artilharia*: 2.º sargento Antonio Souza Marques (ferido). Desapparecidos, alguns dos quaes poderão estar prisioneiros: *Indigenas de Moçambique*, 10.ª comp.ª: 1.º cabo Antonio Rodrigues. *Bateria mixta de Loanda:* soldado 77 José Maria Simões. *Infanteria 14*, 9.ª comp.: 2.º sargento Antonio Sousa; 1.ºs cabos José Alves Nunes, Jeremias Gaudencio das Neves e Antonio Pereira Affonso. Soldados: 90 Antonio Pereira; 104 Annibal Ferreira Cordeiro; 10[illegible] Marciano da Costa; 144 Antonio Nunes; 159 Jayme Albuquerque; 168 Manuel da Costa Morgado; 176 José Almeida; 211 José Esteves; 212 José Maria Antunes; 214 José Barbosa; 217 João da Costa; 218 José Fernandes Marques; 331 David d'Almeida; 342 João da Silva; 343 João Pinto de Souza; 345 João Pinto d'Almeida; 348 Hermenegildo; 350 Manuel Ferreira; 353 Miguel Antonio Lopes; 354 José Joaquim Teixeira; 358 Antonio da Silva Marques; 359 Ernesto Moreira Santos; 360 Affonso Pereira; 363 Jorge da Silva; 364 Jorge Augusto da Costa; 313 Joaquim dos Santos; 373 João dos Santos Correia; 379 Antonio Gonçalves Brito; 381 Francisco das Chagas; 382 Hordes Esteves da Torre; 383 Manuel Fonseca; 386 João Lopes Correia; 3[illegible] João Viegas Valente; [illegible] Antonio Luiz; 421 João Barreiros; 424 Antonio Lacerena; 425 Hortencio Luiz Mendes; 426 Manuel Ferreira; 427 Joaquim Antonio Marques; 165 José Amaral; 227 Januario Augusto Pimenta. 10.ª comp.ª: 2.ºs cabos Antonio Alberto Teixeira e Joaquim Ambrosio; soldados 217 Manuel Ignacio; 248 Antonio Luiz Teixeira; 275 José Figueiredo; 327 José da Silva. *Equipagens*, 1.º grupo: 1.ª comp.ª, soldado 470 José Lourenço.

Officiaes desapparecidos

1.º esquadrão de dragões—Tenente Francisco Xavier da Cunha Aragão, alferes Manuel Antunes Sereno, Joaquim Maria Alves.

Quadro auxiliar d'artilharia—Raul José d'Andrade.

Officiaes prisioneiros

Infantaria 14, 9.ª companhia—Tenente Antonio Rodrigues Marques.

Morte em Maziua (Rovuma)

2.º sargento enfermeiro naval Eduardo Rodrigues da Costa.

Até aqui a lista exacta das perdas, extrahida dos relatorios enviados do sul de Angola. A seguinte lista é, como acima referimos, baseada em informações telegraphicas, e susceptivel ainda portanto de correcções.

Mortos no Humbe

2.º esquadrão de dragões—1.º sargento, n.º 1, Antonio Rodrigues; 1.ºs cabos n.ºs 1, Claudio Alves Cardoso, e 121, Manuel Antonio Manteigas; soldados 13, José Marcelino Barrios; 61, João Gonçalves, 77, José Joaquim da Silva Braga; 81, Manuel Caeiro; 63, José Jorge, 84, Manuel dos Santos; 113, José Bernardino Netto; 117, Antonio Duarte Gomes; 118, Ernesto Francisco d'Almeida; 119, Joaquim do Rosario, e 122, Joaquim Barbosa.

Desapparecidos na retirada do Cuamato

Equipagens—7.ª companhia: soldado 470, José Lourenço.

Companhia disciplinar—Soldado 166, Pedro Antonio dos Santos, e 105, João Antonio.

1.ª companhia europeia—Soldado 43, Manuel da Silva.

Deposito—3.ª companhia: soldado Alfredo Monteiro da Rocha.

1.º esquadrão de dragões—2.º sargento 75, Pedro da Conceição Barreiro.

Deposito de deportados—Condemnados 142, Joaquim Alves Junior e 2301, Francisco Augusto Tavares.

Mortos no Cuangar

Tenentes Joaquim Ferreira Durão e Henrique José de Sousa Machado.

1.ª companhia europeia—1.º cabo 17, Manuel Teixeira; soldados: 25, Annibal Nunes do Amparo; 50, Celestino Lopes; 84, Antonio Cardoso Esteves, e 66, José Martins.

15.ª (?) companhia de Angola—1.º sargento Angelo d'Almeida Cabral.

Mortos no Sambio

14.ª companhia de Angola—Soldado 158, Augusto Barros.

Mortos no Derico

15.ª companhia de Angola—1.º cabo 18, Carlos Gonçalves Cardoso.

Mortos no Mucusso

15.ª companhia de Angola—1.º cabo 82, Luiz Augusto Saraiva.

1.ª companhia europeia—Soldado 148, Facio Martins Grado.

Feridos na retirada de Caimudo

14.ª companhia de Angola—Tenente Antonio de Sousa Coelho, e 1.º cabo n.º 6, Manuel Canha.

A entrada de artigos allemães

Sabe-se que os artigos allemães não podem circular por via maritima, por causa da fiscalisação exercida pelos navios das esquadras dos alliados. Até ha pouco tempo, os generos allemães que chegavam ao nosso porto trazidos em navios hollandezes pagavam a taxa que figura na pauta para os artigos de proveniencia desconhecida. Por determinação recente entram agora na alfandega com a sua verdadeira proveniencia, beneficiando assim do tratamento de favor marcado no nosso tratado de commercio com a Allemanha.

Realisando um sonho

A constituição d'uma companhia nacional de opera

Possibilidade da reabertura de S. Carlos

N'estes ultimos tempos tem-se manifestado em Portugal um poderoso espirito de renascença artistica, um anceio definido de produzir qualquer coisa de bom e de moderno, que nos é grato constatar, a todos nós que temos alma verdadeiramente portugueza. A pintura, a musica, a esculptura teem tomado um desenvolvimento que nobilita a raça, e a ninguem póde passar despercebido; a alma nacional affirma-se ao calor reconfortante da liberdade.

Em todas as suas multiplas manifestações a vida artistica refloresce entre nós; nos circos, nos palcos, nos cafés concertos, nas grandes salas de concerto, nas exposições, por toda a parte onde no estrangeiro a arte se exhibe ou pontifica, lá figura, e com brilho, o nome d'um portuguez. Com satisfação o registamos.

Sob a acção vivificante d'este espirito de renascença, teve um nosso compatriota que vivia em Roma aperfeiçoando-se na arte do canto uma ideia, um sonho que, a principio uma simples aspiração florindo no campo da phantasia, mais tarde se tornou em ideia fixa, e finalmente n'uma palpavel realidade: a creação d'uma companhia nacional de opera, com artistas exclusivamente portuguezes.

A guerra fechando os theatros do genero no estrangeiro tornou possivel a realisação do sonho, e Raul de Lacerda, ainda ha pouco um ignorado, vae tornar-se um nome merecedor da veneração nacional, dando fórma á sua ideia, reunindo pela sua incançavel iniciativa um nucleo de varios elementos portuguezes dispersos pelo estrangeiro, a que outros existentes entre nós, mas ainda desconhecidos, virão por certo, ao ver o exito coroar a tentativa, aggregar-se mais tarde, trazendo-lhe o valor dos seus meritos e o calor das suas energias.

Andam ainda por fóra, e por causa da guerra, sem contractos, o baritono Francisco de Andrade, o tenor Bisarro, os baixos Motta Marques e Silvestre, as cantoras Hortencia Fontana e Maria Ochôa, e com elementos d'esta ordem o futuro de uma companhia portugueza de opera fica de sobejo garantido.

Graças aos esforços empregados, já Raul de Lacerda constituiu o nucleo primitivo, e em breve o ouviremos n'um dos nossos primeiros theatros interpretando a *Tosca*, os *Palhaços* e *André Chénier*.

E, se, como é de esperar, o publico auxiliar a patriotica ideia, teremos occasião de ouvir grande parte do repertorio moderno e algumas operas escolhidas do antigo.

As primeiras figuras femininas são Maria Judice e Cesarina Lyra, que o publico já conhece. Um tenor, e de primeira ordem, pela pureza do timbre, extensão e volume de voz, vivendo intensamente o que canta, é Raul de Lacerda; discipulo de madame Mantelli, foi depois para Roma aperfeiçoar-se, tendo cantado em varios theatros italianos e na opera de Nice. Estava agora contractado para a opera de Genova, mas a guerra, obrigando o theatro a fechar, deixou em plena liberdade o nosso compatriota.

Outro tenor é Antonio Furtado, que estudou em Roma com o celebre Cottoni e já cantou em varios theatros de Italia.

Baritonos são D. Francisco de Sousa Coutinho e Alfredo Mascarenhas, já conhecidos do publico, e Antonio Caldeira, um discipulo de D. Francisco.

O baixo é um amador, Augusto Solheiro, discipulo de madame Mantelli, e que depois foi a Roma para aperfeiçoar-se.

Do corpo coral, o elemento feminino é composto de profissionaes e o masculino é constituido por amadores que, tendo feito parte de varios orpheons, dispõem por isso de recursos que não é facil encontrar nos profissionaes portuguezes.

São ensaiados os coros pelos maestros Lorenti e Andermatt da Silva, e com tal proficiencia que o effeito produzido pelo final do primeiro acto da *Tosca*, que hontem ouvimos repetir, emociona pela grandeza e sonoridade, apezar do pouco tempo de ensaio e de ser cantado em uma lingua que a maioria desconhece, pois a opera é cantada em italiano.

A orchestra espera-se que seja regida por David de Sousa, cuja alta competencia brilhantemente se tem affirmado nos concertos do Politeama; será composta por 24 instrumentos de arco, uma harpa, 25 instrumentos de madeira e metal e a pancadaria, competente, havendo ainda a orchestra interna, do palco, o que elevará o numero de figuras a mais de setenta.

O repertorio consta, além das trez operas que já citámos, do *Lohengrin*, *Carmen*, *Cavalleria Rusticana*, *Gioconda*, *Baile de mascaras* e duas outras ainda não ouvidas em Lisboa, *Amore dei tre Re*, de Montemezzi, e *Isabeau*, de Mascagni, tendo esta a particularidade de apresentar em scena uma mulher despida, a protagonista, que, filha de rei, é por seu pae condemnada a cumprir a pena da lei antiga, de ser passeada sem vestes, montada n'um jumento atravez das ruas da cidade.

E' com estes elementos que Raul de Lacerda vae realisar a sua grandiosa e patriotica ideia, ideia que pela sua indole é d'aquellas a que o publico não regateia auxilio e que por isso vingará para satisfação de todos que presam a nossa patria e desejam a elevação do nosso nivel artistico.

E, assim, mais uma vez se prova a verdade do velho rifão: *Ha males que veem por bem;* á guerra que tantos prejuizos nos tem acarretado se deve a creação d'uma companhia portugueza de opera, e talvez a reabertura do theatro de S. Carlos aos amadores de boa musica, falta que ha trez annos todos vinham constantemente lamentando.

SAUDADE

Ha uns trez annos, voltando á Madeira depois de uma ausencia de alguns mezes, fui surprehendida com a noticia do que o visconde de Meyrelles se encontrava n'aquella ilha onde viera para tratar da sua saude.

Além de conhecer de nome, como toda a gente, o diplomata, o homem de lettras e o grande erudito, dava-se uma circumstancia, forjada pelo acaso, que fazia com que o visconde de Meirelles não fosse para mim um estranho.

Uma pessoa dequem tanto elle como eu eramos parentes e amigos, e que por varias vezes estivera hospedada ora em sua casa ora na minha, estabelecera entre nós, havia já muitos annos, uma ligação curiosa. Ouviramos falar muito um do outro por essa pessoa que lhe lia a elle as minhas cartas e a mim as d'elle. E assim eu, sem nunca o ter visto, conhecia os habitos requintados da sua vida, o seu fino espirito de conversador, o seu grande coração de homem de bem, a aristocratica distincção das suas maneiras, a rara sensibilidade da sua alma delicada de artista.

Aconteceu porém que a estada na Madeira do visconde de Meyrelles coincidiu com uma epocha para mim de fundos desgostos e de grandes trabalhos.

Sabia que elle perguntava muito por mim e procurava encontrar-me, mas eu ia adiando sempre esse momento por sentir que a minha disposição de espirito estava longe de ser aquella em que desejaria achar-me durante a nossa primeira entrevista.

Por esse tempo chegou tambem á Madeira Affonso Lopes Vieira, nosso amigo commum; e uma tarde, entrando eu no jardim do Reid's Palace Hotel, onde ia tomar chá com Lopes Vieira e sua mulher, reparei que não estavam sós. Alguem vinha com elles ao meu encontro.

Não foram precisas apresentações, e meia hora depois já eu tinha a impressão de conhecer o visconde de Meyrelles desde sempre.

D'ahi a uns trez dias batia elle á porta da minha casa. Eram duas horas da tarde; quando ás sete se accenderam os candieiros ficámos ambos surprehendidos, de tal modo a nossa

---

Folhetim d'A CAPITAL 14-3-1915

A verdade mutilada

Fui outro dia vêr a mutilação da bella figura da Verdade que é o supremo encanto da estatua de Eça de Queiroz. Confrangeu-me o espectaculo. Não me surprehendeu. Em que parte do mundo, desde que o mundo é mundo, deixou jámais a Verdade de ser mutilada pela inconsciencia ou pela perversidade dos homens?

Fosse ou não intencional a pedrada que lhe quebrou os delicados dedos, essa pedrada era inevitavel. De pasmar foi sómente que tanto tempo se demorasse a cahir sobre a Verdade de pedra, que o genio d'um artista illuminou de belleza plastica, quando a toda a hora, na sua figura cem vezes mais radiosa, porque é a que se destaca nos horisontes do espirito, ella é alvo dos mais ferozes ou dos mais cegos ataques. E ainda ahi ella sangra, como um corpo palpitante e vivo. Na estatua de Teixeira Lopes só a sua belleza soffreu. Na consciencia humana, é o seu espirito que a todo o instante é mutilado.

***

A figura da Verdade vae ser reparada. Novamente a sua mão formosa se estenderá nos ares, no admiravel gesto de acolhimento á posse do genio vencedor. Mas—porque não dizel-o?—se a Arte ganha, a Verdade soffre. Sem duvida, sem duvida que a Belleza tem os seus direitos, como a Arte egualmente os tem. Sem duvida que essa mão quebrada choca o gosto esthetico de todos nós. Mas não será mais verdadeira uma verdade ferida, affrontada, mutilada pelos homens de que uma verdade que em nada revela ter sido victima da sua ignorancia ou da sua maldade?

A obra do artista fica, mas a observação do philosopho continuará permanecendo só nos dominios da sua consciencia. Uma verdade incolume, respeitada, nunca no mundo viu consentida a sua existencia. Os seculos passaram, e á medida que os espiritos se illuminam nós presumiriamos que a verdade iria tendo um altar mais sagrado no peito da humanidade. Engano! Puro engano! As trevas da ignorancia não eram tão hostis ao resplendor d'essa verdade como o são as claridades de uma intellectualidade que não se vivificam com a luz superior de uma alta e nobre moral.

***

Peor do que a inconsciencia que não pode vêr é a intelligencia que não quer vêr. Todo o esforço da mentalidade humana se deveria concentrar no alvo eterno e immutavel da verdade. Tal não succede, porém. Essa intelligencia, em geral, degrada-se na perversão moral, e a essa verdade, a que deveria prestar immaculado culto; a essa verdade, que deveria tornar o mais possivel limpida e pura; a essa verdade, sem a qual nunca o progresso da especie poderá dar passos seguros na estrada do seu futuro; a essa verdade, estrella, pharol e guia—ella não procura senão desnatural-a nos seus principios, desfigural-a nos seus aspectos, atrophial-a nos seus intuitos e pervertel-a no seu espirito!

Um ordeiro trabalho de intelligencia, muitas vezes poderosa, se observa n'essa obra horrivel e blasphema. Ella representa a mais revoltante inversão moral. Toda a especie de baixos interesses, toda a especie de miseraveis paixões, se congregam para essa inversão estupenda. A cada instante, a pobre, a augusta, a dolorosa verdade soffre tratos de polé. Raciocinios subtis, argumentos capciosos, observações tendenciosas, criam a deturpação da verdade. E o que é bello passa a ser ridiculo; o que é puro passa a ser vil; o direito torna-se o crime; a luz torna-se a treva; o bem converte-se no mal. Espiritos simples assistem, desnorteados, ao cataclismo do mundo moral. E n'esse cataclismo, em que tudo se entrechoca, tudo rue, tudo se despedaça entre clarões de incendios e rajadas de vendavaes, por vezes passa em sombras apocalipticas, uma figura allucinada, de deusa perseguida e sangrenta, de grandes azas laceradas e o peito crivado de golpes. E' a figura da Verdade—não já a tranquilla, a bella e candida figura, branca e de sorriso vago, que o genio artistico arrancou a um bloco de pedra, menos insensivel do que o coração dos homens—mas a verdade real, a espiritual verdade, que não tem vida senão nas almas de eleição, que lhe fazem do dever um pedestal e do seu ideal uma apotheose.

***

Essa verdade, hoje perseguida, apedrejada, exangue, e ámanhã, em rapidos lampejos, triumphadora d'um dia; essa verdade, que clama aos homens que a não comprehendem ou a odeiam por não ter exito, por mais collossal, que offusque a razão ou que conspurque o direito; essa verdade, pela qual se deveria sempre luctar, soffrer e morrer; essa verdade mutilada e sublime, é uma heroica figura de protesto e de combate. Eu visiono as linhas da sua fronte contorcidas como as do rosto torturado de Prometheu. Avisto-a, n'um Caucaso de todas as eras, resplandecendo entre a fuzilaria dos raios que a alvejam. E, convulsionada de dôr, de orgulho e de esperança immortal, martir com o Jesus e revoltada como Spartacus, recebendo, a cada um dos seus cantos de luz e de harmonia, uma saraivada de pedras, carbonisada pelas chammas das fogueiras e ultrajada pela estupidez dos preconceitos ou pela tirannia dos despotas, a sua belleza não é d'este mundo, a sua irradiação é como a d'um sol violento que espessas nuvens procuram obscurecer, e que ao mesmo tempo faz abrir o calix das flôres e illumina o olhar dos revoltados!

***

Mutilada a formosa estatua de Teixeira Lopes, ella reflecte essa verdade dolorosa que é a eterna ultrajada de todos os tempos e de todos os pontos da terra. A'manhã, restaurada na sua belleza, continuará a ser o bello sonho de pedra que a arte realisou n'um dos seus doces embevecimentos. Porventura, velando-a n'um véu de phantasia, tentaram o escriptor e o estatuario abrandar a furia dos homens contra ella constantemente desencadeada. Que o não conseguiram, prova-o a pedrada brutal que a mutilou. Arremessada pela ignorancia ou pela maldade, a sua significação é sempre triste, é sempre deploravel. Ha longos seculos que a arte realisa as suas maravilhas da fórma; ha longos seculos que se procura crear á consciencia moral uma soberania intangivel. E sobre a Belleza, como sobre o Direito—essas formas augustas da Verdade—um graniso de pedras é arremessado como um insulto perenne aos astros.

MAYER GARÇÃO

conversa nos empolgára e nos fizéra esquecer o tempo.

Esta visita repetiu-se. Difficilmente esquecerei as tardes que passámos juntos.

Era em março; e em março na Madeira está-se em plena primavera. Uma primavera de sonho, tepida, cheia de flores, embalsamada de aromas violentos. N'um ceu quasi branco um sol brilhante que desfaz todas as brumas; destaca todos os planos, recorta todas as imagens. As côres, fortes, radiosas, triumphantes, harmonisam-se sem se fundirem. A vegetação exhuberante reune a flora da Europa á dos tropicos: as roseiras floridas enroscam-se aos troncos das palmeiras, os lirios e os cravos crescem entre os cactos entumecidos, enormes, de aspectos imprevistos e perturbantes.

Não ha cantos de passaros nem rumores de insectos.

Não ha vento nem poeira.

Todas as coisas teem um ar de extasis sob a explendida claridade do dia. A natureza silenciosa, immovel e magnifica parece esperar não sei que prodigioso milagre. Respira-se um ar de paraizo; sentimo-nos longe do mundo e envoltos n'um sortilegio.

N'este scenario o visconde de Meyrelles falava-me da Africa, da America, da India, não como um viajante banal nem como um superficial observador, mas sim com toda a sua alma vibrante de artista, com aquella suprema sensibilidade que dava ás suas palavras tão correctas um extranho poder de evocação. Contava-me coisas da Allemanha e d'aquella prodigiosa Inglaterra que tão querida foi ao seu coração; grandes e bellas coisas e tambem pequenos ridiculos que elle traçava com um fino e delicioso espirito de caricaturista e que sublinhava com um sorriso de bondade.

E depois falavamos de edições lindas, de velhos e raros manuscriptos, de gravuras preciosas... A sua erudição vastissima não era tyrannica; apparecia na sua conversação como os arcobotantes nos edificios gothicos, sustentando-a sem lhe alterar a belleza nem a graça.

Os assumptos das nossas conversas nasciam de qualquer coisa. Dizia-me muitas vezes que a minha companhia o repousava.

—Estou farto de ouvir banalidades—confessava elle com o seu claro sorriso.

Vejo ainda a sua figura alta e tão distincta curvada para as estantes da minha modesta livraria, lendo os titulos dos livros, escolhendo um ou outro que abria e folheava, fazendo commentarios, partindo assim do nome de um auctor para uma longa palestra sempre interessante, cheia de pontos de vista originaes...

Era invariavelmente com um grande e sincero prazer que o via chegar.. A sua presença tinha o poder de um philtro onde eu bebesse o esquecimento das minhas dôres e devo-lhe horas de paz e de serenidade que sem elle não teriam descido então sobre mim.

Sabia que o visconde de Meyrelles estava muito doente. Apesar d'isso, a noticia da sua morte surprehendeu-me.

Não me queria convencer de que se apagára para sempre aquella intelligencia tão brilhante, aquelle sorriso tão bondoso.

Fica uma grande saudade e uma grande pena: a saudade do espirito raro e precioso que tão clemente foi á solidão e á amargura do meu; a pena de que fosse tão curta a sua passagem na minha vida.

Virginia de Castro e Almeida.

Caminhos de ferro do Estado

Uma festa do pessoal ferro-viario

Em consagração do cofre de amparo ás viuvas e orphãos dos empregados dos Caminhos de ferro do sul e sueste, realisou-se hoje uma sessão solemne a que compareceu parte do pessoal dos Caminhos de ferro do Estado.

A sessão teve logar no palacio Penafiel, onde estão hoje installadas as repartições d'aquelle serviço, na antiga salla dos concertos, imponente de luxo e magnificencia, sob a presidencia do sr. Cupertino Ribeiro, presidente do conselho de administração dos Caminhos de ferro do Estado.

Depois da leitura do relatorio dos trabalhos feitos pela commissão organisadora do Cofre, foram apresentadas propostas para que esta continuasse gerindo a associação até que a assembléa geral eleja a mesa, e para que se criem um instituto ferro-viario para o cofre, do qual reverteria os fundos reunidos para a acquisição d'um aeroplano e que não tive um applicação, e ainda outra para que as quotas para os cofres do auxilio e previdencia sejam descontadas nos vencimentos dos associados. Aprovou-se a primeira, e deliberou-se consultar o pessoal ácerca das outras duas.

Fallaram ainda varios oradores e por fim o dr. Carneiro de Moura, que com a sua habitual fluencia discorreu acerca da distribuição da riqueza.

Nos intervallos dos discursos houve recitação de poesias, canto e concerto. A sessão, que começára ás 14 horas, foi encerrada ás 17 e 30.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

A cultual de S. Mamede da Infesta

Concluiu hoje a entrega da cultual de S. Mamede da Infesta, nada de anormal tendo occorrido. Haviam seguido para aquella localidade pequenas forças de cavallaria e infantaria da guarda republicana, que não tiveram de intervir.

Pelo administrador do concelho foram presos mais dois individuos, um pedreiro e um carpinteiro, para averiguações sobre o caso da bomba arremessada contra a residencia do regedor substituto, sr. Joaquim Narciso Gomes. São já seis os individuos presos.

ASSUMPTO PARA UM «FILM»

AS AVENTURAS DO IRLANDEZ

O incidente Casement agitado pela Allemanha a fim de desacreditar a Inglaterra

Quando a agitação revolucionaria na China fermentava com mais violencia, uma multidão de perseguidos politicos d'aquelle paiz acolheu-se á hospitaleira Londres, a cidade classica do respeito pelas liberdades individuaes. A embaixada do Celeste Imperio junto do governo inglez resolveu então estabelecer um serviço de rigorosa vigilancia, fazendo policia por conta propria, a fim de frustrar os planos de emancipação que porventura os emigrados acalentassem.

A breve trecho, um agitador amarello de cathegoria foi apontado como o futuro chefe da conspiração republicana. Uma tarde o propagandista exilado dirigiu-se ao Hyde-Park, onde costumava passear todos os dias, e, absorto nas suas meditações, enveredou por uma alea solitaria. De subito alguns agentes do embaixador chinez cahiram sobre elle, amordaçaram-no, amarraram-no, metteram-no n'um automovel que perto estacionava e foram depol-o na embaixada onde ficou mettido sem carcere privado, á espera do primeiro paquete para o Extremo Oriente, que devia transporta-lo sob o mais rigoroso sigillo.

Passaram alguns dias. Um transeunte que acaso passava em frente da residencia do embaixador chinez encontrou no chão uma carta nervosamente rabiscada. O prisioneiro appelava para a nação ingleza, a fim de que não fosse permittida a consumação de tão tenebroso attentado contra o direito das gentes. A nação ingleza ouviu-o, e dentro de poucas horas o agitador, que conseguira atirar por uma janella o papel que continha o seu desesperado apello, era restituido á liberdade.

Foi esta historia, absolutamente veridica, que decerto inspirou o ex-consul geral da Inglaterra Roger Casement nas accusações que acaba publicamente de fazer ao ministro inglez junto da corte norueguesa, M. de C. Findlay. O incidente Casement é hoje o assumpto obrigado de toda a imprensa germanica, e nunca esse antigo funccionario britannico sonhou certamente que viria a possuir tão grande celebridade — aliás bem triste—entre os inimigos da sua patria.

Historiemos, a titulo de curiosidade.

Rodger Casement é um irlandez que durante muito tempo exerceu na America funcções consulares. Um bello dia, depois de declarada a guerra, e segundo as suas proprias declarações, decidiu dirigir-se a Berlim, a fim de interrogar o governo do kaiser ácerca das intenções da Allemanha com respeito á Irlanda. O governo allemão, naturalmente, aproveitou esse elemento que do ceu lhe cahia aos trambulhões e decidiu transformal-o n'uma arma contra a Grã-Bretanha—provavelmente a troco de promessas de independencia futura para a Irlanda e de uma situação de destaque na nova nacionalidade.

Seja como fôr, o caso é que Rodger Casement começava d'ahi a pouco a contar publicamente uma historia sensacional, que todos os jornaes do imperio reproduziram com manifesto jubilo, e dirigia mesmo a sir Edward Grey uma carta, datada de Berlim, na qual reforia as suas extranhas aventuras. Davam, como se vae vêr um argumento magnifico para um *film* de sensação, se porventura o assumpto não estivesse já explorado por auctores de mais talento e phantasia.

Segundo se diz n'essa carta, Casement chegou a Cristiania, vindo da America, a 29 de outubro findo. Pouco depois, o seu fiel creado Adler Christensen—um norueguez—teria sido chamado em segredo á embaixada ingleza para o convencerem a trahir o amo. No dia seguinte, Christendsen foi novamente chamado ao mesmo local, onde lhe teria dito ser necessario que Rodger Casement *desapparecesse*, e que faria excellente negocio quem tal conseguisse.

O fiel creado—conta o ex-consul—transmittiu tudo ao amo, que o incitou a proseguir nas negociações, chegando a forjar provas e documentos contra si proprio, a fim de que, com a apresentação d'elles, Christensen pudesse captar a confiança do ministro inglez. Na sua carta, Casement accusa então esse ministro de ter promettido ao seu creado o premio de 5.000 libras, e mais tarde 10.000, para que este desse uma cacetada na cabeça do patrão. A impunidade ter-lhe-hia sido egualmente garantida.

Não se sabe bem como, no emtanto, a combinação passou a ser diversa. O ministro já não exigia a morte de Casement. Desejava apenas que o creado o conduzisse ao Skagerake ou ao littoral do Mar do Norte, onde navios inglezes se pudessem apoderar da pessoa do ex-conde e o conduzissem preso a Inglaterra.

O final da historia é que prova a sua completa inverosimilhança. Roger Casement encontra-se em Berlim, acarinhado pelo governo e trabalhando certamente por conta d'elle—o que bem se deduz da seguinte passagem da sua famosa carta a *sir* Edward Grey:

A minha intenção foi não só conseguir um compromisso benevolo do governo allemão (ácerca da Irlanda), como tambem livrar os patriotas das falsas ideias e preconceitos que uma campanha instigadora d'esta especie (a campanha contra as atrocidades allemãs tendia provocar.

Além d'isso quiz ainda evitar, quanto em minhas forças coubesse, que os meus co-irmãos se deixassem arrastar a uma lucta contra um povo que jamais commettera o maior mal contra elles.

Casement desmascara-se n'estas palavras. A Allemanha não pode levar á paciencia que a Irlanda, com cuja acção ella contava, lhe tenha feito frustrar os seus planos contra a Inglaterra...

O crime da rua Paiva d'Andrada

Realisou-se hoje o funeral do suicida Henrique de Moraes

Pelas 13 horas de hoje sahiu do edificio da Morgue o feretro do operario do Arsenal Francisco Henrique de Moraes, indigitado como comparticipante nos acontecimentos da rua Paiva de Andrada, em que foi assassinado o deputado Henrique Cardoso, e que horas depois de ser preso se suicidou na esquadra da travessa das Almas, á Estrella. Abria o cortejo uma carreta conduzindo uma grande corôa de flores naturaes, offerecida pelos revolucionarios civis, seguida pela banda dos calceteiros municipaes. Depois, a uns oito ou dez metros de distancia, uma outra carreta com as seguintes corôas: de violetas roxas e lilazes, dos seus camaradas do Arsenal da Marinha (carpinteiros); do Centro 27 de abril, dos presos do forte de Elvas e dos presos de Angra do Heroismo, além de muitos ramos de flores naturaes, sem dedicatoria. E por fim, a egual distancia, uma carreta da Voz do Operario, em que ia o caixão, coberto pela bandeira da Federação Republicana. O funebre cortejo, no qual se encorporaram cerca de duas mil pessoas, entre as quaes se viam associados do Centro 27 d'Abril, reformistas, alguns evolucionistas, general Guedes, capitão de mar e guerra Soares Andrea, ex-capitão Lima Dias, alguns sargentos, todos os presos que estiveram em Angra e em Elvas, e simples curiosos, desceu á rua da Palma, a cuja embocadura, como na rua Fernandes da Fonseca, se tinham postado forças de cavallaria da guarda republicana, do commando de um tenente, e alguns policias ás ordens do tenente Ochôa, e seguiu depois pela avenida Almirante Reis até ao Alto de S. João, sem que se tivesse dado qualquer incidente.

O trajecto pela estrada do cemiterio, desde as portas de Arroyos, fez-se difficilmente, tal o estado miserando em que a estrada se encontra. Estreitissima, cheia de montes de lama, não ha por onde ir que se não fique com as botas e calças em lastimoso estado!

No cemiterio falaram os srs. Manuel Pedro de Abreu, Manuel Ferraz, José Borges, Ramada Catharino, Bernardino, Adão Duarte e João Marques, criticando asperamente a obra do governo democratico, invectivando-o impiedosamente. O ultimo orador disse que era preciso exigir o exame medico-legal, agradeceu a manifestação ao camarada morto e pediu que todos se dirigissem depois para o comicio da Rotunda.

E foi já debaixo de uma violentissima bategа de agua que o cortejo seguiu para o coval destinado ao morto e que fica lá em baixo, na outra encosta do monte, quasi junto de Xabregas. E tudo debandou em paz.

MUSICA

Concerto da Orchestra Simphonica Portugueza

Realisou-se hoje a festa artistica dos executantes da orchestra, que organisaram um programma tendente a pôr em destaque as suas melhores qualidades e as suas melhores figuras. E assim, começou o concerto por quatro andamentos do *Septimino* de Beethoven. executados, como já o anno passado o foram, por todo o quartetto de corda; isso faz que se produza um desequilibrio que tira toda a importancia ás partes dos instrumentos de sôpro, que são capitaes; e ainda para os alliviar, alguns cortes se fizeram e uma modificação de andamento.

Mas não poderiam elles tocar tudo como está? Podiam se não fôsse aquelle medo, aquelle inexplicavel pavor que se apodera de executantes correctos na massa, mas receosamente tremulos quando postos a descoberto.

Apesar d'isso, a obra é tão bella e foi tão segura no quartetto, que de bom grado a ouviriamos nas segunda e terceira partes, constituindo, ella só, todo o programma. No *scherzo*, que foi bisado, os violoncellos foram perfeitos, e no *finale*, os primeiros violinos admiraveis.

A segunda parte era composta da magnifica abertura *Egmont*, em que a orchestra manteve os seus creditos, e do *Concerto em mi bemol* de Liszt, tocado pelo joven pianista João Queriol, que é, sem sombra de duvida, um verdadeiro artista. De uma technica segura e brilhante, detalhando com intelligencia, perfeito de dinamica e de agogica, levou o difficilimo concerto com bravura, o que lhe valeu uma grande, carinhosa e justa ovação; e, se, em vez de aquelle Ibach tão áspero de agudos, tivesse empregado outro piano, melhor seria a impressão produzida.

Na terceira parte, a primeira audição do poema simphonico de Saint-Saens, *Phaeton*; do genero descriptivo e impulsivo, este poema tem bem gravada a maneira do mestre francez, mas a sua belleza intrinseca não é grande, devido principalmente á relativa pobreza de idéas melodica. Fechou o concêrto pela abertura do *Guilherme Tell*, em que os dois primeiros violoncellos e José H. dos Santos se destacaram, e em que toda a orchestra foi brilhante.

H. de A.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Guilherme Augusto Alves Reis, cujo funeral se realisa amanhã, ás 16 horas, para o cemiterio oriental.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo «Pró-Patria»

Para se accordar na fórma de protestar contra o estabelecimento da egreja hespanhola em Lisboa, reunem amanhã, ás 21 e meia horas, os corpos gerentes.

ULTIMAS NOTICIAS

A SITUAÇÃO POLITICA

Uma conferencia que se não realisa

O sr. dr. Bernardino Machado, que devia falar na Associação dos Catraeiros, communica-nos o que tencionava dizer

Estava annunciada para hoje na séde da Associação dos Catraeiros uma conferencia do sr. dr. Bernardino Machado sobre a situação politica, a qual marcava o inicio da obra de propaganda que a commissão eleita na sessão do Congresso da Republica em 4 de março entendeu dever realisar contra a dictadura do governo.

Cêrca das 15 horas a sala da Associação encontrava-se repleta, vendo-se na assistencia os srs. dr. José de Castro. Luiz Filippe da Matta, Pereira Victorino, representantes de juntas de parochia, etc.

O conferente, que tem passado estes ultimos dias no Estoril, devia chegar á estação do Caes do Sodré pelas 15 horas e meia. Ali nos dirigimos, para com elle seguirmos para a séde da collectividade. Na estação aguardavam o sr. dr. Bernardino, entre outros, os srs. Coelho de Carvalho, José do Valle, Americo Pereira e Viriato Chaves, annunciando-lhe estes que a conferencia não podia effectuar-se n'aquelle local, porque as auctoridades se oppunham, e, n'este caso, apontavam outras salas onde o illustre democrata podia fazer a sua conferencia.

O sr. dr. Bernardino Machado declarou não acceitar o offerecimento, que muito agradecia, esperando obter informações sobre o que se passára na Associação dos Catraeiros, em frente da qual, apesar de terem sahido d'ali muitas pessoas, se conservam ainda os agentes da auctoridade. N'esta altura pedimos ao sr. dr. Bernardino Machado que nos dissesse quaes os termos da sua conferencia. O sr. dr. Bernardino Machado, accedendo ao nosso desejo, diz:

Eu ia, em nome da commissão eleita pelo Congresso da Republica, em 4 de março, para promover a cooperação dos republicanos, com o fim de se restabelecer a normalidade constitucional, iniciar ali a nossa propaganda. Tinha promettido áquella prestimosa collectividade effectuar no seu seio a minha primeira conferencia publica e ia cumprir assim a promessa, protestando-lhe o meu reconhecimento, porque não posso esquecer-me de que, quando parti para o Rio de Janeiro, como ministro de Portugal, foram os catraeiros que, no alto mar, me disseram o ultimo adeus; de que, durante a minha missão diplomatica, sempre, por suggestão d'elles, os seus camaradas brazileiros me cercaram de toda a simpathia; e ainda de que, no meu regresso, foram elles os primeiros que me saudaram, ao avistar a terra da Patria. Uma amisade antiga nos une. E bastava haver-me a classe escolhido para padrinho de um dos seus pequenos orphãos para essa união ser para o meu coração indissoluvel. Quantas vezes vieram junto de mim, offerecer-me os seus serviços para a guarda da Republica, logo após a sua proclamação! Pois agora era eu que ia solicitar-lhes o seu concurso. E quem me diria que o havia de solicitar em circumstancias tão imprevistas e inverosimeis como cheias de incerteza! Temos á frente do paiz um governo que affronta a lei republicana e susceptibilisa os melindres internacionaes com tal desprendimento que somos obrigados a crêr que o faz sem saber bem o que faz. Recordam-se do que se passou desde as vesperas da ultima crise ministerial? O nosso mal era, sobretudo, a contumacia criminosa dos reaccionarios, que, não podendo fazer propaganda do deposto regimen monarchico, teem feito incessantemente campanhas de sedição contra a Republica e de injurias contra os republicanos.

«Inutil é, porém, dissimular que entre os proprios republicanos se travaram luctas extremamente deploraveis por tudo e até porque os nossos inimigos, começando por se agachar atraz d'essa onda de exaltações partidarias, para nos visarem a todos, foram ganhando animo e, ao abrigo d'ellas, atrevem-se ás maiores insolencias, dando pasto, por nossa propria culpa, aos seus insaciaveis rancores. E não ha duvida que a nossa prematura divisão partidaria nos enfraqueceu, desgostando a opinião publica contra os partidos, a ponto de os fazer perder o poder. Por isso se recorreu ao governo a que eu presidi e ultimamente o sr. presidente da Republica se decidiu por outro governo semelhante a esse. O facto, porém, de ser general o sr. Pimenta de Castro, que foi incumbido de o organisar, com a circumstancia de lhe ter o chefe do Estado entregado logo a gerencia de todas as pastas, antes de escolhidos por elle os seus collegas, trazendo á memoria a occorrencia analoga de 19 de maio, emprestou-lhe uns ares de Saldanha, que os nossos inimigos se apressaram a explorar accintosamente.

«Não fôra o Presidente da Republica, clamavam, quem livremente escolhera o presidente do conselho. Houvera um pronunciamento militar e o novo chefe do governo fôra por esse pronunciamento imposto ao chefe do Estado e ao paiz. Assim ousaram logo suspeitar do exercito e amesquinhar as instituições.

«E, ao que parece, o sr. Pimenta de Castro, em vez de se servir do desgosto da opinião publica pelas ardentes dissidencias partidarias, para as acalmar, alheando-se de todo o partidarismo, tomou a serio o figurino dictatorial, que lhe recortaram os nossos inimigos e abusando do momentaneo enfraquecimento partidario republicano, pretende passar por cima de todos nós, desconsiderando-nos e vexando-nos. Tendo começado por engrossar a *claque* monarchica, dando largas á faina demolidora dos reaccionarios suspeitos de conspiração, trata d'alto todos os governos da Republica, accusando-os levianamente dos maiores delictos e fecha violentamente a casa do parlamento onde deviam reunir-se os representantes da nação, democraticos, evolucionistas e independentes. E, como zombando d'esse impedimento, o congresso celebrou a sua sessão de 4 de março, persegue os seus membros que, lá, cumprindo o seu dever, profligaram a dictadura.

«Não quiz nunca—continúa o sr. dr. Bernardino Machado — perseguições a monarchicos.

«Disse no começo do governo provisorio que as perseguições teem principio mas não teem fim. Não posso admittil-as contra os republicanos. Demittir um homem, como Filippe da Matta, sem uma palavra de pretendida justificação, sem fundamento algum, que aliás não podia haver, é um attentado indesculpavel do poder.

«O despeito impotente do governo pretende mesmo descarregar golpes sobre mim, como representante da commissão parlamentar, accirrando officialmente contra a minha gerencia, que se defende por si propria, as coleras da multidão, tão perturbada nos seus sentimentos e interesses pelos choques e reacções da terrivel crise europeia. A folha monarchica *O Dia*, como se fosse o orgão jornalistico do governo, traduz-lhe o pensamento e appellida-me de reu. E é com semelhante pena molhada já no tinteiro que os monarchicos acabam de offerecer ao seu principal paladino, que se procura ferir-me? Sorrio-me, piedosamente da tentativa!

«Não é facil intrigar-me com o povo. Quem passa a vida a defendel-o e a servil-o, não necessita defender-se e allegar serviços.

«E' preciso ser bom, accentua-nos elle, mas comprehendo bem quanto isso custa por vezes. Esse homem que, mascarado de juiz, pretende sentenciar-me e condemnar-me, veio junto de mim, quando ministro dos estrangeiros no governo provisorio pedir-me o *pão da sua familia* e dei-lh'o; supplicou-me depois que, por amor da sua filha doente, o defendesse das represalias com que, em desforço dos seus ataques, o ameaçavam, e agradeceu-me em seguida a minha efficaz intervenção; telegraphou-me de Hespanha ancia-damente que desmentisse a noticia de lá fóra ir conferenciar com Paiva Couceiro e dei-lhe credito e a noticia foi desmentida.

«No meu regresso do Brazil, constituido o meu gabinete, foi dos que aproveitaram a amnistia, e, quando da sedição de 20 de outubro, arcando eu com as suspeitas da opinião indignada, que o alvejava, limitei-me a ordenar-lhe que se ausentasse temporariamente de Lisboa, onde, até para elle, n'esse ardente lance, a sua presença podia ser penosa.

«Não é verdade que fôsse por mim exilado para Hespanha, como pretenciosamente, com lamurias de martir, quer fazer acreditar; elle proprio escolheu Madrid para fixar residencia e a uma pessoa das relações da sua familia foi por mim expressamente declarado, para que não houvesse duvida a tal respeito, que elle podia voltar ao paiz quando entendesse.

«Pois são estes entranhados inimigos das instituições que o governo alenta nos seus atrevimentos, dando-lhes elastimoso exemplo de doestos e aggressões a republicanos!

«Hoje mesmo as ruas de Braga se embandeiram, não para os catholicos receberem o seu arcebispo, o que seria perfeitamente legitimo, e eu dei bem prova da minha tolerancia, quando auctorisei e assegurei mesmo a grande peregrinação religiosa do Porto ao Sameiro, mas para os reaccionarios de Braga festejarem publicamente, desenvoltamente, sob a protecção das auctoridades, o impenitente exbispo da Guarda, repetidamente condemnado pelos seus incessantes desacatos á soberania do poder civil.

«A este arcebispo revel e aos conspiradores de 20 de outubro é que o governo dispensa as suas indulgencias e boas graças. Dir-se-hia que levanta e açula todos os discolos contra o Estado.

«E, dentro da Republica, não tem feito senão encarniçar as questões que havia. Os parlamentares dividiam-se entre os que renunciaram o mandato legislativo e os que se mantiveram no seu posto no Congresso: elle aggravou a dissensão, collocando-se pela sua ameaça de encerramento das côrtes ao lado dos renunciantes. Os partidos arguiam o poder de se inclinar mais para um do que para outro; elle, em vez de supprimir qualquer influencia indébita pela sua escrupulosa imparcialidade, respeitando as justas proporções partidarias, propoz-se irritantemente alteral-as, lançando na balança a sua espada, não se sabe em proveito de quem, porque em volta d'elle não ha um pessoal que o acompanhe a collaborar com elle. Podiam vir para junto d'elle as pessoas ainda não arroladas nos partidos militantes constituidos, mas os seus ademanes desconcertados afastam toda a gente de ponderação. Elle não só encarniçou as questões politicas que já havia, accrescentou outra e gravissima, a questão constitucional, de consequencias alarmantes, tanto internas como externas, porque dentro ou fóra do paiz ninguem tem o dever de reconhecer e acatar o arbitrio do governo. Pelo contrario. La fóra a nossa vida suspende-se e cá dentro perturba-se.

«E, se pelo aggravamento das divisões republicanas enfraqueceu ainda mais o poder, desprestigiou-o tambem, a começar pelo poder do chefe do estado, que, tolerando o subscrevendo actos dictatoriaes, sujeita-se a que magoadamente se formule a interrogação, se se conforma com elles voluntariamente ou passivamente.

«Quem está contente com o governo? Republicanos que precisam do auxilio, politico do poder? São felizmente muito poucos. Os que teem força propria, mas ainda o amparam no receio de se ir para peor? Não o supportarão muito tempo mais. Quem o governo tem comsigo, são, bem vejo, uns certos elementos que, á sua sombra, procuram desforçar-se de aggravos recebidos, mas são sobretudo todos os que a Republica, quaesquer que fossem os seus erros e as suas faltas até agora, conteve e reprimiu nos seus assaltos á sociedade. Quem está jubiloso com elle, e, na sua embriaguez, só pede mais, que elle vá até ao fim, são todos os reaccionarios, que querem a lucta acesa entre os republicanos e o desdoiro irremediavel das instituições. E até por isso este governo, animando a sanha realista, acenderá ao rubro, se lhe derem tempo, a reivindicação liberal e republicana, sendo o resultado fatal da sua desequilibrada politica o contrario do que o paiz deseja e reclama. O paiz reclama moderação e calma, e o governo arremessa-o desatinadamente ao conflicto tempestuoso dos extremos exaltados.

«Tal o perigo da sua permanencia.

«Para o conjurar não ha senão um meio, mas esse bastante e efficaz. Que nos entraqueceu? a nossa desunião? Unamo-nos! Mais que nunca, precisamos de estar unidos, durante a tremenda guerra actual em que, quando mesmo nos não achassemos envolvidos, estão amigos e alliados, o que não nos permitte com honra ser neutros. E, para que a união se realise, imponha-a a todos ordeiramente, legalmente a opinião. Era para lh'o dizer solemnemente que ali ia. Para notar como o valor da opinião é decisivo entre nós, reparem no recrudescimento da campanha movida contra mim nas vesperas d'esta conferencia e hoje mesmo. E' a sua força, a força moral do nosso povo, manifesta. Continuem todos patrioticamente a dal-a, custe o que custar, á Republica, á obra da sua consolidação e progredimento. A Republica conta sobretudo com o povo.

O sr. Bernardino Machado fará a sua annunciada conferencia no centro do seu nome, em Alcantara, na quarta feira, ás 9 horas da noite.

Tanto no ministerio do interior como na policia, onde procurámos averiguar da prohibição da conferencia, garantiram-nos que as auctoridades por nenhum modo procuraram impedir que ella se realisasse, não tendo ido á sede da Associação quaesquer agentes policiaes.

Mas, por outro lado, o sr. José d'Almeida, presidente da assembleia geral da Associação dos Catraeiros, veiu á nossa redacção garantir-nos que fôra procurado duas vezes por agentes da policia que lhe notificaram a prohibição em nome do sr. governador civil de se realisar a conferencia.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 13.—Communicação official de hoje, ás 23 horas.

Depois dos vivos combates travados nos dias precedentes, veiu uma calma quasi completa d'uma e outra parte accentuando-se em toda a linha.

O dia de hoje foi assignalado apenas por algumas acções da artilharia. Consolidámos as nossas posições por toda a parte

Depois dos aterros effectuados em Eparges, no terreno ganho por nós, encontrámos novas metralhadoras allemãs, o que eleva a quatro o numero de metralhadoras perdidas pelo inimigo n'este ponto.

No bosque Le Prêtre reprimimos uma tentativa de ataque, que mal começava a esboçar-se.—(*Havas*).

PARIS, 14.—Communicado official das 15 horas:

As tropas belgas teem continuado a progredir nas nascentes do Iser, tendo a sua artilharia, apoiada pela nossa artilharia pesada, destruido um ponto de apoio organisado pelos allemães no cemiterio de Dixomude.

O inimigo bombardeou Ypres, fazendo algumas victimas entre a população civil. A artilharia allemã bombardeou egualmente a cathedral de Soissons e o bairro visinho. Ao norte de Reims, em frente do bosque de Luxemburg, o inimigo tentou apoderar-se de uma das nossas trincheiras avançadas, sendo repellido. Reims foi então bombardeada. Na Champagne repellimos, ao declinar do dia 13, dois contra-ataques e, indo em perseguição do inimigo, tomámos de assalto varias das suas trincheiras; n'uma d'ellas achámos approximadamente uma centena de mortos e algum material. Na Argonne, em Four-de-Paris, um ataque que tentou desembocar contra as nossas linhas foi immediatamente detido. Na Lorena as nossas patrulhas occuparam Imbermenil. Nos Vosges acção de artilharia. *(Havas).*

As embarcações britannicas e o movimento nos portos inglezes

LONDRES, 14.—Desde o começo da guerra até 10 do corrente foi de 135 o numero de embarcações britannicas aprisionadas ou destruidas.

No mesmo periodo foi de 40:745 o numero de partidas e chegadas a portos inglezes de paquetes de longo curso de todas as nacionalidades, o que mostra a pouca importancia das perdas soffridas pela marinha mercante britannica.—*(Havas).*

A carestia das subsistencias

O comicio de hoje

Resolve-se reclamar junto do governo severas providencias para evitar o aggravamento da crise

Promovido pela União Nacional Operaria e União dos Sindicatos Operários de Lisboa, realisou-se hoje de tarde em frente da Penitenciaria um comicio de protesto contra o augmento dos preços dos generos e carestia da vida. Passava das duas horas da tarde quando o sr. Mario Nogueira declarou aberto o comicio. Uma chuva impertinente cae em abundancia, mas a assistencia não se desvia. A policia é em grande numero, conservando-se longe do local. O presidente, ao abrir a sessão, explica quaes os fins do comicio e pede aos oradores que sómente se refiram ao assumpto marcado e não tratem de questões politicas. Convida para secretarios os srs. Rozendo José Vianna, por parte da União dos Sindicatos, e Adão Gomes, pela União Nacional Operaria. São lidos varios telegrammas, entre os quaes um da Juventude Sindicalista de Evora, adherindo ao comicio.

O primeiro orador é o sr. Francisco Apparicio, que fala em nome da construcção civil. Refere-se largamente á carestia da vida e ao augmento do preço dos generos, mostrando que os governos devem expropriar as lezirias, onde podiam empregar centenares de braços. Segue-se no uso da palavra o operario manipulador de pão sr. Henrique da Silva que declara que de aqui a 8 dias não haverá pão em Lisboa. Já hoje, ás 8 da manhã, não havia pão nos arredores do local onde se realisa o comicio. E não se diga que a culpa é dos manipuladores de pão ou dos vendedores, mas sim dos altos poderes.

Em seguida o sr. presidente apresenta a seguinte moção:

«Considerando que a carestia da vida é um vasto problema que tem as suas causas basicas na organisação da presente sociedade e a aggraval-o a falta de tino administrativo, que ha longos annos tem presidido aos destinos do paiz, não lhe aproveitando as suas riquezas naturaes nem animando o desenvolvimento industrial, pelo que a industria nacional se encontra na sua grande maioria dependente do estrangeiro; considerando, porém, que no actual momento a carestia da vida assume um caracter de extrema gravidade pela excessiva exorbitancia de preços dos principaes generos de alimentação; considerando que de tão dolorosa hora os açambarcadores e especuladores se aproveitam para satisfação dos seus apetites gananciosos, provocando a escassez dos generos e consequentemente a elevação dos seus preços; considerando que de tão infames manejos resulta o povo não poder satisfazer as suas necessidades, com a aggravante de existir uma grande crise de trabalho; considerando que aos governos e aos municipios compete zelar pelo bem-estar publico, procurando-lhe evitar, o mais possivel, as suas difficuldades derivadas, ou antes, elevadas pela desgraçada hora que a humanidade atravessa; o povo de Lisboa, reunido em comicio publico, resolve:

Reclamar do governo as mais severas medidas de repressão para os açambarcadores e especuladores dos generos de subsistencias e de necessidade publica, a rigorosa execução do decreto que prohibe a exportação de generos alimenticios e ainda uma mais efficaz vigilancia na fronteira para evitar o contrabando de artigos de utilidade publica e bem assim a abertura de trabalhos publicos para conjurar a crise de trabalho, devendo ter em attenção os de interesse nacional, como especialmente as estradas; reclamar que sejam promulgadas medidas urgentes, de fórma aos municipios instituirem armazens de viveres, que deverão ser comprados directamente aos productores e vendidos ao publico com uma pequenissima percentagem; que a exemplo do que se tem feito em outras nações, os senhorios não possam despedir os inquilinos por falta de pagamento da renda da casa; que não tomando o governo em consideração estas reclamações, a União Operaria Nacional, de accordo com todos os agrupamentos de caracter economico do paiz, promova a mais energica propaganda no sentido do povo fazer prevalecer a justiça de todas as suas reclamações».

Na mesma ordem de idéas falam ainda os operarios srs. Sousa Neves, João Caldeira, Jeronymo de Souza, Antonio Pereira, Carlos Mello, Sebastião Eugenio e outros. O operario Jeronymo de Souza apresentou uma moção na qual pede que o povo de Lisboa reclame do governo a soltura dos operarios José Gonçalves Tormenta, Silverio Marques e Joaquim Francisco que se encontram presos por causa dos acontecimentos politicos. São tambem lidas moções de protesto das Associações de Classe dos Caixeiros e dos Fundidores de Metaes, e bem assim a adhesão ao comicio dos presos Arthur Baptista, Vieira Bastos, Arthur Brandão de Souza, Guilherme Cannas Pereira e Antonio Esteves Estradas, que se encontram no Limoeiro como implicados no assassinio do marchante Porphirio José Rego. Todas as moções foram approvadas, terminando o

O indulto de Leandro Gonzalez

será publicado por estes dias no «Diario do Governo»

Confirma-se inteiramente a noticia que publicámos ha poucos dias sobre o indulto de Leandro Gonzalez. O governo vae mandar para os jornaes uma nota official explicando que tal indulto é concedido em virtude de um compromisso tomado com o ministro da Hespanha em Lisboa durante o gabinete da presidencia do sr. dr. Bernardino Machado, fixando a data em que esse compromisso se tomou.

Já dissemos que todo o nosso desejo consiste em que a questão se esclareça por completo, para que as responsabilidades caibam a quem de direito, não se illudindo a opinião publica com affirmações menos verdadeiras. Uma responsabilidade terá este governo: a de praticar o *facto* da concessão do indulto. Veremos que compromissos estavam tomados com a Hespanha, se alguns existiam, e a que esses compromissos obrigavam.

O decreto do indulto será publicado por estes dias no *Diario do Governo*.

O que foi o incendio da Magdalena

Vem a proposito recordar o que foi a pavorosa tragedia da Magdalena. segundo a narraram os jornaes da epocha. Eis um fidelissimo resumo do caso, que impressionou profundamente todo o paiz.

Pelas duas horas e dez minutos da madrugada de 10 de abril de 1907 rebentava com extraordinaria violencia o incendio no predio da rua da Magdalena, que fazia esquina com a rua de Santa Justa, no primeiro andar do qual, do lado esquerdo, estava installado um armazem de sedas de Antonio Fernandez. Fôra no armazem que o incendio se manifestára, com tal furia que fez ir pelos ares as janellas, dando logar a julgar-se que uma explosão de gaz o provocára.

N'uma instantaneidade de pesadello, as extensas flammulas de fogo, irrompendo das janellas escavacadas, trepavam pelas paredes lambendo as janellas dos andares superiores por entre turbilhões de fumo espesso e negro, pavorosas espiraes por onde sabia a morte. Poucos minutos bastaram, dois ou trez, para que as labaredas sinistras, já informes, mas phantasticamente infernaes, invadissem as janellas, emquanto incessantes turbilhões de fumo, percursores da chamma devoradora, se apossavam da escada enchendo-a, impedindo o seu accesso.

Correndo semi nus pelas varandas, assomando ás janellas por entre o vermelho das chammas e o negro dos rolos de fumo, os locatarios, velhos, mulheres e creanças, choravam desolados, ou uivavam no desespero da dôr, na raiva da impotencia reconhecida de salvarem os seus esquecidos já da salvação propria.

Allucinada, n'um accesso de loucura, para fugir á tortura das chammas que a abraçavam teimosas, mordendo-lhe as carnes infantis, uma menina de 14 annos tenta fugir do 5.º andar para o predio do lado, mas cae desamparadamente, encontrando na queda a lanterna de um candieiro que despedaça, e vindo estatelar inerte sobre os basaltos da calçada, o corpo branco, de fórmas inda indecisas, em que escorrencias avermelhadas de massa escephalica fazem um contraste macabro com a elegancia das suas linhas efebicas Arrastada pelo exemplo, ensandecida pelo pavor, uma outra, de 13 annos, precipita-se do 4.º andar para a rua morrendo instantaneamente. São as duas primeiras victimas.

Um pequenito, louro, nu como um cherubim fugido d'uma tela sagrada, estende na varanda do 3.º andar as mãositas, balbuciando preces, na ancia de um soccorro que não vem. Um bombeiro destemido trepa por uma escada Magyrus: a multidão segue-o attenta com a vista, mordida pela angustia. Quando chegado ao 3.º andar ia deitar a mão á creança, a morte, que parecia ter estado a divertir-se com ella, não deixa a présa, e o pequenito desapparece na fornalha immensa que o engole. Fora inutil a dedicação do bombeiro. Uma mulher morre de pavor, tão forte é a commoção que o horrivel quadro lhe desperta.

Mas a catastrophe assume proporções d'uma phantasia infernal. Os vigamentos comidos pelo fogo cedem, e o telhado precipita-se sobre os andares que, cedendo, por sua vez veem ruir com ensurdecedor estrondo sobre o vasto brazeiro a que o predio ficara reduzido, fazendo subir aos ares, como n'uma peça de pirotechnia grandiosa, um enorme repuxo de faúlhas d'ouro, illuminando a cidade inteira por entre a treva d'aquella sinistra madrugada.

Ao amanhecer só as paredes restavam de pé, e essas mesmo ameaçando ruina, resguardando o enorme brazido, onde, apoz o rescaldo, foram encontrados os cadaveres de onze victimas, carvões informes, nauseantes, pavorosos, alguns ainda com pedaços de roupas adherentes aos corpos carbonisados. Sobre os ferros contorcidos d'um leito encontrou-se o cadaver de uma mulher enlaçando dois cadaveres de creanças; a mãe que lhes dera a vida não quiz deixal-as entrar sós na morte.

Quatorze foram as victimas que perderam a vida na horrorosa catastrophe: Julia do Nascimento Duarte e Maria da Conceição Ramos, proprietarias da casa d'hospedes installada no 2.º andar; uma velha de nome Emilia, madrinha d'uma d'ellas; Louis Philippe Franc, professor de francez, hospedado em casa das anteriores; Maria José Morgado, Alice das Dôres Simões, Salomão Bassan, sua mulher e dois filhos; um afilhado de Maria Eduarda Pereira; Joanna Neves da Costa e Ezilberta Pinheiro, as duas raparigas que cahiram á rua; e Anna de Jesus Machado, que morreu de susto.

Infantaria 5

Não foi içada hoje a bandeira no quartel de infantaria 5 por causa de um desarranjo na adriça. Pedemos para plublicar essa informação por o caso se poder prestar a quaesquer commentarios menos exactos.

SPORT

Tolstoi foi um homem de sports

Quando o velho conde Tolstoi, o famoso russo de barba branca de patriarcha e olhar em cuja expressão havia qualquer coisa de estranho de um mundo differente e mais perfeito, morreu, discutiu-se a sua personalidade e causou estranheza que os seus compatriotas o indicassem como athleta. Agora, que a noticia de que Pierre Loti fez um dia de «clown» n'uma companhia de circo do artista Frediani causou certo escandalo, não deixa de ter opportunidade dizer que Tolstoi foi um hercules de clubs, um gimnasta nos seus tempos e um pedestrianista na sua velhice.

Aquelle homem, que flagelou todas as injustiças e crueldades humanas; esse velho, que foi apostolo da bondade e da fraternidade dos povos, attingiu avançada edade e foi sempre muito robusto.

E' que esse homem, cuja mentalidade era assombrosa, não descurou nunca os exercicios phisicos e tinha por elles decidida predilecção.

Era raro o dia em que Tolstoi deixava de pegar n'uma enxada, cavando a terra. Fazia este exercicio methodicamente, porque o considerava extremamente benefico. Andava em bicicletle e são conhecidas muitas photographias d'elle, montado nos pequenos cavallos da Russia oriental.

Mas o sport que mais o attrahia era a natação. Conta-se que um dia, conversando com um dos seus intimos, com gravidade, sobre a immortalidade da alma e achando-se junto da margem de um rio, Tolstoi despiu-se rapidamente, deu um bello salto para a agua, bastante profunda n'aquelle sitio, nadando vigorosamente durante alguns minutos. Voltou então para a margem e vestiu-se, continuando, serenamente, o dialogo interrompido.

***

Nota do dia

Um jantar de confraternisação?

N'um bilhete postal perguntam-nos qual será a nossa opinião sobre a ideia de se organisar um grande banquete, que, n'um impulso de bella camaradagem, vá harmonisar dissidencias, desfazer attrictos e congraçar tudo e todos.

Essa pergunta é identica á que nos fez um amigo, que é influente no Sport Lisboa e Bemfica, em conversa animada cujo thema era o de analisar a vida que atravessam os clubs lisbonenses.

Ao nosso leitor que nos escreve respondemos o mesmo que áquelle amigo:—«A ideia é bonita, mas não nos interessa directamente. Se é confraternisação de clubs, somos a ella completamente estranhos, porque não somos de qualquer club. Se é de confraternisação sportiva, devemos limitar-nos a noticiar o facto, porque queremos permanecer alheios a questões antigas e *camisades* de hoje, vendo abraçar aquelles que hontem se malqueriam e odiavam».

E' que... somos pessimistas, qualidade que nos *crearam* a difficuldade de fazer durante quinze annos a propaganda do *sport* e o conhecimento das centenas de pessoas com as quaes convivemos. No *sport*, como succede em outros ramos da vida social portugueza, todas as confraternisações são obra de um momento, ephemeras, passageiras, sem um fim e proposito uteis...

E lembra-nos, falando d'este assumpto, um grande banquete, que foi uma bella e animadissima festa, ha trez annos, em 2 de janeiro, no qual compareceram representantes de todos os clubs, grupos, jornalismo e federações. O banquete foi promovido por um semanario illustrado, que se fez representar por todos os seus redactores. A redacção e especialmente o director foram alvo dos mais calorosos applausos, foram brindados, foram saudados, foram considerados os mais honestos e os mais activos propagandistas! E algumas semanas depois os mesmos que fizeram taes brindes gritavam pelos cafés, horrores d'aquelles jornalistas...

Foi assim e será assim sempre! ..

***

Algumas anecdotas

Ganharam porque eram homens de mais de 240 kilos de peso

O jornal de Londres, The Weeckly Dispatch, *annunciou ha trez annos um grande concurso, que seria disputado na capital ingleza. Tratava-se d'um concurso de pesos, onde os verdadeiros athletas não teriam entrada. Na prova verdadeiramente original promovida pelo jornal sportivo de Londres não se tratava de exercicios de força, mas unicamente de provar, sobre uma balança, que o concorrente pesava mais do que os outros. E, a despeito da opinião geralmente espalhada de que os inglezes são sempre magros, mais de cem concorrentes se apresentaram.*

O primeiro premio foi concedido a Lowall, de Bierley Hill, que demonstrou pesar a bagatelia de 245 kgs. O segundo premio coube ao celebre entraineur de box, Jolly Jumbo, conhecido em todos os meios sportivos por ter treinado uma das maiores celebridades do box, Tommy Burns.

Jolly Jumbo, que é um homem jovial e bem disposto, contou a um reporter francez as desgraças da sua extrema gordura:

«Felizmente, dizia Jumbo, os homens gordos são as mais alegres creaturas do mundo. Se assim não fôsse, a nossa desgraça seria um desespero, e os suicidios dos homens gordos succeder-se-hiam de maneira assustadora.

«Ora veja! Por exemplo, eu nunca na minha vida encontrei um alfaiate que me não fizesse pagar um preço quasi dobrado pelos fatos que mando fazer! Não me posso metter em carros electricos, e difficilmente consigo fazer transportar-me em caminho de ferro, levantando sempre, claro está, os gritos de protesto e as imprecações dos meus companheiros de viagem.

«No theatro, desde que uma vez toda uma sala indignada se levantou contra mim para me expulsar, tenho sempre o cuidado de tomar dois logares. Sobre as duas cadeiras que me pertencem tenho que mandar collocar uma taboa para me poder sentar. E, ainda assim, calcula-se facilmente que os espectadores que ficam por detraz de mim se insurjam contra esta innovação ainda mais desagradavel que a dos grandes chapéus das senhoras.»

Jolly Jumbo contou, ainda durante muito tempo, varias historias e anecdotas de que se poderia fazer um romance intitulado: Aventuras e desgraças d'um homem gordo.

Perguntado se um homem o atacasse a socco o que faria, respondeu:

—Sabia defender-me porque Tommy Burns me ensinou, mas tinha um processo mais facil de arrazar o inimigo: Deixava-me cahir sobre elle. Os meus 230 kilos e a minha estatura encarregavam-se de esmagar o atrevido!...

***

Noticias

Entre nós

A festa na Amadora

Foi um encanto a festa que hontem se realisou no Salão dos Recreios Desportivos da Amadora. O sarau decorreu animado e o baile manteve-se vivo e concorrido até ás 6 da manhã de hoje. Foi tambem a festa mais elegante e mais *chic* que tem havido na progressiva terra dos arredores. Brilhava a assistencia feminina pelo numero de pessoas e pelo luxo das *toilettes*. Na assistencia masculina predominavam os socios correspondentes dos Recreios Desportivos, que são os socios effectivos dos clubs lisbonenses de *sport*.

A assistencia felicitou os srs. Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia, elogiando-os pela iniciativa e foi lembrando que todos veriam, de bom grado, a repetição d'uma festa n'aquelle genero.

Campeonato de pesos

O robustissimo athleta portuguez Francisco Padinha projecta levantar, no proximo campeonato de pesos e alteres, mais de 105 ao *devéloppé* com dois braços, 130 kilos ao *jeté* com dois braços e 80 kilos n'um braço.

Reabertura do Velodromo

A empreza do Stadium de Lisboa consente que os inscriptos nas corridas de reabertura do Velodromo, marcados para o proximo domingo, treinem durante a proxima semana, de tarde e de noite.

Os allemães constituem um ministerio na Belgica

Amsterdam, 11 de março

Os allemães organisaram na Belgica um governo de funccionarios com todas as engrenagens d'um ministerio completo.

Eis a sua composição: governador geral em Bruxellas, o barão von Bissing; justiça, Blum, procurador imperial de Francfort; finanças, Poshkammer, do conselho superior de finanças; cultos e instrucção, Trimborn, deputado por Colonia; commercio e industria, Liessenhoff, do conselho superior de minas; beneficencia e protecção á infancia (!), Schauer; agricultura, Kauffmann Landral; obras publicas, Degener.

Os conquistadores, prevendo já que um dia ou outro sejam forçados a retirar, decidiram, ao que consta, que, sendo necessario, a séde do governo seja transferida para Liége, onde então o barão von Bissing se installará no palacio provincial.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—O Fado—Lei San—A serenata das flores.
NACIONAL—Não ha espectaculo.
POLITEAMA—Não ha espectaculo.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—O commissario de policia.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO—Opera: Rigoletto.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Recita da moda—Companhia equestre.

Agenda da semana

A'MANHÃ—S. Carlos—Recita de Henrique Alves—*O fado, Lei San* e *A serenata das flores.*

QUARTA-FEIRA—Apollo—Reprise do *Fado e maxixe.*

SEXTA-FEIRA—S. Carlos—Recita de Angela Pinto—*A aventureira.*

Gimnasio—Primeira representação da comedia *4028—Lx.*

Ao correr da penna

Faz ámanhã cinco annos que morreu João Rosa. Tão vivaz está ainda na saudade de nós todos a memoria d'esse comediante, que era o mais completo dos gentlemen, que o recordar a sua morte põe immediatamente de pé ante os nossos olhos a figura do creador de tantas personagens celebres do nosso theatro. Morrêra para o theatro antes que a sua doença lhe perdoasse e o deixasse descançar; mas, ao vêl-o assistir, n'uma frisa do então D. Amelia, a todas as primeiras representações, ao vêl-o cercado dos seus amigos, auctores e collegas, tinhamos sempre a impressão de que elle qualquer dia tornaria a pisar o palco que guardava o vestigio glorioso dos seus passos. Não se confirmou essa esperança e João Rosa morreu. Com elle desappareceu a mais brilhante personificação d'uma epoca do theatro portuguez que marca na nossa historia theatral. Poucos restam d'esse grupo notavel que constituiu a mais brilhante companhia de comediantes que os nossos olhos viram, artistas apaixonados da sua arte, estudiosos e disciplinados.

O anniversario da morte de João Rosa traz-nos, com a saudade pessoal que o tabellião da «Triste Viuvinha» inspira a todos que o conheceram e amaram, a magoa de comparar o tempo de hoje com esse tempo d'outr'ora.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A Sociedade Artistica do Gimnasio tencionava realisar na proxima quinta feira uma homenagem á memoria de Gervasio Lobato, contando com a presença dos auctores dramatidos mais em evidencia e com uma conferencia sobre a obra do illustre comediographo. Circumstancias estranhas á vontade dos promotores d'essa festa forçam a adiar a premeditada homenagem.

● A mesma Sociedade mantem a data de sexta feira, 19, para a primeira representação da comedia *4028 Lx.* O actor Alegrim, por motivos de saude, cedeu o seu papel ao actor Joaquim Almada, que será substituido pelo actor Palma no papel que lhe estava distribuido.

● O actor Jorge Gentil desempenha, na *reprise* do *Fado e Maxixe* os papeis de *Conselheiro Accacio, Papae Brazil* e *Enjoado*.

● A peça em um acto *Amor de marinheiro*, original de D. Branca da Silveira e Silva, volta á scena, no theatro do Gimnasio em 19 do corrente devendo representar-se juntamente com a comedia *4:028—L. x.* nas quatro primeiras recitas d'esta obra. Até lá representar-se-ha o *Commissario de policia.*

● Entre as peças que fazem parte do reportorio da *tournée* Carlos de Oliveira contam-se o *Ladrão*, de Bornstein, e uma comedia intitulada *O laço verde.*

● Vae entrar em ensaios de recordação, no theatro de S. Carlos, a peça de D. João da Camara *Os velhos*, em que Eduardo Brazão, Chaby Pinheiro, Ferreira da Silva e Lucinda Simões conservarão os papeis que já desempenharam.

Entre os outros interpretes de *Os velhos* contam-se as actrizes Barbara Wolkart, Jesuina Saraiva e Luz Velloso e o actor Pinto Costa.

Ouvimos que a *reprise* da linda peça regional de D. João da Camara é destinada á festa artistica de Chaby Pinheiro.

● A comedia em trez actos, de Paul Gavault, *A sopa no mel*, representada, esta epocha, no theatro do Gimnasio, faz parte do reportorio da companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo, que a representará no Brazil.

Aura Abranches vae desempenhar o papel creado em Lisboa pela actriz Alda Aguiar; Adelina Abranches o que foi creado por Maria Mattos; Alexandre de Azevedo o de Mendonça de Carvalho; Sacramento o de Mario Duarte e Ferreira de Souza o de João Lopes.

A sopa no mel deve ser a segunda peça a subir á scena no Rio de Janeiro.

● A companhia Adelina Abranches-Azevedo, que se despede hoje no theatro Politeama parte para o Rio de Janeiro na proxima terça feira.

Circos & Music-halls

Não teem paridade os trabalhos

Ha centenas de pessoas que discutem o valor dos dois melhores numeros da actual companhia do Coliseu—os 25 persas e familia Frediani. Qual será mais valioso? E, discutindo, querem procurar pontos de contacto entre um e outro trabalho. Ora, sem querer desmerecer dos conhecimentos technicos dos que tal discutem, acreditamos que, n'esse momento, documentam ausencia d'esses conhecimentos. E' que os trabalhos são differentes. Os persas são saltadores, equilibristas de perchas, *acrobatas «icarios.» Os Frediani são acrobatas equestres e tambem acrobatas de tapete, mas com exercicios e equilibrios de força. O valor do numero dos 25 persas, que é extraordinario, reside no conjuncto, na movimentação, na* mise-en scene *e na originalidade dos exercicios das perchas. O valor do numero dos Frediani reside no facto de executarem sobre um cavallo a galope o que é muito difficil executar sobre um tapete...*

Avançamos mais. Quem procura pontos de contacto entre os dois numeros pode tambem encontral-os entre os Frediani e Beby and Glads, entre estes e Michel and Sandro!... A verdade é que se parecem, mas são muito differentes...

Noticias

Entre nós

Nas sessões de hoje do theatro da rua dos Condes apresentam-se as bailarinas Angelina Maldonado e Las Malagueñitas e as cantoras Carla Cenami e Stellina.

—Para hoje á noite no Coliseu venderam se todos os bilhetes de cadeira e de geral. Para amanhã, para a recita da moda, em que se realisam trez estreias magnificas, a do *polo* a cavallo, a de *L'Homme sans peur* e os chinezes fleugmaticos, havia apenas, hoje á tarde, dois camarotes de 1.ª ordem e 27 fauteuils!

—Os duettistas Berignardis que vão estreiar-se, no Salão Foz, já sairam de Londres em direcção a Lisboa.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.
COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Falta de illuminação e de policia

Os moradores da rua Rodrigues Sampaio escrevem-nos dizendo que ali não ha luz, que os roubos se succedem e que a policia brilha sempre pela sua ausencia. A continuação da rua desde a de Barata Salgueiro até á de Manuel de Jesus Coelho está por terminar ha que tempos. A calçada, pessimamente empedrada, faz com que a agua das chuvas ali fique extagnada, vendo-se montões de pedras por todos os lados. A' noite, não ha luz, e quando se accende o unico candeeiro que ali existe, parece estar-se n'uma aldeia illuminada a azeite.

Tal é o estado em que se encontra uma das mais bellas arterias do centro da cidade e para o qual se reclamam promptas e energicas medidas.

Movimento maritimo

Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.).	15
Brazil e R. da Prata «Araguaya» (L.)..	16
Pará e Manaus, «Antony» (Liverpool)	16
Vigo e Liverpool, «Avon» (Brazil)......	17
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	18
R. Jan. e R. Prata, «Demerara» (Liv.).	18

que a paz está para sempre assegurada». A situação não mudou desde então...»

Não foi o embaixador allemão, o sr. de Schœn, quem pediu os seus passaportes em 1914?

Continuemos, porém, a transcripção do discurso do chanceller:

«Mas a força da opinião augmentou nos nossos dias e quanto mais democraticas são as instituições maior importancia teem as minorias nos periodos de paixão. Ora a França julga-se hoje, se não superior á Allemanha, pelo menos egual, mercê da excellencia do seu exercito. Na illusão que tem, a França ganhou já a guerra.

«Em taes condições, e sendo um facto a alliança franco-russa, é preciso que a Allemanha augmente os seus effectivos, não porque queira a guerra, mas «porque quer a paz» (isto nas vesperas de se propôr á Italia a aggressão da Servia) e porque, em caso de guerra, quer vencer».

O chanceller accrescentou ainda: «Se o projecto fôr approvado, estaremos preparados, e bem preparados».

Com effeito, o esforço pedido ao povo allemão, para um objectivo desde então perfeitamente determinado, era o seguinte:

Pela lei votada a 30 de junho de 1913, o effectivo do exercito elevava-se a 661:000 soldados, 110:000 officiaes inferiores, 32:000 officiaes, 15:000 voluntarios, 38:000 empregados nos serviços auxiliares, ou seja um total de 856:000 homens, mas que, na realidade, no 1.° de abril de 1914 se elevava a 880:000. Não ha uma unica circumstancia, na historia, em que os chefes de uma nação lhe tenham imposto taes sacrificios. Evidentemente, sabia-se que não seriam duradouros; o voto d'essa lei de reforço era, no pensar dos chefes, «a guerra immediata».

As novas organisações—18 batalhões nos 18 regimentos a 2 batalhões, 18 companhias de metralhadoras nos 18 batalhões de caçadores, 16 secções de metralhadoras nas fortalezas, 6 esquadrões de cavallaria na Prussia e 4 esquadrões na Baviera, 3 regimentos de artilharia a pé e um batalhão, 11 batalhões de sapadores, 9 secções de projectores —revelavam o caracter estrategico e tactico que ia ser dado á proxima guerra: preparava-se uma guerra de posições: os canhões de grosso calibre, em seguida as metralhadoras, devem ter um papel preponderante; nos combates nocturnos, os projectores revelarão a presença do inimigo e permittirão despejar sobre elle um chuveiro de projectis.

Ao mesmo tempo, pelo reforço dos effectivos de todas as unidades existentes, a lei de 1913 põe a descoberto, por assim dizer, o plano de campanha do estado maior general. E' preciso quebrar a força de resistencia da França antes da Russia ter podido entrar em acção e ameaçar as fronteiras orientaes.

O general belga Leman, heroico defensor de Liége

Para conseguir esse fim, accelera-se a passagem proxima do estado de paz ao de guerra, augmentando o exercito activo, comprando, para a artilharia, os 26:000 cavallos

CAPITULO V

A politica dos armamentos

Se pudesse haver duvidas ácêrca do desejo que a Allemanha tinha de se tornar um dia senhora dos destinos do mundo, se o programma da «Weltpolitik» não fôsse sufficiente, se as doutrinas dos senhores do pensamento allemão não parecessem sufficientemente demonstrativas, bastaria um facto para nos convencer de tal: a politica dos armamentos, seguida methodicamente durante longos annos, no meio d'uma paz profunda e que parecia poder prolongar-se por muito tempo ainda.

N'esse terreno, a Allemanha foi sempre na deanteira, estimulou incessantemente o zelo dos seus alliados e arrastou, como era fatal, o mundo na sua esteira. Impoz-se sacrificios enormes, submettendo-se a todas as exigencias, para estar sempre preparada e poder escolher o momento propicio. Em terra e no mar, lançava-se n'esse caminho com uma rapidez vertiginosa, resolvida a não se deixar distanciar por ninguem.

Emquanto as outras potencias, a Inglaterra, a França, a Russia, tinham periodos de affrouxamento e se arriscavam até a comprometter a sua segurança deixando-se embalar pelo estribilho da romanza pacifista, a Allemanha fechava resolutamente os ouvidos. O militarismo não era apenas uma these de cathedra, de imprensa ou de tribuna, mas sim um systema activo e real, mettendo uma nação que augmentava dia a dia n'um circulo cada vez mais apertado.

«Um povo unido, um exercito forte, poderoso, firmemente guiado e animado por uma confiança sem reservas», tal era o programma traçado pelo general conde de Schlieffen, chefe do grande estado maior general. O imperador falava incessantemente na «espada sempre afiada». E se se perguntava aos estadistas a razão d'esses armamentos, o chanceller respondia com palavras sybilinas: «São necessarios para alcançar o fim que a Allemanha se propõe. A prosperidade da Allemanha, durante a paz, depende da sua preparação para a guerra».

Arrancar, pelo temor, vantagens aos rivaes, preparar cuidadosamente o golpe decisivo, ferir sem hesitação quando tudo estivesse preparado, tal foi, na realidade, o projecto que se tratou de realisar. De todas as vezes que havia occasião para isso, a diplomacia invocava como argumento supremo a espada e obtinha sempre algumas vantagens, devido ás apprehensões que a força do exercito allemão causava no universo.

Todos os esforços se concentravam na preparação do exercito activo, o destinado a dar, sendo preciso, o golpe fulminante.

«O exercito allemão—dizia o general Heeringen, ministro da guerra—deve estar preparado a fazer frente ao inimigo em qualquer momento.

Guilherme Augusto Alves Reis

FALLECEU

Marianna Carlota Alves Reis, Margarida Carlota Alves Reis, Arthur Virgilio Alves Reis, Alvaro Ezequiel Alves Reis, Angelina Vilela Alves Reis, Eugenio José Alves Reis, sua esposa Maria Albertina Macedo Reis e filhos, João Luiz Alves Reis, sua esposa, Julia Soares Reis e filhos, Virginia Alice Alves Reis, e seu esposo Antonio Pedroso Joaquim Vilela Alves, Guiomar Vilela Alves de Sousa e seu esposo, Estevão José de Sousa, Rita Vilela Alves Luiza Vilela Alves, Margarida Vilela Alves Cordeiro e Feliciano José dos Reis, sua esposa Josephina Maria dos Reis e filhos, Bento Marcolino dos Reis, Francisco de Paula dos Reis, suas filhas e genro e Carlota Conceição Reis cumprem o doloroso dever de communicar aos seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de seu querido e mui chorado marido, pae, filho, irmão, cunhado, sobrinho e genro, cujo funeral se realisa amanhã, 15 do corrente, pelas 16 horas, para o cemiterio oriental.

Devido ao estado de consternação em que se encontra a familia, não se fazem convites especiaes.

sem se contar com a incorporação dos recrutas».

E o ministro da marinha, o almirante von Tirpitz, que os pangermanistas collocavam á frente como chefe do movimento, accrescentava, ainda em termos mais claros, no Reichstag: «Todo o povo deve considerar que as hostilidades se declararão provavelmente de improvisto. E' logo no principio da guerra que se darão as operações decisivas».

Vamos citar numeros, que mostrarão os incessantes esforços empregados pelo imperio para o desenvolvimento do exercito activo.

Em 1874 a Allemanha contava no seu exercito activo 469 batalhões de infantaria, 300 baterias e 465 esquadrões. A lei de 15 de julho de 1890 elevou esses effectivos a 538 batalhões, 434 baterias e 465 esquadrões. Em 1905, um novo augmento se dá: 633 batalhões, 574 baterias e 510 esquadrões.

A força do exercito allemão é assim augmentada de 401.000 a 487.000 homens, não comprehendendo officiaes inferiores, depois a 505.839.

Em 1911, um novo augmento de 2,8 por cento, principalmente para reforçar a artilharia. Estão promptos a partir ao primeiro signal 634 batalhões, 592 baterias e 510 esquadrões.

A lei de 1911 previa um augmento de 11.000 homens; creava 114 companhias de metralhadoras, 18 baterias de campanha, 8 batalhões d'artilharia a pé. Aproveitando a experiencia colhida na guerra da Mandchuria, tendia a reforçar a artilharia de grosso calibre e salientava o facto de que «o poder dos meios de ataque e de defeza ia dar um caracter de guerra de sitio á futura campanha».

Sapadores, caminhos de ferro, aerosteiros, telegraphistas, automobilistas, comboios de municiamentos, tudo era augmentado.

Chegava-se assim aos seguintes effectivos: 515.000 soldados, 71.000 officiaes inferiores, 14.000 voluntarios d'um anno, 6.000 empregados ou operarios militares, devendo formar, em 1915, um exercito activo de 626.000 homens.

O artigo addicional da lei de 1912 tendia a «preparar solidamente, em tempo de paz, os corpos do primeiro choque destinados a produzir o esforço maximo nas batalhas iniciaes».

Essa lei dotava os regimentos da fronteira com um terceiro batalhão, reforçava o effectivo com 123 batalhões e 11 baterias, accrescentava aos 626.000 homens, previstos em 1911, 29.000 soldados, 5.000 officiaes inferiores e 3.000 officiaes. Com os 40.000 officiaes e funccionarios militares, o exercito activo elevava-se a 700.000 homens.

Entremos em alguns pormenores: O numero de corpos d'exercito era elevado a 25, sendo 21 prussianos, 3 bavaros e a guarda. As tropas de cobertura era augmentadas com 2 batalhões de 9 companhias de metralhadoras, 4 baterias de campanha, 2 baterias d'artilharia a pé, um esquadrão de cavallaria e 2 secções de projectores.

Em Metz e em Strasburgo organisavam-se centros d'aviação em 26 destacamentos.

Finalmente, para preparar e aperfeiçoar a organisação da segunda linha eram creadas d'uma só vez 22 inspecções da landwehr. O numero de batalhões era superior em 99 aos francezes.

Em summa, de 1905 a 1914, o exercito allemão contava, no 1.º d'outubro de 1912, 651 batalhões d'infantaria, 516 esquadrões de cavallaria, 213 companhias de metralhadoras, 633 baterias de campanha a 6 peças, 48 batalhões d'artilharia a pé, uma artilharia de grosso calibre, um augmento de 24 por cento, 33 batalhões de engenharia, 18 batalhões de tropas de communicação.

Poder-se-hia crêr que semelhante esforço era o ultimo. A Allemanha, com o seu alliado certo, a Austria-Hungria, podia luctar contra a coalisão eventual da Russia e da França. Se a sua politica fôsse apenas defensiva, ter-se-hia conservado socegada. A sua armada, incessantemente augmentada, protegia as suas

costas e o seu commercio: bastava-lhe deixar o tempo e a sua natalidade crescente trabalharem em seu favor.

Mas foi a occasião que escolheu de subito para dar um salto prodigioso no caminho dos armamentos e na via perigosa que a conduz ao maximo do esforço e do risco.

O militarismo formulára um novo principio: «Todo o allemão deve ser soldado». O chanceller Bethmann-Hollweg, docil instrumento nas mãos do partido, formula-o assim, n'uma declaração feita á Sociedade Nacional d'Agricultura: «O povo allemão quer que todos os que podem ser soldados, o sejam na realidade».

Para realisar, pelo menos em grande parte, semelhante programma, era preciso muito dinheiro: um imposto excepcional, incidindo sobre os rendimentos e a fortuna, forneceu-o.

Os soberanos confederados, a nobreza, a burguezia liberal e catholica, os proprios socialistas sujeitaram-se ao sacrificio.

O projecto de lei previa 4.000 officiaes a mais dos numeros que tinham sido fixados pela lei de 1912, 15.000 officiaes inferiores, 117.000 soldados—ou 126.000 com os 9 por cento previstos pelo excedente dos calculos orçamentaes.

Apresentado em 7 d'abril de 1913, foi discutido no dia 28 d'esse mez pela commissão do orçamento. No dia 30 era approvado por unanimidade dos partidos burguezes e votado a 30 de junho. Devia começar a ser posto em pratica em outubro.

As causas politicas d'essa nova lei, cujo caracter d'urgencia lhe dava um aspecto impressionante, quasi aterrador, resumem-se em poucas palavras: augmento de poder immediato para a Allemanha, por consequencia, previsão d'uma guerra proxima. De resto, um facto sabido pelas revelações feitas pelo estadista Giolitti na camara dos deputados italiana basta para tudo explicar: «desde agosto» de 1913 a Allemanha sondava a Italia a fim de saber se esta potencia consideraria um ataque immediato contra a Suissa como um «casus fœderis». Havia, por consequencia, uma vontade de aggressão perfeitamente consciente e nitidamente determinada.

Agitavam-se simultaneamente os dois espectros: o da expansão slava e o da desforra franceza. Um artigo da «Gazeta de Colonia», de 10 de março, sobre a «França que perturba a paz», era destinado a excitar a opinião publiac allemã, anciosa em presença de taes sacrificios.

Depois de o ter inspirado, o chanceller desmentiu-o, mas o golpe fôra vibrado.

Toda a imprensa allemã seguia o exemplo da «Gazeta de Colonia», incriminando ora os visinhos de oeste, ora os de leste.

A 8 de março, a «Germania» dissera: «Trata-se de saber se os allemães desejam que a Austria-Hungria seja ameaçada na sua existencia ou mesmo desappareça para maior proveito dos slavos: tal é a questão «essencial» que n'este momento se apresenta na politica externa; todas as outras são secundarias».

A «Gazeta de Colonia» respondeu immediatamente: «Em qualquer canto do mundo onde rebente um incendio, o que é certo e seguro é que teremos de cruzar o ferro com os francezes».

Tendo assim aplanado o caminho, o chanceller, ao defender a lei no Reichstag, a 7 d'abril, recorreu ao mesmo processo de affirmações incisivas e de restricções mentaes que estavam em uso na polemica allemã. Citámos já a passagem do discurso que sobresaltou toda a Europa e que era uma verdadeira declaração de guerra dirigida a essas «correntes panslavistas» de que Bismarck já se queixava e que foram poderosamente reforçadas pelas «victorias dos slavos nos Balkans...»

Voltando-se para leste, é a mesma fórma de incriminar as suppostas tendencias de opinião, ao mesmo tempo que reconhece as disposições pacificas dos governos: «As nossas relações com os francezes são boas. No seu discurso de 11 de junho de 1887, Bismarck dizia: «Se os francezes estão resolvidos a esperar que os ataquemos, temos a certeza de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1655 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 15 de Março de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Compromisso de sangue

Segundo uma nota officiosa que os jornaes publicam, vae ser dado o indulto a Leandro Gonzalez. Diz essa nota officiosa que se trata de satisfazer um pedido do sr. ministro da Hespanha, pedido em que se invoca um compromisso tomado por um governo anterior. Como se expressou esse compromisso? Por uma promessa verbal? Até agora, tudo induz a crêl-o. Não importa. Como diz a *Republica* de hoje, o que se sabe é que o governo deliberou pagar uma divida que encontrou em aberto, e da qual era caução a honra nacional. Paga-se. Custa, mas paga-se. Está bem. O resto é uma discriminação de responsabilidades que não affecta a essencia d'este facto.

Mas se o governo se mostra tão zeloso em effectivar esse compromisso, não podemos deixar de reconhecer que não é esse o unico que sobre elle pesa. Ha outros compromissos, e de gravidade maior. O paiz conhece-os. Um de elles é um compromisso de sangue. Impende sobre todos os governos de Portugal. Trata-se de uma questão de honra nacional, trata-se do prestigio do nosso exercito, trata-se da nossa soberania patria. O compromisso a que nos referimos é o que resulta do morticinio dos nossos soldados em Angola, praticado pelas tropas da Allemanha, que invadiram o nosso territorio e massacraram os seus defensores.

Esse compromisso é sagrado. O governo apressa-se, embora manifestando o desgosto com que o faz, a satisfazer o que se referia ao indulto d'um incendiario. Solicitamente satisfez o pedido de uma nação estrangeira, ainda que saiba quanto isso choca o sentimento do nosso povo, despertado por um crime cujo horror revive pela sua simples recordação. O governo executa esse compromisso. Quanto mais fervorosamente se impõe ao seu espirito o dever iniludivel de desaffrontar a bandeira nacional, de não desattender ao sangue dos mortos que cahiram honrando a Patria e a Republica!

Precisamente ao pé das noticias do indulto do Leandro, que vae ser concedido emquanto perante os nossos olhos entristecidos perpassa a visão dos infelizes carbonisados no incendio da Magdalena, lêem-se as notas das baixas soffridas em Africa, que os allemães traiçoeiramente invadiram. São 85 os mortos, e em numero tambem de bastantes dezenas os feridos, os prisioneiros, os desapparecidos. Nenhuma reparação ainda recebemos d'essa invasão brutal. Para todos os governos d'este paiz se levanta o compromisso sagrado de a tomar. Que pensa o governo a este respeito? Que tem feito? Que tenciona fazer?

O estrangeiro lhe dá o exemplo. Ha um paiz estranho que não descançou emquanto não obteve o indulto d'um dos seus filhos, apesar de o saber condemnado por um crime execrando. Os soldados portuguezes que os allemães mataram não eram criminosos! Eram nobres defensores da Patria; eram heroes. Não estão cobertos de infamia; estão cobertos de gloria. Que pensa o governo fazer para effectivar o compromisso tacito de toda a nação, a fim de desaggravar a nossa bandeira, de affirmar a nossa soberania em Angola e de reparar a aggressão de que resultou a morte d'esses bravos filhos de Portugal? Que diligencias empregou para saber qual o destino dos desapparecidos e para recuperar os prisioneiros, diligencias e esforços que constituem um dever imperiosissimo, egualmente imposto pela dignidade do paiz?

Da effectivação d'esse compromisso não é menor caução a honra nacional do que o é da promessa d'um ministro, relativamente ao indulto d'um criminoso. A *Republica* de hoje diz, acerca d'essa promessa, que é preciso pagar uma divida. Pague-se tambem a divida de sangue. Pague-se essa divida sagrada para que se não diga que nos são indifferentes as affrontas á nossa bandeira, os golpes vibrados ao nosso exercito, o soffrimento e a morte dos nossos soldados que, nas colonias, só pensam em defender a Patria e em honrar a Republica.

Poeira da Arcada

... E ainda hontem encontrámos um bom portuguez que, depois de nos significar a sua magoa de republicano pela maneira como o actual governo respeita os principios que constituem a base do regimen, disse um pouco mais ou menos o seguinte:

—«A Republica só vive pelo esforço, a dedicação, o civismo e o enthusiasmo do povo. Collocar entre aquelle e este um muro de separação é crear um estado de duvida ou de desconfiança, propicio quer a desanimos quer á violencias. A democracia deixa de ser um facto de consciencia collectiva, tornando-se uma phrase aberta para os ruins propositos dos que põem acima de tudo as suas ambições de mando e de oppressão.»

***

Os soldados portuguezes que, no sul de Angola, se bateram com os allemães, sacrificaram-se resolutos pela Patria. O dever levou-os a uma prova em que, jogando a vida, conservando-a ou perdendo-a com honra, conquistaram o seu direito ao reconhecimento e á admiração de nós todos. Embora seja triste dizel-o, ha quem encare, com um tal ou qual desdem, a bella lição de patriotismo dos nossos bravos. E porquê? Vivemos n'um tempo de tão ferozes paixões que é cada vez mais difficil conciliar todos os portuguezes, mesmo quando os interesses superiores da raça correm perigo.

***

O homem que o é verdadeiramente, assume sempre a responsabilidade das suas acções, boas ou más. Não engeita nenhuma, a fim de que se não diga que, na sua existencia, houve fraquezas irremediaveis que o obrigam a tapar o rosto com as mãos, para as não vêr. Quem se envergonha de si mesmo, fornece aos outros um excellente pretexto para lhe voltarem as costas. Porque é que, n'esta hora baça e irresoluta, tantos portuguezes illustres tratam de se irresponsabilisar por actos que um bocadinho de coragem lhes mandaria avocar como seus?

***

O Leandro vae sahir da Penitenciaria, internando-se depois nas terras de Hespanha. Desengasga-se assim das goelas do presidio. Se a justiça fosse uma das leis imanentes do Universo, as victimas da Magdalena deviam pelo menos resuscitar.

Tal não acontecerá, porque o crime tem os pulsos mais rijos que a lei que o pune.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

A GUERRA NO AR

Sobre as linhas de fogo...

O aviador Sallés, no intervallo entre dois reconhecimentos, escreve as suas impressões de batalha para o nosso jornal

Alexandre Sallés, que depois de alguns vôos audaciosos a bordo do monoplano «Amadora» tanta popularidade adquiriu entre nós, é actualmente chefe de esquadrilha nos serviços francezes de aviação. Das linhas de fogo, sobre as quaes diariamente voa no seu magnifico «Farman», communica-nos o simpatico rapaz as suas impressões de guerra, expressamente escriptas para A Capital. *Traduzimol-as em seguida, conservando-lhe o pittoresco ar de simplicidade que Sallés imprimiu ao original francez.*

Desde madrugada o observador que o chefe de esquadrilha designou para determinado serviço aereo explica minuciosamente ao piloto o objectivo a attingir, a região a reconhecer, o itinerario a percorrer. Ambos curvados sobre a carta, estudam e combinam, ao passo que dois mechanicos inspeccionam todos os pormenores do apparelho, enchem os reservatorios de gazolina e de oleo e procedem ao ultimo exame do motor.

No momento propicio, um ajudante faz girar a helice; o piloto verifica trez ou quatro vezes, de ouvido attento, que as explosões dentro dos cilindros se succedam com regularidade. Depois, a um gesto seu, os ajudantes affastam-se e o avião precipita-se para a frente, rola alguns metros sobre o terreno descolla-se, começa a voar.

Emquanto sobem, o observador trata de se installar tranquillamente. Tem tempo para isso, porque para approximar-se das linhas inimigas é preciso ganhar altura. Voar a menos de 1.800 metros é um perigo de morte quasi certa, a altitude media é de 2.000 metros, e nem assim o aeroplano se pode considerar ao abrigo dos canhões especiaes.

Sóbe-se rapidamente até 1:000 metros. D'ahi em deante, o ar, mais rarefeito, vae lentamente retardando a ascenção; o apparelho descreve enormes espiraes sobre o campo e em cada volta são alguns metros mais que se approxima da altitude de regimen, os dois kilometros que precisa para approximar-se das linhas inimigas. Mas não é só a rarefação do ar que se oppõe á sua rapida subida. Por vezes, o motor trabalha mal sem se saber bem porquê. O vento obriga-o a mergulhar, envolvem-n'o as nuvens, a bruma esconde a terra. Mas de novo o motor recomeça a girar no seu rithmo habitual e o ceu apparece claro. Consulta-se o altimetro: 1:800 metros. Magnifico.

Então o piloto, depois de consultar com um gesto o observador, aprôa na direcção do inimigo. Como é mesquinha a humanidade vista do alto, a mais de um kilometro nos ares! A região apparece perfeitamente plana, sem o menor accidente visivel de terreno, como uma campina immensa sulcada de estradas e de caminhos. No meio d'esta complicada rede de communicações, apparecem aldeias. Os bosques não passam de manchasitas sombrias. E' precisa uma experiencia grande e uma attenção constante para que não se perca a orientação.

Cheio de anciedade, o observador inclina-se no espaço para não perder o menor detalhe e consulta a carta a cada instante. Alli está a vanguarda inimiga. A planicie apparece estratificada de trincheiras, nas quaes se agita um povo de formigas pardas. Mal se vê: é preciso quasi adivinhal-o. Pega-se então no binoculo, mas o vento e as vibrações do apparelho difficultam o seu uso mais do que se imagina.

Lá estão as baterias inimigas, faceis de reconhecer pelos abrigos especiaes que as protegem. E' preciso notar-lhes cuidadosamente a situação: estas informações são preciosas para os artilheiros francezes. Mais além, na aldeia proxima, um parque de viaturas; sobre a via ferrea rola um comboio na direcção de oeste, e outro, e atraz outro ainda.

Aqui e alli, a campina apparece cheia de nuvensitas brancas. São *shrapnells* que rebentam—é a batalha que se fere dois kilometros abaixo de nós. Não se ouve o estampido dos canhões, porque o ruido do motor domina tudo e ensurdece-nos, mas o silvo das balas que passam junto de nós indica que nos estão alvejando. E' um silvo particular. Sente-se, no ouvido, como uma chicotada brusca.

Pairamos agora sobre uma cidade occupada por allemães. Lá está a cathedral, a caserna, a estação do caminho de ferro.

E' um ponto estrategico importante. Uma base de operações, que se torna necessario attingir.

O observador tem ordem de destruir os armazens de munições ou as vias de communicação. Na sua fronte, oscillam trez bombas de terrivel effeito... O instante é solemne. Empunha uma d'ellas, destrava-a, suspende-a fóra da borda, prestes a largal-a. Mas é preciso evitar que ella vá destruir qualquer d'essas lindas habitações francezas que rodeiam a estação. O observador troveja as suas indicações ao ouvido do piloto, segreda-lhe, em voz de stentor, qual é o alvo que deseja. O avião, docil aos commandos, dá uma grande volta, dirige-se para o zenith da gare, emquanto de olho attento na mira o observador espera o instante favoravel.

Com a mão direita vae guiando o piloto, da esquerda, estendida para fóra, suspende-se a machina explosiva. De repente abre os dedos e a bomba parte, rodopia um pouco no espaço e segue o seu caminho. A principio, os olhos seguem-na facilmente. Depois perde-se de vista, mas fixando bem o ponto visado, durante muito tempo, durante uma eternidade, vê-se um enorme penacho branco marcar o sitio onde explodiu. Essa eternidade dura 25 segundos, para uma altura de dois mil metros.

Então volta-se ao mesmo ponto, para examinar os effeitos. Que enorme satisfação quando, atravez do binoculo, se distingue lá em baixo a confusão de homens e cavallos que fogem para todos os lados, no auge do terror!

Restam duas bombas: o emprego é semelhante. Terminou a tarefa. Vamos regressar quando no horisonte se distingue um ponto negro maculando o espaço. E' um avião inimigo, e, mal o reconhece, o observador prepara-se para uma nova lucta. Vae entrar em scena a carabina ou a metralhadora. Mas d'esta vez o ataque é mais difficil, porque o *Aviatik* ou o *Taube* foge á nossa approximação.

Por vezes, ao iniciar o vôo de regresso, tem-se a desagradavel surpreza de constatar que o motor falha, a intervallos. E' a *panne*: terrivel inimiga quando se paira a 2:000 metros acima dos allemães. Entretanto, se as linhas francezas não ficam longe, consegue-se, em geral, chegar são e salvo ao ponto de partida, e espera-se com serenidade que nos toque novamente a vez de recomeçar...

Alexandre Sallés.

GENTE MORTA

Manuel Penteado

Quantos se terão lembrado do pobre Manuel, ao vêr reapparecer hoje o seu nome n'um cartaz de theatro? Talvez uma escassa duzia de amigos, fieis á sua memoria, ao recordar a sua figura devem ter sentido no coração uma grande saudade. A nova geração não o conheceu e não lhe conhece a obra dispersa, que, apoz a sua morte, alguns intimos pensaram reunir, sem conseguirem, por motivos varios, realisar o seu piedoso designio.

Nos seus ultimos annos da Escola Medica, Manuel Penteado fazia parte de um grupo com Dantas, Augusto Pina, Leal da Camara, Luiz Galhardo, Chaby, Santos Tavares, Oscar da Silva e alguns mais, grupo que deu brado, nos cafés e nas caixas de theatro, pela sua alegria, pelo seu espirito e pela sua mocidade. Então a bohemia era intelligente e artista. Por vezes reuniam-se ao grupo Fialho, D. João da Camara e outros consagrados da época. Aggregavam-se figuras episodicas e cada tarde, cada noite eram marcadas por um incidente cheio sempre d'imprevisto, d'onde a graça e o riso jorravam ás catadupas e de que sempre ficava uma anecdota para contar. Ainda hoje ellas se recordam e para os bohemios da época, todos gravemente instalados na vida, quarentões já polvilhados de cabellos brancos e carregados de responsabilidades de varia especie, Manuel Penteado não poderá ser nunca um esquecido.

***

Era o tempo em que elle publicava, em collaboração com Julio Dantas, *Os doentes*, em que, com o futuro auctor da *Ceia dos Cardeaes*, elle traduzia sobre o canto das mezas do Leão de Ouro o *Cyrano de Bergerac*, que Christiano e Lucinda iam representar, gastando uma fortuna no fausto da enscenação, em que, com Luiz Galhardo elle escrevia as facecias das *Aguas de S. Chrispim* e traduzia o *Lebonnard*. Era o tempo em que Eduardo da Fonseca ensaiava a scena da taberna do *Kean* em pleno café Suisso, em que Leal da Camara rabiscava, a occultas da policia, a *Corja* e a *Marselheza* e Fialho, Gualdino e Marcellino eram os oraculos do velho Martinho. Era o tempo em que a roda artistica se apertava confraternalmente, em que havia irreverencia intelligente na critica e enthusiasmo sincero no applauso, em que se davam pateadas formidaveis em D. Maria e se improvisavam gazetas litterarias todos os quinze dias. Era ha dezoito, ha quinze annos... Parece que ha seculos, tão frisante é o contraste entre os nucleos de outr'ora e os cenaculos de hoje, dessórados e sem interesse, sem alegria e sem ideal.

Manuel Penteado estava destinado pelo seu muito talento, pela finura subtil do seu espirito e do seu gosto, a vir a ser um grande escriptor da sua terra. Teria sido principalmente um grande humorista, na bella e nobre accepção da palavra. Vejam-se algumas das suas chronicas do *Jornal do Commercio* e lembrar-nos-hemos de Anatole France.

Sobrevieram, então, acontecimentos intimos e uma gravissima doença, a que o matou mais tarde, apoz uma agonia de largos e dolorosos annos. O Manuel, como medico que era, descreu da cura e certos excessos, em que persistiu, davam-nos, a nós, que o estimavamos como irmãos, a impressão de que elle pretendia abreviar o seu tormento moral e physico.

***

Fui seu intimo companheiro durante os ultimos annos da sua vida. Reduzira a sua actividade litteraria ás chronicas do seu jornal, trechos de uma encantadora prosa que não assignava e, por uma leitura intensa e escolhida, o seu espirito attingira uma rara cultura mental. Era d'uma ironia profundamente cruel para os mediocres pretenciosos, sendo, no seu fundo intimo, d'uma grande bondade. Resignára-se a contemplar a Vida e aquellas longas tardes que passavamos ambos por detrez de uma vidraça do Café da Gare, vendo passar a multidão, o que elle chamava o seu animatographo, eram uma imagem real da sua existencia. Com o seu sorriso amargo, a sua voz roufenha e triste, a meudo sacudida por intermina-veis frouxos de tosse, com o seu olhar agudo por cima das lunetas, o pobre Manuel falava das pessoas e dos factos sempre com infinita graça e, por vezes, com uma franqueza, em que muitos queriam vêr a maldade d'um falhado, mas onde aquelles que conheciam bem o valor do seu lucidissimo espirito, não podiam reconhecer senão o exercicio d'um privilegio da sua superioridade.

Ao cahir de um inverno, o Manuel ficou em casa, retido na cama, vencido por uma febre lenta e continua. Acabaram as nossas tardes de cavaco por detraz das vidraças dos cafés, aquelles passeios, Avenida acima, em que tanta vez tivemos por companheiro Fialho, nas salladas que fazia de Cuba á cidade. O fino estilista, que concebera o *Lei Sam*, essa tragedia de biombo, hoje ressuscitada, ficou a consumir-se dentro do seu quarto, fumando constantemente os seus cigarros inseparaveis e rodeado pelos seus livros. José Queiroz, que lhe queria deveras, Augusto Pina e eu fomos os companheiros da sua agonia e foi quasi nos nossos braços que elle morreu.

No seu enterro juntaram-se os amigos do bom tempo, os das noitadas cheias de alegria e da bohemia doirada de mil sonhos. Perante o seu caixão ficaram perplexos. Era a mocidade de todos que com o Manuel se enterrava.

Quizemos reunir os papeis do morto. Malheiro Dias scismava n'uma edição prefaciada por varios e illustrada por Pina. Era quasi impossivel colligir a obra esparsa d'aquelle que poderia ter honrado nobremente as lettras da sua terra e cujo espirito se dispersou com as forças do seu corpo, em arrancos breves e n'uma lenta agonia de concentração. Desistiu-se da idéa e o Manuel esqueceu para o grande publico. Eu, que recordo tanta vez o pobre amigo desapparecido, quiz lembral-o, hoje que o seu nome reapparece pelas esquinas e que ao lêl-o, tanta gente terá dito comsigo:—«Quem será?».

André Brun

MANEJOS DE FRADES

A egreja hespanhola

A installar-se, será um pretexto para o regresso de congreganistas e nunca a satisfação de uma necessidade espiritual da colonia

O caso do estabelecimento d'uma egreja hespanhola em Lisboa—onde tantos templos se veem ás moscas porque nem portuguezes nem hespanhoes as enchem—está preoccupando os que no projecto, cuja realisação se diz imminente, creem descobrir o proposito de reinstallar entre nós, á sombra d'uma bandeira amiga, os membros de qualquer corporação monastica banida do territorio da Republica em virtude do cumprimento de leis que a monarchia deixára cahir em desuso.

Já aqui versámos por varias vezes o assumpto, provando com argumentos irrespondiveis que nenhuma razão de peso se pode invocar que justifique a fundação de tal egreja. Quizemos, porém, ouvir o auctorisado parecer da pessoa que tem seguido attentamente o caso e, como lhe perguntassemos se a colonia influiria porventura no sentido da sua solução conforme os desejos dos frades, respondeu-nos sem hesitar um momento:

—A numerosissima colonia hespanhola de Lisboa, exemplarmente laboriosa e correcta, adaptada á vida nacional por forma a irmanar-se e a confundir-se com a nossa população, nunca foi beata. Os seus membros que praticam a religião catholica utilisaram-se sempre das egrejas portuguezas e dos serviços do clero a cujo cargo ellas se encontram. São muitos, são poucos os catholicos militantes hespanhoes que residem em Lisboa? Ignoro-o. Apenas sei que nunca deram nas vistas por excessos de devoção e que nunca patrocinaram, como seria natural se fossem fanaticos, a introducção em Portugal das ordens e congregações religiosas que tanto abundam na sua patria. E algumas bem procuraram metter-se cá. Os carmelistas, por exemplo. Buscaram a protecção da rainha D. Amelia, mas não conseguiram obtel-a. Apenas os padres mariannos, da congregação fundada por Claret, o confessor de Izabel II, por ahi andavam tendo varios poisadouros, os mais importantes dos quaes eram em Aldeia da Ponte e em Lisboa, na travessa das Mercês. Mas esses fradinhos ou para melhor dizer esses fradalhões, porque eram creaturas alentadas as que viviam na referida travessa, estavam longe de merecer qualquer interesse da parte da colonia. A sua capella tinha um numero muitissimo restricto de frequentadores... A bandeira hespanhola apenas tremulou nas janellas da fradesca residencia quando o gabinete Teixeira de Sousa resolveu fazer cumprir as leis contra as congregações.

Exeptuados esses religiosos, nenhuns outros por cá havia a coberto dos leões de Castella. Os de Aldeia da Ponte, com succursal em Lisboa, allegaram á ultima hora a qualidade de capellães da legação. Nunca até ali os representantes da Hespanha haviam tido capellães nem capella propria, comquanto catholicos praticantes quasi todos elles. Mas o marquez de Villalobar, um diplomata ultra-conservador e que aproveitou os minimos ensejos de mostrar a sua animadversão pelo novo regimen, dispensou-lhes todo o seu patrocinio. Não logrou obstar a que fossem corridos os padres, mas immediatamente metteu hombros á empreza de os reintroduzir, mercê da invenção da egreja privativa annexa a uma associação de assistencia e de beneficencia da colonia. Como se sabe, o marquez de Villalobar, mais realista que Affonso XIII, esforçou-se constantemente por aggremiar a colonia sob o patronato real o algo conseguiu...

As necessidades espirituaes da colonia dispensaram sempre, na vigencia do regimen monarchico, o concurso do clero hespanhol secular ou regular. Na vigencia do regimen republicano, esse concurso não é menos dispensavel, pois que os hespanhoes deparam no clero portuguez e nas egrejas portuguezas acolhimento identico ao que lhes reservavam antes. E o que antigamente se podia ter estabelecido sem atropello da lei só poderá levar-se agora a cabo com seu absoluto menospreso.

O que se quer—não tenha illusões a esse respeito!—é favorecer o regresso da fradaria. O que se quer, sem duvida alguma, é crear um novo centro de defesa e propaganda congreganista, sob a egide do escudo de uma nação estrangeira. Não se encontram os salesianos n'essas condições? E os dominicanos? E os lazaristas? E' certo que estes já aqui estavam havia muitos annos e para elles se allegou o famoso *statu quo ante*, embora os salesianos, de mais recente data, nem sequer ainda houvessem edificado a sua egreja, quando a Republica poz em vigor as leis de Aguiar. Mas tinham casa propria e um grande estabelecimento de ensino popular. Ora nada d'isso acontecia com os padres hespanhoes que pretendem para cá voltar...

—E', pois, indubitavel que sem transgressão manifesta da lei se não póde fundar uma egreja catholica em Lisboa, nas condições em que se encontram, por exemplo, o Corpo Santo e S. Luiz rei de França?

—Indubitavel. Os sacerdotes estrangeiros ou naturalisados portuguezes apenas podem tomar parte em actos de culto mediante um consentimento especial da auctoridade administrativa. De semelhante disposição da lei—que não discuto n'este momento—exceptuam-se os ministros que ao abrigo de convenções internacionaes ou de usos antiquissimos referidos a uma situação de reciprocidade tomarem parte em cerimonias cultuaes dentro dos templos pertencentes a estrangeiros e já existentes no territorio nacional. Mas a excepção concedeu-se, sem embargo do governo poder tomar todas as medidas necessarias para que d'esse facto não resultasse infracção ás leis vigentes nem desrespeito pelas instituições e auctoridades da Republica. O regimen do *statu quo ante* definiu-se n'um *modus vivendi* que consta de notas diplomaticas trocadas com as differentes legações interessadas, entre as quaes não figura, que eu saiba, a Hespanha.

E o nosso entrevistado conclue:

—Que ninguem se illuda. A ideia da egreja hespanhola em Lisboa é um capricho de frades ao serviço dos quaes se teem posto grandes influencias. Torna-se, preciso, pois, estar álerta...

O almirante Jellicoe

Assignado por Milés, publicou o *Correspondant* um trabalho muito completo ácerca do almirante Jellicoe, a quem a Inglaterra confiou a imensa responsabilidade do commando da sua armada:

Embarcado em 1881 no *Azincourt*, em breve recebia o baptismo de fogo, tomando parte no bombardeamento de Alexandria em julho de 1882. Quando, após o bombardeamento e occupação da cidade, foi resolvido organisar uma forte columna expedicionaria sob as ordens de sir Garnel Wolselley para atacar o Cairo e operar contra Arabi Pachá, a esquadra forneceu uma brigada naval, e o tenente Jellicoe teve a sorte de ser designado para fazer parte da expedição e bater-se em Tel-el-Kebir.

Por uma curiosa coincidencia, os dois homens que hoje dirigem os destinos dos exercitos e das esquadras do imperio britannico fizeram a sua primeira campanha n'esta expedição; o tenente Kitchener, do corpo de engenheiros, e o tenente Jellicoe, da marinha real, ouviram juntos troar pela primeira vez o canhão.

Não quer isto dizer que então travassem conhecimento e entrassem em intimas relações; nem mesmo se falaram porque nem um nem outro são das pessoas mais communicativas.

A seguir, reconstitue o articulista a brilhante carreira do almirante da grande esquadra em interessantes episodios, descrevendo as trez circumstancias em que sir John Jellicoe de maneira providencial escapou á morte.

Um retrato que Milés faz do valente marinheiro:

«De estatura abaixo de mediana, magro, irrequieto, de feições accentuadas e energicas que seriam de desagradavel dureza se um relampago de malicia lhe não chispasse frequentemente nos olhos d'um pardo metallico e se as comisuras dos seus labios delgados não accusassem uma accentuada tendencia humoristica, o almirante justifica a sua alcunha de «Silent Jack» (O silencioso). Com effeito pertence ao genero dos grandes silenciosos. Como todos os chefes populares na marinha, tem ainda mais alcunhas; Jellicoe é «Hall Fiwe Jack» (fogo infernal), o «Little Admiral» (O almirantinho), e o «Dreadnought Jack» (O sem pavor).

Outro pormenor interessante: Sir John Jellicoe exerceu um commando por occasião da expedição dos Boxers; no regresso foi agraciado pelo imperador da Allemanha, que o tinha em alta consideração, com a condecoração da Aguia Vermelha.

E' de esperar que esta consideração augmente ainda com a derrota irremediavel da esquadra allemã».

Folhetim d'A CAPITAL 15-3-1915

Quem vê caras...

No domingo ultimo, depois de ter almoçado a minha *omelette* e a chavenasinha de café com leite, resolvi dar um passeio, aproveitar o lindo sol que Deus tão generosamente nos empresta, mostrando-nol-o lá muito do alto para nos livrar da tentação de o irmos vender ou de nos servirmos d'elle como caução de algum emprestimo, n'uma epocha em que as libras estão a sete escudos e pico cada.

Como tristezas não pagam dividas,—se pagassem muitas lagrimas teria eu já feito chorar aos meus crédores!—animei-me a ir flanar por essas avenidas. Ao chegar á Rotunda encontrei-me com o major Freitas.

—Então, onde é que você vae?—perguntou-me o major.

—Tomar o meu banho de sol.

—Venha d'ahi até ao Jardim Zoologico.

—Está dito—concordei eu.

Momentos depois, tomavamos o electrico de Bemfica e dirigiamo-nos para as Laranjeiras.

—Calha bem esta vinda ao Jardim. Quero que você conheça a Catharina.

—Já a conheço, ha muito tempo.

—De onde?—inquiriu o major.

—Ora essa? De a vêr no Zoologico.

—Já lhe foi apresentado?

—Se o major quer ter a bondade de fazer a apresentação...

—Mas, com muito prazer—replicou o Freitas, com uma naturalidade desconcertante.

O Freitas não é homem dado a gracejos e, confesso, fiquei um pouco intrigado quando elle, momentos depois, me declarou:

—Pois não sabia que conhecia a Catharina. Muito simpathica, não acha?

—Um bello exemplar.

—Um bello exemplar?—interrogou o Freitas.

—Se lhe parece! Quanto calcula o meu amigo que possa valer uma macaca d'aquella raça; com aquella corpolencia?

—Que me diz?!

—Milhares de escudos. Pois então?

—Mas a que Catharina se refere o meu amigo?

—A' chipanzé.

—Mas quando eu lhe perguntei se conhecia a Catharina, referia-me á minha mulher. Eu casei civilmente, com a minha governante! Ficámos de nos encontrar hoje no Zoologico. Ella vem cá ter com a irmã, a Genoveva!...

Desfiz-me em desculpas. Rimos do caso e, momentos depois, eu era apresentado á D. Catharina Freitas que, em boa verdade, é ainda mais feia do que a sua homonima.

Tinhamos passado em revista as varias installações do estabelecimento e parámos junto da confortavel residencia do Faustino e respectiva companheira.

Como é sabido, o casal está, actualmente, vivendo na mesma gaiola, após uma longa separação forçada, de alguns mezes. A direcção do Zoologico tem feito todo o possivel para conseguir a reconciliação d'aquelle par malavindo, mas, é mais do que certo, não o conseguirá. E' que existem poderosos motivos para aquella desunião.

Ha já muito tempo, mais de um anno certamente, visitei eu o Jardim Zoologico e entretive-me a observar os famosos chipanzés. Era n'um dia de semana e de pouca concorrencia. Nunca me esquecerei de que, ao meu lado, um cadete da Escola do Exercito e a sua namorada, sob o olhar vigilante de uma velhota—com cara de sogra do official—prestavam a maior attenção ao que se passava a dentro das grades da gaiola.

—Como são felizes!—murmurava a joven.

—E' verdade—concordava o cadete revirando os olhos.

—Sempre juntos, unidos, sem terem de pensar no dia de amanhã...

—E elle sem ter de aturar o coronel, sem risco de ser transferido de regimento, sem sogra!...

—Como eu a invejo—disse ainda a joven.—Basta-lhe o saber que o marido não a deixa nunca, nem sequer tem de sahir á noite!

Ora, precisamente o que justificava a inveja d'esse par de noivos apaixonados foi o que mais tarde havia de produzir a desharmonia do invejado casal. Se não, vejamos.

Eu havia notado já, que a Catharina era caprichosa, *coquette*, malcreada mesmo. Fôra o caso que, uma vez, após qualquer discussão sem maior importancia, o Faustino, n'um bom intuito de reconciliação, havia pegado n'um rabanete e, depois de o ter lavado na pia da agua, veiu offerecel-o a Catharina. Tanto bastou para que ella virasse as costas ao Faustino e se fosse postar, amuada, ao canto da gaiola. Então elle, prudentemente, affastou-se e foi deitar-se, de costas, sobre um cobertor, com um dedo no nariz, n'uma attitude de quem pensa:

—E se eu lhe désse dois soccos?

Não me restava já a menor duvida. A partir d'esse momento a paz era impossivel n'aquelle *ménage*. Por culpa do Faustino? Não.

O Faustino é um animal ponderado, pouco expansivo talvez, mas dotado de um grande bom senso. Elle nunca quiz saber da politica, n'uma terra onde basta ser macacão para alcançar uma situação de destaque. Conhecedor, como poucos, das coisas da nossa Africa, elle nunca teve a justa pretenção de acceitar a pasta das colonias nem, ao menos, se inscreveu socio da Sociedade de Geographia. Nunca deu um centavo para a subscripção dos aeroplanos, se bem que soubesse que isto é uma terra de aviadores onde até a politica só serve para subir, para que cada qual, como bom aviador, se *avie* a si e aos amigos; uma terra onde de ha muito se resolveu o problema do *mais pesado do que o ar*, onde tudo sóbe: o agio, o pão, as batatas e as contribuições. Ora, bastaria o que deixo dito para demonstrar que o Faustino é um cavalheiro respeitavel e ponderado. A que attribuir, pois, as desavenças d'aquelle lar? Só a Catharina é a culpada.

A Catharina é—como toda a femea que se presa—invejosa e garrida. Não tardou que n'ella germinasse a ambição do luxo. Ella não podia conformar-se ao ver que, da banda de fóra das grades, outras macacas tão feias como ella tinham vestidos da Pilar Matta e chapeus do Mimoso. Ao reparar no seu pello mal cuidado ella invejava as pelliças caras que haviam arrancado a um animal para as irem vender a outro. Foi a maldita ambição da Catharina o que deu causa á discordia n'aquelle lar. Como se isso não bastasse, a vida em commum, sem uma hora de separação, veiu aggravar o caso. E' que a dentro de quatro paredes, dois genios que se não entendem a todo o momento se chocam e se contundem. E lembrar-me eu de que o cadete e a noiva invejavam essa vida de tortura, essa vida que tinha a vedar-lhe todo o ideal da liberdade aquellas grades de ferro, a verdadeira imagem do casamento sem a salvação da porta entreaberta do divorcio!

Não, meu caro cadete. Se casares não deixes habituar tua mulher a ver-te continuamente junto d'ella. O amor vive muito da saudade. Mais ainda: o Faustino não tem sogra e tu—pobre de ti—terás de ir viver com o teu misero soldo e, o que é peor ainda, com a tua misera sogra, para um quarto andar do bairro dos Castellinhos. Não permaneças muito em casa, sahe todas as noites e não recolhas muito cedo. Põe os olhos no Faustino.

Quando eu já vinha a sahir do Jardim, veiu-me á lembrança o bom Savater com as suas theorias, hoje quasi esquecidas, pelas quaes elle, o philosopho, pretendia reconhecer o caracter das pessoas buscando-lhes no rosto, parecenças, traços caracteristicos de certos irracionaes e approriando, para o seu juizo, essa observação. Então eu pensei que, raciocinando pela inversa, chegariamos a resultados muito mais concludentes. Acho muito mais natural que um pavão se pareça com um sujeito enfatuado do que seja o sujeito que se pareça com o pavão. E, se não, digam-me: já repararam n'aquelle camello que, no Jardim Zoologico, transporta as creanças em passeio? Já repararam no seu andar grave, bamboleando as *corcovas*, no seu olhar, que traduz uma grande calma, no seu ar ponderado? Pois diabos me levem se aquelle camello não foi já juiz da Relação.

J. Chagas Roquette

PACIFICANDO..

A questão do trigo

Como os factos demonstram a injustiça de accusações lançadas aos dois governos anteriores

A questão do trigo tem servido de pretexto a uma especulação politica que so comprehenderia da parte dos elementos monarchicos, interessados em deprimir todas as figuras da Republica, mas que não tem facil explicação sahindo das personalidades que se sentam nas cadeiras do poder ou de quaesquer dos seus delegados. O actual governo foi chamado para realisar uma obra de pacificação, e não poderá conseguir esse objectivo desde que se preoccupe demasiadamente em associar-se aos intuitos demolidores que transparecem de certas *campanhas feitas na imprensa*.

Ainda hoje vimos nos jornaes uma «nota officiosa» sobre a questão do trigo na qual apenas se procura attribuir ao governo Bernardino Machado a responsabilidade da actual crise. A verdade é que esse governo, como o sr. Almeida Lima já recordou nas columnas d'*A Capital*, tomou todas as providencias que as circumstancias lhe aconselhavam para que o trigo não faltasse. Não podia ordenar a importação sem saber a quantidade d'aquelle cereal que existia dentro do paiz. Se o fizesse, os mesmos que hoje clamam contra a sua chamada imprevidencia seriam os primeiros a gritar que elle favorecia os interesses da moagem em prejuizo da agricultura nacional. Fez-se o manifesto dos trigos e averiguou-se que a quantidade existente não tornava necessaria uma importação immediata. Porque os agricultores tinham manifestado quantidades superiores ás que possuiam? Mas a culpa então é d'esses agricultores e não do governo.

Do resto, o facto de não apparecer logo á venda o trigo manifestado podia ser apenas um expediente dos açambarcadores, para o venderem por um preço mais elevado do que a tabella official logo que a importação se decretasse. E ainda ha dias, n'uma terra de provincia, se verificou que estava sonegada uma grande quantidade de farinha.

Propositadamente se esquece que o governo Bernardino Machado decretou para a Madeira a importação do trigo absolutamente livre de direitos. Porque é que os moageiros e commerciantes de cereaes não aproveitaram essa facilidade, *se sabiam*, de facto, que não existia no paiz o trigo manifestado? Porque é que devia ser o governo a entidade responsavel d'essa importação?

E' lamentavel que se pretenda fazer politica com um caso de tal gravidade, e mais lamentavel ainda é a circumstancia de o governo parecer associar-se a essa injusta campanha contra as individualidades que o precederam na gerencia dos negocios publicos.

Precisamente porque o trigo manifestado não apparecia á venda foi que o sr. Lima Bastos tomou energicas providencias para evitar a especulação dos açambarcadores. Muito se gritou então contra as suas medidas, dizendo-se que aquelle ministro do fomento pretendia transformar o seu decreto n'uma arma eleitoral, mas esquecia-se que o trigo manifestado não apparecia para o consumo publico, e que era essa a base de quaesquer providencias a adoptar. A situação, para os dois governos que precederam o actual, era esta: se importassem logo o trigo, sob a responsabilidade do Estado, os representantes dos agricultores bradavam que a importação não era urgente, como o demonstrava a chamada feita ao trigo nacional, e que se pretendia ferir a pobre agricultura, só para favorecer a moagem; se o não importassem, os moageiros continuariam clamando contra o Estado.

Recordamo-nos que o sr. Jorge Nunes deputado, foi dos que mais vivamente combateram em artigos da *Lucta* a acção dos srs. Almeida Lima e Lima Bastos na questão do trigo; mas esse mesmo deputado, algumas vezes que a moagem, em epochas anteriores, reclamava a importação como urgente e indispensavel, era dos que combatiam essa medida, com o intuito de defender os interesses da agricultura.

Se já houve até quem attribuisse a culpa da carestia dos generos aos «republicanos odientos e compromettedores»! Abusa-se da credulidade do espirito publico, da sua facilidade em acceitar accusações lançadas aos quatro ventos com um pouco de rhetorica, só para se realisarem propositos de vingança politica e até de exclusivo desforço pessoal. E assim vamos indo, mercê de Deus...

Theatro S. Carlos

Na sexta-feira, realisa-se a festa de Angela Pinto, com *A Aventureira*, peça que pela primeira vez se representa em Portugal, sendo uma das obras primas do theatro francez.

No proximo domingo realisa-se em *matinée*, em S. Carlos, pela primeira vez em Portugal, um unico concerto, a grande banda, ampliada com instrumentos de corda, composta de 90 professores e dirigida pelo illustre maestro Fernandes Fão. Os assignantes dos concertos Blanch teem preferencia aos seus logares, requisitando os bilhetes até ámanhã, terça-feira.

LIVROS NOVOS

"Era uma vez..."

Um livro de contos de Armando Ferreira, edição da Empreza de Publicações Populares, do largo do Intendente. No genero difficil que é o conto, Armando Ferreira revela-se um escriptor habil, cheio de originalidade, por vezes com uma certa ironia caustica, mas escrevendo sempre n'um estilo correcto e sem pornographia, qualidade que muito o recommenda.

Tal é a impressão que nos fica da rapida leitura que do seu livro acabamos de

PELOS TRIBUNAES

Boa-Hora

Por falta de testemunhas de defeza foi hoje adiado para 22 de abril, no 2.º districto criminal, o julgamento de juri em que deviam responder Joaquim Rodrigues Pato, Justino da Silva Roiz Pato, Antonio Paschoal e Alfredo Bernardo accusados os trez primeiros de entrarem por meio de escalamento na quinta da fabrica de moagem em Sacavem de onde levaram differentes machinas e pertences de valor superior a 100 escudos e o ultimo de receptador.

Tambem por falta de jurados foi mais uma vez adiado para 1 de abril o julgamento em audiencia de juri, no 2.º districto criminal, do electricista Joaquim Augusto de Oliveira, que tentou assassinar á facada uma mulher de vida facil na antiga casa de pasto o Militão, da rua 24 de Julho.

Tribunal territorial de guerra

Reuniu hoje o 1.º tribunal territorial de guerra para julgamento do tenente da administração militar sr. Joaquim Carlos Rodrigues de Mello, accusado de, quando exercia as funcções de thesoureiro de infantaria 2, ter desviado do cofre a quantia de 6 contos, crime que confessou, allegando ter perdido essa quantia ao jogo. Como testemunhas de accusação depuzeram os srs. capitão Curado e tenente Sezinando Ribeiro Arthur, sendo em seguida ouvidas as de defeza, srs. drs. Sobral Cid e Azevedo Neves, tenentes Sá da Costa, José Bernardo Pinto da Silva, Pires Cerdeira, Borrego da Silva e Annibal Marcelino, major Pimenta de Castro, depondo ainda, como tendo sido participantes da occorrencia, os srs. tenentes coroneis Augusto Mendonça de Vasconcellos e Falcão dos Santos.

Conselho regional das associações

Reuniu hoje sob a presidencia do sr. dr. Carlos Olavo, no governo civil, comparecendo os vogaes srs. Fernandes, Adão Junior, Oliveira, Sousa, Henriques e Lage, servindo de secretario o amanuense sr. Augusto de Lacerda. Foi distribuido ao vogal Fernandes o processo de expediente em que são reclamantes Augusto Jannario, João José Thomaz e José Pereira Januario e reclamada a Associação de Soccorros Mutuos e Instrucção Alliança Operaria.

Pelo vogal Sousa foi resolvido que o processo em que é reclamante José Ignacio Malheiro e reclamada a Associação de Soccorros Mutuos Alliança Liberal passasse ao contencioso. Pelo vogal Lage foi egualmente resolvido que passasse ao contencioso o processo em que é reclamante Antonio Santa e reclamada a Associação de Soccorros Mutuos Alliança Operaria.

Foram mandados archivar os seguintes processos: Izabel Castilho Barata contra a Associação de Soccorros Mutuos Theophilo Braga; Associações de Soccorros Mutuos Progresso Humanitario, 1.º de Dezembro e Piedense contra a Associação de Soccorros Mutuos Gomes da Silva; Francisco Luiz contra a Associação de Soccorros Mutuos Alliança Nacional; Antonio Joaquim Gonçalves Ramos contra a Associação de Soccorros Mutuos dos Carpinteiros Navaes; Adelino Lopes dos Santos Guerra e outros contra a Associação de Soccorros Mutuos Santo André.

Não tomou conhecimento da reclamação dos proprietarios das pharmacias Cesar e Probidade contra a Associação de Soccorros Mutuos e Instrucção Alliança Operaria por não serem parte legitima para recorrerem para este tribunal. Resolveu-se que fosse intimada a commissão liquidataria da Associação de Soccorros Mutuos José Fontana a apresentar o seu relatorio.

De arbitros avindores

Sob a presidencia do sr. Manuel Pereira Dias, juiz-presidente, sendo arbitros os srs. José Augusto de Oliveira, por parte dos patrões, e Luiz da Conceição Antunes, por parte dos operarios e empregados, e escrivão o sr. Alfredo João Mostardinha, foram apreciadas as seguintes causas:

João Santos contra Jayme Pires, conciliaram-se pela quantia de 18$60; José Augusto da Costa contra Antonio de Brito, idem, por 3$50; José Ramos contra Mario Noronha, idem, por 8$50; Alfredo Carlos Costa contra a firma Theodoro José da Costa, idem, por 11$25; Francisco Dias contra Vicente Salvador, adiada por ter faltado o auctor, apesar de devidamente citado, razão por que foi multado na quantia de 2$00; Francisco José Franco e Augusto Lopes contra Margarida da Conceição Leone, ficou para julgamento; Antonio Pereira da Silva contra Elysa da Costa Pedreira, ficou para vistoria; José Manuel Fabião de Campos contra Francisco de Oliveira Sousa, desistiu o auctor da queixa em audiencia.

Pela instrucção

Curso nocturno

No Centro Dr. Castello Branco Saraiva realisa-se hoje pelas 21 horas uma sessão solemne para inauguração do curso nocturno para adultos d'ambos os sexos, mantido a expensas da Liga Popular contra o analphabetismo. A' sessão preside o sr. dr. Borges Grainha e a aula, regida pela professora sr.ª D. Irene Ernestina Miranda Duarte, funccionará das 20 e meia ás 22 e méia horas em todos os dias uteis, excepto aos sabbados. A matricula continúa ainda aberta na secretaria do Centro.

O concerto de domingo no Politeama

O concerto de domingo será de homenagem a David de Sousa.

Será este o programma para esta festa extraordinaria:

1.ª parte—*Cléopatra* (abertura), Mancinelli, concerto para piano com acompanhamento de orchestra: 1.º Allegro molto moderato, 2.º Adagio. 3.º Allegro moderato, malto el molderato. Quasi presto-Andante maestoso. Solista m.lle Irene Gomes Teixeira.

2.ª parte—Preludio (1.ª audição), Boavida Portugal. Conferencia pelo sr. dr. Cunha e Costa. Simphonia n.º 4, Beethoven. 1.º Adagio-Allegro vivace. 2.º Adagio. 3.º Alegro vivacc. 4.º Allegro mei non troppo.

3.ª parte—*Folha d'Era* (intermezzo) M.lle Vaz Monteiro. *Na fonte dos amores*, (1.ª audição), Ruy Coelho. Preludio, (1.ª audição), Lyccio Soalheiro. *Murmurios da floresta*, (Siegfried), Wagner. *Guendoline*, (abertura), Chabier.

A neutralidade belga

Como, quando e até que ponto foi abandonada em favor da Inglaterra

Segundo um communicado belga, o chanceller do imperio allemão declarou no Reichstag que em 4 de agosto a Allemanha já tinha indicios da falta commettida pelo governo belga, e depois com os documentos encontrados em Bruxellas apurou-se como e quando e até que ponto a Belgica tinha abandonado a sua neutralidade em favor da Inglaterra.

A Belgica justamente orgulhosa das suas tradições de honra e correcção entende não deixar passar, sem a merecida censura, a campanha feita contra a sua honra por um chanceller que parece ter, na verdade, elevado a mentira a estado de instituição.

A justificação da Belgica, bastante extensa e com provas criteriosas e irrefutaveis, termina pelas seguintes declarações:

1.º—Antes da declaração da guerra nenhuma força franceza, por minima que fosse, penetrou na Belgica; não ha testemunho honrado que possa contradizer esta affirmação:

2.º—O governo belga não sómente não declinou nunca um offerecimento de tropas feito por uma das potencias fiadoras, mas até desde o começo da guerra solicitou energicamente o protesto militar dos seus fiadores.

3.º—A Belgica, assumindo, conforme o seu dever, a defeza vigorosa das suas praças fortes, solicitou e agradeceu com gratidão os concursos que os fiadores da sua neutralidade puzeram á sua disposição para esta defeza. A Belgica, victima da sua rectidão, não curva a cabeça deante de ninguem. Na hora em que se fizer justiça, não duvida que o triumpho pertencerá áquelles que teem sacrificado tudo para servir com consciencia a causa da verdade, do direito e da honra.—(*Informação official recebida pela legação da Belgica.*)

A questão das subsistencias

O povo de Lamego oppõe-se á sahida da batata—Farinha e assucares

Em Lamego, o povo amotinou-se, tocando os sinos a rebate, a fim de impedir a sahida da batata, exigindo que os commerciantes vendessem o genero, ali, por preço inferior ao que pediam.

Uma commissão de commerciantes de farinhas de Silves, Portimão e Tavira, composta dos srs. João Antonio Mendes, Antonio Joaquim Louçã, Joaquim de Sousa Fava, José Candido Guerreiro e Antonio do Carmo Provisorio, acompanhados pelo advogado sr. dr. João Victorino Mealho, chegou hoje a Lisboa e procurou o sr. ministro do fomento a fim de sollicitar que não sejam obrigados ao pagamento do imposto de $06 em cada kilo de farinha que tinham em deposito á data de 5 do corrente. Foram acompanhados junto do ministro pelo sr. coronel Silveira.

Tambem o governador civil de Portalegre acompanhou uma commissão de moageiros junto do sr. dr. Nunes da Ponte, para tratar de assumptos relativos á questão das farinhas. Finalmente, sobre a questão dos assucares conferenciou com esse ministro o sr. João Catela de Miranda.

Pelos serviços prestados por occasião dos ultimos acontecimentos na questão do pão, foram louvados e premiados pecuniariamente pela maneira como se portaram na repressão d'esses movimentos o chefe Gomes, o cabo 144 e varios guardas.

A cultual de S. Vicente

Hontem, as auctoridades administrativas do 1.º bairro juntamente com o prior de S. Vicente, rev. Esteves, e a mesa da irmandade do Santissimo procederam ao exame á casa das pratas, verificando nada faltar ficando assim encerrado officialmente o auto de posse. Dos objectos que primeiramente se dizia terem sido sonegados, apenas se confirma o desapparecimento da cera, da corôa da Senhora da Conceição, que por signal era de lata, do braço de prata com a reliquia de S. Vicente e de varias peças do gazometro, bem como de toda a canalisação do gaz.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

União dos Empregados no commercio

As commissões de vigilancia percorreram hontem diversas areas, encontrando transgressões que deliberaram enviar para o tribunal. Tambem vão officiar á camara municipal, chamando a sua attenção para a fórma como são passadas as licenças, pois estabelecimentos ha com artigos differentes d'aquelles para que foi passada a respectiva licença.

Sindicato Ferro-Viario

O pessoal das officinas reune ámanhã, ás 20 horas, para tomar conhecimento dos trabalhos da commissão sobre o novo regulamento das officinas.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 1/4	35 1/8
Londres, 90 d/v. .	35 1/2	—
Paris, cheque. . . .	$80,5	$80,9
Allemanha, cheque	$80	$31
Hollanda, cheque .	$56	$57
Madrid, cheque . .	1$39,5	1$40,5
New York	1$40,5	1$41,5
Rio s/Londres. . . .	13	—
Libras.	7$10	7$15
Agio do ouro	52 °/o	57 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$		—
» » 500$	39,55	—
» » 100$	39,65	—

Certificadas de 50$, 40,50 0/0.

Externas: 1.ª serie, 70$70.

Acções: Ultramarino, 101$; Aguas, 89$ Moagem (Nova) 69$10; Phosphoros, coup 55$30.

Obrigações: Ultramarino, coupon, ouro, 88$; Ambaca, 88$10; Norte e Leste, 1.º grau, 73$10, e 2.º grau, 40$60; Caminhos de Ferro de Benguella, 78$50; Assucar, $90.

ULTIMAS NOTICIAS

O CASO LEANDRO

Resposta do sr. dr. Bernardino Machado á nota officiosa que o governo fez publicar

Como nós annunciámos hontem, o governo fez publicar uma nota officiosa affirmando que durante a gerencia do gabinete Bernardino Machado se tomou com o ministro da Hespanha o compromisso da commutação da pena de Leandro Gonzalez, o incendiario da Magdalena. Ouvimos hoje o sr. dr. Bernardino Machado sobre essa affirmação. Reproduzimos integralmente a resposta de s. ex.ª:

A nota officiosa do actual governo sobre o caso do Leandro Gonzalez é lamentavelmente inexacta.

A verdade é que, tendo o representante de Hespanha sollicitado o agraciamento do seu compatriota, o meu governo, examinando o assumpto com todo o desejo de apoiar uma sollicitação que lhe merecia a maior deferencia, entendeu que lhe era licito propôr ao sr. presidente da Republica não o completo perdão mas, á semelhança do que, em tempo ainda da monarchia, se fizera em favor de Urbino de Freitas, (cuja vida depois no Brazil foi de incessante dedicação profissional pela pobreza), a commutação da pena ainda por cumprir, que era principalmente de degredo, em expulsão do paiz. Não se tratava já mesmo d'um condemnado portuguez por crime commum, que fossemos lançar para fóra de Portugal sem escrupulo pela justa susceptibilidade dos outros povos. Era um criminoso estrangeiro que os seus patricios, julgando-o com bem natural indulgencia, desejavam recolher no seu paiz.

Submettido o pedido do governo hespanhol ao sr. presidente da Republica, s. ex.ª dignou-se recebel-o favoravelmente. E o meu governo decretaria decerto a commutação da pena, se, ao saber-se do nosso intuito pelas communicações que fiz para não haver surpreza na opinião, se não levantasse um movimento de resistencia tão perturbante que o expuz e ponderei ao representante de Hespanha, sobreestando na publicação do decreto.

Pode o actual governo publical-o agora sem encontrar taes embaraços? Não o arguirei evidentemente por isso, se assim fôr. Eu faria o mesmo. Mas faça-o elle, que é hoje governo, deliberadamente, pelo seu proprio alvedrio, apreciando todas as circumstancias, faça-o, não porque outros antes d'elle o quizeram fazer, mas porque elle o quer, e assuma franca e lealmente a inteira responsabilidade do acto que pratica. Não é, porém, assim? Eguaes embaraços subsistem? Porque concede então o governo o indulto? Quer dal-o apesar de tudo? Ou dá-o sem querer, mesmo contra sua vontade? E porquê? Não imagine esquivar-se á responsabilidade, que é só sua, invocando seja quem fôr para se cobrir. O resultado seria afinal só este: collocar-se mal dentro do paiz, que reprova attitudes dubias dos seus governantes, e mal em Hespanha, onde por isso mesmo ninguem teria nada que lhe agradecer.

O que diz o sr. Freire de Andrade

Consta-nos que o sr. Freire de Andrade declara, ácerca do caso do Leandro, que se limitou apenas a transmittir ao representante de Portugal em Madrid os compromissos tomados pelo sr. Bernardino Machado, sem por sua parte assumir a responsabilidade d'esses compromissos.

A publicação do decreto

A commissão de reforma penal e prisional reuniu hoje, sob a presidencia do sr. ministro da justiça, para apreciar o decreto da cummutação da pena de Leandro Gonzalez. Emittiu parecer favoravel. Finda a reunião, o sr. dr. Guilherme Moreira seguiu para o paço de Belem, a levar á assignatura do chefe do Estado o respectivo decreto, que deve ser publicado ámanhã no *Diario do governo*.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 14.—Communicação official de hoje ás 23 horas.

A esquadrilha ingleza bombardeou Westende e obteve resultado. O successo alcançado pelos exercitos britannicos em Neuve Chapelle affirma-se como tendo sido de todo completo. Avançaram n'uma linha de cerca de trez kilometros e n'uma profundidade de 1.200 a 1.500 metros, tomando de assalto, successivamente, trez linhas de trincheiras e uma solida fortificação ao sul de Neuve Chapelle. Os contra ataques executados pelos allemães com grande violencia foram repellidos. O inimigo soffreu perdas consideraveis e deixou em poder dos alliados um grande numero de prisioneiros, numero sensivelmente mais elevado que aquelle que tinha sido de principio annunciado. A artilharia britannica, a artilharia de campanha e a artilharia pesada prepararam e sustentaram muito efficazmente a acção vigorosa da infantaria.

Na Champagne consolidámos a nossa nova linha com progressões em diversos pontos e asseguramos a nossa installação nas linhas das cristas tomadas ao inimigo.

Na Argonne, entre Four de Paris e Bolante, tornámo-nos senhores de 300 metros de trincheiras, fazendo prisioneiros, entre os quaes alguns officiaes.

O inimigo contra atacou por duas vezes n'este dia, mas foi completamente repellido.

Nos Altos do Mosa, em Eparges, os allemães tentaram um ataque que foi immediatamente detido pelo nosso fogo. O mesmo aconteceu em Chamois, ao norte de Badonviller.—(*Havas*).

PARIS, 15.—Communicação official das 3 horas da tarde:

O exercito belga tem continuado a progredir na bocca do Yser e ao sul de Dixmude.

As tropas britannicas, violentissimamente atacadas hontem á tarde foram obrigadas a retrogradar um pouco, mas, contra atacando em seguida, retomaram parte do terreno perdido. O combate continúa. Na região de Neuve Chapelle não houve modificação. Em Argonne o inimigo tentou ao fim da tarde de hontem um violentissimo ataque para retomar as trincheiras conquistadas por nós entre Four de Paris e Bolande. Este ataque que era o terceiro foi como os precedentes repellidos.—(*Havas*).

Serviço de passageiros

PARIS, 15.—Telegrapham de Bordeus aos jornaes que no fim de março o serviço de passageiros da Companhia Transatlantica passará temporariamente do Havre para Bordeus.—(*Havas.*)

Perdas allemãs segundo informações inglezas

LONDRES, 14. — O ministerio da guerra britannico annuncia que em 13 do corrente foram repellidos varios e importantes contra-ataques allemães. O total dos prisioneiros feitos por nós durante os ultimos trez dias de combate foi de 1.720. As perdas do inimigo foram muito importantes, não ficando muito áquem de 10.000. Os nossos aviões fizeram ir pelos ares esta manhã em Don um comboio allemão.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

A cessão do Trentino

MADRID, 15.—O sr. Dato declarou que desconhecia officialmente o mallogro das negociações austro-italianas a respeito da cedencia do Trentino á Italia.—(*Corresp.*)

O festival de Palhavã

A festa que no proximo domingo se realisa em Palhavã, promovida pela Sociedade Hippica Portugueza em favor dos feridos da guerra, inclue a prova de patrulhas de cavallaria, commandadas por officiaes, em saltos de obstaculos. As outras duas provas são: uma civil-militar, com um percurso muito difficil, e uma de parelhas, para amazona e cavalleiro.

São já poucos os logares que restam por marcar.

Agasalhos para os soldados

A commissão feminina «Pela Patria» recebeu da sr.ª D. Victoria Paes Madeira, professora em Ponte de Sôr, a quantia de 17$80, sendo 14$10 do producto de uma subscripção que as creanças da escola promoveram no dia da festa da arvore, e 3$70, producto da venda de postaes «Franganitos» e «Mulheres do meu paiz». Brevemente, no theatro do Club Simões Carneiro, realisa-se uma recita, cuja receita reverterá para a obra dos agasalhos.

O voto aos militares

Foi levado hoje á assignatura do sr. presidente da Republica um decreto sobre assumptos eleitoraes. Segundo consta, refere-se a formalidades do recenseamento, quanto a prasos e á intervenção dos funccionarios recenseadores, e aclara o decreto de 24 de fevereiro na parte que diz respeito ao voto dos officiaes e sargentos, estabelecendo claramente que lhes é concedido o direito de votar.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Balbina da Conceição Alves, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 14 horas, da rua do Livramento, 67, 1.º, para o cemiterio d'Ajuda.

Cruzador "Vasco da Gama"

No ministerio da marinha foi recebido um radiogramma de bordo do cruzador «Vasco da Gama» communicando proseguir viagem para Lisboa, sem novidade a bordo.

Balanço diario

Já não acontecia isto havia muito tempo. A Arcada esteve hoje durante todo o dia animadissima. De gente que pedia empregos? D'essa e da outra—da que pede esmola e da que se apressa a tomar o sol, sempre que o sol luz depois de alguns dias de chuva. A verdade é que a Arcada de hoje não era a dos outros dias. Havia borborinho e concorrencia. Só os politicos continuaram a andar arredios. A Arcada já não é lá muito das suas simpathias. E é pena, porque a Arcada sem politicos é como um theatro sem espectadores. Aborrece e gela...

Orçamento de Moçambique

O conselho colonial vem-se occupando, ha bastante tempo, dos orçamentos coloniaes. E' sobretudo o da provincia de Moçambique, organisado pelo sr. general Joaquim José Machado, que mais tem prendido a attenção de alguns dos vogaes d'esse conselho, encarregados de o apreciar. Ao que se diz, o sr. general Machado augmentou as despezas da sua provincia em quantia superior a 580 mil escudos, sem crear a receita respectiva. Como semelhante facto é contra a lei, o conselho colonial não o sanccionará, sendo por isso provavel que o orçamento de Moçambique seja reenviado ao governador geral para soffrer as alterações necessarias.

Caminho de ferro de Quelimane

No ministerio das colonias foi recebida uma representação, largamente fundamentada, do commercio, agricultura, industria e todos os elementos de valia do districto do Quilimane, pedindo a suspensão dos impostos especiaes creados, tanto sobre a importação como sobre a exportação, para se construir o chamado caminho de ferro de Quelimane. O sr. ministro das colonias já recebeu a representação, que vem acompanhada d'um officio favoravel do governador de Moçambique, mandando-a submetter á apreciação do Conselho Colonial. Ao que parece a representação será attendida e os impostos referidos deixarão de se cobrar.

Ordem do Exercito

A *Ordem do Exercito* deve ser distribuida na quarta feira de manhã.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio da guerra, occupando-se de assumptos de administração publica.

Em liberdade

Foi posto em liberdade o 2.º sargento de engenharia Francisco Xavier, que se encontrava preso na Trafaria ha 9 mezes sem culpa formada.

Questões d'ensino

Uma commissão composta de alumnos do 2.º e 4.º annos da faculdade de direito da Universidade de Coimbra procurou hoje o sr. ministro da justiça a quem sollicitou que interceda junto do seu collega da instrucção no sentido de serem abolidos os exercicios de frequencia.

Colonias penaes

O sr. ministro da justiça, depois de se occupar de varios assumptos que tem entre mãos, tenciona tratar da questão das colonias penaes, sendo a primeira que deve installar-se a da Quinta do Bom Despacho, em Cintra.

Partido socialista

Conferenciou com o sr. dr. Nunes da Ponte a commissão do partido socialista do norte, que solicitou a sua interferencia para a satisfação do pedido que ha dias fez aos srs. presidentes da Republica e do ministerio sobre alterações a introduzir á lei eleitoral.

As victimas do trabalho

MADRID, 15.— Communicam de Cordova que na mina de «Cabeza de Vaca» continuam vivos seis operarios. Espera-se salval-os rapidamente para o que se procede a excavações.—(*Corresp.*)

FIGURAS DE CERA

Mais uma surpreza...

Ao que se diz, pensa-se em reintegrar os officiaes que, por motivos politicos, abandonaram o exercito

Trez horas. Descerro a pequenina barraca onde as minhas velhinhas figuras de cêra curtem, aborrecidas, o seu scepticismo e o seu «spleen». E' na Arcada. Faz sol, o céu é muito azul e cortam o ar, como sons de clarim, pregões harmoniosos de ananazes e de laranjas de Setubal...

—A primavera vem perto! — diz-me, suavemente nostalgica, a primeira figura, que espreita para o largo, atirando para o espaço o seu olhar chammejante.

E vem. Está perto a primavera, como os politicos estão perto, como tudo, n'este paiz, se encontra quasi sempre, sem *grande esforço, mesmo á mão de semear*... A minha linda estatueta curva-se mais agora, na doce attitude de quem escuta atirando beijos. Descubro n'ella *novos traços d'uma belleza original* e classica. Dir-se-hia que teve a modelal-a dedos inspirados d'um artista de genio.

A minha deusa, hoje, está esquecida, distrahida, encantada. A politica parece *que não a interessa demasiado*. Ameaço-a com novas horas de abandono e de reclusão. Tem pena do sol, a lingua, emperrada e preguiçosa, desprende-se-lhe. Oiçamol-a.

* * *

A sua voz cicia. Toda a minha figurinha delicada é complacencia e benevolencia. Desconheço-a. Quero-lhe cada vez mais. E se o milagre grego se reproduzisse?

—Então?—digo-lhe quasi com medo de a desgostar. Estou á espera...

—Ah! sim, eu sei. Veja como os homens são maus e como, mesmo com esta luz, com este céu, com este scenario, elles andam para ahi, d'Arcada para Arcada, de ministerio para ministerio, de secretaria para secretaria a guerrear-se uns aos outros. Em Portugal soffre-se, sobretudo, d'um grande mal—a falta de bondade.

Concordo. Mas não foi para prelecções de vulgar philosophia politica que eu trouxe hoje, até á Arcada rumorejante a minha recatada collecção de figuras de cêra.

—E depois?

—Não se impaciente. Olhe que não falta que dizer. As coisas graves vão formando montanha em volta do governo. D'aqui a pouco... Sabe-se lá o que acontecerá d'aqui a pouco?

— Ora adeus! Tire as lunetas sinistras. Deve ser da côr dos vidros, essa prophecia maligna...

—Assim dizem os que não vêem da politica senão a superficie lisa e tranquilla. Mas lá em baixo, que estranhas fermentações se operam. Olhe o Leandro, olhe a egreja hespanhola...

E a minha figura agoirenta diz-me que um e outro caso estão destinados á mais larga retumbancia. Assim se affirma lá pelo Olimpo onde a vida decorre sem solavancos. O da egreja, sobretudo.

—Sim, esse—accrescenta—dará muito que falar ainda antes do fim da semana. Garanto-lh'o. Projectam-se determinações officiaes que não podem deixar de causar grande sensação.

—A approvação dos estatutos?

—Talvez. Mas com muitas e profundas alterações...

E foi só isto. A estatuasinha cançada envolve o corpo sensual na sua tunica de seda côr de lirio e desapparece. Terá a verdade brotado dos seus fatigados labios pintados a carmim?

* * *

E' como se uma força má e desconhecida tivesse animado o meu oratorio e m'o arrebatasse á bruta das mãos para o levar pela Arcada abaixo, até ao becco escuro para onde se rasga o largo portão do ministerio da guerra. Ali, uma outra figura, aquella que na minha galeria encarna a indignação e a submissão, surge no minusculo palcosinho onde se exhibem todas para dizer coisas estranhas.

As primeiras palavras são quasi inintelligiveis. A estatueta amargurada não fala, guincha. Os que a escutam soffrem como ella soffre, confrangem-se como ella se confrange. Os sons que articula tornam-se mais nitidos. Faz-se um grande silencio.

—Andam por ahi rumores perigosissimos!—diz a pobresita, tremente de afflicção. Se forem verdadeiros, que trema a Republica...

O publico, que é agora mais numeroso, comprime-se mais, junta-se mais, pouco faltando para derrubar a barraca onde a figurinha simbolica está prégando aos crentes a palavra santa e patriotica. Passam conhecidas figuras de politicos. O espectaculo não os interessa e cada um segue o seu destino como se não fossem elles da peça que se representa, as personagens principaes...

* * *

O general commandante da divisão chega. Apeia-se do seu automovel. Vem de sobrecasaca e chapéu alto. Assim vestido, com a sua longa pêra branca, ha no rosto do sr. general Blanco certos traços que o approximam do sr. Manuel d'Arriaga. Um ajudante com muitos cordões e muitos doirados abre e fecha pressurosamente uma portinhola. O sr. Blanco passa. A minha figura impreca, furiosa, a sua sombra...

—Lá vae! Lá vae! Andam a tratar apressadamente de tudo. Está por pouco, podem ter a certeza d'isso!

—Mas está por pouco o quê?

—A reintegração, a reintegração de varios inimigos do regimen!

O mistério esclarece-se. E' ainda a minha figurinha de cêra com o seu rostosinho de virgem casta de Murillo ou de Rosseti, que põe tudo a nu. Os seus nervos repoisam, n'este instante, um pouco mais. Estabelece-se uma doce intimidade entre os que escutam. No palcosinho acolhedor surgem tambem as cabecinhas curiosas das outras figuras.

—O quê, pensa-se n'isso?—pergunto admirado.

—Se pensa. O ministerio da guerra já mandou organisar a lista de todos os officiaes que, por terem conspirado contra a Republica, tiveram de abandonar o exercito. Está a trabalhar-se n'isso com toda a urgencia. O indulto é coisa resolvida.

—Até para Paiva Couceiro?

—Sim, até para esse!

E emquanto a figurinha maguada recolhe ao oratorio afavel onde a sua mudez vive torturada e gelada, cada um de nós parte apreensivo, meditando na estranha nova que aquelles labios de cêra atiraram á nossa ingenua surpreza.

Será verdade?

A. M.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

Atropellamento e morte d'uma creança

Hoje, ás 15 horas, um carro electrico atropellou uma creança de trez annos, na rua de Santa Catharina. Conduzida ao hospital, quando ali chegou era já cadaver.

Era filha d'um guarda nocturno de nome Manuel Rodrigues Ferreira, o qual ficou tão allucinado ao dar-se o desastre que subiu ao carro, tentando esganar o guarda-freio. Este foi preso para o Aljube.

Suppressão da sopa aos pobres

Terminou hoje a distribuição de sopa aos pobres, que se fazia no Aljube. Perto de setecentos pobres, homens, mulheres e creanças, se juntaram em frente do governo civil protestando contra a suppressão d'aquelle auxilio á pobreza. A policia tomou aquella resolução em virtude do arrematante não querer fornecer a sopa pelo preço estipulado, allegando a carestia dos generos. O commissario vae entender-se com o arrematante para vêr se póde continuar a distribuição, mas se não conseguir serão distribuidos aos pobres subsidios em dinheiro.

Com esta promessa a multidão de mendigos dispersou em boa ordem.

A provincia n'A CAPITAL

CONDEIXA-A-NOVA, 13. — Na festa da arvore, que já descrevemos, o primeiro a usar da palavra foi o sr. Joaquim d'Oliveira Cardoso, o professor mais antigo, e que produziu um bello discurso. O lanche, que foi offerecido pela camara municipal, foi confeccionado em casa do sr. Casimiro Gonçalves Marques e José Mathias, que assim contribuiram pela sua parte para o brilhantismo da festa.

SPORT

O jogo do polo a cavallo

Para o espectaculo de hoje no Coliseu annuncia-se o jogo do polo a cavallo. Evidentemente que não é um match de polo mas uma das muitos diversões equestres que inglezes e americanos praticam para se adextrarem e exercitarem n'aquelle sport.

Mas, afinal, o que é o polo?

Esse sport nasceu na India. Os manipuri chamavam-lhe Kangai, mas prevaleceu o seu nome thibetano.

Ha uma grande differença entre o jogo da origem e o que se pratica actualmente. Antigamente, tudo se limitava a lançar uma bola e a marcar-lhe o tempo. Era mais um exercicio de carrousel que um jogo.

Em 1863, o general Stewart fundou clubs de polo em Calcutá, em Cawnpore e em Peshawar. A sua extensão foi rapida e, em pouco tempo, cada regimento de cavallaria e de artilharia e mesmo a maior parte dos regimentos de linha tinham equipes prestes a luctar.

O polo permaneceu durante muito tempo em voga entre os officiaes dos exercitos da India. Estes tinham tanto amor pelo polo que ficou para sempre na memoria de todos este caso interessante: Um capitão veiu com licença até á Europa. Namorou-se de uma linda rapariga, cuja belleza constituia o unico dote. O official tambem não era rico. Fez os seus calculos e verificou que para mobilar a casa precisava de vender os seus poneys. Hesitou quatro semanas e por fim renunciou ao casamento para não renunciar ao polo!

Da India passou o enthusiasmo para a Inglaterra, d'ahi, atravez dos mares, para todo o mundo. Em 1876, o millionario Gordon Bermett introduziu o jogo nos Estados Unidos e fundou o Westchester Polo Club. Em 1878 appareceu o Bufalo Club e em 1880 o Manhatam Polo Association. Seis annos mais tarde, em Newport, realisou-se o primeiro desafio internacional entre campeões inglezes e americanos. Estes foram completamente derrotados, devendo-se notar que os inglezes fizeram vir da India os melhores jogadores. Em 1890 o polo entrou em França, fundando-se o Polo Club.

Como sport é um bello jogo, muito athletico, muito militar, muito emocionante. N'uma vasta pelouse estabelecem-se dois goals como no foot-ball, mas mais afastados. Com uma especie de martellos, longos, os jogadores dão n'uma bola de madeira. Trata-se de a fazer entrar nos goals como no foot-ball.

* * *

Nota do dia

O Sporting Club em Hespanha

Em Vigo bateu-se hontem o primeiro *team* lisbonense do Sporting Club de Portugal com o primeiro *team* gallego do Fortuna Foot-ball Club. O resultado foi um empate, o que representa uma boa estreia da *tournée* se attendermos a que a viagem dos *players* portuguezes se fez demoradamente, pois não transitaram em *rapidos*. Poucas horas repousaram em Vigo antes do seu primeiro desafio. A noticia chegou-nos pelo seguinte telegramma:

VIGO, 14—Com o Fortuna empatamos por 2 *goals* contra 2. O juiz foi imparcial e conhecedor. O publico é bom. O terreno estava encharcado. —J.

Ha uma particularidade n'este telegramma que convem frizar. E' a de que agradaram aos nossos jogadores o publico e o *referee*! E' talvez a primeira vez que tal succede! E é tambem a primeira vez que se não desculpa uma derrota ou uma fraca victoria com a incompetencia do arbitro ou o facciosismo do publico, que, exteriorisado com insultos e ameaças de aggressão, transtorna o jogo dos que querem jogar...

Veremos se o mesmo succede na proxima quinta-feira, ainda em Vigo, porque o Sporting Club de Portugal bate-se com um *team* mixto-gallego.

Algumas anecdotas

Representar sim, mas largar dinheiro isso não!...

Um campeão de socco, que viaja, tem de receber gente de todas as classes. A maior parte quer apertar a mão ao athleta, outros contar-lhe historias sem pés nem cabeça e ainda outros dirigir-lhe pedidos de todos os generos.

Uma occasião que Jeffries percorria a California em companhia de Hayes, foi como de costume assediado com recepções. A massada era grande e Jeffries, para a tornar menos pesada, lembrou-se de que Hayes, pela semelhança entre os dois, o poderia substituir por vezes.

Hayes acceitou, e a substituição passou despercebida. Mas nem sempre as visitas eram despidas de interesse e muitas vezes terminavam por pedidos de dinheiro, que era preciso satisfazer para augmentar a popularidade de Jeffries e evitar que elle soffresse com as recusas a esses pedidos. Hayes fartou-se d'isso por vêr que o desempenho do papel de Jeffries o obrigava a esvasiar a bolsa, e d'ahi por diante apertou quantas mãos se lhe offereciam mas recusou-se obstinadamente a praticar liberalidades.

A reputação de Jeffries soffreu muito com isso em certas cidades. Jeffries desconhecia os motivos da diminuição da sua popularidade e só mais tarde, uns dois annos depois, é que Hayes contou o que fizera, e o campeão veiu a saber por que motivo havia em varias regiões tão pouco enthusiasmo pelo seu nome.

—Se soubesse isso ha mais tempo, fazia-te pagar caro essa deslealdade...

—Então querias que representasse um papel a serio e que ainda o representasse pagando aos espectadores! Estás doido?...

—Tens rasão mas sempre é uma honra fazer de campeão do mundo de socco...

—D'accordo, mas quando se tem punhos fortes para bater nos outros e com isso se póde ganhar cem contos n'uma tarde. Isto de boxeur é bom sel-o e não parecel-o!..

* * *

Noticias

Entre nós

A reabertura do Velodromo

Mais uma semana se espera pela reabertura do Velodromo do Stadium, marcada para a tarde do proximo domingo. Mas este espaço de tempo vão aproveital-o os organisadores esboçando um bello programma de velocipedia e de motociclismo. Entre os numeros do programma continúa a figurar a interessante e original corrida de senhoras, entre as quaes se contam M.elle Henriete Lefebre, a elegantissima «rainha do diavolo», e as gentis irmãs Asti-Anciloti.

Os ciclistas que desejarem correr ainda podem fazer a sua inscripção até quarta-feira, ás 22 horas.

O XVII Congresso Unionista

E' hoje á noite, ás 10 horas, que reune o XVII Congresso da União Velocipedica Portugueza e que serão eleitos os novos dirigentes d'essa federação.

O 40.º anniversario do Gimnasio Club

Termina ámanhã o praso de inscripção para o banquete commemorativo do 40.º anniversario do Gimnasio Club Portuguez, que se realisa no proximo dia 18.

O tiro aos pombos

Foram os seguintes os resultados da sessão de tiro aos pombos hontem realisada no «stand» de Palhavã:

1.ª «poule», 5 pombos a 26 metros, foi dividida pelos srs. Alves do Rio e Luiz Oliva Junior, com 5|5.

2.ª, a 1 pombo, «handicap», foi dividida pelos atiradores, com 1|1.

3.ª, regulamentar, a 7 pombos, «handicap», foi ganha pelo sr. Almeida Araujo, com 6|7, cabendo o 2.º premio ao sr. Luiz Oliva Junior, com 8|10, em desempate com o sr. Alves do Rio.

4.ª, a 5 pombos a 25 metros, foi dividida pelos srs. Luiz Oliva Junior e Almeida Araujo com 5|5.

5.ª, a 5 pombos, «handicap», foi ganha pelo sr. Luiz Oliva, com 5|6.

5.ª, a 5 pombos a 26 metros, foi ganha pelo sr. Francisco Castello Novo, com 5|5.

«Tater-sall» portuguez

E' no dia 28 que se realisa no picadeiro da Escola de Educação Phisica o 3.º *tatersall* portuguez.

Desafios officiaes

Em primeiras cathegorias de *foot-ball* o Sport Lisboa e Bemfica venceu hontem o Lisboa Foot-ball Club por 10 *goals* a 0.

A provincia n'A CAPITAL

MAÇÃO, 11.—Foi promovido á 2.ª classe e collocado na comarca de Gouveia o sr. dr. Augusto de Mesquita, magistrado dotado das mais primorosas qualidades de caracter e que durante os annos em que foi juiz d'esta comarca conquistou as maiores simpathias. Os seus numerosos amigos vão offerecer-lhe um jantar de despedida, que se realisa no proximo domingo, n'uma das salas do edificio dos paços municipaes.

—Em virtude do tempo ter melhorado, activam-se as sementeiras e plantações proprias d'esta epocha.

COIMBRA, 14.—Sahiram para Mafra, acompanhadas por um cabo e 4 soldados, duas metralhadoras pertencentes ao 5.º grupo aquartelado n'esta cidade.

—Continúa em serviço na Universidade até ao fim do anno lectivo o sr. dr. Rocha Saraiva, que ha tempo foi transferido para a Universidade de Lisboa.

—Na proxima semana deverão começar os exercicios de tactica applicada ás diversas unidades da guarnição d'esta cidade.

—Foi encarregado de reger o curso de direito constitucional comparado n'esta Universidade o sr. dr. Fezas Vital e o curso de confissões religiosas o sr. dr. Magalhães Collaço.

—Foram entregues ao poder judicial Abilio Ramos, Agostinho Ferreira Pinto e Alfredo dos Santos, residentes em Pé de Cão, freguezia de S. Martinho do Bispo, por terem destruido algumas arvores na margem esquerda do Mondego.

—No cartorio da Ordem Terceira recebem-se requerimentos até ao dia 27 do corrente para dez esmolas de 1$000 réis, cada uma, que de preferencia serão concedidas a viuvas pobres de irmãos da mesma Ordem.

—Ha dias que o tempo corre favoravel para a agricultura, cujos cuidados são agora as sementeiras dos montes a cepa e a cava das vinhas. O milho já se vende por $54 cada alqueire e o azeite a 2$40 cada decalitro.

Em virtude da subida dos generos de primeira necessidade, os trabalhadores cada vez exigem maior salario, o que é mais um aggravamento para a agricultura, que lucta com as maiores difficuldades.

BARREIRO, 14.—Os Centros dr. Estevam de Vasconcellos e Republicano Portuguez resolveram protestar contra a dictadura, tendo o ultimo approvado votos de sentimento pelas mortes dos deputados dr. Henrique Cardoso e Achilles Gonçalves e nomeado delegado ao Congresso do partido o sr. José Luiz da Costa.

—Foi transferido para Beja o fiscal de 2.ª classe dos impostos sr. Adalberto dos Santos Alves Pereira. Dir-se que tal transferencia foi motivada por perseguições politicas.

—Foram nomeados regedores n'este concelho os srs.: Antonio Gomes Aldeano, do Barreiro, Raymundo Ferreira, substituto; Manuel Francisco de Carvalho, de Palhaes, João José da Costa, substituto; João Roberto Pereira, do Lavradio, Joaquim Manuel Bexiga, substituto.

—Os merceeiros estão abusando escandalosamente, levantando os preços de todos os generos. Os padeiros não fabricam pão de kilo em quantidade sufficiente para abastecer a população, como hoje se viu, pois ás 8 horas já o tinha acabado. Assim não pode ser e pedem-se energicas providencias ao sr. administrador do concelho.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—O Fado—Lei San—Ciume de mulher—A serenata das flores.
NACIONAL—Não ha espectaculo.
POLITEAMA—Não ha espectaculo.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—O commissario de policia.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO—Opera: Rigoletto.
APOLLO—Não ha espectaculo.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre.

Agenda da semana

HOJE — **S. Carlos** — Recita de Henrique Alves—*O fado, Lei San* e *A serenata das flores.*

—**Politeama**—Recita dos alumnos da faculdade de medicina a favor da Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres—*Lentes e vidraças*, revista.

AMANHÃ — **Gimnasio** — Recita de Augusto Machado — *O commissario de policia.*

QUARTA-FEIRA—**Apollo**—Reprise do *Fado e maxixe.*

SEXTA-FEIRA—**S. Carlos** — Recita de Angela Pinto—*A aventureira.*

Gimnasio—Primeira representação da comedia *4028—Lx.*

Primeiras representações

THEATRO POLYTHEAMA—15.º concerto da orchestra David de Sousa.

Tarde de mão cheia para os bons amadores de musica a de hontem, domingo, no Polytheama.

Com effeito, achavam-se reunidos n'um mesmo programma os nomes de Berlioz, Beethoven, Schumann e Glazounow.

Além d'isso a tarde convidava mais a uma boa audição de musica, como nos sabe dar David de Sousa, do que para um passeio e, de facto, ninguem se arrependeu ou, por outra, todos ficaram satisfeitos com o concerto verdadeiramente bello que o maestro portuguez proporcionou áquelles que por completo enchiam o Polytheama.

O trecho mais importante do concerto tanto pela sua indiscutivel belleza, como pela difficuldade de interpretação e execução foi a Symphonia Phantastica, de Berlioz.

David de Sousa interpretou-a com toda a sua boa escola de maestro e com a sua bella alma de musico e a orchestra houve-se na execução com um brilhantismo que mereceu por completo a ovação que lhe foi feita bem como a David de Sousa.

O grande Berlioz foi um dos mais guerreados e dos menos comprehendidos dos musicos modernos até passados uns 30 annos sobre a sua morte.

O seu genio conflictoso ao par do seu grande talento serviram para lhe attrahir a antipathia, inimisade e a inveja dos musicos e pessoas influentes do seu tempo.

Assim, só á força de talento e de tenacidade conseguiu triumphar das más vontades que sempre encontrou e das ciladas a cada passo armadas pelos seus inimigos, á testa dos quaes se achava Cherubini, ao tempo director do conservatorio de Paris.

Hoje em dia Berlioz é conhecido e admirado como uma das glorias da musica, da qual elle foi um grande reformador, principalmente na parte que respeita á orchestração.

Pois foi a Symphonia Phantastica do grande musico que David de Sousa nos fez ouvir hontem por fórma tão impeccavel.

Começámos logo a vêr no primeiro andamento que David de Sousa tinha ensaiado a symphonia e que iamos ouvir uma partitura bem trabalhada, mas foi no segundo andamento que verdadeiramente pudémos apreciar as qualidades da orchestra quasi que musico por musico. Effectivamente n'este tempo o motivo da valsa passa por todos os instrumentos. Póde-se dizer que nenhum ficou esquecido e foi verdadeiramente notavel a fórma como o maestro os fez sobresahir.

Na scena campestre do terceiro andamento, o timbaleiro partilhou com o oboé e a corneta ingleza os applausos que o publico lhes dispensou.

Na marcha do quarto andamento a orchestra houve-se com a grandeza e phantasia necessarias e ao acabar o ultimo andamento em que o poeta se vê rodeado pelos espiritos no Sabbat, que o envolvem entre gritos e dansas macabras, David de Sousa e sua orchestra tiveram uma ovação que não esquecerão tão promptamente.

O resto do programma bem.

Pena foi que na Leonore, de Beethoven, a phrase das rabecas não seja tocada pelos naipes inteiros dos primeiros e segundos violinos, o que lhe tira grande parte da grandeza.

Estamos persuadidos que com um pouco de ensaio isso se consegue apesar da grande difficuldade, que será n'este caso um estimulo para os executantes.

O poema de Glazounow, bem.

O trecho de Schumann, orchestrado por David de Sousa, como elle o sabe fazer, foi longamente applaudido.

Não esqueçamos de dar um bravo ao sr. João Passos pela sua encantadora Reverie. Está cheia de inspiração e de boa harmonia. O concerto fechou com a Rienzi, muito bem como sempre, e que empolgou a assistencia.

Um bravo a David de Sousa e um abraço pelo seu bello triumpho d'hontem.

J. d'A.

* * *

Medalhões

Henrique Alves

Henrique Alves ha de morrer aos cento e cincoenta annos—talvez seja exaggero; mas é para lhe ser agradavel—e até ao seu ultimo suspiro ha de incarnar os janotas. Como Laferrière, está destinado a ser o avô de si mesmo. Já está de quarentena ha alguns annos, isto é, já dobrou o cabo dos quarenta, soffre d'uma certa abundancia de falta de cabello e tem um filho que não tardará muito que não seja mais velho do que o pae. No emtanto monopolisa os pinta-alegretes, os pés de salsa, os franchinotes de flôr ao peito.

De vez em quando esquece-se e lá faz um tipo e sempre com graça. Compôz hoje para a sua festa um programma d'um ecletismo muito de louvar e com um certo cunho litterario. Bem haja sobretudo por ter resuscitado o Lei San de Manuel Penteado e de o ter posto a par d'uma obra que reune os nomes de Mantua, Malhôa e Augusto Gil.

Cyrano

* * *

Boatos e informações

A epocha em S. Carlos deve terminar no fim do mez de abril. A companhia fará, além da sua habitual temporada no Porto, uma digressão por varias terras da provincia.

● A companhia que explorará o Avenida no verão iniciará os seus espectaculos pelas *Pilulas de Hercules*, arranjo de João Soller.

● Na *reprise* do *Fado e maxixe* o actor Roldão desempenha os papeis de *Funccionario, Só Lotéro* e *Dama.*

● Recebemos e agradecemos os cumprimentos dos distinctos artistas que fazem parte da companhia de opera que está funccionando no Eden, Rina Agozzino Alespi, Mercedes Massip, José Martí e Innocencio Navarro.

Circos & Music-halls

Os portuguezes não gostam do "métier"?

Em discussão animada passaram a tarde de hontem alguns amadores de sport que teem particular preferencia pelos espectaculos de circo. Analisando o trabalho dos voadores Martyres e Correia, chegaram á conclusão de que os portuguezes não apreciam os trabalhos de excentricos e de clowns, fazendo-se apenas profissionaes de gimnastica, athletica e acrobatismo.

Quando tal ouvimos, indagámos de um dos palhaços Fratelinis qualquer coisa elucidativa sobre o assumpto. E as respostas seguiram-se simples e precisas:

—...Tem razão. Quasi todos os palhaços são italianos e hespanhoes. Poucos são os francezes, pouquissimos os allemães e raros os inglezes. A Inglaterra e a America é que fornecem a maioria dos «excentricos». Aos portuguezes nunca vi fazer de palhaços. Sei que houve duas tentativas, mas eu não os vi e não posso dizer se eram bons ou maus esses palhaços...

A' insistente pergunta sobre a nacionalidade dos que mais conheciamos em Lisboa, o simpathico artista do Coliseu respondeu:

—Nós somos italianos, os nossos companheiros Rico & Alex pertencem á celebre familia Briatore, italiana, e aparentada com hespanhoes, o Walter é belga, Antonet e Bébe italianos, Seifert francez, Pinta italiano, Lavater Leer inglez, Moris italiano. Entre os «excentricos» que conheço Otto Viola é americano, Lamore inglez, Beling inglez, etc...

Noticias

Entre nós

No theatro da Rua dos Condes, a cantora Carla Cénami canta hoje á noite a *Avé-Maria*, de Gounod.

—O elegante Salão Olimpia apresenta hoje trez estreias: «Revista Pathé»; «Max Linder cabelleireiro» e «Pela honra e pela felicidade».

—No Coliseu dos Recreios effectua-se hoje, á noite, a terceira recita da moda com a companhia do Cirque Royal de Bruxellas. O enthusiasmo é tão grande que hoje á tarde não havia camarotes de 1.ª ordem e fauteuils! Restavam algumas dezenas de cadeiras. O programma inclue trez estreias: a de «L'Homme sans peur», a dos chinezes Fleugmaticos e a do jogo do «Polo», a cavallo.

—O Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora recomeça as suas sessões cinematographicas no proximo domingo.

—O distincto Chiado Terrasse annuncia para hoje a estreia do «film» «A emboscada».

—São 4 as estreias de hoje no Salão Central, entre ellas o «Thesôuro do Pendaja».

—No Salão Foz estreia-se hoje o duetto a grande voz «Les Ransinis». Para o dia 23 está annunciada a estreia dos duettistas Beriguardis.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.
COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

PEQUENAS NOTICIAS

A empreza da agua de meza Sameiro distribuiu pelos seus clientes e amigos uns calendarios-brindes para o corrente anno, sendo representantes da empreza em Lisboa os srs. Carlos Gomes & C.ª

—No Barreiro, dirigido pela sr.ª D. Celeste Aurora, começou a publicar-se um boletim de propaganda e defeza dos interesses telegrapho-postaes intitulado *O. C. E.*, que se representa bem redigido.

Movimento maritimo

Pernambuco, etc. «Warior» (Liverp.).	15
Brazil e R. da Prata «Araguaya» (L.)..	16
Pará e Manaus, «Antony» (Liverpool)	16
Vigo e Liverpool, «Avon» (Brazil)......	17
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	18
R. Jan. e R. Prata, «Demerara» (Liv.).	18

duas convocações; na primeira estão todos os homens de dezesete a trinta e quatro annos, não classificados nas cathegorias precedentes; na segunda, todos os homens de trinta e nove a quarenta e cinco annos provenientes da landwehr e da landsturm.

Devido ao numero consideravel de recrutas entregues, por cada nova classe, á auctoridade militar, esta tem uma grande latitude para constituir as organisações só com homens muito validos, não tocando nos que tenham na vida civil uma utilidade excepcional. Assim, são ou ficam esperados: os amparos de familia, os filhos de proprietarios rendeiros ou de industriaes necessarios á casa, os mancebos que seguem certas carreiras liberaes, artisticas ou technicas que exigem uma demorada aprendizagem, os mancebos que residem no estrangeiro.

Os que excedem o contingente pedido, os amparos de familia, os considerados momentaneamente incapazes, são classificados n'uma cathegoria á parte, a reserva de recrutamento «(Etsatz reserve)», á qual ficam adstrictos durante doze annos e meio.

Os mancebos que fizeram certos exames civis e militares e que se alistam pagando todas as despezas á sua custa, formam a cathegoria dos voluntarios d'um anno, recebem, nos corpos, uma instrucção especial que os prepara para as funcções de officiaes e officiaes inferiores da reserva.

O facto de toda a população viril allemã, dos dezesete aos quarenta e cinco annos, ser posta á disposição da auctoridade militar, constitue o que von der Goltz tinha chamado, prematuramente, a «Nação armada». Todo o cidadão allemão é soldado e quasi se póde dizer que o é durante toda a vida. Se applicarmos aos 50 milhões de seres humanos que compunham o povo allemão em 1984 o calculo de 10 por cento considerado como dando a proporção habitual da população viril em estado de pegar em armas, é facil admittir que a Allemanha póde, em rigor, pôr em pé de guerra 5 a 6 milhões de homens.

Contando com as causas normaes de diminuição e observando que nem todo o xercito póde ser levado para as fronteiras, são pelo menos quatro milhões de combatentes, mais ou menos instruidos, mais ou

Lord Kitchner-Kandakar, ministro da guerra inglez

menos aptos para o combate, que podem ser mobilisados.

Como estes numeros augmentavam de anno para anno pelo desenvolvimento regular da natalidade, a Allemanha tinha realmente razões para pensar que estava destinada a tornar-se senhora do universo.

O imperador já em 1900 dizia: «O nosso futuro está no mar». A partir d'essa epocha, concebeu o plano de um desenvolvimento rapido e regular das forças navaes allemãs, que, no seu pensar, correspondia ao futuro mundial da «maior Allemanha». Recordações historicas do poder das Ligas hanseaticas, augmento da população e da emigração allemãs, projectos de colonias em todos os paizes do mundo, pro-

necessarios ás baterias de 6 peças. O thesouro de guerra é elevado a 450 milhões de marcos.

A «Gazeta da Allemanha do Norte» não occultava, a 30 de junho de 1913, o caracter proximo e certo da guerra, ao escrever: «A construcção das fortalezas deve ser terminada com rapidez... todas as medidas previstas, na infantaria, cavallaria e artilharia, «dado o seu caracter de urgencia», serão executadas em outubro de 1913... E todas as medidas previstas pela lei de 1912, que podiam ser postas em execução até 1914, sel-o-hão já no outomno do presente anno. Devem tambem apressar-se as compras de material de toda a especie.

Algumas explicações são necessarias para bem se comprehender a poderosa organisação militar da Allemanha e o modo como foi preparada a actual campanha.

Não desconheciam os allemães a inferioridade relativa do seu canhão de campanha comparado com o 75 francez. A artilharia de campanha, por mais perfeita que seja, tem o inconveniente de não poder attingir um inimigo occulto em trincheiras ou escondido por detraz de abrigos. Além d'isso, se tem a vantagem de rapida evolução, o seu alcance é limitado a cinco ou seis mil metros; canhões mais poderosos, alcançando a doze ou quatorze kilometros, podem conservar em respeito a artilharia de campanha, a não ser que esta, indo tomar posição sob o fogo, consinta em expôr-se enormemente e combater a descoberto.

Resulta d'ahi que todo o ataque de infantaria preparado pelo canhão de campanha, sem ser apoiado pela artilharia de grosso calibre, custa muitas vidas. Pode accrescentar-se que o canhão de campanha está quasi que desarmado contra o morteiro, que, mercê do seu tiro de cima para baixo, pode postar-se por detraz das casas ou dos cumes dos outeiros, evitando assim os effeitos da artilharia de trajectoria rectilinea.

Os inventores allemães, sem fazerem caso das objecções que lhes oppunham e as mais serias das quaes eram a difficuldade de transportes e a complexidade de meios de reabastecimento de munições, trabalharam a valer e, por cada corpo de exercito, de 144 peças que contava, 36 eram morteiros.

Os morteiros allemães, sem produzirem consideravel effeito sobre a infantaria (não era esse o seu objectivo), teem, comtudo, auxiliado o exercito allemão na defeza das posições do Aisne e nas planicies da Flandres; teem dado muitas vezes ás tropas allemãs a vantagem moral de vêr as francezas expostas ao seu tiro, emquanto a artilharia de campanha franceza, por causa da distancia ou das trincheiras, é forçada a conservar-se inactiva.

A Allemanha fez egualmente um poderoso esforço no que respeita á navegação aerea. O estado maior allemão estudou trez sisthemas de balões dirigiveis: os flexiveis (tipo Parseval), os meio rigidos (tipo Gross), os rigidos (tipo Zeppelin). Foi a este ultimo que coube a victoria.

Compostos de uma armadura de aluminio envolvendo balões esphericos ou balonetas, os Zeppelins conteem de 20 a 27:000 metros cubicos de gaz hidrogenio puro, teem uma velocidade media de 50 a 65 kilometros por hora, um raio de acção de 500 a 600 kilometros. O tipo Siemens-Schuckert é construido em madeira. Estes dirigiveis teem em geral trez barquinhas que communicam entre si e levam á frente dois canhões. Podem transportar de 1:200 a 1:500 kilogrammas de explosivos.

Hangars em Kœnigsberg, Kiel, Hamburgo, Francfort, Gotha, Bitterfeld, Berlim, Thorn, Brunswick, Friedrichshafen, uns trinta ao todo, servem de refugio e de ponto de partida aos Zeppelins. Uns quinze hangars desmontaveis podem favorecer as suas incursões em territorio inimigo. Os Zeppelins destinam-se principalmente a arrojar projecteis sobre as docas, arsenaes, fortalezas, até mesmo sobre navios, devido aos

apparelhos especiaes construidos por uma casa de Iena.
de com que explodem, facilidade ainda augmentada pela formação de gazes detonantes na atmosphera que os rodeia; a superficie que offerecem á tempestade e a enorme sobrecarga produzida pela chuva no envolucro, provocaram tambem catastrophes que parecem fazer d'elles um instrumento de guerra assáz mediocre.

Por isso a Allemanha, seguindo o exemplo da França, consagrou-se, de ha annos a esta parte, com especial cuidado, á construcção e exercitamento da sua frota de aviões. Os monoplanos «Taube», os biplanos «Albatros» ou «Aviatick», na maior parte blindados, são engenhos temiveis. Uma subscripção nacional, que produziu mais de seis milhões de marcos, permittiu rapidos progressos.

O ministerio da guerra allemão proseguiu com uma tenacidade que não hesitava perante despesas na adaptação do automovel ao serviço do exercito e em especial ao dos abastecimentos, instituindo numerosos premios para a construcção de camiões-automoveis que pudessem servir em tempo de guerra. No fim de 1912 o exercito allemão dispunha de mil «trens-automoveis», numero que augmentou consideravelmente em 1913 e 1914.

Bernhardi estudou detalhadamente o que elle chama os «instrumentos technicos da guerra»: os caminhos de ferro—com a exploração em tempo de paz e em tempo de guerra—os caminhos de ferro de campanha, as vias de construcção rapida, as linhas electricas, os automoveis e os grandes pesos, as locomoveis a vapor, as motocycletas e as bicycletas, os telegraphos de campanha, a telegraphia sem fios, o telephone, as bandeiras de signaes, a photographia a distancia, os explosivos modernos.

Em todos estes pontos, a organisação allemã não recuava perante sacrificio algum. Um jornal francez escrevia em 1912: «O exercito allemão continua a ser um poder formidavel, trabalhando com perseverança em progredir e aproveitando todas as descobertas susceptiveis de augmentar a sua potencia, cujas qualidades dominantes são uma disciplina cada vez mais firme e cada vez mais apropriada ás exigencias da guerra moderna, e uma organisação tão minuciosa e tão methodica que é licito suppôr que no momento decisivo as suas engrenagens trabalharão com tanta precisão como no socego da paz».

Sob a impressão da these do militarismo, a propria nação estava persuadida de que esse exercito teria de executar em breve a obra d'aggressão que podia saciar o espirito de cobiça e dominio universal que pouco a pouco n'ella se desenvolvera. Eis o motivo por que ella se curva, constrangida por uma necessidade superior e um profundo instincto, perante as medidas draconianas que eram as unicas a poder permittir ás finanças allemãs que fizessem face ás enormes despesas acarretadas pelas leis de 1912 e 1913.

Os meios financeiros necessarios para fazer face a semelhantes augmentos de forças militares tomaram o caracter d'uma verdadeira contribuição em plena paz.

Recorreu-se ao processo «por uma vez» d'uma taxa excepcional sobre a fortuna, taxa avaliada, em principio, em cerca de 1.000 milhões de marcos. Apoz differentes modificações, seguidas de accordos entre o governo e a commissão do Reichstag encarregada de dar parecer sobre o projecto, essa taxa foi declarada progressiva, isentando as pequenas fortunas inferiores a 30.000 marcos e os rendimentos inferiores a 4.000 marcos. Era pagavel em trez prestações: 1914, fevereiro de 1915 e fevereiro de 1916. Permittiria fazer face, durante esses trez annos, ás despesas da lei militar, avaliadas em 898 milhões de marcos.

O governo pedia tambem ao parlamento a votação de diversos impostos do imperio, d'um caracter permanente e, especialmente, d'um imposto sobre o augmento da fortuna (*Besitzlener*), que tomava o cara-

cter d'uma verdadeira taxa sobre as heranças. Por causa d'essas duas fórmas de imposto, a contribuição não renovavel e a taxa sobre a fortuna, o governo não hesitou em fazer uma alliança com o partido socialista, o qual se sentiu feliz por se lhe proporcionar occasião para dar um golpe na riqueza adquirida e principalmente abrir brecha na alliança do governo com os partidos conservadores.

O governo teve a perigosa habilidade de unir na mesma votação as duas leis, a militar e a financeira, fazendo assim passar as duas ao mesmo tempo.

Houve alguns protestos, especialmente da parte dos Estados confederados, que viam, na votação d'esses impostos do imperio, uma diminuição da sua auctoridade financeira. Commentou-se a demissão do general von Heeringen, ministro da guerra, que em 1911 e 1912 tinha affirmado, por duas vezes, que o exercito estava preparado.

Reconhecia-se, por tal dissenção, que a lei excepcional de 1913 era de iniciativa do grande estado maior e do gabinete pessoal do imperador: era, pois, uma lei do kronprinz.

O sacrificio feito ao partido socialista podia ter, sobre o futuro politico e a estabilidade economica do imperio, as mais graves repercussões. O *Worwaerts* escrevia: «O povo allemão sabe agora que o governo tem de ceder perante o Reichstag de todas as vezes que este souber querer a serio... A votação de hontem representa o fim do regimen dos conservadores; é o começo de um novo regimen». Que importava, visto que se estava decidido a jogar tudo?

Na alegria do exito, a *Gazeta de Colonia* revelava cynicamente os planos de conquista mundial, até então reservados aos programmas militaristas e aos prefacios de Bernhardi. Dizia esse jornal: «A nova lei militar assegura-nos a paz no continente, porque augmenta infinitamente os riscos que correriam os nossos possiveis adversarios. Essa segurança deixa-nos livre o caminho para uma politica mundial productiva. Estamos ainda no principio d'ella. *Longos caminhos cheios de promessas se nos abrem na Asia e na Africa.* Da energia e da dextreza com que soubermos aproveitar esses novos caminhos, depende a resposta á questão de saber se *os sacrificios prodigiosos que ao nosso paiz se impõe não terão sido inuteis*».

Queria dizer *com os longos caminhos cheios de promessas*, que a Allemanha arranjaria novas colonias e que, se lh'as não dessem, ella as saberia tomar.

Escusado será dizer que o exercito activo não era o unico recurso, nem a unica preoccupação do governo allemão. Por diversas vezes, projectos de lei revelavam o cuidado constante da organisação das reservas. Sabe-se, agora, que esse trabalho de organisação foi levado secretamente muito mais longe do que a principio se pensára e que o exercito allemão podia, dentro de poucas semanas apoz a declaração da guerra, pôr em campo cincoenta e trez corpos.

Os numeros que figuravam nos mappas eram apenas a pallida imagem d'uma organisação muito mais desenvolvida e efficaz.

Em summa, constituia-se um immenso reservatorio de homens onde, conforme as necessidades, as auctoridades militares allemãs iriam buscar os que quizessem. «Todo o allemão valido é obrigado ao serviço militar», *assim diz a lei.*

O serviço comprehende dois periodos. Desde os vinte annos feitos até aos trinta e nove, o allemão está sujeito ao serviço effectivo, que cumpre assim: no exercito activo (3 annos na cavallaria e artilharia a cavallo, 2 na infantaria, na artilharia de campanha ou a pé, na engenharia e nas tropas de communicação, 1 anno nas equipagens); na reserva, de 4 annos e meio a 6 annos e meio segundo a arma a que pertence; na landwehr de primeira convocação, 3 ou 5 annos; na de segunda convocação, até aos trinta e nove annos feitos.

A segunda parte faz-se na landsturm, que se divide tambem em

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1656 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 16 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A historia do indulto

A nota officiosa do governo contradictada pelo sr. Freire de Andrade

Resumamos a questão.

Segundo a nota officiosa, fornecida pelo governo á imprensa, e hontem corroborada por declarações do sr. ministro da justiça a um jornal monarchico da noite, quem disse que o indulto de Leandro Gonzalez «fôra objecto d'uma promessa cathegorica e formal do sr. Bernardino Machado» foi o sr. ministro da Hespanha, quando em nota diplomatica formulou pedido d'esse indulto ao actual ministerio.

A mesma nota officiosa, corroborada pela mesma entrevista, accrescentou que esse compromisso formal e cathegorico tomado pelo sr. Bernardino Machado fôra ratificado pelo sr. Freire de Andrade que lhe succedeu na pasta dos estrangeiros.

Em resposta a estas affirmações, o sr. Bernardino Machado, nos seus esclarecimentos publicados pela *Capital*, declara que efectivamente lhe foi sollicitado esse indulto pelo representante da Hespanha, e que entendeu ser licito propôr ao sr. presidente da Republica a commutação da pena imposta ao incendiario da Magdalena, mas que, notando que se levantava contra essa medida um vivo movimento de protesto, o expoz e ponderou ao diplomata hespanhol, sobreestando-se na publicação do decreto. E o sr. Bernardino Machado accrescentava: «Póde o actual governo publical-o sem encontrar eguaes embaraços? Não o arguirei evidentemente por isso, se assim fôr».

Por outro lado, consta-nos, de fonte absolutamente segura, que o sr. Freire de Andrade affirma ser menos verdadeira a nota officiosa do governo, quando este diz ter elle ratificado a promessa attribuida por aquella nota ao sr. dr. Bernardino Machado, isto é, ter confirmado e dado authenticidade, como ministro dos estrangeiros, ao que se affirma ter sido promettido por aquelle estadista.

Mais nos consta que o sr. Freire de Andrade, decerto pelas mesmas razões do actual governo, foi sempre de opinião que a commutação devia ser concedida, mas nunca ratificou qualquer promessa, não se podendo tomar como tal a phrase truncada do despacho enviado ao encarregado de negocios de Hespanha, poucos dias depois da sua entrada para o ministerio, e que tinha por fim pôl-o ao facto das negociações, que tinham logar em Lisboa e não em Madrid. Demais, aquelle funccionario assim o entendeu, visto que não lhe era dito que fizesse essa communicação ao governo hespanhol. E sabemos ainda que o sr. Freire de Andrade officiou ao sr. ministro dos estrangeiros protestando contra os termos em que foi redigida a nota officiosa, officio a que só, pela sua parte, não dá publicidade por envolver questões gravissimas da nossa politica internacional.

Eis a questão exposta—e que se conclue d'ella?

Conclue-se que não houve um compromisso formal e cathegorico do sr. Bernardino Machado, e que, quando o houvesse, o proprio ministro de Hespanha concordou em que o movimento de resistencia que se pronunciava contra o indulto era tão perturbante que convinha sobreestar na publicação do decreto que favoreceria Leandro Gonzalez. E conclue-se ainda que o sr. Freire de Andrade, successor do sr. Bernardino Machado na pasta dos estrangeiros, de forma alguma ratificou esse pretendido compromisso.

De resto, os acontecimentos estão dando lamentavelmente razão aos anteriores governos em não tomarem a medida que o actual governo tomou. Se o indulto expunha o proprio Leandro a terriveis revindictas ha meia duzia de mezes, não era presumivel que se não temessem agora. E tanto assim que esse deploravel facto se deu, apesar de todas as precauções adoptadas pelo governo.

Eis a situação, e o que ella prova é que o governo actual, não pensando senão em comprometter e aggravar os anteriores governos da Republica, mergulha o paiz em difficuldades tremendas, muito mais graves do que os perigos, reaes ou imaginarios, que insinua querer conjurar!

“PATHÉ JORNAL„

Pazes definitivas...

Os primeiros officiaes a ser reintegrados serão os republicanos

1.º quadro

Duas horas. Chove. A arcada do interior está cheia de gente. Rompe-se a custo. O sr. Guerra Junqueiro, cofiando as grandes barbas propheticas sahe do ministerio. A multidão não dá por elle. O sr. Abel d'Andrade, mettido no seu grande casacão claro, interna-se, apressado, na negra e soturna rua do Oiro. A alegria do sr. Fernando Reis põe notas vivas de clara animação n'um grupo onde se discutem coisas politicas.

—Mataram o Leandro!—clama, junto de mim, uma voz afflicta.

—E' falso!—replica outra voz, levemente tremula e ligeiramente indignada. A estas horas, o incendiario liberto deve estar já muito perto de Hespanha.

E o caso discute-se. Mas interessa pouco. O *film* principia a desenrolar-se mais rapido. Ha agitação e ha, sobretudo, um certo receio de que cheguem a dizer-se coisas pouco sympathicas, que todos cuidam e pensam. Agora, alguem que irrompe do ministerio do interior traz outra versão. Leandro estava no Entroncamento esperando comboio. O povo amotinou-se. Houve grande desordem e ficou gente ferida.

Verdade? Ter-se-hia dado tudo isso? Subo a larga escadaria do ministerio. Tento informar-me. Em vão. As estações officiaes ou são mudas ou negam que no Entroncamento se hajam dado acontecimentos excepcionaes.

E' sempre assim. Porque será que toda a gente, n'esta terra, tem a mania de nos sequestrar da verdade? Pela mesma razão que a verdade nos irrita quando nos desagrada. E só por isso...

2.º quadro

Chega um automovel. Os curiosos afastam-se. Um correio abre uma portinhola. Apeiam-se o sr. presidente do ministerio e o sr. ministro do interior. Vae reunir o conselho. Para quê?

—Grandes coisas!—diz-me, quasi em segredo, o meu informador habitual.

—Bem sei, é a historia do costume!—replico-lhe. Isto não é fonte que alimente um bom *film* durante dois ou trez dias seguidos...

—Pois já lhe disse. O governo tem importantes medidas politicas em preparação. A chacina continua...

—O quê, mais demissões?

—Exactamente. Conta-se por ahi á bocca pequena que os commissarios de companhias e os administradores nomeados pelo governo que contra o mesmo governo se teem insurgido vão ser demittidos.

—Não pode ser!

—Pois fique sabendo que será! Nem o sr. Ferreira do Amaral, nem o sr. Azevedo Coutinho, nem os restantes em egualdade de circumstancias se manterão por muito tempo nos logares que occupam. Mas ha mais e melhor...

—O quê?

—E' que o sr. Augusto José Vieira, sob o pretexto de ter pago direitos de encarte, vae recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo do despacho que o demittiu de administrador da Companhia de Mossamedes...

E o meu informador despede-se. Se se confirmarem as suas novas, bemdita a hora em que seus passos se encaminharam para este recanto sombrio da Arcada, n'este tristonho dia de março humido e rabujento...

3.º quadro

O mesmo scenario e o mesmo palco. Quasi os mesmos actores. Entra gente e sahe gente. A porta do ministerio dir-se-hia a entrada d'uma colmeia gigantesca em plena laboração. Mas nem os homens são abelhas nem lá dentro, afinal, se trabalha muito.

Ha uma personagem nova, das que raras vezes apparecem. O sr. ministro da justiça, alto, de farta bigodeira, com os pés enormes alastrando pelo lagedo novo, passa como um espectro, escoando-se pela clareira que se abre na sua frente. Atraz d'elle, o correio conduz, dobrado e enrolado, um maço de papeis. Approxima-se um militar, de elevada situação no exercito. Vem mal disposto.

—Aquellas reintegrações... Não me agradam nem á maioria dos camaradas—affirma.

—Mas sempre se fazem?

—O maior numero diz que sim. E contam-se até episodios engraçados, relacionados com o assumpto. O governo pensou, realmente, em indultar todos os conspiradores que ainda se encontram impedidos de regressar a Portugal. Mas teve o seu receio...

—E desistiu?

—Isso sim! O governo não desiste nunca. O que fez foi procurar a formula. E parece que a encontrou. Simplesmente não era a que havia de deixar todos satisfeitos.

— Em que consistia então essa formula?

—Em reintegrar, primeiro, os officiaes republicanos que, por motivos politicos tiveram de abandonar o exercito. Lima Dias, por exemplo...

—O do 27 de abril?

—Exactamente.

—Houve, porém, quem, estando reformado, quiz pescar de novo em aguas turvas, para voltar ao effectivo. N'essa altura, o governo poz um pouco de lado o assumpto, sem comtudo o abandonar definitivamente. O indulto ha de decretar-se. Quando? Não sei.

E o panno desce, pondo, de subito, ponto no quadro. Entretanto, é possivel que não haja ficado um dos peores...

4.º quadro

Eleições. Coisas varias. Trapalhadas eleitoraes. Fará o governo as proximas eleições? Talvez faça, talvez não faça... E para quem serão as maiorias?

— Para o governo! diz um «pimentista».

—Para os democraticos!—affirma um affonsista.

Fazem-se calculos. Passa-se em revista o paiz inteiro. Estuda-se o taboleiro eleitoral. O «pimentista» entende que o governo vence as eleições na maioria dos circulos.

—Contamos com os conservadores e não nos faltarão, diz elle, todo senhor de si, como se tivesse realmente o Congresso fechado na mão.

—Enganam-se—returque o democratico. As grandes forças eleitoraes da monarchia estão integradas na Republica. O meu partido está certo do triumpho. A victoria será d'elle n'uns poucos de districtos. Ninguem conseguirá derrotal-o em Lisboa, Porto, Vianna do Castello, Bragança, Coimbra, Vizeu e Funchal, pelo menos. Affirmo-lh'o...

O outro contesta com acrimonia. Os dois exaltam-se. Ha discussão rija. Irrompem odios mal represados. Faz-se uma grande roda de curiosos. Interveem amigos d'um e d'outro lado. Ouvem-se conselhos de moderação. Por fim, quando a desordem parece inevitavel, os dois antagonistas olham-se espantados, aggridem-se violentamente á gargalhada e cada um segue o seu destino.

A final, este quadro não passou d'um ensaio a rigor d'um «film» politico que qualquer dia ha de representar-se a valer. Oxalá que n'esse dia a machina funccione na perfeição...

A. M.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Migalhas

Uma ideia de Praxedes

—Sabe? Tive uma ideia—declarou-me radiante o Praxedes...

—Ella que venha...

—E' muito simples e estou até admirado que ninguem a tenha tido. Não sei se você está convencido, como eu, de que esta terra nunca mais se endireita. O mal não está n'isto, nem n'aquillo. Está na gente não saber pensar, nem reflectir, nem calcular, nem concluir. Portanto, o que ha a fazer?

—Eu sei lá. Requerer o diluvio, a *reprise* de Sodoma, declarar guerra á Allemanha do mez de agosto passado...

—Nada d'isso. O meu projecto é outro. Pega-se em metade da população e manda-se para o estrangeiro. Aluga-se o paiz que ficar vago ao citado estrangeiro e, emquanto os nossos vão aprendendo lá fóra a trabalhar, a ter iniciativa, a ter bom senso e outras virtudes civicas e domesticas, os nossos inquilinos endireitam metade d'esta caranguejola. Animam a industria, concertam a agricultura, fomentam o commercio e não ligam nenhuma á politica. No fim de uns cinco annos, manda-se recolher a tal metade da população que está a educar e vae a outra metade, por egual periodo de tempo. Os estrangeiros que cá estiverem, cedem a vez a outro turno, tendo em vista a lei do inquilinato que deixar ficar os melhoramentos que cá tenham introduzido. No fim de dez annos estamos nós educados e muito estrangeiro que não tem onde estar—os belgas, por exemplo—teem gosado o lindo sol de Portugal e explorado um paiz quasi virgem, onde tudo está por estabelecer em bases racionaes e productivas. Que me diz?

—A ideia não é má de todo; mas tem um grande contra.

—E vem a ser?...

—Que bastavam esses dez annos em que nós, portuguezes, fossemos para o estrangeiro aprender a ser gente para endoidecermos o resto d[illegible]

E' verdade. Nã[illegible] d'isso.

Poeira da Arcada

Os mortos esquecem tão promptamente que muitas vezes o seu nome se perde logo sobre o silencio da campa, como as folhas dos choupos se sómem na vastidão das ramarias. Não pesam sobre os vivos, legando-lhes ao menos um feixe de recordações e memorias. Passaram pela terra como as aragens sobre as seáras.

Todavia, uma vez ou outra, um coração leal envia-lhes uma saudade ou uma lagrima furtiva. E perante a indifferença das coisas e o egoismo rude dos homens, queda soberano este espectaculo — uns olhos chorando alguem que a morte arrebatou, mas que um milagre de amor arranca ao esquecimento, illuminando trevas mais fundas que os abysmos do mar.

***

As grandes noticias produzem no publico o mesmo effeito que as ventanias n'uma selva. Os animos agitam-se, as impaciencias tornam-se febris, os rostos denunciam a inquietação de quem busca surprehender os signos de um mysterio.

O tonus vital da multidão eleva-se, ascendendo a uma altura em que é facil vêr uma labareda em cada olhar.

Em poucos minutos, ás vezes no relampago de um segundo, nas ruas e praças, disperso em centenas e milhares de attenções, nós podemos gozar o panorama grandioso de um desejo que se multiplica e se faz astro para mostrar que a curiosidade humana tem horisontes largos como os das aguias.

***

Até hoje os catholicos hespanhoes, residentes em Lisboa, cabiam perfeitamente nos nossos templos. Encontravam n'elles espaço mais que sufficiente para o fervor da sua fé.

Ultimamente, porém, parece que principiaram a sentir-se menos á vontade. Requereram egreja para si. Quer isto dizer que a religião cobrou n'elles maiores forças? Não. Significa, quando muito, que, mesmo em Portugal, elles querem corresponder-se em castelhano com o seu Deus.

Pelo telegrapho

A situação na França e na Belgica

PARIS, 15.—(Communicação official de hoje, ás 23 horas).—O dia foi assignalado por um grande numero de combates, favoraveis para nós. Na região de Lombaertzyde a nossa artilharia bombardeou muito efficazmente as fortificações inimigas. Os allemães tentaram retomar o fortim que lhes tomámos de assalto na noite de 11 para 12, mas foram repellidos, deixando uns 50 mortos no campo. As nossas perdas são insignificantes. Ao sul de Ypres, o exercito britannico ao qual um ataque allemão hontem tinha obrigado a retroceder para além de Saint Eloy, retomou a aldeia e a quasi totalidade das trincheiras visinhas, não obstante varios contra-ataques do inimigo.

Ao norte de Arras um ataque brilhantissimo da nossa infantaria permittiu-nos tomar de assalto, de uma só avançada, trez linhas de trincheiras no esporão de Notre Dame de Lorette e o rebordo do planalto. Fizemos uma centena de prisioneiros, entre os quaes alguns officiaes inferiores, destruimos duas metralhadoras e fizemos explodir o deposito de munições. Mais para o sul, na região de Ecurie Roclincourt, proximo da estrada de Lille, fizemos ir pelos ares varias trincheiras allemãs e impedimos o inimigo de as reconstruir. Na região de Albert, perto de Carnoy, os allemães fizeram ir pelos ares uma mina por baixo de uma das nossas trincheiras e occuparam a excavação.

Expulsámol-os e elles tornaram a installar-se n'ella, mas um novo contra-ataque permittiu-nos reconquistar a posição e ahi nos mantivemos; desde então, temos conseguido repôr no estado primitivo toda a nossa organisação defensiva.

No valle do Aisne, perto de Vassens, ao noroeste de Nouvron, apanhámos sob o nosso fogo duas companhias allemãs, que soffreram perdas muito importantes.

Na Champagne realisámos novos progressos, ganhámos terreno no bosque ao nordeste de Louvain e a noroeste de Perthes. Repellimos dois contra-ataques na frente da cota 196, a nordeste de Mesnel, alargámos n'este sector as nossas posições, fizemos prisioneiros e tomámos um lança-bombas.

Na Argonne a actividade tem sido muito grande desde hontem. Na região de Bagatelle repellimos dois contra-ataques inimigos, demolimos um «blockaus», occupámos o local respectivo e n'elle nos mantivemos. Entre Four de Paris e Bolante o inimigo tentou dois novos contra-ataques, que falharam como os trez primeiros.

Em Vauquois a nossa infantaria pronunciou um ataque que a tornou senhora da parte oeste [illegible] aldeia. Fizemos um grande numero de prisio[illegible]os. No bosque Le Prêtre, a nor[illegible] Pont-à-Mousson, os allemães [illegible] por meio de mina qua[illegible] trincheiras avançadas, que ficaram completamente destruidas e onde se installaram depois da explosão. Reconquistámos as duas primeiras e metade da terceira.

Entre o bosque Le Prêtre e Pont-à-Mousson, no alto de Rieupt, o inimigo pronunciou um ataque que foi repellido.

O ministro da guerra fez hontem, segunda-feira, uma visita ao general Maunoury, com quem poude conversar durante alguns instantes. Em seguida foi visitar o general Villaret, ao qual entregou, em nome do presidente da Republica, a cruz de commendador da Legião de Honra.—(*Havas*).

PARIS, 16.—Communicação official.—O exercito belga consolidou os resultados obtidos por elle nos dias precedentes. O exercito britannico, depois de haver retomado St. Eloy, reconquistou tambem as trincheiras a sudoeste da villa e obrigou o inimigo a evacuar as trincheiras de sueste que foram completamente demolidas pela artilharia. Em Champagne novos progressos a nordeste de Souain. No bosque Le Pretre retomámos aos allemães o resto das trincheiras que nos haviam sido tomadas por elles, ou, mais exactamente, o local d'ellas porque as organisações defensivas tinham sido completamente demolidas por explosões de minas. Nas encostas ao sul do grande Reichackarhopf, o inimigo havia-nos hontem de manhã tomado uma trincheira, mas já a retomámos tendo feito tambem alguns prisioneiros.—(*Havas*).

Balanço diario

E' o sr. Macedo Santos o delegado do 2.º districto criminal, e é esse districto criminal aquelle por onde corre o processo instaurado contra o sr. Manuel d'Arriaga e contra o chefe do governo, por ataques á Constituição. Por esse motivo, o sr. dr. Macedo Santos teve hoje uma demorada conferencia com o sr. procurador geral da Republica, parecendo que principiará na proxima semana a inquirição das testemunhas de accusação.

Uma licença

O sr. dr. João de Freitas, professor dos liceus do Porto, requereu, pelo ministerio da instrucção, licença illimitada sem vencimento. O requerimento tem já informação favoravel. No partido evolucionista, este acto do sr. João de Freitas foi muito commentado, havendo quem o relacione com certos factos juridicos que se teem dado em processos que teem esse professor como parte accusadora particular.

Nota officiosa

Acompanhada por cartão do sr. Ferreira Gonçalves, secretario do sr. dr. Nunes da Ponte, recebemos esta tarde uma nota officiosa na qual se diz que «carece de fundamento a noticia publicada n'alguns jornaes de que o sr. ministro do fomento houvesse conferenciado com o sr. Hinton ou o seu representante, sobre a reclamação apresentada por aquelle industrial, e muito menos sobre qualquer prorogação do seu contracto».

Governador de S. Thomé

O sr. 1.º tenente Carlos Pereira teve hoje, com o sr. ministro das colonias, uma demorada conferencia. Houve quem deprehendesse d'esse facto que será, effectivamente, o sr. Carlos Pereira quem irá governar S. Thomé. A respectiva nomeação, ao que se affirma, será feita por estes dias.

Ministros e ministerios

O conselho de ministros reuniu esta tarde, pelas duas horas, no ministerio do interior. Tratou de assumptos de administração. O sr. Guerra Junqueiro esteve em diversos ministerios, a cumprimentar os ministros.

FIGURAS DA GUERRA

O kaiser... callisto

O imperador Guilherme passa em Italia por lançar mau olhado

Escrevem de Roma, com data de 9:

Desde hontem que corre um boato o qual pode tornar perplexos alguns neutralistas e dar o golpe de misericordia na influencia allemã na Italia, onde mesmo os espiritos mais cultos admittem o mau olhado e por coisa alguma se arriscariam a ligar-se com um individuo que tenha a reputação de callisto.

Crispi, que era um espirito forte, acreditava no mau olhado e usava na cadeia do relogio um immenso cornicho de coral, o que é considerado como um excellente quebra enguiço. Uma vez que tinha partido para Paris a fim de defender uma causa importante, parára em Turim para obter uns esclarecimentos de que precisava para o bom exito da causa de que se encarregara. Alli recebeu um telegramma em que os seus constituintes lhe communicavam que fora resolvido encarregar de coadjuval-o um dos mais illustres advogados do foro napolitano, um senador que tinha uma terrivel reputação de callisto; foi o bastante para que voltasse immediatamente para traz e corresse a casa dos seus clientes entregar o processo que lhe tinham confiado.

Pois agora começa-se a desconfiar por aqui de que Guilherme II pertence á corporação dos seres maleficos investidos do poder diabolico de espalharem a desgraça por onde passam. Já por occasião das suas primeiras viagens á Italia, no tempo do rei Humberto, se tinham produzido alguns incidentes que fariam nascer a suspeita de que o kaiser tinha mau olhado.

Em Castellamare, no dia em que foi lançado ao mar o grande couraçado *Re Humberto*, manifestou-se incendio a bordo do navio onde então estavam os soberanos e se realisava um almoço de gala. Ao sahirem do couraçado, uma dama da côrte a quem Guilherme II dera a mão para a ajudar a descer poz um pé em falso e por pouco não cahiu ao mar. No dia seguinte, no palacio do Quirinal, no momento em que o kaiser entrava n'uma sala desprendeu-se o lustre do tecto; um conselheiro de Estado e um deputado que assistiram ao episodio e tinham conhecimento dos anteriores olharam-se aterrados e murmuraram: *E proprio jettato!* (um verdadeiro callisto!)

O que desde o começo da guerra se tem passado parece confirmar e tornar mais precisa esta reputação um tanto vaga e já um pouco esquecida.

Basta que o kaiser appareça n'um ponto qualquer das linhas de combate para que ahi logo se produza um desastre; basta mostrar-se para que onde até então imperava a esperança da victoria se affirme a certeza de uma derrota. Aproximou-se de Nancy na intenção de collocar-se á frente dos seus fieis uhlanos para fazer uma entrada triumphal na grande cidade lorena, e um vez de assistir á tomada da cidade, como esperava, assistiu á derrota do seu exercito derrota completa, tendo que acompanhal-o na fuga.

Encarregou pessoalmente de uma missão o pobre Bulow que até então só successos conhecera na sua brilhante carreira diplomatica e bastou que a missão fôsse encarregada pelo kaiser para que o encarregado fôsse, e pelo primeira vez, humilhado com uma completa derrota.

Associou os destinos da Austria aos da Allemanha, o destino dos Habsburgos e dos Hohenzollern, e tanto bastou para mergulhar o imperialismo hungaro n'uma crise de decomposição. Levou a Turquia para o seu lado, e a Turquia agonisa sob o fogo dos canhões que bombardeiam os Dardanellos. Em segredo aconselhou o rei da Grecia, e eis que a corôa da Hellada se vê em perigo, abalada por um profundo dissentimento entre as hesitações do soberano e a vontade do seu povo.

Tudo em que o kaiser se mette corre mal. Gente conheço eu que com menos motivos, disfructa uma reputação de calisto que a acompanhará até ao ultimo alento, affastando do seu convivio as pessoas susceptives e timoratas que são ainda numerosas na Italia. Se a reputação do mau olhado que começa a sombrear a figura de Guilherme II chega a ser definitivamente consagrada, o imperador allemão perderá os ultimos amigos que ainda conserva aqui e cujo numero n'estes ultimos tempos tem sensivelmente diminuido, embora devido a outras causas.

Hoje em Italia já ninguem fala em Guilherme II sem ao mesmo tempo fazer uma figa e hastear todos os cornichos que traz como berloques pendentes da corrente do relogio.

“Entraremos em Paris”, dizia o kaiser

Soissons, 13 de março

Ha de haver perto de cinco semanas, chegou a La Fère o kaiser com os officiaes do seu estado maior, escoltado por 50 couraceiros brancos, 50 gigantes que durante tres dias nem por um só momento o abandonaram. Nunca os habitantes souberam onde o imperador allemão pernoitava; no entanto puderam vêl-o de perto, verificar que tinha envelhecido sensivelmente e que, apesar dos seus esforços para apparentar alegria, não podia occultar a tristeza que o dominava e a preoccupação que o possuia. Todos os dias ia á explanada ouvir o concerto dado por uma banda militar; a proposito d'estes concertos observou a população que a auctoridade militar emprega a musica como um tonico reconfortante.

Todas as vezes que chegava a noticia d'uma derrota—as noticias infiltravam-se e espalhavam-se com uma rapidez surprehendente—ia a musica para a esplanada dar um concerto, parecendo quererem servir-se d'ella para fazer desvanecer as preoccupações da soldadesca.

No terceiro dia, quando estava para tomar logar no automovel que devia leval-o definitivamente da região, o kaiser arengou aos soldados que acabava de passar em revista. Não lhes occultou as difficuldades da campanha, difficuldades que elles melhor do que ninguem conheciam, mas accrescentou: «Queimaremos o ultimo cartucho, poremos em linha as ultimas reservas, mas entraremos em Paris; precisamos da capital da França».

O PORTO PROGRIDE

A Avenida da Praça da Liberdade á Trindade

vae iniciar-se em breve

Porto, 14 de março.

—Não só planos e projectos: factos, realisações... E' esta a divisa da actual commissão executiva da camara—dizia-nos ha pouco um distincto engenheiro.

E accrescentou:

—E' inegavel que, para vencer, é preciso *querer*. E quem *quer*, quem é tenaz, dispondo de actividade e pondo em acção todos os recursos de intelligencia e de methodo, vence sempre, por mais difficuldades e entraves que se lhe deparem no caminho das realisações.

E' o que se tem dado com a camara actual, se bem que é de justiça destacar a figura do vereador do pelouro das obras, o sr. Elysio de Mello. E' um dos homens que, traçado o caminho, o percorre intemeratamente, quer juncado de flores, quer eriçado de espinhos.

Veja v. que, se não fosse este modo de ver e de proceder, não teriamos já, muito adeantados, dois melhoramentos importantissimos: — o Matadouro e o novo Mercado do Bolhão...

—Sem desiquilibrio nas finanças do municipio...

—Evidentemente. E até pelo contrario. Porque tanto o Matadouro como o Mercado do Bolhão depois de promptos vão constituir receita *nova* e importante para a camara, sem que se aggravem as taxas da contribuição dos generos entrados no Bolhão, nem as do Matadouro, e ficando este em todas as condições de higiene, podendo mais tarde, se se chegar á municipalisação do serviço de abastecimento de carnes, constituir um estabelecimento modelo, de grandes receitas, pela utilisação de varias industrias derivadas das carnes e que a camara poderá facilmente explorar.

—Mas, da Avenida da Trindade, o que lhe parece?

—Pela «maquette» hontem exposta, qualquer pessoa, mesmo sem ser engenheiro, pode verificar que fica uma obra monumental. Não só desafoga a Praça da Liberdade, tornando-a verdadeiramente digna do Porto, mas abre uma grande clareira de ar e de luz, no centro da cidade, acabando com edificações inestheticas e com verdadeiros fócos de infecção que, de ha muito, só a bem da higiene urgia derruir.

—Pode dar-nos algumas indicações claras da nova Avenida?

—O actual edificio da Camara desapparece e a Praça da Liberdade alargará para o lado occidental até deitar abaixo as casas que a marginam, na direcção d'aquella onde está a livraria Moreira. Assim, fica a Praça com a largura de 78 metros.

A Avenida, até á Trindade, fica na extensão de 360 metros e com a largura de 55.

Além do edificio da Camara, como lhe disse, teem de ser demolidas todas as casas que, n'aquella direcção, existem na rua do Laranjal.

—E do lado opposto?

—Do lado opposto, antiga rua de D. Pedro, desapparece em primeiro logar o edificio onde estão o Hotel Francfort e o Café Chaves e todo esse quarteirão, incluindo as edificações longitudinaes da Cancella Velha...

Veja, diz-nos o distincto engenheiro:

—Desapparece o edificio do *Jornal de Noticias* e a antiga Tipographia Teixeira, onde se compuzeram grande numero das obras de Camillo... Mas lá vae tambem a viella do Cirne, uma das mais sujas arterias do vicio tolerado...

—E o perfil?

—As casas da rua Elias Garcia (antiga de D. Pedro) terão que avançar uns 12 metros ou mais em alguns pontos, tendo de ficar, em varios sitios, as casas com o primeiro andar para a Avenida ao nivel do actual rez-do-chão d'aquella rua. E' o mesmo que se dá com parte das ruas [illegible] da Bandeira e 31 de Janeiro.

—Orçamento?

—A importancia da Avenida está orçada em 800 contos, quasi que só para pagamento de expropriações. Mas a Camara faz até uma bella operação financeira porque com o valor dos terrenos que depois venderá não só poderá fazer face a todas as despesas, mas ainda conseguir um saldo importante.

Basta considerar que, em alguns pontos das ruas do Laranjal e Elias Garcia, ficam terrenos com 12 metros de fundo, ondese poderão edificar predios com quintal... E v. sabe que os portuenses adoram um predio com quintal... para o seu jardimsinho, a sua capoeira, o brinquedo das creanças...

E, finalmente, no projecto não se esqueceram as ligações transversaes. Para isso, não sómente será prolongada a rua de Passos Manuel, deitando-se abaixo as casas da rua Sá da Bandeira que lhes ficam em frente até á rua do Bomjardim e d'esta até á rua do Almada, atravessando a Avenida e derruindo a rua dos Lavadouros.

E' uma obra grandiosa.

EM INGLATERRA

A requisição das fabricas

Escrevem de Londres:

Ha algumas semanas, no decorrer d'um discurso que pronunciou em Banger, declarou o sr. Lloyd George: «A guerra actual é de uma nova especie; é uma guerra d'engenheiros». E, sem mais explicações, deu a entender que o governo inglez em face d'esta situação nova poderia ser levado a tomar medidas especiaes.

Porem na sessão de terça-feira ultima, expoz o sr. Lloyd George muito claramente quaes são essas medidas: o governo pede ao Parlamento que vote uma lei auctorisando-o a requisitar e collocar sob a sua fiscalisação toda a officina ou fabrica susceptivel de produzir material de guerra; os poderes concedidos ao governo quando começou a guerra permittem-lhe fiscalisar sómente as fabricas de material de guerra e não aquellas que sejam susceptiveis de transformação que as tornem aptas para tal fabrico. E' com relação a estas ultimas que o governo deseja obter novos poderes.

E' sabido que, apesar de todos os esforços feitos pelo governo e de todos os progressos realisados pela industria, desde o começo do conflicto, a producção do material de guerra está longe de ser tão intensiva como seria licito esperar d'um grande paiz como é a Inglaterra.

E' indiscutivel que seria possivel transformar em fabricas de material de guerra certo numero de estabelecimentos fabris que continuam em laboração normal; mas, supprondo mesmo que os seus proprietarios concorressem em ficar ao serviço do governo, muitos d'elles ver-se-hiam impossibilitados de fazel-o pelos contractos que as enleiam ainda por semanas, e por mezes até. Para as desligar d'esses contractos torna-se indispensavel a intervenção dos poderes publicos, e a auctorisação dada ao governo pela lei que pede ao Parlamento permittir-lhe-hia intervir nos casos d'esta ordem.

Mas não se trata sómente de multiplicar as fabricas productoras de material de guerra; é necessario tambem regularisar a questão da mão de obra. Ha dias, uma gréve em que entraram perto de 50.000 operarios paralisou durante mais de uma quinzena a producção de material de guerra na fabrica da Clyde e em varios outros pontos se a gréve não chegou a declarar-se nem por isso deixam de ser em demasia tensas as relações entre patrões e operarios, tornando-se por isso urgente remediar com a maxima brevidade esta perigosa situação.

De varias causas provém este mal estar. No primeiro plano figura o consideravel encarecimento da vida, que conforme dizem as estatisticas officiaes regula nas grandes cidades entre 20 e 25 0|0; e no segundo a geral convicção que lavra nas populações operarias de que os fornecedores do ministerio da guerra e do almirantado não dão aos seus operarios — apezar de terem feito contractos altamente vantajosos — a parte a que teem direito. Na maior parte dos casos a accusação é infundada; no emtanto não deixa de ser exacto que um certo numero de fabricantes nem sempre tem usado da moderação que seria para desejar.

A requisição e a fiscalisação exercida pelo Estado nas fabricas que entender necessarias terão a vantagem de lhe permittirem regularisar estas questões.

De uma maneira geral, as propostas do sr. Lloyde George tiveram bom acolhimento; nos centros liberaes causou um tal ou qual espanto a pressa que o governo mostra em que seja votada a lei, pedindo-se, ao menos, uma sessão para a discutir, mas em principio, ninguem manifestou a mais ligeira opposição».

Theatro S. Carlos

Amanhã S. Carlos dá-nos um espectaculo dos mais extraordinarios, pois que reune tres peças notaveis: *O Fado*, de Bento Mantua, vivificação do quadro do pintor José Malhoa, *Serenata das Flores* e a popular peça em 5 actos *D. Cesar de Bazan*, um dos mais soberbos trabalhos de Augusto Rosa.

Na sexta-feira, realisa-se a festa de Angela Pinto, com *A Aventureira*, peça que pela primeira vez se representa em Portugal, sendo uma das obras primas do theatro francez.

A contas com a policia

Sebastião Baptista, morador na «villa» Grandella, 12, 1.°, foi preso a pedido de Jorge de Sousa Tota, residente na «villa» Estephania, letras M. D., que o accusa de o haver burlado com materiaes de obras no valor de 68 escudos.

VIDA ARTISTICA

Theophilo Braga

O busto do presidente do Governo Provisorio para o municipio será executado por Teixeira Lopes

N'uma das ultimas sessões da commissão executiva do municipio foi approvada a proposta para que a galeria de obras de arte dos Paços do Concelho fosse enriquecida com o busto, em marmore, do sr. dr. Theophilo Braga, presidente do Governo Provisorio. N'essa proposta não se indicava o artista a quem o trabalho devia ser confiado, mas frisava-se que o busto teria de ser assignado por estatuario de merito reconhecido.

A commissão executiva do municipio já encarregou o esculptor Teixeira Lopes de executar o busto do venerando democrata que presidiu ao governo revolucionario. O illustre artista portuense executou tambem o busto em marmore do sr. Anselmo Braamcamp Freire, que se admira n'uma das salas do municipio e que foi offerecido pelos vogaes da commissão executiva a que o sr. Braamcamp presidiu.

O municipio de Lisboa exhibe actualmente nas suas salas, além d'aquelle busto, um precioso marmore, *Botão de Rosa*, graciosa cabeça de rapariga, cheia de candura e ingenuidade, com esse sentimento de que o artista possue o segredo.

Theatro da Republica

A antiga casa de espectaculos será reconstruida pelo architecto Tertuliano Marques

Proseguem com toda a actividade os trabalhos de desaterro e remoção dos escombros do theatro da Republica. A empresa convidou o distincto architecto Tertuliano Marques a fazer a reconstrucção do theatro, mantendo, como já aqui dissémos, a linha geral d'essa casa de espectaculos, que era sem duvida a melhor conformada, a mais elegante e artistica da capital. O architecto fará os necessarios reparos no antigo jardim de inverno, milagrosamente poupado pelo incendio, e a restauração do *foyer*, a que tantas recordações estão ligadas. O aspecto da sala, em que se observará a mesma disposição, apenas ficará mudado na sua decoração, menos sumptuosa do que a precedente, mas muito mais alegre, pois que ahi sobresahirá o branco e o ouro.

O artista e a empresa contam ter concluidas as obras de forma a poder funcionar alli a companhia na proxima epocha.

Mais de um milhão de homens combatem na Polonia

Petrogrado, 12 de março

Uma cruenta batalha está a esta hora travada na Polonia no quadrilatero formado, ao norte, pela fronteira prussiana, a oeste, pela via ferrea de Molawa para o meio dia, ao sul e ao leste pelas ribeiras de Nazew e Babr.

Pelo menos um milhão de homens estão em lucta, e este numero de dia para dia mais vae augmentando.

Parece que o plano de von Heridenburg é não só deter o impulso russo, mas tambem tentar n'este terreno um ultimo esforço para esmagar o exercito dos nossos alliados, e abrir caminho para Varsovia.

Os russos nada teem feito para evitar a lucta; pelo contrario, foi a iniciativa do grão duque Nicolau que precepitou a batalha que, afinal, é apenas uma resposta ao vasto movimento executado pelos allemães com o fim de envolverem o flanco direito russo. Foi o grão duque Nicolau que, depois de os ter batido em Praenysch e ter-lhes cortado a esperança de tornearem o flanco direito e interromperem a linha ferrea que liga Varsovia com o norte da Russia, as obrigou a bater em retirada em toda a linha de leste, para fazerem face aos russos que os ameaçavam de entrar novamente, pelo sul, na Prussia oriental.

Para impedir esta nova invasão russa, teem sido importantes reforços allemães —naturalmente retirados de toda a Prussia oriental—mandados de Crajevo para Assowietz e Kolno, para Lomja e Chorzele e para os valles do Amanleff e do Arjitz, com destino a Astrolenka e Pransnysch, provavelmente na intenção de abrirem um ataque de frente.

Por outro lado, o inimigo iniciou um movimento de flanco na região de Droblin, ao sul de Sierpe, e está enviando apressadamente todas as tropas de que dispõe, isto é, aproximadamente trinta e dois corpos d'exercito.

Estas medidas são a prova de que se sente seriamente ameaçado.

O crime do Campo Grande

O funeral da victima

Revestiu desusada imponencia o funeral do marchante sr. Porphirio José do Rego, que hoje se realisou, sahindo o feretro da egreja de S. Mamede para o cemiterio occidental. Era enorme o acompanhamento de peões, além de muitos trens e automoveis. N'uma carreta especial viam-se bastante corôas de flôres artificiaes e ramos de flôres naturaes, tendo estado o largo de S. Mamede pejado de gente por occasião do sahimento.

Como auctores do crime, foram hoje pronunciados Guilherme Canas Pereira, Antonio [illegible] Coluna, Arthur Baptista Vice[illegible]stos e Arthur Bento de Sousa, [illegible] lhes o despacho de pronuncia [illegible] no Limoeiro pelo escrivão Pereira, por cujo cartorio o processo corre os seus termos.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.° districto criminal, por falta de testemunhas d'accusação, foi adiado para 19 d'abril o julgamento de Manuel Lopes Romero, que em 27 de janeiro de 1914 assassinou a tiros de revolver Constantino Rodrigues, dono de um kiosque no largo do Intendente.

Tambem no 2.° districto, foi mais uma vez adiado o julgamento de Eduardo Augusto Botanete, accusado de ter commettido um crime grave na menor Lucia da Silva. Foi marcado o dia 5 d'abril para o novo julgamento.

NA AMADORA

Concurso pecuario de ovinos

Realisa-se no proximo domingo uma exposição e concurso de ovinos, promovida pela Associação Central de Agricultura Portugueza. Foi este anno escolhida a povoação da Amadora para este concurso, por ser um centro de producção da raça ovina chamada «saloia», que se distingue pela grande aptidão leiteira das femeas.

Os concorrentes devem estar ás 9 horas da manhã, na estrada de Carnaxide, esquina da rua Gonçalves Passos, nos terrenos fronteiros á Escola Maria Pinto. Os premios, no valor de 200 escudos, serão distribuidos nos Recreios Desportivos gentilmente cedidos para este fim pelos srs. José dos Santos Mattos e Antonio Correia.

Pela avenida Amaral desfilará uma parada de animaes que tomam parte no concurso, que deve ser interessante, pois é grande o numero de expositores inscriptos.

A'manhã, ás 21 horas, o delegado de pecuaria de Lisboa fará na séde da Associação de Agricultura, rua Garret, 95, uma prelecção destinada a elucidar os expositores que desejem concorrer. As inscripções dos animaes podem ser feitas, em Lisboa, na séde d'aquella Associação.

Um extraordinario concerto em S. Carlos

O concerto que no proximo domingo se realisa em «matinée» em S. Carlos constitue um grande acontecimento musical, de completa novidade. A' semelhança dos famosos concertos da guarda republicana de Paris e da celebre banda norte americana do maestro Sousa, o illustre maestro Fernandes Fão organisou uma grande banda composta de 90 professores, ampliada com instrumentos de corda, com que realisará um unico concerto no proximo domingo.

O programma é admiravel, figurando as mais notaveis obras de Berlioz, Grieg, Saint-Saens, Goldmarck, Liszt e Tchaikowsky.

PEQUENAS NOTICIAS

Rosalina da Encarnação de Mattos Pereira, moradora no convento de Jesus, suicidou-se, atirando-se da janella para a rua. O cadaver foi removido para a Morgue.

—No mercado da Ribeira Nova foi aggredida com pontapés no ventre, por uma vendedeira, que foi presa, Virginia Gomes, de 17 annos, moradora na calçada da Picheleira, M. A. Conduzida em automovel ao hospital de S. José, foi pensada no banco, recolhendo depois a casa.

—Na enfermaria 8 do hospital de S. José, deu entrada Antonio Seabra Aleixo, de 15 annos, tripulante de uma fragata surta em Agueda, que, ante-hontem, ao preparar o gazometro de acetylene para a pesca, ficou horrorosamente queimado no rosto e olhos, por se ter dado uma explosão.

—Deram hoje entrada na Morgue o cadaver da menor Isabel dos Santos Motta, hontem atropellada por um automovel na avenida Antonio Augusto de Aguiar e que, depois de pensada no hospital de Santa Martha, recolheu a casa, onde morreu, e o do marçano Manuel Valente, de 17 annos, morador na rua da Bella Vista á Lapa, 36, que ali se suicidou por enforcamento.

"Tratamento da prisão de ventre,,

de Samuel Maia

O distincto clinico que é o dr. Samuel Maia acaba de publicar sob o titulo que nos serve de epigraphe um estudo interessante e utilissimo sobre as causas da prisão de ventre, doença hoje tão vulgar sobretudo nos que teem uma vida sedentaria. Descrevendo em linguagem corrente e a todos comprehensivel os casos em que foi chamado a intervir, o dr. Samuel Maia, como elle proprio declara, não tira conclusões para serem compendiadas em doutrina: diz o que observou e o modo de tratamento. Entende assim prestar um serviço tanto a doentes como a medicos, dizendo que uma das principaes condições, se não a principal, para o doente se curar, é que medico e doente tenham fé, muita fé. Só os fortes se curam; os impotentes que não creem não podem curar-se.

O livro *Tratamento da prisão de ventre* é bem a obra d'um medico conscio de si e da profissão que exerce. Honra o seu auctor.

O proximo concerto no Politeama

A festa dedicada a David de Sousa, a que hontem alludimos e que se realisa no domingo, é promovida pelos srs. drs. Mello Breyner, Azevedo Neves, José de Padua, e pelos proprietarios do theatro Politeama, srs. Luiz Pereira e Bernardino de Azevedo.

Todos os amadores de musica se associarão a esta homenagem ao grande artista portuguez, que tanto está contribuindo para a educação artistica nacional.

ULTIMAS NOTICIAS

Leandro sae de Portugal

O indultado escapa da morte e manda organisar um comboio que o conduz a Hespanha

Leandro Gonzalez Blasco, o incendiario da Magdalena, deixou hontem a Penitenciaria, para se internar no seu paiz.

A sahida do celebre criminoso da cadeia central de Lisboa effectuou-se com a mais absoluta reserva, por parte das auctoridades.

Hontem, depois da assignatura presidencial do decreto que substituia a pena de degredo pela de expulsão do paiz, o ministro da justiça mandou chamar ao seu gabinete o director da Penitenciaria, sr. dr. Rodrigo Rodrigues, a quem deu ordens para que Leandro Gonzalez fosse posto na fronteira, sob o mais completo e rigoroso sigillo, pois que, desde aquelle momento, o antigo presidiario deixava de estar sujeito ao regimen da cadeia, em virtude do decreto que o indultava. Era, no entanto, preciso—disse o ministro da justiça —que a sahida do incendiario se fizesse sem que ninguem o suspeitasse, e todas as precauções n'esse sentido foram tomadas.

O sr. Rodrigo Rodrigues, voltando do ministerio á Penitenciaria, mandou immediatamente chamar o chefe dos guardas d'aquelle estabelecimento penal, sr. José d'Assumpção e Sousa, a quem deu ordem para que fosse a casa de Leandro Gonzalez buscar a roupa necessaria para que este pudesse ser transferido da cadeia, annunciando ao mesmo tempo ao funccionario que se preparasse para uma viagem, *demarches* de que deveria guardar um rigoroso segredo.

Estas ordens foram dadas ao escurecer, seguindo o chefe dos guardas para a casa indicada. Ali, o cunhado do Leandro, ao receber o recado, futurou logo do que se tratava e, munindo-se da roupa e do dinheiro necessarios para uma viagem larga, dirigiu-se ao edificio da Penitenciaria.

Entretanto, o sr. Rodrigo Rodrigues communicou ao prisioneiro a noticia do indulto. Leandro Gonzalez, apesar de esperal-a d'um dia para outro, recebeu-a com um profundo suspiro de allivio e um sorriso de manifesta alegria.

Pouco depois, o cunhado trazendo a roupa chegou á Penitenciaria e Leandro Gonzalez preparava a sua *toilette* de liberto.

Concertou-se, em seguida, na maneira de transportar o incendiario á fronteira. De começo, pensou-se em conduzir Leandro Gonzalez a uma das estações do percurso da linha hespanhola, devendo ser acompanhado por dois guardas. Leandro Gonzalez e o cunhado, porém, resolveram a questão, optando pela viagem de automovel e para isso o parente do incendiario sahiu a alugar o vehiculo.

Todos estes trabalhos se effectuaram com a maior rapidez e, pouco depois das 22 horas, Leandro Gonzalez, o cunhado e o chefe dos guardas deixavam o edificio da Penitenciaria.

Pouco depois chegava ali para falar com o prisioneiro o seu advogado sr. dr. Alexandre Braga, a quem deram conhecimento da resolução tomada.

A' sahida, Leandro Gonzalez, informado de que as estradas do norte não estavam boas, resolveu seguir pelo sul, transpondo o Tejo para a outra banda, dizendo que, por volta das seis horas, deveria estar em Badajoz, onde tinha casa e contava fixar residencia.

A caminho de Badajoz

Leandro é aggredido no Setil com dois tiros, ficando ferido

Ao contrario do que se supunha e contra tudo o que o bom senso indicava, Leandro Gonzalez, em vez de passar o Tejo para a Outra Banda e seguir d'automovel, pelo Alemtejo, para Badajoz, metteu pela estrada de Villa Franca, no intuito de tomar, longe de Lisboa, um comboio que o conduzisse a Badajoz. Em Villa Franca, porém, o *chauffeur*, sob o pretexto de que as estradas se encontravam intransitaveis, recusou-se a avançar. Leandro foi, por esse motivo, forçado a pernoitar n'aquella villa.

Hoje de manhã, o incendiario liberto tratou de seguir viagem. Passava um comboio em Villa Franca ás 10,23. Era o que sae do Rocio ás 9,10. Tomou-o. A's 11,2 chegava ao Setil. Tinha 7 minutos de demora. Leandro precisou de se apear e apeou-se. Depois, quando ia a retomar o seu logar no comboio, ouviram-se duas detonações e o incendiario soltava um grito de dôr. O que se passará?

Dil-o o sr. dr. Fernando d'Almeida, governador civil de Santarem, com quem por acaso nos encontrámos esta tarde no ministerio do Interior.

—Tencionava—principiou aquella auctoridade—vir hoje a Lisboa. Mas como o rapido do Porto não tem paragem em Santarem, tomei, como costumo, o comboio que passa ao Setil ás 11,2 minutos e que era aquelle onde ia Leandro Gonzalez.

«Mal o comboio chegou á estação de Santarem, tive noticia de que o Leandro fôra aggredido com dois tiros no Setil e que ficára ferido. Em Torres Novas, dirigi-me para a carruagem em que o liberto viajava, para o [illegible] minar na minha qualidade d[illegible] Assim fiz. Os feriment[illegible] porém, graves.

«Leandro tinha uma bala no braço esquerdo, na parte mais musculosa, perto do hombro. O projectil não sahira. A outra bala atravessara-lhe de lado a lado a côxa esquerda. Ambos os ferimentos tinham sido ligeiramente pensados, e, como não me pareceu conveniente mexer nos pensos, deixei-os tal qual estavam. No Entroncamento, quando o comboio chegou, o caso do Setil era já conhecido pela guarda republicana, a quem fôra communicado. Tomaram-se assim, desde logo, todas as providencias para que não se désse mais nenhum incidente desagradavel.

«Leandro não ia abatido, apesar de ter escapado de boa. Vestido de escuro e de cara rapada, era quasi irreconhecivel para quantos quizessem descobril-o pelos retratos que do incendiario se teem publicado. Deu-me a impressão de ir absolutamente senhor de si e de posse d'uma serenidade completa.

«No Entroncamento, Leandro, que ia acompanhado do sr. Antonio Assumpção Sousa, chefe dos guardas da Penitenciaria, e d'um agente de policia ao serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro, tratou sem perda de tempo de mandar preparar um comboio especial, para o conduzir ao seu paiz. O comboio organisou-se rapidamente, e o Leandro, acompanhado pelas mesmas pessoas com quem fôra do Setil e por mais dois soldados, armados, da guarda republicana, seguiu, emfim, para Badajoz, expulso definitivamente do paiz».

O automovel que conduziu Leandro até Villa Franca tem o n.° 303, da praça de Lisboa. Em Lisboa correram ainda outras versões sobre o que se passou no Setil. Dizia-se, por exemplo, que Leandro fôra aggredido quando, n'aquella estação, esperava comboio para o Entroncamento, visto o que tomara o não levar além do Setil, por se dirigir para o sul. Leandro fôra alvejado quando tomava o comboio que lhe convinha, ficando tão gravemente ferido que fôra preciso leval-o para Santarem.

Ainda se dizia que o incendiario indultado atravessára realmente o Tejo, no intuito de ir pelo sul para Hespanha. A certa altura, porém, por causa das estradas, deliberára retroceder e ir esperar no Setil o comboio que havia de leval-o até á fronteira. D'estas versões, porém, a primeira é a que mais verosimilhança offerece.

A policia de Lisboa anda na peugada do aggressor, tendo sido postas á disposição das auctoridades respectivas os agentes necessarios para a descoberta do auctor da aggressão. Até á noite, não tinha, comtudo, sido preso.

Os negocios de Leandro

Durante a sua permanencia no Limoeiro, bem como quando esteve na Penitenciaria, Leandro Gonzalez cuidou sempre dos seus negocios, tendo-se associado ultimamente com o cunhado. Com a firma A. Roiz Garcia & C.ª de que Leandro é o principal interessado, existe um escriptorio na rua 24 de Julho. Foi ali que hontem, pela tarde, se dirigiu o chefe dos guardas da Penitenciaria a reclamar as roupas para o incendiario. Foi tambem ali que hoje nos dirigimos para colher informações sobre a demora de Leandro no paiz. Nada nos disseram a tal respeito, allegando desconhecer o incidente da viagem.

O escriptorio dos negocios de Leandro Gonzalez está excellentemente instalado. Sente-se que *malgré tout* os negocios marcham. Ainda hontem um importante agricultor que ali foi tratar d'um negocio, a venda de uns terrenos contiguos ás propriedades de José Maria dos Santos, não poude liquidar o assumpto, o que fez depois de se dirigir á Penitenciaria.

Ao termos conhecimento d'esta transacção, procurámos o agricultor, para que nos dissesse as suas impressões sobre o prisioneiro, que, horas depois, devia abandonar a cadeia.

—Tendo lido as noticias do indulto ao Leandro, diz o nosso interlocutor, e tendo pendente o negocio da venda d'umas propriedades no outro lado do Tejo, tomei a resolução de o procurar para liquidar esse assumpto.

«Leandro Gonzalez, com quem conversei largamente, estava absolutamente confiado no seu indulto. Insistiu mais uma vez na sua innocencia, affirmando que não teve outro remedio senão recorrer ao governo do seu paiz.

Informado por esse negociante que a pena de degredo era substituida pela expulsão do paiz, segundo diziam os jornaes, Leandro Gonzalez exclamou:

—O que eu desejo é vêr-me livre d'isto. Nem contava ficar em Lisboa! Em qualquer parte continuarei trabalhando...

O decreto de commutação da pena

E' do theor seguinte o decreto que o *Diario do Governo* hoje publica, commutando a pena de Leandro Gonzalez:

Attendendo ao pedido que ao governo da Republica Portugueza foi feito pelo governo de Hespanha, e querendo significar a este os meus sentimentos de cordeal amisade;

Attendendo ás informações que me foram dadas ácêrca do exemplar comportamento de Leandro Gonzalez Blasques, na Cadeia Nacional de Lisboa;

[illegible] a que elle, quando lhe fos[illegible] de prisão que soffreu [illegible] terminado a pena [illegible] ministros da justiça, estrangeiros e interior, e ouvida a commissão de reforma penal e prisional, usando da faculdade que me confere o n.° 8.° do artigo 47.° da Constituição Politica da Republica Portugueza, decretar que a Leandro Gonzalez Blasques, condemnado por accordam da Relação de Lisboa, de 5 de fevereiro de 1910, na pena de oito annos de prisão maior cellular, seguida de degredo por vinte annos ou em alternativa na pena fixa de vinte e oito annos de degredo em possessão de 1.ª classe, com oito annos de prisão no logar do degredo, e actualmente preso na Cadeia Nacional de Lisboa, seja commutado o resto da pena que lhe falta cumprir na pena de expulsão do territorio portuguez pelo mesmo tempo.

Os ministros da justiça, estrangeiros e interior assim o tenham entendido e façam executar. Paços do governo da Republica, em 15 de março de 1915.—*Manuel de Arriaga, Guilherme Moreira, Teophilo José da Trindade, Pedro Gomes Teixeira.*

O governo poz a questão em termos humilhantes

E' essa a opinião do sr. dr. Augusto Soares, antigo ministro dos negocios extrangeiros

Affirmou o actual governo que a commutação da pena de Leandro Gonzalez era devida a compromissos tomados pelo sr. dr. Bernardino Machado, quando ministro dos negocios estrangeiros, e confirmados depois pelo seu successor na gerencia de aquella pasta, o sr. Freire de Andrade. Já o sr. dr. Bernardino Machado respondeu que a affirmação era inexacta, pois que leal e claramente explicara ao representante da Hespanha que aquella medida de clemencia se tornava impossivel pelas resistencias a que daria logar. O sr. Freire de Andrade, como referimos hoje no nosso editorial por informação de pessoa absolutamente auctorisada, entende tambem que nenhuns compromissos anteriores obrigavam o governo á publicação do decreto. Faltava conhecer a opinião do sr. dr. Augusto Soares, que geriu a pasta dos negocios estrangeiros apoz a sahida do sr. Freire de Andrade e até á constituição do gabinete da presidencia do general sr. Pimenta de Castro.

Procurámol-o hoje com esse intuito, recebendo-nos s. ex.ª com muita amabilidade e muita diplomacia. Affirmou-nos a sua reluctancia em conceder entrevistas sobre assumptos do ministerio dos negocios estrangeiros, pois entende que todos elles são de natureza reservada, não se prestando ás indiscreções e commentarios da grande publicidade. Quando sobraçou aquella pasta, muitas vezes affirmou esse proposito. Hoje ainda se julga preso á reserva que se impoz.

Insistimos que não se tratava de uma *entrevista*, na solemne accepção que essa palavra costuma ter. Comprehendiamos os seus melindres e por isso mesmo não iamos pedir-lhe que divulgasse os *dessous* das negociações que fez ou conheceu pela sua permanencia no ministerio dos estrangeiros. Apenas queriamos fazer-lhe uma pergunta, e essa motivada pela nota officiosa do governo. Trata-se de uma indispensavel liquidação de responsabilidades, para que a opinião publica possa orientar-se por informações exactas e não por commentarios envenenados pelo odio politico. Formulavamos a pergunta n'estes termos:

—Entende v. ex.ª que havia quaesquer compromissos anteriores que forçassem este governo a conceder a commutação da pena, sem ficar com a inteira responsabilidade d'esse acto?

O sr. dr. Augusto Soares concordou na necessidade de se esclarecer a questão, pelo menos tanto quanto o permitte a reserva que naturalmente a rodeia. Seria incapaz de a levantar certo de que o seu debate não poderá reverter em proveito do paiz. Mas visto que o governo tomou essa iniciativa, respondo á nossa pergunta com estas palavras:

—A responsabilidade do decreto pertence exclusivamente a este governo. Fossem quaes fossem os compromissos tomados, se alguns havia, nada o obrigava a submetter a commutação da pena de Leandro Gonzalez á assignatura do chefe do Estado desde que entendesse que essa commutação era injusta ou inopportuna. Isto lhe posso affirmar, como opinião e como commentario simples da attitude do governo.

«Elle «estragou» a questão. Creia que não ha outra palavra para definir a inhabilidade de que deu provas. Concedendo a commutação da pena, o governo podia prestar um serviço á Hespanha, tornar-se credor dos seus agradecimentos, isto pondo agora de parte os bons ou maus fundamentos invocados para tal acto de clemencia. Assim, pelo modo como procedeu, em vez de prestar um serviço a uma nação amiga, pareceu sujeitar-se a uma imposição vexatoria e humilhante para o brio nacional.

«Emquanto fui ministro dos negocios estrangeiros, nunca precisei levar a questão a conselho de ministros. Isto prova que quaesquer negociações sobre o assumpto, pendentes ou reatadas, não se tornaram por tal modo instantes e prementes que reclamassem uma solução immediata. Este governo publicou o decreto porque assim o quiz. E' esta a minha convicção plena, não sendo preciso apontar-lhe factos para a demonstrar.

O que dizem de Villa Franca

Não foi preso o autor do attentado que se suspeita ser um homem no vo

VILLA FRANCA DE XIRA, 16.—Acompanhado por um agente da judiciaria e pelo administrador da sua casa, chegou aqui pela meia noite e meia hora o indultado Leandro Gonzalez. Os viajantes hospedaram-se no hotel Graça.

Soube-se que se tratava de Leandro, porque a mulher do proprietario do hotel o ouviu conversar ácerca de negocio de fructas com o sr. Palha Blanco, e, communicando as suas suspeitas ao marido, este verificou que se tratava effectivamente do incendiario da Magdalena, o qual, por varias vezes, tinha visto n'esta villa quando aqui vinha por causa dos seus negocios.

Os trez hospedes, que dormiram no mesmo quarto, levantaram-se pelas 7 horas e, depois de almoçarem café com leite e torradas, seguiram para a estação.

Notou-se que proximo do hotel andava rondando um individuo novo, que vestia fato alvadio e que tomou o mesmo comboio.

O attentado contra Leandro Gonzalez foi conhecido n'esta villa por pessoas que acabam de chegar e que contam ter sido elle ferido no Setil por dois tiros, um no braço esquerdo e outro na côxa esquerda.

O auctor do attentado ainda disparou mais dois tiros, que se perderam. As balas que o feriram não ficaram alojadas no corpo e Leandro, a quem foi feito um penso summario pelo medico do caminho de ferro sr. Victor Neves, seguiu logo para o Entroncamento, onde mandou organisar um comboio especial, partindo para Hespanha, pelas 14 horas menos 5 minutos.

Esse comboio custou-lhe 260 escudos.

Suspeita-se que o auctor do attentado, que ainda não foi preso, seja o individuo de fato alvadio que rondava aqui o hotel.

A grande guerra

A Allemanha manifestando o seu pezar aos Estados Unidos

LONDRES, 16.—O *Daily Telegraph* insere um telegramma de Washington noticiando que o embaixador da Allemanha apresentou na secretaria dos negocios estrangeiros o pezar da Allemanha pela perda do *Williams Frie*, afundado pelo *Prinz Eitel Friedrich*.—(*Havas.*)

Seguros de Guerra

A Companhia **Ultramarina**, Rua da Prata, 108, 1.°, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Cruz Vermelha

Para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas: Alexandre da Silva Fernandes (Manaus), producto recolhido pela lista n.° 99, cujos subscriptores foram os srs. Alexandre da Silva Fernandes, 20$00; Candido Augusto de Araujo, 5$00; Hermes de Araujo, 5$00; José Bessa, 5$00 e José Augusto de Oliveira e Silva, 5$00; moeda brazileira, 40$00, 15$000; delegação da Cruz Vermelha, no Barreiro por conta d'uma subscripção aberta n'esta villa, 66$34. — A transportar, 15:803$57.

A Cruz Vermelha recebeu ainda da Associação dos Empregados do Commercio e Industria de Portalegre 12 colletes de flanella e 6 «cache-cols» de lã que, com os donativos já annunciados em 16 do corrente, são producto de uma subscripção aberta por alguns socios da mesma Associação. Do sr. Joaquim Theodoro Duarte e Campos (Estremoz), por intermedio da delegação da Cruz Vermelha na mesma villa, 26 fronhas brancas, 122 massos de fios de linho e algodão, 34 «cache-cols» de lã, 2 passa-montanhas, 17 peitilhos de lã, 8 lenços de linho e 4 de algodão e 4 barretes brancos.

Um cardeal moribundo

PARIS, 16.—Telegrapham de Roma ao *Matin* que o cardeal Agliari se encontra agonisante—(*Havas.*)

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3|16	35 1|16
Londres, 90 d|v	35 1|2	—
Paris, cheque	$80,4	$80,9
Allemanha, cheque	$30	$30,5
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	1$39	1$40
New-York	1$40	1$43
Rio s|Londres	13 1|8	—
Libras	7$10	7$15
Agio do ouro	45 °|o	55 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,00
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$350. Externas: 1.ª serie, 70$70; 3.ª, 75$100 e cautelas de 3.ª serie, 2$95.

Acções: Phosphoros, coup., 55$40; Gaz, port., 50$50.

Obrigações: Aguas, coup., 81$00; Prediaes 5 0|0, 78$50; Ultremarino, coup., ouro, 88$20; Ambacas, tit. 5, 88$10; Norte e Leste, 2.º grau, 40$60; Beira Alta, 2.º grau, 15$000; Carris de Ferro, 10$00; Panificação, 48$800; Assucar, 41$00.

SPORT

O 40.° anniversario d'um club

Depois de ámanhã completa 40 annos de existencia o Gimnasio Club Portuguez. O facto tem uma alta significação, porque na nossa terra, onde tudo vive o enthusiasmo d'um momento e a alegria d'um segundo, viver 40 annos e manter-se 40 annos constitue um record, *apreciavel e raro. A benemerita instituição tem ainda a valorisar o seu labor de 40 annos o ter sido util á causa da educação phisica e o de fomentar desinteressada e persistentemente a causa do athletismo. Atravessou crises difficeis, sustentou campanhas e desviou ataques e sempre conservou a sua linha de irreprehensivel combate, consciente do seu valor social e obreiro d'uma grande cruzada. Digam o que quizerem e discutam como entenderem, a verdade é que do Gimnasio Club sahiu o impulso vigoroso da marcha do sport; que d'elle sahiram, directa ou indirectamente, todos os clubs de Lisboa; que n'elle se formaram os primeiros athletas portuguezes e até que n'elle aprenderam a sustentar a sua energia e adquiriram noções e conhecimentos os jornalistas, que, hoje e sempre, caminharam na vanguarda da propaganda e vulgarisação do sport. Foram multiplos os beneficios alcançados e o Gimnasio Club levou a sua acção até ás escolas e aos liceus.*

E tudo se conseguiu por esforço proprio sem o auxilio de estranhos e desamparado dos poderes constituidos! E' uma associação benemerita que tem honrado Portugal, trabalhado para robustecer portuguezes e que muitos ainda se não costumaram a respeitar como se devia...

Nota do dia

Coisas que vimos n'uma assembleia geral...

Como estão estas coisas de *sport*, santo Deus! E como ellas estão em epocas que são de concordia e de paz entre gregos e troianos!... Quem viu o que se passou hontem n'uma assembleia geral fica sabendo até que ponto vão as inimizades e as desavenças.

Uma direcção expunha trabalhos, diante d'uma assembleia geral, mas alguns directores discordavam da letra do relatorio pelo qual eram responsaveis!

Fazendo interpellações á direcção, em trabalhos de ordem interna, apparece alguem tão bem informado, tão sabedor de *coisas que só a direcção sabia*, que não restou duvida que esse alguem era mandatario. Quer dizer, a direcção atacava a propria direcção por intermedio d'um estranho...

Mas, pergunta-se: — talvez essa discussão traga aproveitamento para a vida sportiva e servisse para acclarar situações ou modificar defeitos? Qual!... Foi, como tem sido sempre, uma questiuncula azeda sobre coisas insignificantes, comezinhas, que ao athletismo não interessam e que não lhe trazem beneficio!

O caso é que se gastaram horas a falar muito, a gritar muito, com manifesto desgosto dos velhos amigos da Federação, ali attrahidos para tratar de coisas mais importantes, sem que se resolvesse qualquer coisa e até sem se approvar ou desapprovar um articulado do relatario!

E' triste, mas é verdade...

Algumas anecdotas

Foi velhaco mas o celebre jogador de socco deu-lhe o castigo

O animatographo é agora a diversão da moda e todos os frequentadores teem visto os chamados films *policiaes. N'essas peliculas o mau, o bandido, o ladrão, recebe sempre o castigo. Nos antigos dramalhões do Principe Real, hoje Apollo, succedia a mesma coisa. O assassino acabava por ser vencido e o traidor castigado. Salvava-se a* moral *e enxugavam-se os olhos das histericas e das sentimentaes que assistiam á representação!*

Tambem no ring *do* box *tem succedido coisas semelhantes. Teem-se manifestado deslealdades que são immediatamente castigadas.*

Lá vae um exemplo.

A acção passa-se em 1894 e tem como protogonistas Bob Fitzimmons, então famoso e invencivel campeão do mundo, e outro jogador de socco, notavel e valente, Joe Choynski. Este, encontrando-se em triste situação, sem dinheiro e sem meios de o obter, foi procurar o grande Bob e pediu-lhe o favor de emprestar o nome, sabendo que um match *com Fitzsimmons lhe permittia embolsar centenas de mil réis.*

—Fazes o obsequio?

—Para que?

—Estou sem vintem. Tenho muitas dividas e os credores não me deixam. O teu nome no cartaz, sendo o d'um campeão e popularissimo, é garantia d'uma receita grande. Pago as dividas e ainda fico com dinheiro..»

—Está bem...

Naturalmente o encontro devia ser uma simples exhibição. Mas o velhaco Choynski percebeu quanto partido podia tirar d'uma victoria sobre o campeão e calculou, de promtpo, o truc *a executar.*

Houve dois rounds, *muito leaes, mas ao terceiro, Choynski vendo o grande Bob mais occupado a olhar para a noiva que estava na sala do que a* boxar, *deu-lhe um terrivel socco sobre o peito. Fitzsimmons desequilibrou-se e cahiu desamparadamente sobre o tablado do* ring. *A' força de excepcional energia, Bob conseguiu levantar-se na occasião em que o arbitro annunciava:*

"Nove!"

Velho tactico, aguentou-se um pouco até ao fim do round, *aproveitando repetidos* corps-a-corps.

Os seus segundos *prepararam-o bem durante o minuto de repouso e Bob reappareceu absolutamente fresco, mas furioso para começar o quarto* round, *que foi de verdadeiro combate.*

E, coisa terrivel, as coisas mudaram completamente. Calcule-se, sabendo-se que Bob era um excepcional jogador de socco... Choynski nem sabia d'onde vinham os murros. A cara parecia um bolo. O sangue espirrava-lhe da bocca e do nariz. E, antes de um minuto, Choynski apanhou o mais formidavel murro que até hoje registam as regras do marquez de Queensbury, o regulamentador de box. *Bob abandonou desesperado a sala e o seu adversario foi acompanhado até casa por amigos. Esteve doente cinco dias, muito mal, sempre com receio de graves complicações. Contavam a Fitzsimmons como elle estava e o campeão respondeu:*

—Ainda foi pouco. Precisara mais uns directos na cabeça para lhe aclarar ideias e distrahir maus pensamentos.

Noticias

Entre nós

Centro Nacional de Aviação

Na séde d'este Centro, realisou o sr. A. A. da Fonseca a sua 20.ª lição do curso theorico sobre aviação, versando o thema:—«Defesas de quedas dos apparelhos em pequenos vôos. Reconhecimentos militares. Estudos sobre a correcção do tiro por meio de apparelhos de aviação».

A concorrencia foi numerosa e a lição seguinte realisa-se amanhã, pelas 21 horas.

Graça Sporting Club

Reuniu em assembléa geral, elegendo para os cargos da direcção os srs.:—Presidente, Adão S. Valle; secretario, Agostinho C. d'Almeida; thesoureiro, Antonio de Oliveira; captain, o mesmo senhor; e vice-captain, Adão S. Valle.

A direcção actual chamou todos os antigos elementos a fim da collectividade progredir. O «captain» resolveu formar 1 «team» para jogar no Seixal brevemente. A direcção reune hoje, pelas 21 horas, na séde do Club, a fim de discutir o programma das festas para commemorar o 3.° anniversario.

O XVII congresso da União

Reuniu hontem mas nada resolveu o XVII congresso da União. Começou a discussão de relatorio que continúa, ámanhã, ás 21 horas.

Gimnasio Club Portuguez

Fecha hoje, ás 10 horas da noite, na séde do Gimnasio Club, a inscripção para o banquete commemorativo do 40.° anniversario, que se realisa na séde na proxima quinta-feira.

O sarau marcado para a noite de sabbado é dado em homenagem aos socios antigos e o seu programma é o melhor de todos que até hoje o club tem organisado. N'elle trabalham os melhores athletas e os melhores gimnastas. No banquete, que é intimo para os socios, o traje é de passeio.

Festa na Amadora

Para festejar o 2.° anniversario da inauguração do magnifico *rink* de patinagem dos Recreios Desportivos da Amadora, projecta-se a realisação d'uma grande *matinée* sportiva ao ar livre, no proximo mez de abril, com um programma soberbo em que entrará, principalmente, o elemento infantil.

Sarau em Torres Novas

Uma festa brilhante em favor dos soldados portuguezes

Realisou-se na noite de sabbado, em Torres Novas, um interessante sarau em beneficio dos soldados portuguezes em campanha.

Foi promotor da festa o juiz da comarca, sr. dr. Alvaro Pereira de Bettencourt Athayde, que ás suas altas qualidades de magistrado integro e austero junta um fino espirito de artista, auxiliando-o em tal emprehendimento uma commissão.

O programma, variado e captivante, foi cumprido com um brilhantismo e um exito que excederam os de festas similares.

A sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro da Fonseca, esposa de um distincto official do nosso exercito, disse uns lindos versos seus, «A enfermeira da Cruz Vermelha», que teem a par da maior simplicidade o irresistivel impulso da paixão patriotica.

Trez amadoras, as sr.as D. Elysa, D. Maria da Paz e D. Maria Adriana Reis, executaram magistralmente ao piano, ao violina e ao violoncello deliciosas composições de Mendelson, Svendsen, Pergolese e Sinding. A convite do sr. dr. Alvaro de Athayde, a sr.ª D. Mathilde de Sauvayre da Camara, que fôra expressamente de Lisboa a Torres Novas, regeu a execução de algumas das suas deliciosas *Canções Portuguezas*, primorosamente cantadas por algumas senhoras e acompanhadas por um côro de oitenta vozes.

Seguiram-se interessantes assaltos ao sabre e á espada por um grupo de officiaes e duas comedias de valor dos srs. Armando da Cruz Mesquita e dr. Alberto Diniz da Fonseca, muito bem interpretadas pelas sr.as D. Luiza Athayde, D. Adriana de Oliveira, D. Maria Salomé Mesquita, D. Marianna do Valle e D. Celeste Cotrim, obtendo successo merecido, bem como as canções populares orpheonisadas dos srs. drs. Joyce e João Arroyo, regidas com a maior correcção e arte pelo sr. José da Silva Queiroz.

Os srs. drs. Antonio Pinto e Alberto Diniz da Fonseca fizeram duas brilhantes allocuções.

O palco estava artisticamente decorado e a organisação do programma obedeceu a um excellente criterio artistico.

A situação em Constantinopla

Bucarest, 13 de março

Começam a rarear os viveres em Constantinopla; os carregadores, abundantes em Stambul, causam inquietação ás auctoridades por estarem sem trabalho e, portanto, sem dinheiro para proverem á sua subsistencia. Em Galata e em Pera os donos dos estabelecimentos fecharam as portas e fugiram; nos bairos commerciaes as ruas estão desertas. A ponte girante que permitte a travessia da Corano d'Or já não funcciona, tendo-se tornado impossivel qualquer communicação com Stambul. Pera está guardada pelos soldados para impedir que os carregadores se entreguem á pilhagem e ao massacre. As barcas de passageiros que faziam o serviço entre Prinkipo e Haidar Pachá, na costa asiatica, já não circulam.

Ha falta de carvão e a reserva existente mal chega para as necessidades da esquadra. Os communicados officiaes dizem que as victorias turcas não conseguem acalmar o panico provocado pela presença da esquadra alliada nos Dardanellos.

Todos os habitantes que podem dispôr de algum dinheiro deixam a cidade, refugiando-se em Therapia, proximo do Mar Negro; outros vão procurar asilo em Scutari e arredores na costa asiatica. Os funccionarios turcos, cuja venalidade é conhecida, aproveitam-se do terror geral para encherem as algibeiras; como se não pode sahir de Constantinopla sem uma auctorisação especial, os funccionarios vendem descaradamente essas permissões a dinheiro, pago á vista.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21 — D. Cesar de Bazan—O fado—Serenata das flôres.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—O commissario de policia.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO — Opera: Carmen.

APOLLO — Não ha espectaculo.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE — **Gimnasio** — Recita de Augusto Machado — *O commissario de policia.*

QUINTA FEIRA—**Apollo** — Reprise do *Fado e maxixe.*

Eden — Recita da moda — Estreia do soprano ligeiro Rosario d'Ory na *Lucia de Lamermoor.*

SEXTA-FEIRA—**S. Carlos** — Recita de Angela Pinto—*A aventureira.*

Gimnasio—Primeira representação da comedia *4028—Lx.*

DOMINGO—**S. Carlos**—Concerto dirigido pelo maestro Fernandes Fão.

Politheama—Concerto de homenagem a David de Sousa.

Eden—*Matinée* pela companhia de opera.

Primeiras representações

THEATRO DE S. CARLOS
O Fado, 1 acto de Bento Mantua; *Ciume de mulher*, 1 acto em verso de Antonio Carneiro; *Serenata das Flores*, 1 acto de Pinto da Rocha.

A festa de Henrique Alves proporcionou-nos o agradabilissimo ensejo de admirar uma pequena obra-prima de Bento Mantua: O Fado. *Póde ser que se surprehendessem e agoniassem com ella austeros paes de familia a quem não incommodam as escabrosidades e as immundicies de certo theatro em voga e que em casa teem á mão das encantadoras filhas a fina flôr da litteratura licenciosa e dissolvente... Póde ser! Quadro realista d'uma intensa verdade, o novo lavor em que Bento Mantua affirma o seu bello talento dramatico não é, porém, uma coisa immoral, embora arrancado á vida putrida e nauseante das viellas. O vigoroso escriptor, que no* Fado *mantem as singulares faculdades de observação caracteristicas de precedentes trabalhos, annunciou á platéa, com requintada modestia, no prologo lido por Ferreira da Silva, que ia vivificar a tela famosa de José Malhôa e evocar a* Canção das perdidas, *de Augusto Gil, o grande pintor e o poeta genial que no prostibulo depararam thema para as manifestações da sua arte. Mas Bento Mantua não se limitou a reconstituir com figuras vivas o painel do mestre nem a pôr na emmurchecida bocca da rameira uma das mais expressivas quadras do auctor do* Luar de Janeiro. *A tragedia do alcouce ergueu-a, desdobrou-a, definiu-a o dramaturgo n'uma serie de scenas colhidas em flagrante e em que as personagens são quatro: a desgraçada que mercadeja com o proprio corpo, o rufião seu amante que a explora e lhe bate, o companheiro d'este a quem ella culpa da existencia miseravel arrastada pelo chulo e o operario cantador que desejaria tiral-a do fado, levando-a para a companhia da gente honesta. Bento Mantua mostranol-os de corpo inteiro, com os seus sentimentos bons e maus, a sua linguagem de alfurja, o seu ascoroso cynismo, a sua resignação fatalista,—e o que, de começo, inspira talvez repulsa acaba por provocar enternecida piedade.*

O desempenho foi superior a todo o elogio. Emilia de Oliveira encarnou com realidade pungente a mulher perdida; Henrique Alves deu uma interpretação ideal ao fadista, criminoso inveterado, para quem estar á sombra é regalo; Thomaz Vieira desempenhou d'um modo soberbo o rufião, demonstrando mais uma vez ser um actor tão intelligente como estudioso e que consagra á composição das suas figuras um grande esmero; Alves da Cunha deu-nos com rara sobriedade o cantador.

Bento Mantua e os seus interpretes receberam merecidissimos applausos e o publico ovacionou tambem José Malhôa e Augusto Gil que estavam na platéa.

Além do Fado *representaram-se mais trez curiosas pecinhas: Ciume de mulher, um acto em verso, de Antonio Carneiro, que na gazetilha politica se tem evidenciado um poeta e um humorista de valor; Serenata das flôres, outro acto em verso do poeta brazileiro Pinto da Rocha e Lai-Sam, em que o fino e conceituoso litterato que foi Manuel Penteado nos patenteou uma das faces do seu scintillante espirito.*

A. de A.

Medalhões

Augusto Machado

Não resta duvida que, d'entre as utilidades do nosso theatro, Augusto Machado deve ser considerado como um artista de velhas tradicções, consciencioso e trabalhador.

Os frequentadores do antigo Principe Real recordam-se de varios dos seus papeis e de quanto elle contribuia para a harmonia de certos conjunctos. No Gimnasio e na empreza Valle, Augusto Machado desempenhou com absoluta correcção e uma certa vis comica *um grande numero de personagens do reportorio e entre ellas, a do* conselheiro Faustino, *com que faz hoje a sua festa. Os seus amigos, que são muitos, terão prazer em revêl-o trabalhar depois d'uma tão longa ausencia e de esperar é que na epocha proxima o vejamos de novo entregue a um trabalho seguido e methodico.*

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Em vista de não estar concluido o guarda-roupa foi transferida para quinta-feira a *reprise* do *Fado e Maxixe.*

● A assembleia geral ordinaria da Associação dos Auctores realisa-se no proximo sabbado, 20, ou, no caso de não haver numero, no sabbado, 27.

● Ao que parece a companhia do Apollo realisará este verão uma *tournée* a S. Paulo, Santos, Bahia e Pernambuco.

● Estão ultimadas as negociações para a proxima gerencia do theatro do Gimnasio.

● Recebemos os cumprimentos do distincto artista da companhia de opera lirica do Eden sr. Alfredo Tedeschi.

● Acha-se publicado o segundo numero do *Album Theatral.* Insere um esplendido retrato de Palmira Bastos, a côres, e quatro bem trabalhados sonetos de Avelino de Sousa, em alexandrinos, sobre a personalidade da illustre artista.

No estrangeiro

Ernesto-Charles realisou com o concurso de Yvette Guilbert uma conferencia sobre *A guerra e as mulheres.*

● Na Comedie Royale fez-se *reprise* do *Homard* com Gaston Dubosc no principal papel.

● Galipaux e Tunnory escreveram uma comedia intitulada *Guerra de chinellos.*

Circos & Music-halls

O confronto é sempre terrivel

«Candeia que vae adiante alumia duas vezes»

O dictado confirma-se em tudo. As coisas de theatro não falham á regra. E' vêr o que faz uma companhia trabalhando a seguir a outra do mesmo genero que se não conquistou todo o publico, em todo o caso conseguiu algum! Não faz nada. Ainda que a segunda seja superior á primeira, o resultado torna-se mau. Individualmente, para cada artista succede a mesma coisa.

Dois exemplos são sufficientes:

Esteve em Lisboa ha annos um bello excentrico Leo Billward, que depois se popularisou pelo «quebra pratos». Fez uma esplendida temporada, com applausos constantes. O emprezario contratou Bagessen, do mesmo genero na epocha seguinte. Pois senhores não agradou! Deve dizer-se que este era o original, *Billward, o imitador e aquelle melhor que este!*

Os famosos icarios *Kreno fizeram um successo louco quando se apresentaram a primeira vez em Lisboa. Ha dois annos, vieram os acrobatas George Bonhair, eguaes áquelles e em muitos exercicios superiores. Pois não fizeram o successo dos Kremo, embora agradassem bastante. E agora os 25 persas que estão no Coliseu, succederia a mesma coisa se o seu trabalho fôsse apenas o de jogos icarios!...*

Isto vem a proposito dos imitadores de Otto Viola. Escusam os profissionaes de circo ou os amadores de clubs de mostrar identico trabalho, não conseguem despopularisar *o excentrico americano.*

Embora executem o mesmo e façam trucs *mais difficeis e arrojados, hão de contentar-se com menos applausos. E bem póde succeder que* qualquer *entendido dê a sua pateada, sem olhar a que vê bom trabalho, recordando-se apenas do que viu fazer ao primeiro.*

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—«Chinezes Fleugmaticos», Jogo do Polo e «L'homme sans peur».

Eram trez os numeros novos do programma de hontem no Coliseu. Todos elles agradaram. Um d'elles tem certa novidade de *combinação*, que bem aproveitada e mettendo em scena portuguezes póde dar motivo a espectaculos variados e emocionantes. Referimo-nos ao que os cartazes chamavam o *polo* mas que é aquelle *polo* que os artistas e acrobatas equestres usam para experimentar a sua destreza em montar e desmontar. E' o *polo* mais chamado entre artistas a *lucta pela vida* a cavallo. Veem 6 cavalleiros para a arena e 1 desmonta. Ficam, portanto, cinco cavallos para 6 cavalleiros. Ao signal do arbitro, os cinco desmontam e os seis formam uma roda, dando-se as mãos. A novo signal do arbitro, luctam uns com os outros, impedindo que cinco montem novamente os cavallos, que marcham sempre a galope. Fica um eliminado. Sae novo cavallo. Elimina-se depois novo cavalleiro. Assim por deante até se apurar o campeão. Hontem ganhou Zizine Frediani, á custa de muita agilidade, de recursos de lucta e de golpes de *ju-jutsu* e lucta livre!

Os «Chinezes Fleugmaticos» exhibem um pequenino mas certissimo trabalho de acrobatas e saltos, que antigamente se exhibiu nos circos sob a designação de *gomosos.* Dão bons saltos, são rapidos. Não maravilham mas merecem applausos.

«L'homme sans peur», imitando o excentrico Otto Viola, serviu para o magnifico artista que é Beby demonstrar as suas grandes aptidões de gimnasta. A queda foi muito bem dada e alguns saltos foram magnificos.

Os trez numeros figuram outra vez no programma de hoje á noite.

Noticias

Entre nós

No theatro da Rua dos Condes as cantoras Carla Cenami e Maria Stellina apresentam-se hoje com programma novo.

—Na Amadora exhibe-se, no domingo, a pelicula «O complot dos espectros».

—Os equestres Frediani vão apresentar, no fim d'esta semana, um novo trabalho, que é a «Cruz de 4.ª», sobre um cavallo a galope.

—O elegante Chiado Terrasse, na sessão da moda de hoje, apresenta trez estreias.

—O Salão Foz conseguiu que as artistas Rosine, Dorita e Silverde formassem um «trio» de coupletistas. Apresentam-se hoje.

—O Olimpia continua a serie de exitos com os seus «films» sensacionaes.

—Os 25 persas vão augmentar o seu pessoal artistico. Isto equivale a garantir que o numero se mantém sempre o melhor do acrobatismo actual.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

Movimento maritimo

Vigo e Liverpool, «Avon» (Brazil).......	17
Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	18
R. Jan. e R. Prata, «Demerara» (Liv.).	18
Mad., Las Palm., «Orotave-Avocet (L.)	19
B. «Am. Sallandr. de la Mornaix» (H.)	19
Marselha, «Roma» (New-York)...........	19
Napoles e Genova, «Sicilia» (N.-York)	19
Natal, L. Marques, «Bechuana» (Liv.)	20
Brail, R. Prata, «Leon XIII» (Barc.)	20
Cadiz, Port Said, Man., «Fern. Pó» (L.)	21
Brazil, R. Prata, «Foisia» (Amsterd.)	21
Bordeus, «Divona» (Brazil)................	22
L. Marques, «Durban Castle» (Lond.)	23

radiotelegraphistas, forma 8 regimentos.

Trens militares: 20 esquadrões a 8 companhias. E' preciso accrescentar os «serviços diversos»: secretarios d'estado maior, operarios, enfermeiros, bagageiros, 27 legiões de gendarmes, 1 legião da guarda republicana, 1 regimento de sapadores-bombeiros.

As tropas coloniaes compõem-se de: 16 regimentos d'infantaria colonial (12 na França, 2 na Tunisia, 1 na Cochinchina, 1 na China), 1 regimento de atiradores anamitas, 4 de atiradores de Tonkin, 4 a 8 batalhões de atiradores senegalezes, 3 regimentos de atiradores malgaches, 2 esquadrões de spahis senegalezes, 3 regimentos d'artilharia colonial (36 baterias em França), 4 regimentos nas colonias.

Sir John Jellicoe, commandante em chefe das esquadras inglezas

O territorio francez, comprehendendo a Argelia e a Tunisia, está dividido em dois governos militares, Paris e Lyon, e 21 regiões de corpo d'exercito. Além d'isso, ha 8 divisões de cavallaria a 3 brigadas,

Ao ser nomeado ministro da guerra o estadista Millerand, a defeza nacional entrou n'uma nova era.

Resolve-se a difficuldade mais grave que devia surgir em tempo de guerra e que ficára sem solução, porque ia ferir as fibras mais delicadas das susceptibilidades democraticas—a organisação do alto commando em tempo de guerra e a passagem da nação do estado de paz para o da guerra.

Apoz uma série de longas hesitações e conferencias, acabára-se por determinar assaz logicamente a preparação do alto commando para o tempo de guerra em tempo de paz. O vice-presidente do Conselho superior de guerra era o generalissimo designado; tinha por collaboradores immediatos os membros do conselho superior, designados como inspectores do exercito.

Mas a auctoridade do futuro generalissimo, quanto á preparação da guerra, era limitada pela das secretarias do ministerio, ou, falando com maior precisão, pela do estado maior do exercito.

O decreto de 28 de julho de 1911, publicado sob proposta de Messimy, aclarára essa confusa situação. Nomeando o futuro commandante em chefe ou generalissimo chefe do estado maior general, confiára a preparação do instrumento militar ao chefe designado a d'esse instrumento se servir.

A situação do alto commando definia-se. Ao futuro commandante em chefe, designado já em tempo de paz, incumbia:

1.°—Presidir ao Conselho superior de guerra em que teem assento os seus collaboradores de hoje e de ámanhã, os commandantes eventuaes de exercitos.

2.°—Presidir aos trabalhos do Comité do estado maior, onde, sob o seu impulso, os officiaes superiores e generaes, que serão ámanhã os auxiliares directos dos commandantes d'exercito, preparam com elle a missão que terão a cumprir.

3.°—Finalmente, o futuro commandante em chefe tem por dever (segundo as proprias palavras do ministro) vigiar superiormente nã-

gressão prodigiosa do commercio externo, desenvolvimento d'uma frota commercial que alcançava rapidamente o primeiro logar, dilatação do imperio colonial allemão, emprezas de futuro no Oriente e no Extremo-Oriente—taes eram os novos elementos que motivaram um appello do imperador, appello que a principio pareceu passar um tanto ou quanto despercebido.

Tendo a Allemanha um desenvolvimento de costas assaz limitado, pouca população maritima, poucos portos, desenvolvendo-se principalmente no centro do continente, longe dos grandes mares mundiaes, poderia aprestar-se por mar ao mesmo tempo que por terra?

A nação seguiu o soberano e a frota militar alemã, com uma rapidez extrema, excedeu a franceza e quiz egualar a britannica.

Medir-se com semelhante campeão era correr um risco: a Allemanha sujeitou-se a elle.

A marinha allemã é regida por uma lei organica, devida, ao que se assegura, á inspiração de Guilherme II e executada pelo almirante von Tirpitz. Votada em 1900, foi modificada em 1906, em 1908 e em 1912. Prevê 61 grandes couraçados do typo dreadnought, 40 cruzadores avisos, 72 submarinos (deve notar-se que os augmentos dos submarinos foram sempre conservados rigorosamente secretos), e cêrca de 144 contra-torpedeiros de 600 a 800 toneladas.

A mesma lei naval ordena que todos os couraçados e cruzadores devem ser, no fim de vinte annos, considerados incapazes de serviço, e dispõe que sejam construidos todos os annos trez «dreadnoughts», dois pequenos cruzadores, uma flotilha de torpedeiros, contra-torpedeiros e submarinos.

Esta armada é dividida em armada «de alto mar», composta de trez esquadras, e «armada de reserva», composta de duas esquadras. Falar-se-ha com maior exactidão dizendo que a marinha allemã comprehende, em tempo de guerra, uma armada do Mar do Norte, uma armada do Baltico e, além d'isso, esquadras volantes espalhadas por differentes pontos do globo para se precipitarem sobre o inimigo commum.

O pessoal da armada tinha, em 1914, 68.000 homens de tripulação. Os torpedeiros são construidos por séries de doze por anno, os submarinos por flotilhas de seis. Calcula-se a sua duração em doze annos.

Em 1914, a armada allemã tinha os seguintes couraçados de mais de 18.000 toneladas: «Nassau», «Westphalen», «Rheinland», «Posen», «Ost-Friedland», «Helgoland», «Thuringen»; «Oldenburg», compondo uma esquadra; «Kaiser», «Kœnig Albert», «Prince Régent Luitpold», formando outra esquadra. Ha que accrescentar, como cruzadores-couraçados de mais de 18.000 toneladas, o «Von der Tann», «Moltke», «Gœben», etc. Dez «dreadnoughts» foram começados a construir, devendo quatro d'elles estar concluidos antes do fim de 1914.

A «deslocação» das forças allemãs era a seguinte: 36 couraçados (comprehendendo os antigos), 612.050 toneladas; 15 cruzadores de batalha com 111.000 e 9 cruzadores tambem de batalha com 85.000.

A artilharia das unidades couraçadas compunha-se de: 136 peças de 305 millimetros, 126 de 280, 46 de 240, 44 de 210, 140 de 150 e 516 tambem do mesmo calibre.

A comparação com as forças navaes da Inglaterra, contando apenas com os «capital ships»—navios principaes—dava, no 1.° de setembro de 1914, os seguintes numeros:

Inglaterra: Mar do Norte, 24 unidades com 529.800 toneladas; Mediterraneo, 4 com 73.400; Australia, 1 com 19.500.

Allemanha: Mar do Norte, 21 unidades com 487.500 toneladas; Mar Negro, 1 com 23.000.

De 1 de setembro a 1 de abril do corrente anno, o augmento previsto pelos dois paizes, comprehendendo os quatro «dreadnoughts» estrangeiros não entregues pela Inglaterra e o «dreadnought» grego não entregue pela Allemanha, é o seguinte:

Inglaterra, 13 com 364.000 toneladas; Allemanha, 4 com 95.000,

Esta competencia entre as duas potencias provocou em Inglaterra uma emoção que se traduziu por diversas tentativas de prudentes accordos, sempre postos de lado ou repellidos desdenhosamente pela Allemanha. Era evidente que se queria ter a soberania simultaneamente em terra e no mar.

Não se póde negar que a organisação e a preparação militar allemãs tenham sido levadas o mais longe possivel. Quer por terra, quer por mar, nada custou ao governo e á nação para que tudo estivesse preparado. Não ha uma invenção scientifica que não tenha sido utilisada, transformada, applicada ás necessidades do exercito; não ha um unico progresso que não tenha sido adaptado, um unico recurso da nação que não tenha sido antecipadamente mobilisado para ser posto á disposição das auctoridades militares. A nação allemã não é mais que uma grande machina de guerra em terra e no mar.

Para que fim um tão prodigioso esforço? Para que essa dupla preparação em terra e no mar, que faz distender até ao ponto de os quebrar os musculos e os nervos d'um immenso povo? Com o extremo dos labios, os diplomatas dizem: para defender o paiz; mas, em voz alta e clara, os soldados proclamam que se tratava de atacar.

A Allemanha é a unica potencia que durante annos seguidos se obstinou na creação d'um duplo exercito offensivo. Esse caracter revela-se nos minimos pormenores d'essa systematica organisação. Não ha receio de insistir nas provas, pois que ellas existem. Bernhardi termina o seu estudo sobre a «Guerra de hoje» por declarações que se applicam tão bem ás iniciativas diplomaticas como ás militares e que vamos registar.

«E' nas operações offensivas que está a decisão da proxima guerra européa. Só o Estado que souber travar essa guerra «em condições politicas favoraveis» e preparar assim circumstancias vantajosas á acção militar poderá esperar um resultado feliz. O agrupamento dos Estados secundarios, que é determinado pela politica, e a «escolha do momento» em que se deve começar... pódem ter uma influencia decisiva.

«Não ha exercito que se possa manter no mesmo grau de perfeição d'um modo permanente... «Quem não travar a guerra n'um momento propicio» perde a sua elasticidade intellectual e, com ella, o seu poder. A politica deve contar com estes factores e saber «aproveitar o momento em que um systhema attingiu o seu apogeu», quando uma situação mundial favoravel a tal a convidar, para assegurar ao povo e ao Estado condições de «vida mais desafogadas e um desenvolvimento são», graças á intervenção militar».

No que acabamos de transcrever e a que apenas falta accrescentar que por agrupamento de Estados secundarios se devem entender a Belgica e a Suissa, está claramente confessada a guerra pelo bem estar, pelo conforto, a «guerra pelo ventre», preparada pelos que deviam dirigil-a.

Depois d'isto, pódem os allemães discutir á vontade quem foi o aggressor!

CAPITULO VI

A preparação militar franceza

Em 1912, o exercito francez contava 30.000 officiaes e 530.000 homens de tropas metropolitanas, 4.130 officiaes e 87.000 homens de tropas coloniaes. Quanto ao total das forças mobilisaveis era avaliado em quatro milhões e meio de homens.

Pelo regimen da lei de 23 de dezembro de 1912, a infantaria contava 163 regimentos a 3 batalhões de 4 companhias, 30 batalhões de caçadores a pé a 6 companhias, 4 regimentos de zuavos a 5 batalhões de 4 companhias, 4 regimentos de atiradores argelinos, 3 dos quaes a 6 batalhões, 2 regimentos da legião estrangeira, tendo cada um d'elles um numero variavel de batalhões a 4 companhias. A cada regimento estavam addidas 2 ou 3 secções de metralhadoras.

Em tempo de mobilisação, os corpos do exercito activo completam os regimentos com os reservistas das classes mais novas; os reservistas das classes mais edosas formam tambem regimentos de reserva. A esses corpos activos, juntar-se-hiam, além d'isso, em caso de mobilisação, 145 regimentos territoriaes de infantaria (um por sub-divisão de região) variando o numero dos batalhões segundo os recursos do recrutamento, 7 batalhões de caçadores territoriaes e 12 batalhões de zuavos.

A infantaria franceza está armada com espingarda de repetição modelo 1886-1893 (espingarda Lebel, calibre de 8 mm, com deposito contendo 8 cartuchos).

A cavallaria compõe-se de 91 regimentos, assim divididos: 12 de couraceiros, 32 de dragões, 23 de caçadores, 14 de hussards, 6 de caçadores d'Africa, 4 de spahis.

Os regimentos teem 4 esquadrões activos e 1 de deposito. Os de spahis teem 5 esquadrões activos. As brigadas de cavallaria teem secções de metralhadoras.

A cavallaria franceza está armada com a carabina modelo 1890 (do mesmo sistema da espingarda Lebel), espada e lança modelo 1890, esta para parte dos regimentos de dragões.

A artilharia comprehende 62 regimentos d'artilharia de campanha a 3 ou 4 grupos de 3 baterias de 4 peças, no total 634 baterias montadas, das quaes 15 na Argelia, 16 baterias a cavallo e 21 baterias de grosso calibre; 2 regimentos d'artilharia de montanha contando 18 baterias, das quaes 4 na Argelia, 11 regimentos d'artilharia a pé comprehendendo 89 baterias.

A artilharia de campanha está armada com o canhão de tiro rapido, modelo 1879, de calibre 75 mm, freio hydraulico, munido d'um escudo de aço chromado. A artilharia de grosso calibre está armada do canhão de 120 curto e de 155 curto, de freio hydraulico e repercutor pneumatico.

A engenharia, com os pontoneiros, aerosteiros, empregados de caminhos de ferro, telegraphistas e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1657 — 5.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quarta-feira, 17 de Março de 1915

Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os sargentos

São já em grande numero os sargentos que, segundo informações publicadas na imprensa, não adherem á manifestação da classe que, em honra do actual governo, e com o pretexto de agradecimento pela concessão do voto, se projectava realisar.

Ha regimentos onde os sargentos nem sequer quizeram tomar conhecimento da circular em que alguns dos seus collegas lhes propunham essa manifestação. Outros rejeitam-a por inopportuna. Outros ainda, e esses representam a maioria, não se solidarisam com tal iniciativa, porque invocam o regulamento disciplinar, que, com effeito, não permitte a militares, seja qual fôr a sua graduação, manifestações collectivas.

Recusaram, por essas diversas fórmas, associar-se a tal proposito, por maioria ou unanimidade, os sargentos da armada, da guarda republicana, das guarnições de Vizeu, da Guarda, da Figueira, da bateria de Queluz e de muitos regimentos aquartellados em Lisboa, Porto, Leiria, Setubal, Coimbra, Santarem, Braga, Chaves, Portalegre e Amarante. Basta esta simples enumeração que, de dia para dia, augmenta, para indicar a importancia do movimento contrario á manifestação que se está desenhando em todo o exercito de terra e mar.

Posto isto, pensar-se-ha ainda em levar por deante essa manifestação? Ella não affecta só a disciplina. No ponto a que as coisas chegaram, a sua significação será já contraproducente. Ella não attestará senão uma divisão na grande familia militar e não nos parece que um governo de origem militar, como aquelle a que preside o sr. general Pimenta de Castro, possa ter empenho em provar que nem sequer tem a apoial-o o consenso unanime do exercito.

Reconsiderando no seu proposito, os iniciadores da manifestação darão provas de prudencia e de bom senso. Se ella se realisasse, crear-se-hia no exercito, como já aqui o accentuámos, um profundo mal estar. E' de toda a conveniencia que tal não succeda, porque daria origem a antagonismos que se poderiam traduzir em perseguições ou revindictas. Se o que se quer é restabelecer a paz na sociedade portugueza, para que é que se ha de, todos os dias, dar pasto ás paixões com medidas de caracter despotico ou acintoso?

O que o paiz inteiro, todas as classes, povo e exercito, reclamam e querem é que a sociedade portugueza, reentrando na normalidade republicana, se acalme, trabalhe e prospere, na plena posse dos seus direitos e com a plena consciencia dos seus deveres.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Migalhas

Palestra

Os dois amigos, o Optimista e o Pessimista, conversavam hontem e escuso de lhes dizer que o segundo via as coisas muito pretas ao passo que o primeiro tinha o seu eterno sorriso côr de rosa.

—Para onde vamos?—perguntava o Pessimista.—Não falta quem diga que caminhamos para a monarchia.

—Você está doido—replicava o Optimista.—Fazer a monarchia, se possivel fôsse, era um pessimo negocio para os monarchicos *soit-disants*. Em Portugal governar é sempre um canudo. O commodo e o util é estar na opposição, especialmente quando essa opposição governa. Nos ultimos tempos da monarchia quem governava? A opposição republicana, apoiada na opinião publica, e os serventes do antigo regimen andavam á corda, debaixo d'um constante aguaceiro de ataques, cedendo a imposições e tendo, por vezes, aquellas transigencias que humilham, de que falava o poeta. Quem pretende governar hoje? A opposição monarchica e consegue-o até onde lh'o consente a desunião dos republicanos. Que pode ella pretender de mais commodo, hoje, que a pacificação lhe faculta os meios de esbravejar á vontade? Fazer a monarchia para quê? Para se anicharem alguns esfomeados, se satisfazerem varios rancores e se aplacarem certas vaidades? Com um certo geito e se os republicanos consentirem, tudo isso se conseguirá sem ter que tomar decisões extremas e attitudes que não cabem na rhetorica facil. Nada ha mais agradavel para as opposições do que utilisarem-se d'uma situação, parecendo hostilisal-a. Você não vê que ámanhã essa opposição, sendo poder, teria que resolver todos os problemas que hoje propõe e não o conseguiria porque já deu superabundantemente as provas da sua incompetencia. Assim, o papel é bem mais facil de desempenhar, e emquanto é tempo é que se molha a sopa.

André Brun

Pelo telegrapho

A situação na França e na Belgica

PARIS, 16. — Communicação official: Na noite de 15 para 16 o inimigo tentou retomar as trincheiras que havia perdido no contraforte de Notre Dame de Lorette mas foi repellido, tendo nós feito varios prisioneiros.

Em Champagne, na região de Perthes, fizemos esta manhã explodir um forno de mina e occupámos a excavação, que continúa em nosso poder apesar de vivissima lucta travada em volta d'ella.

Realisámos alguns progressos ao norte de Beausejour. Em Argonne, durante a noite de 15 para 16, os allemães pronunciaram ataques entre Four de Paris e Bolante assim como em Vauquois, mas foram repellidos.

Foram detidos facilmente trez retornos offensivos do inimigo no bosque Le Prêtre.—(*Havas*).

PARIS, 17.—Communicado official das 15 horas:—Nas margens do Yser o exercito belga realisou novos progressos e repelliu um contra ataque dos allemães.

Na linha do exercito britannico, canhoneio bastante violento.

Ao norte de Arras o inimigo tentou sem successo ao fim da tarde um novo contra-ataque ás trincheiras da povoação de Notre-Dame.

Soissons e Reims foram bombardeadas. Duas granadas cahiram na cathedral de Reims.

Na Champagne, ao norte de Lozelule e a oeste da cota 196, apoderámo-nos, n'uma linha de cerca de 500 metros, de uma crista importante defendida pelo inimigo.

Na Argonne foram repellidos varios contra-ataques dos allemães entre Balanque e Four de Paris.

No Voewre, duello de artilharia.

Um dos nossos aviadores bombardeou os quarteis de Colmar.—(*Havas*).

As simpathias brazileiras pelos alliados

RIO DE JANEIRO, 16.—Um grupo de notabilidades, entre as quaes o senador Ruy Barbosa, o critico José Verissimo e o escriptor Graça Aranha, tomaram a iniciativa de fundar no Rio de Janeiro uma liga a favor dos alliados com o fim de organisarem no Brazil um grande movimento de propaganda. Receberam-se já inumeras adhesões, nomeadamente de Olavo Bilac, Medeiros de Albuquerque, senador Azeredo, numerosos membros do parlamento e jornalistas.—(*Havas*).

A producção de munições em Inglaterra

LONDRES, 17. — O parlamento adiou-se para 14 de abril proximo.

Lord Kitchener annuncia que depois de começada a guerra a Inglaterra augmentou a producção de munições 300 0|0.—(*Havas*).

Falta de respeito á esposa d'um diplomata

Haya, 13 de março

Hontem á noite chegaram aqui sua excellencia Kwang-Young-Pao, ministro da China na Belgica, a embaixatriz e o primeiro secretario da legação, Owang-Mou-Tuo, vindos de Bruxellas em automovel. O vehiculo, ao partir, tinha o lettreiro «Legação da China». Todas as malas tinham sido selladas e em cada uma d'ellas estava o sinete do commando allemão em Bruxellas; os pneus, a essencia e até a bandeira, tudo tinha sido timbrado pela auctoridade militar allemã.

Ora, antes do ministro da China chegar á fronteira quatro vezes foi obrigado a parar. De todas essas vezes, os soldados allemães fizeram apear os viajantes e levaram-nos á presença do commandante do sector, onde os trez foram apalpados como vulgares passadores de contrabando, e, para cumulo de irreverencia, fizeram despir e ser revistada por apalpadeiras allemãs a esposa do ministro.

Esta infracção aos usos diplomaticos encolerisou extraordinariamente o embaixador, que protestou, mandando o seu secretario ter com o governador von Bissing. O enviado foi mandado para Haya, dizendo-se-lhe que «tinha havido erro de interpretação».

O CASO LEANDRO

Como a Hespanha collocava a questão

A interferencia do sr. presidente da Republica — Uma entrevista do sr. dr. Augusto de Vasconcellos com o rei Affonso XIII—As diligencias empregadas por esse nosso representante em Madrid para a concessão do indulto

Ouvimos hoje informações sensacionaes sobre o caso da commutação da pena de Leandro Gonzalez. Sabemos que derivam d'alguem que, sem exercer na Republica qualquer cargo official, tem acompanhado de perto a convivencia de elementos do corpo diplomatico acreditado em Lisboa. São preciosas essas informações para a historia do falado indulto. Vamos reproduzil-as com a maxima exactidão, escrevendo apenas aquillo que a nossa memoria tiver fixado com segurança e pondo de parte pormenores mais ou menos vagos ou que possam affectar a reserva devida a algumas das *demarches* feitas no paiz visinho. Ahi ficam mais esses apontamentos para que se faça a todos justiça—inflexivel e recta:

—Não foi só o ministro da Hespanha que pediu insistentemente ao governo portuguez o indulto do condemnado Leandro. Os ministros da Inglaterra, da França e da Belgica, mas principalmente o primeiro, algumas vezes subiram as escadas do ministerio dos negocios estrangeiros para secundarem o pedido do seu collega da Hespanha.

«O gabinete de Madrid queixava-se de que os nossos governos, apesar de fazerem repetidos protestos de amisade com a nação visinha, não deferiam uma só das suas sollicitações, ao contrario do que succedia com outros paizes. Assim, ao passo que era negada sistematicamente a commutação da pena do Leandro, o governo hespanhol sabia que, depois da sua condemnação, já tinham sido indultados subditos de outros paizes, condemnados tambem por crimes de direito commum. Pedia a creação da egreja hespanhola e os governos portuguezes não consentiam. Queixas de Madrid:—*Inglezes, francezes e italianos possuem egrejas catholicas em Lisboa, gosando assim de um direito que á Hespanha não é consentido.* Sobre o tratado do commercio, não havia possibilidade de levar os governos portuguezes a transigirem nas reclamações que formulavam. Escudavam-se para isso na «defesa dos interesses dos seus nacionaes». Mas já não houve a mesma intransigencia na redacção do tratado de commercio com a Inglaterra, que levantou os clamores da agricultura duriense, nem na concessão do regimen de porta aberta aos productos allemães que transitassem em Angola, apesar dos violentos protestos a que deu logar por parte dos industriaes portuguezes. Quer dizer: quando se tratou da Inglaterra e da Allemanha, os governos do nosso paiz pouco se importaram com as reclamações apresentadas pelos seus nacionaes; tratando-se do paiz visinho, essas reclamações tinham de ser forçosamente consideradas attendiveis.

«Era assim que os gabinetes de Madrid punham a questão, sob o ponto de vista geral. Estou convencido de que interpretavam mal os argumentos que invocavam, porque o tratado de commercio com a Inglaterra, se levantou protestos, tambem deu logar a manifestações de contentamento, devendo considerar-se os protestos como uma consequencia da rivalidade e choque de interesses entre os viticultores do norte e os do sul. O regimen da porta aberta, estabelecido em Angola para os productos allemães, foi uma medida simplesmente theorica, porque não se executaria sem que a sua regulamentação se fizesse com rigor, por modo a evitar-se o perigo do contrabando. E era contra esse perigo que se erguiam os clamores da industria nacional. As egrejas catholicas estrangeiras estabelecidas em Lisboa datam de periodos muito anteriores á lei de separação, estando assim ao abrigo do *stato quo ante*, o que já não succede com a creação d'uma nova egreja que só poderá fazer-se com manifesto desrespeito da lei.

«Mas, repito, era d'aquelle modo que a Hespanha punha a questão, e com tamanho interesse que a sequencia das negociações do tratado de commercio estava dependente de se deferir o pedido da commutação da pena do Leandro. Esse interesse explica a interferencia que no caso tiveram os ministros de outras nações. Na politica internacional ha n'este momento altos interesses communs. A' nação portugueza convem agradar, ou, pelo menos, não desagradar, aos paizes que não se encontrem pelo lado da Allemanha. E' a communidade de interesses que nos liga ás nações alliadas, e por isso os ministros da Inglaterra, da França e da Belgica punham ao lado do ministro da Hespanha o seu valimento, embora este fosse meramente pessoal, sem nenhuma pressão dos respectivos governos. Com essa attitude eram agradaveis a uma nação que tem mantido no conflicto europeu rigorosa neutralidade, certamente esperando que esse agrado se reflectisse junto dos governos que representavam. Os paizes neutraes são hoje sequestrados por todas as nações em lucta, quando mais não seja para que se mantenham neutraes e para que essa neutralidade as não prejudique.

«E' esse o aspecto exacto que a questão Leandro tomou nos ultimos tempos. Mas os pedidos da Hespanha datam de alguns annos. E toda a gente os comprehenderá desde que se saiba que no paiz visinho a impressão geral é de que se trata d'um innocente, victima do sentimentalismo da opinião publica portugueza. Note v. que elles justificam esse sentimentalismo, despertado pelo espectaculo apavorante do incendio da Magdalena, e alguns hespanhoes me disseram em Madrid, onde eu estive ha annos, pouco depois da condemnação do Leandro, que no seu paiz talvez se praticasse o que elles chamam o mesmo «erro judiciario». Mas entendiam que era preciso remedial-o, pois o mesmo se faria lá. N'esse sentido se moveram sempre altas influencias, que eram o resultado da propaganda da «innocencia» de Leandro.

«Quando a questão foi apresentada ao sr. dr. Bernardino Machado, este prometteu estudar, como lhe cumpria, pelo deferimento do pedido. Mas fez ver ao ministro da Hespanha que o seu governo não se baseava na força de nenhum partido, mas sim no apoio que lhe prestavam os elementos dominantes na politica e no parlamento como reflexo da vontade nacional. Da sua attitude dependia a solução do caso. Sei que o sr. dr. Brito Camacho, consultado, respondeu que se oppunha e que, se o governo persistisse em conceder o indulto, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos deixaria de ser nosso representante em Madrid. O sr. Machado Santos disse que o indulto traria consequencias deploraveis, porventura uma grande revolta de indignação no espirito publico. Não sei se os srs. drs. Antonio José de Almeida e Affonso Costa foram consultados, mas é natural que o fossem. As suas respostas deviam ser tambem de opposição ao indulto, e digo isto pela attitude que o sr. dr. Almeida tomou agora e pelo facto do governo do sr. dr. Affonso Costa não ter accedido aos rogos do representante da Hespanha, que tambem lhe foram feitos com insistencia.

«Por essa altura dizia o sr. dr. Augusto de Vasconcellos que o gabinete de Madrid não denotava um grande interesse pela concessão do indulto, parecendo-lhe que elle não devia ser concedido. Mostrava-se assim de accordo com o sr. dr. Brito Camacho. Em face de tudo isso, o sr. dr. Bernardino Machado expôz ao ministro da Hespanha que o seu governo não podia deferir o pedido.

«Mas o ministro da Hespanha sabia que o indulto, pela nossa Constituição, é uma das attribuições do presidente da Republica. Um dia, foi ao paço de Belem expôr a questão ao sr. dr. Manuel de Arriaga e sahiu de lá convencido que os desejos do seu governo iam ser, finalmente, satisfeitos, e n'esse sentido enviou uma communicação para Madrid. Quasi ao mesmo tempo, mas não posso precisar-lhe se antes ou se depois da entrevista do ministro da Hespanha com o sr. dr. Manuel de Arriaga, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos era convidado em Madrid para uma conferencia com o rei Affonso XIII. A conferencia realisou-se e o soberano mostrou o seu empenho particular em que uma nação amiga, como Portugal, lhe prestasse um favor que elle sollicitava ao governo portuguez. Era o indulto de Leandro. O sr. dr. Augusto de Vasconcellos quiz mostrar a sua boa vontade pelo deferimento d'esse desejo e empenhou todos os esforços em conseguil-o.

«Quando cahiu o governo Bernardino Machado, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos veiu a Lisboa entender-se com o novo gabinete, dizendo que o compromisso tomado pelo chefe do Estado tornava urgente a concessão do indulto. Ou Leandro sahia da Penitenciaria ou elle não voltava para Madrid, visto que a sua situação se ia lá tornando insustentavel. Mas, afinal, o indulto não foi concedido e s. ex.ª voltou. Tambem foram grandes as pressões politicas, de caracter internacional, exercidas então no sentido de serem deferidos os desejos do sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Nada se fez, porque bastava o governo mostrar a sua impossibilidade para que as pressões, como era natural, se attenuassem ou quasi desapparecessem. Sei que um dia o sr. dr. Manuel de Arriaga perguntou ao sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho pelo «decreto do Leandro». Elle respondeu-lhe que o seu governo não pensava resolver essa questão nem d'ella tomara sequer completo conhecimento.

«Constituido o governo do sr. Pimenta de Castro, appareceram logo, como sempre que se constituia qualquer governo, os pedidos do indulto. Veiu tambem a Lisboa o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, repetindo os mesmos argumentos que já tinha empregado para o gabinete Bernardino Machado e para o gabinete Azevedo Coutinho. E, d'esta vez, s. ex.ª venceu. E' esta a historia, absolutamente exacta, do caso Leandro. Para a completar só resta dizer-lhe que as proprias personalidades do corpo diplomatico que n'elle tiveram qualquer interferencia foram as primeiras a ficar surprehendidas com a «solução» que este governo encontrou e que expoz ao ministro da Hespanha. Este nunca esperou que o governo lhe dissesse que sim, que concedia o indulto, mas por conta alheia. Tinha obtido a promessa do chefe do Estado e suppunha que ella seria honrada por qualquer governo que do acto quizesse assumir as devidas responsabilidades. Mas assim! A tal proposito conheço commentarios *diplomaticos* que lamento não poder referir. São inoffensivos, mas de uma ironia demasiado funda... ».

VIDA ARTISTICA

Exposição José Campas

Abre depois d'amanhã a exposição dos trabalhos do distincto pintor José Campas, installada no salão Bobone, da rua Serpa Pinto. O dia de amanhã é reservado á visita da imprensa.

A exposição estará aberta até ao dia 4 d'abril, das 11 ás 17 horas.

E A LEI?

O governo prepara-se

para renovar a concessão das quedas d'agua de Lindoso

A velha questão resurge. *A Capital* previu-o ha tempos. Pois todas as provisões que se fizeram estão em via de se realisar. E' aquella velha historia das quedas d'agua de Lindoso—uma riqueza assombrosa, que governos transactos entregaram a uma empreza estrangeira, a qual pouco mais tem feito do que pôr em jogo habilidades varias para não cumprir o seu contracto. A concessão devia estar cumprida em 1911. Pois não estava. As aguas de Lindoso, que n'essa altura tinham de ter já a devida applicação, continuam a correr direitinhas para o mar, como se não servissem para coisa nenhuma. A empreza concessionaria ponderou ao ministro do fomento d'então. E d'isso resultou prorogar-se a concessão até ao dia 13 d'este mez.

E *o que succede agora?* O que já acontecera ha quatro annos. Os hespanhoes *concessionarios*, que não teem com que mandar cantar um cego, não fizeram as obras e as aguas do Lima estão por aproveitar, como o estavam em 1911. E depois? As camaras do Minho pretendem federar-se para explorar as magnificas quedas de agua, que só por si abasteceriam toda a provincia de energia electrica, dando-lhe novos e fecundos elementos de vida. A concessão expirou ha quatro dias. Está, portanto, caduca. Pois apesar d'isso, appareceu hoje no ministerio do fomento o sr. Villas Boas, engenheiro da empreza de Lindoso, a solicitar que a mesma concessão se prorogue. Como? Pode lá ampliar-se, prorogar-se *aquillo* que já não existe? O sr. ministro do fomento não pode attender os hespanhoes de Lindoso que, por falta de dinheiro, e só por isso, não teem realisado as obras a que a concessão os obriga. Se o fizesse, teria de auctorisar, contra lei, uma nova concessão. Depois, o Minho quer para si as quedas de agua em questão. Porque não ha de tel-as? Merece-as, porventura, mais uma empreza estrangeira?

Chega trigo

Vindos, respectivamente, da America do Norte e da Argentina, chegaram no Porto os paquetes *Nestor*, com 6:000 toneladas de trigo exotico, e *Vimeira* com 8:800 toneladas.

Ao Tejo chegou tambem hontem um vapor com 5:500 toneladas do mesmo cereal. E' já o quarto vapor que durante o mez chegou a Lisboa *com carregamento de trigo*.

Uma commissão de industriaes de padarias de Azambuja, acompanhada do administrador do concelho, procurou o sr. ministro do fomento a fim de solicitar a annulação do decreto ultimamente publicado, na parte que diz respeito ao pagamento de $06 por cada kilo de farinha que tivessem em deposito em 5 do corrente.

«INGRATA PATRIA...»

Um echo lugubre de Naulila

Qual o destino dos prisioneiros portuguezes que os allemães do Sudoeste Africano levaram para a sua colonia?

Quando algumas tentativas de restauração monarchica liquidaram, como era de esperar, na prisão e julgamento de uns tantos conspiradores, logo almas piedosas acudiram pressurosamente a lamentar-lhes o captiveiro. Organisaram-se subscripções para lhes minorar as agruras. Gritou-se, barafustou-se, accusou-se. As prisões eram más, a alimentação insufficiente, o tratamento vexatorio. Não houve exagero, não houve uma nota susceptivel de commover a opinião que não fosse largamente aproveitada como objecto de ampla publicidade dentro do paiz e até na imprensa estrangeira. Como não se podia appelar para a razão, appelou-se para o sentimento. Pintaram-se, com as mais sombrias côres, as amarguras dos prisioneiros politicos, e em torno de cada um d'elles pretendeu crear-se uma aureola de martyrio que se impuzesse á veneração e ao respeito dos seus correligionarios. Senhoras houve, em Portugal, que não tiveram mais um instante de repouso, votadas á missão de soccorrer esses prisioneiros, de se informarem dos pormenores da sua situação, das condições de existencia de suas familias, no empenho de fazerem de cada um d'elles uma victima e de cada victima um heroe.

Levando assim as coisas para o campo estrictamente sentimental, não é de admirar que a atmosphera se tornasse propicia á promulgação de uma amnistia ampla, que não tardou em ser decretada pelo governo. Sem seguir na corrente de taes campanhas, applaudimos no entanto essa medida, na convicção de que esquecer e perdoar, na devida opportunidade, dignifica um regimen e enche de razão os que o defendem. Esses homens eram, afinal, tão portuguezes como nós. Tinham mães, irmãs, filhos, mulheres, todo um cortejo lacrimoso de pessoas queridas para as quaes a sua libertação seria como um raio de sol rasgando as trevas de um infortunio.

Apoiámos a amnistia. Mezes depois, no sul de Angola, soldados portuguezes defrontam-se de subito com o invasor allemão. A Patria exige o sacrificio do seu sangue. Batem-se. Morrem, muitos d'elles, no meio do areal adusto do sertão africano, longe das mães, das irmãs, dos filhos, das mulheres, para cuja desventura não ha, n'este mundo, nenhum raio de sol que a venha minorar. Morrem, no cumprimento do mais sagrado dos deveres, defendendo a honra da sua Patria ultrajada. Morrem. E' o irremediavel. Mas terá porventura ficado assim o assumpto liquidado?

As listas officiaes das nossas perdas em Naulila não falam apenas de mortos e de feridos. Temos os prisioneiros, os desapparecidos, ácerca de cujo paradeiro ainda até agora se não disse uma palavra sequer. A lista, infelizmente longa, reproduzimol-a em seguida:

Prisioneiros e desapparecidos — Praças europeias

Prisioneiros. *Infantaria 14*: 2.º sargento Balthazar Carlos dos Santos. 2.ª *bateria d'artilharia*: 2.º sargento Antonio Sousa Marques (ferido). Desapparecidos, alguns dos quaes poderão estar prisioneiros: *Indigenas de Moçambique*, 10.ª companhia: 1.º cabo Antonio Rodrigues. *Bateria mixta de Loanda*: soldado 77, José Maria Simões. *Infantaria 14*, 9.ª companhia: 2.º sargento Antonio Sousa; 1.ºs cabos José Alves Nunes, Jeremias Gaudencio das Neves e Antonio Pereira Affonso. Soldados: 90 Antonio Pereira; 104 Annibal Ferreira Cordeiro; 103 Marciano da Costa; 144 Antonio Nunes; 159 Jayme Albuquerque; 168 Manuel da Costa Morgado; 176 José Almeida; 211 José Esteves; 212 José Maria Antunes; 214 José Barbosa; 217 João da Costa; 218 José Fernandes Marques; 331 David d'Almeida; 342 João da Silva; 343 João Pinto de Sousa; 345 João Pinto d'Almeida; 348 Hermenegildo; 350 Manuel Ferreira; 353 Miguel Antonio Lopes; 354 José Joaquim Teixeira; 358 Antonio da Silva Marques; 359 Ernesto Moreira Santos; 360 Affonso Pereira; 363 Jorge da Silva; 364 Jorge Augusto da Costa; 313 Joaquim dos Santos; 373 João dos Santos Correia; 379 Antonio Gonçalves Brito; 381 Francisco das Chagas; 382 Hordes Esteves da Torre; 383 Manuel Fonseca; 386 João Lopes Correia; 392 João Viegas Valente; 398 Antonio Luiz; 421 João Barreiros; 424 Antonio Lacerena; 425 Hortencio Luiz Mendes; 426 Manuel Ferreira; 427 Joaquim Antonio Marques; 165 José Amaral; 227 Januario Augusto Pimenta. 10.ª companhia: 2.ºs cabos Antonio Alberto Teixeira e Joaquim Ambrosio; soldados 217 Manuel Ignacio; 248 Antonio Luiz Teixeira; 275 José Figueiredo; 327 José da Silva. *Equipagens*, 1.º grupo: 1.ª companhia, soldado 470 José Lourenço.

Officiaes desapparecidos

1.º esquadrão de dragões—Tenente Francisco Xavier da Cunha Aragão, alferes Manuel Antunes Sereno, Joaquim Maria Alves.

Quadro auxiliar d'artilharia—Raul José d'Andrade.

Officiaes prisioneiros

Infantaria 14, 9.ª companhia—Tenente Antonio Rodrigues Marques.

Desapparecidos na retirada do Cuamato

Equipagens—7.ª companhia: soldado 470, José Lourenço.

Companhia disciplinar—Soldado 166, Pedro Antonio dos Santos, e 105, João Antonio.

1.ª companhia europeia—Soldado 43, Manuel da Silva.

Deposito—3.ª companhia: soldado Alfredo do Monteiro da Rocha.

1.º esquadrão de dragões—2.º sargento 75, Pedro da Conceição Barreiro.

Deposito de deportados—Condemnados 142, Joaquim Alves Junior e 2301, Francisco Augusto Tavares.

Qual o destino d'esses soldados, por cuja sorte, anciosamente, estremecem mães, irmãs, filhos, mulheres, n'uma incerteza horrivel, sem uma palavra de conforto que as acarinhe no meio da sua desventura? Pois não será respeitavel a sua dôr, não será digna de piedade a sua desgraça? Investigaram-se, até ao exagero, as condições de captiveiro dos presos politicos. Houve porventura alguem que se importasse de saber em que situação se encontram actualmente os prisioneiros portuguezes que a cavallaria do Sudoeste Africano escoltou para o interior da colonia allemã? Fez-se alguma diligencia no sentido de descriminar d'essa dolorosa lista os que vivem ainda na esperança de que a Patria vá resgatal-os, cumprindo para com elles um dever não menos sagrado que o seu dever de militares para com ella?

Não consta que, por iniciativa official, se tenham dado passos n'esse sentido. A iniciativa particular tem participado de identica indifferença, que tão fortemente contrasta com os esforços empregados no sentido de libertar ou pelo menos minorar as agruras dos conspiradores presos. E no entanto, mães, irmãs, filhos, mulheres choram em silencio, sem incommodar ninguem, sem espalhafatos de publicidade, sem propaganda, sem reclame...

Pobres soldados de Portugal, que podeis, como Scipião, chamar ingrata a terra que vos reclamou o sangue e a liberdade!

QUESTÕES ESCOLARES

As reclamações dos alumnos da Escola Medica

Pretendem passar para o quarto anno sem uma cadeira do primeiro grupo

Os estudantes da faculdade de medicina de Lisboa andam vivamente interessados em ver attendidas algumas reclamações que apresentaram ao respectivo conselho escolar. A proposito das reuniões que teem effectuado prestou-nos hoje o sr. Ascensão Contreiras, terceiranista, os seguintes informes:

—Como a *Capital* já noticiou em ligeiras referencias, a primeira reunião foi convocada para eleger uma commissão que se entendesse directamente com os professores a fim de obtermos a passagem para o quarto anno sem uma das cadeiras que formam o primeiro grupo, fazendo o respectivo exame no semestre immediato. N'essa mesma assembléa disse-se tambem que não deviamos esquecer a época do exame de bacteriologia e parasitologia em março, proposta com que a maioria concordou e para a qual se nomearam tambem algumas commissões.

«A ultima reunião foi convocada para se resolver a attitude que deviamos tomar em face da deliberação do conselho escolar, que não sancionou os pedidos feitos.

«Será escusado salientar que considerámos as nossas pretenções absolutamente justas. Pelo que respeita ao exame de bacteriologia, é a lei que explicitamente prescinde que elle se realise em março, porque nos faculta duas épocas de exame. O mesmo succede com a cadeira de anatomia pathologica, que devia ser principiada a cursar no semestre de verão, para acabar com a do

bacteriologia no semestre de inverno.

«Pensámos primeiro em ser-nos concedida uma segunda época de exame em outubro, mas preferimos depois a passagem para o 4.º anno sem uma cadeira, por nos dizerem que essa solução seria mais facil. Se assim não fôr, será muito restricto o numero de passagens. No curso do anno passado, apenas transitaram d'anno seis alumnos, entre cento e tantos matriculados.

«E' certo que se fallou em apresentar o caso ao respectivo ministro, mas, considerando que havia um corrente no professorado, que achava absolutamente justificada a nossa causa, resolveu-se reconduzil-a de novo ao parecer do conselho escolar.

«Agora aguardaremos outra vez as deliberações do conselho.»

Federação Academica

Um serão de arte antiga em S. Carlos

A Federação Academica de Lisboa, que se installa no corrente anno, realiza a sua primeira festa na proxima quinta feira, 25 do corrente, no theatro de S. Carlos. E' um serão de arte portugueza antiga, em que ouviremos poesia, musica e theatro portuguezes do seculo XVI ao seculo XVIII.

Com um *savoir faire* e um desejo de apresentar coisa nova, differente em absoluto do que até hoje se tem realisado, a direcção da Federação, merecedora de todos os encomios, organisou um programma deveras magnifico. So não vejá-se:

Far-se-ha a resurreição do auto de Gil Vicente *Quem tem farellos*. Esta obra é interessantissima, representando uma das mais curiosas maneiras do auctor. Será interpretada por alumnos das escolas superiores de Lisboa, ensaiados por Augusto Rosa. O distincto scenographo Augusto Pina está pintando um scenario especial para a noite de 25.

Acompanhando a representação, os melhores artistas de S. Carlos dirão poesias classicas. Ouviremos n'esta parte do novo Gil Vicente, Antonio Ferreira, Camões, etc.

A parte musical foi tambem cuidada. A sr.ª D. Maria Rey Collaço, que tão grande exito alcançou n'um dos ultimos concertos Blanch, far-nos-ha ouvir no cravo graciosas composições nacionaes do seculo XVII.

Uma grande orchestra simphonica, sob a direcção do maestro Fernandes Fão, mestro da banda da guarda republicana, executará trechos de D. João IV a Marcos Portugal. D'este ultimo compositor, sem duvida o mais notavel musico portuguez, teremos a abertura e alguns numeros de canto da opera *Ouro não compra amor*. Ouvir-se-hão outros maestros serão tambem executadas, como, por exemplo, trechos da opera *La Spinalba*, de Francisco Antonio de Almeida, o *Seleuco, rei da Syria*, do João de Sousa Carvalho (seculo XVIII). Alguns amadores e artistas collaboram n'esta parte. No final serão cantados alguns coros religiosos populares antigos, fazendo-se ouvir n'este numero o grande orgão do theatro.

O poeta sr. dr. Affonso Lopes Vieira, no começo do serão, explicará o programma que se executa, e a proposito dissertará ácerca da arte portugueza. E' este um numero de sensação, pois todos sabem o amor que o illustre auctor de *O pão e as rosas* e de tanta obra prima dedica a assumptos d'esta natureza e a proficiencia com que os trata nas suas conferencias.

Tudo nos leva, pois, a crêr que esta noite de pura arte portugueza será um dos maiores acontecimentos da presente epocha em Lisboa.

Pão que se não pode tragar

Uma reclamação

Dois moradores de S. Bartholomeu da Charneca vieram á nossa redacção mostrar-nos metade de um pão de 40 réis que a Companhia de Panificação ali expõe á venda e que é simplesmente intragavel. Manipulado com farinha da peor qualidade, tendo pessimo aspecto e até pessimo cheiro, não é pão que se possa comer. Mas no passo que para ali mandam tal qualidade, o fabricado no Lumiar é egual ao de Lisboa.

Contra o facto protestam os habitantes S. Bartholomeu da Charneca, e com razão.

Uma grande novidade musical em S. Carlos

Uma completa novidade que será um grande acontecimento musical é o concerto que no proximo domingo se realisa em S. Carlos. Uma grande banda, composta de 90 professores, ampliada com instrumentos de corda e dirigida pelo maestro Fernandes Fão executará um programma excepcional. E' a primeira vez que se realisa um concerto d'esta, á semelhança dos celebres concertos da guarda republicana de Paris e da Banda Norte-Americana dos Estados Unidos. O programma é esplendido e compõe-se das mais notaveis obras de Berlioz, Gicez, Saint-Saens, Tchaikowsky, Liszt, Goldmarch e outros grandes auctores.

A egreja hespanhola em Lisboa

Não a solicitou a colonia—Installal-a é apenas uma ambição do clericalismo jesuitico

A creação de uma egreja hespanhola em Lisboa tem agitado a colonia que, na sua maioria, reprova a ideia, pelo que averigúamos consultando alguns dos seus membros mais em evidencia, a proposito da reunião para que foram convidados a assistir hoje, á noite, na Associação dos Lojistas.

Os que ouvimos mostraram-se mal impressionados com o facto de allegar-se que foi a pedido geral da colonia que o governo hespanhol tomou a resolução de levantar uma egreja sua em Lisboa. Quando, ha mezes, se fez correr esse boato logo a Associação Galaica, a Juventude de Galiza e a Fraternidade Hespanhola, importantes centros de associação da colonia, declararam que não tinham sido ouvidas sobre o assumpto, chegando o Centro Democratico Hespanhol a protestar formalmente contra a ideia da egreja.

A opinião da maioria é, repetimos, que a ideia não deve ser posta em pratica, havendo quem alvitre que a colonia em peso vá pedir ao ministro hespanhol que evite a sua realisação.

O sentir de todos os que ouvimos pode traduzir-se pelo que nos disse o sr. Ramiro Vidal Carrera que do assumpto se tem occupado nas columnas do jornal madrileno *El Paiz*:

—A colonia hespanhola não fez tal pedido, não podendo porisso invocar-se o seu nome: a unica invocação verdadeira seria a dos interesses do jesuitismo. Falam para ahi n'uma representação coberta d'assignaturas. Sei como conseguiram as poucas que alcançaram: uma commissão de senhoras andou pedindo-as dizendo que se tratava de um hospital, e assim obtêve que dessem os seus nomes pessoas que nunca os dariam se soubessem do que se tratava, pois que de fórma alguma procederiam de maneira a irem d'encontro ás ideias do governo d'um paiz que tão captivante acolhimento lhes faz.

Esta ideia deve ter sido fomentada pelos jesuitas que por meio d'ella querem voltar a Portugal; ha immensos annos que ha n'este paiz uma importantissima colonia hespanhola e nunca teve necessidade de egreja propria para praticar o culto. Durante tantos annos de monarchia nunca o governo hespanhol se lembrou de tal; não será arrojado attribuir a ideia de agora a má vontade contra o regimen actual excitada pelos manejos dos jesuitas. E' a unica explicação que lhe encontro.

Dos nossos ha quem acolha a ideia da egreja hespanhola simplesmente por patriotismo, para que se não diga que estamos em situação inferior á dos inglezes e italianos, os quaes teem em Lisboa egrejas suas; outros ha que não se oppõem lembrando-se com pezar do facto ter sido ha tempos morto o nosso compatriota José Carrera Suano por um policia, na Mouraria, sem que este tivesse sido castigado. Porém d'este ultimo caso não é ás auctoridades portuguezas que maior responsabilidade cabe, mas ás nossas, que pouco ou nenhuma importancia ligaram ao caso, provavelmente por se tratar de um homem pobre, esquecendo, porém, que era hespanhol como todos os filhos de Hespanha.

Nada d'isto, comtudo, justifica a creação de uma egreja nossa em Lisboa, em opposição ao espirito do seu povo com quem até agora sempre temos vivido em paz.

Não é minha intenção crear difficuldades entre a colonia e os governantes do meu paiz, mas é indispensavel pôr as coisas a claro para bem dos interesses moraes e materiaes de todos nós os que vivemos em Portugal, uns 40:000 hespanhoes talvez, dos quaes 25:000 só aqui, em Lisboa.

A' grande maioria da colonia repugna a ideia da egreja e se o nosso governo quizer ter a prova do que affirmo que faça um plebiscito entre nós e verá como são poucos os que a approvam.

Veriamos com bons olhos que se creasse uma instituição official de beneficencia, verdadeiramente hespanhola, mas nunca que se crie uma egreja n'uma cidade onde as ha de sobra para os catholicos hespanhoes exercerem o culto. Antes de despender algumas dezenas de milhares de pesetas com a construcção de uma egreja em paiz estrangeiro, do que não carecemos, melhor fôra que o nosso governo construisse no nosso paiz hospitaes para tuberculosos e escolas de ensino primario, de que tanto ali precisamos.

A ideia não nos é sympathica, creia; poderá sel-o para os jesuitas de casaca, mas a nós, os que trabalhamos honestamente, os que labutamos dia a dia de fronte erguida e cara descoberta só antipathia desperta.

A meu vêr, devia a colonia reunir-se em sessão magna no Coliseu de Lisboa a fim de resolvermos a fórma de impedir que a ideia vá a effeito. Para os catholicos hespanhoes que aqui vivem bastam as egrejas portuguezas, não temos necessidade de uma egreja só nossa, e não devemos de maneira alguma hostilisar as ideias de um paiz que tão bizarramente nos acolhe.»

No Politeama

A festa em honra de David de Sousa

Será uma festa interessantissima esta que se prepara ou homenagem a David de Sousa.

O notavel maestro continúa recebendo manifestações de apreço de individualidades, cujo depoimento não pode ser indifferente á sua vida de artista, tão conhecidas são no meio intellectual da sociedade portugueza.

No programma para essa tarde musical figuram obras de um authentico merecimento, de Mancinelli, Beethoven, Wagner.

Ha justificada curiosidade em ouvir a joven pianista M.elle Irene Gomes Teixeira, que dispõe de uma rara intuição artistica e não vulgar execução.

A festa de Angela Pinto

Está constituindo o grande acontecimento theatral d'esta temporada a festa da notavel actriz Angela Pinto, que se realisa depois de ámanhã, sexta-feira, no theatro de S. Carlos, com a 1.ª representação de celebre peça de Augier, em 4 actos, *A aventureira*, traducção do sr. dr. Coelho de Carvalho.

"O POVO"

Reappareceu ante-hontem este nosso collega da noite, do que é director o sr. Ricardo Covões. As nossas saudações ao devotado combatente republicano.

A partida para o Brazil da companhia Adelina Abranches

Embarcaram ás 3 horas da tarde, a bordo do *Araguaya*, os artistas da companhia dramatica que fez tão brilhantemente a ultima época do Polytheama. A bordo do rebocador que nos conduziu pelo rio em direcção ao paquete, seguiram varios jornalistas, artistas, frequentadores de theatro, criticos. Conversa-se animadamente, na tolda. Um dos passageiros chama a nossa attenção para dois paquetes norueguezes, proximo dos quaes passamos, e em cujo casco a prudencia dos armadores mandou pintar em collossaes dimensões a bandeira da nacionalidade.

A proposito, falla-se do navio-phantasma, o *Eitel Friedrich*, que cruza o Atlantico armado em corsario. O *Araguaya* não o teme. Da prôa e da ré desapparecem o nome do navio, os seus machinismos possantes desafiam em velocidade os melhores cruzadores auxiliares da marinha allemã.

Da prôa a disposição de espirito da companhia é excellente. Adelina Abranches acaba de saltar na escada do portaló com o ar mais despreoccupado do mundo, a gentilissima Aura sorri aos amigos que vão prestar-lhe a homenagem de despedida; Alexandre de Azevedo não parece menos satisfeito com o regresso á terra de Santa Cruz. Vão passando em seguida Ferreira de Sousa, Alfredo Abranches, Annita Bastos, Maria Pedro, Palmeirim. Depois, installada nos respectivos camarotes a bagagem de mão, começam os abraços effusivos, os votos calorosos de boa viagem, e o silvo do rebocador vibra estridente, chamando os retardatarios que teem de voltar para terra.

No regresso, já mal se divisam na confusa massa de passageiros os lenços brancos que se agitam, alguem junto de nós extranha não ter visto nenhum d'aquelles caesinhos favoritos que são o encanto e o enlevo de Adelina e de sua filha Aura. Informam, ao lado, que os mimosinhos ficaram em Lisboa, confiados ao cuidado de um amigo intimo das illustres artistas, e que é, elle proprio, uma verdadeira alma de artista e um papa de Pimentel educação.

—E são muitos, os bichos?

—Um verdadeiro jardim zoologico: onze cães, quatro macacos, trez gatos, muitos passarinhos e um cavallo.

—... que á volta do Brazil, Adelina virá certamente augmentar com novos exemplares da fauna sul-americana, commenta um jornalista.

Ao longe, o paquete vomita já ondas de fumo negro, nos ultimos preparativos da partida. Agitam-se ainda vagas manchasitas brancas. Boa viagem! Boa viagem! e que o regresso não tarde muito!

Monumento do marquez de Pombal

O presidente do juri encarregado da classificação das «maquettes» do monumento ao marquez de Pombal marcou para sabbado a reunião que devia effectuar-se hoje e que tudo leva a crêr será a que porá termo aos trabalhos d'esse juri.

ULTIMAS NOTICIAS

"PATHÉ JORNAL"

Ainda as reintegrações

Voltarão a occupar os seus postos no exercito os officiaes conspiradores amnistiados

1.º quadro

Gente vulgar, poisando distrahida pelas Arcadas. Nem uma figura conhecida. Os politicos continuam ausentes. Dir-se-hia que o palco predilecto onde exhibiam n'outros tempos as suas artes de intrigar e de cultivar o prestigio os repelle agora violentamente. O sr. Magalhães Basto, pesado, anafado, espetado n'um enorme charuto que por sua vez se encaixa n'uma enorme boquilha branca, com ponta d'ambar, passa por nós, atirando para o espaço grandes bafuradas de fumo azulado e espesso. Dois amigos saudam-no.

—Então a politica?

—N'um sino! Agora é que isto se indireita. Oh! O general, o general! Que grande homem!

Ha gestos de assentimento. O general que commanda a politica n'este instante é realmente um grande homem. Basta que o sr. Magalhães Basto o diga...

O «film» gira mais rapido. Sentem-se estalidos seccos, como se na gelatina flacida se gravassem com custo as figuras que perpassam por deante da objectiva. Chega um deputado democratico. Fala-se da reintegração de conspiradores. Far-se-hão, realmente?

—Creio bem que sim!—clama o correligionario do sr. Affonso Costa. Está escripto, tem de ser.

—E julga isso conveniente para a Republica?

—Mas por quem me toma? Olhe o que se deu com a amnistia! Que pacificava tudo e todos, dizia-se. Pois bem—a resposta deu-nol-a o 20 d'outubro!

Despedimo-nos. «Chacun sa vie». Terminou o quadro. Não terá ficado uma perfeição, mas não póde arranjar-se melhor. Por falta de pessoal idoneo, é claro...

2.º quadro

O mesmo assumpto. Personagens differentes e outro palco. Abriram-se um velho alviçareiro de noticias politicas. Elle é que sabe tudo. Para elle, n'este Terreiro do Paço compilicadissimo, não ha nem a sombra de um misterio.

—V. tem andado a rondar em volta da verdade. Lá isso tem. Mas não conseguiu ainda afiral atoda cá para fóra. Tenha paciencia. As boas fontes de informação nem sempre se encontram.

—Será v. uma d'ellas?

—Hoje, sem modestia, posso dizer que sim, que sou. E se se dispõe a ouvir-me...

Se disponho! Seria capaz, para arrancar a esta creatura tudo o que ella sabe, de a mandar prender, quanto mais de fingir que a oiço com benevolencia.

—Vamos, fale!—digo-lhe já semi-impaciente.

A minha attenção começa a reter, a fixar uma a uma, todas as palavras que o bom do alviçareiro vae deixando passar atravez dos seus labios grossos de sanguineo. O governo não pensou e pensa realmente em amnistiar aquelles inimigos do regimen que da ultima amnistia não aproveitaram. Mas, por ora, não levará por deante esse seu projecto. Está, comtudo, inteiramente resolvido a reintegrar no exercito, dando-lhes os postos que lhes pertencerem, todos os officiaes que foram amnistiados.

—E com o pretexto?

—Com o protexto de que, significando amnistia esquecimento completo, não é justo, nem legal, nem logico que continuem a soffrer os effeitos d'uma condemnação que desappareceu individuos que a Republica ignora se attentaram contra ella ou não.

—Maneiras de vêr...

—Exactamente. Mas fique certo que esse criterio terá qualquer dia, no «Diario do Governo», a sua solemne sancção.

E, emquanto se despede, o alviçareiro benevolente e complacente affirma-me ainda que é aquella a verdade e que por o ser m'a annuncia com um prophecia que gosta de traser sempre os crentes ao corrente do que occorre pelas regiões sideriaes onde os mortaes não teem ordem de pôr os pés...

3.º quadro

Outro alviçareiro. Menos intelligente, menos equilibrado, menos conhecedor dos homens e das coisas que o outro. Rio-me d'elle. Rimo-nos todos d'elle. Traz-me, afinal, uma novidade. E recita-a como se recitou ha tempos, n'um theatro de variedades, o romantico e tragico «Cura de Santa Cruz». Grandes gestos descompassados e inchada enfase, que revelam um pessimo actor.

Tem, porém, boa memoria, este velho nosso conhecido. Ponho-lh'a em movimento. Quaes são os officiaes a quem a amnistia aproveitou?

—Um bom punhado d'elles. Os seus nomes andam por ahi na bocca de toda a gente. Para que falarmos do Francisco Pimentel, que na Republica chegou a governar a Guiné, do major Montez, do tenente Sobral Figueira, do capitão Ferreira, de Remedios da Fonseca e de tantos outros, cujos nomes não me occorrem agora? Elles são tantos...

E são. Quando voltará o regimen a premeial-os os serviços?

—Não demorará muito. A lista dos amnistiados está organisado. Resta lavrar os decretos de reintegração. Espreite o «Diario do Governo» e a «Ordem do Exercito». Creia que não demorarão muito.

Esta é a nova sensacional d'hoje. Este é, pois, o quadro mais interessante d'este «film» que estás vendo desenrolar leitor. Não estás contente? E onde viste tu alguma vez um governo que contente toda a gente?

4.º quadro

Muita gente, e da fina, á porta do ministerio da justiça. O que a levou ali? E' que se diz que está por pouco o preenchimento da vaga de Henrique Cardoso. Dezenas de boccas abrem-se para tragar o pomo d'oiro. Ha sussurro quando passa o ministro. Nunca um homem foi tão reverenciado como o está sendo o sr. Moreira pela enorme chusma de pretendentes que o segue por toda a parte... com o pensamento, pelo menos.

—Qual será o escolhido?—pergunto a medo, a um dos disputantes que me parece mais complacente.

—Não sei. Dizem que o conde d'Agueda...

—O quê insiste?

—Para elle, não. Mas para um seu protegido. De maneira que bem póde ser elle o preferido.

—Mas não ha quem tenha concurso?

—Ha. Mas esses ficam para outra vez.

—E' isto—commenta alguem do lado. E devia ser? Não. O sr. ministro da justiça tinha obrigação de olhar por este absurdo.

—Que habilitações especiaes tem um bacharel para ser contador de direito? Tantas como um serralheiro ou um padre. Como se avalia, então, a competencia dos concorrentes? Pelo concurso que a lei exige. Pois bem: houve quem fizesse da lisa esse concurso e fala-se em toda a gente para succeder a Henrique Cardoso menos n'aquelles que já provaram ser aptos para o desempenhar...

E' uma tragediasinha, esta. Como acabará? Quem será o tiranno e quem virá a fazer de victima?

A. M.

Balanço diario

Arcada quasi deserta. Um castigo para colher noticias de polpa n'este recanto da cidade, que é o coração do paiz. Fala-se em mais demissões. Uma d'ellas é a do sr. major Antonio Ernesto Borges, que foi retirado do commando do Deposito de Praças do Ultramar. Substitue-o o sr. capitão Antonio Ferreira Neves. Outra é a do commandante da policia. Sempre será demittido o sr. Camara Pestana? Hoje dizia-se que sim. Substituil-o-ha o sr. coronel Bettencourt. Será assim?

Um recurso

O sr. Augusto José Vieira, demittido do logar de administrador por parte do governo da Companhia de Mossamedes, deve interpôr ámanhã, no tribunal administrativo, o recurso do despacho que o exonerou d'aquelle cargo. Como já se disse, o sr. Augusto José Vieira fundamenta o seu recurso na circumstancia de ter pago direitos de encarte.

Dr. Augusto de Vasconcellos

Seguiu hoje para Madrid, no rapido, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal n'aquella côrte. Antes, o sr. Vasconcellos foi despedir-se dos srs. ministros do fomento, justiça e estrangeiros.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 2.º juizo de investigação criminal respondeu hoje Maria José da Costa, a *Rasoilão*, gatuna de forasteiros, que ha dias foi presa por ter desobedecido regressado do desterro que lhe foi imposto. Foi condemnada em 20 dias de prisão e 20 escudos de multa.

EM SANTA CLARA

O movimento de 20 d'outubro

Reuniu hoje o tribunal especial para julgar Manuel de Sousa Brito, de 29 annos, chegador, natural de S. Braz d'Alportel, que foi preso em Evora como implicado no movimento de 20 de outubro. Sousa Brito foi policia em Faro, logar que abandonou ao ser proclamada a Republica, e sobre elle pesam as accusações de fazer propaganda monarchica, ser aliciador de trabalhadores ruraes e ter favorecido a passagem da fronteira aos que haviam tomado parte no ultimo movimento monarchico, tendo por isso recebido a remuneração de 500 réis diarios.

A' audiencia presidiu o sr. general Oliveira Garção, sendo promotor o sr. coronel José Maria Gouveia, juiz auditor o sr. dr. Alves Ferreira e defensor officioso o capitão sr. Osorio de Castro. As testemunhas de accusação eram apenas dois policias.

Apoz o depoimento d'essas duas testemunhas, os guardas n.os 912 e 927, destacados na judiciaria, iniciaram-se os debates, sendo o promotor o primeiro a defender o réo. O juri deu o crime como não provado, pelo que o accusado foi absolvido.

A situação politica

A conferencia que o sr. dr. Bernardino Machado hoje devia realisar na séde do Centro que tem o seu nome, em Alcantara, ficou transferida para ámanhã, por motivo d'aquelle illustre homem publico estar ligeiramente incommodado.

NOTAS DIVERSAS

O commissario do governo junto de uma importante companhia de tecidos entregou no ministerio do fomento um relatorio apontando graves irregularidades na sua gerencia anterior.

Segundo parece, vae ser dado conhecimento dos allududos factos ao representante do ministerio publico, em virtude da lei de fiscalisação das sociedades anonymas.

GENTE DE TOUROS

A nova epocha NO Campo Pequeno

O nosso primeiro redondel será explorado pelo «sportman» Carlos Vianna e emprezario J. Segurado

A praça do Campo Pequeno, alegrem-se os amadores de touros, já está arrematada. Constituiu-se finalmente uma empreza para explorar o nosso primeiro *redondel* e a corrida de inauguração da epocha deve effectuar-se no dia 4 do proximo mez, que é domingo de Paschoa.

Não foi sem difficuldade que se organisou um grupo de capitalistas, que se abalançasse a tomar conta da vasta casa de espectaculos, andando os *afficionados* quasi convencidos de que esta epocha ficariam privados do seu divertimento favorito.

A nova empreza do Campo Pequeno tem á frente o conhecido *sportman* sr. Carlos Vianna, um dos directores do Club Tauromachico, associado na gerencia da praça ao emprezario sr. J. Segurado, que ha já fazia parte da ultima empreza arrendataria d'aquella praça. São duas competencias a assegurar tanto quanto possivel o exito da temporada, attendendo ao tempo perdido e ao adeantado da epocha para effectuar contractos.

Sabendo que se constituira a empreza e que d'ella fazia parte o acreditado emprezario sr. J. Segurado resolvemos immediatamente saber por elle o que será a futura epocha taurina.

—O que lhe posso garantir, diz J. Segurado, é que somos dois fanaticos da tauromachia. O meu socio, o sr. Carlos Vianna, tem todas as preferencias pela lide hespanhola. São seus intimos os grandes artistas tauromachicos do paiz visinho. Para admirar o seu trabalho realisa verdadeiras peregrinações.

Eu gosto das corridas puramente portuguezas, sem que deixe de seguir com enthusiasmo a lide á hespanhola.

Apezar de não haver muito tempo para se organisar o nosso elenco, de ser quasi impossivel apresentar *carteles* de sensação, esperamos poder contentar os habituaes frequentadores do Campo Pequeno. Quando se não poder alcançar um espada de primeira para trabalhar ao domingo, contratar-se-ha para outro dia de semana. E, d'essa fórma, os afficionados portuguezes não deixarão de apreciar o trabalho dos mais notaveis *diestros*.

Na corrida inaugural o publico de Lisboa terá ocasião de admirar um artista que está creando um extraordinario nome entre a *afficion* no paiz visinho. E' o espada Ale que ultimamente foi colhido na praça de Madrid. E' um toureiro a altura, diligenciando agradar tanto com o capote como com a muleta. E' sobretudo um bello bandarilheiro e estou certo que saberá conquistar pelo seu trabalho as sympathias de Lisboa.

O sr. Carlos Vianna está em negociações com os Gallo e Belmonte, mas estes artistas, tendo tomado todos os domingos, só poderiam vir aqui em dias de semana. Resolvemos tambem nos effectuar corridas nocturnas, pois que a luz é especial no que se não dá para o sol e a lua!

A nova empreza, que se intitula Empreza de Touros Lisbonense, projecta estabelecer uma serie de premios para os concursos que se realisam. E, ainda n'este capitulo de materia prima para os nossos espectaculos, se conta dar aos amadores de ganaderos portuguezes com premios de relativa importancia. E' ainda n'este capitulo de materia prima para os nossos espectaculos, se conta dar ás corridas nacionaes notavel noticia. Procuraremos animar as nossas corridas. Contamos com o concurso dos artistas portuguezes, pois que com todos elles a empreza manterá as melhores relações. Espera-mos organisar um festival de inteira novidade, a demonstração ao publico d'uma *tenta* de gado bravo, como se faz em Hespanha e que pelo seu aspecto pittoresco deve despertar a curiosidade lisboeta.

Emfim, conclue o sr. J. Segurado, eis em largos traços o que a nossa empreza conta fazer. Vamos trabalhar afincadamente: por estes dias deve abrir-se a subscripção para marcar logares, que é o primeiro signal aos amadores.

A festa hippica de Palhavã

O programma definitivo do festival do proximo domingo, a favor dos feridos da guerra, deve hoje muito publico ao hippodromo. A prova de patrulhas, que se realisa pela primeira vez, será disputada por quatro patrulhas representando outros tantos corpos da guarnição, e forma das cada uma por seis praças, um sargento e um official, de forma que cada percurso será feito por oito cavalleiros ao mesmo tempo.

Tem sido muito concorrida a marcação de logares, na séde da Sociedade Hippica, rua Ivens, 56, sendo e na Tabacaria Americana tambem se vendem já bilhetes.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1/2 horas, o seguinte programma: «Entre Xumberas», marcha, Penela; «Poeta e aldeão», ouverture, Suppé; «Dans tes yeux», suites de valsas, Waldteufel; «Carmen», selecção, Bizet; «Eyas, selecção, Lehar; «Revoltosa», zarzuela, Chapi; «Bourg Achard», marcha, Allier.

—A' enfermaria 13, do hospital de S. José, recolheu Isidoro Santos, morador na estrada da Penha de França, 93, 3.º, que tentou suicidar-se, precipitando-se da janella. Na enfermaria 11 ficou Virginia Gomes, que hontem, como noticiamos, foi aggredida por uma vendedeira do mercado da Ribeira Nova com pontapés no ventre. Tambem por se lhe terem aggravado os padecimentos, recolheu ao hospital Diogo José de Barros Gomes, ha dias aggredido na rua do Jardim do Regedor.

—No posto da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, recebeu curativo Manuel Lopes, descarregador, morador na rua de Santo Antonio da Gloria, 12, loja, que estando a trabalhar a bordo de um vapor atirou-se caiu uma lingada sobre um fardo de cortiça, deixando-o muito maltratado pelo corpo.

D. Rosalina Martins Pereira

O seu funeral

Sahiu hoje, pelas 14 horas e 40 minutos, do hospital de S. José, o funeral da alumna do 7.º anno do lyceu Passos Manuel sr.ª D. Rosalina do Nascimento Martins Pereira, que ha dias, como noticiámos, se suicidou, precipitando-se da janella da sua residencia, na travessa do Convento a Jesus.

O cadaver, encerrado em caixão de chumbo e este n'uma urna de mogno, foi sempre velado por turnos de estudantes de varias escolas. No funeral, em que se incorporaram mais de 600 pessoas, fizeram-se representar o corpo docente do lyceu Passos Manuel pelo seu reitor, sr. dr. Alberto Machado, e professor D. Thomaz de Noronha, a Caixa Economica do mesmo lyceu pela direcção e o seu estandarte, lyceu Maria Pia, lyceu Camões e Escola Academica.

Sobre o feretro foram depostas corôas dos paes, irmão, professores e alumnos do lyceu Passos Manuel, alumnos do 7.º anno, alumnos do 6.º anno, dos collegas do 6.º e 7.º annos, da 7.ª e 6.ª classes de lettras, das collegas, do pessoal menor, além de muitos ramos de flôres naturaes. Da tarima para a carreta foi a urna transportada pelos alumnos da 7.ª classe, sendo o funeral dirigido pelos srs. Guilherme de Ayala Monteiro, José Vaz Barros e Julio Santos, collegas da fallecida.

Uma banda de musica executando marchas funebres se incorporou no prestito, tendo-se organisado no cemiterio diversos turnos. O feretro ficou em jazigo de familia.

Cruz Vermelha

Fundação de delegações

Projecta-se levar a effeito na Figueira da Foz a fundação de uma delegação d'esta Sociedade, para cujo fim se realisou ha dias n'aquella cidade uma sessão preparatoria dos elementos organisadores.

A Cruz Vermelha conta hoje 17 delegações devidamente organisadas que funccionam nas seguintes localidades: Porto, Vianna do Castello, Evora, Beja, Funchal, Barreiro, Seixal, Rio Maior, Estremoz, Gondomar, Penafiel, Espinho, Vallongo, Montemór-o-Velho, Soure, Barrozelas e Darque.

Em muitas outras localidades se projecta levar a effeito a fundação de delegações.

Para a subscripção pela Cruz Vermelha promovida foi recebida da Associação do Registo Civil a quantia de 5$00, ficando assim elevada a 15:838$57.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 1/16
Londres, 90 d/v	35 1/2	—
Paris, cheque	$80,4	$80,9
Allemanha, cheque	$30	$30,5
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	1$39	1$40
New York	1$40	1$43
Rio s/Londres	13 1/8	
Libras	7$10	7$15
Agio do ouro	45 °/o	55 °/o

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,00
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 o/o, 1905, 9$35. Externas: 1.ª serie, 70$70, 3.ª, 73$10 e cautelas da 3.ª, 2$95.

Acções: Phosphoros, coup., 55$50; Gaz, emissão, 55$50.

Obrigações: Aguas, coup., 81$; Predios, 5 o/o, 78$50; Ultramarino, coup., ouro, 88$20, Ambaca, 88$10; Norte e Leste, 2.º grau, 40$00; Beira Alta, 2.º grau, 15$; Assucar, 10$; Panificação, 48$90; Assucar, 41$.

"A Ideia Nacional"

E' o titulo d'uma revista politica bi-semanal, de que é director o jornalista sr. Homem Christo Filho e que hoje começou a publicar-se em Aveiro. Defende a causa monarchica.

SPORT

A necessidade do exercicio muscular é nata no homem

Ha um instincto que impelle o ser humano a buscar a saude no exercicio muscular e praser no esforço phisico. O proprio desasocego da creança é expressão d'isso. Das creanças de ambos os sexos, se diz muita vez que nunca estão quêdas. Signal excellente, porque é tão desarrazoado esperar que uma creança esteja quêda como que não tenha tosse quando estiver constipada. A creança pula, salta e grita: mostra os seus impulsos naturaes com a sua inquietação incessante. O rapaz da escola, se é vigoroso e robusto, parece ter adquirido a arte do movimento perpetuo. Faz gosto vêr a desvairada sahida da escola de uma malta de rapazes. Os membros que teem estado tanto tempo em repouso sentem a necessidade de movimento como um homem meio suffocado tem necessidade de ar. O rapaz que é o primeiro a chegar ao ar livre para além da porta da escola não tem provavelmente deante de si um ruim futuro, pelo menos, principiou bem. Por outro lado, aquelle que vem atraz de todos e não sente um impulso irressistivel para saltar e gritar é em certa maneira um anormal; não gosa saude perfeita nem tem boa construcção. Poderá vir a ser um homem muito instruido, mas a terrivel violencia da lucta da vida não se affronta só com a simples instrucção.

No decurso da existencia dá-se em todos os corpos robustos essa natural anciedade pelo exercicio e o homem póde julgar que attingiu um periodo infeliz da sua carreira quando deixar de sentir esse impulso.

Os musculos podem desenvolver-se só pelo exercicio e pelo simples expediente de fazer uso d'elles. O musculo em socego atrophia-se e torna-se gorduroso e anemico. O tecido muscular reveste quasi todas as partes do corpo, desde um orgão tão delicado como são os olhos até uma estructura tão simples como o biccpete humeral. O exercicio comprehende não sómente o desenvolvimento dos musculos dos membros, como tambem o uso salutar do musculo do coração, dos musculos da respiração, do tecido muscular das arterias e dos elementos musculares de todas as partes capazes de movimento. Esse movimento importa necessariamente actividade do sistema nervoso, actividade nos orgãos secretorios e nos orgãos excretorios. O movimento, na verdade, dentro dos proprios limites, é essencial ao pleno desenvolvimento e á perfeita conservação de saude do corpo. O corpo é uma machina que tem o attributo particular de que quanto mais se usa, dentro de limites rasoaveis, tanto mais forte e mais capaz se torna. Ganha força com o movimento, e essa força tem de ser medida não só pelo mero vigor muscular, mas pelo perfeito estado funccinal de todas as partes e de todos os orgãos.

(Do livro «Educação Phisica»)

***

Nota do dia

Ainda o 40.º anniversario

Constitue um acontecimento de primacial importancia para o meio sportivo a commemoração do 40.º anniversario do Gimnasio Club Portuguez, que foi fundado a 18 de março de 1875. Todos os *sportsmen*, todos os clubs e todas as Federações o comprehenderam porque somos informados de que amanhã enviam as suas saudações áquella prestimosa collectividade, cuja historia de 40 annos constitue a historia do athletismo e da educação phisica em Portugal. E' agradavel registar o facto, porque se demonstra que, todos, vaidades áparte e questiunculas de banda, sabem reconhecer, quando a opportunidade o exige, o merecimento e o trabalho dos outros.

Hontem o dissemos e hojo voltamos a repetil-o: O Gimnasio Club foi o foco iniciador de todo o *sport* que existe em Portugal. Mais antigo que elle, no athletismo portuguez, ha a Associação Naval, mas essa restringiu a sua acção á propaganda e desenvolvimento, em tempos remotos, do *sport* da vela e depois do da vela o remo. O Gimnasio, porém, fomentou a propaganda, manteve-a, excitou-a e animou-a em quasi todos os ramos de athletismo que hoje progridem no paiz. No *foot-ball*, no ciclismo, na gimnastica artistica, natação, tennis, tiro de guerra, patinagem, jogo do pau, esgrima, hippismo, dança, sports athleticos, pesos e alteres e lucta a acção do Gimnasio Club fez-se sentir. como a mais persistente e a melhor orientada. Emquanto á gimnastica higienica é o Gimnasio Club o mais prestimoso dos seus propagandistas, aquelle que mais tem trabalhado e produzido obra util.

***

Algumas anecdotas

Guilherme Salgado contra Eduardo Romero no Largo das Duas Egrejas

Quando veiu o japonez Raku a Lisboa, o *ju-jutsu* foi discutidissimo. Uns acreditavam na sua eficacia, outros não. Os homens fortes não comprehendiam como um luctador de 50 kilos, franzino, apparentemente fraco, sem grandes massas musculares, vencia, pela dôr, os hercules de peso e de força, que pareciam gigantes ao lado do minusculo japonez. Entre esses hercules estava o *sportsman* Eduardo Romero, que é uma figura tipica no nosso athletismo, brilhante sempre no que faz, excellente esgrimista, tennista, nadador, ciclista e cavalleiro. Ia ao Coliseu mas sahia de lá pouco convencido.

—O' Romero, o homem lá venceu...

—E' verdade, mas custa-me a acreditar em victoria tão rapida... Se o agarrasse bem, elle não se escapava!...

Um dia veiu, ainda n'aquella epocha do japonez em Lisboa, em que o distinctissimo *sportsman* teve occasião de verificar o merecimento combativo do *ju-jutsu*. Foi n'um pequeno *match* improvisado, no largo das Duas Egrejas, junto ao antigo barbeiro Campos. O adversario de Romero foi outro *sportsman*, Guilherme Salgado, que pelo seu aspecto, pequeno de estatura e meudo de musculos, não indicava que offerecesse a menor resistencia.

—O' Guilherme, queres experimentar?...

O convite á *queima roupa* deixava indeciso Guilherme Salgado, que, evidentemente, não podia dizer-se um luctador de *ju-jutsu* pois só havia tido umas trez duzias de lições com o invencivel japonez.

—Estou convencido de que, se te agarrar á minha vontade, não me foges...

E, emquanto dizia isto, segurava a gola do casaco do seu amigo, n'um gesto de quem lhe inutilisava os movimentos. Eduardo Romero, porém, utilisando a sua força, inclinou-se sobre Salgado para manter bem a presa. Firmou-se nos pés. Era o que queria o pequeno amador de *ju-jutsu*, jogo cujas vantagens estão na «sciencia» do desequilibrio. Com excepcional rapidez dá com a perna uma pancada no calcanhar de Romero. Este desequilibra-se, estatelando o seu imponente corpo de athleta sobre as pedras do largo!...

Os amigos presentes riram muito mas Romero, sempre gentil, sempre com a sua alegria communicativa e franca, abraçou o amigo Salgado e gritou, como se estivesse n'uma prancha de esgrima:

—«Toché!»

Noticias

Entre nós

A festa de domingo no Velodromo

Fecha hoje á noite, na sede da União Velocipedica, o praso de inscripção para as corridas do proximo domingo, no Velodromo do Stadium. São ainda as mesmas corridas do programma de reabertura da bella pista, uma das melhores do mundo e que se deve á arrojada iniciativa do sr. visconde de Alvalade e do seu neto o sr. José Holtreman Roquete.

O producto d'esta primeira festa reverte a favor da nossa subscripção para o «Cigarro do Soldado». O attractivo espectaculoso é grande. Como corridas velocipedicas são talvez as mais interessantes que, até hoje, se teem organisado em Portugal. Reunem na pista mais de 18 motociclistas e offerecem a novidade de apresentar, pela primeira vez, 4 senhoras, que são 4 distinctissimas artistas de circo, correndo em bicicletas uma prova de velocidade.

Para esta corrida, sufficiente para chamar enorme affluencia de espectadores ao imponente Stadium, offerece o sr. José Holtreman Roquete uma pequena lembrança ás corredoras. E' uma medalha artistica.

O anniversario do Gimnasio Club

O banquete commemorativo está marcado para ámanhã, quinta feira, ás 7 horas da noite, na sede do Club.

O Sportig Club em Vigo

E' ámanhã que o primeiro *team* de *foot-ball* do Sporting Club sustenta o segundo desafio em Vigo contra um *team* hespanhol, talvez o Vigo Foot-ball Club ou um mixto do Fortuna e do Vigo.

O XVII Congresso da União Velocipedica

A's 9 e meia da noite de hoje, continúa a funccionar a assembleia do XVII congresso da União Velocipedica Portugueza, na sede associativa. Vae tambem proceder-se á eleição dos corpos dirigentes, havendo duas listas em «guerra», uma apresentada pela direcção, outra por um grupo de socios. E' curioso citar-se que em ambas figura, para o cargo de presidente, o nome do sr. Lourenço Loureiro, que é um enthusiasta pelo ciclismo e é actual vereador municipal.

Nos Desportos de Bemfica

Realisa-se no proximo domingo nos Desportos de Bemfica a Festa da Arvore. Tomam parte n'esta festa todos os collegios da freguezia de Bemfica. Será precedida d'um grande cortejo em que figuram cinco carros alegoricos o da Arvore, da Instrucção, da Agricultura, da Primavera, e o dos Desportos, grupos de caçadores com suas matilhas de cães, grupo de ciclistas, *teams* de *foot-ball*, todos os collegios da freguezia e trez bandas musicaes. Nos Desportos de Bemfica, em logar appropriado, far-se-hão as plantações das arvores, sendo em seguida distribuido um lanche a todas as creanças dos collegios. A entrada no recinto de patinagem e mais campos desportivos será franca ao publico.

A sahida de ouro do paiz

deve ser prohibida, a exemplo do que se faz em Inglaterra

A proposito da sahida do ouro, que se accentúa dia a dia, escreve-nos o sr. *L. S.*

Deve pôr-se-lhe immediatamente um dique, para que não soffràmos as suas terriveis consequencias.

O governo tem, sem perda de tempo, de estudar o assumpto e prover de remedio a tão desenfreada especulação, que ainda tem contra si o terrivel effeito de ir engordar os nossos inimigos.

Nota-se ultimamente uma procura extraordinaria de libras e um *complot* existe para comprar as que affluem ao mercado.

Em Inglaterra, o paiz do ouro por excellencia, decreta-se a circulação de notas de libra e meia libra e prohibe-se a exportação do ouro; em Portugal, em vez de se procurarem os meios de augmentar o mais possivel o *stock* ouro, facilita-se a sua sahida constante.

E' certo que a libra é um artigo negociavel, como qualquer outro, objectarão, mas nas circumstancias actuaes em que todo o mundo se encontra é ainda o ouro que tem a supremacia e que impera.

Prohiba-se, pois, promptamente a sua sahida do paiz, reforçando-se cada vez mais o seu *stock* e n'isso prestará o governo relevantes serviços, cujos beneficos resultados se não farão esperar.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—Não ha espectaculo.

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—Recita da moda—O commissario de policia.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO—A's 21—Recita da moda—Opera: Lucia di Lammermoor.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

AMANHÃ—**Apollo**—Reprise do *Fado e maxixe*.—Estreia dos artistas Os Geraldos.

Eden—Recita da moda—Estreia do soprano ligeiro Rosario d'Ory na *Lucia de Lamermoor*.

SEXTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita de Angela Pinto—*A aventureira*.

Gimnasio—Primeira representação da comedia *4028—Lx.*

DOMINGO—**S. Carlos**—Concerto dirigido pelo maestro Fernandes Fão.

Politheama—Concerto de homenagem a David de Sousa.

Eden—*Matinée* pela companhia de opera.

Ao correr da penna

O successo artistico da recita de Henrique Alves demonstra mais uma vez o ponto deliberadamente assente de que é possivel em Portugal interessar o publico pelos espectaculos litterarios.

Não cuido que seja possivel fazer, de um instante para o outro, uma transicção violenta; mas julgo que se os nossos theatros acolhessem e dessem a publico de quando em quando peças de um mais requintado gosto, as plateias habituar-se-hiam e adquiririam a educação que quasi sempre lhes falta.

Não serão espectaculos de grande exito financeiro; mas o esforço das emprezas seria um esforço louvavel e digno de todas as ajudas. Tornar conhecidos e estimados do publico poetas e homens de lettras que não cultivam os generos vulgares e põem nas suas obras intenções de pura elevação espiritual não póde ser senão uma bella obra a que ninguem regateará applausos.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A seguir á comedia *4028-Lx.*, a sociedade artistica do theatro do Gimnasio porá em scena *Circo de inverno*, traducção de Mello Barreto, e *O homem macaco*, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

No theatro Nacional e logo que regresse a companhia entrará em ensaios o espectaculo classico determinado por lei.

A actriz Elvira Bastos realisa a sua recita no dia 27 com o *Deputado independente* e o actor Mario Duarte no dia 28 com a *Bella Madame Vargas* e a primeira representação da *Onda*

A comedia em um acto *Casa com escriptos* representa-se no Gimnasio, em beneficio do actor, Telmo na proxima terça-feira.

No Salão Theatro de Variedades realisa-se ámanhã a recita da actrizinha Guilhermina Paiva, subindo á scena em primeira representação o episodio dramatico em 1 acto de Avelino de Sousa, *Deus* e o entre-acto *Mimi*, de Raul Braga. Representam-se, além d'isso, a operetta *Canto Celestial* pela companhia infantil e a comedia *Casem-se rapazes*, desempenhada pelos artistas Elvira de Amorim e Luiz Ramos.

No estrangeiro

No Apollo, de Madrid, realisou-se na terça-feira a estreia da zarzuela *La noche vieja*.

No Price, da mesma cidade, depois do drama policial *La casa misteriosa* representar-se-ha o drama do mesmo genero *El diadema de la princeza*.

Circos & Music-halls

Os applausos do publico excitam...

Quando os artistas de theatro, de circo ou de music-hall são populares e recebem dos seus publicos, cada vez mais numerosos, applausos constantes, esses artistas procuram, anciosa e febrilmente, a maneira de conservar a popularidade. Nasce d'ahi uma excitação permanente e um estimulo para procurar mais e melhor, dia a dia. Vamos apontar dois exemplos de actualidade, ao mesmo tempo que denunciamos a proxima exhibição em Lisboa de trabalhos que ainda nenhum outro paiz viu.

No Coliseu, trabalham dois grupos de artistas, o dos Frediani e o dos 25 persas. Um e outro teem o seu pubico, os seus amigos e admiradores. Um e outro procuram suplantar-se em popularidade, explorando um a mise-en-scène imponente, o outro os exercicios arrojados do acrobatismo equestre. Se fizessem o mesmo trabalho, já haviam originado partidos talvez com os mesmos exageros que tiveram os partidos da Geraldine contra a bella Zefora, do palhaço Walter contra Lavater Lee!

Como reflexo d'este pundonor artistico, procurando mais fama e mais popularidade, resulta um beneficio para os programmas. Actualmente quem ganha com o caso é o emprezario do Coliseu, que regista com uma companhia de circo as maiores enchentes da sua casa! Pena tem o sr. Antonio Santos que compromissos de contractos anteriores o forcem a terminar os actuaes espectaculos, istá em breves dias, quando a companhia esta em pleno triumpho... Mas até lá os persas e os Frediani procuram o impossivel! Agora aquelles annunciam passagens de «icarios» em duplos saltos mortaes, os equestres annunciam a «Cruz de 4» e o salto mortal por cima da cabeça do base n'um cavallo a galope! E' extraordinario e ainda se não havia visto!

Noticias

Entre nós

O theatro da Rua dos Condes continúa a manter os seus programmas com as cantoras Carla Cenani e Stellina, com as bailarinas Maldonado e Malagueñitas.

—O programma de reabertura do Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, como sala cinematographica, apresenta, no proximo domingo, além do *film* «Complot dos phantasmas» mais cinco pelliculas de arte.

—A Sociedade Promotora de Educação Popular com séde em Alcantara, dá ámanhã uma festa cinematographica, no seu magnifico salão ao Calvario.

—Devem estreiar-se brevemente em Lisboa ou em uma cidade hespanhola dois amadores portuguezes que ensaiam trabalhos de forças combinadas.

—O Coliseu de Lisboa continúa annunciando *films* da guerra europeia.

—A atiradora mademoiselle Boordeverry, que trabalha no Coliseu dos Recreios, vae estabelecer brevemente um novo *record* de tiro de carabina.

—O elegante Salão Olympia continúa exibindo, no seu *écran*, magnificos *films* de arte.

—O equilibrista Beby executou hontem na pista o seu trabalho de «L'homme sans peur», que é um trabalho identico ao de Otto Viola. Agradou muito. Esta circumstancia indica que os numeros d'aquelle genero produzem mais successo na pista que no palco.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

A defeza de Constantinopla

Bucarest, 14 de março

Até ao momento em que começou a acção dos alliados contra os Dardanellos, as auctoridades turcas não julgavam que elles tivessem a menor probabilidade de exito. Mas, no actual momento, von der Göltz e os seus officiaes mudaram de opinião. Trabalham febrilmente em fortificar Constantinopla.

Foi o feld-marechal allemão que na realidade dirigiu todo o serviço da guerra e quem tomou todas as medidas. Constroe-se em volta da capital uma nova linha de fortificações. Outras obras de defeza são egualmente construidas na costa asiatica.

Ha n'estes fortes um total de 250.000 homens e, se necessario fosse, um exercito de 400.000 homens poderia ser concentrado na capital. 2.500 marinheiros e artilheiros allemães estão nos arredores da capital turca, nos navios de guerra ou nos fortes.

O serviço de saude foi reorganisado pelos medicos militares allemães e, por outro lado, o governo annuncia que fará uma distribuição regular de viveres. Grandes quantidades de generos de toda a especie foram accumuladas.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Mathilde Arias Bette de Bettencourt, residente na Lourinhã, e cujo funeral se realisou n'aquella villa no dia 14 do corrente.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Chauffeurs em Portugal

Na séde da Associação está aberta a inscripção até ao dia 24, de socios no goso dos seus direitos para o concurso aos logares de examinadores de *chauffeurs* profissionaes junto da commissão technica, estando as condições patentes em todos os dias uteis.

Soc. Mut. União Humanitaria

Reune hoje a assembleia geral para discutir o relatorio da gerencia de 1914 e eleger os cargos vagos. Não comparecendo numero sufficiente de socios, é novamente convocada a assembleia geral para o dia 27, ás 20 horas.

Panificia

Reune na proxima segunda feira a assembleia geral d'esta sociedade cooperativa do Porto, na sua séde, rua da Alegria, 721, a fim de discutir o relatorio da gerencia do anno findo. O saldo em 1914 foi de 8.116$75,5, a que o conselho de administração propõe a seguinte applicação: para fundo de depreciação, 284$50; depreciação de moveis e utensilios, 162$31; conselho de administração, 1.217$51; conselho fiscal, 324$67; empregado technico superior, 243$50, pessoal de escriptorio e balcão, 284$09; pessoal de laboração, 865$25; bonus de 3,5 0|0, 3.777$12, dividendo de 8 0|0, 1.485$20; conta nova, 13$57,5. O numero de socios existentes em 31 de dezembro findo era de 2.380.

Creados de Mesa

Reune ámanhã, ás 21 e meia horas, a assembleia geral para discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal e eleição de corpos gerentes.

Festas associativas

Promovido pela nova direcção, realisa-se no proximo domingo, no Lisboa-Club, um festival com a representação da peça *Filho de adulterio*, em que se estreiam n'este Club os amadores Joaquim Marques e Antonio Casanova. Finda a recita haverá baile.

Amanhã, quinta-feira, continuação das reuniões familiares.

Movimento maritimo

Bissau, Bolama e Cabo Verde «Guiné»	18
R. Jan. e R. Prata, «Demerara» (Liv.).	18
Mad., Las Palm., «Orotave-Avocet (L.)	19
B. «Am. Sallandr. de la Mornaix» (H.)	19
Marselha, «Roma» (New-York)...........	19
Napoles e Genova, «Sicilia» (N.-York)	19
Natal, L. Marques, «Bechuana» (Liv.)	20
Brazil, R. Prata, «Leon XIII» (Barc.)	20
Cadiz, Port Said Man., «Fern. Pó» (L.)	21
Brazil, R. Prata, «Foisia» (Amsterd.)	22
Bordeus, «Divona» (Brazil)...............	23
L. Marques, «Durban Castle» (Lond.)	23

das? Todos os profissionaes estão d'accordo, mesmo os que haviam, em 1905, acceitado a lei dos dois annos. São precisos por companhia, para as tropas de cobertura, pelo menos 175 homens permanentes, o que, contando com as faltas inevitaveis, exige cêrca de 190 para a incorporação de recrutas. Para as tropas do interior, são precisos pelo menos 125 e, para a incorporação, 140.

«A lei dos quadros, recentemente votada, previu apenas 160. Porquê? Exactamente porque os termos do problema estavam invertidos e que em vez de calcular o recrutamento segundo o effectivo, foi preciso subordinar este áquelle.

«Por consequencia, eis os numeros que são indispensaveis: 190 homens nos corpos de cobertura, 140 no interior. Para a cavallaria, seria preciso um effectivo inicial de 170 homens por esquadrão. Não tenho o numero exacto do effectivo actual, mas toda a gente sabe que os nossos esquadrões, no momento em que estamos, são apenas esqueletos...

«Não sabemos ainda o que darão os novos projectos allemães. Mas, se o serviço obrigatorio fôr, como pede o governo imperial, rigorosamente applicado, então serão 850.000 homens pelo menos que a Allemanha contará no effectivo.

«Se a França hesita perante tal ameaça em pôr-se em estado de defesa, se deixa as suas companhias e os seus esquadrões no estado que acabo de mostrar, é o suicidio...

«Assim, com vontade ou sem ella, se quizermos a sério encontrarmo-nos em estado de combater, «estarmos preparados para a guerra», segundo a expressão do sr. Poincaré, é preciso acceitar o remedio integral, a lei dos trez annos, que nos dará 200.000 homens a mais, e constituirá, com a parte permanente, os alistados e os readmittidos, um exercito activo de 700.000 homens, robustos, exercitados, com que a França póde encarar o futuro sem tremer».

A opinião publica, que se dizia indifferente, seguia com um vivo sentimento das necessidades da vida nacional esta polemica apaixonada. Se não estava já preparada, preparava-se.

O Conselho Superior de Guerra, consultado, pronunciou-se unanimemente pelo serviço de trez annos. O governo seguiu essa opinião e o paiz, d'esta vez, testemunhou por um fremito que o seu instincto e a sua reflexão se pronunciavam.

O «Times» disse que «nunca uma livre democracia deu um mais esplendido exemplo». E' verdade.

A mensagem do presidente da Republica de 20 de fevereiro de 1913 punha, nos seguintes termos, o problema militar.

«A paz não se decreta pela vontade d'uma unica potencia, e nunca o adagio que nos legou a antiguidade foi mais verdadeiro do que hoje; não é possivel a um povo ser efficazmente pacifico senão com a condição de estar sempre preparado para a guerra.

«Uma França apoucada, uma França exposta por culpa sua a desafios e humilhações, não seria já a França.

«Seria commetter um crime contra a civilisação o deixar decahir o nosso paiz, no meio de tantas nações que desenvolvem incessantemente as suas forças militares».

O ministro da guerra do gabinete Briand era o estadista Etienne, a quem a recordação da amizade de Gambetta e uma longa carreira de vigilancia e de dedicação pela grandeza do paiz inspiravam. Mandou para a meza da Camara o projecto de lei «tendo por objecto modificar a lei de 21 de março de 1905, especialmente no que respeita á duração do serviço no exercito activo» e fel-o preceder d'uma «exposição dos motivos» em que o mais firme patriotismo fazia appello ao espirito de sacrificio da nação».

Emquanto a commissão do exercito estudava o projecto e que a maioria, que lhe era favoravel, luctava palmo a palmo contra a tactica dilatoria dos socialistas e dos radicaes-socialistas, o gabinete Briand cahiu, sendo substituido pelo gabinete Barthou.

O novo ministerio resolveu subordinar tudo á votação da lei dos trez

só o ensino do centro de altos estudos militares creado em 1910, mas ainda o ensino da Escola Superior de Guerra d'onde sahiu o novo exercito.

«Porque é ahi—diz o ministro Millerand— que se formam esses jovens officiaes que, todos os annos, vão espalhar no exercito os novos methodos e a chamma sagrada haurida na Escola de Guerra».

A esse organismo faltava um poder essencial: o generalissimo, «chefe do estado maior general», não tinha auctoridade directa sobre o pessoal: um «chefe de estado maior do exercito» lhe estava adjunto, encarregado, entre outras attribuições, d'esse cuidado e d'essas responsabilidades.

Millerand comprehendeu que não ha commando sem acção sobre as pessoas. Tinha confiança bastante na sua propria auctoridade para não receiar a do generalissimo e, supprimindo o logar de chefe de estado maior do exercito, confiou ao generalissimo o poder sobre o pessoal nos limites dos regulamentos militares. Um sistema perfeitamente organisado constituiu, junto do general em chefe, os dois corpos que devem auxilial-o com o seu concurso, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra: um grupo movel do estado maior que partirá no momento da mobilisação com o commandante em chefe e que ficará sob as ordens do major general do exercito, e um grupo sedentario que ficará em Paris, junto do ministro.

Assim, a passagem do estado de paz ao de guerra estava assegurada. Tal resultado obtinha-se apoz quarenta annos de hesitações e incertezas. Bastava ter firmeza para resolver o problema: foi resolvido no momento opportuno.

Millerand completa essa medida organica com uma escolha que honra a sua previsão: entre diversos competidores, confiou a auctoridade suprema sobre o exercito ao general Joffre, na qualidade de generalissimo e de chefe do estado maior general.

Essa iniciativa chamava a attenção para uma questão de ordem connexa: quaes seriam as relações entre a auctoridade governamental ci-

O palacio da Bolsa, de Bruxellas

Mathilde Arias Bette de Bettencourt
FALLECEU

Esther Flora Bette de Bettencourt, Alvaro Bette de Bettencourt, Armando Bette de Bettencourt, Maria Arias Bette, Flora Bette Henriques, Arnaldo Xavier Henriques, Viriato Bette Henriques (ausentes), Sarah Bette dos Reis, José Serafim Pereira dos Reis, Sarah Bette Andrade de Gouveia, Antonio Carvalho de Gouveia, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento de sua estremecida mãe, filha, irmã, cunhada e tia, occorrido em 14 do corrente, na villa da Lourinhã.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde social:—Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21—Lisboa

Em conformidade com o artigo 24.º dos Estatutos d'esta Companhia terá logar no dia 24 do corrente, pelas 13 horas, na séde da Companhia, travessa de Santo Antonio da Sé, 21, o sorteio para amortisação de seis obrigações prediaes de 6 0|0, sete de 5 0|0, nove de 4 1|2 0|0 e seis de 4 0|0, todas da série A.

O sorteio será publico e as obrigações que forem sorteadas, serão pagas desde 1 de abril p. futuro pelo valor nominal de 30$00, cada uma, deixando de vencer juro desde essa data.

Lisboa, 16 de março de 1915.

O governador
(ass.) J. A. de Sousa Rodrigues

Monte-pio Commercial e Industrial
(Associação de Soccorros Mutuos)
Leilão

Realisa-se no proximo dia 3 de abril, pelas quinze horas, e nos seguintes, sendo uteis, pelas vinte horas e meia, o de todos os penhores em atrazo de pagamento de juros. Ficam assim prevenidos os mutuarios dos penhores que se acham n'estas condições, para regularizarem a sua situação até aquelle dia.

Lisboa, 10 de março de 1915.
O Secretario da Direcção
Adão Francisco Zambujo

vil e a auctoridade militar em caso de hostilidades geraes, n'uma palavra, como se adaptaria a Republica parlamentar ao estado de guerra?

Sem chefe dynastico, com poderes cuja origem assenta no voto popular, como deixaria a democracia affirmar-se a disciplina necessaria não só ao exercito, mas á nação?

O ministro foi interrogado a tal respeito pelo senador Maximo Lecomte. Milerand declarou que lhe era impossivel revelar as medidas tomadas para tempo de guerra, mas que um conjuncto de regras dizendo respeito «a todos os aspectos da vida nacional» acabava de ser examinado pelo gabinete de que fazia parte, e indicou o espirito que animava essas disposições nos seguintes termos:

«O que tenho a declarar, porque esta idéa resume e encerra tudo o que foi examinado quanto á mobilisação, é que, n'esse momento, tudo, absolutamente tudo, deve ser subordinado ao unico pensamento que ha de ser o de todos os francezes: «Custe o que custar e por todos os meios assegurar-nos a victoria», e, para a obter, deixar á «auctoridade militar, encarregada e responsavel da guerra, plena e inteira liberdade d'acção».

Os problemas mais difficeis eram esclarecidos pelo simples facto de serem abordados com franqueza. A França e o exercito recuperavam confiança.

Este estado de espirito novo manifestava-se nas populações pelo restabelecimento dos toques militares, pela obrigação, de novo imposta, da meza em commum aos officiaes da patente de tenente, por uma consideração de novo prestada ao uniforme e aos que o envergavam. O ar era agitado por um sopro mais vivo; assistia-se a um despertar de enthusiasmo e de audacia.

Todos estes pormenores são indispensaveis, embora á primeira vista possam parecer monotonos, para bem se comprehender a evolução que se operava no exercito francez, uma intensa propaganda anti-militarista.

O ministro ao mesmo tempo dedicava a sua attenção a medidas mais importantes e ainda mais efficazes: era o momento em que a Allemanha, pelas leis de 1912, entrava, com inabalavel resolução, no caminho dos formidaveis armamentos. Que se lhe ia oppôr? O ministro tinha, a tal respeito, algum systema, algum programma, ia tomar alguma iniciativa, tinha estudos feitos?

A pergunta foi-lhe feita, na Camara dos deputados, a proposito da discussão geral do orçamento da guerra e do projecto do deputado José Reinach, que insistia na perigosa reducção, apoz a liberação da classe, dos effectivos (estava-se ainda no regimen da lei dos dois annos) e preconisando, para a tal obviar, o voltar-se ao systema napoleonico das tropas de extrema fronteira.

O ministro Millerand explicou, na sessão de 12 de junho, o que projectava pela pasta da guerra para responder ás leis militares allemãs de 1912. Analysando o caracter d'essas medidas, fez notar que ellas constituiam menos um augmento numerico das forças mobilisadas do que um aperfeiçoamento do instrumento de guerra allemão.

E, pondo de parte o voltar-se á lei dos trez annos, mesmo para a cavallaria e artilharia a cavallo, indicou as precauções que lhe pareciam necessarias e sufficientes para melhorar o instrumento de guerra francez. Rejeitava a proposta Reinach, que tinha o inconveniente de separar, por assim dizer, o exercito nacional em duas partes, a da fronteira e a do interior, e estabelecia o seu programma nos seguintes dados:

1.º Augmento do numero de soldados e de officiaes inferiores a longo prazo, melhorando successivamente as condições de readmissão; 2.º, utilisação dos recursos em homens fornecidos pelas possessões africanas; 3.º, passagem de 20.000 reservistas ou territoriaes do contingente da marinha para o da guerra; 4.º, melhor e mais adaptada utilisação das reservas.

E' a seguinte a passagem do discurso consagrada a este ultimo ponto, tão importante: «No momento actual, de treze classes de reservas,

apenas seis são empregadas nos regimentos do exercito activo. Poderiamos, por acaso, renunciar a utilisar, e da maneira mais intensiva, as sete restantes? Qual é o seu valor?... Vimol-as no acampamento de Sissonne. A impressão é unanime; são tropas d'uma resistencia admiravel e que pódem fornecer, no momento preciso, um auxilio decisivo. Uma unica condição é precisa: é a de terem quadros. E' preciso que essas forças de reserva, compostas de homens na força da edade que, ao fim de oito dias passados nas fileiras, recuperaram todo o espirito militar, tenham, para os guiar, não só os tenente coroneis á frente dos batalhões, capitães á frente das companhias, mas principalmente dentro de cada companhia officiaes inferiores do activo, que constituam a sua verdadeira armadura. Assim enquadradas, essas tropas são, não tenho receio de o dizer, de primeira ordem».

As diversas reformas preconisadas n'esse discurso foram, em parte, realisadas pelas seguintes leis e decretos: leis dos quadros de infantaria (3 de dezembro de 1912); lei dos quadros de cavallaria (20 de dezembro de 1912; lei dos quadros de aeronautica militar (29 de março de 1912); lei dos quadros de telegraphia militar (30 de março de 1912); decretos relativos ao emprego das tropas indigenas e do exercito colonial (janeiro a novembro de 1912). A carreira ministerial de Millerand, interrompida por um incidente secundario—a reintegração do coronel du Paty de Clam n'um logar da reserva—não lhe deu tempo a concluir a sua obra, mas o exercito e a nação não deviam esquecer o homem em quem tinham depositado toda a sua confiança.

Antes de sahir do ministerio, Millerand havia conseguido do parlamento 500 milhões para completar a acquisição de utensilios militares. Mas em fevereiro de 1913, quando foi conhecido o novo projecto de lei militar allemão e que, em face dos 850.000 homens previstos pelo programma allemão, o exercito francez tinha apenas os seus 500 a 600.000 homens e as suas «companhias-esqueletos», impôz-se ao gabinete Briand a necessidade d'uma reforma fundamental.

Um magnifico livro, que fez um immenso ruido e cuja influencia foi salutar, «As fronteiras de Leste», do general Maitrot, concluia do seguinte modo a comparação que fazia entre as duas potencias militares, mesmo antes do novo projecto de lei allemão:

«Os exercitos francez e allemão são, por diversos titulos, bons instrumentos de guerra, sobre o emprego dos quaes cada uma das duas nações póde fundar esperanças.

«Se nos fôsse necessario, d'um modo preciso, avaliar o valor reciproco das suas differentes partes, diriamos que ha, «quanto á qualidade»:

«Na infantaria, egualdade.

«Na artilharia montada, superioridade da França.

«Na artilharia a cavallo e na cavallaria, superioridade da Allemanha.

«No conjuncto do machinismo de guerra, egualdade.

«Fica á Allemanha, quanto á quantidade, uma enorme superioridade de 130.000 homens no exercito activo.

«A balança parece, pois, pender em favor dos nossos visinhos. Para restabelecer o equilibrio, precisamos de homens e só o voltarmos á lei dos trez annos nol-os póde dar.

«Não ha outra solução. Tudo quanto se diga em contrario são apenas palavras e miragens.

«A França comprehendel-o-ha a tempo?

«A opinião publica, dizem-nos, não está sufficientemente preparada para a ideia de se voltar á lei dos trez annos, não vê ainda bem a necessidade d'isso.

«Quando a verá?

«Quando os exercitos allemães estiverem no Mosa?...»

Por outro lado o conde de Mun, que fazia então a mais bella campanha da sua ardente carreira militar ou civil, escrevia:

«Que precisamos para que as unidades sejam fortemente constitui-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1658 — 5.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 18 de Março de 1915

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O CASO LEANDRO

LIQUIDAÇÃO DE RESPONSABILIDADES

O governo e a sua nota officiosa—O sr. presidente da Republica dentro das suas attribuições constitucionaes—O sr. ministro de Hespanha—O sr. dr. Bernardino Machado, o sr. Freire de Andrade e o supposto compromisso—O sr. dr. Augusto de Vasconcellos e as declarações do sr. dr. Brito Camacho

Foi este governo que tornou possivel, para não dizer inevitavel, a divulgação das «démarches» realisadas em torno do pedido formulado pela Hespanha. Foi o modo inhabil por que elle pretendeu livrar-se de responsabilidades que deu origem a que a questão se esclarecesse, provando-se que essas responsabilidades só a elle pertencem. A sua falta de experiencia dos negocios publicos convenceu-o de que era um golpe de mestre estampar nas columnas dos jornaes aquella nota officiosa que tanto contentamento produziu nos arraiaes monarchicos. Afinal, a habilidade era demasiado ingenua e transparente para que correspondesse ás esperanças que os seus auctores n'ella depositaram.

Das sensacionaes declarações que publicámos hontem resalta com evidencia que a Hespanha não fez, como não podia fazer, nada que se parecesse com uma «imposição». O seu governo apresentou um pedido; o seu rei interessou-se por elle. Tanto os governantes como o soberano exprimiram-se nos termos mais amistosos, mais correctos, procurando as razões que lhes pareceram mais justas para que a sollicitação fôsse deferida pelo governo portuguez. A pretenção vinha sendo apresentada desde os tempos da monarchia. Não foi, como já se insinuou, um resultado do supposto «enfraquecimento internacional» da Republica. Conforme os annos iam correndo, mais instante se tornava, precisamente porque os compatriotas do condemnado, que o advogavam, suppunham tratar-se d'um innocente e cada vez lhes afigurava mais monstruosa a consummação definitiva do «erro judiciario». A' sua entrada na Penitenciaria correspondeu, na Hespanha, a movimentação de todas as influencias que podessem pesar na concessão do indulto. Os amigos de Leandro não descançavam. Convenceram as mais altas personalidades politicas do seu paiz de que o condemnado da Magdalena era um innocente. Essas personalidades enfileiravam em todos os partidos. Citam-se os nomes dos srs. Maura, conservador, e Romanones, liberal. Outras militavam nas hostes republicanas. Por fim, a propaganda chegou até ao paço real. Affonso XIII impressionou-se e poz o seu valimento ao serviço do indulto ou da commutação da pena de Leandro.

Tudo isso se comprehende dentro das relações amistosas que unem dois povos irmãos. Restava aos governos portuguezes o direito de recusarem a satisfação do pedido formulado, embora também nos termos mais amistosos, mais correctos, mais dignos da sympathia que nos liga á nação visinha. Isso deviam fazer, desde que lhes repugnasse o indulto ou a commutação da pena, desde que, pondo em equilibrio as possiveis vantagens politicas, de ordem internacional, que podessem resultar d'aquella medida, com o desagrado ou repulsa que ella provocasse na opinião publica, reconhecessem que «não deviam» deferir o pedido. Se o contrario se désse, se os nossos governantes, quaesquer que elles fôssem, entendessem que á nação portugueza convinha acceder aos rogos e sollicitações da Hespanha, libertassem então o Leandro; mas fizessem-no com a plena consciencia do acto que praticavam, assumindo «todas» as suas responsabilidades. Só os dignificaria essa prova de coragem moral.

E a interferencia do sr. presidente da Republica?

Já esperavamos, quando publicámos hontem as declarações do nosso entrevistado, que surgisse a exploração politica feita hoje n'um jornal monarchico da manhã. Aquillo devia ter continuação até se exgotarem completamente, n'esse e n'outros jornaes hostis ao regimen, todas as combinações de normandos, italico e caixa alta que sejam possiveis dentro dos respectivos caixotins tipographicos. Mas a verdade é que o sr. presidente da Republica, n'este caso, não exhorbitou das suas attribuições constitucionaes. Na monarchia era ao rei que pertencia a faculdade de conceder indultos ou commutar penas. Na Republica, pelo n.º 8.º do artigo 47.º da Constituição, compete ao presidente o exercicio das mesmas attribuições. «Indultar ou commutar penas» — diz textualmente a disposição constitucional marcada n'aquelle numero. Compete-lhe ainda, pelo n.º 5 do mesmo artigo, «dirigir a politica externa da Republica». Foi no uso d'essas attribuições que o sr. dr. Manuel de Arriaga, conhecendo o desejo do nosso entrevistado, se avistou com o sr. ministro da Hespanha, realisando-se essa conferencia dentro das praxes do protocolo e mostrando s. ex.ª áquelle diplomata todo o seu empenho em ser agradavel ao governo da nação visinha.

Simplesmente:

E' preciso não esquecer que os desejos do chefe do Estado dependem da sancção dos ministros. O artigo 49.º da Constituição regula os termos em que devem exercer-se as attribuições do presidente da Republica, que são fixados no artigo 47.º Esse artigo 49.º diz o seguinte:

«Todos os actos do presidente da Republica deverão ser referendados, pelo menos, pelo ministro competente. Não o sendo, são nullos de pleno direito, não poderão ter execução e ninguem lhes deverá obediencia».

A commutação da pena de Leandro foi referendada pelos srs. Gomes Teixeira, Guilherme Moreira e Theophilo da Trindade, respectivamente ministro do interior, da justiça e dos estrangeiros. Ao sr. presidente da Republica, pelo «acto» praticado e pela averiguada intervenção que teve no assumpto, e áquelles trez ministros cabem as suas inteiras responsabilidades. D'ellas jámais poderão afastar-se, sejam quaes fôrem as declarações que façam, agora que estão divulgadas as informações contidas na nossa entrevista de hontem. Deram a commutação da pena porque «a quizeram dar», certamente porque entenderam—fazemos-lhes essa justiça—bem ou mal, que d'essa medida só resultavam beneficios para o paiz.

Note-se que o governo, na sua discutida nota officiosa, não affirmou que o sr. Bernardino Machado tinha tomado o compromisso de se conceder o indulto. Reproduziu uma «opinião» emittida n'esse sentido pelo sr. ministro de Hespanha. Chamamos-lhe opinião porque ella foi contradictada pelo sr. dr. Bernardino Machado, e bem póde dar-se o caso d'aquelle diplomata não estabelecer separação entre as «démarches» que fez junto do ministro dos negocios estrangeiros com o resultado da conferencia que realisou com o sr. presidente da Republica.

Por outro lado, as affirmações do sr. Freire de Andrade são firmes e cathegoricas. Disse o governo que elle «ratificou» o supposto compromisso do sr. dr. Bernardino Machado. «O sr. Freire de Andrade responde que não é verdade». E accrescenta: «que não se póde tomar como tal a phrase trocada do despacho enviado ao encarregado de negocios em Hespanha». E' preciso saber-se que esse despacho não era para ser communicado ao governo de Madrid. Continha elucidações de caracter reservado para o sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Julgou s. ex.ª que devia levá-o ao conhecimento do ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, apesar de o officio não o auctorisar a isso, tanto mais devendo deprehender-se «de todo elle» que a solução definitiva do caso de negociações a effectuar? Não o sabemos. Mas porque não publica este governo o officio que o sr. Freire de Andrade lhe enviou protestando contra a sua nota officiosa?

A intervenção do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, nosso ministro em Madrid, foi esclarecida hontem pelo entrevistado de «A Capital». Hoje, o sr. dr. Brito Camacho, em artigo da «Lucta», confirma que s. ex.ª sahiria da legação, a certa altura, se o indulto fôsse concedido. Mais depois, como entendesse que havia um compromisso formal e cathegorico do governo n'esse sentido, s. ex.ª continuou a exercer o seu logar. E' ainda para o testemunho do sr. ministro de Hespanha que se appella, mas não se cita um só documento, uma simples nota, verbal que seja, a confirmal-o. Aquelle diplomata podia, na melhor boa fé, adquirir a convicção «que o governo dá» que elle possue. Mas as questões diplomaticas não se regulam por convicções. Firmam-se em documentos. Porque não os mostra o governo, desde que não resultou em escudar-se na opinião d'um representante estrangeiro para resolver um assumpto que só dependia do presidente da Republica Portugueza e do seu governo?

Não queremos discutir a attitude do sr. dr. Augusto de Vasconcellos e lamentavel é que a imprudencia do governo, assacando aos outros responsabilidades que só a elle pertencem, viesse permittir que se assoalhassem pormenores que deviam manter-se na reservada discreção dos gabinetes diplomaticos. Mas a verdade é que se o nosso representante junto do governo hespanhol julgava, «a certa altura», que o indulto de Leandro era incompativel com a sua permanencia na legação, o mesmo escrupulo devia subsistir em quanto quaes fôssem os compromissos tomados pelo governo. Existiam esses compromissos? Pois não devia s. ex.ª oppôr-se á concessão do indulto, é certo, mas com a condição de se demittir quando elle sahisse nas columnas do «Diario do Governo».

Não ha duvida de que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos foi convidado para uma conferencia com o rei Affonso XIII, como é tambem seguro que s. ex.ª se interessou calorosamente pela concessão do indulto, não desejando voltar para Madrid sem que as portas da Penitenciaria se abrissem para o condemnado da Magdalena.

Para que fiquem bem definidas as responsabilidades d'este governo, vamos admittir, como simples hypothese, que o gabinete Bernardino Machado tomára, de facto, o suppos-to compromisso de indultar Leandro. Se assim fôsse, esse compromisso desapparecia desde que o gabinete abandonára as cadeiras do poder. Os seus successores tinham o direito de proceder como entendessem, segundo o seu criterio e a sua consciencia. D'outro modo, a politica internacional de todos os povos tinha de assentar n'uma orientação immutavel. Ninguem ignora que em toda a parte do mundo tem havido crises ministeriaes para se estabelecer em novas bases a marcha da politica exterior dos respectivos paizes. O compromisso, se existisse, só obrigaria a honra da nação desde que a elle estivesse associada, por modo bem frisante, a acção do presidente da Republica. Mas, ainda n'este caso, o governo, se tal medida lhe repugnasse, se não quizesse assumir a sua inteira responsabilidade, só tinha um caminho na sua frente: o da demissão. Que viesse quem não possuisse o escrupulo de assignar o decreto do indulto. Mas a prova de que nenhum compromisso existia do governo anterior (e o empenho do sr. presidente da Republica só se tornaria effectivo pela assignatura dos ministros) ainda se encontra nas informações da entrevista publicada hontem: o governo Azevedo Coutinho não pensou resolver a questão nem sequer a apreciou em conselho. São esses os factos.

Por ultimo, que os conservadores de Hespanha, que as individualidades politicas do paiz visinho que mais se interessaram pela concessão do indulto, por acreditarem na innocencia do seu compatriota, agradeçam aos monarchicos portuguezes, com alguns dos quaes devem manter relações de estima, a sua attitude de enfurecida e raivosa perante esta questão.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Poeira da Arcada

Quando um soldado tem no seu caracter a garantia de que a sua espada não fraquejará, mesmo nos instantes em que, como diz o auctor dos Luzíadas, o sangue amigo fóge para o coração, elle tem o direito de olhar face a face alguns pallidos mancebos que encontram nas proprias pernas um fragil penhor de heroismo. Ainda que diga verdades ásperas ou amargas, ninguem se atreverá a contradictal-o, dentro da logica do seu destino. As suas palavras, ferindo como punhaes, resistem a todos os venenos, porque ha n'ellas uma energia virgem e jámais contaminada.

Na egreja da Graça, junto da veneranda imagem do Senhor dos Passos, appareceu hoje uma turba reverente a offertar os tributos de uma fé que, nos ultimos tempos, tem crescido de modo tal que até nas almas resequidas dos scepticos começam a reflorir as virtudes christãs. Deus tê tão claramente os segredos do pensamento e os designios das vontades que, perante Elle, não ha segredos nem mysterios. Para ver se escapavam ao immaculado olhar do Eterno Juiz, alguns dos seus devotos de hoje baixaram tanto a fronte que com ella encobriam o proprio peito. Na sua humildade, havia uma habilidade muito matreira.

A Gazeta da Allemanha do Norte aconselha os seus leitores a só começarem a celebrar a victoria sobre os alliados quando estes estejam esmagados. Que, por ora, é cêdo. A prudencia certamente inspirou tão bom conselho. Embora os allemães estejam tão proximos do successo final que a duvida a tal respeito os não attinge, todavia não deixa de ser curial colher os pomos, depois de maduros.

No cemiterio do Alto de S. João, ficou hontem em repouso o corpo de aquella malfadada alumna do lyceu Passos Manuel que, pelo suicidio, entregou ao esquecimento um triste sonho que no seu coração se formára e crescera até roubar-lhe a crença na vida. O espectaculo foi dos mais comovedores, porque, em roda do seu caixão, as lagrimas correram tão espontaneas e leaes que a sua mocidade desditosa parecia chamar para si as magoas dispersas em milhares de chimeras juvenis. Lisboa mal sentiu a passagem de esse cortejo de creanças e jovens que bem digno era de prender as attenções. Talvez a cidade, inclinando-se respeitosa á sua passagem, pudesse, n'um rapido segundo, comprehender que horrivel carcere ella se vae tornando para os que trazem no seu intimo uma mensagem de amor e de... desgraça.

NA FLORESTA DA ARGONNE

A tomada de Vauquois

Edouard Simon, que tomou parte n'essa violenta acção, escreve para o nosso jornal as suas impressões de combate

Raros são aquelles que, no nosso meio sportivo, não conheciam Edouard Simon. O seu temperamento alegre e cheio de vivacidade, a lealdade do seu caracter e a nobreza dos seus sentimentos grangearam-lhe em Lisboa numerosos amigos, que o consideravam uma das mais sympathicas creaturas da colonia franceza n'esta cidade. Logo ao começo da guerra partiu, com enthusiasmo, para pagar á França o seu tributo de sangue. Appareceu-nos de quando em quando uma carta sua, ás vezes illustrada com rapidos croquis. A de hoje veiu acompanhada de tropheus de guerra: um capacete boche, uma fivela de cinturão allemã, uma amostra do famoso pão k e um carregador de balas dum-dum encontrado nas trincheiras inimigas. Edouard Simon escreve-nos ainda sob a metralha dos allemães em retirada, apoz um feito glorioso a que o communicado official de hontem se referiu: a tomada das alturas Vauquois na floresta da Argonne. Segue a traducção da sua carta:

Meus amigos:—Acabo de tomar parte no ataque á aldeia de Vauquois, importante posição estrategica da Argonne, situada no alto de um outeiro que domina todos os arredores e que ha seis mezes se encontrava na posse dos allemães. O inimigo tinha-se fortificado lá em cima, com vagar, formidavelmente. Linhas multiplas de trincheiras defendiam a posição; a cada passo as metralhadoras ameaçavam-nos com o seu fogo infernal; dir-se-hia estarmos em presença de uma praça fortemente protegida com defesas permanentes.

Já quatro assaltos dos nossos tinham sido repellidos e começava a formar-se a lenda de que a posição era simplesmente inexpugnavel. Hontem, a divisão a que pertenço recebeu ordem de conquistal-a custasse o que custasse. Immediatamente uma parte dos nossos partiu para o assalto: durante o dia fizeram-se tres ataques encarniçados, mas sem resultado.

Hoje, foi o meu regimento que recebeu ordem de carregar, apoz um bombardeamento terrivel. O troar da artilharia era medonho. Parecia que iam estalar-nos o craneo. Uma bateria vomitava obuzes de 270: cada um que rebentava era como uma mina que acabasse de explodir; a 200 metros de distancia as pedras voavam como balas. No local da explosão, a 150 metros de altura, elevava-se uma columna de terra e de fumo.

Partimos para o assalto ás 2 horas precisas. Foi maravilhoso! Em menos de 20 minutos estavamos na posse de trez trincheiras de primeira linha! Os homens, n'um magnifico élan, faziam pensar n'um irresistivel furacão. Muitos cahiam, mas a grande massa, apesar da metralha, da fusilaria, das granadas, passava triumphante!

Fomos assim até ao cemiterio da aldeia, onde, com metralhadoras e artilharia de montanha, consolidámos as posições conquistadas. Vauquois estava de novo na posse dos francezes! Em que triste estado! Já não restava mais que o cemiterio, mas a victoria fôra nossa, apesar dos grandes sacrificios que nos custou. Só na minha companhia, que contava cerca de 255 homens, tivemos 100 baixas. Estavamos, emfim, recompensados das longas horas sem comer, sem beber e sem dormir que tinhamos passado. Esta noite vou dormir na trincheira em meio de cadaveres allemães que só ámanhã poderão ser enterrados. Estou fatigado e preciso absolutamente de repousar um pouco. Envio-lhes esses tropheus, a que tencionava juntar um sabre-serra tomado a um sargento *boche*, mas que perdi durante o assalto. Um cordeal aperto de mão do vosso

Edouard Simon

ENTRE DEVOTOS

A Graça reaberta ao culto

Uma grande cerimonia religiosa—O sr. patriarcha substitue, prégando, os srs. Fernandes de Castro e Santos Farinha—O sr. Moreira d'Almeida e o Senhor dos Passos da Graça

Treze horas e meia. Findou a grande cerimonia de reconciliação e desaggravo cujo attrahente e minucioso programma veiu a lume nos jornaes catholicos. O sr. cardeal patriarcha, D. Antonio Mendes Bello, de vestes vermelhas, a cruz peitoral reluzindo-lhe sobre a purpura adamascada da murça, despede-se e dá o anel a beijar aos irmãos do Senhor dos Passos e a algumas beatas mais venturosas que conseguem abrir alas junto da porta da sacristia por onde sua eminencia entrou cêrca das dez horas e pela qual se dispõe a sahir. Com largo gesto, um clerigo manda approximar a carruagem prelaticia. E' um *landeau* tirado por uma alva parelha de cavallinhos, á falta das classicas mulas, todo estofado de branco interiormente, a dir-se-hia que aguarda ou não um principe da Egreja mas um lindo par de noivos. O sr. cardeal patriarcha lança a ultima benção aos circumstantes, muitos dos quaes ainda envergam a opa rôxa da irmandade mais aristocratica de Lisboa. A' frente d'elles vemos o conde da Figueira (D. Luiz) e o sr. André Supardo, um dos jovens realistas que os trabalhos de restauração monarchica puzeram em evidencia. E a debandada começa...

A solemnidade da Graça foi, sem duvida, uma apparatosa manifestação catholico-monarchica. O templo, que é um dos mais vastos de Lisboa, estava cheio e na assistencia viam-se velhos e novos fidalgos, officiaes do exercito fardados e á paizana, varios plebeus aburguezados com preoccupações genealogicas e heraldicas, antigos conspiradores e emigrados politicos, frequentadores constantes de festas de egreja e um concurso enorme de senhoras, notando-se não poucas mulheres bonitas e bem vestidas entre a chusma de beatas tipicas que correm todos os lausperennes e sermões desde S. Jorge de Arroios a Santa Maria de Belem... Achavam-se também presentes republicanos conhecidos, como o sr. deputado Celorico Gil, e não faltou o antigo presidente do *Oriental*, o catholicista sr. Nunes Guerra, que teve ensejo de verificar com os proprios olhos que não se improvisam religiões e cultos com facilidade...

A Sé transportou-se esta manhã para a antiga egreja conventual dos agostinianos e o sr. patriarcha com os seus conegos, os seus beneficiados, os seus capellães-cantores imprimiu á cerimonia da reabertura do templo a imponencia caracteristica dos actos religiosos a que costuma presidir. Benzeu-se interior e exteriormente a casa de Deus profanada, houve missa cantada pelo *arcipreste* dr. Romão Guimarães e devia haver sermão, prégado, segundo umas folhas, pelo sr. Fernandes de Castro, segundo outras, pelo sr. Santos Farinha. Ambos estes oradores sagrados teem, o seu publico, os seus admiradores, que concorreram á Graça mais á espectativa de todos elles foi illudida, pois que embora os dois lá estivessem nenhum logrou garganteiar os seus tropos ao divino. Porquê? E' o que vamos referir em poucas palavras.

Ha cêrca de quinze mezes, quando se suppoz que ia ser extinta a cultual, o sr. Fernandes de Castro foi procurado pelo sr. Cunha Belem, da irmandade dos Passos, que o incumbiu de recitar a oração gratulatoria quando da reabertura do templo. O notavel prégador, não obstante outros encargos inadiaveis, acquiesceu ao convite e... esperou até agora. Mas o sr. conde da Figueira (D. Luiz), que é tambem irmão do Senhor dos Passos, por porque ignorasse o compromisso do sr. Cunha Belem ou porque não sympathisasse com o sr. Fernandes de Castro, conseguiu que o sr. Pinto Coelho, convidou o prior de Santa Izabel para prégar o sermão de hoje, sendo tambem o convite acceito. Parece que tudo se remediaria ordenando um de manhã e outro á tarde, coisa que se não tornava dispendiosa para a irmandade, que é rica, e consultaria um regalo para o beaterio, mas como se não buscasse uma solução conciliatoria a tempo, o sr. patriarcha, arvorando-se em Salomão, julgou o caso e cortou o nó gordio de maneira imprevista: resolveu sua eminencia prégar.

E como prégou o prelado? A sua allocução, proferida na cadeira gestatoria, foi curta e, apesar da voz do orador não ser das menos fortes, apenas uma parte do auditorio conseguiu ouvil-o. Falou com vehemencia, enthusiasmou-se, alludiu ás perseguições e aos perseguidores da Egreja, a que o indizivel prazer que sentia com a presença da multidão de fieis que havia concorrido á Graça, á necessidade que todos tinham de trabalhar por que triumphasse a causa de Deus que era a da verdadeira liberdade e exortou quantos o ouviam a que se congregassem em torno do Senhor dos Passos e implorassem a sua misericordia.

Confessamos que não ouvimos o sr. patriarcha, curando por informações de quem estava mais proximo, e alguem houve que nos disse ter sua eminencia affirmado que a causa da monarchia era a da religião e vice-versa. Mas a ser verdade, repugna crer porque o sr. D. Antonio Mendes Bello, antigo capellão-mór do rei, nunca faria politica dentro d'um templo, revestido de pluvial e mitra...

Finda a missa cantada, organisou-se a procissão dos Passos, sendo a devota imagem trasladada para o altar-mór onde fica exposta durante trez dias á veneração dos fieis. A toilette do Senhor effectuou-se hontem, tendo-lhe sido envergada a nova tunica pela sr.ª marqueza de Avila e Bolama, sua aia, cargo em que succedeu á sr.ª marqueza da Fronteira e Alorna. Acha-se atapetado de flôres da estação, entre as quaes predominam as violetas, o andor em que a imagem de Christo, aureolada por um resplendor de fino oiro, tendo camisa de gomma com preciosos botões de punhos, verga ao peso da sua cruz de ébano polido. E a esse andor pegaram ainda agora alguns dos antigos devotos, aristocratas e outros, e tambem o sr. Moreira de Almeida, que n'outros tempos se limitava a vêr passar o Senhor por baixo das suas janellas uma vez cada anno.

—Por mal dos seus peccados, agora carrega com elle!—observou do lado alguem...

Na bandeja das esmolas cahiram durante toda a tarde muitos obolos. O primeiro foi uma nota de 100 escudos do sr. commendador Carlos Nunes Teixeira. Os fieis cantaram varios canticos religiosos que se ouvem frequentemente por occasião das peregrinações e entre elles o *Queremos Deus* e se os cantores nem sempre foram muito afinados eram, no emtanto, numerosos.

No largo da Graça, um pobre cego, muito moço ainda, o rosto pallido como de cêra, as faces encovadas, as mãos estendidas, tinha pendurada ao pescoço uma caixa de folha, com sua abertura para receber donativos e esta legenda: *Humanidade, compadecei-vos de mim!*

Teria elle hoje feito uma colheita mais farta de vintens, em memoria d'aquele que ha dois mil annos, segundo o Evangelho, dava fala aos mudos, pernas aos coxos e vista aos cegos?...

Duzentos e cincoenta mil irlandezes nas fileiras

Manchester, 14 de março

O sr. Redmond, chefe do partido nacional irlandez, n'um discurso proferido hoje de tarde, n'esta cidade, expressou-se do seguinte modo:

«Tenho a satisfação de me dirigir hoje a uma assembléa, que não é composta exclusivamente de irlandezes, mas sim de inglezes e irlandezes unidos pela causa commum. A Irlanda foi admittida pela democracia ingleza n'um pé de egualdade no imperio para a fundação do qual contribuiu largamente. (Applausos.) Actualmente, ha nada menos de 250:000 irlandezes em serviço. Alguns d'elles atravessaram até os mares para virem cumprir o seu dever para com a mãe patria. (Applausos)».

Migalhas

Vacca fria

Este caso do Leandro teve uma consequencia logica: fazer reverter a piedade publica para o seu cumplice que permanece na Penitenciaria, dando, ao que se diz, indicios de alienação mental, ao passo que o outro culpado, bem tratado e nutrido, se evade para Hespanha, com duas balas no corpo e podendo pagar do seu bolso um comboio especial com guarda republicana ás portinholas.

Evidentemente o Fernandez é tão repelente como o Gonzalez. Ambos urdiram e machinaram á horrorosa catastrophe; mas, ao passo que o criminoso rico encontrava um advogado de alto talento para o defender e um paiz que reclamasse o seu indulto, o outro não tinha quem implorasse, nem pela eloquencia nem pela diplomacia, o seu perdão. Leandro condemnado tinha um escriptorio no Limoeiro, continuava os seus negocios, engordava sempre á espera do indulto e, na vespera de abalar por ahi fóra, concluia um negocio de compra de terrenos. O outro, encaixado n'uma cella dez vezes merecida, ia-se consummindo roido pela pricão, talvez pelo remorso e muito decerto pela consciencia do seu abandono.

Por isso—coisa curiosa— elle, que nas horas que seguiram o incendio da Magdalena foi amaldiçoado por milhares de corações, inspira hoje a toda a gente esta pergunta:—«E então o Fernandez não o indultam?» O sapateiro de Braga anda indignadissimo e com razão. Venha a moralidade; se todos não bonificiam do estado contrario!

André Brun

A questão da carne no Porto

tende a aggravar-se, estando iminente nova gréve dos cortadores

PORTO, 18.—Tende a aggravar-se de novo a questão das carnes, por desintelligencias entre os proprietarios e os empregados de talhos.

A Companhia Utilidade Domestica, a mais importante do genero, accedeu a todas as reclamações dos cortadores, mas a Companhia Nacional, que tem 39 talhos, não acceita a que por elles foi feita da carne ir para os talhos limpa de gorduras, porque, sendo os empregados responsaveis por todo o peso, as gorduras ás vezes só se vendem para as fabricas de velas a 8 centavos, quando os proprietarios dos talhos as teem de pagar a 32 centavos.

A commissão de cortadores esteve esta tarde, pelas 15 horas, com o governador civil, indo depois falar com o director da Companhia Nacional. Se esta se mantiver irreductivel, declarar-se-ha de novo a gréve, não sendo abatido gado no matadouro.

FANTOCHES DE CARTÃO

As faladas reintegrações

Devem fazer-se na proxima «Ordem do Exercito»—Em torno da Lei da Separação

Scena I

A Arcada transformou-se em «guignol». Do ministerio do interior ao da guerra, e d'ali ao dos estrangeiros, os fantoches politicos, que um «D. Roberto» agreste commanda, executam a esta hora d'esta tarde nublada, as suas habilidades e as suas irreverentes gavrochices. Cada vão d'arco é um palco solemne, d'onde os bonecos de trapo, recheiados de serradura, despedem gargalhadas, sarcasmos e ironias. Nenhum d'elles representa gente. São todos reproducções symbolicas de certos cavalheiros que todos conhecem e que vieram ao mundo, sobretudo ao mundo politico, para nos divertir...

Ha um «D. Roberto» que guincha mais alto que os outros. Esse foi erguer o seu balcão miserando, com muitos trapos sordidos a servir de bambolinas, lá em baixo, defronte d'aquelle historico portão por onde uma manhã, ha umas poucas de semanas, o sr. general Pimenta de Castro entrou, levando debaixo do braço nove pastas de ministro. Ainda hoje muita gente pergunta como é que o sr. Pimenta de Castro resistiu a um tão estranho e formidavel contrapeso... Approximo-me d'esse grosseiro fantoche loquaz e maldizente. O publico ri. Que diabo diz elle?

—Pois é como lhes conto, clama o boneco, saltitando nervoso á borda da tábua que lhe serve de ribalta. E' caso resolvido, muito embora elles se esforcem por fazer crer o contrario. Os officiaes amnistiados terão, qualquer dia, a sua reintegração...

—Não póde ser!—acode o publico, fazendo côro com outro fantoche que, de mãos no punho, se precipita á borda da cena e primeira (?)—E' contra todos os principios republicanos...

—Lérias!—continua «D. Roberto» —Ha interesses aqui que o impõem e resistir-lhes seria mais difficil que obrigar o sr. Afonso a... não nos falar da sua gatilha, quando escreve em publico. O sr. Francisco e o sr. Montez, o sr. Soleral Figueiró e o sr. Mendes da Fonseca serão, dentro em pouco, outra vez officiaes do exercito.

—Mas quando, quando?

—Deixe passar alguns dias apenas. Esperem pela proxima «Ordem do Exercito»!

«D. Roberto» solta mais um guincho de diabinho contente, mergulha a cabeça tosca pela ribalta dentro e desapparece. O publico debanda. O que pensará elle de tudo isto?

Scena II

Outro «D. Roberto» occupa-se do mesmo assumpto. E' a representação do mesmo entremez que continua. As reintegrações dão para varios episodios de variadissima especie. Surgem os commentarios ao que o primeiro boneco disse:

—A serem reintegrados, pergunta um, em situação ficam, perante os camaradas, esses officiaes? E', segundo consta, todos elles foram julgados por outros officiaes e por elles condemnados. Como é que uns e outros poderão conviver de futuro, elles que um verdadeiro abysmo separa?

—Eu sei lá!—replica o polichinelo.—São coisas para vêr depois—como diria o sr. Pimenta de Castro.

—Mas são coisas da maior importancia, d'uma importancia capital e solemne. O exercito está já dividido por muitas sisanias para que se possa sujeital-o a outras. E' a verdade é que, fazer voltar ás fileiras officiaes que d'ellas sahiram por virtude d'uma condemnação que lhes foi imposta por camaradas é crear situações inteiramente insustentaveis.

O meu boneco não responde. Mas melhor... nas observações que escuta de outro, como quem espera que ellas cheguem ao fim. E chegam.

—Não póde ser!—prosegue o mesmo espectador, pouco dado a conciliações. O official que foi condemnado, e que por isso sahiu do exercito, não póde jámais sentir-se bem deante do official que o condemnou. E' intuitivo. Como cuida o governo vencer esta difficuldade?

O fantoche não resiste; e como não encontra resposta facil, desapparece do palco, juntando mesmo barraco d'onde surgia. E' a sorte de todos os fantoches...

Scena III

Portão largo e alto, vigiado por um velhote de sobrecasaca, com «bonnet» acolado a oiro. Um automovel immenso passa barra a passagem ao tramway. E' apressado. E' a cathedral das finan-

ças publicas. O pontifice maximo entrou ha pouco. O theatro «guignol» continua a funccionar. Aqui officia o «D. Chrispim» de Benavente, que nos «Interesses creados» se permitte chasquear impiedosamente do dinheiro.

—Os paizes são como os individuos, diz o boneco bohemio agitando, sob uma olheirada de sol, o barrete guisalhante. De vez em quando, os cofres despejam-se-lhes e a tortura do emprestimo ameaça-os de miseria e de ruina. Oh! Muito custa arranjar dinheiro emprestado!

Não gosto de vêr «D. Chrispim» assim. As philosophias nem aos fantoches de trapo e cartão ficam bem. São como as musas quando formam com certos vates teimosos, uniões hibridas, a pedirem afflictivas o divorcio. O boneco «railleur» adivinha o meu desgosto e entra no caminho que nos interessa.

—Deixa-te de laracha!—digo-lhe cá de baixo, meio aborrecido e meio irritado! Que complicada historia é essa da falta de dinheiro? Como se n'este paiz alguem, afinal, tivesse dinheiro!...

—Cala-te, que não sabes o que dizes. Eu bem o vi passar ha bocado! Ia triste, aprehensivo, tão triste como se, d'uma assentada, lhe tivesse morrido a familia toda.

—Mas quem é que ia assim desilludido e triste. O sr. Bruschy?

—Qual! Elle, o coronel das finanças. Ia mesmo com cara de quem não tinha vintem. E não tem, realmente. Ou antes, não o terá d'aqui a pouco.

—Então, o tal emprestimo?

—Ora, meu caro, não te faças ingenuo! O governo é excellente e as classes conservadoras dão-lhe todo o seu apoio. Mas não lhe dão o seu dinheiro. Emprestar é verbo que só se conjuga com muito vagar e com bons lucros. E como o governo não pode esperar...

«D. Chrispim», n'esta altura, sóme-se sem dizer mais palavra. Aquella cidade onde elle e o companheiro, na noite gelada do poeta, foram parar, atrae-os. Ao longe ouve-se ainda uma gargalhada diabolica e maldosa. O sr. ministro das finanças sente-a lá em cima, no seu gabinete povoado de ricos moveis de pau santo. Corre á janella, para vêr o irreverente. Mas n'esse momento, «D. Chrispim», o ironico fantoche, d'algibeiras de fóra a dar a dar, tinha-se diluido já na poalha doirada que toldava o espaço, ambaçando a vista!...

Scena IV

Exibe-se um episodio politico. E' o «guignol» do ministerio do interior quem tem a seu cargo a funcção. Fala de eleições, o «D. Roberto» do sr. Gomes Teixeira. Entretem-se a fazer prophecias. E' um gosto ouvil-o. As coisas que elle sabe! Os accordos eleitoraes continuam em via de realisação. Em favor de quem?

—Dos evolucionistas, pois de quem havia de ser? Elles é que estão de posse da situação. São os evolucionistas quem tudo póde e tudo manda. Pois quem é que apoia o governo?

—E' o sr. Antonio José d'Almeida, evidentemente.

—Está claro! Mas olhe que não se vê bem para quê? Continuam a ser os mesmos lunaticos, os evolucionistas!

—Essa agora! E porquê? Pois não lhes pertencem quasi todas as auctoridades administrativas?

—Coisa de nada. Vae-te com esta, amigo. Quem apoia o governo são os do Chiado mas quem vae abichando todos os empregos são os do Calhariz! Uns teem a honra, outros...

—O proveito!

—Nem mais nem menos.

—E os democraticos?

—Esses, quanto a eleições, andam, por ora, a vêr navios, sem saberem se as hão de disputar ou não. A maioria, lá por casa pensa que sim. Mas quer encontrar uma sahida airosa e espera, por isso, que o poder judicial se pronuncie sobre o decreto que alterou a lei eleitoral para se decidir. Se esse decreto fôr reconhecido pelos homens que julgam, os democraticos vão ás eleições. No caso contrario, absteem-se.

—Quer dizer, suicidam-se...

—Nem mais nem menos.

Este «D. Roberto» não é dos mais faladores. Quero retel-o ainda por mais uns minutos, de cabecita de fóra, na ribalta que lhe serve de tribuna. Mas a cartola arripiada tomba-lhe para dentro, «D. Roberto» precipita-se a panhal-a e não apparece mais. Tinham-lhe ensinado só aquillo e um polichinelo que não fala é uma coisa detestavel e horrivel. Procuremos outro.

Scena V

Ministerio da justiça. O fantoche que montou a barraca á porta do sr. Guilherme Moreira é severo, austero, carrancudo. O ministro, ao passar por elle, olha-o de soslaio, desconfiado e retrahido. O boneco não gosta do mau humor do sr. Moreira. Não gosta e ameaça-o.

—Que mal te fez?—pergunto-lhe.

—Muito mal, todo o mal que podia fazer-me. Pois não vês que sou um velho demagogo disfarçado? Não te cheiro, porventura, a petroleo e agua raz?

—Effectivamente. Todos os demagogos cheiram a isso. A gente não estranha.

—Pois toda a minha obra está ameaçada de ruina. A lei dá separação, sobretudo, já levou uns poucos de rasgões e vae levar ainda muitos mais. Ah! mas nós cá estamos. A lei não se rasga assim.

O boneco irrascivel exalta-se mais, enfurece-se incrivelmente. Está, realmente, convencido de que, qualquer dia, tudo voltará á mesma.

—Mas havemos de resistir, juro-o! O caso das cultuaes vae já dar que falar. Pensavam que era só repôr o Senhor dos Passos no seu andor? Enganaram-se. Tudo aquillo vae ser processado! Tudo!

—Processado porquê?

—Por terem sido entregues ás irmandades respectivas bens que só ás juntas de parochia pertenciam. Foi um abuso de Poder, que o administrador do 1.º Bairro pagará caro.

—Pobre Justino de Campos, não lhe queria estar na pelle!

—E a portaria que acabou com as cultuaes? Ha de ser tambem feita em fanicos. O recurso, promovendo a sua annulação, vae ser intreposto, pelas cultuaes dissolvidas, perante o Supremo Tribunal Administrativo.

Desvairado, indignado, este boneco maltrapilho desapparece como os outros. Contra elle, principiavam a erguer-se já protestos pouco tranquillisadores. O pobre polichinelo sentiu a pelle em perigo e fugiu. Foi o que lhe valeu. E' que n'aquelle ponto da Arcada onde elle irreflectidamente foi exibir-se, ha umas vagas nodoas d'agua benta, incompativeis com atheismos. E o «D. Roberto» que esta tarde perorou á porta do sr. ministro da justiça não acredita em Deus nem que o matem. Tambem não tem motivo nenhum para isso...

A. M.

Theatro de S. Carlos

Hoje não ha espectaculo para ensaio geral da peça de Auguier, traducção de Coelho de Carvalho *A aventureira*, que ámanhã sóbe á scena em festa de Angela Pinto.

Na sexta-feira, 26, realisa-se a festa artistica do Ferreira da Silva com a 1.ª representação da notavel peça de Molnar *O Diabo*. Os accionistas das *premières* teem preferencia aos seus logares até á proxima segunda-feira 22.

VIDA ARTISTICA

Uma exposição de pintura

organisada por José Campas na galeria Bobone

José Campas é, na moderna geração de artistas, o mais fertil, expedito e activo dos nossos pintores. Dir-se-hia que o seu temperamento não conhece as leis do cansaço e da fadiga, porque as suas exposições se succedem quasi vertiginosamente, aqui, no Porto ou ainda no Brazil, d'onde ha pouco regressou, depois d'uma exhibição devéras notavel, tanto pelo numero de composições apresentadas como pelo merito incontestavel de muitas d'ellas. O simpathico moço, que em pouco tempo conquistou um nome que poucos logram alcançar depois de largos annos de tirocinio, realisa agora uma exposição na galeria Bobone, antes de partir para a provincia, onde vae procurar novos assumptos para a sua actividade. José Campas expõe 44 telas, além dos retratos, entre os quaes destacamos pela frescura do colorido o executado ao ar livre e que nos dá a conhecer uma encantadora dama que o artista surprehendeu sentada sobre o muro d'uma quinta.

As paisagens são o motivo preferido de José Campas e n'esse genero o artista sente-se incontestavelmente a *son aire*. Os aspectos pittorescos da Natureza que a sua paleta nos revela agradam-nos sempre, quer elles evoquem trechos da terra portugueza, como esses lindos arredores de Constancia, berço natal do artista, as margens adoraveis do Mondego, ou ainda aquelles pedaços do sol francez, que o artista já apresentou n'outra exposição e que foi grato aos nossos olhos voltar a vêr agora, na doce claridade d'aquella galeria.

Entre outros quadros devemos salientar *Perspectiva do Tejo*, *Um açude* e *Ultimos raios do sol (Mondego)*, em que o paisagista se mostra na completa posse do seu *metier*.

A exposição é ámanhã franqueada ao publico.

O concerto no Politeama

Homenagem a David de Sousa

Trez primeiras audições se farão no concerto de domingo do Politeama, originaes dos srs. Boavida de Portugal, Ruy Coelho e Lucio Soalheiro. Tudo concorre, pois, para dar relevo a essa festa artistica de homenagem a David de Sousa, cujo programma encerra tambem lindissimas paginas musicaes de Mancinelli, Beethoven, Wagner e Chabrier.

A conferencia do sr. dr. Cunha e Costa é esperada com interesse.

A FOME NA ALLEMANHA

Raizes de juncos e ortigas frescas!

Amsterdam, 15 de março

O dr. Graebner, director do museu botannico, resolveu crear na proxima primavera uma secção de legumes da fome no jardim botannico municipal. O doutor affirma ter descoberto uma novo farinha: a produzida pelas raizes do junco, que ha com abundancia nos arredores da capital. O sabio allemão suppõe que a technica allemã encontrará decerto meio de tirar proveito da sua descoberta. Trez kilos d'esse extracto produzem dois de uma farinha muito branca e agradavel. O povo allemão não deixará perder essa nova fonte de alimentação, que está ao alcance de todas as mãos e de todas as bolsas.

Na mesma ordem de ideias, o *Berliner Tageblatt* escreve:

«Além da azeda brava, cujas virtudes nutritivas são bem conhecidas, temos as ortigas frescas, deliciosas quando preparadas como esparregado, e o taraxum efficiente, cujas raizes, compridas e saborosas, podem, se não substituir os espargos pelo menos fornecer um excellente alimento, já usado durante as fomes da Edade Media».

O grande acontecimento musical de S. Carlos

Está despertando o mais justificado interesse o concerto de domingo, no theatro de S. Carlos, por uma grande banda, accrescida de instrumentos de corda, na totalidade de noventa figuras, regida pelo illustre chefe da banda da guarda nacional republicana, sr. Fernandes Fão. E' a primeira vez que, em Portugal, a tentativa se põe em pratica, e d'ahi a anciedade com que se espera este concerto e o successo retumbante que o espera.

O programma, que daremos integralmente, é soberbo.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A acção da mulher na guerra actual»

Em separata dos annaes da Academia de Estudos Livres, foi publicada a conferencia ali realisada pela distincta escriptora sr.ª D. Anna de Castro Osorio. As despezas foram custeadas pela Associação de Propaganda Feminista, revertendo o producto a favor da obra da commissão feminina «Pela Patria», para a obra dos agasalhos e roupas para os soldados.

Palhabote mettido a pique

por um navio italiano que ia sahindo do nosso porto

A tripulação é salva a custo

O palhabote *Boa Harmonia* é um barco costeiro, de 41 toneladas de casco e de 90 de carga maxima, pertencente á firma Joaquim Miguel & C.ª, da nossa praça, tendo seis homens de tripulação: Antonio Ritta, de Villa Nova de Milfontes, mestre costeiro; Marianno Nunes, de Lisboa; Fortunato Miguel, de Villa Nova de Mil-fontes; Antonio José, de S. Luiz; Vicente Domingos, de Lagos, e Luiz, do Rocio de Abrantes. Ha quatro dias que o palhabote, com carga completa diversa—assucar, bacalhau, feijão, madeiras, petroleo, etc.—se encontrava fundeado á terra da linha de navegação, á direita das boias pequenas dos torpedeiros, um pouco para lá da praia de Algés, a quatro braças d'agua.

O *Boa-Harmonia* aguardava que o tempo amainasse para seguir rumo para Setubal e Alcacer do Sal, para onde levava o carregamento á consignação de varios commerciantes d'ali.

Hoje de manhã, pelas 5 horas, emquanto o mestre Antonio Ritta estava de vigia, a tripulação dormia, descuidada, á prôa. De repente, por entre o crepusculo da manhã, o mestre lobrigou, já a uma dezena de metros, a mancha negra de um vapor de grande calado que avançava com toda a velocidade. N'um pulo, Antonio Ritta foi á *bocca do rancho* e gritou para baixo aos seus homens que se levantassem. Mas já não teve tempo de gritar segunda vez.

O vapor avistado, que era o *Cerêa*, de nacionalidade italiana, de 2:726 toneladas, chegado no dia 15 de Palermo e que sahia para New-York com carga diversa, estava já sobre a prôa do *Bôa-Harmonia*, que, apanhado pela amura de estibordo, afocinhava, com a prôa amachucada e a *bocca do rancho* feita em estilhas. Foi um momento de pavôr! Com a pancada, os cinco tripulantes que dormiam foram arremessados ao casco interior e acordaram sobresaltados e attonitos. A sahida estava-lhes vedada pelos destroços. A escuridão, dentro, era completa. A muito custo o mestre Antonio, desviando os destroços, içava a braço, a um por um, os cinco companheiros, que iam saltando apressadamente para bordo da lancha do palhabote para onde por ultimo saltou tambem o mestre, afastando-se a lancha para a praia, onde encalhou, emquanto o *Bôa-Harmonia*, em poucos minutos, se afundava completamente.

Quanto ao *Cerêa*, apoz o abalroamento, affastou-se célere em direcção á barra sem mesmo verificar se o barco naufragado precisava do seu auxilio. Viu-se depois que a tripulação do *Boa-Harmonia* e o proprio barco não ficaram completamente esmagados, devido ao facto de o *Cerêa*, antes de com elle abalroar, ter apanhado em cheio uma boia que proximo estava e cuja amarra se quebrou com a violencia do choque, boia que mais tarde dera á costa na praia de Oeiras. Já nas alturas de Paço d'Arcos, o *Cerêa* foi obrigado a voltar atraz, vindo até junto do *destroyer Douro* explicar o occorrido, seguindo depois novamente viagem.

Levava como piloto o sr. José Maria Quintinho, e era seu capitão o italiano V. Messina.

Os prejuizos do *Boa-Harmonia* são totaes, e só depois de afundado e quando os naufragos se encontravam na praia de Algés é que appareceu no local do sinistro um rebocador da Alfandega.

Na occasião do choque, uma falha de madeira apanhou o Antonio José n'um pé, fazendo-lhe um profundo golpe que foi cosido a pontos naturaes no posto da Misericordia.

E' necessario accentuar que o local onde se encontrava fundeado o barco costeiro, a pouca distancia da praia, está fóra da linha de navegação dos grandes navios, não devendo, portanto, o *Cerêa* fazer carreira por ali. A não se dar o abalroamento, este vapor estaria agora encalhado na areia, visto a direcção que levava.

O caso foi o assumpto do dia em Algés e proximidades, tendo ali ido muita gente vêr os mastros do palhabote afundado, que se conservam ainda cerca de metro e meio sobre a agua.

Os naufragos vieram para Lisboa, indo o mestre Antonio da Ritta a casa dos despachantes na Alfandega, onde participou o occorido.

O respectivo processo vae seguir os seus tramites pela capitania e tribunal do commercio. Nas immediações onde se deu o desastre, teem dado á costa varios objectos do carregamento que a guarda fiscal tem recolhido.

NA AMADORA

Concurso de ovinos

Como já noticiámos, realisa-se no proximo domingo um concurso de ovinos na Amadora, promovido pela Associação de Agricultura Portugueza.

Os concorrentes teem de estar ás 9 horas da manhã prefixos no local da exposição.

O concurso abrangerá duas secções: Animaes para producção de carne e lã. Animaes para producção de leite.

Os premios são em numero de 18 e no valor de 200 escudos, podendo o juri, além dos premios pecuniarios, conceder menções honrosas.

Findo o concurso, realisa-se uma parada com os animaes que n'elle tomarem parte, e que desfilarão em frente dos Recreios Desportivos da Amadora, onde o juri reune para a classificação e distribuição dos premios.

Os lavradores e creadores que ainda se não inscreveram podem fazel-o na séde da Associação de Agricultura ou no logar do concurso no proprio dia da exposição.

ULTIMAS NOTICIAS

Declarações do sr. ministro de Hespanha

sobre a commutação da pena de Leandro Gonzalez

Independentemente das fórmas de governo, os dois povos estão destinados a viver fraternalmente

O correspondente d'um jornal do Porto entrevistou o sr. ministro de Hespanha sobre o debatido caso Leandro. Archivamos as suas declarações e desde já salientamos que d'ellas não transparece nada que confirme a opinião ou affirmação que o governo attribuiu ao illustre diplomata sobre o tal supposto compromisso. Por outro lado, salientaremos que s. ex.ª sanciona algumas das informações contidas na nossa entrevista de hontem. A Hespanha pediu a commutação da pena por se terem levantado n'esse paiz duvidas sobre a culpabilidade de Leandro; a Hespanha pede a creação da egreja porque francezes, inglezes e italianos tambem possuem egrejas suas.

Eis as declarações do sr. marquez de Vilasinda:

Em volta da libertação do Leandro—disse—tem-se feito um debate a que o nosso feitio de meridionaes deu exageradas proporções. E' um caso delicado e certo, mas ao mesmo tempo simples; e o governo hespanhol encontra-se n'elle collocado como muito naturalmente, em condições identicas, se encontraria o governo portuguez ou qualquer outro. Os incidentes que se teem levantado em redor d'elle só podem servir para affastar os dois povos visinhos e prejudicar o estreitamento de relações em que altamente me interesso. O povo hespanhol e o povo portuguez estão destinados a viver juntos, fraternalmente, porque a isso os impellem as suas afinidades, os seus interesses communs e tantas outras razões qual d'ellas de maior peso, independentemente das suas fórmas de governo. Irritar a questão será, pois, um inconveniente.

—Mas—interrogámos—affirma-se que o governo hespanhol recebeu, por intermedio de v. ex.ª, a garantia de que, aqui em Portugal, se considerava como um erro judicial a condemnação do Leandro?

—Algumas vezes assim o consideraram. Pode haver duvidas de que tivesse sido, não o incendiario como se tem dito—sabe muito bem que o não foi—mas o instigador. O seu principal accusador, o Antonio Fernandez, foi o auctor de facto da pavorosa catastrophe e esse mesmo, na prisão, já se retratou das affirmações que fizera. As provas que contra o Leandro appareceram no processo, as accusações hesitantes formuladas pelo Fernandez, seguidas da sua retratação, levantaram no animo de alguns jurisconsultos a suspeita de que elle estava innocente.

Os seus amigos estão convencidos que não é culpado. E' claro que eu tenho de observar reservas, não posso entrar em detalhes das diligencias diplomaticas que o meu governo amigavelmente tem empregado junto do governo portuguez para a libertação do Leandro; mas foi em presença das duvidas suscitadas a proposito do seu grau de culpa ou da sua culpabilidade, que foi sollicitada ao gabinete de Lisboa, não o indulto, como erradamente se tem dito, mas a commutação da pena. O Leandro cumpriu já sete annos de prisão e devia agora partir para o degredo; pediu-se que esse degredo fosse transformado em expulsão de Portugal.

E, apoz uma ligeira pausa, o illustre diplomata proseguiu:

—Deve reconhecer-se que é legitimo o interesse que os hespanhoes tomam pelo seu compatriota. O proprio sr. Soriano já tratou do assumpto no Congresso. A missão da imprensa é nobre e levantada; todavia, má se torna quando a deformam paixões. Com o caso da egreja hespanhola em Lisboa essas paixões teem-se exacerbado inexplicavelmente. Pois os francezes, os inglezes e os italianos não taem a sua egreja privativa? Que perigo pode advir de que os hespanhoes tambem possuam uma? Esses receios e excitações só podem, infelizmente, perturbar as boas e amistosas relações que existem entre os dois paizes...

Comtudo—julgamos opportuno considerar—v. ex.ª não ignora que uma parte da opinião portugueza manifestou, ultimamente, certas inquietações por determinadas medidas tomadas pela Junta de Defeza Nacional e muito em particular as da reunião a que presidiu S. M. D. Affonso.

O illustre ministro plenipotenciario replicou de modo claro e firme:

—O desenvolvimento de linhas ferroviarias a que parece alludir faz parte de um plano geral e nada ha, quanto a isto, que possa despertar receios a Portugal. Não deve esquecer-se que a Europa está convulsionada por uma guerra tremenda e que nós guardamos neutralidade. Por isso, é natural que se tomem algumas providencias, o que não é motivo para alarmar, no mais minimo que seja, a opinião publica de um paiz visinho e amigo. Mais pratico seria que a imprensa e a opinião se interessassem pelos assumptos economicos que poderiam ligar os dois paizes e estreitar as suas relações commerciaes e os seus laços de amisade.

E, voltando ao caso do Leandro, o sr. marquez de Villasinda tornou a affirmar-nos que sómente em presença das duvidas que inspirava a sua culpabilidade o governo hespanhol se resolvera a pedir a commutação da pena.

E rematando:—E' preferivel libertar um culpado a castigar um innocente.

Balanço diario

E' o sr. Augusto José Vieira, sollicitador, quem está incumbido de apresentar nos tribunaes judiciaes, queixa contra o administrador do primeiro bairro, por ataques á Lei da Separação, e no Supremo Tribunal Administrativo o recurso contra a circular do sr. ministro da justiça que dissolveu as cultuaes da Graça e de S. Vicente e Santo André. Os dois recursos serão apresentados por estes dias.

Contra a dictadura

Vae seguindo os seus tramites o processo instaurado na Boa Hora contra o chefe do Estado, ministros e presidente do ministerio por crimes contra a Constituição. As primeiras testemunhas deporão no dia 22 do corrente. A primeira a prestar declarações será o sr. dr. Bernardino Machado.

Uma visita do ministro da justiça

O sr. ministro da justiça foi hoje hoje, acompanhado do sr. dr. Affonso de Mello visitar o palacio da Ajuda. Dizia-se na Arcada que s. ex.ª pensa installar ali a primeira colonia penal.

Corpo diplomatico

O sr. ministro dos negocios extrangeiros deu hoje a primeira audiencia ao corpo diplomatico, comparecendo os srs ministros da Inglaterra, Russia, Belgica, França, Hespanha, Italia, America e Argentina e os encarregados de negocios de Guatemala, Noruega, China, Uruguay, Cuba e Paraguay.

Industria textil

Uma commissão delegada da Associação de classe da União Textil procurou hoje o sr. ministro do fomento a fim de lhe entregar uma representação pedindo para que sejam reduzidos os direitos pautaes sobre lãs finas, sedas e algodões e que o governo procure assegurar o regular abastecimento do mercado d'aquelles artigos a fim de lhes ser assegurado o trabalho.

Vadios em liberdade

Foram hoje despachados os requerimentos dos vadios que pediram a liberdade sob fiança e que tiveram parecer favoravel da commissão da reforma penal e prisional.

Ministros e ministerios

O sr. ministro das colonias foi procurado por uma commissão de officiaes do ultramar que lhe pediu melhoria de situação. O chefe do governo esteve em Belem a conferenciar com o sr. presidente da Republica. Os amanuenses do ministerio da guerra tambem pediram ao sr. Pimenta de Castro que os equiparem aos 3.os officiaes dos outros ministerios. Os srs. ministro da instrucção e general Blanco estiveram com o chefe do governo. A'manhã, ás 16 horas, ha conselho de ministros.

Um favor

O *Diario do Governo* publicou hoje uma portaria do sr. ministro do fomento concedendo á Academia das Sciencias de Portugal a isenção de franquia na sua correspondencia, quando transite aberta e trate de serviço da Republica.

A escassez de milho

é devida a manejos dos açambarcadores

Recebemos do ministerio do fomento a seguinte informação:

«Pelos dados até agora colhidos está verificada uma existencia de milho de cerca de 200 milhões de kilos.

Só pode, pois, explicar-se a sua escassez no mercado por um criminoso açambarcamento.

«Vão por isso ser expedidas ordens terminantes para serem punidos com todo o rigor das leis vigentes aquelles que forem considerados culpados da penosa situação dos consumidores de varias localidades do paiz».

Funccionarios coloniaes

A sua melhoria de vencimentos

A commissão de funccionarios publicos coloniaes que tomou a iniciativa de conseguir a melhoria dos vencimentos, agora que se trata da regulamentação das leis de autonomia das colonias, promove uma reunião para o proximo domingo, ás 21 horas, n'uma das salas da séde da União Colonial, rua Garrett, 80, 1.º

Para essa reunião convidam os promotores todos os funccionarios coloniaes que estejam em Lisboa, sem distincção de classes ou provincias.

A bordo do "Zaire,,

que hoje chegou ao Tejo, foram presos alguns allemães

Deu hoje entrada no Tejo o paquete *Zaire*, da Empreza Nacional de Navegação. Trazia a bordo 21 passageiros de 1.ª classe, 16 de 2.ª e 69 de 3.ª, além de carregamento vario. Quando o *Zaire* estava proximo das Canarias, foi abordado, no mar alto, por um navio de guerra britannico, sendo-lhe passada vistoria por um official d'essa nacionalidade. Como a seu bordo viessem alguns subditos allemães, foram elles detidos e passados para bordo do cruzador inglez. Os detidos foram: Heinrich Harmas, Alberto Schachat, Cur Malgenstem, Fraiz Atolle, Fraiz Kluge, Kail Krengler, Zeo Perombka, Franz Schon, Otto Jacobi, Fritz Valdix e Friedrick Vetvecka.

Um benemerito

Leiria presta ámanhã homenagem a D. Manuel de Aguiar

A antiga diocese de Leiria teve prelados dos mais illustres do episcopado portuguez. Mas entre os que mais honraram a mitra leiriense, D. Manuel de Aguiar ficou occupando o logar mais distincto e mais nobre. A sua memoria é, por isso, recordada ainda hoje com extrema veneração na cidade de Rodrigues Lobo, que lhe ficou devendo serviços inestimaveis e melhoramentos de valor. D. Manuel de Aguiar, cujos restos mortaes repoisam á sombra de um grande cipreste velhissimo no antigo cemiterio da cidade, notabilisou-se, sobretudo, pelos seus sentimentos humanitarios. Elle foi um pouco o S. Bartholomeu dos Martyres da sua pequenina e pobre diocese. Foi esse prelado quem fez construir o hospital de Leiria, esplendido edificio como poucos haverá por essas provincias portuguezas, e quem semeou o bem a mãos rotas pelos povos seus diocesanos. O carrilhão de Leiria, de precioso som, com os seus oito sinos mettidos na escala musical, é obra de D. Manuel de Aguiar, que morreu pobre mas que viverá para sempre na recordação dos leirienses.

Leiria commemora ámanhã a memoria de D. Manuel de Aguiar, o seu santo benemerito, aquelle que tanta dôr n'essa terra amorteceu. Faz cem annos que o venerando prelado falleceu. Nas repartições publicas d'aquella cidade, haverá tolerancia de ponto. Assim o resolveram hoje os ministros respectivos. Leiria paga assim uma divida a um dos homens que mais brilhantemente a illustraram. Só ha que louval-a por isso.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 18.—Communicação official de hoje ás 15 horas. O exercito belga tem continuado na sua progressão nas margens do Yser e a sua artilharia canhoneou um comboio inimigo na estrada de Dixmude a Essen.

Do Lys ao Oise acções de artilharia. O inimigo bombardeou particularmente o esporão de Notre Dame de Loutte e as aldeias de Carnoy e Maricourt. Nada de novo a assignalar no que respeita ás operações da Champagne. Na Lorena duello de artilharia; um dos nossos aviadores bombardeou a *gare* de Conflans.

Na communicação das 23 horas de hontem, onde se diz *landsturn* deve ler-se *landwehr*.—(*Havas.*)

As operações no theatro oriental

LONDRES, 18.—Summario do relatorio official russo de 13 a 16 do corrente.

Entre o Niemen e o Vistula o unico importante combate que houve foi nos valles de Omulew e Orzec e na direcção de Pranznysz. As tentativas do inimigo para progredir foram em toda parte frustradas. Os russos tomaram muitas povoações. O combate em volta de Osowiec é favoravel aos russos, cuja artilharia de sitio destruiu varias baterias inimigas.

Na Polonia Central os allemães tentaram um ataque contra as posições russas no Bzura, mas foram repellidos.

Nos Carpathos os russos obtiveram um importante successo forçando os austriacos a retirar da região de Smolnik apezar da tempestade de neve. Na direcção de Uszok os russos tomaram trincheiras inimigas proximo de Jablonka e repelliram os ataques dos adversarios contra Kosziowa.

Na Galicia oriental o combate está-se desenvolvendo a leste de Stanislau e os russos tomaram fortificações ao inimigo proximo de Tarnowice Polno, fazendo mais de 2.000 prisioneiros. Foram frustrados os repetidos ataques inimigos proximo de Niezwiska sobre o Dniester; os austriacos foram rechaçados ao norte de Obertyn, 25 milhas a sueste de Stanislau. Em redor de Przemysl os russos tomaram uma posição inimiga proximo de Malkowice, aprisionando o batalhão que a defendia. Os russos occupam actualmente as alturas que ficam á distancia de um tiro de espingarda dos fortes de Przemysl.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

Como se afundou o "Karlhruhe,,

COPENHAGUE, 18.—Segundo os jornaes d'esta capital, o vapor *Karlhruhe* afundou-se em dezembro ou janeiro perto das costas da America. Uma explosão subita cortou o navio ao meio; uma das partes foi logo para o fundo com uma parte da tripulação, a outra fluctuou durante algum tempo. Uns 150 a 200 homens da tripulação foram salvos por um vapor que acompanhava o *Karlhruhe*, o qual alcançou um porto allemão. Foi-lhes imposto absoluto silencio.—(*Havas*).

Os allemães sahem da Riviera italiana

NICE, 18.—As auctoridades italianas ordenaram aos subditos allemães que habitam na Riviera italiana que saiam do territorio.—(*Havas*).

Mais um navio inglez afundado

AMSTERDAM, 18.—O submarino allemão *U 28* afundou o vapor britannico *Laeuwarden* proximo do barco pharol, mas a tripulação salvou-se.—(*Havas*).

A convocação da classe de 1906 em França

PARIS, 18.—O ministro da guerra ordenou a convocação da classe de 1906.—(*Havas*).

Cruz Vermelha

Para a subscripção patriotica a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas: Carlos Pinto Rodrigues Costa (Ferreira do Alemtejo), producto de uma subscripção por elle aberta, 38$00; Antonio Ferreira Pereira, com estabelecimento na rua de Santa Martha, 216, producto recolhido por uma lista, 1$00.—A transportar, 15:847$57.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

A questão da Bolsa

Foi distribuido profusamente um manifesto em que se enumeram os serviços prestados durante 80 annos pela Associação Commercial, entre os quaes avultam a construcção da rua Ferreira Borges, a creação da primeira empresa de navegação a vapor entre o Porto e Lisboa, a creação do primeiro banco portuense, a construcção da Bolsa Commercial e muitos e muitos outros melhoramentos, terminando por perguntar se não é tempo de voltar á sua posse o palacio da Bolsa, de que—diz o manifesto—a Associação foi indevidamente desapossada.

TRIBUNAES

BOA-HORA

Foi adiado por falta de um jurado o julgamento de José Marques Paes de Almeida Mendes Junior, accusado de roubo no valor de 242 escudos. E reponderam no 1.º districto criminal—Joaquim Ribeiro, *Magala*, com 21 prisões e uma condemnação, entregue ao governo. Deolinda Augusta Gonçalves, com 16 prisões e uma condemnação, crime de furto, condemnada em 6 mezes de prisão. José Sanches Casqueiro, 3 prisões, crimes de furto e vadiagem, entregue ao governo. Augusto Macedo de Brito Junior. 6 mezes de prisão por proferir obscenidades e resistir á policia. Em penas coreccionaes foram ainda condemnados por furtos: Alvaro dos Santos, Joaquim Alves, Avelino de Andrade, Manuel Lopes, Julio Perito, o *Prim pequeno*, e Angelica da Gloria.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 17.—Foi aqui muito mal recebido o indulto concedido pelo governo a Leandro Gonzalez.

—Foi nomeado escrivão de direito interino para o 3.º officio d'esta comarca o sr. Francisco Mendes Pimentel, que ha tempo exercia com zelo e probidade o cargo de sollicitador.

—A policia investiga para se descobrir quem lançou hontem a bomba na sala dos lentes da Universidade. Os prejuizos causados são insignificantes, o que demonstra que foi uma brincadeira de mau gosto, para causar panico.

BARREIRO, 17. — A Associação dos Operarios de Construcção Civil elegeu para 1915 os seguintes corpos gerentes: Assembleia geral: presidente, João Lobato da Silva; secretarios, Fernando Augusto e Bento dos Santos; Direcção: presidente, João Abolorãos, secretarios, Antonio Fuzeta e Raimundo José Maria, vogal: Francisco d'Azevedo, thesoureiro, José Ferreira dos Santos.

—A commissão municipal do Partido Republicano Portuguez d'esta villa nomeou delegado ao Congresso do partido o sr. Francisco Antonio Rosa Paes, vice-presidente da mesma commissão.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 3|16	35 1|16
Londres, 90 d|v. . .	35 1|2	—
Paris, cheque. . . .	$80,4	$80,9
Allemanha, cheque .	$30	$30,5
Hollanda, cheque . .	$56	$57
Madrid, cheque . . .	1$39	1$40
New York	1$40	1$43
Rio s|Londres. . . .	13 5|16	—
Libras.	7$20	7$25
Agio do ouro. . . .	45 °|o	55 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,40	40,25
» » 500$	40,40	40,40
» » 100$	40,40	40,40

Certificado de 50$, 41, 40 0\|0.
Obrigações d'Estado: 3 0\|0 1905, 9$85; 4 0\|0 1888, 22$.
Externas: 1.ª serie 70$90 e 3.ª 73$80.
Acções: Ultramarino, assent. 104$20 e coup. 104$50; Assucar 39$80; Phosphoros, coup. 56$.
Obrigações: Aguas, coup. 81$; Ultramarino, coup. ouro, 88$50; Ambaca 88$10; C. N. dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 79$, Norte e Leste, 1.º grau, 73$; Beira Alta, 2.º grau, 15$; Carris de Ferro 10$; C. de Ferro de Benguella 78$50 e 78$80; Assucar 41$.

SPORT

A aviação ao serviço da guerra e do progresso

A guerra actual tem revelado o enorme valor da aviação. Foi essa conquista do genio humano que transformou os processos estrategicos de agora, porque já não existem surprezas no combate, nem envolvimentos de exercitos. O aeroplano tudo vê, tudo evita e, além d'esse papel observador, tem já o papel aggressivo.

Esse valor do aeroplano não representa uma surpreza de agora. Em 1910, em principios de setembro, realisaram-se umas grandes manobras francezas e os resultados foram maravilhosos. Os aeroplanos então pilotados por Paulham, Latham Tabuteau e outros fizeram o que estão agora fazendo milhares de conquistadores do espaço.

Por essa occasião, o aeroplano já se affirmava como machina de grande confiança e como engenho de guerra de incalculavel valor, pois que chegou a perturbar profundamente a tactica dos commandantes francezes.

A impressão causada nas altas regiões militares francezas foi extraordinaria. O general Brun, ministro da guerra, que seguiu attentamente as manobras, exprimiu bem claramente a sua satisfação. Os generaes Picquart e Meunier, commandantes dos dois partidos em que foram divididas as tropas, frisaram tambem a influencia que os aeroplanos tiveram nas manobras.

O general Picquart affirmou ao presidente mr. Fallières, que lhe tinham sido utilissimas as informações prestadas pelos aeroplanos, algumas d'ellas fornecidas com tanta precisão, que poude formar uma ideia exacta da situação da brigada contraria e tomar as disposições necessarias.

Por outro lado, o depoimento do general Meunier não foi menos interessante, porque declarou que as informações prestadas pelo tenente Bellenger, no segundo dia, obrigaram a mudar completamente o plano de manobra, forçando-o a realisar com a maxima rapidez uma concentração de tropas, que foi uma das phases mais brilhantes das manobras, pelo esforço collossal que as tropas tiveram de dar, especialmente a cavallaria e a artilharia, que percorreram respectivamente 70 e 65 kilometros n'esse dia.

Como engenho militar, provou-se exuberantemente a alta valia do aeroplano, transmittindo ordens e fazendo explorações com uma rapidez maravilhosa, colhendo informações precisas e exactas, e apresentando-se como invulneravel, não só pelas grandes alturas a que pode pairar, como por constituir um alvo de superficie reduzidissima e movido com grande rapidez.

O resultado d'esses exercicios militares echoou por todo o mundo. Em Portugal, annunciados pelos jornaes causaram sensação. E o jornalista Mario Sant'Anna, então redactor dos «Sports Illustrados», entrevistou o nosso ministro da guerra, ao tempo o general Raposo Botelho. D'essa conversa extrahimos o dialogo seguinte:

—No entanto, v. ex.ª aprecia muito a aviação?

—Ah! sim. Interessa-me sobremodo o avanço dos apparelhos de locomoção aerea, os quaes teem forçosamente de influir muito na vida social, obrigando-a a modelações profundas.

—Todavia, v. ex.ª não pensa melhorar o nosso exercito com tão util apparelho como é o aeroplano?

—Penso, sim, mas a exiguidade dos orçamentos não m'o permittem por ora, pois é necessario dispôr de quantias muito avultadas. E, além d'isso, parece-me que ainda não se passou do campo das experiencias. Aguardemos, pois, a consagração do aeroplano pela pratica, e será então occasião de pensarmos em nós. Não temos recursos financeiros que possamos desperdiçar em ensaios. E' preferivel esperarmos por mais acontecimentos que consagrem definitivamente o aeroplano.

∴

Passaram-se os tempos. Em 1915 o aeroplano é uma arma poderosa. Acreditamos, porém, que, se fizessemos egual pergunta, obteriamos identica resposta!

E temos a coragem de falar em progresso!...

∴

Nota do dia

A sua 1.ª acta

Passando hoje o 40.º anniversario do prestimoso Gimnasio Club Portuguez é curioso dar aos nossos leitores a transcripção da sua primeira acta:

«Sessão preparatoria em a noite de 18 janeiro 1875, ás 8 horas e 50 minutos, estando presentes 25 convidados, como consta das suas assignaturas na folha junta, foi aberta a sessão. Presidente, Augusto Gomes Ferreira; secretarios, João Antonio Rego Freitas e Estevam Ribeiro da Silva. O sr. presidente expôz a todos os srs. convidados qual o fim da reunião, convidando-os a dissertarem um pouco sobre o assumpto e em seguida falaram os srs. Eugenio Ribeiro da Silva, Rego Freitas, Antonio Castello Branco, Henrique Lassi o bem assim o sr. presidente, consultando-se por varias vezes o sr. Luiz Montejro, resultando da discussão o approvar-se por unanimidade ser a joia de 1$000 réis e a quota de 50 réis mensaes. Discutiu-se tambem entre os mesmos srs. se devia ou não haver jogo e logo de começo e foi approvado, por unanimidade, o bilhar, o loto e mais jogos licitos. Em seguida foram nomeados para apresentarem á assembléa em a noite de 1 de fevereiro futuro o projecto de estatutos e regulamentos os mesmos srs. que assignaram os convites para a presente reunião. Depois de assignarem em separado todos os que acceitaram definitivamente pertencerem ao Gimnasio Club, o sr. presidente encerrou a sessão ás 10 horas e 35 minutos.

Seguem-se as assignaturas dos srs. Jacob Amzalak, Estevam Ribeiro da Silva, Mair Buzaglo Junior, Augusto Ferreira, Carlos Botelho de Vasconcellos, Karl von Bonhorst, Emilio Silvestre Dias, Eugenio Ribeiro da Silva, Pedro Luisolo Pereira Fernandes, Candido Augusto d'Avellar, Eduardo Antunes de Mendonça, Francisco de Sommer, Isaac Larache, João Rego Freitas, Rafael Rodrigues, Alfredo C. Martins Lavado, Henrique Lassi, Eduardo Castello Branco, Antonio Anibal Lobo Castello Branco, João Virato da Gama Lobo, Joseph Syder e Francisco Romero y Robles.

Infelizmente d'estes fundadores ha quarenta annos, do nosso primeiro centro de sport, poucos existem hoje, e, por isso, poucos terão a satisfação de vêr fructificada a sua obra ao cabo do tão longo tempo.—C. F.

∴

Algumas anecdotas

Quando o jogador de socco se commovia...

Joe Gans, o jogador de socco que foi o mais artistico e o mais querido dos combatentes negros, encontrou-se uma tarde, na sala de redacção de um jornal de New-York, com a famosa romancista ingleza Eleonor Glyn.

Alguem teve a ideia de os apresentar.

A notavel escriptora exclamou:

—O sr. Gans não tem aspecto de jogador de socco. No meu paiz, os boxeurs teem as orelhas disformes e o nariz achatado. Parece que nunca lhe bateram na cara.

—Realmente, poucas vezes.

—Mas, em tantos combates como faz para evitar os soccos?

—Com um pequeno salto para o lado ou desviando a cabeça.

—E' maravilhoso — disse a romancista, olhando o pequeno Joe.—E nunca se sente nervoso quando sobe para o ring?

—O que diz, senhora?

—Se nunca se intimidou deante de um homem que desejasse vence-lo?

O phenomenal athleta do ring, que já estava no seu 17.º anno de batalhas, respondeu tristemente:

—Não minha senhora, não me commovo senão quando a receita é fraca.

Noticias

Entre nós

A reabertura do Velodromo

Fechou hontem, na séde da União Velocipedica Portugueza, a inscripção para as grandes corridas que se realisam no Velodromo do Stadium, no proximo domingo e que, pelo valor d'essa inscripção, são as melhores corridas de velocipedia e de motocyclismo que até hoje se teem effectuado em Portugal.

As corridas começam ás 3 horas e meia da tarde e a essa hora já estarão no imponente Stadium, essa maravilhosa obra do sr. visconde de Alvalade e do seu neto José, milhares de pessoas, anciosas de assistir ao primoroso espectaculo, bello de attractivos, com a novidade sensacional d'uma corrida de senhoras e cujo producto reverte a favor da subscripção para o «Cigarro do soldado».

As corridas de motocicletas talvez sejam mais uma nova competencia, isto é, mais o ataque d'um rude adversario, que é o celebre corredor Leopoldo Fatscher.

As corridas de senhoras são a nota dominante e graciosa do espectaculo. Todos os dias as gentis artistas Henriette Lefebre e irmãs Asti vão ensaiar ao Velodromo. Entre ellas, torna-se indeciso formular um prognostico de victoria.

Os infatigaveis organisadores do espectaculo, srs. Francisco Calejo e Francisco Vieira, conseguiram reunir, na prova de motocicletes, os seguintes corredores amadores:

Raul Affonso, José Ignacio, Jorge Carlos Xavier Frazão, Filippe de Barros, Manuel Rocha dos Santos, N. N., Joaquim Duarte, Henri Lehrfeld, Arthur Corte Real, Antonio Ricoca Junior, José da Costa, J. A. João Miudo, Arlindo Ferreira.

O XVII congresso da União Velocipedica

Continuou hontem e continúa hoje a funccionar o XVII congresso da União Velocipedica Portugueza. Pelo facto do prolongamento da discussão do relatorio, ainda se não procedeu á eleição dos novos corpos gerentes. Talvez se faça hoje.

O anniversario do Gimnasio Club

E' hoje que se effectua, na séde do Gimnasio Club Portuguez, o banquete commemorativo do 40.º anniversario. Depois de amanhã effectua-se o grande sarau, em homenagem aos socios fundadores.

Passeio ciclista a Mafra

Promovido por José Martins, proprietario de uma casa de bicicletas, realisa-se no proximo domingo, 21, um passeio ciclista a Mafra, para o qual já estão inscriptos cerca de 50 ciclistas.

A partida será dada pelas 6 horas da manhã da rua de José Estevam. Em Mafra haverá, entre outros divertimentos, uma corrida de resistencia (Mafra-Ericeira e volta) de 20 kilometros, para a qual já estão inscriptos alguns dos nossos melhores corredores. N'esta prova disputam-se 3 artisticas medalhas. Além d'esta haverá tambem: corridas de velocidade, vagarosas, de pucaras, de fitas etc. para as quaes há já um numero importante de premios que se encontram em exposição na casa do organisador.

Um novo grupo

Formou-se com grande enthusiasmo e por iniciativa dos srs. Augusto B. da Cruz, José Coimeiro, João Affonso de Magalhães um novo grupo de foot-ball denominado Sport Grupo Portugal. A direcção esclarece que a sua séde provisoria é na rua Eduardo Coelho, 89, 2.º

Assumptos de caça

No Club dos Caçadores Portuguezes, foi hontem dada a posse á nova direcção, composta dos srs. dr. Silva Araujo, Jorge Malheiros, José N. Godinho, Ernesto Reis e C. Carvalho. Em seguida a este acto, a nova direcção realisou a sua primeira reunião para esboçar o seu programa, ficando já devidamente assente, para ser tratado em primeiro logar, a acquisição de um terreno para a montagem de um *Stand* proprio, para exercicio dos socios e torneios officiaes do Club.

Egualmente ficou assente tratar de se obter algumas regalias para os socios, contando já a nova direcção com o valioso concurso de um seu consocio, distincto veterinario, que, na séde do club, em dias designados, dará consulta e prestará os seus serviços aos cães de caça dos associados d'esta collectividade.

O C. C. P. no desempenho da sua alta missão pela fiscalisação da lei de caça e seu fiel cumprimento, no tocante ao defeso, tem envidado os seus melhores esforços n'esse sentido, não se poupando a trabalhos, pelo que já teem sido feitas algumas apprehensões, cujos processos teem transitado e estão pendentes do novo Tribunal das Transgressões.

A direcção do Club dos C. P. já procurou o sr. governador civil, a fim de se elucidar sobre a questão das licenças de porte de arma no exercicio de caça e defeza propria que, parece, pretendem alterar.

Pela Commissão Regional Venatoria do Sul, que funcciona na séde do Club C. P., teem sido concedidas algumas licenças para batidas ás raposas e outros animaes nocivos á caça, tendo algumas d'estas batidas produzido salutares resultados.

Lusitano Sport Club

No proximo domingo jogam em 4.as categorias os *teams* do Sporting Club Portugal e do Lusitano. O desafio é no campo d'este ás 13 horas, pedindo o capitão a comparencia dos seus jogadores meia hora mais cedo. Devem comparecer: Fernando Costa, Antonio Mendes, Odorico Pina, Arthur Reis, Antonio da Fonseca, José Flores, Nobre da Costa, (capt.), José Chagas, Luiz Silva, Raul Alves e Guilherme Pereira Rego. Supplentes: Ricardo de Abreu, Accacio e Camara.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

1630...... 20:000$
5874...... 2:000$

5779	600$	3845	100$
1918	200$	3962	100$
4068	200$	4135	100$
4989	200$	4953	100$
162	100$	5109	100$
1414	100$	5958	100$

O negocio da platina

CHAMO a attenção dos meus collegas para o jornal *O Dia* de hoje, onde respondo ao que a esse respeito diz *O Seculo* da noite de 17 do corrente.

J. J. Lory

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Op. e emp. das fabr. de cervejas e gazosas

Reune no dia 21, ás 14 horas, a assembléa geral, com a seguinte ordem de trabalhos: nomear uma commissão revisora de contas, apreciar a lei que regula as horas de trabalho no commercio e industria e eleger dois secretarios para a direcção.

Soc. Mut. União Humanitaria

Em segunda convocação, funccionando com qualquer numero de socios, reune no dia 27, ás 20 horas, a assembléa geral, para discussão e votação do relatorio e contas e eleição de corpos vagos.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—A aventureira.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO — A's 21 — Opera: Lucia di Lammermoor.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE — **Apollo** — Reprise do *Fado e maxixe*.—Estreia dos artistas Os Geraldos.

Eden — Recita da moda — Estreia do soprano ligeiro Rosario d'Ory na *Lucia de Lamermoor*.

AMANHÃ — **S. Carlos** — Recita de Angela Pinto—*A aventureira*.

Gimnasio—Primeira representação da comedia *4028—Lx*.

DOMINGO—**S. Carlos**—Concerto dirigido pelo maestro Fernandes Fão.

Politheama—Concerto de homenagem a David de Sousa.

Eden—*Matinée* pela companhia de opera.

Ao correr da penna

A reprise do Fado e Maxixe recorda-me o que foi a primeira serie de representações d'essa peça. Uma companhia fallida e desacreditada, uma empreza prestes a fechar as suas portas, dos auctores que, por acaso, se encontram com um amigo do emprezario e tomam o compromisso de fazer uma peça com a condição de que todos os poderes lhes são entregues. E em vinte dias a peça escripta, a musica composta, a encenação e a montagem concluidas, sem que a empreza gastasse um real de scenario. Na noite da primeira representação um exito retumbante; durante cerca de duzentas representações, mais de quarenta contos passando pela bilheteira, o theatro frequentado por uma excellente roda e, ao fechar a epocha, um contracto para o Brazil.

Nunca se vira, até então, uma tão completa harmonia no desempenho, tamanha vivacidade na movimentação e marcação de uma revista. Os artistas da companhia, modestos e ignorados até então, marcados por interpretações que ainda hoje se recordam...

E tudo isto porquê? Porque se trabalhou com alma e com methodo. Porque ninguem regateou a sua collaboração ao esforço dos que dirigiam e eram os primeiros a dar o exemplo da pontualidade e do trabalho. Porque todos se interessaram no fim commum.

Hoje, que tudo se faz pela lei do menor esforço, que a disciplina desapparece por culpa dos que dirigem, que remedio senão ter saudades do que se fez e do que se tornaria a fazer se todos tivessem a noção do seu dever e das suas responsabilidades.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A companhia do Nacional deve regressar a Lisboa na proxima semana.

● Na proxima segunda feira entra em ensaios no Apollo a revista *Rosa tyranna*, para espectaculos de sessões.

● A recita do actor Telmo realisa-se na proxima terça feira.

No estrangeiro

Sarah Bernardht já sahiu da casa de saude onde foi operada e está convalescendo no sul da França.

● A companhia do Moulin Rouge, incendiado, está trabalhando nas Folies Dramatiques com *La revue tricolore*.

Circos & Music-halls

O «polo de circo» no Coliseu

Passou-se hontem uma peripecia engraçada durante a lucta do «polo de circo», que foi o ultimo numero do programma, mas que por ser muito animada e interessante manteve os espectadores até final do espectaculo.

Os jockeys foram eliminados a pouco e pouco. Restavam dois, sendo um d'elles Zizine Frediani, que já ganhou o torneio duas vezes seguidas. Era tambem o naturalmente indicado para vencer mais uma vez por ser mais forte, mais agil, mais energico e melhor jockey. O seu adversario, porém, usou d'um original ardil, que lhe trouxe a victoria e com ella o premio em dinheiro que o emprezario offerece todas as noites. Foi o seguinte. Ambos luctaram, empurrando-se, fazendo ju-jutsu, fazendo lucta livre, de maneira a não permittirem que qualquer d'elles montasse o cavallo que marchava a galope, em volta da pista. A certa altura, o jockey fez uma contorsão angustiosa segurando o braço e gemendo com dôr! Zizine Frediani immediatamente o abandonou e, sem pensar no polo, chegou-se sollicito para elle, prompto a soccorrel-o e ampara-lo.

O medico do Coliseu ainda se levantou do seu «fauteuil» para vir á pista soccorrer o artista molestado. Mas o caso não passava d'um truc. Aproveitando a confusão e a attitude desprecosa de Zizine, o jockey, rapido como um relampago, dá meia volta, corre para o cavallo e monta-o! Tinha ganho o torneio e com elle o premio.

Noticias

Entre nós

A companhia equestre do Coliseu termina os seus espectaculos no dia 29. Dissolve-se, indo os artistas em varios grupos trabalhar em theatros, circos e music-halls de Hespanha e França. Os clowns Rico, Alex e Fratelinis estão contractados para o Circo Parish, de Madrid. Os voadores portuguezes tambem vão para Hespanha. Os 25 Persas estão sollicitados novamente para o Porto e para Valencia, em Hespanha. Os Frediani receberam uma proposta do Cirque Nikitine, de Moscow.

—No theatro da Rua dos Condes despede-se hoje a cantora Maria Stelina e estreiam-se os duettistas Ransini, primitivamente contractados para o Salão Foz.

—Em Lisboa deve apresentar-se brevemente o film «Julio Cesar», executado por uma casa de Milão.

—Chegam ámanhã á noite, vindos de Londres, os duettistas Borignardis, que são dois conhecidos artistas, um portuguez, outro italiano. A estreia está marcada para a semana no Foz.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico. Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

A morte do filho natural de Guilherme II

Genebra, 15 de março

Quando era kronprinz, Guilherme II teve como amante uma dama da côrte, a qual casou com o conde de Wedel, escudeiro-mór, camarista-mór, mais tarde statthalter da Alsacia. Divorciada ha annos, essa senhora escreveu um livro sobre os seus «Amores imperiaes». Esse livro foi prohibido na Allemanha e apprehendida toda a edição. Guilherme II tivera um filho da condessa de Wedel. Chamava-se Fritz von Wedel e esteve dois annos, como estudante, no pequeno seminario de Nice (1896-1897). Era amigo intimo do actual kronprinz, com quem fez orgias que ficaram lendarias. O filho natural do kaiser foi morto em setembro. Tinha a patente de capitão.

Movimento maritimo

Mad., Las Palm., «Orotava-Avocet» (L.)	19
B. «Am. Saliandr. de la Mornaix» (H.)	19
Marselha, «Roma» (New-York)	19
Napoles e Genova, «Sicilia» (N.-York)	19
Natal, L. Marques, «Beohuana» (Liv.)	20
Brazil, R. Prata, «Leoa XIII» (Barc.)	20
Cadiz, Port Said Man., «Ferm. Pós» (L.)	21
Brazil, R. Prata, «Foiga» (Amsterd.)	22
Bordeus, «Divona» (Brazil)	23
L. Marques, «Durban Castle» (Lond.)	23

nhão voltou ao seu logar, prompto a dar de novo fogo».

Assim o descreve um dos artilheiros francezes mais distinctos.

O canhão de 75 tem desempenhado um papel importantissimo na actual guerra. A Allemanha fôra forçada a pôr de parte, perdendo muitas centenas de milhões, o seu canhão modelo de 1896, começado um anno antes da refundição da artilharia franceza, e o proprio canhão de campanha de 77 mm, de 1906, feito com a collaboração das casas Krupp e Ehrhardt, não correspondeu ao que d'elle se esperava.

Archi-duque Frederico d'Austria

N'um outro ponto os allemães tomaram a deanteira antes da guerra: na artilharia pezada. O estado maior allemão, como já tivemos occasião de dizer, pronunciára-se por essa artilharia. Tambem no parlamento francez foi apresentado, em tal sentido, um projecto de lei abrindo um credito extraordinario para a sua construcção. O relator do orçamento da guerra, em 1912, deu o seu voto favoravel a tal projecto.

Uma viva discussão se travou a tal respeito na imprensa technica.

O general Percin, que se manifestára contra o serviço dos tres annos, combateu a creação da artilharia pezada; o general Langlois, que patrocinára o canhão de 75, pronunciou-se no mesmo sentido. Os espiritos hesitavam.

Um dos defensores da creação, ou antes do desenvolvimento da artilharia pezada, o capitão Glück, dizia, e com razão:

«Em tudo, deve prever-se o peor, e, por pouco que faça a artilharia pezada allemã, parece-nos inadmissivel que se não tente impedi-la e que se deixe os artilheiros a pé allemães atirar sobre os nossos e sobre a nossa infantaria como quem atira a um alvo. Toda a questão está n'isto. Póde-se discutir á vontade a utilidade dos grossos e dos médios calibres na guerra de campanha, dizer que os allemães se obstinaram na «megalomania» e no «collossal», vêl-os embaraçados e antecipadamente haver regosijo por tal facto. Mas, na realidade, a sua artilharia pezada existe e servir-se-hão d'ella. Isso é que é preciso não esquecer, e só isso basta para justificar as apprehensões de numerosos artilheiros e tambem de numerosos officiaes de outras armas».

No momento em que o parlamento francez ia pronunciar-se sobre os creditos necessarios para a construcção d'essa artilharia, foi influenciado pela descoberta do processo Malandrin: este adapta um dispositivo, uma «plaquette» que, pela resistencia que oppõe ao ar no deslocamento do projectil, o faz cahir mais depressa. Obtem-se assim um effeito que tem uma certa analogia com o tiro da artilharia pezada, mas que não tem de modo algum as suas vantagens. Satisfeito com esse ligeiro aperfeiçoamento, o parlamento francez renunciou á reforma pedida.

Tambem se não tratou do problema da dispendiosa reconstrucção da espingarda da infantaria. A espingarda Lebel tem 28 annos; era incontestavelmente, a quando da sua invenção, a melhor das armas em uso nos exercitos europeus. Contudo, envelheceu. O seu principal de-

annos. E' uma honra para o chefe d'esse gabinete o ter comprehendido a sua elevada responsabilidade de estadista. Assumiu-a por completo quando, em maio de 1913, entendendo que a segurança da nação estava em risco com o augmento das forças allemãs, deliberou não licenciar a classe que devia sahir das fileiras no dia 1 d'outubro d'esse anno. Resolução acertadissima e que tomou o caracter d'uma medida de salvação publica! A Camara approvou, por 322 votos contra 155, a iniciativa do governo.

Na commissão do exercito, o projecto do governo foi modificado. Como o numero de homens previsto pela applicação rigorosa da lei dos tres annos e pelo principio de que todos eram eguaes no serviço militar, era muito consideravel, por causa das necessidades orçamentaes, uma feliz proposta dos deputados A. de Montebello e José Reinach substituiu a esses dois principios o de serem fixos os effectivos, isto é, que se deliberasse entregar ao exercito, devido ao serviço dos tres annos, os recursos em homens necessarios para que os quadros estivessem sempre completos. O excesso dos contingentes podia ser licenceado, por antecipação, a 15 de novembro e 15 d'abril de cada anno. Os soldados, paes de dois filhos legitimos, ou os pertencentes a familias com mais de oito filhos, beneficiavam do licenceamento. Se houvesse ainda excesso, os licenceamentos seriam tirados á sorte. O governo perfilhou essa contra-proposta.

Na Camara dos deputados, a lei dos tres annos foi combatida por alguns representantes da nação e defendida por muitos outros, que repetiam: «Estamos ameaçados d'um ataque brusco e, por falta de sufficiente cobertura, a nossa concentração terá de fazer-se a mais de 10 kilometros da fronteira».

Foram apresentados diversos contra-projectos. O fallecido Jaurès apresentou o seu famoso sistema de milicias com uma «zona de concentração atraz da fronteira», e o deputado Messimy o projecto que elevava o serviço de dois annos a trinta mezes.

Este projecto era apresentado com a auctoridade d'um parlamentar que havia sido ministro da guerra e que ia tornar a sel-o: foi comtudo rejeitado por 312 votos contra 266. No proprio partido radical, homens como Léon Bourgeois e Clemenceau haviam-se pronunciado pelo serviço dos tres annos.

A causa parecia ganha, mas os defensores do regimen dos dois annos intervieram. O deputado Vincent propôz a formula «democratica»: «Todos os homens considerados aptos para o serviço são obrigados a cumprir effectivamente a mesma duração de serviço militar». Em nome do principio da egualdade, corria-se o risco de alterar o caracter militar da lei; o auctor do projecto não occultava a sua intenção de terminar com os licenceamentos antecipados. Ora, esses licenceamentos eram a valvula indispensavel dos effectivos fixos, visto que os recursos orçamentaes não permittiam que fôsse alistado todo o contingente.

Um outro ataque, não menos grave, ia soffrer o projecto do governo. Para não reter nas fileiras a classe que devia ser licenceada em outubro de 1913—que tinha sido convocada, na realidade, vigorando o regimen da lei dos dois annos—o governo, fazendo uma concessão suprema, para salvaguardar, a todo o custo, o principio do serviço dos tres annos, acceitou a emenda Escudier, resolvendo a incorporação da classe aos 20 annos em vez dos 21.

Não se viu que a nação era, assim, collocada n'um terrivel risco e a Allemanha em face d'uma tentação a qual, talvez, não resistisse.

A instrucção de duas classes em vez d'uma era um problema de muita difficil resolução, por causa da insufficiencia dos quadros. Depois da 1911 conservava o seu pleno valor; os soldados de 1912 e 1913 só em junho de 1914 podiam ser utilisados. Não era de receiar que a Allemanha, tendo tomado a resolução de vibrar, na hora que lhe parecesse mais opportuna, o golpe que devia

estabelecer a sua hegemonia na Europa e no mundo, escolhesse, para declarar a guerra, a primavera ou o verão de 1914, e não esperasse pelo anno de 1916, epocha em que a lei dos trez annos devia produzir o seu pleno effeito? Tal eventualidade era tanto mais para tomar em consideração, quanto a Russia, egualmente em plena transformação militar, não teria concluida, antes d'essa data, a completa reorganisação do seu exercito.

Não se fez caso dos avisos vindos de fóra. A lei dos trez annos, assim modificada, foi votada, a 19 de julho de 1913, por 358 votos contra 204, apoz um protesto solemne de Caillaux, em nome do partido radical-socialista, protesto que tendia a manter a lei dos dois annos, com uma organisação da «nação armada», que exigia, no proprio dizer dos seus partidarios, uma preparação de quinze annos.

No Senado, a lei dos trez annos foi votada, a 7 d'agosto, por 244 votos contra 36.

Augmentava em cerca de 220.000 homens os effectivos do exercito francez, elevando a perto de 800.000 homens o total das forças em tempo de paz; punha a França ao abrigo d'um ataque brusco e permittia preparar um exercito homogeneo, bem instruido e bem exercitado.

A contrapôr ás palavras do general Maitrot, que faziam, antes de 1912, a comparação dos dois exercitos, o allemão e o francez, podemos citar as do general de Bülow constatando a realidade das coisas, já apoz a guerra, na sua conversação com o maire de Reims: «A vossa cavallaria é uma unidade com que se não conta, não sabe a sua profissão —(e na realidade como preparar um cavalleiro n'um anno?);—a vossa infantaria é boa, mas não aprendeu ainda a arte de se bater; nas guerras modernas não basta a coragem: é preciso vêr sem ser visto, e os vossos homens mostram-se sem terem visto. Quanto á vossa artilharia, nem d'ella lhe quero falar, odeio-a!»

Póde affirmar-se que estas apreciações, muito espalhadas na Allemanha, mesmo antes da guerra, não deixaram de ter pezo na resolução tomada pelo partido militar de se arrojar sobre a França antes d'esta ter preparado o poderoso instrumento que a lei dos trez annos tinha forjado.

A votação d'essa lei produziu na Allemanha violenta irritação. O addido militar, o coronel Serret, escrevia de Berlim a 15 de março de 1913: «O movimento patriotico que se manifestou em França causou, em certos meios, verdadeira cólera; de ha tempo a esta parte, encontram-se pessoas que declaram os projectos militares da França extraordinarios e injustificados. N'uma reunião mundana, um membro do Reichstag, que não é um energumeno, chegava a dizer: «E' uma provocação, não a permittiremos!» Os mais moderados, militares ou civis, dizem a toda a hora que a França, com os seus quarenta milhões d'almas, não tem o direito de rivalisar assim com a Allemanha. Em summa, estão furiosos. E' o despeito... No momento em que a força militar allemã está prestes a attingir essa superioridade definitiva que nos forçaria a soffrer, na occasião propria, a humilhação ou o esmagamento, eis que, de subito, a França recusa abdicar e que mostra, como dizia Renan, o seu poder eterno de renascimento e de resurreição!...»

E o addido militar, o sr. de Faramond, descreve tambem esse estado de espirito na Allemanha do seguinte modo: «Por occasião do ultimo juramento dos recrutas da guarda em Potsdam, impressionou-me o ouvir o imperador tomar para thema do seu discurso aos jovens soldados «o dever de ser mais corajoso e mais disciplinado na má fortuna do que na boa». E é porque uma primeira derrota allemã teria, para o imperio, um alcance incalculavel que se encontra, em todos os projectos militares elaborados pelo grande estado maior, o objectivo d'uma offensiva fulminante contra a França».

Egualado o numero, só restava aos allemães contar com a superioridade da sua organisação; era essa a opinião do velho principe Henckel

de Donnesmarck, ao referir-se, em 1914, a uma conversação que tivera em 1870 ácerca do valor comparado dos dois exercitos: «Tenho a convicção de que os francezes serão batidos pela seguinte razão: apesar das brilhantes qualidades que lhes reconheço e que admiro, os senhores não teem exactidão. Por exactidão, não quero referir-me ao facto de chegar á hora marcada a uma entrevista, mas sim á pontualidade em toda a extensão da palavra. O francez, que tem uma grande facilidade para o trabalho, não é tão pontual como o allemão no cumprimento dos seus deveres. Na proxima guerra, a nação victoriosa será aquella cujos servidores, do alto ao fundo da escala, forem pontuaes em cumprir o seu dever, por importante ou por infimo que esse dever seja». E o principe de Donnesmarck accrescentava: «A pontualidade, quando se tratou, ha quarenta annos, de mover um exercito de 500.000 homens, terá uma importancia ainda muito maior no decorrer da proxima guerra, em que se deverá pôr em acção forças muito mais numerosas». Sob esta fórma, o velho principe expressava a confiança que os allemães tinham na superioridade da sua organisação militar.

Os allemães iam saber, em breve, pelo modo como se fez em França a mobilisação e o reabastecimento, que os francezes haviam aprendido a acertar o seu relogio.

Não deixava de ser certo que, em conjuncto, a organisação allemã, impellida por um objectivo determinado e com uma resolução assente, apresentava um grande avanço sobre a organisação franceza.

Indiquemos um outro ponto que tinha tambem importancia. Apesar da visibilidade do uniforme francez ser deplorada havia muito tempo, em 1912 travaram-se longas discussões sobre assumpto tão importante, sem que se chegasse a resultado algum.

A França tinha razão de sobra para confiar na qualidade do canhão de 75. E' uma arma admiravel. Foi concebido em 1892, aperfeiçoado lentamente pelo coronel Deport e pelo commandante Sainte-Claire Deville. Patrocinado pelo general Langlois e pelo general Deloye, director da artilharia, o canhão de 75 foi, logo que os seus estudos concluiram, começado a construir com auctorisação do ministro da guerra, o general Billot, sendo Méline presidente do conselho. A França estava, então, n'um periodo d'ascendente, de prosperidade e de apaziguamento que lhe permittia encetar resolutamente tal construcção.

Tratava-se d'uma despeza de 300 milhões e era do mais elevado interesse nacional obtel-os sem despertar a attenção da Allemanha. O presidente do conselho de 1896, Méline, por uma iniciativa tão corajosa como patriotica, apoiado efficazmente pelo seu ministro das finanças, Cochery, entendeu-se com o presidente e o relator da commissão do orçamento. O presidente Félix Faure não hesitou em dar a sua assignatura, o mesmo fazendo todos os membros do gabinete.

Os trezentos milhões arranjaram-se sem que indiscreção alguma fôsse commettida e já o canhão estava na mão dos artilheiros quando foi conhecida a sua existencia.

O genio dos inventores do canhão de 75 foi na realidade precursor.

Esse canhão realisava o ideal da peça de campanha: ligeireza sufficiente (embora em tal ponto pudesse haver melhoria), rapidez de tiro (vinte ou vinte e cinco disparos por minuto) e, principalmente, poder regular-se perfeitamente o tiro, sem o minimo desvio. Graças ao freio hydropneumatico—isto é, ao ar comprimido—que, como alguem já disse, «fórma a belleza secreta d'esse canhão», o recuo não existe.

«Disparado o projectil, a força geradora do recuo cessa d'actuar; a peça continua a recuar, em virtude da velocidade adquirida, mas o ar comprimido reage para impellir o canhão para a frente, e, como esse ar possue uma suppressão inicial sufficiente para lhe permittir que triumphe dos attrictos, a collocação no logar primitivo fica assegurada. Dois segundos depois de disparar, o ca-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1659 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 19 de Março de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

NO EXERCITO

A reintegração dos militares conspiradores nas fileiras do exercito, em que tanto se tem falado nos ultimos dias, não é questão para ser decidida do animo leve.

E' facil despertar o sentimentalismo nacional, que não persevera em colericas impressões do momento, estando pelo contrario sempre disposto a esquecer ou attenuar essas primeiras impressões recebidas. Mas ha circumstancias que não é tão facil eliminar ou transformar, e que por isso mesmo levantam muitas vezes impedimentos que se devem julgar insuperaveis a determinados propositos.

Ao da reintegração dos militares comprommettidos nas tentativas subversivas dos monarchicos pertence ao numero dos que as circumstancias de fórma alguma propiciam.

Com effeito, semelhante medida só poderia accrescentar mais um motivo de desunião no exercito, onde as divergencias se vão multiplicando de maneira a justificarem já serios temores.

No exercito ha elementos que amam fervorosamente a Republica, mas ha tambem—para que negal-o?—outros que não escondem as suas sympathias pela monarchia. Ha os que, no movimento que deu origem ao actual governo, entregaram as suas espadas, por um chamado sentimento de solidariedade militar, e outros que o não fizeram, porque entenderam que isso podia ser nocivo aos seus deveres de lealdade republicana.

Ha os que applaudem a nova organisação do exercito e os que propugnam pela antiga. Ha os officiaes que foram ouvir o sr. Pimenta de Castro e os que não foram ouvil-o. Ha os sargentos que se esforçam pela realisação de uma manifestação da sua classe ao actual governo e os que repellem terminantemente essa iniciativa. Ha os militares que querem que Portugal tenha participação na guerra europeia e os que entendem que a não deve ter. A tantas dissensões iremos ainda ajuntar mais outra, e porventura a mais grave porque por sua natureza é a que se presta a mais choques?

E' preciso não esquecer que esses militares, cuja reintegração no exercito se projecta, foram, e não podiam deixar de o ser, julgados por militares. Presidiram aos conselhos de guerra onde as suas responsabilidades foram tomadas generaes, coroneis, officiaes superiores do exercito, que julgaram camaradas e inferiores. Dos juris d'esses conselhos de guerra, sem cessar renovados, fizeram parte officiaes de varias patentes. Como é que amanhã nas fileiras do exercito hão de encontrar-se os que julgaram e foram julgados, n'umas com os antigos reus commandando os seus juizes, n'outras collocados sob as ordens d'estes, n'outras ainda em plena egualdade hierarchica, mas impedidos, pelas circumstancias, de manterem essa confraternidade que no exercito é uma das garantias dos solidos laços que devem unir a familia militar?

Pensem, emquanto é tempo, os que n'isto devem pensar. O exercito tem de ser a base solida não só dos regimens, como das sociedades. Continuar a dividil-o, como se está fazendo, é correr o risco de o converter, de uma salvaguarda, n'um perigo.

dentro de pouco, é justo que as divergencias se accentuem, para que cada qual, n'esse lance propicio de fraternidade, faça com a maior devoção o sacrificio dos seus idolos.

**

Os bons pensamentos nascem difficilmente, custando-lhes immenso a abrir carreira, atravez o silvado das ideias falsas, tontas, ronceiras e velhas. Todavia, o futuro pertence-lhes, como aos astros as estradas do céo. Por mais que queiram limitar-lhes o seu campo de acção, elles rompem todas as peias. Para conter-lhes os impetos, os tirannos inventam forças, que espantam os timidos e os covardes. Estes escondem-se no silencio da propria inutilidade. Pois, apesar de semelhante espectaculo de abjecção, ha sempre uma cabeça que se levanta serena e liberta. Perante ella, a dignidade humana recobra os seus direitos, percebendo-se que o mundo gira em torno da razão como a attenção dos nautas em roda da estrella polar.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

Poeira da Arcada

O crime tem para o criminoso uma attracção irresistivel—tão irresistivel que, nas acções e reacções do seu caracter, elle não encontra outra porta para a vida senão a que lhe abrem os maus instinctos. Apparentemente, parece encerrar-se n'um systema de conducta que o deve levar ao paraiso mediocre dos que praticam as virtudes banaes e correntes. A sua verdadeira indole conserva-se dispersa, velando dia e noite à espera do instante em que se exercerá gostosamente, fatalmente no sentido das suggestões morbidas e maleficas. Regenerar um criminoso é mais difficil que amaciar uma fera. As prisões e penitenciarias conseguem, pois, este absurdo—crear uma especie de recolhimento para o crime, como o claustro o era para os desilludidos do mundo.

**

Manuelistas e miguelistas, em bons termos, tomam o peso às suas esperanças. Uns e outros discutem as vantagens nacionaes das monarchias que sonham. Fica-se sabendo que a d. D. Manuel exclue a de D. Miguel. O throno do primeiro será a ruina das aspirações do segundo e vice-versa. Como a união da familia portugueza se ha de vir a fazer

O clero secular tem os olhos abertos?

O clero secular, no tempo das ordens e congregações religiosas, sempre teve uma parte d'elle hostil às congregações. Essa hostilidade vesse nas mãos, soffria uma forte concorrencia por banda de frades e congreganistas que invadiam as suas attribuições, não escrupulisando nos processos para captar sympathias e satisfazer interesses.

As capellas tratavam de desviar das parochias os fieis e para isso semeava-se o descredito dos sacerdotes que não viviam nas graças dos conventos e punha-se em duvida a efficacia da sua acção pastoral e até o valor dos sacramentos por elles ministrados.

Alguns congreganistas excederam-se de maneira a impressionar desagradavelmente catholicos militantes. Podiamos referir casos espantosos que andam na bocca de muita gente e que varios parochos supportavam com uma resignação ultra-evangelica.

Extinctas as ordens e congregações religiosas, parece que o clero secular devia ter ficado liberto d'essa concorrencia desleal que não só o prejudicava quanto ao bom nome como tambem quanto aos lucros materiaes. Essa libertação, porém, não foi completa. Ainda por ahi ficaram padres e congreganistas que fazem o que podem para desviar os fieis das egrejas parochiaes, atropellando quer as leis ecclesiasticas quer ainda—o que para nós é o principal—as proprias leis civis.

Semelhante facto, que não pode passar despercebido, aggravar-se-ha d'um dia para o outro com a entrada em scena de novos elementos fradescos, que tudo leva a crer que se dispõem a regressar a Portugal.

O clero secular portuguez estará disposto a deixar-se, de novo, supplantar pelo congreganismo? Se tal succedesse, os seus prejuizos seriam hoje maiores do que nunca. Sabido que são manifestas as inclinações episcopaes para a congregação, facil se torna perceber quem levaria a melhor na disputa inevitavel, sobretudo agora em que os bispos são exclusivamente escolhidos com o «placet» fradesco...

Se aos que teem o dever de velar pelo cumprimento da lei compete estar alerta para impedir o regresso dos congreganistas, embora disfarçadamente, ao clero secular não interessa menos impedil-o, por defeza propria. Veremos se sabe e consegue fazel-o...

A vida em Berlim

Maestricht, 16 de março

Um viajante aqui chegado depois de ter visitado Berlim, diz que verificára a existencia de uma forte depressão moral em toda a cidade. Logo que chegou ao hotel deram-lhe um vale de pão, recommendando-lhe cuidadosamente que o não perdesse.

Durante o dia apresenta a capital allemã um aspecto tristonho, amortecido; já se não veem automoveis pelas ruas, agora quasi desertas. Em compensação, vêem-se muitos feridos, arrastando-se difficilmente, côxos uns, cegos outros, mas todos estampando no rosto um profundo desalento. São inumeras as mulheres que trajam de luto, mostrando nos rostos a dôr que lhes devora a alma; por toda a parte o soffrimento e a tristeza.

Desapparecerem por completo as manifestações patrioticas que alegravam os primeiros dias de guerra; os entusiasmos das multidões que, então, liam os boletins e as noticias em frente do palacio imperial, succedeu, agora, uma pesada melancholia.

A' noite, porém, tudo muda como por encanto; os cafés enchem-se de exaltados embriagados que cantam em altas vozes. A' meia noite, a hora de fechar, homens e mulheres, de braço dado, vão para os restaurantes nocturnos onde se divertem até amanhecer.

Tragico contraste este, a Berlim nocturna e a Berlim diurna.

Na Universidade de Lisboa

Os alumnos não compareceram ao exame de frequencia

Os alumnos da Faculdade de Direito de Lisboa, reunidos hoje em assembléa geral a fim de assentarem na melhor maneira de se obter a remodelação da actual reforma, resolveram, por unanimidade, solidarisar-se com os seus collegas de Coimbra não comparecendo aos exercicios de frequencia.

FANTOCHES DE PAPELÃO

NO FUTURO CONGRESSO

Reproduzir-se-ha a barafunda do anterior, se forem por deante certos planos eleitoraes

Scena I

Vesperas de eleições. O palco do meu *guignol* ergue-se-modestamente à porta do Ministerio do Interior.

Entram candidatos apressados que veem saber noticias. *D. Roberto*, de monoculo encravado no olho esquerdo, fixa-os de soslaio, ri-se para o seu publico irrequieto e toma a palavra, para dizer coisas sem pés nem cabeça. Faz-se um relativo silencio. Para junto da arcaria um automovel de praça. E' um chefe politico que se apeia.

—Vens à procura de novas?—diz-lhe o polichinelo trocista. São bôas, venerável. Serás tu, no futuro Congresso, o homem de maior preponderancia.

O eminente politico faz de conta que não ouve. Sobe apressado as escadas do ministerio, sem olhar para traz. Entretanto, cá em baixo, *D. Roberto* continúa, na sua voz roufenha, a atirar para quem o escuta o chuveiro das suas ironias.

—E andam todos a guerrear-se, a perseguir-se, a desacreditar-se, para isto! Mal empregado tempo! Que estava nas futuras camaras o remedio para a situação politica, que com a composição de novo congresso tudo se modificaria. Estás a vêr!

—Ora, meu amigo, não penso n'isso! No proximo Congresso, a influencia dos grupos e dos partidos será tal que nenhum d'elles poderá governar sem auxilio dos outros. Affirmo-lh'o!

—Sabe-se lá o que acontecerá!

—Sei-o eu! Os evolucionistas terão o maior numero. Depois, seguir-se-hão os «pimentistas», com o rotulo de independentes. Os democraticos ficarão, decerto, em ultimo logar. E' o que me dizem as minhas prophecias.

—Calculos de *D. Roberto*! Quem cahe na tolice de acreditar n'elles?!

Polichinello, amigo exaspera-se, atira com a moca homicida ao espectador que o interrompe e desapparece. O publico fica a meditar no que ouviu. Effectivamente, bem pode ser assim, tão intima está sendo a ligação entre o governo e aquelles que o apoiam sem restricções. E futuro? A Deus pertence, como diria o sr. Pimenta de Castro se lho dirigissem semelhante pergunta...

Scena II

O «guignol» transfere-se para defronte do ministerio da justiça. Na escadaria ha operarios que limpam as paredes e dão áquillo tudo um certo ar de limpeza que não lhe fica nada mal. E' numerosa a gente que sae e entra. Cavalheiros novos, quasi todos. Bacharéis incipientes em busca de emprego. Alguns «Cadetes da Galiza», que vão cumprimentar o sr. Guilherme Moreira. Fala-se da egreja espanhola. *D. Roberto* deita a cabecinha fóra da bibalta mal-illuminada.

—Hão de consentil-a, a bom ou a mal—diz elle. E' uma questão de dias. Os estatutos estão sendo cuidadosamente revistos.

—Em hespanhol?

—Qual! Estão redigidos em portuguez corrente, como manda a lei. Garanto-lh'o.

—E a lei da separação?

—Ora, meu amigo, a lei da separação! Coitas sédiça, que este governo fará passar á historia. Se o templo hespanhol couber dentro d'essa lei, bem está. Se não couber, instituir-se-ha mesmo fóra d'ella! E' o que se diz.

—Mas o culto, em Portugal, não póde ser mandado senão por collectividades genuinamente portuguezas.

—Sim?—replica *D. Roberto*, em tom escarninho. E quem lhe diz que não terá esse caracter a collectividade que se formar para organisar em Lisboa o culto privativo dos hespanhoes? E' um absurdo? Será. Mas repare que, em politica, os absurdos são o pão nosso de cada dia.

—Trata-se então do encontrar o meio de illudir a lei?

—Banalidades, meu caro! E se fosse assim? So viessem a pôr à frente da egreja hespanhola, não um padre hespanhol, mas um padre portuguez?

—Pensionista?

—Pensionista ou não. Ha-os para tudo.

—E pensa-se n'isso?

—Juro-lhe que sim. Mais ainda: creio bem que não se construirá nenhum templo novo, por a lei não o permittir. Registe esta affirmação. E, por hoje, bons tarde.

D. Roberto torna a sumir-se no alçapão d'onde irrompera momentos antes. Por minha parto, so vel-o fugir, limito-me a acreditalo. Porque não ha-de, afinal, os fantoches n'este paiz falar, pelo menos, tão verdade como os politicos?

Scena III

Chove a potes. A barraca *guignolesca* não póde, por esse motivo, mudar de poiso. Os velhos trapos que a revestem cahiram a bocados, e um *guignol* sem bambolinas de chita é um esquifo antipathico e repelente... *D. Roberto* aparece ainda mais uma vez. Agora, enverga uma sotaina escura e traz na cabeça um barretto de clerigo, com uma grande borla felpuda ao centro. Ha quem pretenda vêr no boneco inoffensivo a caricatura do certo sacerdote que toda Lisboa conhece. Discordo. Puxo-lhe pela lingua. Digo-lhe que fale...

—Mas estou radiante de contente! O que quer que lhe diga? Que esto é o melhor dos governos? Está claro que é. Cá para a gente, sobretudo! Fazemos tudo quanto queremos. Já nos deu o Senhor dos Passos milagroso e vae dar-nos o resto. Que pena o sr. Guilherme Moreira não ter vindo para a politica ha mais tempo!

—Já sei. Vão ser os registos parochiaes...

—E' claro. Pertencem-nos. São nossos. Quem os organisou senão os parochos? Quem devo n'esse caso usufruil-os? Depois, somos nós, afinal, os unicos que os entendemos...

D. Roberto deixa aflorar-lhe aos labios de trapo um riso trocista. Dentro da barraca, ha balburdia, sarrafusca, desordem, insubmissão. Vem de lá uma algazarra de ensurdecer; na ribalta apparecem em fila todos os bonecos que formam a companhia. São mais clerigos impando de contentes *D. Roberto* acolhe-os de má catadura. A hora ainda não é para grandes alegrias. A portaria mandando restituir os registos parochiaes aos parochos só será publicada amanhã.

E a communidade toda, convencida por estas razões de peso, lança ao publico a sua benção, faz o signal da cruz e recolhe a bastidores. A vida, afinal, está para estes bonecos, vestidos de clerigo, que veem para a Arcada fazer a guarda d'honra ao sr. Guilherme Moreira.

Scena IV

Assumpto: rivalidades politicas. Evolucionistas e unionistas disputam entre si as mais succolentas postas que vão ficando por devorar na opulenta travessa do orçamento. Os partidarios do sr. Camacho e os do sr. Antonio José d'Almeida andam n'uma roda-viva. *D. Roberto* assiste às suas lutas, reunidas é commenta-as.

—Quem vence?—pergunta-lhe. Mou caro, não é difficil responder-lhe. Uns andam à cata de coisas theoricas. Só pensam em votos, eleições, triumphos retumbantes perante as urnas. Outros, vivem mais rente à terra, integrados na vida pratica, procurando reduzir a metal sonante todo o esforço que a politica lhes leva. Não serão estes, decerto, os derrotados. Olhe o que está a passar-se com o governo de S. Thomé.

—E' interessante?

—Se é! D'um lado está o evolucionismo, lutando com desespero pela candidatura do sr. Paulo Cid. E' o proprio sr. Antonio José d'Almeida quem dirige as hostes aguerridas. Do outro, estão os partidarios da União, impondo com furia o sr. Carlos Pereira. A contenda vae excepcionalmente viva e até o sr. Silva Gouveia, imperador reconhecido da Guiné, chegou já ás do cabo.

—E vencerá?

—O sr. Carlos Pereira. E' dos livros. Não tenha duvida. Vencerá, porque n'esta caça ao vencido chorado são os gorgos que os União quem vence. Verdade seja que se fala no sr. Camillo Rodrigues para um logar de destaque. Será excepção, se for nomeado. E a excepção dizem que confirma sempre a regra.

Acabou o espectaculo. O *guignol* fecha depois de *D. Roberto* correr á pauta os bonecos seus parceiros que vieram cortar-lhe o fio à conversa. A'manhã, continuar-se-ha.

A. M.

A Italia na espectativa

Os preparativos militares—Manobras allemãs—Uma lei de segurança geral

Roma, 15 de março

Continúa febrilmente por toda a Italia a preparação militar; varios indicios que o governo se obstina em occultar mostram claramente o estado de espirito que domina a peninsula.

Depois de ter determinado a immediata mobilisação de todos os officiaes da reserva, o parlamento concordou com o ministro da guerra em chamar as quatro classes de sargentos de 1885 a 1888 sob o pretexto de um periodo de exercicios de sessenta dias.

Agora são os professores da Faculdade de Lettras da Universidade de Messina que resolveram pôr-se à disposição do ministro da guerra no caso de mobilisação, o que o sr. Zuppelli agradeceu telegraphicamente, dizendo-lhes ao mesmo tempo que opportunamente serão chamados pelo commando do estado maior.

Um soldado a quem n'um ministerio perguntaram se pelo seu quartel havia alguma novidade respondeu que havia sido dada ordem para afiarem immediatamente as baionetas.

No principio do anno fizera o governo grandes encommendas de sôro ao Instituto Pastour de Paris; parece, porém, que não as considera sufficientes, porque os Institutos sanitarios de Roma, Turim e Sienne estão agora produzindo afanosamente vaccina antiphica para o exercito. Com a maxima brevidade possivel começará a fabricação das vaccinas anti-tetanica e anticholerica que as auctoridades militares exigem esteja concluida ainda antes do fim do mez corrente.

**

Em seguida à descoberta feita em Veneza de noventa barricas cheias de espingardas para os rebeldes da Lybia, as auctoridades ordenaram que fossem detidos todos os volumes de procedencia allemã com aquelle destino, até serem examinados. O mesmo se fará com as mercadorias austriacas.

A opinião publica italiana está vivamente indignada contra a deslealdade allemã.

Numerosas investigações teem provado que os allemães se esforçam em provocar dissentimentos entre a França e a Italia. Sabe-se que effectivamente varios agentes allemães tentam fazer com que os garibaldinos que regressaram à Italia falem em desabono da França, para assim provocarem uma reciproca má vontade entre os dois paizes. Como porém a manobra foi desmascarada tem poucas probabilidades de exito. Bastam as declarações de Peppino Garibaldi para pôr a claro os sentimentos o o procedimento do governo francez para com os garibaldinos, dos quaes muitos estão incluidos no numero dos que teem de responder à ultima chamada das classes feita pelo governo italiano.

**

Causou grande impressão a lei votada pelo parlamento dando ao governo plenos poderes para garantir a segurança da nação. A lei vae ser immediatamente applicada, permittindo ao ministro vigiar e reprimir certos manejos identicos aos produzidos antes do começo da guerra.

Em virtude d'esta lei poder-se-ha impedir a acção de certos agentes de perturbação e d'espionagem, cujos actos por todos connecidos e que no entantoaté agora teem vivido socegadamente ao abrigo das leis, podendo também o governo impedir que se propaguem boatos tendenciosos com o fim de inquietar e illudir a opinião publica.

O que se escreve e o que se lê

O Varre-canêlhas

por Joaquim Leitão

Nas horas vagas da labuta jornalistica, Joaquim Leitão, cujo trabalho de reportagem politica já constituem uma serie de interessantes volumes, que o historiador ha de compulsar com proveito, embarga da paixão que porventura os anime, prosegue cultivando com exito o romance e acaba de publicar o *Varre-canêlhas*, novella transmontana, a que se seguirá *O cego das romarias*, estudo sobre o messianismo nacional.

O Varre-canêlhas—como quem dissesse o bacamarte—é um layor cheio de originalidade, modelo de observação penetrante, cuja leitura empolga desde as primeiras paginas, e em que Joaquim Leitão timbra em ser pessoal, vendo com os seus proprios olhos, vibrando com os seus proprios nervos, escrevendo com o seu estilo agil e sóbrio esmaltado de solecismos, de expressões regionaes, que mais rigorosamente accentuam o valor e a intenção da obra. O caracter inconfundivel do povo transmontano, as grandiosas paizagens d'aquella provincia, onde a raça conserva as suas qualidades essenciaes e os costumes tipicos ainda não desappareceram totalmente sob a razoira do progresso, levaram-no à elaboração da encantadora novella, cujo scenario deparou na penna do escriptor, como na paleta de um colorista eximio, tintas de uma frescura e de uma justeza incomparaveis.

Os descriptivos do *Varre-canêlhas* são, com effeito, primorosos, as figuras que intervéem na acção apresentá-nol-as o auctor com egual mestria, traçando-nos alguns sobrebos retratos psychologicos. Nenhum dos multiplos aspectos transmontanos que se propôz analisar, sob a fórma novellistica, ameno e seductora, lhe escapou, e o drama rural sentiu-o em toda a sua confrangedora angustia, no mesmo tempo que ergueu um hymno á nossa terra e ao nosso povo.

O Varre-canêlhas é livro para se lêr e para se guardar. A magnifica edição foi enriquecida com profusão de excellentes photogravuras, em que se reproduzem scenas da vida de Traz-os-Montes, vistas de localidades, edificios e tipos muito curiosos, e encerra ainda um bom numero de desenhos dignos da obra, a que provemos um authentico exito de livraria.

O Fado

por Bento Mantua

N'uma linda edição illustrada e tendo na capa uma aguarella deliciosa de Alberto Sousa, acaba de ser posta à venda pelas livrarias Aillaud & Bertrand a peça de Bento Mantua *O Fado* que ha dias se representou com merecidissimo successo no theatro de S. Carlos. A leitura do trabalho do auctor illustre do *Alcool* e da *Má sina* apenas confirma a impressão que elle deixou ao ser admiravelmente interpretado por alguns dos artistas da companhia do Republica.

Bento Mantua é um dramaturgo de talento e um escriptor essencialmente portuguez. Lemos as criticas feitas ao seu novo lavor theatral e notámos que n'uma de um critico entendeu que o thema eleito pelo auctor é d'aquelles que nunca se deviam versar no theatro, pela baixeza do meio e pela miseria moral das personagens. Discordamos de semelhante modo de ver. Os que se incommodam com a exhibição d'um interior da Mouraria, com a sua concurrada e o cigarro, o trejeito das Micas e as exigencias revoltantes do Manecas, são d'uma indulgencia singular quando o vicio se ostenta em salões e se acanta em alcovas de luxo, quando as Micas vivem na sociedade, usam vestidos de cauda e com decote e fumam cigarros de ponta dourada e quando os Manecas vestem casaca e apertam gravata de preto de vernis.

Bento Mantua, de resto, não faz directa ou indirectamente—ocioso será dizel-o—a apologia do alcouce e dos que respiram e se movem no seu ambiente mephitico. Os seus intuitos são de lidimo e necessario caracter moralisador, como se deprehende dos termos de o Fado, em que Micas e os Manecas, em que os doestos e os mais vivazes apodos são repellentes e os seus tregeitos se traduzem nos seus attentos. Arrancando á vida real, com mão de mestre, aquelle pedaço de drama e pondo-o diante dos nossos olhos em toda a sua hediondez, muitas vezes sem um commentario, aliás dispensavel, o auctor d'*O Fado* consegue commover e levar de vencida o asco pela piedade. Por um processo que não é novo apregoou a pequena obra de Bento Mantua e é dos menos valiosos—convem frisal-o—o que nol-a recommenda pelo merito documentario que a assignala,—tão flagrante de verdade se nos offerecem as scenas, as pessoas e a linguagem por estas falada.

A LUCTA NAS TRINCHEIRAS

NA GUERRA MODERNA

Renascem as catapultas, as béstas, as fundas e os morteiros

Os combatentes d'esta tremenda lucta de gigantes a que estamos assistindo vae para oito mezes encontram-se já hoje certamente familiarisados com os mais modernos processos de combate, e no pobre espectador d'essa immensa tragedia são já familiares as armas mais inesperadas de que a technica contemporanea dotou os exercitos. Os aeroplanos, armados de metralhadoras e bombas explosivas, cruzam a atmosphera acima das linhas de batalha ou das cidades adversas, os submarinos, perfidamente occultos no seio das ondas, espreitam a presa dos *dreanoughts* atravez de minusculos periscopios; de guela hiante, ameaçadora, formidaveis canhões arrazam fortalezas, destroem povoações, semeiam em toda a parte a desolação e a morte. Apparecem as espingardas automaticas e as espingardas metralhadoras, os torpedos aereos, os explosivos secretos dez vezes mais poderosos dos que até agora se conheciam. Dir-se-hia que estamos assistindo à realisação de um d'esses phantasticos romances de aventura que fizeram as delicias da nossa adolescencia.

E, comtudo, ninguem se surprehende. Tudo isso era já mais ou menos previsto perante o extraordinario impulso que nos ultimos trinta annos teem obtido a technica e as industrias. O que espanta e tem o aspecto inesperado e pittoresco de uma grande surpreza é vermos, a par do canhão de 42 cm. e da telegraphia sem fios, resurgir todo o ingenuo machinismo de guerra que ha muitos annos, ha seculos mesmo, dormia tranquillamente no canto dos muzeus. Os combatentes de 1914-1915 tiveram que submetter-se a todas as necessidades de uma campanha até agora unica no genero. A lucta de trincheiras obrigou-os a improvisar processos novos, que afinal se reconhece terem servido nas guerras de ha vinte seculos, quando não remontam a trez mil annos de antiguidade.

Assim, sobretudo na Argonne e nas florestas da Lorena, onde as trincheiras de abrigo allemãs e francezas não distam muitas vezes mais de 15 ou 18 metros, vamos encontrar em actividade a catapulta, de que ha quinze seculos os romanos se serviam para arremeçar balas de pedra contra os acampamentos inimigos. Com a unica differença de que as catapultas francezas de 1915 são mais primitivas ainda que as romanas e lançam bombas explosivas em vez de pedras macissas.

N'outro tempo, com effeito, os projecteis d'essas machinas possuiam velocidades iniciaes que variavam entre 60 a 65 metros por segundo, e o alcance maximo attingia 375 metros. Archimedes construiu para o seu grande navio «Cidade de Syracusa» engenhos que atiravam a 185 metros massas de pedra de 80 kilos de peso.

As catapultas actuaes são mais modestas: o seu alcance não vae além de 60 metros, o que, para o caso, é mais que sufficiente. Pois esta especie de machinas, segundo o testemunho biblico, serviam já para a defeza de Jerusalem 8 seculos antes de Christo, o que lhes dá a bonita edade de 2.700 annos!

A bésta é tambem uma arma que tem na lucta de trincheiras um uso quotidiano. Facil de improvisar, a engenhosidade dos soldados francezes tem encontrado n'ella um magnifico recurso sempre que teem que presentear o inimigo proximo com algumas bombas ligeiras lançadas com relativa precisão.

A funda, manejada por mãos habeis, tem egualmente o seu papel. Sabe-se com que magnifica certeza se servem os pastores da arma com que David prostrou o gigante Golias, e faz-se idéa da sua efficacia quando soubermos que, em vez de pedras, ella serve actualmente para atirar pequenas granadas.

O dardo, empregado pelos aeroplanos, é uma arma simplesmente terrivel e produz ferimentos quasi sempre mortaes. Lançam-n'os de bordo dos aviões, aos molhos, sempre que estes passam sobre tropas inimigas. E', litteralmente, uma chuva de ferro.

Mas não são apenas estes os processos rudimentares de que, na guerra europeia, se tem com exito lançado mão. O meio mais pratico que os francezes encontraram para despejar metralha nas trincheiras proximas foi ainda o morteiro francez da epocha de Carlos X, de que em França existiam ainda centenas de modelos.

Os allemães, no mesmo genero de luctas, empregam machinas tambem primitivas, com a unica differença de que as mandaram proposiladamente construir nas officinas Krupp. São os chamados «minenwerfen», (á lettra: lançadores de minas), pequenos canhões de alma lisa e carregamento pela bocca, cujo alcance não vae além de 500 metros, e a que os francezes chamam, em allusão ao seu estampido, «gros bavard».

Para terminar esta curiosa lista de processos antigos applicados à guerra moderna, lembraremos ainda que as mulheres de Liége se defenderam heroicamente das primeiras investidas allemãs despejando agua a ferver sobre os soldados, tal qual os sarracenos da Edade Média na defeza das suas muralhas contra o assalto dos christãos.

UM DOCUMENTO VALIOSO

Affirmações DO SR. General Pereira d'Eça

sobre os trabalhos para a intervenção de Portugal na guerra

O pedido official do governo inglez

O sr. general Pereira d'Eça, ministro da guerra do gabinete Bernardino Machado, escreveu um relatorio sobre os trabalhos do seu ministerio que tencionava apresentar ao Congresso. Não poude fazel-o por o gabinete abandonar as cadeiras do poder poucos dias depois da abertura do Parlamento. Publicamos em seguida parte do relatorio que diz respeito aos preparativos effectuados para a intervenção de Portugal na guerra europeia. Muitas falsidades se escreveram sobre tal assumpto, desvirtuando-se a orientação seguida por aquelle gabinete, como se elle não procedesse inteiramente de accordo com a nação nossa alliada. As palavras do sr. general Pereira d'Eça, militar brioso e amante da sua patria como os que mais o são, recordam-nos que a verdade acaba sempre por se impôr, seja qual fôr a mascara com que se pretenda escondel-a.

São estas as considerações que o ministro da guerra do gabinete Bernardino Machado tencionava expôr aos representantes da nação:

A questão capital que se impoz ao governo pela pasta da guerra foi a conflagração europeia.

A' Republica Portugueza cumpria manifestar-se com um grande cunho de dignidade nacional, por isso que só com uma verdadeira dignidade nacional é que um paiz se póde impôr á consideração das outras potencias; os compromissos internacionaes derivados da alliança ingleza não permittiam uma declaração de neutralidade, desde que a nossa alliada intervinha na lucta; havia que manter esses compromissos de honra; e sobretudo havia os proprios interesses do paiz a fazer respeitar.

A situação de Portugal estava desenhada nos seus traços geraes, não estava definida nos detalhes de execução.

Ponderada a situação, julgou-se necessario tomar as medidas convenientes para que a defeza maritima, ainda que bastante fraca, pela falta de material de guerra, pudesse, com honra, fazer respeitar o nosso porto de Lisboa; e foi ordenado ao serviço do estado maior para que, tomando em conta os nossos recursos materiaes, fizesse um estudo de preparação de mobilisação.

Repito, a situação do nosso paiz estava nitidamente posta nos seus traços geraes: «ao lado dos nossos alliados haviamos de prestar-lhes todo o auxilio; não mantinhamos, de modo algum, uma neutralidade, que nem se podia, nem devia manter n'esta conjunctura.

Como se procederia na execução? Só pela maneira como as circumstancias o fossem indicando é que se tomaria a resolução, «dentro do preceito geral estabelecido», do qual o governo se não afastou nunca.

Quando se trata de questão militar vem logo a questão financeira, e esta tanto mais se impõe, quanto mais precario fôr o estado em que se encontra o exercito, no que se refere a material de guerra.

Assim ordenou-se que cessassem as escolas de repetição e que a verba, que ainda havia, fosse empregada em despezas para a guerra; pediu-se um credito de 1.000.000$; deu-se ordem ao Arsenal do Exercito para activar o fabrico do material de guerra; determinou-se-lhe que aproveitasse a industria particular; que admittisse todo o pessoal adventicio que fosse necessario; que se augmentasse o numero de horas de trabalho; ordenou-se ao Deposito de Material Sanitario que adquirisse o material d'aquella especialidade que fosse indispensavel adquirir; ao Deposito de Fardamentos deu-se ordem para confeccionar

os artigos de fardamento; a Manutenção Militar foi determinado o estudo da ração de reserva e sua acquisição.

Vendo-se a grande necessidade que havia de acquisição de tudo quanto era necessario, pediu-se um outro credito de 1.750.000$.

A questão estava n'este pé: a acção militar da Republica Portugueza na guerra estava insufficientemente definida, mas tudo levava a suppôr a necessidade da intervenção armada; a Republica Portugueza não offerecia as suas tropas á sua alliada, mas enviar-as-hia logo que isso lhe fosse solicitado», embora não hesitasse em fornecer quesquer recursos materiaes que, se bem com sacrificio, entendesse que devia fornecer.

Cumpre accentuar que não é fornecendo o seu material de guerra, desarmando-se completamente, que o paiz se póde apresentar com a dignidade necessaria para valorisar o seu esforço junto dos seus alliados e para se valorisar a si, valorisando o seu exercito.

A organisação do exercito republicano está n'um estado de transição?

Impõe-se, pois, o dever de fazer um sacrificio, e cooperar com a Inglaterra, custe o que custar».

O estado maior do exercito, no seu trabalho de mobilisação, que approvei, organisou duas divisões, e quatro destacamentos mixtos que poderiam operar independentes, ou constituir uma outra divisão, organisada d'um modo especial.

Quando estavam quasi terminados os estudos para a mobilisação impoz-se ao governo a necessidade de enviar para as colonias dois fortes destacamentos com uma organisação adequada; d'ahi uma perturbação nos trabalhos da mobilisação, trabalhos muito complexos, em que ha a attender a mil detalhes.

Depois da partida das duas expedições para as colonias, chegou o pedido official do governo inglez para a intervenção armada de Portugal na guerra europeia, ao lado dos seus alliados, ponderando-se a vantagem da ida a Londres d'uma missão militar portugueza, para se entender com o estado maior inglez na maneira de se fazer a cooperação d'uma divisão portugueza com as tropas inglezas.

O governo tratou immediatamente de elaborar pelo ministerio da guerra as bases de convenção militar; foi constituida a missão pelos officiaes do serviço do estado maior, os srs. capitães Arthur Ivens Ferraz, Fernando Freiria e Eduardo Azambuja Martins, officiaes estes que estavam já indicados para fazerem parte do quartel general da divisão expedicionaria.

A missão portugueza foi portadora do projecto das bases de convenção e de todos os esclarecimentos para poder tratar com o estado maior inglez.

O pedido de Inglaterra, que se limitava a um adivisão forte, impoz a necessidade de se corrigirem os trabalhos de mobilisação já feitos, a fim de se organisar a divisão de modo a poder corresponder ao que d'ella se exige.

Não posso deixar de me referir á impressão grata que recebeu o governo ao ver que a nossa alliada pedia para, com ella, cooperarmos na guerra, representando o paiz por uma «forte unidade de batalha», porque esse pedido deixava ver a confiança que a nossa alliada depositava no interesse que o governo tinha em mostrar ao mundo que o paiz estava prompto a todos os sacrificios, para combater ao lado das tropas alliadas, pela liberdade, pela justiça, pelo bem.

Portugal não só prestava o auxilio de recursos materiaes; concorria com uma unidade de batalha para o exito final d'esta guerra, em favor d'aquelles que combatem pela grande causa dos alliados, que é a causa, tambem, que a nós, poruguezes, compete defender.

A missão militar portugueza foi distinctamente recebida em Inglaterra.

A nossa alliada deu-nos, pelo ministro da guerra, o prestigioso general lord Kitchner, as provas do maior affecto, mostrando o alto valor em que tinha a cooperação do exercito portuguez, este exercito que sempre se tem batido com bravura nos campos de batalha, e que certamente, mais uma vez, ao lado das tropas inglezas, mostrar quanto valem os nossos soldados.

A missão desempenhou o seu serviço com zelo, um interesse, uma honestidade e uma diplomacia que, se constituem um motivo de louvor para os officiaes que a compunham, representa ao mesmo tempo uma honra para a Republica Portugueza.

* *

Mais uma contrariedade vinha perturbar o governo na occasião em que as suas attenções convergiam para a cooperação militar na guerra; essa contrariedade foi o movimento de 20 de outubro contra as instituições.

E certo que em nada abalou o prestigio da Republica Portugueza, mas foi uma perturbação que obrigou a desviar as attenções para as medidas a tomar contra os perturbadores da ordem publica.

* *

O governo, pelas informações que ia tendo das operações militares no theatro da guerra, já havia comprehendido que a guerra affectava um caracter muito especial, que estava longe de ser a guerra de movimento, caracterisada pela manobra.

Assim, a organisação da divisão auxiliar não podia ter a organisação normal, principalmente na questão complexa dos serviços de reabastecimento, e, assim, em vista das indicações enviadas pela missão militar em Londres, iam-se fazendo as modificações indispensaveis no trabalho de mobilisação.

Quando se estava n'esta ordem de trabalhos, apparece nova necessidade de enviar um outro destacamento forte para a provincia de Angola; d'ahi novas alterações a fazer nos trabalhos de mobilisação, mais demora na epoca destinada á partida da divisão auxiliar.

No dia 24 do corrente regressava a Lisboa a missão militar, e, logo na primeira conferencia que tive com os officiaes, reconheci a necessidade de se modificar a organisação da divisão auxiliar, a fim de que, na parte relativa aos serviços, fosse organisada de modo analogo ao das divisões inglezas.

Dada a feição especial da guerra europeia, a organisação dos serviços de reabastecimento é completamente differente da nossa organisação regulamentar.

* *

O governo organisou trez destacamentos para o ultramar e tem preparado e está preparando a organisação da divisão auxiliar.

A nossa intervenção, aliás indispensavel, representa no momento actual um grande esforço, constitue um pesado encargo para o paiz, e o governo, em tempo opportuno, apresentará ao parlamento a conta detalhada das despezas feitas com os creditos extraordinarios que já pediu e pelos outros creditos que ainda terá necessidade de pedir para as despezas da guerra.

O governo tem a consciencia de que tem cumprido o seu dever, que tem procurado remediar a falta de recursos e que tem posto todo o seu patriotismo na obra de valorizar o paiz, valorizar o exercito e valorizar a Republica Portugueza.

Secretaria da guerra, em 27 de novembro de 1914.

A festa de Ferreira da Silva

Na sexta-feira, 26, realisa-se a festa artistica de Ferreira da Silva com a primeira representação da celebre peça de Molnar, *O Diabo*. Os assignantes das «premières» teem preferencia nos seus logares até á proxima segunda-feira, 22.

A egreja hespanhola em Lisboa

Um comicio de protesto

A proposito da debatida questão da installação d'uma egreja hespanhola em Lisboa recebemos a seguinte carta:

Cidadão redactor d'A Capital.—Li em varios jornaes as resoluções tomadas na importante reunião da colonia hespanhola acerca da tão falada egreja jesuitica que se pretende fundar em Lisboa, e confesso que me agradou bastante a honrosa attitude dos nossos hospedes, mas creio que para serem satisfeitos os seus desejos e do povo portuguez, não se deve limitar o movimento de protesto só ao que a colonia hespanhola fizer. Torna-se necessario que alguem promova um comicio de protesto de todo o povo portuguez contra semelhante cousa, ou se ponha n'uma jornada egual áquella que o nosso saudoso Miguel Bombarda ainda acompanhou de córtes o que tão beneficos resultados nos trouxe.

Se v. achar esta ideia digna de applauso, ficarei muito agradecido se a lançar no seu apreciado jornal; e assim tentaremos evitar que a seita jesuitica encontre guarida na nossa malfadada Patria.

Sem mais, sou de v. etc. *Antonio Faustino*.

Uma grande novidade em S. Carlos

No proximo domingo realisa-se em S. Carlos um concerto por uma grande banda composta de 90 professores, ampliada com instrumentos de corda, á semelhança das famosas concertos da guarda republicana de Paris e da Banda Sousa, dos Estados-Unidos da America. Este concerto é dirigido pelo maestro Fão, que organisou um extraordinario programma, em que figuram obras notaveis dos mais celebres compositores classicos e modernos.

O caso Leandro

Foram hoje ouvidas varias testemunhas sobre o attentado do Setil contra Leandro Gonzalez. Espera-se que chegue hoje a Lisboa, sob prisão, o irmão da Rufina Ferreira, dona do estanco, João Augusto Cordeiro, que na occasião do attentado estava á porta d'esse estabelecimento. As investigações continuam devendo effectuar-se esta noite, fóra de Lisboa, uma diligencia importante.

Othello de saias

Tenta anavalhar o amante, por elle passar a noite fóra de casa

Na rua da Torre, ao Castello, 10, 1.º, reside Capitolina da Conceição, em companhia de sua mãe, Palmira da Conceição, e do amante, João Pires, o qual hontem resolveu passar a noite fóra de casa, regressando hoje de manhã, muito embriagado. Recebido hostilmente pela amante, travou-se acceso discussão, acabando a Capitolina por se armar de uma navalha para ferir o Pires, que a subjugou e se feriu na mão direita ao tentar tirar-lhe a arma.

Mais exasperada ainda, a Capitolina, ao ver-se liberta, começou despedindo golpes á cega, attingindo o amante nas mãos e no nariz, recebendo a mãe tambem uma facada na braço direito, que lhe produziu um pequeno ferimento. A Capitolina quiz ainda agredir-se, ao tentar dissuadi-la do seu proposito.

Ao alarme que o caso produziu na visinhança acudiram os guardas 781 e 1443, que conduziram os trez ao hospital de S. José, pois que a faquista se ferira tambem na mão direita. Depois de pensados, seguiram para o governo civil.

A Capitolina é conhecida na visinhança como faquista e desordeira.

A regulamentação das horas de trabalho

A Associação de Classe dos Caixeiros promove para depois de amanhã uma reunião magna da classe para tratar d'este assumpto, para a qual vão ser, por um manifesto, convidados todos os empregados no commercio.

Resolveu tambem levar a effeito um comicio onde largamente será debatida esta momentosa questão, em dia que opportunamente será annunciado.

Migalhas

Bilhete ao Senhor dos Passos

Ex.mo Senhor:—Não fui hontem visital-o ao seu camarim e felicital-o pela sua reintegração por varios motivos não bulindo nenhum na profunda sympathia que o Senhor sempre me inspirou e que nada alterará, nem o sequestro a que o votou a cultual, nem o esplendor da eloquencia do sr. Mendes Bello, nem mesmo os valiosos botões de punho que varias devotas lhe offereceram e que devem ouvir coisas singulares ao Nazareno humilde, hoje vergado ao peso d'um resplendor de ouro, nas horas em que o Senhor, como qualquer de nós, conversa com os seus botões.

Não fui porque detesto as multidões, quer ellas sejam de simples papalvos, quer de enthusiastas manifestantes e porque me massa muito vêr figuras respeitaveis e dignas como a sua servirem para explorações de qualquer ordem. O Senhor, que foi em vida um simples do coração e um apostolo sincero e de largas vistas, ha de ter ficado incommodado ao vêr em torno de si tanto hipocrita, servindo-se de si como de um gato morto para dar com elle nas bochechas dos contrarios e eis o motivo por que eu, que não sou sua visita assidua o deixei de o ver desde o tempo em que, aquartellado na Graça, todas as sextas feiras ia espreitar caras lindas que lhe iam beijar as magoadas plantas, lho escrevo hoje este bilhete.

Pode ter a certeza que me associo ao ironico desdem com que o Senhor, inimigo de pharisaus e enxotador de mercadores do templo, ha-de ter hontem assistido á solemnidade que, á sua sombra, se fez na sua velha egreja. O Senhor, cuja sombra protectora fortalecia a alma dos primeiros christãos refugiados nas catacumbas, ha-de ter passado um momento mal disposto, muito embora o andar do tempo o tenha precavido contra a mesquinhez dos homens. Repito: por tal aqui me tem, affirmando-lhe uma vez mais a minha sympathia.

André Brun

O palacio da Bolsa

O sr. Nunes da Ponte, que trabalhou pela sua entrega á camara municipal do Porto, mudou de opinião

O sr. Nunes da Ponte, hoje ministro do fomento, era vereador da camara municipal do Porto quando o governo provisorio mandou dar posse do edificio da Bolsa á mesma camara. Para o cumprimento do respectivo decreto muito contribuiu aquelle vulto republicano. Procurando-se agora arrancar ao municipio portuense a Bolsa para que seja de novo entregue á Associação Commercial, o sr. Lopes Martins, presidente da commissão executiva, telegraphou ao sr. ministro do fomento recordando-lhe a attitude por elle então assumida e rogando-lhe que puzesse a sua influencia e o seu voto ao serviço dos legitimos interesses municipaes, que o decreto do governo provisorio trata de resalvar, assegurar e manter.

O sr. Nunes da Ponte respondeu com o telegramma seguinte ao sr. Lopes Martins:

«Ex.mo sr. presidente da commissão executiva da camara municipal do Porto. Em resposta ao telegramma de V. Ex.ª devo dizer-lhe que o facto de ter cumprido e feito cumprir qualquer decreto ou lei como vereador não me privada liberdade de contribuir, na qualidade de ministro, para a modificação ou derogação do mesmo decreto ou lei quando a experiencia me tenha revelado que a sua vigencia se torna menos conveniente aos superiores interesses da Republica, cujos principios me habituei a defender com o maior zelo e dedicação e ainda muito antes que V. Ex.ª lho viesse prestar a sua valiosa adhesão.»

TRIBUNAES

BOA-HORA

Por falta de jurados foi hoje adiado, no 2.º districto criminal, o julgamento de Jayme Braz, o *Bengalas*, que em 2 de agosto na rua Thomaz da Annunciação, matou á facada Americo dos Santos.

O novo julgamento ficou marcado para o proximo 10 de abril.

—No 2.º juizo de investigação criminal, cartorio do escrivão Vidal, foram hoje enviadas Narolinda da Silva, a *Dente de ouro*, com 36 prisões, e Thomazia da Silva com 44 prisões, accusadas de terem attrahido ás escadinhas de S. Lourenço, 3, Antonio Fiuza Rocha e seu irmão José Fiuza Roche, ambos hospedados no hotel Universo, roubando-lhes 225 escudos. Recolheram ao Aljube por não prestarem as fianças de 2:000 escudos que foi arbitrada a cada uma.

Homenagem a David de Sousa no theatro Politeama

A festa promovida por uma distincta commissão de amadores de musica e que no domingo se realisa no theatro Politeama, em homenagem ao consagrado maestro David de Sousa, terá um exito retumbante.

Tarde de alegria sincera, coroada de applausos enthusiasticos, será essa, na qual o talentoso artista cheio de merecimento mais uma vez porá em evidencia as suas raras faculdades de profissional erudito e consciencioso.

A *élite* de Lisboa comparecerá n'esse concerto, animando o corajoso maestro portuguez a proseguir sem desfallecimentos na sua carreira tão brilhantemente encetada, incitamento que abrangerá tambem os seus collegas e todos os artistas os mais reputados e que com a sua escolhida cooperação se propuzeram brilhantemente a tornar o Politeama n'um invejavel paraiso de arte.

Poucos bilhetes restam por vender.

ULTIMAS NOTICIAS

Um navio mercante torpedeado

NEW-HAVEY, 19.—O vapor *Glenartney* que seguia com carregamento de arroz foi torpedeado e afundado esta manhã proximo do barco pharol *Sovereign*.

Um torpedeiro salvou o capitão e 41 homens da tripulação.—(*Havas*).

NA EGREJA DA GRAÇA

O Senhor dos Passos

foi hoje visitado por grande numero de fieis

O Senhor dos Passos da Graça teve hoje a sua primeira sexta-feira livre do poder dos herejes que constituiram a cultual d'aquelle templo. Foi uma verdadeira romaria, em que predominava o elemento popular e a classe média, ao contrario da festividade de hontem, que mais cheirava a perfumes caros e estontenantes do que ao cheiro de santidade que a fé espalha em volta dos crentes simples e humildes.

A imagem do Senhor, supportando o peso do madeiro infamante, no seu camarim apainelado e florido, conserva-se ao centro do altar-mór, no logar onde hontem o deixaram os seus aristocraticos fieis. Desde manhã começou a affluencia, sendo difficil obter logar nos muitos electricos que, através do bairro d'Alfama, trepam aquella formosissima eminencia da cidade, em cujo horizonte immenso o sol declina, entoando um cantico á Natureza.

Junto da imagem, os irmãos, saboreando o seu triumpho, vigiam o desfile dos crentes que vão depôr o osculo no calcanhar sangrento do Nazareno. A pouco e pouco a piedade dos visitantes junca de flôres a base do camarim; são rosas obtidas nos floristas *chics* ou *bouquets* de violetas adquiridos a uma população de vendedores que assaltavam as corcanias do templo. De vez em quando, o silencio da egreja é quebrado pela queda de algumas moedas que vão cahindo no mealheiro de metal. Durante muito tempo, o aspecto interior da egreja é o mesmo, variando apenas as personagens. Depois surge ao fundo, junto do guarda-vento, uma figura de mulher que de joelhos se dispõe a percorrer a distancia até junto da imagem. A promessa cumpre-se com um certo ar de indifferença.

Junto da mulher vem um pequenito que se não cança de chorar, como se a marcha de penitencia o molestasse a elle mais do que á mãe. A meio do templo a pobre mulher pára e assusta o petiz, chamando a attenção do policia. O garotelho embatoca, reprime um soluço e deixa a mãe socegadamente cumprir a sua promessa. Outras mulheres realisam o mesmo sacrificio, em attenção á imagem do grande torturado, que certamente chamaram em occasiões de maior angustia.

O espectaculo torna-se monotono. Na casa das offertas o movimento é pequeno. A piedade nem por isso se mostra prodiga, algumas velas de cêra e uma dama que vem deixar uma garrafa de azeite para a lampada do Senhor. A um canto da casa vê-se um barril de lata onde o empregado despeja o oleo, dizendo unctuosamente á offertante:

—Escusava de se incommodar a vir carregada com a garrafa. Cá se comprava o azeite...

A dama, porém, pareceu não concordar muito com o alvitre, porque retorquiu: «Não me custou nada, vim de carro», — que é como quem diz: *Para cá vens tu de carrinho*...

Fóra do templo estacionam automoveis e trens e encontram-se bandos de pobres, que pretendem compartilhar do peculio do Senhor e que vão até ao interior do templo, quasi, disputar a esmola, junto da imagem. A' porta, o velho aundador clama: «Para a cêra do Santissimo», e a sua voz encontra pouco echo na multidão que desfila.

—Hontem, ainda a coisa rendeu. Houve muitas moedas de prata. Hoje, só um conselheiro deu cinco tostões. O resto, tudo cobre... «P'rá cêra do Santissimo» — continúa, depois de responder á nossa interrogação.

Festas associativas

Na Academia 1.º de Setembro de 1867 ha depois de amanhã baile dedicado aos socios e suas familias.

—No Club Taurino Manuel dos Santos começam depois d'amanhã as festas commemorativas do 11.º anniversario, havendo inauguração da «kermesse» e recita com as peças *Codigo Penal*, *artigo*... e *Os pretendentes*, seguindo-se baile. As festas proseguem nos dias 28 do corrente e 4 e 11 d'abril.

Para o que lhe havia de dar...

Alvaro dos Santos, de 55 annos, morador na estrada da Penha, 192, 1.º, tomou hontem uma enorme bebedeira, indo esbarrocar para a Avenida Almirante Reis. Uma vez ali, imaginou que qualquer bicho lhe ousara na face direita e para o fazer saltar d'ali começou a esgaravatar com um canivete, mas com tanta ancia que fez um enorme buraco na face.

Alguns transeuntes commovendo com o succedido ao guarda 779, que foi encontrar o Santos junto do uma poça de sangue, conduzindo-o ao hospital de S. José, onde foi pensado.

Fallecimentos

PINHEIRO DA BEMPOSTA, 19.—Falleceu a sr.ª D. Genoveva Martins, tia dos srs. Torquato Marques dos Santos e Saul. Marques dos Santos, sendo hoje enorme o acompanhamento ao funeral pelas pessoas das relações da familia residentes em Oliveira de Azemeis e Maceira de Cambra.

EM SANTA CLARA

A "Messejana Invicta,,

Começou hoje o julgamento dos filiados n'essa associação

Reuniu hoje de novo o tribunal especial para julgamento de alguns dos implicados nos acontecimentos de 20 de outubro ultimo. A affluencia de espectadores é numerosa, sendo a policia do tribunal feita por uma força de infantaria 16, sob o commando de um tenente. Na bancada da defesa veem-se os srs. drs. Moraes Cardoso, defensor dos accusados Antonio Mendes Salgueiro e Diogo da Silva; dr. Beirão, defensor de Anselmo Martins e Victor da Conceição; dr. Raul de Magalhes, defensor de José Cordeiro Guerra; dr. Alberto Ideias, defensor de Luiz Jacques Cesar da Motta; dr. Sande e Castro, defensor do José Antonio Monteiro e José Jacintho de Almeida; dr. Reis Torgal, defensor de Affonso Thiago Romano e Antonio Joaquim Pires; dr. Ferreira Borges, defensor de Raymundo Reis e de Luiz Martins; dr. Santos Gomes, defensor de Florindo Agudo da Conceição e de Sebastião Mascarenhas; e dr. Camillo Castello Branco, defensor de Eugenio da Silva. Junto d'esses advogados está o capitão sr. Osorio de Castro, defensor officioso.

Os réus são accusados de fazerem parte da associação secreta «A Messejana Invicta», cujo fim era restaurar a fórma do governo monarchico em Portugal, e de encontrarem dentro da redacção do extincto jornal *A Restauração*, quando ella foi assaltada, e de dispararem tiros contra o povo, tendo sido ali encontrado armamento e bombas explosivas. Sobre a mesa do tenente sr. Olimpio de Mello, secretario do tribunal, veem-se dois pacotes contendo pistolas e revólvers, um dominó vermelho e uma mascara negra.

As testemunhas de defesa, a requerimento do sr. dr. Ideias, são dispensadas hoje, tendo de voltar ao tribunal na segunda feira. O primeiro accusado a ser interrogado é o Affonso Romano, que confessa ter fundado a *Messejana*, não para conspirar, mas para fazer propaganda monarchica. Narra largamente o que se passou na redacção da *Restauração*, onde affirma não ter havido armamento.

José Antonio Monteiro diz ter-se filiado na referida associação apenas na sua qualidade de monarchico. O mesmo confessam os accusados Antonio Joaquim Pires e José Jacintho de Almeida, accrescentando que nunca ali se falou em revoltas e que um dos fins da associação era angariar donativos para os presos politicos.

Todos os restantes accusados dizem mais ou menos o mesmo, excepto os trez ultimos, José Cordeiro Guerra, Victor dos Santos e Florindo Agudo da Conceição, que dizem não ter assignado compromisso algum para pertencerem á associação.

A inquirição de testemunhas começou dando-se a primeira, o sr. Francisco Pedro Azedo, que sendo convidado por um seu amigo a ir presencear o que se passava na rua da Emenda, soube que os que estavam na redacção do jornal monarchico ali installado diziam que iam ser assaltados, e que lhe era presuppôr que lá dentro havia bombas e armas.

Ainda foram ouvidas as testemunhas Urbano dos Santos, José Gonçalves Peixinho e os guardas civicos Jeronymo Martins, José Pereira da Costa, José Joaquim Fernandes, José Augusto e Eloy Pedro.

A's 18 horas e meia a audiencia é suspensa para recomeçar amanhã ás 13 horas.

Açambarcadores de cereaes

O governo resolve castigal-os, mas, por outro lado, «perdôa» as transgressões que já estavam sob a alçada do poder judicial

Publicámos hontem uma nota official do governo em que este affirma que a escassez do milho só pode explicar-se por um «criminoso açambarcamento», visto estar verificada a existencia de cerca de 200 milhões de kilos d'aquelle cereal. A nota accrescentava que iam ser expedidas ordens terminantes «para serem punidos com todo o rigor das leis vigentes aquelles que forem considerados culpados da penosa situação dos consummidores de varias localidades do paiz».

Só podemos applaudir essa resolução do governo, pois muitas vezes temos apontado os manejos criminosos dos açambarcadores como a principal origem da falta de cereaes no mercado. Mas, por isso mesmo, não comprehendemos como o governo, por um decreto publicado hoje na folha official, manda sustar e archivar «quesquer processos judiciaes que tenham sido instaurados por transgressões» do decreto de 26 de outubro de 1914, que manda proceder ao arrolamento dos trigos exoticos existentes no paiz.

Depois da resolução que o governo tomou hontem, o decreto é pelo menos inopportuno, pois póde servir de incitamento a novas transgressões.

A questão da carne no Porto

A grève dos cortadores foi adiada

PORTO, 19.— Os empregados dos talhos e do matadouro, reunidos na sua associação de classe, resolveram não começar hoje a grève e deixar mais um dia á Companhia Nacional para ponderar e attender ás suas reclamações, como já o fez a Companhia Utilidade Domestica.

Em vista da deliberação tomada, procedeu-se hoje á matança de gado, ás dez horas, e a grève foi adiada.

Balanço diario

Ao que se dizia hoje pela Arcada, vae ser completado o gabinete do sr. ministro das colonias. Para chefe d'esse gabinete indigita-se um official superior do exercito, que tem desempenhado nas colonias diversos cargos de importancia.

Contra uma cultual

Ao governo foi entregue uma representação do povo da freguezia de Couço, concelho de Coruche, pedindo a dissolução da cultual ali existente.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio do interior occupando-se de assumptos de administração publica. Diz-se que n'esse conselho foi debatida a questão da successão de Henrique Cardoso no logar de contador da Boa-Hora.

Fomento

Com o sr. ministro do fomento conferenciaram os srs. Mello e Sousa, sobre tarifas do caminho de ferro, e uma commissão de praticantes telegrapho-postaes que tratou de assumptos de interesse da classe.

Lei do inquilinato

Ao sr. ministro da justiça representaram as Associações Commerciaes de Lojistas de Lisboa e de Vendedores de Viveres a Retalho pedindo algumas modificações á lei do inquilinato.

Um professor reintegrado

O sr. dr. Alipio Camello, antigo professor do liceu de Maria Pia, tinha sido demittido d'esse logar por despacho do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, quando ministro do interior. Requereu para o Supremo Tribunal Administrativo, que consultou sobre o caso o ministro de instrucção publica. Hoje, o sr. Goulart de Medeiros, por um decreto publicado no «Diario do Governo», dá provimento ao recurso, devendo o sr. dr. Alipio Camello ser reintegrado no seu cargo.

As questões da pasta da guerra

tratadas durante o gabinete Bernardino Machado

A entrada do relatorio do sr. general Pereira d'Eça, a que n'outro logar do jornal fazemos referencia, trata, nos seguintes termos, da missão de apaziguamento que o gabinete se propunha realisar dentro do exercito, da reforma militar e do material de guerra:

O governo da presidencia do ex.mo sr. dr. Bernardino Machado subiu ao poder com uma missão perfeitamente determinada, como foi exposto ao parlamento quando o governo se apresentou ao Congresso.

A parte d'essa missão que, mais especialmente, interessava ao ministerio da guerra era aquella que tinha o caracter do apaziguamento das paixões politicas, terminar com a politica partidaria dentro do exercito, e n'essa ordem de ideias se tomaram providencias convenientes, procurando-se manter o prestigio do commando, assentando a disciplina no principio da confiança nos chefes, exigindo a todos o cumprimento do seu dever e fazendo salientar que os interesses da Republica exigem a cooperação sincera, digna e honrada de todos os militares, que, sob a sua palavra de honra, declararam servir e defender as instituições republicanas.

A par d'esta missão procurou-se dar execução aos preceitos da organisação do exercito de 1911, organisação que, baseada em bons principios democraticos, póde dizer-se que está ainda n'um periodo de transição e talvez ainda menos bem comprehendida nos seus principios fundamentaes, não só pelo proprio exercito, mas ainda pelo povo portuguez, assim tal se afigura apresentar-se o quadro de quadros do exercito.

Esta questão, a meu vêr primacial, não póde ter uma solução rapida, ha-de ir a pouco e pouco, porque só a pouco resses pessoaes, e que esse sacrificio a todos se impõe para a defeza do paiz, para a salvaguarda da honra nacional.

A Instrucção Militar Preparatoria deve merecer um grande interesse, mas convém que essa instrucção seja baseada em principios que possam garantir a sua efficacia, convém que, sem prejuizo da instrucção das tropas, se procurem instructores bem orientados e com a auctoridade precisa para fazerem comprehender bem aos instruendos a missão do militar, e ministrar-lhes uma instrucção verdadeiramente preparatoria e util.

N'este sentido está quasi terminada a elaboração d'um regulamento que em breve vae ser publicado.

Uma outra questão de maxima importancia para o paiz é a questão do material de guerra, a qual se não póde resolver sem um sacrificio nacional, n'essa ordem de ideias foi presente, quando a sessão legislativa ja estava adeantada, uma proposta ao parlamento, proposta que, certamente, será tomada em consideração na sessão legislativa que vae começar.

A instituição militar é sempre muito dispendiosa, constitue um pesado encargo, mas é indispensavel que se satisfaça a esse encargo.

A construcção de carreiras de tiro tem-se desenvolvido muito e é muito grato ao governo declarar quanto se deve ás iniciativas particulares e ás das municipalidades.

A questão das subsistencias

Lisboa sem peixe?—O preço das farinhas—Pagamento de impostos

Vae, ao que parece, entrar n'um periodo agudo a questão do fornecimento de peixe á cidade de Lisboa. E' o que se depreende do facto dos representantes da Sociedade Commercial de Pescarias e da Empreza de Pescarias Espadarte L.da terem procurado hoje o sr. ministro do fomento, perante quem reclamaram contra as tarifas de direitos do descarga de peixe impostos nos postos de exploração do porto de Lisboa. Disseram os representantes das emprezas em questão que se aquellas tarifas não forem diminuidas não desembarcarão o peixe, que ficará ao largo em pleno rio, deixando assim a cidade de ser convenientemente abastecida.

Uma commissão de padeiros tambem protestou perante o sr. ministro do fomento contra o preço da farinha de $16, alegando que o povo não pode pagal-a tão caro. A mesma commissão tambem procurou o sr. ministro das finanças, a quem pediu que lhe fosse consentido pagar em prestações o imposto sobre o manifesto das farinhas. Esta ultima reclamação vae ser brevemente attendida. O *Diario do Governo* publicou hoje novamente o decreto que regula o fabrico de farinhas e de pão, por se ter reconhecido inteiramente necessario introduzir-lhe certas alterações. O imposto sobre as farinhas em deposito foi reduzido a trez centavos, quando se averiguar que os interessados teem mais farinha em armazem que a manifestada.

A trovoada de hoje

Chuva torrencial e inundações, não se registando desastres pessoaes

Depois d'uma manhã sombria, o tempo pela tarde entroviscou-se, e grossas nuvens cresciam das Berlengas sobre a cidade, emquanto o longe, ainda sumidamente, o trovão soava em prenuncios de grossa tempestade. Pelas 15 horas, já sobre Lisboa os relampagos fuzilavam a espaços e agua a potes cahia durante vinte minutos, torrencialmente, avassalladoramente. As ruas dos bairros altos para a Baixa iam de lés-a-lés, mal contida a agua nas valetas altas ou galgando sobre os passeios, cobrindo as calhas dos electricos, rebentando sargetas, invadindo portas. Nos sitios baixos, como ruas do Arsenal, S. Paulo e Boa-Vista, Alcantara, Regueirão dos Anjos e outros, chegou a haver panico: creanças chorando, mulheres affictas, gente que gritava e gente que trabalhava vedando a agua, que a maré cheia impellia para fóra das sargetas, impetuosamente, carreando lama e pedras.

No cruzamento das ruas das Flôres, Remolares e S. Paulo, a agua levantou o tampão do cano geral e as pedras que o rodeiam, fazendo repuxo que se elevou a grande altura.

Na Ribeira Nova, a agua entrou nos estabelecimentos 2 e 4 da rua do mesmo nome, loja de bebidas; 46 e 48, loja de ferragens *A Conveniente*; barbeiro Costa e Lemos; mercearia *Casa Maritima*; loja de bebidas do *Macacos* e mercearia Nonilha & Filhos.

N'alguns d'estes estabelecimentos a agua subiu até mais de meio balcão. Bombeiros, sob a chuva, apressadamente, levantavam as pedras das sargetas para dar mais vasante á agua. Em S. Paulo, nos n.os 168, 174, 180 e 186, acontecia o mesmo. Em Alcantara, o *Sete e sete*, *Os bonecos*, a pharmacia Nogueira e varias mercearias e casas de bebidas foram egualmente invadidas pela enxurrada. No Regueirão dos Anjos a agua chegou tambem a grande altura e em S. Sebastião da Pedreira chegou a haver creanças em perigo que populares corajosamente salvaram.

A's 15,30 a tempestade abonançára. E sob um sol acariciador brilhavam d'ahi a pouco as pedras ainda humidas dos passeios.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Academia 1.º de setembro de 1867

Realisa-se no dia 22, ás 21 horas, a assembleia geral para eleição dos novos corpos gerentes.

PEQUENAS NOTICIAS

A direcção do Nucleo Naturista de Lisboa está trabalhando para abrir um curso de naturismo, para a regencia do qual se offereceu já o sr. dr. Bentes Castel-Branco. A inscripção faz-se na séde do Nucleo, rua Nova do Almada, 71, 2.º

—Na séde da Associação Central de Agricultura, rua Garrett, 95, realisa-se amanhã, ás 21 horas, a primeira da serie de conferencias que aquella collectividade vae promover com o intuito de desenvolver entre nós os ramos da industria que se ligam com a agricultura. E' conferente o engenheiro agronomo sr. D. Manuel de Bragança (Lafões), sendo a entrada publica.

—Heitor José d'Oliveira Sampaio, residente no Estoril, queixou-se á policia de que lhe subtrahiram ou perdeu uma carteira contendo 80 escudos, uma lettra a portador no valor de 820 libras, um passe dos caminhos de ferro da linha de Cascaes, um bilhete de identidade, uma licença do porte d'arma e alguns papeis sem valor, na occasião em que transitava n'um electrico.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 1/16
Londres, 90 div.	35 1/2	—
Paris, cheque	$80,4	$80,9
Allemanha, cheque	$89	$89,5
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	1$39	1$40
New York	1$39	1$42
Rio s/Londres	13 7/16	—
Libras	7$15	7$18
Agio do ouro	45 %	55 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,40	—
» » 500$	40,40	—
» » 100$	40,40	—

Externas: 1.ª serie, 71$ e 3.ª, 73$30. Acções: Lisboa e Açores, 111$50; Ultramarino, coup., 104$; Assucar, 39$60 e 39$50; Phosphoros, coup., 56$; Tabacos coup., 106$. Obrigações: Ambaca, 88$10; Norte e Leste, 1.º grau, 78$40; Beira Alta, 2.º grau 71$50; Companhia do Ferro de Benguella 78$50 e 78$80.

SPORT

O 40.º anniversario de um club

Nas salas do Gimnasio Club Portuguez reuniram-se hontem os seus associados de ha quarenta annos, os da *velha guarda*, aquelles que mantiveram a bohemia alegre de uma mocidade que vae longe e que já não volta e que faziam d'essa bohemia motivos apenas para serem tidos como homens fortes, tidos como valentes, originaes e bizarros na sua esturdia, mas pundonorosos e altivos cavalheiros, promptos a repellir uma afronta mas sempre dispostos a auxiliar as cruzadas do bem. Eram esses rapazes que faziam gimnastica artistica e que appareceram pela primeira vez em publico, mostrando as suas *habilidades* para fundar as creches, para arranjar fundos para hospitaes, para minorar desgraças provenientes de incendios e de inundações. Eram os mesmos rapazes que ha muitos annos lançaram as bases do primeiro concurso nacional de gimnastica, realisado com 950 inscriptos no Hippodromo de Belem. Eram os mesmos rapazes, que, um dia, n'um impulso simpathico de rasgada iniciativa e impulsionados pela palavra do apostolo Luiz Monteiro, resolveram fundar o Gimnasio Club; os mesmos que o mantiveram no modesto barracão da Carreirinha do Soccorro; os mesmos que ao lado dos irmãos Francisco e João Xafredo e do velho dr. Pinto Coelho o transportaram para a rua Serpa Pinto.

D'esses rapazes de então, que são a *velha guarda* de hoje, nem todos vivem. Mas os que ainda olham para a marcha triumphante do seu club lá estiveram hontem, ao lado dos novos de agora, commemorando o 40.º anniversario do Gimnasio.

Presidiu á festa o sr. Duarte Holbeche, tendo na mesa de honra do banquete, ao seu lado, os camaradas de então e os amigos de sempre, Carlos Mahony, Francisco Xafredo, Francisco Loreto, Antonio Martins, Carlos Fernandes, dr. João Barral, Albert Macieira, Pedro d'Oliveira, João Bonniz, Benoliel, Carlos Xafredo, Arthur dos Santos, Walter Awata e dr. Jayme Neves. E não faltaram na festa commemorativa os campeões Manuel da Silveira, Francisco Padinha, Henrique Correia, Ruy da Cunha e Levy Jenochio, esgrimistas, jogadores de pau, gimnastas, professores, tudo emfim que ao *sport* dedica grandes cuidados de propaganda e muito interesse.

Fizeram-se affirmações calorosas, manifestações de vibrantissimo enthusiasmo. Contaram-se historias da força dos hercules antigos, algumas que transformam em tipos lendarios Mendo Ornellas, Pina Manique, Pedro Augusto, Augusto Ferreira, Alves Affonso e tantos outros. Recordaram-se as difficuldades dos primeiros tempos; a generosidade do dr. Pinto Coelho, as luctas contra a rotina e educação do tempo que diziam ser a gimnastica *coisas de saltimbancos*; os maravilhosos resultados a que chegava a actividade dos irmãos Xafredos; o desequilibrio financeiro que produziu o campeonato do hippodromo; aquellas noites alegres e inolvidaveis dos saraus no Price e nos Recreios; a magnifica orientação administrativa do capitão Arthur Pessoa e o apparecimento dos primeiros jornaes de *sport*.

E revivendo essa epoca os velhos remoçavam, enthusiasmando-se no descriptivo, e os novos, ouvindo-os e tomadas d'esse enthusiasmo communicativo, tinham pena de não poderem orgulhar-se, como elles, de serem os fundadores do benemerito Gimnasio Club.

O sr. Duarte Holbeche iniciou os brindes e, com requintada gentileza, lembrou que mais antiga que o Club, na vida do *sport* portuguez, existia a Associação Naval. Para ella ia a sua primeira saudação. E todos os presentes se associaram a essa homenagem, que o sr. Albert Macieira agradeceu. O sr. Francisco Xafredo incitou a gente moça a continuar a obra da *velha guarda*, tendo palavras em extremo elogiosas para o trabalho de propaganda feito pelos jornaes. O dr. José Pontes, affirmou que essa propaganda havia de manter-se, porque, em combate, entravam os novos jornalistas, que traziam a fé d'um grande triumpho a obter e vinham orientados com novos conhecimentos e novos ensinamentos que os jornalistas de ha annos não possuiam. O sr. Carlos Mahony, que é actualmente o socio n.º 1 do Club, saudou Francisco Xafredo, o seu prestimoso camarada que em breve nos ia deixar para voltar para o Brazil. N'este momento, a assistencia tributou ao antiquissimo gimnasta uma grande ovação, tocando o sexteto Salles Baptista o himno do Club, que as cuidadas investigações da direcção actual, que é activa e trabalhadora, desencantou dos poeirentos archivos do Gimnasio.

O sr. Joshua Benoliel, apontando a serie de retratos que ornamentavam a galeria do Club, teve phrases vibrantes e calorosas, para lembrar os actos e trabalhos d'aquelles benemeritos da causa da educação phisica, em especial Luiz Monteiro, dr. Pinto Coelho e Arthur Pessoa.

O vice-presidente da actual direcção realçou a presença de todos e affirmou que elle e os seus collegas só recebiam os elogios que, prodigamente, lhes dispensaram porque tinham a convicção de haver trabalhado para manter o Gimnasio Club entre as primeiras collectividades do paiz. O sr. Fernando Correia, em termos precisos e correctos na phrase, saudou em seu nome, no de Alvaro de Larcerda, que não comparecia por motivo de doença, e no do semanario *Sport de Lisboa*, o benemerito Gimnasio e garantiu que o seu jornal, que surgira para manter a boa harmonia em prol do *sport*, estava, incondicionalmente, á disposição do club. O sr. Benoliel saúdou o professorado, e Carlos Xafredo, recordando Luiz Monteiro, saúdou João Poscolo, como primeiro amador portuguez, em gimnastica. O mestre d'armas sr. Antonio Martins agradeceu a homenagem prestada ao professorado e disse que tinha sido ajudante ainda do Monteiro, nos primeiros tempos do club. A festa terminou com uma bella reconstituição feita pelo sr. Duarte Holbech da vida do Gimnasio nos seus primeiros vinte annos e por um discurso do dr. José Pontes demonstrando como tinha sido feita, pelos jornaes, ha dez annos, a propaganda do *sport*.

* * *

Amanhã, o Gimnasio Club Portuguez realisa o seu sarau commemorativo, na sua séde, o qual é de homenagem aos socios antigos. Será precedido de uma sessão solemne em que falam os srs. conde de Penha Garcia e dr. José Pontes.

Algumas anecdotas

Um titulo de campeão ganho por velhacaria

Tratando-se de coisas referentes aos jogadores de socco, americanos, é á auctoridade e conhecimentos de John Kelly que recorremos, procurando assumptos que possam interessar os leitores das nossas anecdotas, tendo, especialmente, como protagonistas os grandes campeões do ring.

Hoje cabe a vez ao famoso Kid Mac Koy, o terrivel combatente que inventou o socco em sacca-rolhas, que, applicado convenientemente sobre o estomago e plexus solar, produz a derrota do adversario e até a morte.

Kid Mac Koy foi, no seu tempo, um fighter que não teve egual em sciencia e agilidade. Procurando aperfeiçoar-se, estudava golpes novos, n'uma ancia desmedida de conseguir o truc necessario para vencer.

Kid encontrou um dia um adversario sobre o qual o famoso saca-rolhas não tinha effeito. Era Tom Ryan que foi provavelmente o melhor campeão de peso medio da America, á excepção, talvez, de Jack Dempsey.

O combate foi soberbo. Mac Koy mostrou ligeiras vantagens, mas apesar da sua sciencia, não conseguiu derrubar Ryan. No 15.º round, recorreu ao seu vasto reportorio de velhacarias do ring. Depois d'um corps-a-corps particularmente terrivel, Mac Koy, affastando-se do adversario, deixou cahir os braços e deu uma gargalhada.

O campeão, intrigado, parou egualmente de combater e perguntou:

—Eh! Kid, o que se passa?

—Não vês o publico a rir de ti. Os teus calções rasgaram-se atraz.

Tommy Ryan, envergonhado, voltou-se para vêr o rasgão e, no mesmo instante, recebeu um socco sobre o queixo, que o derrubou sem sentidos!

E foi este combate, ganho de fórma bizarra, que valeu a Kid Mac Koy gloria e fortuna. Tommy Ryan ainda protestou mais tarde, mas não o attenderam.

Kid, para se justificar, dizia:

—Na guerra tudo é permittido.

Mais tarde empregou outros trucs, qual d'elles o mais curioso, e nos quaes conservava vantagem.

Noticias

Entre nós

A festa do proximo domingo

O sport tem servido para auxiliar as grandes obras de beneficencia e de assistencia publica. E' tambem o sport que melhores e mais espectaculosos elementos fornece ás grandes festas de caridade. E ainda bem que assim succede porque o sport terá a valorisal-o, além das suas qualidades educativas e formadoras do caracter, esse aspecto de obreiro do bem.

E' tambem o sport que serve para organisar o programma do espectaculo do proximo domingo, para o «Cigarro do soldado». Na pista do Velodromo do Stadium, que faz a sua reabertura, vão comparecer os nossos primeiros ciclistas e mais arrojados motociclistas e pela primeira vez, em Portugal, senhoras disputando uma corrida.

Na corrida de bicicletas, a victoria de Carlos Fernandes ha de tornar-se difficil, porque, differentemente ao que succedeu nas ultimas corridas de 1914, terá quatro competidores serios, entre elles Ramiro Madeira, que faz a sua estreia como «senior», Joaquim Raposo, que era um consagrado de Palhavã, Piedade, etc.

Na corrida de motocicletas, a victoria torna-se indecisa porque são muitos os concorrentes e todos elles utilisam machinas mais ou menos da mesma força motriz.

A'manhã publicaremos o programma detalhado.

Convocações de foot-ball

O Chellas F. Club, por intermedio do capitão geral, pede a comparencia, no proximo domingo, no campo do Bom-Successo, a fim de jogarem contra o club do mesmo nome, ás 15 horas e 30, dos srs.: Botas, A. Teixeira, J. Cabral, Arminio Carvalho, Fausto Peres, R. Soares, J. Pombo, Theodoro Quistorp, J. Moraes, Rogerio Peres e J. Costa.

A's 13 horas e 30, dos srs. Tancredo, J. Teixeira, Lucio Nunes, J. Flôr, Antonio Fonseca, A. Martins, J. Silva, F. Mauricio, D. Teixeira, J. Antunes, J. Borges, R. Albes e todos os supplentes.

—O capitão geral da Juventude Catholica pede a comparencia dos seus jogadores, no domingo, 21, no campo da Luz, á 1 hora e 30, para jogar em desafio contra o «team» da Escola Ferreira Borges.

—O capitão do Sport Grupo Alfamense pede a comparencia na estação do Rocio, ás 13 horas do proximo domingo, dos seguintes srs: Apolinario, Gonçalves, Abrantes, Cunha, J. Ferreira, Theophilo, Eduardo, Pedro, Athayde, Angelo, Geronymo, supplentes, M. Domingos, Nascimento, Charneca e Paiva, para se ir aos Olivaes jogar com o Ilhense Foot-ball Club.

Associação Naval de Lisboa

Está convocada para reunir, no dia 23, ás 8 horas da noite, a assembleia geral da Associação Naval de Lisboa. Não havendo numero sufficiente de socios, reune com qualquer numero ás 9 horas da mesma noite.

TOURADAS

Campo Pequeno

Está annunciada, como já noticiámos, para domingo de Paschoa a inauguração da epocha na praça do Campo Pequeno, com uma corrida que, attendendo aos elementos de que a nova empreza dispõe, deve chamar extraordinaria concorrencia.

Entre esses elementos destaca-se o espada *Ale*, que aos seus meritos artisticos reune uma incontestavel valentia, facto que o tem collocado em evidencia entre os mais arrojados *diestros* da actualidade.

E', pois, um elemento de valor e que com outros egualmente dignos de nota constitue o programma da corrida inaugural.

A bilheteira da praça dos Restauradores abre nos proximos dias 25, 26 e 27 do corrente para a marcação dos logares em todos os espectaculos que se effectuem no Campo Pequeno durante a epoca actual. Este praso é destinado apenas para os antigos assignantes, e os dias 28, 29 e 30 para o publico em geral.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—A aventureira.

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO—A's 21—Opera: Boheme

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE—**S. Carlos**—Recita de Angela Pinto—*A aventureira*.

Gimnasio—Primeira representação da comedia *4028—Lx*.

DOMINGO—**S. Carlos**—Concerto dirigido pelo maestro Fernandes Fão.

Politheama—Concerto de homenagem a David de Sousa.

Eden—*Matinée* pela companhia de opera.

Primeiras representações

THEATRO APOLLO—**Fado e Maxixe**, phantasia em 2 actos e 8 quadros, de João Phoca e André Brun, musica de Luz Junior.

Reappareceu hontem no Apollo o Fado e Maxixe, *que ha cinco épochas foi no rua dos Condes o exito de toda a temporada e constituiu um exito, que ainda hoje se recorda. Peça sem pretenções, cheia de linda musica e recheada de numeros caracteristicos brazileiros e portuguezes, que logo se tornaram populares, o* Fado e Maxixe *tem o condão de pela sua movimentação não deixar arrefecer um momento a attenção do publico. Hontem no Apollo, reduzido a sessões, mas conservando os seus quadros principaes, obteve o mesmo exito da primitiva. Os numeros celebres e entre elles o da Cógada, foram acolhidos com calorosas ovações e varios trechos de musica foram bisados. No desempenho destacam-se os cançonetistas Geraldos, elle encarregado da parte de* Maxixe *e Alda Soares retomando os papeis que creou. Rafaela Fons, Dolores e José Victor creadores da peça foram muito applaudidos, tendo o ultimo um verdadeiro successo no janota da* Cógada. *Roldão, Gentil, Prata, Arthur Rodrigues, Noronha, Jorge Grave, Alda Teixeira, Cecilia Guimarães e todos os artistas se empenharam o mais possivel para o successo de hontem á noite. Josephina Soares, exaggeradissima em todos os papeis, prejudicando alguns d'elles, como o* batuque de Nhã Ofras *e a* Canção das hortas. *A casa teve duas enchentes.*

H. N.

Medalhões

Angela Pinto

Não anda o nosso theatro tão fornido de artistas que não seja para lamentar a ausencia da Angela, actriz que ainda hoje conserva grande parte das qualidades que lhe deram entre os comediantes portuguezes um logar de alto relevo.

A admiração que a artista nos merece faz com que nos seja grata a sua reapparição na companhia onde tanto brilhou e onde folgariamos em vêl-a reincorporada definitivamente.

A creadora da Manuela *e da* Severa *deve sentir hoje, ao vêr-se de novo cercada pelos camaradas que ha tempos teve de abandonar, uma sincera e legitima commoção. O publico, por sua vez, alegra-se de a vêr onde ella deve estar. Os auctores dramaticos, a quem ella emprestou tão largamente o seu talento, folgam em poder de novo contar com ella.* Tout est bien qui finit bien.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Os principaes papeis do *Diabo* são desempenhados por Emilia de Oliveira, Leonor Faria, Ferreira da Silva, Raphael Marques e Thomaz Vieira.

● O cartaz artistico que Collomb desenhou para a comedia *4028-Lx.* deve ser affixado na proxima segunda feira.

● A recita de Nascimento Fernandes, com a *reprise* da *A B C*, realisa-se na proxima semana.

● Recebemos os cumprimentos das distinctas artista Inchausti-Genova e Rosario d'Ory, que estão trabalhando no Eden-Theatro, com a companhia de opera.

Circos & Music-halls

Inconvenientes das grandes troupes

Querem conhecer o inconveniente que teem as grandes troupes de circo, na questão de viagens, principalmente n'estes tempos de guerra europeia? Lá vae um exemplo. Os acrobatas equestres Frediani, que terminam o seu contracto no dia 29, teem uma proposta vantajosa para o Circo Nikitin, em Moscow. O empresario paga-lhes bem e procura-os insistentemente. Mas como ha de fazer Frediani, se possue 12 pessoas de familia e é proprietario, só elle, de 11 cavallos?! Como ha de transportar toda essa gente e tantos animaes para a Russia, se a atiradora Melle de Bordeverry, pela differença de comboios, gastou mais 80 escudos do que devia gastar de Barcelona a Lisboa?!

Bem mais felizes são os artistas como Robledillo e Harry Lamore, que viajam sem material e em qualquer parte compram o arame que serve para os seus exercicios!

Noticias

Entre nós

Os duetistas Berignardis chegam hoje á noite, ou ámanhã de tarde e estreiam-se, no Foz, na segunda feira.

—No theatro da Rua dos Condes estreia-se, hoje á noite, o Trio Niza.

—No Coliseu effectua-se hoje á noite o espectaculo de accionistas. A'manhã, os artistas apresentam numeros novos. Na *matinée* de domingo entram 18 palhaços e 4 excentricos. Na segunda feira estreiam-se dois numeros. A companhia despede-se no dia 29, trabalhando, até lá, os 25 Persas.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—O sonho do mosquito.

Um benemerito

A commemoração do bispo D. Manuel de Aguiar

A proposito da noticia que *A Capital* publicou hontem com este titulo, escreve-nos um leiriense dizendo-nos que os ossos do bispo D. Manuel de Aguiar foram trasladados em 22 de abril de 1907 para uma capella da extincta Sé, onde foi erguido um mausoleu á memoria d'aquelle venerando prelado. Folgamos com o esclarecimento e só por desconhecermos o facto se disse que os restos mortaes de D. Manuel de Aguiar jaziam ainda á sombra do cipreste secular do cemiterio velho. Se assim fosse, isso não representava, de resto, sombra de desrespeito pela memoria do santo varão que Leiria hoje commemorou, tão certo é o velho cipreste constituir, só por si, um admiravel monumento a perpetuar as virtudes do benemerito prelado.

Festival militar no Coliseu

a favor dos soldados inutilisados em Angola

Promovido por uma commissão de officiaes de todas as armas e serviços do exercito e da armada, realisa-se no dia 30, no Coliseu dos Recreios, gentilmente cedido pelo seu emprezario e nosso amigo sr. Antonio Santos, um sarau militar cujo producto reverte em favor dos soldados inutilisados em Angola e em que tomam parte alumnos das escolas militares e officiaes e soldados dos regimentos da guarnição.

A commissão tem já organisado o programma do espectaculo, que deve agradar. Além dos numeros de *sport* e de exercicios militares, apresentar-se-hão todas as bandas da guarnição, um grande orpheon de alumnos da Escola de Guerra, e, no final da 1.ª parte, um sensacional numero de palco feito sob a direcção do distincto scenographo Augusto Pina.

O Coliseu será lindamente ornamentado.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 18.—Os individuos pertencentes ás tropas territoriaes das freguezias abaixo designadas devem comparecer á revista de inspecção no districto de reserva n.º 23, rua da Sophia nos seguintes dias: os da Sé Nova, 18 de abril; Sé Velha, Santa Clara e Almalaguez, 25; Santa Cruz e Cernache, 2 de maio; S. Bartholomeu, Anafarya e Ribeira de Frades, 9 de maio; S. Martinho do Bispo e Castel-Viegas, 16 de maio; Ceiros, Arzilla, Antombal, Ameal e Taveiro dia 23.

A revista terá logar ás 11 horas, ficando d'ella dispensados os que apresentarem as suas cadernetas na secretaria do districto em qualquer dos 15 dias que procedem o fixado para a revista das 14 ás 15 horas.

—Um grupo de estudantes do segundo e quarto annos de direito pediu ao sr. ministro da justiça a fim de que este interceda junto do seu collega da instrucção para serem abolidos os exames de frequencia.

—Os professores primarios da Louzã vão reclamar do ministro da instrucção contra a demora no pagamento dos seus vencimentos visto que a camara os não effectua nos prazos legaes.

—Segundo se vê do relatorio da cooperativa dos empregados publicos referente a 1914 os seus lucros liquidos apresentam um saldo de 3:515$65. As despezas geraes sommaram 2:258$13, mais 318$96,5, do que em 1915, sendo o fundo disponivel de esc. 8:061$01,5 e o de reserva de 1:354$22,5. Para a applicação dos lucros, n'um montante de 3:515$65, é assim a proposta: para o fundo de reserva 5 % sobre os lucros liquidos, 175$78; para dividendo 5 % sobre o capital social, 388$87; para bonnus de consumo, 5,9 % sobre 47:086$68, esc. 2:778$11,5; para gratificações aos empregados 171$10, sahindo para o fundo eventual 1$77,5.

SANTA COMBA DÃO, 18.—Partiu hoje para Fafe o sr. Manuel Morato, ex-delegado do procurador da Republica n'esta comarca. Foi alli collocado pela sua promoção á 1.ª classe.

—Foi nomeado administrador d'este concelho o sr. José Soares de Loureiro, evolucionista.

—Está restabelecido da doença que ultimamente o accommetteu o sr. João Neves da Silva Miranda, presidente da commissão executiva da camara municipal.

—Chegou ha dias de Tondella, onde esteve em tratamento, o sr. José Marques Viegas, do Conto do Mosteiro.

—Continua subindo o preço do milho. Já se vende o alqueire (15 litros) a 60 centavos.

FIGUEIRA DA FOZ, 19.—Os elementos organisadores de uma delegação da Cruz Vermelha, n'esta cidade, cuja sessão preparatoria se realisou no passado domingo, como «A Capital» noticiou, continúa nos seus trabalhos de propaganda. No proximo domingo haverá nova sessão em Lavos para a qual foram convidados o medico da localidade, pharmaceutico, professor e as pessoas mais gradas da terra. Outras sessões se repetirão em todas as freguezias do concelho. E' de 70 o numero de socios contribuintes já inscriptos. Tambem muitas pessoas se teem offerecido para fazerem parte do corpo activo.

—Tanto a camara como a Associação Commercial enviaram telegrammas ao sr. ministro do fomento pedindo-lhe que por conta do Estado seja feita a acquisição do predio da rua 5 de Outubro, onde actualmente está installado o Gimnasio Club Figueirense, e que vae ser vendido em hasta publica no proximo dia 21, cujo valor foi calculado em 4:000$00, para ser demolido, satisfazendo assim os desejos de todo o povo figueirense.

—N'uma das salas do Monte-pio Figueirense, foi collocado o retrato do seu digno e infatigavel presidente sr. Joaquim das Neves Baptista, como homenagem aos seus dotes de intelligencia e de trabalho revelados na excellente administração que hoje se nota n'aquella prestimosissima collectividade.

Movimento maritimo

Natal, L. Marques, «Bechuana» (Liv.)	20
Brazil, R. Prata, «Leon XIII» (Barc.)	20
Cadiz, Port Said Man., «Fern. Pó» (L.)	21
Brazil, R. Prata, «Frisia» (Amsterd.)	22
Bordeus, «Divona» (Brazil)	23
L. Marques, «Durban Castle» (Lond.)	23

voltariam para o governo, que lh'o não poderia proporcionar. Basta pensar, durante um momento, na crise que desencadeiaria no paiz semelhante infelicidade, para comprehender quão necessaria é a liberdade do mar a todo o povo que combate nas condições da guerra moderna».

E esse official accrescentava, pensando na França: «Uma tal calamidade prejudicaria os resultados das nossas primeiras victorias em terra, ou então tornaria impossivel toda a velleidade de resistencia no caso de um primeiro revez».

Este raciocinio com maior razão ainda se applica á Allemanha, situada mais no centro do continente.

Diremos, quando fôr occasião opportuna, o que a Inglaterra fez para conservar, com relação á Allemanha, o imperio do mar. Vejamos o que a França fez para não perder por completo o logar que occupava.

Em 1914, a França, depois de ter durante muito tempo hesitado sobre o plano das construcções navaes e, por esse motivo, soffrido atrazos deploraveis, perdia o segundo logar entre as potencias.

No entretanto a sua força, apoiada pela da Inglaterra, não era para desdenhar.

Os annuarios officiaes davam-lhe: 25 couraçados, deslocando 346.180 toneladas, 19 cruzadores-couraçados, deslocando 200.640, 9 cruzadores protegidos, 83 destroyers, 118 torpedeiros e 72 submarinos.

A artilharia era assim composta: 110 peças de 305 millimetros. 4 de 274, 72 de 240, 96 de 190, 198 de 164, 157 de 134 e 88 de 100.

Nem todas as unidades de primeira classe que figuram n'esses quadros teem o mesmo valor. Convem considerar principalmente a formação da armada franceza, como podendo ser d'uma utilidade real n'um combate moderno.

As forças navaes francezas estavam divididas entre o oceano Atlantico, comprehendendo a Mancha, e o mar Mediterraneo, do seguinte modo: no mar do Norte, 4 couraçados, um dos quaes com mais de 20 annos, 7 cruzadores-couraçados de 7.700 a 10.014 toneladas e 22 contra-torpedeiros; no Mediterraneo, 19 couraçados, um d'elles com mais de vinte annos, 11 cruzadores-couraçados, estando trez d'elles nas mesmas condições, e 35 contra-torpedeiros.

A armada franceza tem dois dreadnoughts, o «Jean-Bart» e o «Coubert», e seis couraçados d'um valor quasi equivalente, o «Voltaire», o «Condorcet», o «Danton», o «Mirabeau», o «Diderot» e o «Vergniaud».

Em fins de 1914 devem ter sido acabados os couraçados «Paris» e «France». Seguir-se-hão o «Bretagne», «Provence» e «Lorraine».

A proporção dos canhões de grosso calibre era para com os da armada allemã de 18 para 22.

Devemos accrescentar a estas indicações a existencia d'um certo numero de unidades espalhadas por differentes pontos do globo: 10 cruzadores de valor desegual, uma flotilha de 35 contra-torpedeiros e 5 submarinos, uma flotilha de submarinos e de torpedeiros em Bizerta.

feito consiste na passagem do tiro isolado para o tiro de repetição, que se deixa ao arbitrio do soldado e que traz por vezes o desperdicio das munições. A Lebel é uma espingarda de deposito, a espingarda allemã é de carregador, de sistema simples, commodo, facil de manejar e «que apenas permitte um unico genero de tiro e de carregamento». A adaptação, á espingarda Lebel, da bala D, que é de grande poder, restabeleceu, até certo ponto, o equilibrio, melhorando muito a força balistica da arma franceza.

A aeronautica militar deu origem a uma discussão no decorrer da qual, a 30 de janeiro de 1914, o Senado, por proposta do senador Reymond, votou a seguinte moção: «O Senado, lastimando os vicios d'organisação da aeronautica militar e confiando no ministro da guerra para realisar a autonomia dos serviços e as reformas necessarias, passa á ordem do dia».

Na Camara dos deputados, o deputado Girod tinha exposto a situação, a 2 de janeiro, nos seguinte termos: «Se temos 54 aviões mobilisaveis, fomos obrigados, infelizmente, a verificar, no inquerito a que procedemos, que nem uma só esquadrilha era completamente mobilisavel, por falta de apparelhos de recarga, de tractores, etc.»

Depois d'isso, grandes aperfeiçoamentos foram feitos e para obviar a algumas lacunas da preparação militar foi necessaria a habil tactica dos chefes e a valentia dos soldados francezes.

Póde dizer-se que as medidas tomadas pela Allemanha, nos annos de 1912 e 1913, revelavam as suas intenções bellicosas e a sua vontade de vencer a todo o custo. Conheciam-se os seus projectos, percebia-se bem o que ella queria. O que se fez em França para parar o golpe? A comparação é curiosa.

De abril de 1912 a abril de 1914, a Allemanha gastou com o seu exercito e a sua armada a quantia de 2:800 milhões de francos, inscripta no orçamento, em despezas ordinarias e extraordinarias, e a quantia de 1:000 milhões de francos, que a contribuição militar rendeu. A lei de 1913 estipulava, com effeito, que as quantias votadas em 1911 e 1912 seriam dispendidas antes do mez d'outubro de 1913. Embora o imposto de guerra só fôsse recebido em prestações, o governo imperial tinha auctorisação para d'elle dispôr, por meio de creditos extraordinarios, sob fórma de adeantamentos reembolsaveis.

Galvanisadas e sobreexcitadas pela imprensa, a burguezia e a nobreza allemãs augmentavam ainda, com a iniciativa particular, o esforço do Estado e creavam corpos d'automobilistas e aviadores voluntarios que, obrigados por um decreto, deviam, mediante um certo premio, prestar ao exercito, no dia da declaração de guerra, o seu concurso, bem organisado.

General allemão von Sanders, commandante em chefe das tropas ottomanas

A lei de 1913 foi integralmente applicada em outubro e, em vez de 63.000 novos soldados, foram incorporados 107.000. Em 1914, essa lei estava em plena applicação, tanto sob o ponto de vista do alistamento

de recrutas como no do armamento e da organisação.

As tropas de cobertura são reforçadas contra a França: o novo corpo d'exercito de Sarrebruck, 21.° corpo, é intercallado entre o 15.° corpo de Strasburgo e o 16.° corpo de Metz.

Dispõe-se, além d'isso, como forças de primeira linha, do 14.° corpo (Mulhouse), do 8.° (Trèves), do 2.° corpo bavaro (Landau). Póde avaliar-se em 5 corpos e meio d'exercito, apoz a lei de 1912, a força total da cobertura allemã. A lei de 1913 eleva de 190 a 200 homens as companhias de infantaria da fronteira: os esquadrões de cavallaria são elevados a 150 homens; augmenta-se ao msemo tempo em 26.000 o numero de cavallos d'artilharia que, d'ahi em deante, póde mobilisar a totalidade das suas baterias.

N'estas medidas, previstas e votadas pelas leis de 1912 e 1913, desenha-se, antecipadamente, todo o plano do estado maior allemão.

Revelam a sua intenção de proceder a um ataque precipitado pela Belgica; estabelecem o designio do estado maior de esmagar a França, desde logo, sob uma avalanche de homens e de material, para em seguida se voltar para a Russia. As ultimas manobras do exercito allemão, que se realisaram em Saxe, nas margens do Elba, tinham por thema o seguinte objectivo: «Um exercito allemão victorioso volta de França para ir ao encontro d'um exercito russo que occupou, no entretanto, as provincias orientaes da Prussia».

Vejamos agora do lado francez. A França tinha o canhão de 75.

Tinha a lei dos trez annos que lhe dava, pelo menos, o numero; tinha o impulso dado aos organismos militares pelos ministerios que se haviam succedido desde 1912; tinha principalmente um admiravel corpo de officiaes—pouco numeroso infelizmente.

Tinha a dedicação de todas as classes da nação figurando indistinctamente no exercito nacional. Quanto ao resto, ver-se-hia.

E a França tem sabido cumprir o seu dever.

Como é que a assombrosa organisação da Allemanha não lhe assegurou a victoria?

Como é que, depois de Charleroi, os exercitos francezes puderam reformar-se e precipitar-se sobre o inimigo no Aisne e nas Flandres?

Essa volta da fortuna tem realmente o seu quê de miraculoso... Milagre de resolução e de energia da parte dos chefes, milagre de resistencia e de enthusiasmo da parte das tropas e, acima de tudo, milagre devido á força das almas, milagre da França que não queria perecer, milagre da lei immanente das coisas que não queria que a França morresse.

A politica naval das grandes potencias variou profundamente de ha meio seculo a esta parte. A applicação do vapor, os progressos da artilharia, a força dada aos navios de guerra pela couraça que d'elles fez a pouco e pouco verdadeiras fortalezas moveis, transformaram o caracter da guerra maritima. Os navios de alto bordo tomaram taes proporções e são feitos com tão consideravel material que o seu custo augmenta em enormes proporções. Simultaneamente, desenvolvia-se o interesse que o inimigo tinha em destruil-os, embora á custa de todos os sacrificios.

A agua presta-se maravilhosamente a esse emprehendimento de destruição das grandes unidades navaes: os torpedos e os torpedeiros, as minas submarinas, os submarinos, tornaram-se os instrumentos do ataque, eguaes se não superiores aos meios de defeza.

Os couraçados augmentavam sempre, emquanto os processos de offensiva se iam por seu lado multiplicando. As despezas cresciam na razão dos esforços contrarios, e, por seu lado, os recursos orçamentaes oppunham tambem uma barreira ás novas exigencias da politica naval. São estas diversas difficuldades que os governos se vêem obrigados a vencer.

Para um paiz como a França, que

tem costas banhadas por trez mares, que possue numerosas colonias, uma população importante n'essas costas, tradições navaes illustres, mas que, por outro lado, era obrigada a consagrar a maior parte dos seus recursos á protecção da sua fronteira continental, o problema era deveras arduo. Por isso as mais diversas soluções foram preconisadas simultanea ou successivamente, com o mesmo ardor. Os officiaes de marinha teem espirito arguto, olhar perspicaz, reflexão rapida. Nos longos ocios a bordo, as discussões foram infindas e repercutiram-se nos echos das margens e dos portos de guerra. Complicando-se extraordinariamente com a questão de grupos e de pessoal, multiplicaram ainda mais as razões de hesitação proveniente da natureza das coisas.

A opinião publica e o parlamento assistiam a essas discussões sem as comprehenderem bem e sem se atreverem a tomar partido por uns ou por outros. Póde dizer-se que, depois da guerra de 1870, a França teve uma politica naval cheia de incertezas e de hesitações.

Durante longos annos, a França encarou a possibilidade d'uma guerra naval contra a Inglaterra: o seu objectivo limitava-se á defeza dos seus portos e das suas costas, á protecção da Mancha pelas esquadrilhas de torpedeiros e de submarinos, á constituição d'uma força sufficiente para proteger as suas communicações com as suas colonias d'Africa.

Mas quando a Allemanha pretendeu assumir o dominio dos mares, as coisas mudaram. Uma approximação se fez, naturalmente, com a Inglaterra e as duas potencias, unidas pela Entente Cordiale, combinaram a sua acção em terra e no mar, devendo a França sustentar a guerra continental, emquanto a Inglaterra continuaria a exercer o dominio no mar.

Nem por isso a França punha de parte o seu antigo objectivo, especialmente no Mediterraneo. As suas forças foram, em grande parte, concentradas em Toulon; o seu principal dever continuava a ser o de assegurar o transporte das forças da Argelia para a metropole.

A politica naval complicava-se com um outro problema, cuja importancia a guerra actual ia demonstrar. As hostilidades deviam fazer entrar em lucta não só dois exercitos, mas duas nações; por consequencia, as condições economicas da vida dos povos, durante a duração da guerra, tinham de desempenhar um papel que podia tornar-se preponderante.

A lucta pelo reabastecimento — quer se trate da alimentação quer das materias primas necessarias ao trabalho nacional—era uma das caracteristicas futuras das proximas guerras. Sob esse ponto de vista, o dominio do mar devia ter uma efficacia decisiva: cortar os viveres do inimigo, isolal-o commercialmente e economicamente, era reduzil-o á fome.

O general Verdy du Vernois, disse:

«A grande difficuldade das guerras futuras está em assegurar a alimentação das massas armadas. A producção do territorio nacional será insufficiente para assegurar a vida, não só das tropas, mas ainda do conjuncto da população. Será forçoso recorrer á importação do estrangeiro e não se poderá contar com segurança com a via terrestre. No caso d'um conflicto com a França e a Russia, só restará á Allemanha a via maritima e, por consequencia, precisamos d'uma armada poderosa para nos assenhorearmos d'essa via».

Comprehende-se a pressa que a Allemanha teve na construcção da sua armada e vê-se de que importancia era para as potencias alliadas conservar a sua superioridade e mantel-a de fórma a que a armada allemã nunca pudesse egualar ou ser superior á união das marinhas ingleza e franceza.

Seja qual fôr a potencia que se veja com as suas communicações maritimas definitivamente interceptadas, em breve estará sujeita á sorte descripta pelo tenente de marinha Hache: «Milhares de desgraçados privados de trabalho e de pão se

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1660 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 20 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Um compromisso

Os trechos do relatorio do sr. Pereira d'Eça, ministro da guerra no gabinete Bernardino Machado, que hontem «A Capital» publicou, constituem um documento importantissimo, não só para a historia do nosso paiz, mas para o proprio momento presente em que a nossa situação internacional não póde ser mais melindrosa e mais grave. O sr. Pereira d'Eça, n'um documento official, destinado a ser lido ao parlamento do paiz, indica a situação em que nos encontravamos ao findar o anno, isto é, ainda não ha quatro mezes, e o conhecimento d'essa situação, precisamente quando não temos nenhumas indicações sobre a actual, justifica verdadeiras e amargas preoccupações.

Quando o sr. Pereira d'Eça escrevia o seu relatorio, Portugal caminhava para um fim definido. Fizera-se a declaração de 7 de agosto em que affirmaramos a nossa solidariedade com a nossa velha alliada, a Inglaterra. Da impressão grata que a Inglaterra recebera d'essa declaração, deram provas a vinda a Lisboa do cruzador «Argonaut» e as expressivas demonstrações do governo d'esse paiz e da sua opinião publica. Participando d'essa impressão, a França, alliada da Inglaterra, enviou tambem a Lisboa um dos seus navios de guerra a saudar a bandeira da Republica Portugueza.

Diz o sr. Pereira d'Eça que se estabelecera que Portugal enviaria as suas tropas á sua alliada «logo que isso lhe fôsse sollicitado», e, com effeito, ainda segundo as declarações terminantes do ex-ministro da guerra, depois da partida das duas primeiras expedições para Africa «chegou o pedido official do governo inglez para a intervenção armada de Portugal na guerra europeia, ao lado dos seus alliados».

Trabalhou-se n'esse sentido, sem nenhuma especie de hesitação, mas a determinada altura a inqualificavel campanha que já começára a desenhar-se contra a execução dos nossos deveres de nação alliada de outra, envolvida na maior conflagração da historia, e contra a valorisação que d'esse facto devia advir para a nossa patria, conseguiu crear uma nova situação, em que tudo o que era limpido e claro passou a apparecer obscuro, tenebroso.

Hoje não se sabe para onde caminhamos. Avançamos para o desconhecido, mas n'um futuro que não póde deixar de estar proximo hão de ser reclamadas as responsabilidades d'essa nova situação em que Portugal se encontra, e em que os prejuizos materiaes e moraes para a nação portugueza não podem ser maiores nem mais funestos.

Tudo se enredou, tudo se desvirtuou, mentiu-se impudentemente, com propositos inconfessaveis, porque só podiam ser os da cobardia ou os da má fé, e precisamente de uma conjuntura historica em que podiamos honrar-nos e engrandecer-nos só retiramos opprobrio, vergonha e a diminuição do nosso prestigio no mundo.

O governo que actualmente occupa as cadeiras do poder mostra-se, até no mais requintado escrupulo, executor do que julga serem compromissos internacionaes tomados pelos anteriores governos. Foi assim que deu o indulto a um criminoso a quem a opinião publica não perdoou o seu crime. E' assim que se prepara para saltar por cima de uma das leis fundamentaes da Republica, consentindo na creação de uma egreja hespanhola em Lisboa. Não se prova que taes compromissos houvessem sido formal e cathegoricamente tomados, como as suas notas officiosas proclamam. Mas ha um compromisso solemne, um compromisso tomado pelo governo e pelo parlamento, authenticado por duas votações unanimes do Congresso Nacional, sellado pelas manifestações da opinião publica. Esse compromisso é o da solidariedade com a nossa alliada, a Inglaterra; esse compromisso é o da intervenção na guerra europeia. Esse compromisso ninguem o póde pôr em duvida. Pois bem! Esse compromisso, que representa elle para o governo? Que pensa ácerca d'elle? Mantem-o? Se o mantem, porque o não executa? Despreza-o? Se o despreza, porque não tem a coragem de o declarar, assumindo, emfim, uma vez, as suas responsabilidades totaes?

Gravissima situação a nossa!

Nunca Portugal atravessou egual. Porque, se houve epochas em que a derrota e o experimentou, nunca deixou de salvar-se o seu brio, a sua honra, e agora está ameaçado de ficar votado ao desprezo das nações, sem que se quer tenha o direito de se queixar d'elle. Não executamos os nossos compromissos com a Inglaterra? Que conceito poderá merecer tal procedimento a essa grande e honrada nação? E ao mesmo tempo já a Allemanha nos atacou, como um paiz reconhecidamente inimigo.

Inglaterra e Allemanha. Quem diz estes dois nomes diz toda a Europa, porque, das outras nações que a compõem, umas batem-se ao lado d'essas potencias e as outras outhorgam a qualquer d'ellas a sua sympathia. Portugal, mantendo-se na situação em que se mantem, soffrerá a condemnação do mundo inteiro.

Poeira da Arcada

N'estes molestos dias de chuva, em que as neblinas se collam ás coisas como os farrapos go dorso dos mendigos, as ruas da cidade perdem a animação colorida, fresca e cantante das suas turbas que uma vaga esperança de felicidade desaltera e acalenta, tomando um aspecto soturno e malefico, propicio ao desenrolar das melancholias que, nas almas portuguezas, cavam sulcos fundos, onde o desanimo faz as suas tristes sementeiras.

Os rostos amarellecem como folhas outoniças e os olhos escurecem, cansados de procurarem na face pardacenta do ceo e na monotonia cerrada das superficies os estimulos suaves que alimentam a credulidade ingenua dos sonhadores e dos poetas.

Lisboa, quando as bategas derramam sobre ella os fiosinhos de uma ephemera renda que a tristeza dos espaços fabrica em horas de odio e desesperança, parece concentrar-se sobre as ruinas de uma illusão—a illusão preciosa que, n'uma manhã de sol, ella concebera, para corresponder ao estremecimento da vida que a natureza dispersa, a fim de inalteravelmente consumar a serie das suas metamorphoses.

***

No castello de Aremberg consome-se, nas trevas da demencia, ha quasi cincoenta annos, a imperatriz Carlota, viuva de Maximiliano de Austria, fusilado em Querétaro pelas tropas de Juarez. Em torno d'ella, sá a artilharia e cavalgadas de hulanos e couraceiros, dia e noite, tropeiam no delirio louco de vencer ou morrer. A sua razão extincta, porém, nada percebe do tremendo drama que se desenrola tão proximo do seu doloroso fadario.

O mundo revolto joga, junto dos seus ouvidos alheados e distantes, a partida mais grave da sua historia de procellas. Ella vive como fechada n'uma torre, onde não chegam as vibrações da raiva e do pavor. Sobre a dôr inapagavel de uma tragedia barbara, o seu animo perdeu a coragem de seguir as apparições do seu destino desgraçado. Cerrou-se na mudez inerte que trazem comsigo os soluços de um coração feito em pedaços.

A morte ceifa bravamente legiões, em frente das janellas do seu castello. Ella nada vê, nada sente. Para a sua existencia de sombra, outras sombras que passam não conseguem accordar echos ou lembranças que liguem o seu espirito ao panorama das humanas ambições. Entre o ceo e a terra, conserva-se como uma pallida evocação do que foi, sem poder colher, no seu ser devastado, mais do que as gottas lentas e algidas de uma agonia que se não conhece.

***

Quando a politica começa a interessar ás mulheres, aquella perde a sua elevação de factos e principios, degradando-se nas intrigas e mexidas das salas e alcovas, e estas transitam tão facilmente entre o serio e o comico que o seu prestigio está constantemente em perigo.

O que se escreve e o que se lê

A Theosophia

por João Antunes

O joven e talentoso vulgarisador que é João Antunes, a quem devemos já uma serie de importantes estudos eclecticos de psicologia experimental, o ultimo dos quaes se intitula *O occultismo e a sciencia contemporanea*, a que se seguirá o intitulado *As sciencias transcendentaes através da Historia*, acaba de publicar mais um volume em que demonstra a sua vasta erudição e a sua especial competencia nos assumptos philosophicos. Trata-se d'*A Theosophia*, estudo de philosophia syncretista, coisa que, como observa o illustre auctor, é de vida historica bem recente, pelo menos na sua modalidade actual. Segundo esclarece o dr. João Antunes no sincretismo theosophico conta milhares de proselitos no mundo inteiro, n'uma das suas caracteristicas aggremiações scientificas: a Sociedade Theosophica. E accrescenta o publicista: «Não impõe dogmas, devendo coar-se e comprimir-se as suas affirmações pela fieira da critica, e vêr se se coadunam com os principios da sciencia. São estes primaciaes os seus fins: Ser o nucleo d'uma fraternidade universal. Fomentar o estudo das religiões comparadas, da philosophia e das sciencias arianas e orientaes. Estudar as leis inexplicadas da natureza e os poderes psichicos latentes no homem».

Expondo com um perfeito methodo e escrevendo com uma clareza e propriedade inexcediveis, João Antunes ligou o seu nome a um novo trabalho que o honra e que constitue uma admiravel sinthese e um relevante serviço prestado á sciencia.

A Theosophia, que tem um prefacio de Nantur Marnés, foi editada com escrupuloso esmero pela Livraria Classica Editora, da praça dos Restauradores, n'um belo volume de 110 paginas.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

«El Liberal,, e o indulto do Leandro

Com o titulo «Um indulto singular», *El Liberal* de Madrid occupou-se em artigo editorial do caso do Leandro, nos termos seguintes:

Quereriamos saber que interesse teve o governo hespanhol ou para melhor dizer que interesse tiveram varios governos hespanhoes em sollicitar insistentemente do de Portugal o indulto d'um individuo condemnado por incendiario n'esse paiz e que quasi desconhecido entre nós. Muito mais o conheceu os portuguezes, que lhe chamavam depreciativamente «O Leandro».

Condemnado a sete annos de prisão maior por crime que lá se chama de «fogo posto» e que causou varias mortes, foi ante-hontem posto em liberdade de modo semi-clandestino.

Alludindo rapidamente á scena dos tiros no Settl, *El Liberal* prosegue:

Não nos pesa o indulto, porque é possivel que tivesse havido erro judiciario na condemnação. Poucos mezes lhe faltavam para cumprir a pena, mas, por elementares razões de humanidade, alegrámo-nos com o facto do condemnado ter obtido esse alivio.

O que nos molesta é a ambiguidade suspeitosa em que apparece envolto o assumpto. Aqui, onde tantos esforços e tantos annos custa a obter dos governos o indulto d'um mero delicto politico, é coisa muito singular que os mesmos governos hajam de tal modo trabalhado em favor d'um individuo accusado e condemnado por delicto commum n'um tribunal estrangeiro.

E magoam-nos em grau muito maior os termos da nota que por parte do Conselho penitenciario de Lisboa precedeu a concessão do indulto.

E, depois de transcrever essa nota, *El Liberal* conclue:

Questão diplomatica e interesse do governo hespanhol um indulto que nem no terreno legal nem no moral deve ser concedido? Vivamente desejariamos vêr aclarado um assumpto tão duvidoso e que tão pouco nos favorece.

Gratidão é devida ao governo de Portugal que não pôde mostrar-se mais amavel nem mais desejoso de contentar o nosso.

Mas consta que a opinião publica hespanhola em nada contribuiu para isso. E' possivel que hajam alguns annos, n'um outro periodico saissem correspondencias de caracter visivelmente interessado nas quaes se fallasse a favor do dito sujeito. Mas não se passou d'isso. Noventa por cento dos cidadãos não tinham aqui a menor noticia do espantoso incendio occorrido em Lisboa no ano de 1907 nem de quem fossem os seus verdadeiros ou presumidos auctores.

Morte do cardeal Agliardi

ROMA, 20.—Falleceu o cardeal Agliardi.—(*Havas*).

Antonio Agliardi nasceu em 4 de setembro de 1832, ordenou-se em 1855 e foi eleito arcebispo titular de Cezaréa da Palestina em 1884 e enviado como delegado apostolico ás Indias, onde em 1887 presidiu o concilio e o restabelecimento da hierarchia. No mesmo anno reuniu um synodo em Bangalore. Seguidamente foi nomeado secretario da congregação dos negocios ecclesiasticos extraordinarios, nuncio em Munich, nuncio em Vienna d'Austria, (1893), enviado extraordinario á Russia por motivo da coroação de Nicolau II, (1896), etc. Creado cardeal em 1896, foi bispo de Albano e vice-chanceller da Egreja romana. Era das figuras mais brilhantes do Sacro Collegio e dos cardeaes que possuiam idéas mais rasgadas.

FEDERAÇÃO ACADEMICA

O sarau do dia 25

Ampliando a noticia que démos sobre o sarau que na noite do 25 se realisa no theatro de S. Carlos, podemos accrescentar que na audição historica de musica portugueza (até 1800) entram, entre outras amadoras e artistas, as sr.as D. Maria Droy Collaço, D. Oriza da Silveira e D. Magdalena Motello Antunes e o sr. Antonio Caldeira, discipulo do baritono D. Francisco de Sousa Coutinho.

Além de composições para cravo do seculo XVIII (José Antonio Carlos de Seixas e Francisco Xavier Baptistas), ouviremos a *Crux fidelis* de D. João IV, a introducção a uma aria da opera *La Spinalla*, a aria de mezzo soprano da opera *Seleuco rei da Siria* ambas do seculo XVIII, e varios numeros de Marcos Portugal, entre os quaes a abertura da opera *Ouvo não compra amor*, considerada uma das melhores d'esse celebre compositor.

Esta audição de musica portugueza será das melhores que entre nós se teem realisado.

Os bilhetes que restam podem ser requisitados na séde da Federação Academica, rua da Gloria, 57, á Avenida.

AS OPERAÇÕES NOS DARDANELLOS

Afundam-se trez couraçados

A perda do "Irresistible,,, do "Ocean,, e do "Bouvet,,—O "Gaulois,, e o "Inflexible,, avariados

LONDRES, 20. — Official — Nos Dardanellos, depois da dragagem das minas, a esquadra franco-ingleza emprehendeu um ataque geral. Os fortes da entrada do estreito responderam vigorosamente, sendo attingidos des couraçados por projecteis dos fortes, mas estes foram reduzidos ao silencio. No momento em que a esquadra franceza, que tinha brilhantemente atacado os fortes, regressava, o *Bouvet* bateu n'uma mina que explodiu, afundando-se o navio em consequencia de uma explosão interior.

De tarde os navios recomeçaram o ataque. O *Irresistible* e o *Ocean* abalroaram com minas e afundaram-se, sendo salva parte das suas tripulações. O *Gaulois* e o *Inflexible* ficaram avariados e vão ser reparados. Se se attender á extensão das operações e á sua importancia, as perdas britannicas foram insignificantes. O *Queen* e o *Implacable*, enviados de Inglaterra, substituirão os navios desapparecidos. As operações continuam.—(*Havas*).

LONDRES, 19. — O almirantado britannico annuncia o seguinte:

A dragagem de minas continuou durante os ultimos dez dias dentro do estreito, o que permittiu um ataque geral pelas esquadras britannica e franceza na manhã de 18, aos fortes do estreito dos Dardanellos. A's 10 e 45 da manhã o *Queen Elisabeth*, o *Inflexible*, o *Agamemnon* e o *Lord Nelson* bombardearam os fortes L. T. U. e V., no mesmo tempo que o *Triumph* e o *Prince George* atacavam as baterias dos fortes F. E. e H. Iniciou-se então um violento fogo sobre os navios com morteiros e peças de campanha. A divisão franceza, composta do *Suffren*, do *Gaulois*, do *Charlemagne* e do *Bouvet*, avançou até os Dardanellos e atacaram os fortes á mais curta distancia. Os fortes J. U. F e E. responderam com vigor, mas o seu fogo foi obrigado ao silencio pelos dez navios que estavam dentro do estreito. Todos estes navios foram attingidos varias vezes. Pela 1,25, todos os fortes tinham cessado de fazer fogo.

O *Vengence*, o *Irresistible*, o *Albion*, o *Ocean* e o *Swiftsure*, bem como o *Majestic*, avançaram então para render os seis velhos navios de guerra que estavam dentro dos estreitos. Quando a divisão franceza, que havia atacado os fortes de um modo brilhantissimo, ia a retirar, o *Bouvet* foi pelos ares, devido a uma mina fluctuante, e afundou-se ás 2,36. Os navios de guerra que foram render os que tinham estado em combate recomeçaram a batalha atacando os fortes, os quaes romperam novamente fogo.

O ataque continuava ao mesmo tempo que a dragagem das minas. A's 4 horas e 9 minutos da tarde o *Irresistible* sahiu da linha, navegando vagarosamente e afundou-se ás 5 e 50, tendo provavelmente batido em algum torpedo derivante. O *Ocean* tambem se afundou por havar batido n'uma mina. Não obstante o fogo violento dos fortes, toda a tripulação d'estes dois navios foi posta a salvo. O *Gaulois*, avariado pelo fogo da artilharia, e o *Inflexible*, que ficou com a ponte da vigia da prôa avariada por uma granada, vão soffrer reparações. O bombardeamento dos fortes e as operações de dragagens de minas terminaram apenas quando escureceu. Os estragos causados nos fortes pelo prolongado fogo directo das mais poderosas forças navaes empregadas não poderam ainda ser avaliados e serão objecto de um novo relatorio. As perdas dos navios foram causadas por torpedos derivantes e deram-se nas areas que até agora haviam sido varridas. Este perigo será, pois, objecto de procedimento especial.

As perdas do pessoal britannico não são grandes, attendendo á importancia das operações. Parece, porem, que toda a tripulação do *Bouvet* se perdeu com o navio, tendo-se que consta sobrevindo uma explosão interna á explosão da mina.

O *Queen* e o *Implacable*, que foram enviados de Inglaterra para substituir os navios que se viessem a perder, eram esperados durante as operações, e devem estar a chegar aos Dardanellos, collocando assim a esquadra britannica na sua primitiva força.

As operações continuam, tendo contribuido efficazmente para o resultado das operações as grandes forças navaes e terrestres que se encontram no local.

No dia 16 do corrente o almirante Carden foi julgado incapaz por doença e substituido no commando em chefe pelo contra almirante de Robeck, que ha mezes foi em visita a Lisboa saudar a bandeira portugueza pouco tempo depois do começo da guerra.—(*Informação official recebida na legação britannica em Lisboa*).

PARIS, 20—O ministerio da marinha communica umas informações em que se faz sobresahir a parte brilhante e importante tomada pela divisão franceza que teve a honra de atacar os fortes dos Dardanellos á curta distancia. O vigor francez foi altamente apreciado pelos marinheiros inglezes. O almirante Guepatre telegraphou que a honra da bandeira está plenamente satisfeita, e bem que caramente comprada com a perda do *Bouvet*, cujos sobreviventes são uns 64. Os outros navios da divisão tiveram perdas muito fracas.—(*Havas*).

O *Irresistible* era um couraçado de 15.000 toneladas, acabado de construir em 1901. Possuia 4 peças de 12 pollegadas, 12 de 6 e mais 2 de menor calibre. A sua velocidade era de 13,2 nós. Tripulação 781 homens. O *Ocean* deslocava 12.950 toneladas, fôra acabado de construir em 1900 e estava armado com 4 peças de 12 pollegadas, 12 de 6 e mais 16 de menor calibre. Velocidade 18,74 nós. Guarnição 700 homens. Estes dois barcos pertenciam á esquadra ingleza. O *Bouvet*, que tambem foi metido a pique, deslocava 12.007 toneladas e fôra acabado em 1898. Armamento: 2 peças de 12 pollegadas, 2 de 10,8, 8 de 5,5 e 8 de 3,9. Velocidade, 13,2 nós. Tripulação, 621 homens.

O *Gaulois*, tambem francez, avariado, desloca 11.105 toneladas e foi acabado de construir em 1899. Armamento: 4 peças de 12 pollegadas, 10 de 5,5, 8 de 3,9, 16 de 1,8 e 10 de 1,4. Velocidade, 18 nós. Tripulação, 632 homens. O *Inflexible*, inglez, desloca 17.250 toneladas e ficou completo em 1908. Armamento: 8 peças de 12 pollegadas e 16 de 4. Tripulação, 780 homens. Todos os barcos possuiam varios tubos lança torpedos.

A saude de Guilherme II

Amsterdam, 17 de março

Diz-se que o kaiser está soffrendo novamente da garganta e que por este motivo não tem ido ultimamente ás linhas de combate, conservando-se em Berlim onde quotidianamente é observado por medicos especialistas. Parece que entre estes reina grande divergencia de vistas, opinando uns por uma immediata operação e sendo outros de opinião contraria.

Salvo a gravidade do mal, parece que o estado do kaiser é aproximadamente o mesmo que precedeu a morte de seu pae. Como é natural, o povo não está ao corrente das circumstancias, mas sob o pretexto de que o imperador anda muito occupado e precisa de socego para trabalhar, foram prohibidas as manifestações defronte do palacio imperial.

Nos centros bem informados julga-se muito critico o estado do imperador, actualmente o unico ministro que fala com elle é o chanceller do imperio.

Folhetim d'A CAPITAL 20-3-1915

CHRONICA MUSICAL

A musica e o sisthema musical dos gregos

«... arte perfeita, a arte que pretenda revelar o homem completo, exigirá sempre estes trez modos de expressão: gesto, musica, poesia.»

Esta phrase de Wagner, que é a propria definição da sua obra, corresponde, na sua fórma apenas, não no modo de realisação, á ideia que os gregos formulavam da arte de musica, trilogia em que estavam comprehendidas a poesia, a musica e a dança.

Grande tem sido a controversia entre os auctores para se averiguar do grau de desenvolvimento e perfeição que a musica alcançou entre os gregos: até nós apenas chegaram trez himnos, um a Calliope, outro a Apollo, outro a Némesis; e isto e alguns tratados philosophicos se resumem as fontes em que poderemos estudar a musica grega.

D'esta insufficiencia de documentos resulta a incerteza em que nos encontramos a tal respeito e a multiplicidade de opiniões que sobre o assumpto teem sido emittidas.

Os argumentos que geralmente empregam os que defendem a opinião de que os gregos foram altamente musicos e deram á musica grande desenvolvimento são os seguintes:

Sendo os gregos os mais admiraveis artistas do mundo, grandes esculptores, architectos de genio, poetas sublimes, deviam necessariamente ser grandes musicos. Se isto se não conclue do que até nós chegou da sua musica é porque não nos chegou a melhor. Tambem nós nada conhecemos da sua pintura, e em todo o caso sabemos que elles tiveram uma Apelles, um Zeuxis, um Parrhasio. Além d'isso, através de todas as suas obras se vê a enorme importancia do canto: logo, elles cantavam muito e bem.

Facil é demonstrar que o primeiro argumento nada prova: os gregos foram grandes nas artes plasticas e por isso não repugna acreditar, antes é logico e natural, que fossem grandes pintores. Deve deduzir-se d'ahi que fossem excellentes musicos? Evidentemente que não.

Mas foram poetas sublimes; este argumento, longe de favorecer a demonstração, é-lho contrario.

Como já dissemos, os gregos comprehendiam na mesma trilogia a poesia, a musica e a dança; estas fórmas de arte não eram independentes, estavam subordinadas entre si. Portanto, se a poesia attingiu o sublime, é porque ella era o elemento principal, subordinante, e os dois outros meros accessorios, subalternos.

Quanto á importancia do canto, é innegavel, mas nada tem que ver com o grau de perfeição da musica: em primeiro logar, não deve interpretar-se, sempre que nos textos gregos nos apparece a palavra *cantar*, como canto musical, pois muitas vezes significa apenas recitar ou declamar; depois, mesmo quando vem expressa a ideia de canto musical, geralmente pela referencia a um instrumento, não pode d'ahi deduzir-se coisa alguma quanto á perfeição d'esse canto: o que se deduz é que os gregos recitavam os seus versos com acompanhamento de instrumentos, ou os cantavam com uma melodia propria. Sobre a belleza ou perfeição d'essa melodia nada pode affirmar-se.

Em resumo: os gregos tinham uma musica; mas não tinham a musica, no sentido que hoje se dá á palavra.

Essa musica formou-se lentamente, como consequencia das diversas invasões; e a sua historia primitiva, como toda a historia primitiva dos gregos, tem a fórma mithologica e fabulosa.

Primeiro, é a flauta de Baccho dos phrygios e lidios que lucta contra a lira de Apollo dos dóricos; depois, quando os dóricos descem da Thracia para o sul da Grecia, encontram os povos oriundos do Egypto e da Phenicia; a lira de Apollo tem de luctar com a cithara de Mercurio; mas nenhum vence, ou antes, todos vencem; o Apollo, Baccho e Mercurio, a lira, a flauta e a cithara ficam sendo os grandes simbolos da historia musical da Grecia.

Os gregos tinham como base da sua musica a extensão geral da voz humana, ou sejam vinte e quatro sons, que elles dividiam em fracções de quatro, a que chamavam *tetracorde*; o conjuncto de tetracordes chamava-se *telexis*.

Como não tinham sillabas para designar as notas, a sua nomenclatura musical era complicadissima; e para a escripta empregavam lettras, que, sendo insufficientes para representar toda a linguagem musical, tinham de esforçar-se em varias posições, o que elevava o numero de signaes a cerca e cincoenta. Por isso Aristoxenes dizia que toda a sciencia da musica estava na notação.

Conheciam os mesmos intervallos que nós usamos, o tom, o meio-tom e até o quarto de tom; a serie das notas com intervallo de um tom formava a escala *diatonica*; com intervallo de meio tom, a escala *chromatica*; de quarto de tom, a *inharmonica*.

O sisthema combinado das escalas originava os diversos modos, que eram numerosos; os principaes eram o dorico, o jonico, o eólio, o lidio e o phrigio. Dos secundarios o mais celebre era o mixolidio, cuja invenção se attribuia a Sapho.

A musica medieval conservou os modos dórico, phrigio e mixolidio, mas profundamente alterados; são estes os modos que mais se assemelham aos nossos tons modernos.

Embora conheçamos quasi perfeitamente a theoria musical dos gregos, o mesmo se não dá quanto á pratica, ou seja o canto e a melodia; d'esses, aparte os trez himnos a que já nos referimos, nenhum exemplo temos; por isso se recorreu á ideia de molda-r a rithmica musical pela prosodia dos versos gregos.

Este sisthema que podia induzir a lamentaveis erros applicado á musica de hoje, deve approximar-se muito da verdade no que respeita aos gregos, dada a intima relação que existia, como já vimos, entre a poesia e a musica, o que leva a crer que motor poetico e rithmo musical fossem pouco mais ou menos a mesma coisa.

O rithmo e o modo constituiam o *ethos* de uma melodia: conforme o sentimento que inspirava, a melodia era *tragica, comica, ditirambica, erotica, encomiastica*, (elogiosa), *sistaltica*, (inspirando tristeza), *hesicastica* (tranquilla), *diastaltica* (excitante e heroica).

Cada modo tinha o seu *ethos* ou caracter particular; e os philosophos esforçavam-se por fixar o sentido expressivo, de cada modo, no que nem sempre estavam de accordo, como se vê em Platão e Aristoteles; o que não se julgue que isto era uma simples especulação esthetica; os musicos applicavam na pratica as regras dos philosophos.

Os proprios instrumentos tinham, até certo ponto, um emprego proprio e especial, em relação aos *ethos*, como se vê d'esta passagem de Sophocles:

«O' vós... que habitaes a praia consagrada á virgem das flechas de ouro onde o mesmo sentimento religioso reune todos os gregos em assembleias famosas: a flauta harmoniosa vae agora fazer-vos ouvir, não accentos de dor, mas cantos sacros semelhantes aos da lira».

Quanto á harmonia, no sentido moderno da palavra, parece ter sido desconhecida dos gregos; nenhum texto, nenhum documento dá conta da sua existencia; elles cantavam em unisono, e o instrumento que acompanhava canto e tocava egualmente em unisono ou dobrava o canto, uma oitava acima ou abaixo da voz, o que se chamava *magadisar*.

Isto é mais um argumento a apoiar aos que pretendem que a musica grega tenha attingido o grau de desenvolvimento das outras artes.

O que não quer dizer que esses sublimes estheticos não cultivassem a musica com adoração, cercando-a de leis divinas e humanas que era sacrilegio infringir; ella era a reguladora da vida e dos prazeres; por isso diz Platão:

«Nunca o estilo musical muda, sem que os principios do Estado se modifiquem».

Humberto de Avellar

O CASO LEANDRO

Um telegramma do sr. dr. Augusto de Vasconcellos

Sua ex.ª confirma os pontos essenciaes das revelações feitas n' "A Capital,, equivocando-se quanto a um desmentido que pretende fazer

Madrid, 19, ás 17 e 35

Peço v. obsequio publicar no seu jornal que declaro serem absolutamente inexactas as referencias que me são feitas no seu artigo sobre as questões pendentes com a Hespanha. Pode v. fazer idéa d'essas inexactidões pela que me attribue propositos de demissão á data da entrevista entre sua ex.ª o sr. presidente da Republica e o sr. ministro da Hespanha, realisada em junho, quando eu só fui nomeado ministro em Hespanha em agosto. E' notoriamente inexacta referencia entrevista com sua magestade el-rei D. Affonso XIII, que só teve logar em dezembro. Muito agradecerei a v. esta rectificação.—Vasconcellos.

Este telegramma chegou á nossa redacção hontem á noite, ás 20 horas e 30 minutos, quando *A Capital* já estava a imprimir-se. Só por isso lhe não fizemos referencia no numero de hontem. Agora, depois de termos colhido novas informações sobre o caso, vamos responder ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Verá sua ex.ª que não foi feliz na sua intervenção.

⁂

Não tencionavamos voltar ao assumpto, que está por demais esclarecido e liquidado. Este governo decretou a commutação da pena de Leandro porque quiz decretal-a. Nada o obrigava a isso. Nada, nem o proprio empenho que o sr. presidente da Republica manifestou ao sr. ministro de Hespanha, porque elle de nada valia se não tivesse a sancção dos respectivos ministros. Estava o sr. dr. Manuel de Arriaga no seu direito, visto que a Constituição lh'o faculta, de tomar até a iniciativa da commutação da pena de Leandro; estava no seu direito de communicar essa disposição ao sr. ministro de Hespanha, se quizesse responder por um modo formal e cathegorico ás solicitações que sua ex.ª lhe fazia. Mas tanto o chefe do Estado como aquelle diplomata sabiam que esse empenho só poderia effectivar-se por meio das columnas do *Diario do Governo*. E para isso era indispensavel que os ministros assignassem o decreto e o mandassem para a Imprensa Nacional. Foi isso o que fizeram os srs. Gomes Teixeira, Guilherme Moreira e Theophilo da Trindade.

⁂

O sr. dr. Augusto de Vasconcellos pretende lançar aos quatro ventos da publicidade um desmentido solemne, a ver se os leitores fixam as suas palavras sem cuidarem de averiguar até que ponto ellas se relacionam com os factos narrados. *Declaro serem absolutamente inexactas*, etc. Simplesmente nós respondemos a isto com estas palavras: **o sr. dr. Augusto de Vasconcellos não desmente coisa alguma d'aquillo que o nosso entrevistado se propoz demonstrar.** Mais: *o sr. dr. Augusto de Vasconcellos confirma as duas principaes affirmações da entrevista publicada, e que são as duas entrevistas realisadas com os chefes de Estado, em Lisboa entre o sr. ministro de Hespanha e o sr. dr. Manuel de Arriaga, e em Madrid entre o sr. dr. Augusto de Vasconcellos e Affonso XIII.*

O seu apparente desmentido baseia-se n'uma questão de datas. Mas, com certeza, o nosso representante em Madrid leu muito precipitadamente as referencias que lhe são feitas, porque só assim podemos explicar o equivoco em que o seu espirito labora. *Ninguem lhe attribuiu propositos de demissão á data da entrevista entre o sr. presidente da Republica e o sr. ministro de Hespanha.* O que se affirmou, sem precisar data alguma, foi que o sr. dr. Brito Camacho, consultado pelo sr. dr. Bernardino Machado, lhe respondeu que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos abandonaria a legação se o indulto fosse concedido. *Esta affirmação foi confirmada antehontem pelo proprio sr. dr. Brito Camacho n'um artigo da «Lucta».*

O sr. dr. Augusto de Vasconcellos, desde que tomou a resolução de nos enviar um telegramma sobre o caso, apenas poderia dizer que não era exacta a approximação feita entre a entrevista de s. ex.ª com o rei Affonso XIII e a do ministro de Hespanha em Lisboa com o sr. dr. Manuel de Arriaga. Mas essa rectificação, a unica que s. ex.ª poderia fazer, não desmentiria coisa alguma d'aquillo que o nosso entrevistado se propoz demonstrar. Examinemos essa questão de datas e o leitor verá como se confirma que *nem em maio nem em junho de 1914 o governo portuguez tomou qualquer compromisso.*

⁂

Repare o leitor nas palavras que o sr. dr. Brito Camacho escreveu, explicando as condições em que se daria a demissão do sr. dr. Augusto de Vasconcellos:

«Porque sabiamos estar na forja o indulto do Leandro solicitado com muita instancia, pedimos ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos, *nosso correligionario*, que ao Directorio do partido desse a segurança de não abandonar a Legação, assim que o decreto do indulto apparecesse no *Diario do Governo*, se o não pudesse fazer antes, sob informação de que elle ia ser publicado.

Quando o sr. Bernardino Machado nos disse, pelo telephone, ahi por volta das 2 horas da noite de 4 de outubro, que o governo pensára em indultar o Leandro no dia seguinte, nós dissemos-lhe que isso seria uma degradante commemoração do acto revolucionario, e informámol-o do compromisso que o dr. Augusto de Vasconcellos tomára.

O Leandro não foi indultado n'essa occasião, e vindo d'ahi a pouco a Lisboa o dr. Augusto de Vasconcellos, por ella soubemos qual o verdadeiro estado da questão. O governo comprometteu-se a indultar o Leandro, compromisso formal e cathegorico, conforme na sua nota, outro dia, disse o sr. ministro de Hespanha.

O sr. dr. Augusto de Vasconcellos partiu em agosto para Madrid resolvido a abandonar a legação *assim que o decreto do indulto apparecesse no «Diario do Governo», se o não pudesse fazer antes, sob informação de que ella ia ser publicado.* Tomou logo conhecimento do officio que o sr. Freire de Andrade tinha enviado em junho e que este governo diz conter a ratificação do supposto compromisso tomado em maio pelo sr. dr. Bernardino Machado. Ora, se assim fosse, **se tal compromisso existisso, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, de harmonia com a deliberação em que s. ex.ª se encontrava, abandonava o seu logar.**

Mas outra prova de que o compromisso não existia, e essa ainda mais evidente e cathegorica, é que o sr. dr. Brito Camacho, a 4 de outubro, se oppunha á publicação do decreto. Só depois d'isso é que, vindo a Lisboa o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, o governo se comprometteu a indultar o Leandro». Desde agosto a outubro o nosso representante em Madrid alguma vez deveria ter escripto ao sr. dr. Brito Camacho sobre o melindroso assumpto, tanto mais que s. ex.ª só partira depois de tomar o compromisso de se demittir com o directorio da União Republicana. Se s. ex.ª encontrasse na legação, á sua chegada, a supposta ratificação da promessa do indulto, ou se essa ratificação ou a promessa tivessem logar desde agosto a outubro, *o sr. dr. Augusto de Vasconcellos seria n'esse periodo desobrigado do seu compromisso,* **como o foi depois,** *e o sr. dr. Brito Camacho não teria dito a 4 de outubro que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos abandonava a legação no caso de ser publicado no dia immediato o decreto do indulto.*

Pois não foi por haver, da parte do governo, um supposto compromisso, formal e cathegorico, do indulto, que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos ficou dispensado de se demittir? Foi; Logo, **esse compromisso não existia á data de 4 de outubro.**

⁂

As novas informações que colhemos hoje só confirmam que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, nos primeiros tempos em que se encontrou na legação, entendia que o gabinete de Madrid não punha um grande empenho na concessão do indulto ou da commutação da pena. Assim se explica que o sr. dr. Brito Camacho se oppuzesse em outubro a que tal medida fosse tomada, pois não é admissivel que, em tão melindroso assumpto, s. ex.ª estivesse em desacordo com o seu illustre correligionario, principalmente depois do compromisso estabelecido antes da sua partida para Madrid.

Tambem é verdade, e o sr. dr. Augusto de Vasconcellos não o desmente, que s. ex.ª, desde certa altura em deante, passou a interessar-se calorosamente pelo indulto. Porquê? Naturalmente porque entendeu, dado o empenho que a mais altas personalidades politicas do paiz visinho punham na libertação de Leandro, que á nação portugueza convinha aceder ás sollicitações do governo hespanhol. Tambem é verdade que, vindo s. ex.ª a Lisboa no dia 28 de dezembro entender-se com o governo sobre os assumptos pendentes entre os dois paizes, achava tão urgente aceder-se áquellas sollicitações que não queria voltar para Madrid sem que ellas fossem satisfeitas. Ora, a conferencia do sr. dr. Augusto de Vasconcellos com o rei Affonso XIII realisou-se, como s. ex.ª affirma, em dezembro, isto é, alguns dias antes da sua vinda a Lisboa n'aquella altura.

E ponto final.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. Mut. Fernandes da Fonseca

Em segunda convocação, funcionando com qualquer numero de socios, reune amanhã, ás 14 horas, a assembleia geral para eleição de cargos vagos e discussão do relatorio e contas da gerencia do anno findo.

Festa artistica de Ferreira da Silva

Para a proxima sexta feira annuncia-se em S. Carlos uma récita excepcional, em festa artistica de Ferreira da Silva, o festejado actor que todo o publico tanto aprecia. Representa-se pela primeira vez a extraordinaria peça «O Diabo», do celebre escriptor hungaro Molnar, fazendo Ferreira da Silva o protagonista. Os assignantes das aprecieres teem preferencia aos seus logares, requisitando os bilhetes até á noite de terça feira, 22.

MONUMENTO DO Marquez de Pombal

Se os fados se não encarregarem de tecer nova meada, a questão do monumento ao marquez de Pombal deve ter ficado liquidada hoje. Já não é sem tempo, visto que dois annos se passaram já sobre o decreto que mandava abrir concurso entre os artistas portuguezes para a consagração do grande estadista portuguez. Merece a pena pela sua curiosidade, relembrar as multiplas peripecias em que se tem desenrolado este concurso. A portaria, mandando abrir o concurso tem a data de 5 de abril de 1913, constando de duas provas: a primeira de esbocetos, destinados a apreciar o partido ou ideias dos concorrentes; a segunda de projectos, completados com todos os seus detalhes as ideias esboçadas nos ante-projectos.

A' primeira prova, que era eliminatoria, apresentaram-se 30 artistas com 16 maquettes, das quaes foram admittidas 4 á segunda prova.

Estas ultimas provas do concurso foram julgadas pelo juri, em abril de 1914, sendo dado o primeiro premio 3:000 escudos e a adjudicação da obra, ao projecto «Gloria Progressus» por 8 votos contra 3, o segundo premio, de 2:000 escudos, ao projecto «Cuidar dos Vivos», o 3.º premio, de 1:000 escudos, ao projecto «Patria».

Os projectos admittidos á segunda prova que não obtivessem premio tinham direito á indemnisação de 600 escudos.

Tendo-se levantado reclamações, resolveu o governo nomear novo juri. Depois de varios protestos, consultas á Procuradoria Geral da Republica e successivos entraves que pareciam ter em vista protelar indefinidamente a questão, conseguiu esse juri reunir-se em dezembro findo.

Devido a divergencias de orientação, porquanto alguns vogaes do juri entendiam que o seu mandato se restringia á apreciação do merito relativo das provas, emquanto outros eram de parecer que essas provas tinham de ser julgadas, não só quanto ao seu merito relativo, mas tambem em face das condições do programa do concurso, não se chegou a uma conclusão definitiva, tendo a votação dado os seguintes resultados.

O projecto «Gloria Progressus» teve cinco votos para o 1.º premio, cinco para o 2.º e dois para o 3.º; o projecto «Cuidar dos Vivos» obteve cinco votos para o 1.º premio e cinco para o 2.º; o projecto «Patria» teve um voto para o 2.º e quatro para o 3.º; o projecto «Pró memoria» alcançou um voto para o 2.º premio e sete para o 3.º

Por essa occasião alguns vogaes do juri declararam que se abstinham de votar na *maquette* «Cuidar dos Vivos» porque tendo estudado o respectivo orçamento haviam chegado á conclusão de que esse projecto excedia em mais do dobro a verba destinada ao monumento, expressamente fixada na clausula 2.ª do programma do concurso.

Em vista d'este resultado o governo mandou reunir novamente o juri, convidando-o a apresentar-lhe conclusões cathegoricas que o habilitassem a resolver definitivamente esta interminavel questão.

Reunindo novamente o juri decidiu nomear de entre si uma commissão composta de um engenheiro, dois esculptores e dois architectos para procederem ás medições e orçamentos das *maquettes* que disputavam a honra de perpetuar a memoria do grande marquez.

A reunião de hoje era destinada a apreciar o estudo que a commissão especial fez n'estes dias consultando todos as entidades que deviam dar o seu concurso á construcção do monumento. Essa commissão, segundo consta, averiguou que o projecto *Gloria progressus* estava dentro da verba orçamental, ao passo que a *maquette Cuidar dos vivos* excedia em mais de 100 contos. O juri esteve reunido na séde da Sociedade Nacional de Bellas Artes, das 14 ás 18 horas resolvendo excluir por esse motivo do concurso a referida *maquette* que o primeiro juri classificou em segundo logar, em attenção ao seu valor artistico.

O juri rectificou a classificação anteriormente feita ás *maquettes*, resolvendo deixar em branco o segundo premio na importancia de 2 contos, por considerar que nenhum dos restantes trabalhos merece essa distincção.

A votação foi nominal, sendo o primeiro premio conferido á *maquette* dos srs. Adães Bermudes, Santos e Couto por 7 votos contra 4 e a exclusão da *maquette* dos srs. Marques da Silva e Alves de Sousa por 8 contra 3, sendo estes, ao que consta, os dois engenheiros e os artistas do Porto que mandaram o seu voto por escripto.

O grande acontecimento musical de S. Carlos

Está despertando o mais justificado interesse o concerto de amanhã, no theatro de S. Carlos, por uma grande banda, acrescida de instrumentos de corda, na totalidade de noventa figuras, regida pelo illustre chefe da banda da guarda nacional republicana, sr. Fernandes Fão. E' a primeira vez que em Portugal a tentativa se põe em pratica, e d'ahi a anciedade com que se espera o concerto e o successo retumbante que o espera.

O programma é soberbo.

O concerto de homenagem a David de Sousa

Apresentação de uma pianista distincta

No concerto do amanhã apresentar-se-ha uma joven pianista, amadora já afamada e discipula do conhecido professor Rey Colaço. Essa senhora, D. Irene Gomes Teixeira, possue um genuino temperamento de artista e uma intuição artistica pouco vulgar, conseguindo imprimir um brilhante relevo a todas as partituras que lhe são confiadas.

Ouvil-a-hemos, n'um concerto de Grieg, com acompanhamento de orchestra, sendo justificadamente este numero um dos de maior interesse do programma, recheado de obras palpitantes.

A festa em homenagem a David de Sousa será, por todos os motivos, magnifica, nada faltando para lhe dar brilho, nem mesmo damas gaiantes, que em respeitavel numero accordaram em saudar o querido maestro portuguez.

Festas associativas

No Lisboa Club ha amanhã, á noite, recita, promovida pela nova direcção, com a peça *Filha do adulterio*, seguindo-se baile.

Na Sociedade Musical Ordem e Progresso ha sarau á franceza pelo grupo dramatico da Sociedade e dirigido pelo ensaiador sr. Manuel Amaro dos Reis.

Na Sociedade de Instrucção Guilherme Cossoul ha baile promovido por um grupo de socios.

Na Academia Recreio Artistico ha amanhã recita e baile.

Na Sociedade Philarmonica dos Calceteiros Municipaes continuam as festas do 34.º anniversario, havendo des 18 ás 20 concerto musical e bazar e ás 21 *soirée* familiar.

O festival de Palhavã

A chuva veiu impedir mais uma vez a realisação da festa a favor dos feridos da guerra, promovida pela Sociedade Hippica Portugueza, que estava annunciada para amanhã. Foi transferida para 28 do corrente.

ULTIMAS NOTICIAS

FANTOCHES DE PAPELÃO

A tragedia das reintegrações

Os militares serão os primeiros a insurgir-se contra ellas

Scena I

Passou a chuva. Voltou o bom tempo, e a Arcada deserta principia a povoar-se rapidamente. Gente anciosa chega de todos os lados. Andam cavalheiros graves de nariz no ar, perscrutando o espaço, espreitando a nova de sensação, que ha de vir sem que se saiba d'onde. «D. Roberto», encharcado, com a cartola arripiada e a andaina negra n'um pingo, installa a sua barraca desmantelada pelo temporal defronte do ministerio da guerra.

—Está-se aqui mais abrigado! —diz o boneco irreverente para os que se preparam para lhe ouvir os sarcasmos demolidores, tão pouco das sympathias do quem governa. E' pena que cheire tanto a peixe espada! Não me dou bem com tal perfume...

O sr. Pimenta de Castro entra, sósinho, desacompanhado de ajudantes. Parece até que não tem ajudantes. Pareceu até que o sr. ministro da guerra. «D. Roberto» deixa-o passar, espera, escarninho, que o som dos passos do general se dilua na escuridão da escadaria, e dá, emfim, começo ao espectaculo.

—E a respeito de reintegrações? E' uma tragediasinha sombria, cujo epilogo ninguem sabe como será.

—Representada por fantoches?!

—Bonda de piada! Para isso cá estou eu. Para que sou «D. Roberto»? Para rezar padre nossos e cantarolar, em surdina, ladainhas e antiphonas? As faladas reintegrações hão de dar que fazer, sobretudo por os officiaes do exercito não simpathisarem com ellas. Os que entraram tapam vagas. Logo, difficultam promoções. Pelo menos, sabem ellas assim. E' esse o ponto fraco da questão. E como o governo não quer contrariedades, os officiaes demittidos não voltarão aos seus antigos postos n'estes tempos mais chegados.

«D. Roberto» rasga a boccarra enorme n'um esgare hediondo, atira duas bordoadas a um polichinelo que se deixára ficar debruçado na ribalta e some-se. O ladino polichinelo deve ter razão. Quem é teu inimigo, leitor? Mette a mão na consciencia e terás achado a explicação exacta das difficuldades que o governo está encontrando para levar por deante este seu plano de reconciliação...

Scena II

O meu «guignol» sobe a Arcada tranquillamente, vem por ali acima e pára defronte da portasita que dá accesso ao ministerio do fomento. Ficamos todos a ver em que aquillo pára. O publico é agora mais numeroso. Pequenos empregados publicos, vendilhões ambulantes, varinas de cintura airosa, vivas como gazellas, esperando que a enxurrada passe para irem ao seu destino. «D. Roberto», o diabinho maldoso que não sabe poupar os homens, tanto o seu logar.

O sr. Nunes da Ponte, baixo, magro, com os olhitos vivos mirando em roda, passa por entre os curiosos, que quasi não dão por elle. O meu polichinelo descobre-o. Fixa-o. Aponta-o ao respeitavel publico.

—Não tem mãos a medir!—diz o trapalhão, indicando, lá ao fundo do corredor, o vulto minusculo do sr. Nunes da Ponte, quasi a apagar-se na escuridão. Não o largam. Como eu o lamento, a elle que n'outros tempos levava o seu amor pelas aves ao ponto de trazer em casa bandos de canarios as soltas!

—Mas lamental-o porquê?

—Coisas graves, amigo, coisas graves, que assoberbam o sr. dr. Nunes da Ponte e quasi o não deixam respirar. A reintegração de D. Luiz de Castro no seu logar de professor de agronomia dava, só por si, assumpto para um drama n'uns poucos d'actos.

—E far-se-ha essa reintegração?

—Creio que não. Os pretendentes são. E' de fazer as eleições, mais tarde ou mais cedo, com este ou com outro governo, pouco importa. D. Luiz de Castro voltará muito brevemente a ensinar como se lavra a terra e como se semeiam batatas. Está escripto. O governo assim o quiz!

—Signaes dos tempos!—clama do lado outro boneco mettediço.

«D. Roberto» exaspera-se, ferralhe uma paulada assassina e foge. São assim todos os valentões...

Scena III

Assumpto: os trez contos e pico ali da Boa Hora. Trez contos e pico ganhos por trez homens por aquille que faz desempenhar o logar. Esse limitar-se-ha a recebel-os. «D. Roberto» está perfeitamente ao corrente do que se passa. A sua «guignolesca» arte expande-se, n'este instante, á beira da cathedral onde o sr. Guilherme Moreira pontifica como ministro da justiça. Ouvem-se repetidos toques de campainha. O silencio não se faz. E' um horror, porque se perde quasi tudo quanto o polichinelo diz.

—Está por pouco!—clama em altos berros o pae de todos os «Robertos» existentes e por existir. Vae decidir-se por estes dias.

—O quê?

—Quem ha de, na Boa Hora, succeder a Henrique Cardoso, quem ha de abichar aquella pequenina sorte grande, fiadora mais que fiel d'uma vida commoda, regalada e farta.

—Melhor que a tua?

—Oh! a minha vida! E' a de todos os miseraveis que não ganham trez contos e apenas juntam uns cobres para não estoirarem de fome.

—E quem será o feliz?

—Difficilimo dizel-o. Os pretendentes são. Pelo caminho foram ficando umas poucas de duzias d'elles. Ha dias eram ainda vinte e tantos. Hoje—vejam como até para a conquista de uma vida de opulentas amendoas, n'esta Paschoa rabujenta, a coragem falta!—não são mais de trez!

—Foi então uma auto-eliminação implacavel...

—Exactamente. Mas os trez que resistiram até final não vão abaixo nem que tentassem derrubal-os á mocada. Assim!

E «D. Roberto», furioso, despede com o «casse-tete» que lhe gira nos braços uma verdadeira chuva de pauladas sobre a taboa alta da ribalta ornamentada a tiras de paninho encarnado. Depois, continua:

—São trez heroes, esses. A' frente, avulta a figura rolica do Vasco de Vasconcellos. Depois, divisa-se o dr. Madureira. Por fim, espreitando os dois e sorrindo-se malicioso, vem o contador de Cintra. E' esta a trindade dos pretendentes ao logar que Henrique Cardoso deixou.

—E qual será o escolhido?

—Sei lá porventura! E' mais difficil dizel-o e que prevêr quando se acabará o mundo...

Scena IV

Rumores insistentes de complicações diplomaticas. «D. Roberto», o endiabrado, mais ironico que de costume e mais intriguista do que habitualmente, aponta, do meio do Terreiro do Paço, onde a sua barraca estaciona agora, para o palacio austero onde funcciona o ministerio dos estrangeiros. Sabe, evidentemente, coisas gravissimas este irritante monstrosinho de trapo e pasta, cuja silhueta escura é, já de si, uma verdadeira aberração.

Enquanto «D. Roberto» se prepára para intrigar ainda mais, lá dentro, na sua «guignolesca» tenda, os outros polichinelos palram alto, vociferam e soltam, de vez em quando, gargalhadas sinistras. «D. Roberto», esperto, irrita-se, bate com o pé ferrado no palco e desconjuntar-se e ameaça a sua gente de a por na rua se aquella pandega desenfreada proseguir. Chegam até nós, os que assistem a esta exibição grotesca de fantoches animados, phrases soltas e cortantes... «D. Roberto» acode:

—Não façam caso! Não sabem o que dizem. Lá porque o ministro de França teve de ir a Paris, não ha nada que não digam. Como se um diplomata não tivesse, afinal, o direito de se ausentar do seu posto quando o julgar conveniente.

—Mas agora, «D. Roberto». Olha que é serio!

—Será. Mas fica sabendo que ainda ninguem deu por isso!

Foi esta a ultima phrase amarga que «D. Roberto» do meu «guignol» proferiu hoje, deante de meia duzia de pessoas boquiabertas e afflictas. Em seguida, sumiu-se, como das outras vezes, pelo alçapão mysterioso por onde os diabitos se somem, depois de terem afrontado a nossa ingenuidade com as maldosas facecias da sua imaginação incandescente...

A. M.

Expedições ao sul d'Angola

Carta que recebemos do 1.º cabo de infanteria 18 sr. Abel Malvar Guedes, datada de Mossamedes em que transmittir as saudações dos expedicionarios que acha em estado de perfeita saude e pede-nos para transmittir as saudações do expedicionarios a suas familias.

Balanço diario

Novo contador

A' ultima hora chega-nos a noticia de que o successor do sr. Henrique Cardoso, no logar de contador da 4.ª vara civel da Boa-Hora, será o sr. Antonio Augusto Garcia, que exerce ha 18 annos identico logar em Cintra, onde é muito estimado e gosa de profundas sympathias. O decreto respectivo está para ser assignado, devendo ser publicado segunda-feira. Para Cintra indigita-se o sr. Alberto Lopes Castro, de Penacova.

Ministros e ministerios

Com o sr. ministro do interior conferenciaram os srs. general commandante da guarda republicana e drs. João de Menezes e João de Freitas. Para o Porto seguiu hoje o sr. ministro do fomento acompanhado do seu secretario sr. dr. Costa Lobo, devendo regressar a Lisboa na proxima segunda feira, no rapido da tarde. Uma commissão de alumnos da escola colonial e do collegio das missões ultramarinas, de Sernache do Bomjardim procurou hoje o sr. ministro das colonias de quem sollicitou para serem despachados para o ultramar.

Assignatura presidencial

Realisou-se em Belem a assignatura presidencial. Pela pasta do interior foram hoje á assignatura os seguintes decretos: Abrindo um credito especial no ministerio das finanças da quantia de 993$61, para completo pagamento do corpo da policia civica de Beja; idem de 1.849$87 para pagamento do pessoal da policia civica de Faro; idem de 3.122$ para a policia de Aveiro; idem de 346$18 para a policia de Bragança; idem de 2.092$80 para a policia de Castello Branco; idem de 1.774$89 para a policia de Evora; idem de 915$64 para a policia de Guarda; idem de 1.684$40 para a policia de Leiria; idem de 1.164$50 para a policia de Portalegre; idem de 1.775$17 para a policia de Santarem; idem de 1.997$01 para a policia de Vianna do Castello; idem de 1.842$92 para a policia de Villa Real; idem de 532$38, para a policia de Vizeu; promovendo a medico effectivo da junta consultiva dos hospitaes civis de Lisboa o medico substituto Isaac Jayme Anahory; idem o medico substituto João Carlos Falcão de Miranda.

S. Carlos

No ministerio da instrucção reuniu hoje novamente a commissão encarregada de elaborar o programma de adjudicação do theatro de S. Carlos. Proseguiu nos trabalhos encetados.

Barcos de guerra

No ministerio da marinha foram recebidos telegrammas dos cruzadores «Vasco da Gama» e «S. Gabriel» e da canhoneira «Beira», dizendo que continuava a sua viagem sem novidade. O primeiro d'estes navios deve estar na ilha da Madeira dentro de cinco dias, o segundo em Lisboa no primeiros dias de abril e o terceiro até fins do corrente mez.

Cultuaes dissolvidas

O «Diario do Governo» d'hoje publica portarias dissolvendo as cultuaes das freguezias de Carnide, Moita dos Ferreiros, S. Bartholomeu dos Gallegos, Castelões, Oliveira do Bairro, S. Felix da Marinha e Sazes.

A estatua de Eça de Queiroz

O protesto contra a sua remoção

E' do seguinte theor o protesto hontem entregue ao sr. dr. Tovar de Lemos, vereador da camara municipal, para que não seja retirada do largo do Quintella a formosissima estatua de Eça de Queiroz:

Ex.mos srs. vereadores da Camara Municipal de Lisboa—Os signatarios veem perante a dignissima Camara Municipal solicitar que não seja removida do largo do Quintella a estatua do glorioso escriptor Eça de Queiroz, por varios motivos ponderosos.

A trasladação de um monumento é sempre impropria, porquanto os mil inconvenientes a que está sujeita, magoam não só os municipes da referida artéria em que se encontra, como penalisa que aquelle que descreveu magistralmente o prototipo *Accacio* a descer a rua do Alecrim seja removido só pelo facto da incuria da guarda do monumento, e de ter-se postado junto á estatua, triturando pedra, varios trabalhadores camararios, sem attenção do olheiro, ou do fiscal, resultando assim estar a estatua da Verdade mordida, em virtude do salto da pedra ao ser partida.

Os commerciantes, industriaes, medicos e mais entidades solicitam que sejam attendidos na sua reclamação cheia de justiça, porquanto não desejariam ver retirada da sombra frondosa dos palmares um monumento que pelo facto de ser milagroso e de ter ali sido trasladado, se diz estar mais apropriado a um jardim, como se porventura não estivesse sujeito aos mesmos contratempos apontados nos factos exarados.

Esperançados na justiça da sua reclamação—Saude e Fraternidade—(aa) Venturas Abrantes, Firmino Cardoso, Marcelino Paulo Brito, Joaquim José Serra, José Agostinho Martins, Antonio Cesar Vianna, Manuel Maria dos Santos, Dr. Egas Moniz, Dr. Antonio Augusto Fernandes, Arthur dos Santos, Andrade & Irmão, Antonio Nunes, José F. Correia, Deujant & C.ª, Victorino Coelho, José Pires, Antonio Gomes Silva, José Francisco Rodrigues, V. A. de Abreu, Manuel Abrantes, Abel de Castro, João Alves da Silva, Francisco Dias Ferreira, J. M. Janson & C.ª, D. Alice Durand, João Antonio Junior, Claud Ju Bérard, Felix & Costa, Carlos Trilho e Seixas, Bastos & Samuel Lda.

Cantina de S. Mamede

Sessão de homenagem

Os corpos gerentes, constituidos em commissão, realisam amanhã, pelas 18 horas, uma sessão em homenagem á memoria dos benemeritos socios fundadores d'esta collectividade Paulo Antonio Cesar e Joaquim Romão Dias de Aguiar, que tantos beneficios prestaram, sendo inaugurados os seus retratos.

O conselho administrativo convida os subscriptores a comparecerem á sessão.

EM SANTA CLARA

A "Messejana Invicta,,

Prosegue o julgamento dos filiadas n'essa associação monarchica

A affluencia ao tribunal é hoje mais numerosa, vendo-se entre ella muitas senhoras. A primeira testemunha a depôr é o guarda civico Antonio Pereira, que assistiu á busca dada na séde do jornal «A Restauração», onde encontrou, juntamente com o outro agente e sub-chefe Martinheira e outros collegas, 6 bombas, 8 pistolas e um sacco com cargas que estavam enterradas no jardim. Segue-se os guardas José Pedro, que viu uma bomba que foram apprehendidas; Pedro da Silva Antonio Ramos, a quem os populares entregaram uma das bombas encontradas no seu jornal; José da Silva, Joaquim da Costa Gomes, que assistiu com o agente Sequeira a uma busca dada em casa do accusado Affonso Romano, onde foram encontrados varios documentos referentes a uma associação secreta, assim como um balandrau e uma mascara negra; Anthero Marques Telles, Manuel da Costa, Francisco Carapeto, Joaquim Pereira, Julio de Sousa e Francisco Santos Simões.

A primeira testemunha de defesa é o sr. dr. Pedro de Castro, que attesta o bom comportamento do reu Antonio Cordeiro Guerra, a quem tem em conta de homem sério.

Em defesa do reu Pires são ouvidos as testemunhas Benjamin Monteiro, Eugenio da Motta e José Martins Junior, que tambem testemunham de defesa do reu Victor da Conceição. São chamadas as testemunhas do reu Salgueiro, o industrial Manuel Neves, que abona as suas qualidades, no que é secundado por Manuel Cabanelas Soural, commerciante e proprietario.

Em defesa do reu Anselmo é ouvido Francisco Marques, empregado no commercio. O reu Diogo da Silva apresenta como testemunhas Joaquim Ascenso, empregado no commercio, que é dispensado pelo sr. dr. Moraes Cardoso, Luiz Filippe Meumaia, empregado nos caminhos de ferro, que abona o bom comportamento do reu. São chamadas as testemunhas de defesa do reu Jorge da Silva, srs. Petra Vianna, Joaquim Mendes Correia. Os advogados prescindem das restantes testemunhas, iniciando-se os debates pelo discurso do coronel sr. Gouveia, promotor de justiça, que examina demoradamente as provas existentes no processo.

Da defesa, usaram da palavra os advogados srs. drs. Sande e Castro, Ferreira Borges, Santos Gomes, Francisco Beirão e Alberto Ideias, findo o que a audiencia foi suspensa para proseguir na segunda feira para continuação dos debates. A sentença, ao que parece, só será lida na terça feira.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria 5 do hospital de S. José recolheu Antonio Mendes Sousa, morador na rua do Embaixador, 31, 2.º, que tentou suicidar-se dando um tiro por baixo do queixo. E no banco do mesmo hospital receberam curativo: Manuel Pereira da Silva, pintor, que caiu n'uma obra que no governo civil, ficando contuso nas pernas, e José Joaquim Coelho, atropelado no largo do Corpo Santo por uma carroça do lixo, que lhe fracturou uma costella.

—A requisição do juiz da 1.ª vara do Tribunal do Commercio, por queixa contra elle feita pela firma Borges & Irmão, foram presos os srs. Pierre Pessé e Jules Parrot, cidadãos francezes, estabelecidos com escriptorio na rua Nova do Almada, 80, que são accusados de fallencia fraudulenta.

—Sahiram os n.os 3 e 4 de *O Arauto*, que continúa firmando os creditos adquiridos pelos primeiros numeros.

Fallecimentos

Em Setubal falleceu hontem, repentinamente, o sr. Luigi Pistone, agente consular da Italia n'aquella cidade. Fôra soldado garibaldino, combatendo pela unidade e independencia da sua patria.

O caso Leandro

Continúa detido, como suspeito auctor do attentado contra Leandro Gonzalez, João Augusto Cordeiro, creado do sr. Joaquim Ferreira, proprietario da cantina do Sotão de Setil. Na policia esteve hoje depondo o canhado do indultado, o sr. Antonio Brizo.

INTERESSES REGIONAES

Gremio do Valle do Vouga

A commissão fundadora d'este Gremio solicitou da direcção do Atheneu Commercial, que promptamente acedeu a esse pedido, a cedencia das suas salas para uma reunião que se effectuará no dia 28, pelas 20 horas, a fim da commissão dar conta dos trabalhos realisados. Será tambem nomeada n'essa reunião uma commissão de propaganda.

Universidade de Lisboa

Faculdade de Direito

Os alumnos da Faculdade de Direito, na assembleia geral de hoje, nomearam uma commissão que, juntamente com a que para o mesmo fim for eleita pelos seus collegas de Coimbra, deverá formular varias modificações a introduzir no seu regimen de estudos. A commissão é formada pelos alumnos João Martins, Ferreira de Sousa, J. Bustorf, Vaz Pereira e Leite Duarte.

MUSICA

Sonatas de Beethoven

Consagrada aos discipulos do Conservatorio, os professores srs. A. Rey Colaço e Julio Cardona offereceram ao director interino, sr. Bahia, a repetição de audição integral das Sonatas de Beethoven, para piano e violino, que, com tão lisongeiro exito, acaba de se realisar nos salões do Gremio Litterario.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

A questão da Bolsa

Promovida por uma commissão de commerciantes, para a qual foram convidados o commercio e a industria, a camara, as juntas de parochia e outras collectividades, realisa-se hoje, ás 21 horas, uma reunião preparatoria para resolver o caminho a seguir em vista da attitude da Associação Commercial, que pede lhe seja entregue o palacio da Bolsa.

Consta que será resolvido para amanhã um grande comicio de protesto. A guarda republicana estará amanhã de prevenção.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/16	35 1/16
Londres, 90 d/v	35 1/2	
Paris, cheque	$80,4	$80,9
Allemanha, cheque	$29	$30,5
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	$94	$96
New-York	1$30	1$40
Rio Janeiro	1$30	1$42
Italia s/Londres	13 1/4	
Libras	7$15	7$18
Agio do ouro	45 %	55 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,40	40,20
» » 500$	40,40	
» » 100$	40,40	40,20

Certificados de 50$, 41, 20 c. j. Obrigações d'Estado: 3 %, 1905, 9$35; 4 1/2 88$50, coup. 88$; 5 % 1909, 81$30. Externas: 1.ª serie 71$10 e 3.ª 73$30. Acções: Ultramarino, coup. 104$70; Phosphoros, coup. 56$. Obrigações: Ambacas 88$10; Norte e Leste, 1.º grau, 73$40 e 2.º grau, 40$40; Beira Alta, 2.º grau, 15$; Caminho de Ferro de Benguella 78$80.

SPORT

Será, depois, a mulher mais forte que o homem?

O semanario inglez Health and Strengh *publicou um espirituoso artigo, com a affirmação de que d'aqui a cem annos a mulher de estatura media será mais alta que o homem da mais elevada estatura. As razões adduzidas e que levaram a tão estranha conclusão vão a seguir traduzidas:*

«Temos ouvido dizer que a mulher do futuro não só excederá em estatura e desenvolvimento as suas predecessoras mas ainda o homem porque ella engrandeçe-se tão depressa que, em cem annos, a mulher de estatura média excederá o homem, pelo menos em meia cabeça. Tudo isto foi estudado conscienciosamente; não é uma affirmação insensata. Como se sabe, a paixão que as mulheres teem mostrado pelos sports *ao ar livre tem sido a causa de que as mulheres dos nossos dias,—queremos referir-nos ás jovens de 15 a 18 annos,—sejam mais altas do que as mães umas trez pollegadas.*

Em 1895, as raparigas de 18 a 19 annos tinham o maximo, cinco pés e tres pollegadas. Hoje teem cinco pés e cinco pollegadas.

E, ao passo que a mulher cresce, o que se tem dado com o homem? O contrario. Segundo estatisticas inglezas, o homem, ha um seculo para cá, tem perdido pelo menos trez quartos de pollegada.»

O scintilante e espirituoso escriptor e academico francez Marcel Prevost tambem um dia se referiu ao assumpto, fazendo as seguintes considerações:

—Uma vez que vós, mulheres, quereis possuir uma estatura divina, aproveitae o auxilio da natureza que vos cria bellamente feitas, e ponde de parte esses espartilhos que vos torturam e apertam ás carnes. Praticae todos os jogos excitantes, correi e saltae, mesmo que vos chamem mulheres-rapazes. D'essa maneira, podereis chegar a ter de estatura cinco pés e oito pollegadas ou mesmo dez pollegadas. Assim tereis toda a sua probabilidade de collocar os vossos maridos n'uma situação phisicamente inferior.

Pobre do homem!

Com os seus trabalhos sedentarios, longas horas de trabalho, encerrado em atmospheras viciadas, o corpo contrafeito pelas exigencias das profissões, caminha o desgraçado para um decrescimento lamentavel.

Nota do dia

O Sporting venceu na Galiza

Os telegrammas enviados hontem á noite para os clubs de sport davam a agradavel noticia de que o Sporting Club de Portugal tinha vencido o Fortuna Foot-ball Club, de Vigo, no jogo de hontem, por 2 *goals* a 0. Accrescentavam nas informações: que o desafio fora disputado com maravilhoso *entrain*; que o publico havia prodigalisado applausos a todos, compatriotas e hospedes por egual sem excessivos e impertinentes partidarismos e que a arbitragem havia sido imparcial e competente.

Apraz-nos registar a victoria mas maior satisfação tomos de registar aquelles esclarecimentos complementares. E' que estamos pouco costumados áquella delicadeza, áquella camaradagem e áquella imparcialidade dos *referees*. Em desafios internacionaes, nunca as vimos. Mais ou menos, ha sempre que discutir, excessos do publico para lamentar e censuras á orientação do arbitro! Em desafiios nacionaes, succede o mesmo.

O nosso commentario a esta *tournée*, com tão bellos resultados, feita por um grupo portuguez a terras da Galiza, limita-se ao seguinte:—bem desejariamos que ella marcasse o inicio d'uma nova epoca para o *foot-ball*, que, na opinião dos que mais insistentemente lhe fazem a propaganda e mais assiduamente o praticam, está decahindo imenso e assustadoramente.

Algumas anecdotas

Agora, vamos juntar dinheiro para comprar botas...

Isto passou-se ha quatro annos, n'um principio de inverno, quando se iniciava a epocha de foot ball. E o caso foi relatado pelos jornaes de então, como um facto vulgar e exemplificativo do enthusiasmo que despertava n'aquella epocha aquelle exercicio athletico.

N'uma casa que vende objectos de sport, na rua do Ouro, foi fazer uma encommenda, o mestre d'armas Carlos Gonçalves. Emquanto estava examinando umas espadas, entraram no estabelecimento quatro rapazes, dois d'elles descalços, o mais velho com os seus 14 annos. Pediram uma bola de foot-ball.

O mestre d'armas examinou com curiosidade os freguezes e perguntou:

—Para que querem a bola?

—Para jogar. Somos do grupo X... No domingo já tivemos um match nos terrenos da Junqueira. Agora temos de treinar para outro desafio, com um grupo mais forte...

N'este momento, o empregado apresentava aos seus novos freguezes uma bola, arbitrando-lhe o preço em 2$400 réis. A quantia era demasiada para os pobres rapazes. Olharam-se tres'emente e magoados de deixar a bola!

—Desculpe. Voltaremos outra vez...

—Porquê? indagou o professor Gonçalves.

—Só temos dezoito tostões. Foram arranjados com uma quota de vintem todos os domingos. No grupo não se gasta mal o dinheiro. O que queremos é que ainda seja um grande club.

—Vamos, eu dou a differença.

Os rapazes exultaram de alegria. A bola passou immediatamente a ser propriedade d'elles. Era a fortuna inicial do grupo. Os descalços pulavam, ensaiando kicks imaginorios.

—E agora o que vão fazer?

—Juntar dinheiro para comprar botas de foot-ball.

E seguiram loucos de contentamento, rua do Ouro fóra, em direcção á Avenida, talvez para dar o primeiro pontapé.

O primeiro na bolla do grupo! Que felicidade!

Noticias

Entre nós

O sarau de hoje no Gimnasio Club

E' logo á noite que se effectua a festa commemorativa do seu 40.º anniversario, a qual é dada em honra dos socios fundadores. O sarau que antecede ao baile compõe-se de voos, athletica, esgrima e varios numeros de gimnastica artistica desempenhados pelos srs. Levy Jonochio, Carlos Abreu, Manuel Silveira, Francisco Padinha, Henrique Correia, Soares d'Almeida, etc. As classes infantis de gimnastica e de dança são apresentadas pelos seus professores srs. Arthur dos Santos e Magalhães Pedroso. A gimnastica artistica foi cuidada pelo professor sr. W. Awata e a esgrima pelo professor sr. Antonio Martins. A ornamentação da sala foi feita pelos socios srs. Henrique Correia e Miguel Queriol. No baile só é permittida casaca ou farda.

Club Naval de Lisboa

O presidente da assembleia geral do Club Naval de Lisboa convocou os seus consocios para reunir, na sua sède, em 27 do corrente, pelas 21 horas, sendo a ordem da noite da reunião: 1.º— Votação da reforma do Estatuto em ultima redacção. 2.º—Discussão e votação dos projectos dos regulamentos geral e de uniformes. 3.º—Discussão e votação do relatorio e contas da gerencia da junta directora e parecer da commissão revisora de contas. 4.º—Eleição de novos corpos gerentes.

Centro Nacional de Aviação

Em homenagem a este Centro, realisa um grupo de socios um sarau litterario musical em 11 de abril, no vasto salão da Academia Recreativa de Lisboa.

Lucta na Amadora

Começam amanhã, na Amadora, as licções de lucta greco-romana, que um numeroso grupo de amadores e *sportsmen* vão receber d'um antigo campeão de cathegoria dos *leves*.

Convocações de foot-ball

O Tejo Foot ball Club pede a comparencia amanhã dos seguintes jogadores no campo do Club em Palhavã A, ás 12,30 para jogarem em desafio official: Mario Moraes, Olympio Craveiro, Antonio Gomes, Edmundo Gomes, Salvador Thomaz, Abel Ferreira, Domingos Cruz, Raul Baptista, Ed. Gomes, L. Santos e Julio Costa. A' mesma hora: Gregorio José, João Nunes, José Mamede, A. Coelho, H. Costa, Alfredo Alfaia, Joaquim Esteves, F. Manso, J. Figueiredo, Augusto Mendonça, José Pereira, Tristão da Silva, Luiz Tiburcio e Henrique Raymundo.

—O capitão do 4.º «team» do Sporting Club de Portugal pede a comparencia amanhã, 21, de todos os jogadores do 4.º «team», no campo do Lumiar, ás 12 horas, para ir jogar contra o Luzitano Sport Club.

Desafios officiaes de foot-ball

Para amanhã marcou a Associação de Foot-ball os seguintes desafios: 1.ª cathegoria:—C. I. F. contra L. F. C., em Bemfica; ás 15 horas; juiz Alfredo Perdigão. 3.ª cathegoria (1.ª serie):— T. F. C. contra C. I. F., em Palhavã, ás 13 horas; juiz Rogerio Pires. 4.ª cathegoria Q.ª Rogerio Peres (2.ª serie):—S. G. C. contra S. L. B., em Sete Rios, ás 13 horas; juiz, Pedro Payant. 4.ª cathegoria (1.ª serie):—T. P. C, contra S. C. L., em Palhavã (A), ás 15 horas; juiz Ribeiro dos Reis; (2.ª serie):—S. C. P. contra L. S. C., no Campo Grande (caça), ás 13 horas; juiz, Domingos Pinto; C. D. O, contra S. L. B., em Palhavã, ás 15 horas; juiz, Arthur Santos. Campeonato escolar: —A. M. P. contra C. F., em Palhavã, ás 15 horas; juiz, A. Franco Araujo.

União Velocipedica Portugueza

Depois de trez dias de discussão o XVII Congresso da U. V. P. realisou as eleições dos novos corpos gerentes, que deram o seguinte resultado:

Conselho permanente: Carlos E. Arbuez Moreira, T. Barros Queiroz, dr. Jaime Neves, dr. Alberto Cardoso de Menezes, dr. José Pontes, João B. Figueiredo, Theophilo Santos Neves, Antonio Nunes Soares Junior, Henrique Loureiro, Zilo A. Silva, José Castello Branco, A. Araujo Mimoso, Pedro Vasques e Henrique Aragão. Direcção: Manuel José Esteves Amorim, Armando Brito, Joaquim Germano Ribeiro, Vasco Callixto, Alvaro Oliveira, João Anjos, Carlos Alberto Simões, João Dias de Brito, Laureano Pitro Domingues e Antonio Canellas. Supplentes: Alvaro de Sousa, Joaquim Castello e Florencio das Neves Marques.

EM BEMFICA

A festa da arvore

Realisa-se amanhã, ás 13 horas, nos Desportos de Bemfica, com o concurso de uma commissão composta de representantes da junta de parochia, escolas officiaes n.ºs 17 e 18, escolas Elias Garcia, Empresa de Melhoramentos de Bemfica e Desportos de Bemfica, a festa da arvore que, se o tempo o permittir, deve revestir o maior brilhantismo. Formar-se-ha um vistoso cortejo, fazendo-se a plantação no recinto ajardinado dos Desportos de Bemfica, junto ao «rink» de patinagem, distribuindo-se em seguida um lanche aos alumnos das escolas.

A entrada é gratuita.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—A aventureira.—O Fado.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — Não ha espectaculo.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21 — Opera: Boheme
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 14 e ás 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

AMANHÃ—S. Carlos—Concerto dirigido pelo maestro Fernandes Fão.
Politeama—Concerto de homenagem a David de Sousa.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.
COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.
ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.
CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— O sonho do mosquito.

Primeiras representações

GYMNASIO—*4.028 Lx.*, 3 actos, adaptação liberrima de André Brun.

Jocosissima comedia-bufa, a que a nova empreza societaria do Gymnasio poz hontem em scena por fórma a satisfazer os mais exigentes, deve attrahir ao popular theatro todos os seus antigos frequentadores e quantos gostam não só de passar algumas horas alegres como de vêr um grupo de artistas de incontestavel merito representando bem. Os trez actos de André Brun, a que o fecundo comediographo poz o titulo de 4.028 Lx. *e que classificou de «adaptação liberrima», possuem os multiplos requisitos que se podem appetecer em semelhante genero de theatro para conseguir o agrado do espectador: urdidura complicada, interesse crescente, situações hilariantes e imprevistas, personagens grotescas, dialogos cheios de vivacidade e de graça, desfecho que se não adivinha e que remata excellentemente a successão de deliciosos achados que conservam o publico n'uma constante gargalhada, desde que o panno se levanta até que termina a bella peça.*

O talento humoristico de André Brun prodigalisou-se n'esses trez actos, a que não faltam chalaça portugueza e typos nossos, mas cujo entrecho não lograriamos resumir de modo a poder avaliar-se pelo nosso resumo o que tem de curioso, que muitissimo é. O leitor que vá vêr e ha de, sem duvida, rir com vontade e applaudir com o enthusiasmo que assignalou as ovações dispensadas hontem ao distincto adaptador e aos seus briosos interpretes.

O desempenho, como frisámos já, foi bom e por parte de Maria Mattos optimo. A grande actriz—e sem sombra de favor lh'o podemos chamar—n'uma caracteristica de difficil interpretação patenteou, mais uma vez, a malcabilidade do seu formosissimo talento. A prima Balbina, uma amorosa cujo peito é um vulcão ardente, mas de quem todos os homens fogem porque é velha, feia e... pobre, encarnou-a á maravilha a primorosa actriz. A platéa, ovacionando Maria Mattos com particular calor, traduziu tambem, em chamadas especiaes a admiração que nutre pelo artista que hoje não tem ahi rival no seu genero.

Mario Duarte, n'um papel em que outro com menos aptidões teria sossobrado, houve-se por maneira a justificar as esperanças dos que confiam no brilhante futuro que o aguarda, se quizer estudar com afinco. O seu trabalho na comedia de André Brun é dos que merecem registo.

Mendonça de Carvalho, com intelligencia e consumada naturalidade; Zulmira Ramos, elegante e sobria; Telmo Larcher e João Lopes, dois ridiculos vegetes, contribuiram todos para o magnifico exito da peça, a que tambem prestaram apreciavel concurso Elvira Basto, Joaquim Almada, José de Almeida e Antonio Palma, entre outros.

A. de A.

S. CARLOS—**A aventureira**, peça em 4 actos de Angier, traducção em verso de Coelho de Carvalho.

Para reapparição de Angela Pinto na vida theatral deu-nos hontem a empreza de S. Carlos um mimo litterario de Augier. Peça já entre nós conhecida, vasada em moldes antigos, A aventureira *não desperta grande interesse nas nossas plateias, de ha muito habituadas ás peças movimentadas, de vida intensa e dialogo scintillante de espirito como uma esgrima de palavras, em que se nos apresentam figuras da nossa epocha com os nossos defeitos, as nossas paixões e as nossas virtudes, figuras conhecidas, emfim, do nosso seculo.*

Como joia, litteraria A aventureira *é mais para lêr-se do que para vêr representada; é d'aquellas que só um muito correcto desempenho consegue defender do enfado que nos causam os extensos dialogos, as longas tiradas, que só ditas por actores de primeira plana se pódem supportar.*

E o melhor que se póde dizer do desempenho que teve hontem em S. Carlos é que foi ouvida até ao fim com o mesmo agrado pelos mil e tantos espectadores que enchiam completamente a sala, desde as dobradiças da plateia até ás torrinhas, junco ao tecto, sem que se visse um só logar desoccupado.

Angela Pinto, que á sua entrada em scena teve uma carinhosa recepção, interpretou com artistica sobriedade o papel da protagonista, traduzindo bem como o amor, sentimento que nunca experimentára, lhe faz, de subito, vêr a vida por outro prisma, accordando n'ella o sentimento do bem por tanto tempo adormecido no fundo da sua alma negra de perversa cortezã, onde até então só a ambição imperava.

Embora sem rasgos de sublimidade, soube dar-nos claramente a impressão da transformação que na cortezã produz o accordar do amor que até então ignorara e a leva ao arrependimento, sacrificando os seus sonhos de ambição possiveis ainda de realisar.

Ferreira da Silva no seu papel de D. Annibal, que interpretou admiravelmente, cuidadoso nas mais insignificantes minucias, partilhou com justiça dos applausos que o publico dispensou á reapparecida.

Raphal Marques, Carlos d'Oliveira, Theodoro Santos e Luz Velloso concorreram com o seu esforço para o correcto desempenho que hontem teve A aventureira.

C. T.

Ao correr da penna

Muito antes da guerra actual já se tinham declarado as hostilidades entre allemães e polacos russos. Foi o caso que o celebre empresario teutão Max Reinhardht, chefe da celeberrima companhia de seiscentos figurantes, que até então não conhecera senão o exito no seu paiz e nos outros, que era apontado ás vezes como um modelo aos enscenadores francezes e fôra acolhido em Londres como uma divindade recemcahida do Olympo, quiz dar em Varsovia uma serie de representações do seu celebre Œdipo, maravilha de montagem, ao que se diz.

Logo a imprensa e a sociedade da capital polaca decidiram boycottar *os espectaculos germanicos e, por mais que Max Reinhardht se esfalfasse a declarar que a Arte é internacional e elle era um simples sacerdote d'essa Arte, os polacos reponderam-lhe sempre com o estribilho popular:—«O allemão é o inimigo».*

E o triumphador não teve outro remedio senão encaixotar as suas tragedias, a sua companhia formidavel e o seu exercito de figuração. Durante a sua estada em Varsovia, tal fôra a campanha movida contra elle, que a sua companhia encontrou de comer, mas não teve em casa nenhuma o classico acolhimento do pão e do sal. Max Reinhardht não enguliu a affronta e como muitos dos seus figurantes devem fazer agora parte da landsturm *é provavel que elles tenham feito pagar caro ás populações polacas a fórma por que Varsovia os recebeu antes da guerra.*

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

O theatro do Gimnasio será gerido na proxima epocha por uma empreza do actor Mendonça de Carvalho.

● Uma das modificações introduzidas na reconstrucção do Republica consiste na ampliação do *foyer* da primeira ordem, para onde terá communicação directa a segunda ordem de camarotes.

● A companhia do Nacional reapparece no dia 8 do proximo mez de abril.

● Os principaes papeis do *Circo de inverno*, que se vae ensaiar no Gimnasio, serão desempenhados por Alda Aguiar, Mendonça de Carvalho, Maria Mattos e Cardoso.

● E' definitivamente na proxima quarta feira que sobe pela primeira vez á scena na Rua dos Condes a revista em 1 acto e 5 quadros *A feira da vida*, original dos srs. Severino d'Azevedo e J. Vasconcellos e Sá, com musica, em parte colligida em parte original do maestro Fortée Rebello.

● Chegou a Lisboa a companhia de zarzuella que na proxima segunda feira deve estrear-se no Politeama.

Circos & Music-halls

Porque não apparecem competidores portuguezes?

Todas as noites no Coliseu se effectua um interessante torneio equestre. Chamam-lhe os *jockeys polo de circo* e é um mixto de destreza em montar rapidamente um cavallo e de processos de defeza contra um ataque. Tudo se resume, finalmente, a não deixar montar o cavalleiro. Póde impedir-se-lhe o salto para o selim segurando-o pelas pernas, agarrando-o pelo corpo, luctando com elle, projectando-o a distancia.

Todas as noites apparecem 6 artistas da companhia a disputar o torneio e o pequeno premio monetario que offerece o emprezario. Todas as noites tambem os artistas se promptificam a admittir no torneio qualquer amador portuguez que queira experimentar o *polo*. O que é certo é que são sempre os mesmos cavalleiros que disputam o jogo tornando-o interessante porque variam a lucta mas que não apparece um rapaz decidido que deseje competir com elles.

E' que não temos cavalleiros? Não. Possuimos centenas de rapazes que sabem correr para um cavallo e montal-o rapidamente e possuimos muitas dezenas, entre estes, que são melhores combatentes e mais vigorosos luctadores que os *jockeys* do Coliseu.

Porque não apparecem então? O facto mal se justifica, sabendo-se que ha um premio a disputar e que estamos na epocha, que se tornou de moda, dos amadores se fazerem profissionaes de athletismo e de circo.

Noticias

Entre nós

A estreia do trio Neja realisa-se hoje no Rua dos Condes. Não se effectuou hontem porque os artistas não tiveram tempo de despachar, na alfandega, as bagagens.

*** E' na segunda-feira que se estreiam, no Salão Foz, os duettistas Berignardis.

*** No Coliseu effectuam-se amanhã dois espectaculos, que são os do penultimo domingo da Companhia equestre. Na *matinée* trabalham 18 palhaços e 4 excentricos, sendo um d'elles o «homem que não tem medo». A' noite apresentam-se todos os artistas, ainda com os Frediani e com os 25 persas, que tambem se despedem no dia 29. Na segunda-feira effectua-se a recita da moda, para a qual só existem 9 camarotes de 1.ª ordem e 75 fauteils!

*** No Salão Theatro de Variedades estreia-se hoje a soprano Conceição Ruano.

Movimento maritimo

Natal, L. Marques, «Bechuana» (Liv.)	20
Brazil, R. Prata, «Leon XIII» (Barc.)	20
Cadiz, Port Said Man., «Fern. Pó» (L.)	21
Brazil, R. Prata, «Foisia» (Amsterd.)	22
Bordeus, «Divona» (Brazil)	23
L Marques, «Durban Castle» (Lond.)	23

tempo dava o golpe de Tanger. Ora a diplomacia austro-hungara era branda.

Na conferencia de Algeciras, os esforços d'essa diplomacia pareceram fracos. E finalmente o imperador Guilherme atirou á cabeça do ministro Goluchowski com o telegramma em que cumprimentava a Austria-Hungria «por ter sido um brilhante segundo no terreno». Essas felicitações insultantes trouxeram a queda de Goluchowski, que se retirou sem ruido. O seu systema tão prudentemente combinado succumbia com elle.

Toda a obra de conciliação com o elemento slavo, embora attenuada, cedia pérante a imperiosa vontade do «poderoso primeiro».

Narraremos como a ruptura com a Russia se seguiu ao desapparecimento de scena do conde Goluchowski e como a annexação da Bosnia e Herzegovina, levada a cabo pelo conde de Ærenthal, contribuiu para lançar fogo ao rastilho.

Mas convinha indicar a traços largos as phases por que havia passado, ha quarenta annos, a questão slava no interior do imperio, visto que toda a difficuldade austro-hungara, e por consequencia internacional, que levou a Europa á guerra actual, póde resumir-se nos seguintes termos: em que situação ficarão as nacionalidades slavas nas suas relações com a Austria-Hungria, quer no interior, quer fóra do imperio?

As diversas tentativas de união constitucional dos trez grandes agrupamentos falharam. O imperio austro-hungaro ficou assim ligado, até á guerra actual, á combinação «dualista» que remonta á pragmatica da sancção austro-hungara de 1722-1723, successivamente modificada por uma serie de medidas e de combinações em 1848, 1849, agosto de 1851, em 1861 e finalmente em 1867. O «compromisso austro-hungaro» é uma origem de difficuldades tanto na sua interpretação, como na sua applicação.

A Austria, d'um lado, a Hungria, do outro, possuem um systema de governo parlamentar e responsavel; e, acima d'esses dois sistemas separados, existem trez ministerios communs, o da guerra, o dos negocios estrangeiros e o das finanças, os quaes por seu turno teem acima de si a pessoa do imperador da Austria, rei da Hungria.

Os ministerios communs não tratam nem com o parlamento hungaro, nem com o austriaco, mas com as «delegações» formadas por sessenta membros escolhidos de cada parlamento e que reunem alternadamente em Budapest e em Vienna.

E' a complexidade d'este sistema que faz com que a politica austriaca esteja sujeita á politica hungara. D'ahi, as intervenções levadas até á obstrucção e á revolta que, apesar de certos sentimentos manifestados pelo imperador, apesar dos conselhos dos ministros mais prudentes, Deak, Hohenwart, Badeni, Goluchowski, fizeram sempre pender a balança para o lado anti-slavo até ao dia em que, rompido o equilibrio, a crise dos Balkans e a pretenção de esmagar a Servia desencadearam a tempestade.

A principal força de desagregamento do imperio, como já dissémos, é constituida pela diversidade de nacionalidades e pela estreiteza do pacto constitucional. Vamos enumerar, agora, os elementos de união e de estabilidade que fazem durar o imperio e lhe asseguram um logar consideravel, embora «secundario», na constellação européa.

Esses elementos são: a situação geographica da Austria-Hungria e o proprio caracter do seu povo, a organisação do imperio pela burocracia e pela policia, a auctoridade da dimnastia representada por Francisco José, e, finalmente, o instrumento de dominio e da guerra—o exercito e a armada.

Não é em poucas linhas que se póde dar ideia dos innumeraveis problemas a que dá origem a existencia da Austria-Hungria na Europa.

Muitas vezes se tem repetido a phrase: «... a Austria não existisse, seria preciso invental-a». Isso quer dizer que a existencia da Austria no

CAPITULO VII

A Austria-Hungria e o seu dualismo

Após a apresentação que fizemos das forças e dos recursos da Allemanha e da França, cujo antagonismo, em caso de guera europeia, era inevitavel, vamos occupar-nos das potencias que deviam ser, um dia, quasi que fatalmente envolvidas no conflicto: do lado da Allemanha, a Austria-Hungria e a Turquia; do lado dos alliados, a Russia, a Inglaterra, depois a Servia, a Belgica, o Japão, finalmente as principaes potencias neutraes, a Italia, a Roumania, a Bulgaria, a Grecia.

Depois de termos indicado a sua situação, as suas tendencias, as suas forças, encararemos a situação internacional dentro e fóra da Europa, no momento em que começou o grande drama.

A situação da Austria-Hungria é o eixo actual da historia europeia. Claro é que toda essa historia não está contida nos limites do imperio dos Habsburgos, mas conforme as soluções que se obtiverem, a estabilidade da Europa será confirmada ou continuará a ser indefinidamente instavel.

Krones, ao terminar a sua importante «Historia da Austria», diz: «A Austria não é outra coisa senão a Austria, uma neutralisação de elementos diversos congregados por meio da dinastia e do poder dos interesses».

A diversidade dos povos austro-hungaros é extraordinaria. O imperio tem cerca de 41 milhões de habitantes, que se decompõem assim: allemães, 10.500:000; magyares 7.500:000; slavos (tcheques, polacos, servios-croatas, etc.), 19.500:000; italianos, 700:000; 2.500:000 de romaicos.

O resto comprehende diversas raças, entre ellas os musulmanos.

Para os que vêem as coisas de fóra, o imperador é o soberano commum das tres grandes raças que partilham o seu imperio, os allemães-austriacos, os magyares ou hungaros, os slavos, sem falarmos nas outras fracções de população, ainda muito consideraveis, mas que não teem o seu centro principal no imperio: romaicos, italianos, musulmanos e raças misturadas.

Mas esse titulo de soberano ou monarcha commum não corresponde a uma situação constitucional definida. De facto, a base da monarchia dos Habsburgos assenta n'um unico principe que, como imperador da Austria, «governa os territorios da corôa de Santo Estevão».

Ha, no fundo d'esse dualismo, uma tendencia para a desagregação que muitas vezes se tem manifestado.

O escriptor H. W. Steed diz a tal proposito: «O dualismo é, pela sua propria natureza e pela sua origem, um edificio vacillante, instavel, singularmente exposto aos ataques. Não corresponde e não póde corresponder aos interesses permanentes da dynastia, nem aos dos povos dos Habsburgos que não são magyares nem allemães».

Esta situação tem o quer que seja de tão singular, de tão contrario ás condições da vida normal dos povos, que o proprio imperador o comprehendeu e que, rompendo em parte com a sua situação de soberano bicephalo, se inclinou por vezes para as reivindicações dos seus outros vassallos e especialmente das populações slavas, cujo numero é egual a quasi metade da população total do imperio. Se essas velleidades de alargamento do pacto constitucional tivessem sido seguidas de effectivação, teriam, sem duvida, salvo a Austria e mudado a face da Europa.

No periodo que decorre da batalha de Sadowa á paz de Francfort, por exemplo, o gabinete Hohenwart, apoiado pelo imperador, mostrou-se disposto a reconhecer á Bohemia uma constituição federal, sanccionada por um juramento do imperador, por occasião da sua coroação em Praga como rei da Bohemia.

Teria sido talvez o ponto de partida d'um federalismo, de toda a conveniencia. Mas os elementos magyar e allemão fizeram uma coalisão contra semelhante politica e Hohenwart desappareceu.

Em 1896, o conde Badeni, grande senhor polaco, que se seguiu ao ministerio Taaffe, de novo tentou dar força aos slavos no imperio, publicando as famosas ordenanças que estabeleciam a egualdade das linguas tcheque e allemã.

Julgára poder contar com o apoio de Francisco José, que, mais uma vez, parecia disposto a libertar-se da pressão magyar e procurar um ponto d'apoio no conjuncto dos seus subditos. Mas nem Badeni, nem o imperador Francisco José puderam resistir á formidavel corrente dirigida tanto contra os slavos como contra o elemento ultramontano e a tentativa malogrou-se com a queda d'um dos homens mais distinctos que tem tido o imperio austro-hungaro.

Excepto estas curtas interrupções, o elemento hungaro, dirigido pelos Andrassy, os Koloman Tisza, entendeu-se com o elemento allemão durante o periodo que decorre desde a guerra de 1870 á actual. Bismarck incitou e explorou o chauvinismo hungaro e poude dizer-se, com razão, que «a Hungria governava a Austria por intermedio da dynastia».

A custo o elemento slavo conseguia ter representação nos conselhos da corôa e manter-se ahi por serviços preciosos e reveladores da maior dedicação, como por exemplo os do conde Goluchowski.

A questão slava estava latente. Essas populações augmentavam, enriqueciam, iam tomando consciencia do seu numero e do seu poder. Povos hontem ainda desdenhados tomaram, no interior e no exterior, o caracter de fortes nacionalidades que não era possivel relegar ao olvido ou tratar com desprezo.

No fim do seculo passado, um deputado germanophilo, assustado com esses progressos, punha a questão nos seguintes termos: «Não se trata já de palliativos de ordenanças sobre linguas ou d'um accordo a estabelecer entre allemães e tcheques, accordo impossivel por causa da differença de idéas. Trata-se de saber se a Austria será uma grande potencia politica e social, sob uma direcção allemã, ou um Estado federal, tcheque-polaco-allemão, que fará uma politica slavo-clerical e se «voltará mais tarde contra a alliança com o imperio allemão protestante».

Foi a primeira d'essas politicas que prevaleceu. A Hungria aproveitou-a para desenvolver a sua intransigencia nos negocios communs. De 1903 a 1906, parecia que, em razão das suas exigencias, o governo interior se tornava impossivel.

Na Austria, as instituições parlamentares não funccionavam; na Hungria, o parlamento mostrava-se suspeitoso para com tudo o que podia concorrer para o augmento da auctoridade imperial e chegava a recusar os creditos necessarios para o desenvolvimento do exercito. Sacções numerosos abalavam pouco a pouco uma monarchia que estava longe de ser a mais solida da Europa. Lentamente enraizou-se a idéa de que só uma politica externa audaciosa podia dar prestigio á corôa e fazer calar as crescentes reivindicações das diversas nacionalidades.

Os pangermanistas do exterior procediam com uma audacia inconcebivel. Primeiro, pede-se simplesmente a revogação das ordenanças de Badeni; depois, recusa-se todo o entendimento com os slavos da corôa; finalmente, reclama-se, sem rodeios, a reunião dos paizes Cis-Leithanos ao «Zollwerein» allemão.

O «leader» d'essa politica intransigente, Schœnerer, escreve brutalmente: «Considero uma reconciliação com os slavos um esforço inutil. Trata-se simplesmente de saber se a

Joffre, o generalissimo francez

nossa supremacia ou a dos slavos se implantará na Austria. Fala-se em egualdade entre allemães e slavos; é como se se comparasse um leão com um piolho, porque ambos são animaes. Nos negocios nacionaes, não posso collocar-me no terreno da egualdade».

Dirigem-se appellos reiterados aos commerciantes austriacos, trata-se de os seduzir pela tentação de vêr abrir para os seus productos os vastos mercados allemães. «Logo que o «Zollwerein—a união aduaneira—se estabelecer, terão toda a Allemanha para consumir os seus productos e os industriaes e commerciantes austriacos, aproveitarão largamente da expansão commercial do imperio allemão. Todos devem, pois, pedir a entrada da Cis-Leithania na união aduaneira allemã...»

Dá-se mais um passo. O Reichstag vê fundar-se um grupo de deputados pangermanistas que, segundo os versos de Liebermann, pede ao Deus allemão, «deustcher Gott», que «fique fielmente unido á Pangermania, onde fluctua a nossa bandeira, desde o Belt até ao Adriatico».

O principal esforço do conde Goluchowski parece ter sido o de resistir com suavidade, mas com firmeza, aos excessos d'essa politica. De origem slava, conserva sempre os olhos fitos na Russia. Em dezembro de 1902, em fevereiro e em setembro de 1903, em Muersteg, estabelece as bases d'um accordo com essa potencia. Nunca talvez os negocios austriacos, os negocios europeus, estivessem mais proximos d'um accordo equitativo. O conde Goluchowski informava as delegações de que se encontrára uma base para um accordo austro-russo e que «as duas potencias principalmente interessadas nos Balkans repudiavam toda a idéa de conquista e estavam resolvidas a manter o «statu quo».

No decorrer das negociações, o conde Goluchowski indicára ao seu collega russo o interesse que a Austria-Hungria tinha na annexação da Bosnia e Herzegovina. Era esse o ponto sensivel, ou, melhor, a pedra de toque. Depois d'uma observação do imperador Nicolau, o ministro austro-hungaro não voltou a insistir.

No desenrolar dos grandes negocios europeus, o accordo de Muersteg foi um compasso de espera, um oasis, ou antes uma miragem que em breve se ia dissipar. A Allemanha velava.

Impellida pelo partido pangermanista, receiava vêr affrouxar a alliança á qual tanto sacrificára. Censurava-se ao conde Goluchowski o não haver aproveitado os embaraços da Russia durante a guerra com o Japão e as grandes difficuldades internas que se haviam seguido (1905-1906). A Allemanha ao mesmo

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1661 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 21 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Novo adiamento?

Annuncia hoje o *Diario de Noticias* que vae ser decretado um novo adiamento das eleições.

Se tál se fizer será um novo acto abusivo do poder, que justificará a impressão publica de que já não ha em Portugal nenhuma norma pela qual se possa regular a nossa vida politica, mas simplesmente o arbitrio, posto ao serviço d'uma orientação desconhecida.

Quando o governo, ao mesmo tempo que adiava a convocação dos collegios eleitoraes, feita para o dia 7 d'este mez, inaugurava a dictadura, impondo ao paiz uma lei eleitoral sua, marcou o dia 6 de junho para as eleições, justificou a fixação d'essa data pelo facto de ella não poder ser excedida em consequencia de ser necessario votar até ao dia 30 d'esse mez o orçamento geral do Estado. Estabelecendo outra data para as eleições, por meio d'um novo adiamento que evidentemente não será apenas por mais oito ou dez dias, o governo a si proprio se exautora, demonstrando que não respeita nem mesmo aquelles preceitos constitucionaes que declarou respeitar.

E quer o governo que haja tranquilidade na opinião publica! Como póde havel-a, se ninguem sabe a lei em que vive, se ninguem sabe se o pensamento que nas espheras dirigentes hoje parece revelar-se será o mesmo que ámanhã se patenteie!

A hesitação, a duvida, a incerteza que se observam em situações anormaes como aquella que a sociedade portugueza n'este momento atravessa não são só as mais angustiosas, como são as mais perigosas que um paiz póde experimentar. Antigamente, quando as nações eram governadas pelo mero arbitrio d'um homem, os povos viviam desinteressados dos seus proprios destinos. Os seus habitantes não eram mais do que subditos. O sentimento da propria dignidade, o amor da patria, o cuidado de preparar um melhor futuro ás gerações vindouras acabaram por levar esses povos á sua emancipação violenta. Hoje, esses subditos são cidadãos, e esses cidadãos não abstrahem já dos destinos das suas patrias. Hoje cada um d'elles é um elemento activo da sociedade a que pertence, e o que nos seculos passados resvalava sobre a pesada inercia da servidão, alimentada por tradições esmagadoras, não é já possivel que suffoque o livre exame e o espirito de independencia dos povos.

Peor do que o arbitrio não se considera hoje nada, e se esse arbitrio, quando mesmo se lhe presume intenções grandiosas, revolta o espirito popular, envolvido em misterio, sem prestigio que o realce, sem uma grande idéa que o anime, arbitrio que pareça mover-se só pelo capricho pessoal, ou de seita ou de classe, que nem mesmo a capacidade governativa recommende, não póde exercer-se sem que desperte na opinião publica os mais justificados receios e as mais naturaes reluctancias.

Fixe-se, ao menos, a situação em que nos encontramos, e da qual sem violencias só podemos sahir pela consulta ao suffragio popular. E se o governo é que a fixa, sem que a nenhuma sancção se sujeite, que a fixe definitivamente, não variando as suas resoluções ao sabor de quaesquer interesses ou conveniencias.

De resto, o sr. presidente da Republica já declarou que não firmaria mais nenhum decreto dictatorial. Se o firmar, não será só a Constituição que será mais uma vez affrontada. Serão a logica, a razão e os mais fundamentaes direitos populares.

O desastre de Naulila

Qual é a situação actual das forças portuguezas no planalto de Mossamedes — Urge que se apurem responsabilidades

Não é inopportuno reflectirmos um pouco ácerca do desastre de Naulila, do qual, de quando em quando, vão chegando á metropole os echos mais desoladores. Ha pouco, *O Commercio do Porto* publicava uma carta datada dos Gambos em que se pintava a situação das nossas forças no seguinte lamentavel quadro:

... esperamos reforços, viveres, material e animal novo e munições para seguirmos. Mas os bois morrem e os carros não chegam, as noticias mostram a necessidade de partir e a falta de tudo a isso se oppõe, e n'este desespero se passam dias e mezes... A nossa situação é a seguinte: cavallaria sem cavallos, artilharia sem mulas, sem escudos, sem cofres; infantaria sem armas; e todos sem calçado, sem mantas, por falta de homens que por morte ou doença vão retirando. Juntemos a isto a indisciplina, que é aterradora, e calcule o meu amigo o socego e disposição que se pode ter n'estas circumstancias!

Infelizmente, temos de reconhecer que a derrota das nossas armas não se restringiu á memoravel manhã de 18 de dezembro, em que, apoz quatro horas de fogo, as nossas forças se viram obrigadas a retirar precipitadamente, marchando, segundo se diz, em alguns pontos á razão de 10 kilometros por hora. O desastre consistiu em toda essa retirada, e a situação tão cruamente exposta pelo anonimo auctor da referida carta demonstra-nos que os restos da tropa que se bateu em Naulila se encontram ainda n'este momento sob a deprimente influencia d'esse desastre.

O momento virá em que se hão de apurar todas as responsabilidades. No entanto, já não é cedo demais para fixarmos um pouco a nossa opinião sobre as causas proximas da catastrophe, que outro nome se não pode dar a esse triste episodio em que as tropas portuguezas se viram «forçadas a uma retirada precipitada, abandonando armas, munições, os poucos viveres que tinham, e tudo». Isto apesar de não serem perseguidos pelos allemães, como a carta em questão peremptoriamente affirma.

Commandava os 800 homens que do Lubango tinham partido para a região do Cuamato o tenente coronel Roçadas. Quem era o tenente coronel Roçadas? Um heroe de Africa, como vulgarmente se designam entre nós os que voltam victoriosos de qualquer campanha colonial. O tenente coronel Roçadas iniciára em 1907 a occupação do Cuamato, e, vingára, segundo se deprehende dos relatorios, o massacre de 1904. O que é facto é que a região, até então insubmissa, poude d'ahi em deante ser percorrida sem receio pelo commercio.

Ora n'essa campanha de 1907, feita contra o gentio rebelde mas sem duvida mal organisado e armado, o commandante da expedição encontrou no indigena Calipalula um precioso auxiliar. Foi o guia das nossas tropas. Foi elle que constantemente indicou, na inhospita e desconhecida região, os caminhos a percorrer, as *cacimbas* para se dessedentarem homens e animaes, as intenções e força do gentio.

Calipalula teve, como premio dos seus serviços, o abandono. Quando terminou a campanha tentou suicidar-se com um tiro. Apodado de traidor pelos seus, resolveu mais tarde resgatar a falta que para com elles commettera, declarando-se em franca e aberta hostilidade contra nós.

Na campanha actual vemos figurar tambem um guia: d'esta vez, porém, é um europeu, uma «especie de norueguez», como pittorescamente o vimos designar n'uma carta. Apresenta-se affirmando o seu odio contra os allemães, falando em velhas contas a ajustar, animando os nossos a que se preparassem para dar uma tareia mestra. O homem é acolhido de braços abertos: dão-lhe armas, munições, uma libra por dia e a liberdade de sahir e entrar no acampamento quantas vezes quizer. Na vespera de Naulila andou de noite rondando os arredores e depois de ter prestado phantasiosas informações sobre o inimigo, desapparece para não mais ser visto. Se Calipalula existe ainda, deve ter descerrado a dentuça branca n'uma gargalhada de escarneo ao ouvir contar este episodio.

Temos pois de attribuir á ingenua confiança depositada no guia uma grande parte das culpas. Devia ter parecido tanto mais suspeito o offerecimento d'esse homem quanto é certo—e toda a gente o sabia—estar n'essa occasião o sul de Angola infestado de espiões allemães. Desde o famoso consul Schoess, do Lubango, até aos membros estrangeiros da missão luso-germanica, todos esses individuos trabalhavam por conta da gente de Windhuk. O peor é que ainda hoje, em Mossamedes, a atmosphera germanophila parece dominar por fórma tal que os soldados portuguezes ali destacados já por mais de uma vez exteriorisaram a sua inquietação com manifestações collectivas, que os officiaes a custo conseguiam reprimir.

Em segunda linha, aponta-se a insufficiencia dos armamentos, a exiguidade das munições de guerra e de bocca, a má organisação dos postos de *étape*. Mas não foi porventura o tenente coronel Roçadas quem superiormente organisou a expedição? Não foi mesmo attendendo ao seu conhecimento e experiencia que se lhe confiou o commando supremo d'essas forças? Nós não podemos crer que elle imaginasse ir encontrar intactas as centenas de carros boers, destinados ao transporte, que lá existiram ha oito annos. Diz a carta do jornal do Porto, a que acima alludimos:

O commandante Roçadas conseguiu, com immensa difficuldade, levar até ao Cuamato 800 homens, numero insignificante para defender a extensão enorme de terreno.

Quem teria porém, para ajuizar do numero de homens necessarios á defeza da região, maior competencia do que o proprio commandante das forças expedicionarias, que n'essa região tinha combatido já e cujos recursos, portanto, lhe não deviam ser desconhecidos?

Todas estas questões acodem naturalmente ao espirito, quando consideramos o desastre de Naulila e procuramos descriminar responsabilidades. E' indispensavel que o governo as esclareça, tão indispensavel, pelo menos, como remediar desde já o que ainda porventura tiver remedio. Ventilar publicamente estes assumptos sem que as regiões officiaes se preoccupem um momento sequer com esclarecer a opinião é alarmante, e póde produzir resultados ainda mais funestos. Porque estas coisas são sagradas. N'ellas se encontram envolvidos não só os interesses do paiz, como tambem a propria dignidade nacional, que é preciso redimir custe o que custar e dôa quem doer.

Os grandes temporaes

Trezentos afogados em Hespanha?

MADRID, 21.—Um telegramma de Algeciras diz que ha dois dias uma furiosa tempestade açoita a costa, tendo-se refugiado na bahia de Gibraltar uns cem navios de varias nacionalidades. Voltaram-se quatro barcos cheios de emigrantes hespanhoes em Punta Mala. O numero dos afogados é calculado em trezentos.—*(Havas.)*

Migalhas

A primavera

Mal me levantei da cama, fui espreitar á vidraça se a Primavera tinha chegado. Pela porção de guarda-chuvas que vi desfilar na minha rua e pela tristeza do ceu, percebi que a estação das flores, a quem o sr. Sousa Bastos dedicou tão formosas valsas nas suas revistas, tinha sido adiada *sine die*, como as eleições. Alheiado como estou da politica não sei se os poderes publicos consentirão este anno na Primavera. Deus queira que sim.

Tenho para regular a minha vida um d'aquelles hygrometros de corda de tripa, em que se o tempo está chuvoso e humido sae da guarita um capuchinho envolto no seu habito cinzento e se a atmosphera se põe limpida e o ar secco apparece uma bailarina, toda bamboleante nas suas pernas de arame e no seu *tutu* cor de rosa. E assim o meu espirito ora é capuchinho, ora é bailarina...

Se surge a invernia e os aguaceiros inundam a rua succede-me o que succedia ao poeta: chove no meu coração como sobre a cidade. Porém, mal surge a bailarina, põem-se-me os miolos a dar piruetas, a fazer *entrechats* e, por mais que os acontecimentos pretendam perturbar o meu bom humor, eu penso tão côr de rosa como o *tutu* da figurinha do barometro.

E creio que o mesmo succede a todos. A não ser certas pessoas conspicuas e graves, que vivem para dentro e nasceram já a scismar cinzento, todos os meus contemporaneos são como eu. Pelo menos tenho essa impressão. N'um dia bello as mulheres são bonitas e amaveis, os homens menos estupidos, os cigarros ardem bem e o voto aos analphabetos é uma hipothese perfeitamente admissivel... Saltem dias de bailarina e que o capuchinho recolha quanto antes á guarita com o seu cortejo de ideias sombrias.

André Brun

Os nossos collaboradores

Guedes d'Oliveira

A Capital começará na quinta-feira proxima a inserir um artigo semanal do illustre chronista

Guedes d'Oliveira, que como escriptor de theatro e como poeta humoristico firmou, de ha muito, a sua reputação, occupa hoje na imprensa portugueza um logar de incontestavel relevo como chronista elegante na fórma e conceituoso na essencia, que se lê sempre com agrado e proveito.

Visão nitida e justa das pessoas e das coisas, criterio independente e desassombrado, perfeito bom-senso, bonhomia natural e encantadora, eis as qualidades primaciaes que distinguem este annotador amavel da vida, em cuja limpida prosa, tão portugueza, a jovialidade e a ironia alternam, por vezes, com a ternura do sentimento e o vigor do commentario. Guedes d'Oliveira não é dos que profligam os costumes rindo, mas sorrindo. O seu sorriso, porém, faz-nos amiude reflectir sobre a importancia dos themas que elle elege—por muito que na apparencia sejam insignificantes e futeis—para as suas observações e para as suas criticas.

A collaboração do illustre jornalista nas columnas d'*A Capital* iniciar-se-ha na proxima quinta-feira.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Na administração d'*A Capital* serão satisfeitos todos os pedidos dos numeros contendo o folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra*, cuja publicação, como se sabe, foi iniciada em 1 do corrente.

A situação politica

A obra da dictadura — Como procedem os politicos — O caso do Leandro e da egreja hespanhola — A ordem publica

Voltámos hoje a entrevistar o sr. dr. Pereira Victorino, membro da commissão parlamentar nomeada no congresso da Republica, reunido em Santo Antão do Tojal, ácêrca da situação politica. O sr. dr. Pereira Victorino, que—mais uma vez o accentuamos— se encontra fóra das aggremiações partidarias começou por observar-nos:

—A qualquer pergunta que v. me faça eu anteponho estas:—Para onde marchamos? Qual é o fito da dictadura—se é que a dictadura tem algum fito? Qual é a sua côr? Quaes são as suas ideias?...

«E o que me impressiona é que a esta duvida corresponda, em arraiaes republicanos, ainda a desordem, ainda a partilha... dos votos! Pois não vêem que lhes leva tudo a *justiça?!*

«Ha deputados e senadores que, opprimido pelo governo o Parlamento, continuam dando apoio ao governo! Ha-os que apresentam ao dictador commissões que vão pedir o castigo severo dos que não acatam as leis emanadas do poder executivo! Outros ha ainda a quem, pelo facto de terem renunciado o mandato ou livremente ou em troca de algum emprego, já lhes não importa a Soberania do Poder Legislativo.

«N'estes termos é que a maioria parlamentar passou a ser considerada pelos dictadores como o *resto*, a *formiga branca*, até ser dada n'um decreto como não existente. E é n'estes termos que hoje, não já n'uma republica parlamentar mas n'um regimen despotico, se apresentam os membros do primeiro Congresso da Republica que na sua maior parte o foram tambem da Assembleia Constituinte, interpretes dos principios liberaes, defensores das instituições republicanas!...

—Quer então v. ex.ª dizer que hoje os politicos preferem cuidar da sua influencia ou dos seus empregos, a cuidar da defesa dos principios?

—Eu cito factos: e os factos dizem que essa mesma expressão *os politicos* é n'este caso generica de mais. Bem vê que nem todos se mostram indifferentes, ou se tornam cumplices d'essa dictadura que, depois de ter saltado por sobre os partidos, pretende attingir o mais forte organismo das instituições liberaes—o Parlamento.

«Os principios da democracia defende-os o proprio Congresso que acceitou o desafio do governo e se não considera extincto; defendem-nos os politicos que, porfiadamente e confiadamente, trabalham pelo restabelecimento da Constituição. A campanha terá de ser breve? Terá de ser demorada? Durará o tempo que fôr preciso: tão seguros nós estamos de que, dia a dia, com a serenidade e a reflexão nos espiritos, augmentam para nós os elementos da victoria.

—Conta então v. ex.ª com o despertar das consciencias?

—Pois não hei-de contar?! Pois por ventura eu que, sem paixão partidaria, me tenho mantido fóra de todos os agrupamentos politicos, haveria hoje, por facciosismo, de tornar-me tão injusto que chegasse a negar áquelles republicanos, indifferentes ainda á dictadura, ou mesmo seus defensores de momento, não digo já a sua fé democratica, mas o proprio sentimento patriotico?! O que hoje os domina, na sua sensibilidade, é a lembrança de reciprocos agravos. Em breve porém—e as intenções da dictadura já os sobresaltam com a perspectiva de sucessivos adiamentos de eleições—em breve, porem, elles saberão deshabituar-se das represalias e retaliações pessoaes trazidas para o seio da familia republicana. Espiritos combativos que se formaram na propaganda contra a monarchia, elles encontrarão de novo o campo d'acção nobilitante para as suas luctas, quando todos sentirem a necessidade de se juntarem na defeza dos nossos principios, estabelecidos na Constituição. E os principios e a Constituição, mais ainda do que até aqui o teem sido, são n'esta hora, para a patria portugueza, as reconhecidas e insupprimiveis bases da nossa autonomia. Derivadas da nota officiosa por que ha dias se explicou a sahida do ultimo ex-ministro das finanças, já eu, na minha anterior entrevista, fiz as considerações opportunas.

—Mas alguns republicanos teem escripto que este é antes um momento em que a excepção na observancia dos principios daria esplendidos resultados praticos; e até condemnam os rigores da theoria como exaggero de concepções de ideologos.

—E é isso que, mostrando estarem os homens de todos os regimens sujeitos ás mesmas tergiversações, é isso que mais convence de quanto é necessario o revigoramento da nossa fé nos principios e de como só pelos principios vale a pena luctar. Ah! na pratica, a inobservancia dos principios dá excellentes resultados!... E' o que se está vendo! No momento em que os grandes Estados rasgam fronteiras e começam de talhar uma nova carta da Europa, qual é o talento diplomatico, talvez pelo Espirito Santo ou pela sophistica de Roma insuflado, que se nos revela no governo da dictadura?! E' a cedencia humilhante, é, em face de um gabinete estrangeiro, o governo declarando-se obrigado ao indulto para um incendiario, criminoso de direito commum! Que houvesse um qualquer *compromisso*, de onde derivasse para o governo uma força obrigatoria, não sei eu como admittil-o. Se á Hespanha tivessemos de reconhecer, em casos d'estes, o direito, não de instar por um pedido, mas de formular exigencias, poderia tambem suppor-se que o indulto fosse uma satisfação dada ao gabinete hespanhol, talvez por não termos usado para com o addido militar de toda a cortezia correspondente á sua excursão automobilista noticiada n'*A Capital*...

«Mas tinha de ser este necessariamente o seguimento de uma diplomacia em que a dictadura se estreou com as chocantes felicitações pelo anniversario do kaiser. E, como a alguns membros do governo, eu, que os julgo maus politicos, não quero julgar maus militares, elles que confrontem ponderadamente este e outros dos seus actos com algumas passagens do relatorio do brioso general e ex-ministro Pereira d'Eça.

A tentativa quanto á egreja hespanhola vae talvez em vias de realisação...

—Mas, perdão, quanto ao caso do Leandro, consta que o governo publicará documentos explicativos.

—Documentos explicativos?!... Mas porque ha de a dictadura querer vir dar explicações?! Pois não foi para eximir-se á acção fiscalisadora dos representantes da nação, não foi para isso que o governo supprimiu o Parlamento, tornando-se um gabinete de trevas?! Um poder que esborracha os adversarios só tem de dar contas aos amigos, no chá das cinco, servido nas sacristias, e com a ópa de qualquer irmandade cobrindo a farda de qualquer generalissimo. E' a politica do sr. D. João VI em *travesti* de D. Manuel.

—Mas, em summa, diz-se que ao menos a ordem está assegurada.

—A ordem só se assegura com a competencia e com o bom senso: a ordem é cada um dentro da sua profissão: a ordem é o funccionamento harmonico dos poderes constitutivos do Estado. E a dictadura, que nas classes sociaes procura cavar antagonismos, até dentro da classe militar vexa e faz perseguições. Um governo que trouxe comsigo um protesto contra as transferencias!... Mas, se isto é ordem, o que será a desordem?!

«Olhe: eu não sou d'odios; e até, demittido o governo, não terei duvida em perdoar-lhe pela sua incompetencia... V. viu bem o que foi com o proprio direito de voto aos officiaes e sargentos. Foi preciso que um deputado apontasse, a rir, o decreto, para que os dictadores percebessem que o decreto pedia remendo! E o general-dictador, orando solemnemente na manifestação de 27 e... a dizer aos srs. officiaes que, quanto ao voto, já estavam servidos!... N'essa proclamação do governo a passagem referente ao voto, voto a que os officiaes manifestantes tiveram a delicadeza de nem sequer se referir, ficará para todo sempre—a nota comica no desastre; a anedocta na recepção; a caricatura do dictador! Quiz este usurpar, pela força, as funcções do Parlamento e logo em tão pouco mostrou tanta competencia... legislativa!

«Eu creio que s. ex.ª agora para desforrar-se, mostrando-se não menos Doutor em Leis do que omnipotente dictador, irá lêr na manifestação dos sargentos este artigo da Constituição:

Art. 68.º—*Todos os portuguezes, cada qual segundo as suas aptidões, são obrigados pessoalmente ao serviço militar, para sustentar a independencia e a integridade da Patria e da Constituição, e para defendel-as dos seus inimigos internos e externos.*

Poeira da Arcada

Os homens politicos em geral desconfiam uns dos outros, offerecendo uma heroica teimosia, para não reconhecerem os meritos dos seus adversarios. Ou se chamam cretinos ou se tratam com a clemencia propria das pessoas que esbatem as grosserias na espuma facil dos epithetos dubios e amaveis. Nunca se fazem justiça, attribuindo a cada qual o que é seu. E' talvez por esta razão que elles ainda parecem superiores ao seu justo valor.

* *

E' frequente, nas brigas dos jornaes, os foliculario dividirem o mundo em dois grupos—o dos honestos e o dos marotos. Estes pertencem a uma raça execrada que não communga nos ideaes que engordam os censores e os moralistas. Apanham, portanto, diariamente grossas tundas de adjectivos irosos, sem lhes valer, como desculpa, o facto de praticarem a virtude tambem com algum proveito e muito descaradamente na arte de a fazer brilhar. O facto de serem sovados não lhes diminue o appetite—o que indispõe sobremaneira os que da honestidade fazem um tapume para encobrirem algumas corcovas e manhas.

* *

Oliveira Martins entrou na vida publica como socialista hegeliano e confuso e sahiu como catholico a quem as grandes figuras da nossa historia ensinaram as estradas do ceu. Não perdeu o seu tempo, visto que, na sua rota de escriptor, encontrou os limpidos clarões da Verdade que salvam da derrocada os homens que desconfiam da resistencia das suas convicções, para terminarem repousadamente a existencia, cultivando, flores á beira de um abysmo. Depois d'elle, outros teem chegado ao mesmo passo, em que necessario se torna erguer a fronte para bem comprehender a que altura se hão de renovar as velhas esperanças. Infelizmente, muitos d'estes trazem no coração um torvelinho de desejos e anciedades que os leva a demandar Deus tão precipitadamente que nem teem tempo para acalmar o seu louco exaspero.

E com palavras de religião misturam ás vezes desejos torvos de ambiciosos sem escrupulos.

* *

A passagem dos Estreitos não é tão facil como julgam as pessoas que vencem todas as difficuldades, contornando-as com algumas phrases faceis e correntes. Outro tanto não dirão os marinheiros francezes e inglezes. E porque o não dizem, certamente hão de bater, dentro de pouco, ás portas de Constantinopla.

Vapor hespanhol apresado

YARROW, 21.—Foi aprisionado na Mancha um vapor hespanhol carregado de mineral e que se destinava á Allemanha.—*(Havas).*

Folhetim d'A CAPITAL 21-3-1915

Perfumes, rosas e lagrimas

Na narrativa do tragico successo que foi a perda do couraçado francez *Bouvet*, afundado por uma mina submarina apoz o ultimo combate naval dos Dardanellos, ha uma nota tão vivamente emocional como profundamente significativa. Essa nota dá-a um telegramma publicado n'um jornal d'esta manhã. Quando passavam os cadaveres gloriosos dos marinheiros francezes, e emquanto todos os navios das esquadras alliadas apresentavam as suas bandeiras em funeral, na costa os sinos dobravam tristemente a finados, e as mulheres gregas, chorando, queimavam perfumes e lançavam rosas ao mar.

Nas lagrimas d'essas mulheres, no piedoso e poetico preito d'essas mulheres, revive toda a aspiração hellenica de independencia e de liberdade, e ao mesmo tempo o sentimento de amor e de gratidão á França, que foi a principal reconstructora da sua nacionalidade.

As mulheres gregas, que queimaram perfumes e desfolharam rosas á passagem dos mortos da França, recordam as luctas épicas contra o despotismo turco. Ellas não esquecem que, quando a ferocidade de Ibrahim pachá assolava a sua patria e ceifava os seus defensores; quando, deante d'ella, a esperança nacional era varrida, como por um ciclone devastador; quando o sonho de Canaris e a visão de Byron pareciam votados ao desapparecimento n'uma pesada nuvem de sangue; quando succumbiam Tripolitza e Nauplia, os mais vivos focos de insurreição, e na Moréa tremulava o estandarte ottomano que em breve se havia de desfraldar tambem em Missolonghi,—a França foi a mais fervorosa das trez nações que impuzeram a Constantinopla a mediação europeia. As outras eram a Inglaterra e a Russia, então, como hoje, ligadas á França, e na batalha de Navarino o jugo turco soffre o primeiro golpe e a expedição franceza do general Maison vibra-lhe, na Moréa, o derradeiro, provocando, emfim, a reconstituição da nobre nacionalidade hellenica.

* *

As mulheres gregas, queimando perfumes, desfolhando rosas, derramando lagrimas, não esquecem a França, porque não esquecem a sua patria. Não ha, porventura, no mundo, exemplo egual de heroismo patriotico chammejando em corações femininos. Essas mulheres da Grecia são descendentes d'aquellas que, nas alturas de Zalongos, onde os patriotas commandados por Botzaris haviam sido cercados pelos turcos, dançaram, á luz dos archotes, a «ronda funeraria». Não esquece a quem um dia a leu, transido de espanto, a emocionante narrativa de Villemain. No cimo talhado a pique, ao pé do qual se entreabre, entre pontas de rochedos, o abismo d'uma torrente, sessenta mulheres se juntaram, com os seus filhos nos braços; ellas contemplam o combate que se fere, e, subito, allucinadas de desespero, cada uma d'ellas arremessa os filhos ao abismo; em seguida, dando as mãos e formando um circulo, começam a dançar á beira do precipicio. A cada volta, uma mulher se desprende do elo humano, lança-se no abismo, emquanto a cadeia, renovada, dá uma nova volta para de novo se quebrar, deixando cahir uma nova victima. Da ronda funeraria nem uma só mulher se poupou ao sacrificio extremo, preferindo matar os seus filhos e morrer a serem subjugadas pelos turcos.

Outras batiam-se, como homens, contra o inimigo. A mulher do grande patriota Photos combateu sempre ao lado de seu marido, chegando a ter a graduação de major. Em Regniassa, refugio de viuvas e de creanças, uma mulher encerra-se com outras da sua familia na torre de Dinulas. Os turcos assaltam a torre. Vão forçar o ultimo reducto d'aquellas mulheres heroicas. Uma d'ellas grita-lhes: «Temos aqui um barril de polvora; não seremos escravas dos turcos!» E na explosão tremenda desapparecem sitiadas e assaltantes. Quando os ultimos guerreiros de Botzaris foram desbaratados no mosteiro fortificado de Seltro, dezenas de mulheres e creanças, depois de se defenderem com desespero, afogaram-se nas aguas chrystallinas do Achelous, que ainda faz resoar, no murmurio da sua corrente, a harmonia d'um verso grego.

* *

As mulheres da Grecia, que queimam perfumes, desfolham rosas e derramam lagrimas, não esquecem que da servidão e do martirio as eximiu o esforço generoso da França,—com o estimulo das suas ideias, faiscando nos brazeiros da Revolução; com as notas do seu himno libertador que um dos percursores da independencia hellenica, Rhigas, adaptou a um canto nacional, com a passagem das suas bandeiras por um trecho da terra que a sua raça povôa, e de que resultou a formação da Republica das Sete Ilhas: Corfu, Cephalonica, Zante, Cerigo, Ithaca, Paxes e Loucade, de existencia transitoria, mas redemptora como um clarão de resgate. Não esquecem a sua historia, não esquecem os seus soffrimentos, não esquecem a sua gratidão. E agora, que a França lucta outra vez com a Turquia, as suas mãos queimam perfumes, desfolham rosas, como votos candidos e bellos pelo triumpho da nação amada, da nação em que o seu genio refloresce na limpidez do genio latino, e os seus olhos derramam lagrimas, porque a Grecia não lucta, ao lado d'ella, contra o inimigo tradicional da sua graça, da sua belleza e do seu direito.

Essas mulheres da Grecia sentem mais as aspirações patrioticas e os grandes interesses nacionaes de que os homens que se prestam a preteril-os por conveniencias ou affeições dinasticas. Como ellas, o povo grego referve de enthusiasmo e de impaciencia. E' mais uma vez a obra da civilisação que está em jogo, e atravez de dezenas de seculos o genio hellenico foi um admiravel artifice da civilisação e do progresso. Com a sua arte conquistou os seus conquistadores, com a sua belleza venceu as rudezas que o eclipsaram. O grande triumphador é elle. Venceu o espirito barbaro de Roma, amoldando-o ás suas fórmas puras e ao seu espirito immortal; atravez da noite da Edade Media, elle foi a estrella viva que sempre luziu nas trevas até que se transformou, parcella resplandecente de eterna espiritualidade, no facho radioso da Revolução. A causa que se debate é a causa hellenica, porque é a causa da belleza, da luz, da graça e da poesia ideal que em todas as reivindicações do direito e da liberdade se recorta como a curva d'uma espiral e perpassa como a harmonia d'um canto. As mulheres da Grecia queimam perfumes, desfolham rosas e derramam lagrimas—porque vêem sangrar o peito da França sem que o seu proprio sangue lhe possam offertar, n'este grande holocausto com que a humanidade livre e progressiva está propiciando os destinos radiosos do mundo inteiro.

Mayer Garção.

A commemoração do anniversario da Communa

A festa no theatro Moderno

A vasta sala do theatro Moderno estava completamente cheia quando, pelas 14 horas e um quarto, a philarmonica Verdi executou o himno da Sociedade, a que se seguiu a *Internacional*, ouvida no meio do maior silencio. No palco, vêem-se a mesa da presidencia, os estandartes da philarmonica, do partido socialista e do orpheon operario, assim como muitas creanças. Terminada a execução, erguem-se calorosos vivas ao partido socialista e o sr. Antonio Maria Abrantes, que occupa a presidencia, explica o que foi a Communa, dando em seguida a palavra ao sr. dr. Costa Junior, cujo discurso é breve e que, entre outras passagens, accentua o exemplo do que se passou em Pariz, dizendo que a Republica, que fôra ajudada a fundar pelo operariado, contra este se voltou depois, esmagando-o pela força das baionetas. Um unico partido, diz o orador, pode satisfazer as aspirações do operariado: o partido socialista, terminando por soltar um viva ao socialismo universal.

Uma salva de palmas cobre as ultimas palavras do orador, emquanto a banda executa mais uma vez a *Internacional*.

O actor Peixinho Junior recita a poesia *Maldita seja a guerra* e o sr. José Custodio da Silva refere-se ao que foi a Communa, terminando por dizer que a nossa justiça é vã, visto que indulta um grande criminoso e conserva presos operarios pelo crime de pedirem trabalho e melhoria de situação. Fala de novo o presidente, que historia a vida da Philarmonica Verdi, declarando que ella é irmã do partido socialista. N'esta altura duas creanças collocam no estandarte uma palma de prata, offerta do partido. A banda executa o seu himno, o do partido socialista e a *Internacional*, findo o que a sessão é encerrada. Procede-se depois á entrega a algumas creanças de bonets de lã e seda, vestidos de lã, roupas brancas e calçado ás meninas e para os rapazes chapeus, fatos de lã, roupas de flanella e calçado. Seguiu-se concerto musical pela banda e por ultimo a representação do drama em 1 acto *A nobreza do artista*, desempenhado por amadores. Terminada a festa, organisou-se um cortejo que se dirigiu para a séde do partido socialista, na rua do Bemformoso, levando á frente a banda e os estandartes. Durante o trajecto foram executados varios himnos, levantando-se muitos vivas ao partido.

80.000 "RUSSOS"...

A origem de um boato

Como se propalou a noticia da vinda dos cossacos de Archangel para combaterem em França

Recordam-se, por certo, os leitores de um boato que em tempos fez o giro da imprensa cosmopolita, e segundo o qual um grande exercito russo teria embarcado em Archangel para a Escossia, de onde, atravessando a Inglaterra e o Pas de Calais, partiria a combater ao lado dos francezes, dos belgas e dos inglezes. O *Bulletin des armées* acaba de referir em um dos recentes numeros a historia d'esse boato. E' curiosa:

Na Grã-Bretanha, os negociantes de ovos designam os ovos russos simplesmente pela palavra: *russos*, como os coelhos que da Belgica são exportados para Inglaterra, pelo facto de embarcarem em Ostende, se chamam em Londres *Ostendes*.

Em principio de setembro, um agente importador de viveres recebeu, na capital ingleza, o telegramma seguinte:

Seguem 80.000 russos embarcados em Archangel.

A indiscreção de um empregado do telegrapho e a avidez de um reporter por phantasiar noticias sensacionaes fizeram o resto. Dentro em pouco, os 80.000 ovos estavam transformados em 80.000 cossacos!

O serviço obrigatorio em Inglaterra

Londres, 17 de março

O *Times*, encarando a possibilidade das perdas importantes que possa acarretar a proxima offensiva anglo-franceza, pergunta se o sistema de alistamentos voluntarios será efficaz para cobrir as baixas que se produzam nas fileiras inglezas.

«Sabemos que, se o governo inglez chegar a pedir ao povo o grande sacrificio do serviço obrigatorio, este se encontra disposto a fazel-o da melhor vontade. O povo inglez quer a victoria porque sabe que perdel-a é a ruina, e por isso não recua perante qualquer meio que lhe garanta o exito logo que lh'o exijam».

O caso Leandro

Divulgação dos artigos publicados na «Capital»

O sr. Manuel da Fonseca e Silva dos Santos, do Porto, escreve-nos solicitando auctorisação para reproduzir em folha avulsa os artigos publicados n'*A Capital* com revelações e commentarios sobre o caso Leandro. Da melhor vontade nos associamos aos desejos manifestados por aquele nosso leitor. E' uma obra patriotica cooperar na divulgação da *verdade* em todas as questões que se relacionem com a nossa situação internacional. Por mais alta que possa ser a gravidade da questão interna, embaraçada agora por incidentes de toda a ordem, muito maior gravidade offerece ainda, no momento que atravessamos, a situação creada em Portugal quanto ás nossas relações com as potencias estrangeiras. Ainda ha poucos dias o relatorio do sr. general Pereira d'Eça, dizendo a verdade sobre os preparativos effectuados para a nossa intervenção na guerra européa, veiu demonstrar de que lado estavam a razão e a justiça n'essa debatida questão da guerra, sabendo-se, afinal, quem é que pugnava pelo bom nome do paiz, quem defendia as tradicções gloriosas do nosso exercito, quem desejava vêr a sua Patria engrandecida e respeitada aos olhos de todo o mundo. As affirmações do sr. general Pereira d'Eça pertencem tambem ao numero das que merecem uma larga divulgação, de tal modo a *verdade* n'ellas resplandece. E só com a verdade se governam os povos, realisando-se obra util e duradoura. Os artificios, as mentiras, por mais habilidosas que sejam as formulas que as revistam, cahem por si.

8:000 camions destinados á Allemanha foram apprehendidos pelas esquadras alliadas

Londres, 17 de março

Antes da declaração da guerra, encommendára o governo allemão a uma fabrica americana 8:000 camions militares. Estas grandes viaturas, uma especie de auto omnibus com vinte logares, deviam ser empregadas no transporte rapido das tropas do kaiser, podendo deslocar 160:000 homens, isto é, um poderoso exercito de uma só vez. Ha poucos dias partiram os 8:000 camions com destino á Allemanha, acompanhados por empregados especiaes da casa americana que deviam proceder á sua montagem, mas não chegaram ao seu destino, nem jámais lá chegarão porque os navios da esquadra alliada apprehenderam-os no caminho.

MUSICA

Concerto Sarti

No Salão do Conservatorio, realisa-se na proxima terça-feira um concerto promovido pelo maestro Sarti, com o concurso de alguns dos seus discipulos e de considerados amadores e artistas. Serão executadas composições de Bizet, Chopin, Mozart, F. David, Meyerbeer, De Leva, Tosti, Tirindelli, Svendsen, Schubert, Moskowsky, Anteri, Ponchielli, Verdi, A. Sarti, Bemberg, Mendelssohn e Pergolesi.

PEQUENAS NOTICIAS

No boletim mensal da Universidade Livre relativo a janeiro findo e que foi agora publicado vem a primeira das lições n'aquella Universidade realisadas pelo sr. Affonso de Castilho sobre machinas de vapor.

—A policia procura o menor de 15 annos Raphael, de côr preta, que fugiu de Peniche. Vestia camisola de riscado já velha e calça alvadia.

—Para o 2.º juizo de investigação, cartorio do escrivão Pereira, foi hoje enviada Maria Rosa, ou Juliana da Conceição ou ainda Eulalia da Conceição, mais conhecida pela «Giraldinha», com 24 prisões, que é accusada de ter furtado varios objectos de ouro, que depois vendeu, a Thereza Gomes, da rua do S. Miguel, 61, 2.º. Como não prestasse a fiança de 3:000 escudos recolheu ao Aljube.

—Com fractura da perna direita, por ter cahido nas escadinhas do Marquez de Ponte do Lima, recolheu á enfermaria 11 do hospital de S. José Gertrudes Henriquets, moradora na rua da Barroca, 25, 3.º No banco recebeu curativo Domingos dos Santos Alfazema, colhido por uma carroça na rua das Gallinheiras, pelo que ficou muito contuso pelo corpo.

Coisas da vida

Chorava dia e noite a pobre Amelia! O seu marido, que ella amava apaixonadamente, ao fim de doze annos de casada não era o mesmo homem. Mudára completamente. Não lhe faltava com coisa alguma, adivinhava-lhe os menores desejos, mas todos os seus actos, por mais que elle tentasse revestil-os de gentileza attenciosa, eram frios. Sentia-se que o amor desapparecera, mas ficára a sua falsa exteriorisação.

— Que fazer? — perguntou ella a si propria, na maior desolação.

Depois de muito meditar, resolveu tomar por sua vez uma attitude fria e reservada.

Roberto perguntou-lhe admirado:

—Estás doente?

Mas como ella lhe respondesse que não, foi-lhe facil presentir o que ia no intimo da mulher e, como essa attitude correspondesse ao que lhe era commodo e agradavel, acceitou-a sem fazer o minimo reparo. O desespero de Amelia subiu de ponto, e involuntariamente reduziu-a pelo soffrimento ao mais completo mutismo. O marido exultou.

Achou-se com carta branca para poder fazer quanto lhe passasse pela cabeça; passou a recolher tarde e frequentemente a não ficar em casa. Amelia chorou e não occultou as lagrimas. Roberto fingia que não via. Animada pelos conselhos d'uma amiga, exprobou-lhe as tristezas e amarguras da sua vida. Elle reclinou-se n'uma preguiceira da Ilha e, accendendo um cigarro, ouviu com resignação a longa serie de offensas que Amelia enumerava e que elle, como auctor de tão naturaes feitos, esquecera conscienciosamente. Quando ella, entre soluços, terminou as suas queixas, perguntou-lhe em tom de quem sente que a paciencia lhe começa a faltar:

—Acabaste?

—Creio que não disse pouco.

—Enganas-te,—volveu-lhe elle atirando o cigarro pela janella;—tudo isso não vale um caracol. Tem juizo!

E pegando no chapeu dirigiu-se para a porta resolutamente.

Amelia, ficando só, não chorou. O seu immenso orgulho fôra gravemente attingido, mas, resolvida a levar a *cruz ao calvario*, decidiu-se a recorrer á supplica. N'essa noite esperou a entrada do Roberto, correu a recebel-o á porta, e, arrastando-o para o seu toucador, obrigou-o a sentar n'uma cadeira. Ahi ajoelhou-se-lhe aos pés, e abriu-lhe com a maior sinceridade o coração, mostrando-lhe sem pejo até que ponto estava ferida e as suspeitas formuladas por mil pequeninas certezas que lhe demonstravam a sua infidelidade.

Perfeito, incapaz de se impor o menor sacrificio, Roberto mentiu-lhe. Amelia chorava. Atravez das falsidades via com clareza a verdade; estava tudo acabado. Roberto persistia na resolução inhabalavel de seguir os seus desejos e prazeres e de não modificar de modo algum a sua conducta. Ergueu-se, limpou as lagrimas e seguiu o marido ao quarto na mesma disposição de espirito em que o condemnado segue o algoz calcando no coração um legitimo sentimento de revolta. Passaram dias, amontoaram-se semanas, ás semanas seguiram-se mezes. Roberto esquecêra a pungente confissão de Amelia e esta parecia tambem ter-se esquecido de tudo e mostrava-se perfeitamente conformada com a situação. Roberto, sem indagar as causas d'esta mudança, achava-se nadando em plena felicidade. Amelia começou a cuidar da *toilette* que descurava ha longo tempo. Roberto não viu ou fingiu não vêr. Amelia deu-lhe parte ao jantar de que ia receber ás sextas-feiras e começar a frequentar a sociedade para se distrahir.

Elle ouviu a noticia com indifferença e mostrou apoial-a.

Amelia era uma mulher gentil de olhos azues e bastos cabellos loiros e ondeados, alta, de aspecto senhoril, mas um pouco altivo. Séria, parecia uma estatua pela correcta frieza das suas feições; risonha, tinha qualquer coisa de picante que lembrava a sua origem hespanhola. Ella sabia-o. Resolveu tentar o ultimo recurso para recuperar o marido. Deixou de lhe demonstrar qualquer sentimento, mantendo sempre uma indifferença risonha que parecia attestar a alegria de viver. E, como era natural, desde que começou a frequentar a sociedade viu-se sollicitada por varios *flirts*. Fingiu acceital-os sempre que poude, em presença do marido, e começou a desanimar vendo que elle não se importava com isso. Então teve uma ideia: dar a preferencia ao mais elegante d'elles todos, uma preferencia discreta, cheia de reservas e que por essa mesma rasão alarmou, não o coração mas a vaidade de Roberto. E tão bem manobrou n'este sentido que o marido, n'um baile, de sobr'olho carregado e aspecto turvo, chegou junto d'ella e disse-lhe com sequidão:

—Vamo-nos embora, tenho somno.

A mulher quando ferida é capaz de todas as audacias. Sem mostrar ter percebido, Amelia volveu-lhe:

—Como eu não tenho somno e sinto-me bem aqui, não vejo n'isso rasão para me retirar. Irei com minha irmã que fica até mais tarde para marcar o *cotillon*.

—Desejava que me acompanhasses, instou elle, vivamente ruborisado.

—Seja.

E, lançando ao seu apaixonado um olhar que fez estremecer o marido de colera e ciume, tirou-se do baile com o ar insolente de quem obedece, mau grado seu.

—Quem é aquelle peralvilho com quem conversavas? — perguntou Roberto.

—Ignoro o seu nome—volveu Amelia dando-se o ar de mentir.

—Mas ainda ha dois dias te vi falar com elle em casa do Pereira da Cunha.

—Isso que prova? Conheço-o ha mais d'um anno, apresentou-m'o o tio Leonardo; mas, como é vulgar, escapou-me o appellido na apresentação. Os rapazes da sua intimidade e o teu tio chamam-lhe Ernesto. Bem vês que, se te respondesse que era o Ernesto, não ficavas mais adeantado do que com a resposta que te dei.

—Com que azedume isso é dito!

—Se te parece que devo estar muito contente!... Fazer-me sahir do baile justamente no momento em que elle augmentava de animação!

—Antigamente eras indifferente a bailes e a festas—commentou Roberto em tom de censura.

—E' natural. Tinha outros interesses. Desejava agradar-te, amar-te...

—E hoje?—perguntou elle sobresaltado.

—Hoje, essa pergunta vem fóra de tempo.

—Porquê?

—Porque «amas-me? não me amas?» etc. são perguntas loucas que se fazem n'uns periodos bem compridos de doença sentimental: quando o amor nasce ou quando agonisa. Ora o nosso amor...

—Está morto?

—Ha muito tempo. E não fui eu que lhe dei o golpe de misericordia.

—Estás a brincar. E' impossivel que fales a serio.

—Acredita o que quizeres.

E encolheu os hombros com indifferença.

Roberto estava attonito. Soffria, tinha vontade de estreitar nos braços aquella creatura branca e loira, que elle sentia bem sua e via agora prestes a consideral-o um estranho. Passaram dias e Roberto modificou-se, tornou-se assiduo, delicado, meigo, adivinhando os desejos e pensamentos da mulher e fazendo-o n'uma anciedade de agradar que se não finge, que nasce espontanea do coração e explende na palavra como no olhar.

Amelia continuou a não perceber até que Roberto, vencido por sua vez pelo soffrimento, se lhe rojou aos pés, confiando-lhe a tortura da sua alma, o seu immenso ciume.

Amelia socegou-o, apiedada d'aquella agonia que ella conhecia por experiencia propria quanto era dolorosa. E beijando-o na testa e anediando-lhe os formosos cabellos castanhos, pensava:

—Agora é que elle me volta! Quando tudo está morto no meu coração, quando eu já sei que no dos homens não existe senão egoismo e vaidade.

«Ah! elle pode ainda ser feliz porque lhe serei eternamente fiel, mas eu adquiri pelo soffrimento a triste experiencia que nos mostra o nada das paixões.

E fitou no marido um olhar profundamente triste.

Cioso, julgando que ella pensava no outro, Roberto perguntou:

—Em que pensas?

—Em nós.

E era. O elegante que tanto affligira Roberto estava a cem leguas do pensamento d'ella; o que lhe entristecia o olhar era a immensa piedade que ella sentia pelas miserias do coração humano e pelas suas illusões tão queridas para sempre desfeitas.

Maria O'Neill.

Uma nova republica: "Nordportugal,,

Com que verdade se está escrevendo na imprensa allemã...

Os jornaes allemães, que não cessam de noticiar victorias sobre victorias ganhas pelas armas teutonicas, accusam systematicamente a imprensa dos alliados, em especial a imprensa ingleza, de espalhar mentiras atravez do mundo. Pelo pouco que de quando em quando se escreve a nosso respeito nos jornaes de álem-Rheno, podemos comtudo avaliar da probidade como são feitos esses jornaes.

No principio do corrente mez, uma folha de Berlim noticiava que a situação em Portugal era seriissima, e que grande quantidade de pessoas fugiam para Hespanha, n'um exodo constante, por temerem os horrores da guerra civil. Além d'isso reproduzia-se, com o titulo de *Republik Nordportugal*, o seguinte telegramma de Hespanha:

Dizem de Badajoz que os democraticos portuguezes se reuniram em Lamego e proclamaram o general Correia Barreto presidente da republica «Portugal-Norte».

Até paizes novos inventam, os impagaveis cavalheiros!

D. Manuel ou D. Miguel?

A imprensa monarchica volta a occupar-se com grande vivacidade da questão dynastica. Miguelistas e manuelistas, que após o denominado pacto de Dover pareciam ter cahido nos braços uns dos outros, andam de novo ás bulhas, por causa da questão de se saber quem é que deve sentar-se no throno de Portugal, desde que se faça a restauração da monarchia. Como os miguelistas recentemente insistissem em proclamar a legitimidade de D. Miguel, os manuelistas trataram de encetar uma propaganda em sentido contrario, tomando o sr. Eduardo Burnay o encargo de elaborar um estudo demonstrativo de que o throno portuguez, se fôr possivel escoral-o de novo, é pertença do sr. D. Manuel de Bragança e de mais ninguem.

Os manuelistas, ao que ouvimos a pessoa muito bem informada, estão hoje convencidos de que os miguelistas não foram sinceros quando prometteram reconhecer a realeza de D. Manuel para que o governo consentisse em que D. Miguel e os seus se instalassem no paiz como membros da familia real, embora sem lista civil. Dizem os manuelistas que D. Miguel só pensava em succeder a D. Manuel, ou dar-lhe por successor um dos seus filhos, o pequeno infante D. Duarte, lembrando-se de que o principe herdeiro era o infante D. Affonso, celibatario, e de que o rei, ainda solteiro, podia não chegar a casar...

Os laços de amisade entre as familias de D. Manuel e D. Miguel haviam-se estreitado a ponto do segundo convidar o primeiro para padrinho da ultima das suas filhas, que teve como madrinha a sr.ª D. Amelia de Orleans. Hoje, porém, essas relações quasi não existem, tendo-se regressado á situação anterior ao regicidio. Quando D. Manuel casou com sua prima Augusta Victoria de Hohenzollern, D. Miguel nem sequer se fez representar n'esse acto.

Cooperando nos trabalhos conspiratorios e nas incursões, os miguelistas tiveram sempre em mira reconquistar o throno para D. Miguel. Actualmente, a sua separação dos manuelistas, a despeito da cortezia que se dispensam uns aos outros, é profunda e as esperanças de que o throno ha de pertencer ao exilado de Seebenstein robusteceram-se com o facto da esterilidade da princeza de Hohenzollern. Dizem elles:

—O sr. D. Manuel não tem filhos e provavelmente não os terá! O sr. infante D. Affonso está velho, não se casa e, ainda que se casasse, não se podia contar com a sua mais do que problematica descendencia. Em semelhantes circumstancias, o sr. D. Miguel não se póde desinteressar dos seus direitos, que cumpre fazer valer...

A divisão entre monarchicos por virtude da pessoa do rei é, pois, um facto que não offerece duvidas, embora o paiz nutra por semelhante questiuncula a mais absoluta indifferença.

ULTIMA HORA

Um zeppelin sobre Paris

São arrojadas numerosas bombas —Estragos materiaes importantes—Varias pessoas feridas

PARIS, 20.—Por volta da 1 e 20 da madrugada, sob a ameaça de um zeppelin, foram executadas as medidas prescriptas pelas auctoridades militares.

As cornetas das tropas e os bombeiros avisaram a população. Quasi immediatamente em toda a região parisiense reinou a escuridão.—(*Havas*).

PARIS, 20.—O zeppelin lançou sobre Paris duas bombas que não produziram estragos.

Uma terceira bomba provocou um incendio em Neuilly-sur-Seine, na *banlieue* de Paris.—(*Havas*).

PARIS, 21. — Os estilhaços dos projecteis apanhados parecem provir de bombas lançadas pelos dirigiveis, as quaes na rua da Damas provocaram um incendio insignificante e avariaram o tecto de uma casa; na gare de oeste manifestou-se tambem incendio que foi rapidamente extincto.

Em Souen incendiou-se um monte de palha.

Sete bombas lançadas em Asnières causaram estragos materiaes bastante importantes, ficando ligeiramente feridas trez pessoas.

Em Courbewie ficaram levemente feridos trez operarios. Em Levallois-Perret abateu parte de um edificio soterrando duas pessoas que foram retiradas contusas ás 4 horas e meia.

Os bombeiros annunciaram á população que o perigo está conjurado.—(*Havas*).

A Servia e a Santa Sé

ROMA, 20.—Foi ratificada a concordata entre a Servia e a Santa Sé.—(*Havas*).

O açambarcamento de cereaes

Como se confirma o que nós dissémos algumas vezes

Quando se gritava que não havia no paiz trigo e que o milho tambem faltava para as necessidades do consumo, nós dissemos muitas vezes que era preciso castigar os manejos criminosos dos açambarcadores que não hesitavam especular com a miseria publica. Havia ainda uma quantidade relativamente grande de cereaes, que só não appareciam no mercado porque os agricultores e commerciantes estavam á espera que a importação se fizesse para venderem o trigo por um preço superior ao da tabella official e para provocarem a alta no preço do milho. Agora, os factos todos os dias confirmam a razão das nossas palavras. Por esse paiz fóra estão a effectuar-se consideraveis apprehensões de farinhas sonegadas, subindo já a importancia das multas a bastantes contos. No emtanto, não faltou quem protestasse contra a obrigatoriedade do manifesto e da entrega de cereaes, com multas pesadas para os transgressores, quando essas providencias foram tomadas pelos governos Bernardino Machado e Azevedo Coutinho. Clamava-se pela importação immediata, esquecendo então os defensores dos interesses da agricultura nacional que a unica base d'essa importação só podia ser tomada no conhecimento exacto da quantidade de cereaes existente no paiz.

E a exploração politica sobre o caso continua á redea solta...

Regulamentação de horas de trabalho

Fixem-se as horas de abertura e encerramento dos estabelecimentos

A reunião, hoje realisada na Associação dos Caixeiros, na rua Garrett, esteve numerosamente concorrida, tendo presidido o sr. Nogueira Lopes.

O primeiro orador a usar da palavra é o sr. Rodrigues do Amaral, que expõe os trabalhos effectuados para se conseguir a regulamentação e que diz que é preciso que no regulamento elaborado pela camara municipal se fixem as horas de abertura e encerramento, idéa que parece não agradar aos membros da commissão regulamentadora. Se necessario fôr, far-se-ha um comicio para pedir o que apenas é de justiça.

Falaram tambem os srs. Costa Ribeiro, delegado da Associação dos empregados menores do commercio e industria, Rodrigues de Carvalho, que exalça a acção que o cofre de resistencia póde e deve exercer, e Alfredo de Moura, que entende ser um sophisma o que se pretende fazer de regulamentar o descanço por turnos. Não póde, nem deve ser. A lei é muito clara. Abram-se e fechem-se os estabelecimentos a horas determinadas.

Na mesma ordem de idéas fala o sr. Belarmino Soares, que diz que a regulamentação por turnos não será viavel, principalmente para os caixeiros gerentes ou encarregados de casas commerciaes. Por ultimo fazem considerações os srs. Fernando Vidal e Rodrigues do Amaral, apresentando o sr. Rodrigues de Carvalho uma moção, approvada por acclamação, para que se reclame da camara municipal a effectivação dos regulamentos approvados pelo delegado da classe, por serem elles que consubstanciam o cumprimento integral da lei approvada pelo parlamento.

Uma sessão de contradicta

Alguns membros da direcção do Centro Republicano Escolar 27 de Abril foram convidar o sr. dr. Bernardino Machado a tomar parte na sessão de contradicta que se realisa hoje na sede d'aquella aggremiação a proposito da conferencia effectuada em Alcantara por aquelle illustre homem publico.

O sr. dr. Bernardino Machado, alludindo novamente aos motivos que o levam a combater a actual situação, promptificou-se a fazer na séde do referido Centro uma nova conferencia em que repita as affirmações por elle já feitas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia de Seguros Previdencia

Esta Companhia teve de saldo no anno findo a quantia de 16:389$85,9, a que foi dada a seguinte applicação: para dividendo de 25 0/0, 10:000$00; fundo de reserva geral, 2:000$00; contribuições, 2:500$00; complemento de remuneração ao conselho fiscal, 56$00; gratificação aos empregados, 700$00; conta nova, 1.133$75,9.

Soc. Mut União Humanitaria

Em segunda convocação, funccionando com qualquer numero de socios, reune a assembleia geral no dia 27, ás 20 horas, para eleição de cargos vagos e discussão do relatorio de contas do anno findo. O numero de socios existentes em 31 de dezembro era de 300, tendo sido a receita de 1.838$10,5 e a despeza de 1.437$57,3, do que resultou o *deficit* de 99$46,8, coberto pelo supprimento do fundo disponivel. O fundo de reserva para o corrente anno é de 719$89,5 e o fundo disponivel de 504$10,4.

Litographos em Portugal

Para tratar de assumptos importantissimos, realisa-se na quinta-feira, ás 20 e meia horas, na rua dos Poiaes de S. Bento, 70, 1.º, uma reunião para que são convidados todos os litographos, associados e não associados.

EM ALEMQUER

Explosão de dinamite

Telegrammas hoje recebidos em Lisboa dizem ter-se dado em Alemquer uma explosão de dinamite no estabelecimento do sr. Ivo Batoreo, por cima do qual fica a residencia do sr. Antonio de Barros Coelho Campos, escrivão de direito d'aquella comarca.

Os prejuizos são grandes, tendo ficado feridas muitas pessoas, felizmente sem gravidade.

Os novos bispos

PORTO, 21.—O sr. D. Antonio Barroso, bispo do Porto, tendo como assistentes os bispos de Portalegre e de Angola, sagrou hoje os novos bispos de Coimbra e da Guarda, os srs. D. Manuel Luiz Coelho da Silva e D. José Alves Mattoso.

Os novos prelados receberam valiosas prendas. Para a cerimonia, que decorreu sem incidente, não se fizeram convites particulares.

NA AMADORA

O concurso de ovinos

Apezar do mau tempo, o concurso de ovinos que hoje se realisou na Amadora, organisado pela Associação Central de Agricultura, foi concorrido, tendo-se apresentado cerca de 200 cabeças, entre as quaes se viam exemplares soberbos.

O juri, que reuniu nos Recreios Desportivos, amavelmente postos á sua disposição para tal fim, procedeu á classificação, conferindo os seguintes premios:

Primeira secção—1.os premios: 1.ª classe, 15$00, 1 carneiro, de Carlos Appleton; 2.ª classe, 10$00, 1 ovelha, de Manuel Ventura Victorino; 3.ª classe, 10$00, 20 ovelhas, de José Maria Missa; 4.ª classe, 10$00, 10 ovelhas, de José Antonio da Purificação Machado; 5.ª classe, 10$00, 10 ovelhas e 2 carneiros, de Purificação Machado.

2.os premios: 1.ª classe, 7$50, 1 carneiro, de Marcellino Thomaz da Costa; 2.ª classe, 12$00, 4 carneiros, de Carlos Appleton; 3.ª classe, 10$00, 20 ovelhas, de Carlos Appleton; 4.ª classe, menção honrosa, 4 carneiros e 6 ovelhas, de Purificação Machado.

Segunda secção—1.os premios: 1.ª classe, 15$00, 1 carneiro, de Julio Henriques; 2.ª classe, 10$00, 1 ovelha, de Ventura Victorino; 3.ª classe, 15$00, 16 ovelhas, de Frederico Franco Cannas; 4.ª classe, 10$00; 10 ovelhas, de Purificação Machado.

2.os premios: 2.ª classe, 5$00, 1 ovelha, de Alexandre dos Santos; 3.ª classe, 7$50, 10 ovelhas, de José dos Santos.

A affluencia do publico foi grande, tendo o desfile do gado causado magnifica impressão.

A EGREJA HESPANHOLA

No Centro Democratico de Campo de Ourique

Ha na parochia de Santa Isabel duas escolas religiosas

Sob a presidencia do sr. Sousa Motta thesoureiro da junta de parochia de Santa Isabel, realisou-se hoje uma reunião de habitantes d'aquella parochia para resolverem a fórma de impedir que se leve a effeito a creação de uma egreja hespanhola em Lisboa.

Tinham sido convidados os srs. Magalhães Lima, Leotte do Rego e Arthur Leitão que por motivos justificados não puderam comparecer.

Usaram da palavra varios oradores protestando contra a ideia da egreja, ideia que não partiu da colonia hespanhola, mas do jesuitismo que pretende por essa fórma introduzir-se novamente em Portugal, onde a lei da separação lhe embargou a continuação da sua acção nefasta. Levantar uma nova egreja em Lisboa onde há já tantas e conceder-lhe ainda por cima regalias especiaes é ir contra a lei basica da Republica portugueza que é a lei da separação.

Na concessão para a egreja hespanhola vê o povo portuguez um laço armado, não pelo povo visinho, mas por elementos que, expulsos de Portugal, aqui procuram voltar sob a protecção dos governos hespanhoes.

Por fim, o presidente, fundamentando uma moção que depois apresentou, affirmou existirem já n'aquella parochia duas escolas religiosas, uma dos padres do Espirito Santo, na rua de Santo Amaro, regida pelo padre Antunes, e outra na egreja das Dôres, rua do Patrocinio. Falando ácerca do regresso dos jesuitas, disse que ainda hontem, pouco depois do meio dia, um jesuita envergando o seu traje caracteristico subia tranquillamente a calçada da Estrella.

Apresentou a seguinte moção que depois de lida foi enthusiasticamente approvada:

«Que o povo liberal de Campo de Ourique lavre o seu protesto e o faça chegar ás mãos do chefe do Estado; que se empreguem os meios legaes para impedir que se leve a effeito a construcção da egreja; e, como se diga que o local indicado é na area d'aquella parochia, o que constitue um insulto para os seus parochianos, se resolva não consentir n'esse attentado contra as leis da Republica».

A sessão foi encerrada no meio de calorosos vivas á Patria e á Republica e morras ao jesuitismo e á reacção.

O crime da rua das Salgadeiras

No posto da Mizericordia, para onde fôra conduzida, falleceu Bemvinda de Jesus Ramos, moradora na rua das Salgadeiras, que hoje de madrugada, como os jornaes da manhã largamente noticiaram, foi ferida com um tiro de revolver por Celestino Migueis, o «Ratinho», o qual em seguida se suicidou.

Á questão do pão

Os manipuladores reclamam que haja farinha de 2.ª qualidade em abundancia

Sob a presidencia do sr. João Alves Ribeiro, secretariado pelos srs. Joaquim Rodrigues Neves e Manuel Fernandes, reuniu hoje em sessão magna, na sala da Cooperativa de Panificação Probidade, da rua de S. Bernardo, á Estrella, a classe dos operarios manipuladores de pão.

Tratava-se de apreciar a situação da classe em face da nova lei que regula o fabrico e venda do pão, usando da palavra os srs. Manuel Nunes de Trindade, Antonio H. da Silva, João Maria Major, Sousa Neves, Manuel Dias Quaresma, Salvador Pedro Gonçalves, Manuel Fernandes e outros, sendo approvada uma moção, apresentada pela meza, com as seguintes conclusões:

1.º—Que se reclame do governo a modificação do diagramma da farinha, de modo a habilitar as fabricas a fornecer a farinha de 2.ª em quantidade sufficiente para o fabrico de pão de familia, o que é mais procurado pelos consumidores.

2.º—Que seja modificado o preço das farinhas, de modo que desappareça a disparidade de 6 centavos entre o custo da farinha de 2.ª e a de 1.ª qualidade.

Por parte da commissão eleita pela classe para tratar d'esta questão foi tambem apresentada uma moção em que se apontam os perigos resultantes para a classe do encerramento de muitas padarias, algumas das quaes fecharam já, e se propunha chamar para a catastrophe que ameaça a classe a attenção do governo.

Outras moções foram approvadas, attinentes a melhorar a situação da classe, estando a assembleia largamente concorrida.

A provincia n'A CAPITAL

CASCAES, 21.—Para apreciar e resolver sobre a actual situação politica, reunem na quarta feira, no Centro Democratico, as commissões municipal e parochiaes do Partido Republicano Portuguez, juntamente com os corpos gerentes do Centro, procuradores á junta geral do districto, vereadores e vogaes das juntas de parochia filiados no mesmo partido.

MAÇÃO, 19—Decorreu no meio de maior animação o jantar de despedida offerecido por um grupo de amigos ao exjuiz d'esta comarca sr. dr. Augusto de Mesquita e que se realisou na sala das sessões da camara d'este concelho, como *A Capital* havia noticiado. Pelas 20 horas, quando já se encontravam na sala muitos dos convivas, chegou o sr. dr. Mesquita, que foi recebido com uma vibrante salva de palmas, começando pouco depois a sympathica festa, que se prolongou até perto das 4 horas, assistindo todos os inscriptos, em numero de 26, pertencentes ás differentes facções politicas d'este concelho. Muitas senhoras abrilhantaram a festa com a sua presença.

A vasta sala achava-se vistosamente ornamentada com verdura, flôres e colgaduras e a mesa ricamente adornada e bem disposta, predominando as pratas e os cristaes, em surprehendente conjuncto. Sobre ella viam-se artisticos chromos com variados desenhos a côres, expressamente preparados pelos srs. drs. Callado Rodrigues e Mathias Fernandes. O logar da presidencia foi occupado pelo presidente da camara, sr. José Adriano Bello Pereira, que primeiro usou da palavra para dizer o motivo que ali os juntou em fraternal convivio e cumprimentar o magistrado exemplar, a todos os respeitos digno da maior estima e veneração.

Visivelmente commovido, respondeu o sr. Augusto de Mesquita e as suas palavras foram tão impressionantes que, a breve trecho, já a sua commoção se confundia com a de quasi todos que o acompanhavam.

Levantaram-se depois muitos e enthusiasticos brindes e pronunciaram-se vibrantes e patrioticos discursos, falando por vezes os srs. drs. Mesquita, Callado Rodrigues, Mathias Fernandes, engenheiro-agronomo Nobre da Veiga, medico Fernando Rodrigues e o presidente, sr. Bello Pereira.

Na segunda feira retirou o digno magistrado para a sua casa em Aviz.

Antonio Amaro Conde FALLECEU

Mabel Mary Ellerton Conde, sua filha, mãe, irmã e cunhados, Maria José Veiga Conde Castello Branco e seu marido, Maria Joanna da Veiga Conde Ribeiro e seu marido e filhos, Vicente Hermenegildo Barreira e seus filhos, Gertrudes Escolastica Conde, May Ellerton Bison e seu marido participam o fallecimento de seu querido marido, pae, filho, genro, sogro e cunhado, devendo o prestito funebre sahir da estação do Caes do Sodré, pelas 3 e meia horas da tarde, de 22 do corrente, para o cemiterio occidental.

SPORT

O anniversario do Gimnasio Club

Os gimnastas de ha quarenta annos, aquelles que fundaram o benemerito Gimnasio Club, tiveram hontem a consagração do seu trabalho de apostolado de educação phisica, com uma festa brilhante, de sarau seguido de baile, em sua homenagem. E a festa documentou que hoje, como então, ha enthusiasmo pela gimnastica artistica; que ha, como havia, bons acrobatas e maravilhosos athletas e que se mantem aquelle fanatismo de fazer do club a colectividade de valia primacial no sport *portuguez.*

O sarau teve a honral-o a presença d'alguns d'esses gimnastas da velha guarda, *chamados ali a convite da actual e prestimosa direcção, entre elles Duarte Holbeche, coronel Avelar Telles, Carlos Mahony, Antonio Martins, Rego Freitas, Francisco Xafredo, Augusto Seixas, Carlos Fernandes, Carlos Xafredo, João de Brito, Eugenio Pires, Albert Macieira. Antes da festa, houve uma pequena sessão solemne, a que presidiu o sr. Duarte Holbeche, que lembrou os primitivos tempos do club e as suas glorias de sempre. O sr. Albert Macieira leu uma representação, coberta de muitas assignaturas, na qual os socios mais prestimosos de club pedem á Camara que dê a uma rua de Lisboa o nome de Luiz Monteiro, que foi o patriarcha da gimnastica em Portugal. Depois, o nosso collega dr. José Pontes fez um discurso enaltecendo o Gimnasio Club e demonstrando o seu valiosissimo papel dentro da sociedade portugueza. Começou a seguir o sarau, com trabalhos de gimnastica infantil por 46 meninos e meninas, assalto de espada, pesos, forças combinadas, triplo trapezio, vôos á Leotard e dança.*

Alguns d'esses trabalhos, como os de gimnastica e de vôos, merecem-nos especiaes referencias, que lhe iremos fazer, porque representaram uma agradabilissima surpreza para todos e porque, na verdade, nunca se viu egual nem superior. O baile durou até ás seis da manhã.

Nota do dia

O que elles fizeram!

Hontem, no Gimnasio Club, apresentaram-se quatro hercules que são quatro dos nossos campeões de força. Não fazemos commentarios ao que fizeram porque excederam tudo quanto podiamos prever. Basta citar os seus trabalhos:

Soares d'Almeida: «jonglage» com uma barra de 50 kilos, *arraché* com dois braços com 75 kilos e *jeté* com dois braços com 95 kilos!

Henrique Correia: «A la volé» com 60 kilos e *arraché* n'um braço com 70 kilos.

Francisco Padinha: arraché dos dois braços com 100 kilos, *jeté* com dois braços 125 kilos, trez vezes seguidas (*record* de Portugal) e flexão sobre as coxas com 200 kilos sobre o dorso (*record* do mundo).

Manuel da Silveira: duplo «bras tendu» em barra á frente com 42 kilos (*record* de Portugal); «devellopé» com um braço com 51 kilos (*record* do mundo); «bras tendu», com 30 kilos (*record* de Portugal).

Quando acabaram de trabalhar, um dos antigos socios do Club voltou-se para um dos modernos e disse, n'um commentario alegre:

—Estes não necessitam de oleo de figado do bacalhau!

Algumas anecdotas

Laurent lucta á valentona mas não ganha um centavo!...

Laurent le Beaucarois e o seu amigo Aimable de la Calmette, ambos bem conhecidos em Lisboa, mantiveram durante uma dezena de annos uma barraca de lucta que era uma das grandes attracções annuaes da feira de S. Miguel, em Nimes.

Annos mais tarde, outros luctadores, mais novos e menos conhecidos, installaram-se no mesmo logar da sua antiga barraca. Attrahido pela feira, Laurent, n'um domingo—(quando voltava de Liverpool onde vencera o famoso Tom Cannon)—foi parar deante d'um grupo que ouvia o «boniment» que da balaustrada da barraca faziam os seus successores.

Quando o «orádor» terminou o discurso a multidão, Laurent perguntou-lhe:

—O que dão ao vencedor?

—O outro, meio sorridente, meio inquieto, respondeu:

—Uma garrafa de vinho.

—E' pouco.

O director, vendo o interesse que os homens de Nimes estavam ligando ao coloquio, porque todos reconheceram Laurent, arriscou-se e disse:

...e 5 francos:

—E' ainda muito pouco, respondeu o Beaucairois.

—Então o que quer?

—Tudo quanto está n'essa bolsa além suspensa, voltou o celebre luctador.

A proposta era séria. O director, que conhecia o valor de Laurent, hesitou, mas ferido no seu amor proprio e na perspectiva d'uma boa receita exclamou:

—Está dito. Se me vencer, tem direito a quanto está na bolsa.

—Mostre primeiro o que ella tem, porque estou convencido de que não ha por lá bilhetes de banco.

Era a receita do dia, talvez uns 15 ou 20 francos. Então Laurent lembrou-se dos seus principios e calculou quanto trabalho teria custado aos pobres hercules feirantes o conseguirem aquella modesta receita.

—Oh! pobres camaradas, não me conheceis julgando-me capaz de tocar n'esses magros vintens, ganhos tão difficilmente. Não quero recompensa. Luctarei e sem dinheiro. Serve-me de treino para as minhas grandes luctas e não vos succederá mal.

Póde calcular-se a estupefacção e a alegria dos luctadores da barraca. Laurent «concedeu-lhes» trez sessões, cada uma casa cheia, luctando admiravelmente, «à la bourre», isto é, sem combinações.

—Sim. Lá vencer-me é que não. Cada qual tem o seu amor proprio. E a mim, n'esta barraca, ninguem me vence. Aqui sou o Laurent le Beaucairois.

E os adversarios foram todos brilhantemente tombados.

Noticias

Entre nós

Transferencias de festas

O mau tempo, com as suas chuvadas fortissimas, obrigou os organisadores das festas do Velodromo do Stadium e do parque de Palhavã a transferil-as. A de Palhavã fica marcada para o proximo dia 28.

No boudoir

A minha apresentação

Eu não sei, senhoras, se levaes a vossa bondade a ponto de me lerdes...

Se o fazeis é que, na realidade, o vosso coração, o vosso espirito não estão em contradição com a meiguice e bondade que os vossos olhos aveludados exprimem.

E' que sois bôas. E' que são indulgentes.

Se o não fosseis não perdoarieis a uma extrangeira, a uma desconhecida, o não ter tido para a vossa terra e para vós senão palavras acres...

Mas, na verdade, as vossas justas recriminações serão ainda mais justas se visarem quasi unicamente a vossa compatriota M. Amelia Caldas Xavier. A culpa, a grande culpa pertence-lhe quasi exclusivamente. Maria Amelia, que tem paginas de prosa muito interessante, não sabe fazer uma *interview*.

Não sabe escolher o *momento proprio*. Se o soubesse não teria escolhido aquelle dia para me entrevistar.

Explico: a minha amiga veiu á minha *picola* casa n'um dos meus dias cinzentos. Oh! cinzentos, plumbeos como uma manhã de Londres e torvos como a consciencia... d'um juiz

Vós sabeis decerto—por have-lo sentido algumas vezes—o que são para nós esses dias d'angustia inexplicavel, essas horas estranhas em que ninguem nos comprehende porque não conseguimos comprehender-nos a nós proprias.

M. Amelia *entrevistando-me*, pois, n'esse dia e pondo assim seccamente, em lettra redonda, para o publico, o *pouquissimo* que eu lhe disse (foi ella quem mais falou, não o notasteis?) commetteu uma falta imperdoavel, uma dupla falta: peccou como amiga e como jornalista...

Não sei se vós lhe perdoaes... Por mim custa-me a fazê-lo, sinto uns grandes desejos de me vingar, de tirar uma terrivel *vendetta*.

E' que sou italiana; é que sou descendente d'aquelles que, no tempo misterioso dos Dez, iam de rosto livido e olhar simultaneamente audaz e receoso, aproveitando as trevas da noite, lançar nas fauces hiantes do *Leão de pedra* do palacio dos Doges a fatidica denuncia anonima que levaria no dia seguinte o inimigo temido ou invejado aos poderosos carceres: os *Pozzos*.

E agora, senhoras, que sabeis a razão da minha *acidez* d'aquelle dia (uma razão toda fundada em causas pathologicas) virei dizer-vos em *dolce conversazione* alguma coisa do que tenho visto, ouvido e aprendido nas minhas longas peregrinações de creatura sem lar, fustigada de ha muito pela dôr; mas não vencida, mas não de quebradas e depauperadas energias.

Higiene da Belleza

Pululam por todas as grandes cidades os Institutos ou Academias de Belleza. Surgem como que por encanto, não se sabe d'onde creaturas que se dizem higienistas de Belleza. E na verdade estes Institutos deveriam chamar-se *Academias de maquillage*, pois que o que mais ali se cultiva é a sciencia da falsa Belleza; da Belleza para ser vista á luz da ribalta ou na sombra misteriosa dos «boudoirs» e das alcovas.

Mas não é isto o que nós devemos querer para nós e para os nossos filhos. O que devemos é exigir que essas academias hajam por fim dar á mulher a verdadeira belleza, a belleza natural e sã, as fórmas perfeitas, arredondadas, se bem que esbeltas, da Venus de Medicis e da Venus Triumphante. E' necessario que n'esses Institutos incutam em nós a justa apreciação da vida normal e nos ensinem e dêem o meio de conservarmos o elemento primordial da belleza: a saude perfeita, a saude da alma e do corpo...

Iole Salviati

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—Não ha espectaculo

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.

EDEN THEATRO—A's 21—Opera: Boheme

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Recita da moda—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA—**Gimnasio**—Recita do actor Telmo Larcher—*5028 Lx.—Casa com escriptos.*

QUARTA FEIRA—**Avenida**—Recita do actor Nascimento Fernandes—Reprise do *A. B. C.*

SEXTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo*.

—**Gimnasio**—Recita da actriz Elvira Bastos—*O deputado independente*—*O minuete.*

SABBADO—**Gimnasio**—Recita do actor Mario Duarte—*A bella madame Vargas*—*A onda.*

Ao correr da penna

No seu livro Auteurs, acteurs et spectateurs, *Tristan Bernard tem um capitulo dedicado á explicação das receitas. Se uma peça tem casas cheias, explica-se o caso de varias fórmas. O auctor attribue o caso ao seu talento, os actores ao seu bom desempenho, o emprezario ao seu bom olho para escolher peça, o camaroteiro á sua pratica de vender bilhetes a mulher do toilette das senhoras á gentileza com que arrecada os abafos e serve copos de agua e antes pelo contrario.*

Se a peça tem casas fracas ha tambem trinta e duas rasões para o caso. A primeira é evidentemente que o publico não vae lá. Poder-se-hiam os interessados dispensar de procurar as trinta e umas restantes; mas o auctor attribue o caso ao mau desempenho, os actores a que o auctor é um burro e o emprezario, que não ha de confessar que andou mal pondo em scena uma peça má, tem para explicar o fracasso varios pretextos. Se chove é o mau tempo que paga as favas, se faz bom tempo é porque o publico tendo passado o dia fóra não lhe apetece ir fechar-se n'um theatro; se é segunda feira é porque é um dia morto; se é sexta é porque esperam o sabbado para se deitar tarde, etc., etc. juntem a isto as funcções da moda nos outros theatros os beneficios de artistas em voga, o fim do mez, a guerra, os animatographos, a dictadura a formiga branca, o Senhor dos Passos, a falta de reclame, a demora dos cartazes illustrados e mais outras vinte explicações e aqui teem claramente explicado porque a menina era muda.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Não se realisou hontem por falta de numero, a assembleia geral da Associação dos Auctores. Segundo os annucios de convocação a segunda reunião funccionando com qualquer numero, realisar-se-ha no proximo sabbado na séde social, rua D. Pedro V, 109, 2.º pelas 21 horas.

● No Gimnasio estreiam-se esta semana tres peças em um acto: *Casa com escriptos*, para a festa de Telmo; *O minueto*, para festa de Elvira Bastos; *A onda* para festa de Mario Duarte. Estas duas ultimas são em verso.

● André Brun fará representar esta epocha uma peça intitulada *O primo Isidoro* cujos principaes papeis serão confiados a Maria Mattos e Silvestre Alegrim.

● Brevemente estreia-se no *Fado e Maxixe* uma cégada politica.

● O sr. Inchausti, tenor da companhia que se encontra actualmente no Eden, escreve-nos dizendo que, se não cantou a *Boheme* na noite de 20, foi porque á ultima hora a empresa d'aquelle theatro não cumpriu as condições estipuladas.

No estrangeiro

A Comedia Franceza vae fazer uma *reprise* sensacional com a *Androuaca.*

● Novelli deve crear brevemente uma peça de Travers.

● Max Dearly abandonou a direcção do *Musichall* de Londres.

Circos & Music-halls

Trabalhos de acrobatismo equestre

No dia 29 despedem-se de Lisboa os acrobatas equestres Frediani que teem trabalhado no Coliseu. Alguns dos seus exercicios merecem uma nota especial de destaque porque são trabalhos que só elles executam em todo o mundo, ainda que existam maravilhosos cavalleiros australianos, mexicanos, argentinos e cossacos e ainda que se mantenham, com fama mundial, as familias dos Pissiati, Christi, Lecusson, Minigios, etc. E' que os Frediani apresentam dois «exercicios-records» que são excellentes o da «columna a 3 n'um cavallo a galope», o «salto mortal vindo o volante do tapete para a cabeça do base que segue em cima d'um cavallo». Agora os Frediani, gratos ao acolhimento que, lhes fez o publico lisboeta, vão tentar em Lisboa, talvez ámanhã, dois novos exercicios, que são o «duplo mortal» para os hombros do base e a «cruz de 4 n'um cavallo a galope»! Conseguirão?

Noticias

Entre nós

E' ámanhã que se estreiam no Salão Foz os duetistas «Beriguardis».

—Para ámanhã, recita da moda, não ha camarotes de 1.ª ordem e fauteuils no Coliseu dos Recreios! Existem apenas alguns camarotes de 2.ª e cadeiras! Esta affluencia de espectadores explica-se pela belleza do programma, que tem o attractivo de estreias e ainda o trabalho dos 25 Persas.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21—Piadas e beliscões.

Movimento maritimo

Brazil, R. Prata, «Foisia» (Amsterd.)	22
Bordeus, «Divona» (Brazil)	23
L. Marques, «Durban Castle» (Lond.)	23

A iniciativa do Papa

A troca de prisioneiros e internados

Roma, 16 de março

O *Osservatore Romano* publica o seguinte:

«O Papa propõe-se a obter egual concessão a favor dos detidos civis, logo que consiga da magnanimidade dos soberanos e chefes de Estado um acolhimento unanimemente favoravel á proposta da libertação dos prisioneiros militares incapacitados do serviço militar, libertação que felizmente começou já a effectuar-se com grande satisfação d'aquelles desgraçados e das suas familias.

Para este effeito pediu Benedicto XV confidencialmente a cada uma das potencias belligerantes que auctorisassem a repatriação de varias cathegorias d'aquelles individuos. Depressa a Santa Sé recebeu algumas respostas—e ainda espera outras—favoraveis á nova proposta inspirada na humanidade.

Entretanto uma seria difficuldade surgiu a este proposito entre a Inglaterra e a Allemanha, porque ao passo que a primeira consentia na libertação dos civis que tivessem ultrapassado os 55 annos de edade, a segunda pedia que essa medida fosse extensiva a todos que tivessem mais de 45; e como esta divergencia de vistas se prolongasse, a Allemanha declarou que só consentiria na troca de prisioneiros militares incapacitados para o serviço se a Inglaterra estivesse de accordo em dar a liberdade aos civis que tivessem mais de 45 annos.

O governo britannico pediu então ao Papa para intervir junto da Allemanha, e com effeito Benedicto XV informou o governo allemão por intermedio do ministro da Prussia acreditado no Vaticano de que veria com prazer que a Allemanha consentisse na troca dos prisioneiros tornados incapazes para o serviço militar sem insistir sobre a condição do limite de edade.

A Allemanha deu por fim o seu consentimento, e a Inglaterra tambem».

Os morteiros de 42

Londres, 17 de março

Um prisioneiro de regresso da Allemanha forneceu as seguintes informações ácerca do emprego do famoso morteiro de 42 centimetros:

«No começo da actual campanha, na manhã de 13 de agosto, dois d'estes morteiros foram postos em posição em frente dos dois fortes do P..., proximo de Liége, mas não chegaram a fazer fogo porque os fortes renderam-se. Os dois morteiros foram desmontados e transportados para Liége, onde os collocaram no parque, em pleno centro da cidade. Na segunda feira, 15 de agosto, foi o seu fogo dirigido contra dois fortes situados a 13 kilometros de distancia, dos quaes um era o forte Loncin onde o general Léman resistia corajosamente.

O primeiro tiro foi disparado ás 7 horas da manhã com desastrosos resultados para as edificações proximas; o segundo morteiro foi posto em acção ás 2 horas da tarde do mesmo dia; 2 horas depois o forte Loncin estava completamente arrasado. O ultimo obuz, o unico que attingiu o forte, ás 4 horas e meia atravessou o revestimento em beton do paiol; o forte ficou completamente demolido, sepultando, sob as suas ruinas centenas de soldados belgas.

A 23 de agosto estavam os morteiros allemães assestados em frente de Namur onde, de concerto com os morteiros austriacos, demoliram successivamente as nove fortificações situadas ao sul.

Depois da capitulação, os morteiros austriacos foram mandados para o sul, onde os empregaram contra os fortes de Givet, emquanto os monstros allemães eram enviados para Antuerpia onde, uns apoz outros, reduziram todos os fortes ao silencio.

Embora o contacto electrico por meio do qual se dispara o morteiro de 42 seja produzido a 400 metros da bocca de fogo, todos os serventes são atirados ao chão quando o tiro parte.

terna as suas preferencias e as suas severidades para deixar aos que lhe sobreviverem a fortuna salva e o lar intacto.

Para fazer comprehender estas necessidades a que o monarha tem de se sujeitar, nada melhor que a attitude de Francisco José para com os «allemães» do imperio. Ha quarenta annos, a politica imperial externa tem sido exclusivamente allemã; ora, internamente, os allemães da Austria teem estado em desfavor constante e não teem, por assim dizer, podido approximar-se do monarcha.

Receiava elle que, animados pela alliança, elles se tornassem preponderantes de mais, ou a necessidade de tratar com attenções a Hungria impunha-lhe as apparencias d'um rancor tanto mais prolongado quanto era mais premeditado e mais politico? De facto, o imperador tem o dever de fazer sempre frente ao peor mal, e d'ahi a sua volubilidade, simultaneamente reflectida e inquieta, que só o fez ceder perante a rebellião e a revolução.

N'uma personalidade tão intimamente adaptada a este papel como o é a do actual imperador, Francisco José, ha sessenta e cinco annos, é por assim dizer impossivel distinguir o homem do monarcha. Esse ancião tragico, elevado ao throno em plena revolução, que soffreu as tormentas de 1849, de 1859 e de 1866, que viu desapparecer, em volta de si, todos os seus, que ficou de pé, enygmatico e frio, e que, depois de ter assegurado aos seus povos os beneficios d'uma paz de quarenta e seis annos, fez, ao terminar da vida, um gesto que tudo compromette, esse velho é um homem eminente ou apenas um homem superior, ou não é mais que uma mediocridade tenaz, entregue ao capricho dos acontecimentos e das camarilhas?

Não se sabe.

Grande caçador, tendo habitos regulares, um tanto ou quanto maniaco, concentrado n'uma estreita intimidade que o separou da imperatriz Isabel, passa por bom homem e por bondoso, mas no limite em que estas palavras pódem applicar-se a um monarcha profundamente egoista. Ninguem se atreve a negar-lhe uma qualidade verdadeiramente soberana: o desinteresse.

Encerrando no intimo d'alma uma tradição illustre, parece não ter tido outro pensamento senão o de recuperar os territorios que a sua corôa havia perdido ou o de adquirir novos. Nunca perdoou a Napoleão III a perda de territorios em 1859 e em 1866. Tudo, menos renunciar a uma provincia. Não perdoou a Andrassy, o qual todavia fundára a Triplice Alliança, por não ter annexado a Bosnia e a Herzegovina em 1878; odiou todos os que contrariavam esse proposito; recusava-se a vêr os perigos que d'ahi advinham. Foi por esse lado que o influenciaram os que impelliram a sua enfraquecida velhice para o supremo erro.

O mysterio das suas resoluções ficará encerrado por muito tempo nos archivos austriacos. E talvez até que não tenha revelado os seus pensamentos a ninguem e que não haja um unico documento, porque esse monarcha é silencioso.

Nas feições do velho alquebrado e enrugado, que evoca a morte,—mas para a desencadear sobre o mundo,—quem reconhecerá o mancebo vestido de branco, tez rosada, olhar brilhante, que uma onda de liberalismo levou ao poder em 1848, para sobreviver a todos os seus contemporaneos, depois de os ter abandonado a todos?

Os que teem tentado definir o seu caracter apenas teem encontrado expressões como estas: «prudencia temporisadora, cynismo cheio de bonhomia, plasticidade de espirito, faculdade d'adaptação». E' pouco, se se trata de definir um soberano que sobreviveu a si mesmo para mostrar, na extrema velhice, o assombroso engrandecimento dos seus defeitos até ao ponto de os não poder conter e desencadear a catastrophe.

O imperador, senhor dos territorios que compõem a Austria e a Hungria, nos confins da Europa e da Asia, responsavel pela segurança e

centro da Europa é um facto geographico: nem as regiões, nem os povos desapparecerão jámais. Toda a questão está em se saber se pertence a outras potencias decidir da sorte d'essas regiões ou se as nacionalidades que as habitam decidirão por si mesmas.

Não se póde dizer que haja um povo austro-hungaro; ha povos diversos na Austria-Hungria; o imperador diz «os meus povos». Primeira difficuldade.

Segunda difficuldade: a Austria não é francamente europeia, a sua formação e a sua intelligencia teem já alguma coisa de mais oriental. Quando se vae da Europa para a Asia, os primeiros turbantes apparecem antes de se ter passado a fronteira do imperio, e esse facto é apenas a manifestação pittoresca de um estado de coisas que encerra consequencias politicas e moraes de uma importancia consideravel.

Um austriaco, Ferdinand Kurnberge, escrevia em 1871 a tal respeito: «O que é incomprehensivel para quem não é austriaco é o que n'ella ha de asiatico. A Austria não é, na realidade, inintelligivel: é preciso comprehendel-a como uma especie de Asia. «Europa» e «Asia» são termos muito precisos. Europa significa lei: Asia quer dizer arbitrio. Europa significa respeito dos factos: Asia quer dizer o puro arbitrio. A Europa é o homem feito; a Asia é simultaneamente o velho e a creança.

«O povo austro-hungaro é ao mesmo tempo um velho e uma creança. Amavel, leviano, inconsequente, tem um modo de se approximar, dançando, de todas as coisas que faz pensar n'um baile de creanças rosadas. Mas notem bem que, em toda essa vivacidade sul-allemã e n'essa versatilidade slava, em todo esse turbilhão de pessoas, esse mundo fica asiaticamente duro, inerte, conservador, morto como uma esphinge ou como um espectro, empalhecido, não se tendo movido uma pollegada sequer desde os tempos biblicos».

Este quadro é descripto com tão vivas côres que dispensa qualquer commentario.

Os austro-hungaros não teem ou teem poucas aptidões para a liberdade, que é a virilidade dos povos, precisamente porque o laço forçado

O palacio real de Bruxellas

que os une põe obstaculos á sua independencia. A arte do monarcha é oppôl-os uns aos outros, para dominar uns por meio d'outros: «Divide ut impera».

Não falemos, pois, em povo austro-hungaro. Consideremos as organisações actuaes muito diversas e muito divididas na sua relação com a guerra que teem soffrido e com a paz que decidirá da sua sorte.

A população, em conjuncto, é composta de agricultores e de industriaes. Os agricultores são em maior numero, principalmente na Hungria. Absorvidos pelos trabalhos da terra, curvados sobre o sulco do arado nas immensas planicies onde o homem parece perdido, não teem quasi vida politica commum e não teem quasi outro sentimento, sob esse ponto de vista, a não ser o instincto que n'elles surge e que os lança como contrapezo na balança dos partidos.

O camponez, robusto, soffredor, socegado e meigo, ora ao Deus de seus paes, paga como contribuinte e serve como soldado. Quanto ao resto, cala-se.

Nos ultimos tempos, por intermedio do socialismo, uma certa organisação se deu na população das cidades, no que se chama as classes laboriosas; uma nova atmosphera se creou. O socialismo austriaco, com o seu jornal o «Arbeiter Zeitung», tinha como objectivo exaltar a massa fria do povo, mudar as correntes, elevar-se acima do pantano da vida diaria, romper com a sujeição imposta pela administração e pela policia; se ha no povo certa força de unificação superior ás rivalidades de raças, poderia ahi encontrar-se. Mas a tarefa é superior ás forças d'um unico partido. Não poderia ser abordada, com probabilidades de exito, a não ser que esse partido, como no tempo de José II, se tornasse, por meio do imperador, senhor do Estado e das forças de que elle dispõe.

E' impossivel abstrahir, na divisão de forças que animam a Austria e podem influir no seu futuro, do elemento judaico. Os judeus não são contados á parte na Austria-Hungria e não formam, para falar com propriedade, uma nacionalidade nem uma raça, mas são dois milhões e teem organisação propria, aspirações especiaes; exercem sobre o espirito publico, a imprensa e a administração, consideravel influencia; e, quer pelas paixões que os animam, quer pelas que provocam, podem tornar-se um dia o explosivo determinante n'um imperio onde os póderes de resistencia estão já abalados.

A questão judaica não é unicamente austro-hungara; o seu caracter é ser eminentemente internacional, porque o judeu, que não póde ser assimilado por completo em parte alguma, está em toda a parte em sua casa.

Nascendo no meio do soffrimento, foge d'elle sempre e comtudo não soube, em parte alguma, encontrar o repouso. O judeu é nomada, pertence a uma tribu, agglomera as suas tendas umas contra as outras ás portas das cidades, mas levanta-as ao primeiro signal. A sua religião é um pacto de seguro mutuo com Deus; o seu espirito está sempre no futuro; «especulador», mas de modo algum mistico, é, ao contrario, pratico e amigo da realidade, porque combina sempre a sua propria salvação ou a salvação da sua raça. Para tornar menos pezada a bagagem, creou, instinctivamente, o valor movel ou «mobilisavel» que póde occultar facilmente e levar consigo. Inquieto, nervoso, prende-se pouco e volta, facilmente e por gosto, a ser o nomada primitivo. Por onde passa, agita, excita, anima: mas passa.

Os paizes allemães são, para o judeu vindo de léste, a primeira «étape»; fixar-se-hia ali de boa vontade, assimilar-se-hia com facilidade, mas o elemento germanico, na Austria principalmente, não desce a familiaridades demasiado intimas.

Apesar d'isso, no imperio, os chefes do movimento de idéas são, a maior parte das vezes, judeus. Assim succede na Bohemia, na Hungria e até na Croacia. Simultaneamente benefico e deleterio, liberal e conservador, iniciador e corruptor, o elemento judaico poderá talvez ter um dia sobre os destinos da Austria-Hungria grande influencia, porque

a sua intelligencia, ao mesmo tempo especulativa e pratica, póde elevar-se acima do regionalismo, e o seu natural internacionalismo é capaz de apprehender e de fazer comprehender a populações refractarias a dose de interesse geral que deve fazer alargar a estreiteza de espirito das nacionalidades, no momento em que tendem a organisar-se.

Acima da massa fluctuante do povo laborioso, agricola, industrial, animado nos centros urbanos pelo elemento socialista e pelo excitante judaico, mas contido em respeito pela policia e pela administração, vive uma nobreza que, sem ter conservado a auctoridade feudal, guarda uns certos habitos de estar no seu logar e em sua casa, na côrte e no governo. Faz tambem assim jus ao respeito tradicional que lhe é devido.

Não se imagina a confiança em si, a altivez natural e quasi ingenua, a beatitude d'essa classe, persuadida de que é um elemento de valor.

Alguem disse que a alta sociedade na Austria é uma sociedade de «primos». Isto quer significar que essas familias teem os mesmos interesses, os mesmos privilegios, quasi que os mesmos bens, e que todo o mechanismo do Estado lhes parece destinado unicamente a conservar-lh'os.

A caça e o jogo são as suas principaes occupações. Devemos comtudo distinguir entre os grandes senhores austriacos e os grandes senhores polacos ou da Galicia, porque estes teem um sentimento mais exacto e mais preciso das realidades. Tiveram já um papel notavel nos destinos do imperio; os Goluchowski, os Potocki são nomes illustres, correspondendo a uma concepção especial do papel da aristocracia entre os povos n'essa «fronteira da Europa e da Asia». O imperador Francisco José, appellando ha pouco para a fidelidade da nobreza da Galicia, dizia: «Vejo nas palavras que me foram dirigidas e que são inspiradas por um verdadeiro patriotismo uma nova prova de lealismo para commigo e para com a minha casa (não diz para com o imperio) pelo qual se distinguiu a nobreza do meu reino da Galicia... Representantes da nobreza da Galicia, dignem-se fazer saber em toda a parte que o meu reino da Galicia póde contar com o meu mais vivo interesse n'este periodo de angustias».

O velho imperador proseguia talvez, do fundo da sua velhice acabrunhada, o velho sonho, tantas vezes reprimido, d'uma cooperação mais intima dos elementos slavos para salvação da monarchia.

O imperador na Austria-Hungria tem um caracter tradicional muito differente do do imperador da Allemanha e do dos outros soberanos que usam o mesmo titulo no mundo: é filho dos tempos, herdeiro directo do santo imperio romano; a sua funcção imperial não nasceu no decurso de acontecimentos recentes, por vontade dos homens ou pelas alternativas da historia.

Se ha no mundo um paiz onde o soberano possa dizer: «O Estado sou eu», esse paiz é a Austria-Hungria. Não porque o monarcha seja absoluto, mas porque, sem elle, não haveria Estado: a Austria só por elle existe. Se supprimirem a dynastia, supprimirão o imperio. N'esse sentido, o imperador da Austria é ainda «de direito divino», visto que é predestinado a ser o laço supremo entre todos os povos.

Esse caracter do «imperador» assegura-lhe um papel muito activo na vida politica e esse papel consiste em se salvar a si mesmo constantemente para salvar o imperio. Por isso, o monarcha austro-hungaro póde ser e deve ser constantemente egoista, voluvel e ingrato, porque não deve ligar a sua causa á causa alguma particular; se pertencesse muito tempo a um homem, a um partido ou a uma causa, faltaria ao seu dever.

Steed diz: «A politica dos Habsburgos é um opportunismo exaltado na prosecução d'uma idéa dynastica immutavel». Collocado entre interesses differentes e rivaes que cobiçam a influencia, é como um pae de familia no meio de filhos que disputam entre si a sua auctoridade e o seu coração; não querendo e não podendo sacrificar uns aos outros, al-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1662 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 22 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Tranquillidade

Reina absoluta tranquillidade? Quem o nega? Para reconhecer simptomas de agitação na sociedade portugueza seria necessaria uma dose de phantasia que facilmente seria tomada como attestado de puerilidade do espirito.

A ordem material é absoluta. Nem sequer, no campo da controversia doutrinaria, a situação creada a este paiz pela dictadura vigente é versada com aquella indignação propria de quem vê postergados os principios fundamentaes d'um regimen, as bases essenciaes da democracia moderna.

Monarchias ou Republicas, não ha hoje nenhuma na Europa que dispense o funccionamento do systema parlamentar. A base d'essas instituições é a soberania popular, e a soberania popular só se effectiva pelo regimen representativo.

Esse regimen está de facto abolido em Portugal, sendo a situação tanto mais singular quanto nem sequer clara, francamente, audaciosamente se o quizerem, se procurou justificar esse acto, dando-lhe uma pallida apparencia de razão, já que não era possivel a do direito.

E todavia todos acceitam esta situação. Ninguem contra ella reage. Ninguem lhe imprime o estygma d'uma indignação severa. Ninguem lhe oppõe uma resistencia energica.

A ordem é absoluta. A tranquillidade é completa. Portugal encontra-se no melhor dos mundos possiveis, como diria Pangloss.

Entretanto esta tranquillidade, que nenhuma voz clamorosa quebra, nem nenhum gesto violento perturba, é tão grande, tão grande, que chega a affigurar-se demasiada.

Ha d'estas situações na historia, e é durante ellas que se denota, por vezes, da parte dos que precisamente se vangloriam de ter feito essa tranquillidade, uma inquietação que lhes não é dado reprimir.

Assiste-se então a um espectaculo singular. Dir-se-hia que são esses os unicos que não estão tranquillos. O seu desasocego, a sua perturbação manifestam-se de diversissimas maneiras. E' a necessidade de procurar apoios, applausos, seja como fôr, seja de quem fôr, com a mira de assim apparentar a posse d'uma confiança, d'uma segurança de que elles proprios duvidam. Os partidarios da situação actual revelam frequentemente esse estado de espirito. Não se cançam de clamar que teem consigo todo o paiz, e todavia requerem impacientemente o apoio immediato, rapido, urgente, d'uma classe ou d'um simples punhado de homens.

A que obedece esta intranquillidade dos dirigentes em face da tranquillidade dos dirigidos? O povo tem uma formula precisa de definir este estado de alma. Diz elle: «até os dedos lhes parecem hospedes» e assim caracterisa esta desconfiança morbida que até por vezes perturba intelligencias firmes ou energias comprovadas.

A explicação d'este aspecto da politica é todavia simples. E' que, quando não ha, não póde haver a segurança de que se não vae contra o direito, contra a justiça, contra a verdade, contra a logica, contra a vontade dos povos e a intranquillidade dos principios, não ha força nenhuma no mundo que não tenha a consciencia da sua fraqueza.

NO SUL DE ANGOLA

O desastre de Naulila
As responsabilidades

Illações a tirar d'um novo depoimento publicado hoje n'um jornal monarchico

Quando foram publicadas na imprensa as primeiras cartas de officiaes e soldados com veridicas informações sobre o desastre de Naulila, não faltou ahi quem espalhasse o boato de que as cartas eram «forjadas» nas redacções dos jornaes que lhes davam publicidade. A insinuação appareceu nas columnas do «Primeiro de Janeiro», enviada de Lisboa por qualquer sollicito correspondente politico ou noticioso.

Não ha como o tempo para que justiça se faça a quem a merece. As semanas foram correndo, outras informações chegaram sobre o desastre, e averiguou-se, afinal de contas, que as coisas se passaram em Naulila tal qual o diziam as primeiras cartas recebidas.

Já alludimos hontem a uma especie de libello que um official do exercito, dos que se encontram em Africa, formulou no *Commercio do Porto*. Tudo faltava á columna de que elle fazia parte: munições, viveres, cavallos, espingardas—tudo. Porquê? Porque tudo foi abandonado na precipitação da debandada que se seguiu ao choque com as forças allemãs. E' o mesmo official auctor do libello quem o affirma, dizendo que as nossas tropas foram forçadas «*a uma retirada precipitada, abandonando terrenos, armas, munições, os poucos viveres que tinham e tudo*».

Hoje, n'outro depoimento vindo a lume no diario monarchico *O Nacional*, fazem-se novas revelações sobre os acontecimentos de Africa. D'ellas resulta confirmar-se a necessidade, que já apontámos, d'um rigoroso inquerito para descriminação de responsabilidades. Só depois se poderá saber a quem cabe a principal culpa do lamentavel incidente occorrido em Naulila, mas é preciso, desde já, protestar contra a exploração politica que á sua custa pretendem fazer os inimigos do regimen. Tudo lhes serve para a sua pretendida obra demolidora, até os desastres que ensanguentam as nossas armas. O de Naulila, affirma-se com desplante, deu-se por culpa da Republica! O *Nacional* o diz hoje, sem rebuço, com muito pouca consideração pela intelligencia dos seus leitores. Como se as tropas portuguezas não possuissem, na monarchia como na Republica, as mesmas qualidades! O sr. Alves Roçadas, commandante da expedição, conquistou no tempo da monarchia os mais refulgentes louros da sua espada. A Republica encontrou-o n'essa situação. Conhece, talvez como nenhum outro dos officiaes superiores do nosso exercito, a região do sul de Angola. Foi elle que organisou a columna expedicionaria, dotando-a de todos os elementos que julgou necessarios e uteis. Nem os ministros que geriam no tempo as pastas da guerra e das colonias, tambem militares distinctos, os srs. Pereira d'Eça e Lisboa de Lima, seriam capazes de lhe regatear as suas requisições, nem o sr. Alves Roçadas seria capaz de acceitar o commando da columna, assumindo por esse facto as correspondentes responsabilidades, sem que ella estivesse organisada em condições de satisfazer a missão que ia cumprir.

O governo da Republica fez o seu dever. O sr. Alves Roçadas, certamente, será o primeiro a reconhecel-o, encontrando outras razões para a justificação do desastre, que o depoimento publicado hoje no *Nacional* pretende attribuir a erros de commando e á excessiva confiança depositada no supposto norueguez que conseguiu introduzir-se entre as nossas tropas e que foi escolhido para guia da columna.

Muitas vezes — muitas! — aqui apontámos o perigo da espionagem allemã na provincia de Angola. Melhor do que nós devia conhecel-o o sr. Alves Roçadas, precavendo-se contra possiveis manejos dos subditos do *kaiser*. Mas aquelle official, no momento opportuno, dará conta circumstanciada das causas do desastre soffrido por uma parte das tropas do seu commando. As derrotas não envergonham os exercitos quando se póde dizer, como Francisco I: *Tudo se perdeu, menos a honra*. O mesmo dirá, certamente, o sr. Alves Roçadas, na plena consciencia do dever cumprido, para evitar o que circumstancias fortuitas tornaram inevitavel: a debandada perante um inimigo que o depoimento publicado no *Nacional* affirma que era numericamente inferior ás nossas tropas, o que vem contrariar as informações officiaes conhecidas sobre o assumpto.

O que querem os clericaes

Os clericaes estão contentes. Reconhecem que já alcançaram «um pouco de liberdade» e que podem manifestar publicamente a sua fé. Isso é alguma coisa—dizem elles—mas «é ainda muito pouco». Querem a liberdade de associação e a liberdade de ensino religioso que, aliás, podem ministrar, á sombra da lei, nos seus templos; querem o regresso de frades e freiras, cujas communidades a monarchia constitucional, ao implantar-se, dissolveu; querem a volta dos jesuitas que a monarchia absoluta extinguiu e expulsou e que um papa, dos mais virtuosos e dos mais illustres, entendeu, com sobrados fundamentos, que eram mais prejudiciaes do que uteis á causa do christianismo. Consideram isso o essencial e o resto «menos efficaz».

Confessam ao mesmo tempo os clericaes que Portugal nunca teve «catholicos com a comprehensão nitida da funcção social da sua religião» e querem factos, querem garantias, querem a certeza de que Portugal poderá preparal-os. Mas porque os não prepararam antes? Qual foi então a obra dos evangelisadores que constituiam as ordens e congregações existentes entre nós á data da proclamação da Republica, mercê de uma tolerancia com que nada lucrou o regimen monarchico?

Os jesuitas achavam-se espalhados por todo o paiz; nas suas mãos e nas de outros religiosos estavam os mais frequentados collegios de ensino livre para ambos os sexos; dispunham na imprensa de orgãos que não só faziam a propaganda das ideias catholicas mas tambem a de ideias politicas; eram os directores espirituaes de quasi todos, se não todos, os seminarios do reino; as associações de fieis por elles organisadas e dirigidas pullulavam de norte a sul; nos partidos politicos, nas secretarias do Estado, nos salões aristocraticos, nas ante-camaras do paço contavam amigos dedicados e valiosos cooperadores. Como é que em mais de meio seculo de actividade constante jámais conseguiram formar catholicos «com a comprehensão nitida da funcção social da sua religião?» Torna-se, pois, necessario que voltem para que isso aconteça?

Muito nos contam os pittorescos restauradores da vida catholica n'este paiz, mas quer-nos parecer que se illudem quando suppõem coisa facil a reinstallação dos seus jesuitas e dos seus fradinhos, cuja inepcia, cuja esterilidade e cuja fallencia, sob o ponto de vista da educação religioso-social, os proprios clericaes, que ambicionam a sua volta, são os primeiros a proclamar...

Catholicos desboccados

Nos ultimos tempos da monarchia, folhas catholicas abençoadas pelos bispos e collaboradas pelos jesuitas usavam d'uma linguagem desbragadissima, quer quanto a vultos do partido republicano e a elementos monarchicos mais avançados, quer a respeito de figuras politicas das mais em evidencia no regimen e até ácerca de personagens palatinas, incluindo-se n'esse numero as proprias damas da rainha.

O desbocamento de semelhante imprensa, que á sr.ª condessa de Figueiró chamava a «bruxa do olho de vidro», ficou memoravel. Eram padres que assim escreviam, eram padres que inspiravam essas folhas, eram os bispos—os que ainda agora o são—que permittiam, sem um protesto, sem uma intervenção energica, sem um exemplar castigo, aquelles processos infames de combater adversarios e de impôr doutrinas que se fundamentam na caridade!

Ora a «boa imprensa», que assim se denominava a si propria a de taes processos de linguagem, torna ao emprego da terminologia que a celebrisou. A imprensa clerical foi sempre assim em todas as épocas e em todos os paizes. Não cremos, todavia, que tire proveito da reincidencia, como o não tirou das duras lições que tem soffrido e continuará decerto a soffrer, se teimar nos desbragamentos de viella que são o seu forte...

Berlim durante a guerra

Uma estatistica eloquente

A «Vossische Zeitung» acaba de publicar um estudo comparativo do movimento em Berlim entre os annos de 1913 e 1914.

No decorrer do ultimo anno, o numero de vehiculos desceu de 8363 a 7879; os trens, que em 1913 eram 2540 não passavam em fins de dezembro ultimo de 1906. Omnibus puxados a cavallos tiveram, em cinco mezes de guerra, uma ligeira diminuição; de 569 baixaram a 565; em compensação os omnibus automoveis, de 290 desceram a 112. O numero de cavallos diminuiu tambem consideravelmente. Ao passo que em 1 de janeiro de 1914 existiam em Berlim 8306 cavallos, em egual dia do corrente anno não havia mais de 5892.

O movimento de passageiros foi tambem menor. Nos Omnibus e caminhos de ferro urbanos circularam em 1913 nade menos de 1.033.603.776 passageiros; em 1914 esse numero foi de 955.303.267.

Para bem avaliar o que estas cifras representam, é preciso não perder de vista que em 1914 ainda houve sete mezes de paz, durante os quaes o movimento tendia constantemente a augmentar.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

Os creditos supplementares em França

Paris, 19 de março

O sr. Ribot, ministro das finanças, apresentou na camara dos deputados um projecto de lei para a abertura de creditos supplementares sobre o exercicio de 1914.

O sr. Metin, relator geral do orçamento fez distribuir hoje o seu relatorio sobre o projecto, do qual extrahimos o seguinte:

«Os supplementos de credito mais importantes relacionam-se com as despezas do ministerio da guerra, elevando-se a 488.451:020 francos, dos quaes 200 milhões para material de artilharia, 252.987:000 para fardamento e acampamento e 30 milhões para remonta.

Os supplementos de credito pedidos para a marinha attingem 21.530:000 francos, dos quaes 15.100:000 para o serviço de abastecimento da armada.

As despezas da conta especial «Occupação militar de Marrocos» elevam-se a 6.908:890 francos.

As outras despezas supplementares, na sua maior parte, relacionam-se, pelo menos indirectamente, com a guerra, como o credito proposto para pagamento dos juros da divida fluctuante do thesouro—17.500:000 francos—destinada quasi toda á defeza nacional.

NOS DARDANELLOS

As forças dos alliados
As forças dos turcos

A artilharia dos atacantes e dos defensores do estreito que leva ao Mar de Marmara

O revez naval que os alliados acabam de soffrer nos Dardanellos veiu provar á evidencia que forçar as aguas do Helesponto não é empreza facil, que possa ser levada a cabo sem penosos sacrificios. Os turcos, ao contrario do que muita gente podia suppor, revelaram-se bem preparados para fazer face ao inimigo. Os seus fortes mais poderosos, existentes n'aquelle ponto onde os Dardanellos se estrangulam, chegando a não ter largura superior a 1.350 metros, estão bem artilhados, e para os reduzir ao silencio e tornar inoffensivos será necessario um esforço tremendo. Que os alliados realisarão? Sem duvida. Mas que lhes custará caro, sem nenhuma especie de hesitação se pode affirmal-o.

A esquadra anglo-franceza que até ao dia 18 operou nos Dardanellos compunha-se dos couraçados inglezes *Queen, Elisabeth, Agamemnon, Irresistible, Vengeance, Cornwallis, Triumph, Albion, Magestic, Canofus*, e *Suliftsure* e do *dreadnought Inflexible* e dos couraçados francezes *Bouvet, Gaulois, Suffren* e *Charlemagne* e de varios cruzadores de menor tonelagem, *destroyers*, navios caça minas, torpedeiros e alguns submarinos, com certeza, visto terem sido estes barcos que nos Dardanellos iniciaram as hostilidades, com a brilhantissima façanha do *B-11*, torpedeando e mettendo no fundo, no dia 12 de dezembro, o velho couraçado turco *Messondich*.

Estas forças navaes eram formidaveis e sel-o-hão ainda, visto os navios afundados terem sido substituidos já por outros eguaes. De entre ellas, destacava-se, como unidade de primeira ordem, o *super-dreadnougth Queen Elisabeth*, cujos 8 canhões de 381 millimetros constituem a ultima palavra da artilharia presentemente montada em vasos de guerra. Além d'isso, o *Queen Elisabeth* é uma maravilha de architectura naval, pertencendo a um grupo de quatro barcos eguaes, a construir nos estaleiros inglezes o que virão ainda antes do fim da guerra reforçar a esquadra britannica. E' movido a petroleo, o que lhe dá vantagens extraordinarias, muito embora a sua manutenção seja carissima. Depois do *Queen Elisabeth* destaca-se o *Inflexible*, com 8 canhões de 308 millimetros, montados, como os d'aquelle navio, em quatro torres duplas. Ao todo, a esquadra que atacava os Dardanellos dispunha de 72 canhões de calibres superiores a nove pollegadas, sendo 8 de 381 millimetros; 50 de 305; 2 de 274; 8 de 254 e 4 de 233.

Em face d'este enorme poder destructivo, ao qual os temerosos canhões do *Queen Elisabeth* davam maior vulto, tornando-o ainda mais gigantesco, o que se erguia do lado dos turcos? A capacidade defensiva dos ottomanos não é sufficientemente conhecida. Teriam elles tido tempo de reforçar, com o auxilio dos allemães, as baterias com que defendiam os Dardanellos? Não é provavel, porque impossiveis ninguem pode fazel-os. E seria, evidentemente, mais que impossivel transferir para a beira do estreito que é a chave de Constantinopla as peças ciclopicas que na guerra são hoje decisivas e sem as quaes não ha defeza digna d'esse nome.

Entretanto, alguma coisa tem constado sobre os fortes dos Dardanellos que merece relativa confiança. Assim, seguindo informações reputadas sérias, os maiores canhões que os turcos teem ao seu serviço, á entrada do canal, não vão além de 28 centimetros, sendo esses mesmos em pequeno numero. Mais para dentro, na parte estrategica por excellencia do estreito, onde elle se aperta e estrangula mais, ha, entre outros, os fortes Hamidié e Namozie, com peças Krupp, como os outros, de 24 a 35 centimetros, sem que se saiba quantos são os de calibre superior a 30, que são os mais preciosos para aguentarem e responderem ao fogo dos canhões do inimigo, de eguaes calibres. No littoral asiatico e defronte dos fortes citados, teem os turcos em Kalé-Sultanié 20 canhões, dos quaes só um de 30,5, que devia ser o maior de todos.

Além d'este enfiamento, que constitue, indiscutivelmente, o ponto critico da passagem dos Dardanellos, e onde devem estar reunidos os melhores elementos de defeza ottomana, não consta que haja artilharia superior á allemã de 28 centimentros, bastante desfalcada já, por motivos varios, que não vem para o caso enumerar. Obstaculos, porém, subsistem ainda, e tremendos, para lá do ponto indicado, como a zona que vae até á linha Nagara-Boghali, com 1.950 metros, e a ponta de Abydos, que será difficilimo transpor. Foi ali, precisamente, que em 1807 a esquadra ingleza de lord Duchworth, obrigada a bater-se depois de fracassar o seu ataque a Constantinopla, perdeu duas fragatas e 600 homens.

Transpostos todos os obstaculos indicados, as esquadras alliadas não encontrarão outras fortalezas a barrar-lhes a passagem que não sejam as que á ultima hora hajam sido improvisadas proximo de Galata ou na passagem de Galipoli, que conduz directamente ao mar de Marmara. Esse caminho é tão seguro que chegam a encontrar-se fundos limpos de 1:000 metros. Para além, ficará Constantinopla, sem outra defeza que não seja a esquadra turca, cuja unidade principal, o ex-*Goeben*, será rapidamente destruida pelos oito canhões de 381 do *Queen Elisabeth*, sem que os seus de 280 possam protegel-o ligeiramente, sequer.

São estas, pouco mais ou menos, as forças que nos Dardanellos se encontram em presença. Os turcos não estão mal providos, como se vê, e foi decerto um dos seus grandes canhões Krupp que, furando a couraça do *Bouvet*, metteu no fundo esse couraçado, como deve ter sido uma granada das maiores que inutilisou o *Gaulois*. E quaes serão as causas provaveis do revez do dia 18? Não é difficil adivinhal-o. Os telegrammas dão-no a entender. Os francezes deixaram-se desvairar pelo seu heroismo e avançaram ás cegas, na ancia de se precipitarem com duas grandes unidades para o mar de Marmara. Chegar lá seria realisar um feito d'armas que ficaria para sempre na historia. Os fortes turcos ver-se-hiam varridos por dois fogos e a sua destruição seria rapida. Atraz do *Bouvet* e do *Gaulois*, as outras unidades passariam, a esquadra turca seria desfeita e o imperio do Crescente teria, emfim, na Europa, os seus dias contados. Os inglezes, com aquella confiança que é a sua maior força e que os não deixa vêr, muitas vezes, o perigo, apoiaram os francezes. Sabe-se o que aconteceu. A loucura heroica não triumphou. Mas perto vem o dia em que os mortos d'agora serão vingados e em que o seu feito, repetido com mais solidas condições de exito, entregará aos alliados o proprio coração da Turquia, que deixará, desde esse instante, de pulsar...

Concentração austro-allemã em Trieste

ROMA, 22. — Telegrapham de Trieste ao *Giornale de Italia* que chegaram áquella cidade 40.000 soldados allemães e austriacos.—*(Havas)*.

Poeira da Arcada

Das varias explicações que o caso Leandro tem provocado prova-se que elle sahiu da Penitenciaria porque assim o quiz.

Ninguem, ao que parece, trabalhou para lhe restituir a liberdade perdida. E d'esta sorte, parecendo que deve favores a muita gente, tudo deve a si proprio. Sahiu da Penitenciaria como para lá tinha entrado—por um crime.

* *

Se todos os que em Portugal se declaram germanophilos comprehendessem o que cabe na cabeça de um subdito do kaiser, ficariam assustados e envergonhados: assustados pela copia de noções e conhecimentos organisados em sistema de ataque e defesa; envergonhados pela sua carencia propria dos elementos que dão a um cerebro autonomia e segurança nos seus raciocinios.

* *

Ouvimos hontem um orador que tanto á vontade se pôz com o seu auditorio que entrou pelos dominios da anecdota e da chalaça com o descomedimento de quem gosta de exceder-se. Como em Portugal o riso é facil, quanta gente nós vimos rir-se de bom grado, perante a grossa maneira de caçar a graça, com rede de apanhar... bocejos.

A certa altura, porém, do seu discurso, lançou-se nas violencias da eloquencia forte, épica, entoando á dôr uma ode resonante, em que se adivinhava uma bella disposição para o vagode. Os rostos tornaram-se sérios, as attenções cahiram em religioso silencio. E' um dos effeitos do alto comico tornar graves as creaturas que ignoram a significação do riso.

* *

As idéas velhas, antes que morram, fazem o mesmo que os amorosos que a velhice ameaça—procuram remoçar-se. Eis a razão por que agora os moços de vinte annos teem esperanças velhinhas de seculos.

Expedicionarios a Angola

Uma offerta a «A Capital»

Os sargentos da 2.ª bateria do 2.º grupo de metralhadoras que se encontram no Sul d'Angola photographaram-se em grupo e tiveram a gentileza de offerecer a *A Capital* uma d'essas photographias.

Registando e agradecendo a offerta, fazemos votos por que os briosos militares voltem cheios de gloria, tendo honrado mais uma vez—como aliaz sempre tem succedido com o soldado portuguez—a farda e concorrido para o engrandecimento da patria.

Migalhas

Nova culinária

A guerra actual, entre os seus muitos resultados imprevistos, vae ter o de facilitar uma nova edição ampliada do *Cosinheiro dos cosinheiros allemães*. Com effeito, no paiz do kaiser, ha n'este momento uma quantidade de sabios occupados em descobrir propriedades alimentares em muitas substancias para as quaes os estomagos toutões olhavam com despreso.

Assente como foi por um luminar da Sciencia de Alem Rheno que o pão de trigo era pessimo para o estomago, deitaram-se os chimicos e analistas a indagar de farinhas menos prejudiciaes. A ultima descoberta é a farinha de palha. Não nos enganava o dictado que dizia que, n'isto da palha, o caso é saber-se dál-a.

As ortigas tambem não eram muito faceis de encontrar nos *menús* habituaes e, que me consta, só eram applicadas ás gallinhas renitentes ao seu dever de pôr os ovos do officio. Pois agora as ortigas são muito recommendadas na Allemanha. São muito alimentares ao que parece e d'ahi, quem sabe, talvez ellas contribuam para que os bons burguezes de Berlim acabam por pôr os ovos que faltam no mercado.

Deus queira que, a prolongar-se a guerra, os subditos do nosso alliado não tenham que vir a comer-se uns aos outros, como os grillos.

André Brun

Folhetim d'A CAPITAL 21-3-1915

Por coherencia...

Nos ultimos tempos, a neurasthenia do Galapito aggravára-se assustadoramente. Pobre homem!

Que, em boa verdade, o Galapito fôra sempre um rapaz triste, com cara de contra-annuncio.

Quando acontece encontrarmonos é mais do que certo que o meu amigo logo desata a philosophar sobre esta cousa estupidissima a que se chama *vida* e, verdade seja, o Galapito tem carradas de razão no que respeita ao seu descontentamento.

Ainda hontem, elle me declarava, exaltadissimo:

—A verdade é que, em geral, nós vimos a este mundo contra vontade dos nossos paes! Pois então? Fica tu sabendo que, em noventa e nove por cento dos casos, quando a mulher annuncia ao marido a probabilidade de um *desdobramento*, é mais do que certo que logo o dito marido exclama:

—Ora bolas!...

E é com esta ou outra exclamação, egualmente captivante, que acolhem a possibilidade da nossa vinda a este mundo!

E o Galapito franzia o sobre olho, n'uma attitude hostil.

Tentei acalmál-o mas foi trabalho baldado. Ante uma simples observação minha, tendente a convencel-o do pessimismo da sua philosophia, o Galapito, furioso, cerrados os punhos, n'uma grande exaltação, continuou:

—Com mil diabos! Pois então será logico que, ainda mesmo antes de nós nascermos, sejamos os causadores do aborrecimento da familia? Nós, que viemos a este mundo sem que para tal nos consultassem, contra vontade dos paes e contra vontade nossa?! Mais ainda: é um facto averiguado que, durante o periodo necessario para estarmos concluidos, promptos, com cabello e outros pertences, durante o periodo da gestação, nós compromettemos seriamente a saude da nossa mãe. A pobresinha soffre, tem dôres de dentes, vertigens e vomitos precedidos de terriveis nauseas! Quer dizer: ainda uma pessoa não nasceu e já causa nauseas á familia! Então isto é logico? Depois chega finalmente o dia de nos metterem a despacho. Tanto basta para que a casa paterna fique em estado de sitio. Grita a mãe, prágueja o pae, e, para nos darmos ares de que comprehendemos a nossa falsissima situação, nós, apenas nascemos, mal vimos o regosijo da familia e para não pôrmos uma nota discordante no incidente, rompemos n'um choro convulso, desatamos a berrar como uns damnados.

Aqui, o Galapito tomou folego e logo continuou:

—Mas ha mais ainda: horas depois de nascermos—com o fim evidente de nos acostumarem á falsificação dos generos alimenticios—impingem-nos uma gotta de leite infamemente destemperado com agua. E' o inicio do nosso rozario de amarguras.

«Empacotam-nos n'uma desageitada trouxa, enfiam-nos uma estupida touca na cabeça; n'este disfarce ridiculo sômos mostrados ás visitas, aos amigos e aos estranhos! Se chorarmos, voltam-nos com o sim senhor para o ar e dão-nos palmadinhas no lombo. Ora eu sempre quero que me digam o que é que, hoje, qualquer de nós faria se, para afugentar o mau humor, o puzessem n'uma situação tão inconveniente. Seria caso para cavallo marinho! Ainda para amenisar a nossa má disposição, pégam-nos ao colo e tentam adormecer-nos ao som d'uma desafinadissima cantilena. Chamam isto: acalentar! Cançados, exhaustos, profundamente aborrecidos, adormecemos, finalmente. Horas depois mudam-nos o primeiro cueiro, pedaço de téla onde exarámos o nosso protesto, onde desabafámos, onde deixámos exposta, por uma fórma simples mas clara, a nossa primeira impressão ácerca das convenções sociaes.

«Não pára ainda aqui a flagrante injustiça que presidiu ao nosso nascimento. Mais tarde ensinar-nos-hão que nós devemos o *ser* aos nossos paes. Não faltarão ensejos para nos lançarem em rosto essa divida que contrahimos contra vontade nossa; divida de que não tirámos o menor proveito. E é que temos de nos mostrar reconhecidos por esse favor que não solicitámos!

N'esta altura eu consegui interromper o discurso do meu amigo Galapito. Procurei acalmar-lhe a exaltação. Concordei, em principio, com a sua theoria. Depois, com infinitas precauções, procurei inquirir o motivo d'aquella má disposição.

—Que diabo!—exclamei eu—tu és um homem coherente. Que necessidade tens de estares a aborrecer-te sem razão determinante? Todos sabemos que, desde que o pae Adão e a Mãe Eva se portaram porcamente no Paraizo, a humanidade, embora innocente, teve de soffrer-lhe as consequencias. Ao nosso raciocinio, muito limitado, escapa absolutamente a concepção de um Deus que, pelo crime de um Adão, torna responsaveis mil gerações. Tão incomprehensivel se nos mostra a justiça d'esse Deus que tivemos de admittir a existencia de uma vida futura onde fôssem liquidadas as nossas dôres e descontadas as nossas maldades. Assim chegámos á extranha conclusão de que o bom Deus omnipotente e omnisciente, que d'um calix de uma flôr fez uma maravilha e de um grão de polen um mundo de assombro, esse Deus deixa cahir uma creancinha de um 3.º andar á rua, esphacela-lhe as carnes, esmaga-lhe o craneo e tudo isto para fazer d'esse innocente um anjo! Nós que não pudemos comprehender a justiça d'esse Deus tentámos explical-a por fórma que ella se nos afigura mais confusa ainda! Não, meu caro Galapito. Acalma esses nervos doentes. E's bastante intelligente para vêres as cousas como ellas são.

—Se tu soubesses a razão por que estou hoje tão espantado!—exclamou o Galapito.

—Mas o que foi que te aconteceu, homem!

—Se te parece, a Michaela declarou-me que... não sei se me entendes... familia augmentada.

—Tu? Vaes ser pae?! Muitos parabens, desde já.

—Bollas, meu amigo, bollas! Não te digo mais nada!—declarou-me o Galapito despedindo-se de mim, fulo, espantadissimo.

V. Chagas Roquette

ULTIMAS NOTICIAS

Ainda o indulto do Leandro

Novos esclarecimeatos para a sua historia

Como tratámos com certo desenvolvimento dos incidentes que precederam a commutação da pena de Leandro Gonzalez, queremos archivar algumas das mais importantes affirmações feitas agora pelo sr. Alexandre Braga. Com a auctoridade que lhe provem do facto de ter sido ministro do gabinete Azevedo Coutinho, em dezembro de 1914 e janeiro de 1915, o sr. dr. Alexandre Braga confirma, coma *A Capital* revelou, que o sr. presidente da Republica fez ao sr. ministro de Hespanha a promessa da commutação da pena do Leandro e que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, vindo a Lisboa em dezembro passado, declarou ao governo que não voltaria para Madrid se aquella promessa não fosse cumprida. Isto demontra plenamente a veracidade das sensacionaes revelações feitas nas nossas columnas.

Ainda sobre as attitudes que n'esse caso tomou o nosso representante em Madrid, o sr. dr. Alexandre Braga conta por este modo uma entrevista que com elle realisou poucos dias antes do se declarar a crise do gabinete Bernardino Machado:

O sr. Augusto de Vasconcellos, embaraçado com o caminho que seguiam as negociações do indulto e as do tratado do commercio com a Hespanha, pediu-me para obter de Leandro que conseguisse que os seus amigos de Hespanha deixassem de insistir no seu interesse por elle. Em troca, elle, Augusto de Vasconcellos, conseguiria a promulgação de um diploma legal, que tivesse como effeito considerar por expiada a pena de penitenciaria que ainda faltava a Leandro cumprir, seguindo immediatamente para Africa, o que equivaleria de facto á liberdade, porque lhe era facil fugir pelo caminho.

Fiz vêr ao sr. Augusto de Vasconcellos que, aceder ao seu pedido, seria atraiçoar os meus deveres de advogado; que nunca aconselharia o meu constituinte á pratica de um crime, como seria a fuga; que o tal diploma legal de que falava, e cujo projecto eu já conhecia, embora o sr. Augusto de Vasconcellos quizesse apresental-o como bizarra dadiva sua, em nada aproveitava aos meu constituinte, por isso que a prisão posterior á condemnação tinha, por lei, de ser-lhe levada em conta, do mesmo modo que lhe aproveitava a amnistia decretada pela Republica.

Em face da minha recusa, o sr. Augusto de Vasconcellos resumiu as suas impressões na seguinte enigmatica phrase: «—Então é peor para elle.»

Foi pouco tempo depois que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos poz a libertação do Leandro como condição *sine qua non* do seu regresso a Madrid. Nenhum compromisso tomára o gabinete Bernardino Machado n'esse sentido. Apenas havia, como já accentuámos, a promessa feita pelo sr. dr. Manuel de Arriaga.

MUSICA

O concerto Fão em S. Carlos

Constituiu um grande successo o concerto a grande banda que hontem se realisou em S. Carlos. Do novidade para nós, mostrou elle bem o valor do seu organisador, o maestro Fão, que apresentou uma grande banda ampliada com instrumentos de corda, surpreza para grande parte dos espectadores que nunca tinham ouvido um tal conjuncto. Do notavel exito d'esta audição, os applausos calorosos que director e executantes tiveram provam quanto foram apreciados. Já possuiamos uma magnifica orchestra, que se pode pôr a par das estrangeiras, a Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch; temos tambem agora um explendida banda que não é inferior á celebre banda da guarda republicana de Paris. A execução de todo o programma foi admiravel; justo equilibrio nos differentes naipes, sonoridade, delicadaza, rigorosa interpretação, tudo, emfim, contribuiu para que causasse a melhor impressão e fosse enthusiasticamente applaudida esta iniciativa brilhante do maestro Fão e da empreza que actualmente funcciona em S. Carlos.

Para o proximo domingo annuncia-se o ultimo concerto do Vianna da Motta com a Orchestra Blanch.

Concerto David de Sousa no Politeama

O Politeama foi hontem, com certeza, o primeiro ponto do reunião de Lisboa. Não nos lembra ter visto ainda no elegante theatro da rua de Santo Antão uma tal enchente. Não admira, pois o programma era dos mais tentadores, e o publico, pelos applausos dispensados, mostrou ter ficado devéras satisfeito com a bella tarde d'arte que lhe foi proporcionada.

Abriu o concerto com a *Cleopatra*, do Mancinelli. A «ouverture» do celebre musico italiano foi executada como sempre, isto é: bem.

Seguiu-se um dos «clous» do programma—pois elles eram trez—o concerto para piano e orchestra de Grieg, sentando-se ao piano mademoiselle Irene Gomes Teixeira.

Para um trecho de res, onsabilidade como o concerto do Grieg, precisa-se uma pianista que, além do *toucher*, memoria e pratica, seja uma executante consummada.

Madomoiselle Teixcira debaixo de nenhum d'estes pontos de vista deixou a desejar. Houve-se como uma artista consummada, atacando muito bem, executando com muito segurança e muito sangue frio, tirando muito som nos fortissimos e dando-nos um *adagio* d'um *avelludado* lindo. Muitos parabens á novel artista, desejando-lhe que continue pelo caminho seguido até aqui, pois ainda poderá vir a ser uma grande pianista.

Não podemos deixar de mencionar a fórma como David de Sousa dirigiu a orchestra durante este trecho difficil, onde nos mostrou mais uma vez como está intimamente ligado com os seus executantes.

Não poderiamos tambem esquecer aqui o sr. Alexandre Rey Collaço, professor de mademoiselle Gomes Teixeira, pois ello compartilha os elogios que aqui fazemos á sua jóven discipula.

Na segunda parte tivemos um preludio de Boavida Portugal seguido de uma conferencia do sr. dr. Cunha e Costa.

Nós somos simplesmente criticos musicaes, para quem s. ex.ª teve palavras tão asperas, mas não podemos deixar de o felicitar pela fórma como soube empolgar a assistencia durante uma hora, que nos pareceu bem curta.

Começou por dizer que a parte interessante da sua palestra era ser uma conferencia sobre musica feita por uma pessoa que não entendia nada sobre o assumpto.

O que nós achámos mais interessante foi a fórma como o sr. dr. Cunha e Costa falou sobre Beethovem, mostrando conhecer a fundo o grande musico.

Emfim, o conferente teve a sala suspensa ora com a sua verve, ora com os seus conhecimentos sobre musica, que não são pequenos, ora com os seus dotes oratorios que todos conhecem, valendo-lhe a sua conferencia uma grande salva do palmas que a assistencia inteira lho proporcionou, enthusiasmada.

Seguiu-se-lhe a 4.ª simphonia de Beethoven. Todos os que teem seguido os concertos do Politheama sabem a fórma como David de Sousa executa Beethoven. A 4.ª simphonia não ficou atraz das demais, nem na execução nem na fórma.

Na terceira parte houve um *intermezzo* de M.me Vaz Monteiro, cheio de inspiração.

A egloza de Ruy Coelho *Na fonte dos amores de Ignez* é uma obra boa debaixo de muitos pontos de vista. Tem inspiração, boa harmonia e boa escola. Foi applaudidissima, assim como o seu auctor, que teve uma chamada especial.

O preludio do sr. Solheiro é uma obra inspirada e muito bem orchestrada.

Nos *Murmurios da floresta* de Siegfried evidenciaram-se as qualidades de som e execução da orchestra.

Terminou o concerto com o *Gwendoline*, de Chabrier.

Foi, emfim, uma tarde de mão cheia, mais uma corôa de gloria para David de Sousa.

J. d'A.

A festa da orchestra portugueza no Politheama

Não é facil organisar um grupo numeroso de executantes como aquelle que o Politheama possue, e o qual facilitou ao maestro David de Sousa o exito das suas temporadas artisticas, já hoje entre nós memoraveis.

Com profissionaes distinctos, a orchestra simphonica portugueza tem feito prodigios e conseguiu, com uma dedicação e boa vontade transparentes, dar um brilho admiravel a essas tardes musicaes.

Pois no proximo domingo terá a sua festa, e a ella se associará toda a sociedade que de perto tem seguido as curiosas *étapes* d'esses magnificos executantes, vibrando sob uma batuta sugestiva e dominadora.

EM SANTA CLARA

A "Messejana Invicta,,

A concorrencia á audiencia de hoje foi numerosissima, entre a qual muitas senhoras, algumas das quaes occupam logares junto da presidencia e da meza dos advogados. Cumpridas as formalidades da constituição do tribunal, é dada a palavra ao sr. dr. Raul de Magalhães, a que se segue o sr. dr. Camillo Castello Branco, o qual, em meio do seu discurso, é chamado á ordem, por ter atacado a Constituição.

Terminado o incidente, discursaram os srs. drs. Moraes Carvalho e Reis Torgal, apoz o que o presidente manda ler os quesitos, recolhendo o juri para deliberar.

A sentença só proximo das 22 horas será lida.

O proximo julgamento

O tribunal volta a reunir no proximo dia 26, pelas 13 horas, a fim de julgar João Caetano, soldado n.º 138 da guarda republicana, Valentim Martins d'Almeida, 2.º cabo da mesma guarda, e Francisco Torres, commerciante, accusados de estarem implicados no movimento monarchico de 20 de outubro findo. As testemunhas de accusação são em numero de 26 e as de defeza 8. O reu Torres é defendido pelo sr. dr. Camillo Castello Branco e os dois militares pelo defensor officioso, capitão sr. Osorio de Castro.

Vapor «Funchal»

Este vapor, da Empreza Insulana de Navegação, que era esperado hoje de tarde no Tejo, só entrará no nosso porto pela meia noite, segundo communicação radio-telegraphica recebida pelas 16 horas no escriptorio da empreza.

A grande guerra

As operações no theatro oriental

LONDRES, 21.—Summario do relatorio official russo de 17 a 19 do corrente.

Na linha do combate do Niemen ao Vistula a offensiva russa continúa em ambas as margens do Narew, não obstante a porfiada resistencia, e proximo da villa de Iednorozec os russos tomaram 17 peças de artilharia. Ao norte de Praznysz houve combates isolados, dando em resultado a tomada de varias villas pelos russos que aprehenderam 5 peças de artilharia, 42 metralhadoras, e grande quantidade de munições, e fizeram cem prisioneiros. Estão travadas batalhas na Prussia oriental proximo de Tauroggen e sobre as estradas que conduzem a Memel, tendo a cidade sido tomada pelas tropas russas. Proximo de Ostrolenka foi repellido um ataque allemão com pesadas perdas para o inimigo, e a sua divisão de cavallaria que tentára um movimento envolvente de flanco foi anniquilada. As peças de sitio de Osowica infligiram graves perdas aos allemães que foram encontrados a fazer novos entrincheiramentos. Na Polonia occidental as perdas allemãs na linha do Pilica, desde o começo da sua demonstração em 5 do corrente, são calculadas em 25.000 homens.

Nos Carpathos foram repellidos novos ataques, continuando a offensiva russa na região de Rabe.

Na região de Przemysl os russos tomaram um posto avançado inimigo no dia 18 e fizeram varios prisioneiros. Apezar do grande consumo de munições as peças do sitio infligiram apenas insignificantes perdas ás forças sitiantes.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

O que foi o bombardeamento da costa ingleza

LONDRES, 21.—Summario do relatorio official sobre o bombardeamento de Harthepool, Scarborough e Whitby.

Harthepool—A's oito horas da manhã do dia 16 de dezembro de 1914 trez cruzadores allemães approximaram-se do porto commercial de Harthepool favorecidos por um efficaz nevoeiro e romperam fogo com peças de 11 e de 6 pollegadas e de 24 pr., a uma distancia de cerca de 4:000 metros. A bateria que protegia as chegadas maritimas ao porto respondeu ao fogo do inimigo.

O bombardeamneto durou 40 minutos pouco mais ou menos, e durante elle o inimigo disparou uns 500 ou mais tiros tendo apenas dois attingido a bateria (ambos de 6 pollegadas), não lhe tendo de facto causado damno algum.

A bateria continuou em acção depois do bombardeamento.

Os estragos causados nas cidades e nos habitantes foram consideraveis, tendo sido mortos 86 individuos da classe civil, de todas as idades e sexos, e feridos 424, 26 dos quaes já falleceram.

Recebeu-se a seguinte lista de propriedades demolidas ou avariadas: 683 casas, 5 egrejas e capellas, 4 escolas, um music hall, uma bibliotheca publica, um posto de correio, um arsenal de marinha, 3 estaleiros, uma fabrica de gaz, uma exploração de aguas, dois navios em docas, um navio em estaleiro e duas chaminés de fabricas.

As perdas militares foram: em artilharia, dois mortos e um ferido; em engenharia, 6 feridos; em infantaria, 5 mortos e 14 feridos. Estas perdas foram principalmente entre homens do destacamento acantonado nas proximades da bateria. Os cruzadores allemães cessaram fogo cerca das 8,55 da manhã e desappareceram navegando em direcção a leste.

Scarborough:—Esta cidade não tem defeza de especie alguma nem guarnição. Ha quatro obsoletas peças do artilharia que servem de ornamento e uma bateria fóra do uso que está marcada na carta do almirantado. Uns poucos de ciclistas e de soldados de cavallaria vigiam a costa e estão acantonados na cidade. A's 8,5 da manhã de 16 de dezembro, quatro cruzadores allemães approximaram-se, trez d'elles á curta distancia de 1.000 metros, e bombardearam a cidade; o bombardeamento durou cerca de meia hora, sendo mortos 18 civis e um militar e feridos 98 civis e um militar. Ficaram gravemente avariados 20 edificios publicos e 180 casas particulares, e muitas outras com ligeiras avarias. Os estragos não se circumscreveram a uma area, mas foram causados em pontos bastante dispersos. Cahiram tambem granadas nas visinhanças das villas de Scalby, Cumboots e Irton.

Whitby:—Esta cidade não tem defeza nem guarnição á excepção de alguns ciclistas empregados na vigilancia da costa. Ha uma pequena estação de signaes situada um pouco proeminentemente sobre um rochedo e uma peça antiga para ornamentação.

A's 9 h. e 5' da manhã de 16 de dezembro, dois cruzadores allemães, approximando-se vindos da direcção de Scarborough, romperam fogo com peças de seis pollegadas, sobre a estação de signaes e sobre a cidade á distancia de uma milha Foram lançadas sobre a cidade umas cem granadas que causaram estragos em varias casas particulares.

A estação de signaes foi attingida, sendo morto um guarda das costas e ferido um soldado, mortos dois paisanos e feridos dois. O fogo do inimigo foi disperso sobre a cidade.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

As operações nos Dardanellos

LONDRES, 22.—Um communicado do almirantado diz que o tempo desfavoravel interrompeu as operações nos Dardanellos. O almirante Robeck telegraphou desejando chamar a attenção sobre a conducta da esquadra franceza, a quem as perdas severas não abalaram, e sobre o almirante Guepratte, que dirigiu a acção a curta distancia com a maior bravura.—(*Havas*).

A festa hippica em Palhavã

Realisa-se no proximo domingo o festival de Palhavã que hontem não poude ser levado a effeito por causa do mau tempo.

O programma será o mesmo que estava annunciado, com trez provas de indole absolutamente diversa, todas trez cheias de interesse e uma d'ellas inteiramente nova.

Na séde da Sociedade Hippica Portugueza, rua Ivens, 56, continúa a marcar-se logares.

"PATHÉ JORNAL,,

E as eleições?

Parece seguro que não se adiarão—Um accordo entre evolucionistas e unionistas?

1.º quadro

O meu informador apparece-me, assodado, mal chego á Arcada. Deram as duas. Ha mais politicos á porta dos ministerios do que é costume. O que os traria por cá? Nem o sr. Alpoim faltou. Caminha sereno, placido, cada vez mais corpulento, escoltado por alguem que mal se vê ao lado d'elle. Ha sol e já não faz vento, o que nos enche a todos de regosijo. E' que, em dias de vendaval desfeito, a Arcada é peor que o mar encapelado. Não se póde parar por lá... Fala-se de eleições. O que haverá a respeito do magno assumto, que preoccupa, n'este instante, pelo menos, metade da população portugueza?

—Muita coisa, diz-me o meu oraculo deligente. Coisas que nem v. mesmo sequer suspeita. Ha, sobretudo, a historia dramatica do adiamento...

—Dramatica?

—E' claro. Em volta do governo tem-se feito a maior pressão para que esse adiamento seja um facto dentro de pouco. E' preciso que todos possam votar, dizem os monarchicos, que o suffragio se generalise o mais possivel, para que a futura camara represente, effectivamente, a vontade nacional.

—E o governo?

—Ora, o governo... Tem feito ouvidos de mercador, quasi sempre. E' certo que o sr. Pimenta de Castro costuma frequentemente, para se livrar de importunos, fingir que os attende. D'ahi...

—Não faltar quem suppozesse que as eleições viriam a fazer-se pelo suffragio universal e com voto obrigatorio. A monarchia ficaria então por um triz.

—E' isso mesmo. Mas a ingenuidade monarchica está já inteiramente desilludida. O sr. Pimenta de Castro teima em não mexer mais na sua lei eleitoral. E' o que se diz por ahi. E' o que se affirma por essa Arcada fóra, que anda hoje bem mais rumorejante de boatos que de costume.

2.º quadro

O scenario não muda, exactamente como nas peças dos Quintero. A acção decorre no mesmo ambiente e quasi com as personagens primitivos. O sr. Guerra Junqueiro deslisa imperceptivel por entre os grupos bisbilhoteiros, que nem sequer dão por elle.

—Anda a visitar os ministros!—diz-me alguem que segue, interessado, com os olhos, a silhueta negra do auctor da «Velhice». Faz isso sempre que ha governos novos. Elle é o propheta d'este alkorão governativo que se vem escrevendo em Portugal ha quasi cinco annos. O diabo é que poucos são os que lhe respeitam as prophecias!

O «film» gira. A objéctiva anciosa fixa tipos, personagens e factos. O operador vae dando á manivela dá sua curiosidade e procura ouvir o que junto d'elle se diz. Eleições, sempre eleições, não se fala n'outra coisa. O adiamento resurge. Um politico de cathegoria julga-se no segredo dos oraculos infaliveis e informa as gentes absortas com o ar «blasé» de quem semeia boccadinhos d'oiro refulgente...

—Pois é como lhes digo, amigos! Pensou-se no adiamento, pensou-se. Mas não por motivos politicos. O governo, a certa altura, reconheceu que os prasos não podiam ser cumpridos até 6 de junho. Faltavam dez ou doze dias. Que fazer? Retardar por esse tempo o acto eleitoral. Mas agora...

—O quê?

—Sim, agora, é possivel que haja desistido d'isso. Vêr-se-ha forçado a encurtar alguns dos prasos legaes? Fal-o-ha. Julgam-no aquelles que governam preferivel a chegar a julho sem os elementos financeiros precisos para governar. E' isto que me consta. E' esta a verdade, que veiu até mim directamente d'alguns ministros...

Este é dos taes que falam todos os dias e a toda hora com todos os ministros que governam Portugal, incluindo os ministros do Senhor... E encravando o monoculo petulante na orbita maguada por esse martirio, o importante cavalheiro despede-se com uma mesura soberana e parte para a «civilisação». E' assim que elle chama á rua do Oiro, que fica ali mesmo, a meia duzia de passos...

3.º quadro

Mais coisas eleitoraes. Reune-se, a um canto do ministerio do interior, gente de todos os partidos. Fazem-se calculos, alinham-se probabilidades, citam-se nomes de futuros candidatos. Ha, de vez em quando, sussurro animado, discussão apaixonada e violenta. E' isso o que interessa o publico, tanto o chrinfrim entre politicos entrou no seu gosto, transformando-se, para elle, n'uma authentica necessidade.

—A lucta vae ser renhida, forte e rija!—clama um. Vocês verão. A propaganda iniciar-se-ha por estes dias.

—E como se apresentarão os partidos a disputar as eleições?

—Como? Não é facil prevêl-o. Os democraticos irão sósinhos. São os unicos que se encontram organisados e que dispõem de força eleitoral a valer. Os outros teem de juntar-se, de constituir pactos eleitoraes, sem o que não escaparão a uma derrota retumbante...

—E pensam em se juntar, para effeitos eleitoraes, evolucionistas e unionistas?

—Garanto-o. E' quasi certo que as listas serão mixtas em quasi todos os circulos. Em muitos d'elles ha já combinações assentes e accordos fechados. No de Lisboa—sul, por exemplo. Em Setubal, evolucionistas e unionistas votarão nos mesmos candidatos.

—E as minorias?

—Serão, como as maiorias, disputadas por todos os partidos. Quem melhor as tiver melhor as joga. Será esse rifão popular que os partidos procurarão pôr em pratica nas proximas eleições.

E mais não disse, sobre este assumpto, o officioso informador que veiu esta tarde, na Arcada, surprehender a minha curiosidade. Não se me dava, porém, apostar, que nas suas palavras ha bem pouca consistencia. E' que aquelle que as proferiu costuma andar na privança das gentes do Calhariz, que são os que mais desejam o accordo politico que deve garantir-lhes alguns dos logares de deputados que o destino, no primeiro Congresso da Republica, lhes distrubuiu...

4.º quadro

Egreja hespanhola. O publico indigna-se quando se fala d'isso. Por detraz dos estatutos apresentados ás auctoridades está uma guia, uma carta de livre transito passada em favor dos fradinhos gloriosos. Assim o pensam os que não andam em dia com as doutrinas conciliatorias do cathecismo. E' certo que pensam d'outro modo os que protegem a instituição da egreja. E' o seu papel. Deixemol-os.

—Já sabe?—pergunta-me, semi-misteriosamente, aquelle precioso alviçareiro que me appareceu hoje, logo que cheguei á Arcada. Não vapor ora!

—O quê?

—A egreja hespanhola. O governo teve receio. Os tiros no Leandro fizeram-no pensar. Foi um aviso, que elle tomou na devida conta.

—Está então assente...

—Sim está. Resolveu-se não mexer, por ora, na questão. E' preciso, é conveniente deixar amortecer, deixar esquecer. Só depois, quando os que protestam se tiverem esquecido, se tratará de novo do caso, bem mais bicudo e bem mais complicado do que possa julgar-se.

—Os estatutos cahiram então no poço sem fundo das estações officiaes...

—E' claro. Mas não ficarão lá, juro-lh'o. De resto, nem era preciso dizer-lh'o. V. sabe bem o fim que esta tragediasinha virá a ter. E' escusado insistir. Amigo, boa tarde. Adeus.

E... elle lá vae, o meu amavel alviçareiro, Arcada fóra, saudando este, cumprimentando aquelle, como se fôsse o homem mais feliz d'este mundo politico, em que eu e elle andamos tão profundamente mergulhados. A sua figura original é a ultima que no meu «film» se grava. E, como pertence ao numero mais reduzido dos que não irritam os nervos dos espectadores, fechemos, nas suas costas, o cinema e partamos tambem em busca d'outros destinos. Leitor amigo, boas tardes!

A. M.

Aggressão á facada

Pelas 18 horas e meia, no beco dos Nobres, á rua da Escola Polytechnica, o sapateiro João Costa e Silva aggrediu com trez facadas, duas na cabeça e uma no sobr'olho, Maria José, moradora n'aquelle beco, n.º 5, 1.º, por ella não querer ser sua amante. O aggressor, que é casado, foi preso, e a ferida conduzida para o posto da Misericordia.

Balanço diario

A situação creada em S. Thomé pelos acontecimentos de Angola é extremamente grave, no que respeita ao abastecimento d'essa ilha. Em S. Thomé não ha, effectivamente, carne, sendo a que ali se consumia proveniente de Angola. Com a ida de numerosas forças da metropole para aquella colonia, julgou-se necessario prohibir a sahida de gado bovino, o que collocou desde logo S. Thomé na impossibilidade de se abastecer convenientemente. Por esse motivo, as auctoridades da ilha ponderaram ao governo a conveniencia de se revogar a ordem do governador d'Angola que prohibiu a sahida de gado, e n'esse sentido se telegraphou já para Loanda. No ministerio das colonias procura-se harmonisar os interesses das duas provincias, de maneira que nem uma seja prejudicada nem a outra continue ameaçada por uma gravissima crise de alimentação.

Uma conferencai

O sr. José Maria d'Alpoim procurou hoje, por volta das trez horas, no ministerio da guerra, o sr. general Pimenta de Castro, com quem conferenciou demoradamente.

Melhoria de situação

Uma commissão de sargentos artifices do exercito procurou hoje o sr. ministro da guerra a quem entregou uma representação pedindo a equiparação do pret ao dos serralheiros-ferreiros; que lhes sejam concedidas as gratificações de quatro readmissões, como a todos os outros 2.ºs sargentos; que as suas reformas sejam de futuro eguaes ás dos outros 2.ºs sargentos e que lhes seja dado armamento egual ao d'aquelles a quem são equiparados, conforme as armas em que prestem serviço.

Um processo

Perante o tribunal do 1.º districto criminal, presidido pelo sr. dr. Alves Ferreira e representando o ministerio publico o sr. dr. Castro Lopes, depuzeram hoje, no processo movido ao chefe do Estado, ministros e presidente do ministerio, os srs. drs. Bernardino Machado e Eduardo Augusto Sousa Monteiro, antigo ministro da justiça. O auctor do processo, sr. Augusto José Vieira, e o seu advogado, dr. Alvaro Costa, assistiram á inquirição d'aquellas duas testemunhas.

Para Angola

O vapor *Zaire* da Empreza Nacional de Navegação atracou hoje ao posto maritimo de desinfecção a fim de embarcar as peças e viaturas pertencentes ás baterias de artilharia 7, 8 e 3 e a infantaria 19 e 20. O *Zaire* deve largar no proximo dia 26.

Ministros e ministerios

Regressou hoje a Lisboa, no rapido da tarde, o sr. dr. Nunes da Ponte, ministro do fomento. Veiu acompanhado pelo seu secretario, sr. dr. Costa Lobo. Com o sr. presidente do ministerio conferenciou o seu collega das colonias.

Escola Normal

O sr. ministro da instrucção recebeu hoje uma commissão de professores da Escola Normal, que lhe foi entregar uma proposta, approvada no ultimo conselho escolar, na qual se pede uma syndicancia ao referido estabelecimento de ensino. Tambem procurou o sr. Goulart de Medeiros, para o mesmo fim, uma commissão de alumnos.

Ministerio da justiça

O sr. dr. Alfeu da Cruz, juiz de direito da comarca de Villa Franca, foi encarregado de, gratuitamente e sem prejuizo de serviço, colligir e coordenar a legislação relativa ao ministerio da justiça, promulgada posteriormente á proclamação da Republica.

Assignatura presidencial

Pela pasta da marinha, foram á ultima assignatura decretos promovendo a 2.ºs tenentes da administração naval o guarda marinha do mesmo quadro Francisco João de Vasconcellos; a engenheiro naval o aspirante a engenheiro naval com a graduação de guarda marinha Sequeira Junior; a auxiliares do serviço naval, os guardas marinhas do mesmo quadro João Soeiro, José Martins e Joaquim dos Santos; a escripturario de 1.ª classe do quadro do pessoal de escripturação da administração dos serviços fabris, o escripturario de 2.ª classe do mesmo quadro Miguel Vieira das Neves.

«Camions» para Angola

A commissão portugueza que foi a Turim para adquirir *camions* para o exercito enviou um novo telegramma ao sr. ministro das colonias communicando terem dado optimos resultados as experiencias dos carros «Fiat», que por estes dias devem seguir para Angola.

Cultuaes dissolvidas

O *Diario do Governo*, II serie, publica hoje as portarias dissolvendo as cultuaes das freguezias de Mamarosa, concelho de Oliveira do Bairro, e Guetim, Porto.

CASO MISTERIOSO

Creança violentada e atirada á rua?

A's primeiras horas da manhã de hoje, quasi ao cimo da antiga rua Formosa, hoje rua do Seculo, deu-se um repugnante crime de estupro seguido de tentativa de assassinio, que alvoroçou os moradores dos bairros do Alto do Longo e da Patriarchal.

O penultimo predio da rua Formosa, á direita de quem sóbe, com o numero 232, tem quatro andares, boa apparencia e deita janellas ainda para a rua D. Pedro V. Portence a D. Thereza da Costa e Silva, que móra no 3.º andar, estando installado no rez-do-chão o talho n.º 245, e morando no 2.º uma senhora paralitica de ambas as pernas, D. Beatriz Bettencourt Santos, que tem dois filhos, o quartanista de medicina sr. Alfredo Bettencourt Santos e uma menina de dois annos e meio, e em casa da qual habita o conhecido escriptor dramatico sr. Accacio Antunes.

Para mais facil comprehensão do crime, descreveremos a moradia.

Entrada a porta da escada, fica-nos á direita um corredor de trez metros do comprido, ao fundo do qual está a cosinha, havendo á esquerda d'esse corredor communicação para a casa do *toilette*.

Ainda em frente á mesma porta da escada ha um outro corredor cujas paredes formam dois angulos rectos, o que deve ter approximadamente nove metros de comprido. A' entrada d'esse corredor, á esquerda defronte do referido quarto de *toilette*: ficam os aposentos do estudante, a seguir a sala e quarto do sr. Accacio Antunes e da direita no ultimo lado do segundo angulo o W. C. o quarto da creada, o da dona da casa e ao fundo a olhar para a rua D. Pedro V a sala de jantar.

A creada era uma rapariguita de 18 annos incompletos, pois os fazia em 13 de maio, de nome Maria Faria Areosa, filha de João Faria Areosa, capataz das obras do hospital Miguel Bombarda, e de Maria Faria Areosa, domestica, moradores n'uma casa abarracada do pateo dos Ourives, n.º 5, á rua de Arroyos.

A' hora habitual, 7,30 da manhã, a creada levantou-se o dirigiu-se ao quarto da ama, onde recebeu cinco tostões em prata para as primeiras despezas. Pouco depois, segundo ella conta e a sr.ª D. Beatriz nos relatou, bateram á porta da escada. Mesmo descalça como estava, a Maria foi á porta.

Era o leiteiro um garotito de nove para doz annos. Medido o leite, a pequena, deixando a porta aberta por esquecimento, dirigiu-se á cosinha onde tratou de accender o lume. De repente appareceu-lhe um homem alto, magro, com melenas, pequeno buço e em cabello, vestindo fato de ganga completo, com umas cordas na mão e um lenço encarnado. Assustada, a pequena, que se voltára com tenção de ir fechar a porta, foi violentamente amordaçada pelo tal homem que, levando-a para o quarto de «toilette», como ella confessou pela primeira vez, embora depois se contradissesse, ahi a deshonestou, arremessando-a depois por uma das janellas d'esse quarto que deita para o becco do Alto do Longo, uma viela de pouco mais de metro de largura e que contorna os predios em meia laranja a dar serventia para a rua do Seculo.

A pequena, com a queda, de cinco metros de altura, deslocou a perna esquerda o contundiu os pés nas pedras salientes da calçada. Contorcendo-se com dôres, aos seus gritos varios visinhos abriram as janellas d'aquelle lado do predio.

A creada da senhoria do predio, que viera egualmente á janella e viu o que se passava, desceu ao 2.º andar e bateu fortemente á porta da sr.ª D. Beatriz, que, levantando-se a custo e não sabendo do que se tratava, começou chamando pelo sr. Accacio Antunes e pelo filho, apparecendo pouco depois este, ainda em trajes menores, á janella por onde a Maria fôra arremessada.

Chamada a policia, a pequena foi levada ao posto da Misericordia, recebendo ahi os primeiros curativos e seguindo para o hospital de S. José onde foi devidamente pensada pelo sr. dr. Schultz o enfermeiro Rocha, recolhendo depois á enformaria de Santa Joanna.

E o auctor do crime? Misterio. Ninguem o viu, ninguem sabe por onde ello sahiu, nem d'ello ficou o mais pequeno vestigio.

O caso produziu, como era natural, o maior alvoroço.

A mãe da Maria Areosa foi ao hospital ver a filha ouvindo da sua bocca o relato que acima deixamos feito. A pequenita tem trez irmãos: Antonio, de 7, Lucinda, de 5, e Cecilia, de 3 annos.

O caso por ora conserva-se envolto em profundo misterio e apesar de já terem sido ouvidos a victima e o leiteiro, pelo chefe Murtinheira, nada se apurou ainda, esperando-se o resultado official do exame medico para se saber se se trata realmente de um crime ou de uma allucinação.

No sitio corriam varias versões sobre o caso.

PELOS TRIBUNAES

Territorial de guerra

Sob a presidencia do coronel de infantaria 2 sr. Boaventura Noronha, reune no dia 25 o segundo tribunal de guerra para julgar Antonio David, soldado numero 162/6470 da 8.ª companhia da guarda fiscal, accusado de offensas corporaes voluntarias de que resultou a morte do sr. Alberto Duffner Pereira Barbosa, empregado superior do ministerio das finanças, crime que se deu em Moscavide. A audiencia está marcada para as doze horas e o tribunal será constituido pelos srs. dr. Antonio Campos, juiz auditor; tenente-coronel Feliciano Pinto, promotor de justiça; major Camara, defensor officioso, e alferes Paula Pacheco, secretario. As testemunhas de accusação são 9 e as de defeza 8, sendo o reu defendido pelo coronel de infantaria 5 sr. Manuel Augusto Mattos Cordeiro, ao tempo commandante da guarda fiscal.

Boa-Hora

No 2.º districto criminal, em audiencia de juri, presidida pelo juiz sr. dr. Almendra, representando a accusação o sr. dr. Macedo dos Santos e estando a defeza a cargo do sr. dr. João de Freitas, respondeu o sr. Estevão de Carvalho, director do jornal «O Zé», accusado de ter n'esse jornal injuriado e diffamado o sr. presidente da Republica. O juri deu o crime como não provado por unanimidade, sendo o reu absolvido.

VIDA ARTISTICA

OS CLAUSTROS DA SÉ

Vão ser reconduzidos ao plano primitivo, demolindo-se os casebres em que habitava o pessoal do templo

A commissão dos monumentos nacionaes, secundada pelo architecto que actualmente dirige as obras de reconstrucção da Sé e por outras entidades, entre as quaes o presidente da commissão dos bens das egrejas, acaba de alcançar a promessa official a uma velha aspiração: reconduzir o claustro da cathedral lisbonense ao seu primitivo plano architectonico d'uma alta belleza artistica, impossivel de reconhecer nos amontoados de casebres que n'um periodo de 40 annos alli se edificou.

Não foi sem difficuldades que a commissão obteve o seu *desideratum*, pois que as gentes de sacristia albergadas n'aquellas dependencias conseguiram atravez de tudo, contrariar os desejos da aggremiação artistica que defendia o patrimonio monumental da cidade. Durante muito tempo allegou-se a circumstancia da verba que resultava do aluguer d'essas casas e, por espirito de economia publica, sacrificar o bello, o magnifico claustro, que é uma excellente manifestação da architectura romanica. O attentado contra a esthetica prevalecia, apezar da receita não ser coisa que merecesse a pena tal sacrificio artistico.

Ultimamente, encontrando-se devolutas algumas casas, á commissão dos bens das egrejas pol-as em praça e em vista dos annuncios a commissão dos monumentos iniciou de novo as suas *demarches* para que se não levasse por deante uma situação que depunha contra o gosto artistico da primeira cidade do paiz. E tanto insistiram, que a commissão, ouvidas as rasões dos artistas, accedeu aos desejos que estes manifestaram e não só as casas foram retiradas da praça, mas até se obrigou perante os commissionados, a facilitar-lhes a tarefa no que respeita ás restantes, logo que terminassem os actuaes contractos. Em vista d'essa resolução, que foi communicada ao ministro do fomento as casas que pejam os claustros da Sé devem começar a ser demolidas, no dia primeiro de abril. Quando esse trabalho estiver concluido, o claustro ficará merecendo a visita dos que se interessam pelas coisas a que a tradição, a arte e a archeologia emprestam um perfume especial. A commissão, dada a impossibilidade de se coduzir esse claustro ao seu primitivo traçado, procurará, de accordo com o architecto que dirige os trabalhos do templo, realisar apenas uma obra de desafrontamento, o que basta para dar immenso relevo áquella architectura.

TRIBUNAES

Arbitros-avindores

Sob a presidencia do sr. Manuel Pereira Dias, sendo arbitros os srs. Guilherme Caetano Belôto, por parte dos patrões, e Augusto Mello Silva, por parte dos operarios e empregados, e escrivão o sr. Alfredo João Mostardinha, foram apreciadas as seguintes causas:

Ventura Soares, por seu primo, menor, Annibal Marques Pereira, contra Frederico Sequeira, conciliaram-se pela quantia de 2$00; Augusto Machado, por seu primo, menor, Manuel Aguiar, contra João Amadeu Loureiro, idem por 2$00; Antonio Vianna de Abreu, contra Segundo Aspera Ermida, idem por 22$80; Chrispim Albino Santos contra Joaquim Marques, desistiu da queixa; Manuel Rocha contra Antonio José de Carvalho, adiada por o reu ter faltado, apresentando attestado de doente, e Domingos da Silva contra Francisco Ribeiro, adiada por não ter sido o reu encontrado na morada da queixa.

O Porto n'A CAPITAL

(Serviço telegraphico e telephonico)

A's 18 horas.

Companhia Carris

Reuniu hoje em assembleia geral a Companhia Carris, que ultimamente tão discutida tem sido. Foram discutidos o relatorio e contas do exercicio findo, tendo sido approvados. Procedeu-se depois á eleição dos corpos gerentes, tendo sido reeleitos os do anno anterior.

SPORT

Conselhos de um campeão

Nos meios da primavera que agora começa, devem realisar-se em Lisboa grandes corridas ciclistas e affirma-se que o proprietario do Velodromo do Stadium, que é um sportsman *convicto e de rasgadas iniciativas, pensa contractar corredores estrangeiros. Mas teremos corredores em condições de se apresentarem e competirem com os estrangeiros? Não o podemos dizer, mas garantimos que temos excellente* materia prima *de onde se extrahirão campeões se quizerem trabalhar e se respeitarem como alcorão os seguintes ensinamentos, dados pelo famoso Ellehaard, e que se chamam o «segredo do dinamarquez». «A minha rotina é simples. Deito-me cedo no inverno e no verão. Nunca fumo e não bebo licôres nem aguardentes. O vinho pouco alcoolico e a cerveja tomada com moderação, depois de boas refeições, não são nefastos e são o que tomo. Bom ar e muito exercicio tornam-se necessarios mas sem chegar ao esfalfamento. Quando me treino durante uma semana não abuso do* sprint. *Os repousos frequentes durante uma epocha são mais proveitosos que uma longa paragem exigida por excesso de trabalho. Um erro que em geral commette a maioria dos amadores é o de querer alcançar* fórma *no principio da epocha. Os campeões não podem ser campeões todo o tempo. Um dos melhores guias para o treino é o chronometro, mas é prejudicial ao corredor a tentativa* contra-relogio *quando ainda se não está bem preparado. Corre-se o risco de perder em pouco tempo todo o beneficio da sua preparação.*

Se o ensaio contra o tempo não é satisfatorio, deve-se gastar mais semanas antes de recomeçar. E' preciso tambem verificar o peso que se perdeu.

Quando percorro 200 metros em 12 segundos, verifico que estou em magnifica fórma *e entrego-me ao trabalho quotidiano. Sei que é impossivel percorrer essa distancia em 11 segundos e que são inuteis todas as tentativas para a percorrer em menos dos 12 segundos.*

Quando um ciclista pode fazer um sprint *rapido em 200 metros, deve* tomar *a cabeça ao toque da campainha nas pistas pequenas. Pelo contrario, nas grandes pistas, deve accelerar a pouco e pouco de fórma a estar* lançado *aos 300 ou 400 metros. E' bom ter presente que certos homens que são considerados* rapidos *muitas vezes são agarrados junto* á linha de chegada.

Muitas coisas indicam um futuro campeão nos seus principios. Mas são absolutamente necessarias uma ou duas epochas para se desenvolver. Corredores que tinham preciosas qualidades para serem campeões abandonaram a lucta, absolutamente desanimados. Esqueceram que, com methodo e bom treino, podiam triumphar. Com effeito, dez por cento dos corredores não são campeões, o que os não impede de ganhar algum dinheiro, n'esta profissão, que é bem interessante».

Nota do dia

Gimnastica artistica de amadores

O melhor trabalho apresentado pelo Gimnasio Club no seu ultimo sarau foi o do *voos* á Leotard pelos gimnastas Levy Jenochio e Carlos d'Abreu.

O seu numero é evidentemente uma bella manifestação artistica, que valeu esta opinião do Duarte Holbeche, em reunião de todos os gimnastas antigos e dos gimnastas e professores de hoje.

—E' o melhor numero de *voos* que o Gimnasio Club organisou nos seus 40 annos de existencia!

Esta phrase foi corroborada por muitos dos assistentes, que tributaram aos dois gimnastas applausos nutridos e justificados.

Mas em que se resume o trabalho dos dois gimnastas portuguezes? Em pouco mais do que o que ultimamente temos visto em exercicios identicos, mas esse pouco é apresentado com tal arte, vivacidade de execução, graciosidade de movimentos e certeza de *tempos*, que fórma, no conjuncto, um primor de execução em trabalhos de gimnastica aerea.

O resultado obtido é maravilhoso e d'elle nos aproveitamos para tirar os seguintes ensinamentos: Se o numero é vivo, deve-se á persistencia do trabalho e ao treino constante que dá resistencia ao gimnasta e lhe mantem um folego excepcional. Se o numero é vistoso deve-se á competencia de Levy, que, sendo professor de gimnastica, procura o *ensemble* que melhor se adapta ao nosso gosto. Se tem ligeiras modificações, deve-se ao desejo que ambos manifestam em egualar ou fazer melhor que os outros. De resto, é com estes trez recursos que se póde triumphar no *sport*: persistencia e methodo no treino; vivacidade e certeza na execução; pundonor para egualar os primeiros e os campeões ou produzir melhor.

Algumas anecdotas

O boxeur, o actor e o sapateiro de S. Francisco da California

Havia em S. Francisco da California um sapateiro que tinha fama de extremamente ganancioso e de não arriscar um dollar sem ter a certeza de que o lucro seria compensador e exhorbitante. Jefries, o celebre campeão do mundo de socco, homem irrequieto e jovial, soube d'isso e resolveu fazer uma partida ao sapateiro. Planeou e poz em pratica uma ideia atrevida e audaciosa.

Foi á sapataria e comprou um par de botas. Deteriorou-o com o fim de o fazer trocar. Procedeu de egual maneira mais cinco ou seis vezes. O sapateiro impacientou-se, perdeu o sangue frio e prohibiu Jeffries de lhe tornar a entrar na loja.

Um dia o actor Hayes, o amigo de Jeffries —e tão parecido com elle que até pareciam irmãos—precisou de comprar uns sapatos. Jeffries indicou-lhe o sapateiro a quem fizera a partida e Hayes para lá se encaminhou, sem nada suspeitar ácerca do que se havia passado entre o seu amigo e o commerciante. Mal sabia elle que a sua semelhança com Jeffries lhe ia occasionar um desagradavel quarto de hora.

O negociante, a principio, não reparou em Hayes. A affluencia de compradores era grande, e o actor poude escolher á vontade o que desejava, sem que o sapateiro désse por elle. Mas quando ia a pagar, a victima de Jeffries viu-o, e com os labios espumantes, irado e terrivel, lançou-se sobre Hayes e perguntou-lhe o queria d'ali.

Como é de suppôr, a primeira impressão de Hayes foi de pasmo e surpreza. Não encontrou resposta para dar, tal a estranheza da attitude do sapateiro.

O silencio e o embaraço de Hayes mais encolerisaram o vendedor de calçado, que em tom violento e modo aggressivo repetiu a pergunta que fizera.

Hayes, retomado o sangue-frio e a serenidade exigiu uma explicação.

—«Uma explicação?! replicou o sapateiro com gesto ameaçador. Pois quer uma explicação? Com muita sorte está o senhor que eu seja um homem de sangue-frio, porque apesar da altura e da corpolencia que tem, saiba que eu não hesitaria em partir-lhe a cabeça com isto» e brandia um martello de dimensões respeitaveis.

«E' preciso ter uma grande dose de descaramento para vir outra vez a minha casa, provocar-me, depois de todos os dissabores que me causou! Saia, saia já, porque se o não faz, esqueço-me de que sou um homem cordato e de que sou chefe de familia numerosa».

A primeira impressão de Hayes foi a de que o sapateiro estava louco furioso. Achou que era bom usar de diplomacia, embora a excitação produzida pela attitude do sapateiro o impellisse a um desforço violento.

Preferiu provocar a tal explicação.

—«Creio que o senhor está gracejando, porque nada ha que justifique o seu modo de proceder. Não o conheço, nem nunca o vi senão hoje. E' a primeira vez.»

Então o sapateiro, tremendo de raiva, lançou-se sobre Hayes com o martello erguido no ar. Hayes apenas teve tempo para se esquivar á aggressão e applicar um formidavel *uppercut* que atirou a terra o sapateiro e teve o dom de lhe acalmar um pouco as iras, convencendo-o da necessidade de entrar em explicações. Certificou-se então de que Hyes era unicamente um simples comprador, pacifico e innocente.

Hayes contou o que se passára ao seu amigo Jeffries, e lembrou-se, então, de que o homem que tanto havia atormentado o commerciante de calçado não podia ter sido outro senão elle, e á força de teimar e pedir, conseguiu a confissão de que fora uma partida premeditada. Hayes mostrou claramente o seu desgosto pelo succedido, mas acabou por se rir e achar graça ao amigo.

Noticias

Entre nós

A «tournée» do Sporting Club

No rapido da tarde de hoje chegaram de Vigo os *footballistas* portuguezes que constituem o primeiro grupo do Sporting Club de Portugal. Vinham encantados com a sua *tournée* pela Galliza, onde jogaram dois desafios, terminados um por um *empate* e outro por uma victoria. Das suas impressões pessoaes colhemos como á mais interessante aquella que dá como excellentes companheiros e gentilisimos camaradas os jogadores do Foot-ball Club de Vigo, ainda que nunca fossem desprimorosos os jogadores do Fortuna Club.

Com esta *tournée* torna-se possivel a visita do Foot-ball de Vigo a Lisboa, nas ferias da Paschoa ou em maio.

«Tatter-sall Portuguez»

A Escola de Educação Phisica está decidida a lançar no nosso meio o *tattersall*. Para isso, está dando prova d'uma tenacidade e boa vontade que não são já correntes quando no nosso meio sportivo se trata de propagar uma ideia ou fixar um uso. No proximo domingo effectua-se o terceiro leilão mensal dos subordinados áquella denominação. O local é, como até aqui, o vasto picadeiro da Escola, na rua da Escola Polytechnica, e na sua secretaria tomam-se desde já nota de todos os artigos que para ali sejam enviados, a fim de entrarem em leilão.

Os desafios de domingo

No proximo domingo effectua-se no Stadium de Lisboa o desafio official de *foot-ball* entre o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa e Bemfica, devendo disputar-se, definitivamente, a posse da *Taça* do campeonato de Lisboa.

No Liceu Pedro Nunes

Realisa-se no proximo domingo, 28 do corrente, ás 14 horas, uma grandiosa festa desportiva promovida pelos alumnos da 5.ª classe, 2.ª turma, em que tomam parte alumnos e ex-alumnos d'este liceu, havendo um renhido desafio de *foot-ball* entre o *team* da Casa Pia de Lisboa e o *team* do liceu. Durante a festa, que deve ser muito concorrida, tocará a banda da Casa Pia de Lisboa.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Proprietarios de confeitarias e pastelarias

Para discussão do relatorio de contas de 1914 e eleição de corpos gerentes, reune a assembléa geral amanhã, ás 20 e meia horas, na rua da Barroca, 107, 1.º

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Sem exgotos e sem illuminação

Escreve-nos o sr. Amadeu da Silva pedindo que chamemos a attenção da camara municipal para o estado em que se encontra a calçada da Picheleira, no Beato; pois não só está intransitavel, como é insupportavel o cheiro que ali ha, devido ás fossas, visto não haver canalisações. Approxima-se o tempo quente e representa essa falta um verdadeiro perigo, pois com facilidade se póde ali desenvolver uma epidemia.

Por mais d'uma vez os moradores de aquella calçada teem representado á camara, sem que vejam as suas reclamações attendidas. Pois a calçada da Picheleira está dentro da area da cidade e os seus habitantes pagam contribuições como todos os outros municipes.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—Aventureira—O fado.
NACIONAL—Não ha espectaculo.
POLITEAMA—Não ha espectaculo.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO—A's 21—Opera: Somnambula.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Gimnasio** — Recita do actor Telmo Larcher—*5028 Lx.—Casa com escriptos.*

QUARTA FEIRA—**Avenida**—Recita do actor Nascimento Fernandes—Reprise do *A. B. C.*—**Politeama**—Estreia da companhia de zarzuella.

QUINTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita promovida pela Federação Academica—Sarau classico de poesia e musica—**Rua dos Condes**—Primeira representação da *Feira da vida.*

SEXTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo.*

—**Gimnasio**—Recita da actriz Elvira Bastos—*O deputado independente—O minuete.*

SABBADO—**Gimnasio**—Recita do actor Mario Duarte—*A bella madame Vargas—A onda.*

Ao correr da penna

Ha um publico que interessa verdadeiramente o auctor dramatico, tanto ou mais que o da primeira representação. E' o do primeiro domingo. Esse é o bom, o verdadeiro publico, que compra os seus bilhetes de tarde e vem ao theatro unica e exclusivamente para se divertir. O publico das primeiras nem sempre decide do exito de uma peça. E' constituido por pessoas que vão de mais ao theatro, conhecem os artistas e as auctores, teem o seu criterio embotado e o gosto cançado e vão para vêr o que vae acontecer, um pouco como aquelle inglez que seguia atravez do mundo um certo domador á espera do dia em que as féras comessem este ultimo.

O publico do primeiro domingo esse vae para se divertir e nada mais. O que elle quer é que o espectaculo resulte bom; que o commova ou o alegre, segundo o genero; e para isso offerece toda a sua boa vontade. Chora com facilidade e ri sem cerimonia. E' alem d'isso o melhor reclamo. O espectador de primeira dirá:—A peça é boa, mas a scena XVIII do 3.º acto...

O do domingo diz ao seu compadre:

—Vae vêr e leva a tua gente. E' de primeira ordem...

E como é dos compadres do bom espectador que vivem as bilheteiras, por isso é que o auctor, saboreada a critica e as impressões dos amigos, espera com anciedade o veredictum do primeiro domingo.

Cyrano

Boatos e informações

A Litographia Portugal, que executou o cartaz do *4028 Lx*, executou um outro tambem illustrado para a *tournée* Chaby.

Na revista *O diabo a quatro*, com que se inaugura a epoca de verão no Eden Theatro, tomam parte artistas d'este theatro e do Avenida. A revista será posta em scena com o maior esplendor.

Na proxima epoca far-se-ha reprise no Apollo da phantasia de grande espectaculo de João Phca e André Brun *O diabo que o carregue...* estreiada ha cinco epoca, no Rua dos Condes.

Circos & Music-halls

As antigas e novas companhias de circo

E' grande a differença entre as companhias de circo de ha 40 annos e as de agora. Estas são variadas de trabalhos, mas estes são, em geral, vistosos e de pouco merecimento. As companhias actuaes pertencem mais ás chamadas variedades *e ao* music-hall *que ao circo.*

As companhias antigas, pelo contrario, eram constituidas por verdadeiros gimnastas, ás vezes formando uma unica familia, possuindo elementos para desempenhar um programma completo.

Ha 40 annos, pelos circos, havia familias capazes de apresentar quinze numeros differentes n'uma noite. Faziam de palhaços, acrobatas, saltadores, equestres, excentricos, equilibristas, jongleurs e gimnastas! Um reflexo da organisação d'esses tempos ainda se percebe hoje, por exemplo, nos Briatore e nos Frediani, que valem por companhias inteiras.

Agora, as coisas mudaram. O artista apparece para fazer o seu trabalho e mais nada faz. Alguns nem sabem espiar um apparelho de gimnastica ou figurar n'uma batuda *de saltos! Desappareceu o homem de circo, o verdadeiro saltimbanco, para haver o* especialista *de certos trabalhos. E' como nos medicos, desappareceu o «clinico geral» para haver o «especialista». Mas, no circo como na medicina, ha especialistas que fazem menos que os outros...*

Noticias

Entre nós

Amanhã estreiam-se, no Salão Foz, os duettistas Beriguardis.

—Os palhaços Rico e Alex fazem a sua primeira festa artistica, no proximo sabbado, no Coliseu dos Recreios.

—No animatographo do Rocio estreia-se hoje a pelicula de arte «Uma mulher».

—A companhia infantil de operetta está representando no theatro de Variedades a revista «Piadas e Beliscões».

—Na recita da moda de hoje á noite, no Coliseu dos Recreios, estreiam-se os artistas Gory, concertista de violino, e Zizine Frediani, em saltos. A concorrencia deve ser numerosa porque não havia hoje de tarde camarotes de primeira ordem e restavam poucas cadeiras e camarotes de segunda.

—Na quinta feira effectua-se, no theatro da Rua dos Condes, a primeira representação da revista «Feira da Vida».

—O Coliseu dos Recreios offerece uma surpreza na marcha habitual dos seus espectaculos. Realisa na quinta feira uma «matinée», offerecida ás creanças dos frequentadores das recitas da moda.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21—Piadas e beliscões.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A lei eleitoral»

O sr. dr. Leão Azedo publicou em volume não só a analyse que fez aos projectos de lei eleitoral apresentados e discutido no Congresso, da lei eleitoral de 11 de janeiro de 1915 e do decreto eleitoral de 24 de fevereiro, mas as propostas que apresenta para substituir esses projectos. Estudo completo e minucioso, sem velleidades nem intentos politicos que não sejam os de bem servir a Republica, como o auctor declara, o livro do sr. dr. Leão Azedo vem prestar um grande serviço aos que pelo estudo d'esses problemas se interessam.

«Historia da guerra européa»

D'esta obra, editada pela casa Gonçalves, da rua do Mundo, 14, sahiu o 10.º tomo, abrangendo os acontecimentos occorridos de 1 a 16 d'outubro. O preço de cada tomo é de 5 centavos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 21.—A policia prendeu as vendedeiras de leite Maria Campos e Maria Prisca, ambas de Cernache, por desobedecerem ao guarda civico 95, não lhe consentindo que tirasse amostras do leite para a analise, vasando precipitadamente os cantaros na estrada. São reincidentes, pois já foram condemnadas por adulteração de leite.

—No logar das Carvalhosas, freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, appareceu morto um individuo, cuja identidade não foi reconhecida. O cadaver foi conduzido para o necroterio.

—Foram nomeados assistentes da faculdade de Direito d'esta Universidade os srs. drs. Domingos Vital e João Tello de Magalhães.

—Começaram os actos das faculdades de medicina e sciencias, referentes ao presente semestre.

—Foi nomeado professor para a escola primaria de Oeira o sr. Henriques Augusto de Mello.

—Por ordem superior foram adiados os exercicios de frequencia da faculdade de direito, ficando por isso sem effeito a suspensão das aulas e cursos.

—No dia 29 devem reunir, no Porto os accionistas da Companhia Carris de Ferro de Coimbra, para discutirem e votarem o relatorio e contas finaes da commissão liquidataria.

VILLA NOVA DE FOZCOA, 20.—Para o congresso extraordinario do Partido Republicano Portuguez, a realisar brevemente n'essa cidade, foram eleitos pelas commissões politicas do concelho os srs. drs. Pires de Vasconcellos, Orlando Marçal e José Joaquim Marques, constando que outros elementos irão representar outras commissões que vão deliberar sobre o assumpto.

—A camara municipal e a commissão executiva deliberaram não acatar os decretos dictatoriaes do governo, por offensivas á Constituição, solidarisando-se assim com a camara municipal d'essa capital.

—Fala-se n'uma grande manifestação de simpathia promovida pelos representantes d'esse concelho ao sr. capitão Tavares de Carvalho. Uma commissão numerosa de politicos locaes irá a Coimbra, onde actualmente reside o capitão Carvalho, realisando-se ali um banquete a que assistirão amigos do homenageado, de Lisboa, Porto, Figueira da Foz e Coimbra.

Movimento maritimo

Bordeus, «Divona» (Brazil) 23
L. Marques, «Dorban Castle» (Lond.) 23

CAPITULO VIII

A grandeza e a decadencia da Turquia

A agonia do imperio ottomano começou. Questão de dias, de horas talvez, mas é um facto prestes a consummar-se. Os navios dos alliados penetraram já nos Dardanellos e embora tenham soffrido perdas serias a sua acção ha de proseguir até ao fim, até á tomada da capital da Turquia, da linda Constantinopla, cujo porto é considerado como um dos mais bellos do mundo.

O archiduque Carlos Francisco José, generalissimo austriaco

Os turcos, oriundos da Asia e do Turkestan chinez, da familia dos hunos, dos hungaros, dos mongoes, fundam um imperio asiatico sobre as ruinas do imperio dos seldjoucidas, nos fins do seculo XIII.

Estendem o seu dominio aos territorios do imperio grego. Em 1360, Amurat estabelece-se em Andrinopla; na lendaria batalha de Kossovo, derrota os bulgaros, os servios, os bosniacos e os albanezes, colligados contra elle. Em 1453, Mahomet II apodera-se de Constantinopla e os musulmanos installam-se no centro da Europa; as suas vanguardas chegam a Belgrado e até Vienna, a que põem sitio. As suas armadas dominam o Mediterraneo e contrapõem-se á auctoridade de Veneza, de Genova, da Hespanha e da França no Adriatico, no mar do Archipelago e até mesmo no golpho de Leão.

A batalha de Lepanto detem-os por mar, emquanto a sua expansão por terra se prolonga até fins do seculo XVII.

A Europa começa a tomar folego e reage contra a presença d'esse extranho. A febre agita as populações locaes, depois propaga-se ás nações longinquas.

O espirito das cruzadas insinuou-se nos calculos dos politicos. A liquidação do imperio turco torna-se o grande problema dos diplomatas, que comprehendem que a sorte dos territorios occupados pela conquista ottomana dará logar, primeiro, a violentas luctas para os recuperar.

pela prosperidade de 50 milhões de homens, encarregado d'uma das mais elevadas funcções européas, alliado fiel da temivel e cobiçosa Allemanha, só póde cumprir esses diversos deveres pela força do seu exercito.

Temos de considerar o exercito austro-hungaro como um complemento previsto do exercito allemão; é a unica maneira de apreciar com exactidão a situação militar da Allemanha, no centro do continente europeu.

A alliança franco-russa poria o imperio dos Hohenzollern n'uma situação difficil se este não pudesse oppôr-lhe a alliança austro-allemã. Bismarck tomou a deanteira quando fundou essa combinação diplomatica e militar e quando a completou com a adhesão da Italia, que, de resto, estava no seu direito de não auxiliar os seus alliados, no caso da offensiva da parte d'estes, no conflicto europeu.

A Austria-Hungria, cuja população se divide assim: Austria, 28.500.000 habit., Hungria, 20.840.000, Bosnia e Herzegovina 2.000.000, tem um total de mais de 51 milhões de habitantes.

O imperio, se chamasse todas as suas forças disponiveis, poderia reunir nas fileiras mais de cinco milhões de homens. Mas a diversidade das raças e as condições orçamentaes complicaram singularmente a applicação do principio da «nação armada». De facto, elementos muito diversos contribuem para a constituição do exercito austro-hungaro e para o seu enfraquecimento.

Por motivo do imperio se compôr de duas partes perfeitamente distinctas, os paizes «representados no Reichsrath» (Austria) e os «paizes da corôa da Hungria», existem trez exercitos differentes: «o exercito commum» ou exercito imperial e real, dependente do ministerio da guerra «commum»; a «landwehr» imperial-real austriaca (ou cisleithana) e a sua «landsturm» dependente do ministro da «Defeza do paiz de Vienna»; a «landwehr» real hungara e a sua landsturm (Honvéd) dependente do ministro da «Defeza do paiz de Budapesth».

Cada um d'estes exercitos tem o seu orçamento especial, votados: para o exercito commum, pelas «Delegações» dos dois parlamentos (austriaco e hungaro), e por cada um d'estes para a sua respectiva «landwehr».

Vê-se como tudo isto é complicado. O exercito austro-hungaro nem por isso deixa de ser uma força real, sobretudo por motivo da casta quasi hereditaria em que se recrutam os seus officiaes. Esta feição é demasiado caracteristica para que a não mencionemos, segundo uma phrase muitas vezes repetida: «O exercito é a Austria».

Sendo a dedicação á dynastia a grande força da união n'um imperio feito de pedaços, o exercito e especialmente o quadro dos officiaes e officiaes inferiores são os defensores natos da unidade imperial, e esse sentimento mal definido, mas tenaz, chega ao ponto de inquietar até as ambições regionalistas.

O escriptor que já citámos, H. Steed, diz a tal respeito:

«Apesar de muitos d'elles sahirem da nobreza e até da alta aristocracia, a massa do corpo dos officiaes é recrutada nas classes medias e da pequena burguezia e compõe-se de homens de fortuna mesquinha. O nascimento traz comsigo muito poucos ou nenhuns privilegios... Existe na Austria uma nobreza militar, uma especie de casta dos Samouraï, exactamente como existe uma nobreza buroratica: grande numero de familias de fortuna modesta teem sido «militares» durante gerações e gerações, mandando todas ou quasi todas seus filhos para o exercito ou para a marinha. Esse fundo de familias militares é uma das grandes reservas da dynastia. Usar o uniforme do imperador tornou-se para ellas uma segunda natureza. Não se contentam com ser retintamente «pretos e amarellos»—as côres austriacas—, mas são tambem o que o imperador chama «patriotas por mim». O seu espirito serve de fermento ao conjuncto da massa militar, conquista os camaradas despro-

vidos de tradições de familia e infiltra-se até aos simples soldados. E' no seu acampamento que está a «Austria».

Por solido que seja esse corpo de officiaes, a sua tarefa não deixa de ser ardua e a sua acção necessariamente restricta n'um exercito onde os soldados pertencem a tantas raças differentes, falam linguas ou dialectos diversos e teem aspirações muitas vezes contrarias á propria existencia do imperio. Steed diz—e tem razão—que a manutenção do sentimento militar e d'uma organisação quasi effectiva n'esse «labyrintho» é um milagre.

A reorganisação dos exercitos austro-hungaros foi levada a effeito por leis recentes, especialmente a lei geral de 5 de julho de 1912.

O exercito activo conta, em tempo de paz, 34.000 officiaes e 390.000 homens com 90.000 cavallos. Essas forças são assim repartidas: exercito commum, dois annos de serviço; «landwehr» activa, dois annos de serviço. E' pela tiragem á sorte que os recrutados são classificados n'uma ou n'outra parte do exercito activo. Em tempo de guerra, o exercito activo e o de reserva teem 1.800.000 homens com instrucção militar; a territorial, milhão e meio, comprehendendo duas classes (dos 19 aos 37 annos, dos 37 aos 42) e a «ersatz reserve», em numero de 500 mil os ultimos e uma boa parte da «landsturm» tendo uma instrucção militar muito insufficiente e quadros de officiaes que quasi só no papel existem.

A Bosnia e a Herzegovina são obrigadas pela lei de 11 d'agosto de 1912 a fornecer um contingente á parte e que é calculado proporcionalmente á sua população.

Pela applicação da lei de 1912, as forças austro-hungaras devem elevar-se aos seguintes totaes: infantaria, 683 batalhões com 483 destacamentos de metralhadoras; cavallaria, 353 esquadrões; artilharia de campanha, 348 baterias de canhões (canhão de tiro rapido, de bronze fundido, modelo 1905, de 76,6 millimetros), 132 baterias de obuzes ligeiros, modelo 1899, de calibre 104 millimetros, 30 baterias a cavallo; artilharia de montanha, 62 baterias de canhões e 30 baterias d'obuzes; artilharia pesada, 56 baterias d'obuzes pesados. O restante nos differentes serviços activos ou auxiliares. Em 1913, foram experimentados um morteiro de 30 centimetros, transportavel em trez partes, e uma peça de tiro rapido de 10,5 centimetros, destinados a prestar grandes serviços aos exercitos colligados.

A infantaria está armada com a espingarda Mannlicher, modelo 1895, com punhal-bayoneta. A cada batalhão está adjunto um destacamento de duas metralhadoras Schwarzlose.

O exercito austro-hungaro está dividido em 16 corpos d'exercito e 14 brigadas de montanha. A cavallaria consta de 10 divisões, estando o total dividido pelas extensas fronteiras do imperio e devendo fazer frente ao inimigo no leste, no sul e no sudoeste.

E' extraordinaria a diversidade de linguas empregadas no exercito austro-hungaro. O allemão é empregado no exercito commum e na «landwehr» austriaca como lingua official e de commando, mas as linguas «regimentaes» differem segundo as raças a que pertencem os diversos regimentos. Os regimentos puramente polacos, tcheques, ruthenios e servio-croatas são instruidos nas suas respectivas linguas, embora commandados em allemão, pois que as minorias superiores a 20 por cento no total d'um regimento teem direito a instrucção na sua propria lingua. Nos regimentos magyares, o magyar é a lingua official; na «Honvèd», formada de recrutas da Hungria, é tambem empregado o magyar, mas nos regimentos da «Honvèd» recrutados na Croacia-Slavonia o magyar cede o logar ao servio-croata.

Foi conformando-se com este estranho amalgama de povos que o imperador dizia, a 16 de setembro de 1903, na famosa ordem do dia de Chlopy que foi considerada quasi como um abuso d'auctoridade no sentido unitario: «Uno e indivisivel como é, o meu exercito ficará forte e poderoso para defender a monarchia;

continuará penetrado por esse espirito d'união e de harmonia que respeita todos os caracteres nacionaes utilisando as qualidades especiaes de cada raça para a prosperidade do grande todo».

A armada austro-hungara, que durante muito tempo, propositadamente, teve um papel secundario, limitado ao mar Adriatico, tomou subitamente um grande desenvolvimento, naturalmente por conselhos de Guilherme II.

Os programmas de construcção augmentavam pouco a pouco e comprehendiam em 1912, 12 couraçados d'esquadra, 5 de segunda classe, 6 de terceira classe, 19 contra-torpedeiros e 83 torpedeiros.

O effectivo real é o seguinte: 4 dreadnoughts, 12 pree-dreadnoughts, 3 cruzadores-couraçados, 9 cruzadores, 7 canhoneiras, 18 destroyers, 81 torpedeiros, 13 submarinos.

A artilharia das unidades couraçadas é constituida por: 48 peças de 305 millimetros, 61 de 240, 41 de 190, 66 de 150, 36 de 140 e 60 de 100.

Em 1910, a armada era tripulada por 817 officiaes e cadetes, 671 mechanicos e outros officiaes e cerca de 13.400 marinheiros.

As principaes unidades são o «Tegethoff», o «Franz-Joseph» e o «N.º VII». O grande porto militar é Pola, além d'outros estabelecimentos militares no mar Adritico.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1663 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 23 de Março de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Mau caminho

A demissão do sr. Luiz Derouet do logar de director geral da Imprensa Nacional e a sua immediata substituição pelo sr. Augusto Machado dos Santos são factos que não teem só uma significação pessoal. Definem o caracter d'uma situação que se apresentou ao paiz como vindo pacificar a sociedade portugueza e regenerar a administração do Estado.

Não vemos n'este caso pessoas. Não falamos em nome de partidos. Falamos em nome do prestigio de justiça que deve ter a Republica e do decoro que deve ser norma de toda a acção governativa.

Demissões de funccionarios do Estado, como o governo as está fazendo, não se admittem em parte nenhuma do mundo. Ellas não podem ter uma justificação confessavel. Demittir um funccionario publico, cujo diploma de encarte ainda ha bem pouco o sr. presidente da Republica deve ter assignado, sem invocar nenhuma razão, sem mandar proceder a nenhum processo disciplinar, sem ordenar qualquer syndicancia aos seus actos, é um acto de violencia que não só offende a equidade natural das consciencias como affronta a propria razão.

Não se admitte que o governo demitta sem dizer porquê, como não se comprehende que nomeie sem tambem dizer porquê.

O funccionario praticou actos delictuosos? Ennumerem-se. O funccionario não tinha competencia para o seu cargo? Declare-se. E, por sua vez, affirme-se a competencia superior do cidadão que é chamado a substituil-o.

A conveniencia do serviço para que se appella, tanto para demittir um como para nomear o outro, tem de ser demonstrada pela existencia d'essas razões de justiça e de capacidade.

De contrario, o governo, que proclama que veiu pacificar, só provará que pretende manter e aggravar o estado de conflicto da sociedade portugueza pela pratica de perseguições que o espirito publico engeita. De contrario, o governo, que tem bradado aos quatro ventos que veiu inaugurar uma era de moralidade, só demonstra, na realidade, propositos de favoritismo.

Affirma-se que Portugal, nos anteriores governos da Republica, foi governado como um paiz de cafres. Em face d'estes actos a affirmação faz sorrir.

Se o governo, quando fala em pacificação e moralidade, quer ser tomado a serio, os actos d'esta natureza estão-lhe vedados. Não pode haver pacificação em circumstancias d'esta ordem, em que todos os servidores do Estado, dos mais altos aos mais modestos, não teem seguros os seus logares, não teem garantido o seu pão, vendo a sua propria dignidade exposta a uma humilhante expulsão. E se a tudo aquillo em que a justiça não é respeitada, em que direitos respeitaveis não são acatados, não pode attribuir-se uma caracteristica de moralidade, muito menos ella se pode descobrir em medidas a que não é possivel evitar que se attribua um caracter de favor politico, inspirado por interesses governativos.

Este caminho é perigosissimo. Não podem affectar ignoral-o aquelles mesmos que occuparam o poder, protestando contra perseguições, violencias e irregularidades e affirmando-se contra ellas tão indignados e tão conscios de que era preciso fazel-as cessar que d'essa affirmação tiraram pretexto para iniciar uma dictadura!

Poeira da Arcada

Apesar dos boatos tendenciosos que por ahi teem corrido, as eleições hão de realisar-se no dia 6 de junho. Tenhamos esta data como assente e preparemo-nos para assistir mais uma vez ao espectaculo de uma democracia, á qual a consciencia de um alto dever civico, leva a significar a sua vontade com clareza e com firmeza. Se o futuro parlamento não corresponder ás esperanças que n'elle depõem os que tão afanosamente preparam a conciliação da familia nacional, não será certamente porque os eleitores não tenham a garantir-lhes a plena expressão da sua liberdade as melhores intenções d'este mundo. O que póde acontecer é que essas intenções leves e honestas, cujo zelo e dedicação á Republica estão acima de quaesquer suspeitas, não encontram a protegel-as, contra as surprezas do suffragio, previsões bem estabelecidas—o que transformará as urnas n'uma especie de boceta de Pandora.

* * *

O illustre reitor da Universidade de Lisboa queixa-se dos maus resultados que a experiencia dos cursos livres tem dado. Os alumnos aproveitam-nos, principalmente, para melhor organisarem e sistematisarem as suas poderosas faculdades de preguiça e de bohemia. Será d'elles toda a culpa? Que se interroguem, escrupulosamente, os mestres, a fim de formularem as suas queixas com toda a razão que dizem assistir-lhes. A's vezes, as aulas ficam desertas, porque realmente a sciencia que n'ellas se professa, exerce sobre os espiritos juvenis a mesma attracção que as eloquentes massadas exercem sobre os animos debeis e inconstantes.

* * *

Przemysl cahiu em poder dos russos—o que lhes facilita enormemente a sua obra de invasão dentro do imperio austriaco. Francisco José, cuja velhice se corôa de uma torva aureola de tragedia, ha de sentir, em torno da sua encanecida cabeça, vozes propheticas annunciando-lhe desesperadoras angustias. Todo o augusto orgulho da sua raça, perante as investidas do Inelutavel, se humilhará, como os cannaviaes, quando o vento lhes passa por cima.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

Os sindicalistas inglezes e o governo unidos em face do inimigo

Acabaram as gréves—Trabalho intensivo

Londres, 20 de março

Chegaram finalmente a completo accordo o governo e os representantes do operariado. O governo propõe que os beneficios realisados nas fabricas requisitadas pelo estado ou sob a sua fiscalisação não possam ir além de 10 0|0; o excedente reverterá para a nação.

Os sindicalistas suspendem a execução dos regulamentos que prescrevem o limite de producção e os operarios passam a ter um augmento nos salarios. As tabernas existentes em certos bairros operarios só estarão abertas do meio dia ás duas da tarde e das sete ás nove da noite.

Os representantes dos operarios assentiram em recommendar aos seus companheiros que se abstivessem de gréves, durante a guerra, quando estejam empregados em manufacturas de munições, equipamentos, ou quaesquer artigos necessarios para o exercito.

De commum accordo ficou assente submetter á arbitragem do governo os conflictos que surjam entre o trabalho e o capital quando não possam ser amigavelmente resolvidos.

Os delegados dos sindicatos attenderam aos diversos pedidos do governo, com a condição d'estas convenções serem validas apenas emquanto durar a guerra e não prejudicarem os direitos dos operarios depois d'ella terminar.

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

Medicos: precisam-se...

As difficuldades de assistencia na Grã-Bretanha augmentam; muitos medicos portuguezes podem ali encontrar uma clinica remuneradora

... Divaga-se, como de costume, sobre a guerra. Um amigo meu, clinico distincto, muito viajado e profundo conhecedor das coisas lá de fóra, accentua este facto interessante: a falta de medicos que dia a dia se nota cada vez mais na Grã-Bretanha.

Effectivamente a necessidade de organisar um grande exercito cujos elementos foram exclusivamente buscar-se ao voluntariato atirou para os campos de batalha uma grande parte da collectividade medica ingleza. O resultado foi verem-se regressar ao exercicio clinico medicos de 70 annos, e, como isso não basta para preencher todas as lacunas existentes, recorre-se ao expediente de utilisar os clinicos estrangeiros que queiram aproveitar esta excellente occasião de ver de perto as libras esterlinas. Assim, qualquer pessoa diplomada por uma escola estrangeira de medicina, reconhecida officialmente em Inglaterra, tem a sua vida assegurada n'aquelle paiz desde que, no *Examining Board*, se sugeite á formalidade de uma prova generica que lhe faculte o direito de exercer a clinica na Grã-Bretanha.

—Mas n'esse caso dispomos de um excellente derivativo para obviar a plethora de medicos que se nota por ahi...

—Não é tanto assim.

O meu erudito companheiro não participa, decididamente, do meu enthusiasmo. Vejamos:

—Em primeiro logar, ha um grave inconveniente: os medicos portuguezes não são, na Inglaterra, officialmente reconhecidos como tal.

—!?

—Assim mesmo. Note que eu disse apenas—officialmente. Perante a lei ingleza, as universidades portuguezas é como se não existissem. Desprimor para comnosco? Não. A culpa é inteiramente nossa. A culpa é do tradiccional desleixo que a tudo preside n'esta terra. A prova é que, tendo-se pedido informações para Londres, o secretario do *Conjoint Board* de Inglaterra respondeu o seguinte:

E, desdobrando um exemplar d'*A União Medica*, leu estes periodos de uma carta traduzida do inglez:

Tenho a honra de accusar a recepção da sua carta de 6 e tenho o prazer de lhe responder o seguinte:

1.º—Que até ao presente esta Associação não incluiu na sua lista de Universidades reconhecidas nenhuma Universidade medica portugueza, e que a rasão d'esta omissão é que nenhum pedido nos foi feito para esse fim;

2.º—Que, agora que eu vi as condições que me mandastes, me parece que é tempo, e que será bom que esta Associação tome em consideração o reconhecimento das vossas Universidades Medicas.

3.º—Que, portanto, se vós tiverdes a bondade de me mandar um requerimento pedindo para que as trez Universidades sejam addicionadas á lista das Universidades reconhecidas por esta Associação, o *comité* da direcção tomará conhecimento d'este assumpto muito breve.

4.º—Que se o *comité* reconhecer as trez Universidades, um graduado em medicina de alguma d'essas Universidades será admittido ao ultimo exame d'esta associação *por direito*, apresentando os devidos certificados de estudo e graduação.

5.º—Que para este exame hão-de pagar de propina vinte guineus (21 libras), e terão de pagar a somma de 20 guineus pelo diploma, prefazendo o total de 40 guineus.

....

—E' claro que se deram já os passos necessarios para o reconhecimento das nossas faculdades de medicina?

—Sem duvida. Mas isto representa apenas um capitulo dos trabalhos a que está procedendo o illustre director d'*A União Medica*, dr. Sant'Anna Marques, cuja energia e dedicação nunca serão sufficientemente exaltadas, a fim de facilitar a ida á Inglaterra dos medicos que desejem preencher vagas dos collegas inglezes em serviço na guerra e queiram ali exercer clinica em condições certamente melhores que as que teem cá. Ha, porém, um outro capitulo, que constitue a parte mais difficil do problema, visto que a sua resolução depende das nossas estações officiaes. Consiste em obter o que os inglezes chamam *degree*, o grau, que só póde corresponder entre nós ao doutoramento. Em Inglaterra ha, como sabe, varios graus para os medicos: o de *Licenciate of the Royal College of Physicians (L. R. C. P.)*, *Meuber of the Royal College of Physicians (M. R. C. P.)*, *Fellow of the Royal College af Physicians (F. R. C. P.) Medical Bachelor (M. B.)* e *Doctor of Medicine (M. D.)*.

Os cirrugiões teem os seguintes: *Fellow of the Royal College of Surgeons (F. R. C. S.)*, *bachelor of surgery (B. S.)*, e *Master in Surgery (M. S.* Outros graus existem ainda menos correntes, mas os principaes são os que acabo de citar. Ora nós não temos actualmente em Portugal senão o grau de doutor e a grande maioria dos medicos portuguezes nem esse titulo possuem; as suas cartas mencionam, para os de Coimbra, o antigo grau de *bacharel formado em medicina*, para os de Lisboa e Porto, o simples titulo de *medico-cirurgião*.

—Mas a legislação da Republica ja equiparou esses titulos aos de doutor em medicina...

—E' certo: foi o decreto de 18 de novembro de 1911. Mas isso não basta. Os medicos portuguezes que pretendam ir exercer clinica a Inglaterra, á semelhança de muitos collegas seus dos paizes neutraes que encontram actualmente nos hospitaes civis d'aquelle paiz situações garantidas e ordenados fabulosos, teem de se apresentar com a carta de doutor. O governo deve, pois, de accordo com os interesses da classe medica, auctorisar quanto antes a troca de diplomas de medico cirurgião por diplomas de doutor em medicina. Sem isso, nada vale, para o caso que em Inglaterra promptamente reconheçam as nossas Faculdades.

—O tempo que tudo isso vae levar...

—Ah! não, não... A procura de medicos na Grã-Bretanha é enorme, os ordenados sobem de dia para dia. Mas, se nas estações officiaes não resolvem prompamente o assumpto, é inutil falar-se mais n'isso. Passada a occasião, o mais que podemos é constatar que a perdemos. Que parece, infelizmente, ser o destino d'esta malfadada terra—*perder occasiões*...

Hermano Neves.

Migalhas

Péga de recurso

Avalio, até certo ponto, o grau de interesse que despertam os acontecimentos da vida nacional pelo numero de cartas ou de bilhetes que recebo a propôrem-me assumptos para estas chronicas. Mal que se dá um caso de relativa sensação, logo acodem trez ou quatro pessoas das que teem o mau séstro de me lerem e, depois de me dizerem amabilidades, que deixam quasi ruborisada a minha reconhecida modestia, convidam-me gentilmente a tratar do assumpto. Estes convites são o *pendant* das missivas anonimas com que por vezes sou obsequiado e muitas das quaes me divertem.

Pois, senhores, ha quinze dias pelo menos que não recebo um assumpto pelo correio e, pelo que respeita a descomponendas sem assignaturas, não me chegou ás mãos senão um bilhete de um allemão, que tratando a sintaxe e a ortographia portuguezas como os seus compatriotas trataram a cathedral de Reims, me communicava que um portuguez foi condemnado n'um tribunal militar de Paris.

Com franqueza é muito pouco e, com franqueza, a não falar na dictadura, que só interessa aos politicos visto que elles tiveram a arte de desinteressar o paiz da politica, ou na guerra, que já conquistou um pouca na nossa curiosidade, declaro que não vejo por hoje, por mais gazetas que leia e por mais que busque caçar no ar um lampejo de inspiração, nada que lhes diga de interessante. Das duas uma: ou realmente a vida portugueza anda falha de interesse ou então sou eu que a vejo mal.

André Brun.

Os manejos da Allemanha na Persia e Afghanistan

Londres, 19 de março

Possue o governo britannico documentos comprovativos de que o corpo consular allemão na Persia e os agentes da casa allemã Wonekhaes organisaram intrigas com o fim de facilitarem a invasão da Persia pelos turcos e revoltarem as tribus contra a Grã-Bretanha, o que constitue uma violação da neutralidade persa. Os mesmos agentes tinham organisado uma conspiração em que esperavam implicar o Afghanistan e o exercito indiano da fronteira.

O governo tem em seu poder as communicações trocadas entre a legação allemã na Persia e o consul allemão em Bouschir; importantes carregamentos de armas chegaram a esta ultima região, sendo transportados para o interior com a cumplicidade da gendarmeria e dos officiaes suecos, por instigação da legação allemã.

Os telegrammas trocados entre a legação e o consul mostram irrefutavelmente a sua cumplicidade; o consul telegraphou á legação, e um official sueco foi buscar as armas, sendo a intervenção allemã sempre occulta durante estas operações.

Hippophagia obrigatoria

Genova, 19 de março

Os cerebros dos professores allemães estão actualmente em ebulição; quotidianamente vemos surgir os mais extravagantes alvitres. O professor Bulow communicou agora ao *Berliner Tageblatt* a sua ultima ideia.

«Já em tempo de paz,—diz elle,—a carne de cavallo proporcionaria ás classes menos abastadas da população um alimento economico; agora que no decorrer das operações militares grande numero de cavallos absolutamente sãos morrem quotidianamente mais barata deve ser, se se aproveitar a carne dos que morrem instantaneamente, sem que tenham soffrido uma demorada agonia por causa da fome, da sede ou dos ferimentos.

A estação corre ainda bastante frigida e não haverá grande difficuldade em transportar e conservar as carnes, podendo mesmo ser destinada apenas á alimentação dos numerosos prisioneiros asiaticos que temos na Allemanha, o que já representa uma importante economia.

A cathedral de Reims ponto de peregrinação

Milão, 19 de março

Os srs. Gabriel d'Annunzio, o celebre poeta, o Ajjeti, conhecidissimo homem de lettras italiano, estiveram vendo a cathedral de Reims, indo depois visitar o cardeal Suçon que se vira obrigado a abandonar o paço episcopal completamente arrasado pelo bombardeamento, e agora habita em um ponto exposto aos projecteis allemães.

O cardeal declarou aos escriptores italianos que, depois da guerra, a cathedral será concervada durante um anno no mesmo estado em que se encontra como um local de peregrinação a que concoram os catholicos de todos os paizes.

O INCENDIO ALASTRA?

Estados Unidos e Japão

No caso de estalar um conflicto, de que elementos offensivos e defensivos dispõem a grande republica norte-americana e o imperio nipponico?

Ha meia duzia de dias que a questão surgiu de novo. Segundo telegrammas publicados recentemente, os Estados Unidos principiam a recear o poder expansivo do Japão e cuidam tomar medidas que o contrariem. Não tem nada de absurdo semelhante noticia. Antes pelo contrario. Os dois paizes olham-se de revez de longa data. Os Estados Unidos, sobretudo, não encaram com semblante desanuviado, ha uns poucos de annos a esta parte, a ancia de expansão que o Imperio do sol nascente exhibe perante o mundo, verdadeiramente maravilhado pelo seu desenvolvimento colossal e rapido.

E' que no Pacifico, os dois colossos teem interesses identicos. Além d'isso, o Japão, sobrecarregado de impostos, necessitando de dinheiro que lhe permitta desenvolver-se industrial e commercialmente, tem a aspiração de conquistar novos mercados á custa dos Estados Unidos, principalmente. As Phillipinas são ardentemente cubiçados pelos japonezes. E as Fillipinas estão na posse dos norte-americanos desde que a Hespanha as perdeu. A emigração nipponica para S. Francisco da California já forneceu, por mais de uma vez, aos governos de Washington e de Tokio fartos motivos de desavenças perigosas. A guerra entre os Estados Unidos e o Japão tem estado por mais d'uma vez por um fio...

Logo que rebentou a conflagração europeia, o Japão não perdeu tempo em hesitações. Lançou-se no conflicto, indo á conquista de Tsing-Tao e ordenando ás suas esquadras que expulsassem das ilhas do Micronesia os allemães usurpadores. E nas terras que os subditos do kaiser abandonaram, os nipponicos estão presentemente installados, não se sabe se muito resolvidos a retirarem-se logo que se faça a paz. Mas é possivel que as suas intenções sejam outras. Os allemães, é claro, teem opposto á guerra que no Oriente e no Pacifico os canhões japonezes lhe teem implacavelmente movido a campanha de intriga sem quartel. E' o seu costume. E' o seu sistema que já lançou na fogueira que devora o velho mundo uma nação desmantellada e desgraçada—a Turquia.

Terá a China ouvido os cantos da perfida sereia teutonica? Terão os Estados Unidos permittido que a propaganda germanophila acordasse todas as suas antipathias contra o Japão, agora que o imperio do mikado realisava parte da sua chimera expansiva nas aguas serenas dos mares da Oceania? E' um misterio. Os rumores que correm a respeito dos chinezes e dos norte-americanos não nos habilitam a formular opiniões seguras. Mas se a Allemanha intriguista, fazendo a guerra surda das chancellarias, indispondo certas nações neutras contra os alliados, conseguisse arrastal-as á luta, a face da contenda mudaria inteiramente e o mundo viria, provavelmente, a vêr-se n'um dado momento envolvido nas chammas da fogueira que o kaiser ateou e que procura tornar, em cada dia que passa, mais ampla, mais vasta, mais devoradora. Como se assim, a furia teutonica pudesse redimir-se e salvar-se...

Admittamos, porém, que os Estados Unidos da America do Norte aproveitavam o ensejo para obrigar o Japão a manter-se dentro da camisa de forças tecida pelas aguas que cercam as suas ilhas. Qual dos dois paizes tinha mais probabilidades de sahir victorioso d'essa nova guerra? De que força naval e terrestre dispõem um e outro? Formidaveis, pelo que respeita ás primeiras. Esmagadoras, no que toca ao exercito terrestre do Japão. Os Estados Unidos possuem, á sua parte, uma esquadra poderosissima, na qual avultam nada menos de 48 couraçados, sendo 6 de 11:000 toneladas, 3 de 12:000, 8 de 13:000, 8 de cerca de 15:000, 8 de 16:000, 2 de 20:000, 2 de 21:000, 2 de 26:000, 1 de 27:000 e 3 de 9:000. Os canhões de mais de 10 pollegadas existentes n'estes vasos de guerra vae além de 200, havendo n'esse numero bastantes de 14 pollegadas.

Por sua vez, o poder naval do Japão é representado por uma esquadra que bem pode classificar-se de magnifica, cuja parte principal é composta por 31 couraçados, sendo 10 de menos de 10:000 toneladas; 4 de 12:000, 3 de 13:000, 4 de 14:000, 2 de 15:000, 1 de 16:000, 2 de 19:000, 2 de 20:800, 1 de 27:000 e mais 2 de 10:000. O numero de canhões de mais de 10 pollegadas anda por 112, possuindo o grande super-dreadnought *Kongo* 8 peças de 14 pollegadas.

Como se vê, em força material os Estados Unidos excedem o Japão. Mas ficarão, decerto, muito áquem no que respeita á pratica da guerra naval, tão na memoria de todos está ainda Tshushima, onde os marinheiros nipponicos se revelaram dos melhores do mundo. A luta das esquadras japoneza e norte-americana, se se désse, seria terrivel, e não seriam os americanos os que se veriam em melhor situação, dada a difficuldade em que se encontram de passar rapidamente do Atlantico para o Pacifico e a necessidade de defenderem as suas costas e as Philippinas, onde os marinheiros do Mikado podiam effectuar desembarques, invadindo com tropas aguerridissimas o territorio inimigo e ameaçando-o em sua propria casa com uma audacia que os Estados Unidos, com o seu exercito mercenario, não poderiam facilmente esmagar e destruir.

São estas as considerações que resaltam á vista ao pensar-se n'uma guerra entre as duas potencias. Ella deve estar, porém, demasiado longe para que se receie pelo dia d'ámanhã, no que se refere ás relações dos dois povos, rivaes, mas não inimigos. O exemplo da Europa deve servir de lição e de espelho ás duas nações que se olham desconfiadas e impellil-as para o campo onde todas as contendas podem resolver-se a bem. Quanto á China, os seus diplomatas são tão habeis que hão de procurar ficar de bem com todos. E' isso o que está na sua tradição...

O que se escreve e o que se lê

A ultima aventura

por Urbano Rodrigues

Em excellente edição da livraria Ferreira, veiu a lume a peça em um acto *A ultima aventura*, de Urbano Rodrigues, representada pela primeira vez em S. Carlos em 26 de fevereiro, na festa artistica de Leonor Faria. Dissemos então as excellentes impressões que nos deixou o delicado e interessante trabalho do distincto auctor de *Maria da Graça* e a leitura que acabamos de fazer apenas confirmou o nosso agrado. Urbano Rodrigues possue innegaveis qualidades de escriptor dramatico e, se a politica não o absorver, é de esperar que em futuras obras de importancia e responsabilidade superiores á d'esta pequenina peça agora publicada elle nos attesto o muito que valem o seu talento e as suas aptidões para semelhante genero litterario.

O bispo

por José Augusto de Castro

O vigoroso jornalista do *Combate* é um livre-pensador e um adversario acerrimo do clericalismo e seus desaforos. Na sua já extensa lista de trabalhos, *O bispo* representa mais um energico ataque, mais um violento clamor contra o que tem de nefasto a acção clerical, apenas inspirada no odio aos que não commungam nas idéas

---

Folhetim d'A CAPITAL 23-3-1915

Natureza

Ha alguns annos, encontrando-me na ilha da Madeira, fui passar uns mezes ao campo.

Era a uns setecentos ou oitocentos metros de altitude.

Uma região selvagem, cortada por fundas ravinas. A casa alcandorava-se na vertente de uma das soberbas montanhas que recortam no ceu quasi branco as curvas deliciosas; era pequenina e modesta. A povoação dispersava as humildes habitações cobertas de colmo entre os campos de cultura que subiam penosamente e escalonando-se em degraus, pela encosta acima.

Defronte de casa havia um pequeno jardim abandonado, cheio de roseiras bravas e de musgos e atravessado por uma levada sussurrante; havia tambem uma alameda ladeada de buxo secular que erguia as duas altas paredes compactas e desgrenhadas de um verde escuro, semelhante ao do cipreste que junto do portão se levantava apontando o ceu, silencioso e rigido.

A montanha descia, abrupta até ao mar; era um despenhadeiro. E, lá em baixo, o oceano, estendia-se, enorme, até á vaga linha do horisonte onde o ceu se confundia com a agua.

Innumeros barcos de pesca partem todas as manhãs á aventura, afastando-se da costa, aos dez, aos vinte, como pequenas esquadrilhas, de velas enfunadas alvejando ao sol da madrugada; e eu seguia-os com a vista emquanto, diminuindo a mais e mais no afastamento, se não perdiam de todo na immensidão.

Sentia-se o quer que fosse de ethereo na pureza do ar; não havia vento, os passaros não cantavam. De tempos a tempos pairava um vôo lento de ave de rapina. Tudo era immovel, silencioso, de uma austeridade profunda, como na proximidade da morada dos deuses: e todas as coisas tinham um ar augusto de eternidade.

Ao respirar os aromas acres e fortes da terra, ao viver na intimidade da sua belleza grandiosa e selvagem, as preoccupações dos homens civilisados pareciam-me sem valor; achava ridiculo que elles se deixassem absorver tanto por essas miseraveis preoccupações tão ephemeras, tão illusorias, todas feitas de vaidade e sempre interrompidas pela morte!

A morte!

Pensava n'ella constantemente, sem horror, sem tristeza. Foi alli, durante aquelles mezes de repouso, que aprendi a encaral-a com reconhecimento e com veneração, a perder o medo instinctivo e absurdo que ella inspira aos pobres homens que nada teem certo sobre a terra senão o grande abraço final da misericordiosa cegadora.

A pobre gente d'aquella região não tem horror á morte.

Quando morre uma creança, juntam-se parentes e amigos, come-se, bebe-se, canta-se, faz-se uma bella e rude festa pagã emquanto o pequenino cadaver lá no seu quarto mortuario, hirto sobre a enxerga e coroado de flores, sorri vagamente e espera a hora de ser confiado á terra para se transformar em belleza.

Fundida, por assim dizer, na natureza bravia e esplendida que a cerca, a pobre gente d'aquella região, simples, calma e forte como ella, não tem horror á morte.

Não tem horror á morte nem lhe tem medo.

Ao entardecer ia ás vezes por um caminho estreito á beira do abysmo até á ponta de uma rocha que avançava sobre o mar.

Lá em baixo aglomeravam-se as casas escuras e tristes de uma miseravel aldeia de pescadores. A praia era toda de calhau negro rolado e o mar bravejava sempre tornando os desembarques trabalhosos.

Os barcos, de volta da pesca, approximavam-se, lançavam as espias que se desenrolavam no ar como serpentes, e eram puxados a braços, arrastados sobre os pedregulhos pela gente que ia ao seu encontro, seminua, coberta pela espuma das ondas como um bando de tritões.

A praia coalhava-se de povo que se agitava n'uma actividade febril e o peixe espalhava-se luzindo ao sol como se fosse de prata.

Esta scena tumultuosa, vista da enorme altura de onde eu a via, era semelhante á vida de um formigueiro ou de uma colmeia. Creaturas pequeninas, quasi imperceptiveis na vastidão da natureza que as rodeava; creaturas pequeninas e multicolares que faziam gestos e movimentos incomprehensiveis, que andavam, corriam, se juntavam em grupos, se dispersavam, pegavam em pesos, arrastavam objectos informes, se obstinavam n'um labor arduo onde consumiam as forças, onde affrontavam a morte, indifferentes ao cançaço e ao perigo, como as formigas, como as abelhas, sem repararem na immensidade que as cercava, sem a sentirem, sem a comprehenderem, dando á natureza o seu contingente necessario de energias, como os animaes, como as plantas, como a rocha, admiraveis de inconsciente coragem e de submissão á vida e á morte.

E na montanha era o mesmo; todo o dia labutavam pendurados á beira dos abismos, luctando com a rocha, affrontando tempestades, os nevoeiros, a neve... semeando de victimas o seu pobre e obscuro caminho de sapadores, para arrancarem da terra o pão e o calor.

Um dia, durante um dos meus passeios encontrei um rapaz e uma rapariga. Eram ambos de uma belleza calma e perfeita; esculpturaes, resplandecentes de mocidade sadia e forte.

Elle descançara sobre um muro de pedra solta o molho enorme de lenha que trazia aos hombros; ella parára a meio do seu trabalho de sachar uns pés de milho.

Na claridade do entardecer, immoveis, olhavam um para o outro sorrindo.

Fiz lhes umas perguntas banaes sobre as culturas, sobre o trabalho e em breve contavam-me simplesmente a sua vida.

Casavam d'ahi a oito dias e, um mez depois, elle partia para o Labo onde ia trabalhar nas minas de oiro. Contava estar de volta no fim de uns quatro ou seis annos com algum dinheiro para fazer uma casa.

Casava antes de partir porque a rapariga tinha de seu e elle precisava dinheiro para a viagem.

Ella acenava com a cabeça; estava plenamente de accordo.

O lenço cahira-lhe para as costas e o cabello, castanho e frisado, illuminado pela claridade do poente, fazia-lhe uma aureola de oiro.

Do molho de lenha de pinho verde subia o perfume da resina e, lá ao longe, o mar estendia-se até ao infinito.

Estarem casados um mez e depois separarem-se talvez para sempre... O que se lhe havia de fazer? Era preciso tentar a sorte.

E ambos sorriam, serenos e confiantes na vida que os fizera sadios e lindos.

Contentavam-se com o presente, tinham fé no futuro; sentiam-se fortes e felizes.

Que soberba lição para os inquietos e absurdos *civilisados* que se esgotam e se matam á procura de pedras philosophaes!

Virginia de Castro e Almeida.

de certos elementos que julgam poder dominar as consciencias e dirigir a sociedade. Quem é *O bispo?* José Augusto de Castro refere-se a D. Manuel Vieira de Mattos, até ha pouco prelado da Guarda e actualmente arcebispo de Braga. O pamphletario analysa a obra episcopal e as affirmações de documentos prelaticios, verberando-as, e pondo em relevo como uma e outras estão longe de corresponder á doutrina de Christo.

Colonisação e colonias portuguezas

por Fernando Emygdio da Silva

As colonias, consideradas á face do direito, teem sido entre nós por mais de uma vez objecto de conscienciosissimos estudos. Para esses estudos acaba de prestar mais uma valiosa contribuição o sr. dr. Fernando Emygdio da Silva, lente da Faculdade de Direito de Lisboa, publicando o recente opusculo sobre a materia que acaba de nos ser enviado.

N'elle affirma e demonstra o distincto professor que a sciencia da colonisação é um vasto edificio de construcção recente, erguido nos ultimos cincoenta annos, e que constitue um dos grandes factos caracteristicos do nosso tempo. Analisando os diversos sistemas coloniaes, pronuncia-se abertamente a favor da autonomia administrativa realisada em determinadas condições e entende ser essa a melhor garantia de conservar as colonias fieis ao paiz colonisador.

O 2.º capitulo da brochura deixa de tratar a questão pelo lado generico e occupa-se exclusivamente da historia e situação das colonias portuguezas, em especial das africanas. Esta parte do trabalho do sr. dr. Emygdio da Silva, por mais directamente se relacionar com os interesses nacionaes, lêmol-a com redobrada attenção, e apraz-nos affirmar que concordamos inteiramente com os principios geraes deduzidos pelo seu auctor, quando exprime a sua convicção de não existirem, fóra dos moldes autonomistas, nem colonisação, nem colonias possiveis de desenvolver-se.

E, já agora, um ligeiro reparo. As seguintes palavras do livro representam um lapso que de resto não influe no desenvolvimento da argumentação exposta:

«... nós formamos logo immediatamente depois da Inglaterra, da França e da Hollanda como senhores do quarto dominio colonial do mundo».

Não é bem assim. Considerando a extensão territorial, temos antes de nós as colonias inglezas com 29.557:000 kilometros quadrados, as russas (se acaso, como fazem varios geographos eminentes, se quizer considerar a Siberia como uma colonia immensa), com 17.160:000 kilometros quadrados, as francezas, com 10:945:000; as allemãs, com 2.658:000 e as belgas, com 2.383:000.

Pondo de parte a Russia, Portugal occupa, pois, o quinto logar com 2.203:000 kilometros quadrados de colonias, e a Hollanda, o sexto, com 2.016:000.

OS NOVOS AUCTORES

"A Onda,,

O que nos diz sobre a sua peça o sr. Antonio Ponce Leão

A epocha theatral não tem sido propicia ao apparecimento de novos originaes portuguezes. Salvo uma ou outra excepção, os theatros de Lisboa quasi se limitaram este anno a explorar traducções, que, embora excellentes algumas d'ellas, nos deixam sempre a dolorosa impressão de que já se não produz em Portugal coisa que valha a pena metter em scena, a não ser quando os consagrados se decidem fazel-o.

Vem isto a proposito de um novo original que vae ser representado no Gimnasio, em festa artistica de Mario Duarte, no proximo dia 27. E' *A Onda*, do sr. Antonio Ponce Leão. Erradamente se tem affirmado que é um drama em verso. Não é. *A Onda* é um esboço de psichologia feminina, uma pequena tragedia de alma que o auctor transportou para a scena com a intenção de fixar uma these. Ouçamos porém o que a respeito do seu trabalho pensa o proprio auctor:

—Nós, os meredionaes, gostamos da leveza, mas não desprezamos ás vezes o theatro que martyrisa, que faz doer. Atravez de toda a belleza da obra de Ibsen, de Maeterlink e de Sudermann ha sempre uma verdade ou um simbolo que indica essa verdade. Sem pretender comparar o meu simples e modesto trabalho com o mais insignificante trabalho dos mestres, dir-lhe-hei no emtanto que elle representa uma tentativa honesta para sahir do ambiente a que o publico se habituou, porque procurei precisamente theatralisar um simbolo n'um pedaço de vida —o episodio d'uma mulher histerica, que o marido falsamente educou, exclusivamente dominado por um sentimento egoista.

«Que pretendo eu demonstrar? E' simples: entendo que todo o marido tem o dever de não despertar na mulher sentimentos que ella possue adormecidos, sobretudo quando é ardente o temperamento d'essa mulher. Por isso a minha protagonista, uma vez viuva, entrega-se logicamente, sem hesitações, sem peias, a todos os desvairamentos proprios da sua maneira de ser, e cae nos braços de um homem que o acaso depara no seu caminho, um homem que não ama nem comprehende... E' obscuro? E' arrojado? Não sei. O publico dirá. A peça é minha filha: se fôr falsa a ideia que lhe serviu de base, a critica conscienciosamente o dirá, na certeza que a não hei-de renegar, porque ninguem renega uma filha creada com carinho.

«Quanto aos artistas que interpretam as minhas personagens, apenas lhe direi que as scenas de comedia foram confiadas a Alegrim, Virginia Farrusca e Joaquim Silva, e a scena dramatica é feita por Alda Aguiar e Mario Duarte.»

PEQUENAS NOTICIAS

—Anton Goty, allemão, com escriptorio na rua dos Douradores, 134, 2.º, queixou-se á policia de que na occasião em que se achava no Rocio lhe subtrahiram um relogio e corrente de ouro no valor de sessenta escudos.

—Respectivamente ás enfermarias 61 A B do hospital Escolar e S. João Baptista do hospital de S. José, recolheram por apresentarem contusões pelo corpo João Maria Gomes, sapateiro, morador em Estremoz, que ali cahiu de uma ponte, e Julio Mirando, descarregador, morador na travessa do Machado, 8, loja, que na fabrica Reis & Brito, da rua do Bom Successo, cahiu de uma prancha.

O PODER JUDICIAL EM FOCO

Dictaduras e dictadores

Como um partido da monarchia quiz remediar esse mal e como o rei impediu que fosse por deante a sua tentativa

Conversámos hoje com um distincto jurisconsulto, que sempre se tem mantido fóra das luctas partidarias, sobre a situação do poder judicial em face dos decretos dictatoriaes do actual governo. Nas palavras que lhe ouvimos relembram-se episodios passados da politica nacional que muito convem fixar no momento que atravessamos:

—Pode dizer-se que o regimen normal da monarchia foi a dictadura. Contam-se 16 ou 17 periodos de dictadura larga e, se n'alguns d'estes periodos se fez qualquer coisa de util, é certo que alguns d'elles só tiveram por fim o *engrandecimento do poder real*.

«Um dos mais fortes partidos da monarchia reconheceu, já tarde, na verdade, o perigo das dictaduras e quiz organisar um meio de as evitar. Propunha-se realisal-o votando uma lei de responsabilidade ministerial e alterando o artigo 109.º da carta para dar ao poder judicial a faculdade de não acatar os decretos dictatoriaes.

«Estes dois remedios já a Republica os adoptou, mas falta verificar se elles teem efficacia. *A Republica já promulgou a lei de responsabilidade ministerial com a data de 27 de julho de 1914 e pelo artigo 63.º da Constituição republicana deu ao poder judicial a faculdade de averiguar da constitucionalidade dos decretos do governo.*

«A faculdade de verificar se os decretos do governo se continham nas auctorisações parlamentares foi sempre reconhecida e usada pelo poder judicial. E já na vigencia da Republica a Relação de Lisboa d'essa faculdade usou, declarando nullo, por não se conter na auctorisação de 8 de agosto, o decreto n.º 1:116, de 30 de novembro de 1914, sobre moeda falsa.

«Em breve o poder judicial vae ser chamado a julgar sobre a validade do decreto eleitoral e em breve vae tambem ser chamado a pronunciar-se na applicação da lei de responsabilidade ministerial, lei tão reclamada por todos os republicanos e que os politicos monarchicos nunca se atreveram a votar. Mas, emquanto se não verifica o valor dos dois remedios preconisados contra as dictaduras e contra os dictadores, relembremos a campanha do partido progressista contra as dictaduras.

«A lei de 1 de agosto de 1899 conferiu poderes constituintes para o effeito de se fazer a revisão da carta constitucional em alguns dos seus artigos. Reunidas as côrtes constituintes, foi apresentada a proposta em 14 de março de 1900, que no art. 11 dizia: «Os tribunaes não podem applicar decretos, regulamentos, instrucções, ou quaesquer deliberações do governo, auctoridades, corpos e corporações administrativas contrarias ás leis constitucionaes ou ordinarias».

«O partido regenerador oppôz-se com violencia, pela palavra de João Franco, João Arroyo e Hintze Ribeiro, defendendo a proposta Arthur Montenegro e Francisco José Fernandes. A luta era tão violenta fóra e dentro do Parlamento que no dia 21 o rei escrevia uma carta ao presidente do ministerio, onde se continham as seguintes palavras:

«que o projecto de reforma constitucional produzia agitação; que a sua apresentação não havia sido perfeitamente regular; e que, repellida por um partido monarchico, seria de duração ephemera, dando motivo a futuras agitações e pretendidas reformas da constituição.»

«E assim morreu a reforma, sahindo do poder os progressistas e subindo a elle os regeneradores.

«A monarchia não quiz adoptar este remedio e tambem não lhe foi possivel empregar o outro. A Republica organisou os dois, sem discordancia de opiniões, e n'este ponto vem a proposito transcrever as palavras do grande magistrado e liberal dr. Francisco José de Medeiros, publicadas na «Capital» de 25 de abril de 1912, a proposito do art. 63.º da Constituição:

«*A Republica entregou ao poder judicial a guarda da Constituição*, fazendo-o juiz dos excessos dos outros poderes constitucionaes, como aliás era proprio da sua indole, e deu-lhe por isso a maxima prova de consideração e de confiança. Exerçam os juizes esse elevado attributo seu com tanta firmeza como ponderação, sem cobardias, sem ousios impudentes para que elle seja sempre uma coisa util e não se converta jámais em um perigo social. Nem pusilanimidades, nem alardes de força aggressora.»

«A garantia da liberdade dos cidadãos reside, em verdade, no poder judicial. A hora é de justa espectativa, pois vae ser proferida a decisão sobre a validade dos decretos dictatoriaes do actual governo.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia de seguros Portugal

Para discussão do relatorio e contas da gerencia do anno findo e eleição da mesa e corpos gerentes, reune a assembleia geral no dia 31, ás 20 horas, na séde, rua Aurea, 100, 2.º. Os lucros em 1914 foram na importancia de 10.806$39,2, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para fundo de reserva legal, 1.500$00; reserva variavel, 1.000$00; dividendo de 10 0/0, 3.474$00; reserva de sinistros a liquidar, 1.000$00; amortisação de moveis e utensilios, 240$00; contribuições e conta nova, 3.092$39,2.

Caixeiros de Lisboa

Na séde da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, rua Garrett, 62, 2.º, realisa-se depois de amanhã, pelas 21 horas e meia, uma nova reunião magna, a fim de se occuparem do regulamento do horario de trabalho no commercio, e para que o mesmo determine as horas de abertura e encerramento dos estabelecimentos.

Fragateiros do porto de Lisboa

Reune amanhã, ás 20 horas, a assembleia geral.

TRIBUNAES

BOA-HORA

Em audiencia de juri, sob a presidencia do sr. dr. Alves Ferreira, respondeu hoje o carpinteiro João Nunes Duarte, accusado de em 8 de outubro findo ter disparado dois tiros de revolver contra Mafalda Goes Queiroz, dona da casa onde estava hospedado. Foi condemnado em 10 mezes de prisão.

Por falta de testemunhas foi adiado o julgamento de Carlos de Sousa, o *Carlos Maneta*, que no largo de Santo Estevão, em 27 de agosto, aggrediu á facada Manuel Francisco Barata, deixando-o em perigo de vida.

A estreia da zarzuella no Politeama

A'manhã no Politeama é o *rendez-vous* da sociedade elegante com a estreia da companhia de zarzuella Videgain, onde se cantam as lindas zarzuellas *Cabo primero Paiz das fadas* e se estreia um sainete de Arniches *O amigo Melquiades*, que no Apollo de Madrid deu 450 representações.

A empreza do Politeama chama para a attenção do publico um facto digno de louvor e por isso aqui o registamos crentes que com essa divulgação os nossos leitores nos agradecerão. Apezar dos encargos brutaes do cambio a 280 a peseta, a empreza conserva os preços da companhia Adelina Abranches onde havia e ha actualmente *12 filas de fauteuils a 500 réis*. No *Paiz das fadas* estreia-se a endiabrada tiple Garcia já nossa conhecida, no *Cabo Primero* o a Velasco do comico de Madrid e no *Amigo Melquiades* a Menendez que vem precedida de certo renome.

O concerto de domingo no Politeama

Na festa dos artistas da orchestra de David de Sousa, que se realisa no domingo, serão executadas a *Ode á Belgica* do sr. Theophilo Saguer, e a *Simphonia Phantastica* de Berlioz, que tão grande exito obtiveram nos ultimos concertos realisados no Politeama.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Falta do pagamento a empregados

Estamos já a 23 de março, quasi no fim do mez. Pois ainda até hoje não foram pagos os ordenados de fevereiro aos funccionarios dos diversos armazens geraes espalhados pelo paiz. Comprehende-se o transtorno que isso causa a esses empregados, alguns dos quaes chefes de familia e outros destacados em terras estranhas. Dizem-nos que não é por falta de verba que o facto se dá, mas sim por falta de expediente burocratico. Para o caso chamamos a attenção das estações competentes.

ULTIMAS NOTICIAS

"PATHÉ JORNAL,,

Em torno das eleições

Os monarchicos não se entendem, os republicanos talvez venham a entender-se...

1.º quadro

A Arcada é um deserto. Defronte dos ministerios não se vêem senão pretendentes e mendigos. Uns pedem esmola, outros solicitam empregos. No fundo, a mesma indigencia e a mesma miseria. O elemento militar sobreleva ao paizano. Emquanto este se apaga, aquelle predomina. Abundam, sobretudo, os officiaes reformados. Os outros passam satisfeitos nos seus uniformes debruados de vermelho, contentes por serem elles, afinal, quem está dando as cartas na politica portugueza. Os curiosos olham-nos com reverencia e talvez com uma pontinha de peccaminosa inveja...

—São os futuros deputados!—diz, n'um grupo, alguem que de ha muito mantem pela Arcada uma fama de irreverencia que o torna temido. Para elles é que está a vida!

E os commentarios, sobre esse velho thema, surgem em torvelinho. O meu informador de todos os dias apparece quando o riso principia a doirar o quadro em que me encontro integrado. Perpassam-me pelos ouvidos, levemente, como uma aragem dôce cheia de afagos carinhosos, certas palavras que me intrigam. Anda coisa estranha no ar...

—Não largue de vista as eleições! — aconselha-me o meu oraculo. — Olhe que está sendo um assumpto bem importante. O que por ahi vae já, nem v. pode imaginal-o!

Elle lá vae, distrahido e indifferente, Arcada fóra, o meu benigno informador precioso. Leva pressa, não pode demorar-se e ainda de longe me faz signaes para esperar. Valerá a pena? Veremos...

2.º quadro

A' porta do ministerio da justiça pára um automovel envernisado de fresco. Um correio largamente agaloado a oiro abre solicito uma portinhola. Ha, em volta, gentes pasmadas e absortas. O sr. Guilherme Moriera, de frak e chapeu de côco, com umas botas muito compridas enfiadas n'uns pés que parecem mais compridos ainda, desce a larga escadaria, acompanhado pelo sr. Germano Martins. Sob a abboboda alta, o sr. ministro pára, volta-se para traz e inspecciona com ar de pessoa entendida, as obras que tudo aquillo vem, ha que tempos, soffrendo. Não fica contente o sr. Guilherme Moreira. O sr. Germano Martins acode a ouvil-o. E depois de meia duzia de palavras trocadas, o auto recebe o homem illustre que mantém em suas mãos a balança da justiça e parte.

—Para onde vão?—pergunto a um policia velho, resequido, engelhado que vigia a entrada do templo.

—Sei lá. Talvez para o Limoeiro!

Ha risos em volta. Um pretendente chronico que de ha muito estabeleceu arraiaes junto d'aquelle portão por onde o sr. Guilherme Moreira faz entrar e sahir todos os dias a sua alta estatura, põe tranquillamente o chapeu, como quem se cobre depois de ter passado o Santissimo.

—Então quando vem esse emprego?—inquire um trocista de pé descalço, que ganha a vida vendendo limonada e agua fresca.

—Eu sei lá! Este ministro tem o coração mais rijo que um calhau. Não ha maneira de o enternecer...

—Apegue-se com o Senhor dos Passos! Olhe que os dois andam em optimas relações!

Ao longe ouve-se ainda o pregão dolente da limonada que já principia a apetecer. Quanto ao pretendente que não larga o sr. Guilherme Moreira é de crêr que a estas horas tenha ido já á Graça pedir ao padrociro que o faça despachar quanto antes...

3.º quadro

O meu informador voltou. Vem mais tagarela do que ha pouco. Dir-se-hia que lanchou como um abbade minhoto e que regou o opiparo lanche com duas boas meias garrafas de espumoso petulante. Intimo-o a que se explique. Que historia era aquella de monarchicos e republicanos em que me fallou de fugida?

—Ah! amigo, v. anda a vêr navios! Sabe lá o que vae por ahi no capitulo eleições! O diabo, positivamente, meu amigo, o diabo.

—Não se entendem, não é assim?

—Mal, mal. Os monarchicos deixam-se roer por ambições de toda a ordem. Andam a dispersar-se em chinezices, como sempre. Não ha maneira de os fazer vêr claro. Todos elles querem ser deputados. Nem um só quer deixar de sahir das urnas armado cavalleiro, para as luctas ásperas de S. Bento. Ha-os então que combatem já pela sua candidatura com um ardor inconcebivel. Mas mal empregado tempo, amigo, mal empregado tempo.

—Os primeiros serão, então, os ultimos?!

—E' bem provavel. O sr. José de Azevedo não pára, não descança, não dorme um segundo que não sonhe com a sua candidatura. Mas como os homens se enganam, carissimo, como elles se illudem! E' pena que a sua lucidez os deslumbre a ponto de não verem a verdade. Ora, o sr. José d'Azevedo, ainda mesmo que os monarchicos vão á urna, será um dos que não lograrão ver-se eleitos.

—Essa agora! V. perturba-me. Porque?

—Porque os monarchicos authenticos não votarão n'elle. Creio que essa razão basta e sobra para explicar a futura derrota eleitoral do ultimo ministro dos estrangeiros da monarchia.

Evidentemente que basta. Mas será o sr. José d'Azevedo, realmente, um monarchico sem correligionarios?

4.º quadro

Muda de assumpto o meu oraculo... eleitoral. Agora falla-me dos republicanos. Não está nada descontente com elles. Teem-lhe dado todos tantas provas de moderação que não póde deixar de os admirar encantado.

—E sabe que aquelle accordo eleitoral entre evolucionistas e unionistas, em que v. falou hontem, será um facto? Posso garantir-lh'o.

—Firmado officialmente, pelos dirigentes supremos dos dois partidos?—pergunto intencionalmente.

—Qual historia. Metter os chefes n'isso era estragar tudo. E os unionistas, sobretudo, não teem o menor interesse em que o accordo vá pela agua abaixo. Se isso acontecesse, a sua derrota seria pavorosa. Não o duvide.

—Quer então dizer que aos evolucionistas está destinado o papel benemerito de trazerem a S. Bento deputados que não sejam seus correligionarios...

—Mas evidentemente. Tudo isso, entretanto, tem de ser feito com cautella, com a maxima cautella mesmo. E' por isso que se faz de fóra para dentro e de baixo para cima. Os accordos serão locaes. Contra elles não haverá enciclicas dos chefes que valham. A disciplina partidaria é assim forte e cega, como vê.

Chamo á minha beira um deputado evolucionista que passa de largo e me cumprimenta benevolamente. Peço-lhe que me diga se é verdade o que o meu alviçareiro me disse.

—Sempre é certo estarem a ponto de se entenderem unionistas e evolucionistas?

—Certissimo. V. já hontem o dizia e olhe que não errava. Em muitos circulos, os correlligionarios do sr. Camacho disputarão as eleições de braço dado com os meus amigos. Assim a cruz custará muito menos a transportar até S. Bento...

Despedimo-nos á pressa e cada um parte em busca de novos destinos. A tragedia eleitoral principia a pôr em scena os primeiros quadros animados. A ingenua e o galã—um galã «gauche», «demodé», pouco habituado a «flirts» estão dando já as suas provas nos primeiros ensaios. E o tiranno? Esse está a pôr á cinta o espadalhão que ha de cortar a cabeça aos innocentes. Preparemo-nos para as surprezas da primeira representação...

A. M.

Balanço diario

Principiaram hoje a ser inquiridas na Boa Hora, pelo juiz dr. Almendra, as testemunhas que o sr. dr. Manuel Monteiro, como presidente da Camara dos Deputados, apresentou contra o governo, por este se ter opposto ao fuccionamento do Congresso no dia 4 do corrente. No processo instaurado, figuram tambem como accusados o presidente da Republica, commandantes da policia e da guarda republicana, etc. Os depoimentos feitos ficaram constituindo segredo da justiça.

Uma demissão

Dizia-se hoje pela Arcada, com grande insistencia, que o sr. dr. Manuel Monteiro, juiz do Tribunal Administrativo, ia ser demittido d'esse cargo, devendo o decreto respectivo ser publicado no *Diario* de amanhã.

Forças em Africa

No gabinete do director geral de fazenda das colonias installou-se hoje a commissão de abastecimento de subsistencias ás forças expedicionarias em Africa, sob a presidencia do major de artilharia Frederico Antonio Lopes e constituida pelo 1.º tenente Marianno Martins, capitão da administração militar Martins e alferes do mesmo quadro Matta.

A bordo do vapor *Zaire* que como noticiámos larga do Tejo no proximo dia 26, seguem para Angola a fim de se juntarem ás unidades a que pertencem 7 officiaes, 5 sargentos e 49 cabos e soldados.

Coisas militares

Na proxima *Ordem do Exercito* são promovidos a coronel o tenente coronel Nascimento Pinheiro, e a tenente-coronel o major Albano Lopes Gonçalves. Não segue a promoção por entrar no quadro um major. Foi reformado o coronel commandante de infantaria 21 sr. Francisco Lopes.

Uma offerta

O sr. Diogo do Valle de Sousa e Menezes Mexia offereceu ao ministerio da justiça a sua quinta de Torre de Giesteira, em Thomar, para uma colonia agricola ou para uma colonia de corecção de menores, ficando o preço da parte rustica dependente de accordo previo e cedendo gratuitamente a parte urbana, que importou em 32 contos.

Culto em Alcantara

O antigo prior de Alcantara, sr. Pinheiro Marques, que já foi julgado como conspirador, solicitou hoje do sr. ministro da justiça uma audiencia para uma commissão de catholicos d'aquelle bairro, a fim de constituir um agrupamento transitorio para tratar do culto d'aquella freguezia.

Ministro da justiça

O sr. ministro da justiça vae determinar que seja entregue o archivo parochial da freguezia de Oeiras, que se acha em poder do conservador do registo civil do 4.º bairro, dr. Emidio Mendes, ao parocho respectivo. Acompanhado pelo srs. dr. Geomano Martins e Affonso de Mello foi hoje visitar a casa de regeneração em S. Patricio e a Tutoria Central da Infancia.

Uma festa

A direcção da Sociedade Hippica Portugueza foi hoje recebida pelo sr. presidente da Republica a quem convidou a assistir á festa que se realisa no proximo domingo a favor da Cruz Vermelha.

Operarios das obras publicas

Uma commissão de pintores das obras do ministerio do fomento conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio a quem entregou uma representação pedindo a equiparação de vencimentos aos operarios das obras publicas. O sr. general Pimenta de Castro prometteu recommendar o caso ao sr. ministro do fomento.

Varias

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio do interior.

O «Diario do Governo» de hoje publica portarias dissolvendo as associações cultuaes das freguezias de Figueiró dos Vinhos e Buarcos.

O novo banco do hospital

Um gesto de altruismo que deve ser tomado como exemplo a seguir

Já n'estas columnas nos occupamos, por mais d'uma vez, das pessimas condições em que se encontra instalado o antigo banco do hospital de S. José, que está immensamente longe de satisfazer aos requisitos exigidos por um posto de socorros moderno e de grande movimento. Recentemente visitámos as installações do novo posto destinado a substituir o prehistorico «Banco», e não podia ser mais agradavel a impressão que d'ali trouxemos. Pena é que os poderes publicos se não tenham decidido ainda a approvar o novo regulamento, unica formalidade de que está dependente ainda a abertura d'estas novas installações.

Em todo o caso, os cirurgiões do Banco não teem descurado a sua bela iniciativa, occupando-se constantemente em tornar tão completos quanto possivel os serviços, de fórma que, ao ser inaugurado o novo posto de socorros, se possa dispôr de todos os elementos que a sciencia considera indispensaveis.

Como porém não ha verbas disponiveis para tal fim, contam os promotores d'essa excellente obra com o auxilio de particulares abastados que, reconhecendo a enorme utilidade do posto e de um serviço perfeito de soccorros urgentes, entendam dever ligar o seu nome a tão admiravel iniciativa.

Ainda hontem o importante capitalista sr. Antonio dos Santos Jorge visitou as novas e antigas installações do Banco, acompanhado pelo cirurgião dos hospitaes sr. dr. Azevedo Gomes. Ao manifestar a este clinico as impressões colhidas durante a visita, o sr. Santos Jorge entregou para ser empregada nos serviços do novo posto a quantia de dois mil escudos, dando assim um magnifico exemplo de altruismo que merece registar-se.

O monumento ao marquez de Pombal

Uma representação entregue ao ministro da instrucção publica

Ao sr. ministro da instrucção publica foi entregue hoje, pelos srs. Antonio Arroyo, dr. Luiz da Camara Reys, Gualdino Gomes, dr. Costa Cabral e dr. Joaquim Madureira, uma representação pedindo que seja construida a *maquette* que o primeiro jury do concurso para o monumento do marquez de Pombal classificou em segundo logar e que o novo jury nomeado resolveu pôr fóra do concurso, sob o pretexto de que não estava dentro das condições fixadas no respectivo programma.

O sr. Goulart de Medeiros respondeu que estudaria o assumpto com todo o interesse, tanto mais que, em sua opinião, devia ser preferida, pelo seu valor artistico, a *maquette* primitivamente classificada em segundo logar. Sobre a decisão do novo jury disse que elle não cumpriu o fim que lhe foi marcado, pois não tinha attribuições para collocar fóra do concurso nenhuma das *maquettes* mas sim para aprecial-as sob o ponto de vista artistico. Não fez isso, e, como o não fez, a questão não póde considerar-se resolvida.

A representação era assignada por vultos eminentes do nosso meio litterario e artistico, como sejam os srs. Theophilo Braga, Antonio Candido, Guerra Junqueiro, Anselmo Braamcamp Freire, Julio de Mattos, Bettencourt Rodrigues, Coelho de Carvalho, Anselmo de Andrade, João Saraiva, Augusto Gil, Teixeira de Queiroz, Affonso Lopes Vieira, Teixeira de Carvalho, Eugenio de Castro, Silva Gaio, Antonio Carneiro, Arthur Loureiro, José Pereira de Sampaio (Bruno), João Grave, Julio Brandão, Guedes de Oliveira, etc.

Tambem esteve no ministerio da instrucção publica o sr. Moreira Rato, presidente do novo jury, que entregou ao sr. Goulart de Medeiros um relatorio dos seus trabalhos.

O crime da rua do Seculo

O sr. dr. João Eloy esteve hoje de tarde no hospital de S. José, acompanhado pelo chefe Martinheira, a ouvir a pequena Maria Arcosa. Interrogada mais uma vez, de novo cahiu em flagrantes contradicções, negando por ultimo, terminantemente, que fosse o moço de padeiro o auctor do crime como hontem aliás tinha dado a perceber.

Declarou tambem que não costumava sahir á rua e que só aos dez annos fôra a um animatographo. Isto está em contradicção com o que a propria patrôa declarou ao sr. director de investigação, a quem disse que a creada ia frequentes vezes á rua a trocos ou a qualquer outro serviço domestico, o que foi confirmado pelo caixeiro da taberna que fica nos baixos do predio.

Tambem a judiciaria teve informações de que a pequena ainda ha pouco fôra a um animatographo, ao contrario do que ella cathegoricamente affirmou.

Teria realmente havido crime? Só o exame medico o poderá dizer. Por emquanto ha serios motivos para acreditar que a creada é uma allucinada histerica, e que nem houve crime, nem na casa 232 da rua do Seculo alguem entrou como ella a principio quiz fazer acreditar. Pelo menos é esta a opinião do director de investigação criminal.

NA LINHA DE CASCAES

Colhido pelo comboio

Francisco Ferreira, de 48 annos, de Lisboa, moço de fretes, filho de João Ferreira e Custodia Maria, morador na rua Paulo da Gama, 3, foi hoje colhido em Belem pelo rapido de Cascaes, ficando com a perna e pé esquerdo esmagados.

Depois de operado recolheu á enfermaria n.º 4 do hospital de S. José.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 23.—Communicado official das 15 horas:

O inimigo bombardeou Reims. Um avião allemão, lançando bombas sobre a cidade, fez tres victimas entre a população civil.

Na Champagne progredimos ligeiramente a leste da cota 196.

Na Argonne, proximo de Bagatelle, o inimigo contra-atacou violentamente por duas vezes, a fim de retomar o terreno que perdeu no domingo, mas foi completamente repellido. —(*Havas*).

Os zeppelins sobre Paris

PARIS, 23.—Foram avistados no Oise dois zeppelins, sendo immediatamente dado o segundo signal de attenção. A's 23 horas e 10 minutos foi novamente apagada a illuminação publica.—(*Havas*).

PARIS, 23.—A's 2 horas e 50 minutos da madrugada terminou a prevenção motivada pelo apparecimento dos zeppelins, sendo restabelecida a illuminação publica em Paris. Nada se deu na zona do governo militar de Paris, onde não ha noticia de ter apparecido nenhum zeppelin. — (*Havas*).

O adiamento do parlamento italiano

ROMA, 22.—A camara dos deputados adiou-se para 22 de maio. O sr. Salandra agradeceu ao parlamento a demonstração de confiança, que elle considera significativa, da grande liberdade de acção que lhe é concedida para salvaguardar os interesses e aspirações do paiz.—(*Havas*).

Mais um navio afundado

DOUVRES, 23.—Um submarino afundou o vapor *Concord*, de Whitby. —(*Havas*).

Convenção greco-bulgara

ATHENAS, 22. — Os governos grego e bulgaro assignaram uma convenção postal-telegraphica, assimilando as tarifas dos dois paizes. A convenção foi acolhida com satisfação.—(*Havas*).

NO PORTO

A questão da carne

Os cortadores declaram a gréve

PORTO, 23.—Uma commissão representando a classe dos cortadores apresentou hoje, ás 16 horas, no governo civil, a participação de que, contados 12 dias, como determina a lei, se declaram em grévé, visto não serem attendidas as suas reclamações pelos patrões.

Declararam ainda que só abaterão o gado necessario para fornecimento dos hospitaes e das casas de invalidos. O governador civil vae ámanhã tentar effectuar uma reunião de empregados e patrões, a fim de se conseguir uma conciliação.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/16	35 3/16
Londres, 90 d/v.	35 7/16	—
Paris, cheque	$80,3	$80,6
Allemanha, cheque	$29	$30
Hollanda, cheque	$56	$57
Madrid, cheque	1$38,5	1$40,5
New York	1$40,5	1$41,5
Rio s/Londres	13 3/8	—
Libras	7$15	7$18
Agio do ouro	40 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,35	40,15
» » 500$	40,35	40,25
» » 100$	40,35	—

Obrigações de Estado: 3 0/0 1905, 9$35; 4 0/0 1888, 22$, 5 0/0 1909, 81$30.

Externas: 1.ª serie 71$20 e 2.ª 70$50.

Acções: Lisboa & Açores 112$; Ultramarino, coup. 105; Assucar 39$60; Phosphoros, coup. 56$; Tabacos, coup. 69$30.

Obrigações: Aguas, assent. 78$ e coup. 81$; Ultramarino, hipothecarias, 93$; Norte e Leste, 1.º grau, 73$80 e 2.º grau 40$40; Deira Alta, 2.º grau, 15$; Mossem (nova) 94; C. de F. de Beçguella 78$50; Assucar 41$.

A GUERRA E OS HOMENS DE INICIATIVA

O commerciante portuguez confia no futuro

Não hesitando dotar a cidade com bellos estabelecimentos, «malgrè tout»

A despeito da crise enorme que n'este momento se observa em todos os ramos de actividade, mercê das circumstancias extraordinarias que lhes adveem do conflicto em que a Europa se envolveu, é consolador ver que entre nós se continuam a produzir manifestações tendentes a contribuirem poderosamente para o desenvolvimento economico e financeiro do paiz. E' certo que a guerra, como não podia deixar de ser, tem affectado consideravelmente o commercio e a industria, vivendo-se, em toda a parte, sob a impressão terrivel da incerteza do dia de ámanhã.

E é frequente ouvir-se dizer que a situação anormal em que nos encontramos provoca retrahimentos de capital, annullações de contractos, adiamentos de formação de emprezas, emfim que ella representa, acima de todos os preinizos, o atrazo de muitos annos no caminho do progresso. Ora que taes opiniões nem sempre se justificam prova-o a constante abertura de novos estabelecimentos commerciaes, o que demonstra claramente haver da parte de quem se abalança a taes emprezas uma *absoluta confiança* no exito d'essas tentativas. Está n'este caso o sr. João de Sousa, antigo e conceituadissimo commerciante e industrial, que hoje offerece á cidade de Lisboa o prazer de contar entre os estabelecimentos que a embellezam, aquelle a cuja installação presidiu o mais requintado gosto artistico.

Referimo-nos á *Parisiense*, camisaria e chapelaria, que o nosso amigo João de Sousa inaugura ámanhã, na rua Nova do Almada n.os 60 e 62, e rua de S. Nicolau 124 a 128. Elegante, luxuoso, leve, n'uma palavra, encantador, o novo estabelecimento, cujas paredes exteriores são revestidas de lindissimo marmore de S. Pedro do Cintra, é, incontestavelmente, a copia fiel d'aquelles que nas grandes cidades prendem a attenção dos *touristes* e motivo para citações lisongeiras.

A Parisiense digamol-o já, deslumbranos, á simplicidade da sua decoração—em que o filete de ouro mancha em linhas caprichosas e elegantes o branco-marfim da pintura brilhante—alia-se a bella disposição dos artigos da mais alta novidade, em amplas vitrines do melhor crystal. E já que falamos do sortimento, digamos tambem que elle é um dos mais completos que temos visto. Na secção de camisaria cujas officinas estão installadas na sobre-loja, prende-nos a attenção a *diversidade dos padrões de zephires*, a boa qualidade de finissimas bretanhas, bem como a originalidade de certos modelos de colarinhos, e a abundancia de artigos em malha, para verão.

Na secção de chapelaria encontram-se egualmente as mais recentes creações da moda, notando-se em maior quantidade as vindas directamente de Inglaterra.

Seria fastidioso enumerar o que ha de bello e de magnifico no colossal sortido exposto nas vitrines d'*A Parisiense*; ao publico, que certamente acorrerá hoje a encorajar com a visita o nosso amigo, deixamos o prazer de verificar de *visu* que estas notas são apenas uma palida idéia do que é o novo estabelecimento.

E ao sr. João de Sousa, que saberá manter as simpathias que grangeou, não só de clientes, como dos seus collegas quando socio da *Loja das Meias* apetecemos as maiores prosperidades, certos de que os seus esforços serão coroados do melhor exito pelo publico, que comprehenderá o arrojo da empreza.

SPORT

O esforço no «sport»

Todo o homem que pratica um sport tem um sentimento constante de vontade propria e firme, sem a qual lhe seria impossivel lançar-se á conquista das mais gloriosas proezas, que todos os dias estão attestando quanto póde a energia humana ajudada pelo desenvolvimento phisico e intellectual. Essa vontade inabalavel, esse querer demonstra a belleza do exercicio phisico, fonte de energia, que faz do athleta um ser que póde, sem receio, affrontar todas as difficuldades da vida, e nunca se deixará entibiar por uma decepção ou um mau exito.

Esse acto de vontade manifesta-se pelo esforço. O esforço, razão de ser tanto do sport *como da existencia humana, sem o qual não póde haver aspirações algumas, prova bem como são retrogrados aquelles que não professam admiração por todos os exercicios sportivos.*

Um ciclista, em corrida, produz esforço desde a partida, ou para unir-se ao pelotão ou para distanciar-se d'elle. E' uma contracção de todos os musculos e uma voz interior que o anima a proseguir e lhe inspira a esperança da victoria.

A lucta é, talvez, entre todos os sports, *a melhor escola de energia, assim como o* box. *Em ambos os exercicios, o athleta põe á prova a sua coragem, porque as violencias que d'elles resultam exigem uma grande parcella de coragem e sangue-frio, ao mesmo tempo que a energia é necessaria tanto para fornecer o esforço pessoal, como para procurar anniquilar a energia do adversario.*

O corredor pedestre necessita do esforço para manter a sua posição ou melhoral-a. Quando um adversario tenta passal-o, tem elle de recorrer a todo o seu esforço para lhe inutilisar a tentativa. Quando os ultimos metros se approximam, o esforço final é enorme, recorre-se a toda a energia que se póde ter.

O automobilismo, o tennis, *a patinagem, o remo e tantos outros* sports *não podem ser praticados senão por quem tenha a energia precisa para produzir o esforço indispensavel no periodo agudo da competencia ou na dominação das difficuldades inherentes. E essa energia, são os proprios* sports *que d'ella se utilisam, que a fazem augmentar, dando ao homem, pouco a pouco, o dominio de si mesmo, a par de aptidões phisicas sempre crescentes e por isso sempre propicias á conquista de novos e melhores louros.*

Sem energia nada se consegue na vida. Procuremos, pois, obtel-a ou melhoral-a na sua mais verdadeira e certa origem: na pratica dos sport.

(Dum «magazine» inglez)

Nota do dia

Uma representação á Camara Municipal

Vae ser apresentada, hoje ou amanhã, á Camara Municipal de Lisboa, uma representação do socios do Gimnasio Club, de «sportsmen», de professores de gimnastica, de athletas, de alguns jornalistas e de pedagogos, pedindo para ser dado o nome de Luiz Monteiro a uma rua da cidade.

Nas assignaturas, ha nomes de amigos do Luiz Monteiro ha cincoenta annos, de seus companheiros da fundação do Gimnasio, de seus alumnos ha trinta annos e de alguns professores que elle educou.

A iniciativa é louvavel, mas em nossa opinião, insufficiente para homenagear aquelle que foi um grande patriota e um grande portuguez; aquelle que foi o introductor do ensino da gimnastica em Porttugal; aquelle que, desprezando os confortos e commodidades trazidas por um logar remunerado, andou no apostolado da educação phisica, luctando contra a rotina, luctando contra velhos preconceitos, sem desfallecimentos, sacrificando vida, dinheiro e energia, isto durante mais do meio seculo!

Luiz Monteiro foi em Portugal o mesmo que o marquez de Soutelo em Hespanha, mesmo que John na Allemanha e Ling na Suecia. Embora não fosse, como esses trez benemeritos da humanidade, auctor de methodos gimnasticos, foi um intelligente adaptador d'esses methodos ás nossas condições de vida e de raça e, como elles, foi um propagandista, que suggestionava pela convicção e pela fé. Luiz Monteiro chegou a ir até Mafra a pé, para dar, na Escola Militar, as suas lições.

A esta iniciativa, porém, outras se hão de seguir porque os gimnastas portuguezes não podem e nunca devem esquecer aquelle que foi o mais intemerato e tenaz apostolo da causa da educação phisica. Na homenagem de agora, ha uma pergunta a fazer. Será uma rua nova da cidade a que irá perpetuar o nome de Luiz Monteiro? Havará troca de nomes n'alguma rua de Lisboa? Não podemos adivinhar o criterio dos vereadores municipaes, se acolherem, como é natural, a representação. Em todo o caso, se houver mudança de nomes de ruas, permittimo-nos lembrar que a escolha devia incidir sobre as ruas onde Luiz Monteiro melhor e mais activamente exerceu a sua actividade, desde a travessa da Nathalia á carreirinha do Soccorro, desde as escadinhas do Duque á rua Serpa Pinto. E, para firmar uma opinião, deviam ser consultados aquelles que conheceram a vida intensa do trabalho do velho professor, e muitos d'estes ainda existem, como o o coronel Avellar Telles, Duarte Holbech, Albert Macieira, Antonio Martins, Pedro d'Oliveira, Rego Freitas, Carlos Maheny, Eugenio Pires, Karl von Bonhorst, Francisco Xafredo, Freitas Brito, Julio Botelho, João Possolo, conde de Fontalva e dr. Mattos Chaves.

Algumas anecdotas

O mestre Arthur dos Santos está cada vez mais novo

A scena passou-se no ultimo sabbado, durante a festa do 40.º anniversario do Gimnasio Club.

O professor Arthur dos Santos apresentou uma classe de gimnastica infantil, com 46 dos seus alumnos, meninos e meninas, e obteve, com essa classe, a consagração d'um dos mestres mais intelligentes e competentes que possuimos. Foi com uma ovação delirante e vibrantissima que o professor viu coroados os seus esforços de educador gimnastico. A ella se associaram todos os velhos gimnastas que estavam presentes, todos os pedagogos, paes dos meninos e os convidados da festa. As creanças rodeavam o mestre e beijavam-o contentissimas. De repente, uma senhora, certamente mãe de uma das meninas, adiantou-se para render tambem as suas homenagens.

—Muito bem! muito bem! Não podia ser mais lindo! E com que alma o senhor *commandou* a classe! Dirigiu-a com todo o enthusiasmo d'um rapaz, e com muita vida!... Que... afinal o sr. é ainda um homem novo...

—«Tenho pouco mais d'alguns 37 annos, minha senhora...

—«Mas disseram-me que ha 25 estava n'uma repartição do Estado...

O mestre Arthur esteve indeciso um segundo diante d'aquella observação, e respondeu, com muito espirito:

—Sim, minha senhora, mas, como estive algum tempo em Africa, contaram-me esse tempo em dobrado...»

Noticias

Entre nós

Uma festa sportiva

Já está fixada a data em que o Grupo Desportivo Instituto Commercial Pereira de Sousa tenciona levar a effeito com o concurso de quasi todos os estabelecimentos de ensino de Lisboa, uma festa sportiva.

O producto é reservado para fins patrioticos, pois destina-se á subscripção do Cigarro do Soldado, da Cruz Vermelha, e para os feridos da guerra. Realisa-se no dia 18 do mez proximo, n'um dos melhores campos de Lisboa.

A commissão organisadora é composta dos srs. Jayme Costa, Adolpho Nevado, Camara Manuel, A. Fradique e A. Cunha, coadjuvada pelo director d'este instituto, e já iniciou os seus trabalhos. Toda a correspondencia deve ser endereçada para a rua Nova do Almada, 53, 3.º, séde do Instituto.

Conferencias sobre aviação

Effectuou-se hontem, 22, pelas 21 horas, no Centro Nacional de Aviação, uma palestra sobre technica de aviação, 21.ª lição, tratando-se de motores e seu funccionamento.

A lição seguinte realisa se na proxima quinta feira, 25, pelas 21 horas.

O Stadium de Lisboa

Continuam com a maxima actividade as obras de construcção e arranjo do Stadium de Lisboa. Os seus proprietarios, srs. visconde de Alvalade e José Holtreman Roquette, querem inaugurar officialmente o recinto ainda na actual primavera, para junho.

Grandes festas na Amadora

No dia 14 do proximo mez d'abril completam 8 annos os Recreios Desportivos da Amadora, e os seus directores projectam a commemoração do anniversario com festas brilhantissimas. Publicar-se-ha n'essa occasião um numero unico do jornal «A Amadora», para o qual os activos e incançaveis benemeritos José dos Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia conseguiram preciosa collaboração.

Nos Recreios já começaram os cursos de lucta greco romana, dirigidos pelo antigo campeão dos «leves» e excellente luctador D. Eugenio de Noronha.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Portugal»

Dirigida pelo sr. W. A. Bentley, professor de ha muito residente entre nós, começou a publicar-se uma revista mensal—*Portugal*, em inglez, o que se propõe descrever o nosso paiz, as colonias, commercio, historia, litteratura e arte. O preço do numero é, avulso, de 100 reis, trazendo vasta e instructiva leitura. E' impressa e composta em Inglaterra, sendo boa a apresentação.

Movimento maritimo

Destino	Navio	Dia
Bordeus,	«Divana» (Brazil)	24
Brazil e Rio da Prata,	«Liger» (Bord.)	24
Amsterdam	«Zeelandia» (Brazil)	25
Brazil e R. da Prata,	«Frisia» (Amst.)	26
Pará e Manaus,	«Lanfranc» (Liverp.)	26
Vigo e Inglaterra,	«Desna» (Brazil)	26
N. York, via Açor.,	«Britannia» (Mar.)	26
Madeira e Canarias,	«Ardeola» (Liv.)	26
Africa oriental,	«Durban Castle» (Li.)	27
Australia,	«Parma»	28
Africa oriental,	«Gladiator» (Liverp.)	29
Africa oriental,	«Berwck Castle» (Li.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc.,	«Portugal»	31
Africa oriental,	«Bechnana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata,	«Samara» (Bord.)	31
Bordeus,	«Garonna» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San.,	«Rynenud» (Am.)	31

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — Não ha espectaculo.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — A's 21 — Cabo primero — País de las hadas—O amigo Melquiadez.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.—Casa com escriptos.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21 — Opera: Aida.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE — **Gimnasio** — Recita do actor Telmo Larcher—*5023 Lx.—Casa com escriptos.*

AMANHÃ — **Avenida** — Recita do actor Nascimento Fernandes—Reprise do *A. B. C.*—**Politeama** — Estreia da companhia de zarzuella.

QUINTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita promovida pela Federação Academica—Sarau classico de poesia e musica—**Rua dos Condes**—Primeira representação da *Feira da vida.*

SEXTA-FEIRA—**S. Carlos**—Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo.*

—**Gimnasio**—Recita da actriz Elvira Bastos—*O deputado independente—O minuete.*

SABBADO — **Gimnasio** — Recita do actor Mario Duarte — *A bella madame Vargas —A onda.*

Medalhões

Telmo Larcher

Houve um tempo no Gimnasio em que por mais que variassem os cartazes a impressão do publico era sempre identica. O scenario era sempre o mesmo, a mobilia não variava e no desempenho a Barbara era sempre a sogra, o Cardoso sempre o sogro, a Beatriz sempre a mulher e Telmo sempre o marido. O dialogo variava um pouco, a ação nem sempre era egual; mas o publico não dava por isso. Não havia peças. Havia o Gimnasio: isto é a Barbara zangada, o Cardoso atrapalhado, a Beatriz lacrimosa ou ironica e o Telmo a rir. Oh! Esse riso do Telmo... Não houve nem haverá tão cedo um riso que o eguale. Era um riso communicativo, que se apoderava da platcia e a torcia como um torniquete, até pôl-a suffocada e offegante. Telmo era um lindo rapaz e todas as mulheres gostavam de o vêr. Como era sempre um marido pandego, que enganava sem maldade a mulher e intrujava os sogros, todos os homens simpathisavam com elle. Os velhos, ao vêl-o em scena, lembravam-se dos seus tempos e as creanças. que não entendiam bem a peça, gostavam d'elle porque andava sempre contente e era alegre, ruidosamente alegre. E conciliadas assim as simpathias da plateia inteira, o Telmo era adorado. Os annos passaram—para quê, santo Deus—e Telmo engordando e perdendo o cabello teve que largar os seus galãs comicos para abordar os centros e os caracteristicos. No emtanto conservou a sua alegria e os que estimavam aquelle artista tão pessoal e inconfundivel conservaram-lhe a sua amisade. O publico ainda lhe quer como n'outros tempos e as suas festas são sempre cheias de carinhosas manifestações. A' de hoje nos associamos como amigos de largos annos e com a gratidão que sempre lhe guardam os que o tiveram por interprete.

Cyrano

Boatos e informações

O sainete de costumes madrilenos *El amigo Melquiades ó Por la boca muere el pez*, que amanhã se exhibe pela primeira vez em Lisboa, para estreia da companhia de zarzuela dirigida pelo primeiro actor comico Salvador Videgani, foi representado, com successo, no Apollo de Madrid, ha dois annos. O protagonista era desempenhado pelo actor Moncayo, que o anno passado esteve entre nós, fazendo a parte da *tonta Benita* a actriz Mayendia. A enamorada *Nieves* desempenhava-a uma tiple formosissima, a srt.ª Leonis, e nos restantes papeis mais importantes entravam a talentosa Carmen Andrés, o nosso conhecido actor-comico Ortas filho, a tiplesinha Pilar Gavillau, etc *El amigo Melquiades* é uma farça ornada de musica, com muita observação tipos esplendidamente copiados do natural, a que a graça do auctor, o conhecido librettista Arniches, deu um não sei quê do orginal, que interessa o espectador, garantindo-lhe o exito que teve depois em toda a Hespanha.

● Na recita de Alves da Cunha representar-se-ha em S. Carlos uma peça n'um acto de Jacintho Benavente.

● O terceiro acto da peça *O circo de inverno*, traducção de Mello Barreto, passa-se n'um circo acrobatico. Essa scena está sendo pintada por Mergulhão.

● A companhia do Apollo, ao que parece, deve voltar ainda esta epocha ao Porto, onde fará «reprise» do *D'alto abaixo* e exhibirá o *Fado e maxixe* e a *Rosa tiranna.*

● A peça em um acto e em verso *A onda* que se representa no sabbado, no Gimnasio, na recita de Mario Duarte é a estreia no theatro do sr. Ponce de Leão.

Circos & Music-halls

O sentimentalismo contra a razão

Constou ha dias que uma grande troupe acrobatica, que se mantém ha quasi um mez em pleno successo em Lisboa, havia começado os ensaios d'um pequenito portuguez, de 12 annos, que tem habilidade para acrobatismos. Mais se accrescentava que a familia do pequenito havia auctorisado os ensaios e que permittia que os acrobatas o levassem na sua companhia através do mundo, feito já artista e ganhando o seu dinheiro.

Pois quando tal souberam, alguns piedosos cavalheiros reprovaram o facto, dizendo:

—Não se devia consentir! E' triste que vá uma creança por esse mundo fóra, sem familia e entregue a gente que não conhece!

Indagámos do empresario d'essa troupe de gimnastas o que havia. Promptamente, esse senhor nos respondeu:

—Não ha nada. Viajo com os meus artistas por todo o mundo e todos elles são meus amigos e eu amigo d'elles. Quando chego a uma terra e descubro um acrobata de regular merecimento, offereço-lhe emprego. Se acceita, vem para o nosso lado, trabalha, viaja comnosco, é um dos nossos amigos e tem o seu ordenado. Eis a que se resume tudo...

—E quando são menores?

—São contractados com consentimento da familia, que, em geral, é quem recebe os honorarios.

Sobre o caso em questão, mal nos podia elucidar porque nada havia resolvido, mas disse com certo sabor philosophico:

—Em todo o caso, mais vale a um pequenito fazer-se artista que andar a esmolar ou a vender jornaes pelas ruas de Lisboa.

COLYSEU DOS RECREIOS
O violinista belga Gory e o saltador italiano Zizine Frediani.

Os homens de sport *e os gymnastas que assistiram ao espectaculo de hontem no Colyseu dos Recreios vieram de lá maravilhados, porque assistiram á estreia do melhor saltador que tem vindo a Lisboa. E' Zizini Frediani, o filho mais velho de Willy Frediani, que os litteratos francezes conhecem pelo afilhado de Pierre Loti. Salta, com o auxilio do tranpolim, mais de 4 metros de altura e passa por cima de 18 homens, com os braços levantados e postos em fila, uns atraz dos outros! Os seus saltos são artisticos, rapidos,* sahidos com *excepcional energia e rematados limpamente e sem precipitação! Obteve vibrantissimos applausos, que foram merecidos.*

O publico lisboeta, que tanto gosta do trabalho de saltos, tem agora para admirar e applaudir o melhor artista do genero, um verdadeiro campeão, muito superior, sem comparação, ao faz-tudo Christiani, que fez época no Colyseu.

Para affirmar o seu merecimento e para desfazer impertinentes observações d'um jornalista, Zizine começou hontem o seu trabalho por um salto prodigioso, que só a elle vimos executar. Collocou um homem de pé, com os braços levantados e segurando um chapeu, em cima d'uma cadeira e poz esta junto do tranpolim. Depois formou o salto e passou quasi a meio metro por cima! Isto quer dizer que Zizini não só é especialista em saltos em extensão *mas de altura.*

Para nós o valor de Zizini Frediani ainda é maior, porque sabemos que esteve ha pouco tempo doente, e durante mais d'um mez, d'uma ruptura muscular dos musculos da perna e que utilisou um trampolim novo, curto, collocado muito baixo e sem elasticidade! O trampolim usado por Zizine partiu-se no ensaio. Hontem, uma hora antes do seu trabalho, estava improvisando aquelle com que trabalhou. E', na verdade, um phenomenal artista, que é pena que o publico não veja por mais tempo, pois que se despede de Lisboa, no dia 29, com a companhia que o sr. Antonio Santos póde, afoitamente e orgulhosamente, proclamar como a melhor que tem vindo a Portugal e que até hoje contractou.

Outra estreia teve o espectaculo de hontem, a do violinista Gory que agradou a todos os assistentes e principalmente aos musicos. E maior successo obteria se o pianista que o auxiliou não fosse tão nervoso e não se atrapalhasse com tantos espectadores, como eram os da recita da moda...

Noticias

Entre nós

No Salão Foz, estreia-se hoje a coupletista-cançonetista internacional Ellen Dagris, ficando para breve a estreia dos duetistas Beriguardis.

—No Chiado Terrasse estreiam-se hoje tres «films» um dos quaes de grande metragem, «O Veneno da Inveja».

—No Coliseu dos Recreios effectua-se na proxima quinta feira uma «matinée», dedicada ás familias e creanças da sociedade elegante de Lisboa. No mesmo circo está marcada para a noite de sabbado um grande espectaculo que é o da festa artistica dos engraçadissimos palhaços Rico e Alex com todas as attracções da companhia, que se despede, definitivamente, no dia 29.

lim não soubera concluir. Conservam-se elles e a Europa na mesma posição. Esses povos apenas pensam em desenvolverem a sua independencia ou o seu territorio libertado; a Europa apenas tem um pensamento: evitar, sendo possivel, ou pelo menos retardar o cataclysmo previsto no caso da mais ligeira ruptura d'equilibrio se dar no Oriente.

Quando foi da questão da Armenia, lord Salisbury declarava:

«A opinião geral das potencias é a de que o imperio turco deve ser sustentado, visto que combinação alguma destinada a substituil-o póde fazer-se sem trazer o risco sério d'um conflicto europeu».

E o estadista francez Gabriel Hanotaux, a proposito da questão de Creta, diz: «As potencias não querem arriscar-se a abrir um abysmo de hostilidades, para o qual não só os povos rivaes dos Balkans, «mas ainda outros e mais afastados» seriam talvez invencivelmente arrastados».

Ora estas palavras eram proferidas a 22 de fevereiro de 1897.

O imperio ottomano recusava-se, porém, por si proprio, a encetar a vida nova que a apprehensão da sua morte devia aconselhar-lhe. A Turquia, apoz um esforço no reinado de Abd-ul-Hamid, abandonava-se e caminhava lentamente para uma verdadeira desaggregação.

Em vesperas da revolução que preparava o advento de um novo regimen, o quadro da Turquia moribunda era o seguinte: «Desde 1878, a Turquia afundou-se na anarchia e sente cada vez mais a difficuldade de existir. As populações estão exhaustas, não podem mais. O processo governamental sahido da conquista—isto é, a violencia premeditada tendo em perspectiva a repressão pela espada—não fez mais do que dissimular-se em parte sob um methodo mais adaptavel e talvez mais detestavel: uma apparencia de procedimento legal, uma obra mixta de justiça e de policia, uma confusão astuciosa de todas as desconfianças e de todas as delações, uma vigilancia exercida por uma espionagem continua de todos por todos, n'um paiz horrorosamente dividido. Por isso, o terror reina.

«A obra administrativa limita-se ao recebimento dos impostos de um lado e, de outro, á manutenção dos funccionarios publicos, mas isso por um unico meio: a concussão. Sendo mal retribuidos os agentes da auctoridade e não tendo outros recursos além do dinheiro extorquido ao contribuinte, essa retribuição, isto é, o proveito illicito dissimulado sob a fórma de um presente mais ou menos voluntario, o «rouchwet», tornou-se uma instituição.

«Tudo é «rouchwet» e o funccionario trabalha unicamente para obter o «rouchwet». Uma obra de perseguição e de intimidação mais ou menos hipocrita se executa incessantemente e torna a vida publica insupportavel.

«O presidente de um tribunal civil de uma grande cidade recebe—quando recebe—276 francos por mez. Attendendo á vida dispendiosa do Oriente, é essa uma quantia tão mesquinha que representa apenas a quarta parte do que é neccessario a um magistrado de essa cathegoria. Que se ha de fazer? O magistrado paga-se por suas proprias mãos e succede assim do cimo ao fundo da escala. O contribuinte não está contente; o funccionario ainda menos; mas, é preciso viver.

«Resultado final: um universal descontentamento, descontentamento apenas reprimido pela espionagem e pela violencia a elevada pressão. A machina gira assim no vacuo, gastando as suas proprias molas, até á hora em que se queimará a si mesma e rebentará.»

Os que viram Constantinopla n'essa epocha conheceram um dos espectaculos mais singulares que pode apresentar um formigueiro humano. Em cada uma das margens ligadas pela ponte de Galata, dois mundos estão em presença: de uma parte, Pera, a cidade levantina ou europeia; de outra, Stambul, a cidade oriental ou turca.

Stambul, cercada pelas suas velhas muralhas construidas com as pedras esculpidas ou gravadas, des-

e em seguida a profundas rivalidades entre os conquistadores.

Esses territorios não são só vastos e ferteis; na sua immensa extensão encontram-se os logares que dispuzeram no passado e disporão no futuro do progresso humano: as terras mães da civilisação, o Egypto, os valles do Tigre e do Euphrates, a Syria, d'onde nos vieram os caracteres alphabeticos e os numeros, a Palestina, que foi berço do judaismo e do christianismo, a Arabia, centro do mahometismo, Constantinopla, a herdeira de todas as grandezas antigas, as ilhas do Archipelago e do Adriatico que foram os pontos d'escala da civilisação para o occidente mediterraneo. Além d'isso, as grandes passagens, eternamente cubiçadas e disputadas: o Danubio e os rios que, pelos Balkans, ligam a Europa central ao Mediterraneo; o Bosphoro e os Dardanellos, o isthmo de Suez, o mar Vermelho, o golpho Persico, isto é, as vias terrestres e maritimas que ligam trez continentes.

A chamada «questão do Oriente», desde o seculo XVIII, encerrava todos estes problemas, além do grande problema moral e religioso que agita o mundo—a lucta entre o monotheismo asiatico e o christianismo—. Desde a guerra de Troia e as invasões persicas que o mundo não assistira a um duello de maior gravidade e mais commovente.

A Europa evitava o agitar essas questões e só o fazia tremendo. Sabia que desappareceria o seu repouso durante longos annos, talvez mesmo durante seculos, quando a crise se manifestasse. Por isso ia-as adiando. Necessidades, porém, mais fortes que a vontade humana precipitavam os acontecimentos.

O imperio ottomano esphacelava-se por si mesmo. Os territorios occupados cahiam no abandono e tornavam-se estereis: os mais bellos paizes do mundo tinham-se tornado desertos. As communidades christãs não podiam supportar o jugo musulmano: animadas pelo sopro de independencia que os novos tempos espalhavam pelo mundo, rebellavam-se e offereciam-se em holocausto, para conquistarem o mundo pela piedade.

A politica tinha interesse em não deixar as coisas resolverem-se por si mesmas: uma repressão violenta e victoriosa confirmaria o estabelecimento dos turcos na Europa com todas as complicações que provocaria; uma revolta feliz das populações locaes resolveria as questões d'equilibrio sem tomar em consideração os interesses das potencias.

A diplomacia intervinha, pois, umas vezes habilmente, outras vezes sem opportunidade. As revoltas,

O general Hœtzendorff

as guerras, as pacificações provisorias e o mal estar permanente, tudo vinha contribuir ainda para a complexidade do problema.

As potencias européas, que foram e se julgaram durante muito tempo senhoras dos acontecimentos, hesitavam entre os dois partidos a tomar: a manutenção da integridade do imperio ottomano, o que adiava as soluções; a intervenção em favor dos povos e das communidades balkanicas.

Os diplomatas eram favoraveis á primeira solução: os povos á segunda

A politica dos povos vence quasi sempre. A intervenção européa correu em auxilio das populações revoltadas, para libertar gradualmente a Grecia, a Romania, a Servia, o Montenegro, a Bulgaria. E' conhecido o papel da França—cujo protectorado sobre os catholicos do Oriente assegurava uma certa sobrevivencia da civilisação occidental—da Inglaterra, da Russia, filha da Byzancia orthodoxa, irmã mais velha das populações slavas dos Balkans.

Foi devida á intervenção da Russia em 1877-1878 a mais recente crise do imperio do Oriente, antes dos actuaes acontecimentos. No congresso de Berlim, Bismarck pretendeu regular, em nome da Europa, uma das phases da questão do Oriente.

Inutil será accrescentar que elle se preoccupava principalmente com os interesses da Allemanha.

D'accordo com a Inglaterra e com a Austria-Hungria, opôz-se a que a Russia colhesse os fructos da sua victoria, e, recusando-se, tanto quanto poude, a dar ouvidos ás reivindicações das communidades balkanicas, entregou a sorte da Turquia aos proprios turcos, mas introduziu no debate um novo elemento, as ambições da Austria-Hungria, que se propunha, sob a égide do chanceller de ferro, compartilhar da peninsula dos Balkans. Bismarck abria assim caminho ao mesmo tempo á influencia germanica.

Era um novo e poderoso factor que intervinha assim nos negocios orientaes. A grande Germania, cimentada pelas victorias de 1866 e de 1870, pela constituição da alliança entre Berlim e Vienna, procurava expandir-se no Oriente. A Turquia tornava-se protegida dos dois imperios; o seu territorio na Asia era apenas a cauda do magnifico manto imperial talhado pela Prussia.

Esse systema, imposto com suprema habilidade, encontrára da Inglaterra, a principio, todas as facilidades, tanto mais que, como compensação da sua adhesão, obtivera Chypre e o Egypto; a França, reduzida ao silencio, augmentára o seu imperio africano com a conquista da Tunisia. A Russia, batida, isolára se e trabalhava em desenvolver-se na Asia.

Tudo parecia socegado. Mas Bismarck não contára com dois dados essenciaes do problema: d'um lado, o estado de desaggregamento do imperio turco, d'outro, a força crescente das reivindicações balkanicas, e que o congresso de Berlim não quizera dar ouvidos.

Julgára-se fazel-as calar: iam dar que falar. Resolvera-se subordinal-as á Austria e, indirectamente, á Allemanha: iam provar que tinham sangue nas veias e sangue differente do que corria nas veias dos turcos e dos allemães.

O erro de Bismarck, discipulo de Frederico o Grande e dos que tinham partilhado a Polonia, fôra o julgar que se dispõe de territorios sem consentimento dos povos que os habitam. Ponto de vista regressivo, ponto de vista feudal, em que estava atrazado o genio allemão, depois de ter sido elle o primeiro a proclamar a unidade allemã em nome do principio das nacionalidades.

Os sacrificios que tinham precedido a guerra de 1877-78 e a intervenção da Russia produziram os seus fructos. Um novo progresso se déra e fôra sanccionado pelo proprio congresso de Berlim no sentido da libertação dos povos.

O Montenegro recebera alguns testemunhos da alta protecção russa, em especial a concessão do porto de Antivari, que lhe permittia o accesso ao Adriatico. Verdade seja que se tinha reprimido rudemente as suas aspirações, collocando-o mais ou menos sob a vigilancia da Austria. Mas saberia esperar.

A Servia, que fôra uma das causas iniciaes da guerra, foi abandonada pela Russia e sacrificada á Austria, a qual, fazendo-lhe conceder os districtos de Tern e de Pirot, fingiu tomal-a sob a sua protecção.

A Romania, cuja independencia foi reconhecida, perdeu a Bessarabia e só obteve em compensação mesquinhas concessões na região da Dobrontcha, concessões que a França

poude conseguir augmentar um pouco no ultimo momento.

A Grecia, egualmente apoiada pela França, obteve, apoz demoradas e difficeis negociações, uma rectificação de fronteira nas provincias da Thessalia e do Epiro.

A grande obra do congresso de Berlim, a unica que póde ser considerada como recompensa da victoria russa, foi a creação da Bulgaria. Os delegados bulgaros traçavam, nos seguintes termos, o programma da sua futura acção na peninsula balkanica, se lhe fôsse permittido libertar-se e organisar-se:

«O povo bulgaro pede a autonomia com um governo nacional garantido pelas grandes potencias protectoras dos christãos do Oriente, unico meio de poder viver pacificamente e desenvolver-se gradualmente. Só a autonomia do povo bulgaro n'essas condições o poderá tornar capaz de ser, pelas suas proprias leis e pelas suas proprias forças, um dos agentes mais activos e mais perseverantes do progresso e da civilisação na Europa occidental; seria, ao mesmo tempo, a garantia mais segura de uma paz duradoura na maior parte da peninsula dos Balkans.

«E só ella póde impedir, no futuro, a repetição das atrocidades que com justiça provocaram a indignação do mundo civilisado. E' de crêr que, depois das crueis provações a que o povo bulgaro foi submettido pelos seus dominadores, a Europa não quererá de novo pôr estes em estado de o impellir a actos de desespero, ao sacrificio até da sua existencia».

O povo bulgaro attribuia-se assim, antecipadamente, o papel de Messias. A Bulgaria, renascendo, era a primeira manifestação do panslavismo nos Balkans.

O tratado de San Stefano creára um reino bulgaro com quatro milhões e meio de habitantes e que se estendia desde o Danubio até ao mar Egeu. O congresso de Berlim não attendeu as reivindicações bulgaras; fez da Bulgaria um principado autonomo, mas sob a suzerania do sultão e que só se estendia do Danubio aos Balkans.

Os restos da grande Bulgaria do tratado de San Stefano eram assim divididos: uma provincia da Roumelia Oriental, com Philippopoli, ficava sob a auctoridade directa do sultão, mas com certas garantias d'autonomia administrativa e um governador christão; uma outra provincia, contendo a Thracia e a Macedonia, continuava a fazer parte do imperio, devendo obter, sob a fiscalisação da Europa, certas reformas administrativas.

Não tinham ainda decorrido seis annos e já a Bulgaria tinha occupado a Roumelia Oriental. A Macedonia e a Thracia transformavam-se n'um fóco de desordens que devia, conjunctamente com a questão da Bosnia e da Herzegovina, atear o incendio geral na Europa.

Se a creação da Bulgaria foi a grande satisfação dada á Russia, o regular a sorte da Bosnia e da Herzegovina foi uma satisfação muito maior e muito mais real dada á Austria-Hungria. O tratado de Berlim, por proposta dos plenipotenciarios inglez e allemão, dava a esse imperio o direito de occupar e administrar indefinidamente as duas provincias. Semelhante concessão estabelecia a Austria como senhora no centro dos Balkans, no centro dos paizes slavos. Era uma estrada aberta no caminho de Salonica.

E o imperador não estava ainda satisfeito: reclamava a annexação d'essas provincias. Só a resistencia da Hungria impediu essa solução radical e foi uma restricção que o imperador Francisco José nunca perdoou ao conde Andrassy.

Em resumo, os resultados do congresso de Berlim foram: meias medidas com relação á Turquia; meias satisfações aos principados christãos; um cheque no elemento slavo, entrada em scena do elemento germanico. A peninsula balkanica continuava a ser um pomo de discordias e de graves difficuldades.

O tratado de Berlim baralhava tudo, nada regulava.

De 1880 a 1908 os povos balkanicos empregaram todos os esforços para completar o quê o congresso de Ber-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1664 — 5.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 24 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

DUAS NOTAS

A imprensa hespanhola publica a seguinte nota officiosa do governo do seu paiz, relativa ao indulto de Leandro Gonzalez:

A questão do indulto do hespanhol Leandro Gonzalez era objecto de attenção, desde largo tempo, por parte dos representantes da Hespanha em Lisboa, tanto por existirem nullidades no processo, segundo opinião de pessoas auctorisadas de Portugal, como pelo facto de haver *permanecido preso, por diversos motivos, mais tempo do que correspondia á pena que lhe foi imposta*. Entenderam, assim, o governo hespanhol e os seus representantes que havia razão bastante para sollicitar do governo portuguez a concessão do indulto *ou o emprego d'outra fórma juridica que puzesse termo ao longo encarceramento.*

Nas cortes hespanholas, o sr. Soriano, entre outros, apontou a especial situação d'aquelle individuo, instando com o governo para que chamasse sobre o caso a attenção do governo portuguez.

Os anteriores governos portuguezes, considerando as razões expostas pelos representantes de S. M. em Lisboa, *prestaram-se a deferir as sollicitações do governo hespanhol, e, finalmente, o actual governo propoz ao presidente da Republica o indulto* de Leandro Gonzalez, e assim o resolveu o primeiro magistrado da nação visinha.

O governo hespanhol apreciou este acto de justa deferencia do governo lusitano, cuja origem e causa ficam acima expressas.

Em presença d'esta nota, convem recordar os termos em que era redigida a que o actual governo portuguez forneceu á imprensa, ácerca do mesmo assumpto:

Ao governo foi feito pelo ministro de Hespanha, em nota de 12 do corrente mez, o pedido de commutação de pena para um subdito d'esse paiz. N'este pedido, para cuja satisfação se invocam fundamentalmente as boas relações de amisade entre os dois paizes, aviva-se o compromisso formal e cathegorico a tal respeito tomado pelo sr. dr. Bernardino Machado como presidente do ministerio e ministro dos estrangeiros, em maio de 1914, e que o governo não ter sido ratificado em 9 de junho do mesmo anno pelo então ministro dos estrangeiros, sr. Freire de Andrade, em despacho dirigido ao nosso encarregado de negocios em Madrid, em que dizia que o governo da Republica resolveu commutar o resto da pena a cumprir, em expulsão do paiz, devendo o decreto ser assignado brevemente.

O governo, apreciando circumstanciadamente o assumpto, resolveu tomar o pedido na devida consideração.

Como se vê, são bem diversos os termos d'estas duas notas quanto á marcha das negociações que se effectuaram relativamente ao caso de Leandro. A nota do governo portuguez fala n'um compromisso formal e cathegorico do gabineto Bernardino Machado para a commutação da pena applicada a esse réu, attribuindo-se a affirmação de que elle existia ao representante da Hespanha em Lisboa. Na nota do governo hespanhol não se faz tal affirmação. O que ella diz, simplesmente, é que «o governo hespanhol e os seus representantes entenderam que havia razão bastante para solicitar do governo portuguez a concessão do indulto ou o emprego de outra fórma juridica que puzesse termo ao largo encarceramento d'esse subdito do seu paiz» e que «os anteriores governos portuguezes se prestaram a deferir as sollicitações do governo hespanhol, sendo finalmente o actual governo quem propoz ao presidente da Republica o indulto de Leandro Gonzalez».

Quaes eram as sollicitações do governo hespanhol? A nota do governo de Madrid as declara, como deixamos apontado. Eram «o indulto ou o emprego d'outra fórma juridica que puzesse termo ao longo encarceramento» do condemnado da Magdalena. Foram essas sollicitações que os governos portuguezes anteriores ao actual «se prestaram a deferir».

Não só, portanto, esses governos não tomaram o compromisso «formal e cathegorico» a que se referia a nota do gabinete do sr. general Pimenta de Castro, como, prestando-se a deferir as sollicitações da Hespanha, se não podia considerar esses governos obrigados a propôr necessariamente o indulto.

O governo hespanhol, n'essa occasião, não appellava só para o indulto. Appellava para qualquer fórma juridica que desse em resultado a libertação de Leandro Gonzalez. E varias fórmas juridicas existiam para se chegar ao deferimento das sollicitações hespanholas. Havia, e é a propria nota officiosa do governo hespanhol a isso allude, a de, d'uma maneira geral, estabelecer que a todos os condemnados, a quem, para o cumprimento das penas a que houvessem sido sentenciados, não houvesse sido contado o tempo de prisão já soffrida, fosse com effeito contado o tempo d'essa prisão, como haviatambem a de procurar modificar o artigo do Codigo Penal que comina as penas a applicar ao crime de fogo posto, penas que ninguem deixa de considerar extremamente severas, visto que n'elles não existe a necessaria gradação para os effeitos penaes entre o incendio d'um grande edificio, acarretando a morte de muitas victimas, e o fogo posto a um pequeno palheiro, não acarretando importantes prejuizos nem sacrificios de vidas, nem em relação á autoria e cumplicidade n'esses actos.

Qualquer d'estas disposições, embora aproveitasse ao Leandro, receberia da parte da opinião um natural applauso. Não só se tiraria o caracter exclusivista á medida que beneficiasse esse condemnado rico e influente como representaria um acto de justiça e de bondade para muitos desgraçados, que soffressem as durezas da lei.

Como estamos longe do «compromisso formal e cathegorico» para o indulto do Leandro que se pretendeu lançar á responsabilidade do sr. Bernardino Machado! Essa nota do governo está positivamente esfrangalhada. Negou as affirmações que ella lhe attribuia o sr. Bernardino Machado; desmentiu terminantemente a de que ratificára officialmente esse compromisso ao governo hespanhol o seu successor, o sr. Freire de Andrade. Agora é o proprio gabinete de Madrid que a desmente tambem, visto declarar que «o governo e os seus representantes» se limitaram a sollicitar do governo portuguez «o indulto ou qualquer fórma juridica que puzesse termo ao encarceramento do Leandro».

A nota do actual governo não diz, portanto, a verdade, e a opinião publica tem o direito de estranhar tanto mais esse facto quanto, sendo licito esperar de todos os governos a plena verdade, d'este mais do que nenhum outro, visto proclamar a regeneração dos costumes politicos, que não hesitou em classificar de cafreaes, havia, pois, todo o direito de a esperar, integra e austera. O actual governo, subindo ao poder para o cumprimento de fins que ainda são desconhecidos, mas que affirma de engrandecimento e pureza nacionaes, não o fez evidentemente para mentir. Se o seu intuito visivel é liquidar moralmente os governos da Republica, semelhante processo só poderia ser contraproducente e condemnavel.

D. Miguel ou D. Manuel?

Vae accesa a polemica entre as duas facções monarchicas

Os manuelistas e os miguelistas desancam-se. Segundo *A Nação*, a monarchia do sr. D. Manuel «não é coisa que deva offerecer-se ao paiz sem mais explicações». Segundo *O Nacional*, é muito mais difficil de justificar a monarchia miguelista, «essa especie de Republica actual com os patibulos a mais!»

Os manuelistas affirmam que os miguelistas «teem topete» e declaram tel-os obrigado a desmascarar as baterias que haviam assestado clandestinamente contra elles. Accrescentam ainda que não mais consideram os miguelistas como alliados e que não estariam no seu papel se continuassem a admittir no seu convivio politico «quem em publico e raso dirige semelhantes e tão injustas aggressões a el-rei D. Manuel...»

Se o fizessem—pondera *O Nacional*—seria «uma humilhação vilipendiosa».

Parece que monarchicos manuelistas se esforçaram por impedir toda a polemica entre os partidarios dos dois principes proscriptos e, em face da attitude dos miguelistas, o orgão do sr. D. Manuel de Bragança pergunta-lhes se «acham ainda que o mais habil é deixar livremente circular esta propaganda, estas heresias, e estas affrontas entre o publico monarchico...», sanccionando-as em seguida com o seu reconhecido agradecimento pelos «optimos serviços» que lhes presta *A Nação*.

O Nacional, que quer procurar impedir toda a confusão entre os chamados direitos de D. Manuel e aquillo que classifica de pretensões de D. Miguel, assegura que antes de vir a lume imprestou d'aquelle ex-soberano as necessarias instrucções que benevolamente lhe foram remettidas.

Pelo telegrapho

A rendição de Przemysl

PETROGRADO, 24.—O commandante de Przemysl rendeu-se sem condições. A guarnição comprehendia 9 generaes, 23 officiaes superiores, 2.509 officiaes subalternos e funccionarios e 117.000 soldados. Tomámos posse dos fortes e estamos pondo em estado de serem utilisados a artilharia e os despojos tomados.—(*Havas*).

Derrota turca proximo de Suez

LONDRES, 23.—Uma força turca composta de cerca de 1.000 soldados, commandados por officiaes allemães, foi atacada em 23 do corrente proximo de Suez, a leste do canal, por uma força britannica commandada pelo general Ioughusband que derrotou o inimigo, que bate agora em completa retirada.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

As operações nos Dardanellos

ATHENAS, 24. — Hontem, ás 10 horas da manhã, os navios entraram no estreito dos Dardanellos acompanhados de numerosos barcos para dragagem de minas, recomeçando o bombardeamento.—(*Havas*).

PIM, PAM, PUM!

Politicos que resurgem

De como dizem á gente coisas estranhas que ao deante se verão

Scena I

Feira agitada de provincia. Muito sol, muito pó, muitos camponios girando pachorrentamente por entre as barracas de lona, a abarrotar de mercadorias. N'uma das extremidades da pequenina cidade oscillante, o «Pim, pam pum» offerece-se, capitoso, ao ataque rijo dos feirantes embasbacados. Os bonecos, furados de lado a lado pelos varões de ferro que os sustentam, aguardam, resignados, as boladas fortes que hão de voltal-os de pernas ao ar. Ha de tudo. A companhia do costume está completa. A cada tranbulhão mais violento, irrompe, cá de fóra, de sob o toldo esburacado que resguarda os combatentes, uma ou outra gargalhada mais farta e mais viva.

—Olha, foi o padre que virou os pés por cima da cabeça!

A exclamação causa alarido. Todos estendem mais o pescoço para vêr o padre a espernear, com o barrete á banda, na postura afflictiva de quem, á beira d'um abismo sem fundo e sem luz, procura uma restea de equilibrio. E atraz do padre vão os outros—o militar, o empregado publico, o burguez de grande pança espherica, o politico d'olhar enviusado e manhoso. O «Zé povinho» fica de pé, como um general triumphante, a contemplar, depois da guerra, o longo morticinio. Ninguem lhe toca. Os lapões reforçados poupam-no. Ha guinchos de dôr e d'alegria. A dôr dos que foram derrubados, a alegria dos que os novelos de trapo pouparam.

Quem moveu o braço dos que, sem piedade, devastaram o «Pim, pam, pum»? A vingança e o odio. A antipathia, a repulsão, o desejo de esmagar com uma patada violenta toda a iniquidade que pesa sobre o povo e que elle consubstancia no militar, no padre, no politico. Tentei hoje montar na Arcada um «Pim, Pam, Pum» pittoresco. Convidei para a funcção gente que me pareceu ter a mão certeira. Foi espectaculo d'arromba. E mal tu cuidas leitor, que figuras me appareceram a desafiar a irreverencia e as iras dos que jogaram e disputaram os premios na pequenina barraca onde os meus fantoches dançaram o seu «can-can» nervoso!...

Scena II

Tenho, deante de mim um valentão de fama. Pede-me bolas, muitas bolas. Das mais rijas e das mais pesadas. Tremo pela minha barraca. Tudo aquillo vae ficar em estilhas. Sobretudo o meu pobre grupo de bonecos politicos, como eu receio pela sua integridade preciosa! Todos me parecem mais e mais, no mostruario em que se exibem, como se sobre elles pairasse ameaçadora uma espantosa catastrophe.

A primeira bola parte como um raio. Com que ancia ella corta o espaço, em direcção ao boneco mais corpulento, mais abundante de untos, mais timorato e choramingas! O bigodito d'um loiro esmaecido eriça-se-lhe de pavor.

—Perdão! perdão!—Não fui culbalbucia o boneco afflicto.

—Mas não foi elle o quê?

A bola derruba-o. Então, ameaçado de novas aggressões, o fantoche de barriga enorme lamuria-se como uma creança a quem não deram a sobremeza, volta lentamente á situação primitiva e promette falar e arrepender-se.

—Ando n'isto como Pilatos no credo! Não tenho politica, não quero saber da politica. Não intervenho em nada. Vivo isolado de todos e de tudo. Se alguma coisa faço é aconselhar bondade, prudencia e moderação. Mal posso mexer-me! A minha gotta, a minha maldita gotta! Ha quinze dias que estou a pão e agua. O meu medico é um tyranno! Oh! como é triste ter por medico um governador civil!

O boneco cala-se extenuado. Uma voz exclama:

—E' o Alpoim, é o Alpoim! Está, a final, a mesma coisa! Exactamente como d'antes!

Fala-se agora das ultimas diligencias do sr. Alpoim para endireitar «isto». Todo o «Pim, pam, pum» escuta encantado. A pêcasinha é, realmente, interessante. Vale a pena vel-a do principio ao fim... O sr. Alpoim pôde é a personagem principal. A sua fala é de sensação.

—Custou-me os olhos da cara! Custou-me a convencel-o! O homem é rijo, é teimoso, é personalista como o diabo! Fazel-o arredar da sua é mais difficil do que obrigar o sr. Pimenta de Castro a não, ser casmurro! Mas, emfim, elle é o dono do jornal mais importante d'esta terra, do que circula mais, do que se lê mais, do que se vende mais! Chamal-o á nossa convivencia era inteiramente necessario!

—E conseguiu-o?

—Oh! O que tive de trabalhar para isso! O meu collega militar, aqui do lado, que o diga! Vi-me grego. Supliquei, chorei, disse mal d'este mundo e do outro, recorri á historia, á litteratura, á philosophia, a tudo quanto podia representar um argumento, até que logrei metter a lança em Africa!

Esbaforido, com o rosto innundado de suor, o sr. Alpoim interrompe-se. Mas no olhar vivo, no seu olhar loiro, brilha um pedaço de alegria felina que faz tremer o respeitavel publico. Que mais dirá elle ainda?

Scena III

A dança do «Pim, pam, pum continua. O sr. Alpoim dá mais trez voltas, apanha mais meia duzia de boladas, rodopia, dorido, em torno do eixo que o mantem e, readquirindo a posição vertical dos «Pim, pam, pum» em socego, prosegue assim:

—Mas tive bons ajudantes, juro-o! Os meus collaboradores n'essa obra de salvação governativa merecem toda a justiça. E faço-lh'a. Olé se faço! Eu fiz sempre justiça a toda a gente, sem exceptuar o proprio sr. José Luciano de Castro. E' bom que isto se saiba, para que me não accusem indevidamente. Estou farto de ser victima! Ah! aquelle Chagas, aquelle Chagas!

—Já sabemos! Mas a tal conquista do jornal de maior circulação em Portugal e colonias?

—Sim, sim, lá vamos. Valeram-me o Egas Moniz, o Teixeira de Sousa, o Pedro de Araujo, o Cassiano Neves. Este, principalmente. Foi quem preparou tudo. Aquillo não chegou ao fim logo d'uma assentada. Foi um drama com uns poucos d'actos. O primeiro representou-se n'um grande e palacio asymetrico, com um grande parque em volta, situado lá para cima, para as avenidas novas! Os outros... Ah! sim, os outros tiveram o palco em minha casa e não me lembro mais aonde. Mas o homem prometteu...

—O quê?

—Não hostilisar o governo, deixal-o viver em paz. E' a politica que convem. E' a nossa politica. Estou radiante, estão radiantes, estamos todos radiantissimos!

E o sr. Alpoim personificado n'este boneco bojudo que o meu athleta não deixa de aggredir com um chuveiro de bolas implacaveis, coça com os dedos pollegar e indicador da mão direita as extremidades asperas do bigodito esbranquiçado e prepara-se para repousar como repousam os justos, depois d'um longo martyrio. O publico, porém, não o larga. Quer mais, quer tudo. E desafia-o...

Scena IV

Nova bolada. Esta acertou mesmo em cheio no alvo oscillante. O exchefe da dissidencia geme fundo, disfarça a dôr que lhe tortura o ventre poderoso e finge que chora, que implora piedade e perdão. Desabam sobre elle a troça e a larácha...

Dá, no fundo, com o perfil d'um sujeito alto, de gravata vermelha, que ainda não perdeu o habito de ser republicano. A gazela em questão, que tu quizeste converter, já hontem dava o dito por não dito. Arrependimento ou quê?

—Não me importunes, jacobino hediondo! Longe da vista, longe do coração! O dono do jornal que eu quiz transformar em orgão de Pimenta de Castro safou-se. Deve estar, a estas horas, prestes a estirar-se ao sol, junto das pyramides do Egypto. D'ahi o artigo d'hontem...

—De mão fechada, de mão pregueta...

—Imbecil! Quem podia gostar d'aquillo? Quando o li, ia cahindo fulminado. Senti nos miolos uma onda de sangue. Peguei no telephone, n'aquelle telephone que é para mim como que um canhão de quarenta e dois, e repeli. Affirmo que a rebellião não se repetirá.

Cada vez mais irritado, José Maria outra escolha descompassadamente. E, n'um impeto da mais incendiada colera, o antigo ministro grita:

—Até parecia escripto por um democratico, aquillo! Tenho-o aqui atravessado!

Ha risadas irreverentes. O desespero d'estre illustre ornamento do meu «Pim, pam, pum» politico não se transmitte ás gentes que o escutam. A debandada principia. Preparo-me para arrecadar no caixote que é o meu tumulo, os bonecos que hoje levei até á Arcada aborrecida. Um d'elles, porém, reflia! E' o mais insubmisso, e o mais repontão. Tenho sempre medo do que elle diz...

—E foi para isto que se proclamou a Republica!—exclama elle. Para que se derrubasse os elementos da monarchia pretendessem agora crear para seu uso um regimen especial, á sua imagem e semelhança! A velha politica resurge como era d'antes—vesga, travessa, cheia de becos, prompta para tudo. O que será feito de nós, onde irá isto parar?

E nada mais se passou hoje, digno de menção, n'aquelle vão da Arcada onde, pela primeira vez, montei o meu misero «Pim, pam, pum». O sr. Alpoim sahiu, da primeira exhibição, regularmente amachucado. Mas que culpa tem a gente de o terem escolhido para alvo? Que gosto tam de divertir-se com os seus bonecos tagarelas e symbolicos?

A. M.

Poeira da Arcada

O facto de o governo demittir, suspender ou ordenar syndicancias a funccionarios, só por estes clamarem pelo restabelecimento da legalidade constitucional, cria uma situação de sobresalto para as poucas opiniões livres que, entre nós, ainda se exercem com brilho e coragem.

Depois de tantas luctas e sacrificios, nós encontramo-nos na deploravel contingencia de termos de guardar os nossos pensamentos no silencio impenetravel da consciencia, para não corrermos o risco de figurar no martyriologio dos que perdem o pão, por um excesso de devoção aos principios. Como exemplo acabado do prestigio crescente das virtudes democraticas, o caso suggere reflexões de grande proveito para os sujeitos que fazem carreira, receando sempre indispôr-se com os poderes

***

O tenente Aragão que, no sul de Angola, tão heroicamente derramou o seu sangue para demonstrar que um verdadeiro portuguez chega aonde quer, mesmo que a morte lhe queira deter o passo, ficará como um alto exemplo do muito que póde a bravura, quando um sublime desespero a sobrepõe a desastres irremediaveis. Tanto quanto a espada e o valor de um soldado pódem remover as barreiras de um mau destino, elle desafia os juizos, ou limitado a os temerarios, dos que, sem arriscar a pelle, sentenceiam sobre o esforço dos outros.

***

Os cães vadios teem em Lisboa uma existencia difficil, visto que as nossas ruas, actualmente, são hostis a todos os caprichos da bohemia errante.

Os poucos que apparecem denunciam uma tão longa odisseia de privações que se vê bem que a sua confiança na vida é mais tenue que as esperanças de um moribundo.

A sua pellagem suja, desbotada e inculta indica com a maior clareza que a miseria lhes abre as portas do degredo, antes de elles haverem commettido qualquer crime.

Os desastres de Africa

A falta de fundamento das suspeitas lançadas pelo «Nacional»

O «Nacional» voltou a referir-se aos desastres de Africa, insistindo em lançar a suspeita de que elles se devam, se menos em parte, por culpa da Republica. Faz perguntas sobre a organisação das tropas, sobre as suas condições moraes e materiaes, cohesão, disciplina etc., mas muito bem sabe o «Nacional» que tudo isso se regula no tempo da Republica como se regulava no tempo da monarchia, mediante as indicações e a orientação das estações militares competentes e dos respectivos commandantes.

Do episodio a que fez hontem referencia, e cujo fundamento inteiramente ignoramos, não podem tirar-se as conclusões apontadas pelo «Nacional», visto provar-se que não se encontra em Africa, com a graduação de alferes, nenhum dos sargentos que se bateram na Rotunda. Mas, mesmo que assim fosse, só por desconhecimento das coisas militares é que se poderia dizer que a Republica praticou o «erro» de mandar para a Africa alferes que eram no continente simples sargentos. Isso succede hoje, como succedia no tempo da monarchia, com a applicação do principio da promoção ao posto immediato, dadas certas condições de offerecimento para serviço colonial. Os primeiros sargentos seguem no posto de alferes como os alferes seguem no posto de tenentes, e a experiencia demonstra que esse principio nem affecta a disciplina nem se traduz em defeitos de instrucção militar das tropas commandadas por officiaes promovidos n'aquellas condições.

Mas o importante é affirmar-se que não tem fundamento a allusão a qualquer supposto sargento da Rotunda, que fosse o protagonista da scena do Evale. Assim cahe pela base a suspeita lançada por aquelle diario monarchico. E é bom recordar-lhe que alguns dos militares que se bateram na Rotunda pela Republica já demonstraram o seu heroismo em lances que a Historia ha de registar. Basta apontar um nome: o do tenente Aragão, cuja memoria deve ser amada e respeitada por todos os portuguezes.

A culpa da Republica... Mas, então, não sabe o *Nacional* que as nossas tropas tambem soffreram desastres no tempo da monarchia, alguns d'elles em circumstancias tão lamentaveis como o de Naulila? Em 1904 foi totalmente massacrada no Cuamato uma centena de officiaes e de soldados europeus. Alguns annos antes, soffremos em Moçambique reveses infligidos pelos namarraes, que obrigaram o proprio Mousinho de Albuquerque a uma retirada na Mujenga. Tivemos na Guiné os desastres que precederam a guerra dos *papeis*. João de Azevedo Coutinho soffreu reveses no Barué, onde ficou uma vez queimado e em perigo de vida. Isto para apontar apenas os desastres maiores, que andam mais ou menos na memoria de toda a gente, e porque o *Nacional* não precisa que esta analise retrospectiva só venha a parar nas paginas de Alcacer-Kibir...

Houve imprudencias, erros ou quaesquer outros factores condemnaveis que concorreram para os recentes acontecimentos de Africa? Pois que tudo se esclareça, no apuramento das responsabilidades que a cada um pertençam, mas com a antecipada certeza de que elles não se deram, como o *Nacional* quer fazer suppor, por culpa da Republica.

A HISTORIA DAS INCURSÕES

Testemunho d'um cadete

O que conta o sr. A d'Eça de Queiroz no seu livro intitulado «Na fronteira»

Mais um volume sobre as incursões monarchicas de 1911 e 1912. Firma-o o sr. Antonio d'Eça de Queiroz, um dos filhos do maravilhoso artista d'*A cidade e as serras*. Joven com evidentes pretensões litterarias, como se os factos não desmentissem todos os dias o prologuio segundo o qual filho de peixe sabe nadar, o sr. Antonio de Queiroz possue, sem duvida alguma, certas qualidades, embora escreva coisas phantasticas quer quanto á forma, quer quanto ao fundo.

Intitula-se *Na fronteira* o volume, que conta 361 paginas e tem um incontestavel valor documentario. Involuntariamente, o auctor deixou traçado n'esses capitulos o seu retrato psichologico e da mesma forma retratou os moços cadetes de Couceiro que a si proprios se denominavam os «pinocas». A historia anedoctica das incursões encontra, por certo, nas paginas do sr. Queiroz fartos e pittorescos subsidios, affirmações de muito alcance, dados justificativos do malogro das intentonas e da cumplicidade dos hespanhoes, pormenores, em summa, que o chronista consciencioso das conceiradas registará com interesse profundo.

Tendo verdadeiras e risonhas ingenuidades nas suas expansões, o auctor de *Na fronteira* é, todavia, apesar de muito novo, um espirito observador. N'este livro, em que elle talvez como estilista se julgue emulo de seu pae, ha minucias muito para apreciar. As preoccupações de cama e meza são das mais curiosas. Rara é a pagina em que se não fala de comer e beber e da fome que amiude assaltou o moço cadete ou os seus companheiros. «Jantoi de vasto appetite» escreve o sr. Queiroz logo a pag. 12, relatando a sua chegada a Vigo. Os almoços e os jantares de Monforte eram presididos pela esposa do capitão Camacho e pela filha d'um capitão da guarda civil, «homem amavel o mais possivel—confessa o sr. Queiroz—que muito ajudou os monarchicos na Galiza». Ajudas semelhantes referem-se em varios pontos do volume. O alcaide da Lubian foi um dos mais fervorosos e prestantes auxiliares que tiveram os incursores.

A gente de Paiva Couceiro—centenas de homens—em terras de Hespanha mostra-nol-a o auctor de *Na fronteira* tal como ella por lá andou, fardada, exercitando-se, fazendo contrabando de armas, marchando em direcção á fronteira, internando-se, finalmente, em Portugal...

Mencionando a estada em Monforte, o joven paivanto escreve:

A's tardes, corriamos a antiquissima cidade, soando as lages desconjunctas das viellas, ao duro pisar das grossas botas de campanha. Atarefavamo-nos, em compras urgentes, em ultimos preparos bellicos, adquirindo pistolas, munições, bornaes, correame e grandes cobertores raiados de côres vivas. Um sastre modesto fabricou-nos uns curiosos calções de bombazina, parecidos, tendo-se boa vontade, com calções inglezes de montar.

O sr. Queiroz, fardado, viu-se a um espelho e encontrou em si «um tom rudemento marcial» que lhe causou agrado. Elle o confessa: «não feito para me desagradar». E descreve-se por esta fórma:

O chapeu, de aba galhardamente levantada, á mosqueteira, onde pregára uma corôa real, sobre um laço azul e branco, um levejaquetão cinzento, a que tirára o aspecto placido, com as varias correias que o cortavam e cruzavam, d'onde pendia o bornal; além d'isso o cobertor enrolado passado a tiracollo. Infelizmente para a esthetica, tive de esconder sob as abas do casaco o cinturão onde pendia o revólver; isso formava-me sobre a anca direita um tumor formidavel... Emfim, calções de bombazina, «jambières» de panno verde e as odiosas botas completavam o meu vestuario, não elegante é verdade, mas bem ao par da minha missão guerreira.

Ha quem se não esqueça da banza. Um moço conceirista traz «pendurado por um barbante, sobre o hombro de herculea, um violão». O sr. Queiroz explica: «Para podermos nos vagares dos acampamentos entreter-nos, ouvindo cantar o fado».

Na marcha para a Lubian, chegam aos incursionistas informações que os entristecem. Eram perto de mil os homens e não dispunham de mais de quatrocentas armas! Os carabineiros, a troco d'uns miseros duros, deixam passar o armamento e as munições. O sr. Queiroz topa um antigo companheiro do liceu de Santarem e recorda um facto que lhe succedeu na velha Scalabis: Levou «uma sova de tacos de bilhar» de dois caixeiros viajantes contra os quaes se manifestára «pelo simples motivo de os encontrar por demais alegres» na noite seguinte ao regicidio...

O quartel-general da tropa de Paiva Couceiro installou-se em casa do alcaide da Lubian, D. Pepe Rodriguez. No alto da serra aquartelava-se a companhia de D. José Gil. Foi ter com ella o sr. Queiroz, que observa:

Admirei a boa ordem e, sobretudo, o descaro atrevido com que os clarins faziam os seus toques, ali, em terra hespanhola, a meia duzia de passos do posto dos carabineiros da Lubian!

Como não havia de succeder assim se o «alcaide excellente» era o primeiro a pôr a sua influencia ao serviço dos incursores e a procurar obter-lhes o armamento que em certas occasiões não lhes foi possivel deixar de apprehender!

O sr. Queiroz viu n'esse quartel general o chefe:

Junto a uma das paredes anjas que alvejavam percebi uma sombra immovel e silenciosa. Quando me acostumei á luz escassa, reparei mais attentamente n'essa sombra. Um casaco azul, polainas, um chapeu desabado escondendo quasi uma cara pallida onde havia a expressão do um continuado muito triste. Reconheci o nosso commandante, o capitão Henrique de Paiva Couceiro. Não me adeantei. Não lhe falei. Pouco o conhecia, admirava-o com fervor quando em Lisboa, durante os terriveis dias que derrubaram a monarchia, combatera pelo seu rei cumprindo rigidamente o seu dever de soldado, a que tantos outros, n'uma vergonhosa covardia, ou n'uma não menos vergonhosa indifferença, escaparam...

No quartel general da Lubian, a fome assaltou mais uma vez o sr. Queiroz, que se viu forçado a praguejar com violencia, coisa frequente n'elle, e a comer «umas codeas já roidas, ensopadas no resto do azeite de uma lata de sardinhas já lambidal» E tal situação fel-o reflectir:

Tomar um bom chocolate no Martinho! Que longe estão o Martinho e o chocolate! Por estas horas estará aquelle invadido pela farça turba de carbonarios que, bebendo grogs quentes, discutem escaloradamente a sova que vão dar aos conceiristas! Tambem me sinto lugubre e desanimado; para reagir, trauteio o fado.

E, trauteando o fado, os cadetes e os outros caminharam, como dizia Ruy da Camara, para o suicidio...

Migalhas

Aveia ou cevada?

Esta historia da estatua de Pombal deve ficar nas anecdotas da Arte Portugueza como uma das mais curiosas. Faz-se um concurso regulamentar e um senhor juri acha que se deve escolher o projecto dos srs. A e B. Os srs. C e D, classificados em segundo logar e julgando-se prejudicados, o que de resto succede a todos que não alcançam o primeiro, começam movendo uma campanha contra o projecto vencedor e conseguem interessar na sua causa grande numero de pessoas em evidencia. Realisa-se novo concurso, este agora completamente ás claras, pois que se sabe a quem pertencem os projectos e já pesam na balança da decisão as discussões anteriores. Os concorrentes interessados começam dando por suspeitos varios artistas indicados para o juri e chega a coisa a tal aperto que, por um pouco, se não consegue arranjar numero para esse segundo tribunal.

Este arredo do concurso por motivos alheios á apreciação artistica a tal segunda *maquette* e eis que o ministro da instrucção—ou bem que se é dictador ou não é—intervem com a sua opinião pessoal e dá razão a uma representação largamente assignada pelos apologistas do projecto preterido.

Fala-se agora em organisar terceiro juri, quando para organisar o segundo as difficuldades foram bastantes. Se esse terceiro cae na ingenuidade de ratificar as decisões anteriores, temos o monumento entornado. Se se inclina para o lado para onde o querem levar as varias pressões existentes, os auctores do projecto já duas vezes escolhido promettem uma *bronca* do respeito e não lhes falta razão. Portanto, a meu vêr, não ha senão um meio: mandar vir de cada uma das nossas mais remotas provincias ultramarinas um indigena que não conheça os srs. A e B nem os srs. C e D e dar-lhes a escolher entre as *maquettes* em litigio, tendo previamente feito assignar aos concorrentes, parentes e adherentes um pacto em que se comprommetam a acatar as resoluções do terceiro juri. Se não nunca mais sahimos d'esta situação de burros de Buridan.

André Brun

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

"O Diabo" em S. Carlos

na festa artistica de Ferreira da Silva

Noite de gala a de sabbado em S. Carlos. E' a festa de Ferreira da Silva, um dos mestres da scena portugueza, que para ella escolheu um bello trabalho do comediographo hungaro Molnar, auctor moderno, muito novo ainda, contando agora apenas trinta annos.

O *Diabo* é a segunda comedia que Molnar produziu; tinha então dezoito annos, mas já a esse tempo dispunha do aptidões taes, que logo o consagraram como um dos melhores comediographos da sua epocha, tanto que Zacconi se apressou a adquiril-a para o seu reportorio, tendo sido por elle desempenhado, em Lisboa, o papel em que Ferreira da Silva se nos apresenta agora dando-lhe uma interpretação excellentemente sua, pois que ao tempo em que Zacconi a representou no theatro da Republica andava Ferreira da Silva trabalhando em *tournée* pelas provincias.

Não obedece, portanto, a interpretação que lhe dá a quaesquer suggestões de imitação, antes traduz o seu estudo, a sua impressão pessoal.

A escolha da peça derivou do que d'ella lhe dissera em tempos Gualdino Gomes, a quem depois pediu para traduzil-a. Tendo-lhe pedido impressões da temporada de Zacconi, Gualdino expandira-se em louvores á peça de Molnar, admirando-lhe a architectura, a technica e o espirito. Uma das melhores comedias que tinha visto.

E' a velha lenda do diabo caçando almas para povoar o seu imperio, mas um diabo modificado á epocha, janota, bem falante, conhecendo a gente moderna e as suas paixões. Adaptando-se ao meio, deixou no inferno os chavelhinhos d'ouro e as pupilas de lantejoulas vermelhas com que seduzia as Margaridas e os Faustos do bom tempo; e entrajou-se á moda de casaca de bom corte, collete de seda e chapeu de pasta, usando perfumes de Haubigant em vez do velho enxofre de que roza a antiga chronica.

Mephistopheles no seculo XX era incapaz de enganar ninguem, nem mesmo a provinciana mais lôrpa; e astuto como é não está disposto a perder tempo. De conservador transformou-se em modernista.

Na sua peça faz Molnar justiça á malicia da mulher que é maior do que a malicia do diabo e chega a pôr este em chequé, como n'uma das scenas se vê.

Peça vasada nos modernos moldes, empolga não só pela acção, como pelo brilho do dialogo, pelo espirito de observação e pela naturalidade das personagens. E' vivida, é humana, sem os lances tragicos que muitas vezes descambam em comicos, como uma vez succedeu com Ferreira da Silva quando no Brazil representava a *Martyr*, d'Enery, contrascenando com João Rosa, cuja memoria não se apaga no theatro portuguez.

João Rosa tinha que matar Ferreira da Silva com um tiro de pistola, ao mesmo tempo que dizia:—Morre, miseravel!

Chegado á devida altura, João Rosa proferiu a tragica phrase e deu ao gatilho, mas a pistola, molha, Tornou a proferir a phrase e a dar ao gatilho, mas a pistola nada.

Ferreira da Silva, sem tiro, não podia, logicamente, morrer. O momento era solemne; o publico cheio de interesse esperava anciosa a morte do tyranno, e Ferreira da Silva, sem poder conter o riso, olhava para João Rosa, que lhe dizia em voz baixa, nervoso, irritado:—Mas morre, diabo!

Como Ferreira da Silva não se mostrasse disposto a morrer assim, sem razão, porque lhe faltava o apparato tragico do tiro, João Rosa desesperado avançou para elle, passou a pistola para a mão esquerda, e enristando o farabolos da direita deu-lhe uma estocada no peito, gritando indignado:—Morres ou não morres, miseravel?

Ferreira da Silva, então, morreu, mas morreu a rir, com grande arrelia de João Rosa, que foi pôr-se-lhe na frente, para que o publico na plateia não désse a rir tambem.

A festa artistica da orchestra do Politeama

Nicolas Rimsky—Korsakow (1844)

Uma primeira audição nos dará David de Sousa no domingo, que decerto muito concorrerá para revestir esse concerto de um justificado interesse.

A principal personagem dos contos maravilhosos, *Mil e uma noites*, a sultana *Scheherazade*, inspirou Rimsky-Korsakow o grande compositor russo, mestre de Glazaunow, a produzir uma partitura, que em Londres obteve um ruidoso successo. A esse conto de fadas, perfumado de sonhos d'amor, o notavel musico deu tonalidades orchestraes inteiramente novas, nas quaes predominam em phrases poeticas, as cadencias do violino.

Repete-se a *Symphonia phantastica* de Berlioz, executada na integra, que marcou uma *étape* brilhante no mundo musical.

A mocidade das escolas allemãs sacrificada no Yser

Copenhague, 16 de março

Em um discurso pronunciado pelo ministro dos cultos na camara dos deputados prussiana foi revelado um facto importante. Disse o ministro prussiano que de 38.000 rapazes das aulas mais adeantadas dos lyceus e dos collegios, perto de 2.000 se alistaram como voluntarios no principio da guerra; os que se não alistaram eram menores de 17 annos. Os regimentos de voluntarios a que pertenciam foram sacrificados em massa no Yser e em Ypres; pode dizer-se que nove decimas partes d'aquelles rapazes morreram ali.

Este enorme sacrificio causa grande prejuizo á Allemanha por causa da recomposição do quadro dos officiaes, pois que toda a officialidade da reserva é recrutada entre os estudantes do ensino secundario.

"O cigarro do soldado"

A subscripção promovida pelo "Terra Nossa"

Como opportunamente noticiámos, o nosso collega *Terra Nossa*, o brilhante semanario de Estremoz, resolveu espontaneamente abrir nas suas columnas e distribuir pelos seus amigos de terras proximas, listas secundando a iniciativa da subscripção por nós aberta para o *Cigarro do soldado*. Do resultado d'essa subscripção envianos hoje o redactor do *Terra Nossa*, sr. José Niny Mexia, a quantia de 21$34, acompanhada da carta com extremo penhorante. Falta ainda o producto de duas listas, uma de Souzel e outra de Alandroal, que á redacção do nosso presado collega não foi ainda remettido.

A descriminação da quantia que recebemos é assim feita no ultimo numero do *Terra Nossa*:

Basilio de Sousa Caroço, lista n.º 1, Casa Branca, $80; Viuva Paes & Filho, lista n.º 2, Casa Branca, $84; José Joaquim Falcato, lista n.º 3, $60; Associação dos Caixeiros, lista n.º 4, Estremoz, 1$30; Joaquim J. Goes da Silva, lista n.º 5, Estremoz, 1$22; José G. da Silva Neves, lista n.º 6, Evoramonte, 2$65; José da Rosa Baptista, lista n.º 7, Evoramonte, 1$22; Ruy Carmello Rosa, lista n.º 8, Redondo, $42; José A. Sousa Sampaio, lista n.º 9, Veiros, 3$28; Joaquim Maria da Matta, lista n.º 10, Veiros, $73; Café Aguias d'Ouro, lista n.º 11, Estremoz, 1$59; André F. Carreço & Filho, lista n.º 12, Souzel, 1$84; Pharmacia Carapeto & Irmão, lista n.º 13, Estremoz, $20; Sociedade de Artistas, lista n.º 14, Estremoz, $50; Verissimo da S. & Irmão, lista n.º 15, Borba, 1$00; Severo de O. e Silva, lista n.º 16, Estremoz, $29; Sociedade Recreativa, lista n.º 17, Estremoz, $40; Manuel Relvas Xavier, lista n.º 18, Fronteira, 1$50; Joaquim José Amaro, lista n.º 19, Villa Viçosa, $50; Pharmacia Acacio Costa, lista n.º 20, Estremoz, $80; Café Pereira Cardoso, lista n.º 21, Estremoz, $20; Pharmacia Franco, lista n.º 22, Estremoz, $20.—Total, 21$34.

A' redacção do *Terra Nossa* os nossos cordeaes agradecimentos pela sua valiosa cooperação.

* * *

Da caixa collocada no estabelecimento do sr. Feliciano C. Vasconcellos Junior, da rua 1.º de dezembro, 132, foi recebida na administração d'*A Capital* a quantia de 2$23.

A Africa portugueza

offerece vasto campo aos nossos emigrantes

O sr. José de Mattos Tavares, de Ferrenha, que passou algum tempo em Africa, escreve-nos uma longa carta em que exalça as vantagens de se encaminhar a corrente de emigração para as nossas colonias africanas, que são um manancial de riqueza até hoje mal explorado.

O solo africano é uberrimo e compensa bem todos os esforços empregados pelo colono. O que é preciso é saber aproveital-o e, mais do que isso, ir para lá com ideias de ali se fixar e não, como hoje succede em geral, apenas com o fim de ao cabo de meia duzia de annos, de mezes até, abandonar a Africa e voltar para a metropole.

Entende o sr. Mattos Tavares que não são homens que devem para ali ir, mas familias inteiras, como está succedendo com a emigração para o Brazil. Familias pobres teriam o seu futuro assegurado. Familias remediadas poderiam, com o capital inicial de que dispõem, dentro em pouco conseguir a riqueza, o que nunca poderão aqui obter.

Se muitos emigrantes morrem, é isso devido mais a não terem quem os trate, a não terem os cuidados de familia, do que do clima. Ao abatimento physico produzido pelas febres, succede o abatimento moral do emigrante que se vê sósinho e que, assim, poucas ou nenhumas probabilidades de cura tem. Já isso se não daria se tivesse a familia junto de si.

Região rica a de Angola, por exemplo, á qual os emigrantes portuguezes preferem o Brazil, onde hoje é difficil, se não impossivel, encontrar collocação. Nada ha que justifique tal preferencia e preciso é que se oriente a população, fazendo-lhe ver as vantagens de ir para colonias portuguezas, bem nossas, em vez de se dirigir para paizes estranhos.

Néné Walter em Lisboa?

O filho do popular «clown» foi entregue á familia no dia 18

Todos se recordam que Néné Walter, o gracioso filho do popular Little Walter o que foi, como este, um artista do Coliseu, estava em Liége, quando se deu o cerco da heroica cidade pelos invasores allemães. Todos se lembram tambem das cartas emocionantes que Little Walter nos escreveu, desesperado, durante um mez, por não saber do seu filho. Finalmente, soube-se que o pequenito tinha escapado aos horrores do cerco e que se mantinha ainda em Liége junto dos seus avós paternos e seguindo o seu curso de violoncello.

A mão de Néné Walter, porém, não descançou emquanto não conseguiu que o filho viesse para a sua companhia e iniciou, para tal, as *démarches* necessarias. Conseguiu, agora, que os allemães lh'o entregassem. Ella mesmo escreveu á *Capital* dando-nos a noticia, que, divulgada, irá agradar a muitos admiradores do pequenino artista. A carta é datada de Zurich, do dia 18 d'este mez, em que beijou o seu filho!

M.me Walter accrescenta que vem trazer para Portugal o seu Néné e que este ha de descrever os horrores que soffreu em Liége, vendo só allemães e sempre com medo dos allemães!

A situação na Allemanha

Porcos e batatas

Escrevem de Haya:

O professor Ballot, conhecido pelos seus trabalhos de estatistica, publica na *Sociale Praxis* um artigo ácerca da provisão de batatas na Allemanha, avaliando a producção da ultima colheita em 42 a 43 milhões de toneladas, em logar de 47 como accusa o recenseamento ordinario; d'estes 42 ou 43 milhões, 7 são destinados a sementeira, e 4 para quebras, ficando apenas 31 ou 32 para a alimentação.

Na opinião do professor Ballot, 25 milhões foram consumidos até aos comegos de março, havendo ainda 6 disponiveis; mas para alimentação do povo até 15 de julho são precisas 2.240.000 toneladas e 900.000 para fabrico do pão, ficando para alimentação dos porcos apenas 660.000, quantidade esta visivelmente insufficiente, se a Allemanha mantiver os seus 20 milhões de porcos—21.923.707 segundo o anuario estatistico do imperio publicado em julho de 1914—Teem pois estes animaes de ser postos a meia ração, o que, diz o sr. Ballot, nenhum creador estará disposto a fazer.

Nestas circumstancias propõe as medidas seguintes:

1.º—Que sejam apprehendidos e abatidos tres quartos dos porcos existentes; 2.º—Que sejam apprehendidas as batatas proprias para o consumo do povo. 3.º—que se organise a venda de batatas por frigorificas.

O conselho federal do imperio tomou as seguintes deliberações:

Em vista da resistencia que os creadores oppõem ás medidas tomadas para diminuir o numero de porcos, animaes sobre os quaes, dia a dia, maior responsabilidade cabe no desperdicio d'alguns productos necessarios á alimentação nacional, o conselho federal investiu a Sociedade Central de compra de generos para conservação de productos de porco, que não tem poder d'expropriação necessaria dos porcos propriedade dos creadores. A estes fica o direito de conservarem os porcos necessarios para o consumo caseiro e os indispensaveis para a continuação da sua industria; os restantes pódem ser officialmente requisitados pela Sociedade Central e pagos segundo uma tabella de preços estabelecida em harmonia com as indicações já fornecidas ao conselho federal para os porcos de peso variando entre noventa e cem kilos.

Papel em vez de carvão... Uma receita curiosa

Todos sabem que na Allemanha vão escasseando os generos de primeira necessidade, incluindo o carvão, o que obriga a adoptar as mais cousas, pão de batata e outras coisas extravagantes. Pois bem: o carvão de cosinha já tem igualmente o seu succedaneo. Cosem-se os alimentos com papeis de jornaes. A receita, que extrahimos da *Vossische Zeitung*, de Berlim, é interessante:

Deitam-se os jornaes de molho, em agua, durante 36 horas. Findo esse tempo, espreme-se, dando-se-lhes uma forma sensivelmente espherica; por outras palavras, fazem-se bolas de massa de papel. Deixam-se seccar e obtem-se um carvão com a duração da madeira.

O carvão de papel não arde em chamma, incandesce tal qual o carvão ordinario. Segundo accrescenta a referida gazeta, fornece excellente calor. Em Berlim é já vulgar o seu uso, especialmente de mistura com briquetes. Parece que com tres bolas de papel e um briquete se consegue cozer meio kilo de carne.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Serventes do ministerio da guerra

De novo nos escrevem pedindo que chamemos a attenção do sr. ministro da guerra para a pretenção dos serventes do seu ministerio, que ganham apenas 200 réis diarios, entrando ás 9 e meia horas e saindo ás 17. No ministerio da marinha, já os reformados foram equiparados aos civis. O mesmo pedem os modestos funccionarios do da guerra.

ULTIMAS NOTICIAS

OS NOSSOS COLLABORADORES

Guedes de Oliveira

«A Capital» publicará ámanhã a sua primeira chronica intitulada «Lingua de macaco»

Guedes de Oliveira começa ámanhã a collaborar semanalmente nas columnas d'este jornal. A sua primeira chronica, que sahirá em folhetim, intitula-se «Lingua de macaco». A proposito da collaboração do illustre jornalista n'*A Capital*, o *Primeiro de Janeiro*, o grande diario portuense, insere as seguintes palavras no seu numero de hontem:

«Convidado pelo nosso illustre collega «A Capital» a collaborar regularmente n'aquella folha, Guedes de Oliveira publicará a sua primeira chronica no numero de quinta feira.

Entre os escriptores de jornal que verdadeiramente se destacam pela vivacidade, o imprevisto dos seus ditos, a alegria communicativa e o bom humor sempre renovado, o nosso brilhante camarada conquistou pelo seu talento um logar á parte. Em cada manhã, elle leva aos leitores d'«O Primeiro de Janeiro», como incitamento a um bom dia de trabalho, um pouco de riso, d'esse riso claro e franco que sómente são capazes de rir as consciencias honestas; e não sómente ri o seu espirito, n'esses commentarios alegres em que o bom senso vae surprehender em cada facto, em cada episodio o seu lado jocoso, para lhes arrancar a porção de philosophia discreta, que a vida nos entremostra, em meio das suas miserias.

Guedes de Oliveira vae ter, pois, nas suas chronicas d'«A Capital», um novo motivo de expansão ao seu espirito, tão cheio de vivacidade e tão penetrado da alegria sincera das almas juvenis.»

Missões em Africa

O restabelecimento dos missionarios portuguezes serviria para contrabalançar a influencia dos estrangeiros

Volta a falar-se no restabelecimento das missões ultramarinas, sob o pretexto de que essas missões constituem um poderoso factor de soberania e nacionalisação do indigena. Não ha duvida que o desapparecimento gradual das missões portuguezas nos prejudica sob o ponto de vista politico, visto que Portugal não, em virtude de compromissos internacionaes, supprimiu as missões estrangeiras que nas colonias portuguezas se desenvolvem e que na maior parte dos casos são elementos perigosos para o nosso dominio.

Esses compromissos datam de 1885, em que, na conferencia de Berlim, o representante do nosso paiz reconheceu com os de outras nações a necessidade das missões religiosas como elemento civilisador na bacia convencional do Zaire. Obrigámo-nos então a proteger e auxiliar, «sem distincção de nacionalidades nem de cultos, todas as instituições e emprezas religiosas, scientificas ou caricativas, creadas e organisadas para estes fins, ou tendentes a instruirem os indigenas e fazer-lhes comprehender as vantagens da civilisação».

Em 1890, na conferencia anti-esclavagista de Bruxellas, renovou-se o compromisso, e, um anno depois, o artigo 10.º do tratado luso-britannico de 28 de maio de 1891 accentuava o mesmo principio.

Não se podem, pois, prohibir as missões estrangeiras, e o unico meio de combater a influencia politica que porventura exerçam no nosso territorio é compensar essa influencia com a de missões portuguezas, onde o indigena aprenda a nossa lingua e se eduque sob a direcção de compatriotas nossos.

Infelizmente, nem sempre se tem adoptado esse criterio. Ainda ha dois annos foram expulsos das missões da Zambezia todos os missionarios que lá viviam, alguns com dezenas de annos de permanencia na colonia e entre elles varios portuguezes.

Isso teve como resultado vermos agora essas missões entregues á congregação *Verbo Divino*, exclusivamente allemã, que para lá foi com manifestas intenções politicas e cujos dirigentes se vangloriam de não acatar as leis portuguezas senão n'aquillo que lhes parecer, visto disporem da protecção do kaiser germanico.

Não teria sido preferivel deixar estar o que estava? Admittindo que fosse um mal, não foi porventura peor o que se lhe seguiu?

Balanço diario

Conferencias

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros das colonias e da justiça, dr. Guerra Junqueiro, general Blanco, commandante da 1.ª divisão e uma commissão de revolucionarios civis que entregou uma relação dos que foram approvados para ajudantes e que pedem emprego publico. Com o sr. ministro da justiça conferenciaram os srs. governadores civis de Lisboa, Beja e Coimbra, dr. Fernandes Costa, coronel Manuel Maria Coelho e dr. João Sereno, sindicante do director geral dos correios.

Ampliação da cidade

O sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva da camara municipal de Lisboa, conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio solicitando-lhe os seus bons officios a fim de pelo ministerio do fomento ser permittida a abertura e prolongamento da rua Braamcamp e rua Castilho no antigo quartel do Valle do Pereiro.

Assucares

Com o sr. ministro do fomento conferenciaram os seu collega da justiça, os governadores civis de Coimbra e Beja, o presidente da Associação Industrial Portugueza e o representante da casa Hinton, sobre a questão dos assucares.

Transporte de carvão

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes tem pendente da approvação do governo uma tarifa reduzindo o preço do transporte de carvão nacional entre Lisboa e Porto.

Varias

No 3.º districto criminal foi hoje apresentada participação crime contra o secretario da administração do 4.º bairro, sr. Alberto Emilio Meyrelles, por não ter cumprido o determinado na Constituição, remettendo no prazo devido os cadernos de recenseamento ás juntas de parochia. Foi participante o secretario da commissão parochial d'Alcantara, sr. Antonio Almeida Rodrigues Santos.

TRIBUNAES

BOA-HORA

Em audiencia do juri, presidida pelo sr. dr. Almendra, representado a accusação o sr. dr. Pedro Mattos e estando a defesa a cargo do sr. dr. Raul de Magalhães, responderam hoje no 2.º districto criminal Americo José Fernandes, *O Camarão*, Rosaria Maria, Gaspar dos Santos e Alexandre Antunes, *O Frá-Frá*, accusados o primeiro de ter, em 5 de agosto de 1914, entrado por meio de escalamento na residencia de Antonio Soriano Mendes Lage, no observatorio da Tapada da Ajuda, de onde roubou objectos de ouro e brilhantes no valor de 500 escudos; e os tres restantes de cumplices e de receptadores. O juri deu o crime como provado para o 1.º e o 4.º reus, no valor de 98 escudos e para os restantes como não provado.

PEQUENAS NOTICIAS

Por ter peorado, recolheu hoje á enfermaria 4 do hospital de S. José Antonio Francisco Motta, morador na rua de Marvilla e ali aggredido ha dias com um pontapé no baixo ventre por um individuo que diz não conhecer.

—Foi enviado a juizo João de Mattos, morador na estrada da Torre, 7, quinta do Pintasilgo, por tentar deshonestar na mesma rua, porta n.º 8, a menor de seis annos Etelvina Thomazia. Confessou o crime.

—A' antiga casa José Alexandre, da rua Garrett e calçada do Sacramento, foi hoje feita a apprehensão de sellos pelo tribunal do commercio, a requerimento de credores. O caso provocou grande ajuntamento, visto a casa ser uma das mais antigas e conceituadas da rua Garrett.

Expedições ao sul d'Angola

Chegou hontem a Mossamedes o paquete «Isulano», conduzindo pessoal e gado, sem novidade a bordo.

O cruzador «S. Gabriel» chegou hoje a Bolama.

O vapor «Zaire» que está atracado no posto de desinfecção só largará no proximo dia 27 devido á demora no embarque das peças e viaturas.

Agasalhos para as tropas

A commissão de commerciantes e industriaes que se constituiu com o patriotico fim de angariar donativos para a compra de agasalhos para os soldados portuguezes expedicionarios ao estrangeiro reuniu e deliberou, por unanimidade, dissolver-se, visto não poder effectivar o fim a que se destinava, deliberando tambem entregar todas as importancias subscriptas e pagas, agradecendo a todos os subscriptores o concurso que lhe prestaram.

Sorteio de obrigações

Na Companhia Geral de Credito Predial Portuguez realisou-se hoje o sorteio para reembolso dos titulos de obrigações prediaes de 6, 5, 4 1/2 e 4 %, das novas emissões em circulação tendo saido sorteadas as seguintes series:

De 6 %, 1901 a 1905 e 14871 a 14875; de 5 %, 163, 845, 494, 716, 768, 932 e 1354; de 4 1/2 %, 120, 209, 225, 263 e 3186 a 3190; de 4 %, 8, 17 e 1526 a 1530.

Cantina escolar de S. Mamede

Promovida pelos corpos gerentes, constituidos em commissão, realisar-se-ha depois de ámanhã, pelas 21 horas, a sessão em homenagem aos fallecidos subscriptores e fundadores Joaquim Romão Dias de Aguiar e Paulo Antonio Cesar, que se não effectuou no passado domingo em virtude do fallecimento de um neto do segundo dos homenageados.

VISITAS DE ESTUDO

Academia de Estudos Livres

Os alumnos do curso de admissão á Escola Normal constituiram-se em associação, sob a presidencia da alumna Emma Teixeira. Os fins da nova collectividade são: 1.º—organisação de visitas e passeios educativos; 2.º—organisação do seu museu escolar.

No domingo proximo, ás 18 horas, realisam as alumnas, dirigidas pelo professor sr. Braga Paixão, uma visita ao aqueducto das Aguas Livres.

Todas as visitas são descriptas pelas alumnas em relatorio, que depois de anotadas pelo professor constituem exercicios de composição. Para cada visita será apurado o melhor relatorio, a fim de ser publicado nos Annaes da Academia de Estudos Livres.

VIDA ARTISTICA

O successor do mestre Simões

O esculptor Teixeira Lopes é convidado a fazer parte do juri

O conselho escolar da Escola de Bellas Artes, que deve reunir-se na primeira semana de abril, occupar-se-ha do programma do concurso destinado a preencher a vaga do mestre Simões, na cadeira de esculptura.

As bases do programma são as adoptadas em anteriores concursos, accrescidas com uma prova de methodologia. Para fazer parte do juri, além do professor todo o corpo docente da escola, vae ser convidado o professor de estatuaria na escola do Porto, sr. Teixeira Lopes, a quem será submettido, para dar parecer, o programma do concurso.

Segundo consta, a publicação na folha official far-se-ha poucos dias após a reunião do conselho escolar, devendo os concorrentes prestar provas durante os proximas ferias.

Nos claustros da Sé

começaram os trabalhos para a demolição de moradias

O pessoal das obras publicas que sob a direcção do architecto sr. Antonio Couto se encontra empregado nas obras de restauração da Sé de Lisboa começou arvorando os andaimes para a demolição do predio de dois andares, sobre o claustro da nossa cathedral, deitando as traseiras para a rua do Limoeiro. E' a primeira parte do trabalho que a commissão dos monumentos conseguiu obter das estações officiaes, devendo seguir-se-lhe, como dissemos, as restantes moradias. A parte que principiará a ser apeada em abril é conhecida pela designação de casa dos armarios, sendo ali, em habitações especiaes, que se paramentavam os conegos e capellães cantores.

Quando as demolições estiverem concluidas, construir-se-ha na rua do Limoeiro um muro ou gradeamento, de onde se veja o claustro romano, que é, incontestavelmente, um dos melhores detalhes architectonicos d'aquelle monumento.

Cruz Vermelha

Para a subscripção promovida pela benemerita collectividade foram recebidas: Commissão executiva da grande subscripção promovida pela colonia portugueza do Pará, producto de festas publicas realisadas pela mesma commissão, 3.ª remessa, 1:000$00; José Bento Lourenço, socio gerente da firma J. B. Lourenço & C.ta, com alfaiataria na rua do Livramento, 55 e 57, producto de uma subscripção que promoveu no seu estabelecimento, auxiliado pelo seu empregado Arthur Marques Perdigão, 12 ceroulas de flanella, 12 peitilhos de flanella, 6 lenços brancos, 2 pares de meias de lã, e em dinheiro, 25$33; governador civil do districto da Horta, producto de bandos precatorios realisados em todas as freguezias do districto, promovidos pelos professores e professoras de instrucção primaria e respectivos alumnos, por iniciativa do zeloso inspector sr. Gaspar Machado Tristão, 986$60.—A transportar, 18:030$75.

Do anonimo C. I. S. recebeu a Cruz Vermelha 6 peitilhos de flanella.

A grande subscripção promovida pela colonia portugueza do Pará para a Cruz Vermelha tem recolhido donativos na importancia de 9:800$00. A commissão executiva d'esta subscripção tem como presidente de honra o consul de Portugal n'aquelle Estado e como presidente effectivo o sr. dr. Emilio Correia do Amaral.

O caso da rua do Seculo

Com a assistencia do juiz do 2.º juizo de investigação criminal, sr. dr. Magalhães de Barros, delegado o sr. dr. Miguel Crespo, escrivão Vieira e officia. Ventura, estes por parte da justiça, foi hontem no hospital de S. José o conselho medico-legal composto pelos srs. dr. Azevedo Neves e dr. Alambré de Aguiar, a fim de proceder ao exame da menor Maria Areosa que, como se suppõe, foi victima de um crime grave.

A' mãe da ofendida se exame ao local do crime. A justiça guarda o maior sigilo sobre o assumpto; no entanto, por informações particulares que obtivemos, consta-nos que o delicto se praticou na menor Maria Areosa um crime repugnante. Hoje foram ouvidas pelo chefe Murtinheira mais testemunhas, bem como a mãe da pequena, constituindo segredo da justiça os seus interrogatorios.

O pae da Maria Areosa, que já soffria de epilepsia, tem tido, desde que teve conhecimento do facto, repetidos ataques. Sobre o criminoso continuam correndo as mais desencontradas versões.

A regulamentação das horas de trabalho

E' injustificada a campanha contra a lei

Sr. redactor.—Contra a lei da regulamentação das horas de trabalho no commercio, approvada pelo Senado na sessão de 7 de janeiro, está-se levantando uma campanha por parte d'alguns commerciantes, que coisa alguma justifica. Rodeada d'ha 10 horas, digam o trabalho dos caixeiros tomou-se uma medida justa, humanitaria, pois que não se comprehende que fossem obrigados a permanecer 16 e 18 horas, em estabelecimentos quentes vezes insalubres, maneabo-se na força da vida e que tem necessidade de se instruir.

O commercio de hoje não se póde comparar com o d'outros tempos. O empregado tem de ser ilustrado, de attender as exigencias d'um publico difficil, de attrair o seu freguez ao cliente, e em desagradar ao commerciante. Como pode conseguil-o se não educar o seu espirito, se não estiver a par das exigencias da civilisação?

Affirmam alguns que os commerciantes vão ser lesados. Como? Não continuarão fazendo o seu negocio, como até aqui, tendo ainda a vantagem de contarem com collaboradores empregados intelligentes e conhecedores do seu *métier*?

Na França, na Inglaterra, em muitas outras nações de grande expansão commercial e industrial, ha muito que estão regulamentadas as horas de trabalho, sem que d'ahi tenham advindo prejuizos para commerciantes e industriaes. Bem ao contrario. Para que, pois, tal campanha?

Subscrevo-me de v. etc.—*R. C.*

A contas com a policia

Antonio José Rocha, residente na rua Maria Gouveia, lettras A. J., queixou-se á policia de que os gatunos lhe roubaram da fazenda, umas botas para homem, um cabeção de borracha, uma flanta e 10 centavos, tudo no valor de 50$80.

Foi hontem preso Adelino Rodrigues, da rua Fernandes da Fonseca, 41, 3.º, a pedido do sr. Francisco Lourenço, da rua da Bempostinha, 64, loja, que o accusa de lhe ter furtado 4 escudos.

Tambem a policia prendeu Arminda Amelia de Oliveira e Maria Benedicta, moradoras no becco do Collegio dos Nobres, 4, a pedido de Gastão Benjamim Pento, da rua de S. Bento, 365, que as accusa de lhe terem furtado uma salva e leiteira de prata, no valor de cincoenta e tres escudos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Lithographos de Portugal

A sessão magna para socios e não socios da associação de classe, annunciada para quinta-feira, fica transferida para o dia 31 do corrente, pelas 20 1/2 horas, em virtude dos importantes assumptos que a mesma tem de tratar, sendo indispensavel a sua maxima importancia para todos os lithographos e necessario ter tempo para estudo.

Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas

Por motivos de força maior, fica transferida para ámanhã, quinta-feira, a reunião de assembléa geral, que se devia realisar no proximo domingo. São, por este meio, convocadas todas as fundadoras, auxiliares e delegadas das associações federadas a comparecer a essa sessão, que se effectuará na séde provisoria, praça dos Restauradores, 13, 1.º, ás 20 horas e meia.

Escola Trindade Coelho

Reune no domingo, pelas 13 horas, a assembléa geral para apresentação do relatorio e contas do anno findo e eleição de corpos gerentes.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/2	35 1/4
Londres, 90 d/v	36	—
Paris, cheque	$79	$80
Allemanha, cheque	$28	$29,6
Hollanda, cheque	$55,5	$56,5
Madrid, cheque	1$38,5	1$39,5
New York	1$40	1$41
Rio s/Londres	13 3/8	
Libras	7$05	7$10
Agio do ouro	40 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,30	40,10
» » 500$	40,30	40,20
» » 100$	—	40,20

Obrigações d'Estado: 4 1/2 88-89, coup., 58$.

Externas: 1.ª serie, 78$20 e 3.ª, 78$20.

Acções: Lisboa & Açores, coup., 112$50; Nacional Ultramarino, coup., 105$; a assent., 112$15; Ultramarino, coup., 105$, assent., 104$50, e port., 105$50; Assucar, 39$60; Moagem (nova), 39$30; Phosphoros, coup., 58$.

Obrigações: Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, port., 87$50; Beira Alta, 2.º grau, 15$; Caminho de Ferro de Benguella, 78$50, tit. 5 e 78-80 tit. 1.

O coronel Peppino Garibaldi

Paris, 17 de março

Interrogado pelo *Matin*, o coronel Peppino Garibaldi confirmou o licenciamento da legião garibaldina, e accrescentou:

«Tomou-se esta medida para permittir aos meus homens que pertencem ás classes actualmente mobilisadas pela Italia obedecerem ao appello do nosso governo. A metralha allemã causou numerosas baixas nas nossas fileiras; dos tres batalhões que eu commandava—uns 6.000 homens—proximamente a metade foi posta fóra de combate, contando-se entre os mortos e feridos gravemente.

O effectivo que me ficou vae tornar-se ainda mais reduzido pela partida dos que pertencem ás classes que o meu governo agora chamou. Mas nem por isso a legião desapparecerá; partimos esta noite para Avignon onde vou proceder á escolha e repatriação dos meus homens, depois reorganisarei e completarei o meu regimento com voluntarios de que me não faltam offertas.

Quanto a mim, sou e continúo sendo official francez, á disposição do governo da França cujas ordens executo; n'estas circumstancias, não posso divulgar as intenções que se me encarregam nem os pontos aonde me mandam. Tudo o que posso dizer-lhe é que eu e os meus compatriotas continuaremos a bater-nos contra o inimigo commum: a Austria e a Allemanha.»

MUSICA

"Seraphim Jôm"

Assim se intitula a primeira serie das verdadeiras *Mornas* do Cabo Verde, escripta no proprio rithmo da origem pelo sr. Loff de Vasconcellos (filho), a quem não consentiu o animo o o amor que tem á sua terra ver correr por ahi as *mornas* sem o rithmo syncopado que tanto as caracterisa, que tanto requebro e graça lhes dá.

Para a escrever recorreu o sr. Loff de Vasconcellos á collaboração da distincta pianista sr.ª D. Anna Toni. Seguir-se-hão *Maria Adelaide*, *Raul Ferro* e outras. E' um bello serviço que o sr. Loff de Vasconcellos (filho) presta á musica cabo verdeana.

INTERESSES REGIONAES

Gremio do Valle do Vouga

A commissão installadora convida os naturaes dos concelhos de Aveiro, Ilhavo, Estarreja, Agueda, Sever do Vouga, Oliveira de Frades, Vouzella, S. Pedro do Sul, Castro Daire e Vizeu, residentes em Lisboa, a reunirem no domingo, ás 20 horas, no Atheneu Commercial, a fim de se discutirem os estatutos do mesmo gremio e nomear a commissão administrativa.

SPORT

O Stadium de Lisboa

Continuam as obras no Stadium e em todo o vasto campo athletico. O sr. visconde de Alvalade, levado pela caprichosa iniciativa do seu neto José, de terminar o Stadium ainda este anno, deu ordem para avivar os trabalhos de construcção.

O imponente recinto fica sendo um dos melhores acondicionados em todo o mundo para a pratica de todos os sports athleticos e para a execução de todos os exercicios sportivos. Ante-hontem acompanhámos até lá um jornalista francez, de L'Auto, que veiu a Portugal para ultimar com um grande emprezario lisbonense uma serie de festas de athletismo e de força. A elle ouvimos o seguinte:

—Em França não temos melhor. Havia em Reims o collegio do marquez de Polignac e em Lyon um grande parque, mas com caracteristicos differentes. Como Stadium, este de Lisboa é imponente e quando terminado não invejará os de Stockolmo e os da Hollanda.

Dissemos-lhe que o temerario Alexandre Sallés pensou organisar ali festas de aviação, tendo projectado elevar-se no seu monoplano e accrescentámos que se o não havia feito foi porque estalou a guerra e partiu para França...

—Podia fazel-o. Elle e muitos outros teem aproveitado para campos de aviação alguns bem mais pequenos do que este...

Os srs. Alvalade devem ficar satisfeitos com estas opiniões de um technico e a sua obra vae ser conhecida lá fóra.

Nota do dia

O rei de Inglaterra, starter

Conta o ultimo numero do *Sporting* o seguinte:

«Em Aldershot realisou-se uma grande prova de *cross-country*, reservada aos soldados da 14.ª divisão do exercito de lord Kitchener. Inscreveram-se mais de 500 concorrentes. A *partida* da corrida foi dada pelo sempre sportivo rei Jorge, que se interessou vivamente pela prova e ficou até ao fim d'ella, no campo, em companhia da rainha de Inglaterra e da princeza Mary.

«A corrida foi ganha por um dos poucos negros que fazem parte do exercito inglez: Stewart, que fez o percurso em 39' 21'' 3/5, batendo o cabo Wilkinson, Davies, Edwards, etc. O segundo perdeu por uma dezena de segundos. A victoria de *equipes* coube ao regimento de Oxford and Buckes.

«Em Eton, a prova militar de *cross-crounty* foi ganha pelo cabo Green.»

Algumas anecdotas

Um arbitro de jogo de socco que protege um amigo e prejudica um preto

A America, paiz das excentricidades e das «blagues», é tambem um paiz de intensa vida sportiva. Não admira, pois, que a muitas manifestações sportivas ande ligado o cunho bizarro do «yankee». No socco, por exemplo, que é o exercicio mais vulgarisado, ha uma quantidade enorme de anecdotas absolutamente verídicas, e a maior parte referente a casos piccarescos succedidos com os arbitros improvisados em pequenos combates locaes. As mais engraçadas, porém, são as anecdotas em que apparecem arbitros interessados na victoria de um dos adversarios, e que lhe dão conselhos durante a arbitragem dos assaltos e até mesmo emquanto contam os segundos. Uma das mais curiosas, entre as que são authenticas, é a seguinte:

«Em Atlanta, n'um pequeno club da cidade, ia realisar-se um combate entre Jabbo, campeão do club, e um negro chamado Black Diamont, que era moço de café. O premio devia ser reunido, após o combate, em donativo dos espectadores, que os deitariam n'um chapeu passado de mão em mão. Jabbo, que, como campeão, tinha o direito de escolher o arbitro, designou um dos seus amigos, George Munroe.

O combate era em seis «rounds» e correu bem a principio; mas, ao terceiro «round», Diamont applicou a Jabbo um «swing» selvagem na cabeça. Cahiram ambos por terra, e, n'essa occasião, um joelho do negro attingiu fortemente o nariz de Jabbo, que verteu umas gottas de sangue.

Diamont foi o primeiro a levantar-se.

—Depressa, conte os segundos, sr. arbitro— gritou o negro assim que se levantou—vamos... um, dois, tres, quatro...

E poz-se a contar com uma velocidade de duzentos por minuto.

—Afaste-se e cale-se, respondeu-lhe severamente o arbitro. Quem é que arbitra este combate, é o senhor ou sou eu?

E poz-se a contar vagarosamente.

Um... vamos, Jabbo, levanta-te, que não estás ferido. Dois... tu bem vês que toda a gente tem como certa a tua victoria. Trez!... tu não has de querer que se diga que abandonaste.

—Sim, abandono, respondeu o pobre Jabbo, que, com um joelho em terra, limpava tristemente com as costas da luva o sangue que lhe corria do nariz. Eu abandono, ou então fico «knock-out», ou o que quizerem, visto que esse negro me dá joelhadas no nariz. Isto não é «box».

—Quatro... vamos, levanta-te, continuou Munroe, elle não fez isso de proposito: tu bem lhe has de conhecer na cara como elle lastima o que aconteceu.

—Eu já contei duzentos e dez, sr. arbitro, disse anciosamente o negro. Então elle ainda não está «out»?

—Cale-se. Seis... tu vences com certeza, se o atacas pela esquerda; vamos, em pé, Jabbo, bem vês que elle se está a rir de ti.

—Elle ri-se de mim? gritou Jabbo. Pois não ha de ser um negro como elle que ha de fazer pouco de mim.

E, levantando-se rapidamente, correu para Diamond.

No «round» seguinte, o negro parou de subito e exigiu dos seus «segundos» que lhe tirassem as luvas, dizendo que estava farto. Ninguem foi capaz de o convencer a continuar, e Jabbo, declarado vencedor, reuniu dezeseis dollars, que embolsou com grande satisfação.

Noticias

Entre nós

Professor Arthur dos Santos

Esteve doente o professor Arthur dos Santos. Recomeça ámanhã os seus trabalhos no Gimnasio Club e nas escolas particulares

Lucta na Amadora

N'uma das dependencias dos Recreios Desportivos da Amadora teem continuado, todas as noites, as lições de lucta greco-romana, dadas pelo antigo campeão dos *leves* e devotado *sportsman* D. Eugenio de Noronha. Os inscriptos são, dia a dia, mais numerosos.

Luzitano Sport Club

E' no proximo dia 28 que partem para Beja os *players* que constituem o *team* representativo d'este Club. Vão áquella cidade jogar dois desafios com os melhores grupos. O primeiro desafio realisa-se no dia 28 e o segundo a 29. Regressam n'esse mesmo dia.

Acompanha os jogadores por parte da direcção o sr. Joaquim Filippe Rosado Fernandes.

Centro Nacional de Esgrima

Continuam bastante animadas as classes de esgrima e gymnastica que o mestre Antonio Martins tão proficientemente dirige no Centro Nacional de Esgrima.

A direcção fixou para as quartas á noite e quintas-feiras de tarde as recepções aos atiradores das outras salas d'armas.

Tambem opportunamente se fixarão os campeonatos a realisar na proxima semana d'armas.

No estrangeiro

Sam Mac Vea contra Jim Johnson

Em Brats Arena, na America, os dois pretos e jogadores de socco Jim Johnson e Mac Vea sustentaram, pela 14.ª vez, um *match*. Não houve resultado até ao 20.º *round*. O arbitro concedeu mais 5 *rounds* mas Jim Johnson não quiz continuar, sendo declarado Mac Vea vencedor. O *speaker* annunciou que brevemente se realisaria o combate de desforra, mas o publico protestou porque comprehendeu o *negocio*...

O invencivel Kahanomoku

Em Brisbanne, na Australia, o famoso nadador Kahanomoku percorreu 100 jardas em 56 1/5.

Carpentier, aviador

O famoso campeão da Europa de *box*, Georges Carpentier, está actualmente no campo militar de Avor, em França, praticando a aviação.

Carta de Portugal

A direcção geral dos trabalhos geodesicos e topographicos, á qual por mais d'uma vez nos temos referido com o devido louvor pelos seus trabalhos, acaba de publicar a folha n.º 14 d (Alvaiazere) da carta de Portugal, na escala de 1/50:000, a 5 côres, e a folha n.º 7 (Lisboa) da mesma carta, na escala de 1/200:000, primeira que se publica em tal escala.

São dois trabalhos nitidos e completos que honram aquella direcção geral, superiormente dirigida pelo coronel sr. João Miguel Dias.

TOURADAS

Campo Pequeno

Tudo se prepara para que a proxima temporada seja brilhante, pois a nova empresa já tem garantida a vinda a Lisboa dos notaveis «espadas» Belmonte, Posadas, Sabri II e Ale, achando-se em negociações com os celebres irmãos Gallitos e outros «diestros» de cathegoria.

A bilheteira da praça dos Restauradores abre, para os antigos assignantes, nos dias 25, 26 e 27 e nos dias 28, 29 e 30 para todo o publico.

E' o «espada» Ale que inaugura a temporada, no domingo de Paschoa.

Festas Associativas

No Club Estephania realisa-se no proximo sabbado, ás 21 horas, uma recita seguida de baile, representando-se a interessante peça policial *O rei dos gatunos*, sendo o scenario pintado expressamente pelos scenographos Viegas e Pina.

No sabbado, 3 d'abril, ha *soirée* dançante.

PEQUENAS NOTICIAS

Rebemos e agradecemos o numero unico que em Cintra foi distribuido por occasião da festa da arvore. Com boas gravuras e variada collaboração, *A Arvore* constituiu um bello brinde.

—E' o seguinte o programma que a banda da guarda republica executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1/2 horas: «Guarda republicana», marcha, Fão; «La maschere», ouverture, Mascagni; «Saltimbancos», selecção, Gane; «Tosca», selecção, Puccini; «Alegria do batalhão, zarzuela, Serrano; «Hurrah' Boys, marcha, Lacale

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21 — Sarau classico de poesia e musica.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — A's 21 — Cabo primero — País de las hadas—O amigo Melquiadez.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—4028-Lx.—Casa com escriptos.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—Ceu azul.
EDEN THEATRO — A's 21 — Opera: Aida.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 14—Matinée—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE — **Avenida**—Recita do actor Nascimento Fernandes — Reprise do *A. B. C.*—**Politeama**—Estreia da companhia de zarzuella.

AMANHÃ — **S. Carlos** — Recita promovida pela Federação Academica —Sarau classico de poesia e musica— **Rua dos Condes**—Primeira representação da *Feira da vida*.

SEXTA-FEIRA — **Gimnasio**—Recita da actriz Elvira Bastos—*O deputado independente—O minuete.*

SABBADO — **S. Carlos** — Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo.*

— **Gimnasio** — Recita do actor Mario Duarte — *A bella madame Vargas — A onda.*

Festas artisticas

Telmo Larcher

Hontem a sala do Gimnasio foi pequena para conter todos os amigos de Telmo Larcher que quizeram levar-lhe o testemunho da sua simpathia na noite da sua festa.

E para o velho e impenitente bohemio devia ser consoladora aquella manifestação tão espontanea e sentida dos que admiram a sua alma simples e boa como a de todos os bohemios que atravessam a vida prodigalisando sem reservas o seu espirito, a sua alegria. A alegria é o patrimonio dos bons; só os maus são macambuzios e tristonhos, envenenados pela inveja, pela perversidade propria; são uns auto intoxicados.

Telmo teve muitas flôres, muitas prendas e até poesias; mas melhor do que tudo isto foi ter a casa cheia, o que representa umas centenas de escudos que nas suas mãos rápidamente desapparecem, allivianido miserias, confortando infortunios, o maior prazer da boa alma que é Telmo Larcher, que conta como amigos quantos o conhecem e teem occasião de apreciar as finas qualidades do seu caracter.

Ao correr da penna

A recita que a Federação Academica de Lisboa realisa amanhã em S. Carlos a favor do seu cofre de beneficencia sae absolutamente dos moldes das recitas de estudantes. Confiando a organisação d'essa festa ao fino artista que é Lopes Vieira, quizeram os academicos promotores imprimir ao seu festival um cunho de arte, e na verdade o programma, que abaixo publicamos na integra, honra antecipadamente o seu organisador e os seus executantes.

Onde estão aquellas recitas de outros tempos para as quaes Gervasio e Schwalbach escreviam farças desopilantes como o Festim de Balthazar, *o* Lamparina, *a* Aldeia dos Cucos, *em que Accacio de Paiva se estreou como auctor compondo o* Sejamos castos? *Fugiram tambem os academicos de agora á revista, que só elles conseguem entender e que só a elles diverte...*

O programma tem uma farça; mas é mestre Gil que a assigna. Ainda Gil Vicente, Antonio Ferreira e Thomaz Gonzaga são os poetas que se recitam. Os compositores que se executam são o senhor D. João IV, Marcos Portugal, Almeida, Seixas e Baptista.

Em resumo, aquelles a quem a arte classica portugueza interessa, e ainda são bastantes, louvado Deus, devem ficar altamente gratos á iniciativa dos estudantes, que se revelam artistas de apurado gosto. Oxalá de futuro, se repitam estes festivaes que absolvem a mocidade de hoje da charra banalidade em que tinham deixado cahir as recitas tradicionaes.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

O programma da recita que ámanhã se realisa em S. Carlos, promovida pela Federação Academica, é o seguinte:

Alocução, pelo sr. Julio Eduardo dos Santos, da direcção da Federação Academica.

Parte primeira—I «Palavras» sobre o programma pelo sr. dr. Affonso Lopes Vieira. II «Exortação da guerra contra os mouros de Azamor» de Gil Vicente pelo sr. Chaby Pinheiro. «Lirica da Marilia de Dirceu», de Thomaz Antonio Gonzaga pela sr.ª D. Lucinda Simões. «Castro» (scena final) de Antonio Ferreira pelo sr. Augusto Rosa. III «Tocata» José Antonio Carlos de Seixas. «Dois minuetes» Francisco Xavier Baptista. Solo de cravo pela sr.ª D. Maria Rey Colaço.

Parte segunda:—Resurreição da farça de Gil Vicente *Quem tem farelos* (1505), figuras *Ayres Rosado*, escudeiro, Carlos Moura Carvalho; *Apariço, Ardonho*, creados Carlos Montez e Albino Soure; *Villa*, João Leite Velho; *Izabel*, (sua filha) Alberto Franco de Castro. A rubrica da farça será dita pelo sr. Filippe Namorado. Direcção de Augusto Rosa, scenario de Augusto Pina, musica de Thomaz Borba, contra-regra, Moraes Sarmento, ponto Luiz Bernardino da Silva.

Parte terceira.—I Grande Orchestra Simphonica sob a regencia do maestro Fernandes Fão. *Cruz fidelis* (transcripção para cordas) D. João IV. *La Spinalba*, F. A. d'Almeida, *a)* Introducção, *b)* aria, pela sr.ª D. Magdalena Metelo Antunes. *Ouro não compra amor* Marcos Portugal, *a)* abertura, *b)* aria, pelo sr. Antonio Caldeira. *Adrasto*, marcha, Marcos Portugal. (Os numeros de canto são com acompanhamento de orchestra). II Córos religiosos populares, pelo coro composto de estudantes sob a direção do sr. Julio Eduardo dos Santos. a) *Canto do Natal*, b) *Santo Antão*, c) *Jaculatorias.*

O cravo, da epocha, pertence á collecção do sr. Antonio Lamas.

Um sexteto de estudantes executará musicas do seculo XVIII. Executantes Carlos Freire, Carlos Ernesto Helbingy, Julio Eduardo dos Santos, Maximiliano Luiz Hebelling, Moyses Bensabat Amzalak e Saul Simões Serio.

Na recita que com o *Fado e Maxixe* se realisa em beneficio dos feridos da guerra, representar-se-ha a peça em espectaculo inteiro.

A companhia do Nacional regressa a Lisboa no principio do proximo mez.

No estrangeiro

A Comedia Franceza restabeleceu as suas funcções regulares. Reappareceu ha dias a peça do Caillavet e Flers *Primerose.*

No velho Ambigu vae fazer-se *réprise* do celebre *Courrier de Lyon* com de Max n'um dos papeis principaes.

Circos & Music-halls

Porque contractam petizitos?

Um caso recente, o do contracto d'um pequenito para gimnasta d'uma grande troupe motivou a pergunta feita por um nosso amigo, ha talvez duas horas, junto á banca da redacção:

—Mas para que levam as creancinhas se ha para ahi tanto rapaz com habilidade gymnastica e se nenhum d'elles se recusaria a marchar para fóra do paiz? Então não seria melhor, mesmo para os emprezarios, o obter gimnastas feitos a ter de gastar tempo ensinando os que nada sabem? Falaram-me de que o pequenito era um vendedor de jornaes... Será assim? Não sei, mas se elle é d'essa sympathica classe, parecia melhor que se contractassem alguns que se conhecem pela sua habilidade acrobatica *como aquelle a quem chamam o Anciloti e outros como o «Paulino», o «Saloio», o «Miudo», etc.»*

Deixámos falar o nosso amigo, que parecia conhecer de perto o merecimento dos pequeninos gimnastas, que vivem ignorados pela rua e que nunca viram o seu nome estampado nas gazetas e elucidamo-lo então:

—Os emprezarios contractam os mais novos que encontram, mesmo que nada saibam mas desde que manifestem certa habilidade. Fazem-no por uma medida de defeza. Os volantes teem de ser levissimos. A' medida que crescem em peso, estatura e corpo, perdem o seu valor. Assim as grandes troupes *procuram renovar, constantemente, os seus* volantes. *Alguns servem apenas uns dois ou tres annos. Passa-se differentemente com os bases, que podem durar uma* eternidade. *Veja o que succede no circo. Willy Frediani é base ha quasi vinte e dois annos, mas os seus* volantes *teem mudado constantemente. Ha dez annos, quando executou pela primeira vez a «columna humana sobre um cavallo» era Zizine o terceiro d'essa columna. Agora é o seu filho mais novo.*

Noticias

Entre nós

No Theatro da Rua dos Condes, estreia-se hoje a cantora Angelina Mitre. Amanhã, no mesmo theatro, realisa-se a primeira representação da revista *Feira da Vida.*

—Os palhaços Rico & Alex realisam a sua festa artistica, no proximo sabbado, no Coliseu dos Recreios. Os engraçadissimos *clowns* vão fazer de atiradores, acrobatas equestres, dançarinos, cantores, tocadores de bandurra, bandarilheiros, picadores e *espadas* de touros.

—Os duettistas Beriguardis ainda não teem dia designado para fazer, no Salão Foz, a sua estreia em Lisboa.

—O famoso saltador Zizine Frediani vae saltar hoje á noite no Colyseu, por cima de 18 pessoas, estando uma d'ellas sobre os hombros d'outra. O mesmo artista fez uma aposta em que era capaz de saltar por cima de dois trens collocados a par.

—O Salão de Festas da Amadora dá espectaculo cinematographico no proximo domingo. Como modificou a casa para sala de espectaculos deixam, temporariamente, de se realisar bailes.

—O Theatro Moderno ainda este mez inaugura a sua temporada de animatographo e de variedades.

—Amanhã, no Coliseu dos Recreios, realisa-se uma *matinée*. E' a primeira que se effectua á quinta feira. A sua organisação foi pedida ao emprezario por um grupo de frequentadores das recitas da moda.

—A cantora lirica Carla Cenami despede-se amanhã, no theatro da Rua dos Condes, n'uma festa dedicada á colonia italiana.

—No Coliseu de Lisboa repetem-se hoje, a pedido, as cinco estreias cinematographicas de hontem.

—Estão a realisar-se os ultimos ensaios da revista «Feira da Vida», que depois de amanhã sobe á scena no theatro da Rua dos Condes.

—No dia 3 d'abril reabre o theatro Moderno, com variedades e animatographo.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30 — Variedades e animatographo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30— Piadas e beliscões.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 21.—Os gatunos assaltaram a noite passada a vetusta egreja de Santo Antonio dos Olivaes.

Depois de terem tentado arrombar as portas, como o não conseguissem, entraram por uma janella e uma vez dentro do templo, procuraram as alfaias de prata, cujo valor é superior a 500$00. Não foram porém, felizes, pois que estas haviam sido mudadas da sacristia para loga mais seguro. Ou porque o resto do existente lhes não servisse, ou porque julgassem que haviam sido persentidos retiraram-se sem nada levar.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Boletim da faculdade de direito»

D'este Boletim, publicado pela Universidade de Coimbra, sahiu o numero 4, trazendo collaboração dos professores Caeiro da Motta, Pinto Coelho e Carneiro Pacheco, além de summarios de sentenças. E' uma publicação muito util, sobretudo para os que seguem a carreira da magistratura.

Movimento maritimo

Amsterdam «Zeelandia» (Brazil)........	25
Brazil e R. da Prata, «Frisia» (Amst.).	26
Pará e Manaus, «Lanfranc» (Liverp.).	25
Vigo e Inglaterra, «Desna» (Brazil)....	26
N. York, via Açor., «Britannia» (Mar.)	26
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)..	26
Africa oriental, «Durban Castle» (Li.).	27
Australia, «Palma»........................	28
Africa oriental, «Gladiator» (Liverp.).	29
Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Bechnana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonna» (Brazil)............	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31

fez frente ao general Reisoli, especialmente em Csar-el-Laben.

A Italia foi forçada a recorrer á sua armada para ferir a nação ottomana e a obrigar a um accordo. Occupou as ilhas do Archipelago, ameaçou Constantinopla, desencadeou os elementos de desordem e de revolta no imperio. Reconheceu-se, então, que a força militar da Turquia era apenas uma sombra. Quando o gabinete Mouktar Pachá, que havia succedido ao gabinete Saïd, se resolveu a entrar em negociações, era demasiado tarde.

Fôra a 12 de julho que em Lausanne se haviam encetado as negociações e os preliminares da paz foram ahi assignados a 15 d'outubro, mas os acontecimentos estavam já desencadeados n'outra parte e a crise final começava.

O Montenegro declarava guerra á Turquia no dia 8 d'outubro de 1912.

Devido ás relações de parentesco que existiam entre as duas familias reinantes, julgou-se, a principio, que o Montenegro obedecia a suggestões de Roma, mas em breve se comprehendeu que se tratava de coisa muito differente.

Os Estados balkanicos, a Servia, a Bulgaria, a Grecia e o Montenegro, tinham a presciencia de que só por si mesmos podiam assegurar a sua independencia.

Com a annexação da Bosnia e da Herzegovina, a Austria-Hungria dera um passo para Salonica. As desordens na Macedonia, a insurreição na Albania, a perda da Tripolitana eram outros tantos signaes da proxima ruina do imperio ottomano. Cada um tratava de se precaver.

Havia muito que os Estados balkanicos se preparavam. A sua organisação militar estava muito mais adeantada do que geralmente se pensava; um pacto, cuja iniciativa é attribuida a Venizelos, os ligava contra a Turquia em primeiro logar e, subsidiariamente, contra a Austria-Hungria. A nova formula era: «Os Balkans para os balkanicos». Os pretextos não faltavam para guerra contra a Turquia. A iniciativa tomada pelo Montenegro era a execução d'uma das clausulas d'esse pacto.

A Europa tentou, mais uma vez, interpôr-se, mas acreditava na victoria dos turcos e o seu esforço para localisar o conflicto foi d'encontro á força das circumstancias. A tempestade arrebatava os frageis diques dos diplomatas.

A guerra teve phases rapidas, que estão ainda bem patentes na memoria de todos. As victorias dos bulgaros em Kirk-Kilissé, em Lule-Burgas, o seu rapido exgotamento, o sitio d'Andrinopla que se arrasta e dá algum repouso ás forças ottomanas, as quaes pareciam anniquiladas ao primeiro choque; as victorias servias em Koumanovo e em Uskub, a tomada de Salonica pelos gregos, a colheita de ilhas pela sua armada, o sitio de Janina, Scutari sitiada pelo Montenegro, taes são os factos mais notaveis d'essa guerra.

As potencias, a principio surprehendidas, tentam de novo interpôr-se quando os belligerantes estão exhaustos. Mas a Austria-Hungria, secundada pela Allemanha, tem um plano nitidamente traçado; fez um accordo com a Italia para impedir a expansão slava para o Adriatico e, para isso, o conde Berchtold aventa a idéa d'uma Albania independente.

Em dezembro de 1912 começa em Londres a conferencia da paz. O achado dos diplomatas é, pois, uma «Albania independente». Cilada armada pela cubiça austro-hungara, que a Europa não vê, ou antes, não quer vêr.

Tal combinação tinha, entre muitos outros defeitos, o de semear entre os alliados os germens da sizania que a Austria-Hungria cuidadosamente cultiva. As potencias balkanicas não se importam com os conselhos da Europa.

A conferencia não dá resultado, as hostilidades recomeçam. Janina, Andrinopla, Scutari succumbem. A' Turquia apenas resta uma unica probabilidade de salvação: as dissenções entre os vencedores. A Austria não dorme: arranca Scutari ao Montenegro, intimidando a Europa com a ameaça d'uma guerra geral; a Bulgaria, detida ás portas de

troços dos monumentos byzantinos, é dominada pelo zimborio dourado das mesquitas e pelos brancos minaretes, de cima dos quaes sôa a voz dos «muezzins»». Pera, tortuosa e immunda, com as suas viellas de casas de madeira, com os seus balcões desaprumados, comprime-se aos pés de algumas egrejas e anima-se á voz dos sinos chamando ás cerimonias os fieis dos diversos cultos christãos.

De uma a outra cidade, é um movimento perpetuo de cortejos apressados, de peões de trajos variegados, um vae-vem de multidão multicolor, em que o turbante alterna com o fez e o chapeu alto, em que a seda e as calças se cruzam com o fustão e os calções de largas pregas.

Raras carruagens circulam entre a multidão comprimida, ou mesmo em cadeirinhas, as cortinas abaixadas deixam entrever damas da côrte e da alta sociedade, de rasgados olhos negros brilhando por detraz da brancura do «yachmach», emquanto nas ruas mal calçadas as mulheres do povo caminham a custo, com uma das mãos puxando o veu sobre o rosto, a outra segurando á cabeça ou ao hombro uma bilha cheia ou uma creança.

Toda essa gente vive na melhor harmonia, tendo uns para os outros tolerancia e respeito. As procissões desfilam, os funeraes passam a correr, os bombeiros atravessam a multidão, funccionarios graves dirigem-se para as repartições, commerciantes estão acocorados na deanteira das lojas onde brilham, sobre fundos á Rembrandt, o ouro dos limões e das laranjas, os coraes das fructas; os cães de cabeça de raposa circulam lentamente, um cheiro de gordura frita enche a pituitaria; a lama suja-nos os pés, o cheiro sóbe-nos á garganta.

Um indefinivel bafio de vida antiga, o aroma do deserto, os perfumes insulsos das rosas e de compotas, uma atmosphera onde perpassam todos os seculos desde os mais remotos aos mais modernos, a oppressão de um passado sempre presente, o sentimento de que essas multidões humanas viveram sempre ali, assim, semelhantes umas ás outras, de que essa agitação e essa lâma são o fim e a desaggregação de uma agitação e de uma lama seculares, tudo isso produz uma emoção simultaneamente profunda e penosa.

Só a velha cidade dos cesares e dos califas podia offerecer semelhante espectaculo na vespera do dia em que a revolução, phase inicial da agonia definitiva, se ia dar.

No logar da Velha-Turquia vacillante, a desmoronar-se, eis que surge uma Turquia nova, uma Turquia regenerada, a «Joven-Turquia».

A Joven-Turquia foi filha da «reforma». Houve sempre uma «reforma» na ordem do dia do imperio ottomano. E que paiz, realmente, tinha mais necessidade de ser reformado?

Sem remontar a datas anteriores, em 1876, nas vesperas da guerra russa, Midhat Pachá tinha annunciado que o imperio ia ser renovado. O plano de Midhat é exposto pelo embaixador da Inglaterra, Henry Elliott, nos seguintes termos:

«Midhat Pachá é, sem duvida alguma, o mais energico e o mais liberal dos estadistas turcos. Sustentou sempre a egualdade entre musulmanos e christãos e deseja uma auctoridade constitucional superior ao poder do gran-vizir, superior mesmo ao do sultão. Falou-se por diversas vezes na sua energica opposição contra o estabelecimento de instituições especiaes nas provincias slavas... Não gosta d'elle o velho partido musulmano, mas é considerado como a esperança dos reformadores mahometanos e christãos».

N'uma palavra, os caracteres da «reforma» na Turquia foram sempre os seguintes: tendencia para a europeanisação, governo constitucional, egualdade dos musulmanos e dos christãos, não hostilidade ás communidades christãs independentes, principalmente ás slavas.

Foi sobre estas bases que se fez a reforma de 1908. Foi obra dos militares e principalmente do exercito de Salonica, tendo á frente Mahmoud Cheyket. Esses homens jul-

gavam-se com a sufficiente preparação européa para assumirem a auctoridade governamental; filiados em associações secretas, diziam-se liberaes, mas eram, primeiro que tudo, por instincto ou por tradição, centralistas e auctoritarios. Quizeram conservar Abd-ul-Hamid, mas não tardou que o derrubassem, pondo em seu logar um manequim: Mehmed V. Tentaram então pôr em movimento a velha machina.

Chegou-se a acreditar n'esses homens. Viam-nos attentos e promptos a satisfazer os desejos das potencias européas, especialmente das liberaes. Escrevia-se a seu respeito:

«O novo governo turco está animado da melhor vontade; acceita os conselhos e não cerra os ouvidos a nenhuma das palavras amaveis que lhe são prodigalisadas: mostra a sua deferencia pelos conselhos que lhe dão; confia as suas finanças a um francez, Laurent, o seu exercito a um allemão, o general von der Goltz; os seus emissarios percorrem a Asia para ahi prégarem a concordia e outros percorrem a Europa para implorarem lições de bem governarem...» Não se improvisam, porém, estadistas de um dia para outro. Ninguem mandava, ninguem obedecia. Esses homens, da «União e Progresso», davam-se como liberaes e humanitarios. Mas, no fundo, só tinham uma ambição, como todos os politicos do mundo: ficar no poder.

Em breve os abusos do despotismo militar se tornaram tão insupportaveis como os abusos do poder do sultão deposto. Mahmoud Chefvket, official distincto, mas só tendo como orientação politica a sua fiel admiração pela Allemanha, foi o manequim de que se serviu a violencia dos seus partidarios. Desejava abandonar o poder: nem isso lhe consentiam.

Os espasmos da agonia manifestam-se claramente: a lucta entre os partidos, d'um lado o «comité União e Progresso», do outro os partidos moderado e liberal; os ministerios succedendo-se no poder e exgotando os homens; as revoltas na Albania, na Macedonia e nos paizes arabes; as perturbações na Macedonia e a intervenção das potencias; a pobreza de orçamentos; os caminhos de ferro e os trabalhos publicos em almoeda; os ultimos recursos financeiros do imperio na mão dos financeiros, as fluctuações hypocritas da politica externa, emquanto, no fundo, tudo estava vendido á Allemanha.

Um facto capital se déra no proprio dia da revolução: a annexação da Bosnia e da Herzegovina.

Ao mesmo tempo a Bulgaria decla-

Conde Zeppelin

rava-se independente, o principe Fernando proclamava-se czar, o seu governo apoderava-se da linha de caminhos de ferro que liga Constantinopla com o resto do mundo. Semelhantes humilhações deviam ter aberto os olhos aos governos turcos, que os conservam hermeticamente fechados. Mal erguiam a voz para reclamar da Austria-Hungria, em compensação dos direitos da soberania do sultão, a quantia de 150 milhões de francos, que em breve des-

apparecia, dispendida perdulariamente.

Desde esse momento, a crise está aberta para a Europa.

A situação, para a Turquia em especial e para a Europa em geral, era descripta nos seguintes termos no livro intitulado «A politica do equilibrio»:

«Em Constantinopla o movimento revolucionario alastra pouco a pouco. O gabinete Hilmi Pachá foi derrubado. Ahmed-Riza, presidente da Camara, pediu a demissão.

«Revoltas nas casernas, batalhas nas ruas, choque de partidos, de «comités», de nacionalidades. A Albania está em armas. O mundo arabe revoltou-se. O que vae ser da Macedonia? Que repercussões se darão em Athenas, em Sofia, em Belgrado?

«A Austria e a Italia fazem um accordo para talharem a parte que desejam do imperio ottomano. Se o mundo germanico, arrastado pelo seu proprio pezo, se deixa deslisar pelo declive, as outras potencias não tentarão deter a avalanche?

«A Russia está enfraquecida, mas não isolada. O futuro do mundo slavo está em jogo em Constantinopla. No Caucaso, no mar Negro, nos proprios Balkans, esse imperio, robusto e vigoroso apesar de tudo, encontra o seu maximo de potencia e de impulso. E' inadmissivel que a sorte do Oriente se decida sem que a voz do vencedor de 1878 tenha voto no capitulo.

«Por detraz da Russia, ha o slavismo, ha a potencia «amiga e alliada» e, finalmente, por um phenomeno deveras surprehendente, ha a Inglaterra.

«A Inglaterra, tendo a certeza da cooperação da Russia e da França, potencias de contrapezo contra os imperios germanicos, não poderia ser desalojada das margens do Mediterraneo. A Italia encontrar-se-hia mesmo n'um singular embaraço se fôsse obrigada a pronunciar-se...

«Por consequencia, a partida é pelo menos egual. Ninguem poderá dizer qual será o resultado do conflicto que deve rebentar, quasi que fatalmente, se se deixarem os acontecimentos entregues a si mesmos. Mas o que ninguem póde pôr em duvida é que, devido a esse conflicto, a prosperidade européa e talvez a civilisação moderna correrão grande perigo. Uma Europa sacudida por taes convulsões não poderia sem duvida resistir aos seus males interiores. Como no tempo da decadencia do imperio romano, tudo o que abalasse o exterior repercutir-se-hia no interior. Uma guerra geral seria provavelmente o signal d'uma revolução geral».

Estas palavras eram escriptas em 1909, quando, no dia seguinte ao da revolução turca, a Austria-Hungria, rompendo o pacto de equilibrio, reclamava a annexação da Bosnia e da Herzegovina.

A Turquia corria desatinadamente para o seu fim. Não encontrando as facilidades que desejava da parte dos financeiros francezes, o governo turco voltára-se para a Allemanha e tinha, pela primeira vez, posto a sua existencia financeira á disposição d'um imperio que se tornava assim o seu protector declarado.

As forças militares do imperio eram confiadas aos officiaes allemães e, pelas convenções anteriores, especialmente as relativas ao caminho de ferro de Bagdad, o futuro economico da Turquia era alienado. A impotencia do governo aggravava-se na Macedonia e na Armenia, na Albania, na Arabia. Tudo se desmoronava. Havia ao menos um exercito? Ainda n'isso se acreditava, mas era o supremo recurso.

Esse recurso, se existia, ia ser posto á prova. A 20 de setembro de 1911, a Italia, seguindo o exemplo da Austria, reclamava a sua parte do imperio ottomano: começava a expedição á Tripolitana, que só devia findar a 15 d'outubro de 1912, na vespera da guerra na Turquia da Europa.

A Tripolitana, mal defendida por impotentes guarnições turcas, oppôz, apezar d'isso, uma vigorosa resistencia aos exercitos italianos. Para isso contribuiu a sua população indigena, apoiada pelos snoussis. Um joven official, Enver Bey, a quem estava reservado um brilhante futuro.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1665 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 25 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O QUE SE PASSA

Realisou-se outro dia, na Liga Naval, uma conferencia. O conferente era um orador monarchico, como monarchicos são outros que estão convidados para outras conferencias. Com o orador a que nos referimos, accrescia a circumstancia de ter sido antigamente um vulto de destaque do partido republicano, o que poderia ainda provocar aos seus antigos correligionarios manifestações de maior desagrado. Todavia, nenhuma manifestação d'esse genero se produziu. O orador realisou a sua conferencia sem ser alvo de qualquer protesto nem do minimo enxovalho, e tanto a policia estava segura de que nenhuns elementos republicanos procurariam perturbar essa conferencia ou aggredir o orador que nenhuns guardas foram enviados para a sala ou para defronte do edificio onde ella se realisou.

Tambem recentemente se realisaram as cerimonias religiosas na egreja da Graça, em consequencia d'ella ter sido retirada á antiga cultual. O sr. patriarcha de Lisboa falou, no templo, como entendeu, sem que fôsse victima de qualquer palavra de desrespeito ou alvo de qualquer gesto hostil. Apesar de tanto se ter repetido que em Lisboa existe uma demagogia jacobina que nada acata, a verdade é que essa manifestação ostensiva do clericalismo triumphante não teve a ensombral-a a mais ligeira nuvem.

Mas eis que oradores republicanos se propõem falar tambem, e falar no dominio puro das idéas e da doutrina—e que vêmos nós? A policia, com a bem patente consciencia de que o seu direito á palavra será affrontado, comparece immediatamente no local d'essas reuniões. Para quê? Tudo parece indicar que para proteger o direito d'esses cidadãos, para os preservar de insultos, para lhes defender as vidas. Mas não! Como hontem succedeu, na conferencia do sr. José de Castro, ainda o orador não proferira duas palavras de simples saudação ao republicano illustre que é patrono do centro onde a conferencia se devia realisar, o sr. Magalhães Lima, logo se levantam brados aggressivos, irrompem as imprecações de toda a especie, as ameaças chovem sobre a cabeça do orador e de devotados republicanos que o acompanhavam. Tinha o conferente dito qualquer coisa que justificasse protestos? Não, porque nem sequer entrára no assumpto da sua conferencia. Era a grande maioria da assembleia que o hostilisava? Não. Tratava-se apenas de meia duzia de individuos, evidentemente apostados a não o deixarem proferir uma só palavra. E que faz a policia? Garante o direito de reunião? Garante o direito da palavra? Garante a vida do orador e dos seus amigos? Não! A policia dissolve a reunião, declarando que não póde garantir a vida do orador! Dir-se-hia que ella fôra ali, não para reprimir a desordem, como é seu papel, mas para a sanccionar.

Posto em confronto o que se passa com os conferentes monarchicos, o que se passa em ceremonias de caracter mais ou menos reaccionario, e o que se passa com as reuniões republicanas, o que se passa com os oradores republicanos, e dos mais distinctos e cordatos, occorre necessariamente perguntar: Que tranquillidade é esta? Que ordem é esta? Que garantias dá o governo, que garantias dão os seus agentes, de que a liberdade é um facto, de que existe o respeito pelos direitos de todos os cidadãos, de que estão assegurados, pelo espirito de tolerancia conjugado com a firmeza imprescindivel para os manter, o prestigio da Republica, a dignidade da nação e a existencia d'aquellas normas que se não podem dispensar n'uma sociedade civilisada para que ella effectivamente seja assim considerada por todo o mundo?

Triste espectaculo é o que presenciamos na nossa patria! Caminhamos, ás cegas, para um futuro desconhecido e só vêmos cortada a escuridão dos nossos destinos por successivos relampagos de perseguições e violencias que ainda se tornam mais ameaçadora e sinistra.

Poeira da Arcada

Quando as olaias da Avenida começam de enflorar-se, erguendo sobre os empedrados dos passeios a suave plangencia de uma melancholia que, apesar de breve, corresponde ás lagrimas eternas das coisas, os lisboetas, mesmo os mais renitentes á poesia e á credulidade das mentes que se desviam sempre para o azul, logo que os cuidados os mortificam, sentem que se torna facil conceber um grande sonho, alegre ou triste, desde que deixem renascer em si a alma emigrante e navegadora da nossa raça. A primavera não é para nós uma simples mudança de paysagens, porque nos alonga mais e mais as nossas perspectivas de visionarios. Emquanto Flora, com a arte subtil dos seus dedos inspirados, faz reviver nas arvores as estrophes de um poema que a natureza repete e retoca, a fim de incançavelmente se manter moça e mimosa, os portuguezes, obedecendo ao seu velho signo, espraiam a vista pelo espaço e elevam-se n'um vôo de cotovia.

* * *

Para mostrar que a liberdade em Portugal só vive em metade do terreno que de direito lhe compete, basta vêr o triste fado em que andam os conferentes que pretendem fazer-se ouvir, protestando contra a dictadura que tão ardentemente nos concilia com o absurdo. Ainda hontem os srs. drs. Bernardino Machado e José de Castro conheceram quanto custa produzir uma opinião que não logra o assentimento de toda a gente. Contra elles se levantou embravecida celeuma, impedindo que o seu verbo, com brilho e proveito, ferisse os agudos da grande indignação.

Os turbulentos conseguiram, talvez, o seu intento—abafar duas vozes que discordam da providencia que, no sr. Pimenta de Castro, assume o aspecto de um general estendendo a sua durindana sobre um povo resolvido a deixar-se morrer de... amores pelos principios que não conhece. Mas deixaram bem gravada a impressão de que a democracia, entre nós, tem cabeça de prego, onde todos vão atirando a sua martellada para melhor a segurarem nos animos irrequietos das turbas em desalinho.

GUERRA DE CORSO

Os passageiros do "Guadaloupe,,

regressam a Lisboa, a bordo do paquete «Zelandia»

Entrou esta manhã no Tejo, procedente dos portos do Brazil, o paquete *Zelandia*, que em Pernambuco recolheu algum dos passageiros que viajavam a bordo do *Guadaloupe*, em direcção a Lisboa, quando esse barco foi detido e, em seguida, mettido a pique pelo *Kaiser Wilheml*, armado em corsario.

As personagens d'essa tragedia maritima que hoje chegaram ao Tejo são o sr. Vasco d'Albuquerque d'Orey, filho do sr. Ruy d'Albuquerque d'Orey, socio da firma Orey, Antunes & C.ª, consignataria do barco afundado, o qual regressava com sua esposa a Lisboa, n'essa occasião, e dois individuos de nacionalidade franceza.

A' chegada do *Zelandia* assistiram muitas pessoas, movidas pela curiosidade de saber as condições em que se tinha dado o ataque do navio allemão ao *Guadaloupe*, vendo-se entre essas pessoas os representantes dos jornaes.

A MULHER PARISIENSE

Antes da guerra e durante a guerra

Como a descreve Maurice Donnay

Paris, 21 de março

A parisiense d'hontem e d'hoje, e apresentada por Mauricio Donnay. Para recommendação bastam o assumpto da conferencia e o nome do conferente. Seriam sufficientes estas indicações para se fazer ideia de quanto espirito e sentimento, de quanto encanto e elegancia, quão profunda e amena psichologia, quanto mimo haveria na deliciosa palestra que hontem applaudiram os frequentadores da Sociedade de Conferencias; mas melhor seria ter ouvido o orador. Começou assim:

«A ultima grande festa parisiense a que assisti antes de iniciada a guerra foi a festa de Antoine, no theatro da Opera... Havia na sala n'essa noite uteis avisos, indicações inquietadoras. Estavam ali senhoras representantes da plutocracia, da aristocracia, da alta e da baixa burguezia, actrizes, mulheres duvidosas e mulheres que não deixavam duvida alguma, cortezãs caras e cortezãs ao alcance de todas as bolsas, de todas as classes, emfim; diamantes, perolas, plumas umbrosas e *aigrettes* aprumadas ..

Pelos camarotes, senhoras ostentando nos toucados fartos leques de penas caras tinham o aspecto estranho de guerreiros indios; ali uma cabelleira branca coroava um rosto de mocidade fresca, emquanto mais longe uma cabelleira cinzenta coroava um rosto de mocidade suspeita.

Muitas senhoras trajavam tão summariamente, que bem pareciam quererem justificar a sua tão costumada phrase: não tenho nada que vestir. A maior parte dos homens que as acompanhavam e que pagavam e mantinham aquelle luxo de joalharia e de modista sentiam o seu amor proprio lisongeado e envaideciam-se porque aquillo era a affirmação externa do seu valor, da sua riqueza; mas nas suas casacas pretas, uniforme inglorio ou antes obscura libré, simbolo de uma culposa abdicação, pareciam os creados encarregados de servir aquellas mulheres no banquete da vida, ou os gatos pingados acompanhando os funeraes da vida mundana.»

N'estes ultimos annos, a parisiense tornara-se joguete e escrava submissa da moda:

«Tudo o que lhe roça pela pelle, pelos cabellos, pelas sobrancelhas, pelas unhas, pelo seu corpo mortal assume um caracter misterioso, esoterico, sagrado, universitario até; ha institutos de belleza, academias de tintura, escolas normaes de manicuros...

Dar na vista, impôr-se, deslumbrar, esmagar os outros, tudo sacrificar ás apparencias, era o mal de que morriamos antes da guerra. Esta ancia de luxo devia levar-nos a um destino desconhecido, incerto sim, mas fatal, á revolução, á guerra...

Levou-nos á guerra. Então, subitamente, de um dia para o outro, toda a escala mundana da parisiense, da mais humilde á mais elevada, se transformou, ou, antes, regressou á sua propria natureza e com dedicação e coragem entregou-se exclusivamente ao cumprimento do seu dever.»

* * *

N'esta altura o sr. Maurice Donnay refere-se ás «damas brancas»:

«Fazer a phisiologia da enfermeira seria um estudo commovedor! Ha cabeças grisalhas e cabeças encanecidas sob aquelles veus alvejantes; são mães, teem um ou mais filhos na linha de fogo, nas trincheiras, e para ellas cada ferido que lhes trazem é como se fôsse o seu proprio filho. Dispensam-lhe cuidados e dedicação maternaes, tantos que um ferido referindo-se-lhes dizia: «Ficamos como uns crivos, mas não faz mal; por toda a parte encontramos uma mãe que nos trata e nos conforta». Muitas vezes, quando uma d'estas mães se apresta para dar um remedio a um d'estes filhos do momento, ou para escrever a outra mãe noticiando-lho as melhoras do filho que lhe salvára, recebe a noticia de que seu proprio filho acaba de morrer. Desapparece, durante uns dois dias, em que chora a sua dôr, voltando em seguida a reoccupar o seu logar junto dos feridos, a mitigar-lhes a sêde e o soffrimento.

Conheço uma que voltára ao serviço n'estas condições; era a sua vez de entrar de vigia e quiz passar a noite junto de um ferido de gravidade que soffrera a amputação d'um braço comido pela gangrena. O pobre rapaz ia morrer e chamava pela mãe que, não tendo sido prevenida a tempo e habitando muito longe, só já tarde chegaria. «Quero beijar minha mãe»—gritava o ferido.

—Sim, meu filho, já está a caminho e não pode demorar-se; quando chegar, eu trago-lh'a aqui—dizia-lhe a enfermeira, socegando-o.

O ferido, pouco a pouco, ia perdendo alentos, a voz estinguia-se-lhe, o olhar apagava-se-lhe, o suor encharcava-lhe o corpo gottejando-lhe da fronte; e a mãe que acabava de perder o filho, inclinando-se sobre aquella testa abrazada pela febre e alagada pelo suor, evocando a memoria do filho que morrera chamando-a, como aquelle chamava a sua, collou-lhe os labios n'um longo beijo, que acompanhou o moribundo até á Eternidade, até o coração do heroe ter cessado de bater. Mas sob a frescura d'aquelle beijo consolador, o agonisante morrera satisfeito, murmurando n'um vago sorrir: «mãe, minha mãe!»...

A «dama branca» não é só a mãe amantissima, dedicada até ao heroismo. Uma infecção é facil de adquirir, uma febre rapidamente contagia, e então chega a vez dos seus feridos, os seus doentes lhe pagarem na mesma moeda.

«Reconhecimento, admiração e até um mixto de desejo de agradar e da tradicional galanteria franceza compõem o sentimento que anima o doente para com a sua enfermeira; e para exprimil-o encontram, por vezes, palavras de fidalgo e de poeta os proprios camponezes rudes e ignorantes.

Uma enfermeira regressou de ter gosado quarenta e oito horas de licença, o que não era demasiado apoz seis mezes de serviço; e á volta um soldado diz-lhe: «N'estes dois dias que cá não esteve a enfermaria parecia-me tamanha!...» Um atirador argeliano já restabelecido, vae reunir-se ao regimento; ao partir diz na sua linguagem mesclada á enfermeira que o tratou: «se fôr ferido outra vez, voltarei para ao pé de ti; se morrer, morrerei por ti!...»

Mas como nem todas as parisienses podem ser enfermeiras por não terem logar, umas fazem compras para os feridos, outras pedem auxilio para elles, e outras mandam objectos cujo producto reverte a favor dos que cahem batendo-se pela França, outras reunem-se confeccionando artigos de malha para defender os soldados das intemperies.

Ao contrario do que affirma o proloquio: longe dos olhos longe do coração, as parisienses não esquecem os ausentes; a sua conversa gira sempre sobre reflexões, previsões ou noticias da guerra, não pensando já na má lingua habitual, porque esta não tem nada com a guerra, assumpto unico que n'este momento lhes interessa. Quem quizer dizer mal do proximo tem os allemães que dão bastante ensejo a isso. Verdade é que o allemão não é nosso proximo, nem mesmo o de ninguem!»

* * *

Finalmente as parisienses entram no caminho da simplicidade:

«Que n'elle se conservem e obriguem os seus maridos a acompanhal-as, e a questão social será em parte resolvida. Todos os seus esforços são uteis; nas reacções sentimentaes, como nas reacções chimicas, nada se perde...

Depois da guerra será preciso reconstruir casas, indemnisar victimas, pensionar viuvas e invalidos, e para isso são necessarios sacrificios. Graças ás mulheres e aos soldados podemos ter esperança no accordo, na comprehensão, na penetração das classes. Do reconhecimento, da estima, da admiração reciproca não pode sahir o odio, mas tão somente o amor, aquelle amor que ha já 2.000 annos um grande socialista prégou entre os homens.»

E os applausos prolongados que responderam á palavra eloquente do mais insinuante dos apostolos provaram não só que arrebatára o auditorio, mas tambem que o tinha comprehendido perfeitamente.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

Migalhas

Antropophagos

Um telegramma inserto nos jornaes de hoje a proposito da descoberta, em Vienna d'Austria, d'uns *clubs* d'uma certa especialidade, suggere-me algumas considerações sobre o anthropophagismo, que não deixam de vir a proposito n'este momento em que os nossos politicos tanto fazem a diligencia por se comerem uns aos outros.

Ha tempos, a *Gazeta de Hollanda*, onde outr'ora se diziam coisas tão desagradaveis do principe *Cornelio Gil*, inseria um estudo curioso, tendente a demonstrar que os antropophagos não encontram no mastigar o seu semelhante o mesmo prazer animal que nós buscamos ao procurar a convivencia de uma costelleta de vitella com cogumellos. Sabios illustres que estudaram o caso não attribuem aos cannibaes instinctos de simples voracidade. Pelo contrario, ao que parece, elles são guiados por motivos d'ordem moral. Alguns por respeito pelo defunto querem assegurar-lhe um jazigo condigno. Outros pretendem assimilar por intermedio da digestão e funcções complementares as virtudes do fallecido. Outros ainda operam por vingança e, tal D. Pedro, o Cru, cevando a sua furia nas miudezas dos assassinos da linda Ignez, elles fazem pagar ao inimigo morto as affrontas recebidas.

De resto, pessoas experimentadas teem affirmado que a carne humana é muito enjoativa, pouco saborosa, mediocre em summa. Do homem o que ha a aproveitar é o figado. Esse sim. Dizem-no mais volumoso e de sabor mais fino do que o dos melhores patos de Strasburgo, muito procurados para *foie-gras*. Conta-se que, quando foi de uma revolta no Tonkin, um carrasco enriqueceu a vender figados de insurrecto. Calculem que ensejo para um alfacinha pôr uma casa de iscas de gente n'aquellas paragens.

André Brun

VIDA ARTISTICA

Monumento do marquez de Pombal

Um protesto da Sociedade Nacional de Bellas Artes contra a organisação do novo juri

Os srs. Costa Motta, esculptor, Rozendo Carvalheiro, architecto, José Alexandre Soares, architecto e Ressano Garcia, engenheiro, em nome da Sociedade Nacional de Bellas Artes, procuraram hoje o sr. ministro da instrucção para reclamar contra a idéa de se constituir um novo juri que classifique as *maquettes* do monumento ao marquez de Pombal. Allegam os directores d'aquella aggremiação artistica que semelhante proposito representa uma illegalidade, porquanto já duas vezes os artistas constituidos em juris deram sensivelmente a mesma decisão. [illegible] com cathegoria necessaria para effectuarem novo julgamento, [illegible] viesse affrontar direitos legitimamente adquiridos.

"PINOCAS,, INCURSORES

A bandeira azul e branca sem corôa

Novecentos coxos e alguns padres

Comer, beber, dormir! Eis as preoccupações de todo o momento, confessadas pelo sr. A. d'Eça de Queiroz no seu livro de memorias—preoccupações que pareciam dominar quaesquer outras, incluindo a da propria reconquista do throno que se desconjunctára em outubro de 1910. Já hontem frisámos esse aspecto da narrativa do moço cadete: o caso culinario. O apetite do sr. Queiroz era frequentemente, como elle confessa, «pantagruelico». Encher o estomago, confortal-o com malgas de caldo, café ou vinho, regal-o com aguardente, praguejar quando se não encontrava alimento condigno ou quando não era possivel arranjal-o são coisas que o auctor do volume *Na Fronteira* menciona como das mais importantes da odisseia da Galliza e das que mais profunda impressão causaram no seu espirito.

Mas as notas e os esclarecimentos de valor historico, a que já tambem alludimos, não faltam no pittoresco livro, que é a soberba photographia colorida dos «pinocas», alegres rapazes que voltaram a calcurriar pelas ruas da Baixa e a parar á porta do Marques e da Havaneza, custando a crêr que esses jovens elegantes, primorosamente vestidos, calçados e barbeados, corressem as aventuras referidas pelo seu camarada que firma o volume *Na fronteira*.

O leitor ainda não se esqueceu de que Paiva Couceiro pugnou pela idéa d'um plebiscito que decidiria da escolha do regimen a estabelecer em Portugal, como está lembrado de que uma das suas razões de escandalo contra a Republica foi a substituição da bandeira azul e branca. Ora a bandeira com que os conceiristas atravessaram da Galliza para Portugal era a do antigo regimen *mas sem a corôa real*. O sr. A. d'Eça de Queiroz nol-o diz, accrescentando que «o movimento tinha o nome de neutro». Não quer dizer isso que os moços cadetes não juntassem mentalmente ao juramento «aquillo que pensavam»: batalhar pela monarchia e pelo rei. O que, todavia, convem accentuar é que o juramento proferido por Paiva Couceiro, deante dos seus novecentos homens e d'uma bandeira sem corôa, foi de defender, «batalhar e morrer pela velha bandeira azul e branca», palavras que os mesmos homens repetiram, parecendo «um longo trovão rolando distante, por um quente principio de noite».

Entrados em Portugal, os conceiristas procuraram arrebanhar quantos camponios deparavam no seu caminho e um dos jovens cadetes mais dedicados e activos, o sr. André Supardo, topando dois cavadores que, pasmados, assistiam ao desfile, incitou-os a que pegassem em armas, espingarda ou foice, e os acompanhassem.

Um d'esses, a quem o sr. Queiroz chama «imbecis», respondeu philosophicamente:

—Ai! não posso, que tenho de ir ao trabalhinho!

Os sinos da Cova da Lua e de Espinhosela badalaram com furia ao approximarem-se os conceiristas, que eram recebidos entre «ovações loucas» que enchiam de lagrimas de reconhecimento e de esperança os desmantelados invasores. Os padres tomavam naturalmente um papel de relevo nas manifestações de regosijo e alguns excediam-se a ponto de causarem nauseas aos proprios cadetes, como certo sacerdote que promettia, furibundo e truculento, um chuveiro de indulgencias aos homens da columna, se matassem muitos republicanos. Outro padre offereceu-se para se apresentar em poucas horas á testa de uns quinhentos homens, gente de duas aldeias, mas os olhos do sr. Queiroz enchem-se de lagrimas de raiva e de pena ao lembrar-se de que a columna só dispunha de 147 espingardas de variados sistemas e 54 pistolas-carabinas. Para que serviriam aquelles homens, simplesmente armados de varapaus, por mais corajosos e bem dispostos?

Os soldados de Couceiro careciam de disciplina; a gente que se lhes juntava, «falando, discutindo e berrando», ainda era mais indisciplinada. Sebastião de Lencastre declarava ao sr. Queiroz que se havia de sentir mais seguro deante das hostes republicanas do que na companhia das «feras» que os rodeavam. Isto diz tudo. Um bom numero d'essas «feras», entrando em Portugal, estavam, porém, derrancadas, como não poucos dos dirigentes da columna. O caso da cavalgadura a custo obtida para Alvaro Pinheiro Chagas é bem expressivo. O distincto jornalista arrastava-se «morto de cançaso, doente, respirando com uma difficuldade terrivel». Alcançar-lhe uma montada, «um cavallo ou um burro», não era coisa facil, «porque estavam todas utilisadas em transportar homens que realmente não podiam quasi mover-se».

Por fim—escreve o sr. Queiroz—encontrei um padre atarracado e sebento, com casa flamante de saude e repouso, empoleirado sobre uma egua branca, que mancara e parecia em estado bem mais triste do que o cavalleiro. Expliquei-lhe o caso, mas o embirrento homem a nada queria attender; estava coxo, tinha uma ferida n'um pé e finalmente que não se apeava para ninguem! Escutei-o com paciencia, e, quando terminou as torpes lamurias, tomei um alto tom de commando, declarando ser-me duramente custoso incommodal-o, mas que tinha de saltar da egua e marchar a pé como os demais; se estava coxo tinha alli perto de novecentos coxos para o acompanharem nos seus soffrimentos; a egua era para um homem que valia dez mil vezes mais do que elle e, para terminar, enfureci-me n'um repente, dando-lhe um segundo para desmontar se não queria ser agarrado por uma perna e posto em terra de maneira rude. Convencido por taes argumentos, apeou, rempregando palavras bem fóra de proposito na bocca d'um sacerdote de religião tão doce e escapuliu-se rapidamente, esquecendo-se mesmo de coxear. Assim se conseguiu um cavallo para o Alvaro Pinheiro Chagas.

Isto passou-se quando os incursores marchavam de Cova da Lua para Espinhosella. Outro episodio que vale a pena archivar, pela grande significação que possue, é o seguinte:

Um facto comico deu-se então, que bastante nos fez rir, ficando nós a saber que o povo portuguez é inconsequente e grande amigo da arte cinegetica. Aos pés de um soldado, sahindo debaixo de um pequeno arbusto, com um tremendo salto, uma lebre abalou! Simultaneamente, aos gritos de:—«é lebre!», duzias de espingardas destinadas á defesa de uma grande causa se inclinaram para fusilar o inoffensivo roedor que, em desesperados pulos, escapava. Os officiaes, furiosos, precipitavam-se, levantando as armas com empurrões e berros. Lá convenceram aquellas «creanças» a não gastarem as tão escassas munições e a não atroarem os ares com um tiroteio que iria dar alentos ás tropas da Republica...

O sr. Queiroz accrescenta que o caso fez rir e que «rir é sempre bom, allivia». Estamos de accordo...

Exercito hespanhol

MADRID, 25.—O conselho de ministros decidiu convocar 30:000 recenseados que excederam o contingente de 1915, os quaes receberão durante trez mezes instrucção militar, depois do que serão licenceados.—(*Havas*).

Lingua de macaco

O veneravel e paciente dr. John Deason, director do A. T. Still Research Institute de Chicago, teve sempre á disposição do seu convivio uma selecta população de macacos em cujas veias inoculou muita sciencia e muita bicharia. O dr. Deason é um grande bacteriologista; e do numero dos mineiros da sciencia que dedicam o seu labor ao bem da humanidade, nunca dispensou o bom conselho de realisar as suas experiencias na pelle dos outros, como é proprio dos grandes homens. No decurso dos seus trabalhos e na confidencia dos seus macacos, o veneravel Deason surprehendeu estes dignos collaboradores em certos conciliabulos, e concebeu a receosa suspeita de que elles conspiravam, n'uma extensa e minaz machinação de carbonarios, com as suas Choças, Cabanas e Altas-Vendas temerosas. Como todos os poderes constituidos, organisou um cuidadoso sistema de espionagem, e elle mesmo se considerou o mais possivel Murtinheira. Muitas vezes disfarçado em policia, de bengalão atraz das costas e coração opprimido, espreitou e escutou longas horas na sombra. Mas ai! O officio de policia disfarçado é cada vez mais penoso e difficil, e desgraçado d'aquelle que não sabe acompanhar com os progressos da segurança publica o avanço e maravilhas do crime e do delicto!

O dr. Deason teve, entre muitas, uma difficuldade tremenda na sua acção policial. Elle não comprehendia os macacos, e no entanto via bem que elles se entendiam por palavras articuladas e precisas, exactamente como os seus collegas na Academia e as peixeiras no seu mercado. Os cercopithecos hospedados no A. T. Still Research Institute possuiam uma linguagem, um sistema fonetico de communicação, que elle verificou perfeitamente ordenado, regular e expressivo, se não possivelmente capaz de encher de jubilo o sr. dr. Candido de Figueiredo, pela ausencia de gallicismos e aquella pureza classica, intransigente e monastica que s. ex.ª amorosamente guarda, para que todos nos entendamos quando o sol voltar a girar á roda da terra, como nos tempos anteriores á caturrice de Galileu. Minucioso e perseverante como um chinez, attento como um pescador de linha, philologo como o sr. Adolpho Coelho e sagaz como um perdigueiro, o veneravel dr. Deason, que já aprendera o maximo esperanto pelo prazer de possuir uma lingua de formulario, pachorrentamente perscrutou, comparou e registou, de modo que ao cabo de uma investigação lenta, morosa (e longeva, como uma tartaruga), ficou na posse da lingua como um Littré formidavel, e optimamente a empregou, como um interprete de hotel.

Das suas longas inquirições e exames, resultou dissiparem-se-lhe os receios subterraneos das maldades carbonarias e subversivas, e, assim tranquillisado, o sabio encaminhou-se para surpresas scientificas, que são todo o seu orgulho. No relatorio apresentado á Academia das Sciencias, o dr. Deason affirma existirem as maiores afinidades mentaes entre o homem e o macaco, tanto n'elle são congenitas a tendencia da mentira, os impulsos da crueldade, a impostura, a fanfarronice, o espirito de imitação, todas as qualidades em summa que transformam o homem em politico, o politico em estadista e o estadista em parlapatão. A parte feminina era, como todas, maliciosa, murmuradora e «coquette». Faziam e desfaziam reputações, como se frequentassem a Arcada ou as redacções dos jornaes. Da mais innocente gentileza de um macaco, ou do seu mais focinhudo sorriso para o bello sexo, marcava-se o descalabro de uma familia ou a desgraça de um lar domestico. Deason enveredou para as investigações historicas. E á falta de documentos escriptos, pois que o macaco sempre se considerou as lettras, os pergaminhos e os papeis com um desprezo soberano, procurou na tradição oral esclarecimentos desconhecidos, e viu como o avô do homem viveu livre e feliz, n'um tempo em que não havia ainda titulos da divida publica, nem «coupons» pagaveis em ouro, nem sorocabanas, nem claques nos theatros e nos parlamentos, nem engraxadores, nem mesmo graxa. Viu como um noivo dotava a escolhida do seu coração, dando-lhe toda a frescura e toda a amplidão da terra, a luz do céu immaculado, os campos sem limites, os bosques sem muros, os montes cheios de sol e as levadas cheias de espuma. Viu como installava a sua alcova nupcial na primavera florida d'um tronco de arvore, e como, não podendo devorar a noiva de beijos, por falta de sciencia e de elementos de contacto, lhe dava bananas, incontaveis bananas, sob o olhar proselitista e satisfeito do supremo Amilcar de Sousa do Universo. Depois de tudo isto viu toda a felicidade e todo o bem, toda a autonomia e toda a independencia d'este antepassado pelludo, atheu e materialista, que recebia todas as bençãos de Deus, sem obrigação de pagar as despezas do culto, sem precisar de lhe resar, sem lhe erguer n'uma cidade a cathedral destinada á sua fé de millionario, ou no alto d'um monte a ermidinha branca onde ajoelham pastores.

A tradição é rica e informadora, porque é a ligação eterna entre aquillo que passou e o que ainda ha de vir. E o veneravel dr. Deason mergulhou o seu espirito, o seu nariz e os seus oculos na remota bruma do seu remoto ensinamento, arrancando lume ainda vivo de entre as cinzas frias, e comprehendendo como os bisavós dos bisavós dos seus cercopithecos soffreram a concorrencia de parentes usurpadores, mais fortes, mais ousados, mais progressivos e menos escrupulosos, que viveram nas cavernas, á beira das fontes e na sombra das florestas, sem policia, sem exercito, sem jornaes, sem folhetins, sem o sr. general Pimenta de Castro, sem cuidados com a carestia do pão e sem direitos de encarte. N'esse tempo virgem de historia, mas venturoso e leve, os restaurantes de nossos paes remotos eram estabelecidos em concavos de rocha, e o «maitre de hotel» servia aos seus clientes, aninhados á roda das fogueiras, grandes nacos de urso assado, philosophicamente e avidamente devorados e rilhados, sem «menu», sem «couvert», sem «doulloureuse» e sem «pourboires», sem estas coisas francezas e civilisadas que se não podem exprimir senão na lingua em que se cavam as dispepsias incuraveis e as irremediaveis ruinas.

No relatorio do dr. Deason, acolhido na Academia entre applausos sonoros e cachimbadas satisfeitas, o sabio lamenta que a historia documental do homem haja ficado sepultada em tanta imprevidencia, e principalmente na de nunca se haver fixado a lingua do macaco, á qual por certo não teria faltado um vago e illustre Homero, de quatro mãos, e baloiçado. Darwin teria por certo simplificado o expediente, e a sciencia a estas horas vêr-se-hia expurgada de duvidas e varrida de lacunas.

Dentro do possivel, e embora evidentemente muito tarde, o sabio Deason propunha-se reparar o mal, e apresentou á douta e veneranda assembleia um longo vocabulario cercopitheco, regras, construcções grammaticaes, expressões communs, tudo prompto e a inserir n'um proximo diccionario de seis linguas, e de pratico ingresso em escolas de primeiro andar e larga taboleta, como são as do Berlitz, e n'outras de rez-do-chão, de onde tambem é raro sahir sem dois dedos de grammatica.

Este enorme serviço do sabio americano é preciso proclamal-o como uma das maiores conquistas d'este seculo adolescente. N'um tempo de perturbação como aquelle que decorre e em que a todos é tão difficil entenderem-se uns aos outros, conseguir que o homem possa entender-se com o macaco é prestar á humanidade um beneficio maximo. Elle abre a perspectiva de grandissimos proveitos; e, para lhes dar corpo e os tornar realidade, [illegible] decisão. O principal está feito na lingua do macaco. Por ella será facil interpretar os mais nebulosos macacões. Basta divulgar-lhe segredos, como se divulgaram os do indulto do Leandro. Por mim, creio que não faltarão para breve os guias de conversação e que o sr. Adalberto Veiga tem já prompto e a imprimir o seu «Macaco tal qual se fala».

GUEDES DE OLIVEIRA

O que se escreve e o que se lê

"Lodo e Neve"

por Alvares de Almeida

No romance moderno cabe tudo, desde as ingenuas historias do amor até ás notas ardentes e heroicas das luctas de classes. Ainda assim os themas e variações sentimentaes são os que melhor se casam com a tradição do genero. Alvares de Almeida, que é um assignalado amador do tudo o que corresponde a uma revelação da alma portugueza, no seu recente livro, *Lodo e Neve*, prosegue uma historia triste de mulher, cujos destinos se prolongam, pela vida fóra, deixando um rasto de dôr em que ás vezes se adivinha quanto custa a um coração quebrar-se de encontro ás suas proprias affeições.

Trata-se de uma existencia toda em opposições e contrastes, que da esperança se eleva a uma altura onde o seu sonho, que se diria concebido para a eternidade, se rompe, cahindo em bocados na mudez agreste de uma paisagem de desolações. A narração nem sempre se conduz com a precisão necessaria, para bem mostrar a serie dos movimentos que constituem a trajectoria de uma figura jogada aos impulsos de forças contrarias. Todavia, isso não quer dizer que Alvares de Almeida não possúa já algumas das melhores qualidades que formam o romancista. N'um assumpto que se prestava como poucos ao florir de banalidades odientas—dialogos repisando as mesmas imagens, imagens repisando a mesma visão—o auctor do *Lodo e Neve* com o seu estilo vivo e claro, preciso e corrente, consegue elevar-se ao conhecimento da vida e mostrar-nol-a palpitante e rutila n'um coração que se offerta em penoso sacrificio, a fim de mais amplamente se reparir, cumprindo o signo de amargura sob que nasceu.

VIDA OPERARIA

Os torneiros e os canalisadores

protestam contra o novo regulamento da Companhia do Gaz

Um elevado numero de operarios representando as associações dos torneiros de metal e canalisadores de agua e gaz e annexos esteve esta tarde nos paços do concelho, acompanhando uma commissão que foi composta á commissão executiva do municipio uma representação sobre as modificações que a Companhia do Gaz pretende introduzir nas installações domiciliarias e que affecta os operarios d'aquelles officios.

A commissão que foi recebida respectivamente pelos vogaes da commissão ex. Manuel Joaquim dos Santos, Trovisqueira e depois pelo presidente sr. dr. Levy Marques da Costa, era constituida pelos srs. Antonio Augusto Guerra, Antonio Gomes de Sousa, Joaquim Marques, Joaquim Anselmo d'Oliveira e Tancredo Augusto de Lima Vieira.

A representação põe em relevo a circumstancia de o novo regulamento indicar a substituição da tubagem de chumbo e pertences de metal, productos da industria nacional, por tubagem e pertences de ferro, importados do estrangeiro, o que prejudica o funccionamento da classe que reclama. Ao mesmo tempo a Companhia pretende que as installações sejam feitas exteriormente e o dimensões tão exageradas que constituem uma affronta á esthetica da construcção.

Os delegados das classes operarias, em questão, concluem a sua representação, affirmando:

«Temos mais a ponderar que o novo regulamento além dos prejuizos que nos causa vem onerar bastante os proprietarios, fazendo com que se restrinjam o mais possivel as suas installações.

No já celebre regulamento exige-se que as torneiras de segurança que até aqui eram de latão e bronze sejam substituidas por torneiras de ferro, cujo modelo virá de Hespanha. Sobre este tipo de torneiras temos a esclarecer a v. ex.as o seguinte: a acção do gaz corroe com mais facilidade a vedação nas torneiras de ferro do que nas de latão ou bronze o que apresenta um grave perigo para a segurança dos habitantes das propriedades».

Cingindo-nos ao mesmo regulamento e fazendo as devidas proporções verificamos que a distribuição atinge um diametro muito superior ao que é preciso para a alimentação do contador, o que é um erro indispensavel, digo, imperdoavel e que vem provar a pouca competencia de quem elaborou tão hediondo regulamento, o que resulta á vista de qualquer leigo no assumpto».

Os representantes da vereação declararam ter já tratado do assumpto em sessão e que não descuidariam os interesses da cidade e o das classes operarias, indo estudar convenientemente o assumpto.

O PROBLEMA DAS SUBSISTENCIAS

O Porto e a questão da carne

Porto, 24 de março

Sendo a questão do dia, n'esta cidade, a questão das carnes, não só pela notificação, hontem feita, ao sr. governador civil pela classe dos cortadores—de se *declararem em gréve*—e ainda porque a Associação dos Emprezarios d'Açougues reunia á noite e resolveu apresentar tambem reclamações varias, á camara e ao governo, entendemos dever tratar do assumpto em *A Capital*, com todas as minudencias que possam esclarecel-o.

Na nota officiosa enviada aos jornaes pela Associação dos Proprietarios d'Açougues lê-se o seguinte:

A direcção da Associação dos Emprezarios de Açougues, considerando a crise que todo o povo portuguez atravessa n'este momento, e não querendo aggravar, com uma grande subida no preço da carne, a situação economica do povo consumidor, resolveu representar á camara municipal, pedindo-lhe que no momento actual diminua os impostos pesadissimos que recaem sobre o gado, pois entende a direcção d'esta Associação serem precisos os sacrificios de todos.

Os impostos que pesam sobre a carne são demasiados.

Espera a direcção que a camara, deferindo a representação d'esta Associação, e o governo cumprindo o determinado no decreto de 10 de agosto de 1914—prohibição de exportação de gado—o criando *outras medidas*, contribuirão para que o publico não se queixe de que terá de pagar a carne por um preço elevado.

Eram dez horas quando nos dirigimos ao presidente da Associação dos Emprezarios de Açougues, sr. Antonio A. Gonçalves Seixas.

E' um homem novo, intelligente e que sabe do seu officio.

Immediatamente á nossa inquirição, á nossa consulta, disse-nos:

—Os cortadores, tendo ido participar a gréve, teem realmente razão. Eu dou-lhes, dei-lhes o meu apoio. Na nossa associação de classe eu concordei com as suas reclamações. E' necessario notar, no emtanto, que a situação difficil em que elles se encontram deriva de circumstancias e de causas geraes que tornam difficil a situação de nós todos: proprietarios e empregados...

—Qual a reclamação especial, a mais importante, dos cortadores?

E o sr. Seixas diz-nos:

—N'esta questão, ha dois pontos de vista a attender. Ha proprietarios de talhos que fazem administração sua. Pagam ordenado fixo aos seus empregados, aos cortadores, e, assim esses não teem de que se queixar, porque não assumem responsabilidades. E' o caso, por exemplo, que se dá commigo.

«Mas ha proprietarios que teem varios talhos e, não os podendo administrar por si, são os empregados os responsaveis pela carne que lhes é fornecida—tendo, no fim da semana, de apresentar as suas contas.

«Por exemplo: o proprietario fornece para o talho *A* ou *B* 1.000 kilos de carne, a 32 centavos. No fim da semana, o encarregado do talho tem de entregar, ou responder por 300 escudos.

—Quer venda, quer não?

—Ahi está uma das reclamações dos cortadores... E' que só querem responsabilisar-se pela carne que poderem a mais do que o fornecimento ordinario.

—E as gorduras?

—Evidentemente, n'esse ponto, elles teem razão. As gorduras não podem muitas vezes vender-se pelo preço estipulado. E, tendo elles de responder pela totalidade, innegavelmente ficam prejudicados.

—Mas, perguntamos: quaes são as reclamações que a Associação de Classe dos Emprezarios de Açougues do Porto, de que v. ex.a é presidente, apresenta? Simplesmente, unicamente as que veem na nota officiosa fornecida hontem á noite á imprensa?

E o sr. Gonçalves Seixas responde:

—Ha mais, e apresentamos tambem soluções. Quer dizer: nós reclamamos; mas apresentamos tambem o meio, o processo de remediar esta crise difficil que vamos atravessando. E' certo que o problema é muito complexo.

«No emtanto, parece-nos que se poderia entrar n'uma rasoavel normalidade; seda parte da Camara e por parte do governo se tomassem as medidas que apontamos.

—Em primeiro logar...

—Em primeiro logar, evidentemente, a prohibição terminante da exportação de gado. E' um crime, nas actuaes circumstancias. E' conveniente dizer-lhe, no emtanto, que este «desideratum» ha de ser difficil de conseguir. A exportação de gado dá, n'este momento, lucros fabulosos.

«Imagine que, estando o cambio sobre Londres a 6$80, n'uma junta de bois a differença de cambial póde dar 80 escudos... Fóra os lucros de commissões, etc. Quer dizer: o exportador de uma junta de bois de 40 libras ganha 80 escudos. Se exportar 200, 400, 1.000, 2.000 juntas faz uma fortuna.

«Ora é por isso que nós julgamos que ha de ser difficil conseguir que o decreto de 10 de agosto de 1914 se cumpra a *serio*... Porque ha interesses creados e quem quer aproveitar-se dos cambios não quer saber da carestia da vida...

Depois, o illustrado e intelligente presidente da Associação dos Emprezarios de Açougues conclue:

—Outras reclamações faremos: e uma d'ellas parece-nos tambem muito importante e muito pratica: é a que se refere á matança de vitellas.

«Sobre este ponto de vista, nós apresentamos ao governo trez soluções —e elle que escolha a que quizer.

—São...

—A Companhia Utilidade Domestica é de opinião que, em determinados mezes do anno, se não abatam vitellas. E' uma especie de defeso, como o ha na caça.

«A Companhia Nacional propõe que a matança de vitellas se restrinja só ás segundas e sextas feiras.

E alguns fornecedores são de opinião que a matança de vitellas (femeas) seja completamente prohibida.

«... porque, vendo-se o lavrador obrigado a crear maior numero de rezes femeas—maior, mais tarde, será o numero da especie, pela reproducção. Isto é intuitivo.

«So agora falta nos mercados e nas feiras o gado adulto, é exactamente porque se abate relativamente mais gado menor. E porquê? Porque o lavrador tira, d'esse *processo*, maiores lucros. Tem trez vaccas. Paridas que sejam, fica com trez crias. Aproveita, das vaccas, o leite para vender na cidade, na villa, ou para as industrias de lacticinios. E, passados 15 dias, vende as vitellas—á razão de 0$55 o kilo—o que lhe dá, por cada uma, 22 escudos.

«E bem se importa elle que o gado falhe, que o gado falte...

—Um problema complexo, como vê—disse-nos o sr. Seixas. Mas tem ainda outros aspectos...

Vel-os-hemos n'outro artigo.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

5260........ 12:000$
6932........ 4:000$

7301	500$	3717	100$
1292	200$	3727	100$
2334	200$	4128	100$
3048	200$	4488	100$
6636	200$	4754	100$
51	100$	5436	100$
1203	100$	5138	100$
1286	100$	5834	100$
1310	100$	6503	100$
1344	100$	6998	100$
1826	100$	7218	100$
2293	100$	7255	100$
2611	100$	7552	100$
3351	100$	8165	100$
3701	100$		

O concerto de domingo no Polytheama

Damos hoje o programma completo do magnifico concerto de domingo, com que no Polytheama realisam a sua festa artistica, os professores da orchestra de David de Sousa.

1.ª PARTE — Tannhauser (abertura), Wagner; Scherezade (suite simphonica), 1.ª audição, Rimsky-Korsakow; 1) Largo e maestoso, Lento, Allegro non troppo; 2) Lento, Andantino, Vivace, Moderato assai; Andantino; 3) Andantino quasi allegreto; 4) Allegreto molto, Lento, Vivo, Spiritoso, Allegro non troppo maestoso, Alla breve.

2.ª PARTE — Simphonia Phantastica (2.ª audição), Berlioz; 1) Largo (sonho), Allegro agitato e apassionato assai peixão; 2) Allegro non troppo (um baile); 3) Adagio (scena campestre); 4) Allegro non troppo (marcha ao suplicio); 5) Larghetto (sonho d'uma noite de Sabbat).

Ode á Belgica (2.ª audição), Teophilo Saguer; 1) Belgica invadida; 2) As rendeiras de Bruges (intermezzo); 3) Belgica heroica.

Syndicancia á policia do Porto

O sr. Caldeira Scevola é desligado do serviço

Algumas vezes os jornaes disseram que se ia effectuar uma syndicancia á policia do Porto e outras tantas vezes a noticia foi desmentida. Afinal, o governo sempre se decidiu a satisfazer os rogos que lhe eram feitos n'aquelle sentido, como se verifica pela seguinte portaria publicada hoje no «Diario do Governo»:

Tornando-se necessario proceder a uma syndicancia ao commissariado geral da policia civil do Porto: manda o governo da Republica Portugueza, pelo ministro do interior, nomear, em commissão, para proceder á mesma syndicancia, o tenente-coronel de artilharia, Augusto Marinho Falcão dos Santos, que deverá apresentar relatorio, ficando o commissario geral do mesmo policia, Arthur Caldeira Scevola, desde já desligado do serviço de mesmo cargo, sem vencimento, desde o termo da licença que está gozando, e podendo o syndicante nomear um secretario.

Paços do governo da Republica, em 24 de março de 1915.—O ministro do interior, *Pedro Gomes Teixeira*.

ULTIMAS NOTICIAS

"PATHÉ JORNAL"

Foi para fazer as leis

QUE O SR. GUILHERME MOREIRA ENTROU PARA O MINISTERIO, MAS NEM ISSO TEM FEITO BEM

1.º quadro

Que tremenda desolação enche de lucto a Arcada nos dias em que o bom sol desapparece e a chuva vem encher de sombra o palco politico da nossa terra! A ausencia de pessoas importantes torna-se maior ainda, e, por mais que se prescrutem os ares densos e ensombrados, não se descobre quem possa alimentar, durante meia duzia de minutos, uma animada cavaqueira sobre as coisas publicas portuguezas. A Arcada já foi Arcada. Hoje é, quando muito um misero theatro abandonado em noite de primeira representação.

Em todo o caso, o meu informador não falta. Vem triste, macambuzio, mettido comsigo. Que bicho lhe morderia? Que mal lhe fariam? Ter-se-ia, para mei mal, fechado para elle a cornucopia dos boatos?

—Homem, alegre-se! — grito-lhe quasi indignado. Paixões não pagam dividas. O que o afflige?

—Essa agora! Então v. finge esquecer? Pois não sabe que sou empregado publico, que vivo, como muito bom revolucionario, do que o orçamento me dá? E' d'ahi que provem a minha tristeza. Se elles sabem, não são capazes de me demittir...

—Se sabem o quê?

—Que sou eu que lhe dou as noticias que v. pespega lá na gazeta. Olhe que é grave, gravissimo mesmo. Tenho mulher e filhos...

—E sogra?

—Tambem. Mas por causa d'essa, não se me dava nada que me levassem o emprego. Estou farto de a aturar.

Seguem-se alguns minutos de apathia. O meu pobre amigo amanheceu hoje mal humorado e teve com certeza, desaguisado com a familia. Lamentemol-o...

2.º quadro

Restabelece-se a tranquillidade. Passa um qualquer politico grotesco a fingir de janota e a ironia surge espontanea, como sempre. Que pena a alegria não ter para nós a crueldade que a gota tem para com o sr. Alpoim... Palestramos á boamente, como creaturas que não podem dispensar-se. A politica é quem tudo manda.

—Cada vez mais solido, este bom governo, não?—inquiro.

—Deixe-se d'isso. O governo tem dentro de si germens de desaggregação que não é possivel esmagar. Ha de acabar por ser victima d'elles. E' a sorte de todos os que soffrem de molestias incuraveis.

—Homem, deixe-se de diagnosticos perturbantes. Receite, receite! E quanto antes, se tem empenho em salvar o governo!

—Lá isso não tenho muito. Para quê? Já lhe disse que sou empregado publico e que não me apetece nada ir á degola, por sua causa. Mas o caso é simples. O Pimenta de Castro é absolutista. Vêl-o dos antepassados, todos elles partidarios intransigentes do senhor D. Miguel. Não admitte, por isso, que no ministerio se ergam influencias mais altas que a sua. E como essas influencias já pretenderam impôr-se...

—Já sei, é a lenga-lenga do costume. O Moreira vae sahir! Meu caro da primeira ninguem se livra, mas nas outras...

—Só os tolos é que se deixam cahir... Pois faça de conta que pertence ao numero dos que teem logar áparte no reino dos ceus e oiçame. Não perderá o seu tempo...

Approxima-se uma terceira personagem. Vem com ares indignados. Deve-lhe ter acontecido incidente grave.

—Pois amigos, isto vae horrivelmente mal! Antigamente, no dia de hoje, não havia repartição. Era feriado, em honra da virgem Maria. Agora, toca a andar amarrado ao destino. Esta Republica! Esta Republica!

—Bem sei, não protege os empregados publicos. E' mania que ha de passar-lhe com o tempo.

3.º quadro

Entra-se no assumpto principal do «film». Porque é que o governo não está firme, como o gigante de Rhodes? Se oscilla, porque oscila?

—Racioccine, racioccine um pouco! Os portuguezes não gostam muito de pôr os miolos em exercicio. Mas emfim, por hoje faça esse sacrificio. Conhece o feitio do Pimenta de Castro, não é verdade? Não ignora, portanto, que o chefe do governo é elle, elle e só elle. Pois é. O velho general não admitte replicas de quem quer que seja. Ora o nosso Moreira tem replicado em demasia. Tem levado longe de mais as suas manias politicas. E isso desagrada profundamente ao nosso Pimenta, que em politica governamental não admitte observações a ninguem.

—Mas dizia-se que o sr. Guilherme Moreira era o oraculo, o inspirador do governo...

—Foi, foi, emquanto se limitou a emittir "opiniões" que lhe pediam. Mas desde que principiou a julgar-se a estrella guiadora dos collegas, o sr. Moreira lavrou a sua sentença de morte. A sua missão deve ser uma questão de tempo.

—Já esperava essa affirmação. Mas, sahindo o ministro da justiça, quem fará as leis?

—Essa agora! V. ignora a opinião do chefe do governo a esse respeito. Desconhece as suas «blagues»... De contrario, outro gallo lhe cantasse!

—E v. conhece-as?

—Algumas. Quando se refere ao sr. Guilherme Moreira, o sr. Pimenta de Castro diz invariavelmente isto: «Trouxe-o para o ministerio para me fazer as leis, mas afinal nem para isso serve. Nem as leis faz bem feitas!»

—Tem sabor, realmente! Mas será authentico?!

—Como o proprio sr. Pimenta de Castro!

Se assim é, ó sr. Guilherme Moreira deve ser homem ao mar. E é bem feito, para lhe passarem as fumaças d'arbitro politico d'esta embrulhada situação e para dar ensejo ao mergulho impiedosamente. Que saudades o bocca o sr. Guilherme Moreira deve sentir da sua abandonada cathedra de direito civil!

A. M.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal, em audiencia de jury, respondeu hoje João Bernardo, ou Sebastião dos Santos ou Sebastião de Sousa, accusado de vadiagem e de ter entrado, por meio de chave falsa, na residencia de Manuel Guilherme, na rua Heliodoro Salgado, d'onde furtou objectos em valor superior a 100 escudos. O crime foi dado como não provado, pelo que o réu foi absolvido.

Tambem em audiencia de jury, no mesmo districto, responderam Maria Luiza, Maria Romana e Annibal de Almeida, o «Padreca», accusado o ultimo em abril findo ter furtado a João Caetano da Silva Pontes, de uma carroça, um sacco com a quantia de 300 escudos em notas, e as duas mulheres de serem receptadoras. O jury deu o crime como provado para o «Padreca» para as duas mulheres, e como não provado para as duas mulheres, pelo que elle foi condemnado em 2 annos de prisão maior, na alternativa de 3 de degredo em possessão de 1.ª classe.

Foi hoje adiada no 2.º districto criminal a audiencia em que deviam responder Flavio Pereira de Oliveira, Simplicio Paes e José Vicente Estêves, accusados de terem assaltado n'uma escada da travessa do Carvalho Maria José, de 75 annos, a quem furtaram a quantia de 75 escudos.

A entrada de automoveis nas colonias

é favorecida por um decreto publicado hoje

O *Diario do Governo* insere hoje este decreto:

Tendo em consideração as reclamações apresentadas ao governo da metropole, pelos governadores das provincias ultramarinas, quer por emprezas agricolas das colonias, sobre a reducção da taxa dos direitos applicaveis aos carros automoveis importados nas colonias;

Attendendo a que a economia das referidas colonias muito tem a lucrar com o augmento da importação dos referidos carros, importação presentemente diminuta, devido á excessiva taxa que em virtude do decreto de 26 de novembro de 1908 lhes é applicada;

Considerando que á diminuição das receitas provenientes do abaixamento das taxas será compensada pelo augmento de importação;

Usando da faculdade concedida ao governo pelo artigo 87.º da Constituição Politica da Republica Portugueza, tendo ouvido o conselho colonial e o de ministros e sob proposta do ministro das colonias:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º—Os automoveis, completos ou incompletos, de qualquer sistema, importados pelas casas fiscaes das provincias ultramarinas, seja qual for a sua procedencia, serão tributados da seguinte fórma:

Automoveis completos destinados ao transporte de pessoas	50$00
Automoveis incompletos (todos com motor)	24$00
Automoveis destinados exclusivamente ao transporte de carga	14$00

As peças ou pertences, importados isoladamente, ou não, ficam sujeitos, com os differenciaes correspondentes, aos direitos de importação, conforme a materia de que forem feitos.

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro das colonias assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos paços do governo da Republica, em 20 e publicado em 25 de março de 1915.—*Manuel de Arriaga—José Maria Teixeira Guimarães*.

Barbosa ferido arrependeu-se, mas o mal já não tinha remedio.

Diz que está arrependido do que fez mas que o seu gesto foi devido a ter sido desrespeitado. Tem 15 annos de militar e nunca praticou qualquer delicto.

Foram ouvidos em seguida o sr. Joaquim Pereira Barbosa, pae do aggredido, e as testemunhas de accusação srs. Rogerio Castello, Antonio Marques Tintas, Annibal Francisco Pizarro, Joaquim Antonio Pereira, Domingos da Silva e José Francisco.

O coronel sr. Mattos Cordeiro dispensou todas as testemunhas de defeza, com excepção d'uma unica, o sr. Francisco Martins.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 25. — Communicação official de hoje ás 15 horas—Na Champagne acção da artilharia bastante viva. Na região da cota 196 repelli mos trez ataques. Na Argonne frustrou-se um ataque allemão a Fontaine-Madame. Em Eparges repellimos trez contra-ataques do inimigo. Nada a assignalar no resto da linha.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

LONDRES, 24.—Summario do relatorio official de 20 a 23 do corrente:

Um destacamento russo que entrou em Memel foi obrigado a retirar para o territorio russo. Os allemães foram derrotados em Tauroggen; os russos avançando tomaram Langszargen com peças e munições. Na margem esquerda do Niemen foi rechaçado para oeste da linha de Ozero-Dusia-Kopciowo. Na Polonia septentrional os ataques do inimigo proximo de Myszineo e Mariampol foram anniquilados com enormes perdas. A artilharia de sitio em Osowiec levou a cabo um importante feito, e o bombardeamento tornou-se por consequencia muito mais fraco. Na Polonia central não houve mudança. Nos Carpathos os russos avançaram com successo sobre a linha da passagem do Dukla para o San superior e tomaram alli 16 metralhadoras e fizeram 3.500 prisioneiros. Os ataques allemães na direcção de Uszok e Muncaes foram repellidos. Um telegramma do estado maior general diz que, segundo uma relação feita pelo commandante austriaco de Przemysl, os russos prenderam por occasião da tomada da fortaleza 9 generaes, mais de 2.500 officiaes e 117.000 soldados assim como muitas peças de artilharia.

(*Informação official recebida pela legação britannica de Lisboa*).

«Feira da Vida»

Ficou transferida para amanhã a primeira representação da revista em 3 quadros «Feira da Vida», que estava annunciada para hoje no theatro da Rua dos Condes. Esta noite não se realisa n'este theatro o costumado espectaculo, para se proceder á ultima afinação do scenario.

Fallecimentos

Falleceu a sr.a D. Luiza de Jesus Vicente Fernandes, cujo funeral se realisa amanhã, ás 17 horas, da estrada de Bemfica, 206, para o cemiterio d'aquella localidade.

Tribunal militar

Aggressão de que resulta a morte

No 2.º tribunal militar de guerra, realisou-se hoje o julgamento do soldado da 8.ª companhia da guarda fiscal, numero 567/470, Antonio David, accusado de offensas corporaes, de que resultou a morte, no 1.º official do ministerio das finanças sr. Alberto Dufner Pereira Barbosa.

O caso passou-se em setembro findo. Quando o fallecido, em companhia de sua mãe, chegou á rua das Pedras Negras, em frente ao predio da camara municipal, seguia para sua casa em Moscavide, o ultimo serviço e de um ajuste para acender um cigarro. Antonio David, que n'esse instante estava, dirigiu-se-lhe com modos bruscos, empurrando-o. O sr. Alberto Barbosa interveiu em defeza da sua mãe, e o guarda, calando baioneta, deu-lhe varios golpes, fazendo-o cahir por terra, ensanguentado. Transportado para casa e soccorrido, foi-lhe feito o curativo, mas dias depois falleceu.

O tribunal foi constituido pelo coronel de infantaria 2, sr. Boaventura de Noronha, presidente; dr. Antonio de Campos, juiz auditor; tenente coronel sr. Feliciano Pinto, promotor de justiça; alferes Paulo Pacheco, secretario. O réu é defendido pelo coronel de infantaria 5, sr. Manuel Augusto de Mattos Cordeiro, ao tempo do occorrido commandante da guarda fiscal.

A seu lado está a mãe sr. Camara, defensor officioso. O julgamento que começado para as 12 horas, mas só muito depois começou em virtude de o tribunal ter de julgar outros processos de somenos importancia.

Entre a assistencia vêem-se a viuva do fallecido, que se faz acompanhar de seus trez filhos, a esposa do réu com dois filhos. O libello diz que o réu é accusado de offensas corporaes voluntarias de que resultou a morte, crime punido pelo n.º 1 do artigo 361.º do Codigo Penal. O sr. promotor de justiça requer a leitura dos varios documentos que constam do processo, como exame ás roupas, exame aos ferimentos, parecer medico legal, etc.

O réu, ao ser interrogado, diz que atacando que o pae do fallecido e este o offenderam e o aggrediu por quererem esconder o isqueiro. Foi ao ser aggredido que se defendeu com o sabre. Ao ver o sr.

Balanço diario

Um processo

Como é sabido o sr. Magalhães Barros, juiz do 3.º juizo de investigação criminal, considerou-se incompetente para continuar a instruir o processo que contra o sr. Affonso Costa fôra instaurado n'esse juizo pelo sr. João de Freitas. Em virtude d'esse despacho do sr. Magalhães Barros, o processo em questão transitou hoje para o 1.º districto criminal.

Milho

Ao governo representaram os commerciantes de Ponte do Lima explicando os prejuizos que lhes causa a prohibição de saída de milho, pois que um terço do existente dá para o consumo, e pedindo para ser permittida a sua sahida.

Uma egreja

A Associação dos Archeologos Portuguezes sollicitou uma audiencia ao sr. ministro da justiça a fim de lhe solicitar que não seja posta em praça a egreja do convento de Santa Thereza, em Carnide, que ha tempos foi entregue ao ministerio das finanças pela commissão dos bens das egrejas.

Ministros e ministerios

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou o sr. ministro da instrucção; com o do fomento o seu collega da marinha e com este o seu collega do interior. Com o sr. dr. Nunes da Ponte esteve tambem o representante da casa Hinton. Tratou-se da questão dos assucares.

Corpo diplomatico

A' audiencia ao corpo diplomatico que hoje se realisou no ministerio dos negocios estrangeiros compareceram os srs. ministros de Inglaterra, Belgica, Hespanha e Hollanda e os encarregados dos negocios do Mexico e Italia.

Secções femininas dos liceus

O «Diario do Governo» publica hoje um decreto extinguindo as secções femininas creadas junto dos lyceus do Porto e de Coimbra, continuando os alumnos do curso geral, 1.ª secção. Os reitores d'esses liceus ficam autorisados a formar turmas parallelas, sempre que haja nas respectivas classes, devendo installar essas turmas nos novos edificios cedidos pelas camaras.

Na 5.ª vara civel

Tomou hoje posse do logar de conservador da quinta vara civel o sr. dr. Augusto Garcia. A' posse, que lhe foi conferida pelo respectivo juiz, sr. dr. Agostinho Sotto Maior, assistiram muitos empregados judiciaes e alguns dos mais dedicados amigos do novo conservador, que recebeu numerosos testemunhos de sympathia e consideração. O pessoal judicial de Cintra enviou um telegramma ao sr. Alberto Leitão pedindo-lhe que desculpasse o não dar a posse, por não poder comparecer em virtude do serviço.

O temporal no Porto

Predio que desaba

PORTO, 25.—Pelas 5 horas de hoje desabou o predio n.º 58 da rua de S. Pedro de Miragaya, onde estava installado um deposito, que continha grande quantidade de carboreto, pertencente á firma Adolph Holle & C.a. O transito na linha marginal ficou impedido, tendo comparecido os bombeiros, a policia e um piquete de cavallaria da guarda republicana.

Não houve, felizmente, desastres pessoaes.

Entre trabalhadores

Aggressão á facada

Manuel de Oliveira e Joaquim da Costa, trabalhadores, moradores no beco do Vicoso, o primeiro no n.º 4, loja, e o segundo no n.º 37, estavam hoje n'uma taberna da rua das Freiras, á Ajuda, quando, após violenta discussão, se envolveram em desordem, puxando o Oliveira por uma navalha, com que deu cinco traços no Costa. Acudido á policia, o Oliveira foi preso e subjugado, em virtude de aggredir o guarda captor, ferindo-o n'uma das mãos, sendo o Costa conduzido ao hospital militar da Boa Hora, onde foi pensado, depois do que recolheu a casa. O policia foi egualmente pensado no hospital.

O aggressor veiu mais tarde para os calabouços do governo civil.

VIDA ARTISTICA

Os claustros da Sé

A proposito da noticia que *A Capital* publicou no dia 22 sobre os claustros da Sé, enviam-nos o sr. Baptista Ribeiro, presidente da commissão administrativa do 1.º bairro, uma longa exposição de que extractamos os topicos principaes. Assim, diz o sr. Baptista Ribeiro que, se é certo que de longe o conselho de Arte vinha recommendando a demolição das casas que pejam os claustros, não podia a difficuldade em conseguir tal «desideratum» ser motivada pelo rendimento produzido pelos arrendamentos, visto que só em junho do anno findo os moradores d'essas casas começaram a pagar renda, pois até então viviam ahi de graça, o que no entender da commissão do 1.º bairro era uma immoralidade.

Tambem—diz o sr. Baptista Ribeiro—nenhuma d'essas casas está desocupada e o seu rendimento para os cofres do Estado é de 420$00, importancia que já poderia ter sido elevada a 720$00, se não fossem os manejos dos reaccionarios que, por todos os os modos e maneiras, teem trabalhado para contrariar os trabalhos da commissão do 1.º bairro.

PEQUENAS NOTICIAS

Da casa Alfredo Moreira da Silva & Filhos, do Porto, recebemos o n.º 6 da *Revista Horticola*, que continúa a apresentar-se interessante, e o catalogo suplemento de crisanthemos, dhalias e sementes de flores.

—O curso de naturismo, regido pelo sr. dr. Bentes Castel Branco, abre no domingo, ás 20 e meia horas, na séde do Nucleo Naturista, rua Nova do Carvalho, 71, 2.º.

—A proposito da questão que se debate entre os academicos da Universidade de Coimbra para ser alterada a reforma juridica, reclamações com que se solidarisaram os estudantes da Universidade de Lisboa, publicaram os srs. Emygdio Faria e Caetano Pereira um opusculo intitulado *O perigo da situação*, em que aconselham união e firmeza entre os academicos, para conseguirem o deferimento das suas pretensões.

—A' enfermaria n.º 1 do hospital Estephania recolheu o menor de 3 annos Luiz d'Almeida, que na sua residencia, rua do Monte do Carmo, 29, 1.º, foi queimado com agua a ferver, sendo o seu estado grave. Na enfermaria 8 do hospital de S. José, ficou Annibal Rodrigues Carvalho, de 20 annos, morador na travessa do Paraiso, 2, loja, que deu um tiro na cabeça.

—Na Companhia de Carruagens Lisbonenses realisou-se hoje o sorteio das gorjetas que devem ser amortisadas no proximo dia 1 de abril, sendo sorteadas as seguintes: 1:021 a 1:030, 6:521 a 6:530, 7:161 a 7:170, 7:291 a 7:400, 7:921 a 7:930, 8:151 a 8:160, 8:361 a 8:370 e 9:331 a 9:340.

Sport

Um campeonato inter-escolar

A Associação de Estudantes da Faculdade de Sciencias de Lisboa está tratando activamente da organisação de campeonato inter-escolar de sports, que deve realisar no dia 18 de abril no jardim da Faculdade.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/4	35 1/2
Londres, 90 d/v	36	—
Paris, cheque	$79	$80
Allemanha, cheque	$29	$29,8
Hollanda, cheque	$55,5	$56,5
Madrid, cheque	1$35,5	1$39,5
New York	1$36	1$40
Rio-Londres	13 5/16	—
Libras	7$12	7$15
Agio do ouro	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,20	40,05
" " 500$	—	40,20
" " 100$	—	—

Obrigações do Estado: 4 0/0 1888, 22$; 4 1/2 88-89, ass., 69$.

Externas: 1.ª serie, 71$20, e 3.ª, 73$30.

Acções: B. de Portugal, 173$; Ultramarino, 104$90; Assucar, 39$60; Credito Predial, 7$80; Moçambique, 15$30; Phosphoros, coup, 5$50.

Obrigações: Aguas, ass., 78$, e coup, 81$; Ultramarino, hypothecarias, 93$; Ambacas, 68$20; C. N. dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 67$50; C. de Ferro de Benguella, 78$50; Assucar, 40$80.

SPORT

Os jogadores de socco ligam as mãos para combater?

Nos jornaes da especialidade, já em tempos traduzimos as opiniões dos technicos de box, sobre a conveniencia ou inconveniencia de ligar as mãos para combater. Hoje voltamos ao assumpto, porque tem opportunidade e interesse.

Um dos detalhes mais importantes, entre os que prendem a attenção dos profissionaes do ring antes de um match, é o das ligaduras. Mais de um combate tem sido ganho ou perdido segundo a maneira por que os combatentes tinham ligado as mãos.

Não será talvez destituido de interesse dar aos amadores portuguezes de box algumas noções a este respeito. As ligaduras empregadas são, em geral, de linho muito forte e enceradas. Devem enrolar-se em volta das phalanges de fórma a proteger a mão, sem sahirem, comtudo, dos limites d'aquillo a que os francezes chamam bandage mou. De aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, chegou-se a alterar completamente a molleza da bandagem e por isso nós vemos alguns pugilistas opporem-se terminantemente a que os seus adversarios liguem as mãos.

Bob Fitzimmons e Kid Mac Coy foram dos primeiros a comprehender que as ligaduras em volta das mãos podiam servir para outra coisa sem ser para proteger os ossos. Diz-se mesmo que Fritz punha gesso liquido sobre as ligaduras, deixando-o depois seccar e endurecer. Ficava então com um punho duro como ferro e que fazia sentir-se dolorosamente, mesmo atravez das luvas de 4 onças. Kid Mac Coy tinha o habito de mergulhar as duas bandagens n'uma solução fortemente alcoolisada e que se evaporava rapidamente, deixando no panno uma especie de gomma que endurecia em segundos com o calor da mão, logo que se calçavam as luvas. Bastava passar um pouco no ring antes de começar o combate e o astucioso Kid Mac Coy tinha em volta dos punhos duas verdadeiras massas. Os segundos do adversario, ao apalparem as ligaduras enquanto estavam molles, ficavam persuadidos que eram ligaduras malleaveis e regulares as que Kid tinha nas mãos.

Jim Corbett tambem era partidario das mãos ligadas. Mas preferia ligaduras de panno, fortemente enroladas, e isto era perfeitamente correcto e leal. Hoje não ha pugilista nenhum que entre no «ring» sem as mãos ligadas. O fim da bandagem é proteger inteiramente as mãos, preservando-o «boxeur» das fracturas das phalanges, mantendo fortemente as cartilagens de fórma a evitar entorses e esfoladelas. Deve começar-se sempre a enrolar as ligaduras junto do pulso, em torno do qual se darão duas ou tres voltas. Em seguida, enrola-se com força em volta da mão, fechando-a a cada volta, de maneira a não deixar soluções de continuidade, que não deixariam de dar-se, deixando a mão sempre aberta. Sobre as phalanges devem dar-se trez ou quatro voltas, de fórma a obter como que uma almofada. Termina-se, finalmente, enrolando a ligadura em diagonal na palma da mão, o que fará presa ao pugilista quando fechar a mão para bater. Obtem-se assim uma bandagem malleavel, de uma adherencia perfeita as phalanges, bastante molle para não violar nenhuma regra do «ring» e assaz resistente para proteger a mão impedindo-a de ferir-se.

Jogador de socco. Esse senhor, que era rico, tinha por habito convidar varios amigos para jantar e depois batia-lhes! Davalhes de comer e de beber e quando chegava á sobremesa discutia sempre o box e os seus campeões.

—Eu não tenho medo de ninguem. A mim ninguem me vence! Quer v. experimentar? Dizem que v. é muito forte!... Vamos lá vêr isso.

E o desgraçado hospede via-se obrigado a calçar umas luvas e defender-se o melhor que sabia dos murros que lhe descarregava Chandler sobre a cara, a cabeça e os olhos! Muitos d'elles sahiam com a cara desfigurada!...

Uma vez, uma das victimas resolveu vingar-se do bizarro jogador de socco. Levou as sua companhia, a um dos jantares de Chandler, o famoso campeão inglez Jem Mace e apresentou-o como um homem forte, mas ignorante das regras do pugilato. A' sobremesa repetiu-se a scena.

—Ora venha experimentar o que é o box. Vou atacal-o e v. defenda-se.

Jem Mace, nos primeiros segundos, mostrou-se ignorante, mas depois, quando recebeu um murro na cara, iniciou o trabalho da mais formidavel tareia que se pode dar n'uma pessoa sã e de bons costados... Chandler dizia no fim:

—O' meu querido amigo, o senhor não devo vir jantar, mas almoçar. Estamos mais socegados...

Noticias

Entre nós

A festa do Liceu Pedro Nunes

Como noticiámos, realisa-se no proximo domingo, 28, uma festa desportiva no Liceu Pedro Nunes, promovida pelos alumnos da 5.ª classe, 2.ª turma, em que tomam parte diversos alumnos e ex-alumnos d'este liceu. No programa, que já está elaborado, entrará o engraçadissimo numero «Peloro-fight». Os poucos bilhetes que restam estão á venda no Liceu Pedro Nunes, todos os dias, e no dia 28, na bilheteira, ao preço de 10 e 20 centavos.

Tejo Foot-ball Club

Na assembleia geral de 13 do corrente foi eleita a nova direcção que ficou composta dos srs. Amilcar Costa, presidente; Antonio Bragança Gomes, thesoureiro; Manuel Serras, secretario.

Pena Foot-ball Club

A direcção d'este Club participa a todos os socios que está já installada a sua séde na calçada de Sant'Anna, 114, 2.º

Luzitano Sport Club

No proximo dia 28 partem para Beja no comboio das 9 horas os «players» que constituem o 4.º e 5.º «teams» d'este Club, que vão áquella cidade jogar dois desafios, o primeiro com o melhor grupo e o segundo com o «team» mixto de jogadores de todos os clubs.

E' a seguinte a linha do 4.º «team»: Ricardo d'Abreu, Figueiredo Aragão, Santos Pinto, Arthur Reis, Abel Ferreira, J. Fernandes (capt.) Accacio Risques Ferreira, Luiz Silva, Lino Dantas Baracho, Alfredo Torres Pereira, J. Tancredo e Camara Manuel.

Linha do 5.º «team»:—N. N., Militão, S. Fernandes, Castelão, Janes Fialho, A. Serra, P. S. Pinto, S. Dias, Mario José Domingues e Manuel Garcia Junior.

Passeio ciclista a Mafra

Realisa-se, no proximo domingo 28, este passeio para o qual se contam com attrahentes divertimentos. O programma como já annunciámos, é o seguinte: partida de cerca de 50 ciclistas pelas 6 horas da manhã de casa do organisador, rua José Estevam, 41. Chegados a Mafra começam os divertimentos que serão constituidos por corridas de velocidade, negativas, de pucaras, de fitas, etc. Haverá tambem duas corridas de resistencia, uma promovida pelo organisador do passeio e outra pelo Velo Sport Grupo. O percurso da primeira será de Mafra-Ericeira e volta (20 kils), na qual serão disputadas trez medalhas de prata.

A segunda, promovida pelo Velo Sport Grupo, será do percurso de 35 kils, que serão percorridos no trajecto (ida) do passeio. N'esta corrida serão disputadas quatro medalhas em prata que se encontram em exposição no largo do Intendente, 7 a 10. Os corredores inscriptos para as duas corridas, que serão feitas sob o regulamento da U. V. P., são os srs. Albano Ferreira, Arthur Silva Amaral, Ramiro Madeira, Ismael José, José da Conceição Rodrigues, João Ferreira, Antonio José Christiano, Hypolito Ricoca e João Alves.

O desafio official de domingo

E' no magnifico recinto do Stadium de Lisboa que se effectua, no proximo domingo, ás 3 horas da tarde, o desafio entre os primeiros grupos do Sporting Club de Portugal, o mesmo que foi a Vigo na ultima semana e do Sport Lisboa e Bemfica, campeão de Lisboa. Disputa-se o primeiro logar na classificação do campeonato d'este anno.

Luzitano Sport Grupo

Por uma commissão foi reorganisado este grupo, cujos fins são a educação phisica. A commissão administrativa é composta de: presidente, Albino Costa, 1.º secretario, Jorge Gentil, 2.º, Manuel Barrosa, e thesoureiro, Manuel de Sousa. Commissão sportiva Humberto Augusto Ferreira e José Joaquim Furtado. A commissão sportiva conta com um bom elemento para ministrar exercicios de gymnastica e está trabalhando para arranjar uma casa propria para as aulas. Espera entrar em contracto com uma academia de Lisboa para ellegar o terraço.

Nota do dia

Pobre «foot-ball», que destino terás?

Anda por ahi muita gente desanimada porque se annuncia um pronunciado movimento de desfavor em volta do *foot-ball*, marcado pela pouca actividade dos clubs, pelo não apparecimento de novos jogadores novos e pelo desinteresse que o publico vae mostrando pelos desafios, concorrendo apenas aquelles que ameaçam uma pequena nota de escandalo ou nos disputados entre os que estão á frente do campeonatos.

E' possivel que haja exaggero n'este desanimo.

Não consideramos imminente a *debacle* do *foot-ball*, antes nos inclinamos a reputar indecisa o paralisada a sua marcha o a sua propaganda.

Evidentemente, não ha hoje o mesmo enthusiasmo que havia ha trez, quatro e cinco annos, mas ainda ha um relativo interesse pela sorte de um ou outro *team* quando entra em jogo.

Mas, se o *foot ball* decae, a quem se deve a culpa d'esto retrocesso? Sem duvida aos jogadores e aos seus clubs, que são os primeiros a não se importar com o jogo, com os campeonatos e com o seu treino individual. Ninguem se prepara para um desafio! Não existe um *team* mixto que tenha um treino em conjunctol Não ha um grupo designado como *nacional* e representativo da Associação! Os grupos que perdem nunca mais pensam no torneio official e os que se manteem não procuram melhorar a *fórma* para ganhar! Assim não ha progresso possivel!

Querem um exemplo justificativo d'esto desleixo e d'esta desorganisação? Lá vae.

No ultimo domingo, um 1.º *team* compareceu apenas com 8 jogadores para disputar o seu desafio de campeonato. D'esses 8 *players* eram 6 do 3.º *team* do mesmo club, que tinha de disputar a penultima ou ultima classificação no campeonato de Lisboa!

Como se vê, nem ha amizado pelo club, nem brio sportivo! E quem se não torna sportivo?

Quando nos contaram este facto, um velho amigo, que estava ao lado e que é um *sportsman* de convicção, segredou-nos:

—Ha quinze annos havia menos gente a praticar o *sport*, mas havia melhor. Hoje, sobeja em *quantidade* o que falta em *qualidade*!

Algumas anecdotas

Convidava os amigos para jantar e depois dava-lhes uma tareia

Ha creaturas com bizarrias o excentricidades que deixam na vida uma nota ou outra que lhes define o tipo.

D'essas excentricos, um houve, de nome Chandler, que teve certa fama como

A provincia n'A CAPITAL

VILLA FRANCA DE XIRA, 21.—Uma commissão composta de individuos de Lisboa e d'esta villa, no louvavel desejo de concorrer para o desenvolvimento financeiro do hospital d'aqui, resolveu promover um sarau que se effectuará no Salão Cinema e para o qual conta com o auxilio de distinctos artistas dramaticos e conhecidos sportmen de Lisboa. O sarau, para o bom exito do qual a commissão trabalha sem descanço, deve realisar-se brevemente o tudo indica que os resultados serão em tudo dignos do fim caritativo e bem assim dos louvaveis esforços dos seus iniciadores.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — Não ha espectaculo.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — A's 21 — Cabo primero—Santo de la Izidra—Metodo Gorritz.
TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.
GIMNASIO—A's 21—O deputado independente—O minuete.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO — A's 21 — Opera: Aida.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A Feira da vida, revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Compa-nhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE — **S. Carlos** — Recita promovida pela Federação Academica — Sarau classico de poesia e musica.
Rua dos Condes—Primeira representação da *Feira da vida*.
AMANHÃ — **Gimnasio**—Recita da actriz Elvira Bastos — *O deputado independente*—*O minuete*.
SABBADO — **S. Carlos** — Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo*.
—**Gimnasio** — Recita do actor Mario Duarte — *A bella madame Vargas* — *A onda*.

POLITEAMA. — Estreia da companhia de zarzuela hespanhola.

O publico lisboeta tem um grande fraco pela zarzuela chica. As castanholas, em geral, poem-no doido. Hontem, esse facto revelou-se de novo, tão grande e tão completa era a enchente do Politeama, na recita de estreia da companhia hespanhola. Mas, gostando perdidamente de zarzuela, a gente de Lisboa não tolera más companhias de zarzuela. E será boa a que principiou hontem os seus espectaculos no Politeama? Sem faltar ao pudor, dizer que das que nos ultimos annos tem vindo a Lisboa é a melhor. E', sobretudo, homogenea. Foi por isso que colheu alguns applausos, muito embora não causasse enthusiasmos. Dos artistas, merece o primeiro logar a graciosissima Ignez Garcia. O seu talento coreographico é admiravel e, não tendo senão um fiosito de voz que nem sequer é harmonioso, a excellente tiple até chega a dar-nos a illusão de que canta. Quando Ignez Garcia está em scena, não ha, deante d'ella, ninguem triste. E' a alegria em pessoa. A sr.ª Velasco cantou com correcção, e a sr.ª Amalia Melendez revelou-se uma actriz primorosa, que se faz applaudir com calor no Amigo Melquiades, parodia caracteristicamente hespanhola, com adoravel musica de Valverde. A parte masculina da companhia tem o comico Salvador Vidagain como primeira figura. E' artista de merito, como o é Aguiló. O resto vulgar. Scenario... mas seria aquillo scenario? E d'aquella desterrada e longinqua cadeira, que a empreza do Politeama, com uma galanteria ultra captivante, distribue a este jornal, nada mais se poude ver, no espectaculo d'hontem, digno de menção. Effeitos da excessiva distancia a que se fica do palco? Talvez. Mas a empreza ha de, certamente, remediar o desagradavel inconveniente...

Ao correr da penna

A França, a Inglaterra, a Italia, a propria Hespanha teem o seu repertorio classico. Molière, Racine, Corneille, para não citar senão classicos francezes, são tão representados em Paris como os mais celebres dos auctores actuaes. A Comédie tem os seus dias destinados aos mestres desapparecidos e tem sempre em estudo uma obra classica.

Nós não teremos nós theatro que possamos considerar classico? Temos evidentemente. Porque o não resurgimos aos poucos? Antoine nas suas épocas do Odéon emprehendera uma tarefa curiosa: fazer no palco a historia retrospectiva da farça e do melodrama. Abriu uma assignatura especial e em successivas matinées todas ellas precedidas de conferencias foi apresentando desde a farça do Barbonille e desde Le vray mystere de la Passion até aos vaudevilles de Labiche e aos dramalhões de Pixérecourt.

Pela minha parte confesso que se fosse emprezario de um theatro de comedia havia de, pelo menos, tentar fazer a resurreição do nosso theatro alegre, desde as farças de Gil Vicente até ao Festim de Balthazar, de Gervasio, passando pelas comedias do Judeu e pelas farças de cordel do theatro do Bairro Alto. Tenho um palpite que o publico se havia de interessar, principalmente se esses espectaculos lhes fossem apresentados por pessoas como Julio Dantas, Lopes de Mendonça, Schwalbach, Sousa Pinto, Gustavo Sequeira, etc., homens de lettras genuinos a quem interessam as investigações do theatro.

Para os comediantes seria uma escola curiosa e ainda que d'esses espectaculos, que dariam evidentemente muito trabalho a constituir, não resultasse lucro pecuniario, estou certo que quem os realisasse ficaria recordado na historia do theatro portuguez.

Cyrano

Boatos e informações

As figuras da peça em verso *O minuete* do Moacho da Silva, que amanhã se representa no Gimnasio na recita de Elvira Bastos serão desempenhadas pela festejada e por João Lopes.

● A comedia *Circo de inverno*, que n'esse theatro se ensaia para succeder ao *4028-LX* foi adaptada por Mello Barreto da peça franceza *Nora la dompteuse*.

● No dia 8 do proximo mez de abril realisa-se no Gimnasio uma recita offerecida pela Sociedade Artistica a André Brun. Alem d'uma peça nova em um acto d'este escriptor e d'uma conferencia por elle realisada, intercalar-se-ha no primeiro acto do *4028-LX* um *sr.* em que serão recitados por alguns artistas varios trabalhos inéditos do auctor da *Visinha do lado*.

● No mesmo theatro realisa-se brevemente uma festa promovida por Norouha de Oliveira em que tomam parte alguns dos mais distinctos artistas dos diversos theatros de Lisboa e sobe á scena em primeira representação uma comedia do repertorio de Coquelin ainé, versão de Augusto de Lacerda.

Circos & Music-halls

Saltos simples e com trampolim

—Como é que Zizine salta a mais de 4 metros de altura, se o «record» do mundo está em 2 metros e 4 centimetros?

Esta foi a pergunta que hontem nos fizeram, quando discutiamos o merecimento do artista que, actualmente, trabalha no Coliseu. A resposta foi rapida, elucidando aquella provada ignorancia das coisas de sport.

—Os saltos de Zizine são dados com a ajuda de um trampolim e os taes saltos de que fala são os sportivos, dados com carreira e pelo esforço individual do athleta.

E como n'um ah! de desabafo julgassemos perceber que tinha desmerecido, no cerebro do elucidado, o actual artista do circo, acrescentámos:

—... mas não julgue que não teem merecimento os saltos de Zizine Frediani! Em Lisboa ainda ninguem fez egual nem se lhe approximou. O mais que vimos saltar entre amadores foi a Sá da Bandeira, no Gimnasio Club, a 2m,50 e entre professores de gimnastica a Walter Asvata, ha annos, a 2m,80. Entre profissionaes de circo, o faz-tudo Christiani saltava apenas 9 homens em fila!...

Noticias

Entre nós

Os duettistas liricos Beriguardis, que vão estrear-se brevemente no Salão Foz, estão trabalhando actualmente no Porto.

● Amanhã realisa-se no Coliseu dos Recreios o ultimo espectaculo de acciouistas com programma do Cirque Royal de Bruxellas, que se despede na proxima segunda-feira.

● Estão ensaiando um trabalho de «forças combinadas» dois amadores portuguezes pertencentes a um club de *sport* e que desejam fazer-se profissionaes.

● De passagem para a America chegou hoje a Lisboa o *clown* Pepino, que tem fama d'um bello comico.

● Os *films* da guerra europeia vão ter, d'aqui em diante, maior veracidade porque o estado maior d'alguns corpos de exercito permittiu certos trabalhos de operadores cinematographicos.

● Os engraçadissimos palhaços Rico e Alex, que se popularisaram em Lisboa, vão effectuar no sabbado a sua primeira festa artistica no Coliseu dos Recreios. Entre os varios numeros, alegres o comicos, que vão exhibir conta-se uma parodia aos atiradores, uma parodia aos *jockeys* e uma bella *pochade*, mostrando o que é uma tarde e uma noite na Sevilha de bailarinas e toureiros.

● No Coliseu de Lisboa estreia-se no proximo sabbado o *kinoperetà*, que constitue um acontecimento artistico. Da companhia fazem parte Delphina Victor, Dorvinda Rodrigues e Arthur de Castro, estando a regencia da orchestra a cargo do maestro Hugo Vidal. A estreia effectua-se com a opereta em um prologo e trez actos *Saudades de Portugal*.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.

Visitas de estudo

O grupo escolar do collegio Callipolense parte depois de amanhã para o Bussaco, onde vae em visita de estudo. Será acompanhado por um professor, que no local rememorará a batalha ali travada por occasião da guerra peninsular e a fundação dos mosteiros que na formosa matta tiveram séde.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo Pró-patria

Para proseguimento dos seus trabalhos sobre a egreja hespanhola e indulto Pereira Coelho, reunem hoje, ás 21 horas, os corpos dirigentes, pedindo a direcção a comparencia de todos os membros.

Cooperativa Agricola e Horticola

Para discussão do relatorio e contas da gerencia do anno findo, assim como para apreciar as alterações apresentadas pela direcção ao regulamento interno, reune a assembléa geral no dia 5 d'abril, ás 11 horas. As vendas subiram á importancia de 25.654$73 e se o saldo liquido foi apenas de 17$33, que levado a fundo de reserva, deve-se isso aos gastos da installação da Cooperativa, que attingiram a quantia de 1.325$88,5, verba importante.

Assistencia infantil

Lactario da parochia de S. José

Esta benemerita instituição, cuja séde, como se sabe, é na rua Alves Correia, 209, festeja o seu primeiro anniversario no proximo mez, realisando-se parte das festas no theatro Avenida, para tal fim gentilmente cedido pela sua empreza. A commissão promotora da festa conta já com a valiosa adhesão do distincto actor Joaquim d'Almeida. Uma commissão de senhoras distribuirá enxovaes ás creanças protegidas pelo lactario, podendo qualquer donativo com esse fim ser entregue até ao dia 31 do corrente.

Fallecimentos

CONDEIXA-A-NOVA, 21.—Falleceu a sr.ª D. Maria Eduarda Torres Quaresma, de 82 annos, viuva do conselheiro Antonio Egypcio Lopes Quaresma de Vasconcellos. O funeral realisa-se amanhã, da capella da residencia da extincta para o cemiterio d'esta villa, onde o feretro ficará em jazigo de familia. A' familia enlutada e em especial ao sr. dr. Antonio Lopes Quaresma as nossas condolencias.

Movimento maritimo

Brazil e R. da Prata, «Frisia» (Amst.)	26
Pará e Manaus, «Lanfranc» (Liverp.)	26
Vigo e Inglaterra, «Desna» (Brazil)	26
N. York, via Açor., «Britannia» (Mar.)	26
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	26
Africa oriental, «Durban Castle» (Li.)	27
Australia, «Palma»	28
Africa oriental, «Gladiator» (Liverp.)	29
Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa occidental, «Bechuana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bórdeus, «Garonna» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31

Grande-Russia no caracter dos seus habitantes».

Esta particularidade da civilisação russa é admiravelmente posta em fóco por uma passagem de Tolstoï, no seu livro «Anna Karénine»:

«Lévine via que a Russia possue excellentes trabalhadores e que, em certos casos, esses trabalhadores e a terra rendem muito. Mas, a maior parte das vezes, quando o capital e a terra eram explorados ao modo europeu, os trabalhadores e a terra rendiam pouco.

«Isso provem unicamente do facto dos camponezes não desejarem trabalhar e não poderem trabalhar fructuosamente senão a seu modo. Este facto não é accidental, mas permanente, e a explicação encontra-se no proprio espirito do povo».

Tchekhow faz um retrato phisico do russo, nos seguintes termos:

«O nariz, as faces e as sobrancelhas, todas as feições do seu rosto, analisadas separadamente, eram vulgares e grosseiras. Mas a phisionomia tinha o quer que fosse de harmonioso e até mesmo de bello. Tal é o rosto russo: quanto mais simples e rudes são as feições, mais ele parece suave e cheio de bonhomia».

E' a descripção d'um rosto que se confunde com mil rostos.

E Gorki, o intellectual russo, cujo caracter, ha meio seculo, tem tantas vezes revelado as profundezas occultas da sua raça, diz:

«Sonia falava distinctamente, mas como que contra vontade, cerrando os dentes; andava depressa, com a cabeça erguida, parecendo gloriar-se do seu rosto sem belleza. Os seus olhos rasgados e sombrios tinham um olhar severo e, tanto nas suas feições como em tudo o que a sua estatura, alta e esbelta, havia alguma coisa de singular, de leal e de firme. Intimidava Ilia, que a julgava altiva».

Ficámos em duvida se não foi a propria Russia que Gorki quiz retratar.

Korolenko não viu os camponezes pelo mesmo prisma por que Tchekhow os vê. Acha-os tambem ignorantes e grosseiros, mas reconhece-lhes uma energia poderosa, capaz de luctar e de proceder nas mais difficeis condições. Não occulta nenhum dos vicios, nenhuma das taras do campo russo, mas põe em evidencia uma qualidade que exalça o camponez: «a dignidade e todo o transe, uma especie de paradoxal e bello orgulho que o salva da abjecção».

E é essa realmente uma das feições da Santa Russia, que uma poderosa companhia allemã acabou por encobrir á Europa, feição tão differente, de resto, de tudo o que a Allemanha poderia comprehender e explicar.

Esta diffamação systematica era tanto mais facil quanto a alma russa, «anciosa do divino», apaixonada pelo idealismo e que, até na orgia, deseja ser pura, não cessa de se referir si mesma. A nobreza das suas aspirações torna-a tanto mais severa para com vicios, que, entre os seus visinhos de leste, seriam exaltados como virtudes.

A Russia virá, de certo, dar, com as suas elevadas direcções intellectuaes e moraes, um grande impulso á obra commum da fraternidade européa; uma união mais intima com essa nação servirá de contra partida á «cultura» germanica, porque desenvolverá no coração humano uma espontaneidade, uma sinceridade quasi infantil, o culto das coisas d'alma, um certo desposto pelos pequenos calculos que não tantas vezes até á perda das illusões, se assim nos é licito exprimir-nos.

Ao passo que a alma allemã é opprimida pela materia, só pensando no lucro, escravisada ao trabalho, mas tendo em vista um rapido gozo, a alma russa, filha das steppes, é individualista, abandonada ao sonho, submettida á natureza, paciente, resignada, lamentosa e cantante como essas commovedoras melopéas populares que terminam por um lamento suffocado, em que se ouve um soluço.

Entre os seus defeitos—que elles não negam e que elles proprios nos ensinaram a conhecer—ha um que nunca se poderá attribuir e censurar aos russos: o de serem vulgares. Pois por isso mesmo serão dignos do futuro, porque o futuro pertencerá aos homens que se despoja-

Constantinopla, volta-se para as provincias do interior, reclama uma compensação na Macedonia, mas a Servia, repellida do Adriatico, recusa-se a ceder territorios que conquistou. A guerra rebenta entre os alliados da vespera.

A Romania, que até ahi se conservára na espectativa, entra em scena. Toma partido contra a Bulgaria, a qual, atacada ao mesmo tempo pela Grecia, pela Servia, pela Romania, é vencida e invadida. Depõe as armas. Os turcos aproveitam as circumstancias para retomarem folego e se introduzirem em Andrinopla.

As negociações entabolam-se entre as potencias balkanicas em Bucarest e, d'esta vez, é a Europa que n'ellas não toma parte. A conferencia de Londres apenas impõe uma das suas decisões, a famosa creação de uma Albania independente. Era a peor de todas. Essa exigencia la fazer prolongar a crise balkanica até ao momento em que se transformaria em crise européa.

Tanto n'esse ponto, como no que respeita á origem inicial, isto é, a annexação da Bosnia e da Herzegovina, todas as responsabilidades recahem sobre a Austria-Hungria.

Favorecida por essas dissenções, amparada pelo poderoso apoio dos dois imperios germanicos, a Turquia sobreviveu ao desastre. Ficava com Constantinopla e até mesmo com Andrinopla. As rivalidades das grandes e das pequenas potencias tinham-na salvo.

Mas tinha perdido quasi todas as suas provincias dos Balkans e pouco lhe restava no continente europeu. Ao primeiro esforço dos Estados colligados, seria expulsa definitivamente para a Asia.

Em summa, os seus antigos vassallos, os seus rivaes nascidos dos seus despojos, os seus vencedores de hontem, engrandeciam-se com a sua ruina. A Romania obtinha da Bulgaria uma região rica e populosa (353:000 habitantes); pela sua intervenção no momento opportuno forçava-se, por assim dizer, arbitra dos negocios balkanicos. A Servia ganhava 1.800.000 novos habitantes, com Novi-Bazar, Uskub e Monastir; tornava-se verdadeiramente uma grande Servia. A Grecia recebia 1.624.000 almas com Salonica, Cavalla, Creta e a maior parte das ilhas do Archipelago. Só a Bulgaria era mal compensada das suas victorias; soffrendo o castigo da sua ruptura do contracto d'alliança, obtinha apenas uma parte da Thracia com o porto de Dédéagatch no mar Egeu, em summa uma unica provincia occupada por 400:000 habitantes. A irritação foi grande na Bulgaria e foi um germen de proximas complicações. O rei da Bulgaria dirigiu na sua proclamação ao exercito: «Nenhum patriota bulgaro pode renunciar de boa vontade e sem lucta a Monastir, Ochrida, Dibra, Prilep, Serés e outras terras bulgaras onde vivem os nossos irmãos».

Enver Pachá, ministro da guerra da Turquia

A sorte da peninsula dos Balkans não estava regulada. A Turquia sobrevivia, mas ligada aos dois imperios protectores, devia compartilhar a sorte d'estes e o destino.

A guerra balkanica e a perda de

muitas provincias, a Tripolitana, a Macedonia, uma parte da Thracia, as ilhas, reduziram sensivelmente os recursos militares da Turquia. Todavia, estavam em plena reorganisação, sob as ordens do general Liman von Sanders, quando rebentaram as hostilidades.

O serviço obrigatorio foi organisado na Turquia pelas leis de 1880, 1886, 1888 e 1904. Os recrutas são divididos em duas partes, uma das quaes é incorporada no «nizam» ou exercito activo por trez annos, em seguida no «iptiat» (reserva) por seis annos, e depois nos «rédifs» («landwehr») por nove annos. Finalmente, o «muhstafir» (exercito territorial ou milicias) incorpora os homens de edade superior, em condições muito arbitrarias. A cavallaria «hamidieh», recrutada entre os kurdos, tem um regimen especial.

A poulação actual da Turquia deve andar por dezoito milhões, dos quaes só cerca de dois na Europa. Sob o ponto de vista militar, é preciso descontar os não musulmanos, os arabes do Yemen, um enorme numero dos que não são obrigados a servir por mil variadas razões, especialmente o pagamento, d'uma só vez, de cincoenta libras turcas.

O exercito turco, com as suas reservas, deve talvez contar de seiscentos a oitocentos mil homens, com maior ou menor gráu de instrucção militar.

A infantaria está armada com a espingarda de repetição Mauser ou Martiny-Henry; a artilharia é da casa Krupp, formando grande numero de baterias.

A armada turca em 1914 compunha-se de trez couraçados deslocando 27.250 toneladas, um cruzador de batalha com 23.000, trez cruzadores protegidos com 11.550 e doze destroyers, tendo a seguinte artilharia: 22 peças de 280 millimetros, 2 de 240, 28 de 152, 16 de 120 e 28 de 105.

CAPITULO IX

A Russia moderna

.. Russia, immensa, multiforme, enorme, mas flexivel nas suas enormes proporções, está destinada a dar á Europa a mais preciosa collaboração, logo que fôr reduzido á impotencia o elemento allemão, que se esforça, ha já seculos, por lhe desnaturar o caracter e o seu papel perante a opinião e por obstar á sua expansão.

A Russia não se póde definir. Comtudo, os seus escriptores, psychologos requintados, anatomistas incisivos, teem posto em relevo certas particularidades que vamos transcrever para melhor fazer comprehender «o enygma branco», a alma russa.

Kluichewsky define do seguinte modo o povo dominador, o que occupa o paiz desde S. Petersburgo até Moscou e ainda além d'esta cidade, o grande-russo:

«A Grande Russia dos seculos XIII e XIV, com os seus pantanos, apresentava á colonisação, a cada passo, pequenos perigos, enfados e difficuldades imprevistas que requeriam grande presença d'espirito e uma lucta continua contra os elementos.

«Isso habituou o grande-russo a perscrutar a natureza, a ter sempre, segundo a sua propria expressão, os olhos bem abertos, a só avançar com precaução, a tactear o terreno e a nunca passar um rio sem ter encontrado vau; e isso desenvolveu n'elle uma grande dextreza perante as dificuldades e uma extraordinaria paciencia em face dos revezes e das privações.

«Na Europa não ha povo algum menos amimado e menos exigente, menos habituado a esperar da natureza e do futuro, mais soffredor que o dos grandes-russos.

«Particularidades da região determinaram a sua disseminação por todo o paiz. A vida nas aldeias isoladas não poude habituar o grande-russo a proceder em grandes agrupamentos, em massas amigas, como succede com o habitante da Russia do Sul.

«Povo algum da Europa é capaz da intensidade de trabalho que póde desenvolver um grande-russo n'um espaço de tempo limitado. Mas tambem em parte alguma encontramos tal incapacidade para se fazer um trabalho moderado e regular como n'essa Grande-Russia.

«O grande-russo é, em geral, concentrado e prudente, timido até, sempre desconfiado; pouco sociavel, só está á vontade em companhia de si mesmo. A natureza e o destino ensinaram ao grande-russo a servir-se dos atalhos e dos caminhos que fazem mil torcicollos. O grande-russo pensa e procede de modo semelhante áquelle como caminha.

«Póde por ventura haver coisa mais sinuosa que um caminho vicinal da Grande-Russia? Não ha estrada direita e rectilinea; vae-se sempre cahir nos velhos atalhos de mil voltas.

«Assim se manifesta a acção da

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1666 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 26 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

INVEROSIMIL!

O velho banco de S. José

ainda não foi substituido pelo novo posto de soccorros installado n'aquelle hospital

O acaso de uma occorrencia imprevista conduziu o sr. Massignot, que ha dias se encontrava de passagem em Lisboa, ao banco do hospital de S. José, onde foi acompanhar alguem. Dispenso-me de reproduzir as impressões do que, fugidiamente, elle teve occasião de observar ali. Apesar da requintada delicadeza com que do assumpto me falou, nem por isso a expressão do seu desapontamento deixou de me fazer córar, tanto mais quanto é certo não se encontrar facil resposta ás embaraçosas questões que sobre o nosso serviço de soccorros urgentes tem o direito de fazer um estrangeiro civilisado e culto a quem na escola ensinaram que Portugal é um paiz culto e civilisado.

Das defficiencias que poude observar de relance, o dr. Massignot, em vez de uma critica acerba e contundente, deduziu ainda uma verdade consoladora:

—E' singular como os seus cirurgiões conseguem fazer tanto quando dispõem de tão pouco! São positivamente admiraveis...

Limitei-me a affirmar que o velho, quasi prehistorico, Banco do Hospital está em vesperas de desapparecer; que as installações do um novo posto de soccorros se encontram concluidas e apenas falta preencher uma simples formalidade para que funccione. Sem mais pormenores sobre a historia de uma questão de *lana caprina* que entendi não dever narrar-lhe, não fosse elle fazer de nós peor ideia, mas que não tenho duvida em expôr agora, visto que nenhuma decisão tomaram ainda a tal respeito os poderes publicos a quem foi affecta essa questão.

Não supponham que vou aqui descrever-lhes o Banco do Hospital. Já n'estas columnas tive ocasião de o fazer um dia e é sempre penoso insistir na miseria. Penoso, inesthetico, embaraçoso até. Não lhes descreverei aquella ignobil casa de curativos, a exiguidade e insufficiencia da sala de operações, o soalho esburacado e pôdre dos aposentos destinados ao cirurgião de serviço. Tudo isso é uma coisa indefinivel e torpe de que não podemos lembrar-nos sem horror. Sob o ponto de vista esthetico, é um aborto, sob o ponto de vista scientifico, é um crime, sob o ponto de vista do orgulho nacional—é uma vergonha.

As salutares tentativas de reacção da parte dos cirurgiões que ali trabalham acabaram, porém, á força de insistencia, por produzir o devido resultado. Os drs. Schultz e Mac-Bride, especialmente, animados de um bello espirito progressivo e pratico, devotados apostolos da sua profissão, que pretendem sempre dignificar em todos os seus actos, não descançaram emquanto um novo posto se não installou—um posto moderno e higienicamente organisado que não fosse, como o outro, um anachronismo scientifico e uma miseria nacional. Assim, calculando, poupando, fazendo verdadeiros milagres perante a exiguidade das verbas disponiveis, a obra foi crescendo até que, ha mezes, só restava abrir as portas e transferir os serviços para que o velho Banco de S. José entrasse definitivamente na historia das nossas instituições anomalas e o seu material fôsse relegado para um museu de coisas inverosimeis. Ia finalmente abrir-se o novo posto, a que nenhuma competencia regateava louvores nem a direcção dos hospitaes antepunha obstaculos. Era uma coisa assente, definitiva, arrumada.

Mas os obstaculos surgiram de outro lado. Baseando-se n'uma disposição regulamentar e pretendendo que a adopção do systema de enfermagem feminina ia prejudicar os enfermeiros, visto terminarem os dois logares que estes ultimos teem no Banco, appellou-se para o ministro do interior a quem se pediu que não consentisse na abertura das novas installações. Debalde se demonstrou que os enfermeiros actualmente de serviço no posto em nada seriam prejudicados, pois se lhes attribuiria outra situação egualmente vantajosa. Desappareciam, é certo, dois logares de enfermeiros, mas em compensação creavam-se nove de enfermeiras, e além d'isso, nunca o encerramento de uma enfermaria, implicando o desapparecimento de vagas, levantára o menor protesto.

Não, não. As unicas pessoas de competencia profissional e scientifica capazes de emittir opiniões podiam embora affirmar a necessidade das enfermeiras, á semelhança do que succede em todas as terras civilisadas. Era inutil. As enfermeiras não podiam ficar.

E, então, surgiram argumentos infantis: se vier um bebedo, de noite, rouquejando obscenidades e insolencias, reagindo, agitando-se, esbracejando, como podem as enfermeiras ter mão n'elle? Como se o novo posto, entre o seu pessoal menor, não contasse creados e os cirurgiões de serviço não fôssem assistidos por internos, que em parte exerceriam afinal o papel que hoje compete aos enfermeiros!

Criticaram-se as installações novas com argumentos não menos infantis. Entre outras coisas, disse-se que eram luxuosas de mais! Luxuosas de mais! Tenho visitado varias *Hilfstationen* allemãs, que passam por modelares, e é difficil encontrar-se alguma tão modesta como o novo posto do hospital. Amplo, higienico, com tudo logico e agradavelmente disposto, sem duvida.

Mas luxuoso! Diz-me um clinico illustre que recentemente visitou varios hospitaes suissos e da Allemanha do sul que na clinica de partos de Strasburgo, por exemplo, as parteiras que ali vae fazer o seu estagio dispõem de installações infinitivamente mais confortaveis que os nossos cirurgiões no novo posto de S. José.

Emfim. O novo regulamento, da approvação do qual depende a abertura d'esse posto e o encerramento do antigo Banco do Hospital, espera nas secretarias do ministerio do interior que o ministro se lembre d'elle. Não hesito em chamar para o facto a attenção d'esse funccionario superior do Estado. Não se prejudiquem os enfermeiros, mas sobretudo não se prejudique o publico nem o bom nome da nossa terra. A situação presente é absurda, incomprehensivel, illogica. Nada ha que a justifique. A não ser que se pretenda dar uma prova manifesta de despreso pela classe medica, que é inverosimil, ou de desinteresse pela população, o que tambem me repugna admittir.

Hermano Neves.

A tenacidade dos francezes

Londres, 19 de março

O *Times* publica um artigo ácerca das recentes operações em Champagne. Diz que a impressão geral produzida pela narração d'estas operações é de uma tenacidade e espantosa perseverança da parte dos francezes, não só pelo terreno que reconquistam, mas tambem pela superioridade moral que conservam.

Os francezes batem-se com egual bravura e teimosia nas encostas dos Vosges, nos valles do Meuse e do Moselle, nas margens do Aisne e na região d'Arras; a linha nunca está immovel. Lentamente, muito lentamente mesmo, começa a mover-se, tendendo para o fim desejado: esgotar por uma pertinaz insistencia as reservas allemãs, tanto de homens como de munições.

Os francezes estão creando agora uma nova reputação, mais gloriosa ainda do que a antiga; á sua tradicional bravura accrescentam agora a constancia, a resistencia e a paciencia infatigavel com que conquistaram a admiração dos que junto d'elles combatem.

ENTRE MONARCHICOS

Miguelistas e manuelistas

A bandeira da crapula—Os latrocinios

Pinto Coelho em fóco

Prosegue a polemica entre manuelistas e miguelistas. Vistas as coisas com olhos imparciaes, os primeiros estão, por agora, de cima, quanto á verdade de certos factos. O sr. Domingos Pinto Coelho, o famoso advogado das congregações, o herdeiro da condessa de Camarido, de gorra com frades e freiras, o *miguelista* que nas columnas do *Portugal* incitava o sr. D. Manuel a escorraçar á espadeirada os republicanos, e n'essa altura abandonava a *Nação* a uma existencia tristemente vegetativa,—fica a escorrer sangue com a trepa que lhe applica hoje o orgão dos monarchicos constitucionaes. E' bem feito! As habilidades, as hipocrisias, as manhas jesuiticas do advogado celebre receberam o castigo que merecem...

Somos apenas espectadores curiosos d'esta pugna entre monarchicos, sem que nos inclinemos para uns ou para outros, visto que não perfilhamos os ideaes por que elles luctam e tanto nos importam os direitos invocados pelo sr. D. Miguel como os allegados pelo sr. D. Manuel. Mas cumpre-nos registar a falta de sinceridade, o desrespeito pela verdade que caracterisam os processos de polemica adoptados por certas personagens que como esse sr. Domingos Pinto Coelho pretendem orientar a sociedade portugueza e manter n'ella uma reputação de virtude, de nobreza de espirito, de fé religiosa, de honradez politica que é a menos justa das reputações porque não possue um unico fundamento solido...

Avalie-se da lisura com que elle combate os seus adversarios republicanos pelas normas seguidas nos ataques aos seus proprios correligionarios monarchicos! Para deprimir os que escrevem no *Nacional*, o sr. Domingos Pinto Coelho accusa-os de só apparecerem «quando a era dos perigos estava finda» e de estarem ausentes «quando foi dos assaltos, das apprehensões, das ameaças de chacina a toda a hora». Ao homem da *Nação* respondem triumphantemente os do *Nacional* que foram elles quem afinal soffreu assaltos e apprehensões, quem houve de emigrar, quem os tribunaes condemnaram e a quem só a amnistia permittiu regressar ao paiz, emquanto o sr. Domingos Pinto Coelho por cá continuava a advogar á sua banca e se o prendiam ficava quite com a declaração muito innocente de que não, de que a restauração que elle queria não era essa mas a outra. Sempre a outra, que é o mais prudente...»

Os manuelistas, para responderem á campanha dos miguelistas que hoje se esforçam por enthronisar o seu principe e que teem sido dos conspiradores mais activos, recordam-lhes a fórma por que elles acolheram a proclamação da Republica e apreciaram o regimen deposto, ao occuparem-se dos acontecimentos que se seguiram á revolução de outubro de 1910.

A *Nação* considerava a Republica um facto consummado em Portugal e que o paiz era «por enorme maioria partidario das instituições republicanas». Da monarchia escreveu que «andava mal porque os seus homens deixavam de administrar para se governarem no mais impudico assalto aos cofres do thesouro». A Republica «escorraçou do templo da Patria os vendedores que a profanavam». Os miguelistas acrescentavam: «Somos monarchicos, mas não temos interferencia em latrocinios. Os mesmos que saquearam Portugal são os mesmissimos que roubaram as bagagens e fazenda de D. Miguel I, os bens das commendas das ordens militares, da Casa das Rainhas e da Casa do Infantado. Foram os monarchicos da monarchia intrusa, deposta a 5 de outubro de 1910, os heroes d'estes crimes e falcatruas. O paiz estava á mercê de cinicos de variadas especies e semelhante gente nunca nos pediu guarda e perdia o tempo se em tal pensasse...»

A respeito da bandeira azul e branca, a *Nação* considerava-a «o estandarte da alcateia voraz que se apoderou do governo e realisou a nefasta obra do constitucionalismo» e que esse labaro estava «inquinado de perversidade e de traição desde a sua origem».

Eis como os miguelistas pensavam em 1910 dos manuelistas e da monarchia por elles representada. Eis porque os manuelistas hoje nada querem com os miguelistas, embora andassem todos juntos nas conspirações e nas incursões da Galliza e ainda agora se empenhem uns e outros na respectiva restauração...

Migalhas

Plano falhado

A excursão dos zeppelins sobre Paris foi marcada por uma serie de incidentes curiosos. Aos engenhos de guerra allemães foram attribuidas varias intenções. Segundo uns, elles queriam dinamitar algumas fabricas e depositos de material de guerra existentes na peripheria da capital. Segundo outros, tencionavam reduzir a escombros e incendiar edificios publicos e museus. Outros ainda calculam, que em retorno da fome que em Berlim se manifesta, os arconautas germanicos pretendiam destruir os mercados da alimentação parisiense. N'este ultimo caso, a ordem de marcha foi certamente *Deutschland uber... Halles*.

O caso foi que, se o grande estado maior guilhermino calculava produzir com a incursão aerea um effeito de terror fulminante sobre Paris, enganou-se redondamente. Como se sabe, o governo militar do general Galliéni affixára editaes, ordenando severamente que logo, que as estações de alarme dessem signal da approximação de zeppelins ou de aeroplanos inimigos, a população devia recolher-se immediatamente aos andares baixos das casas.

Pois, na noite da visita, apenas os clarins do exercito e as buzinas dos bombeiros deram o toque de sentido, e apenas se soube que eram zeppelins que se approximavam, milhares de pessoas sahiram para a rua, todas as janellas se guarneceram de curiosos, o que é mais extravagante, não se via sobre os telhados senão gente de binoculo em punho seguindo o vôo dos zeppelins, que os projectores electricos iam desmascarar através das nuvens.

Paris deu, sob uma apparencia de frivolidade, um raro exemplo de coragem quasi heroica, pois se expunha de peito descoberto ao inimigo. Nos *carrefours* cantava-se em côro a *complainte* de Raoul Ponchon sobre os *Tauben* e quando as cornetas do novo deram signal, avisando que o perigo passára, houve um suspiro geral de desanimo. Houve quem se não deitasse á espera que *elles* voltassem e, no dia seguinte, o remate de todas as conversações era que para tão pouco não valia a pena terem-se incommodado quatro das aventesmas do *commodore* aereo allemão.

Todos os sistemas germanicos vão falhando. Agora até o do terror dá em droga.

André Brun

O commercio exterior da França

Janeiro e fevereiro de 1915

Paris, 20 de março

A administração das alfandegas, englobando os documentos estatisticos do commercio da França durante os dois primeiros mezes de 1915, compara o valor das importações e exportações em 1914 e 1915 relativas áquelle periodo.

Importação: alimentos e materias necessarias para a industria, objectos fabricados, total 854.503:000 francos em 1915, e 1512.012:000 em 1914, isto é, diminuiu no ultimo anno 657.509:000 francos.

Exportação: 384.837:000 francos em 1915 e 991.770:000 em 1914, isto é, mais 606.933:000 do que no anno anterior.

Durante os primeiros cinco mezes de guerra as trocas diminuiram 4100 milhões o que dá a media de 820 milhões por mez. A media em janeiro e fevereiro decahiu. Se se comparar a percentagem das diminuições constatadas nas entradas e nas sahidas para cada um dos mezes desde o começo da guerra com a dos mezes correspondentes ao anno anterior obtemos o seguinte resultado:

Diminuição: agosto, importações 53 % e exportações 49; setembro, importações 59 % e exportações 75 %; outubro, importações 70 e exportações 71; novembro, importações 55 e exportações 65; janeiro-fevereiro, importações 43 e exportações 61.

E' preciso attender a que toda a permuta com a Allemanha, com a Austria, com a Turquia, com a Belgica está suspensa, que a Russia está em parte bloqueada, e que uma das mais ricas regiões da França está ainda em poder dos invasores. E' pois apreciavel o augmento na importação; quanto á exportação a melhoria é pouco rapida, e mais uma vez repetimos o que já tantas vezes temos dito aos nossos commerciantes e industriaes: «aproveitem o bloqueio maritimo que está isolando o inimigo do resto do mundo, para o suplantar no mercado mundial; n'este momento querem conquistar novos clientes ou só os quizerem ter depois da paz restabelecida».

Tiragem de folar

Lemos no «Commercio de Vizeu»:

Sabemos que o sr. Alberto Basto, administrador d'este concelho, deu providencias no sentido de todos os parochos que o queiram poderem fazer a visita paschal, de habitos talares, conforme era uso e costume, sem terem de pedir licença á auctoridade. E' uma medida acertada e que no publico, especialmente por todas essas aldeias, ha-de deixar a melhor impressão. Oxalá que os seus collegas, por esse paiz fóra, procedam da mesma fórma.

Por esse paiz fóra! Mas o folar já deu o que tinha a dar...

Congresso democratico

O Directorio do Partido Republicano Portuguez reune esta noite, para escolher definitivamente o local em que se effectuem as reuniões do congresso e tomar outras deliberações sobre o mesmo assumpto. Já estão inscriptos mais de mil congressistas, devendo a primeira sessão realisar-se ás 11 horas de domingo.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

Pelo telegrapho

Os alliados nos Dardanellos

PARIS, 26.—Os jornaes parisienses publicam um telegramma de Athenas dizendo terem entrado nos Dardanellos oito navios da esquadra alliada.—(*Havas*).

As victorias russas

PARIS, 26.—Telegrapham de Roma ao *Echo de Paris* que a grande batalha dos Carpathos redundou definitivamente em proveito dos russos, os quaes estão senhores da passagem de Ujok que é a porta da Hungria.—(*Havas*).

AS OPERAÇÕES RUSSAS

A capitulação de Przemysl

As phases do cêrco — A rendição

Mais de 100:000 prisioneiros

Petrogrado, 23 de março

Nos ultimos dias anteriores á sua sahida da praça, a guarnição de Przemysl recebera rações melhoradas; aos soldados foram distribuidos biscoitos para cinco dias, conservas, cobertores, e calçado novo. Uma ordem distribuida pelos officiaes mandava-lhes que explicassem aos soldados o futuro inglorio que os esperava se voltassem á fortaleza, e portanto a necessidade imperiosa de romperem a linha russa.

Fôra escolhida a direcção de leste para a sortida, não só por ser onde a linha russa parecia mais fraca, mas tambem por levar á zona dos grandes armazens e depositos de munições de guerra dos moscovitas.

Mais de vinte mil homens deviam tomar parte na sortida, mas no entanto, apesar da ordem do commando, algumas unidades mantiveram-se inactivas; apenas a 23.ª divisão d'*honved*, parte da 85.ª brigada de *landwehr* e o 1.º regimento do husards tomaram parte activa na sortida, tendo soffrido uma derrota completa.

A communicação official austriaca publicada em Vienna diz ter a guarnição de Przemysl regressado á fortaleza por causa das numerosas forças russas que encontrára na sua frente. A este respeito é necessario fazer notar que as forças russas em torno de Przemysl não eram muito importantes.

A apregoada sortida foi repellida quasi exclusivamente pelas nossas valentes tropas territoriaes e por algumas batalhões dos regimentos de infantaria de reserva.

A ultima exhortação

No dia 18, vespera da grande sortida, disse o general Kusmareck, commandante da praça, á guarnição de Przemysl:

«Soldados; ha seis mezes que nós, filhos de quasi todas as nacionalidades da nossa querida patria, nos batemos, sem descanço, contra o inimigo. Com a ajuda de Deus conseguiu a nossa bravura defender a fortaleza, a despeito de todos os ataques, a despeito da fome e de privações de toda a ordem. Todos tem merecido o maximo reconhecimento do chefe supremo do nosso exercito, a gratidão do paiz e até a consideração do inimigo.

Na nossa tão amada patria milhares de corações batem por nós; milhares de pessoas esperam anciosas novas das nossas acções.

Heroes: intimo-vos a minha ultima ordem, reclamada pela honra do nosso exercito, pela honra da nossa patria. Vou levar-vos a despedaçar com laminas de aço o circulo de ferro do inimigo que nos rodeia; marchae sempre em frente, sem poupar esforços, até nos juntarmos ao nosso exercito, que á custa de possiveis canceiras se approximou de nós. Estamos na vespera d'um grande combate, porque de certo o inimigo não quererá perder a presa que ha tanto tempo vem cobiçando. Que cada um de vós, heroicos defensores de Przemysl, se compenetre d'esta unica ideia: para frente, sempre para a frente! E' forçoso que esmaguemos tudo o que se opponha ao nosso designio. Soldados! distribuimos já o que nos restava de mantimentos. Não só a honra da patria, mas tambem a honra individual de cada um de vós prohibem-nos, depois d'esta lucta gloriosa, que como um rebanho nos entreguemos tornemos a facil presa do inimigo. Heroicos guerreiros: é-nos preciso abrir caminho; abri-o-hemos».

As phases do cerco

Foram as seguintes as differentes phases do cêrco:

Setembro, dia 6: começou o investimento, em seguida á tomada de Gorodek; dia 19: começou o bombardeamento; dia 26: apoz alguns combates felizes, fica terminado o investimento.

Outubro, dia 1: tomada de um dos quatorze fortes da defeza; dia 4: os russos occupam as alturas proximas da cidade; dia 7: tomada por assalto d'uma das principaes obras da defeza; dia 11: sortida da guarnição, ficando 3:000 prisioneiros e artilharia em poder dos russos; dia 18 o seguintes: continuação dos successos dos russos.

Novembro, dia 12: recomeça o bloqueio que fôra abandonado nos fins d'outubro apoz a primeira offensiva austro-allemã contra Yvangavel e Varsovia; dia 19: sortida da guarnição que teve como resultado enormes perdas para os austriacos.

Dezembro: aperta-se o bloqueio.

Janeiro, dia 11: os russos capturam um aeroplano austriaco.

Fevereiro, dia 15: Os russos vão ganhando terreno em torno da fortaleza.

Março, dia 17: Os communicados russos noticiam que se aggrava a situação da cidade; dia 19: sortida da guarnição, ficando em poder dos russos 107 officiaes, 3354 soldados e 16 metralhadoras; dia 22: capitulação da fortaleza.

O enthusiasmo russo

As manifestações patrioticas por causa da tomada de Przemysl duraram até noite alta; em todas as egrejas foram celebradas acções de graças; interminaveis cortejos precedidos pelos retratos do imperador e do generalissimo percorreram as ruas, que estavam embandeiradas, cantando o himno nacional e soltando acclamações phreneticas.

Por todas as provincias a noticia provocou o mesmo enthusiasmo patriotico, estando as cidades embandeiradas e havendo illuminações; durante a noite houve grandiosas manifestações em que tomaram parte os estudantes e as classes operarias unidos para festejarem o triumpho das armas nacionaes.

Foi em Moscou que mais se accentuou a alegria popular; depois d'um *Te Deum* em acção de graças celebrado na capella de Nossa Senhora de Iverzky, uma enorme multidão se dirigiu ao palacio do governador geral, acclamando o prefeito da cidade que teve de falar ao povo fellicitando a população pelo fausto acontecimento.

Commentarios italianos

Roma, 22 de março

Os jornaes d'esta capital constatam a importancia da queda do Przemysl. O *Giornale d'Italia* põe em evidencia o erro commettido pelos austriacos fazendo entrar em Przemysl um exercito que já tinha sido derrotado no San.

Crê este jornal que o effectivo das tropas austriacas que se renderam aos russos se eleva a 100:000 homens, e acrescenta ser impossivel avaliar n'este momento com precisão toda a importancia da victoria russa, mas que no entanto é de crer que as condições em que ficam as tropas austro-allemãs na Galicia e nos Carpathos se tornarão em breve muito criticas se não receberem reforços que contrabalancem os 150.000 russos que ficam agora disponiveis para atacal-as.

Diz mais que n'esta guerra, que não tem sido inglória para os austriacos, a resistencia de Przemysl é a mais bella pagina do exercito da monarchia. E' impossivel avaliar com precisão as consequencias da grande successo russo, no emtanto póde-se já affirmar que as condições desfavoraveis em que se encontra o exercito austro-allemão da Galicia e dos Carpathos peores se tornarão ainda se Berlim ou Vienna não mandarem immediatamente reforços para contrabalançar a vantagem resultante de ficarem agora livres os 150:000 homens que os russos tinham distrahido do exercito para assegurar o cerco da praça forte.

Commentarios francezes

Paris, 24 de março

Todos os jornaes põem em evidencia a importancia militar da tomada de Przemysl, que vae tornar possivel a invasão da Hungria; na politica dos neutraes não serão menos sensiveis as consequencias d'esta victoria russa.

Na opinião do major de Civrieux, do *Matin*, a posse d'este ponto estrategico é capital para os russos.

«São importantes as consequencias immediatas do grande successo agora obtido pelos nossos alliados; as forças que ficaram disponiveis vão ajudar o ataque contra Cracovia, ou a conquistar a posse das passagens dos Carpathos, conforme os planos do grão-duque Nicolau.

Além da força material, levam tambem a força moral que lhes dá a victoria alcançada; a pesada artilharia russa, ha mezes immobilisada, poderá ser transportada e empregada em novos e triumphantes missões; a artilharia dos nossos alliados vae ficar augmentada com os trophéus conquista-

---

Folhetim d'A CAPITAL 26-3-1915

CHRONICA MUSICAL

Beethoven

A 26 de março de 1827, durante uma tempestade de neve, ao ribombar de um trovão, morreu em Vienna Luiz de Beethoven.

Em meados do seculo XVIII, um musico flamengo, Ludwig van Beethoven, natural de Antuerpia, foi estabelecer-se em Bonn, onde exerceu as funcções de mestre de capella do principe-eleitor. Constituindo ahi familia, deixou um filho, tenor estupido e bebedo, que casou com uma pobre mulher, filha de um cosinheiro e viuva de um creado.

D'este casamento, nasceu, a 16 de dezembro de 1770, n'uma miseravel mansarda de uma casa pobre, um filho que, como seu avô, se chamou Luiz de Beethoven.

Tal é a humilima origem do maior dos homens.

Todas as grandes manifestações de superioridade, que, cada uma de per si, raramente se vêem desabrochar em alma humana, todas se reuniram na alma heroica e divina de Beethoven: e, se nunca de entre os homens ninguem se elevou tanto como Elle, nunca tambem homem algum foi tão alanceado pela Dôr.

Se, como diz Heine, é condição do genio o ser desgraçado, Beethoven seria realmente de ser o que foi.

Triste e amarga condição!

Em novembro de 1792, Beethoven, orphão, vae fixar residencia em Vienna, metropole musical da Allemanha.

A grande Revolução vem conquistando o mundo e todas as almas heroicas: conquistou tambem Beethoven, alma de romano, educada em Plutarco. E' ahi que Elle bebe a resignação e a força que o impedirá de se suicidar, quando attingido pela suprema desgraça: a surdez.

Elle proprio o diz na sua carta a Wegeler de 29 de junho de 1801:

«Muitas vezes tenho amaldiçoado a vida e o Creador. Plutarco conduziu-me á resignação. Quero, se isso ainda for possivel, quero arostar com o meu destino; mas ha momentos da minha vida em que sou a mais miseravel creatura de Deus».

Esta alma de revolucionario romano sonhava com uma Republica heroica, fundada por Bonaparte. Diz Schindler, o amigo que melhor o conheceu no ultimo periodo da sua vida:

«Elle amava os principios republicanos. Era partidario da liberdade illimitada e da independencia nacional... Queria que todos concorressem para o governo do Estado... Queria para a França o suffragio universal e esperava que Bonaparte o estabelecesse, lançando assim as bases da felicidade do genero humano».

Beethoven

Em 1804 escreve a symphonia heroica que intitula *Bonaparte*; mas, ao saber que Bonaparte assassinára a Republica coroando-se imperador, exclama: «Então não passa d'um homem ordinario», e rasga o titulo que substitue por: *Simfonia eroica...composta per festeggiare il sovvenire di un grand Uomo*. O grande homem já então morrera para Elle.

Acima de todos, ama trez homens: Homero, Plutarco e Shakespeare. Dos seus contemporaneos, prefere Goethe e Schiller; aquelle parece-lhe «grande, magestoso, sempre em *ré maior*».

Encontraram-se em 1812 nos banhos de Toeplitz; não se entenderam, o homem de caracter firme e orgulhoso republicano com o conselheiro aulico do grão-duque de Weimar.

Beethoven conta esse encontro a Bettina Brentano:

«Os reis e os principes podem fazer professores e conselheiros secretos; podem cumulal-os de titulos e condecorações, mas não podem fazer grandes homens, espiritos que se elevem acima do commum dos homens... e quando estão juntos dois homens como eu e Goethe, esses senhores devem sentir a nossa grandeza.

«Hontem encontrámos no caminho, ao voltar para casa, toda a familia imperial. Vimol-a vir de longe. Goethe largou-me o braço para parar á beira da estrada. Por mais que eu lhe dissesse tudo o que quiz, não pude fazer-lhe dar um só passo. Enterrei então o chapeu na cabeça, abotoei a sobrecasaca e, de braços atraz das costas, atravessei os grupos mais espessos.

«Principes e cortezãos affastaram-se; o duque Rodolpho tirou-me o chapeu; a imperatriz foi a primeira a cumprimentar-me.

«Os grandes conhecem-me.

«Para me divertir vi o cortejo desfilar deante de Goethe. Conservava-se na beira da estrada, profundamente curvado, de chapeu na mão. Deitei-lhe depois uma ensaboadella, não lhe perdoei nada...»

Sob esta altiva e digna independencia albergava-se o melhor e mais generoso coração. A sua Arte apaixona-o, mas além da Arte em si mesma e da gloria de ser o maior genio que a humanidade produziu, Elle vê principalmente n'ella o bem que lhe permitte fazer. Diz Elle a Wegeler:

«Por exemplo, vejo um amigo na necessidade: a minha bolsa não me permitte auxilial-o logo, basta-me sentar á mesa de trabalho; e, em pouco tempo, livro-o da afflicção... Vês como é encantador».

Tal era o grande e magnanimo coração d'Aquelle a quem condessa de Brunswick, a Immortal Amada, fez a synthese na dedicatoria do seu retrato.

«Ao raro genio, ao grande artista, ao homem bom».

Humberto de Avellar

dos, cujo numero, a julgar pelos esforços e pelas numerosas sortidas tentadas por uma importante guarnição, deve estar em proporção com a importancia que a Austria ligava á sua principal praça forte da Galicia, e nos febris balkans deve retumbar o reproduzir-se em fortes echos a capitulação de Przemysl.

Approxima-se a hora decisiva.»

Para o coronel Rousset (*Petit Parisien*) é este um dos mais importantes acontecimentos da campanha, porque Przemysl é uma fortaleza ultra-moderna e passa por ser a entrada da Austria:

«Em conclusão, diz elle, os nossos alliados estão victoriosos nas duas extremidades da immensa linha de combate que occupam; a sua entrada em Memel dá-lhes o accesso ás fronteiras da Prussia Oriental e o consideravel successo obtido entre Misyeniz e Chorzelle, a oeste de Astrolenka, deve abrir-lhes, em breve, o accesso a esta mesma fronteira na direcção de Allenshein.

Estabeleceram dois braços de uma tenaz que dentro em pouco se fechará sobre as tropas de von Eichhorn.»

EM SANTA CLARA

O movimento de 20 de outubro

Julgamento e absolvição de dois militares e de um commerciante

Para julgamento de João Caetano, soldado n.º 133 da guarda republicana, Valentim Martins d'Almeida, 2.º cabo da mesma guarda e Francisco Tavares, commerciante, accusados de estarem implicados no movimento de 20 de outubro, reuniu hoje o tribunal especial, sob a presidencia do general sr. Oliveira Garção. São defensores, do réu Tavares, o sr. dr. Camillo Castello Branco e dos outros dois réus o capitão sr. Osorio de Castro, o qual apresenta a sua contestação que se diz que, no caso de ter dar o crime como provado, elles devem ser apenas punidos por infracção do artigo 4.º do regulamento disciplinar do exercito e não pela lei de 30 de abril de 1912.

O soldado João Caetano nega ter entrado em qualquer conjura ou concerto para derrubar o regimen actual. Tinha armas em seu poder porque lhe disseram onde estavam enterradas. Foi desenterral-as e como não estivessem em bom estado concertou-as e vendeu-as para assim ganhar algum dinheiro. Nunca fez alliciamentos. Vendeu uma das armas ao seu collega e co-réu. O cabo Valentim de Almeida diz ter comprado a pistola, mas nega ter sido alliciado para qualquer acto revolucionario. Estando de serviço na Moita foi a Alcacer assistir a uma festa onde havia fogo de artificio, mas nunca para conspirar. O ultimo réu, Francisco Tavares, nega toda a accusação, declarando que, sendo commerciante, entram em sua casa republicanos, monarchicos e socialistas. E' monarchico, mas pode affirmar que não é contra a Republica nem a favor do extincto regimen. E' falso ter alliciado alguem ou ser detentor de armamento. Apresentou a um serralheiro o soldado 133, mas ignora do que se tratava parecendo-lhe no entanto que era do concerto de duas pistolas.

A primeira testemunha de accusação, o sr. Mathias dos Santos, tenente de guarda republicana, depõe como participante que foi do facto occorrido entre os dois militares e o commerciante.

O 1.º cabo n.º 63 da guarda republicana, Raul Antonio da Rocha que teve conhecimento do que se passava com os dois militares e indo em sua companhia veio fazer varias visitas pela cidade, verificando que elles alliciavam gente, tendo conferenciado com alguns policias da esquadra da Ajuda. A testemunha é largamente instada, declarando o sr. dr. Castello Branco que ella é o *auctor de todo o drama*. O advogado narra o caso de umas mantas, que nada têem com a causa que se está debatendo. A testemunha emprega uma phrase que faz com que intervenha o presidente.

A inquirição continúa, dando-se ainda um novo incidente, que termina rapidamente.

São ainda ouvidas as testemunhas de accusação soldados Manuel Correia, José Freire e José Matheus e 2.º cabo Antonio de Carvalho, depondo em favor dos accusados os srs. João Feliciano Gouveia, Cesario Fernandes Martins e Manuel Vaz Agostinho.

Depois dos debates, que foram curtos, o juri recolheu para deliberar, tendo de ser chamado o coronel sr. Sande de Menezes e Vasconcellos, por ter sido acommettido de doença subita o coronel sr. Tamagnini de Abreu. O crime foi dado como não provado, pelo que os réus foram absolvidos.

VIDA ARTISTICA

O tumulo de Garrett

O conselho dos monumentos nacionaes, na sua reunião de hoje, occupou-se, entre outros assumptos, da collocação do tumulo de Garrett no mosteiro dos Jeronymos. Como se sabe, entre aquella corporação artistica e a associação Garrettiana estabeleceu-se, um tempos, uma certa desintelligencia a esse respeito. O local primitivamente designado para receber o tumulo monumento era na capella da entrada, não que isso resultasse claramente do programma do concurso, mas porque as dimensões indicadas correspondem exactamente ás d'aquellas capellas. Com o decorrer dos tempos o recebido o projecto verificou-se que as dimensões d'este e o seu valor artistico reclamavam um logar mais evidente dentro do templo. Pensou-se, então, em consagrar á memoria do auctor de *D. Branca* a capella do trasepto, justamente onde se guardam os restos mortaes do escriptor e onde se chegou a fazer a cerimonia do assentamento da pedra para o monumento.

O conselho dos monumentos, estando ausentes muitos dos seus vogaes, tove n'essa occasião uma reunião e resolveu oppôr-se a que a associação garrettiana levasse por deante o seu intuito.

Publicaram-se folhetos, encheram-se columnas de prosa nos jornaes, que deram em resultado aggravar-se mais o conflicto, no que resultou não se concluir o monumento.

Espontaneamente agora, o conselho dos monumentos nacionaes volta a tratar da questão, no proposito de dar ao tumulo o logar desejado, constando que o parecer d'esse conselho é auctorisar a collocação do monumento na referida capella a titulo provisorio, emquanto não estiver creado o pantheon nacional, ou não seja, supponhamos, o que n'aquella capella seja construido o tumulo-monumento de Affonso d'Albuquerque, assente como está ser o mosteiro de Santa Maria de Belem o pantheon exclusivo dos grandes homens da India.

THEATRO DE S. CARLOS

Serão de Arte Portugueza Antiga

promovido pela Federação Academica de Lisboa

Senhor ministro da instrucção, senhor reitor da Universidade de Lisboa, minhas senhoras e meus senhores:—A direcção da Federação Academica de Lisboa honrou-me com o convite para dizer algumas palavras no serão d'esta noite, dando-me a alegria de me escolher para seu arauto n'uma festa tão bella, tão evocadora e singular como a de hoje, e é evidente que eu não podia escusar-me ao convite com que os estudantes das escolas superiores me distinguiram, entre outros motivos porque tenho já bastante passado para não poder recusar aos mais moços o que elles me queiram pedir. Disse-lhes pois que viria aqui com o melhor gosto abrir a sua festa, que é a mais bella festa academica de que ha memoria entre nós e a mais intelligente das noites habituaes d'estes espectaculos, em cuja ruidosa, desordenada e ás vezes mesmo excessiva alegria todos que passaram pelas escolas collaboraram um pouco, e a que eu assisti algumas vezes em Coimbra, no tempo por assim dizer ainda classico em que frequentei a sua velha e querida Universidade. O meu prazer de collaborar no serão de hoje, em que venho apenas dizer algumas palavras de commentario ao programma,—e não realisar uma conferencia que, se pretendera ser sabia, correria o perigo de ser fastidiosa para v. ex.as, que não vieram ao theatro para ouvir uma prelecção, é difficil para mim, que não sou mestre,—esse meu prazer deriva pois de dois factos: ser a festa de escolares e ser tambem uma grande noite de arte portugueza, um serão que é todo elle uma obra de arte authentica, animado do espirito de respeito e de ternura pelas coisas bellas da patria. E é este, quanto a mim, minhas senhoras e meus senhores, um facto que nos deve fazer meditar:—o de os estudantes de Lisboa se associarem, com tão nobre e culto espirito, ao movimento de reconstrucção em que se empenham todos que amamos a nossa terra.

Ha pouco tempo, n'um artigo do jornal em que ao mesmo tempo accusava de negativista a geração a que elle proprio pertence, o eminente homem de lettras que é o sr. Ramalho Ortigão abençoou, como um avô pode abençoar os netos que o contentam, as gerações novas de Portugal. E aos desalentados, aos pessimistas que abundam entre nós, nada sei de melhor do que mostrar-lhes a significação da noite de hoje.

Os estudantes pretendem já agora—com que isso exclua aquella animação que deve sempre todas as suas festas,—pretendem já agora não apenas fazer-nos ouvir uma tuna á moda de Salamanca ou assistir a uma revista de occasião, mas ainda offerecer-nos uma festa que inevitavelmente se ligará á fé de renascer que os anima tambem a elles, e que, porque elles proprios são o futuro e as gerações de ámanhã, nos deve encher de confiança em dias melhores que os do nosso tempo,—dias confusos e incertos, mas da dôr dos quaes tem sahido uma concepção mais consciente, mais profunda e mais amiga da patria.

Os estudantes das escolas superiores de Lisboa tornaram-se, com a sua iniciativa effectuada esta noite, merecedores do nosso applauso e da nossa gratidão mais commovida. Com essa iniciativa vem a alegria ao coração de alguns portuguezes que tem trabalhado—isolados do applauso e da gloria facil—pela arte e pela tradição da sua terra, que são as duas coisas sem as quaes ella não pode viver, pelo menos com dignidade,—e que tem visto que não é debalde que tem vivido, que os estudantes de hoje, em que estão as esperanças do futuro, se ligam por este modo ao futuro que ao presente. E porque é no futuro que nós devemos crêr, appellando para gerações capazes de realisar essas obras educadoras d'aquelles que nem sempre conseguem sêl-o, elles mesmos provieram, devemos todos alegrar-nos por ser a representação d'esse futuro de esperança que hoje nos levanta aqui o coração.

N'estas palavras, com que Affonso Lopes Vieira começou a sua conferencia por que abriu a parte primeira do serão, está feito o elogio justo da bella iniciativa dos academicos de Lisboa; e, porque com ellas inteiramente concordamos, e porque ninguem diria melhor, em mais simples e sã prosa portugueza, ahi as deixamos para regalo dos que ainda amam as coisas sinceramente sobrias e bellas, lamentando não poder publicar na integra a explendida palestra.

Do modo como Lopes Vieira a disse, sabem-no todos os que alguma vez o ouviram, inutil é falar; tão sobria na dicção como na escripta, essa arte tão sobriedade não exclue o calor e o poder de convicção, antes o robustece e augmenta, fazendo que, até quando o conferente, levado por aquelle extremosissimo amor por tudo o que é portuguez, força um tanto a triste realidade das coisas, nós nos convençamos no momento de que o que elle diz é assim, que não podia deixar de ser assim.

E' que Lopes Vieira é de facto hoje o nosso primeiro conferente, aquelle que mais honestamente e em melhor linguagem diz o que tem a dizer-nos, e só o que é necessario que nos diga. Qualidades estas, que, por cada vez mais raras serem, tanto mais são para prezar.

Por isso tudo o que elle nos disse sobre o magnifico programma foi bello de ouvir-se, encantador de sentir-se, precioso de aprender-se.

Infelizmente ao serão não acorreram todos aquelles para quem devera ser sumo prazer um tal espectaculo de Arte, mais ainda pelo que elle significava, que pelo modo da sua realisação; e, facto estranhavel, sendo a festa da Federação Academica, que representa todas as escolas superiores, a concorrencia de estudantes era tão parca, que antes parecia tratar-se de uma festa dada por um reduzido grupo.

D'ahi um ar de morna tristeza, que muito chocava pelo que tinha de paradoxal n'uma recita de rapazes.

Não nos demoraremos na apreciação da parte recitativa e comica do serão; apenas diremos que Chaby recitou admiravelmente a *Exhortação da guerra contra os mouros de Azamor*, de Gil Vicente, que, dado o ar melancholico do ambiente, não provocou aquelle fremito de enthusiasmo que perpassou pela plateia do Republica, quando ha quatro annos o mesmo artista ahi a disse; e que Lucinda Simões foi preciosa na *Lyrica* da *Marilia de Dirceu*, de Gonzaga.

Na farça do Gil Vicente, sobre a qual Lopes Vieira bellamente dissertou na sua conferencia, é justo destacar o estudante João Leite Velho, no papel da velha mãe de Izabel, praguenta e colerica, e Moura Carvalho no escudeiro.

A parte musical comprehendia trez ordens de composições: primeiro, Mademoiselle Maria Rey Colaço executou n'um cravo da epocha, cujo fragil som tão poderosamente evoca o passado distante, uma *Toccata* de Carlos de Seixas e *Minuetes* de Francisco Xavier Baptista, compositores da segunda metade do seculo XVIII, o primeiro dos quaes era sem duvida mestre talentoso, pois a *Toccata* revela solidas qualidades de musico, parecendo-nos pelo contrario os minuetes um tanto decadentes.

Na terceira parte uma orchestra simphonica, dirigida pelo sr. Fernandes Fão, executou a transcripção para cordas do motete *Crux fidelis* de D. João IV, executada já o anno passado no concerto de musica historica dado no Theatro da Republica; do motete, escripto para quatro vozes, nenhuma ideia póde fazer-se na transcripção, cuja inserção no programma não nos pareceu feliz. A orchestra executou ainda a introducção da opera *Spinalba* de Francisco d'Almeida, a abertura do *Ouro não compra amor* e a marcha de *Adrasto* de Marcos Portugal. A sr.ª D. Magdalena Metello Antunes e o sr. Antonio Caldeira cantaram, respectivamente, arias de *La Spinalba* e de *Ouro não compra amor*.

O sr. Antonio Caldeira, que é um baritono de timbre agradabilissimo e que ainda ha pouco tempo tivemos occasião de apreciar n'um concerto de musica de camara, não dispõe de voz sufficiente para uma sala das dimensões da de S. Carlos, não podendo dominar a orchestra, mesmo do seculo XVIII. Da audição d'estes trechos de Marcos Portugal resulta bem claramente o extraordinario valor do operista portuguez; não resistimos a transcrever a parte da conferencia em que Lopes Vieira se referiu a Marcos:

«Eis um artista cujo destino é por demais singular,—um nome sonoro que enchen todos os theatros illicos da Europa, e que hoje só as nossos ouvidos em que possamos infelizmente ligarlhe um sentido profundo, a nossa admiração consciente. Porque é que o conhecemos de nome, mas que muito pouco conhecemos da sua obra. Todavia, essa obra foi a d'um dos mais fecundos e adorados creadores de melodias, d'um genio que soffreu todas as influencias da sua epocha e que por isso mesmo foi aclamado pelo ardente enthusiasmo dos seus contemporaneos,—muito preferido e facil que espalhou o seu talento por cerca de cem obras, vinte das quaes foram cantadas n'este theatro de S. Carlos, sendo a primeira d'ellas *La donna di genio volubile*, em janeiro de 1799, e que anteriormente fôra já cantada em Parma, em Veneza e em Dresde. Que familia era a sua? Quem foram os seus mestres? Não é facil responder a estas perguntas, nem é esta a occasião de procurar a resposta. Marcos certamente revelára muito cedo a sua vocação musical tocando no espaço dos seminarios que frequentava e, muito moço ainda, appareceu-nos em Madrid, empregado-se como acompanhador de cravo na opera italiana, d'onde o arrancou o marquez de Louriçal, embaixador portuguez, o mandou estudar em Italia. Certo parece que o primeiro dos seus triumphos na opera foi *La Bacchetta misteriosa*, acclamada em Genova como uma magnifica revelação musical em que os genovezes deslumbram um grande encanto de ideias e de phrases novas. Desde então a vida de Marcos Portugal é um constante trabalho e de gloria. Todos os primeiros theatros de Italia disputam a honra de fazer ouvir a sua musica. O compositor tem os mais bellos triumphos no *Fenice* de Veneza, no *Scala* de Milão, no *Pergola* de Florença; os mais celebres artistas, entre elles a Billington, a Catalani e a portugueza Luiza Todi, criam os principaes papeis das suas operas; dois theatros em Florença cantam-lhe a mesma opera n'uma noite; segundo a tradição refere, n'uma cidade italiana o publico obriga os artistas a bisar um acto inteiro; em Veneza é com musica sua que se festejam carnavaes, até que a sua fama enche toda a Europa e as operas de Marcos Portugal são cantadas em França, na Inglaterra, na Austria, na Allemanha e na Russia.

Em 1800 o compositor voltou a Lisboa onde foi nomeado mestre do seminario patriarchal e mestre da capella real e director do theatro de S. Carlos, fazendo cantar n'este palco doze das suas operas. E' este periodo da sua vida que o mestro, vindo da Italia libertina e amavel para o Portugal fradesco e enraigado, escandalisou a côrte devota da rainha D. Maria I com os seus amores com Rosa Fiorini, uma cantora mediocre mas bella, que se vestia de Directorio, com quem o artista teve a ousadia de apparecer n'este theatro na presença da côrte, o que o intendente Pina Manique quiz prender e expedir para longe da força de uma fragata.

Tendo sido bastante septico para servir os francezes invasores e até para organisar uma recita de gala, que Junot deu n'esta sala, Marcos, quando este theatro fechou, partiu para o Brazil, onde o principe regente o acolheu com boa amisade, e onde dirigiu os então recentemente inaugurado theatro de S. João, no qual se levaram obras suas. E' então que Marcos Portugal, após esta vida de gloria, de brilho, de aventuras, de se haver embriagado com todas as victorias, de ter sido adorado por todos os publicos, se dedica a uma das mais bellas e piedosas tarefas que podem assignalar e consagrar a vida de um compositor, dirigindo o pequeno conservatorio de Santa Cruz e ensinando musica aos escravos—singulares discipulos que, todavia, foram capazes de occupar logares na orchestra da capella real e até de representar uma pequena opera que o maestro escrevera para elles.

Não me pertence a mim avaliar, nem a occasião seria propicia para julgar o talento de Marcos Portugal, cuja musica, de resto, tão pouco conhecida é por nós; mas creio que podemos desde já assentar em que elle foi tão bom como os melhores italianos do seu tempo, tão grande musico como os seus contemporaneos Cimarosa e Paisiello, e outros que no seculo XVIII escreveram essas operas ligeiras para cujos librettos tudo servia, mas nas quaes se encontram composições de um grande encanto já hoje para nós, porque representam a primeira phase, ainda sobria e pura, proxima de Mozart, d'essa musica que depois se banalisou até merecer as ironias terriveis que lhe tem sido jogadas.

Marcos Portugal é na realidade um dos mais notaveis musicos italianos que se conhecem, e a tristeza é que elle, vindo na sua epoca, não nos tenha podido pertencer mais que pelo nascimento.

Tal foi a vida do grande compositor portuguez de operas italianas, cujo estilo tão elegante como o dos melhores do seu tempo, decerto não foi licão inutil para Rossini. Não se julgue, porém, que Marcos Portugal fosse um compositor portuguez, por causa diversa da de ter nascido em Portugal; infelizmente, Portugal nunca foi um paiz de musicos creadores, nem o poderia ser, pela carencia de rithmos; de facto, na musica popular viva só nos apparece o ritmo de marcha, o que torna impossivel a variedade necessaria para composições vastas; assim, os compositores portuguezes terão sempre de filiar-se em escolas estranhas, a não ser que um genio venha crear aquillo que falta. Virá ainda? Esperemol-o.

Fechou o interessante serão por trez coros religiosos populares cantados por trinta rapazes com uma simplicidade de estilo e rigor de afinação, que nada fizeram perder do sabor ingenuo da musica.

E assim terminou esta festa escolar, unica nos fastos universitarios de Portugal.

H. de A.

O COMBATE DE NAULILA

O clarim dos dragões de Mossamedes chegou hoje a Lisboa

O que elle nos disse

Pouco antes do meio dia de hoje atracou ao Caes da Areia o *Moçambique*, da Empreza Nacional. A bordo além de varios passageiros e alguns sargentos, vinha o clarim dos dragões de Mossamedes, esse esquadrão de heroes que soube morrer nos campos d'Africa defendendo a bandeira da Patria. O clarim chama-se Augusto dos Reis; é baixo, amarellento e magro, pequeno buço preto e olhos vivos que lunetas foscadas protegem da luz.

Encontrámo-nos com esse valente já a hora adeantada da tarde, no hotel dos Bicos, á rua dos Bacalhoeiros, e foi a uma meza no andar terreo que, muito á pressa, ouvimos da sua bocca fatigada a narrativa do combate historico de Naulila.

—O combate, ou antes os preparativos para o combate—diz-nos o clarim Augusto dos Reis—começaram propriamente a 13 de dezembro. Nós estavamos em Sou. Os allemães fizeram fogo contra nós e quebraram as pernas a dois rapazes do meu esquadrão. Depois, no dia 14, mais fogo e mais um collega meu com uma perna partida. Pela nossa parte prendemos um soldado e matámos um cavallo e um sargento lá d'elles. Em 15, 16 e 17 não houve nada. Mas na madrugada do dia 18, devíamos ser umas trez horas, tivemos noticias de que uns 2.000 allemães vinham cercar Naulila por todos os lados e que já se encontravam no rio a pouco mais de Naulila. Nós, que estavamos junto do Cunene, como lhe disse, avançámos com vedetas e guardas avançadas para os flancos. Mas 500 metros dos allemães estacámos. Estes, presentindo-nos, desviaram-se e foram para Ancuangue. Percebemos que estavamos muito poucas forças. Então, o tenente Aragão, vendo uma das posições da cavallaria allemã disse ao alferes Sereno que ficasse a cavallo com o seu pelotão; mandou o 1.º sargento Oliveira collocar-se a pé com linha de atiradores e mandou avançar o resto. A cem metros, como o fogo d'aquelles diabos fosse mais intenso, o nosso tenente mandou carregar. Ah! Caramba! O senhor não imagina o que aquillo foi! Nós eramos 85. Elles eram mais de 300! Cahimos sobre elles e a arma e espadeirada matámos-os todos. Julgavamos já ganha a victoria, quando, inesperadamente, o resto da tropa allemã apertou o cerco. Então foi um desastre. O tenente Aragão ainda quiz avançar outra vez, mas nós fomos cahindo, até sermos já sómente 7 a cavallo e uns tantos de pé mas sem cavallos.

«Veja lá o senhor o que a gente havia de fazer. O nosso tenente ainda gritou: «Eh! rapazes, não esmoreçam!» Mas veiu uma bala que lhe atravessou o vasio, salvo seja, e elle lá foi cahir em cima do cavallo que o levava á desfilada pelo mato proximo... Sabe-se lá onde elle foi cahir!

«Eram depois so 11 e ás 9 e meia, hora a que o combate acabou, estavamos no tal sitio, o alferes Raul de Andrade e meia duzia de praças que desappareceram. Estes alferes ainda resolveram debaixo de fogo, irmos para a fortaleza. Fomos. Mas uma granada, rebentando, pegou fogo proximo de nós e um chinego. Eu então disse para o meu alferes:— Oh! meu alferes, toco a marcha de guerra para afugentar aquelles ratos?—Toca, sim, disse-me o alferes Andrade. E puzme a tocar e tocar a muitos toques.

—Como, ficou ferido?

—Foi á porta da fortaleza. Como a vêsse já em poder dos allemães, enraivecido, puz-me a tocar com toda a força uma marcha de guerra, e veiu uma das *dum-dum* e esmigalhou-me o braço esquerdo...

«Atravessei a fortaleza e junto ao rio Cunene uns pretos roubaram-me, deram-me uma bebida, e deixaram-me. Atravessei o rio e fiquei sem sentidos. Tinha perdido muito sangue. Um medico de infantaria 14 levou-me. Depois não sei o que se passou.

—E onde estava o resto da força portugueza?

—Não sei. Lá com os outros não me meto. Só lhe posso dizer o que se passou com os meus camaradas. Os nossos ninguem os pode criticar os superiores!—acrescentou.

E no rosto do heroico clarim perpassou uma nuvem de tristeza e de dôr. Talvez dolorosa recordação de coisas tristes.

Com uma bala no ventre

A imprudencia das creanças

O menor de 10 annos Antonio, filho de José Francisco de Santa Barbara, residente na freguezia de Colos, concelho de Odemira, foi hontem á casa de um seu irmão, de nome Joaquim, morador n'um logar distante d'aquella freguezia. Comeou ali a brincar com outros menores e, encontrando um revolver, entretiveram-se com a arma. Em dada altura, um dos pequenos puxou o gatilho e a arma disparou-se, indo a bala attingir o Antonio no ventre.

Trazido para Lisboa, deu entrada na enfermaria de Santa Estephania do hospital de S. José, não sendo o seu estado grave.

ULTIMA HORA

FANTOCHES DE PAPELÃO

"Diario dos Pimentas,,

De como se explica a verdadeira genese das notas officiosas

Scena I

Dia friorento. Muitas nuvens, rolando pelo espaço, em ameaças persistentes de chuva. Mas em logar de agua cahem, de quando em quando, olheiradas ephemeras de sol. Arcada no mesmo triste abandono de sempre. Não passa um conhecido. A não ser o sr. Americo d'Oliveira, cujas longas barbas se espanejam, batidas pelo vento, lá para as bandas do ministerio do interior, tudo o mais é gente que não tem o habito das coisas politicas. Os mesmos mendigos e os mesmos maltrapilhos de sempre. A Arcada está, positivamente, cada vez mais por baixo...

Vejo-me ás aranhas para installar, em bom sitio, os meus fantoches. Que diabo, é preciso que «D. Roberto» tenha publico. Sem isso, as suas maximas politicas serão improficuas. Fixamo-nos, emfim, defronte do ministerio da justiça. O sr. Guilherme Moreira acaba de entrar. «D. Roberto» espreita. Vê-o. Vae principiar o espectaculo.

—Está cada vez mais trigueiro!—exclama o chefe da minha «troupe» de fantoches. Aquelle bigode, aquelle bigode... Dava bem para uma duzia de bigodes fartos, de policia...

E o boneco frouxa n'uma gargalhada, como se tivesse atirado ao seu publico um torrão precioso da mais authentica graça portugueza.

—A final, quem ganha as arruaças?

—As de Coimbra? As que elle prometteu ao «Nacional»? Ora adeus, amigo! O Moreira quando aposta já sabe que não perde. E' pecha antiga.

—Não fórma, então, partido?!

—Cantigas! Falta-lhe pessoal abundante. Partidos sem comparsaria não ha. Primeiro que tudo, o eleitor. O resto vem depois. E' do proprio eleitor que sae. E o Moreira sabe-o muito bem.

A primeira scena termina aqui. «D. Roberto» desapparece inesperadamente e a surpreza que isso causa é enorme. O publico protesta. Em vão. O meu endiabrado fantoche não transige. Corro a cortina vermelha da barraca e vou em busca d'outro sitio. Encontral-o-hei?

Scena II

Cá estamos. «D. Roberto» resuscita. Vem de bom humor, prasenteiro, sorridente, bem disposto. De mão na mão direita e com um papelito amachucado na esquerda, percebe-se, logo de entrada, que tem coisas importantes para referir.

—Mas aquillo é uma nota officiosa!—grita do lado um outro boneco, cheio de audacioso atrevimento.

«D. Roberto» hesita. Mas para evitar atrevimentos futuros manda ao parceiro uma paulada que o deixa n'um figo. E atraz da primeira vão outras e vão tantas que o polichinelo de farelo e trapo fica sem concerto.

—Toma! Toma! Toma!—guincha «D. Roberto». Para que não te mettas onde não és chamado.

A desordem dura um ligeiro instante. Depois «D. Roberto», já mutissimo mais humanisado, explica tudo. Não ha fantoche com mais caprichos. Só fala quando lhe apetece. Fóra d'isso, é como o sr. Pimenta de Castro—diz tudo ao contrario.

—As notas officiosas... Vocês sabem o que já lhes chamam por ahi?—pergunta «D. Roberto». Não? N'esse caso ouçam... E' um capitulosinho de farça que não póde ficar inedito. E' por meio das notas officiosas que o governo communica com a Nação. Quer demittir um funccionario? Está bem. Uma nota officiosa lança a noticia e o governo fica-se a ver o effeito que faz. Logo a seguir, surge outra nota, não menos officiosa, a dizer que é falso, que não se pensa, nas altas espheras governativas, demittir quem quer que seja.

—Exactamente. E' assim mesmo...

—Olha a novidade—chasqueia «D. Roberto». Que é assim sei eu. Mas falta o resto. Apesar de todos os desmentidos, a annunciada demissão acaba sempre por vir. E' dos livros. Mas não se queda o governo por aqui. Como é preciso explicar, os ministros explicam. E' sempre então nas notas officiosas dizendo porque se põem na rua funccionarios exemplares, porque se tomam determinadas deliberações, etc., etc.

—O que vale é ser da melhor a prosa governativa...

—E'. Mas em geral não se percebe. Sobretudo quando sae pelo, portão largo do governo civil. Se até já me disseram que estas notas mais que officiosas do governo e dos seus subordinados o «Diario dos Pimentas».

Ha froixos de riso na assistencia. «D. Roberto» ri tambem á gargalhada e o episodio termina. Lá dentro, na arca onde os fantoches repousam, as graçolas continuam. Ah! Que se o governo ouvisse o que os meus polichinelos dizem, bem provavel era que mandasse fazer em verso, por um poeta de genio, as notas officiosas do seu «Diario» em que elle tanto gosta de escrever. Assim, o seu «Diario» mal se lê...

Scena III

A' porta do ministerio dos estrangeiros. O sr. ministro acaba de entrar. Está mais janota. Cuida mais da sua pessoa. Ha até quem diga que o sr. Theophilo Trindade anda em energicas negociações para adquirir um chapéu de côco um pouco mais á moda, inteiramente differente d'aquelle que, com sua excellencia, transitou para aqui do ministerio das colonias. Effeitos da convivencia...

«D. Roberto», ao vêr passar o sr. Trindade, franze os labios na sua ironia...

—Vae, coitado, terminar a guerra? —inquiro «D. Roberto». Deve ser uma simples questão de dias...

Os outros fantoches e o publico irritam-se. Não póde ser. O chefe da «troupe» está fazendo pouco de todos nós.

—Mas vae acabar a guerra porque?—pergunta o respeitavel publico.

—Que diabo, vocês não vêem um palmo adeante do nariz! Pois é clarissimo. Nem a mais limpida agua lhe ganha!

—Essa agora! Cada vez percebemos menos.

—Pois não vêem o Camacho? Elle é o dono da Allemanha, da Inglaterra e da França. Conquistou tudo isso com os seus diplomatas. A propria Italia tambem não soube resistir-lhe...

—E a Belgica, e a Russia?!

—Não lhe pertencem ainda? Lá chegaremos! Com relação á Russia, não é para estranhar que seja unionista e como o sr. Alves da Veiga póde demittir-se qualquer dia, bem provavel é que do Calhariz saia outro diplomata que vá substituil-o.

—E depois?

—A paz? Está, evidentemente, nas mãos do sr. Camacho. Quando elle quizer, junta em concilabulo os seus enviados especiaes de Berlim, Londres, e Paris e o conflicto termina. Não ha maneira de lhes resistir...

A «blague» é audaciosa. «D. Roberto» deixa-a cahir dogmaticamente, sublinha-a com trez bordoadas na tosca ribalta de pinho e sommese de novo. O publico abala tambem, satisfeito. E' que, n'esta terra das coisas estranhas o inverosimil ainda é o que mais captiva os ingenuos caçadores d'impossiveis.

A. M.

O general Pau

BUCAREST, 26.—O general Pau partiu para Sofia onde será recebido pelo tzar Fernando.—(Havas).

Cruz Vermelha

Para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas: Delegação distrital da Cruz Vermelha de Vianna do Castello, producto de duas subscripções abertas no referido districto, 15$12; da mesma delegação, producto de um bando precatorio ali realisado, 50$00.—A transportar, escudos 18.115$87.

As "futuras" juntas administrativas... da monarchia

Dada a situação politica que nos governa, era de calcular que os monarchicos *desarmassem* inteiramente os seus planos de investida contra o regimen, muito embora as declarações que elles teem feito em tal sentido sejam tão cathegoricas que auctorisam a suppor que elles pensam... exactamente o contrario.

Um nosso amigo que fez recentemente uma viagem pelo estrangeiro contou-nos que, na sua passagem pela Hespanha, obteve curiosas informações sobre as esperanças que animam hoje os conspiradores que ainda por lá se encontram. Essas esperanças são varias e de varia especie.

Uma das informações, por exemplo, diz que os monarchicos vão trabalhar activamente na organisação dos *comités* eleitoraes em todo o paiz, com o fim reservado de os transformar, na devida altura, em juntas administrativas... da monarchia. E' claro que essa intenção não passará de uma ingenuidade, pois que o governo não deixará de estar attento, como lhe cumpre, aos manejos dos inimigos do regimen. Mas, mesmo como *ingenuidade* convém archivar o curioso informe.

Uma festa de artistas

A companhia do theatro de S. Carlos festeja o anniversario do seu director

Os artistas do theatro de S. Carlos, querendo significar mais uma vez ao visconde de S. Luiz Braga a grata estima e admiração que lhe consagram e aproveitando o ensejo do anniversario natalicio do seu emprezario, reuniram-se hoje do theatro e á chegada do seu director organisaram uma pequena festa intima para a qual tiveram a gentileza de convidar varios amigos da casa, auctores dramaticos e membros da imprensa.

Em nome dos seus camaradas, Augusto Rosa offereceu a S. Luiz Braga uma linda peça de prata cinzelada e, tomando uma taça do *champagne*, accentuou em commovidas palavras quanto os artistas lhe estavam agradecidos pela forma como deante do seu gosto se acham reconhecidos os artistas do extincto Republica pelos esforços envidados por S. Luiz Braga para que se não quebrassem os laços que ha decesete annos os reuniu.

Profundamente emocionado, o nosso querido amigo Braga respondeu accentuando toda a amisade que os presentes lhe merecem e, evocando a memoria dos artistas mortos, Rosa Damasceno, João Rosa, João Gil, Augusto Antunes e Carlos Bayard, lamentou não os vêr presentes para poder estreitar-lhes no mesmo agradecido abraço com que apertava ao coração os seus amigos da hora presente. Referiu-se egualmente aos seus socios Antonio Ramos e Celestino da Silva, que se achavam presentes e foram muito felicitados.

Em nome dos amigos da casa, auctores e jornalistas presentes, Eduardo Schwalbach soube enternecer com a magia da sua palavra singela e carinhosa, não só o festejado mas todos os que o escutavam, prestando a S. Luiz Braga uma merecidissima homenagem, a que todos se associaram com enthusiasmo.

Foi uma festa commovedora, que demonstrou claramente ao visconde com que seguras amisades elle pode contar para persistir na sua obra, onde dentro em pouco, reconstruido o Republica, as vicissitudes da epocha presente ficarão como um mau sonho desfeito.

A exoneração do sr. João Chagas

Só hoje é que foi publicado no «Diario do Governo» o decreto de exoneração do sr. João Chagas. Tem a data de 2 de março e diz o seguinte:

Usando da faculdade que me confere o n.º 4.º do artigo 47.º da Constituição politica da Republica Portugueza: hei por bem, sob proposta do ministro dos negocios estrangeiros, conceder ao chefe de missão de 1.ª classe, João Pinheiro Chagas, a exoneração que pediu do cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Paris, para o qual fôra nomeado por decreto de 21 de novembro de 1911.

Não se diz que o sr. João Chagas desempenhou o seu logar com zelo, dedicação e acendrado patriotismo, que é a formula habitualmente usada em taes casos e que seria agora absolutamente justa. Verdade seja que a primeira excepção que essa formula teve, dentro da Republica e para republicanos, foi applicada pelo sr. João Chagas ao chefe do actual governo, demittindo-o de ministro da guerra do primeiro gabinete constitucional da Republica. D'onde se conclue que a vingança é o prazer dos deuses... e do sr. Pimenta de Castro.

Balanço diario

O sr. general Joaquim José Machado, governador geral da provincia de Moçambique, é esperado em Lisboa em principios de maio proximo. Muito embora a vinda á capital do sr. general Machado não tenha o aspecto d'um abandono definitivo do cargo que lhe tem sido confiado, é certissimo que não voltará, como governador da provincia, a Moçambique. Para esse cargo está indigitado o sr. vice-almirante Teixeira Guimarães, actual ministro das colonias.

Tabaco para Africa

O vapor «Zaire», a partir para Africa, levará para Mossamedes 350.000 cigarros e 7.000 charutos que a colonia portugueza da Bahia offereceu aos nossos soldados em campanha no sul d'Angola. Pelo ministerio das colonias foram dadas ordens para Mossamedes no sentido de a esse tabaco não serem exigidos nenhuns direitos.

Uma nomeação

O sr. D. Bernardo da Costa Macedo (Mesquitella), capitão de mar e guerra, que foi nomeado chefe do departamento maritimo do sul, chegou hoje de Africa, a bordo do «Moçambique». Ao que se dizia pela Arcada, o sr. D. Bernardo da Costa Macedo não acceitará o cargo para que foi escolhido.

Reexportação de mercadorias

Com o sr. ministro das finanças conferenciou hoje demoradamente o sr. Jayme Thompson, delegado da Empreza Nacional de Navegação, sobre a reexportação de varias mercadorias para a Africa Oriental que devem ser conduzidas nos navios d'aquella Empreza.

Solicitações de catholicos

Ao sr. ministro da justiça foi hoje apresentada pelo prior de Alcantara, Pinheiro Marques, uma grande commissão de catholicos d'aquella freguezia, que pediu auctorisação para continuar aberta a egreja parochial e permissão para constituir um agrupamento cultual provisorio.

S. Thomé

Tendo em tempos o Centro Colonial e a Associação de Agricultores de S. Thomé reclamado providencias ao governo, no sentido de ser consentida para aquella ilha a exportação de generos de Angola, acaba de ser permittida essa exportação apenas para aquella provincia, unica que d'elles carece.

Pelos ministerios

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram o sr. ministro dos negocios estrangeiros e o representante da Suecia em Lisboa. No ministerio do interior reuniu esta tarde o conselho de ministros.

Cruzador «S. Gabriel»

A Bissau chegou hoje este navio de guerra, que, como já se noticiou, regressa brevemente ao nosso porto.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. Mut. Antonio Maria Cardoso

Reune amanhã, pelas 20 horas, em 2.ª convocação, a assembleia geral para discutir e votar o relatorio, contas e parecer do conselho fiscal da gerencia de 1914.

THEATROS

E' amanhã que se realisa no theatro do Gymnasio a festa artistica do distincto actor Mario Duarte, com a *reprise* da *Bella Madame Vargas*, onde aquelle artista tem uma das suas melhores creações, e a primeira de *Onda*, peça original do sr. Ponce Leão, a que ha dias nos referimos.

O concerto de domingo no Polytheama

Festa artistica recomendavel

Grandioso concerto e merecedor de exito o que se realisa do domingo no Polytheama.

A Orchestra Simphonica David de Sousa, composta de professores conhecidos e de reputação artistica, faz a sua festa.

Esse nucleo de executantes de cathegoria, que tem proporcionado ao publico de Lisboa tardes de inolvidavel prazer espiritual, receberá a recompensa moral de um trabalho assiduo e fatigante, recebendo provas de consideração e apreço á sua comprovada competencia.

Contribuiram esses musicos experimentados, para o triumpho do seu maestro, em quem teem um amigo dedicado e do seu triumpho, partilham egualmente e com orgulho, parcella não pequena de cooperação honesta, dada com vontade calorosa, sem despeitos e modestia exemplar.

Concorrer pois, ao Polytheama no domingo, é um acto de justiça, a que os amadores musicaes e toda a fallange de tantos mais que a elle associarão a antecipada certeza de se deliciarem durante algumas horas, com partituras bellas e palpitantes de interesse.

SPORT

Kistemaeckers, feito homem de "sport,,

O romancista e dramaturgo francez Henry Kistemaeckers tem uma paixão violenta e apaixonada pela vida e pelo modernismo. Os seus trabalhos teem um valor exquisito e original, que agrada e que attrahe milhares de leitores. Na memoria das pessoas illustradas está ainda o successo brilhante d'esse bello drama humano L'Instinct, *no qual o auctor de* Marthe *e da* Blessure *affirmou o seu poderoso dom de emoção e as suas maravilhosas qualidades de homem de theatro. Emfim publicou—e isso merecenos especial referencia—uma especie de romance comico do automobilismo:* Will, Trim & C.ª, *que é um livro de leitura obrigatoria para todos os* sportsmen.

Henry Kistemaeckers perguntado pelo sr. Delagneaux sobre o que entendia por arte e sports *respondeu o seguinte que publicamos:*

«*As relações profundas de que falaes estão estabelecidas ha annos já entre os* sports *e as artes. Em materia litteraria especialmente, affirmam-se cada dia com mais caracter e com mais auctoridade. O ar forçou bruscamente as janellas do escriptor para o soprar com o seu halito benefico. A torre de marfim, onde se acolhiam e anemiavam pobres imaginações, foi sacudida pelo vento fresco. O chá, os bolos, o ether, a morphina, os sonhos, as mentiras, o adulterio, todos esses grandes conceitos do romance com pretensão psychologica, que collocaram ha tempos Paulo Bourget como um trovador entre as pessoas constipadas e sentimentaes da burguezia elegante, tudo desappareceu. São coisas velhas. Respira-se. Nunca o espirito francez, nas suas manifestações de arte, emittiu mais diversamente e mais apaixonadamente a sua preoccupação das sciencias positivas. Abri os livros, abri as revistas obscuras e numerosas que cahem diariamente, em massas compactas, nas livrarias e por toda a parte encontrareis essa curiosidade inquieta e ardente das manifestações praticas da intelligencia. Já não é a pesquiza da felicidade sentimental, é a infinitamente mais nobre, da felicidade social, que prende os rapazes novos de agora, que os interessa pela idéa e os enthusiasma e empallidece pelo esforço.*

Estou persuadido que é, em grande parte, ao desenvolvimento dos sports *que se deve esta evolução salutar. A bicicleta, o automovel collocaram o poeta em contacto com as fórmas activas da natureza. Descobriram o firmamento mais alto que o seu céu ideal e alargaram os horizontes além do* samovar *constante e perfumado.*

Eis a influencia dos sports *sobre a Ethica. E' banal á força da evidencia que a influencia não é menor sobre a esthetica. Verifiquemos sómente que voltamos á tradição dos Helenos, nossos paes intellectuaes, que associavam á belleza do corpo á belleza da alma.*

Perguntaes-me tambem se pessoalmente pratico os sports. *Evidentemente. Prego com o exemplo ha annos já! Ha perto de vinte e cinco annos que faço esgrima, equitação, patinagem e natação; ha quinze que uso a bicicleta; ha dez, pouco menos, que estudo e faço o automobilismo. E tudo isto com paixão.*

* * *

Nota do dia

desorganisação do «foot-ball»

Falámos hontem no provavel *debácle* do *foot-ball* lisboeta e dissemos que não enveredámos pelo caminho d'aquelles, que, n'um pessimismo exaggerado, julgavam essa *debacle* triste e incuravel.

Voltamos hoje ao assumpto para dizer que tudo se remediava se houvesse um pouco de mais brio sportivo e se a associação de Lisboa fosse sempre justa mas mais rude nos castigos dos que faltam aos seus deveres.

Exemplifiquemos com um caso da actualidade, passado no ultimo domingo.

Marcou-se um desafio de 4.ºs *teams*, para uma determinada hora, n'um campo dos arredores. A essa hora nenhum dos *teams* tinha comparecido. Doze minutos mais tarde comparece um dos grupos, que ficou no campo hora e meia á espera dos adversarios. Estes não compareceram. O mais curioso é que o proprio juiz de campo brilhou pela sua ausencia!

E querem avançar e progredir, procedendo d'esta maneira?

Algumas anecdotas

Mais um pela creada!...

Foi em 1885, quando havia em Bordeus uma feira com as suas barracas athleticas, que succedeu o seguinte: Apollon—então com 26 annos—fazia parte da *troupe* do athleta Jantien, cujas *arenas* eram as mais conhecidas e frequentadas das feiras meridionaes. N'esse anno e mesmo na frente da barraca, havia uma outra *troupe* cujas *estrellas* eram André Brandelli, Victor Jadin e Boyer de Nimes, cuja fama lhe creára o respeito dos mais fortes homens da França. Eram novos e valentes e estavam no maximo da *fórma* e de treino.

Naturalmente, existia uma certa rivalidade entre os athletas das duas *troupes* e os amigos communs discutiam a força dos campeões. Uns eram por Apollon, outros por Jadin. Este, notoriamente, tinha partidarios exaltados, que apostavam grandes quantias pelo seu *favorito*, affirmando que executava trabalhos que Apollon nunca faria.

Consultado o proprio Jadin, este animava os facciosos admiradores, garantindo que todos os athletas da epocha não faziam um *á la volée* com o seu alter famoso, o mesmo que todos os hercules conheciam pelo «rouleau» de Jadin». Esse alter era um *phenomeno*. Pesava 65 kilos. Era enorme e mal construido. A *pega* rodava, difficultando os exercicios, até mesmo o erguel-o até aos joelhos. Jadin era o unico—mercê da sua *garra* prodigiosa—que o erguia! E levantava-o com difficuldade! Assim repugnava-lhe a ideia de que Apollon o erguesse. Se todos tinham experimentado sem o conseguir, não admittia que Apollon fosse mais feliz...

Mal Jadin emittira a su opinião, logo um alviçareiro foi prevenir Apollon. Este respondeu immediatamente:

—Está bem. Que me traga o tal *rouleau* e vocês vão ver o que eu faço!.]

Nova viagem do alviçareiro para a barraca de Jadin, e este vinte minutos depois, entrava na barraca rival, carregado com o famoso *rouleau*. Estavam muitos athletas presentes e entre elles: Felix Bernard, Eugéne Robert, etc.

Jadin marchou direito a Apollon e atirou-lhe aos pés o *terrivel* alter.

—«Ahi está a *creança*. Pódes brincar com elle.

Levanta-o primeiro para eu vêr e garanto que o levanto a seguir».

Jadin accedeu. Com toda a *alma* agarrou o peso e levantou-o ao *á la volée* incorrecto.

Apollon viu como elle fizera e a um olhar de desafio de Jadin, sorriu. E começou a contar os espectadores.

—Doze, somos doze, pois bem, vou levantar o teu alter uma vez por cada pessoa.

E baixando-se agarrou a barra que Jadin considerava inviolavel. E então—coisa surprehendente!—viu-se o braço de Apollon baixar-se e levantar-se com o enorme alter seguro na sua mão gigante.

—Hein, Jadin, que dizes? Um, dois, tres, quatro... e o braço obedecia automaticamente.

Os olhos dos espectadores abriram-se desmesuradamente, seguindo com curiosidade aquella proeza do titan.

—Doze, trovejou Apollon, no momento em que a *creança* de Jadin subia pela 12.ª vez, seguro por um braço herculeo e victorioso. E permaneceu durante segundos com o braço levantado olhando—grande triumphador—o grupo de espectadores maravilhados.

N'esse instante, uma cortina afasta-se para deixar passar a creada do restaurant onde os athletas comiam.

—A sopa está na mesa, disse ella.

Então a face de Apollon *abriu-se* n'um largo sorriso. O braço baixou-se para se levantar ainda pela 13.ª vez:

—Ainda outro pela creada, rugiu o titan.

* * *

O professor Edmond Desbonnet, que nos fornece esta anecdota, diz que o famoso alter pertence actualmente ao Club des Boucheurs e que depois de Apollon só um homem conseguiu levantal-o—Emile Deriaz. O professor Desbonnet accrescenta que o famoso suisso o levantou carregado com mais 3 kilos!

Noticias

Entre nós

Uma «poule» de tiro aos pombos

A sessão que estava para se realisar ámanhã, em virtude da realisação da festa hippica em beneficio da Sociedade da Cruz Vermelha que mais uma vez ficou adiada, realisa-se definitivamente no domingo.

N'essa tarde disputar-se-ha a *poule* mensal, para a qual a inscripção é de 5$00, sendo os premios para os 3 primeiros classificados de 40$00, 20$00 e 10$00, havendo, como de costume, leilão de espingardas que promette ser animadissimo, visto n'elle poderem tomar parte as pessoas convidadas, não sendo portanto exclusivo dos atiradores.

N'esta *poule* devem tomar parte os trez atiradores da *équipe* lisbonense que foi ao Porto, srs. Luiz Oliva Junior, vencedor do 1.º premio, e conde de Almeida Araujo e José Castello Novo, vencedores do 7.º e 8.º premios. Foi uma classificação muito honrosa visto que o numero de atiradores era de 26, incluindo 5 de Lisboa.

Corrida que se transfere

Em consequencia do mau tempo fica transferido para o dia 18 de abril o passeio ao Dafundo, que o Luzitano Club Ciclista devia effectuar no proximo domingo 28.

Um novo grupo sportivo

Acaba de se constituir uma nova collectividade intitulada «Progresso Sport Grupo» o qual tem como directores fundadores os srs. Manuel Gomes Junior, Agostinho Ferreira e Mario Pires. Estes querendo festejar a inauguração promovem uma corrida de 6 kilometros, pedestre, que se realisará no proximo dia 4 de abril. Os premios para a corrida, que constam de trez medalhas, estão expostos na rua Saraiva de Carvalho, 105 a 107.

A final do campeonato do Porto

No proximo domingo, ás 16 horas, realisa-se no Campo da Constituição, no Porto, a final do campeonato de primeiras cathegorias promovido pela Associação de Foot-ball do Porto entre os clubs campeões das epochas transactas e o Boavista Foot-ball, que como se sabe empataram no desafio ultimamente realisado.

Dada a força dos dois clubs nota-se no meio sportivo uma certa effervescencia por este «match» sendo difficil prognosticar a quem caberá a victoria final.

No fim d'este desafio, serão distribuidos ás respectivas direcções dos clubs vencedores dos campeonatos de 1.as, 2.as, 3.as e 4.as cathegorias as respectivas taças instituidas pela Associação.

O 60.º anniversario da Associação Naval

Na ultima assembleia geral da Associação Naval foi approvada por acclamação uma proposta em que o sr. João Djalme Bastos alvitrou a ideia de se festejar com o maior luzimento no proximo anno de 1916 a data da fundação da Associação, e a celebração do seu 60.º anniversario, facto que plenamente se justifica pela sua longa e gloriosa existencia, sempre dedicada ao desenvolvimento e propaganda da educação phisica e do «sport» nautico, e longevidade só egualada por um limitadissimo numero de associações congeneres do estrangeiro.

Depois de largamente discutido o relatorio, foram por unanimidade approvadas as suas conclusões. Seguidamente, procedeu-se á eleição dos corpos gerentes, que ficaram assim constituidos:

Assembleia geral: presidente, Albert Macieira; vice-presidente, Virgilio da Costa; secretarios, João Affonso e Francisco Duarte Junior. Commandante geral, José Julio Correia da Silva. Secção de construcção: Charles Bleck, José Leal Wintermantel, Carlos de Sá Pereira, Francisco Duarte Junior e Antonio Maria Pereira Guimarães. Conselho executivo: Armando Soares Franco. Alvaro Gaia, Alberto Carlos Madeira, Victor Manuel de Noronha, Fernando Carlos Serra Costa; effectivos: Pedro Strauss d'Araujo e José Pedro da Silva Faria. Commissão revisora de contas: João da Costa Carvalho Tallone, Alfredo Futscher de Figuiredo, José Duarte, effectivos; Domingos Heitor Gomes e José Joaquim Serra Pereira, supplentes.

Lositano Sport Club

A convite do Foot-ball Club Gloria ou Morte, de Beja, partem para essa cidade no dia 28 do corrente, para jogarem alguns desafios de foot-ball, dois «teams» mixtos do L. S. C., sendo constituidos respectivamente por: 1.º Ricardo d'Abreu, Aragão S. Pinto, A. Reis, A. Ferreira, Rosado Fernandes (cap.), Accacio, Luiz, Lino Dantas, Torres Pereira e Tancredo. 2.º N. N., Janes, S. Fernandes, Castelão, Militão, Filinto, N. N., G. S. Pinto, Santos Dias, Mario Domingues e Manuel Garcia.

Concurso Hippico Internacional

Falava-se muito e dizia-se que este anno não se realisava o Concurso Hippico Internacional. Os boatos, porem, eram infundados. O concurso realisa-se em maio e a Sociedade Hippica Portugueza já iniciou os trabalhos de organisação.

O desafio do proximo domingo

E' anciosamente esperado o desafio de foot-ball do proximo domingo, porque os primeiros grupos do Sport Lisboa e Bemfica e do Sporting Club de Portugal vão disputar a final do campeonato de Lisboa e a posse da respectiva «Taça».

Os socios do Sporting Club teem entrada gratis com a apresentação, absolutamente necessaria, da quota de janeiro. O desafio realisa-se no imponente Stadium de Lisboa.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A inundação»

Da collecção «Auctores celebres», edição da Parceria Antonio Maria Pereira, sahiu o 9.º volume, contendo nada menos de quatro producções de Emilio Zola: «A inundação, A morte de Olivier Bécaille, Madame Neigeon e Jacques Damour». Ociosa seria qualquer critica que pretendessemos fazer, pois são já bem conhecidas as obras do mestre. A traducção é de Eça Leal e o preço do volume de 20 centavos.

«Elogio da loucura»

E' o numero 88 da «Collecção Antonio Maria Pereira», original de Eramo e traducção de A. J. Anselmo. Obra philosophica, é digna de attenta leitura e n'ella ha muito que aprender.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—*O Diabo*

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—A's 21—Fresco de Goya—Amigo Melquiadez—Metodo Gorritz.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—A bella madame Vargas—A ondá.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia equestre e gimnastica.—Festa artistica dos clowns Rico e Alex.

Agenda da semana

HOJE—**Gimnasio**—Recita da actriz Elvira Bastos—*O deputado independente*—*O minuete.*

Rua dos Condes—Primeira representação da *Feira da vida.*

AMANHA—**S. Carlos**—Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo.*

—**Gimnasio**—Recita do actor Mario Duarte—*A bella madame Vargas*—*A onda.*

DOMINGO—**S. Carlos**—Ultimo concerto de Vianna da Motta.

—**Politeama**—Concerto pela orchestra David de Sousa.

Medalhões

Elvira Bastos

Em trez epochas successivas do Gimnasio, Elvira Bastos tem-se revelado uma utilidade digna de apreço, falho como anda o nosso theatro de actrizes que demonstrem educação e cultura, se saibam vestir e apresentem sobre o tablado maneiras de sociedade. Em varias peças se teem assignalado, além d'estas qualidades, o seu desejo de trabalhar e a fórma intelligente como cuida dos papeis que lhe são confiados. Realisa hoje a sua primeira festa, que não deixará de ser enthusiastica, tanto mais que aos applausos que estão reservados á artista se associa o nome de um poeta, cuja estreia no theatro promette ser auspiciosa. Amen.

Cyrano

Boatos e informações

Realisa-se ámanhã, polas 21 horas, na séde social, rua D. Pedro V, 109, 2.º, a assembleia geral ordinaria da Associação dos Auctores Dramaticos, para eleição dos corpos gerentes e discussão do relatorio da gerencia actual. Reune, em segunda convocação, com qualquer numero.

● Realisa-se na proxima quinta-feira no theatro Apollo a recita dos auctores do *Fado e Maxixe*, sendo a revista augmentada com coplas e numeros novos.

Circos & Music-halls

Falando com Rico e com Alex

A curiosidade jornalistica, que nos chama a pesquizar noticias sensacionaes e novas para a publicidade, levou-nos a procurar os engraçadissimos «clowns» Rico e Alex e a fazer-lhe a pergunta: O que iam fazer de novo ámanhã, na sua festa artistica.

—De novo? Diga o meu amigo o que haverá, actualmente, de novo? Nada ou muito pouco, principalmente para Lisboa, que já viu os melhores palhaços do mundo. Hoje, em dia, procuramos differençar-nos, uns dos outros, pela apresentação, pela opportunidade do truc burlesco, pela piada mettida a tempo e pelo contraste entre o clown que fala, que deve ser animado mas sobrio de gestos, e o faz-tudo, o tonto, que deve ser o mais extravagante possivel, bizarro e de gestos originaes pela incoordenação dos movimentos...

—E—accrescentou Alex—ás vezes conseguimos o favor das plateias pela excentricidade do fato e pela côr da cabelleira. Tudo depende dos publicos. O Rico, por exemplo, que tem uma vozinha de angelical primadona de operas, agrada muito em Portugal, França e Hespanha porque, uma vez e outra, mette nos intermedios a sua canção napolitana, a sua jóta e o seu fadinho...

Os dois palhaços falaram muito, por muito tempo, dando interessantes pormenores que muito nos agradaram mas sem que nos dissessem o que faziam ámanhã. Ora era isto o objectivo principal da nossa curiosidade. Voltámos a repetir a pergunta.

—E' segredo ainda. Os intermedios novos são dois—respondeu Alex.

—... E são, a meu vêr interessantes—continuou Rico.—Talvez me apresente como atirador de carabina, como jockey, como bailarino e toureiro...

—Da minha quadrilha, com a qual farei maravilhas de arte taurina—disse Alex.

Comprehendemos que tinhamos tourada comica e fizemos vêr aos dois artistas que já outros collegas seus a haviam apresentado em Lisboa.

—Bem sabemos, mas não a apresentam como nós. O intermedio completo representa uma tarde em Sevilha, com bailarinas, gitanas, tocadores de viola, etc. A minha senhora e a minha cunhada auxiliam-nos...

Noticias

Entre nós

E' ámanhã que se inaugura no Coliseu de Lisboa a *Kinopereta*, que é uma novidade em Lisboa.

—A companhia equestre do Cirque Royal de Bruxellas dissolve-se na proxima terça feira, dando o seu ultimo espectaculo, na segunda feira, no Coliseu. Baby and Diads vão trabalhar no norte de Portugal; a troupe Villani segue para o sul de Hespanha; Rico, Alex e Fratelinis estreiam-se no dia 8 em Madrid. E calcula-se nos meios artisticos que nunca mais se reunem as companhias de Villani e Frediani. Juntos apenas se apresentam hoje, ámanhã, domingo e segunda no Coliseu.

—Os duetistas Beriguardis sómente se estreiam, em Lisboa, no proximo mez d'abril, talvez no Salão Foz.

—O theatro da Rua dos Condes, além da revista «Feira da Vida», continúa explorando numeros de «variedades».

—Vae apresentar-se em Lisboa, brevemente, a brilhante pelicula d'arte «Julio Cesar».

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A Feira da vida, revista.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.

Recenseamento eleitoral

Pela administração do 4.º bairro são mandadas affixar ámanhã, nos locaes do costume a fim de poderem ser consultadas, as relações do recenseamento eleitoral com os nomes dos eleitores que foram mantidos, dos eliminados e dos que foram agora inscriptos, terminando o praso de consulta no dia 31 do corrente.

A provincia n'A CAPITAL

ALHANDRA, 25.—No salão nobre do theatro Salvador Marques reuniu hontem a assembleia geral dos accionistas, para discussão e approvação do relatorio e contas da gerencia e eleição de novos corpos gerentes. Foi a reunião mais concorrida que temos visto, sendo os actos da direcção approvados por unanimidade e eleitos para directores os srs. José Estevão Cancio, Mathias dos Santos Gouveia e Eugenio dos Santos.

COIMBRA, 25.—As vendedeiras de leite Maria José e Palmira Tavares Lopes, da Conraria, e José Laro, do Cabouco, foram condemnados em 30 dias de prisão correccional e 30 de multa a 10 centavos por dia, cada um, por serem encontrados a vender leite adulterado e por isso perigoso para a saude publica.

—O rendimento da linha de Lousã desde janeiro até ao dia 11 do corrente foi de 4:554$00, menos 754$00 do que em egual periodo do anno anterior.

—Os fiscaes dos impostos apprehenderam na residencia de Maria José Barbosa, na rua Fernandes Thomaz, 20 saccas de farinha que não tinham sido apresentadas ao manifesto, como ultimamente foi determinado.

—Na cerca do hospital da Universidade começaram já os trabalhos para a construcção do Instituto de Medicina Legal.

—Foram presos e enviados ao poder judicial por andarem a partir os candieiros da illuminação publica na Ladeira do Seminario os estudantes Alfredo Gouveia, Guilherme Chous e João da Luz.

Movimento maritimo

Brazil e R. da Prata, «Frisia» (Amst.)	26
Pará e Manaus, «Lanfranc» (Liverp.)	26
Vigo e Inglaterra, «Desna» (Brazil)	26
N. York, via Açor., «Britannia» (Mar.)	26
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	26
Africa oriental, «Durban Castle» (Li.)	27
Australia, «Palma»	28
Africa oriental, «Gladiator» (Liverp.)	29
Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Bechuana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonna» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31

em enveredar por esse caminho, mas, desde que conheceu as grandes vantagens que apresentavam essas despezas, não teve hesitações. Uma planta perfeitamente traçada, tendo Moscou por centro e irradiando d'ali em fórma de estrella para toda a Russia, e completada por linhas concentricas, foi posta em execução.

Em vesperas da guerra, a rêde de caminhos de ferro russa attingia 65.000 verstas, estando em construcção 5.000.

O augmento do commercio seguia esses vigorosos esforços. Em 1910, o commercio russo elevava-se a 6.213 milhões, dos quaes 3.700 de exportação e 2.513 milhões de importação.

Pescando minas explosivas

N'este commercio a Allemanha occupava o primeiro logar, com 1.000 milhões de compras (cereaes, etc.), a Inglaterra o segundo, com 838 milhões, e a França ficava muito áquem, com 250 milhões. Em compensação, a Allemanha vendia á Russia 1.200 milhões de machinas e productos das suas fabricas.

Por uma combinação muito habil de tarifas, obtida da Russia no periodo de abatimento que se seguiu ás derrotas da Mandchuria, tinha disposto do mercado russo em favor dos seus interesses, e foi, como já vimos, porque a Russia não queria soffrer esse jugo, que o partido agrario impelliu loucamente a politica allemã a uma ruptura.

Geographicas, historicas, economicas, estas diversas razões actuam no mesmo sentido; augmentam a força da Russia moderna, mas, ao mesmo tempo, impellem-na a reclamar da Allemanha uma certa moderação.

Entre essas razões falta-nos indicar as mais poderosas de todas, a saber: d'um lado, a necessidade para uma grande potencia de abrir vias d'accesso para o mar; d'outro lado, o sentimento que leva um povo idealista, como o russo, a dar ouvidos á voz do sangue e a correr em soccorro de seus irmãos.

São esses os dois principaes factores da acção diplomatica européa ha perto d'um seculo: determinaram os dois campos de operações onde se exerce a arte dos diplomatas: a questão do Oriente e a questão da Polonia.

A Russia, apesar dos seus immensos territorios, está como que encerrada dentro de si mesma e bloqueada a dentro das suas fronteiras; a sua prisão é vasta, mas é uma prisão. A Russia tem estado e continua estando afastada, apoz seculos de esforços, das grandes vias internacionaes.

Pedro-o-Grande recommendava no seu testamento—diz-se—que as pro-

rem da espessa crosta material que o economismo moderno espalhou pelo mundo, áquelles que souberem, com a certeza da sciencia, que o progresso se não póde confundir com o proveito, que as grandes descobertas da sciencia não devem aviltar-se e servir de reclame ao laboratorio de um pharmaceutico, que as investigações philosophicas teem um objectivo differente do de encobrir e auctorisar ambições ou cobiças.

Eis o que os allemães nunca comprehenderão e que os russso comprehenderam sempre. Quem melhor definiu o verdadeiro sentido do progresso, isto é, do procedimento moral e pratico da humanidade, foi Gorki, quando escreveu:

«Os homens vivem para se tornarem melhores. Tomemos para exemplo os marceneiros. Eis que, entre elles, apparece um, como nunca na terra se viu... Transforma o officio... e fal-o avançar vinte annos d'uma só vez... Succede assim com a outra gente, os serralheiros, os sapateiros e todos os artifices, com os camponezes e tambem com os ricos! Vivem «para o melhor», cada um imagina que é para si mesmo que vive, ao passo que é «para o melhor». Vivem «para melhores homens».

Um povo que assim pensa—e nada exprime melhor o pensamento russo—tem deante de si as mais bellas perspectivas; tambem elle trabalhará «para o melhor» e para que «os homens sejam melhores».

As razões que até aqui conservaram a Russia n'uma especie de isolamento desapparecerão apoz a actual guerra, destinada a dar uma nova face á Europa.

Essas razões não proveem apenas da empreza hipocrita, proseguida com extrema tenacidade pela Allemanha; proveem tambem de factos permanentes que é preciso indicar, visto que explicam as condições em que a Russia tomou parte na actual conflagração.

A grandeza da Russia é para ella propria um obstaculo. A immens[illegible] variedade das suas populações e [illegible] sua civilisação é outro. Deve tam[illegible] bem entrar-se em linha de con[illegible] com a longa mizeria da Russia, que tende, ha poucos annos apenas, a transformar-se n'uma fecunda prosperidade.

Devemos tambem considerar a sua situação continental que faz com que esse immenso imperio se estenda da Asia á Europa, mas que lhe não assegura, nem na Asia nem na Europa, uma sahida livre para o mar e para as grandes vias mundiaes.

Em contraposição, não se deve esquecer essa grande dispersão dos povos slavos que espalhou, fóra da grande Eslavia cercada de muralhas, um grande numero de pequenas Eslavias cujas reivindicações servem á politica simultaneamente fraternal e activa da maior Russia e dão origem ao «panslavismo».

Vamos indicar como cada um de esses dados teve o seu coefficiente d'acção e como pezaram, uns e outros, sobre os designios do motor supremo do imperio russo, o soberano autocrata de todas as Russias, o imperador Nicolau.

A Russia conta 22.556.520 kilometros quadrados e 166.107.700 habitantes, dos quaes, na Russia da Europa, 118.690.600, occupando 4.889.060 kilometros quadrados. A Siberia tem uma immensa extensão de 12.393.870 kilometros quadrados que são occupados apenas por 8.220.100 habitantes, quer dizer, essas immensas regiões estão vasias. As distancias a transpôr para que esses povos communiquem entre si são taes que a sua unidade não é ainda senão nominal.

A Russia é principalmente um dominio, um «imperio».

D'essa disposição geographica provem uma das maiores censuras feitas ao governo [illegible] por não ter tido, durante [illegible] politica exter[illegible] terna. O[illegible]

tem guera» applica-se principalmente aos imperios. Como a Russia apresenta um vasto «imperium» mal nacionalisado, não é de admirar que a constituição e a defeza d'esse «imperium» tenham sido o seu principal cuidado. Outras razões ha ainda que explicam tendencias aliás tão naturaes.

A grande diversidade de povos e da civilisação russa é outra causa da lentidão que chega por vezes á paragem retrograda da evolução da civilisação russa. Os chefes fazem como o commandante d'uma esquadra que é obrigado a regular o andamento dos seus navios pelo dos mais vagarosos.

Os povos do imperio pertencem, como o proprio imperio, aos dois continentes: duas grandes familias, os arianos da Europa, as raças uralo-altaicas da Asia os compõem e, no primeiro plano, o grande ramo ariano dos slavos, com os seus diversos ramos russo, polaco, lithuanio, etc.

As provincias contam representantes das diversas misturas d'estas descendencias primitivas e para a propria civilisação concorreram outros elementos, pois que na origem da nacionalidade russa apparece um normando ou scandinavo, Ruric, o que quer dizer que a tradição antiga é transmittida por Byzancio e a velha metropole Kief, emquanto a Polonia foi evangelisada por Roma.

O imperio russo é, pois, não só um vasto dominio, mas uma herança collossal. Reune no seu seio não só raças, mas civilisações differentes. As suas provincias são vastas como reinos. Citemos exemplos: a Grande-Russia, verdadeiro corpo do imperio, planicie de pequenas ondulações, de fórmas inasticuladas, cuja mo[illegible] que houve ali [illegible] branca, mais [illegible] que se dis[illegible] solo e [illegible] isola[illegible] sul [illegible] ção de quarenta milhões de habitantes; a «terra negra», o humus inexgotavel que lança sobre o mundo as suas colheitas abundantissimas de cereaes e de beterrabas e que alimenta «um povo sonhador, apaixonado por musica e pela poesia, mais moreno e mais indolente do que os seus visinhos, os grandes-russos, mais avançado tambem socialmente e disputando-lhes a pureza da raça slava»; o paiz cossaco onde os homens nascem soldados, a região do Caucaso onde as minas e o petroleo desenvolveram uma outra riqueza inesperada; a Georgia, de ferteis seáras. E mal sahimos ainda da Euroa!

Pelo que acabamos de dizer se vê que a variedade da vida russa não depende só da diversidade de sangue e de linguas, mas ainda da infinita complexidade nas condições historicas da ligação de cada provincia ao imperio.

Algumas partes pertencem ao soberano desde tempos immemoriaes, outras ficaram, por assim dizer, autonomas e recordam-se ainda da sua independencia. E' necessario, comtudo, que todas acceitem o submetter-se a uma mesma disciplina de vida commum e de equilibrio harmonico.

Bastará dar algumas indicações precisas para evocar difficuldades de existir que a principio parecem quasi invenciveis.

A Finlandia, ás portas de S. Petersburgo, tem 3.051.000 habitantes de raça teutonica: é a questão finlandeza.

A Polonia tem 12.129.000 habitantes, só na Russia, mas que sentem ser irmãos dos polacos da Allemanha e da Austria-Hungria: é a questão polaca.

Ha 11.735.000 habitantes no Caucaso e o seu grau de assimilação é tambem uma gravissima difficuldade.

E' facil augmentar a enumeração d'esses factos de insufficiente assimilação. De armenios, musulmanos, baskirs, mongoes, samoyedes, chinezes, cossacos, sem falar nos judeus, ha sempre algures um reino, uma provincia, um districto, um

agrupamento, que sabe ser russo, mas que não sabe exactamente porquê nem como.

Elemento facil de manejar para quem pretende conservar a desaffeição ou a discordia no seio do imperio!

As perturbações internas da Russia teem tido muitas vezes as suas causas profundas na vagarosa e penivel emergencia d'um fundo tão enorme e tão desegual.

As grandes medidas que mudaram a face da Russia, de ha cincoenta annos a esta parte, a começar pela abolição da escravatura no reinado de Alexandre II até ás experiencias de regulamento da administração provincial pela descentralisação e pela regulamentação progressiva da questão agraria no reinado de Nicolau II, representam um esforço admiravel do governo e do povo russos para tirar do passado uma formula de existencia commum para o futuro.

Não é facil explicar a complexidade do problema e a difficuldade das soluções successivas.

Convem todavia observar que essas soluções não dizem só respeito á politica interna: teem tambem repercussão na politica externa. A extensão das medidas de descentralisação administrativa nas provincias do oeste, por exemplo, fez surgir nos ultimos mezes do ministerio Stolypine toda a difficuldade polaca.

Esse esforço magnifico, com as suas alternativas e até as suas inevitaveis incoherencias, coincidia, no espirito do czar e do governo imperial, com as graves preoccupações provenientes da expansão do slavismo no interior e no exterior do imperio; e essas correlações, essas relações do interior para o exterior e reciprocamente, complicavam ainda a tarefa.

Não se espalhára o boato de que o czar «se resolvia a ceder a Polonia á Allemanha», na vespera do dia em que a ia proclamar livre e autonoma?

A difficuldade de ser da Russia dependeu tambem, por muito tempo, da sua grande mizeria, mas, nos annos que precedem a actual conflagração, podia duvidar-se se não seria o resultado do seu enriquecimento demasiado rapido.

A transformação economica da Russia é um acontecimento não menos consideravel que a sua transformação politica e teve, tambem, repercussão nos acontecimentos de 1914, porque, sem duvida, as relações entre a Allemanha e a Russia tomaram, na occasião da renovação dos tratados de commercio, um caracter de tensão que o orgulho allemão tornou em breve insupportavel.

A Russia é, principalmente, um paiz agricola; em mil habitantes, ha 771 camponezes; 13,5 por cento apenas dos russos habitam as cidades um pouco importantes.

A Russia tende a tornar-se o celleiro do mundo, não só para os cereaes, mas para o assucar. Só a Polonia produz mais de 1.000 milhões de francos de valores agricolas. O rendimento das ferteis planicies do centro é quasi que illimitado.

Mas não é esa a unica causa de enriquecimento da Russia: em grande parte, devido ao affluxo dos capitaes francezes, manifestou-se uma potencia industrial de primeira ordem. Abundam as officinas de toda a especie; a metallurgia russa alcança a largos passos um dos primeiros logares; a fabricação do algodão desenvolve-se com prodigiosa intensidade; os jazigos de naphta, empregada como combustivel pela industria, são ainda uma outra fonte de riqueza. Que era necessario para valorisar semelhante solo? Meios de transporte, isto é, além dos admiraveis rios que sulcam o imperio, vias ferreas penetrando até ao ponto de producção. Toda a via ferrea na Russia é paga por cem vezes o seu valor.

Os capitaes francezes de novo intervieram, porque as leis politicas teem muitas vezes um caracter providencial. Era justo que os dois paizes, separados pela Allemanha, fizessem um esforço commum para sacudirem simultaneamente e por todos os modos o seu jugo insupportavel.

A Russia demorou-se um pouco

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1667 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 27 de Março de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Portugal e a Hespanha

Um dos orgãos mais ponderados, criteriosos e importantes da imprensa hespanhola, o *Imparcial*, de Madrid, publicou ante-hontem um artigo relativo á situação do nosso paiz, que em todas as occasiões não poderia passar despercebido, mas cuja significação avulta nas circumstancias que estamos atravessando.

N'esse artigo, em que se ajuiza da gravidade da crise portugueza, o *Imparcial* declara que muito se tem fallado ultimamente de Portugal, mais do que na imprensa, nas conversações particulares do circulos politicos hespanhoes, chegando a affirmar-se a existencia «de suppostas notas diplomaticas, que—diz a grande folha madrilena—só pela origem é pela tendencia que se lhes attribue nos deveriam parecer inverosimeis».

«Implica um absoluto desconhecimento da psychologia do povo portuguez—accrescenta o *Imparcial*—incorrer na credulidade de que qualquer governante da nação irmã sollicitasse, por maiores que fossem os apuros em que se visse, determinados concursos da Hespanha. Desgraçadamente, esta iniciativa, que em outras circumstancias porventura seria natural, bastaria presentement para crear a impopularidade do governante portuguez que a ella se aventurasse. Não se illuda ninguem a tal respeito e ponhamos a questão nos seus verdadeiros termos de realidade.

Porque a questão, o problema, é indubitavel que existem. Não pertencemos ao numero dos que julgam a situação do paiz vizinho com um exaggerado pessimismo. Mas não pódemos desconhecer que Portugal atravessa uma grave crise, pelo menos um momento difficil, e que o governo hespanhol não póde nem deve desinteressar-se do que ali occorre. Será necessario justificar a razão d'esta escrupulosa attenção da nossa parte? Não o julguem. A razão está e deve estar na consciencia de todos os hespanhoes».

Em seguida o *Imparcial* transcreve trechos d'um artigo d'um jornal de Lisboa, apreciando a situação actual do nosso paiz, e conclue:

«Quaesquer que fossem as circumstancias internacionaes, a situação que o *Seculo* reflecte obrigaria os governos hespanhoes a prestar-lhe seria e reflexiva attenção. Nas circumstancias presentes esses deveres tornam-se mais imperativos—governo e povo hespanhol devem compenetrar-se, antes de tudo, d'uma leal aspiração: a de anhelar que a nação irmã resolva e domine as suas difficuldades internas. Mas, ao lado d'esta aspiração, não devemos affirmar alguma coisa? Não será licita a affirmação de que este problema é um problema peninsular, em que não póde desconhecer-se o interesse de Hespanha? Talvez se nos objecte: «Bastantes problemas temos nós, os hespanhoes, para nos occuparmos dos alheios». E' precisamente contra o perigo d'essa objecção que é necessario acautelarmo-nos. E' preciso incutir no espirito do povo a ideia de que se trata d'um problema nacional, a que não podemos eximir-nos. E porventura será funcção do governo proceder por fórma que não cause surpreza em nenhuma esphera da politica internacional esta attitude do Estado hespanhol.»

Como os leitores veem, tudo é obscuro e misterioso n'este artigo do grando jornal madrileno que não só exerce uma poderosa influencia na opinião publica como reflecte frequentemente o pensamento das espheras dirigentes da politica hespanhola. De que suppostas notas diplomaticas se trata? A que determinados concursos se allude? Em que circumstancias seriam plausiveis iniciativas de governantes portuguezes que a esses concursos se referissem?

Todas estas interrogações correspondem á necessidade de ver claro n'um dos mais dubios aspectos da nossa politica internacional,—e se ellas já representam uma grave preoccupação do nosso espirito, a affirmação com que o *Imparcial* conclue as suas considerações não pode senão engrandecer essa preoccupação naturalissima do nosso patriotismo alarmado.

Em que é que o problema interno da nossa patria é um *problema nacional* para a Hespanha? A que vem a recommendação instante de incutir no espirito publico hespanhol a necessidade de pensar com acuidado no nosso problema politico, derivado da crise que atravessamos?

O *Imparcial* o confessa. Numerosos e complexos são os problemas tanto internos como externos que á Hespanha cumpre resolver. A Hespanha é um paiz que procura resolutamente fazer vingar as tendencias liberaes do seu espirito. Será pensando em Portugal que ella solucionará a sua questão religiosa, eximindo-se á fradaria que opprime a sua consciencia, abrindo as portas dos 20.000 conventos que pejam o seu solo? O povo hespanhol ama a sua terra, é trabalhador, é activo, cioso da independencia do seu temperamento. Será pensando em Portugal que resolverá a sua questão economica, que effectivará o seu progresso regional que é a verdadeira caracteristica da politica hespanhola? Será pensando em Portugal que resolverá a crise aguda do trabalho em Barcelona? Será pensando em Portugal que resolverá a questão agraria da Extremadura, da Andaluzia, de parte de Salamanca e da Gallisa? E a questão da emigração que em Hespanha é tambem um escoamento da miseria, a representação tragica do martirio e da penuria de populações inteiras? Será pensando em Portugal que a Hespanha conseguirá a nacionalisação dos seus caminhos de ferro, dos seus portos, das suas minas, tudo quasi totalmente enfeudado ao capital estrangeiro?

Será pensando em Portugal que realisará o seu equilibrio financeiro, o seu equilibrio politico; que resolverá a questão de Marrocos, que lhe tem levado o melhor das suas energias e do seu ouro, e affirmará a unidade nacional da sua raça, tão dividida por temperamento, pela lingua, pelas tradições e pelos costumes?

Para a cura dos seus males, Portugal é therapeutica forte demais. Somos seis milhões de homens, unidos por um vinculo nacional que jámais quebrou. Mas isso não impede que accentuemos a gravidade excepcional d'esto obscuro, misterioso e alarmante artigo d'uma das folhas mais importantes da Hespanha, que sempre se tem salientado pela sua ponderação e cordura, não devendo esquecer-nos de que, tendo Portugal, já depois da Republica, atravessado situações delicadas, com perturbações internas e invasões monarchicas, ella sómente surge quando a Hespanha nos vê entregues a uma dictadura, que, é a primeira e será a ultima a destruir a normalidade d'um regimen cujo base essencial é a sua Constituição, em que se expressa a unica soberania justa e possivel: a soberania popular.

Poeira da Arcada

O conselho de ministros reune com frequencia, para tratar de assumptos de administração. Assim o dizem as notas officiosas distribuidas á imprensa. Os desconfiados, porem, não se contentam com uma indicação tão simples da acção governativa e resolveram penetrar o invisivel.

Formulam, um tanto no vago, perguntas d'este especie: —Que ha? Que se prepara? Que perigos nos ameaçam?!—Os leitores das gazetas coçam a orelha e ficam-se a scismar na gravidade da situação: E eis como o governo do sr. Pimenta de Castro consegue dar-nos a impressão de que se consome a estudar os difficilimos problemas que dia a dia escurecem a crise tragicomica que atravessamos.

**

O sr. Pimenta de Castro parece estar na disposição, se a isso o obrigarem, de despir a sobrecasaca e envergar a farda—ou o que significa o mesmo, dar ás espadas uma funcção mais real e menos symbolica, a fim de melhor effectivar os seus nobres propositos de acalmar as gentes irosas e indisciplinadas d'este paiz, em que as palavras salitrosas e inuteis trazem os animos tão revoltos, como se os ventos n'elles despejassem a sua furia.

General, veja lá o que faz!...

A dictadura de sua invenção e tanto proveito nacional está bem dentro dos nossos habitos, conciliando admiravelmente, para o bem da Republica, a nossa situação internacional com a timidez interna dos varios bipedes que a prudencia obriga a reflexões profundas sobre a arte de transformar leões em pacificos cordeiros...

Não a alargue nem engrandeça, pois, general, aliás o seu governo ficará na historia como aquelles homens que, mettidos n'uma grande empreza, simplesmente conseguem provar que erraram o seu destino.

**

Um engenheiro portuguez, ha pouco chegado de Londres, refere alguns juizos que, na sua presença, inglezes de posição emittiram sobre a maneira curiosa como, entre nós, se tratam os assumptos de politica diplomatica. De quem a culpa? Não seremos nós que o digamos, por emquanto. Terminada a grande guerra, é provavel que então se proceda a um apuramento de responsabilidades. E dentro das fronteiras do paiz, sem que os estranhos prestem attenção ao caso, alguns portuguezes que hoje teem opiniões do tamanho de legoas olharão para a sua sombra como quem olha para a sombra de um choupo reflectida na superficie escura de um pantano.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

«PATHÉ JORNAL»

Boas contas deita preto...

Como será constituido o futuro Parlamento da Republica?

1.º quadro

Na rua do Ouro, caminhando lentamente em direcção ao Terreiro do Paço, divisam-se dois politicos. Um d'elles é de avantajadas proporções. A obesidade prematura principia a deformal-o, sem comtudo lhe ensombrar a intelligencia, que foi sempre limpida e lucida. O outro é magro e alto. Na sua barbicha, d'um louro escuro, ha redemoinhos caprichosos, indicadores de pouca estabilidade intellectual e de reduzido equilibrio nervoso.

Estugo mais o passo o alcanço os dois. A conversa trava-se rapida. Assumpto? As proximas eleições. E' o prato de resistencia de todas as horas e de todos os dias. Fazem-se calculos. Procura-se advinhar qual venha a ser a futura composição de S. Bento.

—Tudo isso é, por ora, um misterio —pondera o cavalheiro mais bojudo e mais pesado. Sabe-se lá que surprezas nos trarão as urnas?!

—Mas é facil de ver!—objecta, pouco sereno, o outro. Todos os partidos sabem onde teem votos, onde dispõem de influencia. Nenhum d'elles ignora, certamente, onde pode encontrar quem lhe eleja os seus candidatos.

—Você raciocina como se não se tivesse operado nenhuma transformação n'este paiz. Pois operou. Este governo trouxe grandes e fortes alentos aos monarchicos. E' preciso contar com elles...

E a discussão continuou por largo tempo n'este tom até que o cavalheiro da barbicha doirada, farto de ouvir o outro, se despede á pressa e se somme na onda dos transeuntes que vae e vem tão distrahidamente, que bem parece não ter a guial-a a sombra, sequer, d'um destino. Só o jornalista, afinal, tem sempre que fazer...

2.º quadro

Fico-me sósinho com o homem gordo. A sua placidez faz bem ao meu feitio aspero e sacudido. Oiço-o encantado. As theorias politicas que me expõe não são, evidentemente, originaes. Mas teem bom senso, coisa que nem sempre se encontra n'esta região que é o mais vasto palco politico d'este paiz.

—Não gostou de ouvir, não gosta nunca de me ouvir e foi-se embora. E' sempre assim. Só quer que lhe diga, não sei o que lhe hei de fazer-lhe. E' incorrigivel! Estou farto de lhe aturar os nervos desafinados e saccudidos...

—O tempo, meu caro, o tempo. Receite-lhe esse remedio e aguarde, verá que os resultados colhidos irão alem de tudo quanto possa esperar-se.

—Tem a mania de que será o seu partido o que fará eleger mais deputados e vão lá obrigal-o a sahir d'isso. Entretanto, o taboleiro politico está posto para todos os que n'elle quizerem ler com lealdade. A maioria, no futuro Congresso, será d'aquelles a quem o governo a der. O mais são historias.

—E a quem a dará o governo?

—Não pode haver duas opiniões sobre o assumpto. Todas as tendencias do poder são para o evolucionismo. A preponderancia parlamentar ha de ficar pertencendo ao sr. Antonio José d'Almeida. Já se diz por ahi os deputados que as urnas lhe concederão. Nada menos do oitenta...

—E os unionistas?

—Esses só teem uma taboa de salvação—a dos accordos. Desde que não encontrem apoio no evolucionismo, o seu contingente parlamentar será mais que reduzido. Entretanto, ha quem affirme que o governo pretende fazer eleger para cima de vinte amigos do sr. Brito Camacho. Quanto aos democraticos...

—Estão votados ás feras...

—Quasi. Os cozinheiros das proximas eleições não lhes dão mais de vinte a vinte e cinco votos na futura camara dos deputados.

—E o resto?

—E' para o governo, que tambem «ser gente». Ha muito alferesinho, muito tenente, muito capitão e muito majorsinho que se dispõe a experimentar o officio de legislador. E olhe que ficarão todos os candidatos fóra de S. Bento menos esses. Cá tenho as minhas razões.

3.º quadro

Continuamos andando e conversando. A serverdade o que so diz sobre o resultado provavel do acto eleitoral, o governo que succederá a este, se é que sucessor virá a ter, será um governo das direitas. Só de evolucionistas? De evolucionistas, unionistas e «pimentistas»?

—E' conforme—diz-me o meu companheiro. Este governo, se as coisas politicas correrem sem sobresaltos, cahirá logo que S. Bento principie a funccionar. Evidentemente, os evolucionistas não elegem os taes oitenta deputados. Logo, para constituirem gabinete, precisam do apoio dos outros grupos da direita. Alcançal-o-hão sem ser á custa de uma equitativa distribuição de pastas? Não o julgo provavel...

—Vamos, então, para os governos de parceria, especie de commanditas politicas que deram o que se está vendo...

—Assim o creio, muito embora repute difficil o consorcio entre as gentes do Calhariz e as do Chiado, para effeitos ministeriaes. Não é, comtudo, necessario ser vidente para affirmar que a composição das futuras camaras será, por vontade do governo, pouco diversa da das que estão a terminar o seu mandato. Do maneira que não sei bem que surprezas o futuro nos dará...

—Os amigos do governo, segundo o seu parecer, não abdicam.

—Evidentemente. Hão de querer continuar a influir de maneira decisiva na politica portugueza. E como podem fazel-o? De um modo apenas—armando-se com mandatos de deputados e de senadores. Querem ser, na camara que vão eleger-se, o fiel da balança, sempre disposto a inclinar-se para a direita. Lograrão conseguil-o?

O que penesa a esto respeito, leitor? Nada? Nem eu. Ou antes, não posso dizer-te o que penso. Mas creio bem que a tragedia eleitoral não nos sahirá tão feia como a pintam.

A. M.

ENTRE MONARCHICOS

D. Manuel ou D. Miguel?

A proposito da polemica entre *A Nação* e *O Nacional*, o sr. Cunha e Costa, dizendo que se sente miguelista quando lê o primeiro e manuelista quando lê o segundo, emittiu a opinião de que as futuras constituintes monarchicas decidirão se o throno pertencerá a D. Miguel ou a D. Manuel.

O Nacional regista com espanto esta opinião e observa: «A gente lê, esfrega os olhos, bellisca-se e custa-lhe a crêr que não esteja sonhando!».

O orgão da restauração manuelista accrescenta que se não pode pensar em proclamar a monarchia em Portugal sem pensar em proclamar immediatamente o sr. D. Manuel como soberano. Essa proclamação ha de fazer-se, segundo a mesma folha, «sem dependencia da lucta eleitoral e do voto das côrtes ou de quesquer outras aventurosas contendas».

O Nacional, que na attitude do sr. Cunha e Costa julga encontrar a explicação de «muitos factos», declara que não chamará correligionario ao distincto jurisconsulto visto este sentir-se alternadamente miguelista e manuelista e que ficou surprehendido e assombrado com a doutrina por elle defendida nas columnas do *Dia*.

A Nação promette transcrever o artigo do sr. Cunha e Costa que, segundo parece, lhe não desagradou. Ao mesmo tempo, chama perfido e ingrato ao director do *Nacional*, cuja penna compara a um punhal traiçoeiro, e annuncia que as suas relações com a gazeta manuelista terminaram.

Boa vae ella!

A egreja hespanhola em Lisboa

Reunião da colonia

A reunião da colonia hespanhola que estava convocada para amanhã no Parque Eduardo VII, em virtude do mau tempo não se realisa n'aquelle local, mas sim no palacio Regaleira, sito no largo de S. Domingos.

Começará ás 13 horas e a commissão que foi nomeada na anterior reunião dará conta dos trabalhos até hoje effectuados.

VIDA ARTISTICA

O tumulo de Garrett

não póde ser collocado na capella do transepto do mosteiro dos Jeronymos, destinada a outro fim

A questão relativa á collocação do tumulo de Garrett no templo dos Jeronymos foi hontem resolvida na sessão do conselho dos monumentos nacionaes, cujos trabalhos concluiram á hora em que *A Capital* começava a imprimir-se.

Como dissemos, a sociedade Almeida Garrett, em officio assignado pelo sr. D. José de Pessanha, que faz parte tambem do referido conselho, pedia áquella corporação artistica que reconsiderasse na sua anterior deliberação, pela qual se tornava inexequivel que ao tumulo-monumento o logar que lhe convinha pelo seu valor architectural. Havia no conselho uma corrente favoravel á pretensão da sociedade Garrettiana desde que o mausoleu fôsse construido na capella do transepto a titulo de provisorio emquanto n'aquelle local se não erguessem os monumentos dos homens da India, a que o historico mosteiro está consagrado.

Uma circumstancia, porém, reduziu o numero dos que se manifestavam dispostos a acceder ao pedido da sociedade Almeida Garrett. O sr. Lopes de Mendonça, presidente da commissão executiva do centenario de Ceuta, chamou a attenção do conselho para o facto de se approximar tambem o centenario de Affonso de Albuquerque e que, cedendo-se n'este momento o logar so tumulo de Garrett, dentro de um anno, ter-se-hia de retirar d'ali para dar logar ao sarcophago do grande capitão da India. Ponderada essa circumstancia, o conselho resolveu manter a anterior resolução, a despeito do muito que presava a memoria de Garrett, da consideração que lhe impunha o trabalho dos srs. Teixeira Lopes e a representação apresentada por um dos seus distinctos consocios.

O logar destinado ao tumulo-monumento de Almeida Garrett será, como inicialmente se projectou, na capella do lado direito sob o côro, de quem entra pela porta principal, que é como se sabe do lado da Casa Pia.

Migalhas

Um braço cortado

Os portuguezes precisam muito ver com os seus proprios olhos e não dos mais acerrimos discipulos da velha doutrina de S. Thomé. Até hoje falava-se de Naulila e havia muito quem encolhesse os hombros, dizendo:—«Naulila? Mas Naulila existe? Ha por ahi alguem que tivesse ido a Naulila?» Pois, meus senhores, ahi temos alguem que lá volta, esse clarim de dragões, que ahi nos apparece meio cego, desmemoriado, um verdadeiro farrapo humano a que uma bala *dum dum* amputou um braço.

Não será um excellente publico para os que realisam por ahi ás claras ou á sucapa conferencias germanophilas ou para os prégadores de neutralidades; mas não resta a menor duvida de que, quando o encontrarmos debaixo da Arcada a pedir a esmola de uma reforma, elle será uma prova difficil de contradictar pelos que ainda hoje, movidos por inexplicaveis sentimentos, andam defendendo a causa do nosso inimigo.

Esse soldado de Portugal, que viu a cavalgada da morte, que Aragão commandava de sabre em punho, de pé sobre os estribos e gritando o nome da sua patria, esse portuguez que em plena retirada ainda tocava, como o clarim heroico de Deroulède, a marcha de guerra, até que uma bala allemã lhe estilhaçou um braço, é o primeiro que volta e volta-nos n'um estado que não pode deixar de significar aos nossos olhos a affronta recebida e a derrota ainda por vingar.

Esse mutilado tem a grandeza de um symbolo. A'quelles que trahiram os mais altos interesses da sua Patria e amesquinharam as mais bellas tradições do brio nacional, apontemos-lhe aquella manga vazia. Nenhum a encarará com serenidade.

André Brun

Congresso democratico

O Directorio do partido apresentará a sua demissão

A primeira sessão do congresso democratico realisa-se ámanhã no theatro Polytheama, ás 9 horas, devendo terminar ás 13 por causa do concerto que principiará, como de costume, ás 15 horas. Na segunda-feira realisam-se duas sessões, uma de manhã e outra de tarde.

Como já dissemos, o congresso é convocado extraordinariamente para o partido se pronunciar sobre a situação politica e especialmente sobre o caminho a seguir perante o decreto dictatorial que marcou as eleições para o dia 6 de junho. Segundo as informações que colhemos hoje, ao congresso será apresentada uma moção deixando ao Directorio plena liberdade para resolver a ida ás urnas ou a abstenção eleitoral. E' certo, porém, que a corrente de opinião dominante no partido se inclina pela ida ás urnas, sejam quaes forem as violencias e os processos de perseguição postos em pratica pelo actual governo para diminuir as probabilidades de exito das candidaturas democraticas.

Sabemos que o actual Directorio apresentará ao congresso a sua demissão, fundamentando esse pedido no facto de se encontrarem afastados dos trabalhos alguns dos seus membros effectivos. A eleição do novo Directorio deve realisar-se segunda-feira na sessão da manhã, constando que serão eleitos alguns dos membros do partido que o actual governo demittiu dos cargos que exerciam. Tambem serão eleitas as juntas arbitral e consultiva, de harmonia com a lei organica do partido, que mandará proceder á sua eleição sempre que sejam substituidos os membros do Directorio.

UM LIVRO DE MEMORIAS

A vida de um comediante

Augusto Rosa, o grande actor, e a sua autobiographia

—Está, então, por pouco?

—Sim, é uma questão de dias...

E o grande actor, sorridente, amavel, *grand seigneur* de jaquetão dirigindo-se placidamente, ao começo da tarde, para o seu theatro, para a sua vida, despede-se como quem não tem um momento a perder ou não quer falar d'uma coisa tão intima que a menor curiosidade estranha, ao tocar-lhe, pode profanar...

Augusto Rosa escreveu as suas *Memorias*. Construiu com as recordações da sua gloriosa carreira artistica uma obra preciosissima, que dentro em pouco, quando a Paschoa passar, apparecerá, modesta e bella, pelos mostradores, sempre tão pouco alegres, das nossas livrarias. O sr. João Chagas disse um dia, quando no *Janeiro* pontificava com as *Minhas Razões*, que em Portugal não se creára ainda o habito de cada um contar a sua vida, quando n'essa vida haja coisas que interessem aos outros. Os portuguezes, no conceito justo do auctor das *Cartas politicas*, não teem o costume de escrever as suas memorias, perdendo-se assim capitulos interessantissimos de historia e elementos de estudo que seriam para aquelles que teem a mania de saber tudo material esplendido para os mais grandiosos edificios litterarios.

Quando Augusto Rosa, com aquella simplicidade que é toda sua, me disse que tecera a narrativa clara da sua brilhantissima carreira de artista dramatico, veio-me involuntariamente á memoria a observação de João Chagas. Felizmente que não era como os outros portuguezes o grande e illustre creador de tantas personagens para sempre vivas nos palcos d'este paiz. Estavamos os dois n'aquella opulenta sala de residencia senhorial de Augusto Rosa. Ao fundo, um grande anjo de azas abertas parecia querer voar até nós. Bem perto, uma estatueta de Teixeira Lopes adormecia, preguiçosa, estirada sobre uma fulva almofada de setim. Das paredes debruçavam-se pedaços de tela em que o genio de certos pintores deixára para sempre gravada a sua doce, a sua dolorosa, a sua suave inspiração.

Augusto fôra buscar o seu manuscripto. Estivera n'aquelle verão, que já ia quasi no fim, em S. Pedro de Muel, na thebaida recolhida do poeta, que o mar lambe e os pinheiraes sombrios enchem de sussuro e de perfume. E ali, no convivio de Affonso Lopes Vieira, levara quasi ao fim o seu livro. Ali o tinha... Se quizesse folheal-o... Se não, podia ler-mo um ou outro capitulo. E leu.

O mestre da scena portugueza principia por dizer, como se escrevesse uma personalissima carta cheia de brilho, como foi para o theatro. Por vocação. O pae, que era actor, queria fazer d'elle outra coisa. E' a mania de todos as paes. Poucos são os que querem que os filhos sejam o que elles tenham sido. Augusto estava já dado para commerciante e foi admittido como aprendiz de guarda-livros no escriptorio de um santo homem que não alimentou nunca esperanças de transformar o seu subordinado n'um perfeito homem de negocios. Nas horas vagas, o rapazote imberbe, para quem as contas correntes tinham mais que mediocre encanto, escrevia peças. Tinha o seu cenaculo e, no convivio de amigos que foram illustres, ia fazendo a educação litteraria e artistica do seu espirito, estimulado pelas mais requintadas curiosidades.

Esse capitulo das *Memorias* de Augusto é enternecedor. A figura do velho poe dá-a elle em pincelladas fortes, com um carinho quasi commovente. Depois, n'outros capitulos, de uma limpidez inexcedivel, o grande comediographo relembra todo esse passado bizarro que é o periodo mais brilhante do theatro portuguez, traçando as melhores paginas de todo o livro quando descreve a abertura do theatro de D. Maria II, na noite em que a sua companhia inaugurava os seus espectaculos e elle se consagrava, definitivamente, actor de primeira grandeza.

Era tarde e a leitura não podia continuar. Despedi-me á pressa d'esse *gentleman* que me abrira, n'um affectuoso e largo gesto, a sua casa, museu de preciosidades, e nunca mais deixei de pensar nas *Memorias* que eu vira quasi promptas. Afinal, ellas ahi veem, frescas, simples, alegres, ainda com o cheiro capitoso das tintas mal seccas, dizer-nos o que foi a longa carreira de um dos mais illustres actores portuguezes. Melhor presente de Paschoa não podia Augusto Rosa offerecel-o aos seus amigos.

Adelino Mendes

O CASO DEROUET

Um funccionario é intangivel

desde que cumpra integralmente os deveres que lhe competem no exercicio do seu cargo

Demittindo do seu logar de director da Imprensa Nacional o sr. Luiz Derouet, o governo não praticou apenas uma inqualificavel arbitrariedade: estabeleceu um precedente absolutamente incompativel com o bom senso. Desde que um funccionario exerce as suas funcções com brilhantismo, deve ser intangivel no seu logar, embora fóra do exercicio d'essas funcções, como cidadão livre de um paiz livre, manifeste as ideias politicas que entenda, desde que o seu procedimento não leve a soffrer a acção da justiça e dos codigos. The right man in the right place, diz-se n'essa admiravel Inglaterra, onde nenhum governo teria tido a ousadia de decretar uma demissão d'esta natureza.

O sr. Luiz Derouet foi, dentro da Imprensa Nacional e na mais bella accepção do termo, um competente. E não somos só nós que o affirmamos: dizem-n'o egualmente os entendidos, muitos dos quaes seguem até uma politica adversa da que, na sua vida extra-official, defendia o sr. Derouet. As seguintes opiniões foram mandadas recolher por alguem que nem sequer tem relações pessoaes com o funccionario demittido, e que auctorisou a sua publicação a fim de salientar-se a unanimidade do protesto que tal demissão vem provocar.

O sr. Lima Bayard, proprietario da typographia do mesmo nome, na rua do Arco Bandeira, antigo typographo que, á custa de incansavel trabalho, conseguiu transformar sua casa industrial n'uma das mais acreditadas de Lisboa, respondeu-nos nos seguintes termos á demissão do ex-director da Imprensa Nacional:

—[illegible] arbitraria como absurda. [illegible] assim a considero [illegible] opinião que os nossos industriaes [illegible] devem manifestar [illegible] o seu desagrado contra um facto [illegible] que foi victima aquelle distincto funccionario publico. De resto, esta é a [illegible] do governo e tanto mais estranho [illegible] que o successor do sr. Luiz Derouet é um desconhecido [illegible] tem [illegible] de questões [illegible] e que ou percebe de logares [illegible] o. E só insuspeito porque nunca partido que, porventura, mais [illegible] o partido em que está [illegible] ex-director da Imprensa Nacional. Mas isso não importa que eu deixe de exteriorisar a minha justa indignação. Estabelecimentos da importancia do da Imprensa Nacional não podem nem devem estar á mercê dos vae-vens da politica.

Na sua suprema inconsciencia, que ao menos d'uma vez para sempre se compenetrem d'isto os nossos governantes! A Imprensa Nacional de outros tempos era um tão grande chavascal, que só o sr. Luiz Derouet, com as suas excepcionaes qualidades de trabalho e de competencia, podia transformar na Imprensa Nacional d'hoje cheia de luz, de hygiene e de conforto. E não se resume apenas n'isto o seu inconfundivel trabalho dentro d'aquelle estabelecimento. O sr. Derouet conseguiu uma obra tão complexa e intelligente que o faz bem merecer de todos os que teem o culto da minha arte. A exposição nacional das artes graphicas, cujo successo excedeu toda a espectativa, os excursões de estudo a que obrigava os aprendizes das differentes secções, as conferencias de caracter didatico que se realizaram na Imprensa durante a sua gerencia, as radicaes transformações e aperfeiçoamentos por que fez passar aquelle estabelecimento, etc., tudo isto é bem de molde a provar que o sr. Luiz Derouet tinha um plano seu que punha em pratica conforme as circumstancias o permittiam.

O sr. Thomaz Bordallo Pinheiro, [illegible] grande Raphael Bordallo, [illegible] competencia e [illegible] entre [illegible] gravura, depõe pela seguinte fórma:

—Apezar de estar um pouco affastado do meio graphico, não deixo de reconhecer que o sr. Luiz Derouet deu um grande impulso ás artes graphicas do nosso paiz, devido aos seus incontestaveis conhecimentos do assumpto e esclarecida intelligencia. Prova-o a exposição nacional das artes graphicas, que nunca

ULTIMAS NOTICIAS

...e tinha realisado em Portugal, e que teve o valor de reunir n'um grande certamen todos os productos dos differentes ramos graphicos, para assim o publico poder verificar produzirem-se já na nossa industria obras que sem desdouro se podem collocar ao lado das estrangeiras. As excursões que o sr. Luiz Derouet promoveu, levando os aprendizes das varias secções do estabelecimento que dirigia a diversas escolas profissionaes, demonstram tambem que aquelle illustre funccionario obedecia a um criterio modernista, do qual muito havia a esperar.

O sr. Lallemant, proprietario da antiga tipographia do mesmo nome, á rua do Thesouro Velho, um gravador distinctissimo, que fez todo o seu curso com grande brilho em Paris, dá-nos tambem a sua opinião:

A obra do sr. Luiz Derouet dentro da Imprensa foi a todos os titulos notavel, o que tanto bastava para elle não dever ser arredado d'ali pela fórma violenta como o foi. Não conheço, por ser desconhecido no meio graphico, o novo director d'aquelle estabelecimento, e por isso julgo que o governo sempre que tivesse de fazer nomeações d'esta ordem devia ser mais ponderado e cauteloso. Mas os politicos são officiaes da politica, como eu sou official da gravura...

O sr. Alfredo Guedes, proprietario da Lithographia Portugal, á rua da Rosa, que é o primeiro lithographo e tambem um dos primeiros chromistas do nosso paiz e professor distincto, expressa-se nos seguintes termos:

O sr. Luiz Derouet possuia a capacidade necessaria para dirigir convenientemente o estabelecimento que lhe confiára a revolução triumphante. A sua obra não me deixa mentir. Ampliou, remodelou e modernisou todo o vasto organismo da velha Imprensa, não aproveitando d'elle senão alguns machinismos que eram ainda aproveitaveis. Impoz lá dentro uma severa disciplina, *sem* para isso commetter a mais pequena violencia. A sua grande iniciativa e as suas poderosas faculdades de trabalho revelaram-se exuberantemente na ultima exposição nacional de artes graphicas. Até mesmo ao sr. presidente da Republica eu ouvi dirigir ao sr. Luiz Derouet as mais penhorantes palavras de estimulo e de louvor. Finalmente, só podia admittir que elle fôsse substituido por um Libanio da Silva ou qualquer outra pessoa do mesmo valor, e julgo ser um erro crasso e perigoso para as artes graphicas a nomeação que o governo acaba de fazer.

O sr. Candido da Costa, proprietario da conhecida fabrica de tintas da rua Ivens, industrial cheio de iniciativa e de arrojo que se dedicou com o mais feliz exito ao fabrico de tintas tipographicas e massas para rôlos, diz-nos:

O sr. Luiz Derouet desempenhou-se do seu logar com muito criterio e muita intelligencia, imprimindo grande desenvolvimento a todas as secções de que se compõe a Imprensa Nacional. Era de esperar que se elle continuasse á frente d'aquelle importante estabelecimento, devido á sua iniciativa e boa vontade, o tornasse dentro em breve verdadeiramente modelar, com o que não só as artes graphicas mas tambem o thesouro teriam muito a lucrar.

O sr. Paulino Ferreira, proprietario das maiores officinas de encadernação que existem no paiz, faz o seguinte commentario:

Todos os melhoramentos que teem sido feitos na Imprensa Nacional são devidos á rara tenacidade e intelligencia do seu ex-director. Todavia, sabendo bem o que valia, o sr. Luiz Derouet não se deixou nunca enfatuar, como muitos dos seus predecessores que nada valiam ao pé d'elle. Acho insolita essa violenta demissão, tanto mais que no tempo da monarchia nunca se deu nenhum caso como este. Não acredito que, quem quer que seja, o novo director imprima tanto desenvolvimento á Imprensa como lhe soube imprimir o sr. Luiz Derouet.

Por ultimo ouvimos tambem o sr. Adolpho de Mendonça, arrojado industrial e proprietario da tipographia da rua do Corpo Santo, que manifestou assim a sua opinião:

Se o governo pensava em demittir o sr. Luiz Derouet que mandasse fazer uma sindicancia por technicos competentes ao estabelecimento que elle criteriosamente dirigia, e então se apuraria que todos os serviços da Imprensa Nacional melhoraram consideravelmente desde o advento da Republica graças á iniciativa do seu director. E falo-lhe tanto mais imparcialmente, quanto é certo que no meu entender se devia extinguir aquella instituição, que considero improductiva para o paiz e incompativel com a sua precaria situação financeira.

Expedição a Angola

A ambulancia da Sociedade da Cruz Vermelha destacada no sul de Angola marchou para Lubango, onde vae montar um hospital.

O ultimo concerto de Vianna da Motta e da Orchestra Blanch

E' ámanhã que se realisa em S. Carlos o ultimo concerto do grande pianista Vianna da Motta, com o concurso da Orchestra Simphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Blanch, e de madame Bertha Vianna da Motta, uma das nossas mais distinctas amadoras de canto.

Vianna da Motta executa com a orchestra pela primeira vez o concerto em sol maior de Beethoven e o celebre concerto n.º 5 de Saint-Saens e a solo varias obras de Liszt. Madame Vianna da Motta executa as *Canções populares escocezas*, de Beethoven, com acompanhamento de violino, violoncello e piano e com a orchestra a brilhante *Balada de Timbalier* de Saint-Saens.

A questão das subsistencias

A escassez de cebolas

Um commerciante pede-nos que chamemos a attenção do governo para o seguinte facto:

As cebolas, que ainda ha pouco se compravam a 18$00 a carrada, custam já 60$00 e com tendencia para subir. No emtanto, continúa a ser auctorisada a exportação d'esse genero para o estrangeiro, e certamente dentro em pouco elle attingirá preços fabulosos ou deixará de haver o sufficiente para o consumo.

Urge, pois, que o governo prohiba a exportação.

Serão da Federação Academica

Por lapso, não dissemos hontem na noticia d'este serão que o ensaiador da farça de Gil Vicente foi Augusto Rosa, que gentilmente se prestou a collaborar com os rapazes na sua tão sympathica iniciativa.

Além d'essa indirecta mas valiosissima collaboração, ainda Augusto Rosa prestou o seu concurso lendo a scena II do acto V da «Castro», de Antonio Ferreira.

H. de A.

Fallecimentos

Falleceu a sr.ª D. Alda Caratão Falcão, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 16 horas, do Campo dos Martires da Patria, 86, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

A "bicha,, nas bilheteiras dos theatros

O commando da policia vae pôr em execução uma medida que de ha muito era reclamada: a de se estabelecer a «bicha» nas bilheteiras dos theatros. Para tal fim foi dada ordem para ser afixado o seguinte aviso:

«Tendo-se reconhecido a necessidade de regular o transito junto das bilheteiras das casas de espectaculos a fim de evitar a agglomeração de pessoas, de que muitas vezes resultam incommodos, conflictos e até furtos, pede-se a todos os individuos que pretendam comprar bilhetes para que entrem na fila que a policia é encarregada de organisar, com o fim de evitar esses inconvenientes.»

Transcrevemos do Mundo:

Primeiras representações

A «Feira da vida» na Rua dos Condes

No theatro da Rua dos Condes realisou-se hontem a primeira representação de uma revista intitulada *Feira da vida*, original de V. S. e S. de A., com musica de Fortée Rebelo e V. S. A *Feira da vida*, que nada tem a recomendal-a a não ser a sua estopante sensaboria, parece ter sido escripta em má hora. Ante-hontem não subiu á scena, como se disse, por desafinação nos machinismos; e hontem ainda menos devia ter visto a luz da ribalta, porque auctores e actores já tinham o tempo sufficiente para se compenetrar de que da mesma desafinação enfermava a *Feira da vida*. Não obstante, os descoloridos aleijados e pobres seis quadros, que não teem um só traço original, nem uma só ideia nova, sediços e banaes, que constituem a mal fadada revista, lá conseguiram ser representados aos trambulhões, muito a custo, com enormes compassos de espera, no do maior aborrecimento dos espectadores, a maior parte dos quaes, iamos jurar, deu por bem mal empregado o dinheiro e o tempo que gastaram. O espectaculo assumiria, por certo, as proporções do mais tremendo fiasco se do programma não fizessem parte alguns numeros de variedades.—*C. M.*

O Banco do Hospital

A proposito de um artigo de Hermano Neves, hontem publicado n'este jornal, recebemos da direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis uma carta, da qual amanhã se occupará aquelle nosso presado collega de redacção.

O concerto d'amanhã no Politeama

A festa dos professores da Orchestra

Não nos enganámos suppondo que o concerto d'amanhã no Politeama seria coroado de todo o exito.

Os artistas de David de Sousa verão reunidos no seu concerto amadores distinctos e exigentes, e todos aquelles que sentem prazer em prestar actos de justiça.

Numerosos são os logares adquiridos tudo fazendo prever uma bella enchente.

Ficou o programma assim definitivamente organisado:

1.ª parte—«Tannhauser» (abertura), Wagner, «Scherezade», (suite simphonica—1.ª audição), Rmsky Korsokow, largo maestoso; lento, allegro non troppo. Lento, andantino, vivace, moderato assai, animato. Andantino quaisi allegretto. Allegreto molto, lento, vivo, spiritoso, allegro non troppo, maestoso, alla breve.

2.ª parte—«Simphonia Phantastica», (2.ª audição), Berlioz; Largo (sonho), allegro agitato, apassionato assai paixão: allegro non troppo, (um baile); adagio, (scena campestre); allegro non troppo, (marcha do supplicio); larghetto, (sonho d'uma noite de Sabbat).

3.ª parte—«Ode á Belgica», (2.ª audição) Teofilo Saguer; «Belgica invadida», «As rendeiras de Bruges», «Belgica heroica».

A «Simphonia Phantastica» será, como na primeira vez, executada na integra.

"A Tarde"

Na proxima quarta-feira, dia 31, reapparece no Porto o diario republicano *A Tarde*, dirigido pelo sr. Illydio Nunes, um moço jornalista que já demonstrou na imprensa as suas qualidades de intelligencia e o seu vigor combativo no debate de questões politicas.

A Tarde, na nova phase em que vae entrar, terá os seguintes collaboradores litterarios e artisticos:

Dr. Aarão de Lacerda, dr. Albino de Menezes, Antonio Azevedo, dr. Antonio Balthazar, Ariosto Silva, Arlindo de Azevedo, Arnaldo Leite, Carlos Candido, Carvalho Barbosa, Diogo de Macedo, Domingos Carreira, Domingos Ferreira, Duarte Solano, dr. Feliciano Santos, Herculano Nunes, dr. João de Lebre e Lima, João Grave, dr. João Pinto de Figueiredo, João Verde, Joaquim Lopes, Julio Brandão, Luiz Coelho, Luiz Cunha, dr. Manuel Cardoso, Manuel Martins, dr. Martinho Nobre de Mello, Narciso de Azevedo, dr. Nuno Simões, Oldemiro Cesar, Silva Passos, Simões de Castro, Soares Lopes, Sousa Martins, etc.

NO SUL DE ANGOLA

O que se passou em Naulila

O sr. Norton de Mattos, ex-governador geral da provincia, dá-nos a versão que considera exacta d'aquelles acontecimentos

Avistámo-nos hoje, ao fim da tarde, com o ex-governador geral de Angola, sr. Norton de Mattos, que hontem regressou a Lisboa, a bordo do «Moçambique». Teve s. ex.ª a amabilidade, n'uma palestra muito rapida, de nos falar dos acontecimentos militares que se deram ultimamente n'aquella provincia.

—A primeira impressão que eu tive, começou s. ex.ª por dizer-nos, ao ser informado das versões espalhadas na metropole ácerca do combate de Naulila, é de que ellas são em grande parte exaggeradas e até inexactas em muitos dos seus pormenores. Dir-se-hia, segundo essas versões, que o exercito portuguez não se portou á altura das suas tradições gloriosas, affirmadas em muitos seculos da nossa historia. Nada menos verdadeiro. Houve, é certo, alguns factos dignos de censura, hesitações, porventura desfallecimentos. Mas esses incidentes foram amplamente resgatados pelos lances de bravura que se produziram durante o combate. São elles que constituem a nota saliente, exacta, do encontro das nossas tropas com as forças allemãs.

«Já se disse que houve, da nossa parte, uma fuga desordenada. As pessoas que tal affirmam ignoram ou esquecem que as nossas tropas se bateram durante quatro horas com o inimigo. Só depois, e porque as munições se exgotaram, é que o tenente coronel Roçadas entendeu, e a meu ver muito bem, que devia ordenar uma retirada para occupar melhores posições, tanto mais que não se sabia se as forças allemãs contavam ainda com columnas de reforço, que estivessem acampadas á sua retaguarda.

«E deixe-me dizer-lhe que as proprias hesitações e desfallecimentos se explicam pela impressão profunda que o soldado sente quando recebe o seu baptismo de fogo. Isso dá-se com todos os exercitos e em toda a parte do mundo. Ainda ha pouco, na França, os mesmos factos se produziram, quando dos primeiros choques entre as forças inimigas. Em varios pontos da fronteira, como sabe, algumas companhias francezas não se sustentaram na linha de fogo. E ninguem se lembrou ainda de accusar o exercito francez de menos valente ou menos brioso.

—Sobre as condições em que o combate se travou...

—As nossas forças foram colhidas de surpreza. O sr. tenente-coronel Roçadas dispunha dos 1.500 homens da columna que commandava e dos 500 marinheiros que foram depois juntar-se-lhe. Procedia á concentração de todos esses elementos dispondo-os na linha do baixo Cunene e tendo em vista principalmente a occupação do Cuanhama, muito embora estivesse tambem prevenido para evitar qualquer desacato de estranhos á nossa soberania. Na altura em que o combate se travou dispunha apenas de 4 metralhadoras e 4 peças de artilharia.

—Quanto ao numero de forças allemãs...

—Ainda não foi possivel fixal-as com exactidão, principalmente porque o combate se travou n'um terreno muito arborisado, onde não era facil distinguir inteiramente as massas inimigas. Mas não ha duvida que o seu numero era superior a 2.000 homens, cuja maior parte era constituida por infantaria montada. Além d'isso tinham 16 metralhadoras e 8 peças de artilharia. Dada essa superioridade, as nossas forças não podiam deixar de effectuar essa retirada.

«Mas não é sob o ponto de vista militar que deve attribuir-se importancia ao combate de Naulila. As nossas perdas, entre mortos, desapparecidos, feridos e prisioneiros, não devem ir muito além de 100 homens, o que representa, como vê, uma percentagem pouco importante em face da desproporção em que o combate se travou. Não. A sua significação principal consiste na brutalidade, na injustiça da aggressão, que nada fazia esperar nem prever.

—Não ignora V. Exª, decerto, que já se pretendeu explicar o combate de Naulila como um desforço que os allemães quizeram tirar do incidente occorrido com o alferes Sereno.

—Eu sei que esse boato já se espalhou, mas o que não comprehendo é que possa haver alguem dentro do paiz capaz de lhe dar credito. O alferes Sereno cumpriu o seu dever, como militar brioso e amante do bom nome da sua patria. Sabe como os factos se passaram: Um forte destacamento allemão entrou no nosso territorio e dividiu-se em dois grupos, um que avançou para o Humbe e outro que destacou dois officiaes e o administrador d'uma das divisões fronteiriças para o avanço na direcção norte, ficando o resto acampado. O alferes Sereno convidou aquelles officiaes e o administrador a acompanharem-no a Naulila, onde se deviam encontrar com o capitão-mór. Elles obedeceram e marcharam. Chegados a Naulila, o alferes Sereno recebeu ordem de acompanhar os allemães até ao Cuamato, porque era ahi que o capitão-mór devia recebel-os. Intimados n'esse sentido, não quizeram obedecer e prepararam-se para marchar, ameaçando o alferes Sereno com as suas pistolas. Aquelle fez o que devia fazer: deu ordem de fogo.

«A minha convicção é que o «passeio» dos allemães até Naulila não foi mais que um reconhecimento militar, operado de combinação com as tropas que marcharam para o Humbe e que prenderam ali o administrador da região. Soltaram-no depois, é certo, mas levaram o seu compatriota que tinha feito parte da missão luso-allemã e que obteve preciosos esclarecimentos da situação militar em que a provincia se encontrava.

«Mas, admittindo mesmo que o alferes Sereno tinha procedido com exaltação, que os allemães estavam no seu pleno direito de entrar armados e municiados no nosso territorio, dizendo, como disseram áquelle nosso official, que iam prender um desertor, admittindo tudo isso, seria porventura defensavel a aggressão de Naulila? Não. O que se comprehendia é que os allemães pedissem explicações, que pretendessem até forçar-nos a uma satisfação vexatoria. Mas não succedeu nada d'isso. Prepararam-se com todas as cautellas para um ataque em forma, não hesitando sujeitar ás contingencias da batalha que iam ferir o official mais habil que elles possuem na Damaralandia, o major Franck. O combate de Naulila não foi mais, em resumo, que uma consequencia das informações levadas para a Damaralandia pelo membro da missão luso-allemã, como foi ainda um resultado do reconhecimento militar operado pelas forças a que pertenciam os trez allemães que tiveram o incidente com o alferes Sereno.

—Sobre a situação em que as nossas tropas se encontram hoje...

—Comprehende que nada posso dizer-lhe. São em numero sufficiente para repellir qualquer aggressão e para tirar o desforço do que se passou em Naulila. Alongar-me em mais pormenores seria fornecer elementos de elucidação que resultassem mais tarde em nosso prejuizo, visto os factos passados auctorisarem-nos a suppor que devemos recear a investida d'um inimigo...

PORTUGAL E VENEZUELA

Entrega de credenciaes

Com o cerimonial costumado, realisou-se hoje a entrega das credenciaes do novo ministro dos Estados Unidos de Venezuela, sr. dr. Simon Plañas Suarez. Eram 15 horas quando a cerimonia se realisou na sala Dourada.

No largo estava postada uma força de infantaria da guarda republicana sob o commando de um capitão e dois subalternos, com a respectiva banda. O novo ministro foi introduzido na sala pelo sr. Luiz Barroto da Cruz, 1.º official da secretaria da presidencia.

O sr. dr. Simon Plañas Suarez, que era acompanhado pelo sr. dr. Costa Cabral, chefe do protocollo, deu entrada na sala onde se encontrava o sr. dr. Manuel de Arriaga, acompanhado dos srs. Forbes Bessa, secretario da presidencia, Roque d'Arriaga, secretario particular, e membros do governo. Apoz os cumprimentos, o novo diplomata proferiu, em hespanhol, o seguinte discurso:

Senhor presidente—O governo dos Estados Unidos de Venezuela, correspondendo ao testemunho de simpathia que Vossa Excellencia lhe deu, acreditando pela primeira vez junto d'elle um enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal, apressou-se a corresponder da mesma forma a tão preciosa prova de cordeal amizade. A missão de que fui encarregado tem, portanto, as mais risonhas perspectivas. Unidos os nossos paizes por fundas raizes, que se vinculam em antecedentes historicos e glorias passadas, communs á nossa origem iberica, as circumstancias actuaes são propicias a um estreitamento de relações moral, politico e economico, visto que se fundam não só n'uma antiga amizade que hoje abre mais amplo caminho ao mutuo conhecimento das duas Republicas, mas ainda na semelhança de raça, de lingua e de costumes que criam, pode dizer-se, laços espirituaes que, embora subtis, não são menos firmes para desenvolver na alma dos povos um intenso sentimento de affecto e simpathia.

Sinto-me feliz por ter sido escolhido para representar a Venezuela na gloriosa Nação Portugueza, porque o conhecimento que d'ella tenho e o carinho que por ella professo fazem com que ouse esperar que a minha acção ha de ser proficua em obter exito completo nos desejos do meu governo, que são tornar mais intimas e efficazes as relações que sempre teve com Portugal.

A minha tarefa é facil e sel-o-ha ainda mais se, para o facil cumprimento das minhas instrucções officiaes, que tão intimamente concordam com as minhas mais vehementes aspirações pessoaes, contar com o valioso apoio de Vossa Excellencia e do seu illustrado Governo, que, tenho quasi a certeza, não me faltará.

O Senhor Presidente dos Estados-Unidos de Venezuela encarregou-me especialmente de transmittir a Vossa Excellencia os sinceros votos que formula pela vossa ventura pessoal e pela crescente prosperidade de Portugal, votos a que uno os meus proprios, e os mais sinceros ao depôr nas mãos de Vossa Excellencia a carta autographa que me acredita na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos Estados Unidos de Venezuela.

O sr. dr. Manuel de Arriaga respondeu:

Senhor Ministro: — Foi sobremaneira agradavel ao governo da Republica que o governo dos Estados Unidos de Venezuela, correspondendo ao testemunho que lhe damos acreditando pela primeira vez junto d'elle um enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, resolvera corresponder pela mesma fórma a essa vossa demonstração de simpathia.

A constante amizade que felizmente tem sempre existido entre os dois paizes, os seus antecedentes historicos communs, bem como as favoraveis circumstancias actuaes, a que alludis, são outros tantos factores que contribuirão, por certo, para o maior estreitamento *não só* das suas relações politicas e economicas, se não tambem dos laços de reciproca simpathia que os animam, como povos irmanados por identicas instituições e ideaes.

Folgo de ouvir que será vosso subido empenho cultivar as boas relações entre Portugal e a nação que representaes e apraz-me significar-vos que a escolha da vossa pessoa para representante dos Estados-Unidos de Venezuela me foi, pelas qualidades que vos distinguem, em extremo agradavel.

Podeis confiar que não vos faltará a leal cooperação do governo da Republica e a minha maior estima pessoal, para o mais facil cumprimento da alta missão de que estaes investido e que tão perfeitamente concorda com os vossos sentimentos pessoaes.

Agradeço vivamente os sinceros votos que s. ex.ª o presidente dos Estados-Unidos de Venezuela vos encarregou de transmittir pela crescente prosperidade de Portugal e pela minha ventura pessoal.

Ao receber a Carta que vos acredita junto do Governo Portuguez como enviado extraordinario de Venezuela, peço-vos que assegureis a S. Ex.ª os sentimentos de cordealidade de que me faço interprete para com S. Ex.ª da parte do Governo e da Nação Portugueza.»

Terminada a cerimonia, o novo diplomata esteve conversando com o sr. dr. Manuel de Arriaga durante largo tempo, sendo-lhe, á sahida, prestadas as devidas honras.

Dr. Manuel Monteiro

Foi hoje á assignatura, pela pasta do interior, o decreto exonerando o sr. dr. Manuel Monteiro de juiz do Supremo Tribunal Administrativo. Como é sabido, o governo tomou esta deliberação em virtude do sr. Manuel Monteiro, na sua qualidade de presidente da Camara dos Deputados, ter apresentado em juizo queixa contra o chefe do Estado, presidente do ministerio e outras individualidades, tornando-os responsaveis pelo não funccionamento do Congresso no dia 4 do corrente.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 27.—Communicado official das 15 horas:

O inimigo bombardeou a noite passada Arras, com granadas de todos os calibres. Houve um começo de incendio promptamente extincto. A guerra de minas tem continuado em La Boisselle em boas condições para nós.

Na Argonne, região de Bagatelle, arremeço de bombas d'uma para outra linha, sem ataque de infantaria.

Na Alsacia, depois de uma acção energica de alguns dias, attingimos o cume de Hartmanswillerkops, que tomámos d'assalto ao inimigo. Ao mesmo tempo, progredimos nos flancos a nordeste e sudeste do massiço, fazendo prisioneiros, entre os quaes alguns officiaes. Os allemães abandonaram importante material e deixaram grande numero de mortos no campo. As nossas perdas são pouco elevadas.

Um avião allemão lançou algumas bombas sobre Willers, noroeste de Thann, resultando morrerem trez creanças.—(*Havas*).

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 26.—Um communicado do grande estado maior diz que a offensiva russa esbarrou a oeste do Niemen com ataques allemães, continuando o combate. Os progressos russos continuam entre Bartfeld e Ujok, apesar da chegada de reforços inimigos. Um communicado de Caucaso noticia ter havido collisões de pouca importancia na região de Transtchorock.—(*Havas*).

O general Pau

SOFIA, 27.—O general Pau chegou esta noite.—(*Havas*).

A festa hippica em Palhavã

Novo adiamento teve de soffrer o festival a favor dos feridos da guerra. Ficou agora para 4 de abril. O programma será o mesmo a que já fizemos referencia: trez provas valiosas, uma em grande percurso de obstaculos, outra para parelhas, e outra, nova, para patrulhas de cavallaria.

INTERESSES REGIONAES

Gremio do Valle do Vouga

E' ámanhã, ás 20 horas, que na séde do Atheneu Commercial se realisa a reunião dos naturaes da região do Valle do Vouga residentes em Lisboa, para a discussão e approvação dos estatutos do seu Gremio de defeza e propaganda. A commissão installadora pede a comparencia de todos.

Photographias artisticas

Inaugura-se ámanhã a exposição do sr. Santos Leitão

Na Sociedade Portugueza de Photographia, rua das Chagas, 9, realisa-se ámanhã a abertura de uma exposição de photographias de grandes formatos impressas a tinta d'oleo, e que devem despertar grande interesse no nosso publico. Consta-nos que ha ali trabalhos com 65×85 cm., nos quaes a photographia desapparece por completo para dar logar a verdadeiros quadros de arte.

A exposição abre ámanhã, ás 2 horas, ao publico, que terá ensejo de vêr os trabalhos do sr. Santos Leitão, que não é muito dado a exposições, visto que não tem figurado n'outras, não obstante ser muito conhecido nos meios photographicos pelos seus escriptos sobre a especialidade.

Desde a sua exposição das notaveis trichromias que apresentou no Salão da *Illustração Portugueza*, nunca mais expoz em Lisboa, e por isso calculamos que os seus actuaes trabalhos devem produzir sensação.

A questão da Escola Normal

Um voto de protesto contra dois professores

Noticiaram alguns jornaes que uma moção ha dias votada pelo conselho da Escola Normal de Lisboa, e que foi presente ao ministro da instrucção, não o havia sido por unanimidade. E' inexacta tal informação. Em reunião de hontem, o conselho da Escola Normal tomou a seguinte resolução:

«Tendo, na sessão de 20 do corrente, sido approvada por unanimidade a moção que foi presente a s. ex.ª o ministro da instrucção, e n'essa unanimidade contando-se os votos expressos dos professores Alberto Pimentel e José Lopes Coelho, como consta da acta agora approvada, e havendo estes, por officio dirigido ao director da Escola no dia 23, declarado que não tinham approvado a dita moção;

Resolve o conselho, abstendo-se de quesquer commentarios, que na acta fique exarado um voto de protesto contra a deliberação d'aquelles dois senhores, pelo que n'ella ha de absolutamente contrario á verdade dos factos».

Esta resolução foi tomada por unanimidade, estando presentes, sob a presidencia do director, sr. Thomaz da Fonseca, os professores srs. Albino Pereira Magno, Severo Pires Marinho, Eugenio de Castro Rodrigues, Thiago dos Santos Fonseca, D. Maria da Conceição Gonçalves, D. Albertina Maria da Costa, D. Leonor de Paiva e Pona, Pedro José Ferreira, D. Amalia Luazes, José Lopes de Oliveira, Augusto Luiz Zilhão, Julio da Costa Rodrigues, José Nunes da Graça, Amaro de Oliveira e Joaquim Rodrigues das Neves.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Pessoal da Imprensa Nacional

Reune ámanhã, ás 12 horas, a assembléa geral extraordinaria, na séde, para apreciação e analise do actual regulamento e alterações a propôr. N'esta reunião a direcção dará conta da entrevista que teve com o novo director da Imprensa, sr. Augusto Machado Santos.

Caixeiros de Lisboa

Reune ámanhã, ás 13 horas, a assembléa geral, para tomar conhecimento do inquerito feito pela commissão nomeada em assembléa geral de 21 de fevereiro sobre a questão da cooperativa e para eleição da direcção.

Centro Rep. Evol. d'Angeja

Os socios devem reunir ámanhã, ás 15 horas, na séde da delegacia em Lisboa, rua da Bempostinha, 112, r|c., para prestação de contas do anno findo e eleição dos corpos gerentes para o corrente anno e de um delegado ao congresso do partido evolucionista.

Conferencia de delegados typographicos

A Federação Typographica Portugueza convocou uma conferencia de delegados especiaes das associações adherentes para apresentação dos seus relatorios e contas correspondentes aos annos de 1909 a 1913 e de 1913 a 1914, apreciação d'uma proposta para remodelação das actuaes bases da Federação e eleição do novo conselho federal e fixação da data e local para a realisação do 1.º Congresso Nacional. Essa conferencia inicia os seus trabalhos ámanhã, pelas 10 horas, na séde da Associação dos Compositores, com a assistencia de delegados das Associações dos Compositores e Impressores Typographicos de Lisboa, da Liga das Artes Graphicas do Porto e dos membros do actual conselho federal. As duas restantes sessões realisam-se ámanhã ás 20 horas e na segunda feira, ás 21.

Centro Dr. Affonso Costa

Para eleição dos novos corpos gerentes reune a assembleia geral no dia 2 d'abril, ás 21 horas.

Situação politica

O «Intransigente» d'hoje, em artigo do sr. Machado Santos, indica em poucas palavras o modo de se resolver as difficuldades politicas actuaes: o partido democratico desappareceria, o sr. Antonio José d'Almeida seria eleito presidente da Republica, o sr. Brito Camacho ficaria chefe d'um grande partido conservador. E os elementos mais avançados? Iriam para outro partido, cuja chefia o sr. Machado Santos não indica.

Exportação de coiros

Uma commissão de industriaes de sapatarias solicitou do governo providencias, no sentido de ser prohibida a exportação de coiros em pello e cabedaes.

A festa da arvore em Bemfica

Se o tempo o permittir, realisa-se ámanhã, ás 13 horas, nos campos dos Desportos de Bemfica a festa da arvore, que ficou adiada do domingo passado.

A plantação das arvores far-se-ha no recinto ajardinado dos Desportos, junto ao «rink» de patinagem, distribuindo-se em seguida um «lunch» a todas as creanças das escolas.

A entrada é gratuita e organisar-se-ha um luzido cortejo em que tomam parte trez bandas de musica.

Sport

Sports athleticos em Coimbra

Tenciona a Associação Academica de Coimbra levar á effeito, nos fins do proximo mez de maio ou principios de junho, um campeonato de *Sports* athleticos entre as Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra.

E' por todas as razões uma iniciativa digna do maior elogio pois se tornam necessarios estes arrancos para o resurgimento do *sport* em Portugal, que atravessa na presente occasião, uma lamentavel crise.

Constará esse campeonato de todas as provas classicas, como: corridas, saltos, etc., e ainda de *matches* de *foot-ball* e torneios de *tennis* com valiosos premios.

E' bom fazer salientar aqui o esforço da actual direcção da Associação Academica de Coimbra em desenvolver o *sport* em Coimbra. Esta conseguiu um esplendido campo de jogos na quinta de Santa Cruz, levou a cabo um campeonato de bilhar na sua séde, e ainda o anno passado conseguiu realisar na Figueira da Foz regatas que revestiram o maior brilhantismo.

Oxalá a Associação Academica de Coimbra possa contar com o valioso auxilio das Universidades de Lisboa e Porto.

Concurso hippico internacional

A Sociedade Hippica Portugueza já assentou nas bases do grande concurso hippico internacional de 1915. Como os precedentes concursos, o d'este anno apresentará notas de novidade e de valor sportivo ainda não attingido. Serão cinco dias de torneio, em que os nossos cavalleiros affirmarão mais uma vez progressos, pondo-os em confronto com bons concorrentes estrangeiros.

Tatter-sall Portuguez

Realisa-se ámanhã o terceiro leilão mensal da serie do *Tatter-sall Portuguez*. O local é o vasto picadeiro da rua da Escola Polytechnica, 60, os lotes a leiloar, enviados por diversos creadores, *sportsmen*, commerciantes e centros sportivos de Lisboa e fóra, constam de cavallos de sella e de tiro, de carros, de arreios diversos e de diversas marcas, etc. Começa ás 14 horas este leilão, que, como os precedentes, prestará grande serviço ao nosso meio hippico.

Uma «poule» de tiro aos pombos

A'manhã pelas duas horas da tarde realisa-se a grande *poule* mensal entre os atiradores socios do Grupo de Tiro aos Pombos da Sociedade Hippica Portugueza no magnifico *stand* de Palhavã, que se póde considerar dos melhores da peninsula.

Os premios que se vão disputar são: para o primeiro classificado 40$00, para o segundo 20$00, e para o terceiro 10$00. A taxa de inscripção é de 5$00.

Espera-se uma boa concorrencia de atiradores, pois que no sabbado, 10, e domingo, 11 de abril proximo se deve realisar a grande sessão inter-clubs para disputa da artistica taça Lisboa, com valiosos premios monetarios.

Convocações de «foot-ball»

O capitão do «team» infantil Velo Sport Grupo pede a comparencia no campo de Pote d'Agua, ás 13,30, para jogarem em desafio contra o Alto do Pina Foot-Ball Club, dos srs. Manuel Antonio, Laurentino, Mauricio, Manuel Baptista, Jaime Reis, José Pereira, José L. Martins, Rodrigues Baptista (capt.) Avelino Bruno e Elyseu.

—O capitão geral do Tejo Foot-ball Club pede a comparencia dos seguintes jogadores, ámanhã, no campo do club, em Palhavã, ás 14 horas, para jogarem em desafio official contra o S. C. Imperio: Gregorio José, João Nunes, José Mamede, Rufino d'Araujo, H. Costa, Alfredo Alfaia, Joaquim Figueiredo, F. Manso, A. Coelho, Augusto Mendonça e José Pereira.

Sup.: Joaquim Esteves, Edmundo Gomes, Tristão da Silva e Henrique Raymundo.

Sport Lisboa e Bemfica

A direcção d'esta collectividade avisa todos os seus consocios de que, em virtude das reparações a que está procedendo no seu campo de jogos de Sete-Rios, este não se acha livre ámanhã, domingo.

Desafios de amanhã

A Associação de Foot-ball de Lisboa marcou os seguintes desafios para amanhã: 1.ª cathegoria—S. L. B. contra S. C. F. no Stadium, ás 15 horas, juiz Hermano Braga; L. F. C. contra S. C. I., no Stadium, ás 13 horas, juiz Jorge Vieira; 3.ª cathegoria—(1.ª serie): V. F. C. contra C. I. F., em Palhavã, (A) ás 13 horas, juiz A. Ribeiro dos Reis; 4.ª cathegoria—(2.ª serie): J. S. C. contra G. S. C. O., no Campo Grande (Caça), ás 13 horas, juiz Arthur Santos. Campeonato escolar: 3.ª cathegoria—A. M. M. P. contra C. F., em Palhavã, ás 14 horas, juiz Franco de Araujo; 4.ª cathegoria—(1.ª serie): T. F. C. contra S. C. I., em Palhavã (A), ás 15 horas, juiz Luciano Simões.

A final do campeonato

Realisa-se amanhã, domingo, no esplendido campo do Stadium de Lisboa—Alameda do Lumiar — o mais importante «match» d'esta epocha entre os clubs que são os classificados «finalistas» do campeonato do «foot-ball» de Lisboa, o Sporting e o Sport Lisboa.

Tudo faz prever um «match» em que os dois «teams» se esforçarão por demonstrar um jogo rapido, energico e correcto. O Stadium de Lisboa, que está luxuosamente installado, proporcionará a todos os espectadores o maximo conforto, sendo os preços de entrada: camarotes, 3$00 e 2$00; fauteuils, 1.ª fila, $60; 2.ª fila, $50; bancada, $40; peão, $14. Os socios do Sporting Club de Portugal teem entrada mediante a indispensavel apresentação da quota de janeiro, sendo-lhes reservado logar na bancada geral.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 26. — O ultimo comboio tramway de hontem, da Figueira para aqui colheu entre os apeadeiros de Casaes e Bemcanta uma mulher que ficou com a mão esquerda cortada e bastante ferida pelo corpo. Foi trazida para o hospital da Universidade, onde ficou em tratamento.

TOURADAS

Campo Pequeno

Como já noticiámos, a inaugurar a epocha, no proximo dia 4 d'abril, vem o *espada* Ale, um dos toureiros de maior actualidade em Hespanha. A fim de escolher o curro que n'esse dia deve ser lidado, partiu para o Ribatejo um dos societarios da empreza.

A B C

Annuncia-se para breve com este titulo um novo diario da manhã vasado nos moldes do seu homonimo de Madrid e alheio a qualquer partido politico. Sahirá em numeros de 16, 24 e 32 paginas com numerosas illustrações.

"Annuario Commercial,,

A edição de 1915

Foi posta já á venda a edição do corrente anno do *Annuario Commercial*, a bella obra que de anno para anno vem melhorando, de fórma a constituir um repositorio de informações seguras, que se torna indispensavel em todas as casas commerciaes e repartições publicas.

Dividido em dois volumes, o primeiro occupando-se exclusivamente de Lisboa e o segundo com a secção de provincias, o *Annuario Commercial* mantem os creditos de primeira publicação no seu genero que de ha muito conquistou.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Machina barulhenta

Em nome dos moradores do predio n.º 5 da rua de S. Julião, escrevem-nos pedindo que voltemos a chamar a attenção do sr. commandante da policia para uma machina installada nos baixos d'esse predio, com entrada pela rua da Padaria, 31, que faz um barulho infernal, incommodando toda a gente que tem a infelicidade de habitar no dito predio, e que trabalha desde as 7 horas até noite alta. Apesar das reclamações feitas á policia, ao administrador do bairro, a toda a gente, emfim, ainda não houve quem providenciasse.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21—O Diabo.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21 — Fresco de Goya—Amigo Melquiadez—Cabo primero.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO —A's 21—4.028-Lx.—Casa com escriptos.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO —A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 14—Matinée—A's 21 — Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

HOJE — **S. Carlos** — Recita do actor Ferreira da Silva—Primeira representação d'*O Diabo*.

—**Gimnasio** — Recita do actor Mario Duarte — *A bella madame Vargas* — *A onda*.

A'MANHÃ—**S. Carlos**—Ultimo concerto de Vianna da Motta.

—**Politeama**—Concerto pela orchestra David de Sousa.

Primeiras representações

AVENIDA—**A. B. C.**, revista de Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues.

Convenientemente condensada, de fórma a poder ver-se em sessões, resurgiu agora no tablado do Avenida a graciosa revista A. B. C., *de Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues, que n'esse mesmo theatro fez uma larga e afortunada carreira. Os applaudidos revisteiros, renovando o seu trabalho, juntaram á sua peça a pimenta indispensavel para que o prato pudesse ser servido sem a impressão de requentado. Para o mesmo resultado contribuiram a mise-en-scène, scenario e guarda roupa, que tornam a revista quasi uma coisa nova. O publico que encheu litteralmente a sala applaudiu calorosamente auctores e artistas. Nascimento Fernandes e João Silva conservando os seus antigos papeis souberam imprimir-lhes uma feição diversa. O primeiro disse com extrema correcção o monologo dramatico* Ninguem *e o segundo recitou com immenso chiste os antigos* couplets Por um boccadinho, *em que as allusões politicas despertaram grande hilaridade e applausos.*

Muito bem, como sempre, Amelia Pereira, especialmente no monologo A Caridade; *Luiza Durão, interessantissima na vendedora de violetas; Julia Mendes na* Cautella de trez *recordando um nome saudoso no ecco das palmas que ouviu ao cantar aquelles espirituosos versos.*

Berthe Barou, em papeis que não estão a seu caracter, conseguiu fazer-se applaudir, o que constitue o maior merito do seu trabalho. Pilar Monteiro foi admiravelmente bem dizendo os versos finaes da França, quando se mostrou mal collocada na canção hespanhola. Emfim, A. B. C. *agradou extraordinariamente e tem assegurada uma nova e extensa carreira.*

F. M.

RUA DOS CONDES—*A feira da Vida*, revista em um acto e cinco quadros por S. de A. e V. e S., musica de Fortée Rebello.

Hontem, dia em que a Egreja commemorou solemnemente as sete dôres de Nossa Senhora, dia de jejum e de abstinencia, estreou-se como escriptor de theatro o chefe da redacção do mais antigo e mais orthodoxo orgão da imprensa catholica de Lisboa, a quasi septuagenaria Nação, *defensora impertérrita da causa de Deus e do Rei, inflexivel propugnadora dos bons e patriarchaes costumes. O caso constituiu um acontecimento, como em Paris, pouco antes da guerra, a estreia de Arthur Meyer, o prestigioso director do* Gaulois, *tambem catholico e monarchico, e que, guardadas as devidas, respeitaveis distancias, não foi mais feliz com a sua comedia, aliás bem escripta, do que o sr. Severim de Azevedo com a sua revistinha em torno da qual se fez um ruidoso reclamo.*

Vão, certamente, muito mudados os tempos... Quem nos diria, ha um quarto de seculo, que o chefe da redacção de um periodico que contou entre os seus redactores aquelles austeros varões que se chamaram Antonio Pereira da Cunha, D. Jorge de Locio, João de Lemos, D. Sancho Manuel de Vilhena, Silva Bruschy (pae), Fernando Pedroso, José Corrêa de Sá, Porfirio de Carvalho e tantos outros, tentasse no theatro o genero que popularisou Baptista Diniz com as mesmas phrases equivocas, as mesmas obscenidades em suspenso, a mesma pornographia, a mesma exhibição de tentadoras plasticas para varios paladares, além de diversos modelos de camisas mais ou menos luxuosas e transparentes! Quem nos diria a nós! Pois verificou-se hontem á noite esse facto, que define uma época e uma sociedade, e não será incorrer em erro affirmar que o Stabat Mater *não logrou ter como* A feira da Vida *tão numerosa, selecta e interessada concorrencia...*

Em auctores que perderam a fé ou que nunca a tiveram e para quem a moral que a Nação *defendeu e defende imperturbavelmente é uma coisa anachronica toleram-se leviandades, escorregadellas, culpas como as que pesam hoje sobre o chefe da redacção do veneravel periodico. No sr. Severim de Azevedo, porém, não se perdoam e dir-lhe-ha porquê o sr. Domingos Pinto Coelho, se porventura o joven revisteiro não preferir averigual-o folheando a collecção da gazeta em que exerce um cargo de tamanha responsabilidade...*

Mas tem, pelo menos, graça A feira da Vida? *Falseariamos a verdade se o affirmassemos. O que n'ella nos pareceu de algum valor são os versos e esses pertencem ao sr. Vasconcellos e Sá, o collaborador do sr. Severim de Azevedo, e que é um poeta de real merecimento. Exceptuados elles, nada mais a recommenda, a não ser talvez a musica coordenada pelo sr. Fortée Rebello cujas aptidões, sem duvida notaveis, se evidenciaram quando o distincto compositor e regente ensinava a sua arte no collegio de Maria Santissima Immaculada em Campolide. A fama de humorista que mal ou bem se creou o sr. Severim de Azevedo, e que attrahiu sobre o seu trabalho as attenções do publico, soffreu um verdadeiro cheque. Temendo explorar o filão politico, que a grande arte do mestre illustre que se chama Eduardo Schwalbach ainda agora aproveitou por fórma admiravel no ultimo quadro de* Verdades e mentiras, *e não dispondo da graça espontanea, leve, vivaz, scintillante que os ridiculos sociaes requerem, para que sejam commentados e castigados com exito, o sr. Severim viu mallograr-se o seu primeiro tentamen como escriptor theatral e cuja unica originalidade—muito para extranhezas no chefe da redacção d'uma folha catholica—consistiu em inventar para um dos quadros certo scenario cheio de symbolos e emblemas religiosos, á sombra dos quaes se proferem algumas das mais picantes brejeirices da revista.*

A feira da Vida, *posta em scena com esmero de guarda-roupa e desempenhada por um modesto grupo de artistas entre os quaes convem mencionar Luciano de Castro e Carmen Osorio, representa-se em sessões. Assistimos á segunda que começou cerca da meia noite e que teve um publico excepcional pela quantidade, pela qualidade e tambem pela benevolencia. Publico affecto aos auctores, absteve-se, todavia, de quaesquer manifestações de apreço. E foi tudo...*

A. de A.

Assistencia elegante ao espectaculo da Rua dos Condes, segundo informa a *Nação*:

Sr.as: condessas da Guarda, de Borralha, do Casal Ribeiro e de S. Miguel, viscondessa de Silvares, D. Maria da Natividade Meyrelles de Campos Henriques, D. Maria Isabel Perestrello d'Orey Correia de Sampaio (Castello Novo), D. Madgalena Trigueiros Martel Patricio, D. Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, D. Henriqueta Infante da Camara Taborda, D. Maria Emilia Taborda Trigueiros Martel.

D. Maria das Dôres de Mello e Castro Trigoso, D. Alice Assis Furtado, D. Maria José de Vasconcellos e Sá, D. Maria da Conceição Moraes Sarmento Cohen, D. Maria de Lobo d'Avilla Waddington, D. Cecilia Pinto da Fonseca de Sousa Rego, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo, D. Antonia Tedeschi Placido.

D. Maria Augusta de Vasconcellos e Sá Guerreiro Nuno, D. Maria dos Santos Tavares Osorio, D. Palmyra Lobo d'Avilla Lima e filha D. Bertha, D. Carolina de Vasconcellos e Sá, D. Maria d'Assumpção Calheiros Kruz, D. Mecia Mousinho d'Albuquerque e filha D. Fernanda, D. Virginia de Mello Guerreiro O'Donell e filha D. Fernanda.

D. Regina de Freitas Waddington, D. Maria da Paz Batalha, D. Ignez Alçada, D. Albina Euler de Carvalho, D. Margarida Deslandes, D. Estrella de Serra e Moura, D. Esther Bramão Reis e filha D. Maria Luiza, D. Benedicta de Amorim Duff e filha D. Maria, D. Isaura Roquette.

D. Helena Durand Serra e Moura, D. Maria da Conceição Serra e Moura, D. Maria do Loreto de Borja Trindade de Serra e Moura, madame Ressano Garcia Ennes e filha, D. Julia de Mello Guerreiro e filha D. Eugenia, madame Cardoso dos Santos, D. Ludovina Osorio, D. Maria Ernestina Infante da Camara, D. Léa Cohen Zaguri.

D. Adelaide Bramão, D. Maria de Lourdes da Silva Bruschy, madame Lamarão, D. Julia da Silva Dias, D. Magdalena Taborda Couto, D. Bertha Lamarão, D. Sophia Pedroso, D. Emilia Brederode Smith, D. Carlota Lopes de Almeida, D. Maria Adelaide Amorim de Andrade, mesdemoiselles Blanco, etc.

E os srs.: marquez de Castello Melhor, condes da Guarda, de Seisal, da Borralha, de Paço Lumiar, de Leça de Casal Ribeiro, viscondes de Silvares e dos Olivaes, Barão de Linhó, conselheiro Alberto de Campos Henriques, dr. Belfort Ramos.

D. José Correia de Sampaio (Castello Novo), D. José Luiz de Saldanha de Oliveira e Daun (Rio Maior), dr. Assis Furtado, Simão Trigueiros Martel, dr. Antonio Osorio, D. Sebastião Pessanha, D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena (Pombal).

D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), dr. Francisco Paes de Sande e Castro, Antonio Luz (Coruche), general Vasconcellos e Sá, dr. José d'Arruella, dr. Armando Ramos, Luiz Trigueiros, dr. Euler de Carvalho.

Augusto Moniz da Costa Veiga, dr. Alberto e Arthur Moraes de Carvalho, José Perestrello de Vasconcellos, Eduardo Placido, Alberto de Sousa Rego, D. Carlos da Camara (Ribeira Grande), Arthur Carvalho da Silva, dr. João Moreira de Almeida, Francisco Xavier de Almeida.

Alberto Placido, Carlos da Motta Pegado, dr. Pedro Doria Nazareth, João Bregaro, João Roiz Batalha, major Amorim de Andrade, José de Oliveira Soares, dr. Alvaro dos Reis Torgal, Pedro de Serra e Moura, José Parreira, Maia Cardoso, Mario Costa, dr. Luiz Roquette Soares de Albergaria.

D. Manuel de Bragança (Lafões), dr. Cancella de Abreu, dr. Caetano Beirão, dr. Alberto Bramão, drs. José e Caetano Lobo d'Avilla Lima, José Lisboa, Antonio Stubbs de Lacerda, Alfredo de Abreu, Benjamim Cohen, dr. Luiz Waddington, capitão Cardoso dos Santos, dr. José Osorio, D. Francisco da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja).

Francisco Brederode Smith, Carlos da Motta Marques, Eduardo de Mendonça Bello, dr. Antonio Horta e Costa, Alvaro Horta e Costa, dr. José Coelho da Cunha, Eduardo Valdez Pinto da Cunha, Luiz Ricciardi, Eduardo Ortigão Burnay, Abel Leon, Adolpho de Azevedo, Alberto Lamarão.

Virgilio Pereira da Silva, Miguel Deslandes, Miguel Coelho, Alvaro e Frederico Navarro Hogan, José Gorjão Henriques, Casimiro Guedes, José Ribeiro Junior, D. Alexandre de Vasconcellos e Sá (Silvares), D. Nuno de Noronha da Costa (S. Miguel), Antonio Felix da Costa, José de Vasconcellos e Sá Guerreiro Nuno, Arthur Reis, Elias Raphael Seruia, Carlos Lamarão, David Zaguri, Fernando Durão, Apprigio Mafra, Luiz Bello, Carlos de Vasconcellos e Sá, etc., etc.

Medalhões

Ferreira da Silva

Ferreira da Silva occupa um logar no nosso theatro par droit de conquête. *Obteve-o á custa do seu trabalho, de um persistente labor, auxiliado por uma cultura e uma intelligencia que lhe teem sido poderosos auxiliares. Entrou no theatro por vocação, deitando ás ortigas a carta de bacharel e, desde então, vencendo difficuldades de toda a ordem e preoccupando-se apenas com as que a Arte oppõe sempre a quem pretende attingil-a, elle caminhou até chegar á primeira fileira. Para que citar as creações que o puzeram em plena avançada? Todos as recordamos. A sua festa de hoje tem um relevo especial. Escolheu para ella o artista uma peça das mais curiosas que teem visto a luz da ribalta e das mais originaes. A obra de Molnar ficou em muitos espiritos como a mais singularmente interessante de quantas nos apresentou o altissimo talento, roçando a meúdo pelo genio, de Ermette Zacconi.* O Diabo *resurge hoje em lingua portugueza, traduzido e interpretado na nossa linguagem por um fino espirito, o de Gualdino Gomes, que desejariamos ver em mais activa producção litteraria e os tres nomes de Molnar, Gualdino e Ferreira da Silva são garantia supersuficiente de que, na temporada actual, marcará a recita de hoje como das mais brilhantes.*

Cyrano

Mario Duarte

Quando, ha cerca de trez annos, a imprensa noticiou o apparecimento de Mario Duarte no palco do Gimnasio, fez-se em torno do seu nome um justificado movimento de curiosidade. Implacaveis zoilos sorriram com uma pontinha de desdem, mal admittindo a possibilidade de que alguem se decidisse sahir todas as tardes do seu consultorio de clinica dentaria na rua Nova do Almada a fim de ir tranquillamente trocar a blusa branca de operador pela casaca do galã. Rompendo com o preconceito, o artista não hesitara affrontar as más vontades que o esperavam, e porque estava longe das hesitações de principiante, e porque tinha a consciencia perfeita das suas aptidões, resolveu triumphar. Triumphou. A breve trecho tinha-se dissipado totalmente a névoa de hostilidade com que fôra acolhida a sua resolução, e as suas faculdades artisticas foram justamente celebradas por esses mesmos que tinham d'ellas duvidado.

Novo ainda, Mario Duarte não chegou por emquanto ao apogeu da sua carreira de actor. Mas alguns dos seus trabalhos em personagens de responsabilidade bastaram já para lhe assegurar uma cathegoria no primeiro plano. Tão meticuloso no detalhe como feliz na interpretação geral, dizendo correctamente, imprimindo por vezes ás situações o vigor de uma agua-forte e dispondo sobretudo d'essa força admiravel da mocidade (que, como a fé, remove montanhas), o distincto actor conseguiu já o que tantos procuram debalde obter n'uma vida inteira —ter um publico.

E' esse publico que esta noite vae applaudi-lo no theatro do Gimnasio por occasião da sua festa artistica. E' a esses applausos que junto, com estas linhas, o meu abraço de felicitações.

Hermano Neves.

Boatos e informações

A peça de Jacintho Benavente que Alves da Cunha representa na sua festa intitula-se *Casa feliz*.

● Entra por estes dias em ensaios no Gimnasio a peça em um acto de André Brun, *O primo Isidoro*.

● Na *tournée* Mendonça de Carvalho, que se realisa nos mezes de junho, julho e agosto, é a actriz Zulmira Ramos quem desempenha o papel de protagonista da *Menina do chocolate*, de Paul Gavault, creado em Lisboa por Adelia Pereira.

● Depois de *Os velhos*, de D. João da Camara, cuja *reprise* se fará, como noticiámos, em festa artistica de Chaby Pinheiro, entra em ensaios, no theatro de S. Carlos, a comedia de Maurice Boniface e E'douard Bodin *A tia Leontina*. A *reprise* d'esta peça é destinada á recita de Lucinda Simões, que tem *A tia Leontina* no seu repertorio.

● A recita de homenagem á memoria de Gervasio Lobato, promovida pela actual sociedade artistica do theatro do Gimnasio, realisa-se no proximo mez de abril, devendo abrir por uma conferencia de Mello Barreto sobre a obra do grande humorista e o papel que ella representou na evolução do theatro portuguez. A conferencia será *exemplificada* com a apresentação das principaes figuras de Gesvasio Lobato, extrahidas das peças *Commissario de policia, Em boa hora o diga!, Sua Excellencia, Noivas do Enéas, Condessa Heloisa, Burro do sr. Alcaide, Solar dos barrigas, Testamento da velha*, etc., estando em scena, para esse fim, toda a companhia.

Completa o espectaculo a representação da comedia *Commissario de policia*.

● Na representação da comedia burlesca em 3 actos *Circo de inverno*, actualmente em ensaios no theatro do Gimnasio, entra toda a companhia d'aquella casa de espectaculos, com excepção da actriz Amelia Pereira e do actor Pato Moniz. Os trabalhos de montagem do terceiro acto, que se passa, como já dissemos, durante o espectaculo de um dos circos de Paris, começaram já, sob a direcção do scenographo Mergulhão e do mestre Joaquim de Carvalho, o habil actor do *Theatro modelo*, executado, ultimamente, para o Conservatorio de Lisboa.

O *Circo de Inverno* deve subir á scena em meiados do proximo mez de abril.

Circos & Music-halls

Companhias que se dissolvem

Para melhor explorar os seus espectaculos succede com frequencia que certos grupos de artistas de circo se reunem formando companhias completas. Assim succedeu por exemplo com os grupos dos emprezarios Villani e Frediani, que um dia se associaram para constituir uma companhia, que inaugurou os seus espectaculos em Bruxellas. Agora a guerra veiu transtornar os negocios da sociedade porque existem poucas casas de espectaculos e poucos circos que possam supportar as depezas de troupes com mais de 50 artistas e mais de 22 cavallos. O que succede? Dissolvem-se. E' o caso da noticia sensacional de hoje, á tarde, de na presença de advogado, aquelles artistas dissolverem a sua sociedade. Foi, portanto, em Lisboa que reuniram os seus nucleos dispersos e é em Lisboa que se separam definitivamente...

Noticias

Entre nós

Os *clowns* Rico e Alex effectuam hoje á noite, no Coliseu dos Recreios, a sua festa artistica apresentando pela primeira vez os intermedios comicos «Sevilha em Lisboa, «Um atirador» e a ecuyere «Mademoiselle de Ricanoff».

—No Salão Foz estreiam-se hoje os 3 Dalios.

—No Coliseu de Lisboa apresenta-se hoje, pela primeira vez, a *kinopereta*.

—A companhia do Cirque Royal de Bruxellas dá ámanhã a sua ultima *matinée* e despede-se com a recita da moda de segunda-feira, no Coliseu.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A Feira da vida, revista — Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinéés* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.

Recenseamento eleitoral

Junta de parochia de S. Vicente

Como protesto contra a dictadura e respeitando o compromisso tomado em reunião magna das juntas de Lisboa, a junta de parochia de S. Vicente devolveu ao secretario recenseador do 1.º bairro as copias do recenseamento, acompanhando-as de um officio em que se explica que, devendo a exposição ter sido feita de 16 a 28 do corrente, conforme determina o § 1.º do artigo 1.º da lei n.º 294, a junta se não julga obrigada a expôl-as agora, sem que tal facto envolva aggravo ou desprimor para o secretario, representando apenas o respeito que se deve á lei.

Movimento maritimo

Australia, «Palma»	28
Africa oriental, «Gladiator» (Liverp.)	29
Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Bechnana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonna» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31

SPORT

O "knock-out", socco util para qualquer se acautelar

O knock-out é o golpe decisivo no jogo do box porque põe termo ao combate antes que se attinja o numero de rounds previamente fixado. O boxeur que o recebe cae em terra como uma massa inerte e ahi fica. Se se conservar n'essa posição durante dez segundos, o adversario será declarado vencedor.

O knock-out é de data relativamente recente. Os campeonatos do mundo do box remontam a 1719 e esse golpe foi inventado por John Sulivan, que o empregou pela primeira vez em 1860 sobre George Rook, ao 2.º round e no mesmo anno, em Donaldson, ao 10.º

O knock-out é um golpe decisivo que não admitte nem contestação nem discussão. Qual o estado phisiologico d'aquelle que o recebe? Fica anesthesiado, cae adormecido e não experimenta a menor dor. Os olhos fecham-se-lhe, a victima parece estar n'uma grande praça publica onde se comprime enorme multidão. Depois são muitos sinos a tocar, um deslumbramento de fogos de artificio e mil coisas mirabolantes. E tudo isto, repetimos, sem a menor dôr, sem a menor impressão desagradavel. E' o vacuo. E' o anniquilamento geral. E apesar de que o boxeur, que ganhou o knock-out, uma vez tombado, tem o rosto desfigurado, a face crispada e o corpo animado de sobresaltos sinistros, não nos cançamos de insistir que não soffre coisa alguma, que não sente, é como se deixasse de existir durante alguns momentos.

Quando acorda, tambem nada soffre, porque não se lembra do que lhe aconteceu e continúa durante alguns minutos a ter a sensação do vacuo. O mais insignificante dos murros dado no nariz é mais desagradavel que o mais brutal—permitta-se o termo—dos knock-out. E' a proposito citaremos um caso curioso devido a esse golpe excepcional.

Trata-se do knock-out, que pôz termo, em 1904, em Detroit, no 3.º round, ao combate entre Ben O'Grady e Tommy Burns. Este atirou um cross formidavel ao queixo do adversario. Ben O'Grady cahiu no ring enrodilhado como um trapo e foi conduzido ao hospital, onde esteve vinte e quatro horas sem dar accordo de si e sem que os medicos podessem arriscar qualquer diagnostico. No dia seguinte ao do match, O'Grady acordou fresco e bem disposto. Só se não lembrava do que lhe succedera depois de iniciado o 1.º round com Tommy Burns.

O knock-out pode ser applicado: no queixo, na carotida, no coração e no estomago.

O cross ao queixo é o golpe preferido pelos boxeurs americanos. Foi o que John Sullivan inventou e que lhe deu a invulnerabilidade durante trez annos, guardando preciosamente o segredo da sua descoberta.

O golpe á carotida é difficil de dar, porque o ponto sensivel é regularmente protegido e só batendo com uma grande precisão se obtem o resultado desejado. Os inglezes empregam-no com frequencia.

Nota do dia

Acclarando uma questão

Dizia-se pelos campos de jogo e pelos cafés e chegou até aos jornaes que a «Taça Portugal» devia ser disputada, n'um torneio novo, á semelhança do campeonato da *Cup* ingleza. Averiguámos se havia rasão de viabilidade para tal projecto e chegámos a concluir que era apenas uma das muitas phantasias de qualquer imaginoso *foot-baller*. Porquê? E' um amigo que nos indica:

—A «Taça Portugal» foi instituida ha uns quatro annos por subscripção. Seis camaras municipaes deram ao todo 15 escudos A «Taça» tem o valor approximado de 70 escudos. A differença no custo foi dada pelo Sport Club Imperio, que era o club organisador dos torneios.

«O Sport Lisboa e Bemfica, o Internacional, o Imperio e o Sporting já disputaram desafios para a «Taça». A lucta *final* devia ser entre o Internacional e o Sport Lisboa, n'um desafio annunciado para esta epoca...»

—Que não se fez, não é verdade?

—Sim, que não se fez e que provavelmente se não fará, pois o Internacional não tem agora *linha* para competir com o Bemfica e corria-se o risco de annunciar uma *final* para uma «Taça» e não apparecerem os jogadores ou apparecerem alguns d'um 3.º ou 4.º *team*, coisa vergonhosa na lucta por um premio que é o mais valioso no nosso *football*.

—Então como fazer?

—Não sei, porque a Taça tem um regulamento especial, feito d'accordo entre todos os clubs e não se póde sahir d'ello, nem dal-a como premio a um campeonato differente. Não se argumente, porém, que o Imperio descuidou o torneio, porque isso constituia uma falsa informação, pois que á Associação já foi pedido um dia para o desafio e a Associação respondeu que antes do campeonato tinham preferencia a festa em beneficio do seu cofre e a seguir uma festa de caridade. Veiu o torneio, a festa de caridade não se realisou e o *match* da Taça ficou, consequentemente, prejudicado...

—Mas não haveria solução?

—Talvez a de se entregar a Taça ao Bemfica, coisa que me repugna por anti-sportivo, pelo facto de não haver lucta. Mas essa ideia tem muitos defensores...

Algumas anecdotas

O Schackman bom ou mau conforme a bigodeira

Em janeiro de 1906, o director da secção sportiva do antigo «Jornal da Noite» recebeu uma carta d'um luctador — Louis de Lyon—propondo-lhe a organisação de um torneio de lucta em Lisboa, simplesmente com a inscripção de 6 homens, um dos quaes seria o indomavel allemão Schackman, ao tempo odiado pelos francezes, porque, nos torneios do «Cinto de Oiro», de Paris, tinha maltratado os idolos parisienses, como Limousin, Poirée, etc., e obrigado homens correctos até então, como Vervet e Weber, a usar de identicas brutalidades para o subjugar.

O jornalista, muito novato ao tempo, atemorisou-se só com a idéa de que vinha a Lisboa o indomavel luctador e escreveu a Louis de Lyon, pedindo detalhes complementares. A resposta foi interessante. Entre outras coisas, dizia o seguinte:

«...Não tenha medo. Quando elle embarcar para Lisboa não vae mettido n'uma jaula ou em wagon especial. Vae n'uma carruagem junto dos outros luctadores. Em todo o caso aconselho-o a reparar na sua bigodeira. Se tiver as guias do bigode para cima, aproxime-se sem receio, porque, n'essa occasião, Schackman é um bom rapaz!...»

Este pormenor aguçou a curiosidade do jornalista. Não lhe comprehendia a significação e só a teve, mais tarde, em julho d'esse anno, quando se effectuou o primeiro campeonato de lucta no Coliseu. Foi o velho Limousin que decifrou a charada.

—«Quando lucta põe a bigodeira para baixo, porque lhe dá um aspecto selvagem. Quando descança alinda a careca e arrebita o bigode á kaiser...»

Verificou-se depois que as coisas eram effectivamente assim. O Schackman com as guias do bigode para cima era um bom rapaz, e com as guias do bigode para baixo e muito mal cuidado era um luctador selvagem.

Um dia, na noite do seu combate com Paul Pons, a bigodeira de Schackman apresentava um aspecto estranho. A «guia» do lado direito estava para cima, e do lado esquerdo para baixo. Que se passaria, que o «barometro» accusava d'um lado bonança e d'outro temporal? Procurou-se o Limousin e este explicou:

—«Hoje o Schackman tem de ser bruto por «étapes». Se se adiantar, o Pons chega-lhe e torna-o manso. E se fizer asneiras, Pons arranca-lhe o bigode.

Alda Caratão Falcão

Falleceu

Joaquim Monteiro Falcão, Ermelinda Caratão Falcão e seus filhos, João Marques Caratão, Victor Marques Caratão e sua mulher Maria Gertrudes de Moraes Caratão e sua filha, Virginia Rosa Caratão Rodrigues e seu marido e filho, Maria Caratão Marques e seu marido e filho, Lucinda Rosa Caratão Soromenho e seu marido e filho e Arthur Marques Caratão (ausente), participam a todos os seus parentes e ás pessoas das suas relações o fallecimento de sua muito querida, filha, irmã, neta, sobrinha e prima Alda Caratão Falcão e que o seu funeral se realisa amanhã, 28 do corrente, pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre do Campo dos Martires da Patria, 86, 1.º, para o cemiterio Oriental.

verdadeiro «estreito mundial», dá de hoje em deante accesso.

A solução da questão do Oriente, pelo desenlace que parece dever dar-lhe a actual guerra, deve, pois, trazer á Russia um grande apaziguamento, assegurando-lhe o que ella deseja: Constantinopla livre, os Balkans libertos, os estreitos abertos.

O imperio do czar tem ainda uma outra tarefa a cumprir, que se lhe impõe egualmente, em consequencia da sua situação geographica e de toda a sua historia, tarefa não menos grave, não menos difficil, não menos elevada que a questão do Oriente: a questão da Polonia, que foi tambem, sem duvida possivel, uma das causas da actual conflagração.

A Russia tem o caminho impedido para o mar, pelo dominio que a Turquia exerce sobre os estreitos; tem o caminho impedido por terra, pelo dominio que os povos germanicos exercem sobre as provincias polacas.

A partilha da Polonia foi o grande erro commettido pela Russia sob a influencia germanica. A destruição da Polonia foi, da parte da Austria, o principio d'essa celebre campanha de ingratidão que em seguida devia emprehender a fundo contra a Russia; a partilha da Polonia foi simultaneamente a grande manifestação da bulimia conquistadora da pequena Prussia. Pela partilha da Polonia, a Germania continuava a campanha contra o slavismo começada havia seculos e que só a Slavia, dividindo-se contra si mesma, podia fazer com que tivesse exito.

Todos os historiadores, os estadistas imparciaes, os amigos do progresso humano, que se preoccupam com o passado e o futuro, chegam ás seguintes conclusões na questão polaca: reparação, restauração.

A Polonia deve reviver, mas slava. Slava, não é para temer para a Russia, e esta não tem que temer uma irmã associada ao seu imperio.

O sabio Dmowski, deputado por Varsovia na segunda e na terceira Duma, presidente do grupo parlamentar, do «Kolo» polaco em S. Petersburgo, foi o primeiro a enunciar claramente essa proposição capital, dizendo:

«O principal perigo que ameaça a existencia nacional da Polonia está no augmento desproporcionado do poder allemão, sob a direcção da Prussia, e no progresso da conquista pacifica allemã a leste. Só a nação polaca é capaz de afastar esse perigo, de deter o avanço da onda allemã».

Apoz semelhante declaração de lealismo para com a familia slava, a Russia deve ter comprehendido que essas palavras, escriptas em vesperas da guerra, são um penhor da união eterna offerecido pela Polonia á Russia. Perante o perigo commum, posto finalmente a descoberto, as dissenções anteriores devem desapparecer.

Continuemos a exposição de Dmowski. Assente o principio, trata das condições em que a acção anti-germanica da Polonia se póde produzir:

«A nação polaca só conseguirá afastar o perigo allemão por um trabalho intensivo em todos os ramos da actividade humana; deve desenvolver todas as forças nacionaes para que ellas se possam medir com as forças do germanismo. O terreno natural para esse desenvolvimento e esse trabalho é o reino da Polonia».

O vigoroso publicista n'este ponto volta-se para a Russia e dirige-se-lhe nos seguintes termos:

«Infelizmente, no reino da Polonia, o desenvolvimento necessario contra a Allemanha é peado, na propria Polonia, pela politica russa. Essa politica não é mais que uma imitação pouco feliz da politica anti-polaca da Prussia; nada encontra que a justifique nem nos interesses da propria Russia, nem nos projectos que se proponha proseguir na Polonia. O seu unico resultado é aproveitar á Allemanha e preparar «o dominio allemão em toda a Europa oriental».

«Derrubar esse systema politico russo, obter uma «mudança radical nas relações» da Russia com os polacos é, pois, não só interesse da nação polaca, mas o de todos os po-

curassem do lado de Constantinopla. Uma outra concepção do mesmo imperador visava os mares do Norte e deslocou, com esse fim, o eixo do imperio, de Moscou para S. Petersburgo.

Mas o Baltico e os seus estreitos estarão sempre, de facto, nas mãos das potencias escandinavas e a recente expansão maritima da Allemanha tirava, por esse lado, toda a possibilidade á esperança russa, supondo que esta ainda subsistisse.

No Extremo Oriente, a guerra contra o Japão tinha fechado a outra sahida para o Pacifico, que, de resto, ficava muito longe.

Quanto á via do golpho Persico, um espirito de accommodação, da parte da Russia, a ella havia renunciado ainda recentemente, apoz o accordo de Potsdam em 1911, deixando o campo livre ás ambições allemãs, excitadas pela concessão do caminho de ferro de Bagdad.

A Russia, durante tanto tempo combatida pela Inglaterra, encontrava agora, em toda a parte, a Allemanha na sua frente.

Teria de renunciar a toda a esperança? Ao cabo de tão porfiadas luctas, deixaria terminar o debate sem ella e contra ella, no momento em que se revelavam novas ambições germanicas e em que a Allemanha e a Austria, conjugando os seus esforços, iam apoderar-se da peninsula dos Balkans?

O testamento de Pedro-o-Grande concluiria por um codicillo dirigido unicamente contra a Russia?

Constantinopla para os allemães, tal era, em summa, o resultado da politica de reserva seguida, com uma especie de resignação fatalista, pela politica russa. Tal era, em todo o caso, a consequencia d'essa politica bismarckiana que, no congresso de Berlim, sem parecer n'isso tocar, concedera á Austria-Hungria a Bosnia e a Herzegovina como fructo das victorias que a Russia tinha alcançado sobre os exercitos turcos, em Plevna, e que a tinham conduzido a San Stefano!

Chamemos ás coisas pelo seu nome: pela annexação da Bosnia e da Herzegovina, a «questão dos Estreitos», com todas as suas consequencias, entrava em scena.

Sergio Goriainow, o afamado auctor d'um livro quasi official sobre a politica russa no Oriente, disse:

«Para a Russia, toda a famosa questão se resume n'estas palavras: de que auctoridade dependem os estreitos do Bosphoro e dos Dardanellos? Quem é o seu defensor?»

Este ponto de vista é talvez um

O general Dankl

pouco exclusivo, um pouco limitado. A Russia provou, por trez seculos da sua historia, que quer não só a liberdade da passagem nos estreitos, mas ainda a libertação dos povos slavos n'estas regiões.

Digamos, para falarmos com maior exactidão e sem rodeios, que a Russia não póde admittir que a sorte da Turquia, territorios ou populações, seja regulada sem ella ser ouvida.

Encerrada no fundo do Mar Negro, a Russia tem necessidade, para as suas armadas, de uma sahida que lhe permitta a communicação com o Mediterraneo.

Como conciliar essa legitima aspiração com o facto dos dois estreitos

estarem nas mãos dos turcos, que os podiam defender, fortificando as margens como entendessem?

Por outro lado, se a Russia reclama a abertura dos estreitos, não deve a passagem ser livre para todos? E, em tal caso, o imperio moscovita tem de encarar a perspectiva de vêr as armadas das potencias não marginaes do Mar Negro penetrarem nas aguas d'este como em outro qualquer mar livre.

Emquanto apenas se tratou da Turquia, as coisas podiam ficar como até agora, sem perigo de maior. Mas, desde que a Allemanha tentava apoderar-se de Constantinopla e a Austria, esmagando a Servia, ia ficar senhora de Salonica, dominando assim os Balkans, a Russia não podia assistir indifferente á prosecução de tal plano.

E' evidente que, sendo vital semelhante perigo, não podia deixar a Austria dar um golpe na Servia e simultaneamente nos Balkans, ao mesmo tempo que a Allemanha installava os seus generaes em Constantinopla.

As origens historicas da questão dos estreitos remontam a Pedro-o-Grande e são assim relatadas n'um documento publicado por Goriainow:

«Depois de ter conquistado o littoral do mar d'Azoff e creado a armada militar russa, o imperador Pedro mandou a Constantinopla o primeiro navio russo, «Kriépost», do qual desembarcou em Tsargrad (Constantinopla) o primeiro enviado extraordinario da Russia junto dos sultões, Emiliano Oukraïntzow. Ia encarregado da missão de concluir um tratado de paz, no qual, entre outros privilegios, seria concedida á marinha russa a livre navegação do Mar Negro, desde Azoff, Tarangog, até Constantinopla. Mas o secretario particular do sultão, Alexandre Mavrocordato, transmittiu a Oukraïntzow a declaração irrevogavel da Porta de que o Mar Negro tem entre os turcos o nome de «Virgem casta e pura», porque ninguem tem direito ao seu accesso e a navegação ahi é prohibida a todo o navio estranho».

A discussão estava assim encetada; prolongou-se atravez os seculos, com alternativas diversas, segundo a Russia estava enfraquecida ou forte, segundo a Turquia estava abandonada a si mesma ou amparada pelas potencias occidentaes.

Com effeito, estas, e especialmente a Inglaterra, consideravam a liberdade dos estreitos exclusivamente em favor da Russia contraria aos seus interesses, visto que a intervenção das armadas russas podia romper o equilibrio do mar interior. Por isso, a Turquia encontrou, até aos ultimos tempos, na sua resistencia contra a Russia, o apoio da Inglaterra. Só a dilatação da influencia allemã acabou por fazer mudar, n'esse ponto, as velhas resoluções britannicas.

Em vesperas da guerra actual, as coisas apresentam-se do seguinte modo, reguladas pelo artigo 2.° da convenção de Londres, convocada em 1871, a pedido da Russia, para revisão do tratado de Paris:

«O principio de fechar os estreitos do Bosphoro e dos Dardanellos, tal como foi estabelecido pelo tratado especial de 30 de março de 1856, é mantido, com a «faculdade», para o sultão, de «abrir» os ditos estreitos, «em tempo de paz», ás armadas das potencias amigas e alliadas, no caso em que a execução das estipulações do tratado de Paris de 30 de março de 1856 o exigir».

E' em summa, para a Russia, a prohibição mal disfarçada, porque a faculdade concedida ao sultão volta-se sempre contra ella.

A questão de Constantinopla e da navegação dos estreitos, com a aggravante dos exercitos turcos estarem nas mãos dos generaes allemães, foi uma das causas da grande guerra.

Vamos tambem mostrar como o facto accidental de Serajevo se prende não menos intimamente com as razões profundas do equilibrio de forças nos Balkans e na Europa.

A Russia é herdeira de Byzancio; o nome de Santa Sophia está no intimo da alma russa. E' uma aspiração russa, como se tem dito, fazer de Constantinopla a capital? Não, sendo ponderosas as razões que contra tal militam, expostas pelo principe

Lobanoff ao estadista francez Hanotaux do seguinte modo:

«A nossa situação está determinada; sômos um imperio do Norte. Constantinopla não é uma cidade indifferente; annexal-a á Russia, é adoptal-a por capital. Eis ahi a Russia tornada, de subito, um imperio mediterranico com todos os riscos e perigos que uma tal situação cria. Lisboa, sobre o mar, póde convir a Portugal; Constantinopla, sobre o mar, não exporá a sorte de toda a Russia, como Byzancio expôz outr'ora a sorte de todo o imperio grêgo? E, além d'isso, Constantinopla tem uma influencia moral: Byzancio ha de ser sempre Byzancio; é conhecido o perfume das velhas desaggregações que se respira n'essa encruzilhada das aguas. Preferimos as nossas vastas planicies onde sopra o vento do Norte.

«Este Norte immenso, essa Asia que é agora o nosso paiz do futuro, essa Siberia que é o profundo reservatorio das riquezas futuras e novas, vamos sacrifical-os a essas terras exgotadas? E iremos installar-nos no centro de todas as discussões européas, em frente do canal de Suez que seriamos obrigados a considerar, no dia seguinte, como o nosso corredor de passagem para o mundo, vamos sentar-nos sobre esse feixe de espinhos que representam essas velhas margens e essas velhas historias? Não, a nossa resolução está tomada. Não reclamaremos Constantinopla. O que apenas pretendemos é que d'ella se não disponha sem sermos ouvidos...»

E a uma objecção que o estadista francez lhe fez, o principe Lobanoff continuou:

«Sim, ha Santa Sophia, é verdade, e não o negamos. Queremos Santa Sophia restituida ao culto christão. Queremos tambem que os nossos irmãos slavos sejam libertados. Mas isso não é já politica, é uma questão de sentimento. N'esse ponto, os nossos diplomatas são arrastados pelo povo. Não é de conquista que se trata: trata-se d'uma cruzada que só levaremos até ao ponto onde as grandes violencias forem impedidas; quanto ao resto, basta que os nossos interesses sejam satisfeitos, porque, fazer politica com o nosso sentimento, não é de modo algum intenção nossa. Sabemos quão differentes são as duas coisas e sabemos tambem, segundo a expressão de Bismarck, que os povos libertados são ingratos».

Estas palavras bastam para definir nitidamente o sentido da politica russa nos Balkans: quanto aos povos slavos, o movimento popular estará sempre prompto, mas limitar-se-ha a reclamar uma franca e leal libertação; quanto á peninsula dos Balkans, a Russia ameaçada na sua vida politica e commercial não a deixará nunca dominar por uma potencia estranha e sobretudo pelas potencias centraes, senhoras já das ouras vias continentaes; quanto a Constantinopla, ambição alguma de conquista, um bello sonho de emoção religiosa, a cruz sobre Santa Sophia; quanto aos estreitos, passagem livre.

Verdade seja que a palavra se presta a um duplo sentido: a liberdade das passagens exclue evidentemente toda a idéa de fortificação nas duas margens; mas, deve-se d'ahi concluir que os navios de guerra de todas as potencias possam entrar, quando quizerem, no Mar Negro?

O Mar Negro deve ser para todas as potencias maritimas—excepto, é claro, para a Russia—uma «virgem casta e pura?» Tal difficuldade foi, durante muito tempo, um obstaculo á paz mediterranica.

Hoje, parece que a liberdade de passagem dos estreitos é a solução mais simples e a mais racional, até mesmo para a Russia. Esta nação é assaz forte para deixar que os povos do universo se approximem com absoluta confiança do Mar Negro, parte relativamente secundaria do seu vasto dominio; e a Europa, por seu lado, é assaz forte e confia o bastante na Russia para lhe não negar a entrada no Mediterraneo, porque o futuro do mundo não está d'ora avante contido n'essa estreita cavidade do Archipelago, mas disperso pelo immenso espaço de todos os oceanos, ao qual o canal de Suez.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1668 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 28 de Março de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

No Sul de Angola

Novas baixas nas guarnições dos fortes da Huilla

Quando ha dias publicámos a dolorosa lista das nossas perdas em Africa, accentuámos que, em parte, ella precisava de ser completada ou porventura corrigida. Recentes informações chegadas do planalto da Huilla levam-nos effectivamente a accrescentar hoje algumas baixas ao numero das que já referimos.

Com o abandono dos territorios de Além-Cunene, as guarnições dos postos longinquos do Evale e do Cafima encontraram-se naturalmente em situação bastante critica. Parece que a do Cafima foi massacrada pelos cuanhamas, que aprisionaram o respectivo commandante, tenente Encarnação. A do Evale poude comtudo effectuar uma retirada sob o fogo dos indigenas, marchando por Cassinga e Molondo, onde chegou depois de ter tido 13 baixas entre mortos e feridos. O commerciante europeu Costa, do Evale, foi assassinado pelos negros, que, segundo se diz, cortaram tambem a cabeça de um outro europeu, o negociante Barros. Entre Quilondo e Capulongo consta tambem que foi morto um outro commerciante, de apellido Fraga.

O sul da provincia encontra-se n'este momento em plena rebellião. Os sobas do Humbe, do Cuanhama, do Molondo e da Camba estão decididos a resistir ás nossas forças, quando estas lá voltarem. No Cuamato não ha soba de prestigio, mas o Catánhanga ou Chitoquera, potentado do Humbe, tomou conta da respectiva *embala* e alliou-se com o Cuanhama, que lhe promettou reforços de gente e armas caso elle os precise para repellir os portuguezes.

Com estas tristas informações chegam tambem do Lubango, segundo lêmos no *Diario de Noticias*, novos pormenores sobre o desastre de Naulila, cujas responsabilidades estão sendo apuradas pelo promotor de justiça militar que é o juiz da comarca do Lubango. Parece ter-se já averiguado que para o insuccesso das nossas armas contribuiu grandemente a inacção das duas companhias de infantaria 14 commandadas pelo major Salgado e que se encontravam a 14 kilometros do local do combate juntamente com uma secção de artilharia Canot commandada por um capitão. Estas forças deviam ter vindo em auxilio dos defensores de Naulila, para o que havia tempo, visto o combate ter durado cerca de 4 horas. Tanto mais que a artilharia que em Naulila tinhamos para oppôr aos allemães era manifestamente inferior, pois constava apenas de 3 peças Erhardt, uma das quaes nem sequer chegou a fazer fogo. O chefe d'esta peça, o 2.º sargento Augusto dos Santos Xavier chorava de raiva ao vêr que o mandavam andar em constantes manobras com ella, sem ter occasião de fazer fogo sobre o inimigo.

As trez peças foram salvas na retirada e estão actualmente no Lubango. Já o mesmo não succedeu a 3 metralhadoras que ficaram abandonadas na fortaleza do Humbe, que actualmente se encontra em poder do gentio.

Pelo telegrapho

A situação na França e na Belgica

PARIS, 28.—Communicado official das 15 horas:

Os aviadores belgas bombardearam o campo de aviação de Ghistelles. A leste dos altos do Mosa, proximo de Machville, tomámos de assalto 300 metros de trincheiras inimigas e repellimos dois contra-ataques. Em Esparges continuámos os progressos dos dias precedentes, tendo conquistado mais 150 metros de trincheiras.—(*Havas*)

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 27. — Uma communicação official do grande estado maior diz o seguinte: Nos Carpathos progredimos consideravelmente na direcção de Bartfeld. Perto de Russkedydiuva repellimos o inimigo; aprisionámos 2:500 austriacos e tomámos 7 metralhadoras.

Na Galicia rechaçámos um batalhão ao qual infligimos grandes perdas.—(*Havas*)

SOCCORROS «URGENTES»...

Morre-se no Banco do Hospital

por deficiencias materiaes, não obstante a dedicação do pessoal clinico e auxiliar

A direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis dirigiu ao director d'este jornal uma carta a proposito do artigo antehontem publicado e firmado com o meu nome, em que se demonstrava a urgencia de fechar essa ignobil coisa que se chama o Banco de S. José. Cumpre-me accentuar que, em contraste com os termos da minha humilde prosa, onde não transparecia sequer uma virgula que representasse para os enfermeiros a menor desconsideração, o communicado da Associação de Classe encontra-se redigido por fórma bastante desagradavel, sobretudo quando me attribue facciosismo pela classe medica e affirma que o artigo «parece ter sido feito de encommenda». Ninguem medianamente conhecedor das praxes do jornalismo e da boa educação estranhará portanto que n'este jornal se não reproduzam textualmente as trez folhas de papel com qué aquella direcção pretende fulminar as minhas razões. Limito-me a extractar o que n'esse communicado se contém. Diz, em resumo, a direcção:

1.º—que realmente o actual Banco é uma vergonha; está velho e immundo.

2.º—que a culpa é de alguem cujo nome não cita.

3.º—que é falso oppôr-se a Associação de Classe á inauguração do novo posto.

4.º—que a Associação apenas pretende que o novo posto não abra como os medicos querem, visto «não ser justo nem moral que o pessoal masculino seja substituido pelo feminino».

5.º—que a Associação em prol da moralidade deseja pessoal mixto: homens tratando homens e mulheres tratando mulheres.

6.º—que é assim que se faz no estrangeiro, como eu devo saber visto «ter passeado por essa Allemanha com que os nossos medicos enchem a bocca».

7.º—que com o pessoal feminino estava tudo prompto para funccionar no dia 1 de janeiro, mas com o pessoal mixto, conforme a Associação pediu e o sr. Alexandre Braga ordenou quando ministro do interior, «já tudo faltava até accommodações para o pessoal masculino».

8.º—que «o novo posto está bem montado, com commodidades, mas commodidades para quem? Para os doentes? Não».

* * *

No referido artigo pretendi apenas demonstrar que o Banco de S. José constitue uma vergonha nacional e um perigo para a população. Ao Banco todos estão na contingencia de ir parar um dia: pobres ou ricos, uteis ou inuteis, homens ou mulheres, porque o accidente não escolhe as suas victimas, nem a navalha ou a pistola do aggressor distingue cathegorias. Por deficiencias de installação e de organisação, podem perder-se vidas que um posto mais bem installado e organisado teria permittido salvar. Todos — note-se bem—todos nós corremos o risco de não encontrar no Banco de S. José o devido soccorro, apesar da melhor boa vontade do pesosal clinico e auxiliar que nunca póde, por completo, supprir as deficiencias materiaes. Pois se fôsse possivel reunir todos os habitantes de Lisboa e mostrar-lhes que, ao lado d'essa ignominia, existe um posto de soccorros devidamente montado, arejado, illuminado, limpo, apropriado, emfim, aos serviços que n'elle devem ser executados, estou certo que todos perguntariam com indignado espanto se ha porventura razões que sobrelevem o bem publico e evitem que esse posto abra quanto antes as suas portas para efficazmente realisar a sua missão de assistencia. A opinião dos miseraveis seria egual á opinião dos opulentos. Talvez que, pela primeira vez em Lisboa, se visse tal unanimidade no modo de vêr dos seus habitantes, simplesmente porque a todos elles é commum o instincto da propria conservação.

Para se fazer ideia das referidas deficiencias materiaes, basta lembrarmos que os cirurgiões do Banco não dispõem de todos os instrumentos necessarios a certas intervenções de urgencia, que a asepsia é um milho, que a sala de operações é um contrasenso scientifico. A organisação é egualmente precaria: uma vez, um membro da familia Burnay foi transportado ao Banco onde para o salvar seria necessario fazer-lhe uma tracheotomia urgente. A' mesma hora, porém, o cirurgião de serviço fôra chamado para assistir á um parto (visto que a seu cargo ficam, durante a noite, nada menos de trez hospitaes). Quando voltou era tarde, e nada mais poude fazer do que verificar um obito.

Se o actual posto de soccorros estivesse aberto, esse homem teria sido certamente salvo, porque, na ausencia do cirurgião de serviço os internos procederiam á execução da tracheotomia.

Como este, muitos outros exemplos se poderiam citar em abono da imperiosa necessidade de fechar-se o Banco de S. José, inaugurando-se desde já o novo posto.

O que eu pretendi no meu artigo foi collocar-me ao lado do publico, e não ao lado de uma classe contra outra classe, a cujas divergencias nem sequer alludi. E ao lado d'elle continuo, convicto de que é precisamente n'esta situação que com mais dignidade exerço a minha missão de jornalista.

A confusão resulta de se terem misturado duas questões: a scientifica e a burocratica. O que a carta da Associação do Pessoal dos Hospitaes acaba de me demonstrar é que a segunda prejudica a primeira. E' isto que considero uma inversão absoluta do bom senso, porque o mesmo é affirmar que o bem estar de seis milhões de portuguezes é prejudicado pelos interesses de meia duzia. Em todo o caso, no final das minhas considerações, ainda ante-hontem eu affirmava a necessidade de se não prejudicarem os enfermeiros. O pensamento é que estava talvez incompleto: é preciso que os enfermeiros não sejam prejudicados, menos quando isso vá implicar o prejuizo da população.

Ora eu tenho razões para suppor que não são incompativeis a vantagem do pessoal masculino do Banco e a vantagem do publico. Tudo se pode conciliar, havendo boa fé e dando a esse pessoal determinadas e justas compensações.

Agradecer-me-hia a direcção da Associação se eu procedesse a um inquerito, ouvindo as duas partes. Referia-se é claro á questão burocratica. Ninguem a auctorisou a pensar que não fosse essa a minha intenção. Realmente não tenho duvida em expôr tambem as suas razões nas columnas d'este jornal, desde que ellas não venham acompanhadas de considerações menos correctas. Tenho, pelo contrario, o maior empenho n'isso.

Quanto á questão scientifica, de que me irei occupando, não tenho que ouvir senão aquelles que sobre o assumpto possuem manifestamente maior competencia technica.

E' isto o que se me offerece dizer ácêrca da carta a que alludi, reservando-me para, n'um proximo artigo continuar a apreciar o assumpto sem acrimonia para ninguem e tendo apenas em vista o interesse geral.

Hermano Neves

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

O DIA POLITICO

Partido Republicano Portuguez

No seu congresso resolve fazer uma activa propaganda eleitoral e disputar as eleições

No paiz, segundo o sr. dr. Affonso Costa, compete effectivar os seus compromissos internacionaes

Nove horas. Na rua dos Condes, alguns grupos de populares assistem á chegada dos congressistas. A policia é implacavel. Dispersa-os. Ha patrulhas da Guarda Republicana vigiando as ruas proximas do Politheama. Não se dão incidentes. O sr. Affonso Costa, acompanhado por alguns amigos, chega ás nove e um quarto. Na rua não ha manifestações. Mas lá dentro, na esplendida sala, toda branco e oiro, as palmas e os vivas cahem em torrentes. O chefe do partido democratico é ovacionadissimo. Succede outro tanto com um official do exercito, fardado, que se prepara para assistir, do balcão da primeira ordem, a este congresso extraordinario do Partido Republicano Portuguez. No *foyer* do Olympia, por onde se faz a entrada, e em todo o theatro, pequenitas do Centro Republicano Democratico de Campo d'Ourique vendem folhas d'era, com uma legenda a oiro, commemorativa do congresso.

A sala está mergulhada n'uma luz baça e difusa, que dá aos assistentes aspectos quasi soturnos. As figuras diluem-se em claros-escuros sombrios que não permittem, em muitos casos, que se distingam perfeitamente as feições. Percebe-se que ha um certo enthusiasmo latente, á espera do primeiro ensejo propicio para explodir. O sr. Daniel Rodrigues, quasi ás dez horas, propõe para a presidencia da primeira sessão o sr. Luiz Filippe da Matta. Irrompem os primeiros vivas. Saudam-se a Republica, a Patria, os representantes do exercito e o partido. O presidente toma o seu logar. Propõe para vice-presidentes os srs. Alvaro de Castro e Faustino da Fonseca, para secretarios os srs. Abel Sebrosa e Santos Silva; para vice-secretarios os srs. Placido da Fonseca e Placido d'Abreu.

O sr. Luiz Filippe da Matta toma a palavra. A hora não é para grandes divagações. São precisos factos. Elles que venham. Urge combater pela Republica. Ha um inimigo que não vê, e que ameaça o paiz. Agradece a sua escolha para a presidencia. Impuzeram-na os seus merecimentos? Não. Ella é filha do facto de ter sido elle uma das primeiras victimas *d'essa dictadura* que está governando o paiz. As sessões do congresso vão ser historicas. Que ninguem se esqueça d'isso e que todos procurem concorrer para que a reunião do partido seja tão brilhante quanto possivel. Mais salvas de palmas tão calorosas como as outras e o sr. Filippe da Matta conclue a sua pequena mas vibrante alocução.

Homenagem aos mortos

O sr. dr. Alvaro de Castro lê uma proposta que reputa importantissima. Saudam-se n'ella, nas pessoas de Norton de Mattos, Maia Magalhães e clarim Augusto Reis, as forças que em Angola estão combatendo pela integridade das colonias, contra o estrangeiro invasor.

O sr. Silverio Junior propõe um aditamento. Quer que seja incluida na proposta uma homenagem á memoria do tenente Aragão e que o congresso se conserve silencioso por alguns momentos, em signal de sentimento pela morte heroica d'esse heroico official. O sr. Thomaz da Fonseca propõe, por sua vez, que se abra uma subscripção para se construir em Lisboa um monumento que perpetue a memoria do commandante dos dragões de Mossamedes que tão corajosamente souberam mantor integro o prestigio do exercito e da Republica.

Todas estas propostas são approvadas, bem como uma outra do sr. Polon Niza, saudando as victimas da dictadura e as commissões administrativas que se teem pronunciado contra essa mesma dictadura. Repetem-se as ovações aos funccionarios demittidos violentamente e todo o congresso, de pé, victoria os herois d'Africa e os que vão sendo sacrificados aos principios pelo governo actual.

No palco, assistem aos trabalhos do congresso muitos parlamentares do partido democratico, representantes de varias collectividades, o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva do municipio de Lisboa, individualidades em destaque no partido, etc. O sr. Elisio de Mello, da camara do Porto, tambem não falta. O sr. dr. Sousa Junior, pelo directorio, lê o relatorio d'esse mesmo directorio, no qual se termina por prestar homenagem a Henrique Cardoso «um martyr dos principios que o partido defende». O sr. Filippe da Matta, em termos maguados, associa-se a essa homenagem, que o congresso sanciona, conservando-se todos de pé, em silencio, durante instantes.

O sr. Sousa Junior propõe que o regimento do congresso seja o que vigorou no congresso d'Aveiro. Approvado. Os photographos tiram photographias. Ha relampagos de magnesio e os «clichés» fixam varios aspectos da reunião. Approva-se ainda, por alvitre do sr. Sousa Junior, que a eleição do novo directorio se faça na sessão d'ámanhã de manhã.

Saudações e cumprimentos

Entra-se na primeira parte dos trabalhos. Ha pouco tempo disponivel. Só o que vae até ás 11. O sr. Marcial Hermitão ataca rudemente a dictadura e apresenta uma moção saudando o ex-tenente Oscar Monteiro Torres. E' muito applaudido. Dão-se varios episodios que se succedem com uma rapidez de *cinema*. Sauda-se o sr. José Lelo, por ter publicado á sua custa o 2.º *Boletim* do partido. Por proposta do sr. Placido d'Abreu é ovacionadissimo o sr. João Chagas. Ouvem-se vivas calorosissimos a esse revolucionario do 31 de Janeiro. As palmas repetem-se vibrantes durante largos instantes. O sr. Joaquim Dias do Carmo sauda tambem, por escripto, João Chagas, Theophilo Braga, exercito e armada; propõe que não se permitta o estabelecimento, em Portugal, de novas egrejas estrangeiras. O partido não deve apenas protestar contra essa monstruosidade. Tem de comprometter-se a não respeitar qualquer acto legal que a tal respeito se produza. A assembléa applaude e ouvem-se protestos indignados contra a projectada egreja hespanhola. Todas as propos-as do sr. Carmo, depois de lidas, são approvadas por acclamação.

N'esta altura a plateia do Politeama está á cunha. A assistencia, trasbordando, ganha as frisas e o balcão da primeira ordem. O sr. Lopes de Oliveira classifica de burlesca a dictadura. Ella pretende espalhar a fome nas fileiras republicanas. Prepara-se uma especie de *Saint Barthelemy* contra o partido republicano. E' preciso resistir. Urge preparar qualquer coisa que tenha por fim reparar as iniquidades praticadas. Propõe que se institua um fundo de auxilio a todas as victimas da dictadura, quer se trate de funccionarios demittidos, quer de pessoas de familia de republicanos victimas do seu ataque ao governo que presentemente impera e nos humilha perante o extrangeiro. A proposta fica para ser approvada por uma commissão especial, que amanhã apresentará o seu parecer. O sr. Antonio Martins faz votos para que o partido saia do congresso mais unido e forte do que nunca e saúda todas as agremiações que se teem pronunciado contra a situação politica, especialisando as de Porto e Gaia.

O sr. Americo Cardoso, pela mocidade republicana do Porto, sauda todos os congressistas. Faz um appello ardente á mocidade. Não comprehende que a gente nova se conserve indifferente perante a dictadura. A mocidade portugeza ha de affirmar a sua força, não com violencias, mas dentro da Constituição da Republica, que é o melhor meio de vencer. A Constituição não é o que deve ser? Pois nem por isso impende menos a todos o dever de a defender com energia. O partido democratico ha de honrar a tradição e contribuir para que a Republica seja cada vez mais progressiva. Termina propondo que o congresso se solidarise com as victimas da dictadura e que o partido se comprometta a reintegral-as quando fôr poder. Um congressista do Porto propõe ainda uma saudação a camara d'essa cidade, «que está sendo constantemente vexada com a conivencia de uma sentinella vigilante da Republica». Leem-se propostas de saudação a varias individualidades e aos heroes d'Africa, que são approvadas e que não são mais que a repetição de outras anteriores. Assim diz o sr. Lourenço Loureiro.

No expediente ha uma carta do sr. Azevedo Coutinho, antigo presidente do ministerio, dizendo que não pode comparecer por falta de saude. Ha outras justificações de ausencia semelhantes e saudações varias, de correligionarios da provincia. O sr. Chateaubriand Baracho sauda os ministros, em Lisboa, da Inglaterra, da França, da Belgica e da Russia. Approvado. A camara de Lisboa é tambem lembrada e Botto Machado, ex-governador de S. Thomé, por proposta do sr. Filippe da Matta, é victoriadissimo. O presidente refere-se ainda á commissão nomeada no Congresso do dia 4 do corrente, para organisar a defesa das regalias parlamentares. A assembleia victoria os nomes que constituem essa commissão.

Deve o partido ir ás eleições?

Na ordem do dia, o sr. Sousa Junior pôz a questão politica. Qual deverá ser a orientação do Partido Republicano Portuguez perante o acto eleitoral. O directorio não quer sugestionar o congresso. Espera, por isso, que o congresso se manifeste, para depois intervir na discussão. Pedem a palavra varios congressistas. Organisa-se a lista respectiva, que abre com o nome do sr. Daniel Rodrigues. Esqueceu dizel-o: A junta consultiva pediu tambem a sua substituição. O sr. Daniel Rodrigues diz que o momento não é para reptos de eloquencia. E' para factos. Palavras poucas, mas boas. A questão está em ir ou não *ir* ás urnas. Por si, vae dar a solução. O Partido Republicano Portuguez é um partido constitucional e, por o ser, só pode intervir no governo do Estado por meio do Parlamento. Logo, tem de ir ás eleições. (*ardentes apoiados*). Não luctar no campo eleitoral é renunciar. Eis o que não é admissivel. Só se se pudesse optar por outras soluções é que seria licito ao seu partido abster-se da lucta legal. De resto, o decreto dictatorial sobre eleições não alterou essencialmente o suffragio, porque apenas o alargou.

Uma voz:—Fez pouco!

O orador: — Eu não defendo o governo.

—Pois parece!

Ha rumores de desapprovação e o orador, concluindo, diz que o seu partido não negou nunca o voto aos militares e affirma que vae ás urnas em virtude d'um direito que o Congresso da Republica lhe reconheceu. Fecha com uma moção auctorisando o directorio a organisar a resistencia contra a dictadura e a resolver a questão eleitoral, ao mesmo tempo que accentua a necessidade de se cumprirem, para com a Inglaterra, os compromissos tomados pelo Parlamento. O sr. Antonio Campos diz que o partido republicano não é uma patrulha como os outros. Elle precisa de demonstrar a sua vitalidade. E isso só é facil fazer indo ás urnas. E' de lá que virá mais forte, porque é nas eleições que os partidos se robustecem. Vota a moção do sr. Daniel Rodrigues, sobretudo por ser necessario que n'estas eleições se veja quem é e quem não é republicano.

O sr. Alvaro Pope, do directorio, entende que é preciso saber-se se o *partido deve ou não ir á urna.*

—Sim—dizem muitas vozes ao mesmo tempo.

O orador continúa. O problema é melindroso e não póde ser visto como o encarou o sr. Daniel Rodrigues. O directorio não deve receber poderes tão altos. Só póde encarregar-se de cumprir as resoluções da assembleia, onde ha, decerto, correntes de opinião differentes e todas ellas justificaveis com optimas razões. Ha quem queira ir ás urnas, mas tambem quem não queira lá ir.

O sr. Pedro de Sousa, da camara do Faro, quer a lucta eleitoral. Chamam-lhe *incongruente* por isso? Deixal-o. E' necessario que o partido imponha, n'esta occasião, a sua força. Se não o fizer, erra profundamente. A comparticipação do partido nas eleições é uma medida de salvação publica. Não ha remedio senão pratical-a.

O partido vae votar

O sr. Ferreira da Fonseca diz que as declarações do sr. Alvaro Pope vieram trazer á discussão um elemento novo. O directorio não tem que dizer o que acceita ou o que recusa. Tem de executar as deliberações da assembleia. E' de opinião que o Partido Republicano Portuguez, seja qual fôr a deliberação do poder judicial sobre os decretos dictatoriaes, tem a obrigação de decretar a ida ás urnas. E' que não é ao partido que compete averiguar da constitucionalidade ou inconstitucionalidade dos decretos do sr. Pimenta de Castro. Isso compete á magistratura judicial. Mas esse é um lado apenas da questão. Existe outro não menos importante. Quem diz ao congresso que d'aqui até 6 de junho a situação não se modificará tão profundamente que o partido seja impedido de ir ao acto eleitoral? Não é possivel que o governo caia? Não será dar aos adversarios do partido uma impressão de fraqueza deliberar desde já que o partido dispute as eleições? O que entende é que se deve organisar immediatamente a maxima resistencia á dictadura, como se deve preparar o melhor possivel tudo quanto fôr preciso para que a lucta eleitoral se exerça com intensidade, se fôr preciso recorrer a ella. Só podem tomar-se resoluções

---

Folhetim d'A CAPITAL 28-3-1915

NÃO!

Como se tinham elles conhecido? Porque se tinham amado como irmãos? E' que, para ambos, a arte fôra sempre a preoccupação exclusiva das suas almas. Simplesmente, emquanto um a procurava realisar, na febre da creação triumphante, o outro só procurava gerar a sua belleza no extase do enlevo. Mario Aguilar era, queria ser um poeta, admiravelmente dotado para comprehender e sentir todas as maravilhas do genio humano, christalisando na emoção e no pensamento, nunca tentara subjugal-as com o esforço do seu espirito.

Juntos seguiram a iniciação, ao mesmo tempo enebriante e dolorosa, do sublime goso esthetico. Foram as tumultuosas campanhas litterarias, as discussões sem fim, os devaneios eternos. Processos de escolas, theorias de renovação, novas formulas entrevistas rolaram como flocos desprendidos, no abismo dos seus fracassos. Tiveram alguns d'esses bellos dias em que flameja uma ancia insoffrida de perfeição. Doirou-os, nos seus cenaculos generosos e ignorados, a fugitiva aza do mesmo sonho. São assim os dias da nossa mocidade. Nas ferocidades dos seus exaggeros está a revelação das suas magnificas sinceridades. Ai do que não errou assim! Ai do que não foi assim injusto! Para que a arte progrida e se transforme, sempre com aspectos de belleza eterna nas variações infinitas das suas fórmas, neccessario é que a paixão que cega a consciencia seja a mesma que resplandeça nas visões excelsas do triumpho.

* * *

Passaram os tempos. A amisade d'estes dois camaradas não se desmentiu. Mas o proprio caracter das suas predilecções justificou o differente rumo espiritual que tomaram. Mario pretendeu elevar a construcção seductora que alguem denominou «a piramide do genio». Para o espirito inteiramente desinteressado de João essa piramide dia a dia se avolumava com as novas maravilhas que o seu olhar contemplava ou que na sua alma accendiam brazeiros de indescriptivel culto. Um sonhava com o seu exito. O outro, não. Nenhum triumpho se lhe afigurava comparavel ao do divino esplendor da arte pura, no que esta expressão tem de verdadeiramente grande e verdadeiramente casto. A arte pura é belleza arrebatadoura, mas é tambem bondade resplandecente. Porque tudo quanto é arte é formosura e tudo quanto é pureza é sentimento.

Desde esse instante, o caminho divergente d'estes dois espiritos necessariamente havia de conduzil-os a uma natural incompatibilidade. Conheci-os ambos. Conheço-os ambos. Como dois simbolos, a sua existencia é eterna. Mario Aguillar proseguia o exito. São assim as fraquezas do coração humano. Porventura se lhe affigurava sempre que só pelo nobre fim da arte propugnava. Porventura julgava que servia exclusivamente a sua ama da Poesia. Illusão! Proseguia o exito; o exito do seu nome, a victoria da sua vaidade. Ai dos que só pensam em alcançar a grandeza, a fortuna, a reputação, o successo! Não ha triumpho d'essa especie que se obtenha sem que, nos trilhos da estrada aspera, fiquem, dilacerados, farrapos da consciencia.

Porquê? Porque o exito, a grandeza, o successo não se obteem sem capitulações dolorosas. De todas a mais trivial, e não é essa ainda a mais deprimente, consiste em lisongear o gosto do publico. Nada peor para os inovadores. O gosto do publico é feito de rotina, ou do amor da extravagancia, com as suas falsas apparencias de originalidade. A obra que se faz com a preoccupação de lhe agradar ou sae uma «pastich» insipida ou se revela como um lamentavel aborto. Tremenda lucta que se trava no coração dos honestos que julgam possivel conciliar o fremito das novas seivas com a expressão das ideias gastas e descorados sentimentos!

Muito luctava o pobre poeta. A pouco e pouco o pequenino fio da sua emoção seccava-se na aridez de essa lucta. Ao cansaço do espirito alliou-se o depauperamento phisico. Mario Aguilar parecia reproduzir o caso lamentavel e sublime do moço pintor da «Oeuvre», que Zola nos apresenta, arcando, peito a peito, com as fatalidades do seu destino e as excentridades do seu sonho.

Não era decerto João menos desvelado amigo do que o era Sandoz para o grande, desditoso Claudio da «Oeuvre». A' medida que o poeta se afundava nas suas hesitações, ou se rebaixava nas suas transigencias, elle ganhava, no convivio das supremas expressões da grande arte, uma olimpica serenidade. O seu culto pelas fórmas perfeitas e pelo pensamento limpido e soberano chegára a attingir as proporções da idolatria. E por isso mesmo reconhecia, compungido, quanto eram infructuosos os esforços de Mario, procurando crear as formosuras da arte e não fazendo mais do que distanciar-se da sua concepção radiosa e das suas realisações magnificas.

O poeta sentia-o. Ah! A innominavel angustia de não poder exteriorisar tudo o que vagamente descortina o cerebro e sente o coração como sendo a inattingivel expressão do Bello! Não era Antonio Nobre que nas suas horas de febre apercebia relampagos de genio em que se patenteavam «instantes de Camões»? A vulgar intelligencia está para o talento como o talento está para o genio. Mario, sentindo cahirem-lhe os braços de desanimo, só esperava d'um momento predestinado a realisação perfeita da obra que sonhava.

E sobretudo temia o seu amigo, o seu camarada de idealisações sublimes. Nunca lhe mostrava os seus versos; uma palavra d'esse austero contemplado da Arte seria para elle a sancção definitiva da sua existencia litteraria. Uma palavra d'elle, incapaz de affrontar a Belleza com uma mentira, seria a consagração de todos os seus esforços. Dar-lhe-hia a confiança em si mesmo; garantir-lhe-hia não só o futuro, mas a vida. Seria a apotheose ou o anniquilamento. Seria a sagração ou a morte.

* * *

Pallido, emagrecido, com os olhos reluzentes de febre, o poeta chegou um dia ao pé do seu amigo. Levava-lhe a sua obra. Decidira-se, emfim. Não se atreveu a assistir á sua leitura. «Lê—disse elle.— Lê. E diz-me... diz-me amanhã o que pensas». Um grande abraço fraternal os ligou no amplexo das almas gemeas, e, sahindo, os passos de Mario davam a impressão do perpassar d'um espectro.

A noite horrivel! João da Veiga nunca a esqueceu. Os seus olhos fatigados não podiam affastar-se do pequeno manuscripto, o poema rapido e mesquinho em que abortára o sentimento d'uma alma, despida da divina faculdade da expressão. Meu Deus! Como aquillo era banal, como aquillo era mediocre. Como aquillo profanava, na sua imperfeição, na sua misera e inexpressiva realidade, os ideaes que sublimam a aspiração dos homens, os sentimentos que dulcificam ou engrandecem o seu coração. Não! Não havia o direito de amesquinhar as idéas nobres ou fortes, as paixões violentas ou doces em que o drama da consciencia humana relampeja genio, amor e grandeza. O que elle tinha nas suas mãos não era mais do que um exemplar d'aquelle tipo de banalidade desesperada que diariamente gravam em milhões de paginas os caracteres submissos da imprensa ou o aço escravo das pennas. Era mais um farrapo d'essa impotencia que ambiciona applausos e que só colhe sarcasmos. Era mais um dos attentados á Belleza soberana e radiosa que só flammeja nos espiritos predestinados para a sua expressão suprema.

Mas como dizel-o ao seu amigo, ao seu camarada de tantos annos? Não o ignorava. A sua condemnação não seria só a sentença da obra como a sentença do homem. Como resistiria ao descalábro total das suas esperanças? O carro da arte é doirado e puxado por corceis alados, é como o d'aquelle monstruoso Jaggernaut que esmaga sob as suas rodas, o corpo dos seus fanaticos prostrados. Só quem póde encarar, face a face, o idolo é que póde viver perante o seu poder barbaro e divino.

No dia seguinte, Mario chegava. No seu olhar havia a supplica das victimas dos holocaustos, quando arrastadas para as aras. E João olhou-o. Um grande impulso o precipitou nos seus braços. Era a sua mocidade que em saudade e sonho resurgia a seus olhos, na pallida figura do amigo estremecido. Um clarão de esperança illuminou a alma de Mario.

—Está bem?—exclamou elle. Fala! Diz-me a verdade. Realisei? Sou um poeta? Fiz uma obra bella?

E João ia dizer a palavra salvadora. Mas, subito, affigurou-se-lhe que uma nuvem vermelha perpassava ante o seu olhar, e que uma figura de deusa, que elle sempre visionára tranquilla e pura, passava dentro d'ella, com os cabellos soltos, como uma Eumeride vingadora, flammejando de gloria e de despreso. Fechando os olhos, como quem não quer vêr uma catastrophe, dos seus labios convulsos, torcidos de agonia e espanto, a palavra fulminante sahiu, dolorosa, mas firme:

—Não!

MAYER GARÇÃO

susceptiveis de ser cumpridas. E' por isso que envia para a mesa uma moção na qual se aconselha a resistencia á dictadura e se diz que é absolutamente necessario organisar a campanha eleitoral, alvitrando-se por fim que o directorio fique auctorisado a deliberar sobre a questão das eleições. Fartos apoiados acolhem as ultimas palavras do orador.

O sr. Levy Marques da Costa põe em destaque o facto de ter sido a Camara de Lisboa a primeira corporação administrativa que resolveu não acatar actos dictatoriaes. E tomando essa deliberação, a Camara de Lisboa não fez politica. Manifestou apenas o seu respeito pela Constituição e pela lei. Concorda com os dois primeiros numeros da moção Ferreira Fonseca. Mas repudia o ultimo. O directorio não pode ficar com a responsabilidade de resolver a ida ás urnas ou a abstenção. O partido só tem dois meios de resistir: ou pela revolução armada ou pela lei. O primeiro não tem discussão. E' o ultimo que convém apreciar. Não ir á urna porquê? Pois não tem o partido a certeza do triumpho? O que pode esbulhal-o da maioria? A fraude? Se ella se der, transformar-se-ha n'um elemento de propaganda. O partido tem sido calumniado. Tem-se dito que elle odeia o exercito. E' falso. Elle só odeia os maus patriotas e ainda não disse que o exercito seja mau patriota. Se ámanhã houver um governo legalmente organisado, vêr-se-ha se o exercito quer ou não satisfazer os compromissos de Portugal perante a situação internacional. Mas qual tem sido a preparação que se tem feito para a guerra? O seu partido tambem é accusado de não se importar com os proletarios. E' falso. Pois é para que taes falsidades se destruam que o partido não pode calar-se. Tem de ir á propaganda. Tem de ir ás eleições.

Ouvem-se vivas á Camara de Lisboa e ao dr. Manuel Monteiro, Luiz Derouet, Abrahão de Carvalho e outros republicanos demittidos pelo governo. A ovação que se faz a esses homens e ao general Correia Barreto é calorosissima. Durante largos minutos, toda a assembléia, de pé, victoria, delirante, aquelles que merecem a sua solidariedade e a sua simpathia. Ha n'essas ovações muito da espontaneidade e da sinceridade provincianas, que nunca se confundem com outras. E' que a grande maioria dos congressistas é de fóra de Lisboa. Surgem da assembléia apostrophes e imprecações indignadas. E' difficil restabelecer o silencio, o que só se consegue depois d'uma curta alocução do presidente, exaltando os sentimentos republicanos do congresso e dizendo que com o partido não estão apenas os homens de bem, mas as mulheres de bem. Assim o prova o telegramma da sr.ª D. Carolina Nobre, que tem em seu poder, e no qual se sauda a assembleia magna do Partido Republicano Portuguez.

O sr. Antonio Machado justifica e manda para a mesa uma moção pela qual se resolve disputar as eleições em todos os circulos do paiz e fazer uma activa propaganda preparatoria do acto eleitoral. O sr. Carlos Kopke lamenta que se haja chegado a esta situação ilegal em que a politica se encontra, mas a culpa d'isso pertence um pouco aos dirigentes do partido democratico, com cuja demasiada benevolencia não está de accordo. Não se fez ainda a educação civica do povo.

A desunião, eis o mal!

O sr. Affonso Costa, que toma a palavra n'esta altura, é acclamadissimo. Hoje, é preciso circumscrever os trabalhos do congresso á questão eleitoral. A organisação da guerra á dictadura que fique para depois. Não tencionava falar desde já. Queria ouvir primeiro os congressistas inscriptos, mas forçou-o a antecipar-se o orador que o precedeu. Os resultados da lucta eleitoral serão um triumpho, muito embora a representação parlamentar não corresponda aos desejos de todos. Ao sr. Kopke dirá que o seu partido não faz guerra a ninguem. Não tem nem póde ter pellos no coração. Tem havido erros? Sem duvida, mas elle e o seu partido, com Correia Barreto, Theophilo e Bernardino Machado, não fizeram nunca, no governo, senão obra republicana. Mas a Republica tem sido boa porque o povo a tem feito assim. E como corresponderam os monarchicos aos apelos de cooperação no regimen, que lhes foram dirigidos? Conspirando. Podia o partido evitar os acontecimentos de janeiro? Elle não tem culpa das defecções d'alguns republicanos. Ahi é que está o mal. Conservou-se o velho partido republicano mas d'elle sahiram muitos para formarem novos partidos, que não cumpriram ainda a sua missão. O grande mal do regimen tem sido a ambição de governo de grupos que não pódem realisar essa ambição. Por sua vez o partido democratico não desejou nunca o poder. Quando governou, foi por imposição do paiz, mais nada. Bem sabia que ia para o campo dos sacrificios. O segundo ministerio democratico tinha um programma nacional. Não lh'o deixaram cumprir.

Queria a participação na guerra e a realisação do acto eleitoral. Tudo se ergueu para impedir que o governo levasse ao fim o seu plano. O chefe de um dos grupos partidarios transformou-se no paladino da dictadura. Foi elle quem, deturpando, vilipendiando, maculando, se atravessou no caminho dos deveres do governo como um louco, ou como um traidor. O outro teve nas suas mãos o remedio para evitar o que se fez. Não quiz realisar essa grande obra. Enganaram-no. Só assim pode explicar a sua attitude. Disse-lhe um dia que contasse com o seu apoio para governar. Foi em vão. Fizeram em torno d'elle a *«chantage* do peor». E elle deixou-se vencer. E quem foi o inventor d'essas perfidias que deram a situação que o sr. Antonio José d'Almeida ampara com o coração a sangrar, e na qual o exercito anda illudido? Sim, quem foi? O chefe do unionismo. D'ahi veiu este governo de insignificantes, presidido por um doido e guiado por um traidor, que é o sr. Camacho. E' uma dupla *chantage*, de que resultaram os attentados ás leis e ao Congresso da Republica que se teem praticado. E o sr. Antonio José d'Almeida, que podia salvar a Republica, não o faz. Teem-se destruido todas as liberdades. Sem isso, de que valem as formulas? Que mais dá presidir aos destinos do paiz o sr. Pimenta de Castro ou o sr. D. Manuel? E' uma questão de lista civil, maior ou menor.

Todas as leis liberaes teem sido rasgadas, como está acontecendo com a lei da separação, que um jurista que nunca a comprehendeu deliberou deitar a baixo, como se isso fosse possivel. Refere-se á questão da egreja hespanhola, sufficientemente esclarida na lei da separação. E' aos governos dictatoriaes que se pede tudo, até o que mais humilha as nações. Eis porque essa questão se agravou de novo. Condemna asperamente as demissões que se teem feito, elogia Luiz Derouet e classifica de *analphabeto* aquelle que foi substituil-o. Impera o arbitrio, e o governo foi já até ao crime de traição á patria.

Atè contra o proprio governo!

Se o governo não fosse dictatorial, sabia-se em que altura estava a nossa preparação para a guerra, que tem de dar-se, fatalmente. Assim, não se sabe nada. E, todavia, a hora é grave e dolorosa. Nunca o problema da nossa situação internacional foi posto com tanta amargura. Mas a má hora ha de passar. Os monarchicos que se acautelem, porque,—diz-lh'o ali bem alto—o partido republicano está a organisar-se para defender a Republica até contra o proprio governo! *(grandes apoiados)*. Faz uma ligeira resenha do que teem sido as incursões e rebelliões monarchicas. Na primeira, João Chagas viu-se perfeitamente desamparado pelo seu ministro da guerra, que é hoje o chefe do governo. As outras não passaram nunca de actos de miseraveis.

Pois os monarchicos que experimentem outra vez! Elles que tentem restaurar a monarchia, visto terem o governo a seu lado, esse governo que é mais monarchico do que republicano. Verão o que lhes acontece. Só por absurdo, o sr. Pimenta de Castro, que em 1911 não acreditava em monarchicos, lhes sahiria ao caminho para os submetter. Mas alguem ha que não permitte, que não consentirá a queda da Republica. Esse alguem é o Partido Republicano Portuguez, que salvará o regimen á custa de todos os sacrificios. Mais que isso—o partido ha de intervir a tempo de salvar a honra nacional perante o estrangeiro que sabe ler e que não ignora o que se passa em Portugal. A questão está posta com toda a clareza. De um lado veem-se homens como Bernardino Machado, Magalhães Lima, João Chagas e o partido republicano. Do outro, estão creaturas que andam a fingir de republicanos para praticarem todos os atropellos. Quem ha de, pois, vencer? O governo compromette tudo, até o proprio prestigio do exercito, que carece que se cumpram todos os compromissos internacionaes. Para isso, o governo Azevedo Coutinho tinha nos dias em que se preparou a sua queda acabado de organisar tudo. A expedição portugueza partiria dentro em pouco, e isso traria para Portugal um enorme prestigio ao mesmo tempo que seria o resgate de velhas culpas, fixando ainda de vez a nossa independencia continental.

A enxurrada tem passado deante do partido republicano para o anniquilar. Só o tem deixado mais forte. E será essa sua força que lhe permittirá levar aos campos de batalha o que se deve á Inglaterra e o que o seu brio, o brio do paiz, lhe exige. A Inglaterra acceitou a nossa cooperação. Não ha senão que effectival-a. O congresso tem de emittir n'esse sentido o seu voto. Se o governo quizer commetter o supremo crime de esquecer os compromissos internacionaes, o partido republicano só tem um dever a realisar:—forçal-o a respeitar esses compromissos. Uma salva de palmas vigorosissima acolhe as ultimas palavras do orador, que é acclamadissimo.

O partido vae ás eleições

O sr. Manuel Joaquim dos Santos propõe que a materia se dê por discutida, com prejuizo dos oradores inscriptos. O sr. Ferreira da Fonseca pede que lhe digam quaes são esses inscriptos. Todos são consultados, pronunciando-se unanimemente pela lucta eleitoral. O mesmo congressista insiste em que deve ser o directorio que delibere sobre a questão eleitoral. Ha manifestações em contrario. O sr. dr. Affonso Costa diz que o directorio está na disposição de acatar as resoluções do congresso, conforme as circumstancias o exigirem. Se essas circumstancias se aggravarem de maneira que se torne impossivel disputar as eleições, o directorio convocará, para as apreciar, um congresso extraordinario.

O principio de que o partido deve ir á urna é approvado por acclamação. Approva-se tambem uma proposta auctorisando o directorio a convocar outro congresso se isso fôr preciso. E é assim que chega ao fim a primeira sessão do congresso do Partido Republicano Portuguez. O sr. Filippe da Matta faz ainda á assembleia varias recommendações. Tenta, por exemplo, convencer os congressistas de que é absolutamente necessario que cada um inscreva o seu nome nas listas para esse fim expostas á entrada da sala. A reunião é um acto historico, cuja importancia não é facil avaliar. E' pois indispensavel que fiquem archivados os nomes de quantos n'elle vieram tomar parte. A segunda sessão será amanhã, ás 9 horas. Presidirá o sr. Manuel Monteiro.

As precauções das auctoridades

A Guarda Republicana tomou posições nas immediações do Polithecama pouco depois das 8 horas. A policia tambem pouco se fez esperar. Mas a ausencia de curiosos, se não é completa, pouco falta. A Avenida é objecto de um policiamento especial. Quem não inspirar inteira confiança não pode sentar-se nos bancos. Dirigo as forças da policia o capitão Esmeraldo e não deixam de comparecer os majores Penha Coutinho e Amaral. O sr. Manuel Monteiro é dos primeiros congressistas a comparecer, seguindo-se-lhe outros homens da provincia, que os curiosos não conhecem. Os srs. Ferreira da Fonseca, Antonio Macieira e Henrique de Vilhena chegam quasi em grupo.

Poucos minutos depois das 9, pára um automovel á porta do theatro. E' o sr. dr. Affonso Costa que chega. Acompanham-no os srs. Germano Martins e Urbano Rodrigues. Os amigos do chefe democratico victoriam-no com palmas e vivas. Continuam chegando forças policiaes. Dir-se-hia que todos os guardas disponiveis foram destacados para a rua dos Condes e para as ruas proximas. Ha quatro ou cinco chefes dirigindo os subordinados. A vigilancia vae até ao Rocio, Arco da Graça, rua das Pretas, etc. Afinal tudo corre em bem, realisando-se o congresso sem que surja a menor nota discordante, não obstante ter apparecido muito quem pretendesse perturbar a serenidade com que tudo decorreu...

Algumas propostas

Eis, na integra, algumas das propostas approvadas:

O Partido Republicano Portuguez, interpretando o sentir nacional, sauda nas pessoas do ex-governador de Angola Norton de Mattos, do chefe do Estado Maior da columna de operações em Angola Maia de Magalhães e na do clarim do 1.º esquadrão de dragões, Augusto Reis, os gloriosos militares que se batem em Africa pela honra e integridade da Patria e affirma a sua fé inabalavel no futuro da Nação Portugueza independente, dentro das instituições que o povo livremente adoptou e manterá pelo seu proprio esforço, sem interferencia de quaesquer influencias estranhas, confiando tambem em que, atravez de todos os sacrificios, se respeitarão e executarão os compromissos internacionaes em que está empenhada a honra nacional.—a) *Alvaro Castro.*

Do sr. Daniel Rodrigues:

O congresso, apreciando a situação interna e tendo sobretudo em vista as conveniencias da patria e da Republica, outhorga plenos poderes ao directorio para que empregue todas as diligencias e meios idoneos para se instaurar a legalidade constitucional, confiando egualmente ao seu bom criterio, respirado nas resoluções da assembleia, a orientação do partido em face do problema eleitoral. E, ponderando os altos interesses do paiz, no conceito internacional e em presença da conflagração europeia, o congresso acata e louva as resoluções parlamentares de 7 de agosto e 23 de novembro de 1914, exprimindo o voto de que urge satisfazer os nossos compromissos de honra para com a Inglaterra e os impulsos de sentimentos e raça que solidarisam Portugal com as nações que combatem a barbarie germanica.

Do sr. Ferreira da Fonseca:

O congresso do Partido Republicano Portuguez extraordinariamente reunido em Lisboa para definir a attitude do partido perante a situação politica e o acto eleitoral de 6 de junho proximo; considerando que o governo do general Pimenta de Castro publicou varios decretos com irreparavel offensa da Constituição politica e d'algumas leis da Republica; considerando que taes decretos foram declarados dictatoriaes pelo poder legislativo que, violentamente impedido de funccionar no seu edificio proprio, reuniu em 4 de março no palacio da Mitra em Santo Antão do Tojal; considerando que as garantias individuaes consignadas no codigo fundamental da Republica permittem a todos os cidadãos a resistencia a quaesquer ordens que infrinjam os preceitos constitucionaes; considerando que esta resistencia se torna imprescindivel para a affirmação do respeito do partido pela Constituição e pelos principios republicanos; considerando que o poder judicial, para o qual deve recorrer-se d'estes actos do governo, tem pelo art. 63.º da Constituição politica competencia para apreciar a legitimidade constitucional dos decretos dictatoriaes; considerando que, seja qual fôr a decisão d'este poder sobre os decretos eleitoraes publicados ou que venham a publicar-se, nenhum implica a abstenção ou a concorrencia do partido ao acto eleitoral a realisar no dia 6 de junho; considerando que a attitude do partido em relação a esse acto só póde determinar-se cabalmente de harmonia com os superiores interesses da Republica em face das circumstancias d'esse momento e que podem ser completamente diversas das actuaes, aconselhando um procedimento differente do que n'esta hora se indicaria; considerando que o congresso plenamente confia no patriotismo, na fé republicana e na dedicação partidaria do directorio que em epocha proxima das eleições estará de posse de todos os elementos indispensaveis para a determinação da attitude que mais convém ao partido e á nação; protestando energicamente contra a dictadura e contra os dictadores e affirmando o seu respeito pela Constituição politica da Republica portugueza, cujos principios reconhece ser necessario manter a todo custo, resolve:

1.º—Organisar a resistencia a todos os decretos dictatoriaes, em tanto quanto seja necessario para os tornar completamente ineficazes. 2.º—Preparar desde já a lucta eleitoral iniciando com a maxima intensidade todos os trabalhos destinados a assegurar a victoria do partido nas urnas, quando se realisarem as eleições geraes para o Congresso da Republica. 3.º—Delegar no directorio, ouvida a junta consultiva, a determinação da attitude de abstenção ou concorrencia do partido ao acto eleitoral.

A mensagem do directorio

E' assim concebido o relatorio lido pelo sr. dr. Sousa Junior:

Presados correligionarios: Nos termos do n.º 1.º do art. 11.º e n.º 3.º do art. 36.º da Lei Organica, convocou o directorio este congresso extraordinario para se occupar, como estatue o artigo 9.º da mesma lei, do assumpto que foi objecto da propria convocação, isto é, da actual situação politica e da attitude do partido perante o poder executivo, collocado fóra da lei, segundo a opinião e voto unanime do Congresso da Republica, emittidos na moção approvada na historica sessão de 4 de março corrente.

Mas outra circumstancia sobreveio a exigir que este congresso se occupe tambem da eleição do directorio e junta consultiva, bem como do conselho arbitral, conforme a proposta que o presidente da mesma junta consultiva, em harmonia com o art. 31.º da citada lei, vos apresentará. E' que o directorio está desde hontem impedido de funccionar pela falta da maioria dos seus membros, obrigada por motivos justificados a abandonar os seus logares. Assim, com estricta observancia do nosso estatuto basilar, este congresso deve desdobrar-se, discutindo o assumpto para que foi convocado e exercendo tambem a faculdade de eleger os novos corpos dirigentes.

Esta eleição, propõe o directorio que ella se faça ámanhã na primeira sessão. Quanto ao objecto da convocação que recebestes vamos mui resumidamente dar-vos conta dos successos politicos em relação com ella. Como dizemos nas palavras prévias do n.º 2.º do *Boletim* (O directorio agradece o alto serviço prestado ao partido pela casa Lellos, do Porto, que executou gratuitamente o n.º 2.º do *Boletim*) depois do congresso da Figueira occorreram factos que não podiam deixar de merecer referencia larga na nossa publicação official. Mas não houve tempo de versar esses assumptos, relacionados sobretudo com a nossa attitude perante a guerra europeia, e d'ahi resulta deixarmos uma tal tarefa para os nossos successores em cujo patriotismo e fé partidaria todos confiamos.

Por isso, e porque afinal é este o congresso perante quem temos de prestar contas dos actos do segundo anno da nossa gerencia, vos declaramos que, n'uma perfeita unidade de vistas entre o directorio e os parlamentares do partido, assentámos em apoiar o governo Bernardino Machado em quanto fizesse para assegurar o cumprimento dos nossos deveres como nação alliada da Inglaterra, mantendo as tradições nobres do povo portuguez e do exercito, como sustentaculo da nossa honra posto ao serviço de uma causa justa, com cujo triumpho creassemos um logar de destaque ao termo d'esta formidavel conflagração. Mas, se n'essa parte o governo Bernardino Machado encontrou em nós um apoio seguro, outro tanto não pudemos fazer em relação á sua attitude para com os inimigos da Republica.

Tendo esse governo applicado a lei da amnistia no sentido da maior benevolencia, com que não concordámos, não deixaram os monarchicos de conspirar, vindo a estalar as suas conjuras no acto revolucionario que teve a manifestação de maior vulto em 20 de outubro; era tempo, julgavamos, de a tais e tão irreductiveis adversarios das instituições fazer experimentar uma repressão justa, dentro das leis vigentes. A conducta do governo Bernardino Machado não nos satisfez inteiramente abrindo-se uma discrepancia que contribuiu para a sua demissão.

A esse governo pretendemos que succedesse um gabinete de concentração republicana, empregando os ultimos esforços na consecução de um tal «desideratum» que não se effectivou por culpa alheia.

Só então tivemos de acceitar, como solução extrema, um ministerio formado por oito correligionarios nossos e por uma pessoa independente dos partidos com representação no Congresso da Republica.

O governo Azevedo Coutinho declarou desde a primeira hora da sua existencia que, subindo ao poder para cumprir um programma minimo e de circumstancia, recebia a collaboração dos partidos e desde que elles quizessem fazer-se representar no ministerio facultaria da melhor vontade a entrada de ministros da direita. Sentia-se á vontade, de resto, esse governo para assim proceder, visto que o seu programma tinha um caracter nacional que desejavamos ardentemente ver executado por todos e não por nós somente. Mas não se attendeu o nosso appello e como consequencia houve o governo Azevedo Coutinho de trabalhar só, hostilisado sisthematicamente. Não obstante desempenhou com patriotismo a sua missão, adeantando sensivelmente a nossa preparação para a guerra em obediencia aos compromissos com a nossa alliada, que nos solicitára uma divisão de combate, como é hoje do dominio publico pelas declarações auctorisadas e não desmentidas do illustre general Pereira d'Eça.

Com a nossa collaboração conseguiu esse governo vêr votada uma lei eleitoral que nos evitasse a vinda á camara de 234 deputados e, marcada a data das eleições, ia presidir a ellas com uma imparcialidade que não podia ser excedida por qualquer governo extra-partidario.

Mas o ministerio Azevedo Coutinho cahiu sob um movimento militar de indisciplina que tomou como pretexto a transferencia d'um official sem nenhum caracter de castigo. Cahiu esse gabinete, que manteve altivamente os brios nacionaes perante o conflicto europeu. N'isso está o seu maior elogio.

O governo actual foi organisado contra a Constituição e contra ella tem estado cada vez mais claramente.

Nós, que temos a maioria do Parlamento, offerecemos-lhe todos os meios de evitar uma quebra de principios que não queriamos viesse macular indelevelmente a Republica; não fomos ouvidos.

Não fomos ouvidos quando o nosso representante dr. Affonso Costa, convidado a conferenciar com o sr. Pimenta de Castro, lhe offereceu a collaboração da maioria do Congresso da Republica, no sentido de se votar a lei eleitoral que mais conviesse ás circumstancias. Em resposta deram-nos esse decreto resuscitando a *ignobil porcaria* em que, no dizer dos esteios da dictadura, o governo é o grande eleitor.

Depois annunciou-se em nota officiosa que o sr. Pimenta de Castro não consentiria na reunião do Parlamento. Tudo fizemos para evitar essa vergonha á Republica portugueza. Tudo. Até nos prestavamos a fazer com que a reunião se não effectuasse por falta de numero e em troca só exigiamos que não se impedisse *manu militari* a abertura das portas do Parlamento no dia 4 de março. Tudo inutil. A vontade de espesinhar a representação nacional não cedeu perante razões de nenhuma ordem.

Mas o Congresso da Republica reuniu. Reuniu contra a vontade da dictadura reinante graças á comprehensão que a sua maioria teve, n'esse gravissimo momento, das responsabilidades dos parlamentares perante os seus eleitores e perante a historia, que implacavelmente julgará os dictadores. O acto nobre dos deputados e senadores que reuniram no Tojal e d'aquelles que, não tendo ido ali, procuraram comtudo entrar no Parlamento em 4 de março, merecia aqui esta especial referencia, tornando credores do nosso reconhecimento todos os parlamentares, sejam ou não nossos correligionarios. Não esqueçamos Achilles Gonçalves, que aggravou a sua doença e morreu satisfeito por haver cumprido um dever.

Todo o poder executivo está fóra da lei. Assim o resolveu quem de direito. Com o Congresso da Republica estamos nós e deve estar todo o partido sem discrepancia de um só dos seus membros.

Mas o governo possue outros attributos que convem aqui frisar. E' truculento, e descomposto até, na sua furia contra nós. Sobre não manter imparcialidade na sua acção, visto que acaricia os nossos inimigos, na razão directa do odio que cada um nos vote; sobre estar preparando uma situação em que nós sejamos espoliados nas urnas; sobre a protecção que dá a conubios de quantos nos odeiam para vêr se consegue desfazer a obra em que a Republica tem os melhores fundamentos; sobre tudo isso, o governo persegue-nos com ameaças, com transferencias, com castigos e com demissões. Para todos os perseguidos vae a nossa solidariedade e, sem especificações, a todos apresentamos na pessoa do dr. Manuel Monteiro, presidente do congresso e juiz do Supremo Tribunal Administrativo, demittido pela violencia e pela insensatez da dictadura, os protestos da nossa maior simpathia e respeito.

E' em frente de um tal governo que o partido vae dizer o que entende ser melhor para o derrubar e restituir a normalidade constitucional á Republica. Resolva o congresso qual a attitude a tomar no futuro acto eleitoral e diga tambem o que pensa sobre os meios de terminar a dictadura.

Ao terminar esta simples exposição não podemos esquecer que contamos já victimas nos nossos arraiaes. Um dos nossos e dos mais prestimosos cahiu varado pela bala de um sicario, mettida pelas costas.

Faz hoje um mez que Henrique Cardoso foi morto nas tragicas circumstancias de todos conhecidas e sem que faltasse, ainda por cima, quem nos accusasse de termos disparado tiros do edificio do directorio. Essa calumnia tem vindo dos esteios da dictadura, a que não faltam bandidos de cadastro sanguinario; repelimol-a indignados, jurando á face de toda a sociedade portugueza: que Henrique Cardoso foi alvejado traiçoeiramente por assassinos da mais feroz condição, sem que houvesse da parte d'elle ou da parte de qualquer dos nossos que se achavam reunidos no directorio, directa ou indirectamente, o mais leve gesto e nem sequer qualquer protesto. E, feito este solemne juramento, levantemo-nos e consagremos commovidamente e em silencio a memoria d'esse infatigavel batalhador que foi um martir dos nossos ideaes. — *O Directorio.*

O novo directorio

Ao que se diz, do novo directorio farão parte os srs. Affonso Costa, Manuel Monteiro, Azevedo Coutinho, Alexandre Braga, Alvaro de Castro, Filippe da Matta e Lopes Martins.

Migalhas

De volta

Hontem, n'um carro electrico, mostraram-me um mancebo, que acabava de entrar, na esteira d'uma benjamina cheia de *touguettes* e *aigretes*. Simpathico moço! Bem calçado, bem vestido, bem penteado e barbeado, trazia na botoeira uma das primeiras flôres da primavera. Pareciam recortados d'um jornal de figurinos aquelles vinte e dois annos lustrosos de cosmetico e com córte accentuadamente inglez.

Quem me tinha chamado a attenção sobre elle explicou-me:

—Foi um dos *cadetes* do Paiva Couceiro. Voltou ha pouco tempo de Hespanha.

Que simpathico rapaz! Ao mirál-o e ao vêr as delicias com que o seu peito hauria a viração primaveril, puz-me a pensar que barbaridade foi que as circumstancias forçassem esse moço, tão bem talhado para seguir de electrico as benjaminas, tivesse que andar por montes e valles gallegos a preparar incursões e a conspirar, elle, um rapaz tão bem penteado.

Puz-me a pensar como elle ficaria de chapeu desabado e armado até ao dente do ciso, que lhe deve ter crescido no exilio. Figurei-o carregado de correias e de esporas, com um revolver á cinta—capaz o maldito de se disparar por desastre—e abençoei a pacificação que restitue este esforçado moço ás *soirées* do Olimpia e aos pastelinhos da Marques. E dizer que houve governo, que mandaram canhões e metralhadoras contra as hostes que este cadete commandava! Uma metralhadora a quem estava a pedir um pulverisador!

Bem haja a era de socego e paz que alfim raiou. Nunca a esquecerão aquella menina que sorria ao *meu* cadete e o alfaiate Amorim.

André Brun

Poeira da Arcada

O apoio que a chamada opinião publica presta, em casos difficeis, a individuos que os proprios argumentos deixam algo desprotegidos, não é de molde a firmar uma grande crença aos juizos e assentimentos da multidão. Quantas, quantas vezes, em volta do maior absurdo se sella um pacto, entre uma aranha industriosa e esperta e um ajuntamento confuso de vontades mollas ou inertes que se mostram sempre promptas a seguir um raciocinio tortuoso, como os cães os donos que os intimidam e batem!

***

Está a terminar a polemica entre manuelistas e miguelistas. Não fica, todavia, bem assente a quem ha de caber o throno da futura monarchia. Cada qual puxa a braza para a sua sardinha. E como a Republica ainda se conserva de pé e bastante rija é provavel que as ervadas settas se desencaminhem dos seus alvos e se produza uma enorme misturada. Na furia de se guerrearem uns aos outros, os portuguezes de 1915 devem ficar na historia como um bando de miopes que, não sabendo distinguir bem a fructa verde da madura, comiam aquella e deixavam apodrecer esta.

***

Anda por ahi um carteirista que dá pela alcunha do Pésudo, o qual, ha bons vinte annos, ainda não comeu pão que não fosse comprado com o dinheiro das suas rapinas. A justiça conhece-o e elle conhece a justiça. De tanto se conhecerem conseguiram já esta coisa simpathica—fingirem que se odeiam em publico, mas piscando-se os olhos com requintes de galanteria muito em particular. Pésudo furta e rouba, a justiça julga-o. Ha pessoas que receiam tanto um como outro aspecto da mesma arte de delinquir.

***

Nos archivos do ministerio dos estrangeiros, em Madrid, descobriu-se uma carta de Nelson, em que este agradece ao governo hespanhol os bons serviços que á esquadra do seu commando prestára o governador das Canarias. Com a carta enviou um barril de cerveja e um bom naco de queijo inglez. A descoberta produziu em Hespanha excellente impressão. Pois que os nossos visinhos voam como as abelhas sobre as flores dos prados, eil-os a celebrar Nelson com muita rethorica. Isto não obsta que elles julguem Gibraltar uma affronta ao seu brio.

Ultimas noticias

Notas politicas

Entre as candidaturas que o governo apresentará nas proximas eleições devem figurar as de todos os ministros e governadores civis actuaes.

Parece que o sr. José de Azevedo Castello Branco tem encontrado difficuldades na organisação dos trabalhos relativos á intervenção dos monarchicos no acto eleitoral.

Muro que desaba

Creança com as pernas fracturadas

No predio que tem o numero 283, da rua do Valle de Santo Antonio, no 1.º andar, residem Virginia Coelho Dias e seu marido Godofredo d'Assumpção Dias, em companhia dos paes d'este, Antonio Dias e Carolina d'Assumpção Dias, e do menor Mario Soares, que ámanhã completa 13 annos e que foi creado desde o seu nascimento pela familia em casa de quem está.

Mario Soares, orphão de mãe, foi reclamado ha tempo pelo pae, o chapelleiro André Soares, de casa de quem, juntamente com um irmão, fugiu, como a imprensa ha dias noticiou, sendo ambos presos no Cadaval. Conduzidos a *Lisboa*, voltou o Mario para casa da familia adoptiva.

O predio da rua do Valle de Santo Antonio tem um pequeno quintal, para o qual deita o muro do antigo convento do Bom Pastor, onde actualmente está installada a Tutoria Central da Infancia.

Pelas 12 horas e meia de hoje, quando o pequeno Mario estava dando de comer a um cão, cujo canil fica mesmo por debaixo d'esse muro, sentiu um ruido e, olhando, viu que a parede começava a aluir. Tentou fugir. Não o poude, porém, fazer. Os pedregulhos desabaram sobre elle, soterrando-o até á cintura.

Aos seus gritos lancinantes e ao estrondo produzido pelo desmoronamento acudiram os visinhos e a familia da casa, que tentaram retiral-o da critica situação em que elle se encontrava.

Chegavam momentos depois o chefe Gomes, da esquadra de policia d'aquella rua, com alguns guardas, e os bombeiros voluntarios Eduardo Moniz e Carlos Madeira, os quaes, auxiliados por Raul da Conceição Silva e Alfredo da Silva Barbosa Marinha, conseguiram tirar o pequenito, o qual foi conduzido no automovel de prompto soccorro da estação 2, para o hospital de S. José, onde se verificou que tinha fractura das duas pernas com complicação de ferida. Depois de pensado, recolheu á enfermaria n.º 1.

No local compareceram o material de incendios, o automovel de prompto soccorro dos bombeiros voluntarios, o commandante do corpo de bombeiros, sr. Parente, o ajudante do corpo, o chefe da 1.ª divisão e o vereador do pelouro de incendios, sr. Abel Sebrosa.

O commandante mandou apear o resto do muro, que aluira n'uma extensão de 30 metros, por offerecer perigo. Attribue-se o desmoronamento aos ultimos dias de temporal.

Nos escombros foram encontrados mortos gallinhas, pintos e o cão a que o pequeno Mario fôra levar comida.

Morto com um tiro de espingarda

BARREIRO, 28.—O trabalhador José Alexandre d'Oliveira Junior, de 29 annos, casado, morador em Penalva, disparou ali um tiro de espingarda contra Manuel do Valle Petronilho, que, segundo consta, já falleceu.

Ignoram-se por emquanto as razões que deram origem ao crime.

A final de "foot-ball,,

A final do campeonato de *foot-ball* foi ganha pelo Sporting Club, que fez 3 *goals* contra 1. O resultado constituiu uma surpreza, porque ha quatro annos que o Sport Lisboa Bemfica era sempre o vencedor.

MUSICA

Concerto no Conservatorio

Realisa-se depois de ámanhã, ás 21 horas, no Salão do Conservatorio, o 149.º concerto da Academia de Amadores de Musica, que promette, como todos os anteriores, ser brilhante.

Concerto Vianna da Motta

Acaba de realisar-se no theatro de S. Carlos o ultimo concerto Vianna da Motta com o concurso da Orchestra Simphonica Portugueza.

O programma era esplendido e enorme; d'ahi, o concerto ter excedido em tempo o que habitualmente costuma durar.

Limitar-nos-hemos, por isso, a falar das duas primeiras audições que constituiam a primeira parte, dedicada a Beethoven, *Concerto em sol maior* e *Canções populares escocezas*.

No magnifico concerto foi Vianna da Motta o pianista de sempre, claro, perfeito, e Blanch o regente cuidadoso e seguro que estamos habituados a admirar.

As canções escocezas foram cantadas por madame Vianna da Motta com aquella pureza de dicção e intelligente intenção que d'ella faziam a nossa primeira amadora de canto.

O resto do programma teve a interpretação que lhe convinha, sendo em todo o caso de frizar que o *Tasso*, de Liszt, foi ainda mais nitido que nas anteriores execuções.

H. de A.

A egreja hespanhola

A colonia protesta officialmente contra a sua creação

A' reunião da colonia hespanhola que hoje se realisou no palacio Regaleira, na sala de espectaculos do Rocio Palace, presidiu o sr. D. Manoel Garcia del Castillo, emigrado em Portugal desde 1877.

A reunião esteve muito concorrida. Tratava-se de protestar contra a projectada creação de uma egreja hespanhola em Lisboa e de expôr os trabalhos realisados pela commissão especialmente nomeada para tratar de evitar que essa creação se torne um facto.

A commissão consultou officialmente as collectividades hespanholas legalmente constituidas em Portugal, tendo sido as respostas recebidas unanimes em declarar que nenhum pedido tinha sido por ellas feito para a creação da egreja.

Foi approvada por unanimidade uma moção para que se enviem officios ao sr. Presidente da Republica Portugueza e ao presidente do conselho de ministros de Hespanha, dizendo que a colonia protesta contra a creação da egreja, que não foi pedida por nenhuma das colectividades Centro Español, Centro Democratico Escolar Español, Fraternidad, Juventude de Galicia, Sociedad Galaica—estas de Lisboa—e Centro Escolar Democratico Español, do Porto.

Tambem foi approvado distribuir um manifesto, uma edição do qual em portuguez, e que da edição hespanhola fossem enviados exemplares á imprensa de Hespanha.

Ainda ácerca da desnecessidade da egreja hespanhola falaram os srs. Luiz Plaza e Luiz Cima, dizendo este ultimo que a colonia, protestando, faz o seu dever; aos liberaes portuguezes compete fazer o resto, para impedir que os sem patria, os jesuitas expulsos de Portugal, voltem sobrepticiamente a estabelecer-se n'este paiz. O sr. Clemente Anterello apontou a creação da egreja hespanhola como o regresso do jesuitismo a Portugal.

O INVERNO RIGOROSO

A chuva e o canhão

Alguns meteorologistas admittem que a guerra seja causadora da invernia

Todos se queixam do inverno, que além de ser rigoroso, tem sido prolongado com chuvas continuas e ventania agreste. Para este estado de coisas que parece differente do que succedia em outros tempos e para este atrazo da primavera já alguns encontraram uma bizarra explicação. A causa é a guerra. O canhoneio incessante, no mar, na terra e no ar, nas regiões do norte e no centro europeu, trouxe o desequilibrio atmospherico.

Será assim?

O facto é que, em 1866, um escriptor francez publicou um livro estabelecendo que os fogos de artilharia, continuados durante horas, traziam a chuva. Comprovava essa theoria, entre outros argumentos, com o de que a guerra da Crimeia em 1854 trouxera o desequilibrio atmospherico de que se queixavam a França, a Suissa e a Italia.

Quando se feriu a ultima guerra balkanica a theoria teve nova publicidade e novos defensores. Agora, os artilheiros que estão na guerra dizem que já não vêem dias seccos seguidos, isto ha mezes!

Camillo Flammarion, porém, não acredita que os canhões de 75 ataquem, simultaneamente, o inimigo e o tempo. Argumenta com o seguinte: o mez de outubro foi secco apesar de toda a acção de artilharia; os dias chuvosos coincidiram com as correntes do sudoeste e as tempestades vindas do Oceano; houve periodos tão chuvosos como os de agora, taes os annos de 1910 e 1905. E conclue affirmando que se a metralha e os canhões tivessem uma acção verdadeira sobre a atmosphera, a epocha actual devia ser de uma pluviosidade mais consideravel que a de outro qualquer anno, independente das correntes de sudoeste vindas da atmosphera.

Contra Flammarion erguem-se outros meteorologistas dizendo: «Tenha essa opinião, mas não affirme muito. Tenha aquella prudencia scientifica que deve preceder as grandes descobertas. E' possivel que a guerra, flagello da humanidade, seja tambem a perturbadora da atmosphera».

Concurso

Para 3.os officiaes da contabilidade *Vencimento 600$00.* A quem tiver o 5.º anno dos liceus e mais de 18 annos, envia condições pelo correio o professor Raul Valentim, R. Nova de S. Antonio, 28, 1.º

SPORT

O treino dos pedestrianistas

Uma das maneiras de poder triumphar em corridas de pedestres reside na regularidade d'um treino methodico e racional e n'uma orientação sã e pratica d'esse treino.

Entre nós é o treino quasi desusado. Só nas proximidades dos concursos é que os nossos athletas se treinam, e mesmo assim imperfeitamente. Por isso, ainda nenhum portuguez conseguiu resultados que o emfileirassem ao lado dos melhores especialistas do mundo. Só por isso, por falta de treino, porque, quanto a aptidões, ellas existem. O nosso corredor é energico e tem força de vontade, possuindo um ou outro qualidades physicas magnificas.

Precisam, pois, os nossos homens treinar-se devidamente, mas lembrando-se de que o treino não consiste apenas em doze ou quinze dias antes da prova e fazer o percurso da corrida. E' necessario que o corredor, quando vae para esse treino, leve já o corpo trabalhado por um exercicio continuo e persistente, e não se lance abruptamente no treino após longos mezes de indifferença.

O corredor pedestre, como de resto qualquer sportsman, não deve sómente procurar a victoria sobre os seus concorrentes, porque, dado o valor d'estes, pode, em certas circumstancias, a victoria ter pouco valor sportivo. O nosso corredor pedestre deve, muito principalmente, procurar exceder-os em muito, e egualar, pelo menos, os bons resultados lá de fóra. Ora isso consegue-se com um treino acertado. Esse treino vamos dizer como o fazem os corredores americanos.

O athleta dedica-se a uma especialidade e abandona o costume prejudicial de concorrer às mais variadas provas d'um concurso sportivo. E' essa uma das bases do methodo americano, e os resultados falam melhor do que palavras. Um corredor de 100 metros nunca tentará os 800 ou 1:500. Os corredores de meio-fundo nunca tentam a prova de velocidade.

As provas de 800 a 1:500 metros são as mais duras d'um concurso, porque exigem ao mesmo tempo grandes qualidades de velocidade e resistencia, e requerem especial conformação physica, a qual dá maiores ou menores vantagens ao corredor, que quanto mais alto fôr e mais largo peito e maior folego tiver melhores resultados poderá obter.

O folego é, como se sabe, indispensavel. O treino do folego, e o meio de o obter é facil, podendo ser empregado dentro do quarto, ao levantar e ao deitar. Consiste em collocar-se o athleta sobre a ponta dos pés e levantar alternadamente as pernas, de fórma a tocar com o joelho no peito, o mais perto possivel dos flancos, conservando a perna estendida. E' um excellente exercicio, tanto para folego como para agilidade, e que póde ser completado, com vantagem, pelo salto á corda.

Não se deve correr com o corpo direito, mas sim inclinado para diante.

A «partida» requer tambem especial attenção do corredor, como questão de alta importancia. Deve ser praticada com corredores de velocidade, dos melhores na sua especialidade.

O athleta, logo que estiver seguro da resistencia e folego precisos para cobrir a sua distancia, deve treinar-se em velocidade, fazendo pequenas corridas de 25 a 50 metros.

Todos os treinos devem ser feitos progressivamente, e principalmente durante elles devem os corredores abster-se de alcool, fumo e assucar, alimentando-se com productos sãos e fortificantes.

F. T.

devo apparecer senão quando tiver força para a desforra. Não a tenho! Sou um poltrão! Ora não tendo punhos para bater em Bob, ando a treinar para jogar o socco com S. Pedro, se recusar abrir-me as portas do ceu!...

* *

Billy Plimmer retirou-se tambem á vida particular depois que Podlar Palmer o bateu duas vezes *knockout*. Durante dois annos, Plimmer chorou a sua derrota e a perda dos seus louros, recusando-se terminantemente a voltar ao *ring*. Só quando Palmer foi batido por Terry Mac Govern, em Tackaliso, é que Plimmer retomou animo para se apresentar em publico. Experimentou dois ou tres combates, mas perdera a sua esplendida fórma, para nunca mais a rehaver. Desesperado, Plimmer expatriou-se. Hoje está na Africa do Sul e prohibe-se a quem fôr, que lhe falle no *ring* e dos seus campeões.

Ha cinco mezes, um seu companheiro de *ring* appareceu na Africa e foi cumprimental-o.

—Meu amigo. Façamos de conta que nos conhecemos desde hoje.

—Porquê?

—Não quero lembrar-me dos tempos antigos, dos tempos em que o meu orgulho de homem foi ferido. Os amigos de hoje o serão para sempre. Os inimigos se disseres que me conheceste na America...

Noticias

Entre nós

Festas na Amadora

Os Recreios Desportivos da Amadora festejam, no dia 14 do proximo abril, o seu 2.º anniversario, com espectaculos gratis no seu salão e no Cinema, com um jantar e varios outros divertimentos. Por essa occasião será publicado um numero unico do jornal «A Amadora», que conta com a collaboração, entre outros, dos srs. Mayer Garção, Delphim Guimarães, Herculano Nunes, dr. José Pontes, dr. Joaquim Manso, dr. Hermano Neves, Adelino Mendes, José Sarmento, J. d'Arroz, Avelino d'Almeida, Esculapio, Antonio Correia, André Brun, N. Martins, etc.

Lucta greco-romana

O antigo campeão de luctadores eleves D. Eugenio de Noronha tem continuado a dirigir a sua classe de lucta greco-romana, na qual tem alguns alumnos com muita habilidade.

Professor Arthur dos Santos

Completamente restabelecido, recomeça ámanhã as suas lições de gymnastica o notavel professor Arthur dos Santos. Estas as classes que reabrem com a sua direcção, está a do Gimnasio Club Portuguez.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Manual de arboricultura»

Para uso dos estudantes de agricultura e dos agricultores, publicou a Parceria Antonio Maria Pereira este manual, do dr. N. Bochicchio, traducção de H. de Carvalho. Conselhos uteis e praticos aos que á arboricultura se dedicam, profusamente illustrado, tem real valor.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—A's 21—O Diabo.

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—A's 21—La Venus de Piedra—La côrte de Faraon.—Metodo Gorritz.

TRINDADE—A's 20,30 e 22,30—Verdades e mentiras—Revista.

GIMNASIO—A's 21—A sopa no mel.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe—Revista.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Recita da moda—Companhia equestre e gimnastica.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA—**Gimnasio**—Recita do actor Antonio Palma e da actriz Julieta de Vasconcellos—Primeira representação de *Flôres que se desfolham*, de Vasco Mendonça Alves—O *Deputado independente*.

SABBADO—**Nacional**—Reapparição da companhia.

—**Trindade**—*Reprise* do *Relogio magico*, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

—**Apollo**—Recita dos auctores do *Fado e maxixe*.

Primeiras representações

S. CARLOS—O DIABO, 3 actos de F. Molnar, trad. de Gualdino Gomes.

A peça do illustre comediographo hungaro escolhida por Ferreira da Silva para a sua festa fôra antes representada em Lisboa por esse actor de genio que é Zacconi, a mais completa e maravilhosa organisação artistica que nos tem sido dado conhecer, e a imprensa exaltou então, porque o merecia, o trabalho de F. Molnar e o seu incomparavel interprete. O Diabo bastaria para fazer a reputação d'um escriptor de theatro, que, sobre dominar perfeitamente a technica, se nos impõe tambem como psychologo subtil e profundo e como scintillante ironista. A personagem mysteriosa que dá o titulo á peça e que incarna o Maligno, o Espirito dos trevas, o Tentador, vestindo casaca e florindo de vermelho a botoeira, desnudando e perturbando as almas, é o raisonneur mais sagaz e ao mesmo tempo mais diabolicamente humano que pode imaginar-se. Possue toda a sciencia dos coraçõs esse estranho doutor que ninguem sabe d'onde vem nem para onde vae, mas que ha milhares de annos, desde que o amor e a paixão se accenderam na terra, nunca deixou de fazer intervir n'elles a acção dos seus filtros...

Ferreira da Silva, actor que em tantas creações tem demonstrado o seu formoso talento, esmerou-se no desempenho do papel do protagonista, merecendo os enthusiasticos applausos que lhe dispensaram os seus numerosissimos admiradores que enchiam por completo a sala de S. Carlos.

Secundaram-no Emilia de Oliveira, Luz Velloso, Leonor Faria, Raphael Marques e Thomaz Vieira, devendo-se uma referencia especial a Raphael cujas aptidões vemos confirmadas em cada novo trabalho de que se incumbe. A traducção de Gualdino Gomes excellente.

A. de A.

GIMNASIO—*A onda*, um acto de Ponce de Leão.

A festa artistica de Mario Duarte revelou-nos um novo escriptor dramatico: o sr. Ponce de Leão, que expressamente escreveu para essa noite um acto de tragedia a que serve de assumpto um complicado problema de psychologia feminina. A peça abre por uma scena burgueza de comedia que não deixa adivinhar a intensidade dramatica do dialogo em que Alda Aguiar, interpretando uma viuva ardente e seductora, domina pelas extravagancias de uma complicada historia, expõe a um joven advogado (Mario Duarte) as tendencias do seu espirito morbido. Esse dialogo, que é, afinal, a razão de ser do drama, é conduzido magistralmente, n'um crescendo de emotividade passional que chega a sacudir rudemente os nervos.

Alda Aguiar fez arte a valer e revelou qualidades de tragedia extremamente notaveis. Mario Duarte, detalhando com probidade e intelligencia, foi modelar no seu papel. As restantes personagens, puramente episodicas, eram interpretadas por Alegrim, Virginia Farrusca, Joaquim Silva e Julieta Vasconcellos, que fizeram correctamente os seus papeis.

O publico applaudiu calorosamente o festejado e chamou ao proscenio o moço escriptor dramatico e os seus interpretes, que ovacionou tambem com enthusiasmo. A fechar o espectaculo, representou-se, em reprise a Bella Madame Vargas.

H. Neves

Ao correr da penna

Quando ha tempo, n'uma d'estas chronicas, lamentavamos que alguns dos nossos artistas dramaticos não escrevessem as suas memorias, não faziamos mais do que preparar a noticia do apparecimento do livro de Augusto Rosa, que já estava a imprimir e a cuja factura, por melindres de discreção, nos não queriamos referir. O artigo de Adelino Mendes, hontem inserto no nosso jornal, veiu lançar a publico a boa nova. Recordações da scena e de fóra da scena, *eis o presente da Paschoa que o eminente artista offerece na segunda feira da proxima semana aos seus numerosos amigos, e em que ao interesse do proprio volume accrescem os primores da edição, profusamente illustrada com a reproducção de documentos curiosissimos.*

Como ha pouco dissemos, os livros como o de Augusto Rosa são subsidios valiosos para a historia do nosso theatro, que um dia se ha de fazer completa e minuciosa. São, além d'isso, confissões atravez das quaes podemos mais facilmente estudar o espirito e o coração de figuras que nos habituámos a estimar sob um aspecto de ficção, não as separando nunca completamente das impressões que ellas nos dão como comediantes.

Com anciedade esperamos o livro completo a que está destinado, sem a menor duvida, um grande e merecido exito litterario e de livraria.

Cyrano

Boatos e informações

Intitula-se *Sangue azul* a nova peça em tres actos e em verso, original da sr.ª D. Branca da Silveira e Silva, a auctora do *Amor de marinheiro*, representado ultimamente no theatro do Gimnasio.

● Prova-se ámanhã, no theatro do Gimnasio, o segundo acto da comedia burlesca *Circo de inverno*, versão livre de Mello Barreto.

● A companhia Adelina Abranches deve estreiar-se no proximo sabbado no Rio de Janeiro.

● Segundo nos consta ha negociações entaboladas para que a actriz brazileira Lucilia Peres faça parte da companhia de um dos nossos theatros de declamação na proxima epocha.

Alguns dos nossos theatros não dão espectaculo na proxima sexta feira de Paixão.

● A companhia do Nacional reapparece, com o *Amor á antiga*, no dia 3 de abril, representando-se a mesma peça no domingo de Paschoa.

● A peça de Chagas Roquette que primitivamente se chamava *A conversão de Belchior* terá o titulo definitivo de *D. Perpetua*, que *Deus haja*. Será representada no Nacional logo após a peça nova de Augusto de Lacerda, *Os martires do ideal*.

● A companhia do Eden theatro demora-se no Porto até 20 do mez proximo, indo em seguida a Braga inaugurar o theatro-circo.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLISEU DOS RECREIOS—A festa artistica dos palhaços Rico e Alex.

Os palhaços Rico e Alex são, realmente, dois magnificos artistas. Colhidos de surpreza pela exigencia de apresentarem numeros novos no dia da sua festa artistica, realisaram hontem, conseguiram agradar fazendo rir milhares de pessoas, durante mais de 50 minutos que estiveram trabalhando na pista do Coliseu. Apresentaram novidades? Não; mas compuseram numeros velhos que pareciam novos, dando-lhe um mise-en-scène interessante, vistoso e com gesticulação apropriada aos multiplos disparates que apresentaram. N'estas variações de apresentação de numeros já vistos é que se conhecem os merecimentos de um clown. Terminaram por uma tourada e então Rico demonstrou que não era extranha a arte de Montes, dando passes em redondo, ajudados e por todo o alto como um authentico Gurrita! O seu companheiro Alex affirmou-se um bom peão de brega.

Os dois artistas foram muito applaudidos e receberam brindes de admiradores e do emprezario do Coliseu.

Noticias

Entre nós

O Salão Olympia vae apresentar grandes novidades cinematographicas na proxima semana, sendo alguns dos films de grande metragem.

—Affirma-se que veem brevemente a Lisboa os celebres artistas «jongleurs» Bratoro.

—A'manhã despede-se a companhia equestre que trabalha no Coliseu dos Recreios. Despede-se com o ultimo espectaculo da moda, para o qual já não ha camarotes de 1.ª ordem, restando poucos fauteuils e cadeiras.

—O Coliseu conserva-se fechado, terça, quarta, quinta e sexta-feira, reabrindo no proximo sabbado com uma nova companhia.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A Feira da vida, revista—Variedades.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.

Movimento maritimo

Africa oriental, «Gladiator» (Liverp.).	29
Africa oriental, «Berwick Castle» (L.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Beduana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonna» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31
R. J. e R. Prata, «Darro» (Liverpool)	1
Pará e Manaus «Hubert» (Liverpool)	2
Maranhão, Ceará, etc., «Michael» (L.)	2
Pern., Rio de Janeiro, etc., «Flôres»	2
Madeira e Canarias, «Aguila»	2
Bordeus, «Flandres» (Brazil)	3
Africa Oriental, «Berwick Castle» (L.)	3

Caminho de Ferro de Benguella

OS CAMBISTAS VIERLING & C.ª, NA RUA DO COMMERCIO, 104, esquina da rua Augusta, compram já os coupons das obrigações d'esta companhia a vencer no proximo dia 1 de julho.

Nota do dia

Ainda as coisas de foot ball

A observação que fizemos hontem sobre a «Taça Portugal» motivou as perguntas de dois leitores, ambas de tal maneira feitas que pareciam do mesmo individuo:—Mas que faz a Associação de Foot-ball? Não podia organisar o tal torneio *a por fóra*, com uma «Taça»?

E que faz a Associação de Foot ball? Não sabemos, nem nos interessa saber, porque não queremos ser *mais papistas que o papa*. Se os clubs não se importam, que temos nós com o caso? Como jornalistas conhecemos apenas que é *branda* na sua orientação dirigente, pois se fosse rigida o firme na observancia das suas leis estatuaes não permittiria factos como: a falta de juizes do campo estando elles marcados; a não comparencia de *teams* nos seus desafios; a constituição, varias vezes repetidas, do *linhas* de 1.ºs *teams* com reservas de 3.ºs e 4.ºs grupos, etc.

Porque não organisa o torneio com uma Taça? Tambem não sabemos. Naturalmente porque não está inclinada para essa iniciativa. E talvez a razão mais forte seja a de não ter dinheiro. Os 30 $00 que antes recebia não lhe chegavam para o seu expediente de secretaria. Os desafios de agora e as fracas percentagens que tem actualmente mal chegam, da mesma maneira, para o expediente...

Algumas anedotas

Levaram-um dia pancada e não quizeram mais

Sem a derrota infligida por Bob Fitzsimmons quem sabe se Jack Dempsey viveria ainda hoje...

Os amigos de Jack quizeram convencel-o de que a derrota não era tão desastrosa como elle pensava e que Bob tivera a vantagem de ser mais pesado. Mas nada conseguiam. Apenas o poderam persuadir de que podia ainda combater com exito e levaram-no a bater-se com Tommy Ryan em Conney Island. Jack, porém, não passava de ser uma sombra do que fôra e tão grande inferioridade mostrou ante o adversario que o arbitro, para lhe evitar uma nova vergonha, sustou o combate antes que Jack fosse derrotado. Dempsey não resistiu a este ultimo desaire e entregou-se então aos excessos, contrahindo a tuberculose que o matou.

Um dia um amigo reprehendeu-o:

—Jack, fazes mal. Posto um homem forte e agora pareces um esqueleto. Trata-te, não bebas tanto e deixa-te de noitadas...

—Obrigado pelos conselhos. Mas um homem que leva pancada nunca mais

Recenseamento eleitoral

O caderno de recenseamento da freguezia do Soccorro póde ser examinado até 31 do corrente, das 9 ás 19 horas, na rua Silva e Albuquerque, 17.

Atheneu Commercial do Porto

Constituindo um volume de perto de 250 paginas, foi publicado o relatorio da gerencia da importante associação Atheneu Commercial do Porto no anno findo. Dando noticia desenvolvida das festas e das conferencias que alli se realisaram, dedica uma parte á administração financeira, que tem importancia por mostrar quanto zelo merece ás suas direcções o progredimento da util instituição. A situação economica do Atheneu é attestada n'este seguinte: o capital que passara para 1914 foi de 39:233$41,5; e que passa para 1915 é de 44:459$88, tendo portanto havido um augmento de 5:220$16,5. Em dinheiro em caixa e a ordem existiam 1:848$29. Em 31 de dezembro findo o numero de socios elevava-se a 1.714.

fazer para sobreviver á enormidade do desastre, seguido d'uma revolução interna em que todos os elementos se haviam associado contra o poder imperial; os actos de prudencia que, pouco a pouco, salvaram e deram vida a um corpo que parecia moribundo; a paz ... honrosa, nem humilhante, feita com o Japão, mercê da firme auctoridade do conde de Witte e sob a alta arbitragem do presidente Roosevelt; a applicação paciente do accordo de Muersteg com a Austria-Hungria permittindo ganhar tempo apoz a crise interna de 1904-1905, em que a vida do czar, da sua familia, dos seus ministros, esteve incessantemente ameaçada; as sabias concessões d'outubro de 1905; as tentativas liberaes dando um golpe menos na auctoridade monarchica do que nos despotismos burocraticos; as difficuldades inherentes á execução do novo systema, a inconsistencia juvenil dos partidos, a insufficiente adaptação dos homens, a série dos ministros Sviatopolsk-Mirsky, Bouliguine, Witte—este de tão poderosa technica, mas de caracter tão altivo—finalmente o ministerio Stolypine, que foi talvez o que melhor comprehendeu o pensamento imperial e que foi na realidade o adaptador do systema das Dumas.

Rememoremos, apoz essa série de Dumas que quasi não produz senão desgostos e desillusões, as grandes reformas de novo abordadas pela vontade do soberano e, especialmente, essa ampla revolução agraria que foi, por assim dizer, imposta á Duma e que, nas vesperas da guerra, fizera de 2.600.000 camponezes russos proprietarios e transformára de tal modo o aspecto do campo que um observador imparcial escreveu: «Um trabalho colossal que o funccionario mais activo não teria podido executar com tanta rapidez foi effectuado n'um tão curto espaço de tempo que se não póde deixar de sentir um profundo respeito pela reforma agraria e pelos seus artifices. Que homens notaveis se revelaram! Que vontade e que espirito de decisão! Ei os homens de que a Russia necessitava».

Vê-se bem, dos factos que acabamos de enumerar e de muitos outros a que nós não referimos porque formariam uma lista interminavel, que, embora se tenham dado perturbações, por vezes tragicas, no reinado de Nicolau II, não tem elle deixado de ser fecundo.

A personalidade do imperador contribuiu para essa fecundidade, não se póde pôr em duvida.

Soube apaziguar, soube evolucionar e persistir. A fidelidade do seu coração e a plasticidade do seu espirito estão impressas na sua obra.

Devem-se-lhe, entre outros, os seguintes beneficios: a confiança renascendo a pouco e pouco; a reorganisação do exercito e da marinha; o desenvolvimento da instrucção publica e principalmente do ensino primario; o prodigioso augmento do orçamento quadruplicando em trinta annos sem ter sido preciso recorrer ao augmento de impostos—em 1913, 3.000.558.000 de rublos—e, mais do que isso, a prosperidade desenvolvida em toda a superficie do paiz até aos reconcavos das montanhas e ao fundo das florestas, onde começam a apparecer os rails dos caminhos de ferro de penetração, as exportações russas subindo a 901 milhões de rublos em 1910 contra 382 em 1900, as importações augmentando 73 por cento no mesmo espaço de tempo.

Todos estes factos são indiscutiveis. Como se vê, o reinado do imperador Nicolau não tem sido nem impotente, nem esteril.

Para ficar fiel a esse methodo de elevada impulsão provindo d'alma, o imperador, que propoz a reunião da Conferencia da Paz, que foi o fundador da Duma, o instigador da reforma agraria, o iniciador da prosperidade agricola e industrial, concedeu espontaneamente ao seu povo, semanas antes da guerra, o beneficio da suppressão da venda do alcool.

Era uma das principaes receitas do orçamento russo. O imperador pôl-a de parte resolutamente apesar das objecções que lhe oppunham os orçamentologos.

vos ameaçados pelos progressos da conquista allemã e, por isso mesmo, egualmente interesse da Russia.

Os polacos iam assim, sem o saberem, ao encontro do pensamento do czar Nicolau. No momento em que podia haver duvidas sobre as intenções da Polonia, esta explicava-se pela voz de um dos seus chefes; e no momento em que havia duvidas sobre as intenções da Russia, esta explicava-se pela voz do soberano de todas as Slavias.

A grande guerra contra a Allemanha ia dar em resultado a proclamação, pelo soberano russo, da autonomia da Polonia: a reparação e a restauração.

Para que a Turquia desappareça, para que a questão do Oriente, durante tanto tempo insoluvel, se resolva por si mesma, para que os velhos desaccordos europeus cessem, para que a difficuldade mediterranica tenha solução, para que as grandes passagens se abram, uma unica necessidade se impõe: o cortar os vôos ao elemento allemão, que tudo falseou, tudo estragou, tudo complicou.

A queda da Polonia era um remorso, um pezadello para a Europa. Para que a Polonia renasça no momento em que a Turquia vae desapparecer basta que a Allemanha seja derrotada.

Os imperios germanicos amarraram o corpo ao cadaver da Turquia; o imperio russo liga a sua alma á da Polonia resurgida do tumulo.

A Polonia olvidou já os seus longos martyrios, reconheceu os seus verdadeiros inimigos, voltou-se resolutamente, lentamente, para a grande irmã russa e vê que o imperador não esqueceu as palavras por elle proferidas quando subiu ao throno: «Sei o que devo fazer pelos meus vassallos polacos, que soffrem ha muito tempo».

A funcção imperial na Russia tem um caracter muito diverso da do imperador da Austria-Hungria e da do imperador da Allemanha. O ultimo é um chefe guerreiro, o da Aus-

tria um herdeiro, o da Russia um pae.

Não se comprehenderia a historia governamental russa se se não adotasse este ponto de vista. A palavra «autocrata» não nos explica, a nós, occidentaes, as coisas com exactidão. O poder absoluto na Russia é principalmente familiar; baseia-se n'um sentimento reciproco. O imperador ama o seu povo e governa-o como se governa um lar de familia. O russo obedece, voluntariamente, porque tem confiança e ama. Se esse pacto se quebrasse, o vassallo revoltado seria como que um filho insubmisso.

D'ahi provém que todo o movimento politico na Russia termina por um appello ao coração do czar. «Se elle fosse informado», como em França, no antigo regimen, as rebelliões dos grandes tinham logar, não contra o rei, mas em seu nome e contra os seus conselheiros.

Na celebre jornada de janeiro de 1905, quando o «pope» Gapone conduzia o povo ás portas do palacio imperial, continuava a ser o mesmo mytho que impellia essas multidões confiantes e benevolas. A delegação dos operarios, enviada pelo agitador, deixava no papel, na vespera, uma petição expressando o pensamento de confiança no imperador, a unica coisa que podia fazer por em movimento essas multidões:

«Soberano, não creias que os teus ministros te disseram toda a verdade acerca da actual situação. Todo o povo tem confiança em ti; resolveu apresentar-se ámanhã, ás duas horas da tarde, em frente do Palacio de Inverno para te expôr as suas necessidades...»

E o ministro, o principe Sviatopolsk Mirsky recebia este outro pedido habilmente commovente:

«Que elle venha com verdadeiro coração, com verdadeira coragem, até junto do seu povo; que receba das nossas mãos a nossa petição. Isto é reclamado para seu proprio bem, para bem dos habitantes de S. Petersburgo e para bem da patria. De outro modo, poderá dar-se a ruptura do «laço moral» até agora exis-

tente entre o czar russo e o povo russo.»

O imperador é a alta personalidade terrestre representando, acima de todos os incidentes da vida quotidiana, a affeição mutua que deve unir entre si os membros do mesmo corpo, esses povos longinquos, esses filhos dispersos da mesma familia, cujos olhares só podem cruzar-se porque convergem para esse unico olhar.

E' o icone elevado no altar do poder e representando essa coisa indefinivel, inexplicavel, adorada e a que se ora na mais miseravel das isbas, mais ainda que comprehendida e realisada nos espiritos: a santa Russia.

Os immensos espaços asiaticos estão habituados a essas venerações ancestraes pelo ser inaccessivel que sacerdotes ou hierophantes occultam no fundo de um palacio ou de uma tenda nomada. E' assaz difficil imaginar qualquer outro processo politico trazendo comsigo a ideia da unidade e da disciplina e podendo abranger esses dominios immensos. O imperador é a expressão necessaria e intangivel d'essa Russia que é a totalisação de todas as Russias.

Accrescentemos ainda que o imperador da Russia não é um monarcha asiatico. A força das circumstancias e a vontade da dinastia dos Romanoff fizeram d'elle um monarcha europeu. Governa realmente os seus povos, toma conhecimento dos negocios, procede por si mesmo, intervem directa e efficazmente na administração diaria, n'uma palavra é o soberano no sentido europeu da expressão.

Mas não pode fazer tudo por si mesmo; é obrigado a recorrer a intermediarios; de tão alto e de tão longe, cahe assim no ramerrão dos nossos passos quotidianos e fica assim submettido fatalmente á critica.

Governa e procede; agentes, homens, governam e procedem por sua auctoridade e em seu nome. N'outros paizes, a delegação tradicional ou constitucional da auctoridade soberana está nas mãos de um vizir, de um clan, de uma casta heriditaria. Na Russia não existe nem ministro preponderante, nem aristocracia, nem sistema constitucional; pela pratica de seculos, a delegação do poder soberano é confiada a uma burocracia.

A burocracia, tal é a grande força e a grande fraqueza governamental da Russia. E' impossivel que não haja uma rêde, apertando os povos nas malhas infinitas d'essa rêde que os liga á unidade imperial; mas, se a rêde é em demasia apertada, em demasia pezada, se fere as carnes que reune, torna-se um obstaculo e é esse um dos lados mais difficeis do problema governamental moscovita.

Por outro lado, os contactos forçados da Russia com a Europa deram origem a uma transfusão, mais ou menos completa, mais ou menos nitida de certas ideias europeias para os cerebros russos.

Formou-se, principalmente na parte intellectual da nação, um liberalismo cujas doutrinas, cujos sentimentos, cujas aspirações, o todo assaz confuso, teem por fim prover de remedio simultaneamente ao desgosto e ao odio muitas vezes em demasia justificado pelos abusos da burocracia, á defeza legitima das necessidades populares e ás reivindicações das classes superiores aspirando, como nas outras sociedades europeias, a tomar parte no exercicio do poder.

As grandes reformas imperiaes não bastavam; eram precisas grandes reformas liberaes.

N'uma palavra, puxava-se o icone pela aba do seu manto hieratico, para lhe fazer descer os degraus do altar e o misturar com as familiaridades e as promiscuidades do forum.

Eis a grande difficuldade do reinado de Nicolau II. Subia ao throno n'um momento em que todas essas questões se agitavam ao mesmo tempo, sem falar nas questões especiaes: finlandeza, polaca, circassiana, armenia, etc., sem contar, finalmente, com a eterna questão externa, que dominou sempre e sempre dominará a grande Russia.

Seria Nicolau II capaz de corresponder a taes exigencias?

Já falámos das circumstancias em que subiu ao poder, como succedeu a seu pae, o inflexivel Alexandre III, que influencias soffreu, principalmente a de sua mãe, filha da dinastia dinamarqueza, e com que desanimo subiu ao throno, a 1 de novembro de 1894.

A primeira palavra que proferiu foi «paz»; accreditou que seria «o imperador da paz». Assim se expressava quando dizia aos seus povos, na sua primeira proclamação, «que

Sir John Fisher, o reorganisador da marinha britannica

todas as forças da sua vida seriam consagradas ao progresso e á gloria «pacificos» da sua querida Russia e á felicidade dos seus queridos vassallos». Raras vezes, resoluções a respeito de si proprio e promessas a respeito dos outros foram mais sinceras e mais cruelmente desmentidas. Este homem da paz está apenas em metade da sua carreira e é já o homem de duas grandes guerras!

Ninguem nega as qualidades do coração imperial, ninguem nega a finura e tacto da sua intelligencia, a sua dedicação absoluta ao bem dos seus povos, a sua constante preoccupação de obedecer ao juramento intimo d'uma natureza emotiva e dedicada, que fez no dia em que tomou posse do poder.

Mas fazem-se recriminações á sua vontade, acham-na fraca e submettida á influencia que se exerce sobre ella, á energia ou mesmo á habilidade do «ultimo que fala».

Parece indubitavel que o principio governamental que tem dirigido o imperador Nicolau tem sido a manutenção da autocracia; disse-o e repetiu-o em todas as grandes circumstancias. Parece tambem indubitavel que tem tido o sentimento de que as grandes reformas necessarias ao bem do povo deviam ser feitas pelo imperador de «motu proprio» e que o czar devia ser, em caso de necessidade, o «reformador», assim como Alexandre III tinha sido o «libertador».

Tambem não parece duvidoso que o imperador tem sido muitas vezes enganado, illudido nas suas boas intenções, pela conspiração constante da burocracia e da côrte, pelo cansaço de certos esforços vãos, pelo desanimo de ser mal comprehendido e, ainda, pela enorme difficuldade de toda a iniciativa e empreza, quando se trata de um paiz tão vasto e de interesses tão complexos.

Para demonstrar que o reinado do actual monarcha tem tido alguma coisa de grandioso bastará dar um resumo do que se tem feito nos vinte annos que esse reinado tem de existencia.

Citamos, por exemplo: a reconstituição, incessantemente recomeçada, do exercito; a reconstituição mais estavel e duradoura, mas mais lenta e mais difficil, do sistema financeiro, sob o impulso do conde Witte e do conde Kokovtzoff; a consolidação da alliança com a França; o apaziguamento das seculares querellas com a Inglaterra; a reconciliação com a Bulgaria e a reconquista de influencia sobre o conjuncto dos povos slavos; a extensão prodigiosa do poder russo para a Asia, pela conclusão do transcaucasiano e do transiberiano, comprehendendo o colossal erro politico de Porto-Arthur e o fim fatal da guerra russo-japoneza.

Juntemos a isto o esforço que o imperio e o imperador tiveram de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1669 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 29 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço telegr. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Uma lição

Affirma-se que uma das *trouvailles* dos inspiradores da actual situação consiste em offerecer ao sr. Antonio José d'Almeida a proxima presidencia da Republica, e da mesma fórma se affirma que o sr. Antonio José de Almeida recusou terminantemente a proposta que em tal sentido lhe teria sido feita.

A ideia não só demonstra a singular desenvoltura com que se pretende dirigir os destinos da nação, como briga absolutamente com a mais comesinha logica politica, e, por muito que o sr. Camacho nos tenha habituado a conclusões que levam ao absurdo, o certo é que esse absurdo não póde nunca tornar-se uma solida realidade.

O papel do sr. Antonio José de Almeida é o de um chefe politico. A sua missão na Republica não está terminada. Pelo contrario, póde dizer-se que ainda mal se iniciou.

Tendo entrado na sua normalidade as instituições republicanas, trez partidos procuraram formar-se. Um já está realmente formado. E' o mais forte, o mais bem organisado partido da Republica. E' o democratico. O outro, o evolucionista, de que é chefe o sr. Antonio José de Almeida, embora disponha de muitos elementos no paiz, ainda não possue uma organisação politica. Póde mesmo dizer-se que está em principio de formação. O terceiro, o unionista, que na realidade não passa d'um grupo, pouco mais representa do que o esboço d'uma organisação politica.

Não ha partidos que dispensem as sympathias populares. Não ha partidos que dispensem o povo. Só os dois primeiros, o democratico e o evolucionista, teem raizes no povo. Se o sr. Antonio José de Almeida julgasse finda a sua missão partidaria, não ficaria existindo realmente senão um partido republicano, e esse partido seria o democratico. Quer dizer: os inspiradores da actual situação politica, empenhados na louca ideia de destruirem o partido democratico, cuja eliminação se tornou para os seus cerebros uma obcessão doentia, não fariam realmente senão engrandecel-o, porque empurrariam para as suas fileiras todos aquelles que acima de tudo são republicanos, e que não dispensam a garantia de uma incontestavel lealdade aos principios em que o regimen se funda.

O sr. Antonio José de Almeida, recusando a presidencia, offerecida como uma dadiva generosa por quem não tem o direito de taes iniciativas, manteve-se fiel ao seu passado, demonstrou mais uma vez os finos quilates do seu caracter, que ninguem põe em duvida, e deu uma merecida lição aos dictadores. Soluções presidenciaes não se improvisam, e só os parlamentos teem o direito de as effectivar. E, além d'isso, o sr. Antonio José de Almeida demonstrou ainda que comprehende que elle e o seu partido são ainda precisos na Republica, velando pelo seu equilibrio politico e constituindo uma garantia da segurança das instituições. Nem o sr. Antonio José de Almeida está já em estado de acceitar uma aposentação, por mais elevada que ella seja, nem o seu partido, que ainda não governou, pode considerar necessario e legitimo o seu desapparecimento. O que é preciso é que combatam pela ordem, pela lei, pelos principios, pela vida e pela honra da Republica.

Perante a recusa do sr. Antonio José d'Almeida, patriotica e republicana, digna e sensata, os dictadores devem ter-se capacitado que a politica portugueza não está á mercê de combinações machiavellicas, e que não ha formulas mathematicas, por maior que seja o numero de engenheiros que no governo se encontram, susceptiveis de modificar a integridade dos caracteres nem a rigidez dos principios.

Poeira da Arcada

Entre as pessoas que vão adherindo aos varios partidos do regimen e aos que se esboçam hostis a este, apparecem nomes que a gente já conhece por suas variações politicas. Certamente são creaturas de bons sentimentos patrioticos que presam muito o progresso e o bem da nossa terra e que, emigrando de um credo para outro credo, mostram quão difficil lhes é encontrar uma situação vantajosa para as suas altas aspirações. Consomem assim um tempo precioso que os levianos teem como inutil, mas que elles dão por bem empregado. Não aquecem longamente o mesmo lugar, porque a nevrose que os domina faz d'elles uma especie de peregrinos da felicidade que nunca acertam com a porta do templo que demandam. Alguns envelhecem tanto com os cuidados e ralações que até parece não comerem pão, só para melhor deixarem florescer a sua febre de ideal e o martim dos seus dentes cubiçosos.

**

No semanario España, Miguel de Unamuno declara a sua patria fallida, por falta de vontade. Os hespanhoes não sabem o que querem, os hespanhoes ignoram o que seja a liberdade de acção. E a este depressivo estado moral attribue elle a sua tendencia para uma vida improductiva em que só medram as illusões de um povo, o qual de tanto se alhear das realidades modernas anda errante ainda pelas sombras do passado. Quem quizer estudar a alma da Hespanha actual tem primeiro que tudo privar-se da noção de actualidade. Acontece o mesmo aos homens que, chegados á ruina dos seus sonhos, estendem os braços para a sua mocidade, a fim de se illuminarem com a graça do sol nascente.

**

No mensario da Renascença Portugueza—A Aguia—anda publicando o visconde de Villa-Moura uns estudos sobre a vida dos grandes artistas que merecem fixar as attenções de todos os que se interessam pela verdade, tal como ella se revela na dôr fecunda dos temperamentos que unicamente nas emoções novas se desalteram. São algumas paginas escriptas por quem conhece bem a genese de uma obra e a tormenta cerebral que ella desencadeia. Quem lê o Só de Antonio Nobre geralmente ignora que o rosal de belleza que n'elle exprime toda a magoa de um destino errante de poeta lusiada sahiu da sensibilidade e da mente do seu auctor tão naturalmente como o sol nasce dos labios puros da aurora. As coisas, porém, não se passam com tal simplicidade, porque os livros mais calmos nascem sempre de uma noite de tragedia.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão prontamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

PORTUGAL E HESPANHA

Os reaccionarios hespanhoes inimigos da Republica Portugueza e da Inglaterra nossa alliada—O marquez de Lema e a politica de entendimento hispano-portuguez

Commentámos devidamente no sabbado as considerações de *El Imparcial*, de Madrid, ácerca do que esse periodico classificou de «problema peninsular» e que é nem mais nem menos do que a situação portugueza, a qual, segundo a referida folha, reclama da parte dos governos hespanhoes «séria e reflexiva attenção». Chega-nos agora o extracto de uma entrevista que deve ter sido publicada pela *Gaceta del Norte*, de Bilbau, ante-hontem, com o sr. Vázquez de Mella, extracto que encontrámos no *A B C* do mesmo dia e que vale a pena archivar.

O sr. Vázquez de Mella, orador de fama e figura primacial do partido jaimista, representa uma corrente de opinião que em Hespanha procura influir em sentido favoravel ás ideias mais reaccionarias e retrogradas. Semelhante corrente, cuja importancia se não pode negar, tem ao seu serviço os elementos ultra conservadores, os jesuitas e os congregnistas, quer dizer quantos detestam a Republica portugueza. Portugal é odiado por ser uma democracia e tambem por ser... alliado da Inglaterra. O sr. Vazquez Mella no-lo diz na entrevista, cujo resumo passamos a transcrever e na qual mais uma vez se affirma apaixonado germanophilo:

Tratando do conflicto europeu, começa o illustre politico por estudar as consequencias que poderiam ter para a Hespanha as influencias francophila ou germanophila respectivamente, dizendo que, sob o ponto de vista psichologico, seria mais benefico o influxo allemão do que o francez, por poder a gravidade germanica contribuir para a restauração de certos attributos espirituaes que vamos perdendo.

Os nossos esquerdistas raciocinam assim: O Centro Catholico allemão constitue o eixo do imperialismo; o kaiser representa a defeza das bases essenciaes do antigo regimen; portanto o triumpho germanico implicaria o da reacção. Tira-se por isso necessario combater a Allemanha; é pois a França o deposito de ideias que alimenta as esquerdas, e n'esse caso sejamos francophilos.

Apresenta esse criterio muitos pontos vulneraveis, na opinião do sr. Vazquez de Mella. Em primeiro logar, o triumpho dos allemães e a derrota da França não seriam um incentivo á revolução; mas sel-o-hia a victoria dos francezes?

Se estes triumphassem, não deveria esse resultado aos radicaes que propagaram o anti-militarismo, que estabeleceram um regimen de delacções, que preteriram ao mais prestigiosos chefes do exercito, que combateram o serviço de trez annos e que rejeitaram a concessão de creditos para adquirir artilharia de grande calibre.

Os victoriosos seriam os que tentaram o contrario, os que esquecendo as preterições de que foram victimas responderam ao appello da patria e marcharam para a linha de fogo a dirigirem as tropas, os que abhorrecem quem enfraqueceu a França e agora a obriga a centuplicar o seu esforço, a fazer um maior sacrificio, sacrificio tal que a palma do triumpho representaria para a França a palma do martirio; e na frente do povo a corôa de louros da victoria se transformaria em corôa d'espinhos.

Por isso o criterio esquerdista seria batido com o triumpho da Allemanha, e nem por isso ficaria victorioso se a França fôsse a vencedora.

Da Hespanha diz que não disfructa a soberania no seu proprio territorio de que Portugal está separado, e em Gibraltar está mutilado, impedindo á Hespanha de dominar no estreito.

Quem separou Portugal da Hespanha, e quem fomenta essa aspiração? A Inglaterra.

Quem impede que fortifiquemos a Sierra Carbonera e Punta Carnero? A Inglaterra.

Quem se oppõe a que fortifiquemos a nossa costa marroquina? A Inglaterra.

A Inglaterra e a Hespanha teem interesses geographicos absolutamente incompativeis, e ser partidario de uma alliança com o Reino Unido é dar provas d'ignorancia de historia e de geographia, ou então de demencia.

Ao contrario da Inglaterra, a Allemanha não tem interesses de caracter historico ou geographico em lucta com os de Hespanha.

Foi precisamente ao alliar-nos com a Allemanha que começou a epocha das nossas grandezas, quando a sua corôa imperial era cingida pelos nossos reis.

A Allemanha precisa d'uma potencia amiga, que seja forte e a ajude no Mediterraneo; essa potencia é a Hespanha.

Consta-me que a opinião germanophila, consubstanciada no kaiser, equivale á reclamação da integridade da nossa Peninsula.

Lembra que dois annos antes da perda das nossas colonias, quando ainda não existia o problema africano, defendeu a alliança com a França e com a Russia que então eram adversarias da Inglaterra.

Affirma que em Hespanha não ha francophilos e germanophilos, mas tão sómente germanophilos e anglophilos, e que um hespanhol anglophilo, isto é, partidario do paiz que nos dividiu, mutilou, e nos conserva submettidos, será, mesmo a seu pesar, um hispanophilo.

Está convencido de que as esquadras alliadas foram aos Dardanellos mais por motivos diplomaticos do que por convenciencias militares. Os seus principaes objectivos são: estabelecer a communicação com a Russia, impedir o ataque ao Suez, fazer com que os Estados balkanicos saiam da neutralidade, e ao mesmo tempo procurar uma acção espectaculosa para animar os combatentes nas Flandres n'este momento critico em que se vae jogar a ultima cartada.

Com o seu ataque aos Dardanellos as esquadras alliadas apenas conseguiram distrahir momentaneamente as forças turcas; quando tudo seus outros intentos, nenhum realisaram.

Apesar das noticias tendenciosas, o sr. Mella duvida de que a Italia saia da neutralidade, a favor dos alliados. Elogia, e bem estar preparado e a fundo, a qual mais o leva a crêr que não se metterão em uma aventura que póde terminar pelo enfraquecimento da sua nação.

Fazendo um largo estudo da unidade italiana, cita phrases do rei Victor Manuel, como esta: «Não posso ir com a Austria porque o povo não o quer; mas não posso ir com os alliados porque m'o impede a honra». Sustenta que a Italia admira e respeita a Allemanha.

Não lhe parece que esteja proximo o fim da guerra, mas é da opinião de ter chegado o momento critico, e de que n'este verão ficará decidida a victoria, embora as operações se prolonguem ainda.

Considera como certa a victoria da Allemanha, fundamentando-a na sua maravilhosa organisação, no seu grande poder, na situação actual dos exercitos, em ter ainda um milhão de voluntarios que não entraram em campanha, e em estar preparada a concentração de um terceiro milhão d'homens que se realisará em abril; sabe de fonte fidedigna que a Austria ainda este mez mandará mais um milhão e meio de combatentes para a linha de fogo.

Falando da Hespanha, expressou-se em termos d'elevado patriotismo, dizendo o governante que nos levasse á guerra mereceria ser recolhido n'um manicomio; se algum louco tal tentasse, os jaimistas se lhe opporiam com todas as forças das suas almas.

Ao mesmo tempo que vinham a lume as novas affirmações do sr. Vazquez de Mella, a imprensa de Madrid publicava as seguintes declarações do sr. marquez de Lema, ministro dos negocios estrangeiros:

Penalisam-me os artigos que ás vezes leio nos jornaes hespanhoes a respeito de Portugal. Não me admira que se chame a attenção do governo para os acontecimentos do paiz visinho, pois é natural que a imprensa incite os governos a occuparem-se dos assumptos que julga importantes para a Hespanha, embora seja de presumir que os homens publicos encarregados em certos momentos de dirigil-a não esquecerão tudo o que seja essencial ou mais interessante para ella.

Mas as reflexões e vaticinios que alguns jornaes habitualmente fazem produzem no paiz visinho uma impressão que os auctores dos artigos estão longe de suppôr, porque em Portugal o chamado «perigo hespanhol» converteu-se n'um tropo empregado nas discussões politicas internas, á falta d'outras razões de maior peso para convencer o adversario.

Basta lêr de relance alguns jornaes de Lisboa, e creio que o mesmo succederá com os outros da Republica lusitana.

A frequente evocação d'um supposto perigo chega por fim a impressionar uma parte da opinião publica portugueza que não tem motivos para profundar os problemas politicos, e assim firmam-se essas prevenções e desconfianças que, no interesse geral, devem desapparecer.

Os acontecimentos que se produzam em Portugal, e os assumptos que affectam esse paiz são, indubitavelmente, de grande interesse para a Hespanha, desejosa de que os primeiros sejam felizes, e os segundos se resolvam favoravelmente aos interesses lusitanos.

Nenhum outro paiz tem como a Hespanha um tão profundo interesse na paz e prosperidade de Portugal, e o unico objectivo dos governantes hespanhoes deve ser dissipar essas ridiculas lendas que attribuem á Hespanha intenções hostis ou ambiciosas com relação ao paiz irmão.

O que entre Portugal e Hespanha deve existir é a perfeita convicção de que quanto mais intimas forem as relações entre os dois paizes, sem menoscabo da independencia e soberania de cada um d'elles e quanto mais se alargar a sua harmonia, até chegar se fôsse possivel, a uma verdadeira união economica e entendimento politico, tanto maiores beneficios, tanto maiores forças conseguiriam as duas nações ibericas.

A esta politica, a unica sem duvida que anima os homens publicos hespanhoes, se deve subordinar tudo, abandonando os jornaes portuguezes esse theima absurdo do perigo hespanhol, e considerando os jornaes hespanhoes com todo o interesse e affecto os assumptos portuguezes sem pensarem mais na facil satisfação de ostentarem a sua phantasia á custa dos nossos visinhos.

Algumas das allusões do sr. marquez de Lema são por demais transparentes para que se torne necessario esclarecel-as...

Pelo telegrapho

O movimento nos portos britannicos

LONDRES, 29. — O almirantado britannico annuncia que durante a semana de 17 a 24 de março chegaram ou sahiram dos portos das ilhas britannicas 1.450 navios. D'estes foram torpedeados 3 pelos submarinos allemães, um dos quaes conseguiu todavia chegar ao porto.—(*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

As operações no Mar Negro

PETROGRADO, 28. — Official — A esquadra do mar Negro bombardeou os fortes externos e as baterias do Bosforo de ambos os lados. Os aviadores russos executaram reconhecimentos lançando bombas. Os torpedeiros turcos tentaram em vão sahir. Foi pelos ares um navio inimigo de quatro mastros.—(*Havas*).

Batalhões austriacos derrotados

PETROGRADO, 29. — Official. A oeste do Niemen, os combates revestiram o caracter de offensiva mutua. Nos Carpathos a nossa offensiva está muito desenvolvida, principalmente na direcção de Bartefeld onde tomámos de assalto uma nova linha de alturas, n'uma extensão de cerca de 35 verstas, e anniquilámos trez batalhões austriacos.—(*Havas*).

A Semana Santa e a Assumpção em França

PARIS, 29.—Por ordem do prefeito de policia a Bolsa de fundos estará fechada na sexta-feira 2 e sabbado 3 de abril, dias que precedem a festa da Paschoa, e na segunda-feira, 16 de agosto, dia immediato ao de uma festa legal que cahiu ao domingo.—(*Havas*).

PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

Segunda sessão do congresso

Vota-se uma moção pela qual se dão plenos poderes ao directorio para organisar e dirigir a resistencia contra a dictadura

As portas do Polytheama abrem mais tarde do que hontem. No *foyer* agglomera-se enorme multidão de congressistas. Lá fóra, a policia e a guarda republicana vigiam attentamente as ruas proximas. Pela Avenida circulam patrulhas de cavallaria. A andam da não em mão pedaços de uma côca negra, resinosa, viscosa, hedionda, a que alguns chamavam pão que outros classificam, mais propriamente, de lama solidificada. Parece que é com aquillo assim repellente e pojento, que os lavradores de certas regiões do Alemtejo alimentam os trabalhadores ruraes. O sr. Affonso Costa chega, como hontem, pouco depois das nove horas. A' sua chegada a sessão. Ha vivas á Republica, ao exercito, á armada e ao chefe do partido. Preside o sr. dr. Manuel Monteiro. A sua allocução é rapida, incisiva, energica. O partido está disciplinado e forte. Não é preciso, pois, fazer votos pelo seu resurgimento. Vae o congresso proceder a um acto de excepcional importancia—a eleição do directorio. E' preciso que escolha homens que saibam dirigir o partido e guial-o pelo melhor caminho. Appella para o patriotismo de todos. Elle é preciso para que de congresso saia uma obra profícua e verdadeiramente republicana. Escolhe para vice-presidentes os srs. Pedro Botto Machado e Dr. Pereira Osorio. Para secretarios os srs. Raimundo Martins e Luiz Bensabat; para vice-secretarios, os srs. Carvalho Cunha e Fonseca Dias. Entra no palco, onde está a mesa presidencial, o sr. França Borges. Erguem-se-lhe vivas. São calorosamente correspondidos.

Uma voz—Viva a imprensa republicana! (*applausos e palmas*).

O presidente toma de novo a palavra. Quer dizer aos congressistas que está publicado o *Boletim* n.º 2 do partido republicano portuguez. Acha conveniente que todos o adquiram. Está pela necessidade de cada congressista inscrever o seu nome na lista respectiva. E' indispensavel que se fique sabendo infallivelmente quem esteve na reunião do partido tão imponente e significativa. Um dos secretarios propõe-se para ler o expediente. E' grande. A' frente figura um telegramma do sr. José de Alenquer. O sr. Germano Martins entende que se perde muito tempo com a leitura. Acha, pois, conveniente dispensal-a, publicando-se a lista das adhesões nos jornaes partidarios. Assim se delibera. Faz-se a inscripção para antes da ordem do dia.

—Cada orador não póde falar mais de 5 minutos—observa o presidente.

Homenagens e saudações

O sr. Henrique de Vilhena, presidente da camara de Lisboa, é o primeiro a usar da palavra. Agradece as saudações do congresso á collectividade que dirige e sauda, por sua vez, o mesmo congresso. Põe em destaque o grave momento historico que a patria atravessa, crise que é sobretudo de caracteres, e faz votos por que ella se attenue quanto antes. Pela sua parte, tem toda a fé em dias melhores, que hão de vir bem cêdo. O sr. Augusto Rato apresenta duas propostas—uma de saudação aos sargentos do exercito e da armada, outra de louvor a Leotte do Rego, que pelo facto de ter sido perseguido fez o movimento, nem por isso affrouxou ainda na sua campanha patriotica. Approvadas entre applausos vibrantes, com adittamento, generalisando-se as saudações aos soldados, visto já muitos d'elles terem sido victimas da dictadura.

O sr. Carvalho da Cunha propõe um voto de sentimento pela morte do sr. Lopes da Gama, que nos congressos republicanos costumava representar sempre o concelho de Lamego. O presidente, por incumbencia do sr. Henrique de Vilhena, lembra egual homenagem ao antigo republicano Domingos da Silva Ayres, que foi vereador da camara de Lisboa. Approvado. O sr. Firmino Lopes refere-se á intentona de Mafra. E' da freguezia de Santo Izidoro, d'aquelle concelho, e por ali não ha senão cinco republicanos; lamenta-o diz-o ao mesmo tempo que lhe custa a ver aquelles que, não podendo derrubar a Republica, não deixam de a perturbar na sua tranquillidade, por todos os meios ao seu alcance. O sr. Francisco Lopes Esteves diz que os sargentos teem prestado ao partido os melhores serviços e propõe que o mesmo partido se comprometta a tran-car todos os castigos que por motivos politicos sejam impostos aos membros d'essa classe. Approvado. O sr. Joaquim Ferreira propõe que se abra uma quete em beneficio do clarim Augusto Reis, que tão heroicamente se portou no sul de Angola. O congresso approva e o sr. Affonso Costa contribue desde logo com dez escudos.

A imprensa republicana da provincia merece ao sr. Americo Cardoso as melhores referencias. Ella caminha sempre na vanguarda da propaganda das ideias puras da democracia. Apresenta, por isso, uma moção saudando-a. O congresso applaude.

Abaixo os emolumentos!

O sr. Tamagnini Barbosa entende que é preciso *trabalhar* as classes populares, tão carecidas de amparo, e manda para a mesa uma proposta na qual se emitte o voto de uma necessaria remodelação do nosso systema tributario indirecto e se aconselha um maior desenvolvimento do cooperativismo. E' approvada. O sr. Pinto Telxeira, que é alumno de um dos estabelecimentos revolucionarios academicos, propõe se indique á camara que á calçada da Ajuda, onde está o regimento de cavallaria 2, seja dado o nome do tenente Aragão, que a esse regimento pertenceu sempre e que foi bem o simbolo dos revolucionarios, estudantes militares, que entraram na revolução de outubro. O sr. Augusto Barreto propõe que se reconheçam os sacrificios de todos os humildes que de um extremo ao outro de Portugal se votaram de alma e coração á causa do partido. O sr. Egidio Marques propõe que o futuro Parlamento vote uma lei na qual se fixe o limite maximo dos ordenados dos funccionarios publicos e se acabe definitivamente com os emolumentos, pois é tudo o que ha de mais immoral. Por via d'elles, ha quem arrecade rios de dinheiro e não faça coisa nenhuma.

Uma voz—São os tabeliães da Republica!

Outra voz—Conheço-os que passam o tempo pela Brazileira e pelo Martinho, ganhando por isso choro lagrimas de sangue para os manter!

O rev. Barros Lima sauda a imprensa republicana de Lisboa e classifica de abençoada a dictadura, visto que contribuiu para depurar a athmosphera dos miasmas que a envenenavam. Ficou por patriotismo ao lado do directorio. Mais nada. Falou da propaganda. E' preciso voltar a ella, para se fazer de novo a Republica, a dos reformistas, ou a do 27 de abril, mas a do programma do heroico, do historico Partido Republicano, que derrubou a monarchia. Insta com os correligionarios para que leiam apenas os jornaes republicanos e ponham de lado os outros, os incolores, que só envenenam, deturpam e calumniam.

O sr. Sousa Junior apresenta o parecer sobre a proposta do sr. Lopes d'Oliveira, lida na sessão de hontem. O principio do soccorro e auxilio ás victimas da dictadura é perfilhado pelo directorio, que fica auctorisado a pôl-o em pratica conforme melhor lhe parecer. Approvam-se moções consignando a necessidade de se entregar á camara do Porto o edificio da Bolsa, logo que se regresse ao regimen legal, e saudando José Chagas e Paulo Falcão, estes como auctores desta resolução, pelo telegrapho, ao ultimo d'esses velhos democratas.

O sr. Silverio Junior sauda o secretario da camara de Loures, Augusto Feio, que perante a dictadura mostrou uma coherencia politica que não foi seguida por outros que estavam moralmente obrigados a adoptal-a. E' approvada uma proposta n'esse sentido, com um adittamento para que, n'essa saudação, se incluam todos os secretarios recenseadores que procederam como o sr. Moreira Feio.

Promptos para tudo!

Segundo o sr. Manuel Martinho, o governo está ainda no poder porque os democraticos o consentem. Porque é que o sr. João Eloy não resistiu ainda á dictadura? Só porque «tem medo» de perder o seu logar. O sr. Antonio Fernandes compara a dictadura a os dictadores das mais rubras apostrophes. Aquillo é uma pestilencia, que tem de acabar. Insurgese contra a guerra que está a mo-

Folhetim d'A CAPITAL 29-3-1915

LENDAS DA NOSSA TERRA

A FONTE DOS AMORES

I

O rei tinha avançado até ao cruzeiro onde se erguiam os dois sarcophagos—aquelle em que Ignez já repousava e aquelle em que, nas edículas da grande rosacea esboçada, o esculptor trabalhava ainda.

Sob as severas abbobadas affonsinas vibravam as ultimas notas do orgão; as longas filas dos cistercienses agitavam-se, por toda a nave amplissima, quasi até ao baptisterio; e, emquanto o dom abbade se curvava, cruzava as mãos no peito, todo humildade e beatitude, D. Pedro voltou-se, ordenou:

—Agora deixae-me só!

Lá fóra, na grande luz dos claustros, ou no adro monumental reverberando ao claro sol de abril, a comitiva já tinha dispersado: já os escudeiros e os donzeis tinham ido para as suas pousadas; já os vistosos falcoeiros tinham desapparecido com os seus gerifaltes e falcões; e quasi se perdia ao longe o latir dos alãos e dos lebreus.

Mas os sinos das duas torres colossaes repicavam ainda festivamente; annunciavam pelas aldeias em redor a chegada do rei; faziam palpitar todo o templo n'uma unctinada de sons tão enthusiasticos, tão intensos, tão joviaes, que D. Pedro de novo se voltou:

—Fazei calar esses sinos. E deixai-me só...

Então toda a communidade quasi se prosternou nas lages, afastou-se após o dom abbade pela nave austéra, melancholicamente, na vaga melancholia de que não fossem bem apreciados todo o seu amor e a sua submissão.

...E era sempre assim quando sua mercê o senhor rei D. Pedro vinha a Alcobaça.

II

O rei adeantara-se até ao meio do cruzeiro olhando os dois sarcophagos—aquelle em que Ignez já repousava e aquelle em que, a seu lado, na eterna frialdade da pedra, elle decidira repousar tambem.

Humildemente já o esculptor se approximára, fôra beijar-lhe a mão; mas o rei quasi o não vira e ficára immovel ante o tumulo de Ignez—immovel e tão absorto como se tivesse conseguido reatar, viver todo o antigo sonho do seu amor.

Muito branco, na sua ornamentação pujante, toda naturalidade e vida, toda na florescencia da mais pura arte com as suas ogivas gothicas, onde se entalham prophetas e milagres e calvarios, e as suas guarnições em escudos heraldicos, com as suas portas bizantinos, reunindo virgens e monstros e bem aventurados todos em gloria, e as suas rosaceas tão filigranadas como se fôssem de renda ou de prata alvissima, o monumento erguia-se sobre os seis leões submissos; e, no alto, a estatua da martir muito amada, tinha—na apotheose do marmore que o cinzel enternecera, tornára quasi carinhoso—a corôa de rainha e o baldaquino de santa.

Longamente os olhos de D. Pedro acariciavam a um e um todos os trechos da obra primorosa, detinham-se nas scenas mais palpitantes ou mais humanas ou mais ingenuas, desde a *Oração no Horto* e o *Beijo de Judas* até aos pés do tumulo onde no *Juizo Final* os mortos ressuscitam e os eleitos resplandecem entre hosannas. Depois os olhos do rei pousaram na graciosa janella geminada, de recorte mourisco, onde elle proprio assomava, era tão bello como nos mimosos tempos de infante, e onde Ignez, a sempre amada, tinha os olhos alçados ao ceu—os doces olhos replectos de graça ou de amor saudoso.

De repente D. Pedro ajoelhou com o tabardo negro a arrastar nas lages, o peito arquejante sob o gibão de setim, a garganta em soluços irreprimiveis.

E pouco a pouco o esculptor viu-o tornar-se ainda mais pallido e tremer tanto que exclamou:

—Santa Maria val! O que tendes, senhor?

Mas já D. Pedro se erguera com a barba agitada, os olhos subitamente em colera:

—Não vos inquieteis, mestre. E' que faz hoje sete annos que m'a mataram...

No seu saio escuro de bifa o esculptor approximou-se mais, parecendo esperar que o rei falasse ainda. Mas D. Pedro encaminhava-se para o tumulo em construcção, o famoso tumulo que a si proprio reservava—e nas trez faces do calcareo brando, acabadas já, via mais uma vez as doces scenas intimas, tão poeticas, tão apaixonadas, ou os terriveis episodios de desespero e de sangue, com ameaças e furores e rugidos e maldições, que tantas vezes referira ao artista e que este tão maravilhosamente executára.

Aquelle rei tão singular e tão amado, idolo de todo o povo, transformára o artista medieval no seu confidente supremo, tivera deante d'elle lagrimas, repartira com elle todo o pungir da sua saudade, todas as tragicas recordações do seu amor—e, commovidamente, o artista soubera comprehendel-o, immortalisára com o cinzel na pedra mais linda as esculpturas de Portugal, todo o desespero da sua vida, toda a torturante elegia do seu coração.

Na cabeceira do tumulo a maravilhosa rosacea que a havia de cobrir toda estava já desbastada; a primeira edicula representando a *Fonte dos Amores* ia a pouco e pouco avultando, era bem perceptivel já—e D. Pedro recordava a clara fonte toda em murmurios, sob o pitoresco alpendre, onde passára tantas horas inefaveis segredando á sua doce amada sonhos e confidencias, e ternuras quasi sem rithmo, e deslumbramentos quasi inexprimiveis.

A vida da côrte tornára-se desde ha muito impossivel para Ignez; mas no isolamento da Quinta das Lagrimas, entre outeiros verdejantes e flores mimosas, elle reputava-a bem segura, bem livre de todo o perigo; e quando a vinha ver eram deliciosos os longos extases, a longa sêde de amor á beira da fonte clara.

Pelos jardins, em torno das estatuas tisnadas, as trez creanças interrompiam em gritos o profundo silencio, vinham de quando em quando quebrar os seus languidos murmurios—mas logo o mesmo sortilegio se restava, logo o mesmo poderoso effluvio os percorria e os inebriava na ambrosia e na suffocação dos beijos. Depois no ar todo em aromas, vagamente melancholico atravez das folhas, ella exhalava um suspiro debil; um funebre presagio contorcia-a; e elle via-lhe o colo de alabastro mais palpitante, erguido em soluços e em temores, e beijava-lhe os olhos formosos, mais formosos ainda na sua angustia.

E era sempre á beira da fonte que os idilios terminavam; era sempre ali que se despediam em palavras entrecortadas quando elle tinha de partir em noites de luar; era sempre ali que ella o esperava, quando elle vinha de longe, á beira do rio simbolico, por entre as grandes arvores extaticas.

De repente D. Pedro soltou um gemido rouco: lembrava-se de quando a encontrára morta, com os olhos mal cerrados ainda, as faces já murchas, os vestidos ensanguentados, rotos na lucta com os assassinos—e logo se approximou-se do esculptor, esqueceu por completo o seu papel de rei:

—Malaventurado que eu fui! Quem me dera tambem morrer...

Mas na sua humildade o esculptor tentou serenal-o, olhou-o deveras enternecido:

—Senhor rei, não penseis assim. Todo o povo de Portugal vos ama, todo elle precisa de vossa mercê.

E só ao fim de muito tempo é que na sua voz tarda, por vezes gaguejando, o rei poude falar.

—Pois sim. Mas o povo não pode consolar-me... Ninguem pode consolar-me... A minha unica alegria desde ha sete annos foi quando a trouxe para aqui.

E então lembrou a trasladação maravilhosa que fôra a sua derradeira homenagem á doce Ignez:—o corpo da morta trazido desde Coimbra em andas, entre fidalgos e donas, entre ambos as doze edículas externas com toda a historia tão infortunada, tão poetica do seu amor—desde a fonte predilecta em que ora a lembrava com os filhos, ora a ouvia ler prodigios de cavalleiros ou de fadas, até ao assassinato de Ignez e o supplicio dos assassinos; e as seis interiores, reconstituindo no mesmo esplendor de lavor, como n'um remate perfeito, as ultimas scenas de carinho e de ternura, e as supplicas de Ignez a Affonso IV e o desespero de elle—de elle D. Pedro—todo em rugidos e convulsões, quando a soubera morta. clerigos e donas e donzellas, todos de nojo, pelas vinte leguas da estrada, tão illuminada por milhares de cirios que a morta parecia passar entre duas fitas de estrellas.

Aquella recordação deixava-o quasi em lagrimas; mas, com a face mais corada, accrescentou logo:

—Quer dizer, em Santarem gosei bem... Tambem em Santarem gosei n'aquelle dia tão ledo da minha vingança!

O esculptor estremeceu, baixou os olhos até ás lages; mas já o rei olhava de novo a rosacea maravilhosa, lembrava o projecto tantas vezes discutido, grande...

Lentamente, na sua voz tarda, por vezes gaguejando, o rei insistia n'algum pormenor mais querido; por vezes calava-se, isolava-se na sua saudade como n'um misticismo muito amado; e de repente perguntou ao artista:

—Sereis capaz de fazer tudo isto?

E o artista sorriu, fitou-o com os olhos inspirados:

—Senhor rei, far-se-ha.

III

D. Pedro tinha ajoelhado de novo junto do sepulcro de Ignez, com o tabardo negro a arrastar nas lages, o peito arquejante sob o gibão, os labios n'um murmurio de prece, sem ritmo, inexprimivel.

Na doce luz da tarde coada pelos vitraes tinha visto a amante erguer-se por entre os lavores do moimento, a principio toda receiosa e dolorida, depois na plena seducção do amor, com os cabellos pendentes, o colo de alabastro palpitando mais á sua approximação, os olhos dizendo sonhos inefaveis.

Docemente ella descia, era tão linda, tão real como outr'ora; aproximava-se mais no nimbo dos cabellos de oiro, resplandecia mais no gesto suave, no adoravel sorriso de santa que muito amasse—e agora ao lado d'elle tocava-o, penetrava-o de tal maneira com o seu effluvio que D. Pedro sentia nos labios uma ambrosia muito suave, mais suave do que a ambrosia dos beijos.

Mas um pagem tinha vindo do cruzeiro, parára a quatro passos do rei:

—Que me quereis, Gonçalo Paes?

—Senhor rei, o dom abbade pede para vir com toda a comunidade buscar vossa mercê. Tarda-lhe o jantar, meu senhor.

Na plenitude da sua gloria D. Pedro nem ao de leve se irritou:

—Pois dizei-lhe que jante. Que jante e que me deixe em paz.

E como sempre que vinha a Alcobaça ficou muito tempo a acariciar o sarcofago com as mãos tremulas, tentando enlevar-se ainda na sua visão, continuar o lindo sonho do seu amor.

CHAGAS FRANCO

Republica, porque derrubal-a é perder a Patria e a nacionalidade. Mas em Portugal, as dictaduras são ainda possiveis porque o povo não sabe lêr. Pela sua parte, não precisou da dictadura para ser perseguido, porque foi abusivamente e illegalmente demittido de encarregado do registo civil em Vreuez muito antes do governo do sr. Pimenta de Castro. Exalta os serviços dos professores primarios e quer que o seu partido, quando fôr governo, reforme por completo os serviços de ensino popular. E quanto a commissões politicas? Nem sequer são, muitas vezes, formadas por verdadeiros republicanos.

Uma voz:—Viva o baluarte d'Elvas, que é um invencivel reducto da Republica!

O sr. Adriano Gomes Pimenta diz que os republicanos do Porto estão preparados para tudo, a fim de fazerem regressar a Republica á normalidade legal. Elles não recuarão perante coisa nenhuma, porque todo o sangue que se derrame para salvar a Republica, será abençoado. E' preciso derrubar a dictadura, custe o que custar. O sr. Silverio Junior não acredita nos applausos que sublinharam as palavras do sr. Gomes Pimenta. Sabe o que elles valem. Na hora propria, poucos apparecem. Não quer censurar os novatos do partido, mas muitos dos seus dirigentes, que teem sido os primeiros a dar o exemplo da fuga. Veja-se o que aconteceu no Congresso do Tojal. Votou-se ali uma proposta de resistencia á dictadura. Pois bem: os primeiros a acatar essa mesma dictadura foram os parlamentares que assistiram a essa reunião. Onde está a coherencia d'esses parlamentares?

O *presidente*.—Não está na ordem!

O *orador*.—Mas vou agora entrar no assumpto em discussão!

E o sr. Silverio Junior continúa no mesmo tom havendo manifestações favoraveis e contrarias. O orador, como dê a hora, põe termo ás suas considerações. O sr. Pedro de Sousa segue-se no uso da palavra. Traça o perfil do sr. general Pimenta de Castro e relembra o que com elle se passou no governo de João Chagas. Será um louco? Será um traidor? Elle foi expulso do primeiro governo constitucional republicano por uma fórma unica. Pois o mesmo homem que assignou o decreto de expulsão de Pimenta de Castro foi quem o fez agora chefe do governo. Em seu entender, é preciso resistir perante as urnas, pôr nas mesas pessoas de toda a confiança. Só assim se provará que o Partido Republicano Portuguez constitue os dois terços da população portugueza. O sr. Moreira Feio, em estilo popular, chama-se a si proprio o *Bota-abaixo*. Ou antes, é assim que o conhecem na sua terra, que é Loures. As culpas da dictadura pertencem a todos. A Republica está mal alicerçada. Poucos resistiram ás deliberações do governo. De todos os secretarios das camaras, só quinze cumpriram o seu dever. Crê que só ha uma maneira de reagir—com armas na mão. Tal e qual como em 4 e 5 de outubro. O seu logar na camara de Loures conquistou-o á mão armada. Só morto o tirarão de lá. Se os funccionarios publicos quizerem, o governo tem os seus dias contados. Bonda de palavras. Factos é que são precisos.

Votar é sancionar?

Lê-se uma moção do sr. Gomes Pimenta dando plenos poderes ao directorio para dirigir a lucta contra a dictadura, aproveitando todos os elementos que julgue convenientes para o fim que se tem em vista. Ha ligeiro sussurro. O directorio não está eleito. Como se póde, então, conferir-lhe desde já quaesquer poderes? O presidente ellucida. A moção será apenas admittida. O sr. José Lobato entende que ir á urna é admittir a dictadura. Logo, está implicitamente escolhido o meio de combater essa mesma dictadura. A lucta será tremenda, e se não houver violencias, o partido vencerá todas as maiorias. Propõe que ao lado da propaganda eleitoral se faça a propaganda revolucionaria, porque só por meio d'ella será possivel derrubar o governo. Lembra ainda que é preciso, de futuro, que todas as auctoridades sejam nomeadas d'accordo com as commissões politicas locaes. Conta, a proposito, o facto de ter sido feito administrador do seu concelho um antigo monarchico, que mais tarde se lamentava de ter tido *mau olho*.

O sr. Affonso Costa acha bem que o sr. Lobato puzesse a questão da incoherencia entre ir ás urnas e combater a dictadura. O partido não vae á urna reconhecendo a dictadura. Vae á urna para exercer um direito, mais nada. N'esta altura, é levado ao palco o clarim Augusto Reis que é victoriadissimo e que o sr. Affonso Costa abraça. A ovação é indiscriptivel. O pobre mutilado fica sentado á boca de scena, sendo alvo das maiores provas de carinho e simpathia. E'-lhe entregue o producto da *quette*, 127$180 réis e mais meia libra em ouro.

O orador reata o fio das suas considerações, relembrando a crise republicana de 1891, em que o velho partido deliberou não disputar as eleições. José Falcão foi quem, por esse tempo, aconselhou a lucta eleitoral. Então estava-se em fronte da monarchia. Hoje, está-se defronte d'um governo que se serve de processos illegaes para viver e triumphar. Não se trata de sacrificar principios. Trata-se apenas de juntar aos meios de lucta contra a dictadura mais um—o da lucta perante as urnas. O partido sabe bem com o que pode contar. Mas que resista. Que não se deixe expoliar. Que tome conta das mezas eleitoraes. Ir á urna é um perigo tão grande como levar a guerra á dictadura á praça publica. E' preciso que isso não seja perdido de vista. Irá á dictadura mais longe? Não sabe. Serão as eleições adiadas? N'esse caso ir-se-ha até á anarchia financeira. O partido, então, só tem uma coisa a fazer—fomentar a greve dos contribuintes, porque d'um de julho em deante o governo, sem as leis proprias, não póde cobrar impostos nem saldar despezas. Só que essa greve attinja metade dos contribuintes tornar-se-ha invencivel. Ja hoje o governo não vive senão de expedientes financeiros, á sombra do augmento da circulação fiduciaria. Ha ainda os bilhetes do thesouro. Mas d'esses só são validos os que foram emittidos até 4 de março. Os outros não. Todas as obrigações contrahidas serão declaradas nullas pelos governos constitucionaes que se seguirem a este. Assim o deliberou o Congresso da Republica, reunido quando devia e onde podia reunir.

Assignatura falsa!

E essa deliberação foi ouvida pelo estrangeiro, que de 4 de março para cá não emprestou nem mais um vintem ao Estado portuguez. A assignatura do governo é falsa. Contra o governo vae travar-se uma guerra sem quartel, em todos os campos. E' preciso multiplicar os orgãos jornalisticos, promover uma energica campanha politica, organisar conferencias em toda a parte. A isso incita todas as corporações do partido, que não devem esperar pelo directorio, porque no partido cada um obedece a si proprio. E' preciso não dispersar elementos? Sem duvida. Mas urge que tudo quanto se fizer represente um acto espontaneo de adhesão á campanha que vae travar-se. Accusaram-se já os funccionarios publicos de não cumprirem o seu dever. Mas aonde está esse dever? Teve varios alvitres, de altos burocratas, no sentido de abandonarem os seus logares. Mas os interesses do partido? Não são elles absolutamente respeitaveis? Terão sido mal adquiridos os logares que os republicanos democraticos exercem? Para que abandonal-os, indo levar a miseria cruciante a innumeras familias? Houve juizes que deram para effeito do recenseamento a lista dos seus subordinados. Mas apressaram-se a declarar que não ligavam importancia a esse facto, reservando-se para discutir, no campo juridico, se a isso forem chamados, a legitimidade das inscripções que se pretendia fazer.

Os serviços que os funccionarios prestem nos seus logares são mais uteis á Republica do que ao governo. E' preciso não o esquecer, e urge não fazer transitar para o Congresso campanhas que contra os homens do partido se teem feito lá fóra pelos seus inimigos. Para atacar a dictadura no coração é preciso levantar questões e problemas insoluveis pelo governo. Taes são a questão financeira e a da defesa da Republica. Sentir que o partido está prompto para todas as luctas é que tem importancia, como a tem, na hora em que annunciam a morte d'esse partido, affirmar que elle se prepara para assumir o poder, para dignificar o paiz e o levar á sua completa valorisação internacional. A ida ás urnas é uma modalidalidade da lucta anti-dictatorial. E vae-se ás urnas com a certeza de que se vencerá, succeda o que succeder. Só ha um caminho a seguir: o do dever. Não se governa com ferocidade—a pau e a tiro. Cidadãos livres dirigem-se como elles são e não como devem ser. Ha uma limpeza a fazer? E' claro. Os altos postos da Republica só podem ser providos em verdadeiros republicanos. Esta é que é a doutrina.

Luctar para vencer!

Em Portugal não ha monarchicos por convicção. Ha-os por ambição, por snobismo e por despeito. Mais nada. Muitos d'elles até adheririam á Republica Pimenta de Castro, se ella os mantivesse em logares rendosos. O partido tem de trabalhar. Só assim não será tão roubado. Que não se esqueça a historia da Republica. Ella é brilhantissima, como se sabe. Em quasi todos os districtos, os republicanos democraticos teem a garantia do triumpho. Só em trez ou quatro é que a sua situação será precaria se o sr. Antonio José d'Almeida consentir em dar votos a monarchicos ou d'elles os receber. Defende-se um voto como se defende a bandeira da patria. Se todos assim procederem, a victoria será certa. Que não terão o governo, ainda que vençam. Mas, para isso, são precisas violencias de toda a ordem. Tinham as camaras de agora diminuido o seu prestigio? A culpa foi apenas do sr. Camacho, que não duvidou vibrar-lhe um golpe com o mesmo envenenado punhal com que feriu, pelas costas, a Republica. Se vencerem contra tudo e contra as maiores iniquidades, hão de governar, e, então, basta o sopro de uma creança para derrubar a dictadura! A moral e a Historia aconselham, esgotados todos os processos legaes, todos os outros que possam levar ao fim desejado. Que os verdadeiros republicanos ergam os seus corações, para levarem a cabo, trabalhando e luctando, a obra da salvação da patria. Convençam-se que é preciso que todos se compenetrem da sua missão. Só assim a Republica logrará triumphar de todas as provações que a ferem presentemente.

Uma grande ovação acolhe as ultimas palavras do orador. Em seguida, approva-se a moção do sr. Gomes Pimenta, que é assim concebida:

«O congresso da Partido Republicano Portuguez dá plenos poderes ao directorio para organisar e dirigir a resistencia contra a dictadura, recommendando a todos os correligionarios uma cooperação dedicada e activa n'esse movimento, por fórma que nenhumas forças se dispersem e que o regresso á normalidade constitucional seja effectuado com rapidez e de harmonia com os superiores interesses da patria e da Republica».

Em seguida, encerra-se a sessão, marcando-se a seguinte para as trez horas da tarde. Presidirá o sr. Henrique de Vilhena. O relatorio do directorio foi approvado, com um voto de louvor a esse mesmo directorio.

Saudações e telegrammas

A mesa do congresso republicano portuguez recebeu hoje grande numero de telegrammas e officios de adhesão entre os quaes:

Dos deputados Angelo Vaz e Marques da Costa, commissão parochial dos Olivaes, Abel Machado, Alfredo de Carvalho, Cesar Paul, Cunha Macedo, Alfredo Augusto da Fonseca e Aragão, Arthur d'Almeida Ribeiro, Antonio Arez, gremio republicano do Lordello, Manuel Ferreira Porto, Simão José, de Moimenta da Beira; Correia Freitas, Virgilio Silva, Prudencio Trindade, Antonio Puga, Julião Quintanilha, Almeida Eça, J. Henriques Martins, Julio Ferreira, junta de parochia dos Martyres, Manoel Antonio da Costa, um grupo de democraticos portuenses, Santos Graça, Rodrigo Abreu, Dias Fererira, Manoel Duarte, Fonseca Lima, Alvaro Gomes Pinto, Fernando Salgueiro, grupo civil Victoria, Julio Ferreira, Gonçalo Araujo, de Bercellos; João Camarate de Campos, de Evora.

Representações do senador Leão de Meyrelles, pelo deputado Filemon d'Almeida, do sr. José Leitão, das Caldas da Rainha, do centro republicano Pedroso Gaya, etc.

Algumas propostas

Eis, na integra, algumas das propostas apresentadas hoje ao congresso, na sessão matutina:

O congresso extraordinario do partido republicano portuguez delega no presidente da sua segunda sessão o encargo de transmittir á muito digna vereação da Camara Municipal de Lisboa o seu desejo unanime de que á calçada da Ajuda, onde está aquartellado o regimento em que serviu sempre o tenente Fr. Xavier da Cunha Aragão, seja dado o nome d'este heroico official, tambem um dos valorosos combatentes no momento revolucionario que implantou a Republica, como justa homenagem ao heroismo com que em Africa honrou as tradições gloriosas do exercito portuguez. (as.) *A. Pinto Teixeira*.

O congresso extraordinario do partido republicano portuguez sauda e louva a nobre attitude do distincto official da marinha Leotte do Rego, pela sua persistente propaganda patriotica, na qual não esmorece apesar de ter sido já perseguido por motivo d'ella.—*Augusto Rato*.

O congresso extraordinario do partido republicano portuguez protesta contra a accintosa perseguição que o governo do dictador Pimenta de Castro está movendo á briosa e patriotica corporação dos sargentos, a qual honrada e nobremente defende a Patria e a Republica.—*Augusto Rato*.

O congresso extraordinario do partido republicano portuguez manifesta o desejo de que os representantes do partido no futuro parlamento se empenhem pela votação d'uma lei que fixe o limite maximo dos vencimentos dos funccionarios do Estado e especialmente os d'aquelles que actualmente teem como remuneração no todo ou em parte os emolumentos dos serviços a seu cargo.—*Emygdio Marques*.

Um ligeiro incidente na rua

O mesmo apparato policial se notava hoje quer na praça dos Restauradores e lado oriental da Avenida, quer na rua Eugenio dos Santos, rua dos Condes e rua Alves Correia. Policia civica e da judiciaria e cavallaria da guarda republicana «in magne quantitate». A' entrada para a primeira sessão do Congresso nada houve de anormal. Por volta das 13,30' um automovel de praça parou á porta do Café Globo, na rua dos Condes, em frente ao theatro do mesmo nome, e d'elle se apearam Raul de Brito, José Rodrigues de Aguiar e Eduardo Perestrello, acompanhados por uma mulher.

Como, depois de entrarem no café, começassem discutindo um pouco acaloradamente a reunião do Partido Republicano Portuguez, agentes da policia aconselharam-nos a retirar-se o que elles fizeram promptamente. Perto das 15 horas, porém, o Brito e o Aguiar voltaram á rua dos Condes, vindos da rua Eugenio dos Santos.

Em frente da porta do Polytheama que dá para esta rua, contigua á entrada do Olympia, um d'elles deu um viva ao «27 de abril» e varios môrras, que foram mal recebidos por alguns amigos do partido democratico, um dos quaes, dirigindo-se ao Aguiar, lhe deu um socco. D'aqui grande balburdia, correrias, acudindo logo a policia e patrulhas da guarda republicana, sendo os dois presos e levados pelo agente Figueiredo para o posto do theatro Nacional.

O caso provocou varios commentarios e ajuntamentos que a policia tratou de dispersar, não consentindo ninguem parado nas immediações do Polytheama.

A terceira sessão

São vibrantemente acclamados o exercito e a armada nas pessoas de varios officiaes presentes

A sessão da tarde abre ás 15,35. Preside o sr. dr. Henrique de Vilhena, que propõe para vice-presidentes os srs. José Pedro de Sousa e Manuel Gaspar; para secretarios os srs. Alberto Jordão e Francisco de Paula Baptista e para vice-secretarios os srs. José Lobato e João Falcão de Magalhães. Ha na assembleia uma agitação desusadada. Percebe se que anda coisa no ar. O quê? Lê-se o relatorio financeiro do partido. Prepara-se activamente a eleição dos novos corpos gerentes.

Fala Alexandre Braga

O sr. Alexandre Braga tem a palavra. O congresso realisa-se n'uma hora de extrema gravidade, de extremo perigo para a Patria e para a Republica. As resoluções que se tomarem interessam profundamente á nacionalidade portugueza. Republicano de sempre, é a primeira vez que assiste a um congresso republicano em Portugal. Não vae o momento para palavras, mas para actos. Seria injuria suppor que qualquer dos presentes precisasse de estimulos alheios. Esses estimulos estão na consciencia dos cidadãos. E' para expressar simples ideias sobre a situação actual que fala. Não quer perder tempo. Quer que o que disser se transforme em factos, em favor do Partido que é a Republica e da Republica que é a Patria (grandes applausos). O governo começou por organisar uma obra de perseguição, não fazendo o menor caso da lei. E foi para a dictadura sem ter a grandeza das figuras que na historia teem praticado eguaes crimes, mas com grandeza. Esta dictadura é de pigmeus, e constitue, por isso mesmo, uma affronta a todos os homens intelligentes e dignos de respeito. Elles são indignos de exercer quaesquer funcções administrativas n'uma patria livre. Como nasceu a dictadura? Não se sabe. Veiu ignora-se de onde e não se sabe para onde vae, qual é o seu fim, aonde chegará. Os homens que estão no poder são creaturas improvisadas pelo desconhecido. Vieram á tona da politica como os destroços de um naufragio, depois de violenta tempestade. Desconhece-os. Não lhes sabe os nomes.

De que baixio surgiram para deter as nossas garantias de liberdade e esmagar as garantias dos cidadãos? Misterio. E' preciso combatel-os, para que as gerações d'ámanhã não accusem os homens de hoje de lhes legarem uma herança vilipendiosa. Pimenta de Castro, ministro da guerra no primeiro governo constitucional, presidido pelo grande republicano que é João Chagas, foi demittido com uma secura desusada. O chefe do governo de então viu-se forçado a proceder assim em virtude de informações que o sr. Sidonio Paes lhe enviou do Porto e nas quaes se dizia que o ministro da guerra se oppunha a que para o norte, a combater Paiva Couceiro, seguissem forças militares. Foi esse ministro, segundo affirmações que se attribuem a João de Menezes e outros republicanos, que impôz em conselho a sahida do sr. Pimenta de Castro, como traidor á Republica.

Pois foi este homem o encarregado, n'uma hora em que a Republica corria perigo, de tomar conta de todas as pastas. Revella isso, pelo menos, a mais extraordinaria das inconsciencias. Reconhecem sempre os seus erros, para se penitenciar. Foi elle quem pôz a sua assignatura no decreto que nomeou o sr. Pimenta de Castro presidente do ministerio. Fe-lo em circumstancias especialissimas, sem ter um momento para reflectir. Mas suppôz sempre que elle deveria ser assignado pelo sr. Azevedo Coutinho, que presidiu ao ministerio de que fez parte com uma correcção e uma intelligencia absolutas. Os decretos de nomeação do sr. Pimenta de Castro traziam a indicação de que devia ser elle, orador, quem tinha de os assignar. Por isso os firmou e por assim lh'o ter indicado o sr. Azevedo Coutinho. Não se arrepende, porque a sua intenção não pode deprimi-lo. Foi atacado o ministerio Azevedo Coutinho? Não. O partido republicano e a Republica é que soffreram esse ataque tremendo.

O governo não era politico. Fez tudo o que poude, mas interessou-se sempre, sobretudo, pelo cumprimento do nosso compromisso com a Inglaterra, do qual depende o futuro da liberdade e do desafogo da patria. O sr. Affonso Costa já hontem se referiu a esse assumpto com largueza. O governo parece não estar disposto a ir até onde se deve ir, praticando assim uma verdadeira vergonha para a nação. Pensava-se fazer muito—dil-o para evitar o alijamento de futuras responsabidades—havia intenção de preparar tudo para que, n'um praso relativamente curto—de 15 de maio em deante—os soldados portuguezes pudessem tomar parte na guerra de maneira a manterem bem alto o prestigio do nome portuguez. De maneira que, se o governo quizer atirar para outros as suas culpas, recorrerá de novo á falsidade. Se elle vier dizer que não estamos preparados para compartilhar da guerra, é porque elle destruiu a nossa obra, que era vasta, que revelava muita intelligencia, muito esforço e muito bom desejo de bem servir a Republica.

O partido, por meio do seu congresso, resolveu ir ás eleições. E' provavel que lhes chamem incoherentes por isso. Mas que importa? No tempo da monarchia, os republicanos não desertavam nunca do seu logar. Como podiam recusar-se agora? Porventura alguem recusa ir ao campo da honra quando a isso o chamam? Se alguem, ao dobrar de uma esquina, fôr assaltado, como, sob a egide do governo, está succedendo, esse alguem fugirá? Crê que não. E' preciso ir á urna no intuito de a transformarmos n'uma urna funeraria para o governo, n'uma urna de victoria para o partido.

Mas que cada um trabalhe o mais que puder para que essa victoria seja completa, combatendo contra tudo e contra todos, pela Patria, pela Republica e pelo futuro. Não o surprehendeu o que se passou no congresso. Nem podia surprehendel-o. Os adversarios do partido republicano veem proclamando o seu desapparecimento. O governo liquidal-o-ha em pouco tempo. Assim o affirmam os inimigos d'esse partido, havendo entre elles quem na sua cornea e petrea estupidez, o acredite. Como se enganam! Tudo o que o governo tem feito não diminue o partido, antes se volta contra elle proprio, mais fundo lhe cavando a cova estercoraria em que ha de afundar-se. De cada perseguição brotam novas adhesões; e o nome de Santos Cardoso trará por muito tempo para a lucta muitas vontades invenciveis.

A violencia só póde aproveitar ao partido e se ella fôsse precisa, reclamal-a-hia. Mas os republicanos não precisam de duches que os estimulem. A hora do restabelecimento da normalidade ha de chegar, e então far-se-ha o indispensavel ajuste de contas. O governo deixará então de «pegar na lei e andar para deante»; coisa que nunca fez, porque desde começo a metteu no bolso, para não fazer caso d'ello. Na hora definitiva, os dictadores hão de vêr como ha quem saiba fazer justiça com generosidade. Quiz falar pouco. Mas não poude. As palavras são como as cerejas. Com uma differença: é que as cerejas sempre enchem as barrigas, emquanto as suas palavras deixam todos em branco, tanto pelo corpo como pelo espirito.

Votos e saudações

Acolhem as palavras do orador tempestades de vivas e applausos. Lê-se uma proposta fazendo votos para que no futuro Parlamento se vote uma lei melhorando o *pret* dos recrutas portuguezes. E' auctor da proposta o sr. Tavares Valente, que a justifica em termos que merecem a approvação da assembleia. O sr. Pedro de Oliveira sauda a memoria do soldado da guarda fiscal José da Cruz, morto a tiro no taboleiro superior da ponte D. Luiz, no Porto. Seguem-se outras propostas aconselhando a remodelação das leis do inquilinato e do registo civil; fazendo votos pela melhoria da situação da classe dos ferroviarios, quando se constitua um governo do partido, e uma moção saudando a memoria de Heliodoro Salgado e os livres pensadores, a Associação do Registo Civil e acclamando o sr. Alexandre Braga. O sr. Martins Marques quer que a lei do registo civil seja modificada, de maneira a conceder-se aos funccionarios todas as garantias de estabilidade, para que não se repita o que se deu com Raymundo Alves e Correia Gomes. Apresenta uma longa proposta n'esse sentido e no de se baratearem os serviços do mesmo registo.

O sr. capitão Tavares de Carvalho, que apparece fardado no palco, é muito victoriado. Aos vivas e ás palmas corresponde esse official com outros vivas á Patria e á Republica e com apostrophes aos dictadores. Acontece outro tanto com o tenente Delphim Maia, capitão Lindorpho Barbosa, tenente-coronel Sousa Rosa, major Ferreira Bastos, Helder Ribeiro, 2.º tenente da armada Serrão Machado, alferes medico Madureira, major Sá Cardoso, capitão Rodrigues de Sá, dr. José Sequeira. O nome do sr. José França Borges, demittido de provedor do Asilo Elias Garcia, o do sr. Herculano Galhardo, ex-ministro das finanças, e tantos outros são victoriadissimos. A ovação é extraordinaria, assumindo o aspecto d'uma verdadeira, d'uma authentica consagração. As salvas de palmas, vibrantes e retumbantes, são continuas. O sr. Sá Cardoso diz que a manifestação que acaba de lhe ser feita e aos seus camaradas a toma para todo o exercito, porque todo elle é digno d'ella, porque todo elle saberá defender a Republica. Apresenta o sr. major Rosa, seu conterraneo. O sr. Affonso Costa sauda todos os officiaes amigos da Republica. O primeiro sargento Carvalho, do 1.º grupo de metralhadoras, diz que não vem ao congresso manifestar-se. Já esteve preso quinze mezes por defender a Republica e por ella está prompto a dar a vida, se fôr preciso. Agradece as simpathias do congresso pela sua classe e exalta o seu collega Humberto de Sousa Mello, preso na Trafaria.

O sr. Affonso Costa diz que todos conservarão a maior recordação d'estes minutos, durante os quaes vibrou o sentimento patriotico na sua maior pureza. O seu partido ama o exercito e a marinha, e para melhorar tudo o que se refere á defeza nacional tem feito o mais possivel. Ali se comprometem a adeantar os trabalhos sobre esse assumpto. E' bom que os trabalhos terminem ali, e pede a todos que ao partir, vão decididos a travar contra a dictadura uma guerra sem treguas. Convida o directorio que fôr eleito a comparecer ás 21 horas no Directorio para tomar posse e iniciar desde logo os seus trabalhos. Os vivas repetem-se, e a sr.ª D. Adelaide Cabete, que está no balcão acompanhada por uma sua irmã, é tambem acclamadissima.

O sr. Teixeira Pinto, da camara de Gaia, sauda o congresso em nome d'esse municipio. O sr. Alfredo Silveira entende que a propaganda eleitoral deve principiar immediatamente. O sr. Raymundo Alves propõe que se agradeça ao sr. Luiz Pereira a cedencia do Politeama para as sessões do congresso. O sr. Agripino de Oliveira sauda o operariado portuguez. O sr. Lima Bastos propõe que o congresso ordinario do partido se realise quando o directorio o determine. O sr. Matheus de Barros confia no poder judicial e propõe que as commissões politicas processem os funccionarios que obedeceram aos diplomas dictatoriaes. O sr. Salvador Saboia protesta contra o estabelecimento da egreja hespanhola. O sr. Fernando Russo diz que os advogados do partido devem prestar-se a defender gratuitamente os correligionarios. O sr. alferes-medico Madureira propõe que o congresso dirija uma vibrante saudação aos elementos civis republicanos:

O sr. Fernão Pires propõe que o partido inscreva no seu programma a necessidade de se fixar um limite de edade para os candidatos á presidencia da Republica. O sr. Ferreira de Campos propõe saudações aos majores Pala e Malheiro. Falam ainda outros congressistas, em nome das terras que representam, saudando no sr. Affonso Costa os correligionarios ausentes principalmente no Brazil e nas colonias, cujas provas de solidariedade teem sido admiraveis. Dá-se conta da adhesão do sr. dr. Brun da Silveira.

A eleição do directorio termina tarde. O escrutinio far-se-ha á noite no centro de S. Carlos.

A EXPOSIÇÃO SANTOS LEITÃO

Photographias artisticas

impressas a tinta d'oleo

Os magnificos quadros que o sr. Santos Leitão acaba de expor na rua das Chagas, 9, e que rapidamente fômos ha pouco admirar não podem, no rigoroso sentido da palavra, ser classificados como photographias. Se é certo que os processos pelo auctor adoptados na sua confecção pertencem á arte photographica, a verdade é que o effeito dos *brom-oleos* (passe o neologismo) depende mais do coefficiente pessoal de quem os executa que do rigor empregado na pratica dos referidos processos.

São realmente quadros a oleo as telas monochromas que vimos na exposição. Algumas d'ellas, como a *Serra da Gardunha*, o *Cesar (cão Ulm)* e o *Barqueiro de Constancia* devem considerar-se como verdadeiras obras de arte que só por si bastariam para fazer a reputação de um pintor.

N'um pequeno quadro: o *Ribeiro de Odivellas*, o sr. Santos Leitão demonstra que o *brom-oleo* permitte conseguirem-se excellentes effeitos de polichromia e, de facto, a contemplação d'esse pequeno trecho de paisagem affasta de nós por completo a ideia do artificio mechanico da photographia.

São vinte e dois os *brom-oleos* expostos. Entre elles encontram-se alguns de grandes dimensões, 40 x 50 cm, e até 50 x 60, feitos sobre ampliações de *clichés* 9x12 e com objectivas diversas: *Xpres*, *Telecentric* e *Homocentric* de Boss, *Dagor* de Goerz e 3,5 do Cooke. Além dos *brom-oleos*, expõe ainda o sr. Santos Leitão varias *gommas* admiraveis e diversas photographias a côres pelos processos dos tres negativos que já obtiveram legitimo exito n'uma exposição realisada em Londres.

O concerto de sexta-feira no Politeama

Em substituição do espectaculo, dar-nos-ha na sexta-feira, á noite, a empreza do Politeama um magnifico concerto de musica sacra, com partituras de Haydn, Wagner, Bach e Beethoven.

Executará os solos de violoncello o notavel artista João Passos, e a sr.ª D. Paulina Stegner Prado, amadora apreciavel, fará o canto.

Mais um successo que David de Sousa contará na sua vida artistica.

ULTIMA HORA

Congresso Democratico

A eleição dos corpos dirigentes do partido

Os nomes mais votados para o Directorio devem ter sido os dos srs. dr. Affonso Costa, dr. Alexandre Braga, dr. Alvaro de Castro, Luiz Filippe da Matta, dr. Manuel Monteiro, Henrique Pereira d'Oliveira e Victor Hugo de Azevedo Coutinho, effectivos; João Tudela, José Pinheiro de Mello, dr. João Luiz Ricardo, Manuel Gaspar de Lemos, Apolinario Pereira, dr. Adriano Gomes Pimenta e dr. Antonio Pires de Carvalho, substitutes.

Entre outros, tambem foram votados para membros do Directorio os srs. Victorino Guimarães, effectivo, e dr. Arthur Leitão, substituto.

O conselho arbitral deve ficar constituido pelo srs. dr. Antonio Macieira, dr. Barbosa de Magalhães, dr. Almeida Ribeiro, dr. Henrique de Vilhena e Augusto José Vieira.

Para a junta consultiva foi votada uma lista com estes nomes:

Agricola—Lima Bastos, Urbano de Castro, Guilherme Nunes Godinho. Colonial—Ernesto de Vilhena, Ferreira do Amaral, Alfredo Rodrigues Gaspar. Commercial—Fausto de Figueiredo, Francisco Antonio Borges, Joaquim Rodrigues Simões. Defesa nacional—Freitas Ribeiro, João Pereira Bastos, Ortigão Peres. Educação e ensino—João de Deus Ramos, João Barreira, João de Barros. Finanças—Levy Marques da Costa; Albino Vieira da Rocha, Eduardo d'Almeida. Industrias—Annibal Lucio d'Azevedo, Elisio de Mello, Antonio Maria da Silva. Legislação—Augusto Soares, Abilio Marçal, Machado Serpa. Maritima—Arantes Pedroso, Augusto Nobre, Alberto Souto. Operaria—Alfredo Ladeira, Antonio José Correia, Abel Sebrosa.

Navios allemães

que pretendem mudar de bandeira

Em 9 de dezembro ultimo publicou *A Capital* a seguinte noticia, subordinada a esta mesma epigraphe:

«O navio allemão *Excelsior*, que se encontra fundeado em Ponta Delgada, e o *Mohican* da mesma nacionalidade, ancorado no porto da cidade da Horta, allegando terem sido vendidos a emprezas norte-americanas, procuraram n'aquelles portos substituir a sua bandeira por a d'aquelle paiz.

As auctoridades receberam ordem para não permittir tal substituição.»

A estes barcos foram, por essa occasião, mandadas desmontar algumas peças do machinismo, a fim de evitar que clandestinamente abandonassem aquelles portos. Sobrevindo um temporal os respectivos commandantes reclamaram as peças retiradas, para poderem dar os necessarios movimentos aos barcos e abrigal-os da invernia. As peças fôram, de facto, restituidas, mas, como medida de segurança, mandados internar nos portos os referifdos barcos.

Affirma-se que o «Excelsior» e o *Mohican* encontraram agora razões para demover as auctoridades e poderem deixar sem difficuldade os portos onde se encontravam detidos.

Conferencia sobre a guerra

Na séde da commissão republicana d'Alcantara, rua da Costa, 4, 1.º, realisa ámanhã, ás 21 horas, o capitão de fragata sr. Leotte do Rego uma conferencia sob o thema «O futuro de Portugal em face da guerra».

Balanço diario

Do ministerio dos negocios estrangeiros recebemos a seguinte nota officiosa:

A legação de Portugal em Madrid, devidamente auctorisada pelo gabinete hespanhol, declára serem absolutamente destituidos de fundamento os boatos de mobilisação total ou parcial, proxima ou remota, do exercito hespanhol.

Conferencias

Com o sr. presidente da Republica esteve hoje conferenciando, no paço de Belem, o sr. presidente do ministerio. O sr. general Pimenta de Castro esteve depois trabalhando com o sr. ministro das colonias e conferenciou com o da justiça; com a direcção da Companhia das Lezirias do Tejo e Sado e com commissões de fundidores de metaes, de alumnos da Escola Colonial e tambem de alumnos do collegio das missões ultramarinas.

Com o ministro das colonias conferenciaram as direcções das companhias de Moçambique e da Zambezia e os srs. Eduardo Augusto Neuparth e D. Bernardo da Costa. Com o do interior as direcções da Albergaria de Lisboa e da Associação Commercial de Lisboa e uma commissão de proprietarios de Sacavem.

Governadores civis

Chegou hoje a Lisboa o de Braga, sr. Miguel d'Abreu, que conferenciou com os srs. ministro do interior e da justiça.

A falta de farinha

Uma commissão de industriaes de padarias de Lisboa e Villa Franca procurou hoje o sr. ministro do fomento a quem pediu providencias contra o facto das fabricas de moagem lhes não fornecerem farinha de milho.

A Bolsa do Porto

Apresentada pelo sr. Silva Cunha, conferenciou hoje com o sr. ministro do fomento uma commissão de commerciantes e industriaes do Porto que lhe entregou uma representação com 1.400 assignaturas em que se pede a devolução do palacio da Bolsa á Associação Commercial d'aquella cidade. Egual representação foi entregue ao sr. presidente do ministerio.

Fallecimentos

Falleceu o sr. Joaquim de Sousa Lemos, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 14 horas, sahindo o prestito da egreja de S. José.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi transferida para o proximo domingo a abertura do curso que hontem se devia ter inaugurado na séde do Nucleo Naturista de Lisboa.

—Para juizo foi hoje enviado Maximo Alves, mais conhecido pelo «Lindinho», morador na rua da Rosa, 204, 1.º, accusado de ter furtado uma mala com varios objectos de ouro no valor de 100 escudos a Mario Godinho de Campos, residente na mesma casa.

—Em estado grave, deu entrada na enfermaria 4 do hospital de S. José o descarregador dos caminhos de ferro José Ferreira, de 30 annos, aggredido n'uma azinhaga da Azambuja por motivo de rixas antigas. Nas enfermarias 3 e 8, respectivamente, deram entrada José Lopes Clemente, pedreiro, residente em Unhos, ali colhido por uma enxada, pelo que ficou muito ferido no rosto, e Manuel Mendes, maritimo, que a bordo do «Beira» foi colhido por uma lingada, ficando contuso pelo corpo.

A grande guerra

A situação na França e na Belgica

PARIS, 29. — Communicação official das 15 horas. Na região de Ypres fizemos explodir uma mina n'um posto de observação allemão. Em Eparges o inimigo procurou retomar as trincheiras que havia perdido no dia 27. Depois de violento combate o nosso ganho foi mantido na generalidade. O inimigo poz pé em alguns elementos das suas antigas trincheiras. Por outro lado progredimos em alguns outros pontos. —(*Havas*).

A Italia vae intervir?

PARIS, 29.—Telegrapham de Roma ao *Matin* que reuniu hontem o conselho de ministros, que tomou importantes deliberações.—(*Havas*).

Para os feridos da guerra

A' redacção de «A Capital» teve o sr. Campo Ferreira a gentileza de offerecer 24 exemplares do seu opusculo «Palavras amargas», para serem vendidos e o seu producto reverter a favor dos feridos da guerra. Como nas nossas columnas não abrimos até hoje secção especial para tal fim, resolvemos remetter á direcção da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha os exemplares offerecidos, alvitre com que o offerente plenamente concordou.

Cruz Vermelha

Para a subscripção por esta Sociedade promovida foram recebidas as seguintes quantias: commissão organisadora do sarau artistico, realisado em Torres Novas, producto liquido do referido sarau, 280$02; reitor do Liceu Central de Alves Martins (Vizeu), producto de uma subscripção aberta entre os professores e alumnos do mesmo liceu, 19$31; commissão organisadora de uma festa promovida pelo curso de aspirantes da Escola de Mafra no Gremio Mafrense, 35$50.—A transportar, 18.450$70.

Um monumento a Cervantes

MADRID, 29.—O sr. Dato despachou hoje com Affonso XIII. Foi assignado o decreto relativo ao concurso para a apresentação, dentro de quatro mezes, do projecto do monumento a Cervantes e que será erecto na praça de Hespanha.—(*Corresp.*)

Temporaes em Marrocos

MADRID, 29. — Dizem de Tetuan que uma grande cheia do rio Martin obrigou a retirar as guarnições do blockaus na margem esquerda do mesmo rio.

Em Larache um violento vendaval impossibilita a navegação.—(*Corresp.*)

Torpedo fluctuante contra submarinos

Ao que nos communicam, o engenheiro sr. Carlos C. R. Carvalho acaba de inventar um torpedo fluctuante contra os submarinos, destinado a inutilisar e destruir essas terriveis machinas de guerra e apresentando a particularidade de ser inoffensivo para qualquer outra embarcação, que com elle tenha contacto ou com elle choque.

O engenheiro sr. Carvalho está na intenção de offerecer o seu invento ás nações alliadas, e, a confirmar-se o valor do novo apparelho, será um grande serviço o prestado, principalmente n'este momento em que a marinha dos alliados está sendo combatida tão rudemente pelos submarinos allemães.

MUSICA

Orchestra Simphonica Portugueza

Vae ao Porto, contractada pela empreza do Jardim Passos Manuel, d'aquella cidade, a Orchestra Simphonica Portugueza, que sob a direcção do distincto maestro Pedro Blanch tantos applausos tem conquistado de ha quatro annos a esta parte, primeiramente no theatro da Republica e agora no de S. Carlos.

Sarau militar

A favor dos soldados d'Angola

E' no dia 16 d'abril, como já noticiámos, que se realisa no Coliseu dos Recreios o sarau promovido por uma commissão de officiaes e cujo producto reverte em favor dos soldados feridos em Angola. Os recrutas da marinha executarão jogos sportivos e os de cavallaria exercicios de voltéio. A festa terá um caracter essencialmente militar, sendo todos os numeros desempenhados por officiaes, sargentos e soldados.

Além de outros numeros, os alumnos da Escola de Guerra executarão uma quadrilha a cavallo.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	37 1/2	36 3/4
Londres, 90 d/v. . .	38	—
Paris, cheque. . .	$75	$78
Allemanha, cheque .	$28	$29
Hollanda, cheque . .	$52	$54
Madrid, cheque . . .	1$31,5	1$34
New York	1$33	1$35
Rio s/Londres. . .	12 15/16	—
Libras.	6$80	7$00
Agio do ouro. . . .	30 °/o	40 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	40,20	40,60
» » 500$	40,20	40,50
» » 100$	40,20	40,23

Externas: 1.ª serie 71$20, 2.ª 70$50, 3.ª 78$30 e cautellas da 3.ª serie 2$95.

Acções: Ultramarino, coup. 104$80 e port. 104$90; Economia Portugueza 18$50; A Nacional 13$80; Ilha do Principe 200$; Moagem (nova) 69$30; Phosphoros, coup. 56$50.

Obrigações: Aguas, coup. 81$; Prediaes, 5 1/2 48$80; Ultramarino, coup. ouro, 89$; Norte e Leste, 1.º grau, 74$ e 2.º grau, 40$40.

OS ANTIGOS ELEVADORES

Quando recomeçam a funccionar?

Ha perto d'um anno—se já o não fez—que os elevadores da calçada da Gloria, da Bica e do Lavra estão parados. As linhas estão promptas, pelo menos as dos dois primeiros, mas, quanto a funccionarem, não se sabe quando isso será. A Companhia dos Ascensores, ou antes a Companhia dos Electricos, que é agora quem manda n'essas linhas, não se importa para coisa alguma com as commodidades e interesses do publico, tanto mais que tem as outras linhas propriamente suas e não lhe faz differença que as dos antigos elevadores deixem de funccionar.

Não é justo, porém, que assim succeda e para o caso chamamos a attenção de quem possa providenciar.

AS NOVAS ESTATUAS

O "Homem ao leme"

vae ser collocado no jardim do Caes do Sodré

Está quasi concluida a estatua em marmore *Homem ao leme* do esculptor Francisco dos Santos, adquirida pelo municipio na exposição da Sociedade Nacional das Bellas Artes para um dos jardins da cidade. A multidão que desfilou pelo *hall* do palacio da rua Barata Salgueiro recorda-se necessariamente do magnifico trabalho de Francisco dos Santos, tanto elle impressionou os visitantes d'aquelle certamen artistico. O *Homem ao leme* é um soberbo bloco, que faz honra á estatuaria portugueza, pelo extraordinario poder de emoção que produz, na sua grande simplicidade. A estatua, como se sabe, evoca a ardua tarefa do homem do mar, conduzindo um barco, e n'essa figura retrata-se todo o esforço da vida maritima, torturante e afadigada, tornada simbolo.

A estatua do *Homem ao leme*, em conclusão nos *ateliers* de canteiro dos srs. Moreira Rato, á rua 24 de Julho, vae ser collocada no jardim fronteiro á estação do Caes do Sodré. A vigorosa, energica figura creada por Francisco dos Santos, ficará bem ali, na companhia dos luctadores que o seu esforço evoca.

Assim que passem as chuvas a camara municipal vae mandar proceder aos necessarios trabalhos de fundições para o pedestal da estatua. O *Homem ao leme* ficará olhando o mar, na primeira grande placa do jardim, a seguir á estatua do duque da Terceira. O *Homem ao leme* será collocado sobre um simples sócco, por onde subirão as trepadeiras e as flores, como acontece nas estatuas que embellezam o jardim da Estrella.

O artista e a camara contam inaugurar essa estatua no proximo verão, no mez de junho.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

A exploração em 1914 resentiu-se das consequencias da guerra europeia

Não foi dos mais lisongeiros o resultado da exploração, no anno findo, das linhas da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro, resultado que o relatorio, que vae ser presente á assembleia geral, que reunirá depois d'ámanhã, attribue ás condições derivadas da guerra europeia.

O rendimento, no conjuncto das linhas de Foz-Tua a Mirandella, de Mirandella a Bragança e de Santa Comba-Dão a Vizeu, foi inferior ao de 1913 em 25.767$54, sendo 6.571$34 na primeira, 5.366$65 na segunda e 13.829$55 na ultima.

A diminuição do rendimento na linha de Santa Comba-Dão a Vizeu é tambem attribuida á concorrencia que a essa linha faz a do Valle do Vouga, pois que, abastecendo-se Vizeu principalmente da praça do Porto, os commerciantes preferem este ultimo trajecto, mais curto e mais economico.

Aos lucros, na importancia de 5.962$11,5, propõe a direcção a seguinte applicação: 5 0/0 para fundo de reserva, 298$10,5; para os corpos gerentes, 715$45; para fundo de reserva, 4.948$56, quantia que, junta com o saldo anterior de 65$75, elevará esse fundo a 64$426$14.

SPORT

Nota do dia

A derrota do Sport Lisboa e a victoria do Sporting Club

O resultado da «final» do campeonato de Lisboa, com a victoria do Sporting Club sobre o Sport Lisboa e Bemfica por 3 *goals* contra 1, não surprehendeu aquelles que de perto seguem a marcha do *foot-ball* e só causou especial estranheza á grande massa e ás *claques*, que, creando um idolo, imaginosa e excessivamente o julgam inatacavel.

A vantagem do Sport Lisboa e Bemfica, nos trez annos em que foi um triumphador sem riscos de séria competencia d'outros clubs, baseava-se no seu treino, na sua homogeneidade de *linhas*, na sua disciplina e ordem, na perseverança do trabalho e vontade de vencer sempre.

Dezenas de vezes dissemos que, no dia em que apparecesse outro grupo com a mesma força de vontade e o mesmo desejo de progredir, o Sport Lisboa havia de luctar para se manter campeão e podia soffrer o desgosto d'uma derrota.

N'este commentario vae a explicação da victoria de hontem, porque o Sporting é agora um grupo forte, homogeneo, com gente que procura fazer o melhor que sabe e o melhor que pode. Está bem preparado e a recente viagem á Galliza deu-lhe um treino excellente. Aos espectadores de hontem não restou duvida que o Sporting era o melhor e alguns dos seus *players* fizeram prodigios.

O Bemfica, porém, não é adversario que desanime e procurará desforrar-se o mais rapidamente possivel. Tem de trabalhar bastante e melhorar os seus *players*. Fez-lhe sensivel falta a ausencia de jogadores de merecimento como Arthur José Pereira, Fernandes, Rio, Paiva Simões e Gaspar. Não são esses ausentes homens que se substituam por qualquer, pois que se os novos os egualam em desejo de trabalhar pelo club, ainda não os egualam na *sciencia* do jogo. Mas tal deficiencia é supprida pelo Bemfica em breve tempo porque manterá o criterio orientador:—de que trabalhando sempre é que se consegue vencer algumas vezes.

A victoria do Sporting foi festejada com ruidoso enthusiasmo pelos seus associados e pelos seus amigos. Tal exteriorisação de alegria é justificada pelo valor da victoria. Quebrou-se a lenda da invulnerabilidade do Bemfica e marcou-se talvez o inicio d'uma nova epoca para o *foot-ball*, atravessando um periodo de decadencia, porque não existia um estimulo para os clubs e uma nota attractiva para o publico. O conhecimento antecipado dos resultados dos desafios diminuia o interesse pelo jogo.

A alegria dos *players* do Sporting pode ser ephemera, alegria d'um minuto, que se registará como uma surpreza e não como um resultado previsto, se não continuarem trabalhando sempre, todos os dias, n'um treino de conjuncto e até com preparação individual. O facto de serem campeões traz-lhes, consequentemente, mais responsabilidades.

Ouvimos hontem vibrantes declarações mas, soffrendo do pessimismo accumulado por uma serie de illusões desfeitas, tememos que tudo desappareça como o carbonico do champagne que serviu para festejar a victoria. E a proposito d'estas festas commemorativas, nas quaes se passam em revista os merecimentos e favores prestados ao *sport* dos que estão presentes e dos que estão ausentes, bom seria que a sinceridade dos brindes e das saudações correspondesse ás affirmações feitas...

Dizem-nos que os dois clubs hão-de encontrar-se, outra vez, em abril. Occorre perguntar então: Saberá o Sporting, n'essa contraprova, mostrar que hontem venceu porque é o melhor *team* actual?

Algumas anecdotas

Um combate de socco na casa do millionario George Gould

Os americanos teem o costume de exagerar o merecimento dos seus homens de «sport». Vamos dar um curioso exemplo: O millionario aviador-«boxeur» Drexel julgou-se e foi considerado o unico homem capaz de reconquistar para a raça branca o titulo do primeiro pugilista do mundo. Mas a desillusão veiu depressa, com um facto succedido na magnifica residencia de George Gould. Depois do jantar, a animação era extraordinaria e o vinho tinha excitado as cabeças dos convivas. De repente, Anthony Drexel levantou-se e propoz a realisação d'um «match» de socco. Reptou outro conviva, o ex-campeão amador de Inglaterra Robert Beresford. Os adversarios foram preparar-se e os «segundos», arranjados entre amigos, combinavam as condições do assalto. As damas que se apertavam em volta do improvisado «ring» gritavam:

«Vamos Bobby».

«Não tenhas receio Tony».

Drexel julgava que vencia antes d'um «round». Precipitou-se como um leão. O adversario, porém, «parou» o golpe com a devida opportunidade. Seguiu-se nova tentativa mais violenta, mas Robert respondeu com um «hook» ao estomago. Drexel cahiu por terra.

O segundo «round» foi mais animado porque Drexel, durante o repouso, readquiriu toda a energia. Atacou rudemente Robert que se contentava em «parar». N'um dos ataques, Drexel com um directo sobre a cara direita fez saltar o adversario.

No terceiro «round» lançou-se como um doido. Um terrivel «punch» foi a resposta; Robert decidiu-se a atacar e em poucos golpes mostrou superioridade. Com um «obliquo» estendeu Drexel, que se levantou disfarçando um leve sorriso para não desgostar a mulher, que tinha os olhos fixos n'elle. Robert, porém, desinteressando-se d'esses sentimentos honrosos mas piegas, seguiu a serie de «esquerdos» e de «uppercuts», que acabou por um «knock-out».

Os amigos de Drexel retiraram-o do «ring». O sr. George Gould offereceu uma «taça de ouro» ao vencedor como lembrança d'esse combate historico, dizendo:

—Quando vier outra vez jantar, ninguem lhe perturbará a digestão!... Póde estar descançado...

Noticias

Entre nós

Luzitano Sport Club

Conforme estava annunciado não seguiram para Beja os *players* que constituem o 4.º e 5.º *team* d'este Club devido ao mau tempo, ficando reservada a ida para occasião opportuna. Na proxima quinta-feira vão a Carcavellos jogar com o 2.º *team* do Carcavellos Club.

—Devia realisar-se hontem um desafio em 4.as cathegorias entre este club e o Grupo Sport Cruz Quebrada, mas não compareceu este e o *referee* marcado pela Associação.

O Sport Lisboa em Vigo

O 1.º *team* do Sport Lisboa e Bemfica está em negociações com os clubs de *foot-ball* de Vigo para ir áquella cidade galega jogar dois desafios no sabbado e domingo proximos.

Sala d'armas Carlos Gonçalves

O professor de esgrima Carlos Gonçalves mandou fazer importantes obras na sua sala d'armas que sendo já a mais *chic* e luxuosa de Lisboa, ficará com um salão amplo, de perto de 18 metros de comprimento, onde se podem realisar as provas de esgrima, com assistencia de centenas de pessoas.

Companhia de seguros Vris

Está convocada para ámanhã, ás 21 horas, a assembleia geral d'esta companhia, para lhe ser submettido o relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal. O relatorio, primeiro que se publica, abrange o exercicio de 21 de maio de 1913 a 31 de dezembro do anno findo.

Não podiam ser mais lisonjeiros os resultados, pois a companhia é de recente fundação, como se vê, tendo tido de fazer face ás despezas de installação, que são sempre elevadas. Apesar d'isso, apresenta um saldo de lucros e perdas no valor de 9.883$15,5, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para fundo de reserva, 1.976$63; percentagens para a direcção e conselho fiscal, 1.680$13,5; dividendo de 5 0|0, livre de imposto de rendimento, 5.000$00; amortisação da conta de installação, 1.200$00; conta nova, 26$39.

A violação da neutralidade do Luxemburgo

Paris, 26 de março

Um jornal da manhã publica um artigo ácerca da politica exterior da Allemanha, contendo a seguinte declaração feita pelo sr. barão von Richthofen, conselheiro d'embaixada:

«A violação da neutralidade do Luxemburgo justifica-se sob o ponto de vista juridico pelo consentimento tacito do governo luxemburguez e pelo facto de ter acceitado uma indemnisação».

A legação do Luxemburgo em França em nota communicada ao governo desmente energicamente as allegações do diplomata allemão.

A grã-duqueza, o governo, a camara dos deputados, diz a nota, quando o paiz foi invadido, protestaram contra a violação da neutralidade luxemburgueza. O protesto do governo foi immediatamente levado ao conhecimento das potencias fiadoras da neutralidade do Luxemburgo. O grão-ducado não recebeu indemnisação alguma pela violação do seu territorio.

TOURADAS

Campo Pequeno

Na corrida de inauguração, que se realisa no proximo domingo, além do «espada» Ale, que ainda hontem, conforme referem telegrammas de Madrid, ali toureou superiormente, tomam parte os bandarilheiros Theodoro, Cadete, Manuel dos Santos e Thomaz da Rocha.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Exorços de economia rural»

Com este titulo e o sub-titulo de *A propriedade portugueza—O cadastro como base da sua reorganisação tributaria, economica e juridica*, publicou o sr. Eduardo Correia de Barros a dissertação que apresentou ao concurso de inspector de finanças de 2.ª classe.

Trabalho de um estudioso, que preconisa a adopção do cadastro como um dos maiores beneficios para a terra portugueza. Poder-se-ha, por vezes, discordar do seu modo de pensar, mas não póde deixar-se de reconhecer valôr ao trabalho do sr. Correia de Barros, sendo este o melhor elogio que lhe podemos fazer, aliaz merecido.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21—O Diabo.

NACIONAL — Não ha espectaculo.

POLITEAMA — A's 21—La Venus de piedra—La côrte de Faraon.—Los Bohemios.

TRINDADE—A's 21—Recita do actor Correia—1.º acto de Amores de principe—Verdades e mentiras.

GIMNASIO —A's 21 — O deputado independent—Flores que se desfolham.

AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A Feira da vida, revista.

COLISEU DOS RECREIOS — Não ha espectaculo.

Agenda da semana

A'MANHÃ — **Gimnasio** — Recita do actor Antonio Palma e da actriz Julieta de Vasconcellos—Primeira representação de *Flôres que se desfolham*, de Vasco Mendonça Alves—*O Deputado independente*.

SABBADO — **Nacional**—Reapparição da companhia.

—**Trindade**—*Reprise* do *Relogio magico*, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

—**Apollo** — Recita dos auctores do *Fado e maxixe*.

Ao correr da penna

Como se sabe, é muito vulgar no estrangeiro os empresarios exigirem a alguns auctores estreantes, cujas obras apresentem, a par de reaes qualidades, erros de technica, que façam retocar os seus trabalhos por mestres consagrados, que em seguida assignam a obra em commum. Por vezes, succede mesmo que o mestre não retoca coisa nenhuma e contenta-se em assignar e em cobrar, com o maior quinhão de gloria, a maior parte dos direitos.

Succedeu em França ha tempos, e a proposito de um caso d'esses, uma anecdota picante. Um grande industrial escrevera nas horas vagas uma peça de theatro e mostrára grande empenho em fazel-a representar. Um empresario demonstrou-lhe a conveniencia de fazer assignar a obra por um jeune maître, *que estava no galarim n'essa occasião. Encarregou-se mesmo de escrever n'esse sentido ao auctor celebre e assim fez. Passados dias, recebeu a seguinte impertinente resposta:*

—Meu caro: não tenho a intenção de atrelar ao carro da minha nomeada um burro ao lado de um cavallo.

O empresario não teve outro remedio senão mostrar ao industrial a resposta recebida e este, que era homem de espirito, respondeu nos seguintes termos ao orgulhoso auctor:

—Ex.mo sr: não tenho a intenção de discutir o direito que lhe assiste de cuidar da sua nomeada. No entanto, contesto absolutamente o direito que o sr. se arroga de me tratar de cavallo...

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A tia Leontina, que vae ensaiar-se no S. Carlos para recita de Lucinda Simões, foi por esta artista representada pela ultima vez na temporada Eduardo Victorino no theatro Principe Real. Foi tambem representada com o titulo *A moral d'elles*, n'uma epocha de verão, pela sociedade do Theatro Livre.

Entra amanhã em ensaios no Gimnasio a nova peça, de André Brun, *O primo Isidoro*, que subirá á scena na recita de homenagem ao nosso camarada de redacção que a sociedade artistica lhe offerece no dia 8 de abril, por occasião da 15.ª da comedia *4:028—Lx.*

Na proxima epoca organisar-se-ha no Gimnasio uma serie de *matinées* com conferencias, peças n'um acto e recitações.

No estrangeiro

Tendo por titulo a celebre phrase de Joffre, *Grignotons-les*, estreou-se em Paris, no Ba-ta-clan, uma revista de Cerval e Chorley.

Blasco Ibanez vae realisar em Paris um conferencia em francez com o titulo *A Hespanha e a França*.

Estreia-se ámanhã, no theatro Politeama, o tenor José Belenguer, na zarzuela *Los Bohemios*. Na quinta feira não ha espectaculo n'aquelle theatro, dando a companhia no sabbado duas zarzuelas novas.

Na recita da moda de quarta feira serão cantadas as zarzuelas *Alegria de la huerta, Duo de la Africana* e *Fresco de Goya*.

Circos & Music-halls

Primeiras representações

COLYSEU DE LISBOA—A «Kinopereta».

A' estreia do Kinopereta *no Colyseu da rua da Palma devemos a justiça d'uma referencia. E' que de todas as combinações do cinematographo com a voz humana, o* Kinopereta *é, sem duvida alguma, a mais harmonica e perfeita. Tanto as primeiras figuras como os côros ajustam-se com precisão ás personagens da fita. O publico manifestou-se justiceiramente applaudindo todos os artistas, especialmente Delfina Victor e Arthur de Castro.*

O Kinopereta *constitue uma novidade para Lisboa.*

Noticias

Entre nós

Terminam hoje á noite no Coliseu dos Recreios os espectaculos da companhia do Cirque Royal de Bruxellas, que, debutando no dia 27 de fevereiro, manteve uma excepcional concorrencia de espectadores e motivou grandes enchentes no circo. O espectaculo é de recita da moda.

O Coliseu está fechado terça, quarta, quinta e sexta-feira e reabre no sabbado com a estreia d'uma grande companhia de circo, d'esta vez organisada, expressamente, pelo sr. Antonio Santos, com nucleos artisticos do Nouveau Cirque e Cirque Medrano, de Paris.

O sr. Antonio Santos, aproveitando a dissolução da companhia de Bruxellas, conseguiu reter em Lisboa por mais alguns dias os phenomenaes 25 persas e os incomparaveis equestres Fredianis, que foram a attracção da temporada.

—No Coliseu de Lisboa ensaia-se uma revista cinematographica que será representada logo que saia do cartaz a kinopereta «Saudades de Portugal».

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS —Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Machina barulhenta

A proposito da reclamação que com este titulo demos no dia 27, escrevem-nos os srs. Luiz & Real, proprietarios da confeitaria da rua da Padaria, 31 a 37, dizendo carecer ella de fundamento, pois a sua fabrica começa a laboração pelas 7,15 e termina-a pelas 23 horas, pouco mais ou menos, e isso apenas no periodo da fabricação das amendoas, que são apenas dois mezes. Não trabalha, pois, até altas horas da noite e não começa ás 4 horas.

Accresce ainda a circumstancia de ser um pequeno motor, que não produz de forma alguma o barulho ensurdecedor e a trepidação que se diá, como já o verificaram as auctoridades administrativas e policiaes.

Aula que não funcciona

Queixa-se um alumno da aula de tachigraphia do Congresso da Republica de que essa aula não funcciona ha perto de um mez, o que, escusado será dizel-o causa enormes transtornos, mesmo prejuizos, aos alumnos, que se veem na contingencia de perder o anno. De quem é a culpa—se do ministerio do interior, se do professor sr. Lagrange—não o sabe quem nos escreve. O certo é que o facto se dá e para elle reclama energicas e promptas providencias.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Enfermeiros civis de Lisboa

Para discussão do relatorio e contas da gerencia de 1914 e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral ámanhã, ás 21 horas. A receita no anno findo foi de 689$24 e a despeza de 392$38,6, havendo, portanto, um saldo de 296$85,4. O numero de socios era em 31 de dezembro findo de 147.

Lithographos de Portugal

Para tratar de assumptos do maximo interesse, realisa-se depois d'ámanhã, ás 20 e meia horas, na rua dos Poyaes de S. Bento, 70, 1.º, uma sessão magna para a qual são convidados todos os operarios lithographos, socios e não socios da associação de classe.

Professores interinos das escolas de Lisboa

Para tratarem do assumpto que muito lhes interessa são convidados a reunir depois d'ámanhã, ás 14 horas, na rua dos Remedios á Lapa, 54, 1.º, todos os professores interinos das escolas primarias de Lisboa.

«Chauffeurs» em Portugal

Reunem hoje, ás 21 horas, em sessão magna, para assumpto de grande interesse para a classe, tendo sido convidados a comparecerem socios e não socios da associação de classe.

Soc. mut. Vieira da Silva

Para discussão do relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, reune a assembleia geral em segunda convocação, ámanhã, 19 horas.

Soc. Mut. Previdencia Municipal

Em segunda convocação, reune hoje, para discussão do relatorio e contas e parecer do conselho fiscal. A receita no anno findo foi de 4.212$60 e a despeza de 4.013$38, havendo um saldo de 199$22 e sendo o numero de socios existentes de 769.

Soc. Mut. Patrão Joaquim Lopes

Para discussão do relatorio e contas, reune amanhã, ás 20 horas, em segunda convocação, a assembleia geral, funccionando com qualquer numero.

Auxiliar dos inhabilitados do trabalho

Reune amanhã, ás 20 horas, a assembléa geral, em segunda convocação, para discussão do relatorio e contas. No anno findo houve um saldo de 242$55, elevando-se o numero de socios a 410.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 28.—Na freguezia de Antuzede foi creado um posto de registo civil, para o qual foi nomeado o sr. Antonio Henriques Cannaes Secco.

—Foram plenamente approvados no concurso para primeiros assistentes da oitava classe da faculdade de Medicina os srs. dr. Alfredo Moreira da Rocha Brito e Antonio Luiz de Moraes Sarmento.

—A Sociedade de Defeza e Propaganda realisa no dia 1 de maio uma excursão a Braga e Vianna do Castello, na qual só poderão tomar parte os socios d'aquella aggremiação.

—O ministro d'instrucção pediu á reitoria da Universidade uma nota dos professores e outros empregados d'este estabelecimento, que tenham sido demittidos por motivos politicos.

—Uma commissão de operarios d'esta cidade tenciona promover para o proximo mez de junho uma excursão a Braga, com paragem de 3 horas no Porto.

ERICEIRA, 27.—Uma commissão composta dos srs. Francisco Franco Gomes, Joaquim Camillo Vieira e Filippe da Silva Feliz realisa as festas da semana santa que serão abrilhantadas pela philarmonica local, orando os revv. Santos Portugal e Silva Teixeira; As procissões realisam-se dentro da egreja.

Movimento maritimo

Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	30
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Bechnana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonne» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31
R. J. e R. Prata, «Darro» (Liverpool)	1
Pará e Manaus «Hubert» (Liverpool)	2
Maranhão, Ceará, etc.. «Michael» (L.)	2

nhecimento de tal facto tenha levado o governo allemão a precipitar os acontecimentos.

A caracteristica das reformas levadas a cabo em 1910-1912 é a seguinte: a experiencia da guerra da Mandchuria ensinára que a mobilisação anterior era de natureza a provocar as maiores desordens.

O fim da reforma foi refundir toda a organisação regional, de modo a permittir que se chegasse ao seguinte resultado: tropas de cobertura foram amontoadas em quantidade sufficiente (9 corpos d'exercito) a permittir defender a fronteira contra uma offensiva combinada das forças austro-allemãs, e a evitar uma linha interrupta, projectando demasiado para a frente as tropas da Polonia expostas a um ataque de flanco pela Prussia Oriental.

General Auffenberg

O centro d'essas tropas de cobertura foi recuado para detraz do Vistula, ao passo que a invasão da Prussia oriental devia permittir que se dispuzesse d'uma linha quer offensiva, quer defensiva, em linha recta.

No interior, constituia-se, além d'isso, um poderoso exercito de reserva central, que podia ser transportado para qualquer das fronteiras: a polaca, a do Caucaso, a da Turquia, a da Persia, a da China, etc.

Essa reserva central era formada por sete corpos d'exercito.

Tal disposição seria perfeita se as linhas de caminho de ferro fossem em numero sufficiente para permittir uma rapida mobilisação dos exercitos russos, e, principalmente, um rapido abastecimento.

Muitas d'essas linhas, resolvidas d'accordo com o estado maior francez, foram concluidas ou começadas, mas toda a gente sabe que a densidade da rêde de caminhos de ferro no territorio allemão deu aos chefes dos exercitos allemães uma grande vantagem nas offensivas por massas que tentaram contra os exercitos russos.

As mais poderosas fortalezas russas, na fronteira occidental, são Kovno, na confluencia do Niemen e do Vilia, Novo-Georgiesk, na confluencia do Narewa e do Vistula, cobrindo Varsovia, Brest-Litovsk, sobre o Bug, reducto da defeza da Polonia, em frente da Galicia.

Todas as outras praças fortes, especialmente Varsovia e Ivangorod, são menos importantes.

A marinha russa, sob a alta direcção do almirante Grigorovitch, entrára egualmente no caminho d'uma completa reconstituição quando rebentou a guerra. Tinha sido resolvido proceder simultaneamente á constituição de duas esquadras: uma no Baltico, outra no mar Negro.

A armada russa devia contar dentro em vinte annos, a partir de 1910, 24 couraçados e 17 grandes torpedeiros. No momento em que a guerra foi declarada, esse plano começava a ser posto em execução.

O anno passado, a Russia tinha no Baltico uma armada de 8 couraçados, 7 cruzadores-couraçados e 83 contra-torpedeiros, 12 torpedeiros, 14 submarinos.

Dos couraçados, quatro são dreadnoughts: o «Poltawa», «Petropo-

Finalmente, acceitou, em nome da grande familia slava, a velha lucta ancestral contra as tribus germanicas, emprehendeu alliviar os seus povos e a Europa da oppressão esmagadora da conquista pelo elemento allemão. E no dia em que tomou tal resolução—visto que lhe não restava outra—declarou, em conformidade com o voto tacito que tinha formado, «a liberdade da Polonia».

Pela triplice resolução: suppressão do alcool, guerra contra a Allemanha, autonomia da Polonia, o anno de 1914 dará, sem duvida, um alto caracter historico ao reinado de Nicolau II.

A historia antiga ensinava que se não póde dizer d'um principe se elle foi ou não feliz antes de ter chegado ao seu fim. Com o actual imperador, querendo estudal-o psychologicamente, apenas se poderá dizer que merece ser feliz, se os homens e os principes podem alguma vez ser felizes.

De estatura baixa, embora elegante, rosto delicado e nobre, muitas vezes illuminado por um sorriso de bondade, modos attrahentes e meigos, uma certa timidez acompanhada a maior parte das vezes por uma especie de indecisão e de modestia, Nicolau II não tem as caracteristicas da familia altiva dos Romanoff. A sua assombrosa parecença com seu primo, o rei Jorge de Inglaterra, torna-o mais parecido com os principes da casa da Dinamarca.

Tem uma intelligencia arguta e ponderada, gostos simples, amante da familia; concentrado, sabe occultar durante muito tempo uma impressão que, pouco a pouco, se transforma em projecto e em resolução que se manifesta bruscamente, como se tivesse receio de si mesmo antes de se produzir: é um sentimental, mas o sentimento ferido n'elle não perdôa. Segundo parece nunca se deixou dominar por nenhum dos seus conselheiros. Não tem validos. Censura-lhe isso.

Conta-se a scena de ruptura, o choque dado entre a sua vontade branda e a vontade rude do conde Witte. Depois de Mukden, o joven soberano sahiu do seu silencio habitual para censurar, em pleno conselho, aos seus ministros o occultarem-lhe a verdade. Ao ouvir essa censura, Witte levantou-se e olhou o imperador de frente:

«Sire, ha uma conclusão a tirar das palavras que acabamos de ouvir: a demissão do ministerio. Apresento-a a Vossa Magestade».

O imperador respondeu:

«—Nunca tem senão esse argumento: o da sua demissão! Quando eu precisar d'ella, saber-lh'a-hei pedir».

E recahiu no seu silencio timido.

Nicolau II segue a doutrina que seu pae lhe legou. Este, quando se sentiu prestes a morrer, disse-lhe: «Sabe conservar-te firme nos principios fundamentaes do imperio». Essas palavras, constantemente recordadas pelos véus de luto da imperatriz mãe, nunca as esqueceu e foi, na medida do que tal lição auctorisava, que poude consentir nos sacrificios que os novos tempos e a razão d'Estado d'elle exigiam.

Sob estas apparencias reservadas, a sua sensibilidade é profunda; conserva uma longa recordação das horas tristes e das horas felizes. Raras vezes dá a sua palavra, mas, quando tal succede, cumpre o que promette.

A sua primeira visita a França deixou-lhe no coração uma recordação indelevel. Quando partiu, disse a alguem: «Não esquecerei!» E não esqueceu. Voltou annos depois. D'esta vez, esteve apenas em Compiègne. Entre os que se comprimiam em seu redor, viu a pessoa a quem assim falára, por occasião da sua primeira viagem. Approximou-se e disse-lhe: «Lamento que as circumstancias me não permittam ir a Paris, d'esta vez. Recorda-se do que lhe disse? A imperatriz e eu nunca esqueceremos».

E accrescentou:

«—Tudo nos encantou. Até mesmo os seus gaiatos de Paris, como é que os senhores lhes chamam? Ah! os «gavroches»... Tenho uma recordação nitida. Perto do palacio do Luxemburgo, quando o official que me acompanhava tinha sahido da carruagem, eu ficára sósinho no fundo do coupé; um d'esses gaiatos appro-

ximou-se da carruagem, olhou-me fitamente, reconheceu-me e disse: «Olha, é Nicolau!» E gritou: «Pois bem, viva Nicolau!» Fiquei encantado, porque tambem eu tivera o meu successo bem parisiense».

Como a maior parte dos soberanos da Europa, nunca teve real sympathia por seu ruidoso primo o imperador Guilherme; basta vêl-os um junto do outro, em qualquer cerimonia da côrte, para se notar quão refractarias são as duas naturezas e para distinguir de que lado está a finura, a delicadeza, o tacto.

Os modos protectores, o tom familiar de Guilherme para com «Nicky», o modo de o chamar, um aperto de mão demasiado forte e d'algum modo ostentoso, o quer que seja que pretende fazer dizer ás coisas do protocollo muito mais do que ellas contéem, tudo isso incommoda e embaraça o timido primo, que se faz pequeno, se cala... e se lembra.

A troca de telegrammas entre os soberanos nas ultimas horas que precederam a guerra basta para revelar os dois caracteres: um procurando fazer o bem, outro ter as primeiras vantagens.

As publicações officiaes allemãs tiveram o cuidado de não inserir o telegramma tão curto e tão commovedor em que o imperador Nicolau pedia que o litigio fôsse submettido á conferencia da Haya.

Esse telegramma era assim concebido:

«Obrigado pelo teu telegramma conciliador e amigavel. Attendendo a que a mensagem official hoje apresentada pelo teu embaixador ao meu ministro era concebida em termos muito differentes, peço-te que me expliques essa differença. Seria justo submetter o problema austro-servio á conferencia da Haya. Tenho confiança na tua prudencia e na tua amizade.

«Nicolau».

Tal proposta, além de indicar uma solução, se tivesse sido acceite na intenção em que era proposta, estava em conformidade com as iniciativas e os sentimentos do imperador Nicolau. Elle procurava a paz, o outro queria a guerra, e tanto que não respondeu.

A guerra era inevitavel e, visto que assim era, a Russia e o seu imperador acceitaram-na resolutamente e com todos os recursos militares de que podiam dispôr.

Apoz os desastres da guerra da Mandchuria, a Russia comprehendeu que era necessario reformar o seu exercito e a sua marinha, de modo a corresponder ás necessidades da guerra moderna e ás da defeza do immenso imperio.

O ministerio Stolypine metteu mãos á obra, e, juntando os seus esforços aos d'uma commissão da Duma, concebeu e executou uma obra verdadeiramente nacional. Constituiu-se uma commissão de Defeza Nacional sob a presidencia de Goutchkoff, presidente do grupo outubista, em que a maioria dos grandes partidos da Camara tiveram representantes. Foi, pois, de pleno accordo com os representantes da nação que as importantes reformas destinadas a refundir completamente o exercito e a marinha russos foram elaboradas.

No proprio ministerio essa reorganisação foi obra de dois ministros da guerra successivos, o general Rodiger, e, principalmente, o general Soukhomlinoff, general de cavallaria, antigo ajudante de campo do general Dragomiroff e chefe do estado maior general desde o mez de dezembro de 1908. Sobre o conjuncto da reforma velava a elevada competencia do futuro generalissimo, o gran-duque Nicolau Nicolaiévitch, e tambem a attenta vigilancia do proprio imperador.

Sem pormenorisar as leis de 1901 e de 1906, é sufficiente indicar as linhas geraes da actual lei fundamental, a de 23 de junho de 1912. Sendo a população total da Russia de 166 milhões de habitantes, todos os russos são obrigados ao serviço militar, excepto os membros do clero, os musulmanos do Caucaso, os habitantes de certos districtos da Asia central ou siberiana. Os cossacos são regidos por uma lei es-

pecial, de 1909. Sobre as bases dos calculos approximados habituaes, a Russia poderia pôr em pé de guerra quinze ou dezeseis milhões de homens.

De facto, o contingente da classe de 1910 elevou-se a 1.192.712 homens, além de 115.920 adiados das classes anteriores; são, pois, cêrca de 1.300.000 homens por anno. D'esse total, apenas foram incorporados 456.000 homens, nem metade sequer do contingente.

Ao sahirem do serviço activo, os homens passam para a reserva e ficam n'ella até completarem dezoito annos de serviço. São chamados pelo menos duas vezes, durante esse lapso de tempo, para periodos de exercicios de seis semanas cada um.

Ao fim dos dezoito annos, passam para a «opoltchénié» ou exercito territorial, onde ficam ainda dos 39 aos 43 annos.

Os cossacos teem ao todo dezoito annos de serviço, doze de effectividade activa, um terço dos quaes nas fileiras e os dois outros em suas casas, excepto no caso de levantamento em massa, em que todos os cossacos mobilisaveis teem de retomar o serviço.

A infantaria russa consta de tropas da guarda e de tropas de linha, 13 regimentos da guarda, um regimento de guardas de corpo a 4 batalhões e 4 regimentos de atiradores a 2 batalhões. A infantaria de linha, 16 regimentos de granadeiros a 4 batalhões e 208 regimentos de 4 companhias, egualmente a 4 batalhões; além d'isso, 106 regimentos de atiradores, geralmente a 2 batalhões. Total: 355 regimentos e 1.288 batalhões.

A infantaria russa está armada com a espingarda modelo 1891, de calibre 7 mil. e 62, utilisando um carregador de cinco cartuchos, e munida de baioneta. A cada regimento está adjunto um grupo de 2 a 4 metralhadoras Maxim.

A cavallaria comprehende a guarda e a cavallaria de linha. Na guarda, 4 regimentos de couraceiros, 2 de dragões, 2 de uhlanos, 2 de hussards, 4 regimentos de cossacos a 4 «sotnias». A cavallaria de linha comprehende 21 regimentos de dragões, 17 de uhlanos, 18 de hussards, 1 de tartaros da Criméa, todos a 6 esquadrões; além d'isso, 50 regimentos de cossacos, a maioria a 6 «sotnias». Ao todo, 122 regimentos com 739 esquadrões ou «sotnias», que, em tempo de guerra, podem ser elevados a 1.545 esquadrões. Estão armados de carabinas e espadas, tendo os cossacos e uhlanos lanças. Cada regimento de cavallaria tem um grupo de 6 metralhadoras.

A artilharia consta de: artilharia montada de campanha, 59 brigadas; artilharia a cavallo, 1 brigada e 25 grupos; artilharia pezada, 35 grupos a 2 baterias de morteiros e 7 grupos a 2 baterias pesadas propriamente ditas.

Total: 449 baterias de artilharia montada, 51 de montanha, 69 baterias a cavallo, 71 baterias de obuzes e 21 d'artilharia pezada, sem falar da artilharia de fortalezas.

A artilharia de campanha dispõe d'um canhão de tiro rapido, modelo 1902, muito superior ao que serviu na campanha da Mandchuria e que faz parte das baterias de montanha. A artilharia pezada está munida de morteiros e de canhões de 10,5 centimetros, que estavam sendo substituidos no momento em que rebentou a guerra. As munições para as differentes armas, e especialmente para a artilharia, são fornecidas pelas fabricas, quer do Estado, quer particulares, espalhadas pelo paiz.

A engenharia conta 40 batalhões, 11 batalhões de pontoneiros, 17 de tropas de caminhos de ferro, 16 companhias d'aerosteiros, 7 companhias de telegraphia sem fios e 1 companhia d'automobilistas. A engenharia das fortalezas comprehende um certo numero de secções d'esses differentes serviços e, em especial, estações de telegraphia sem fios e pombaes militares. Em tempo de guerra, ha 25 batalhões de equipagens.

Todas estas armas technicas, assim como a intendencia foram aperfeiçoadas por occasião da reorganisação do exercito, em 1910-1912. Mas, falando na generalidade, o conjuncto da reforma só devia estar concluido em 1915 e é possivel que o co-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1670 — 5.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 30 de Março de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

FRAQUEZA

E' inutil querermos illudir-nos suppondo que não ha em Hespanha uma corrente sempre disposta a manifestar-se contra a independencia de Portugal. Essa corrente é antiga. Formam-na os jaimistas, os reaccionarios, os catholicos intransigentes. Simplesmente ella nunca se manifesta senão em occasiões excepcionaes da nossa historia.

Não ha duvida tambem que outros orgãos da opinião exprimem sentimentos diversos. E' o que está actualmente succedendo com o incidente despertado pelo artigo do «Imparcial», que nós fomos os primeiros a commentar. Mas mesmo n'essa expressão encontram-se termos que ainda chocam o nosso espirito de independencia. Veja-se o que diz o «Diario Universal», orgão dos liberaes, hoje citado pelo «Seculo». Esse jornal só admitte a intervenção da Hespanha em Portugal quando se realisem determinadas condições. Essas condições são: accordo explicito e inequivoco com a Inglaterra; estado de anarchia prolongado no nosso paiz, appello dirigido á Hespanha pelos proprios portuguezes para os effeitos da intervenção.

A verdade é que o simples enunciado da possibilidade de tal intervenção nos fere profundamente nos nossos sentimentos mais intimos. Nós não reconhecemos a ninguem o direito de intervir na nossa casa, por uma combinação com uma nação estrangeira, ainda que ella seja a que mais prezemos; não admittimos que, mesmo que chegassemos a um estado de anarchia, alguem se substituisse a nós proprios para a remediar; não admittimos que se exprima sequer a hypothese de que nós proprios, portuguezes, commettessemos a infamia de reclamar o auxilio do estrangeiro, para elle nos tutelar.

Entretanto, como já outro dia o accentuámos, o que é significativo é que, tendo já nós tido algumas perturbações internas, tendo tido que resistir a revoltas monarchicas ou que reprimir desmandos de outros elementos, só agora, quando Portugal está governado por uma dictadura militar que se propõe zelar a ordem e tranquillisar nacionaes e estrangeiros, é que se fala em intervenção da Hespanha no nosso paiz a pretexto da imminencia de uma situação anarchica.

Que prova isto senão que não basta que o governo do sr. general Pimenta de Castro envie para os jornaes notas officiosas assegurando-nos as boas intenções do governo hespanhol? A verdade é que a maneira de tranquillisar o espirito publico portuguez, que já viu desapparecer, estrangulada por este mesmo governo, a Constituição da Republica, e que vê despontar, no horisonte, a ameaça da perda da sua independencia, não é outra senão a do governo affirmar com actos, e não com palavras, a sua intenção de desapparecer o mais depressa possivel, levando consigo a mancha da dictadura, o exemplo que devem permittir o immediato restabelecimento da normalidade republicana.

O que é preciso é que o governo da dictadura faça essas eleições, não com o proposito de affrontar ou eliminar nenhum partido da Republica, mas sim com a imparcialidade que lhe cumpre manter e que será a sua unica justificação para presidir a esse acto.

Nada de perseguições, nada de violencias, nada de enxovalhos, nada de arrogancias de força, lamentavelmente descabidas quando se trata das pacificas luctas legaes em que a sociedade demonstra as suas virtudes civicas. Nada de applauso, incitamento ou impunidade para uma irreprimivel opinião publica que só se manifesta quando os que combatem a dictadura são meia duzia de cidadãos reunidos n'uma pequena sala para ouvir conferencias, mais doutrinarias do que politicas; e que, perante imponentes assembleias como o congresso do partido democratico que hontem findou, e no qual mais de 1:400 pessoas increparam violentamente a dictadura, não apparece, não se manifesta, não ousa o mais pequeno gesto de protesto!

Se o governo não tomar uma attitude diversa da que tem tomado até agora, e que sem documentar a sua força só revelou a sua violencia, a atmosphera internacional não se desanuviará. Ha modos de governar que já não são licitos no nosso tempo, e por isso mesmo quando elles surgem, arrogantemente, querendo significar poderio, força, auctoridade, prestigio, só demonstram perigosas situações de fraqueza perante as quaes as ambições estrangeiras não tardam a manifestar-se.

Portugal e a guerra

Um manifesto dos portuguezes residentes em Paris

Em França foi largamente distribuido um manifesto dos portuguezes residentes em Paris, no qual se pede a immediata intervenção de Portugal nos campos de batalha ao lado dos alliados. Esse documento, em que se revela um acendrado patriotismo, é concebido nos seguintes termos:

Os abaixo assignados, portuguezes residentes em Paris, conscios dos mais immediatos e grandes interesses da grande latinidade, deploram que o seu paiz continue a assistir como simples espectador ao duelo formidavel que põe frente a frente os alliados, representando a mais alta cultura e a mais nobre civilisação, e a barbaria austro-germano-turca.

A França lucta pelo direito das nacionalidades e pela liberdade dos povos e ao lado da França, sempre generosa, está a poderosa Inglaterra, á qual Portugal está ligado por tratados trez vezes seculares.

Reclamamos para a nossa patria um logar de honra n'esta lucta gloriosa para o futuro da nossa raça.

A continuação de uma neutralidade absurda e que pode acabar por nos crear uma triste situação perante os heroes que combatem pela gloria immortal do genio creador da raça latina seria um insulto á nossa historia.

Combatemos os allemães que nos atacaram nas colonias de Africa, e devemos agora combatel-os na Europa, na linha que se estende do Ypres aos Vosges.

E' o nosso dever, como é nosso interesse moral e material.

Os membros das colonias italiana, romaica e grega de Paris dirigiram a Roma, a Bucarest e a Athenas palavras corajosas e altivas, fazendo um appello patriotico em favor de uma urgente intervenção.

Nós, portuguezes residentes em Paris, seguindo o exemplo dos nossos irmãos pela raça, queremos lembrar a todos aquelles que em Portugal collocam a honra da patria acima das questões politicas a hora da intervenção soou, porque só chegou ao instante decisivo em que o equivoco deve acabar.

Pela honra, pelo futuro e pela gloria de Portugal sandamos a proxima confraternisação nos campos de batalha do exercito portuguez e do exercito alliado.

Viva a união dos latinos e dos civilisados contra os incendiarios de Louvain e de Reims!

Viva a liberdade das nacionalidades contra a destruição absoluta do imperialismo militar prussiano!

(aa) Pelo grupo dos voluntarios portuguezes na guerra, Arthur de Oliveira e Valença; pelos amigos de Camões, Camillo Pires; pela Sociedade dos Estudos Portuguezes, Xavier de Carvalho; Affonso Ferraz, Francisco de Moraes, Alfredo de Amorim Pessoa, Valentim Gomes, Armando Bastos, Armando Barradas, Victor de Amorim Pessoa, Joaquim Segurado, Manuel Guerreiro, Francisco José Trindade, Manuel de Amorim Pessoa, Francisco Smith, Antonio Baptista dos Santos, Raphael de Carvalho, Gualdino Reys.

A carta do tenente Oscar Monteiro Torres

A carta do illustre official, traduzida em francez e inglez, vae ser largamente distribuida no estrangeiro, onde a attitude do brioso militar tem produzido enorme sensação, pois aclara os pontos obscuros da politica interna dirigida pela intriga jesuitico-allemã.

LITTERATURA DE MANICOMIO

OS POETAS DO "ORPHEU,,

foram já scientificamente estudados por Julio Dantas, ha 15 annos, ao occupar-se dos «artistas» de Rilhafolles

Casos de paranoia — Tem a palavra o sr. Julio de Mattos!

Orpheu é uma «revista trimestral de litteratura», destinada a Portugal e Brazil e de que veiu agora a lume o primeiro numero, correspondente a janeiro, fevereiro e março. As 83 paginas da revista, impressa em excellente papel e tipo elegante, abrem por uma «introducção» de Luiz de Montalvor, em que se pretende definir os intuitos da obra a que metteu hombros um grupo de jovens que com frequencia se topam ahi por alguns cafés da Baixa.

Segundo a mencionada introducção, *Orpheu* «é um exilio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento» e a pretenção dos seus fundadores «é formar, em grupo ou ideia, um numero escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este principio aristocratico tenham em *Orpheu* o seu ideal esoterico e bem nosso de nos sentirmos e conhecermo-nos.» A sua obra consideram-na esses suppostos litteratos uma coisa de rara belleza absolutamente nova. No fundo, porém, é tudo velho, como podem dizel-o os psichiatras que no *Orpheu* teem abundante materia de estudo.

Os poetas e os prosadores aggremiados agora na revista de que vamos reproduzir ao acaso algumas amostras parece que tomam muito a serio a sua missão e reputam as suas producções como a ultima palavra da arte. Os nephelibatas ou decadentes que ahi surgiram, tendo por pontifice maximo Eugenio de Castro, foram uns admiraveis chuchadores em cuja sinceridade ninguem acreditou e que nas suas estravagantes composições não conseguiram, alguns d'elles, occultar o seu bello talento, já anteriormente demonstrado em trabalhos de merito. Os collaboradores do *Orpheu* nunca se revelaram como litteratos senão em manifestações identicas ás que enchem as paginas da revista, e d'ahi o não ser possivel ajuizar do seu real valor. O que se conclue da leitura dos chamados poemas subscriptos por Mario de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho, Alvaro de Campos e outros é que elles pertencem a uma cathegoria de individuos que a sciencia definiu e classificou dentro dos manicomios, mas que podem sem maior perigo andar fóra d'elles...

Occupando-se, ha quinze annos, dos *Pintores e poetas de Rilhafolles*, Julio Dantas fornecia-nos já todas as caracteristicas do estado mental d'esses moços litteratos que hoje ahi surgem arvorando o *Orpheu* como estandarte. A chromophilia, o simbolo, a allegoria, o neologismo, o egocentrismo, a autophilia, a «linguagem de malhas perdidas, fragmentaria, desconchavada, cheia de lacunas correspondentes a palavras, phrases ou pensamentos inteiros que não tiveram tempo de fixar-se, gafa de vocabulos e detrictos sillabicos reunidos por simples aliterações ou consonancias, ferida, emfim, da incoherencia mais desastrosa e tomando a feição de uma algaravia ás vezes brilhante, mas sempre grotesca e tumultuaria» — tudo isso que assignala a arte do paranoico litterato se depara nas producções dos individuos acima citados e nas de outros que collaboram com elles.

Julio Dantas escreveu que «na idiotia intellectual, na imbecilidade, a incoherencia vem pela reunião ou pela incrustação de vocabulos ou phrases segundo um criterio de maior riqueza chromica ou musical, ordinariamente colhidos na obra alheia, succedendo-se n'um rithmo unctuoso e embalador, e onde nem por milagre se enxerga a sombra de uma ideia».

Correntemente, eis o que se verifica na obra dos jovens do *Orpheu*, alguns dos quaes talvez tenham ideias, mas tão singulares que só confirmam o seu desvio vesanico. Vae o leitor ter ensejo de notal-o nos trechos que em seguida inserimos, convindo accentuar que um dos *paulicos* (alcunha posta nos cafés aos litteratos do *Orpheu*), o sr. Alvaro de Campos, se affasta n'uma das suas composições, a *Ode triunfal*, dos processos dos seus camaradas e canta as coisas menos delicadas e menos poeticas dos nossos tempos em espantosas expressões verbaes por vezes pornographicas...

***

Final da poesia *Nossa Senhora de Paris*, de Mario de Sá-Carneiro:

Os meus sentidos a escorrem-se...
Altares e vellas...
Orgulho... Estrellas...
Vitraes... Vitraes...
Flores de liz...
Manchas de côr a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
—Nossa Senhora de Paris!...

Do mesmo auctor:

As mezas do café endoideceram feitas ar...
Cahiu-me agora um braço... Olha, lá vae elle a valsar
Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...
(Subo por mim acima como por uma escada de corda,
E a minha ansia é um trapezio escangalhado...)

Da *Distante melodia*, tambem de Mario de Sá-Carneiro:

N'um sonho de Iris, morto a oiro e braza,
Vem-me lembranças d'outro Tempo azul
Que me oscilava entre veus de tul,
Um tempo esguio e leve, um tempo aza.

Cahia Ouro se pensava Estrellas,
O luar batia sobre o meu alhear-me...
Noites lagoas, como ereis bellas
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Balaustres de som, arcos de amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume,
Dominio inexprimivel d'Opio e lume
Que nunca mais, em côr, hei de habitar...

Ainda do mesmo poeta esta quadra:

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermedio:
Pilar da ponte do tedio
Que vae de mim para o Outro.

Eis os tercetos d'um soneto de Mario de Sá-Carneiro, que é quasi um chefe de escola:

Desci de mim. Dobrei o manto d'Astro,
Quebrei a taça de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ansia... Luz-perdão... Orquideas pranto...

O' pantanos de Mim—jardim estagnado...

O poeta Alvaro de Campos, que se confessa morphinomano, n'uma longa poesia das mais comprehensiveis e que se intitula *Opiario*, fornece-nos interessantes notas autobiographicas:

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, canfora na aurora.

Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escossia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avesinha que anda
Pedindo esmola ás portas da Alegria...

Se ao menos eu por fóra fosse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstron, cada vez mais pro centro.

Não fazer nada é a minha perdição!

Estes versos são dos mais claros e até dos mais prosaicos do *Orpheu*. Com effeito, o sr. Alvaro de Campos distancia-se em muito dos confrades e a sua authentica paranoia, em que a influencia do chamado futurismo é evidente, tem aspectos diversos, tão dignos de estudo como a dos outros. Na *Ode triunfal* escreve elle:

Mettam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masóquismo atravez de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu barulho!.

E n'outro ponto:

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.
Içam-me em todos os caes.
Giro dentro das helices de todos os navios
Eia! eia-hô! Eia!
Eia! sou o calor mecanico e a electricidade!

Tem a palavra o sr. dr. Julio de Mattos.

Migalhas

Semana Santa

Ao que me diz uma velha da visinhança, grande corredora do *lausperennes* e novenas, a Semana Santa vae ter este anno um brilho desusado. Os templos vão regorgitar de fieis e as solemnidades vão ser de estrondo e *rechupete*, como só ha na zarzuela.

Não sei bem que differença faz este anno dos anteriores para motivar este recrudescimento de fé religiosa. Não me consta que no anno passado ou no outro as egrejas estivessem fechadas ou que alguem se oppuzesse a que as devotas lá fossem acompanhar o Christo na sua dolorosa perigrinação ao Calvario. Sei d'uma pessoa que não alterou em coisa alguma o seu menú religioso n'estes cinco annos de Republica. Tinha o habito de papar a sua missinha todos os dias, confessar-se e commungar todos os domingos e seguir com pontualidade o Santissimo nos seus passeios pelas freguezias alfacinhas. Pois essa sympathica senhora da minha estima tem continuado a ouvir as missas que quiz e commungado as vezes que lhe apeteceu.

Dizer que a religião anda perseguida porque o Estado se separou monetariamente da Religião e cortou os varios subsidios, alguns d'elles chorudos, que os padres recebiam para, anafadamente, virem cumprindo uma missão, que devo ser de fé e de sacrificio, acho que é deslocar a questão. Dispensar a congrua nos abbades, estabelecer o registo civil, serão medidas que affectam o pé de meia dos que vivem de explorar por tabella fixa a fé dos seus contemporaneos; mas não me consta que possam ser considerados como ataques á religião em si. No Brazil o Estado ignora que existe a religião catholica, como lhe é indifferente que se professe o budhismo ou o culto de Zoroastro e isso não impede que haja egrejas christãs em quantidade.

Simplesmente são os crentes que as alimentam e estão no seu incontestavel direito, como eu estou no de pagar quota de qualquer club que me divirta ou de qualquer associação onde encontre proveito.

A historia, que se conta, de gentes mal intencionadas que projectavam chacinas á porta dos templos, é uma historia da carôchinha, como tantas outras e o que se pretende fazer este anno não é, afinal, senão mais uma politiquice.

André Brun

Os allemães e a defeza dos Dardanellos

CONSTANTINOPLA, 29. — Um *irade* decreta que as forças dos Dardanellos sejam collocadas sob o commando de Leman von Sanders. — (*Havas*).

NOTA POLITICA

O CONGRESSO DEMOCRATICO

foi uma affirmação de vitalidade que deve resultar em proveito da Republica

A ida ás urnas—As saudações ao exercito e á armada

O congresso democratico constituiu uma eloquente affirmação da vitalidade d'esse partido. N'elle tomaram parte cerca de 1.500 congressistas, representantes de tantos outros nucleos de força partidaria espalhados por todo o paiz, e isso basta para se ajuizar da sua importancia.

Sobre a questão politica predominou a corrente dos que desejam, em principio, a lucta no terreno eleitoral. De tal modo ella se impoz desde a primeira hora em que o debate se levantou, que os congressistas que iam dispostos a defender a theoria da abstenção ou a aconselhar uma attitude de simples espectativa no momento actual depressa se deixaram convencer pelos argumentos dos seus correligionarios que sustentaram opinião contraria.

O partido quer ir á urna porque tem a consciencia da sua força, porque sabe que, sejam quaes forem os processos postos em pratica para a diminuir, a sua representação parlamentar hade ser verdadeiramente consideravel. Era essa, pelo menos, a impressão que deixavam as palavras enthusiasticas proferidas no congresso, não só pelos dirigentes do partido como pelos seus membros de condição mais humilde, vindos de longe para affirmar a sua solidariedade commum, a sua fé, a confiança no seu esforço.

Ha quem entenda que essa deliberação da concorrencia ás urnas equivale a passar-se um bill de indemnidade á dictadura, mas a questão foi posta no congresso com tal clareza que só não a comprehendem aquelles que não quizerem comprehendel-a. Quem tem competencia para decidir da constitucionalidade ou inconstitucionalidade dos decretos do poder executivo é o poder judicial. Pode qualquer partido entender que este ou aquelle decreto infringiu as disposições constitucionaes, mas tem de submetter-se ás decisões d'aquelle poder. Proceder de modo contrario seria desrespeitar a propria Constituição, porque é ella quem attribue á magistratura aquellas funcções. Assim, o congresso não podia pronunciar-se pela theoria abstencionista desde que ainda não conhecia as resoluções do poder judicial, que vae ser chamado a pronunciar-se sobre a validade do decreto eleitoral d'este governo.

Mesmo que assim não fôsse, ou admittindo antes que os magistrados julgam valido o decreto, nem por isso o partido democratico ficará inhibido de concorrer ás urnas. Protestando contra a dictadura, usará dos direitos que ella concede, tanto mais que se trata de obter a decisão do supremo arbitro: o paiz. Identica attitude seguia o partido republicano no tempo da monarchia, acceitando a lucta eleitoral com leis que os seus adversarios faziam propositadamente para sufocarem a vontade da nação.

Ainda no tempo da monarchia, os deputados republicanos eram obrigados a prestar juramento de fidelidade ao rei e á carta constitucional. E prestavam-n'o, pois bem sabiam que o cumprimento d'essa formula era necessario para o exercicio do um direito, nunca ninguem se lembrando de dizer que isso representava... um bill de indemnidade passado á monarchia.

Outra nota das sessões do congresso que é justo pôr em destaque é o calor das saudações feitas ao exercito e á armada. Sentia-se que o mais alto enthusiasmo patriotico vibrava arrebatadamente n'aquellas saudações. Foram as mais sinceras, as mais vehementes de todo o congresso.

Estas affirmações de vitalidade partidaria só podem resultar em proveito da Republica. Demonstra-se, ao contrario do que dizem os monarchicos e até alguns republicanos pessimistas, que a dedicação e a energia do povo se manteem com firmeza ao lado da Republica. Certamente, os democraticos teem commettido erros, e alguns d'elles foram apontados e combatidos nas columnas d'este jornal; mas é de esperar que as violencias e perseguições com que se procura agora exterminal-os sirvam apenas para os robustecer como partido de governo, depurando-o ao mesmo tempo dos elementos que muitas vezes prejudicaram, entorpeceram e des prestigiaram a sua acção.

"PATHÉ JORNAL,,

Votos? Uma illusão!

Os monarchicos, ainda que d'elles disponham, não irão ao Parlamento—O chefe do governo não deixa

1.º quadro

E haver uma folhinha, um *Borda d'Agua* adivinhão, que nos diz quando a primavera chega e o inverno acaba! Troça, evidentemente, o da mais descarada. A primavera, este anno, não começa nunca, e o inverno, para nos fazer pirraça e as madamas que não podem estreiar os seus lindos chapeus floridos, pequeninas toucas adornadas de rosas vermelhas, não acaba mais. Irra com tanta chuva, sobretudo porque o tempo molhado obriga os politicos a não se mostrarem, com medo do rheumatismo, deixando-se ficar não sabe a gente por onde, condemnando-nos cruelmente a uma mais que cruel abstinencia de noticias respeitaveis. Ha até quem diga que foi por não gostar do molho da chuva, quando era novo e *pé-fresco*, que o sr. Alpoim apanhou aquella data de gota com que, ha uma boa duzia de annos, anda a seringar-nos rabugentissimamente...

Pois é assim mesmo... A Arcada surgiu-me hoje de pessima carantonha. Agreste, agressiva, mal encarada, não me interessou quasi nada e tão mal me tratou que não tivo remedio senão ir procurar n'outros sitios aquillo de que necessitava—material proprio para este pequenino prato que todos os dias, com o auxilio dos amigos bisbilhoteiros, te forneço, carissimo leitor. Na rua do Oiro, encolhido sob um vasto guarda chuva, encontro o primeiro alvigareiro. E' democratico e é falador. A segunda qualidade é a que mais me interessa. Conversamos.

—Então que me diz do congresso?

—Bom, excellente mesmo, como affirmação de vida partidaria.

—E as eleições?

—Contamos vencel-as. Os nossos adversarios não sabem com quem li-

Folhetim d'A CAPITAL 30-3-1915

O Maxixe

Impressões do Rio de Janeiro.

Data de dez ou doze annos a apparição do maxixe em Portugal. Logo se tornou a dança favorita dos bailes de mascaras, a tal ponto que, bem podia[illegible] da dança, a fau[illegible] stitue o po[illegible] diverti- laria[illegible] tudo: —[illegible] até [illegible] do por imoral, sem que o Pão de Assucar declarasse guerra ás margens do Danubio. Esse maxixe—*la matchiche*, como ainda hoje dizem os catalogos de musica, era uma acrobacia adoptada da mais livre phantasia, numero de circo ou de *music-hall* e lembro-me ainda da furia de José Cordeiro, voltando de Paris e contando que tivera de mostrar na Abbadia de thelême o que era o maxixe *aquelles barbaros*. O maxixe, fóra do Brazil, é como o nosso fado fóra de Portugal. Para o entender é preciso atravessar o grande charco e ir *vêl-o* nos seus templos, dançado pelos seus sacerdotes: os «carnavalescos» dos grandes clubs cariocas.

***

Mal tinha posto o pé na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, um official de um dos batalhões de cavallaria da policia apresentou-me ao seu coronel. Este era um official de prestigio na capital brazileira, militar de tempera, e o seu batalhão era modelar. Convidando-me a visitar o seu quartel, não posso esquecer que, depois de ter promettido fazer-me assistir ao volteio dos recrutas e á instrucção de ar livre, elle acrescentou desvanecido:

—E ha de ouvir tambem a minha banda tocar o *Vem cá, mulata*...

Esse *Vem cá, mulata*, musica original—salvo erro—de Paulino de Sacramento, é um maxixe caracteristico, *maxixão-maxixe-macho*, que o Club dos Democraticos adoptou ha annos como hymno e não ha *moleque* do Rio que ainda hoje não trauteie a proposito ou desproposito:

—*Vem cá, mulata...*
—*Não vou lá, não.*

O *Vem cá, mulata* tem figurado em trinta peças. Ainda hoje se canta no ultimo quadro do *Fado e maxixe* e confesso que da visita ao quartel dos meus camaradas cariocas, se muito me interessaram os prodigios do volteio e a perfeita ordenança da instrucção, a maior impressão me provocou de quando ouvi a banda tocar o promettido maxixe. Musica singular e suggestiva, composta em regras bizarras de harmonia, tem em si um mundo novo de sensações musicaes. Depois, como é tocada, santo Deus!... Por um pouco a caserna não se pôz a dançar. Os officiaes sorriam, bamboleando a cabeça, os soldados só pela disciplina não *quebravam* n'um *remeleixo* doido e os proprios cavallinhos do Rio Grande do Sul, baixinhos de *varnas* e bem fornidos de cauda, relinchavam de prazer, saracoteando as garupas.

***

Deixou-me uma grande impressão, como disse, esse primeiro contacto com o verdadeiro maxixe; mas, como a musica de Wagner, elle carece de varias audições para se fazer entender completamente.

Uma bella tarde, trazem-me um convite para um baile nos *Tenentes do Diabo*. Ao chegar á porta, estonteado pela illuminação da fachada e ensurdecido pelos charamellas que me recebiam no portal, fui subindo a escadaria. No primeiro patamar parei. Tinha a impressão que, em cima, que cada qual respondendo ao seu instrumento se tinham posto a tocar trechos diversos. Cheguei á vasta sala, onde dançavam cento e cincoenta pares e foi então que, *vendo*, ouvi o *Maxixe*. Ha uma tal variedade de contratempos, distribuidos ás caixas de rufo, aos tambores, ao bombo aos pratos, a certos instrumentos de metal, que outros de subito, surprehendem como uma cacofonia horrorosa. O movimento da dança é que nos faz apanhar o rithmo da musica e quando, de posse d'elle, ella, por sua vez, se apodéra de nós, confesso que, a não ser paralitico total, é muito difficil conservar o aprumo. O maxixe encarna bem certos aspectos do caracter d'aquelle povo, d'essa alma collectiva carregada de influencias ancestraes, mixta de indolencias e de arrebatamentos, simples até á puerilidade, violenta até ao furor, amorosa e lasciva, indo nas gradações da paixão desde a pieguice futil ás mais insensatas soffreguidões.

E' bem uma dança nacional, que se não exporta, que não pode ter o verdadeiro sabor senão alli, como certas aguas que carecem de ser bebidas na nascente e logo se turvam e decompõem mal o ar lhes toca.

***

N'essa festa dos *Tenentes*, n'outra a que assisti nos *Fenianos* e nos *Democraticos*, onde recebi o classico baptismo dos «carnavalescos», observei muitos typos de bailarinos e, devo dizer, vi em todos um fervor quasi religioso. Eram sacerdotes de um rito exotico e, ao contrario dos servos das outras religiões, que não crêem quasi nunca nas doutrinas que negociam, os bailadores de maxixe tomam-o a serio e manteem a tradição com um carinho e um enthusiasmo de primeiros crentes.

Pelas suas evoluções e contorsões, o maxixe pode prestar-se, em paizes estranhos, a pretexto de certa lascivia. No Brazil vi pares estreitados com violencia, collados os troncos, unidos os peitos, entesouradas as pernas e não encontrei no *rictus* das faces senão o cançaço. Vi verdadeiros artistas *maxixeiros* de medalha ao peito, heroes de concursos e triumphadores de academias de dança, passarem, n'uma volta de maxixe, dos passos mais classicos ás phantasias mais modernas, irem do *meudinho* gracioso ás extravagancias do *baião cahido*, e nunca verifiquei que os bailarinos puzessem na execução das *figuras* da sua dança outra intenção mais do que o interesse que lhes merecia o que estavam dançando. O par é um complemento, uma mola da engrenagem... Nada mais.

Observei sobretudo curiosos typos de bailarinos extravagantes: sujeitos de cabellos grisalhos, mulheres de uma corpolencia a roçar pela obesidade, creaturas, emfim, que mais pareciam destinadas a figurar na galeria, tomarem-se impavidas na roda da dança e que mesmo cessasse o fogo prestes a recomeçar durante os compassos que é da praxe que se repitam fim de cada maxixe. E todos dançam com egual vontade, gordos e magros, velhos e novos, como quem cumpre um dever sagrado e respeitavel.

O maxixe é contagioso. Nunca esquecerei que, n'uma festa dos Democraticos, tendo sahido um pouco da sala de danças, onde o calor era asphixiante, passei a um buffete, installado na retaguarda da casa, a fim de tomar um gelado um pouco do ar. Cheguei á janella, que dava para uma rua estreita. Defronte, um sobrado de um predio pequeno tinha as vidraças escancaradas e ao som da musica do grande *club* carioca toda a familia da casa chamada e chamára sem duvida alguns visinhos. Dançavam dois ou trez pares de gente moça, dançavam os cheios de familia, um mulato de carapinha branca e uma *mamãe* dos seus cento e vinte kilos... Dançavam tambem—oh! o por democratico do maxixe!—a cosinheira bahiana com o *moleque* da compras e até no [illegible] um candieiro de suspensão se balouçava doidamente Era a sua maneira de dançar, coitado!

André Brun.

dam. Serão implacavelmente derrotados.

—Bravo! Gosto de o vêr assim optimista!

—Que quer! Ninguem é optimista ou pessimista por capricho. As circumstancias é que nos obrigam a ser uma ou outra coisa. Ora, pelo que nos importa a nós, democraticos, n'este instante nada temos que temer. E' como lho digo...

Vem uma bátega d'agua mais forte, o meu alvigareiro palrador safa-se com mêdo da *grippe* e o *film* interrompe-se. Alguns minutos de descanço apenas. Como é doce, afinal, repoisar!

2.º quadro

Cavalheiro solemne, que chega, cumprimenta com inexcedivel cortezia e inquire dos circumstantes, todos pessoas de cathegoria, «o que ha de novo». O homem vem apprehensivo, retrahido, quasi mal humorado. E' um monarchico. Miguelista, manuelista? Uma coisa e outra. Confia na restauração? Bem pouco...

—Quem será o futuro rei?—perguntam-lhe com ares ironicos que amortecem um pouco a sua irritavel misantropia. D. Miguel, D. Manuel?

—Sei lá! Talvez nenhum d'elles! E' a solução.

—Homem, v. parece que adheriu...

—Ao sr. José d'Azevedo? Nunca!

—E ao sr. Pinto Coelho?

—Ainda menos!...

Mais uns minutos de silencio. E' afflictivo, isto. Esta silenciosa creatura tem, seguramente, coisas varias para dizer. E' o que acontece com todos os que falam pouco. Olham-nos intrigados. As linguas desentaramelam-se. Agora fala-se demais. Attrahiu a um *guêt-apens* inoffensivo o tal monarchico convicto—um sebastianista dos quatro costados.

—E as eleições? Muitos correligionarios seus em S. Bento?

—Não me fale n'isso! E' a minha corda sensivel! As eleições são o meu pesadelo. Se soubesse! E' horrivel, affirmo-lh'o. E nós que o tinhamos em tão boa conta!

—A quem?

—Ora essa, a elle, ao general! Pois a quem havia de ser? Mas roeu-nos a corda e não nos enforcará só se não puder!

—V. deliro, meu pobre visionario tradicionalista! O general é pessoa compassiva. Podem contar com elle. Não seja injusto com aquelle de quem dependem todos os nossos ignotos e humildes destinos.

—Injusto? Pois não sabe o que por ahi vae? Os monarchicos pensam disputar as eleições em muitos circulos. Quezem luctar armados com essa arca... deante do qual não ha nada que resista o que se chama o voto. E' uma aspiração justa, não é verdade?

—Justa e necessaria!

—Pois bem! O general não o entendo assim. Elle não tem só a phobia do sr. Affonso Costa e dos seus amigos. Tem tambem a de D. Manuel. Eis o que o desvaira e o leva a preparar-se para commetter verdadeiras arbitrariedades...

Novo silencio. Este cavalheiro tem o condão de saber preparar as grandes situações sensacionaes. Quando se vê prestes a dizer tudo, cala-se. Até dá vontade de se lhe applicar um bom murro no alto da cabeça para lhe fazer estender, pela bocca fóra, uma rubra lingua de palmo e meio.

3.º quadro

Não ha mutação de scena. As personagens são as mesmas. O meu taciturno amigo principia a abrir-se em confidencias interessantes e serenas. Rejubilo.

—Ora ainda bem!—exclamo satisfeitissimo.

—Não cante victoria e oiça. O general tem pelos monarchicos o mais absoluto desprezo. Garanto-lh'o. Não lhe merecerão os republicanos uma estima por ahi além? Concordo. Mas a zanga que olle nos vota é tremenda...

—Ninguem o diria...

—Pois não. E', porém, assim. E isso leva-o a não desejar que o nosso exito perante as urnas seja como nós queremos e como desejariamos que fosse. Sim, porque em grande numero de circulos, a victoria está-nos assegurada... V. ri-se? Pois não ria. Sei bem o que pomos contar.

Duvido. Entretanto, se isso lhe dá prazer, acredito...

—Ha dias, alguem falou com o general sobre a lucta eleitoral. E sabe o que elle disse? Ah! meu amigo, como os homens nos illudem! O Pimenta de Castro affirmou a esse alguem que monarchicos no Parlamento os queria só para amostra! Dois ou trez quando muito.

—E só dous ou mais?

—Tambem para isso o general tem remedio. Já o disse e em tom de que não é possivel duvidar. Se tivermos votos para mais, o general fal-os-ha desapparecer. Tal e qual como nos tempos antigos...

—Ora ainda bem que confessa...

—O quê?

—Que no tempo antigo tanto valia ter votos como estar a dormir. Vencia quem o governo deixava vencer.

—A triste verdade, amigo. Para que occultal-o?

Estrego as mãos de contente. A... ficticia é de primeira ordem. E os agentes... D. Manuel a pouco... um que o sr. Pimenta de Castro seria o seu melhor cidadão, como diz o sr. Camacho. A final, será o sr. ... Pimenta feroz, para ... permittir que ... em S. Bento se ... a clamar pela restauração d'um ... desacreditado as mesmas ... quatro dos 14 tinham logar ... [illegible]

4.º quadro

O céu abre-se n'uma nesga clara d'azul, e o sol, florindo em ondas de luz, enche d'alegria toda a Baixa soturna das interminaveis horas de invernia. Vou-me por alli a baixo distrahido, indifferente, olhando para as montras enfeitadas, espreitando, pela fimbria discreta das *encourtées*, os tornosellos finos que deslisam deante de mim como se fossem de ligeiras garças fugidias. E chego á Arcada. Era fatal. O meu informador habitual aproveitou tambem esta aberta de bom tempo e não faltou. Vejo-o caminhar para mim, de braços abertos.

—Ainda bem que resuscitou! Já tinha agoirado mal da sua ausencia...

—*Gralia tanta*, amigo! E o que me diz?

—Ora, o que hei de dizer-lhe?... Que os monarchicos estão furiosos, que não se entendem, que dizem do general commandante do governo bichos e lagartos. E' o que para ahi corre. E' o que consta...

—Mas porquê?

—Elles o dizem. Julgavam os partidarios do regimen deposto que tinham no governo um amparo forte a proteger-lhes as candidaturas. Engano. O governo o que quer são candidaturas suas e só suas. Mais nada. Monarchicos ha de, certamente, fazel-os eleger. Mas com outro rotulo. Assim é que dá certo.

—E ha já muitos candidatos escolhidos?

—Bastantes. O Guilherme Moreira é o cozinheiro do opiparo banquete eleitoral. Ha já postos innumeros talheres. Os convivas é que não comparecerão, por emquanto, a tomar os seus logares.

E o meu informador despede-se, como se tivesse dito quanto sabia. A arcada está quasi deserta. Abandono-a tambem, tanto ella me entristece quando a vejo assim, núa de politicos, pobresinha de baleias e de boatos. Entretanto, parto convencido de que não perdi, afinal, o dia.

A. M.

Poeira da Arcada

Certos castelhanos ainda hoje ignoram que se Portugal é um paiz livre o deve exclusivamente ao esforço do seu braço e á constituição de uma mentalidade que muito honra o espirito humano. E como a ignorancia é uma especie de cegueira intellectual e moral, elles, quando fallam de nós, usam termos engraçados como de quem não toma muito a serio a existencia do seu semelhante. Andam n'isto ha uns poucos de seculos. E' de crêr que persistam assim alegres e difficeis de convencer. Por nossa parte, falaremos sempre de Hespanha, como de um povo respeitavel que, ainda nas suas desgraças e desaires, mantém uma forte linha fidalga. A sua litteratura, uma das mais ricas do mundo, encerra tipos de uma tão pura belleza que, emquanto o mundo fôr mundo, elles serão moços, á maneira dos grandes factos do universo—a primavera, o mar, o curso dos astros, as paisagens e as calmas noites de luar. D. Quixote enternece-nos, porque n'elle vive um dos aspectos eternos do nosso ser idealista; Sancho Pança, com o seu grosso e raço bom senso, é um typo tão verdadeiro que condensa bem trez quartas partes da humanidade.

Portanto, a Hespanha apparecenos sempre na posse de um genio que, mesmo nas suas notas comicas e picarescas, nos desperta uma incançavel admiração. Não lhe fazemos um favor: trata-se de um preito merecido e devido. O riso que, para nos subalternisarem, ostentam os taes castelhanos não nos offende, pois. Riem-se os egregios parvos de alguem que sabe distinguir as coisas pelo seu justo valor. No sua mania de nos deprimirem, nem ao menos se dão ao incommodo de reparar se porventura não estarão comprometendo as excellentes qualidades da sua raça.

**

André Beaunier, n'uma chronica publicada no Figaro, diz que os velhos, vendo o ardor epico com que a mocidade franceza se bate na linha de fogo, trataráo de concertar-se e compôr-se, para que a sua velhice, a seu declinar possa concorrer como um elemento importante para restaurar a França em todo o seu prestigio de audacia invencivel e de prudencia comedida.

—«A arte de envelhecer reflorescerá. E' ao mesmo tempo a arte mais fina, bonita e intelligente, sendo tambem a mais necessaria. Haviamo-nos esquecido d'ella... Quem nol-a relembra? A juventude actual que nunca envelhecerá—essa sublime juventude que morre por nós e deante da qual nós estamos de joelhos.»

N'estas palavras compendia-se um nobre exemplo—o arrependimento de algumas gerações encanecidas que só principiaram a conhecer a França, quando a desgraça lhe bateu á porta.

Os velhos põem agora as mãos em frente dos olhos, para melhor presencearem quanto o dever patriotico sobreleva os maus fructos do epicurismo galante. E para ainda se ordenarem, nos derradeiros clarões do sol-poente, teem de saudar os novos que os excedem na sua fé e na sua bravura. Alta lição educativa digna da voz soberana de Bossuet...

O concerto de Sexta-feira Santa no Politheama—O ultimo de David de Sousa n'esta temporada

David de Sousa terminará a sua serie de concertos da temporada na Sexta-feira á noite, proporcionando-nos um grande festival com musica sacra.

Para este concerto extraordinario ficou o programma assim organisado:

1.ª parte—«Suite» (para orchestra), Bach. Conferencia.

2.ª parte—Symphonia n.º 6, Haydn, 1) alegro cantabile—vivace assai, 2) Andante, 3) Minuetto, 4) Alegro di molto.

3.ª parte—Parsifal (Encanto da Sexta-feira Santa), Wagner; «Les adieux de Jeanne d'Arc», Tschaikowski; «Chanson Provençale», Massenet; (Canto, solo por M.me Setognac Prado, acompanhamento de piano pelo distincto amador D. Luiz Quesada; «Suite», Bach, 1) Preludio, 2) Allemande, 3) Sarabanda, 4) Minuetto, 5) Guigue, (Solos de violoncello, J. Passos); «Alegro-presto» (5.ª symphonia), Beethoven.

VIDA ARTISTICA

A exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

Abre no dia 15 de maio a 12.ª exposição promovida pela Sociedade Nacional de Bellas Artes o que comprehenderá as seguintes secções: pintura, esculptura, architectura, aguarella, desenho e o pastel, gravura, caricatura e arte applicada.

A entrega de trabalhos far-se-ha na séde da Sociedade até ao dia 30 de abril, não sendo recebido trabalho algum depois d'essa data, constando os premios de medalhas de honra e de 1.ª classe, de medalhas de 2.ª e de 3.ª classe, diplomas de medalhas de 2.ª e 3.ª classes e diplomas de menção honrosa.

D. Helena Candida Raymundo d'Abreu

Carvalho Abreu e Ferreira Limt.ª participam aos seus amigos o fallecimento da esposa do socio Manuel Rodrigues Abreu, realisando-se o seu funeral amanhã, pelas 15 horas, da rua Heliodoro Salgado, n.º 5, 1.º, para o cemiterio Oriental e agradecem a sua comparencia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. Mut. N. S. da Assumpção e S. Antonio do Valle

Reune, em segunda convocação, amanhã, ás 20 horas, para discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal.

Associação dos operarios lisbonenses ... para discussão do relatorio ... [illegible]

Assistencia infantil

Cantina escolar da freguezia de S. José

Foram eleitos para os corpos gerentes de 1915 os srs.:

Assembléa geral: presidente, Joaquim Rodrigues Simões; vice-presidente, Arthur P. d'Almeida; 1.º secretario, Arthur Janeiro, 2.º Francisco P. da Conceição Carmo; 1.º vice-secretario, Arthur Vidal; 2.º Eduardo Gouveia.

Direcção: presidente, Joaquim Mendes Piteira; vogaes, Eduardo Maria de Oliveira Santos; relator, Arthur Virginio Mendes; secretario, Manuel Alves Martins; thesoureiro, José Pedro Bernardo; 2.º João Corrêa.

Conselho fiscal: effectivos: presidente, Antonio Rodrigues; secretario, Petronio Casimiro dos Santos; relator, Arthur Martins; substitutos: presidente, David Rocha Peixoto; secretario, Joaquim Maria Veiga; relator, Pedro Celestino Borges.

Conselho administrativo: effectivos: presidente, Naciato José Ferreira; vice-presidente, Januario Esteves Nogueira; 1.º secretario, Jayme de Barros; 2.º Paulo Joaquim Gouveia; thesoureiro, Ignacio de Barros, Joaquim Bento, José Basilio d'Oliveira e Eduardo Coelho; substitutos: presidente, Augusto José da Silva; vice-presidente, Carlos José d'Azevedo; 1.º secretario, José Mendes; 2.º Manuel F. Silva; thesoureiro, José Pires de Moraes; vogaes, Joaquim Nunes d'Oliveira, Joaquim Cosme d'Oliveira, Julio Franco e Carlos Machado.

ULTIMAS NOTICIAS

O TEMPORAL

Afunda-se a canôa dos pilotos da barra

Morrem cinco homens da tripulação, salvando-se apenas um

Fragatas afundadas

O temporal que, desde o dia 1 do corrente, tem açoutando as nossas costas, produziu hoje tragicas consequencias, enlutando a corporação dos pilotos da barra.

Desde as primeiras horas da madrugada que fortes bategas de agua cahiram, soprando vento rijo e estando o Tejo agitado e barrento. Todas as embarcações pequenas recolheram aos seus costumados abrigos e algumas fragatas apanhadas em pleno rio foram acossadas com violencia, indo algumas d'ellas ao fundo. A primeira a ter este destino foi a L 435 T. L., chamada *Oceania*, pertencente ao sr. Emygdio Gonçalves. Vinha de bordo do vapor inglez *Savonna*, fundeado na Cova da Piedade, e trazia um carregamento de cimento para a Empreza Nacional de Navegação. Era seu arraes Severino Fernandes, e camaradas João da Silva Vigario e Victor Manuel, que se salvaram a custo na lancha da fragata. Esta foi para o fundo junto á praia do Montijo, sendo os prejuizos da carga totaes, no valor de 540 libras em ouro. O casco da fragata estava seguro na Companhia Commercio e Industria.

Uma outra fragata da Companhia Maritima e Fluvial de Transportes, da praça Duque da Terceira, 11, 2.º, que andava na descarga de carvão para a Companhia do Gaz, no Bom Successo, foi tambem para o fundo, devido a um golpe de mar.

Além d'estes, outras no Posto de Desinfecção e em Belem estiveram em perigo.

Andavamos tratando de averiguar estes casos, quando recebemos a tragica noticia de que o furacão que causára estes desastres se fizera sentir primeiramente junto á barra, vindo do mar alto, e que para lá de Cascaes afundado a canoa do posto de pilotos do Bom Successo e causando cinco mortes.

Para o posto nos dirigimos immediatamente, a averiguar o que de verdade havia na informação que nos tinham dado. Era infelizmente verdadeira e exacta.

Logo que chegámos verificámos achar-se a bandeira nacional içada a meia adriça no mastro do edificio. Em frente a larga porta do posto, vimos uma grande multidão que commentando o occorrido. Entrámos. O espectaculo que se nos deparou é impressionante e desolador. Ha lagrimas nos olhos dos velhos pilotos e a consternação é geral.

No Tejo, um pouco á direita, vê-se o mastro da fragata da Companhia Maritima, que o furacão afundou e a que atraz nos referimos, e á esquerda, navegando incessantemente sobre as aguas, os dois hiates da pilotagem o *José Allemão* e o *Albuquerque*.

Subimos ao primeiro andar. Ao fundo d'um pequeno corredor, á esquerda, fica a acanhada camarata dos pilotos de serviço. Ha trez camas na primeira divisoria e duas na segunda. Em cima de cada uma das cinco camas estão estendidos os cadaveres de trez das victimas. São os trez pilotos mortos por causa do temporal. Na cama em frente da porta, homens fortes e espadaudos, comovidos e chorosos, despem ainda uma das victimas, chegada ha pouco.

Na secretaria do posto encontra-se bastante gente e o sota-piloto-mór, sr. José Joaquim Baptista, com quem, ha dois annos, «A Capital» fez uma longa entrevista sobre a necessidade dos serviços de pilotagem na barra serem feitos em barcos a vapor.

O sr. José Joaquim Baptista, homem baixo e forte, tez crestada pelas ventanias do mar, chora convulsivamente. Ao lado, vendo o espolio das victimas, um outro piloto mexe n'uma carteira cujos papeis, completamente encharcados, adheriram ao cabedal. As mãos tremem-lhe. Ha nos seus olhos lagrimas de commoção.

Abordámos finalmente o piloto-mór sr. José Joaquim Baptista. E foi da sua bocca em palavras magoadas de dôr e lagrimas que ouvimos toda a tragica narração do que se passára.

A canôa, com uma tripulação de seis homens: o arraes Graciano Marques Peixinho, e pilotos Francisco Lourenço da Pinha, Manuel Francisco e José Quintino, que iam para bordo dos hiates, e o moço Antonio Maria Caldino e Alberto Alves dos Santos, sahiu do Bom Successo pelas sete horas da manhã, levando tambem mantimentos e agua para bordo do *José Allemão* e do *Albuquerque*, que estavam fóra da barra na direcção norte-sul com Cascaes. O *José Allemão* ao sul e o outro ao norte.

O primeiro tinha a seguinte tripulação: Leopoldo Lopes, encarregado do commando; João Silverio da Cunha, Manuel Joaquim Quinto, João Francisco Cravo, Manuel Pereira, José Gonçalves e Generoso, pilotos, além de trez moços.

O *Albuquerque* tinha: Custodio Pereira, encarregado do commando; Manuel Roberto, Pedro Cravo, João Silva, José Lopes e Antonio Maria, pilotos, e mais dois moços.

Para lá de Cascaes, e já muito fóra da barra, a canôa dos pilotos, embora á vista dos hiates, percebendo o perigo em que se encontrava, visto o mar estar agitadissimo e o vento soprar forte, pôz-se de capa, á espera que o vendaval amainasse. De repente, porém, um fortissimo furacão, passando sobre, afernou, pondo-a de quilha para o ar. Os tripulantes, vendo-se em tão grave perigo, tentaram, em vão, ajudar-se uns aos outros, mas, sendo a canôa de agua até ao cimo, ella, enchendo de agua até se submergir. O primeiro hiate que a viu desapparecer foi o *Albuquerque*, que, immediatamente, seguiu para o local. Logo a seguir, o *José Allemão*, que, se dirigiu para o local do sinistro, onde, a braços com o temporal e com a morte, se encontravam os seis homens da tripulação. Devido á grande distancia a que estavam, quando chegou até elles, conseguindo ainda salvar o arraes Graciano Marques Peixinho e o piloto Manuel Francisco, o qual, porém, morreu pouco depois. Com a canôa foram para o fundo o moço e o piloto Francisco Lourenço Lopes Pinho.

O *José Allemão* apenas poude recolher já tambem morto, o piloto José Quintino. Os dois moços de serviço, Antonio Maria Caloiro e Alberto Alves dos Santos, tinham desapparecido.

Os hiates fizeram-se ... minutos de angustia ... o mar ... [illegible]

do arraes e as recolhimento dos trez pilotos a bordo. Todos os esforços empregados para salvar Manuel Francisco foram infructiferos. Minutos depois de estar a bordo fallecia, no meio da maior consternação dos seus camaradas de trabalho.

Como o temporal não amainasse e os dois hiates estivessem em serios riscos de seguirem o caminho tragico da canôa afundada, os encarregados do commando resolveram vir fundear no Bom Successo, o que fizeram, chegando alli pouco depois do meio dia.

Ao posto do Bom Successo a noticia chegou por um telephonema da Estação Central dando conta do occorrido.

Immediatamente a noticia correu veloz pelo bairro proximo, juntando-se infinidade de povo aguardando a chegada dos hiates. E quando elles fundearam e os corpos foram transportados para o posto houve enorme clamor de alarido e chôro por parte de algumas das familias das victimas.

O arraes Graciano Marques Peixinho, ao chegar á praia, foi immediatamente levado para casa pela filha e por varios camaradas. A mãe, chorando, lá a agarrada a elle, n'uma anciedade indescriptivel. O salvado foi para a cama, estando bastante inchado. Luctou com o mar perto de 40 minutos primeiro que o salvassem.

Ao passo que as familias dos mortos vinham chegando, novas scenas de dôr, de lagrimas e de indescriptivel commoção se produziam, provocando lagrimas nos olhos mais renitentes.

O piloto Manuel Francisco era casado, residente na rua de S. Paulo, 115, 2.º Deixa 4 filhos, dois menores, e duas filhas casadas, uma das quaes com o piloto-mór, chefe da estação do Bom Successo. José Quintino tinha 39 annos, era egualmente casado, tinha 4 filhos e morava na rua de S. Paulo, 182. José Lourenço de Pinho, era viuvo, residia na rua Bartholomeu Dias, ao Bom Successo. Deixa tambem 4 filhos.

Os moços, cujos cadaveres não poderam ser recolhidos, eram Antonio Maria Caloiro, natural da Figueira da Foz, filho de Manuel Caloiro e de Rosa Carqueira. Era um dos seus tres filhos do pescador Antonio Caloiro e Maria José Polonia, da costa de Lagos, que actualmente se encontram em Cascaes, elle trabalhando n'uma armação e ella tratando de saúde, estando a sua casa da Figueira. O outro moço chama-se Alberto Alves dos Santos, filho do maritimo Domingos Larga a cinta. Residia na rua da Cadeia, em Belem. Era o unico solteiro da desventurada tripulação da canôa dos pilotos.

As victimas foram de tarde fardadas, por pessoas de familia e relações. O funeral effectua-se amanhã, ás 8 horas, saindo o prestito da estação dos pilotos para o cemiterio da Ajuda. As despesas do funeral são cobertas pela corporação dos pilotos.

Ha 14 annos que, a 6 de janeiro, no mesmo local do sinistro de hoje, naufragou a lancha pequena dos pilotos, morrendo afogados o piloto Manuel dos Santos, o piloto José Pelado. De então até hoje não tinha havido outro sinistro.

Os pilotos mortos sustentaram-se mais tempo sobre a agua por estarem com os seus ... que os moços por as não terem. Para um alento que fiquem ... Manuel Francisco ainda o piloto Cravo se chegou a bordo que se lançar ao mar. Com, porem, elle já nem segurasse cabo foi salvo pela lancha.

Na barra do Douro afunda-se uma escuna franceza, morrendo dois tripulantes

PORTO, 30.—Pelas 15 horas e 30 minutos, a escuna franceza *Madeleine* sahia a barra do Douro rebocada pelo rebocador *Liberal*. Tendo-se quebrado a amarração, a barca afundou-se, salvando-se quatro homens dos seis que constituiam a sua tripulação.

Para o local do sinistro seguiu o rebocador *Tritão*.

O clarim dos dragões

Esteve hoje na redacção d'*A Capital* o clarim dos dragões de Mossamedes, Augusto dos Reis, que tomou parte no combate de Naulila onde, como dissémos, se portou heroicamente e perdeu um braço. Veiu aqui de proposito para agradecer ao nosso amigo sr. André Brun as referencias que lhe fez e as trouxe para entregar n'aquella acção.

Entregámos-lhe a quantia de 20 escudos, parte do producto da subscripção para o cigarro do soldado.

A nosso pedido, o illustre especialista sr. dr. Costa Santos incumbiu-se de tratar o clarim Augusto dos Reis que, como dissémos, se encontra enfermo dos olhos.

SUL D'ANGOLA

Mais soldados mortos

No ministerio das colonias foi recebido um telegramma de Mossamedes communicando terem fallecido alli os seguintes soldados pertencentes a infanteria 19 n.º 244, João José Vidal; 254, Francisco Venancio Pires; 313, Joaquim Miguel Magro, e Vicente Alves do Rio.

Cruzador "Vasco da Gama,,

Chegou hoje ao Funchal este vaso de guerra que amanhã sahirá com destino a Lisboa.

Companhia dos Phosphoros

Approvação das contas e relatorio da gerencia de 1914

Reuniu hoje, pelas 14 horas, no Banco Lisboa & Açores, a assembléa geral da Companhia dos Phosphoros, estando presentes 19 accionistas que, por si e por seus mandantes, representavam 3769 acções. Presidiu o sr. Isidoro José de Freitas, tendo por secretarios os srs. Luiz Antonio Marques e dr. Alberto Pedroso.

Assistiram a sessão os srs. José de Campos Pereira e Joaquim Pessoa, respectivamente commissario e administrador fiscal do governo junto da Companhia.

Lido o relatorio do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, foram approvadas as respectivas conclusões. Pela leitura do relatorio vê-se que no anno findo a venda attingiu uma cifra superior á dos outros annos, tendo sido o lucro bruto de 1.244:840$49. Pode avaliar-se da importancia do excesso das vendas, sabendo-se que além dos 280:500$ de renda fixa que paga annualmente ao Estado, pagou pelo excesso de fabrico de phosphoros 70:562$45.

As despezas montaram a 164:643$99 sendo o saldo de incros e perdas 466:951$16 incluindo n'esta verba 26:598$15 do anno anterior.

As reservas estatutaria e especial montaram a 575 contos; o dividendo distribuido 9 0/0, foi na importancia de 405:000$; para a Caixa de Soccorros do Pessoal Operario foi destinado um conto; a percentagem distribuida ao Conselho de Administração e conselho fiscal importou em 22:442$36; com a fiscalisação privativa dispendeu a Companhia 40:683$78, além de 10:807$60 pago ao pessoal operario licenciado, em serviço da fiscalisação; os ordenados e gratificações dos empregados montaram a 29:717$60.

PEQUENAS NOTICIAS

A Junção do Bem distribue depois de amanhã, na sua séde, ás 13 horas, 80 esmolas de $50, 8 de 1$00 e 280 senhas para jantares das cozinhas economicas.

—José Chrispim, da Serra de El-rei, accidentalmente em Lisboa, foi burlado por dois individuos na quantia de 65 escudos pelo processo do «conto do vigario». Queixou-se á policia. Tambem a policia recebeu queixa de que, aproveitando a ausencia da locataria, os gatunos entraram no domicilio da sr.ª Sarah Fernandes, na rua do Sol, ao Rato, 29, 2.º, furtando roupas e outros objectos no valor de 70 escudos. Egualmente se queixou Justino Monteiro, morador na rua Luiz de Camões, 34, 3.º, de que lhe furtaram de casa a quantia de 50 escudos.

—A sr.ª D. Alice Silvestre, residente na travessa de Cima dos Quarteis, 4, rez-do-chão, perdeu na praça do Municipio um annel de ouro com brilhante no valor de 100 escudos.

—A enfermaria 4 do hospital de S. José recolheu um ... ferido na cabeça ... em que na estação de Santa Apolonia ... apanhado entre dois topes de pinho, que lhe fracturaram a perna esquerda, o sr. José de Sousa, tecelão, que cahiu a bordo d'uma fragata no Caes do Sodré, ficando contuso pelo corpo.

Balanço diario

Os srs. Silva Cunha e Xavier Esteves voltaram hoje a conferenciar com o sr. ministro do fomento, a quem entregaram uma representação da Associação Industrial do Porto secundando o pedido hontem feito para que o edificio da Bolsa passe para a Associação Commercial. O sr. dr. Nunes da Ponte respondeu que o desejo é que mesmo o edificio seja entregue a quem de direito pertence.

Licenceamento de recrutas

Pelo ministerio da guerra vae ser expedida uma circular determinando logo que termine a instrucção de recrutas sejam licenceadas as praças que forem convocadas ultimamente, tendo-se em attenção que fiquem completos os respectivos quadros nos regimentos.

Entrega de cartorio

O sr. ministro da justiça mandou communicar ao official do registo civil do concelho de Oeiras ordem para entregar immediatamente o cartorio d'aquella freguezia ao respectivo parocho.

Ministros e ministerios

O sr. Miguel d'Abreu, governador civil de Braga, conferenciou hoje com o sr. ministro do fomento, a quem pediu providencias contra o acambarcamento de milho e sua sahida d'aquelle districto. Com o sr. ministro da justiça conferenciaram os seus collegas do fomento e da marinha e o sr. João de Menezes. Com o presidente do ministerio avistaram-se o sr. ministro das colonias e o sr. José Maria d'Alpoim.

Um commando

Realisa-se no proximo dia 3 a entrega do commando do cruzador «Almirante Reis» ao capitão de mar e guerra sr. Nunes da Silva. A entrega do commando da Escola Pratica de Torpedos e Electricidade, que devia realisar-se amanhã, foi transferida para o dia 5.

A grande guerra

Mais navios afundados

LONDRES, 29.—O almirantado britannico annuncia que o paquete inglez *Aguila* foi torpedeado ao largo de Pembroke no dia 27, com a perda de 23 dos seus tripulantes e 3 passageiros.

O paquete inglez *Falaba* foi torpedeado no canal de S. George no dia 28, afundando-se em 10 minutos. O navio levava 90 homens de tripulação e 160 passageiros, sendo recolhidos 140 sobreviventes.

O paquete hollandez *Amstel* bateu n'uma mina na zona minada allemã ao largo de Flamborough, no dia 29, afundando-se. A tripulação foi salva. (*Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa*).

LONDRES, 30.—O vapor *Falaba* tinha sahido de Liverpool no sabbado com destino á costa occidental de Africa. Conduzia 147 passageiros, entre os quaes 8 senhoras e alguns medicos.—(*Havas*).

O *Aguila* sahira de Liverpool na sexta-feira á noite, trazendo, além de carga para a Madeira, 705 toneladas de carga varia para Lisboa e 100 fardos de algodão.

Pertencia á Yeoward Line, de Liverpool, deslocava 2:400 toneladas e dispunha da velocidade de 14 milhas. Foi construido em 1909, em Dundee, Escocia, sendo actualmente commandado pelo capitão Bannerman. Era um dos vapores mais ligeiros, luxuosissimo, com accommoda-

ções para passageiros em que havia todo o conforto dos barcos modernos. Tendo sido construido propositadamente para o transporte de fructas, a machina ficava muito sobre a ré, como todos os navios destinados a carga, para a melhor installação de porões frigorificos.

Nos escriptorios do agente em Lisboa, Garland, Laidley & C.ª, nada souberam dizer-nos ácerca dos passageiros, porque o telegramma recebido de Liverpool, nos seu laconismo, apenas dá a noticia do desastre.

O bombardeamento do Bosphoro

PARIS, 30.—O *Echo de Paris* publica hoje um telegramma de Roma, dizendo que o bombardeamento do Bosphoro produziu um sentimento de pavor e que o partido da paz ganha terreno.

O bombardeamento foi effectuado á distancia de 18 kilometros por peças de calibre 406.—(*Havas*).

Agasalhos para os soldados

A commissão feminina «Pela Patria» recebeu do presidente da Sociedade franceza de Soccorro aos feridos militares, sr. de Noguet, uma carta de agradecimento pelo envio de agasalhos para os alliados. Da secretaria geral da obra para «Vestir os Prisioneiros de guerra» recebeu-se egualmente uma carta muito reconhecida pela parte que lhes coube na remessa, e da qual destacamos estas palavras:

«Recebemos o vosso auxilio de roupa e estamos vivamente reconhecidos; lamentamos infelizes a soccorrer e as offertas do estrangeiro dão-nos um prazer muito especial.»

Festas associativas

No Lisboa Club, ha domingo sarau á franceza, seguindo-se baile. Abrilhantam a festa o septimino e a pianista do Club. Para a recita de homenagem ao amador Augusto Pires e ao ponto Jayme Leitão entraram em ensaios as peças *Alegrias do lar*, *Não tem titulo* e *Divorciêmo-nos*.

Fallecimentos

ERICEIRA, 29.—Falleceu e foi sepultado, sendo o funeral muito concorrido, o sr. Francisco Almeida Pilot, banheiro n'esta praia e cabo do mar.

Vapor «San Miguel»

Chegou hoje, ás 10 horas, ao Fayal este vapor, da Empreza Insulana de Navegação, em bom estado.

Desembarque de tropas inglezas em Portugal

Uma «blague» na imprensa allemã

Em telegramma de Rotterdam a «Vossische Zeitung», de Berlim, refere-se ao facto de dois cruzadores inglezes terem vindo ao Tejo desembarcar tropas destinadas a proteger os subditos britannicos e accrescenta que muitos fugitivos do norte do paiz procuraram refugio na Lisboa.

Como commentario, diz ainda a mesma gazeta que a noticia ainda não foi confirmada, mas, sendo verosimil o auxilio dos inglezes aos democratas portuguezes, visto estes, em opposição ao exercito, serem partidarios da intervenção de Portugal na guerra.

A bordo d'um vapor grego

Cinco prisões

Hoje, pelas 16 horas, deu-se uma desordem a bordo do vapor grego «Girda Ambatielos» atracado á muralha junto ao Caes da Desinfecção. O vapor procedia de New-Port, com carregamento de carvão, que descarregou, estando agora a carregar toros de pinho. O commandante, de nome Corfopamilitz, é homem de genio irritavel e ainda hontem aggrediu Antonio Augusto, capataz dos descarregadores. Hoje, vendo que o 2.º capataz Luiz mandava arriar uma lingada de pinho em determinado sitio, onde elle não queria, aggrediu-o á bofetada, recorrendo-lhe o Luiz e envolvendo-se os dois á bulha. A tripulação acudiu pelo capitão e os descarregadores pelo capataz, travando-se lucta renhida. O primeiro piloto arrancou a um dos trabalhadores com um revolver, mandando-os sahir do vapor. Mas, sendo o caso participado para a policia do porto, compareceu ali o sr. Lucio Heitor, a quem pediram auxilio o commandante e os seus aggressores. Foram conduzidos á Alfandega onde o sr. Andrade, chefe da policia do porto, os interrogou em seguida ao guarda fiscal de serviço, parecendo que os cinco presos estavam no porão no momento da desordem. São elles Francisco Ferreira, João de Mattos, Joaquim Manuel, Antonio Alves e Francisco Thomaz. Foram para o governo civil.

SPORT

O sport atravez dos tempos e da historia

O dr. René Cruchet, da universidade de Bordeus, tem-se dedicado aos assumptos de educação phisica e é d'elle o seguinte artigo que merece reedição de publicidade, porque encerra uma curiosa resenha historica:

«Segundo as epochas, o sport em voga ... re o mesmo.
... or exemplo, teve todos os suf... nos primeiros annos do seculo XI ... savam-se constantemente com-bat... entre os bretões e os seus mais cele-bre... do outro lado da Mancha, ho-... do paiz de Cornwall, isto é, de ori-... celtica, como elles.
... conhecido o facto de Henrique VIII ... contractado luctadores francezes em ... 0, e sabe-se que Shakespeare, na Rosa-lynde, fala d'um torneio, no qual a lucta ... logar mais importante.
... em seguida os torneios d'armas ... que fazem furor e vão até á morte Henrique II, em 1559.
E n'este momento que o humanismo e a ... levam a todos os espiritos o ... antiguidade e pelos auctores gre-... particular. D'aqui resulta um novo ... vel movimento a favor da educação ...
... ntaigne insistu na necessidade de tra-... da educação corporea das creanças: ... não é bastante», diz, «temperar-lhes a ... é preciso, tambem, fortalecer-lhes os ... Habituem-nas ao suor e ao ... vento e ao sol; tirem-lhes toda a ... delicadeza no vestuario e no leito, ... e na bebida: não façam de um ... homem bonito ou effeminado, ... vigoroso e cheio de cora-...
... conselhos e dos escriptos dos ... numerosos tambem os trata-... Entre estes ultimos obteve ... sideravel em França o tra-... do italiano Merculiaris. ... era de esperar d'um povo ... ardor e de enthusiasmo, ... temperamento, pelos exer-... ulo e pelos jogos de emula-...
... o rei da ordem, da di-... has direitas, os sports ... um tanto. A propria ... ma regulamentam-se, or-...
... os de sport, se continuava ... varios jogos de bola, na lucta ... o enthusiasmo dos tempos pre-... substituido por uma doce in-... é prova eloquente o facto ... ga, então, ser o jogo do ... especie de antepassado do ... oquet», que podia jogar-se sobre ... sa, com movimentos serenos ... asseio e passeando.
... seculo XVIII, os jogos e exe... foram cada vez mais abando-... todos os exercicios que torna-... s mais robustos e mais ageis, ... ltaire em 1756, quasi que só ... caça; essa mesma é desprezada ... dos principes da Europa».
... rio jogo do malho, tão tranquil-... a ser jogado de luvas e cabel-... onda, tinha passado absoluta-... moda em 1776, segundo uma no-... uez de Paulmy.
... de, porém, dizer-se que os philo-... os medicos tivessem abandonado ... propaganda dos exercicios sportivos, prégando a sua utilidade. D'Alembert e Diderot, na Enciclopedia; *Rousseau no* Emilio, *esforçam-se por demonstrar a utilidade dos jogos phisicos para o desenvolvimento do espirito.*
O doutor Andry, na sua Orthopedia, *n'um pequeno opusculo publicado em 1741, não só preconisava o exercicio como o melhor meio de conservar a saude, como mostrava as indicações de cada um. «A bola obriga a correr com ligeireza, a cabeça levantada e torna o corpo agil e direito. Quanto ao florete, não ha exercicio que mais contribua para o crescimento e desenvolvimento de todas as partes do corpo, especialmente os braços e as pernas; a caça, a equitação e a esgrima são optimos sãos exercicios, dispondo bem o corpo sem o deformar. O proprio* malho, *obrigando o jogador a passear d'um lado para o outro, é extremamente higienico».*
Estes judiciosos conselhos, renovados em 1770 pelo abbade Coyer, não voltaram a ouvir-se e assim se passa um seculo, pois o movimento actual começou apenas em 1880, estando desde 1890 e principalmente, desde o começo do seculo XX, em plena e sempre crescente prosperidade.

Nota do dia

Os clubs, as federações e os seus trabalhos e deveres

Os clubs e federações organisam frequentes festas, umas na sua séde, outras em espectaculos publicos. Para umas e outras, precisam de propaganda e recorrem aos jornaes. Estes, com manifesta benevolencia dos seus directores, permittem o noticiario que vae desde a «informação adjectivada» até ao «reclamo exagerado». Pela nossa parte, temos excedido essa cooperação prestada aos clubs e federações, a ponto de muitos praxistas e muitos despeitados verem a nossa incompetencia do assumpto, quando tudo se resume a attrahir a attenção para o que escrevemos.

E como correspondem esses clubs e federações aos favores que lhes fazem os jornaes e á adjectivação reclamativa que os jornalistas usam? Muito simplesmente: não se importando com os jornaes e esquecendo as boas praxes de convivencia com os seus redactores. Nas secções sportivas dos jornaes lisbonenses, citam-se com frequencia estas lamentaveis faltas de cortezia e de gratidão. Ainda hontem o «Diario de Noticias» salientava um facto d'esta natureza, que para bem de todos e bem do «sport» urge que não tenha continuação. Os clubs precisam ver que os jornaes não teem obrigação de servir os interesses, quando elles sejam de ordem intima e administrativa, nem os redactores são seus empregados. Para tratar d'este assumpto vão reunir brevemente os redactores dos jornaes diarios de Lisboa.

Algumas anecdotas

Mas que tem o senhor com isso e que a gente se esmurre á vontade?...

Em Londres o pugilista Longh morreu em consequencia dos soccos que recebeu n'um combate realisado no City Atletic Club Hall. O infeliz «boxeur» acceitou, á ultima hora, a substituição de um athleta ausente. Aos primeiros soccos, Longh cahiu em syncope e morreu horas depois.

Esta morte no «ring» não é a primeira que se deplora. Ha trez annos, o «peso médio» inglez Curly Watson morreu n'um combate com o inglez Ingles. Egual sorte teve Cartley deante do campeão «leve» Owen Moran.

Ha alguns annos, em S. Francisco, o então campeão dos «levissimos» Frankie Neil matou com um socco no queixo Dick Hylland. A autopsia provou que este era um doente do coração.

Ha doze annos, quando Jim Jeffries veiu á Europa, desafiou todos os «boxeurs». Matou com um «duplo» sobre o coração um italiano que ousou defrontar-se com elle, nas Folies Marigny.

Estes factos antigos trazidos á discussão pela morte de Longh motivaram o pedido feito pelas auctoridades aos organisadores para obrigar os «boxeurs» a exame medico antes dos combates.

O caso inquietou os jogadores de socco. Um d'elles, Smith, que tinha sido contractado para França e que era um grande «boxeur», violento e temivel sentiu o medo de que mais dia menos dia o «box» fosse prohibido. Com uma commissão de pugilistas, dirige-se ao perfeito Lepine, que, depois de os ouvir, respondeu:

—Não, meus amigos. Sou inflexivel. As ordens teem de ser cumpridas!...

—Mas que ordens?

—Teem de soffrer um exame medico e aquelle que não fôr resistente não póde combtaer...

—Ora essa,—atalhou Smith,—que tem o senhor com isso! Que tem a policia com o contracto commercial entre dois homens que desejam esmurrar-se á vontade? Então quando dois homens se batem na rua, accidentalmente, já algum medico tinha feito o exame se um era cardiaco e outro tuberculoso? Ora adeus! Quando assim succede, e os dois se compõem, a policia manda-os embora...

—Tem razão, que tenho eu com isso?—respondeu Lepine a rir.

E eis os motivos por que os combates continuaram a ser o que eram até ali e como o desejava o humorista Tristan Bernard que sempre o fossem...

No...

...eu-se, no anno passado, sob a presidencia do sr. Joaquim Leotte, a assembleia geral do Club Naval, tendo sido discutidos e approvados, em ultimo redacção, o projecto dos estatutos, relatorio e contas da gerencia transacta e realisadas as eleições para os novos corpos gerentes. A assembleia patenteou claramente o seu reconhecimento pela obra da junta directora, cujo principal trabalho consistiu em elevar o prestigio do seu *pavilhão* trabalhando com o maior desinteresse pelo sport nautico. Merece-nos especial menção o trabalho d'esta junta em congraçar todos os elementos d'esta casa chamando ao seu convivio homens de valor affastados por varios motivos. Assim, por proposta da Junta Directora foi approvado por acclamação socio de merito o conhecido *sportsman* Jayme Tompson, elemento valioso a quem este club deve horas de inolvidavel alegria. A assembleia incumbiu o seu presidente de communicar áquelle senhor a resolução por esta tomada.

Por proposta do sr. Duarte Rodrigues foi approvado socio de merito o sr. D. José de Noronha, illustre presidente do Club Naval de Lisboa, que pelo seu saber e muito amor ao seu club bem mereceu a honra que a assembleia lhe dispensou.

Foram tambem approvados socios de merito os srs. Fausto de Figueiredo e Augusto Carreira de Sousa pela arrojada iniciativa da transformação dos Estoris, melhoramento este digno do applauso de nós todos. Estes senhores responderam com a sua habitual amabilidade, acceitando e agradecendo a justiça que praticou o Club Naval.

Foi nomeado socio honorario por proposta do sr. Duarte Rogrigues o embaixador do Brazil em Portugal, o sr. dr. Regis de Oliveira, como representante de uma nação com quem temos firmadas varias «ententes» sobre o *sport* nautico e que tanto beneficio prestam aos dois paizes.

Tambem foi nomeado socio honorario o Sport Club do Porto pelos relevantes serviços prestados ao Club, honra que se reflecte no dedicado amigo Pedro de Araujo, homem a quem o sport nautico muito deve.

A assembleia, que terminou bastante tarde, não poude discutir a segunda parte da ordem da noite, que se continuará na assembleia do proximo sabbado, 4 de abril.

Os novos corpos gerentes tomam posse dos seus cargos ámanhã, quarta-feira, 31 do corrente.

As escolas de remo começam no dia 1 de abril, sob a abalizada direcção dos instructores officiaes d'este club, Jorge Ferro e Augusto Salgado, auxiliados pelos dedicados consocios José Motta Junior, Vieira Pitta, Arthur Consolado e Gomes Barbosa.

Brevemente funccionam as escolas de natação, dirigidas pelos srs. Amoed Stocker e Manuel Ryder da Costa, coadjuvados pelos dignos consocios Oliveira Duarte, vice-presidente da secção, Thomaz d'Aquino, Carlos Moura e Dias da Silva.

Pela primeira vez funcciona este anno uma aula de gimnastica ministrada pelo sr. Mario Fernandes, e cuja falta ha muito se faz sentir.

A «Taça de Honra» no «foot-ball»

Vae disputar-se um novo torneio de «foot-ball», chamado da «Taça de Honra». E' a Associação de Foot-ball de Lisboa que o organisará annualmente nas seguintes condições:

Artigo 1.º—O campeonato de honra realisar-se-ha, apoz o campeonato de Lisboa, n'um dos campos da capital e os desafios terão logar dentro de um mez.

Art. 2.º—A inscripção é aberta um mez antes de terminar o campeonato de Lisboa, marcado nos calendarios da Associação, conservando-se aberta por quinze dias.

Art. 3.º—Só se... ittidos á inscripção os clubs que ... da abe... tiverem jogando em primeiras cathegorias no campeonato de Lisboa.

Art. 4.º—Os clubs inscreverão os seus molhores jogadores, sem prejuizo para estes de passagem a cathegoria superior áquella em que jogarem no campeonato de Lisboa. § unico.—Só podem tomar parte os jogadores que estiverem inscriptos pelo club nos registos da Associação, pelo menos dois mezes antes da abertura d'este campeonato.

Art. 5.º—Cada club concorrente pagará de inscripção 5$00 escudos sem inscripção individual dos jogadores.

Art. 6.º—O encontro dos grupos será designado pela Associação em calendario especialmente elaborado para esse fim.

Art. 7.º—O campeonato disputar-se-ha por eliminatorias, vulgarmente denominado «á americana». § 1.º—Quando haja empate dentro do tempo regulamentar, recomeçar-se-ha cinco minutos depois com mudança de campos, duas partes de 10 minutos. § 2.º—Se ainda persistir o empate, fica o desafio annullado para ser jogado de novo, em dia determinado pela Associação.

Art. 8.º—Estabelecer-se-ha como premio para o club vencedor uma taça, «Taça de honra», que ficará na posse definitiva d'esse club. § unico—Aos jogadores do grupo campeão serão conferidos distinctivos designando a sua qualidade de vencedores e a epoca respectiva.

Art. 9.º—O campo para effectuar os desafios será designado pela Associação, de entre aquelles que melhores vantagens e condições offereçam.

Art. 10.º—O producto liquido das entradas será distribuido com segue: a) 25 por cento para cada club nos dias em que jogar; b) 25 por cento para o fundo denominado premios; 25 por cento para a Associação.

Art. 11.º—A despeza da taça e premios aos vencedores sahirá da importancia das inscripções e do fundo de que trata a alinea b) do artigo anterior.

Art. 12.º—Nos casos omissos regula o disposto nos regulamentos da Associação de Foot-Ball de Lisboa.

O regimen do pão de guerra em Italia

Roma, 25 de março

Entrou em vigor o novo regulamento que limita em 80 0|0 a quantidade de farinha empregada na fabricação do pão; a médida provocou geral descontentamento, porque o pão assim fabricado cus... do que o pão nor... ...eso reina grande agita... fecharam as padarias. O ... sua mesa fosse servido ... aos principes pequenos. No Vaticano, tambem as 470 pessoas que alli residem consomem o pão do novo tipo, inclusivé o Papa, que não permittiu fabrico de pão especial para elle. O pão para uso especial de Bento XV é-lhe quotidianamente enviado por um padeiro da cidade, em uma caixa fechada á chave pelo fabricante, e que é aberta por um criado particular do Papa que tem uma outra chave da caixa.

Em Porcia, pequena localidade da provincia de Udina e que conta 500 habitantes, houve uma manifestação popular de protesto contra os preços do trigo. A multidão assaltou e devastou a casa de campo do conde de Porcia que estava protegida por uma pequena força de carabineiros. A cavallaria, cujo auxilio foi pedido para Pordonone, restabeleceu a ordem.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS — A's 21—O Diabo.
NACIONAL — Não ha espectaculo.
POLITEAMA — A's 21 — Alma de Dios—Duo de la africana—La alegria de la huerta.
TRINDADE—A's 21—1.º acto de Amores de principe—Verdades e mentiras.
GIMNASIC —A's 21—4:028 Lx.—Casa com escriptos.
AVENIDA — A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.
EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.
APOLLO —A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe — Revista.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A Feira da vida, revista.
COLISEU DOS RECREIOS—Não ha espectaculo.

Agenda da semana

HOJE—**Gimnasio** — Recita do actor Antonio Palma e da actriz Julieta de Vasconcellos—Primeira representação de *Flôres que se desfolham*, de Vasco Mendonça Alves—O *Deputado independente*.

SABBADO — **Nacional**—Reapparição da companhia. *Amor á antiga*.

—**Trindade**—*Reprise* do *Relogio magico*, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

Ao correr da penna

Não poude assistir á representação da revista da Rua dos Condes; mas testemunhos, que considero insuspeitos, affirmam-me que não correspondeu ao que d'ella esperava a curiosidade publica. Se assim é, póde dizer-se que os auctores perderam uma occasião unica. Hoje é muito difficil fazer-se uma verdadeira revista. Ha por ahi varias pessoas que a saberiam fazer; mas nunca foi tão melindroso esse genero de theatro como agora. O riso é uma clava trinta vezes mais perigosa do que cincoenta artigos de fundo, por mais violentos que estes sejam, quando manejada essa arma por quem saiba fazel-o. Ora succede que por detraz dos homens que inspiram e merecem as satiras mais descaroaveis estão as instituições que nada teem que ver com o erro dos seus serventes e que teem que ser defendidas e acarinhadas principalmente por aquelles que n'ellas apenas respeitam os principios e não quaesquer interesses pessoaes.

Os auctores da Feira da Vida *não deviam ter nenhum d'esses melindres. São monarchicos e, sem sahir dos limites que a correcção da escripta impõe a homens de lettras ou que como tal se considerem, tinham formidaveis coisas a dizer, com as quaes podiam servir a causa que defendem. Não as disseram e contentaram-se em dizer outras, que tenho ouvido classificar de banalidades. Se não tiveram em vista senão escrever uma revista mais, «de tantas que a vida tem», julgo então escusado que em volta da sua obra se fizesse o barulho que se fez. Ha quem fale em* conto do vigario *e posto que essa não tenha sido decerto a intenção dos auctores da* Feira da Vida *a caso é que os que me teem falado no caso se mostram quasi irritados, como quem soffreu a desillusão de, ao abrir uma carteira que suppunham encontrar cheia de notas, a acharam recheiada de folhas de papel almasso.*

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A recita do auctores do *Fado e maxixe*, que devia realisar-se na proxima sexta-feira, foi transferida para a segunda quinzena do mez de abril.

● Na recita do dia 8 de abril, que a sociedade artistica do Gimnasio offerece a André Brun, a actriz Alda Aguiar dirá *A menina dos olhos*, monologo em verso do festejado.

● O scenario do quadro *A quadra popular*, da revista *Rosa tiranna*, que se ensaia no Apollo, está sendo pintado por Mergulhão.

● Está quasi concluido o desentulho do Republica incendiado, devendo brevemente começar o trabalho de pedreiros.

● A revista *A feira da vida*, actualmente em scena no theatro da Rua dos Condes, soffreu algumas modificações que os seus auctores lhe introduziram depois de ouvida a critica, tendo sido cortados os dois ultimos quadros e limadas algumas asperezas.

No estrangeiro

● A *tournée* de conferencias de Sarah Bernardht deve começar em setembro proximo pelos Estados Unidos.

● No theatro Español, de Madrid, estreou-se ha dias a comedia dramatica de Sanchez Esteban *Rita Luna*.

● Margarida Xirgu estreia-se em Madrid, no theatro Princeza, no proximo sabbado de Alleluia.

● Jacintho Benavente realisa ámanhã na capital hespanhola a sua recita do auctor da peça *El collar de Estrellas*.

Circos & Music-halls

Uma nova companhia no Coliseu

—Mas que novidades traz?

Foi esta a pergunta que hontem fizemos ao secretario do Coliseu, quando o procurámos attrahidos pela noticia de que se estava organisando uma nova companhia e levados pelo desejo de dar informações novas aos nossos leitores, que seguem com grande interesse o movimento artistico dos nossos circos e music-halls.

—Novidades muitas, como a das quatro formosas hespanholas, a dos jongleurs a cavallo Briatore, a da bella troupe chineza Lee-See e a dos clowns Daria e Cerato. Podemos garantir que é uma companhia grande com trabalhos variados, como poucas se teem visto...

—Bem sei, as que chegam são sempre melhores do que as que sahem...

—... o que ... quer. Perdoam-se todos os gracejos porque, em breve, se reconhecerá a verdade. No caso de agora, por exemplo, a companhia que se estreia no proximo sabbado ha de ser superior á que se despediu ante-hontem, depois da dissolução da sociedade Frediani e Villani. Porquê? Pelo simples motivo de que, por um capricho, sem olhar aos encargos monetarios, o emprezario do Coliseu quiz expressamente organisar a companhia e procedeu com inteligencia pois que reteve as duas maiores attracções da companhia de Bruxellas e formou o programma com mais dez trabalhos das companhias do Nouveau Cirque e do Cirque Medrano de Paris. Depois elle não queria inaugurar em sabbado da alleluia uma companhia, que não fosse magnifica... Em vez de tenores de canto traz tenores de gimnastica...

Noticias

Entre nós

Os duetistas Beriguardis estão trabalhando no Porto.

—Partiram hoje para Madrid os *clowns* Fratelinis e os pequeninos musicaes Vera e Violeta. Com o mesmo destino seguem amanhã os palhaços Rico e Alex e os *jongleurs* «Boy-Scouts».

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico — Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)— A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.

Movimento maritimo

Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	31
Af. oc., via S. Vicente, etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Bechnana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonna» (Brazil)........	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31
R. J. e R. Prata, «Darro» (Liverpool)	1
Pará e Manaus «Hubert» (Liverpool)	2
Maranhão, Ceará, etc., «Michael» (L.)	2
Pern., Rio de Janeiro, etc., «Flôres»	2
Madeira e Canarias, «Aguila»........	2
Bordeus, «Flandres» (Brazil)........	3
Africa Oriental, «Berwick Castle» (L.)	3

Dentaduras completas (aperfeiçoadas) desde	25$000
Dentaduras completas de ouro de lei desde	80$000
Obturações (chumbagens) desde	1$000
Aurificações (obturações em ouro) desde	3$000
Dentes artificiaes em placa desde	1$500
Extracção de dentes e raizes SEM DOR (anasthesia local)	$500
Extracção de dentes e raizes com anesthesia geral desde	4$000
Limpeza completa de dentes desde	1$000
Dentes a pivot (fixos) desde	3$500
Corôas em ouro desde	4$000
Dentes em placa de ouro de lei desde	8$000

tencia militar da Europa ficava-lhe a leste, a que com essa potencia rivalisava, a oeste. Ao mesmo tempo, começava-se a encarar a possibilidade de uma invasão armada, embora a sua neutralidade tivesse sido respeitada durante a guerra franco-prussiana.

A resposta que deu ás novas condições creadas por 1870 havia sido o cuidado com que se dedicára ás fortificações. Aconteceu possuir o maior engenheiro militar do seculo XIX, o general Brialmont, cujo genio e cuja actividade encararam de frente o eschema da defeza.

Durante alguns annos, a questão do exercito tivera preferencia sobre a dos fortes. Grandes esforços foram feitos pelos officiaes technicos —entre os quaes Brialmont—e pelos democratas, para introduzir o principio da nação armada, e fôra com o pensamento reservado de desviar a attenção d'esse lado para a questão da defeza que o governo acceitára as propostas de fortificação feitas pelo coronel Deboer, sob o patrocinio de Brialmont.

No eschema da defeza em 1859, Antuerpia fôra considerada como a mais forte posição do reino, na qual todo o campo de operações—quer contra os invasores francezes, quer contra os invasores allemães—se basearia. Deboer, apoiado pelo seu chefe, propôz obras mais importantes, em Liége e em Namur, e essas propostas fizeram levantar novas controversias.

Versaram taes controversias: na parte politica, sobre os gastos a fazer com taes obras; na questão estrategica, sobre o fazer de Liége e de Namur fortalezas importantes, com o que não concordavam muitos dos velhos officiaes do exercito belga, e finalmente na questão militar technica sobre se os parapeitos deviam ou não ser da terra, questão que estava então no seu auge em todos os paizes.

Os echos d'esta ultima ainda resurgiram quando a guerra pôz as fortalezas do Mosa á prova.

O governo tomou o conselho de Brialmont e resolveu fazer de Liége e de Namur fortalezas. Foi posta de parte a proposta do general Dejardin, para que Bruxellas fôsse transformada n'uma fortaleza de primeira classe ligada a Antuerpia por contra-fortes sobre o Dyle e o Scheldt.

Em 1863, o exercito belga compunha-se de 73.718 homens, na maioria voluntarios ou concriptos-substitutos, como acima dizemos, systema então em uso em quasi todos os exercitos. O serviço era por oito annos, quatro no activo e quatro na reserva. Nas fileiras estavam sempre 38.000 homens, tendo atraz de si uma reserva de 36.000. As fortalezas absorviam praticamente o total d'essa força. N'esse tempo, a população da Belgica era exactamente de 5 milhões de habitantes.

Em 1899, n'uma população de cerca de 6.750.000 habitantes, a força em tempo de paz era apenas de 43.000 homens nas fileiras e as substituições tinham ainda o principal papel. Mas o exercito deixára de ser quasi a força puramente profissional que até então tinha sido, e as classes que passavam á reserva elevavam já a força, em tempo de guerra, a cérca de 130.000 homens. Por outro lado, Namur e Liége foram, com razão ou sem ella, elevadas de «fortes de detenimento» á fortalezas e, por consequencia, augmentadas as suas guarnições, de modo que era difficil contar com mais de 80.000 homens para o exercito de operações.

Foi este ultimo facto mais do que qualquer outra consideração que fez passar o projecto de lei de reorganisação do exercito de 1902. Essa lei não marca um progresso para a realisação d'uma milicia nacional. Ao contrario, fez do alistamento voluntario de profissionaes a base do exercito pelo augmento dos seus emolumentos e duplicando praticamente a proporção dos alistados em tempo de paz.

Mas duas reformas de grande importancia foram effectuadas. Primeiro, o periodo da obrigação do serviço estendeu-se até aos trinta annos; segundo, em tempo de paz ficavam apenas os quadros, que em caso de

lowk», «Sebastopol» e «Hangest», deslocando em media 23.000 toneladas cada um e tendo o poder de 42.000 cavallos. Trez outros estavam em construcção: «Catharina II», «Imperador Alexandre III» e «Imperatriz Maria». Destinam-se ao mar Negro.

A artilharia consta de: 16 peças de 305 millimetros, 4 de 254, 50 de 203 e 92 de 150.

Depois de enumerarmos os recursos mlitares de Russia, formidaveis como acaba de vêr-se, só nos resta dizer que ha um facto notabilissimo, que a todos sobreleva e que ha de ficar gravado para sempre na historia d'essa nação: é o da actual guerra ter sido imposta ao soberano que foi o iniciador da conferencia da Haya, e que esta guerra, que apresenta o caracter especial de dever ser essencialmente a «Guerra da Paz», tenha sido julgada necessaria e inevitavel, para honra da Russia e do mundo, pelo imperador Nicolau, que desejou e que merecerá, apesar d'isso e por causa d'isso, e mais do que nunca, o bello titulo de «Imperador da paz».

Descreveremos opportunamente os Estados balkanicos, onde o elemento slavo prepondera, e daremos o resumo da força militar de cada um d'elles, descrevendo ao mesmo tempo as condições em que se encontravam antes da conflagração actual.

Tratemos agora do exercito e das fortalezas do pequeno paiz que tem causado e continua causando a admiração do mundo, pequeno em extensão, mas grande, enorme, pela valentia heroica de seus filhos, pelos exemplos de abnegação que tem dado, e cujo nome ficará esculpido em lettras de ouro na Historia: a Belgica.

Bem merece um capitulo especial.

CAPITULO X

O exercito e as fortalezas belgas

Quando a Belgica foi declarada «perpetuamente neutral», foi-o mais no interesse das grandes potencias do que no seu proprio. A França e a Prussia tinham tomado o habito de estudar a invasão dos seus paizes fazendo caminho pela Belgica. Em quasi todos os memoranda de Moltke, desde 1859 a 1869, sobre uma guerra franco-germana, tomava-se em consideração a eventualidade de um ataque francez pela Belgica. Depois de 1870, porem, a questão tinha sido estudada mais sob o ponto de vista d'um ataque allemão contra a França do que vice-versa, e póde dizer-se que nenhum problema de alta estrategia foi mais discutido do que o da violação da neutralidade belga.

Os allemães não queriam ser peados pelo velho Tratado de Londres, no caso de lhes convir atacar a França, fazendo caminho pela Belgica. Como é natural, os soldados punham de parte a questão legal e só tomavam em consideração as consequencias e as condições militares de uma acção que podia em dadas circumstancias tornar-se possivel.

Depois da formação da Dupla Alliança e da consequente possibilidade de uma guerra simultanea em duas frontes para a Allemanha, os militares tinham-se preoccupado, em principio e nos detalhes, com a questão das vantagens que para o exercito allemão podiam d'ahi advir. As opiniões dividiam-se, excepto n'um ponto: não respeitar a neutralidade, se assim conviesse.

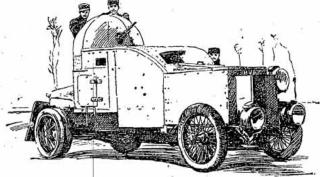
N'isso todos estavam de accordo.

Alguns queriam que as tropas allemãs só passassem pelo sul da Belgica o mais rapidamente possivel, o sufficiente para se estabelecerem na França e poderem assegurar as communicações ferro-viarias com a Allemanha por via Mézières e Luxemburgo—por outras palavras, occupar parte da Belgica por uma semana ou ainda menos, fazer calar a Europa, com o argumento de um facto consummado, e a Belgica com o pagamento de uma indemnisação pelos damnos causados.

Outros entendiam que a Allemanha precisava da Belgica, principalmente da parte ao sul e ao norte do Mosa, tanto para o desenvolvimento como para a manutenção das suas elevadas forças.

Em todos esses estudos, emittiam-se opiniões ácerca da theorica resistencia que o exercito belga podia offerecer ao invasor. Entendiam uns que nem tempo haveria para a mobilisação, diziam outros que bastariam um, dois ou trez corpos, o maximo, do exercito allemão para manter os belgas em respeito, e, finalmente, imaginavam outros que a Belgica apenas offereceria um simulacro de resistencia para salvar as apparencias.

Os que faziam estes calculos ignoravam o facto de que, desde que fôra proclamada a sua independencia,

na Belgica se desenvolvera de um modo notavel o espirito nacional. Mas tinham certa razão os que assim pensavam, porque na propria Belgica não se fazia uma ideia nitida do patriotismo— d'esse novo e real patriotismo—que tão exuberantemente se affirmou e continúa affirmando. Na opinião de um general belga que fôra a tal respeito consultado, a Belgica não era uma nação completamente neutral, mas simplesmente um Estado possuindo um certo numero de soldados que se podiam inclinar para um ou outro lado, se o Tratado fosse infringido.

Metralhadora automovel belga

E de facto, aos olhos mesmo do exercito, a neutralidade havia-se tornado, em certo sentido, um signal de escravidão.

Differente foi, porém, a realidade. Quando os allemães invadiram a Belgica, em agosto de 1914, o patriotismo belga, que muitos julgavam ter desapparecido se não por completo, pelo menos em grande parte, manifestou-se n'um grau elevadissimo e provou brilhantemente a sua existencia. Tratava-se da independencia nacional, que era preciso defender a todo o transe.

Povo absorvido pelo seu desenvolvimento industrial e pelas questões sociaes, parecia ter-se desinteressado um tanto ou quanto das coisas militares. Pagava o que lhe pediam para as fortificações, como a Inglaterra pagava para a armada, mas, pode dizer-se, não estava em contacto com o exercito. Os governos, por seu lado, assente o principio theorico da nação armada, entendiam que bastava a policia para restabelecer o socego e manter a ordem nos casos de perturbações internas.

No tempo em que fôra organisado o exercito belga, praticamente em todos os exercitos da Europa se admittia o principio das substituições. Tal principio deu origem a exercitos principalmente compostos de voluntarios profissionaes, desde que o substituto que servia era na realidade um voluntario, por um lado, ou que, por outro lado, acabado o tempo de serviço, elle podia fazer-se readmittir por um novo conscripto, de modo que esses soldados chegavam a considerar o exercito como uma coisa sua. Ainda depois de 1871, essa fórma do exercito era tão normal e natural como um exercito de soldados de fortuna ou um exercito de mercenarios no seculo XVIII.

Depois de 1871, porem, o problema militar da Belgica tornára-se menos simples. A mais formidavel po-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1671 — 5.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quarta-feira, 31 de Março de 1915

Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

As homenagens

Annunciaram jornaes que um capitalista, o sr. Pereira dos Santos, tomou a iniciativa d'uma homenagem ao actual governo. Essa homenagem deverá consistir n'um banquete que será offerecido aos membros do ministerio, pensando-se que a elle assistirão 800 convivas.

Informações que colhemos do proprio sr. Pereira dos Santos dizem-nos que é seu proposito, com esse banquete, substituir uma outra homenagem tambem projectada para glorificar o governo: a do sr. Americo d'Oliveira que trabalha na organisação d'uma manifestação popular para a qual até já se pensava em obter das companhias de caminhos de ferro diminuição nos preços das passagens, de maneira a facilitar a collaboração das massas provincianas n'essa demonstração de apoio e affecto aos nossos governantes.

Quer o sr. Oliveira concorde com a substituição proposta pelo sr. Santos, quer continue, cada qual, por seu lado, procurando homenagear á sua maneira o chefe do governo e os seus collegas, o que nós presumimos é que essas manifestações se não realisarão, ou se effectuarão em condições que não permittam de fórma alguma attribuir-lhes uma significação do estado de espirito nacional.

Se ha uma opinião que apoia o governo, essa opinião não póde ostentar-se á clara luz do dia, definindo peremptoriamente os seus sentimentos. Essa opinião é a d'aquelles que applaudem o governo, mas que o applaudem sómente pelos seus actos de violencias, commettidos com um alvo individual. E' aquella que, quando o governo persegue, quando o governo demitte, sorri surrateiramente de jubilo, cochicha o seu applauso e aponta novas victimas, porventura ainda mais com um intuito de rancor pessoal do que de divergencia politica. Essa opinião politica é inconfesavel. Só lhe darão expressão creaturas cuja consciencia se obliterou sob a pressão de odios irreprimiveis.

A opinião publica, a grande, a verdadeira opinião publica, quando mesmo se não indigne com os ataques aos principios perpetrados pelo actual governo, ou não se inquiete com os perigos que da situação presente podem advir para a Patria e para a Republica, tem mais em que pensar do que n'uma homenagem politica ao gabinete do sr. Pimenta de Castro. Ha questões bem importantes que justificadamente a preoccupam. A questão economica, a questão do trabalho e do fomento que, de dia para dia, assumem um caracter mais grave e instante, e que se não resolvem simplesmente com os esforços estereis para eliminar um partido politico que tem profundas raizes na sociedade portugueza e que é o mais solidamente organisado da Republica.

Essa opinião talvez esquecesse a origem d'este governo, os processos irregulares com que pretende fazer vingar a sua orientação politica, se esse governo demonstrasse um patriotismo, uma capacidade, uma largueza de vistas que fôssem garantia e penhor de que os grandes problemas vitaes da nação iriam emfim entrar no caminho d'uma resolução favoravel. Mas o que se vê é que o governo nada faz em materia de administração que tenda a minorar as nossas tristes condições sociaes, proporcionando ao paiz o desafogo de que elle necessita e preparando-lhe o largo futuro a que tem direito.

Não é assim que os governos se impõem ás sociedades, que as tranquilisam, que lhes dão a esperança de melhores dias e lhe conquistam aquella confiança que legitima as manifestações populares em que devem buscar o estimulo dos seus actos e a força dos seus designios.

Poeira da Arcada

Se para pacificar a sociedade portugueza, alguem quizer sugeital-a a um regimen de caserna, esse alguem terá de suffocar em pleno peito as melhores aspirações da hora em que nos encontramos. Tudo leva a crer, porém, que a empreza não será das mais faceis. A disciplina militar só convem aos soldados. Querer alargar-lhe o seu campo de acção, impondo-a violentamente ás multidões, é tirar-lhe toda a sua efficacia propria, sem lhe attribuir qualidades novas. Alguns gemidos se farão ouvir, mas animados de uma tal eloquencia que ninguem resistirá á dôr n'elles contida. E então as algemas estalarão...

* * *

Maria de Carvalho, n'uma pequena serie de sonetos que publicou com o titulo de As sete palavras, *elevou a sua musa até ao Calvario, onde Christo, escarnecido dos homens, lançou sobre estes as derradeiras vozes do seu verbo redemptor. A sua inspiração mantem-se serena na mais pura religiosidade, como convem a um assumpto que a todos transcende pela sublimidade emotiva dos seus themas. E á maneira de um crente que se inclina, para melhor descobrir no seu nada a grandeza das promessas divinas, a poetisa de* As sete palavras, *perante o drama de Jesus Crucificado, consegue ao mesmo tempo humilhar-se e exaltar-se. Os seus sonetos, de um recorte quasi classico, traduzem uma emoção tão viva e funda que as almas naturalmente religiosas hão de desalterar n'elles a sua séde de maravilhas.*

* * *

A Belgica crê firmemente no futuro, vendo no seu rei a garantia material e moral da sua independencia. Os allemães, por seu lado, affirmam que nunca mais largarão a terra que conquistaram com o seu sangue. Que papel tomará a Providencia, entre aquella e estes? Não viverá muito quem não assista ao desfecho d'este drama. Os belgas soffrem por uma causa santa—a defeza da sua patria, do seu lar;—os allemães affrontam-nos levados por uma ambição menos que humana, porque é desmedida e brutal. Nunca a occasião foi melhor para Deus escrever direito por linhas tortas!

NAS LINHAS DE BATALHA

A imprensa de guerra

Allemães e austriacos publicam dezenas de jornaes de propaganda nos territorios invadidos

A guerra actual revelou-nos, no capitulo dos armamentos, verdadeiras surprezas. Desde a catapulta de ha quatro mil annos ao aeroplano, que nasceu hontem, não houve arma offensiva ou defensiva que não encontrasse emprego nas linhas de batalha. Além d'isso, todos os *trucs*, todas as subtilezas e ardis teem sido usados tambem com maior ou menor exito, n'esta campanha unica. Agora, descobre-se que os allemães empregam tambem na sua tactica a imprensa: não com a propaganda feita pelos jornaes do imperio e as edições polyglottas destinadas á exportação para paizes neutraes, o que é um processo antigo e comprehensivel, mas a imprensa occasional, o periodico publicado ao acaso das *étapes* em terreno occupado, impresso as mais das vezes na lingua do paiz e destinado a indispôr as populações com as tropas da nação a que pertencem.

A qualquer parte onde chegam os allemães, um dos primeiros actos é procurar uma typographia e fazer um jornal. De uma curiosa estatistica publicada pela *Vossische Zeitung* extrahimos os seguintes titulos de periodicos novos, redigidos, compostos e impressos por officiaes e soldados germanicos: *Liller Kriegszeitung*, que se publica em Lille com a tiragem de 33.000 exemplares, *Kriegsflugblatter*, da mesma cidade, *Deutsche Lodzer Zeitung*, em Lodz, *Armée Zeitung der II Armée*, em S. Quentin, *Der Landsturm*, em Vouziers, *Armée Zeitung*, em Charleville, *Letze Kriegsnachrichten*, em Lille, *Deutsche Soldatenpost*, em Bruxellas, *Kriegs Zeitung*, em Laon, *Des Landsturmbote*, em Briey, *Bapaumer Zeitung Mittag*, que se publica ao acaso da marcha em francez e allemão, sem indicação de local, e cujo director é *von Bertrab, Lieu-tenant-géneral, commandant des Etapes*. Do mesmo genero é a *Kriegszeitung der Feste Boyen*.

Exclusivamente em francez publica-se o *Bulletin de Lille*, o *Journal de guerre* (Laon) e a *Gazette des Ardennes* (Bethel). Na frente oriental de batalha sahe, em lingua polaca, a *Gazetta voyenna*.

Os austriacos seguem o mesmo systema. Em Przemysl tinham até um grande jornal, *Kriegsnachrichten*, cuja redacção se installára na estação do caminho de ferro. E' natural que a estas horas a typographia tenha sido empastellada e os redactores estejam marchando, como prisioneiros, a caminho dos campos de concentração na Russia...

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

O folhetim *Historia Illustrada da Grande Guerra* será dividido em volumes, cada um dos quaes contendo cêrca de 200 paginas, formando assim um livro portatil, elegante e de facil encadernação.

Na administração d'*A Capital* serão promptamente satisfeitos todos os pedidos dos numeros já sahidos. Como se sabe, a publicação da *Historia Illustrada da Grande Guerra* foi iniciada no dia 1 do corrente.

Pelo telegrapho

Vienna de Austria fortifica-se

PARIS, 31.—As auctoridades militares de Vienna d'Austria estão procedendo ás obras de fortificação de todos os montes, bosques e parques dos arredores e prohibiram a população le se aproximar das mesmas obras sob pena de grandes castigos.—*(Corresp.)*

A entrada da Italia na guerra

LONDRES, 31.—Nos meios politicos de Washington affirma-se que a Italia entrará na guerra em fins de abril.—*(Corresp.)*

Missão japoneza em França

PARIS, 31.—Chegou do Havre uma missão japoneza composta de 1 coronel e 4 maiores.—*(Corresp.)*

FANTOCHES DE PAPELÃO

Candidatos e eleitores

Alcançar maioria conservadora no Senado—eis a grande preoccupação do governo

Scena I

D. Roberto ri. Os farrapos de sol que se desprendem da atmosphera timidamente azul, como n'uma calva abortada se eriçam vagas madeixas de pellos moribundos, dão um pouco de bom humor ao meu pobre boneco *railleur* e má lingua. Levo-o até á Arcada e colloco-o mesmo ali, com a sua barraca desconjunctada, defronte do portico pombalino do ministerio da justiça. O sr. Guilherme Moreira, patriarcha-mór d'aquella cathedral confusa, passa soturno, como uma sombra que procura um canto amigo para se diluir. D. Roberto não o poupa. O que faria o sr. ministro da justiça ao chefe endiabrado da minha *troupe* de fantoches?

—E' pessoa que não se ri—explica elle. Parece que and[a] sempre com ella fisgada! E' preciso cuidado com os individuos assim.

E o bom do fantoche, dando um geito rijo á cartola luzidia e sebenta, toma ares afadistados de quem não deve e não teme, sauda, trocista, o respeitavel publico, arruma t[re]s bordoadas fortes na ribalta denegrida, dá ordens para dentro aos outros fantoches e toma attitudes insolentes de quem se dispõe a dizer toda a casta de inconveniencias politicas. N'este instante, passam dois ou tres politicos de terceira classe—exactamente como os enterros de gente quasi pobre—e o meu boneco segue-os attentamente com a vista...

—Estaes servidos!—grita-lhes quando os vê transpôr o Arco da rua Augusta. Nem um pataco vos daria pelos futuros mandatos. Os seus circulos antigos? Oh sim, eu sei! Terreno que já deu deputados... d'aquelles. Hoje, preparam-se para nos brindar com outros!

—Melhores?

—Qual historia! Não ha deputados melhores. O que ha é simplesmente deputados, para arrelia dos que não alcançarem a maioria. Nada mais!

—Que scepticismo, D. Roberto!

—Que quer? Foram elles que me fizeram assim. Mas hei de mudar, olé, se hei de! Afinal, porque não nos havemos de adaptar? Bonda de teimosias! A vida pouco dura e a obrigação de cada um consiste em viver o melhor possivel...

Tambem acho. Este D. Roberto sae-se, de vez em quando, um tremendo sarcasta. Mas não ha remedio senão atural-o. Os bonecos como elle devem, evidentemente, gosar de especialissimas regalias...

Scena II

A historia continúa. D. Roberto não larga o sr. Guilherme Moreira. A sombra esguia, quasi desconjuntada, do sr. ministro da justiça continua a attrahil-o e a fascinal-o. Aquillo tem já todo o aspecto d'uma monomania incuravel. O fantoche, emfim, desembucha...

—Foi ha dias, diz elle, n'uma modesta sala d'hotel, lá em cima, para as bandas do Chiado. O sr. Guilherme Moreira acabára de jantar e ha quem diga que lhe subira á cabeça um copito de Collares que lhe escorregára, sem poder dizer como, pelas guellas abaixo. Falou-se de eleições. A' sua espera, tinha o egregio ministro dois ou tres futuros candidatos, velhos monarchicos convictos para quem a Republica não passa d'um meio facil de satisfazer ambições que no regimen defunto nunca passaram de ingenuas hipotheses pueris...

—E o que se disse?

—Já me tardava a impacienciasinha! Quando me cortam o fio ao discurso perco a cabeça. Deixem-me, deixem-me, não estou para mais!

E D. Roberto, espancando mais violentamente o palcosito modesto, ornamentado a bambinelas de chita descorada, some-se irritado, aos guinchos aflictivos, como se alguem lhe tivesse pisado o melhor e o mais sensivel dos callos. O publico fica atonito. Pede, supplica em coro, reclama indignado que o fantoche manhoso, luzidamente fardado de conselheiro, diga para ali tudo quanto sabe.

Lá dentro, na barraca desmantelada, vae uma gritaria de ensurdecer. Toda a companhia se revoltou contra D. Roberto, cuja irritação inopportuna compromette as finanças sociaes. Ha pauladas e a gaiola dos fantoches treme como se fosse partir-se em mil bocados...

Outro fantoche apparece. E' mais pequeno, mais humilde, mais complacente que o outro. Vem choramingas e contricto, e roga ás gentes compassivas que tenham paciencia, que perdoem a D. Roberto, que não soube o que fez.

—Tem ás vezes d'aquelles ataques de furia—diz D. Chrispim, enxugando á manga da sobrecasaca uma lagrima furtiva.—Quem é que não se zanga? Quem não se deixa enfurecer quando a vida não lhe corre bem e a amargura é o pão nosso de cada dia? Ora, ha dias a esta parte, a alegria de D. Roberto é tudo quanto ha de mais ficticio. No intimo, o nosso chefe e amigo anda corroido pelo mais cruel dos desesperos, tal e qual como o sr. Camacho, que não sabe onde ha de ir buscar votos para levar os amigos ao Parlamento.

Dentro da barraca restabelece-se a paz. A campainha annunciadora dos espectaculos retine de novo. Resurgem a curiosidade e a boa disposição. D. Roberto vae, sem duvida, apparecer de novo...

Scena III

O sr. Guilherme Moreira sae. D. Roberto dá por isso. Não pode resistir. A sua cartola amolgada irrompe aggressiva por um largo alçapão do tablado. Faz-se o silencio. Espera-se não se sabe o quê...

—Anda n'uma roda viva este sr. ministro irrequieto—clama o fantoche. —E' elle a alma de tudo. Toda a politica eleitoral do gabinete lhe passa pelas mãos. Ninguem diria que um lente de direito civil pudesse algum dia dar um tão illustre fazedor de eleições.

—Mas ha quem diga o contrario!

—Deixe-os falar! Defeitos de visão, meu caro, e mais nada. Veja se consegue penetrar ás noites na tal salasita d'hotel em que ha bocado lhe falei. Olhe que se passam por lá coisas bem interessantes...

—Hei de vêr. Hei de vêr!

—E' lá que o sr. ministro da justiça fala de cadeira dos coisas politicas da sua terra, com os secretarios á vista, esses secretarios que, tão pequeninos e tão barbeadinhos, teem o ar ingenuo de dois seraphins ou de dois anjos da guarda...

—Como sabe isso?

—D. Roberto é como os diabitos impertinentes. Vae a toda a parte, sabe tudo, ouve tudo. Principalmente tudo quanto faz o sr. ministro da justiça lhe merece especial attenção. As combinações politicas que elle tem feito! Quando vierem a saber-se, não faltará quem estoire de surpreza...

E D. Roberto ri como riem os gnomos irreverentes—mostrando a dentuça podre e rebolando-se do puro goso, pelas taboas encardidas, como um suino a correr atraz de um punhado de nozes...

—Sabes? O homem tem n'este momento só uma grande preocupação—a de alcançar, no Senado, uma maioria conservadora—Nos deputados está elle seguro de que a terá, inteiramente inabalavel. Mas na outra camara... Tirem-n'o, por quem são, de afflicções. Não ha volta que o sr. Moreira não lhe haja dado. Mas tempo perdido. Os eleitores não apparecem e a partida não offerece demasiada segurança... Se não surge a solucção do problema em que o sr. ministro da justiça matraqueia é bem provavel que se dê um grande desastre...

—Qual?

—A loucura. Bem pode ser que o sr. Guilherme Moreira vá parar a Rilhafoles...

D. Roberto faz desabar na ribalta dos fantoches um chuveiro de mocadas, agita as azas da sobrecasaca e foge, rindo a perder. A bonecada amiga entra no côro e, por minutos, toda aquella arcada da justiça se enche de claras gargalhadas estridentes. Até que por fim a minha barraca de fantoches desapparece, como se um diabo misterioso a arrebatasse, para a destruir.

Porque será, afinal, que D. Roberto simpathisa tão pouco com o sr. ministro da justiça?

A. M.

O general Huerta

MADRID, 31.—Diz-se que o general Huerta, que embarcou em Cadiz com destino á America, se deterá em New-York, a fim de preparar ali uma nova revolução no Mexico. A familia de Huerta ficou em Barcelona.—*(Corresp.)*

Migalhas

Praxedes futurista

Praxedes comprou um fasciculo do *Orpheu*, orgão dos poetas *luaricos* da Brazileira do Chiado. Leu-o todo de fio a pavio, desde a prosa do sr. Luiz de Montalvar, cuja sintaxe lhe lembrou as composições do seu Quico, até ás odes *opiaricas* do sr. Alvaro de Campos, passando pelas elocubrações do sr. Mario de Sá-Carneiro, que, em certos momentos da vida, «trepa por si acima como por uma escada de corda» e vê «os proprios braços irem dançar de casaca aos baile do Vice-rei», cousa que não succede a toda a gente.

Quando vi o *Orpheu* nas mãos de Praxedes suppuz que tal leitura lhe tivesse alterado as faculdades mentaes. Nada d'isso. Praxedes conservava-se lucido como qualquer somnambulo d'essa qualidade. Como lhe perguntasse as suas impressões, elle disse-me, encolhendo os hombros:

—Aqui para nós, eu considerei sempre quasi todos os poetas como uma classe de malucos á parte com a tineta de pensarem e escreverem d'uma maneira diversa da nossa. Evidentemente, a maluqueira d'estes é muito mais visivel. Aquelle rapazinho que se sente correia de transmissão, embolo de machina a vapor e lampada electrica é no genero d'aquelle maluco da anecdota, que se sentia vaso de noite. A mania é muito semelhante. A differença é que este pende para o movimento e o outro via-se attrahido para os perfumes. Este de que falo tem uma qualidade que o recommenda: é um poeta eminentemente nacional. Veja como elle diz a certa altura:—«Não fazer nada é a minha perdição». E' cá dos meus este mancebo, ou, por outra, é dos nossos. Portuguez direitinho. Felizmente para elle, não tem que tratar da vida e sustentar a familia e entretem-se a ver a sua existencia, «canfora na aurora» deslisar «pelo canal de Suez» «cada vez mais para o centro do Maelstrom». Eu, por meu mal, não tenho posses para isso, quando não, meu amigo, ia passar o meu tempo a ouvir aquella rapaziada. Não ha duvida que devem ser curiosos. Pelo menos o seu cenaculo não irrita ninguem e tem a vantagem de proteger o commercio typographico.

André Brun

O "oitavo inimigo„

O que na imprensa allemã se escreve a nosso respeito

E' curioso! Suppunhamos nós que Portugal estava em paz com a Allemanha, apezar dos «incidentes» do sul de Angola, e que a imprensa allemã fazia a devida justiça ao nosso correcto procedimento para com ella, quando afinal é nos jornaes allemães que se nos depara a noticia, misturada com pesados insultos, de que este paiz é o *oitavo inimigo* do imperio do kaiser!

Não ha duvida. Disse-o, segundo se affirma, o *Correio da Allemanha* na sua edição hespanhola. Abrindo agora um supplemento da *Vossische Zeitung*, depara-se-nos um artigo que principia, assim:

Desde um até oito todas as creanças sabem já contar pelos dedos os nossos inimigos...

Ora até sete contavamos nós. Vejamos: a França, a Inglaterra, a Russia, a Belgica, a Servia, o Montenegro e o Japão. Qual será o oitavo inimigo da Allemanha? Não o diz a *Vossische Zeitung*, certamente por melindres diplomaticos de facil comprehensão. Mas, pensando no citado artigo da edição hespanhola, não ha duvida que deve ser Portugal. E' muito curioso, isto.

Quanto a insultos ao nosso paiz ainda nos não esqueceu aquella famosa diatribe da *Berliner Zeitung*, cheia de contundente sarcasmo, em que se diz que «Portugal é um paizinho anão que não pode viver nem pode morrer... ».

Resta-nos perguntar o que é que em meio de tudo isto prevalece: se são as evasivas da Allemanha ácerca dos «incidentes de fronteira» no sul de Angola, se é o juizo da sua imprensa, contando-nos por inimigos, se é a corrente de repulsão contra os allemães provocada entre nós pela noticia do desastre de Naulila, se a gentileza do nosso governo, mandando felicitar o ministro da Allemanha em Lisboa, um mez depois da nossa derrota, por motivo do anniversario do kaiser...

Sim, em que ficamos pois?

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Para apresentação do relatorio e contas da administração da gerencia de 1914 e parecer do conselho fiscal reuniu hoje a assembléa geral, presidindo o sr. Luiz Gama, secretariado pelos srs. José Augusto da Cunha Sampaio e Elias Barros e Sá. Estiveram presentes 40 accionistas. O sr. Driesel Schroeter alvitra que sejam suspensos os emprestimos municipaes visto estes não offerecerem vantagens. Referindo-se á tabella dos titulos admissiveis para operações designadas no artigo 4.°, n.° 5, entende serem indispensaveis algumas acclarações nos valores citados. Entende tambem que nenhum emprestimo se deve fazer sem que o capital esteja realisado na sua totalidade. Responde-lhe o governador da companhia, referindo-se largamente aos emprestimos municipaes e terminando por dizer que as suas prosperidades continuam a accentuar-se. O sr. dr. Domingos Pinto Coelho elogia a gerencia da companhia e refere-se largamente ás transacções feitas, principalmente porque se admira que no anno findo a companhia conseguisse o importante emprestimo de 443 contos. Está certo que os accionistas poderão ter a esperança de em 1919, quando terminar o convenio, o dividendo poder ser melhorado. Respondeu-lhe o sr. dr. Sousa Rodrigues, affirmando que a gerencia tem empregado todos os esforços para o engrandecimento da companhia.

Ainda sobre o mesmo assumpto falaram os srs. presidente, dr. Domingos Pinto Coelho, dr. João Ulrich, Serrão Franco e outros accionistas. Seguidamente é approvado o relatorio com as emendas do sr. Schroeter. Na especialidade o relatorio foi tambem approvado.

A eleição dos corpos gerentes deu o seguinte resultado:

Governador, dr. Sousa Rodrigues, com 1.550 votos; vice governador substituto, Manuel Maria de Oliveira Bello, com 1.534 votos, e para o conselho fiscal os srs. João Severo, com 1542 votos e substituto, José Augusto Pereira, com 1.406 votos.

O BANCO DO HOSPITAL

O protesto dos enfermeiros

Não significa opposição á abertura do novo posto, diz o sr. Gouveia de Sousa

—Mas porque não abre o novo posto de soccorros no hospital de S. José?

O sr. Manuel Gouveia de Sousa, membro da direcção da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitaes Civis, veiu a esta redacção, em nome dos seus collegas, para expôr as razões dos enfermeiros, n'esta malfadada questão do Banco. Vamos ouvir o seu depoimento. A minha pergunta evita longos rodeios.

—Sim, porque se não inaugura o novo posto?

—A culpa não é nossa—responde o sr. Gouveia de Sousa.—Pelo contrario, a Associação a que pertenço tem empregado todos os esforços junto das estações officiaes para que se feche o antigo Banco e se abram as novas installações. Nós reconhecemos que o Banco, tal como está, constitue effectivamente uma vergonha, mas não podemos esquecer os interesses da nossa classe, que seriam altamente prejudicados se o novo posto abrisse com a organisação que pretendiam dar-lhe os srs. cirurgiões do Banco.

—Refere-se á substituição de enfermeiros por enfermeiras...

—Exactamente. Essa substituição não iria prejudicar materialmente os trez enfermeiros que ali estão fazendo serviço, porque lhe seriam dadas outras situações no hospital, mas implicaria o desapparecimento de vagas de accesso no nosso quadro, que é já muito restricto. Um praticante de enfermeiro ganha apenas 415 réis diarios, um ajudante ganha 575 réis e um enfermeiro recebe 675 réis. Pois para passar de uma cathegoria para a immediatamente superior temos de esperar, em regra, dez a doze annos. Diminuindo agora o pequeno numero de possibilidades que nos restam, veja como se aggrava a nossa situação futura...

—Consta-me, no emtanto, que a Associação não protestou quando foi encerrada uma enfermaria em S. José. E não ha duvida que desappareceram vagas...

—Não ha duvida. Mas se não protestámos foi porque se allegou a conveniencia de serviço... Ha tempos, tambem um fiscal do hospital Estephania foi substituido por uma enfermeira. Reconhecemos egualmente que não seria rasoavel protestar, visto que o pessoal de enfermagem é quasi todo feminino n'aquelle estabelecimento...

—N'esse caso, porque reclamam contra a estada de enfermeiras no novo posto de S. José?

—Nós não reclamamos contra as enfermeiras. Achamos util, necessario até, que essas enfermeiras ali façam serviço. Todos os que temos familia e mulheres devemos desejar que, n'uma circumstancia afflictiva, ellas sejam tratadas por mulheres de preferencia a homens. Mas o que não queremos é que se tapem as trez vagas. O Banco novo abriria então com pessoal mixto: homens tratando de homens e mulheres tratando de mulheres. N'esse sentido falámos ao sr. dr. Alexandre Braga, que concordou comnosco e mandou abrir o novo posto com pessoal mixto... O posto não abriu. Parece que faltavam accommodações.

—E já se dirigiram ao actual ministro do interior?

—Sim, a direcção tem continuado a instar pela resolução do caso. O sr. ministro do interior respondeu-nos que estudaria o assumpto, para o resolver conforme fosse de justiça. Depois d'isso já procurámos o sr. director da Assistencia que nos communicou estar a questão resolvida.

—Em que sentido?

—Não sei. Mas affirmou-nos que sómente faltava a assignatura do ministro, e que essa formalidade se encontrava apenas dependente da nomeação do novo director do hospital.

—Mas não se falou em um regulamento que o futuro Congresso da Republica terá de apreciar?

—Está com effeito no Parlamento um projecto de regulamentação hospitalar, que por signal não é favoravel á classe dos enfermeiros. O regimen que propunhamos ao ministro era apenas transitorio, visto que no referido projecto se trata tambem da questão do Banco. E' claro que quando a discussão parlamentar incidir sobre elle, procuraremos algum membro da camara que salvaguarde os nossos interesses. Mas por ora apenas pretendemos que não nos julguem um obstaculo á abertura do novo posto de soccorros, o qual, em nossa opinião, ha muito que devia ter substituido o antigo.

Registo, com toda a lealdade, estas declarações do delegado dos enfermeiros, reservando-me para, n'um proximo artigo, expôr a maneira de vêr dos cirurgiões do hospital.

Hermano Neves

AS SUBSISTENCIAS

O Porto e a questão das carnes

Porto, 29 de março

—Se a exportação de gado fôr de facto prohibida, e se o governo tomar as medidas que indicámos na questão da matança de vitellas femeas, é evidente que o mercado de gados ha de melhorar em pouco tempo, pela abundancia de rezes, influindo assim no barateamento de preços e desafogando relativamente a nossa situação...

Assim proseguiu o presidente da Associação dos Emprezarios de Açougues, sr. Antonio A. Gonçalves Seixas, a sua exposição.

—Mas os senhores teem outras reclamações a fazer...

—Sim. A' Camara Municipal. E' necessario que, desde que todos soffrem, desde que, por causa da crise geral, todos se sacrificam, a Camara se sacrifique tambem um pouco. E' até por isto que nos vamos entender com o presidente da commissão executiva, sr. dr. Lopes Martins.

—Trata-se...

—Da suppressão de uma taxa de imposto. Mas, note que não é muito o que pedimos. E' uma coisa minima, e, de mais a mais, uma taxa que se não justifica:—o chamado imposto de abegoaria.

E explicou:

— Os impostos camararios sobre as carnes são extraordinariamente gravosos. Deviam supprimir-se. Os impostos de consumo, especialmente nos generos indispensaveis á vida, não se justificam, e são absurdos porque pesando, recahindo, não sobre a qualidade, mas sobre a quantidade, doem mais aos pobres do que aos ricos. Mas, se a Camara os não póde abolir todos, pelo menos que acabe com o que nos lança pela estada de cada cabeça de gado, durante 24 horas antes de ser abatida, no Matadouro, e que é de 7 centavos. Já vê que não pedimos muito.

—Mas essa determinação obedece a uma questão de salubridade publica. E' para a rez ser examinada.

—Realmente, se assim fôsse, e o exame do veterinario á rez viva fôsse um exame de responsabilidade, estava muito bem. Mas tal não acontece. Muitas vezes, o veterinario dá a rez viva como boa. Mata-se, e, no segundo exame, á mesma rez, morta, o mesmissimo veterinario não julga a carne boa e manda inutilisal-a, regando-a com petroleo. Para que é, então, para que serve a entrada da rez, no Matadouro, 24 horas antes? Para a Camara receber por cada cabeça 7 centavos, e por tantos quantos periodos de 24 horas o animal se conservar—obrigatoriamente— na abegoaria?

«Não é justo. Não é rasoavel. Porque já os outros impostos chegam e chegam bem. E' um horror.

—Quaes são, então, os impostos que pesam sobre as carnes?

—A Camara recebe, por kilo, dois centavos e meio. Imposto directo. Quer dizer, um boi de 300 kilos, termo medio, paga—só d'esta taxa—7 escudos e 50 centavos. Mas ha mais. Pagamos á Camara: por cada cabeça de boi, 18 centavos; por cada cabeça de vitella, 8; por cada cabeça de carneiro, 8; por cada fato de boi, 20; por cada fato de vitella, 10; por cada couro de boi ou vitella, 10; por cada cabeça de porco, 50; por cada kilo de cebo, um e meio centavos, e ainda meio centavo ,desde a celebre grève das fressureiras...

«E' medonho, como vê...

E continua o sr. Seixas:

—Mas não pára aqui. Para o novo Matadouro, estamos n'este momento a pagar mais o seguinte: por cada boi, 15 centavos; por cada vitella, 8; por cada carneiro, 4; por cada porco, 4 centavos. Já vê aonde tudo isto vae dar. E ainda pesa sobre as carnes o imposto da Alfandega, que é de 1 centavo e 3 decimos de centavo por kilo.

«Depois do que fica exposto, já v. vê que nós reclamando, apenas, a abolição do imposto da abegoaria (7 centavos por cabeça) pedimos o minimo e o que se nos afigura justissimo.

—Qual é, em média, o movimento de matança por semana?

—A Companhia Utilidade Domestica abate por semana 80 cabeças, a Companhia Nacional, 60, e os talhos particulares, 200, o que dá um total de 340 cabeças por semana.

—Esperam que a Camara attenda a sua reclamação?

—Deve attendel-a, se quer servir e zelar os interesses dos municipes. Nós pedimos pouco. E, se todos se sacrificam, a Camara que dê tambem o exemplo...

Os alliados e a Romania

Bucarest, 28 de março

Na sua passagem por Bucarest, garantiu o general inglez Paget ao governo romaico que a Inglaterra não se opporia, antes pelo contrario, a um augmento territorial que respeitasse o principio das nacionalidades da Romania.

Isto corresponde a dizer claramente que a situação da integridade da Hungria está já regulada, e que a Inglaterra, d'accordo com a França e com a Russia, embora esta ultima se faça rogada, não veria com maus olhos a Romania annexar a Transylvania e a Bukovina.

«Quanto mais nos ajudarem a apressar o fim da guerra, mais beneficios tirarão do seu concurso, disse o general Paget a um politico romaico. Bem sabem que sômos bas-

tante fortes para levarmos a bom termo a nossa empreza sem necessidade de auxilio; mas se, como o exigem os seus mais sagrados interesses, querem ter no Congresso da Paz voto deliberativo e não apenas consultivo, façam alguma coisa emquanto é tempo».

Não pediu o general Paget para que a Romania entrasse immediatamente em campanha; melhor do que ninguem elle sabe que a precipitação seria um erro e que a preparação da Romania, por falta de provisões bastantes, e principalmente por falta de meios rapidos e seguros de reabastecimento, tem sido lenta e está ainda incompleta; pediu apenas que fixasse uma data para a sua entrada em campanha e que não faltasse a ella embora á custa de quaesquer sacrificios.

Um casamento militar

Nancy, 25 de março

Na linha de combate, em uma pequena aldeia dos Hauts de Meuse foi celebrado, ha dias, um casamento militar. A cerimonia teve logar na casa da aula de uma modesta escola maternal, servindo de official do registo civil o pagador d'um regimento de infantaria.

A cerimonia revestiu uma certa feição original; junto á secretaria do funcionario, constituida por uma meza de madeira tosca coberta com a lona de uma barraca de campanha, viam-se mólhos de palha servindo de cadeiras aos secretarios; por todos os lados amontoavam-se mochilas, espingardas e equipamentos; dois mappas geographicos pendentes da parede completavam a decoração da improvisada sala do registo civil.

Para os noivos, duas cadeiras, um banco para as quatro testemunhas, todas militares. O official do registo civil, que era um tenente do regimento a que pertence o noivo, communicou que em vista dos poderes que lhe tinham sido conferidos, ia proceder á celebração do casamento do sr. F. com a sr.ª F.

Um cabo, desempenhando as funções de secretario leu os documentos necessarios ao acto e, depois de ter exposto aos futuros esposos os seus respectivos direitos e deveres, formulou as perguntas determinadas pelo Codigo.

Duas respostas affirmativas, e os noivos foram declarados unidos pelos laços do matrimonio.

Seguiu-se uma allocução proferida pelo tenente que servia de official do registo civil, dizendo que, apezar das tristezas do momento actual, se considerava feliz por ter presidido ao primeiro casamento que ha de figurar nos annaes do seu regimento. E accrescentou: «Emquanto seu marido, minha senhora, vae reunir-se aos camaradas que na trincheira defendem a honra da França e todo o seu passado de gloria, todas as liberdades conquistadas por nossos paes, vae a senhora voltar á nossa amada Borgonha, levando comsigo um legitimo pezar, o de regressar sósinha ao lar; estou no emtanto persuadido de que, como todas as boas patriotas, não desejará o nosso regresso antes da victoria. E' esto, minha senhora, o ideal commum; como as mães espartanas que dando o escudo aos filhos lhes diziam: «Voltem sob ou sobre elle», a senhora, ao separar-se de seu esposo, dir-lhe-ha:

«Vae morrer ou vencer pela nossa França!» Não perca a esperança, minha senhora, porque nós conservamol-a intacta; havemos de vencer».

Pelas portas abertas via-se uma numerosa concorrencia de militares, paisanos e creanças apertando-se na pequenissima sala com a curiosidade de verem celebrar o primeiro casamento no nosso exercito do leste.

LIVROS NOVOS

"Astréa,,

Baseado n'um episodio historico—o de, a quando da prisão de D. Thereza ou D. Tareja depois da batalha de S. Mamede, ter sido encontrada junto d'ella uma creança que D. Affonso Henriques suspeitou ser sua irmã—escreveu Arnaldo Serrão um romance, a que não falta colorido, e que intitulou «Astréa». Descrevendo bem os costumes e as scenas d'esse tempo féro, n'uma successão coordenada, alludindo á tomada de Santarem, de Lisboa e de Evora, «Astréa» sahe da vulgaridade dos romances banaes e interessa.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

"Portugal,,

por *W. A. Bentley*

Recebemos o primeiro numero da revista *Portugal*, redigida em inglez, e dirigida pelo sr. W. A. Bentley, um professor da sua lingua que vivendo ha muito tempo entre nós, e tendo tido occasião de pessoalmente verificar quantas bellezas naturaes e d'arte, quantas obras primas de litteratura ha em Portugal que o seu paiz desconhece, teve a feliz ideia de, por meio de uma revista, as levar ao conhecimento dos seus compatriotas, prestando assim ao mesmo tempo esse valioso serviço ao nosso paiz ao qual está grato pela maneira cavalheiresca como que aqui tem sido tratado, embora a isso tenham feito jus as superiores qualidades do seu bello caracter.

No artigo principal faz o sr. Bentley uma justa apreciação do povo portuguez, que os seus proprios alliados, os inglezes, mal conhecem e portanto não apreciam como seria de justiça. Refere-se á grandeza do nosso passado, á heroicidade dos nossos capitães e dos nossos navegadores, á grandeza moral dos nossos antigos reis, e mesmo á gloria do nosso immortal Camões, dizendo que poucos os conhecem em Inglaterra, mas todos os outros nomes de chronistas, de pintores, de professores, de homens que se notabilisaram, quer no passado quer no presente, em qualquer ramo dos conhecimentos humanos, são ignorados da grande maioria dos inglezes, a despeito dos admiraveis trabalhos dos srs. Edgar Prestage, Jayme, Aubrey Bell e dr. Morse Stephens.

Do sr. Aubrey Bell insere um trecho de D. Jayme, «Jardim da Europa á beira mar plantado» tão brilhantemente traduzido que a todos os inglezes despertará o desejo de conhecerem o mimoso poema de Thomaz Ribeiro.

Segue-se-lhe uma descripção de Lisboa, o tratado de commercio anglo-portuguez approvado pelo parlamento em 8 de janeiro, noticias commerciaes das coloniaes e do Brazil e varios outros artigos interessantes.

Abre um inquerito curioso entre os seus leitores ácerca de quaes são os doze melhores livros portuguezes, quaes os seis melhores artistas portuguezes existentes, d'entre os pintores, esculptores e desenhadores, qual é a melhor estação de inverno ou de verão, balnear ou campestre ou de aguas de Portugal e qual o poema portuguez que preferem, devendo as respostas ser enviadas para a travessa de S. Bartholomeu n.º 1.

E' uma interessantissima publicação que muito deve concorrer para apertar os laços já existentes entre Portugal e a Inglaterra, e que por isso merece todo o auxilio do povo portuguez.

O Annuario de Trancoso

por *H. Bravo*

O *Almanach e Annuario de Trancoso* é um curiosissimo trabalho que o seu coordenador, o sr. Henrique Bravo, director da *Folha de Trancoso*, dedica aos seus conterraneos que além-mar andam na labuta da vida, e que, como «mensageiro de uma saudade, lhes fará reviver no espirito os aspectos da boa, hospitaleira e historica villa».

Além das materias que encerram todas as publicações da indole dos almanachs, contém este uma interessante e minuciosa monographia de Trancoso acompanhada da planta da villa, e photographias dos seus edificios e pontes de vista mais notaveis. Lendas e narrativas dos factos historicos que aos seus edificios estão ligados mais curioso tornam o trabalho do sr. Bravo, que fez pela sua terra o que na Suissa fazem as camaras municipaes, espalhando por toda a parte as bellezas das cidades e as lendas e factos historicos que lhes dizem respeito, provocando assim os turistas a visital-as e aguilhoando-lhes a curiosidade do pittoresco.

Insere tambem o *Almanach de Trancoso* uma lista com nomes e moradas de todos os naturaes do concelho que vivem fóra d'elle, quer na metropole, quer nas colonias, quer no estrangeiro, e uma parte dedicada exclusivamente a informações uteis referentes a todas as freguezias do concelho, mencionando-se a sua importancia historica, industrial e commercial, o seu funccionalismo e até as proprias necessidades locaes.

O trabalho do sr. Henrique Bravo é obra de um benemerito e, por isso, merece todos os louvores.

A intervenção de Portugal na guerra

E' necessario esclarecer a nossa situação

Recebemos, a proposito do manifesto, que hontem démos, dos portuguezes residentes em Paris, a seguinte carta:

Sr. redactor.—Li hontem no seu interessante jornal um artigo sob o titulo «Portugal e a guerra», transcrevendo um manifesto dos portuguezes residentes em Paris, e não posso resistir á tentação de lhe fazer algumas referencias. Estou certo que v. não deixará de publicar as minhas humildes considerações, sabendo que é um portuguez que as manifesta com um simples intuito patriotico.

O referido documento em que se revela um acendrado patriotismo, como muito bem v. diz, deve commover e arrancar aos mais fleugmaticos patriotas algumas palavras de louvor.

E' necessario que esclareçamos a nossa situação; methodica e cautelosamente, mas sem reservas nem tibiezas. Portugal necessita de amigos e outros não deve ter senão os que luctam pelo ideal que mais ennobrece. Sejamos gratos e provemos uma vez cabalmente que os portuguezes ainda não esqueceram as suas antigas tradições de além mar. Sejamos prudentes, mas não cobardes. Valentes, não, mas altivos como foram os nossos antepassados de maior envergadura moral. Olhemos direito para os nossos inimigos e mostremo-lhes a cara bem de frente. A Inglaterra exige de nós o cumprimento dos nossos deveres. Como deseja a nossa velha e amiga alliada que lhe tributemos a nossa gratidão? Com sacrificio? Pois seja com sacrificio, mas com honra, e viva Portugal!

Não sou apologista da guerra, sr. redactor, mas como poderemos nós obter a paz senão combatendo os que provocaram a guerra? Como poderemos nós defendermo-nos dos nossos aggressores senão atacando tambem?

Chegámos, parece-me, a uma situação difficil e necessario se torna esclarecermos a nossa propria situação. Desconheço, sr. redactor, em que pé estão as nossas relações diplomaticas com o estrangeiro, mas quer-me parecer que a situação é melindrosa. Emfim seja como fôr é para desejar que este doente esteja entregue em mãos competentes. E serve este arrazoado, sr. redactor, apenas para dizer que me acho incondicionalmente ao dispôr de quem me quizer utilisar para servir a minha patria e lembrando a v. que seria conveniente abrir novos capitulos n'este já tão adeantado romance historico.

Sou de v. etc.—Alvaro Cosme Coelho.
Paço d'Arcos, rua Costa Pinto, 112, 1.º

Os allemães em Lille

Curiosos processos de arranjar dinheiro

Atravez de Lille, conta a «Vossische Zeitung», foram conduzidos no principio do corrente mez alguns prisioneiros indios e francezes.

Ao vêl-os passar nas ruas, sob a guarda das baionetas, a população teve a audacia de manifestar por elles uma natural simpathia. Sob esse pretexto as auctoridades allemãs impuzeram á cidade a multa de 500.000 francos, que devia ter sido paga até 20 do corrente.

Além d'isso, os habitantes de Lille foram prohibidos de sahir de casa desde as 5 horas da tarde até ás 7 da manhã.

Aggredido á enxadada e a tiro

ao acudir a um velho que estava sendo espancado

No Posto Zootechnico, annexo á Casa Pia de Lisboa, exercem, respectivamente, os logares de pastor José Domingos, de 69 annos, viuvo, morador na cêrca d'aquelle estabelecimento, e o de vaqueiro Zeferino José, de 29, residente na rua dos Jeronimos, 61.

Por questões a que não foi estranha uma mulher de nome Maria Rato, moradora na referida rua e tratadora de porcos do posto, foi ali hontem á noite, pelas 23 horas, aggredido brutalmente o Domingos pelo ajudante do refeitorio da Casa Pia, Manuel Antonio, de 40 annos, casado e residente na cêrca d'esse estabelecimento.

Aos gritos afflictivos do espancado, acudiram o Zeferino, Antonio Belem, João Carvalho, Antonio Roque, João da Silva, Manuel Correia e Antonio Duarte, proprietario de uma mercearia d'aquella rua, onde todos se encontravam.

O aggressor fugiu para o interior da cêrca. Perseguido pelo Zeferino e alguns dos que haviam acudido, fechou-se na sua residencia.

Intimado a sahir, muniu-se de um cacete e de um revolver e sahiu, disparando dois tiros, que não attingiram ninguem. O Zeferino lançou-lhe a mão á arma, mas pouco depois teve de a largar, por lhe ter sido vibrada uma enxadada no hombro direito por Armando Nunes, empregado na lavanderia da Casa Pia, que viera em soccorro do Manuel Antonio.

Ferido, e estando desarmado, fugiu, indo refugiar-se debaixo de uma carroça, que ali estava, sendo n'essa occasião attingido com um tiro na região frontal.

Ao ruido das detonações acudiu o guarda 1263, que fez transportar o vaqueiro e o pastor ao hospital de S. José, sendo aquelle operado de trepano pelo sr. dr. Eduardo Schultz, auxiliado pelos internos e enfermeiro de serviço, e o pastor pensado de ferimentos na cabeça, depois do que recolheu a casa.

Zeferino José, que recolheu á enfermaria de S. José, conta, como dissemos, 29 annos, é solteiro, natural da freguezia da Junceira, filho de Manuel José e de Maria Michaela, empregado no posto ha 6 annos, onde é muito estimado.

Ha esperanças de o salvar.

O concerto de sexta-feira á noite no Politeama

Causou a melhor impressão a noticia que demos do concerto de sexta-feira á noite, no Politeama, e cujo programma hontem inserimos.

Muitos foram os logares vendidos esta tarde, e com certeza David de Sousa conseguirá encher completamente o bello theatro, que tão gratas recordações lhe dará sempre da sua vida artistica.

Caixa Economica de Aveiro

A gerencia de 1914

O movimento geral das transacções effectuadas pela Caixa Economica de Aveiro attingiu no anno findo o valor de 2.116:085$04,5, mais 346.031$84,5 do que em 1913. Foram descontadas 4.800 lettras no valor de 812.042$08, tendo sido 4.590 no de 780.082$78,5, figurando no balanço fechado em 31 de dezembro a importancia de 338.045$92,5 de lettras a receber.

Foram feitos emprestimos sobre penhores na importancia de 98.892$10, tendo havido resgates na de 97.148$43. A conta de emprestimos garantidos por hypotheca fechou com um saldo de 20.020$00. Os lucros durante o anno foram de 2.032$20, a que foi dada a seguinte applicação: para a nova conta de fundo de reserva, 208$22, para fundo de amortisação e para depreciação do edificio social, egual quantia para cada uma d'essas verbas; para augmento do capital social, 1.422$54.

Uma firme declaração do rei Alberto

Paris, 27 de março

Corre que em uma nova entrevista concedida a um jornalista americano pelo rei Alberto da Belgica, este fizera uma declaração importante, que reproduzimos a titulo de informação emquanto não fôr confirmada ou rectificada officialmente, declaração referente aos documentos sobre que os allemães teem procurado estabelecer que a Belgica renunciara á sua neutralidade.

Parece que, a proposito da ultima conversa entre o ministro belga em Berlim e o secretario d'Estado von Jagow, o rei Alberto disse ao redactor do *New York Herald*:

«Procedi como nenhum homem leal deixaria de proceder. A Belgica nem um só instante, nem da forma mais ligeira, abandonou a sua stricta neutralidade; para todas as potencias que garantiam esta neutralidade foi sempre uma fiel amiga. A principio a Allemanha reconheceu abertamente que, violando a neutralidade da Belgica, tinha procedido mal. Agora, porém, por causa da sua campanha de propaganda nos paizes neutraes, tenta compromettér a Belgica, e condemnal-a ao despreso querendo fazer crer que ella, perfidamente, abandonara a sua neutralidade.

Pelo que diz respeito á supposta convenção anglo-belga de que tanto se tem falado, posso dizer-lhe o seguinte: pessoa alguma na Belgica deu nunca o nome de convenção á carta escripta pelo general Ducarne ao ministro da guerra, em que relatava conversas, que nada tinham de official, com o addido militar inglez; mas era tal o meu desejo d'evitar qualquer circumstancia que podesse ser tomada como contraria á neutralidade, que communiquei ao addido militar em Bruxellas as cousas com que tanto barulho agora se procura fazer.

Quando os allemães rebuscaram os nossos archivos já d'antemão sabiam o que iam encontrar; a sua surpresa, a sua indignação de hoje são apenas simuladas».

ULTIMA HORA

A grande guerra

As operações no theatro oriental

PETROGRADO, 31.—Official.—Na tarde do dia 28 os navios allemães fizeram 200 tiros de peça sobre Libau matando um habitante e ferindo um outro. A oeste de Niemen os combates continuam. Fizemos 250 prisioneiros. Na margem direita do Narew desalojámos o inimigo da aldeia de Wakh.

Nos Carpathos as acções desenvolvem-se com exito completo, tomámos novas posições fortificadas ao inimigo e aprisionámos, em 29 do corrente, 76 officiaes, 5.364 soldados, cinco peças de artilharia e 21 metralhadoras.—(*Havas*).

A situação na França e na Belgica

PARIS, 31.—Não houve modificação alguma na situação desde a communicação de hontem á noite. (*Havas*).

Cruz Vermelha

Para a subscripção a favor da ambulancia ao sul de Angola foram recebidas: Alberto da Costa Pinto, em nome da academia de Vizeu, producto de um bando precatorio realisado na mesma cidade, 142$00; Antonio Maria da Costa, por mão do sr. dr. José de Abreu, 50$00.—A transportar, 18$642$70.

A Cruz Vermelha recebeu da empreza do jornal *A Capital* 24 exemplares do opusculo «Palavras Amargas», o seu auctor, sr. Campos Ferreira, que offereceu á mesma empreza, com o fim de serem vendidos a favor dos feridos da guerra.

A supposta fuga do sr. dr. Affonso Costa

Um boato completamente destituido de fundamento

O «Nacional» publicou hoje uma noticia que causou immenso agrado entre os seus correligionarios. A toda a largura da primeira pagina, em vistosissimo normando, affirmava que o sr. dr. Affonso Costa tinha fugido do paiz. No artigo de fundo commentava e desenvolvia o sensacional informe, fazendo áquelle chefe politico a justiça de dizer que o seu «exilio» punha a Republica em sérios embaraços. Mais adeante, á ultima hora, confirmava a parangona da primeira pagina, mas contradizia-se quanto ao motivo da supposta fuga, attribuindo-a ao facto do sr. dr. Affonso Costa pretender livrar-se d'um «complot» organisado para o assassinar.

Pessoas que teem o director e redactores do «Nacional» como creaturas intelligentes esfalfavam-se hoje a explicar que se tratava de uma «blague», propositadamente forjada para demonstrar de quanto é capaz o seu bellicoso humorismo. Outras diziam que a boa fé d'aquelles jornalistas fôra illudida por algum gracioso ou mal intencionado, pois que se elles soubessem que a noticia era inteiramente falsa não se sujeitavam a publical-a para serem desmentidos algumas horas depois. O leitor escolherá alguma d'essas duas opiniões ou qualquer outra que mais lhe agrade.

Pela nossa parte limitámo-nos a colher informes, onde podiamos e deviamos colhel-os. Alguns amigos do sr. dr. Affonso Costa, entre elles dois membros do Directorio, garantiram-nos do modo mais terminante que aquelle homem publico recebeu ha dois dias uma carta da Suissa de seu filho Sebastião e outra do director do collegio em que elle se encontra. Na primeira seu filho mostrava-se muito abatido com a doença que o vinha impedindo de continuar com regularidade os seus estudos; na segunda o director do collegio dizia cumprir o dever de participar ao sr. dr. Affonso Costa a doença de seu filho, muito embora a não considerasse de gravidade. Em face d'essas duas cartas o sr. dr. Affonso Costa resolveu immediatamente ir á Suissa logo que se effectuasse a posse do novo Directorio, o que succedeu hontem. A poucos amigos communicou essa resolução, mas ainda assim estiveram no Rocio a apresentar-lhe cumprimentos de despedida os srs. dr. Manuel Monteiro, Augusto José Vieira, Urbano Rodrigues, dr. Antonio d'Abreu, Ribas d'Avellar, Arthur Costa e dr. Arthur Leitão, que seguiu viagem no mesmo comboio, com destino a Coimbra.

Como o «Nacional» dissesse tambem que contra o sr. dr. Affonso Costa havia um mandado de captura, interrogámos sobre o caso o sr. commandante da policia, que quasi nem queria dar credito a que qualquer jornal tivesse divulgado o phantastico boato. Garantiu-nos que não havia sombra de fundamento em tal informação.

E' muito possivel que se trate realmente, d'uma «blague» forjada pelo bellicoso humorismo dos nossos collegas do «Nacional», mas a verdade é que ha coisas que devem ser respeitadas mesmo por um humorismo tão bellicoso.

Só nos resta dizer que amigos do sr. dr. Affonso Costa nos disseram ainda que s. ex.ª deve estar de regresso até ao dia 8 ou 9 de abril.

A neutralidade do Brazil

O governo do Brazil, no intuito de cumprir rigorosamente os seus deveres de neutralidade ante o conflicto europeu, acaba de enviar aos seus representantes diplomaticos no estrangeiro uma circular concebida nos seguintes termos:

«Pela legislação vigente, conforme n'este ponto aos principios do direito mercantil do Occidente, consideram-se brazileiras as sociedades commerciaes com séde no paiz, registradas nas juntas commerciaes brazileiras e aqui exercendo a sua actividade, qualquer que seja a nacionalidade dos individuos que as componham. Embora d'ahi resulte que a personalidade juridica d'essas sociedades seja distincta da personalidade de seus membros, todavia o governo brazileiro não prestará apoio á reclamação que sociedades mercantis, compostas de individuos de nacionalidade estrangeira, levantem contra actos de qualquer das nações belligerantes, senão quando, pelo prévio exame dos factos e detida apreciação das circumstancias, estiver convencido não só do seu absoluto fundamento como de que a acção d'essas sociedades é extreme de quaesquer intuitos politicos. Quer o governo brazileiro por essa fórma evitar que um principio juridico, verdadeiro e fecundo nas relações pacificas, possa ser desviado dos seus intuitos normaes de tutela e organisação para acobertar actos que se não ajustem á neutralidade que o Brazil tem rigorosamente mantido».

Noticias de Hespanha

MADRID, 31.—O sr. Dato parte na segunda feira para Barcelona, a fim de presidir á inauguração d'um grupo de escolas. O presidente do conselho assistirá na sexta feira santa ás cerimonias religiosas da capella real.—(*Corresp.*)

O NAUFRAGIO DE HONTEM

Foi imponentissimo o funeral das victimas

encorporando-se no prestito mais de mil pessoas

Pelas 16 horas de hoje sahiu do posto de pilotos do Bom Successo o funeral dos trez pilotos hontem victimados pela tempestade á entrada da barra, caso que pormenorisadamente relatámos.

O que foram os minutos que precederam o sahimento não se descreve. Os caixões com os restos mortaes dos naufragos estavam no primeiro andar do edificio, o de Francisco do Pinho na sala da direita, á entrada do corredor, e os do José Quintino e de Manuel Francisco na sala esquerda, ambas armadas em camara ardente.

Quando ali chegámos, pelas 15,30, encontravam-se velando os cadaveres pessoas de familia e companheiros das victimas, tendo-se organisado durante a noite os seguintes turnos: das 20 ás 23—Joaquim Ajusto Coelho, Pedro Francisco Cravo, Generoso Eusebio e João Augusto Vieira; das 23 ás 2—João Francisco Cravo, Francisco de Jesus e Ramigio Rosa; e das 2 ás 5—José Lopes, João da Silva, Augusto Maria, José Gonçalves e Manuel Joaquim, tendo o sota-piloto-mór o sr. José Joaquim Baptista ali permanecido toda a noite e todo o dia de hoje, até á hora do funeral.

Pouco antes das 16 horas já o recinto junto do posto se encontrava pejado de gente, fazendo o serviço de policia os civicos da esquadra do Bom Successo.

Lá em cima os choros, os gritos e os clamores das viuvas e dos orphãos punham uma nota tristissima de dôr, que confrangia e esmagava os mais renitentes á commoção.

Havia desmaios, ataques horriveis de nervos, gritos enervantes de desespero. Velhos homens do mar, pelos cantos, soluçavam commovidamente.

E foi uma difficuldade enorme retirar de junto dos mortos as desoladas mulheres que, cheias de magua e dôr, os beijavam ainda.

Emfim, o funebre cortejo poz-se em marcha, indo á frente o feretro de Francisco Pinho, cujo enterro foi catholico, sendo acompanhado pelo reverendo prior de Santa Maria de Belem, padre Rodrigues Nogueira, e seguindo-se-lhes os outros dois, cuja cerimonia foi civil todos em coches puxados a uma parelha. Em volta dos coches corôas de violetas e ramos de flores naturaes offerecidas pelas pessoas de familia e uma a Francisco Pinho, pela secção maritima da Casa Burnay. Dirigiu o funeral o escrivão da corporação, sr. Antonio Gonçalves, e encorporaram-se no prestito, além de muitos companheiros das victimas, praças da armada e outros amigos, no total superior a mil pessoas, e o sr. capitão de fragata Emilio Alberto de Macedo e Couto, chefe do departamento maritimo do Centro. O sr. Carlos Bleck tambem se fez representar, tendo antes d'isso dirigido á corporação enlutada uma commovida carta de pezames.

Ao desfilar do cortejo assistiram alguns centenares de pessoas em cujos rostos se lia a commoção de que estavam possuidos. Foi em verdade uma grande manifestação de pezar.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 1/2 horas, o seguinte programma: «Marche des sultanes», Allier, «Ali Dorate», valsa, Becucci; «Monge-Czardas», Michiels; «La bella Risete», selecção, Leo Fall; «Musica classica», zarzuela, Chapi; «Huguenotes», selecção, Meyerber.

—No Porto começou a publicar-se *O Reivindicador*, quinzenario defensor da classe dos officiaes de barbeiro. Apresenta-se bem redigido.

Balanço diario

A vaga do sr. dr. Manuel Monteiro

Consta que o governo vae convidar o sr. dr. Guimarães Pedroso, lente de direito da Universidade de Coimbra, para a vaga deixada pela exoneração do sr. dr. Manuel Monteiro de juiz do Supremo Tribunal Administrativo.

Navios de guerra

Sahiram hoje a barra os dois contra-torpedeiros inglezes que hontem haviam arribado ao nosso porto, em consequencia do temporal.

O cruzador *Vasco da Gama* não sahia hoje do porto do Funchal.

Conferencias e conselho de ministros

O general sr. Pimenta de Castro foi esta tarde ao paço de Belem conferenciar com o sr. presidente da Republica.

O conselho de ministros reuniu, de tarde, no ministerio do interior.

Com o presidente do ministerio conferenciaram o commandante da divisão e o de cavallaria 4.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 2.º districto criminal, respondeu hoje, sendo absolvido, o 2.º aspirante da alfandega Fernando da Silva Baldaque da Cunha Foyos, accusado de ter desviado em seu proveito diversas quantias pertencentes ao Estado, quando do serviço no posto de Carriche. O juri deu o crime como provado, mas sem intenção criminosa e sem culpa.

No 1.º districto, por falta de testemunhas ficou adiado para 3 de maio o julgamento, que hoje se devia realisar de Antonio Diniz Silveira, accusado de ter ferido a tiro, em julho findo, por occasião de um comicio que se realisou na avenida Almirante Reis, Affonso Orrega e José Ferreira.

Concurso hippico

O sr. dr. Nunes da Ponte, ministro do fomento, acceitou o logar de presidente honorario do concurso hippico que se realisa em maio. A direcção geral de agricultura vae nomear o seu delegado a esse concurso.

Fallecimentos

Falleceu hoje o sr. Luiz Picardo, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 15 horas, da rua Direita d'Algés, 23, r/c., para o cemiterio de Carnaxide.

Em Johannesburgo, onde estava em tratamento, falleceu o sr. José Maria da Costa Veiga, proprietario de uma pharmacia em Lourenço Marques. Velho e dedicado republicano, era muito estimado, causando a noticia da sua morte fundo sentimento.

MAÇÃO, 30.—Falleceu a sr.ª Maria Pires, esposa do proprietario d'esta villa sr. Antonio Pereira de Mattos. O funeral, em que se incorporou a philarmonica local, foi muito concorrido. A' familia enlutada os nossos pezames.

A provincia n'A CAPITAL

MAÇÃO, 30.—O tempo continúa muito frio e chuvoso, achando-se os campos completamente alagados e interrompidos os trabalhos agricolas.

—Proximo do Casal, logar da freguezia do Panascosa, d'este concelho, morreu afogada n'uma pequena represa, onde lavava roupa, Maria Andrade, solteira, de 22 annos, filha de Antonio Andrade, do mesmo logar. Soffria de ataques nervosos, do que, provavelmente, foi victima.

MORTAGUA, 29.—Realisa-se este anno a visita paschal em todas as freguezias d'este concelho por ter sido permittida pela auctoridade administrativa.

—Morreu, em virtude de queimaduras recebidas quando dormia junto á lareira, uma creança de tenra edade, filha do sr. Abel Jorge.

—Mercê das medidas energicas postas em pratica pelas auctoridades baixou de 650 para 540 réis o preço de cada 15 litros de milho.

—Inscreveram-se no ultimo recenseamento eleitoral 285 eleitores, na maior parte monarchicos.

PARTE COMMERCIAL

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/8	32 7/8
Londres, 90 d/v.	36 1/2	—
Paris, cheque	$78	$78
Allemanha, cheque	$28	$29,5
Hollanda, cheque	$54 5	$55,5
Madrid, cheque	1$38	1$40
New York	1$37	1$39
Rio s/Londres	12 15/16	—
Libras	7$02	7$05
Agio do ouro	30 %	40 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	40,25
» » 500$	—	—
» » 100$	43,00	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 22$.

Acções: Ultramarino, assent. 10$ e coup. 104$50; Aguas 89$; Phosphoros, coup. 56$50 e nomin. 56$.

Obrigações: Prediaes 6 0/0 80$; Ultramarino, hipothecarias, 98$; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 79$50; Norte e Leste, 1.º grau, 74$; Assucar 41$.

SPORT

A mulher, os sports e a belleza physica

«... Que seria d'uma mulher bonita, se os seus ditos de espirito não fossem acompanhados pelo brilho dos seus olhos fulgurantes, signal illudivel d'uma boa digestão? Que attracções teriam as suas fórmas impeccaveis se não fossem realçadas por aquelle poder d'expressão que emana do sentimento d'uma saude perfeita assim como da superioridade de intelligencia?

Sem esta exaltação physica, sem este não sei quê d'innato que estimula a consciencia do eu e que dá dignidade ou porte, a belleza perde o seu maior encanto d'expressão. Que é a graça senão a força muscular que permitte de exercer imperio sobre o corpo? Que é a elasticidade e flexibilidade de movimentos senão a facilidade que demonstra um desenvolvimento livre e harmonico de todos os membros?

A saude é a base de toda a belleza.

N'um sentido mais lato, a belleza implica o desenvolvimento harmonico do corpo, do espirito e da alma, essa trindade na unidade symbolisada em quasi todas as religiões. Uma belleza sem alma carece da graça e dos encantos que são a sua melhor corôa.

Quando a saude declina, a belleza não tarda a extinguir-se. A belleza é signal d'um organismo physico forte e harmonico. Não é um dom, é o producto d'um concurso de circumstancias favoraveis e d'um genero de vida racional. Quem se afastar d'estas duas condições afastar-se-ha pouco a pouco do fim principal para que deviam tender todos os seus esforços.

Ha mulheres cuja belleza impressiona logo ao primeiro olhar, mas esta impressão illusoria não resiste a um exame prolongado. Outras, de apparencia vulgar, revelam, quando conhecidas de perto, uma variedade de expressão, um encanto, um poder d'attracção taes, que lhes embellezam todas as feições. O sorriso trahe o magnetismo maravilhoso que os anima. Este poder magnetico, se bem que dirigido e orientado pelas faculdades intellectuaes, provem da abundancia da saude physica.

Sem este magnetismo physico, sem este poder que encanta e que domina os outros, uma mulher mesmo sendo dotada d'uma belleza de deusa não seria mais que uma nullidade. A belleza não póde existir sem vida interior.

Nem todas as mulheres pódem ser bellas—se bem que a maioria d'ellas possam vir a sel-o—mas todas pódem ser graciosas e agradaveis á vista, desde que se esforcem por desenvolver convenientemente e completamente o seu ser physico. Não tem desculpa a mulher que não possue esta graciosidade, fructo de uma boa saude.

A attracção magnetica—esse poder admiravel,—é essencialmente physica e é cultivando as forças physicas que ella se desenvolve com mais segurança.

Antes de começar o exercicio uma mulher franzina deverá consultar previamente um medico versado em conhecimentos de educação physica. Todas as mulheres devem abster-se de praticar exercicios demasiado energicos.

E' preciso não perder de vista o fim que se pretende attingir. Quantas mulheres jovens desperdiçam o tempo a suspirar e a sonhar em vãs chimeras, emquanto que a influencia d'uma educação physica bem comprehendida, fortificante e sã as transformaria em creaturas cheias de vida, de nobre ambição, de energia, de belleza intellectual, de graça corporea, e, acima de tudo, d'esta potencia magnetica cuja acção é semelhante á do sol, dissipando em sua volta as nevoas e as nuvens.

Prof. B. A. Macfadden.

Nota do dia

O futuro Estoril e o «sport»

E' do dominio publico que os Estoris vão soffrer uma grande transformação, modernisando-se, tornando-se um centro de turismo elegante, que honrará o paiz e que attrahirá o estrangeiro.

Os Estoris hão de ser a estação preferida dos homens de turismo, dos homens de *sport*, dos homens ricos, porque a situação geographica é admiravel e porque a excellencia climatorica é superior á da Coté d'Azur.

A transformação exige o dispendio de muito capital e de muita energia, recurso e qualidade que não faltam á empreza que vae beneficiar essa linda terra de Portugal. E' uma empreza de que foram iniciadores os benemeritos srs. Fausto de Figueiredo e Carreira de Sousa e que, presentemente, agrupa, além d'aquelles senhores, muitos portuguezes, verdadeiros amigos do seu paiz, uns e outros animados do patriotico proposito de egualar Portugal aos outros paizes europeus, alindando, enchendo de conforto as terras para as quaes a natureza foi prodiga de beneficios.

N'esta transformação dos Estoris, o *sport* vae ter uma parte de primacial importancia. Vae ter o seu palacio de festas, os seus campos de jogos, os seus terrenos de *golf*, os seus *courts* de tennis, *rinks* de patinagem, *stands* de tiro, gimnasios, punching-halls, salas d'armas, piscinas de natação, velodromos e pistas hippicas de corrida e obstaculos! E tudo se realisará «á grande», com todas as exigencias do *sport* modernisado, melhor do que até hoje temos feito, muito superior ao que podiamos ambicionar, sabendo-se que a causa do athletismo é de formação recente em Portugal.

A imprensa sportiva terá um grande papel a desempenhar n'esta transformação dos Estoris, porque hão de multiplicar-se os certamens de *sport*, as festas de athletismo e as sessões de cultura phisica, fazendo-se com frequencia *matches* e campeonatos.

Em breves dias, talvez para a semana, vão aos Estoris alguns jornalistas para ver os locaes onde se farão todos esses embellezamentos e todos esses melhoramentos e analisar a grandiosidade dos planos de construcções e de futuras festas a realisar.

Algumas anecdotas

Falem mais alto, porque não oiço nada

Ha dias, o Sporting Club de Portugal festejou com um grande banquete uma victoria alcançada no jogo de *foot-ball*. Como de costume, a alegria foi esfusiante e communicativa. Muitos convivas sahiram da festa animadissimos, gritando a sua despreoccupação por todas as agruras e tristezas do mundo.

Essa festa fez recordar outra, tambem do Sporting, quando festejava uma brilhantissima victoria em *sports* athleticos e na qual os convivas, mal terminado o banquete, foram em massa vêr o espectaculo no theatro da Republica com a grande mimica Charlotte Wihé.

Um grupo d'esses athletas foi para o *promenoir* e começou embirrando com tanta luz na sala. Fazia-lhes mais confusão aos olhos que meia duzia de campeões a disputar-lhes uma corrida de *barreiras*. Depois a confusão augmentou quando, olhando o palco e vendo gesticular os artistas, não ouviam o que diziam! Calcule-se a *despreoccupação* que tinham pelas coisas terrenas estes rapazes que nem se recordavam que a companhia era de mimica!

Um dos *sportsmen*, um bello rapaz, o Horta Gavazzo, era dos que mais soffria com o caso. Durante minutos luctou, em pensamento, contra um tormento atroz. Olhava para a scena; via mas não ouvia! Estaria surdo? Mas que surdez era aquella que deixava ouvir o que lhe dizia o Alvalade e não lhe deixava ouvir a Charlotte Wihé?

Atormentou-se! Quasi que chorou! Por fim quiz experimentar o ultimo recurso e, a plenos pulmões, grita como se estivesse n'um campo de *foot-ball*:

—Mais alto que não oiço!...

Calcule-se o escandalo, entre a assistencia, que em silencio admirava o trabalho dos mimicos...

Noticias

Entre nós

Tiro aos pombos em Palhavã

No ultimo domingo, em virtude da falta de pombos, não se poude realisar a «poule» mensal que estava annunciada para disputa dos premios de 40$00, 20$00 e 10$00, para os trez primeiros classificados, mas, estando assegurado o fornecimento para o proximo domingo, 4, é n'este dia que se effectuará aquella sessão.

Promette ser muito concorrida, pois que no sabbado e domingo seguinte se realisará a sessão da «Taça Lisboa» em que os premios são vallosos.

Gimnasio Club Portuguez

Nas noites de quinta e sexta-feira não ha classes n'este centro de sport. N'um dos primeiros domingos realisar-se-ha uma «matinée» sportiva e educativa dada pelas meninas das classes infantis aos seus condiscipulos. Brevemente daremos pormenores sobre esta festa.

Concurso Hipico Internacional

A Sociedade Hipica Portugueza, que vem ha annos organisando com crescente brilho e importancia o Concurso Hipico Internacional de Lisboa, já assentou nas bases geraes do concurso d'este anno. Está marcado para a segunda quinzena de maio e contém obstaculos e provas de novidade, pois que a Sociedade mantem-se fiel ao seu programma de propaganda e de variar constantemente as suas festas. E não é facil a tarefa, mas é sempre realisada, porque á Sociedade sobram competencia e elementos valiosos de trabalho. E, depois, é preciso corresponder ao favor do publico que tem já nos torneios hipicos o seu mais predilecto espectaculo de sport.

O Sport Lisboa e Bemfica em Vigo

No comboio de hoje á noite segue em direcção a Vigo o 1.º «team» de «football» do Sport Lisboa e Bemfica. Vae ali jogar, nos dias 3 e 4, dois «matchs» um contra o Real Club Sporting de Vigo, outro contra o Fortuna Club.

Festas na Amadora

Os Recreios Desportivos da Amadora preparam brilhantes festas para o dia 14 do proximo mez, dia em que commemoram o seu 3.º anniversario. Entre outras festas, effectuam-se recitas gratuitas no Cinema, para todas as pessoas da povoação, e no Salão de Festas, para os socios dos Recreios.

Novo semanario de «sport»?

Diz-se, com insistencia, que ainda este anno se iniciará a publicação d'um semanario de «sport», cuja direcção será entregue a antigos jornalistas e cuja propriedade será d'uma grande empreza lisbonense, que possue todos os recursos materiaes e financeiros para realisar uma bella obra.

Festas de velocipedia

No proximo domingo realisa-se, no imponente Stadium de Lisboa, uma grande festa de ciclismo e de motociclismo, sendo o programma constituido por uma corrida nacional, uma corrida de «handicap», uma corrida para motociclistas amadores e outra para profissionaes. A inscripção fecha ámanhã, ás 10 horas da noite, na séde da União Velocipedica Portugueza.

RAPIDOS DO PORTO

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes resolveu prorogar até 30 de abril a circulação dos comboios rapidos do Porto n.ºs 51 e 52, que partem, respectivamente, de Lisboa ás 8,30 e do Porto ás 8,37.

PEQUENAS NOTICIAS

Por ter sido accommettido de doença repentina, foi conduzido ao hospital de S. José Manuel Gomes de Pinho, residente na travessa das Izabeis, 12, 4.º Quando ali chegou, tinha fallecido, pelo que, verificado o obito pelo medico de serviço sr. dr. Schultz, foi o cadaver para a Morgue.

—A' enfermaria de S. Sebastião do hospital de S. José recolheu o trabalhador Guilherme Cardoso, morador em Sarilhos Pequenos, que no mercado da Ribeira Nova foi attingido no baixo ventre pelo coice de uma muar.

—Foi preso Antonio de Sousa, morador na rua Damasceno Monteiro, 36, loja, a pedido de Luiz Rosa, residente na rua Silva Albuquerque, 63, que o accusa de ante-hontem lhe ter subtrahido a quantia de cincoenta escudos approximadamente.

O novo exercito inglez

O correspondente da Agencia Havas na linha de combate entrevistou um dos grandes chefes militares inglezes ácerca do exercito que está sendo formado por lord Kitchener:

«Este novo exercito, disse-lhe o general, é muito differente do exercito inglez actualmente em campanha. Como na Grã-Bretanha não ha serviço obrigatorio, até aqui os nossos soldados eram recrutados nas classes pobres das camadas inferiores da nação; são soldados operarios. Em contraste, os nossos officiaes são distinctissimos e proveem das melhores, das mais illustres familias da Inglaterra.

Com este novo exercito o caso é differente; é todo recrutado nas classes médias da nação, approximando-se pela sua composição social do exercito da França.

—Deseja saber qual é o estado de espirito do novo exercito? Não espere encontrar nos inglezes das classes médias que vão bater-se na França e na Belgica o mesmo estado de espirito dos francezes que se batem nas fronteiras em defeza da sua terra. No fundo o inglez pouco percebe d'esta guerra, não sabe ao certo porque rebentou, nem porque continúa, mas comprehende instinctivamente que «deve fazer alguma coisa», que não lhe fica bem deixar-se adormecer ao canto da lareira, e que é seu dever alistar-se no novo exercito.

E basta este sentimento vago, mas bastante imperioso, para levar milhões de homens a abandonar as suas casas, as suas familias e alistarem-se voluntariamente nas fileiras.

—E o que pensa o meu general do exercito francez?

—Não data de hoje apenas a minha opinião sobre o seu exercito; ha já muito tempo que o conheço. Não falando no numero, quanto á qualidade é o melhor exercito do mundo.

Quando os allemães entraram pela Belgica impellindo na sua frente os exercitos alliados, arrasando as fortalezas, incendiando as cidades, massacrando as populações passámos umas semanas bem angustiosas; foi-nos preciso uma verdadeira coragem para resistirmos a um tal espectaculo...

Desde o começo da campanha que incessantemente observo o exercito francez; pois o que tenho verificado é que constantemente melhora, ao passo que o exercito allemão tem vindo perdendo constantemente valor...

Conheço pessoalmente quasi todos os seus generaes; não cito nomes, mas affirmo-lhe que todos são bravos militares—*damned good soldiers*.—E não só são bravos, banal qualidade no soldado, mas conhecem a fundo o seu officio e são verdadeiros escravos da honra. A França póde orgulhar-se dos seus generaes...

E, como se falasse comsigo, o general repetiu ainda:

—Bellos soldados! De primeira ordem!...»

TOURADAS

Campo Pequeno

Na corrida de inauguração, que se realisa no proximo domingo, como temos noticiado, o curro é do lavrador Emilio Infante da Camara. Toureiam, além do «espada» Alé e do seu peão de brega Alvarado-Chico, dois cavalleiros e os nossos primeiros bandarilheiros. A direcção está confiada ao cavalleiro amador João Marcellino d'Azevedo.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

S. CARLOS—Não ha espectaculo.

NACIONAL—Não ha espectaculo.

POLITEAMA—A's 21—Alma de Dios—Duo de la africana—La alegria de la huerta.

TRINDADE—Não ha espectaculo.

GIMNASIO—A's 21—4:028 Lx.—Casa com escriptos.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,45—A revista A. B. C.

EDEN THEATRO—Não ha espectaculo.

APOLLO—Não ha espectaculo.

RUA DOS CONDES—Benficio—O Fado, opereta.

COLISEU DOS RECREIOS—Não ha espectaculo.

Agenda da semana

HOJE—**Gimnasio**—Recita do actor Antonio Palma e da actriz Julieta de Vasconcellos—Primeira representação do *Flôres que se desfolhãm*, de Vasco Mendonça Alves—O *Deputado independente*.

SABBADO—**Nacional**—Reapparição da companhia. *Amor á antiga*.

—**Trindade**—*Reprise* do *Relogio magico*, de Eduardo Garrido, musica de Cyriaco Cardoso.

Ao correr da penna

Alguns theatros de Paris organisavam nos annos anteriores, espectaculos especiaes destinados aos dias da semana santa. Assim, o Odeon costumava representar a Fille de Pilate, *o* Vray mystere de la Passion *e algumas outras obras classicas e de caracter religioso. Sarah Bernardht aproveitava o ensejo para dar as recitas de* La Samaritaine, *a que era obrigada para conservar o privilegio da representação. Os outros theatros mantinham o seu cartaz e pareciam não dar pelo decorrer das festividades religiosas.*

Entre nós, no outro regimen eram prohibidas as representações em trez dias d'esta semana. A Republica deu aos theatros a liberdade de abrirem ou não as suas bilheteiras e o haver ou não espectaculo tem sido regulado principalmente pela confiança que as emprezas teem nos seus cartazes. Se as peças estão fraquejando, nada mais facil do que conciliar o interesse da casa com o bom desejo do publico religioso. De uma cajadada matam-se dois coelhos. Evita-se uma provavel perdiz e conciliam-se as simpathias de uma parte do publico, sem deixar de ter uma razão attendivel para explicar a relâche ao restante publico livre pensador.

Cyrano

Circos & Music-halls

Tres companhias n'uma só!...

As informações que se seguem foram-nos fornecidas pelo secretario do Coliseu dos Recreios, quando lhe fizemos novamente constar a ironia de muitos, ao dizer-se-lhes que a companhia que vem é melhor que a companhia que terminou,

—... Que importa que falem se a verdade se ha de verificar no sabbado?

—Mas?

—Qual mas? Onde póde haver provas mal vae que se gastem palavras. Que venham no sabbado vêr a estreia da companhia. Depois eu garanto porque o emprezario o garante. Ora elle é um antigo homem do metier, pratico, competente, que tem mostrado a Lisboa o melhor que ha no estrangeiro e que anciosa e febrilmente procura todas as novidades a attracções para os seus programmas. Agora elle formou uma companhia melhor que a anterior...

—Dizia-se, porém, que a de Bruxellas era a mais completa...

—Era até ha seis dias. Já o não é hoje porque se dissolveu. O emprezario ficou-lhe com os dois melhores numeros e para ser franco, com as suas duas unicas e grandes attracções. Agora juntou-lhe novos artistas, superiores aos que se foram embora. Consequentemente, o que vem é melhor do que sae. Então os numeros do programma que se viu ultimamente, excepção feita dos Frediani e dos persas, valem por acaso a famosa troupe chineza Lee See, que foi a attracção de Londres e ultimamente de Madrid; os celeberrimos jongleurs a cavallo Briatore; a troupe Estrella de bailarinas, etc? Evidentemente que não. Depois os palhaços equivalem-se porque os que veem são os famosos Albanos, Dario e Cenatio. Em questão de dressage, com certeza que o clown Pepino é melhor que madame Ilona. D'aqui a conclusão...

—Sendo assim...

E' Você verá e os outros hão de vêr.

Noticias

Entre nós

O theatro Moderno reabre no dia 3 de abril com numeros de variedades distinctos e escolhidos. Não se poupa a empreza a envidar os seus esforços no intuito louvavel de proporcionar aos seus frequentadores espectaculos do mais fino gosto. Tambem a empreza informa que no salão do mesmo theatro os artistas Harri's leccionam o tango e demais danças modernas.

—Completamente restaurado reabre ámanhã o theatro dos Anjos, na travessa do Borralho, inaugurando os espectaculos com o kinopereta. A companhia de opereta que ali vae funccionar é toda formada de artistas portuguezes e apresentará um reportorio de completa novidade. Os espectaculos são por sessões, ás 20 e 22 horas.

—O Animatographo da Promotora, no Calvario, 6, é um salão recommendavel não só pela escolha dos seus programmas, que são compostos sempre com os melhores «films» que veem a Portugal, como pelo socego e segurança, predicados estes de bastante valia para os espectadores. A Promotora organisa a sessão da moda, ámanhã, quinta feira, 1 de abril, com o seguinte programma: Eclair journal 43, assumptos da guerra, Escravo do seu passado, Bidoni fuma, Honradez que mata, O cão de Seraphim.

COLISEU DE LISBOA—A's 20—Grande Palacio Cinematographico—Sessões permanentes com as mais bellas fitas.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão Foz, e animatographo do Rocio.

CINEMATOGRAPHOS OU ESPECTACULOS VARIADOS—Chantecler, Imperio, Variedades, Salão Theatro de Variedades (C. da Estrella)—A's 21 e 22,30—Piadas e beliscões.—Salão Theatro dos Anjos—Kinopereta.

"Patria e Republica,,

Assim se intitula uma aguarella sahida da officina de lithographia da Imprensa Nacional, como homenagem aos soldados portuguezes que tomaram parte no combate de Cuangar. O trabalho perfeito e de nitida execução, foi executado em aguarella pelo sr. Alfredo de Moraes, chefe d'aquella officina, reproduzido em chromo pelo sr. Manuel d'Almeida, estampado pelo sr. João Damasceno e transportado pelo sr. João da Matta, artistas da Imprensa Nacional.

Festas associativas

Um grupo de socios do Atheneu Commercial, constituido pelos srs. Augusto Vieira, Antonio das Neves, Crisanto Augusto Miranda, Manuel Lopes Natario e Manuel Joaquim da Silva, auctorisados pela direcção, resolveram realisar no domingo o tradicional baile da Paschoa, que será abrilhantado pelo sexteto Perdigão e dirigido pelo professor sr. J. J. Magalhães Pedroso.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Annaes das Bibliothecas e Archivos de Portugal»

Acha-se á venda o terceiro numero dos *Annaes das Bibliothecas e Archivos de Portugal*, interessante e valiosa publicação de que é director o sr. dr. Julio Dantas, o qual se occupa, no mesmo numero, do cartorio do cabido de Evora. Outros assumptos versados: cartorios notariaes da comarca de Lisboa, por Augusto de Castro; a organisação da primeira bibliotheca movel portugueza, por Bettencourt Athaide; a livraria de Fialho de Almeida, por João Costa, etc.

«Uma tripeira em Lisboa»

Um romance de Eugenio Bataglia, filiado na escola realista, descrevendo podridões de alma e de corpo, scenas de bohemia. Para se fazer tal descripção é, porém, necessario um tacto, um mimo, que por emquanto, pelo menos, o auctor não possue. A escola realista é mais difficil, muito mais, do que se imagina e quando mal se desenvolve o romancista, cahe na pornographia. Não quer isto dizer que Eugenio Bataglia não tenha qualidades e possa vir a produzir obra boa. A que estamos apreciando, falando com franqueza, não nos satisfez.

Movimento maritimo

Africa oriental, «Berwck Castle» (Li.)	31
Af. oc., via S. Vicente. etc., «Portugal»	31
Africa oriental, «Bechuana» (Liverp.)	31
Brazil e R. da Prata, «Samara» (Bord.)	31
Bordeus, «Garonna» (Brazil)	31
Per., B., R. J. e San., «Rynenud» (Am.)	31
R. J. e R. Prata, «Darro» (Liverpool)	1
Pará e Manaus «Hubert» (Liverpool)	2
Maranhão, Ceará, etc. «Michael» (L.)	2
Pern., Rio de Janeiro, etc., «Flôres»	2
Madeira e Canarias, «Aguila»	2
Bordeus, «Flandre» (Brazil)	3
Africa Oriental, «Berwick Castle» (L.)	3
Africa Oriental, «Bechuana» (de Liv.)	3
Per. B., R. J. e S. «Rynland» (Amst)	4
Pern.. Cab., Natal «Matador» (de Liv.)	4
Liverpool «Merchant» do Brazil	4
Sydney, Melbourne e Adel. «Palma»	4
Mormugão «Locksley Hall» (de Liv.)	4

Os antigos fortes foram reforçados em 1869 pelo forte Merxem, ao norte da cidade, e pelos fortes Cruybeke e Zwyndrecht a oeste do Scheldt, aos quaes se tinham juntado presentemente o forte e as baterias Santa Maria.

As primeiras installações dos novos fortes construidos em 1879 e nos annos seguintes, por Brialmont occupavam os pontos mais importantes d'uma enorme area defendida, Rupelmond-Waelhem perto de Malines-Lierre-Schooten-Berendrecht. Essas installações foram completadas em 1913 por outras novas, tendo recebido egualmente novas cupulas e obras accessorias, como baterias e contra-baterias.

Como base do exercito de operações e a chave—póde dizer-se—do reino, Antuerpia merecera sempre todos os disvelos. Com Liége e Namur já assim não succedera. Tinham sido consideradas desde principio apenas como fortalezas-barreiras, para se sustentarem por poucos dias, e muitas auctoridades na materia declaravam que o seu desenvolvimento como fortalezas no verdadeiro sentido da palavra não era para desejar, no interesse geral da defeza.

A resistencia que Liége offereceu aos allemães surprehendeu, e não pouco, os que a consideravam como uma simples barreira, o mesmo succedendo com Namur.

Liége tinha uma fileira de seis fortes e seis fortins. Namur tinha uma fileira de quatro fortes e cinco fortins. O armamento das duas praças fortes era o mesmo. Ambas, como se sabe, tinham cupulas, que as deviam defender do bombardeamento do inimigo, o que em parte succedeu. Mas a artilharia fez enormes progressos desde o cerco de Port-Arthur e difficil, se não impossivel era resistir ás grandes peças de que os allemães se serviram.

Em 1913, durante as grandes manobras do exercito belga, fôra dado para thema o ataque d'um exercito «Vermelho» contra Namur, pelo leste. Esse exercito foi repellido. Mas das manobras á realidade a distancia é grande, e assim o demonstrou e continua todos os dias demonstrando a pratica dos campos de batalha.

Está ainda na memoria de todos, para que pensemos em descrevel-a n'este momento, a defeza heroica que o exercito belga offereceu aos invasores, em agosto de 1914, e não exalçaremos agora os actos de bravura commettidos por esse punhado de homens que, sacrificando voluntaria e conscientemente a vida, deram tempo a que a França pudesse mobilisar e offerecer assim uma seria resistencia á avalanche de barbaros que ia assolar o seu solo.

Os fortes de Liége cahiram em poder dos allemães e em seu poder continuam ainda. Quando soará a hora em que sobre elles tremulará de nova a bandeira altiva e que se cobriu de immorredoura gloria da Belgica?

guerra serviam para instruir e commandar os reservistas. Mercê d'estas duas reformas, quando fôsse necessario fazer a mobilisação, promptamente entrariam nas fileiras 180.000 homens. Com esta lei, a força do exercito de operações de campanha, estando as guarnições dos fortes preenchidas, era de 100.000 homens.

Dentro em poucos annos, tornou-se evidente, porém, que o alistamento voluntario não dava os resultados que se tinha esperado. Não era o caso por demais alarmante, quanto á força em tempo de paz ou de mobilisação, mas indicava não ser possivel maior expansão nas velhas linhas d'um exercito considerado até então governamental. A razão d'isso não era certamente a falta de patriotismo do povo belga, porque o serviço militar nacional estava incluido no programma dos partidos politicos mais avançados, como fazia parte do programma dos velhos radicaes das revoluções de 1848. Foi devido em parte ao facto do exercito ter sido separado do povo pelo governo, e mais ainda á absorpção dos desempregados pelas industrias domesticas que se desenvolviam, e dos mais aventureiros, que foram servir para o Congo.

N'este entretanto, o perigo internacional avolumava. A guerra russo-japoneza, a primeira questão de Marrocos, a annexação da Bosnia e da Herzegovina pela Austria succediam-se. Cada anno que passava era um passo para a guerra geral europêa. Cada anno trazia um novo desenvolvimento na artilharia de sitio que fazia augmentar as probabilidades d'um brusco ataque sobre as fortalezas do Mosa, que poderiam ser tomadas pelas obras de sapa e de mina. Não foram já as fortalezas, mas o exercito que tomou o primeiro logar no eschema da defeza nacional.

Momentos houve entre os annos de 1910 e 1914 em que pareceu que Liége e Namur haviam sido esquecidas, ou antes desprezadas, coisa que teria sido inconcebivel dez annos antes. Por outro lado, Antuerpia tomava o logar que lhe tinha sido dado no eschema de defeza de 1859. Ao passo que Liége e Namur começavam a ser consideradas como uns simples contra-fortes, Antuerpia, com a sua capacidade como base d'um exercito de operações, recebia uma linha de novos fortes, de concepção mais moderna que os de Brialmont.

Um dos ultimos actos do fallecido rei Leopoldo II foi assignar o decreto da reorganisação de 1909. N'essa lei as substituições e o exercito governamental que ellas traziam como resultado, eram substituidos pelo principio do exercito nacional. A nova organisação era apenas uma tentativa e em muitos pontos imperfeita, pelo que em 1913 foi modificada. Mas o primeiro e o principal passo estava dado. A nação estava armada e a neutralidade considerada até então como uma abstracção politico-militar foi substituida pela «independencia» como um evangelho popular.

Limitando as substituições só ao caso d'um irmão querer servir por outro, o exercito mudava por completo: passava de ser uma prestação de serviços mercenarios a ser um serviço consciente, prestado por membros d'uma sociedade livre e com a nitida comprehensão dos seus deveres. A força em tempo de paz continuou a ser a mesma—42.800 homens—mas estabeleceram-se periodos para exercicios de instrucção e escolas de repetição das reservas.

A incorporação dos recrutas, que constitue a força effectiva d'um exercito, passou d'um effectivo theorico de 13.000 a um effectivo real de 17.000. Os quadros foram preenchidos, tendo em vista uma unidade effectiva em tempo de paz. Ao mesmo tempo, o serviço era reduzido a um anno, de modo que se podia obter com facilidade um effectivo de 210.000 homens nas fileiras, logo que se fizesse a mobilisação, emquanto continuasse no exercito um grande numero de alistados profissionaes e voluntarios de carreira, como lhes chamavam.

Dado esse effectivo, era desnecessario applicar o principio do servi[illegible]

ço militar rigoroso n'uma população de pouco mais de 7.000.000 de habitantes. Foi, assim, restricto o serviço a um filho por cada familia, podendo, como dissémos, um irmão substituir outro.

Mas em breve surgia uma importante questão. Considerando o enorme desenvolvimento do novo campo entrincheirado de Antuerpia, não menos de 130.000 dos 210.000 homens nas fileiras eram precisos para guarnecer essa fortaleza, e o exercito de operações, em vez de augmentar, continuava a ser apenas de 80.000 homens.

A segunda crise de Marrocos, em 1911, e as guerras da Italia e dos

O general belga von Sprang

Balkans, em 1911 e 1912, com o consequente augmento das forças nos exercitos francez e allemão, deram uma resposta prompta e decisiva a tal questão; e em janeiro de 1913 um novo projecto de reorganisação do exercito foi apresentado pelo governo.

Tornou-se lei e estava sendo posta em execução quando rebentou a Grande Guerra.

Por essa reorganisação, a força armada elevava-se no seguinte: no exercito de operações, 150.000 homens; em Antuerpia, 90.000; em Liége, 22.500; em Namur, 17.500; reservas em deposito, 60.000. Total, 340.000 homens.

Para realisar este effectivo, a obrigatoriedade de serviço foi decretada. Havendo, porém, algumas isenções e contando com os que não eram aptos para o serviço, calculava-se que não eram chamados ao serviço por anno mais de 49 por cento do contingente. O limite dos 30 annos voltou a ser adoptado para a mobilisação. Mesmo assim, podia pôr-se em pé de guerra: da classe de 1913, 30.000 homens; das quatro classes de 1909 a 1912, a 20.000 cada classe, 80.000; oito classes, de 1901 a 1908, a 13.300, 106.400; voluntarios, a cêrca de 2.500 por anno, embora fôsse menor o seu numero desde 1901, 34.600; recrutas da classe de 1914, 33.000; quadros profissionaes, 12.000. Total, 296.000 homens.

Deduzindo 15 por cento dos inaptos e cêrca de 2.000 addidos á gendarmeria, o total ficava assim reduzido a 263.000 homens.

Como Antuerpia, Namur e Liége absorviam 130.000 homens, apenas ficavam 133.000 para o exercito em operações. Tinha, pois, de recorrer-se á guarda civica para ajudar a defeza nacional.

A guarda civica era uma sobrevivente das guardas nacionaes dos dias em que os cidadãos em armas *combatiam pela liberdade* contra a autocracia governamental; com as suas virtudes e os seus defeitos é, comtudo, a verdadeira descendente dos bandos de cidadãos que combateram na guerra da Independencia, e das guardas nacionaes que em França, Allemanha e Italia tiveram tão grande parte nos movimentos revolucionarios de 1830 e 1848.

A guarda civica ia tambem tomar parte na guerra. A principio, quando a Belgica ainda *não sabia se podia* contar com o apoio dos alliados, a fim de evitar que os allemães exercessem represalias contra a guarda civica, o governo mandou-a desarmar e dissolveu-a, mas dentro em pouco reorganisava-a e de novo a armava.

O auxilio que a guarda civica ia prestar era importante: guarneceria

as fortalezas, dando assim logar a que as forças que estavam immobilisadas n'essas fortalezas pudessem cooperar com o exercito em operações, elevando o seu effectivo, que se approximava do calculo computado como normal.

O exercito em operações compunha-se de seis divisões de infantaria e uma de cavallaria, além das tropas regulares das fortalezas.

A divisão consistia em trez brigadas mixtas, cada uma das quaes era composta de dois regimentos de infantaria a trez batalhões, um grupo de trez baterias de artilharia de campo, trez grupos de artilharia divisional, cavallaria divisional (um regimento) e tropas technicas.

Uma das caracteristicas d'esta organisação, que é quasi peculiar ao exercito belga, é a brigada mixta de seis batalhões e trez baterias. Semelhante organisação, quando a ha nos outros exercitos, é apenas para os destacamentos estacionados nos districtos das fronteiras, como por exemplo nas fronteiras austro-montenegrina e franco-italiana. Na Belgica, ao contrario, não são destacamentos, mas as divisões do exercito que são assim organisadas. As necessidades da tactica moderna fizeram nascer a idéa do «grupo tactico» de todas as armas dentro das divisões nos exercitos francez e britannico; mas n'esses exercitos taes grupos são apenas temporarios, ao passo que na Belgica são a base da organisação regular.

A divisão de cavallaria tinha trez brigadas, cada uma das quaes com dois regimentos a quatro esquadrões, além d'um regimento addido de gendarmeria e trez baterias de artilharia a cavallo. Um batalhão ciclista, um destacamento de ciclistas de engenharia montado em bicicleta e uma secção de ambulancias figuram tambem na organisação.

A divisão tinha cêrca de 22.000 combatentes, formando na realidade um pequeno corpo de exercito. A divisão de cavallaria tinha cêrca de 5.000 combatentes.

Esta força de seis divisões—a primeira em Ghent, a segunda em Antuerpia, a terceira em Liége, a quarta em Namur, a quinta em Mons, a sexta em Bruxellas—da divisão de cavallaria—em Bruxellas—com a 13.ª e 14.ª brigadas moveis em Namur e Liége, era formada, a quando da mobilisação, por 20 regimentos de infantaria a trez batalhões com cêrca de 1.650 homens, e uma brigada de seis batalhões, com cêrca de 7.000. Os tenentes-coroneis e os segundos capitães dos regimentos do activo, com um certo numero de officiaes novos servindo como supranumerarios em tempo de paz, commandavam os regimentos e as companhias formadas por occasião da mobilisação.

Os regimentos organisados em Namur e em Liége formavam batalhões addidos ás fortalezas.

A cavallaria e a artilharia tinham um effectivo elevado em tempo de paz, sendo a artilharia de campanha apenas duplicada e a cavallaria apenas augmentada pela incorporação de reservistas (homens e cavallos) na occasião da mobilisação.

O periodo de serviço era: para a infantaria, artilharia pezada e engenharia, 15 mezes; cavallaria e artilharia montada, dois annos; artilharia de campanha e equipagens, 21 mezes.

A infantaria estava armada com a espingarda Mauser, modelo 1889, e da artilharia parte era Krupp, parte fabricada na propria Belgica.

As metralhadoras eram de trez typos: Hotchkiss, usada nas fortalezas, Maxim, e um novo modelo denominado «Berthier» pezando apenas 18 libras. Esta ultima era frequentemente, se não sempre, montada (só para o transporte) n'um carro puxado por cães.

As fortalezas de Namur e de Liége eram simples combinações de fortes e de fortins, ao passo que as fortificações de Antuerpia eram consideradas como um exemplo da velha fortificação «polygonal», possuindo ainda valor militar contra todas as fórmas d'ataque, excepto um cerco em fórma, embora tendo o poder sufficiente para proteger a cidade contra um bombardeamento.